MARTIM AFFONSO DE SOUZA.

. . . . . illustrado
No Brasil, com vencer e castigar
O pirata francez ao mar usado.

CAMOÊS. *Cant.* X *est.* 63

DIARIO DA NAVEGAÇÃO

DA

ARMADA QUE FOI Á TERRA DO BRASIL

— EM 1530 —

SOB A CAPITANIA-MOR

DE

Martim Affonso de Souza,

ESCRIPTO POR SEU IRMÃO

Pero Lopes de Souza.

PUBLICADO POR

Francisco Adolfo de Varnhagen,

Socio da Academia R. das Sciencias de Lisboa, A. das Reflexões Criticas *á preciosa obra de Gabriel Soares, &c. &c. &c.*

> "Estou persuadido que ainda existem alguns
> " diarios originaes dos nossos antigos navegantes.
> " Oxalá que sáiam á luz para honra da Nação."
>
> QUINTELLA, *Annaes da Mar. Port.*

LISBOA,

Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

Rua Nova do Carmo N.º 39 D.

1839.

Prologo.

A historia dos descobrimentos maritimos, offerecendo o maravilhoso das viagens e por vezes os encantos do romance, excita a curiosidade, e é de todo o auxílio e interesse para o estudo das revoluções occasionadas, em varias epocas, na civilisação das differentes partes do globo. Se as explorações e estabelecimentos d'Africa influiram nas suas guerras intestinas — se o achamento da America trouxe, com o germen de uma mais adiantada e progressiva illustração, bens á humanidade ou se males pelos milhões de mortes que originou — se as guerras dos portuguezes na Asia, fazendo diversões aos que combatiam pelo crescente, livraram a Europa de uma invasão de turcos — se o indomito occeanico teria melhor sorte livre dos seus modernos civilisadores — se final-

mente isto tudo influiu e até que ponto nos diversos estados e nações da Europa — são questões todas importantes do mister do historiador-filosofo, e ás quaes serve de primeira base a collecção descriptiva das expedições de mar. E' para enriquecer esta collecção que publicamos o presente inedito, que vai preencher uma grande lacuna até hoje existente na historia do Brasil.

E' este livro, que o público vê pela primeira vez, um dos que, por mau fado encerrados e quasi desconhecidos, atravessando seculos, aparecem como enviados para esclarecer pontos controversos e aliviar a crítica; e que, rasgando assim de um golpe folhas de enfadonhas polemicas e certames literarios, fornecem documentos irrefragaveis sôbre que por uma vez se descance firme.

Aos leitores versados nos annaes dos descobrimentos — especialmente nos americanos, recorremos para darem o seu juizo ácerca da importancia desta publicação; — a esses que sós reconhecerão nosso trabalho e saberão relevar-lhe as imperfeições, é que dedicamos a presente edição, e oxalá receba ella o acolhimento de que o escripto é digno!

Biografia

de

MARTIM AFFONSO DE SOUZA.

> «Tanto em armas illustre em toda a parte,
> Quanto em conselho sabio, e bem cuidado.»
> CAMÕES; *Lus. X.*, 67.

Martim Affonso de Souza, primeiro donatario da capitanía de S. Vicente no Brasil, foi o primogenito do alcaide mór de Bragança Lopo de Souza, de mui nobre e alta linhagem ※, e de sua mulher D. Brites de Albuquerque. Era ainda moço quando deu uma prova de desinteresse e propenção ás armas. Tendo seu pai feito hospedagem ao castelhano Gonçalo Fernandes de Cordova ordenou, á saída deste grande capitão, que seu filho, para lhe fazer honra e cortejo, o fosse acompanhar por algumas jornadas: á despedida, querendo este fidalgo deixar-lhe um penhor do seu reconhecimento, o joven Martim Affonso preferiu a um precioso colar,

※ Vej. Antonio de Souza de Macedo, *Flores de España, excelencias de Portugal*, na Exc. V. c. 7.ª e a *Hist. Geneal.* T. 12 P. 2.ª

de muito mais valia que lhe offerecêra ※, uma espada, que toda a vida estimou e usou.

Passou a mocidade na côrte do duque de Bragança D. Theodosio, e querendo este dar-lhe a alcaidaria de Bragança, por morte de seu pai, engeitou-a, indo para pagen do principe D. João; e daqui «por certo motivo de pondonor» se ausentou e se foi a Salamanca, donde, enamorado de uma nobre castelhana (com quem veio a casar) por nome D. Anna Pimentel, que como dama acompanhou a rainha D. Catherina em 1525, voltou a Lisboa quando já reinava o seu antigo amo. Talvez esta alliança, junta á estima que tinha do seu primo D. Antonio de Ataide, conde da Castanheira, e valido de elrei *, e mais que tudo as suas boas e eminentes qualidades ※, motivaram o ser tratado com grande estimação na corte de elrei D. João 3.º, que o fez do seu conselho.

Bem sabido é como até estes tempos as cousas do Oriente tinham atrahido todo o cuidado; e a *Terra* por Cabral chamada *de Vera-Cruz* ::, depois de reconhecida e demarcada, apenas servia de ser frequentada pelos contractadores de páu brasil **, o que já a fizera conhecida por *Terra do brasil*. Os castelhanos aportavam ali indevidamente, e, para o mesmo fim, os francezes faziam temiveis piratarias e hostilidades. — Foi então que, havida a noticia das explorações de Gaboto e Diogo Garcia no Rio da Prata, elrei D. João 3.º, resolvido a tomar inteira posse deste, a colonizar a terra, e a fazer respeitar o seu pendão por aquelles mares, aprestou uma armada de cinco velas †, levando 400 homens,

※ *Diogo de Couto* Dec. 5 Liv. 10 Cap. 11 e 8.º

* Elrei é o proprio que diz que o conde tinha cuidado de requerer a favor de M. Affonso.

※ «Alêm do valor de Martim Affonso nas armas e conselho na guerra, e aprasivel conversação e outras boas qualidades, &c.» Barros D. 4. Liv. 6. C. 16

:: Veja a mui curiosa carta de Pero Vaz de Caminha, escripta do Brasil a elrei D. Manuel no 1.º de Maio de 1500, impressa na *Cor. Bras.* T. 1.º, e na *Col. Ultr.* T. 4.º n. III., e corre traduzida em francez. O original, escripto em sete folhas de papel ordinario, conserva-se no R. Arch. *Gav.* 8.ª M. 2.ª n. 8.

** «*Avehuntur hinc a Lusitanis ligna Brasi alias Verzini et Cassiæ*» diz o mappa de Ruysch de 1508.

Ainda Camões no seu tempo dizia (X, 140) ser = «co'o páo vermelho nota» —

† *Capitaina* que se perdeu no cabo de S. Maria — Náo *S. Miguel*, que voltou e fez varias viagens — Galeão *S. Vicente* — Caravelas *Rosa* e *Princeza*: estas duas ultimas foram para o Maranhão com Diogo Leite.

e nomeou Martim Affonso com grandes poderes para commandar no mar e depois em terra.

Partiu na armada de Lisboa a 3 de Dezembro de 1530, e com prospera navegação foi aportar ás Canarias e Ilhas de Cabo-verde; e chegado á altura do Cabo de S. Agostinho, onde foram aprisionadas tres náos francezas, entrou em Pernambuco com a sua esquadra, já de oito navios. Daqui enviou João de Souza a Portugal em uma das náos aprezadas dar parte do acontecido; fez queimar outra, e mandou Diogo Leite com duas caravelas a explorar o rio do Maranhão e tomar delle inteira posse.

Proseguindo ao sul com as náos restantes chegou á Bahia de todos os Santos, e encontrando a caravela Santa Maria-do-Cabo, persuadido que lhe era necessaria a tomou e levou na armada, que já constava outra vez de cinco velas. — Entrou no Rio de Janeiro, fez saír a gente em terra e construir uma casa forte, com cerca em roda, visto que ainda então não havia uma feitoria, onde hoje existem duas cidades florecentes * . E mandou quatro homens pelo interior, os quaes voltaram dahi a dois mezes acompanhados do senhor da terra, a quem Martim Affonso encheu de presentes. Tres mezes completos se demorou aqui a gente, durante os quaes houve tempo de construirem dous bergantins; e refeito de provisões por um anno, para os 400 homens que levava, fez-se de vela no caminho do sul. Entrando no porto de Cananéa encontrou dentro um bacharel portuguez, que ali estava degradado desde os principios de 1502, e tambem um tal Francisco de Chaves e meia duzia de castelhanos. Daqui enviou a Pero Lobo com 80 homens d'armas a descobrir pela terra dentro. Tal foi a primeira *bandeira* ✪, que se entranhou pelo sertão do Brasil.

Depois de 44 dias de demora continuou ao sul, e quando era tanto avante como o cabo de Santa Maria soffreu a armada tal tormenta que, desarvorando e desgarrando-se as embarcações, foi naufragar um ber-

* *Rio de Janeiro* e *Nitheroy*.

✪ Dá-se no Brasil o nome de *bandeira* a um indeterminado numero de homens, que providos d'armas, munições e mantimentos necessarios para sua defeza e subsistencia, entram nas terras possuidas pelos indios com algum intuito, p. ex. de descobrir minas, reconhecer o paiz, ou castigar hostilidades. Veja-se a *Corogr. Brasilica* e o Dicc. de Moraes.

gantim perto da ilha de Santa Catherina, e o capitão mór deu á costa com a sua capitaina na entrada do Rio da Prata, perdendo-se a melhor porção dos mantimentos, porêm salvando-se com a maior parte da tripulação. A sua armada ficou de novo reduzida a cinco velas.

Aqui o veio soccorrer seu irmão Pero Lopes, e, juntando-se um conselho, foi decidido que o capitão mór não fosse, mas mandasse pelo Rio da Prata acima, a fim de o examinar e pôr padrões, do que elle incumbiu a seu irmão; e depois de reparado se embarcou, sendo talvez nesta occasião que examinou o rio Mampituba, ainda em muitas cartas designado com o seu nome ✪, e foi esperar na pequena ilha das Palmas, ao norte do cabo de Santa Maria, pelo dito seu irmão, que só chegou passados trinta e tantos dias.

Daqui partiu com a armada para o porto de S. Vicente, onde surgiu a 20 de Janeiro de 1532; e na conformidade das instrucções que levava † deu terras, creou officiaes de justiça em duas villas que fez, uma em S. Vicente, e outra pelo sertão, em Piratininga, pouco arredado donde hoje está assentada a cidade de S. Paulo. Estas foram as primeiras colonias regulares de portuguezes no novo-mundo ☋.

Conhecendo o prejuizo que causava a demora das náos e sua tripulação, assentou em conselho de a enviar a Portugal, e a seu irmão encarregou do commando. Emprehendeu então uma jornada a Piratininga onde se achava a 10 de Outubro de 1532 ※. Pouco depois de voltar a S. Vicente aportou ali com duas caravelas o João de Souza, trazendo resposta d'elrei datada de 28 de Setembro do dito anno ††. Nesta carta lhe fazia saber entre outras cousas, que lhe doava cem leguas de costa nos melhores sitios daquelle territorio, e lhe declarava que se podia tornar, se lhe parecesse não ser preciso ter lá mais demora. Por esta recommendação se resolveu M. Affonso de voltar á Europa, e se dispoz a fazer de vela na primeira monção de 1533, quando

✪ Vasconc. *Noticias antecedentes das cousas do Brasil, &c.* «Chama-se assim porque nelle saíu em terra o capitão Martim Affonso.»

† Vej. p. 65 do presente Diario.

☋ *Fr.* Gaspar p. 61 e 63.

※ *Fr. Gaspar* Liv. 1.º n. 112, 113, 114, e 115.

†† Vej. esta carta a pag. 81. Recebeu foral em Outubro de 1534, — a 6 segundo se vê a pag. 130, ou a 7 segundo Fr. Gaspar p. 223.

pouco antes da partida, recebeu noticia de haver sido sacrificada aos barbaros Carijós a expedição que da Cananéa mandára pela terra dentro ✣.

Chegado a Lisboa foi nomeado capitão mór do mar da India,—prova de quanto elrei se dera por bem servido delle nesta incumbencia ◎. Emquanto não partiu para o novo destino occupou-se da sua capitanía enviando-lhe casaes, plantas e sementes — incluindo a canna de assucar; e celebrando contractos * para a factura deste.

Aos 12 de Março de 1534 saíu do Tejo com cinco velas, e no fim do anno já estava em Goa. O governador D. Nuno da Cunha lhe fez entrega da capitanía mór do mar ⁂, e lhe deu uma armada de 40 navios para ir sobre Damão. Esta fortaleza foi entrada e toda destruida.

Achava-se em Chaul ❀ quando o célebre e infeliz sultão Badur, arreceando-se dos mogores, lhe mandou dizer, que cedia logar em Diu para levantar uma fortaleza, obra desejada pelos portuguezes e muito recommendada d'elrei. A fim de prevenir as inconstancias do Badur, este grande capitão ∴ se vai logo a Diu donde só dá parte ao governador. Foi o dar esta nova que serviu de pretexto á temeraria viagem do distincto Diogo Botelho Pereira, que se arrostou com o Adamastor em uma pequena fusta, e chegou a Lisboa a salvamento †.

O Badur ficou por tal modo affeiçoado a Martim Affonso, que o pediu em soccorro, com gente portugueza: e propondo o governador este pedido em conselho foi o capitão mór o primeiro a sustentar a concessão; e o Badur deveu ao valor e ardil de guerra deste grande chefe o não ser destruido e prezo pelos mogores ††.

Passou daqui a desbaratar os principes malabares na ilha de Repelim, que foi saqueada ::; e havendo destruido e assolado todos os logares maritimos do Sa-

✣ *Fr. Gaspar* p. 85.

◎ *Gabriel Soares Rot. Ger.* C. 60 é de parecer contrario, comtudo Couto diz que «o mandou por capitão mór de uma armada para o Brasil *em que o servia bem.* D. 5, L. X. C. 11.

* Fr. Gaspar p. 65 e 64.

⁂ *Barros* 4, 4, 27.

❀ *Andrada* Chronica de dom João 3.º Parte 3.ª Capitulo 3.º

∴ «*alem dos maiores do mundo*» diz *Antonio de Souza de Macedo.* —

† *Couto* 5, 1, 2. *Barros* 4, 6, 14; *Castanheda* Liv. 8.º cap. 52; *Andrada* P. 3. cap. 13 e 14.

†† *Couto* 4, 9, 10; *Andrada* P. 3. C. 11; *Barros*, 4, [illegible], 16.

:: *Couto* 5, 1, 4.

morim, recebeu em Cochim noticia de que o rei de Cota, vassalo do de Portugal, se achava em aperto. Partiu logo para Ceilão, e sendo a sua presença bastante soccorro, aproveitou as intenções contra a frota auxiliar ☸ do Samorim, que foi destroçada depois de um duro combate.

Guardava de novo a costa do Malabar, quando, saíndo ✿ de Panane, o seu inimigo Pachi-Marcá ✠ o perseguiu até Beadalá onde alcançou tão grande victoria e tantos despojos †, que armou por esta occasião muitos cavaleiros. Indo-se a Ceilão chega a tempo de soccorrer o rei de Columbo, que soube recompensar este auxilio com generosidade ❀. Cativou e puniu muitos piratas; e tinha ido de Cananor para Cochim, quando, recebendo aviso de Nuno da Cunha da aproximação dos turcos, se apressou de ir a Goa. Na occasião que chegou ja la estava o velho D. Garcia de Noronha, nomeado vice-rei ✕, com grande sentimento do valente e infeliz D. Nuno. Martim Affonso vendo que o novo vice-rei não atacava, nem lhe deferia o seu pedido de ir em seguimento dos turcos, pediu para voltar ao reino o que lhe foi concedido *.

Largou de Cochim na companhia de D. Nuno, e tendo aportado aos Açores, chegou a Lisboa, onde foi tão bem recebido de elrei, que antes de saber da morte de D. Garcia, logo o destinou para lhe succeder no governo, que demais lhe pertencia pela primeira via de successão; e só depois foi informado da morte do vice-rei.

Martim Affonso, nomeado governador, não se esquecendo da sua capitanía, deu varias providencias, e se fez de vela a 7 de Abril de 1541 em uma armada de cinco náos, levando comsigo os primeiros jesuitas, que vieram a Portugal e foram á India, incluindo o Mestre Francisco Xavier.

Depois de alguma demora em Moçambique largou deste porto a 15 de Março de 1542 ††; e, tendo recebido visita do rei de Melinde e feito aguada em Socotorá, ferrou na barra de Goa a 6 de Maio.

☸ *Couto* 5, 1, 6.
✿ *Barros* 5, 1, 6.
✠ Assim escreve *Couto* 5, 5, 8.
† *Andrada* P. 3, C. 47 e 48. *Barros* [illegible] 8, 13. *Couto*, 5, 2, 4 e 5. Cam. C. X. est. 65.
❀ *Barros* 4, 8, 14; *Couto* 5, 2, 5.
✕ *Couto*, 5, 3, 9.
* *Couto* [illegible], 5, 5.
†† *Lucena* Liv. 1.º, cap. 11.º

Tomando posse do governo, que tinha D. Estevam da Gama, por lhe ter tocado a segunda successão, se embarcou em Outubro para Batecalá, e expugnando esta fortaleza por mar e terra a fez arrazar ※, depois de sofrer grande resistencia; e exposta ao saque, foi incendiada. Tendo aprestado uma grande armada para ir ao pagode de Tremel, encaminhou-se por más informações ao de Tebilicaré, cuja jornada bem cara lhe custou ※.

Havendo governado tres annos e quatro mezes, entregou o governo em prospero estado ※ ao seu grande successor D. João de Castro, chegado no primeiro de Setembro de 1545; — deixando a armada preparada; pagos 45 contos de réis de dividas velhas, afóra 50 mil cruzados em cofre.

Recolheu-se á Europa, e surgiu em Lisboa a 13 de Junho de 1546, aonde, passados tempos, deu novas provas da sua resolução. Correndo boato de que vinham turcos saquear as costas do Algarve, Martim Affonso, estando em conselho quando isto se tratou, offereceu-se ※ de ir contra elles no caso que tal se verificasse, o que não teve effeito. A 8 de Março de 1552 se achava em Alcoentre, donde nesta data expediu uma provisão a fim de concorrer para a fabrica da fortaleza da Bertioga ※.

Subindo D. Sebastião ao throno, e antevendo este prudente conselheiro que a tão joven e incauto rei não deviam de convir conselheiros experimentados, como se verificou, lançou-se de fóra antes que o mandassem †; e segundo deduzimos do *Soldado Prático* (cap. 13) elrei veio a estar «pouco contente delle no obrar dos seus negocios.»

Retirado da corte não se esqueceu das terras de S. Vicente, as quaes, pelo contrário, «favoreceu de navios e gente, que a ella mandava, e deu ordem com que mercadores poderosos fossem e mandassem a ella fazer engenhos de assucar e grandes fazendas» *. E de todo affastado dos negocios se occupou de escrever a sua vida, que deixou MS.; e que foi vista pelo incansavel

※ *Couto* 5, 9, 1.° e 3.°
※ *Couto* 5, 9, 7.°
※ *Couto* Sold. Prat. C. 5 e 11 pag. 25 e 49, e Dec. 5, Liv. 1.° C. 11.
※ *Orient. Conq.* do Taparicano Souza 1.ª, 1.ª, n. 30.
※ Fr. Gaspar p. 225 e 226.
† *Couto* 5, 10, 11.
* *Gab. Soares* Rot. Ger. C. 60.

conde da Ericeira, na Bib. do conde de Vimieiro; — o qual o declara tambem insigne em letras como nos feitos illustres — Tratou com a melhor gente do seu tempo, incluindo o grande Pedro Nunes, a quem propoz questões astronomicas, de que este destincto mathematico portuguez faz menção no seu Tratado em 1537 ※.

Falleceu a 21 de Julho de 1564, e foi sepultado ※※ no convento de S. Francisco da Cidade, na capella de Jesus, que edificára.

Foi commendador de Mascarenhas na ordem de Christo, alcaide mór de Rio Maior, e senhor do Prado e tambem de Alcoentre, onde instituiu um morgado.

Foi nos conselhos docil e prudente, firme na resolução, intrepido na execução e forte nos revezes: e, para nos expressarmos com Diogo de Couto, foi de grandes pensamentos, e muito determinado. Era bem apessoado, lhano nos gestos, de aspeito agradavel e de aprazivel conversação. Só lhe tem faltado na posteridade, para ser eterno o seu nome e a sua memoria um Jacintho Freire ou um Corte-Real — já que o seu manuscripto não viu a luz. — E quão interessante não seria se aparecesse!

O retrato que apresentamos é feito pelo da Asia de Faria e Souza, de combinação com a descripção que do de Goa faz Diogo de Couto; do que fomos obrigados a lançar mão por nos não ter chegado ainda uma cópia que esperamos daquella capital dos estados portuguezes na India. As armas são as competentes da casa do Prado; e na pequena *vinheta* desenhada inferiormente foi nossa tenção symbolisar as muitas vezes que Martim Affonso capitaneou armadas de cinco velas.

※ Veja o *Ensaio historico sôbre a origem e progressos das mathematicas em Portugal*, por F. B. G. Stockler, Paris 1819; p. 30 e 130.

※※ Veja Fr. Manuel da Esperança *Hist. Seraf.* T. 1.º Liv. 2.º c. 22 p. 243, e um Nobiliario MS. da *Bib. Pub.* de Lisboa.

Noticia do Autor.

> « Franceza gente, que o Brasil tentava
> Pedro Lopes de Souza em furiosa
> Naval batalha o mar lhe contestava. »
> CARAMURÚ: *Cant.* 8.° *Est.* 27.

Pero Lopes de Souza, um dos doze primeiros donatarios do Brasil, foi o segundogenito de Lopo de Souza, e irmão do 13.° governador da India Martim Affonso de Souza. — E' mui provavel que na sua mocidade frequentasse na universidade, que então estava em Lisboa, os estudos da navegação. E' sem dúvida que dedicando-se á vida maritima reunia o ser nella perito a muito desembaraço e afoiteza — qualidades indispensaveis em tal profissão. Começou a servir nas armadas de guarda costa contra os corsarios; adquiríra a prática de algumas navegações, quando, joven ainda, e já muito honrado fidalgo da casa de elrei D. João 3.°, acompanhou seu irmão na armada ao Brasil. Tendo saído de Lisboa na capitaina, passou depois a commandar duas caravelas, com as quaes sós afrontou em renhida peleja uma náo franceza, que abalroou e fez prisioneira.

Proseguiu, já feito capitão da sua nova presa, na

direcção do sul, e depois de ter rendido outra náo franceza, e aportado á Bahia e Rio de Janeiro, soffreu grande tormenta na altura do cabo de S. Maria; e havendo por esta occasião dado á costa o capitão mór, foi decidido em conselho que não devia elle de ir pelo Rio da Prata; e que fosse lá algum bergantim a fim de o examinar e pôr padrões. Reconhecendo Martim Affonso as eminentes qualidades de seu irmão, o encarregou desta commissão, recommendando-lhe que estivesse de volta em vinte dias.

De junto do dito cabo partiu a 23 de Novembro de 1531, navegou o rio acima pelo canal do norte, cento e tantas leguas contadas do cabo de S. Maria, e voltou a 12 de Dezembro. Tendo passado nesta deligência, inclemencias e trabalhos, pelos quaes mostra o seu valor em soffrer e seu genio em descrever, e visto alguns gentios, notado seus usos e costumes, veio a naufragar sobre uma ilha ao pé do cabo de S. Maria. Neste naufragio se houve Pero Lopes de fórma tal, que o seu procedimento mostra bem qual era a sua constancia e ânimo. Não convem antecipar as descripções que se lèem no seu Diario, por vezes poetico; ao qual remetemos o leitor, limitando-nos a dizer que tendo conseguido pôr o bergantim a nado se reuniu á Armada, a 27 de Dezembro, na ilha das Palmas: e todos partiram para o porto de S. Vicente, que Martim Affonso ferrou pela primeira vez a 20 de Janeiro seguinte.

Então decidiu este capitão por parecer dos pilotos e mestres e todos, «que para isso eram», de mandar duas náos para Portugal com toda a gente do mar. Incumbindo do commando a Pero Lopes, largou este a 22 de Maio de 1532, e fazendo-se ao norte foi ao Rio de Janeiro esperar pela outra náo — a tomada aos francezes; e daqui saíram juntos no principio de Julho. Passados quinze dias era Pero Lopes na Bahia de todos os Santos, da qual se fez á vela no fim do mez. E tendo andado tanto ávante como a ilha de Santo Aleixo houve vista de uma náo, e ordenou de fazer tudo prestes para a combater: o resultado de taes combates com francezes nunca lhe foi desfavoravel *. Entrou por

* Gabriel Soares diz no Rot. Ger. Cap. 14 que «se viu assim no mar pelejando com algumas náos francezas, de que os francezes nunca se saíram bem.»

fim em Pernambuco, e largando a 4 de Novembro só chegou a Lisboa no começo do anno seguinte.

Entretanto tinha elrei escripto a 28 de Setembro do anno antecedente, que lhe fizera doação de juro e herdade de uma capitanía de cincoenta leguas de costa, e em attenção aos seus serviços então narrados talvez pelo presente Diario, o agraciou commutando-lhas, por doação feita em Evora no primeiro de Setembro de 1534, em oitenta leguas destribuidas em tres differentes logares da costa por elle escolhidos * .

Ha quem diga ** que depois de voltar fôra em 1535 a Tunes, por capitão de uma náo na expedição que commandava Antonio de Saldanha com o Infante D. Luiz; porêm o que temos por certo é que antes ou depois intendeu povoar a sua capitanía de Itamaracá *** .

Havendo sido nomeado capitão mór de 6 náos **** para a India partira em Março de 1539; chegou a Goa em Setembro, e voltando para a Europa se perdeu na paragem da ilha de S. Lourenço (hoje Mada-

* Veja-se esta doação que transcrevemos a pag. 118, bem como o foral a pag. 126.

** Souza *Hist. Gen.* T. 12 P. 1.ª Sería este serviço que mal entendido fez dizer a certo genealogico cujo Nobiliario Ms. existe na Bib. Pub. de Lisboa, que afirmavam ter sido Governador da Mina.

*** A maior parte dos escriptores dizem que Pero Lopes foi em pessoa á colonisação da sua capitanía depois que lhe foi doada. Outros não fazem menção de tal. Quanto á parte de S. Amaro não encontramos documento anterior a 1542, em que D. Isabel Gamboa nomea seu locotenente e ouvidor. Com tudo Gabriel Soares, que foi ao Brasil vinte e tantos annos depois e por isso se póde dizer coetaneo, ainda que confunde os acontecimentos que passou na Armada de que tratamos e que menciona no cap. 1.º todavia diz no cap. 14 do Rot. Ger., que, conduzindo armada á sua custa e em pessoa foi povoar esta capitanía (Itamaracá) com moradores que levou do porto de Lisboa, donde partiu; no que gastou alguns annos e muitos mil cruzados» — e no cap. 61 acrescenta que fizera um engenho em Santo Amaro, que tambem foi povoar em pessoa; porêm para esta ultima ha menos fundamentos. O certo é que a mesma ampliação que elrei fez a 21 de Janeiro de 1535 é prova de que elle cuidava na capitanía.

**** V. o = *Livro : das Armadas : e capitães : que forão : á India do : descobrimento : della : ate : oje* = Ms., e tambem a obra, que citamos na nota da p. 83, escripta talvez originalmente por Pedro B. de Rezende.

gascar), vindo por fóra della, e não houve mais notícia do seu corpo.

Fôra casado com D. Isabel de Gamboa, que ficou tutora de seus filhos. Era de genio altivo (em vão o nega D. Luiz da Silveira), caprichoso no mando e independente, e por isso algumas vezes foi desatencioso e menos estimado. Tinha bastante amor proprio — talvez proveniente da sua juventude, e afez-se de tal modo aos perigos que o seu valor passou á temeridade, que pagou com a vida.

Deixou-nos escripto o Diario ou Roteiro que damos á luz tão completo quanto podemos, e do qual nem Barboza, nem bibliografo algum que conheçamos, teve notícia. Do merito do seu estilo ajuizarão os nossos literatos, e decidirão se algumas paginas descriptivas não fazem recordar a saudosa melancolia do saudoso livro de Bernardim Ribeiro seu contemporaneo.

Advertencia Preliminar.

Para a presente edição tivemos á vista tres copias — as unicas de cuja existencia temos conhecimento. Por um feliz acaso nos veio á mão a primeira em occasião que, envolvidos em trabalhos e leituras analogas, nos achavamos em circumstancias de avaliar a sua muita importancia, se não tanto pelo estilo, ao menos pelas curiosas noticias historicas que contêm, tendentes a esclarecer controversias não resolvidas pelos diversos escriptores, e da-la ao prelo sem mais lentação. Sobre a sua genuinidade não hesitámos um momento pois que além do legitimo, se bem que não explicito, testimunho dos escriptores antigos *, e até quasi coevos, e a harmonia da narração com

* Veja a obra de Gabriel Soares de Souza escripta em 1587, e publicada anonyma pela A. R. das S. de Lisboa em 1825; no cap. primeiro da qual diz este A. que elrei D. João 3.º ordenou da distribuir a costa do Brasil a donatarios por informações entre « outras, que lhe tinha dado Pero Lopes de Souza, que por esta costa tambem tinha andado com outra armada ». Veja outro sim como isto confirma em 1497 Mariz no capitulo 2.º do seu 5.º *Dial. de Varia Historia*, e tambem o Sant. Mar.

o conteúdo de um capitulo do celebre chronista Antonio Herrera * , basta ler a descripção para se conhecer que o estilo é portuguez quinhentista.

Este exemplar, sem titulo de qualidade alguma, é escripto em letra do princípio do seculo passado, papel sem marca d'agua, formato de folio pequeno, numerado com 72 paginas, contendo exactamente tudo quanto publicamos desde pag. 3 até pag. 69. Nada mais tem de particular digno de reparo e menção.

Sabendo que um nosso tão grande como generoso literato possuía outra cópia, se bem que bastantemente mutilada, a pedimos para consultar. Com a sua costumada franqueza e generosidade propria do seu caracter, o Ex.mo Sr. Bispo Conde D. Francisco de S. Luiz se dignou de confiar-nos o seu exemplar de formato de quarto e letra moderna, tendo por titulo = Diario de Pero Lopes de Souza. = Esta copia, que pouco nos utilisou, deve de ter pertencido a um P.e Ayres, por quanto em o sobrescripto de uma carta appensa, em que algum cotejador remettia algumas adições ao seu possuidor, lemos este nome. Para melhor nos informarmos fizemos indagações em bibliografias, e nas bibliothecas tanto publicas de Lisboa, Porto, Coimbra, Evora, e até de París e Madrid, como ainda nas principaes particulares deste Reino; e só na Bibliotheca Real é que, tendo procurado com licença competente,

---

* Este célebre historiador, que escreveu com mui bons documentos á vista, não deixou de ter tambem informações exactas ácerca da maior parte das circumstancias especiaes da navegação de que tractamos. O seguinte trecho transcripto da sua Dec. 4 Lib. X Cap. 6 é uma prova do que dizemos. É para admirar que até hoje se não lhe tivesse dado pezo. Talvez procedeu isto de não haver quem se lembrasse de associar a narrativa aos contos vagos e infundados quasi correntes ácerca do que passou esta armada. Estes contos occupam algumas linhas pouco dignas de figurar nas dignamente conceituadas obras de Fr. Gaspar, Cazal e Costa Quintella. Diz pois Herrera

...... «que en aquella armada iban quatro cientos hombres, sin «otros muchos, que voluntariamente se embarcaron, para poblar, «que segun se decia, havia de ser en el Rio de la Plata: aunque «tambien se trataba, que llevaban fin de echar los Franceses, que «se havian entrado en la Costa del Brasil, i edificar algumas fortaleças en los puertos, para lo qual llevaban mucha artilleria: i que «desde el Puerto de San Vicente, que era de seu distrito, pensaban «entrar por tierra al Rio de la Plata; i que dos galeones de los que «iban en esta armada, havian de bolver al Rio de Marañon, que «decian, que caía em su demarcacion: i que iban en la armada una «nave capitana, dos galeones, i dos caravelas, mui bien artilladas: «i que iba en ella Enrique Montes, que havia muchos años que estaba em aquellas partes, &c.»

no meio do desarranjo em que ainda estava, tivemos a inexplicavel satisfação de encontrar um codice de letra quasi contemporanea, sendo como o de romano-restaurada de J. P. Ribeiro, e por tanto certo que anterior ao tempo do dominio castelhano. Este codice nos subministrou, se era possivel, ainda mais fé, e passamos a dar delle noticia especial, visto ser de conveniencia para autenticar a sua antiguidade.

É de folha do tamanho regular do papel *florete* ordinario, e encadernado em uma pasta forrada de coiro a modo de moscovia, com florões e bustos na guarnição de redor e nas tarjas, que as atravessam diametralmente; porêm estas tão roçadas que mal se conhecem. O papel é coetaneo — escuro e encorpado, naturalmente fabricado em Genova; damos um aproximado *fac-simile* da sua marca d'agua, pois a não encontrámos nos bibliografos que consultámos, incluindo o italiano Orlando.

Fac-simile da marca d'agua do Ms.

As guardas interiores são do mesmo papel, e na do principio está pregada uma pequena tira com o distico da antiga numeração do codice na Bibliotheca competente

T. N.º 30.

Volumes — 1.

Seguem-se duas folhas em branco, pertencendo á segunda dellas a primeira pagina, e como tal numerada = 1 =. A numeração das folhas segue só no recto até fol. 41, com a advertencia que da folha 32 passa a 34, e a fol. 33 vem no fim de

que satisfazendo á fidelidade do MS. disso nenhum inconveniente resulta. E parece-nos que basta destas explicações.

Cumpre-nos tambem dizer que a edição podia ser mais perfeita, porêm que tal qual é nos deve gratular; porquanto é de um escripto até ignorado, que vai derramar luzes para a historia geografica e civil, juntar novos troféos á gloria dos descobrimentos dos portuguezes, e offerecer considerações ácerca dos indigenas e da colonisação de uma extensa parte do novo mundo, sobre que é necessario recolher os elementos dispersos para se escrever a historia da sua progressiva população e civilisação, tanto no sentido politico e moral, como no intelectual e industrial.

Um só pedido muito particular. — É possivel — é até natural que o presente inedito obtenha nova edição, quer por via de reimpressão quer por tradução. Se tal acontecer encarecidamente rogamos ao futuro editor ou traductor que se sirva de nos communicar a sua resolução; pois teremos por ventura alguma rectificação, juizo ou observação a fazer, que, se lhe não trouxer bem, certo nunca poderá fazer mal. E para próva do que dizemos aqui lhe damos uma amostra. Acabava-se de imprimir a nota 88, que vem na pag. 116, quando repentinamente nos occorreu melhor modo de explicar a conta do número de dias que ali averiguâmos. O A. refere-se a era de Adão e não á do Mundo, usando da extravagante opinião de começar a contar esta era do dia 2 de Maio. Deverá pois pela autoridade do Genesis começar a de Adão a 7, e por tanto até 22 do dito mez contam-se 16 dias. Ora o signal que vem no manuscripto, e que remetemos quanto á fórma para o Elucidario semelha-se a um 3; o que agora nos faz acreditar que realmente o é, e que o número se deve ler 3b1 ou 3.5+1 = 16. Presâmos a occasião de fazer esta rectificação para que se veja a ingenuidade consciencios a de verdade com que desejâmos escrever.

DIARIO

da

NAVEGAÇÃO DA ARMADA,

QUE FOI Á

TERRA DO BRASIL

EM 1530,

Escripto por

Pero Lopes de Sousa.

Na era de mil e quinhentos e trinta, sabado tres dias do mes de dezembro, parti desta cidade de Lixboa, debaxo da capitania de Martim Afonso de Sousa meu irmão, que ia por capitam de hũa armada e governador da terra do Brasil: com vento leste saí fóra da barra, fazendo caminho do sudoeste.

Domingo quatro *do dito mes* no quarto d'alva se nos fez o vento norte, *e com elle* fizemos o *mesmo* caminho do sudoeste.

Segundafeira cinco do dito mes ao meo dia tomei o sol em trinta e seis graos e dous terços: demorava-me o cabo de Sam Vicente a leste e a quarta do nordeste.

Terçafeira seis de dezembro ao meo dia tomei o sol em trinta e cinco graos e hum quarto: com vento norte *mui forçoso* fazia o caminho do sudoeste e a quarta do sul. Na nao capitaina sentiamos muito trabalho porque nam governava; e nam levamos mais vela que o traquete e mezena.

Quartafeira sete do dito mes ao meo dia tomei o sol em trinta e quatro graos: fazia o caminho do sudoeste.

Quintafeira oito do dito mes se passou o vento ao nornordeste e ventou com muita força, e *traxia* grande mar *por ló: a nao ia tam má de governo; corriamos muito risco de nos quebrar os mastos.* Este dia nam tomei o sol: fazia-me em trinta e hum graos e hum terço. Demorava-me o cabo de Sam Vicente ao nor-

*nor*deste; e a ilha da Madeira *me demorava* ao noroeste e a quarta d'aloeste: fazia-me della vinte e cinco leguas.

Sestafeira nove dias de dezembro ás tres horas despois de meo dia houve vista da terra; e chegando-nos mais a ella, reconhecemos ser a ilha de Tenarife. Como foi noite tiramos as monetas; e pairamos a noite toda até o quarto d'alva, que nos fizemos á vela.

Sabado des dias do dito mes ás quatro horas despois do meo dia surgimos no porto da ilha da Gomeira. Em terra tomei o sol em vinte e oito graos e hum quarto: *ali corregemos o leme*.

Terçafeira treze de dezembro no quarto d'alva nos fizemos á vela com vento nordeste: fazia*mos* o caminho do sul e a quarta do sudoeste.

Quartafeira quatorze do dito mes ao meo dia tomei o sol em vinte e seis graos e hum quarto: demorava-me o cabo do Bojador a leste e a quarta do nordeste: fazia*mos* o caminho do sul e a quarta do sudoeste.

Quintafeira quinze de dezembro ao meo dia tomei o sol em vinte e quatro graos e meo: o vento *saltou* a lesnordeste *brando*.

Sestafeira desaseis do dito mes no quarto d'alva se passou o vento ao sudoeste; e com elle barlaventeamos até á noite, que ficou o vento em calma.

Sabado desasete do dito mes andamos o dia todo em calma.

Domingo desoito do dito mes, *dia de nossa senhora ante natal*, andamos em calma *sem ventar bafo de vento*; *senam* grande vaga de mar, que vinha do sudoeste; e os ceos corriam mui tesos do mesmo rumo.

Segundafeira desanove do dito mes ao meo dia tomei o sol em vinte e hum graos e tres quartos: demorava-me o cabo das Barbas a leste, e por fazer

grande abatimento com o mar mui grosso, que me rolava para a terra, me fazia do dito cabo vinte leguas. *Lancei o prumo ao mar e tomei fundo com cincoenta e cinco braças. De noite me ventou hum pouco de vento norte.*

Terçafeira vinte dias de dezembro ao meo dia tomei o sol em vinte e hum graos e hum quarto; e o vento *começou a refrescar do norte, e com elle* fazia*mos* o caminho ao sudoeste e a quarta do sul. Demorava-me o cabo Branco a lessueste: fazia-me delle vinte e cinco leguas. *Hũa hora de sol houvemos vista de duas velas e as fomos demandar: e era hũa caravela e hum navio que vinham de pescaria, e por elles escrevemos a Portugal.*

Quartafeira vinte e hum *do dito mes* ao meo dia tomei o sol em vinte graos e hum terço: com vento nordeste *de todalas velas* fazia*mos* o caminho ao sudoeste e a quarta do sul: demorava-me o cabo Branco a leste e a quarta do nordeste.

Quintafeira vinte e dous do dito mes ao meo dia tomei o sol em desoito graos e tres quartos: demorava-me o cabo Branco ao nordeste e a quarta de leste: fazia-me delle cincoenta e cinco leguas.

Sestafeira vinte e tres do dito mes tomei o sol em desasete graos e dous terços; e desd' o meo dia fizemos o caminho ao sudoeste e quarta de loeste. Como foi noite *governamos* ao essudoeste.

Sabado vinte e quatro do dito mes tomei o sol em quinze graos; *e* fazia *o mesmo* caminho *do* essudoeste. E em se pondo o sol vi*mos* terra ao sudoeste e a quarta d'oeste: seria*mos* della oito leguas. Como foi noite pairamos até o quarto d'alva, que nos fizemos á vela. E como foi de dia reconhecemos ser a ilha do Sal.

Domingo vinte e cinco de dezembro, dia de natal,

pela menhãa fizemos o caminho do sul até á noite, que fomos com a ilha de Boa Vista: por resguardo do baxo, que nos demorava a lessueste, fizemos o caminho do sul. E *como foi noite mandou o capitam J. a Baltazar Gonçalves capitam da caravela Princesa que fosse diante, e levasse o farol; e assi fomos até pela menhãa.*

Segundafeira vinte e seis *do dito mes estavamos* pegados com a ilha de Maio: *a caravela* Princesa nam aparecia, nem da gavia. Indo demandar o porto da ilha de Santiago, veo hũa cerraçam que na nao nam nos viamos huns aos outros. Por nam poder fazer caminho pairamos a noite toda.

Terçafeira vinte e sete do dito mes pela menhãa estavamos hum tiro de *a*bombarda de terra da ilha de Santiago, da banda do norte; e o vento começou a ventar norte mui rijo, e alimpou a nevoa. Indo para tomar o porto da Ribeira Grande saltou o vento de supito ao sueste, que nos era mui contrario; e assi barlaventeamos o dia todo sem poder cobrar nada. A noite passada da cerraçam se apartou de nós a nao Sam Miguel, de que era capitam Heitor de Sousa.

Quartafeira vinte e oito do mes de dezembro pela menhãa nos acalmou o vento hum tiro de falcam da terra; e o mar andava tam grosso, que se nos nam ventara hum pouco de vento norte foramos de todo perdidos; porque o mar nos rolava para terra, e nam podiamos surgir; porque o fundo era de pedra: este dia ao meo dia fomos a surgir na Praia. Aqui achamos hũa nao de duzentos toneis, e hũa chalupa de castelhanos; e em chegando nos disseram como iam ao Rio de Maranham: e o capitam J. lhe mandou requerer que elles nam fossem ao dito rio; por quanto era delRei nosso senhor e dentro da sua demarcaçam.

Quintafeira vinte e nove do dito mes pela menhãa

demos á vela, e fomos surgir a Ribeira Grande onde achamos a caravela Princesa: aqui neste porto tomei o sol em quinze graos e hum sesmo. Aqui veo dar o navio Sam Miguel comnosco. Nesta ilha estivemos tomando cousas necessarias para a viagem até terçafeira tres dias de janeiro de mil e quinhentos e trinta e hum. Fizemo-nos á vela em se cerrando a noite com muito vento nordeste: o galeam Sam Vicente perdeo duas anchoras em se fazendo á vela: e a caravela Princesa hũa; porque o surgidouro deste porto he todo sujo. Como saío a lua se fez o vento lesnordeste, e ventou com tanta força que nam podiamos com a vela. Indo assi correndo com gram mar deu a nao hũa guinada, e em preparando de ló nos arrebentou o masto do traquete pelos tamboretes, de que sentimos muita fortuna; e amainamos a vela; e fomos correndo ao som do mar até que foi de dia.

Quartafeira quatro de janeiro ao meo dia fez-se o tempo em mais bonança, e abaxamos o masto hum covado, puzemos-lhe hũas emmendas, e com arrataduras o corregemos o melhor que pudemos.

Quintafeira cinco do dito mes o vento era muito mais forte que o dia *d*antes: faziamos o caminho do sul e da quarta do sueste.

Sestafeira seis do dito mes o vento e o mar eram mais bonança; e gastamos o dia todo em correger o masto.

Sabado sete do dito mes ao meo dia tomei o sol em oito graos e meo: demorava-me o cabo Verde ao nordeste, e tomava da quarta do norte: demorava-me o cabo Roxo a lesnordeste: fazia-me delle cento e quinze leguas: faziamos o caminho do sulsueste.

Domingo oito do dito mes o vento norte bonança fazia-*me* o mesmo caminho do sulsueste,

Segundafeira nove do dito mes ao meo dia tomei o sol em cinco graos e meo: demorava-me o cabo Roxo ao nordeste: fazia-me delle cento e cincoenta leguas: demorava-me a Serra Lioa a leste e a quarta do nordeste: fazia-me della cento e setenta e seis leguas. Faziamos o caminho ao sulsueste. Neste dia nos morreo hum homem, que traziamos da ilha de Santiago.

Terçafeira des do dito mes pela menhãa nos deu hũa trovoada com muito vento e agua, que nos fez amainar as velas. O dia todo estivemos sem vento até o quarto da modorra, que se fez o vento nordeste; e com elle nos fizemos á vela.

Quartafeira onze do dito mes nos deram muitas trovoadas; e de noite no quarto da prima nos deu hũa trovoada do sueste, e outra do nordeste, com muito vento e agua e relampados.

Quintafeira doze do mes de janeiro se fez o vento leste, e com elle fizemos o caminho do sul.

Sestafeira treze do dito mes todo dia nos choveo. Com o vento norte faziamos o caminho do sul. Como se nos o sol poz, acalmou o vento; e estivemos toda a noite em calma.

Sabado quatorze do dito mes tomei o sol em tres graos e tres quartos: este dia todo nam ventou; senam choveu muita agua, e fazia tam grande calma, que nam se podia soportar.

Domingo quinze do dito mes tomei o sol em dous graos e dous terços.

Segundafeira desaseis do dito mes se fez o vento sudoeste, e com elle faziamos o caminho do sulsueste; e no quarto da prima nos deu hũa trovoada, com gram força de vento, que nos fez amainar de romania as velas.

Terçafeira desasete do dito mes tornou a ventar o

vento *de* oestesudoeste, e ao meo dia tornei *a tomar* o sol em hum grao e meo.

Quartafeira desoito do dito mes tomei o sol em meo grao: e o vento se fez sueste, e com elle faziamos o caminho ao sudoeste *e a quarta d'oeste*; e demoravame o cabo de santo Agostinho ao sudoeste e a quarta doeste.

Quintafeira desanove do dito mes tomei o sol em dous terços de grao, da banda do sul.

Sestafeira vinte do dito mes, tomei o sol em tres quartos de grao: o vento era sueste, que nos era escasso para dobrarmos o cabo de santo Agostinho. As aguas nesta paragem correm a loeste com muita força.

Sabado vinte e hum do dito mes tomei o sol em hum grao e tres quartos.

A ilha de Fernão de Loronha me demorava ao sudoeste e a quarta d'oeste; o cabo de santo Agostinho ao sudoeste. O vento nos era mui escasso, de que sentiamos muito trabalho.

Domingo vinte e dous do dito mes, tomei o sol em dous graos: demorava-me a ilha de Fernão de Loronha ao sudoeste, e a quarta d'oeste: fazia-me della quarenta e cinco leguas. No quarto de prima se nos fez o vento lessueste.

Segundafeira vinte e tres de janeiro ao meo dia tomei o sol em tres graos e hum quarto: demorava-me a ilha de Fernão de Loronha ao sudoeste: faziame della desoito leguas. O cabo de santo Agostinho me demorava ao sudoeste: fazia-me delle cem leguas.

Terçafeira ao meo dia tomei o sol em quatro graos e hum quarto. Nesta paragem correm as aguas a loesnoroeste: em certos tempos correm mais; sc. desde março até outubro correm com mais furia. He por estas corren-

tes fazerem os abatimentos incertos que muitas vezes se dam duas quartas de abatimento, e abatem os navios quatro. Assi que nesta paragem a pilotagem he incerta, per experiencia verdadeira, para saberdes se estais de barlavento ou de julavento da ilha de Fernão de Loronha, quando estais de barlavento vereis muitas aves as mais rabiforcados e alcatrazes pretos; e de julavento vereis mui poucas aves, e as que virdes serão alcatrazes brancos. E o mar he mui chão.

Quartafeira vinte e cinco de janeiro ao meo dia tomei o sol em cinco graos e hum terço. Com o vento lessueste faziamos o caminho de lessudoeste.

Quintafeira vinte e seis do dito mes tomei o sol em cinco graos e meo. Faziamos o caminho do sulsudoeste.

Sestafeira vinte e sete do dito mes tomei o sol em sete graos e meo: e desde meo dia arribamos duas quartas: e fazia o caminho do sudoeste.

Sabado tomei o sol em oito graos e meo: faziamos o caminho a loeste e a quarta do sudoeste. E desd' o quarto da prima governamos a este.

Domingo vinte e nove do dito mes tomei o sol em nove graos. Faziamos o caminho a loeste, com vento leste.

Segundafeira trinta dias do mes de janeiro tomei o sol: e estava na altura do cabo de santo Agostinho; e iamo-lo a demandar pelo rumo d'aloeste. Este dia nam correo pescado nenhum comnosco, que he sinal nesta costa d'estar perto de terra; e outro nenhum nam tem senam este.

Terçafeira trinta e hum do dito mes no quarto d'alva vimos terra, que nos demorava a loeste: achegando-nos mais a ella houvemos vista de hũa nao; e demos as velas todas, e a fomos demandar: e mandou o capi-

tam J. dous navios na volta do norte,—na volta em que a nao ia, e outros dous na volta do sul: a nao como se vio cercada arribou a terra, e mea legua della surgio e lançou o batel fóra. Como fomos della hum tiro de bombarda se meteo a gente toda no batel e fugio para a terra. Mandou o capitam J. a Diogo Leite, capitam da caravela Princesa, que fosse com o seu batel apoz o batel da nao: quando ja chegou a terra, era ja a gente metida pela terra dentro, e o batel quebrado. Fomos á nao, e nella nam achamos mais que hum só homem; tinha muita artelheria e polvora, e estava toda abarrotada de brasil. Ao meo dia nos fizemos á vela para ir demandar o cabo de santo Agostinho: seriamos delle seis leguas. Tomamos esta nao de França defronte do cabo de Percaauri: corre-se com o cabo de santo Agostinho norte e sul, tomada quarta de noroeste e sueste. Da banda do sul do cabo de santo Agostinho achamos outra nao de França, que tomamos carregada de brasil. Esta noite no quarto da prima me mandou o capitam J. com duas caravelas á ilha de santo Aleixo; porque tinhamos informaçam que estavam ahi duas naos de França: fui toda a noite com o prumo na mão, sondando por fundo de doze braças: no quarto d'alva surgimos ao mar da ilha mea legua, em fundo de doze braças d'area grossa.

Quartafeira primeiro dia de febreiro em rompendo a alva vimos mea legua ao mar hũa nao, que cõs traquetes ia no bordo do norte, e como a vimos me fiz á vela no bordo do sul. A nao, como houve vista das caravelas, deu todalas velas. Neste bordo do sul fui quatro relogios, e virei no bordo do norte; e ao meo dia era na esteira da nao, duas leguas della: a outra caravela era hũa legua de mim a ré. Como descobrimos o cabo de santo Agostinho saío o capitam J.

no navio Sam Miguel com o galeam Sam Vicente, e com hũa das naos, que tomara aos francezes; mas vinha tanto a julavento que quasi nam podiam cobrar a terra. Este dia, hũa hora de sol, cheguei á nao, e primeiro que lhe tirasse, me tirou dous tiros: antes que fosse noite lhe tirei tres tiros de camelo, e tres vezes toda a outra artelheria: e de noite carregou tanto o vento lessueste, que nam pude jogar senam artelheria meuda; e com ella pellejamos toda a noite.

Quintafeira dous de febreiro em rompendo a alva mandei hum marinheiro ao masto grande ver se via o capitam J., ou os outros navios, e me disse que via hũa vela, que nam divisava se era latina, se redonda. E desd' as sete horas do dia até o sol posto, que rendemos a nao, pellejamos sempre. A nao me deo dentro na caravela trinta e dous tiros, quebrou-me muitos aparelhos, e rompeo-me as velas todas. Estando assi com a nao tomada chegou o capitam J. com os outros navios; logo abalroei com a nao e entrei dentro; e o capitam J. abalroou com o seu navio: e os mais dos francezes se passaram ao navio. A nao vinha carregada de brasil; trazia muita artelheria, e outra muita muniçam de guerra: por lhes faltar polvora se deram. Na nao nam demos mais que hũa bombardada, com hum pedreiro ao lume d'agua: com a artelheria meuda lhe ferimos seis homẽs: na caravela me nam mataram, nem feriram nenhum homem, de que dei muitas graças ao senhor Deus.

Sestafeira tres do dito mes pela menhãa nos achamos hũa legua de terra, a qual se corria nornoroeste sulsueste. Ao longo do mar eram tudo barreiras vermelhas: a terra he toda chãa, chea d'arvoredo. Como nos achegamos mais a terra se nos fez o vento suesto: e ao meo dia surgimos em fundo de onze braças, hũa legua de terra. Como estive surto, lancei o batel fóra, por nenhum dos

outros navios trazer batel, que os haviam deixado no cabo de santo Agostinho. Este dia vieram de terra, a nado, ás naos indios a perguntar-nos se queriamos brasil.

Sabado pela menhãa quatro de febreiro mandou o capitam J. a Heitor de Sousa, capitam da nao Sam Miguel que fosse a terra com o batel e com mercaderia, ver se poderia trazer algũa agua, de que tinhamos muita necessidade: e se tornou sem trazer agua, por lha nam querer dar a gente da terra. O capitam J. se passou á caravela Rosa, e se fez á vela no bordo do mar, para ir diante ao porto de Pernambuco fazer algũas cousas prestes para a armada. Eu fiquei com os outros navios surto; e ao meo dia tomei o sol em seis graos e hum terço. Em se pondo o sol me fiz á vela; e em levando a amarra me desandou o cabrestante, e me ferio dous homẽs; e tornei a virar com muita força, e arrebentei o cabre, e me fiz á vela: e mandei a Baltazar Gonçalves que levasse o farol; por quanto eu nam tinha piloto. E fomos no bordo do mar até o quarto da modorra rendido; e tornei a virar no bordo da terra.

Domingo cinco do dito mes barlaventeei o dia todo sem poder cobrar mea legua de costa; e ao sol posto surgi em oito braças, por o navio Sam Miguel ser muito a julavento de mim. A agua corria mui tesa ao nornoroeste.

Segundafeira seis de febreiro pela menhãa, nem da gavia parecia o navio Sam Miguel; estive surto, esperando até quintafeira nove dias do dito mes, que me fiz á vela com o vento lessueste. Abarlaventeei o dia todo sem poder cobrar nada, por correrem as aguas muito ao dito rumo. A agua nos ía faltando, de que sentiamos muito trabalho.

Sestafeira des do dito mes, até quartafeira quinze

do dito mes de febreiro, com muito trabalho cobramos hũa legua de costa, e surgi á boca de hum rio para tomar agua, e me fazer na volta de Guiné; porque o longo da costa nam podiamos cobrar, e os ventos suestes e lessuestes ventavam ja mui tendentes, que nesta costa ventam desde febreiro até agosto.

Quintafeira desaseis de febreiro no quarto d'alva ventou da terra hum pouco de vento com que me fiz á vela, e duas leguas ao mar me acalmou. Surgi em fundo de quinze braças; e ao meo dia se fez o vento leste, e com elle me fiz á vela no bordo do sul. No quarto da prima se me fez o vento nordeste, que nos era mui largo.

Sestafeira desasete do dito mes fomos surgir defronte do porto de Pernambuco, em fundo de quinze braças. Desd' o porto de Pernambuco até o cabo de Percaauri, como passares das quinze braças, he fundo sujo. Aqui achamos a nao capitaina e o galeam Sam Vicente, e a nao de França que tomamos no arrecife do cabo de santo Agostinho, e me disseram como nam tinham novas do capitam J.; senam que o dia d'antes viram hũa vela ao mar, que ia no bordo do sul; e me disseram que foram ao Rio de Pernambuco; e como havia dous meses que ao dito rio chegara hum galeam de França; e que saqueara a feitoria; e que roubara toda a fazenda, que nelle estava, delRei nosso senhor: e que o feitor do dito rio era ido ao Rio de Janeiro, n'hũa caravela, que ia para Çofala. E achei sete homẽs da nao capitaina mortos, que se affogaram na barra do arrecife.

Sabado desoito do mes de febreiro vimos a caravela, em que vinha o capitam J., que barlaventeava com o vento nordeste, quatro leguas ao sul de nós. De noite se fez o vento mais ao mar, e mandei ás naos que fizessem fogos nas gavias, para poder vir o capitam J.

Domingo se fez o vento lessueste, e com elle veo a caravela, em que vinha o capitam J., e lhe demos conta como o navio de Heitor de Sousa se havia apartado de nós, oito dias havia: e o capitam J. foi ao Rio de Pernambuco; e mandou levar todolos doentes a hũa casa de feitoria, que ahi estava. Daqui mandou o capitam J. as duas caravelas, para que fossem descobrir o Rio do Maranham; e mandou João de Sousa a Portugal em hũa nao, que de França tomaramos; e a outra nao mandou queimar. Despois de termos tomado agua e outras cousas, de que tinhamos necessidade para a viagem, nos fizemos á vela com o vento lesnordeste.

Sestafeira primeiro dia do mes de março, com tres naos; sc.: a nao capitaina; e o galeam Sam Vicente, de que era capitam Pero Lobo Pinheiro; e em outra nao de França, que tomamos, ia eu, a que puz nome = Nossa Senhora das Candeas = pela tomarmos no mesmo dia de nossa Senhora: e com o dito vento faziamos o caminho ao sul, e a quarta do sueste. Mandou o capitam J. ao galeam Sam Vicente que se chegasse bem a terra, até ver se no arrecife de Sam Miguel estavam algũas naos.

Sabado pela menhãa chegou o galeam a nós, e nos disse como no arrecife nam havia naos. E ao meo dia tomei o sol em nove graos e meo.

Domingo tres dias de março faziamos o caminho do sul e a quarta do sudoeste; e ao meo dia tomei o sol em des graos e hum quarto. A' tarde nos deram duas trovoadas, hũa do norte e outra de lessueste, com muita agua e vento: e toda a noite andamos amainados, com muitas trovoadas; e com os mores pés de vento, que eu até entam tinha visto.

Segundafeira quatro dias de março pela menhãa

nos tornou a ventar o vento leste até o meo dia, que nos deu hũa trovoada com muito vento e pedra; e como passou ficou o vento em calma; e de noite tivemos muitas trovoadas de todolos rumos.

Terçafeira cinco do dito mes se nos fez o vento lessueste; faziamos o caminho ao sulsudoeste: e ao meo dia tomei o sol em des graos e tres quartos: demoravamme as serras de santo Antonio a loeste: faziame dellas treze leguas.

Quartafeira seis dias do dito mes andamos em calma até á noite, que toda a passamos com muitas trovoadas de vento e relampados.

Quintafeira ao meo dia se fez o vento sueste; faziamos o caminho do sulsudoeste. De noite, no quarto da modorra, nos deu hũa trovoada do norte com tanta força de vento, que se me nam quebrara a verga do traquete em tres pedaços, de todo foramos soçobrados.

Sestafeira oito dias do dito mes ao meo dia tomei o sol em onze graos e seis meudos. A' tarde nos deu hũa trovoada de muita agua; e entre as naos se fizeram duas mangas, de que os marinheiros houveram mui gram medo, por no mar ser cousa mui perigosa.

Sabado ao meo dia tomei o sol em onze graos e hum terço: fazia-me de terra quatorze leguas; e este dia nos nam ventou vento.

Domingo des do mes de março se fez o vento sueste, e tomava do sul; e com todalas velas faziamos o caminho do sudoeste. De noite, no quarto da prima, nos deu hũa trovoada com tanta força de vento, que amainados, metia a nao o portaló por debaxo do mar: eram tantos os relampados que a todos nos punha temor: e rendido o quarto da prima me deu hum raio no masto do traquete da gavia, que mo fez em dous pedaços: quiz Nossa Senhora que nos nam fez mais nojo:

trouxe tam gram fedor de enxofre, que nam havia homem que o soportasse. Choveu-nos tanta agua esta noite, que com duas bombas a nam podiamos esgotar.

Segundafeira onze do dito mes ao meo dia tomei o sol em onze graos e meo: fazia-me de terra des leguas. Fazia o caminho do sudoeste com o vento sueste. Em se pondo o sol demos n'hũa aguagem do rio de Sam Francisco, que fazia mui grande escarcéo.

Sabado doze do mes de março ao meo dia tomei o sol em doze graos e dous terços; e em se pondo o sol houve vista de terra, que me demorava a loeste: faziame della seis leguas. E de noite, por nos afastar de terra, fizemos o caminho ao sul e a quarta do sudoeste, até o quarto d'alva, que tornamos a fazer o caminho do sudoeste.

Domingo treze dias de março pela menhãa eramos de terra quatro leguas: e como nos achegamos mais a ella reconhecemos ser a Bahia de todolos Santos; e ao meo dia entramos nella. Faz a entrada norte sul: tem tres ilhas: hũa ao sudoeste, e outra ao norte, e outra ao noroeste: do vento sulsudoeste he desabrigada. Na entrada tem sete, oito braças de fundo, a lugares pedra, a lugares area; e assi tem o mesmo fundo dentro da bahia, onde as naos sorgem. Em terra, na ponta do padram, tomei o sol em treze graos e hum quarto. Ao mar da ponta do padram se faz hũa restinga d'area, e a lugares pedra: entre ella e a ponta podem entrar naos: no mais baxo da dita restinga ha braça e mea. Aqui estivemos tomando agua e lenha, e corregendo as naos, que dos temporaes que nos dias passados nos deram, vinham desaparelhadas. Nesta bahia achamos hum homem portugues, que havia vinte e dous annos que estava nesta terra; e deu rezam larga do que nella havia. Os principaes homẽs da terra vie-

ram fazer obediencia ao capitam J.; e nos trouxeram muito mantimento, e fizeram grandes festas e bailos; amostrando muito prazer por sermos aqui vindos. O capitam J. lhes deu muitas dadivas. A gente desta terra he toda alva; os homẽs mui bem dispostos, e as molheres mui fermosas, que nam ham nenhũa inveja ás da R u a N o v a de L i x b o a. Nam tem os homẽs outras armas senam arcos e frechas; a cada duas leguas tem guerra hũs com os outros. Estando nesta bahia no meo do rio pellejaram cincoenta almadias de hũa banda, e cincoenta da outra; que cada almadia traz secenta homẽs, todas apavezadas de pavezes pintados como os nossos: e pellejaram desd'o meo dia até o sol posto: as cincoenta almadias, da banda de que estavamos surtos foram vencedores; e trouxeram muitos dos outros captivos, e os matavam com grandes cerimonias, presos per cordas, e despois de mortos os assavam e comiam: nam tem nenhum modo de fisica: como se acham mal nam comem, e poem-se ao fumo; e assi pelo conseguinte os que são feridos. Aqui deixou o capitam J. dous homẽs, para fazerem experiencia do que a terra dava, e lhes deixou muitas sementes.

Quintafeira desasete de março partimos desta bahia com o vento lessueste, e fomos na volta do sul até a tarde, que carregou muito o vento, e tornamos arribar: e surgimos á boca da bahia, em fundo de treze braças d'area limpa.

Sestafeira desoito do dito mes nos fizemos á vela com o vento leste e tomava do sueste.

Sabado desanove de março faziamos o caminho do sul com o dito vento: era de terra quatro leguas; a qual terra he toda alta e igual: corre-se norte sul. Ao meo dia tomei o sol em treze graos e dous terços.

Domingo, com as aguas que nesta costa correm nes-

te tempo ao sueste, nos puzemos tanto a barlavento que pela menhãa nam viamos terra. Ao meo dia se nos fez o vento sueste; e com as aguagens andava o caminho do sulsudoeste. E ao pôr do sol vi terra mui alta: fazia-me della sete leguas: de noite se fez o vento mais largo; e faziamos o caminho do sul.

Segundafeira vinte e hum do dito mes ao meo dia tomei o sol em quatorze graos e tres quartos: fez-se-nos o vento sueste e tomava do sul; e de noite tiramos as monetas: e com os papafigos baxos trincamos no bordo do sul.

Terçafeira vinte e dous de março, pelo vento se fazer sulsueste, viramos no bordo do norte; e ao meo dia tomei o sol em quatorze graos e meo: e de noite levamos a proa a leste.

Quartafeira vinte e tres do mes fazia-me de terra des leguas; e ao meo dia carregou muito o vento sueste, com mui gram mar: por nam podermos ir de ló amainamos as velas, e lançamos as naos de mar em travez.

Quintafeira vinte e quatro dias do dito mes nam podemos sofrer o mar, que era mui feo; e arribamos com assaz fortuna: e corremos este dia todo arbore seca, pelo rumo do noroeste; e ao pôr do sol vimos terra, e conhecemos a boca do rio de Tynhaaréa da banda do sul: e como foi noite nos deu hũa trovoada de leste tam supita, que ventando o vento sueste,—ventando forçoso, pode mais a trovoada; que se nos achara com vela soçobraramos. Por sermos mui perto de terra surgimos em vinte e hũa braça de fundo d'area limpa: era o mar tam grosso, e cada vez nos investia por riba dos castellos. No quarto da modorra saltou hũa trovoada per riba da terra d'oeste, que nos sosteve até pela menhãa de nos darmos á costa.

Sestafeira pela menhãa nos fizemos á vela; era o mar tam grosso que iamos á popa com todas as velas, e nam no podiamos romper. Fomos com este vento até meo dia, que nos deu o vento sueste, com que fomos correndo a costa esta noite. No quarto da modorra fomos surgir na boca da Bahia de todolos Santos.

Sabado vinte e seis de março pela menhãa vimos dentro na bahia hum navio surto; e por ser longe nam divisavamos se era latino, se redondo: e logo vimos saír hum batel da bahia, que vinha ás naos; e como chegou á nao capitaina, a salvou; e vinha nelle o capitam da caravela que arribara a Pernambuco, que ia para Çofala; e vinha no batel o feitor da feitoria de Pernambuco, que se chamava Diogo Dias; e o capitam J. mandou fazer as naos á vela para dentro da bahia; e mandou chamar a gente da caravela; e mandou soltar o piloto, que o capitam trazia preso; e mandou despejar a caravela dos escravos, e lança-los em terra; e determinou de levar a caravela comsigo, por lhe ser necessaria para a viagem.

Domingo vinte e sete do mes de março partimos daquesta bahia, com o vento leste, contra opiniam de todolos pilotos: a qual era que nam podiamos dobrar os baxos d'abrolho; e que a monçam dos ventos suestes começava desd'o meado febreiro até agosto; e que em nenhũa maneira podiamos passar; e que era por de mais andar lavrando o mar.

Segundafeira vinte e oito de março ao meo dia tomei o sol em quatorze graos: era de terra quatro leguas: faziamos o caminho do sul, com o vento leste.

Terçafeira ao meo dia tomei o sol em quatorze graos e hum terço: era de terra cinco leguas; a qual terra era mui alta: corre-se norte sul. Lancei o prumo ao mar, e nam tomei fundo com duzentas braças.

Quartafeira fazia o caminho do sul, com o vento leste; nam me afastando nada de terra. Ao meo dia tomei o sol em treze graos.

Quintafeira trinta e hum do mes de março, fazendo o dito caminho do sul e ao meo dia, tomei o sol em treze graos e dous terços. A costa se ia correndo sempre norte sul. No sartam havia mui grandes montanhas.

Sestafeira primeiro d'abril com hũa trovoada saltou o vento ao sulsueste, e fui na volta da terra; mea legua della tomei fundo com cento e vinte braças de pedra: tudo ao longo do mar eram rochas: e ao meo dia virei no bordo do norte, até o quarto da prima, que me deu hũa trovoada de lessueste; e como passou, ficou o vento em calma.

Sabado dous d'abril tomei o sol em treze graos e meo, e andamos todo o dia em calma.

Domingo tres dias do mes d'abril ao meo dia tomei o sol em quinze graos e meo: estavamos de terra quatro leguas; andamos este dia todo em calma.

Segundafeira ao pôr do sol se fez o vento leste; e com elle fomos no bordo do sul até o quarto da prima, que se fez sueste; — que tornamos a virar no bordo do norte.

Terçafeira com vento lessueste barlaventeamos todo o dia: havia de mim a terra cinco leguas.

Quartafeira pela menhãa se fez o vento calma até Sabado ao meo dia, nove dias do mes d'abril, que nos deu uma trovoada do sudoeste; e ficou o vento no sul, com que faziamos o caminho de leste.

Domingo des dias d'abril se fez o vento sueste, e amainamos as velas, e lançamos as naos de mar em travez; e ao meo dia tomei o sol em quinze graos e hum terço. Fazia-me de terra vinte leguas.

Segundafeira começou o vento sueste a ventar com

muita força e com mui gram mar: de noite cresceu o temporal tanto e tam forte, que quizeramos arribar e nam nos estrevemos, por ser o mar mui grosso: até pela menhãa estivemos com muita fortuna, que se fez o tempo mais bonança. Assi estivemos pairando até sestafeira quinze dias d'abril, que se fez o vento leste; e demos todalas velas no bordo do sul; e ao meo dia tomei o sol em quinze graos e hum terço. Fazia-me de terra desasete leguas.

Sabado se fez o vento lessueste, e faziamos o caminho do sulsudoeste; e ao meo dia tomei o sol em quatorze graos e hum quarto.

Domingo pela menhãa nos deu hũa trovoada do sueste com muito vento e agua: este dia todo nos choveu sem vento, e de noite muitas trovoadas de todolos rumos.

Segundafeira desoito dias do mes d'abril se fez o vento sueste; e viramos no bordo do norte até o quarto da prima, que se fez o vento lessueste, e viramos no bordo do sul. Fazia-me de terra quinze leguas.

Terçafeira ao meo dia tomei o sol em desaseis graos e dous terços. Esta noite nos ventou muito o vento lessueste.

Quartafeira vinte dias do mes d'abril pela menhãa me cheguei á nao capitaina; e me disse o capitam J. que com o grande vento, que de noite ventara, lhe quebrara o masto do traquete, abaxo da gavia hũa braça; e que queria arribar á Bahia de todolos Santos; e a todos nos pareceo mui bem, por nam ser ja tempo para dobrar os baxos d'Abrolho. Estando nisto, nos deu hũa trovoada de lesnordeste; e como passou, ficou o vento em leste e tomava do nordeste; e o capitam J. tornou a mandar que virassemos no bordo do sul; e assi fomos até á noite, que no quarto da prima que se nos

fez o vento lesnordeste: e faziamos o caminho do sulsueste.

Quintafeira vinte e hum d'abril ao meo dia tomei o sol em desanove graos menos hum terço: fazia-me de terra vinte leguas. O vento se nos fez leste, e com elle faziamos o caminho do sul com todalas velas. De noite se fez o vento lesnordeste, e com as bolinas largas faziamos o dito caminho, levando resguardo, que cada relogio sondavamos; porque todolos pilotos se faziam ír por riba dos baxos d'Abrolho, que lançam ao mar trinta leguas, e o começo delles está em altura de desanove graos. E assi fomos toda esta noite com mui bom tempo, sem podermos tomar fundo com secenta braças.

Sestafeira pela menhãa se nos fez o vento nordeste, e com todalas velas faziamos o caminho ao sul. Ao meo dia tomei o sol em vinte e hum graos e tres quartos; e como foi noite se nos fez o vento noroeste.

Sabado no quarto d'alva se fez o vento sudoeste; e veo tam supito e furioso, que quasi nam deu lugar a amainar as velas; e ventou com tanta força (o qual ainda nesta viagem o nam tinhamos assi visto ventar) que as naos sem velas metiam no bordo por debaxo do mar: era tamanha a escuridam e relampados, que era meo dia e parecia de noite: á tarde se fez o vento sul. Andava o mar tam grosso e tam feo que nos entrava por todalas partes. No quarto da prima ao saír da lua abonançou mais o vento; ficou o mar tam grande que nos nam podiamos ter na nao. Da banda de bombordo me arrebataram os apparelhos, com o jogar da nao.

Domingo vinte e quatro dias do mes d'abril se fez o vento sueste; e nos fizemos á vela com o mar grande e mui cruzado: faziamos o caminho a lessudoeste; e de noite no quarto da modorra me acalmou o vento.

Segundafeira pela menhãa houvemos vista de terra,

a qual era mui alta a maravilha: fazia-me della des leguas.

Terçafeira ao meo dia nos deu o vento nordeste, e com elle corriamos a costa, a qual se corre nordeste sudoeste e toma da quarta de norte sul. De noite no quarto da prima mandei lançar o prumo ao mar; e tomei fundo com nove braças e mandei fazer fogos: e fiz-me no bordo do sueste; sempre sondando, quanto mais íamos ao mar, menos fundo achavamos.

Quartafeira vinte e sete do mes d'abril pela menhãa houve vista de terra hũa legua della, em fundo de oito braças. O vento era mui bonança, quanto as naos governavam. A costa se corre nornordeste susudeste escasso: a terra he toda ao longo do mar mui chãa sem arboredo: no sartam serras mui altas e fermosas; haverá dellas ao mar des leguas, e a lugares menos. Ao meo dia se fez o vento da terra brando: faziamos o caminho para o mar. Indo assi per fundo de oito braças, de supito demos em tres, e logo mais ávante em duas e mea: tornamos a fazer o caminho de sudoeste; e logo demos em fundo de quatro braças; e logo surgimos no dito fundo. E o capitam J. mandou lançar o seu esquife fóra; e mandou nelle o piloto que fosse sondar por o rumo do sul, e do sudoeste, e do sueste. E á noite veo o piloto mor no esquife, e disse que pelo rumo do sueste, que era baxo, que nam achara mais de tres braças; que índo ao sul achara oito braças.

Quintafeira vinte e oito dias do mes d'abril ao meo dia tomei o sol em vinte e dous graos e hum quarto, e á tarde se fez o vento nordeste, e nos fizemos á vela pelo rumo do sul; e logo demos em fundo de seis braças; e no quarto da prima nos acalmou o vento; e surgi em fundo de quatorze braças, duas leguas e mea de terra.

Sestafeira pela menhãa nos fizemos á vela com o

vento nordeste, indo sempre ao longo da costa tres leguas della, per fundo de cincoenta braças d'area limpa. O cabo do parcel, que jaz ao mar, se corre da banda do nordeste ao sueste, e da banda do sudoeste aloeste, e ás partes a loessudoeste. Quando fui fóra do parcel descobriam-se serras mui altas ao sudoeste. Ao meo dia tomei o sol em vinte e dous graos e tres quartos: ao sol posto fui com o cabo Frio: como foi noite amainamos as velas, e fomos com os traquetes toda a noite. O cabo Frio se corre com o Rio de Janeiro leste oeste: ha de caminho desasete leguas.

Sabado trinta dias d'abril, no quarto d'alva, eramos com a boca do Rio de Janeiro, e por nos acalmar o vento, surgimos a par de hũa ilha, que está na entrada do dito rio, em fundo de quinze braças d'area limpa. Ao meo dia se fez o vento do mar, e entramos dentro com as naos. Este rio he mui grande; tem dentro oito ilhas, e assi muitos abrigos: faz a entrada norte sul toma da quarta do noroeste sueste: tem ao sueste duas ilhas, e outras duas ao sul, e tres ao sudoeste; e entre ellas podem navegar carracas: he limpo, de fundo vinte e duas braças no mais baxo, sem restinga nenhũa e o fundo limpo. Na boca de fóra tem duas ilhas da banda de leste, e da banda d'aloeste tem quatro ilheos. A boca nam he mais que de hum tiro d'arcabuz; tem no meo hũa ilha de pedra rasa com o mar; pegado com ella ha fundo de desoito braças d'area limpa. Está em altura de vinte e tres graos e hum quarto.

Como fomos dentro, mandou o capitam J. fazer hũa casa forte, com cerca por derrador; e mandou saír a gente em terra, e pôr em ordem a ferraria para fazermos cousas, de que tinhamos necessidade. Daqui mandou o capitam J. quatro homens pela terra dentro: e foram e vieram em dous meses; e andaram pela terra

cento e quinze leguas; e as secenta e cinco dellas foram por montanhas mui grandes, e as cincoenta foram por hum campo mui grande; e foram até darem com um grande rei, senhor de todos aquelles campos, e lhes fez muita honra, e veo com elles até os entregar ao capitam J.; e lhe trouxe muito christal, e deu novas como no Rio de Peraguay havia muito ouro e prata. O capitam lhe fez muita honra, e lhe deu muitas dadivas, e o mandou tornar para as suas terras. A gente deste rio he como a da Bahia de todolos Santos; senam quanto he mais gentil gente. Toda a terra deste rio he de montanhas e serras mui altas. As melhores aguas ha neste rio que podem ser. Aqui estivemos tres meses tomando mantimentos, para hum anno, para quatrocentos homẽs que traziamos; e fizemos dous bargantins de quinze bancos.

Terçafeira primeiro dia d'agosto de mil e quinhentos e trinta e hum partimos deste Rio de Janeiro com vento nordeste. Faziamos o caminho a loeste a quarta do sudoeste.

Quartafeira se fez o vento sudoeste com muita força; tiramos as monetas, e trincamos no bordo de sulsueste até quintafeira pela menhãa, que se nos fez o vento sulsueste, e com elle viramos no bordo d'aloeste: e de noite no quarto da prima se me fez o vento nordeste; e com elle faziamos o caminho a loessudoeste.

Sestafeira quatro do dito mes me deu hũa trovoada do oestesudoeste, com tanta força de vento, que nos foi necessario arribar com hum bolso de traquete até

Sabado que se nos fez o vento sudoeste, e viramos no bordo da terra com os papafigos baxos, até de noite no quarto da prima, que nos tornamos a fazer no bordo do mar.

Domingo seis do dito mes tornei no bordo da terra com todalas velas: a cerraçam era tamanha que, des que partimos do Rio de Janeiro, nunca pudemos ver a terra nem o sol: quasi noite fomos tam perto de terra, que viamos arrebentar o mar, e nam na viamos.

Segundafeira pela menhãa se fez o vento nordeste: faziamos o caminho a loessudoeste, com cerraçam mui grande.

Terçafeira ao meo dia fizemos o caminho ao noroeste; porque pelo dito rumo nos faziamos com o Rio de Sam Vicente.

Quartafeira nove dias d'agosto no quarto d'alva faziamos o caminho ao noroeste e a quarta do norte; e ás nove horas do dia surgimos bem pegados com terra em fundo de oito braças d'area grossa. Estando surtos mandou o capitam J. hum bargantim a terra, e nelle hũa lingua para ver se achavam gente, e para saber onde eramos; porque a cerraçam era tamanha, que estavamos hum tiro d'abombarda de terra e nam na viamos. De noite veo o bargantim, e nos disse como nam pudera ver gente.

Quintafeira pela menhãa nos fizemos á vela. Com o vento nordeste, fizemos o caminho do sulsudoeste, por nos afastar da terra: e ao meo dia fomos dar com hũa ilha: quando a vimos eramos tám perto della, que quasi demos com os grupezes nas pedras. Era a cerraçam tamanha que fazia pouca diferença da noite ao dia: e surgimos da banda d'aloeste da ilha, em fundo de vinte e cinco braças d'area tesa: e mandei lançar o batel fóra para ír á ilha matar rabiforcados e alcatrazes, que eram tantos que cobriam na ilha. E fui á nao capitaina; e levei o capitam J. á ilha; e matamos tantos rabiforcados e alcatrazes, que carregamos o batel del-

les. Indo nós para as naos, nos deu por riba da ilha hum pé de vento tam quente, que nam parecia senam fogo; ventando nas bandeiras das naos o vento noroeste, que era contraste deste: disto ficamos todos mui espantados, que daquelle vento fomos todos com febre. Como puz o capitam J. na sua nao, tornei á ilha a por lhe fogo. No quarto da modorra nos deu hũa trovoada seca do essudoeste, com mui grande vento que nam havia homem, que lhe tivesse o rosto: a nao capitaina foi de todo perdida, que lhe quebrou o cabre; e ía dar sobe-la ilha, se o vento de supito nam saltara ao sul, que se fez á vela no rolo do mar. Como nos deu o vento mandei logo largar outra anchora, que me teve até pela menhãa com mui gram mar. A nao capitaina nam aparecia, e me fiz á vela; e fiz sinal ao galeam Sam Vicente e á caravela; e fomos todos surgir, da banda do norte da ilha, em fundo de desoito braças d'area limpa: e determinamos de estar ali até passar o temporal. A' tarde se fez o vento sueste, e vimos mea legua ao norte de nós a nao capitaina, que vinha no bordo do sudoeste; e nos fizemos á vela, e a fomos demandar.

Sabado doze dias do mes d'agosto, com o vento nordeste, faziamos o caminho do essudoeste; e ao meo dia vimos terra: seriamos della um tiro d'abombarda: até ver se por nos afastar della viramos no bordo do mar, até ver se alimpava a nevoa, para tornarmos a conhecer a terra. Indo assi no bordo do mar mandou o capitam J. arribar, para fazermos nossa viagem para o Rio de Santa Maria; e fazendo o caminho do sudoeste demos com hũa ilha. Quiz *a* nossa senhora e a bemaventurada santa Crara, cujo dia era, que alimpou a neboa, e reconhecemos ser a ilha da Cananea: e fomos surgir antre ella e a terra, em fundo de sete bra-

ças. Esta ilha tem em redondo hũa legua; faz no meo hũa sellada: está de terra firme hum quarto de legua; he desabrigada do vento sulsudoeste e do nordeste, que quando venta mete mui gram mar. Desta ilha ao norte duas leguas se faz um rio mui grande na terra firme: na barra do preamar tem tres braças, e dentro oito, nove braças. Por este rio arriba mandou o capitam J. hum bargantim; e a Pedre Annes Piloto, que era lingua da terra, que fosse haver fala dos Indios.

Quintafeira desasete dias do mes d'agosto veo Pedre Annes Piloto no bargantim, e com elle veo Francisco de Chaves e o bacharel, e cinco ou seis castelhanos. Este bacharel havia trinta annos que estava degradado nesta terra, e o Francisco de Chaves era mui grande lingua desta terra. Pela informaçam que della deu ao capitam J., mandou a Pero-Lobo com oitenta homẽs, que fossem doscobrir pela terra dentro; porque o dito Francisco de Chaves se obrigava que em des meses tornara ao dito porto, com quatrocentos escravos carregados de prata e ouro. Partiram desta ilha, ao primeiro dia de setembro de mil e quinhentos e trinta e hum, os quarenta besteiros e os quarenta espingardeiros. Aqui nesta ilha estivemos quarenta e quatro dias: nelles nunca vimos o sol; de dia e de noite nos choveo sempre com muitas trovoadas e relampados: nestes dias nos nam ventaram outros ventos, senam desd'o sudoeste até o sul. Deram-nos tam grandes tromentas destes ventos, e tam rijos, como eu em outra nenhũa parte os vi ventar. Aqui perdemos muitas anchoras, e nos quebraram muitos cabres.

Terçafeira vinte e seis do mes de setembro partimos desta ilha com o vento leste, fazendo caminho do sul, até quartafeira pela menhãa, que se fez o vento nordeste; faziamos o caminho do sulsudoeste, com mui-

ta agua e relampados; de noite se fez tanto vento que nos foi necessario tirarmos as monetas, e írmos toda a noite com pouca vela.

Quintafeira vinte e oito do mes de setembro com o dito vento faziamos o caminho do sulsudoeste: e de noite ventou tam forte com relampados e tanta agua, *que até* no quarto da modorra iamos dar em terra, e me saí della com assaz trabalho. Esta noite se apartaram os bargantins de nós.

Sestafeira pela menhãa houvemos vista de terra tres leguas de nós, que se corria nornordeste sulsudoeste. Como nos achegamos mais a terra reconhecemos ser ao sul do porto dos Patos quatro leguas, e tornamos de ló, ver se podiamos cobrar o dito porto: o vento era tanto *ao* nordeste, que virando no bordo do mar, me levou o traquete d'ávante.

Sabado trinta do dito mes no quarto d'alva tornamos no bordo da terra com todalas velas, e despois do meo dia houve vista de terra, que eramos seis leguas ao sul de donde partiramos. Virando no bordo do mar vieram os bargantins dar comnosco: e logo fizemos o nosso caminho com o vento e mar mui grande; e desd'a mea noite corremos, com hum pé de vento do norte, arbore seca.

Domingo primeiro dia de outubro pela menhãa, hum dos bargantins nam aparecia; ao outro dei hum calabrete por popa, porque nam podia com a vela.

Segundafeira com o vento e mar mui grande fazia o caminho do sul, com os papafigos mui baxos.

Terçafeira tres de outubro ao meo dia tomei o sol em trinta e hum graos e hum quarto: com o dito vento e mar fazia o caminho do sul.

Quartafeira ao meo dia tomei o sol em trinta e dous graos e hum terço: fazia-me de terra vinte le-

guas; do cabo da terra alta me fazia cincoenta: demorava-me ao norte e a quarta do nordeste.

Quintafeira no quarto d'alva me deu por d'avante o vento sudoeste, levando as velas cheas de vento nordeste, que foi a mór afronta que nesta viagem nós tinhamos visto; e com o vento sudoeste lançamos as naos ao pairo. De noite cresceo tanto o vento e o mar que me nam quiz a nao arribar.

Sestafeira até o meo dia sofremos o pairo com muito trabalho e arribei com a nao, e em arribando pela quadra me deu hum tam gram mar, e veo ter ao convez, e meteu-me dous quarteis para dentro: entrou tanta agua, que antre ambas as cubertas me nadou o batel; assi arribamos alagados: até o quarto da modorra com duas bombas acabamos d'esgotar a agua.

Sabado sete de outubro saltou o vento de supito ao nordeste e ventou mui forte; e andava o mar do sudoeste, e com o do nordeste cruzavam que nam havia homem, que se nas naos tivesse.

Domingo faziamos o caminho do sul com muito vento nordeste. E a meo dia tomei o sol em trinta e hum graos e meo. Fazia-me de terra vinte e tres leguas.

Segundafeira ao meo dia tomei o sol em trinta e tres graos e hum terço: fazia-me de terra desoito leguas. Esta noite se passou o vento ao sudoeste, e trincamos com os traquetes baxos no bordo do sulsueste.

Terçafeira no quarto d'alva com muito vento sudoeste lançamos as naos ao pairo; e ao meo dia se fez o vento bonança: vimos da gavia ao noroeste um fumo. Mandei lançar a sonda, e tomei fundo com secenta braças: e nos fizemos á vela no bordo do noroeste a demandar o fundo; e ao sol posto vi a terra da gavia, a qual era mui baxa sem conhecença algũa: e no quarto

da prima me fiz no bordo do sueste com o vento sulsudoeste.

Quartafeira onze dias do dito mes pela menhãa nos acalmou o vento tres leguas da terra, a qual se corre nordeste sudoeste e toma da quarta de nor e sul, em fundo de desaseis braças, matamos esta noite muitas pescadas.

Quintafeira ao meo dia tomei o sol em trinta e quatro graos, e com o vento norte ia correndo a costa ao sudoeste. Ao pôr do sol fomos surgir antre tres ilhas de pedras, donde matamos muitos lobos marinhos.

Sestafeira treze do dito mes pela menhâa se fez o vento sudoeste, que nos vinha por riba de hũa ponta, que nos demorava ao sulsudoeste e ventou com tanta força que a nao capitaina perdeo o cabre, e lhe quebrou a amarra. Toda esta noite estivemos com muita tromenta.

Sabado no quarto d'alva acalmou o vento, e fui á terra firme por nos fazerem muitos fumos. A terra he mui fermosa, muitos ribeiros d'agua, e muitas ervas e frores, como as de Portugal. Achamos duas onças mui grandes, e nos tornamos para as naos sem vermos gente. E ao meo dia se fez o vento nordeste, e com elle nos fizemos á vela. Estas ilhas, a que puz nome = das Onças =, tomei o sol nellas em trinta e quatro graos e meo; e em dobrando a ponta, que me demorava ao sulsudoeste, se corre a costa a loessudoeste até o cabo de Santa Maria, que está em altura de trinta e quatro graos e tres quartos: e no quarto da prima me acalmou o vento.

Domingo quinze d'outubro pela menhãa se fez o vento nordeste; e com elle fazia o caminho ao longo da costa, sondando sempre. Governando dous relogios a loessudoeste achava vinte braças: governando outros

dous relogios aloeste e a quarta do sudoeste dava em fundo de vinte e cinco braças; de maneira que achava mais fundo da banda da terra que do mar.

Ao sol posto fomos com o cabo de Santa Maria; e surgimos em fundo de oito braças da banda d'aloeste do dito cabo.

Segundafeira pela menhãa mandou o capitam J. ao piloto mór que fosse ver hũa ilha, que estava pegada com o dito cabo, se antre ella e a terra havia bom surgidouro: e ao meo dia tornou Vicente Lourenço, e disse que o porto que era bom; senam que com os ventos oessudoeste e sulsudoeste era desabrigado, e que do vento sulsueste tinha baxos ao mar: e á tarde fomos surgir antre a ilha e a terra em fundo de seis braças e mea de preamar. Aqui nesta ilha tomamos agua e lenha e fomos com os bateis fazer pescaria: e em hum dia matamos desoito mil pexes antre corvinas e pescadas e enxovas: pescavamos em fundo de oito braças: como lançavamos os anzolos na agua nam havia ahi vagar de recolher os pexes. Nesta ilha estivemos oito dias esperando por hum bargantim, que de nossa companhia se perdera: como nam veo mandou o capitam J. pôr hũa cruz na ilha e nella atada hũa carta emburilhada em cera e nella dizia ao capitam do bargantim o que fizesse vindo ali ter.

Domingo vinte e hum de outubro pela menhãa partimos desta ilha. Com o vento nordeste fazia o caminho ao longo da costa, que se corre aloeste: mea legua de terra ía sempre per fundo de nove, dez braças. Tres leguas da dita ilha se nos fez o vento noroeste; e á tarde nos deu hũa trovoada com muita agua, e sem nenhum vento; e surgimos em quinze braças de fundo de lama molle. E no quarto da prima nos deu hum pé de vento do sulsudoeste, e de supito saltou ao sul com

muita tempestade. A nao capitaina se fez á vela e nos fez sinal: por ser o vento e o mar mui grande me nam estrevi fazer á vela, nem cobrar hũa ponta, que me demorava a leste e a quarta do sueste; e mandei fazer hum aúste de cento e vinte braças, e com elle caçava como se nam levara anchora pelo fundo ser de lama mui molle. A tromenta era tamanha de vento e mar que cada vez metia a nao todolos castellos. Mandei fazer outro aúste; e com anchora de forma, e a lançamos ao mar: estando com esta fortuna mandei cortar os castellos todos, e fazer tudo razo, e mandei cortar o cabo ao batel, que tinhamos por popa. Assi estivemos com esta tromenta de mar, que cada vez nos vinha quebrar no convez.

Segundafeira vinte e dois d'outubro e no quarto d'alva me quebrou o aúste da anchora, de forma que tornei outra vez a caçar, como dantes. Como amanheceo me achei de terra hũa legua e tinha caçado tres; e o galeam Sam Vicente estava a terra de mim: pela sua popa arrebentavam huns baxos, que cada vez parecia o mar mais alto que a gavia. Por caçar tanto determinei de me fazer á vela, e contra rezam de marinheiraria levamos a amarra com muito trabalho e me fiz á vela no bordo d'aloeste; e como vi que nam cobrava os baxos, que arrebentavam ao mar, virei no bordo de leste, para irmos varar em hũa praia, que nos demorava nordeste, quarta de leste, por ali nos parecer que ao mar nam havia baxos. Indo assi punhamo-la proa na ponta, que me demorava a lessueste. Por me parecer que a podia cobrar mandei dar o traquete da gavia, metendo a nao até o meo do convez, por debaxo do mar: em dando o traquete me quebrou em dous pedaços: ia ja tam perto da ponta que a huns parecia que a podiamos cobrar, e outros bradavam que arribas-

semos: era tam grande revolta na nao que nos nam entendiamos: mandei meter toda a gente debaxo da coberta; e mandei ao piloto tomar o leme, e eu me fui á proa, e determinei de fazer experiencia da fortuna, e me pôr a ver se podia dobrar a ponta; porque se a nam dobrava nam havia onde varar, senam em rocha viva, onde nam havia salvaçam: assi fomos, e prouve a nossa senhora e ao seu bento filho, que a dobramos; e fui tam perto della que o mar, que arrebentava na costa, nos tornava com a ressaca a dar na nao, e nos lançou fóra. Como dobrei a ponta arribamos a nordeste e a quarta de leste; e á tarde fui surgir na ilha do cabo. Entrou-nos tanta agua ao dobrar da ponta, que quando a esta ilha achegamos, traziamos seis palmos d'agua debaxo da coberta. Como aqui estive surto, se fez o vento sudoeste. No quarto da prima veo o galeam Sam Vicente dar comigo, e logo lhe perguntei se trazia batel: e me disse que o perdera, e que nam trazia mais que hũa anchora; e que perdera tres; e passara per riba do arrecife, que estava á terra donde estavamos surtos; e ali se sustivera com o temporal até á noite, que ventou o vento sudoeste. E me disse o piloto como vira a nao capitaina sem mastos muito perto de terra, que da gavia nam pudera divisar se estava em seco, se sobre anchora.

Terçafeira vinte e tres de outubro no quarto d'alva veo a caravela dar comigo sem cabres, nem anchoras, e com o batel perdido: e disse-me o piloto que passaram na fortuna, detras de hũa ponta, donde fôra ter milagrosamente; e que a nao capitaina, des que o dia dantes se fizera á vela, a nam viram mais. Nam podia determinar o que fizesse: para me fazer á vela nam tinha cabres, nem batel, nem anchora. Determinei de mandar por terra trinta homẽs; e para isto man-

dei dous a nado com um cabo, e que o dessem á caravela, que se virasse por minha popa.

Quartafeira vinte e quatro dias de outubro, por ser ruim o mar, nam pôde a caravela chegar á nao. Este dia puz em obra fazer hum batel de aduelas dentro na nao.

Quintafeira vinte e cinco do dito mes pela menhãa meti na caravela trinta homẽs, — os que melhor sabiam nadar; e as armas metidas em hũa pipa funda, por se nam molharem; e dous barris de mantimento para oito dias: e mandei á caravela que se fosse á terra, e que surgisse quanto nam desse em seco: e que dali se fossem a terra nas jangadas, que levavam dos quarteis da nao franceza. E ao meo dia todos foram em terra com assaz trabalho; e da mesma terra acudiram muita gente, e punham-se de longe, sem quererem chegar; até que dous homẽs dos nossos foram a elles; e logo chegaram e abraçaram a todos com grandes choros e cantigas mui tristes, e como se despediram delles, fizeram seu caminho pela praia. Tendo andado mea legua, me fizeram hum fumo, e vi hũa soma, que me parecia ser o batel dos que perdido tinhamos.

Sestafeira vinte e seis de outubro fiz hũa jangada, em que lancei o ferro e a forja na ilha, para fazerem pregos para o batel d'aduelas, que dentro na nao fazia. E desd'o meo dia me ventou muito vento sudoeste. E eram tantos os fumos pela terra dentro, que impedia a vista do sol.

Sabado vinte e sete do dito mes mandei o mestre com cinco homẽs, em hum quartel da nao, para que fossem a terra: ver se era batel onde a gente nos fizera o fumo; e á tarde tornou com o batel da caravela, que vinha mui destroçado; e me disse que na terra havia muita agua e boa: e logo mandei á ilha concertar o batel.

Domingo vinte e oito dias do dito mes, como o batel da caravela foi concertado, mandei passar o outro, que tinha começado á ilha. Este dia veo muita gente da terra á praia: mandei la o batel, e deram-lhe muito pescado e taçalhos de veado.

Sestafeira dous dias de novembro veo a gente, que tinha mandado em busca de Martim Afonso, e me disseram como a nao capitaina dera á costa, por falta d'amarras; e que Martim Afonso, com toda a gente, se salvaram todos a nado; somente morreram sete pessoas; seis afogados e hum, que morreo de pasmo: e que o bargantim dera tambem á costa; e porem que lhe nam fizera nojo: e o batel do galeam e da capitaina tinham sãos; e que na praia acharam hum bargantim de tavoado de cedro mui bem feito, o qual Martim Afonso tinha para levar em companhia do batel grande e do outro bargantim para entrar pelo *rio* dentro; e que MartimAfonso me mandava dizer que com a gente, que as naos pudessem escusar, me fosse onde elle estava com a caravela.

Segundafeira cinco dias do dito mes parti na caravela, com vento lesnordeste: e hũa hora de sol, fui surgir onde a *nao* capitaina estava á costa; e como fui surto se fez o vento sueste. Mandei o batel a terra fazer saber a Martim Afonso como eramos ali vindos. Carregou tanto o vento, que antes que o batel viesse, me fiz á vela no bordo do sulsudoeste; e ao sol posto fomos dar em hum baxo, donde estivemos perdidos. Assi fomos com mui gram mar e vento trincando até á mea noite, que se fez o vento calma.

Terçafeira seis dias do dito mes pela menhãa se fez o vento sudoeste, e com elle me fiz á vela no bordo de lessueste; e a tarde fui surgir defronte da *nao*: donde o capitam J., aos bateis, mandou por mim e pela gente,

e mandou á caravela que se fosse a hũa ilha, que estava d'ahi quatro leguas aloeste, e ahi esperassem até ver seu recado. Aqui estivemos com muito trabalho tirando a artelheria e ferro da nao. Estando aqui tomou o capitam J. conselho com os pilotos e mestres, e com todos os que eram para isso; e todos acordaram e assentaram, que elle nam devia de ir pelo Rio de santa Maria arriba, per muitas rezões: e que a hũa era nam terem mantimentos, que todos se haviam perdido, quando a nao se perdeo: e a outra que as duas naos, que ficaram estavam tam gastadas, que se nam poderiam soster tres mezes: e a terceira era parecer o rio inavegavel pelos grandes temporaes que cada dia faziam, sendo a força do verão: e por estas rezões e outras muitas, que deram, fizeram que o capitam J. desestisse da ida; e me mandou em hum bargantim com trinta homẽs a pôr huns padrões, e tomar posse do dito rio por elRei nosso senhor; e que dentro em vinte dias trabalhasse por tornar; porque o porto, onde as naos estavam, era mui desabrigado.

Sabado vinte e tres dias do mes de novembro de mil e quinhentos e trinta e hum estando o sol em onze graos e trinta e cinco meudos de sagitario, e a lua em vinte e sete graos de tauro, parti do Rio dos Begoais, que jaz aloeste do cabo de santa Maria onze leguas, e levava hum bargantim com trinta homẽs; tudo bem em ordem de guerra: e fiz meu caminho ao longo da costa, que se corre aloeste. Duas leguas do dito rio, donde parti, ha hũa ilha pequena toda de pedras, e della a terra firme ha hũa legua: derrador da ilha tem bom surgidouro, de fundo de cinco braças de vasa molle. Indo assi pegado com a costa, a qual he toda limpa, per fundo de cinco, seis braças, ao meo dia houve vista de hũa ilha ao mar, que me demorava ao

sulsudoeste; e della a terra ha tres leguas: da banda de leste tem hũa restinga de area comprida, que lança ao nordeste. Passando ávante da ilha descobri hum alto monte, ao qual puz nome = monte de Sam Pedro = e demorava-me aloeste e a quarta do noroeste. Este dia fui dormir ao pé do dito monte de Sam Pedro. Desde a dita ilha atraz até este monte, a costa he toda suja de pedra, e ruins baxos: a terra he toda rasa até este monte muito fermosa. Ao pé deste monte ha dous portos; hum da banda d'aloeste, e outro da banda de leste: nam sam senam para navios pequenos.

Domingo vinte e quatro do dito mes, ante menhãa, me fiz á vela com o vento nornordeste. Deste monte de Sam Pedro se começa a costa a loesnoroeste, indo assi no golfo de hũa enseada, que se faz grande como o dito monte de Sam Pedro, demora a leste e a quarta de sueste, fui dar em fundo de duas braças e mea, hũa legua de terra: e me acalmou o vento, que levava: e me deu trovoada do sul, com muito vento; e fiz-me no bordo do monte de Sam Pedro, para me meter no porto donde estivera de noite. O vento rodou logo ao sueste; e tornei-me a fazer na volta d'aloeste, para fazer meu caminho. Aqui comecei a achar agua doce, e muito pescado morto. Da ponta desta enseada da banda d'aloeste lança hũa restinga ao mar hũa legua: o mais baxo della he braça e mea, e o mais alto quatro braças. Como passei a dita restinga me acalmou o vento; e afuzialava muito a sudoeste e ao noroeste, que nesta costa sam sinaes certos de grandes temporaes: e com este recco me acheguei a terra, para ver se achava porto onde me metesse. Bem pegado com terra me tornou a ventar o vento nordeste, e fui ao longo da costa, a qual se corre a loesnoroeste, per fundo de quatro, cinco braças d'area limpa. Indo sempre hum tiro

de bésta de terra tornou-me a acalmar o vento bem tarde, e os sinaes do temporal cresciam; determinei de varar o bargantim em terra até passar a noite; e mandei varar em hũa area, e tirar o fato todo em terra; e fazer hum repairo de terra; e puzemos a artelheria em ordem. E eu fui com des homẽs pela terra ver se achava rasto de gente: nam achei nada; senam rasto de muitas alimarias, e muitas perdizes e codornizes, e outra muita caça. A terra he mais fermosa e aprasivel que eu já mais cuidei de ver: nam havia homem que se fartasse d'olhar os campos e a fermosura delles. Aqui achei hum rio grande; ao longo delle tudo arboredo o mais fermoso que nunca vi: e antes que chegasse ao mar hum tiro de bésta se sumia. E tomamos muita caça e tornamos nos ao bargantim. Ao pôr do sol veo hũa troveada do noroeste, com tanta força de vento e pedra, que nam havia homem, que se tivesse em pé: e de supito saltou ao sudoeste com muita chuva, relampados, e sempre cuidei de perder o bargantim, segundo o mar era grande. Toda esta noite corremos tanta fortuna, quanta homẽs nunca passaram. A agua que choveo me molhou o mantimento todo, que mais nam prestou.

Segundafeira vinte e cinco do dito mes pela menhãa alimpou o tempo e veo sol, com que nos enxugamos. Daqui me quizera tornar, por nam termos mantimento; despois pareceo-me que nos podiamos manter com o mantimento, que na terra havia; e com o pescado o mais fermoso e saboroso, que nunca vi. A agua ja aqui era toda doce; mas o mar era tam grande que me nam podia parecer que era rio: na terra havia muitos veados e caça, que tomavamos, e ovos de emas, e emas pequeninas, que eram muito saborosas; na terra ha muito mel, e muito bom: e achavamos tanto que o nam queriamos: e ha cardos, que he mui bom mantimento, e que a gen-

te folgava de comer. E com nos parecer a todos, que nos podiamos soster, determinei de ir ávante, e o vento era sueste, e o tempo estava bom, e de noite havia lua. Parti bem tarde; — duas horas de sol, com tençam de andar a noite toda; indo ao longo da costa, por fundo de seis braças d'area limpa. Sendo duas leguas dond'e partira, saíram da terra a mim quatro almadias, com muita gente: como as vi puz-me á corda com o bargantim para esperar por ellas: remavam-se tanto, que parecia que voavam. Foram logo comigo todos; traziam arcos e frechas e azagaias de pao tostado, e elles com muitos penachos todos pintados de mil cores; e chegaram logo sem mostrarem que haviam medo; senam com muito prazer abraçando-nos a todos: a fala sua não entendiamos; nem era como a do Brasil; falavam do papo como mouros: as suas almadias eram de des, doze braças de comprido e mea braça de largo: o pao dellas era cedro, mui bem lavradas: remavam-nas com hũas pás mui compridas; no cabo das pás penachos e borlas de penas; e remavam cada almadia quarenta homẽs todos em pé: e por se vir a noite nam fui ás suas tendas, que pareciam em hũa praia defronte donde estava; e pareciam outras muitas almadias varadas em terra: e elles acenavam que fosse lá, que me dariam muita caça; e quando viram que nam queria ir, mandaram hũa almadia por pescado: e foi e veo em tamanha brevidade, que todos ficamos espantados: e deram nos muito pescado: e eu mandei lhes dar muitos cascaveis e cristallinas e contas: ficaram tão contentes e mostravam tamanho prazer, que parecia que queriam saír fóra do seu siso: e assi me despedi delles. Quasi noite fez se me o vento nornordeste por riba da terra: e com elle fazia o caminho ao longo da costa, por fundo de cinco, seis braças: como passou mea noite comecei a achar baxos

de pedras, e alarguei me mais da terra, e tirei a moneta, e fui com pouca vela, com a sonda na mão.

Terçafeira vinte e seis de novembro pela menhãa me achei pegado com hũa ponta, e fui para dobrar; e a costa voltava ao noroeste oeste e tomava do norte; e ventava tanto vento noroeste, que nos houvera de soçobrar. Mandei amainar a vela; e fui surgir na ponta da banda de leste, que abrigava do vento: e saí a terra a ver se podiamos tomar algũa caça. E de hũas grandes arbores, em que me fui pôr, para divisar a outra costa da banda do noroeste da ponta, houve vista de muitas ilhas, todas cheas d'arboredo, hũa legua da terra; e parecia cá que havia abrigo antre ellas. E assi me tornei para o bargantim com muita caça e mel. E á tarde acalmou o vento; e mandei meter os remos; e fui-me ás ilhas: corri-as todas; nunca achei porto nem abrigo, em que me meter: na mais pequena achei repairo; mas do vento sueste era desabrigada. Aqui estive toda a noite fazendo pescaria.

Quartafeira vinte e sete de novembro mandei concertar a padesada do bargantim, e pôr a artelharia em ordem, e írmos concertados para pelejar; porque na terra viamos muitos fumos, que he sinal de ajuntamento de gente. E ao meo dia parti destas ilhas, as quaes são sete, todas cheas de arboredo: as tres dellas sam grandes, e as quatro pequenas. Com o vento lesnordeste fazia o caminho ao longo da costa, a qual se corre ao noroeste e toma da quarta do norte. Duas leguas das sete ilhas ha hum rio, que traz muita agua: fui para entrar nelle; e a entrada era roim de muitos baxos; e passei por longo da costa, per fundo de sete, oito braças; e a terra he toda chãa: quanto mais ávante ía tanto melhor me parecia: e á pustura do sol fui surgir a hũa ilha grande, redonda, toda chea d'arboredo, á qual puz

o nome de = Santa Anna. = Aqui estive toda a noite; onde matei muito pescado de muitas maneiras: nenhum era de maneira como o de Portugal: tomavamos pexes d'altura de hum homem, amarelos e outros pretos com pintas vermelhas, — os mais saborosos do mundo.

Quintafeira vinte e oito de novembro saí em terra: nesta ilha achei muitas aves as mais fermosas, que nunca vi. Aqui vi falcões como os de Portugal. O vento saltou ao sul: puz-me da banda do norte da ilha: estive surto com muita tempestade, que se me desabrigára, achára de todo nos perderamos.

Sestafeira vinte e nove de novembro pela menhãa abonançou o tempo, e fui á ilha: mandei pôr fogo em tres partes della; para ver se nos acudia gente: e nam vimos senam fumos, que me demoravam ao essudoeste: e nam viamos terra: mandei subir dous homẽs sobre hũas arbores grandes, que estavam na ilha, para ver se viam terra onde nos faziam os fumos, e viram arboredo, cousa que parecia terra alagadiça.

Sabado trinta de novembro á tarde me fiz á vela com o vento lesnordeste, e fui a hũas ilhas, que me demoravam ao nornoroeste. Desta ilha de Santa Anna ás sete ilhas ha quatro leguas; e corre-se com ellas leste-oeste, e á terra ha duas leguas: a estas duas ilhas, a que puz nome de = Sant' André = por ser hoje o seu dia, ha duas leguas da dita ilha de Santa Anna; e estam da terra mea legua: e achei nellas hum bom repairo, onde estive a noite toda.

Domingo primeiro de dezembro me fiz á vela pela menhãa, com o vento nordeste: e mandei governar a loessudoeste: fazia mui gram nevoa, que nam viamos nada, e fui assi até o meo dia pelo dito rumo; e indo por cinco braças de fundo fui de supito dar em duas

braças; e mais ávante dei em seco: e mandei saltar a gente á agua; e saímos de seco; e tornei-me por onde viera. Como alimpou a nevoa, me achei hũa legua de hũa terra mui baxa, chea d'arboredo e muitos baxos; e vi estar hũa boca grande, que me demorava ao noroeste; e fui a demandar por fundo de duas braças, e ás vezes dando em seco, até que dei em hum canal de sete braças, que ía dar na dita boca: e entrei para dentro: e achei hum rio de mea legua de largo, e de hũa banda e d'outra tudo cheo de arboredo. A agua corria mui tesa para baxo: havia de fundo des, doze braças de lama molle. O rio faz a entrada leste-oeste: da banda do sul na boca delle ha hum esteiro pequeno de seis braças de largo; e índo mais por o rio arriba, da banda do sul achei outro braço de outra mea legua de largo, que ía ao sudoeste, e mais acima achei outro braço, que vinha do noroeste: trazia muita agua, e era quasi hũa legua de largo. Entam vi que tudo eram braços e ilhas, antre que andavamos. As ilhas todas sam cheas d'arboredo; dellas sam alagadiças.

Segundafeira dous dias de dezembro, como foi menhãa, mandei remar pelo rio arriba: eram tantas as bocas dos rios, que nam sabia por onde ía; senam ía pela agua arriba; e fez-se-me noite a par de duas ilhas pequenas onde surgi. Estive a noite toda com muito vento noroeste.

Terçafeira tres de dezembro corria a agua aqui tanto, que nam podia ír ávante aos remos. A' tarde nos ventou muito vento sudoeste: com elle fomos pelo rio arriba: achava hum braço, que ía ao norte; outro, que ía ao loeste; e nam sabia por onde fosse. Ja aqui começava a achar as ilhas, com muitos arboredos e frechos e outras mui fermosas arbores; muitas ervas e flores como as de Portugal, e outras diferentes; muitas aves e

garças e abatardas, e eram tantas as aves, que com páos as matavamos. Ja aqui as ilhas nam sam alagadiças: a terra dellas muito fermosa.

Quartafeira quatro de dezembro índo á vela pelo rio arriba, por hum braço, que se corria ao noroeste, dei n'outro, que se corria ao nordeste, mui largo; e na boca tinha duas ilhas pequenas, todas cheas d'arboredo. Aqui achei muitos corvos marinhos, e matei delles á bésta: e fui pelo dito braço: adiante mea legua me anoiteceu; e surgi a par de hũas arbores, onde estive a noite.

Quintafeira cinco de dezembro, índo pelo dito braço arriba, achei muitos sinaes de gente. Faziam muitos fumos pelas ilhas: a terra da banda do sueste me parecia, onde era firme, a mais fermosa, que os homẽs viram: toda chea de froles, e o feno d'altura de hum homem.

Sestafeira seis de dezembro fui dar n'hum estreito da banda do noroeste do rio, donde estive a noite toda; e de noite nos deu hũa trovoada do sudoeste com gram força de vento; e encheu o rio muito com este vento, que retinha a agua.

Sabado sete de dezembro nos ventou o vento a sudoeste com muita força. Fomos com pouca vela pelo dito braço arriba, que ao nordeste íam hũs fumos, que faziam longe pelo rio arriba. E tendo andado tres leguas me anoiteceu donde os faziam: e saí em terra; e nam achei rasto de gente; senam de muitas alimarias. De noite nos deu rebate hũa onça: cuidando que era gente, saí em terra, com toda a gente armada.

Domingo oito de dezembro me tornei por onde viera, para ír pelos outros braços arriba, ver se achava gente; e vim pelo rio abaxo dormir ás duas ilhas dos corvos.

Segundafeira nove de dezembro fui pelo braço arriba, que ía ao noroeste, o qual era mui grande: tinha de largo hũa legua e mea; trazia muita agua e grande corrente. Este dia nam andei mais que duas leguas; e surgi antre duas bocas, hũa que ía ao essudoeste, e outra ao noroeste.

Terçafeira des de dezembro fui pelo braço *arriba* que ía ao noroeste: e tendo andado quatro leguas por elle arriba, fui dar d'hum rio de tres leguas de largo, e ía a loeste; e fui dormir da banda do sul debaxo de hũs frechos. E de noite matámos quatro veados, os maiores que nunca vi.

Quartafeira onze de dezembro fui pelo rio arriba com bom vento; e vi hum braço pequeno; e meti-me por êlle, o qual ía ao noroeste: neste rio ha hũas alimarías como raposas, que sempre andam n'agua, e matavamos muitas: tem sabor como cabritos. Indo pelo braço arriba, vi que se fazia mui estreito: e tornei-me ao braço grande; e indo no meo delle descobri outro braço, que ía a loessudoeste; e fui por elle hũa legua, e dei n'outro rio mui grande, que ía a noroeste. E a terra da banda do sudoeste era alta, e parecia ser firme; e da mesma banda do sudoeste, achei hum esteiro, que na boca havia duas braças de largo e hũa de fundo; e segundo a informaçam dos indios era esta terra dos Carandins. Mandei fazer muitos fumos, para ver se me acudia gente, e no sartam me responderam com fumos mui longe.

Quintafeira doze de dezembro á boca deste esteiro dos Carandins puz dous padrões das armas d'elrei nosso senhor, e tomei posse da terra para me tornar daqui; porque vía que nam podia tomar pratica da gente da terra; e havia muito que era partido donde Martim Afonso estava: e fiquei de ír e vir em vinte dias: e

deste esteiro ao rio dos Beguoais, donde parti, me fazia cento e cinco leguas. Aqui tomei altura do sol em trinta e tres graos e tres quartos.

Esta terra dos Carandins he alta ao longo do rio; e no sartam he toda chãa, coberta de feno, que cobre hum homem: ha muita caça nella de veados e emas, e perdizes e codornizes; he a mais fermosa terra e mais aprazivel, que pode ser. Eu trazia comigo alemães e italianos, e homẽs que foram á India e francezes, — todos eram espantados da fermosura desta terra; e andavamos todos pasmados que nos nam lembrava tornar. Aqui neste esteiro tomámos muito pescado de muitas maneiras: morre tanto neste rio e tam bom, que só com o pescado, sem outra cousa, se podiam manter; ainda que hum homem coma des livras de pexe, em nas acabando de comer, parece que nam comeu nada; e tornára a comer outras tantas. O ar deste rio he tam bom que nenhũa carne, nem pescado apodrece; e era na força do verão que matavamos veados, e traziamos a carne des, doze dias sem sal, e nam fedia. A agua do rio he mui saborosa; pela menhãa he quente, e ao meo dia he muito fria; quanta o homem mais bebe, quanto melhor se acha. Nam se podem dizer nem escrever as cousas deste rio, e as bondades delle e da terra.

Sestafeira treze de dezembro parti deste esteiro dos Carandins para me tornar por donde viera. Com o vento noroeste fazia o meu caminho á popa, que ía tam teso, que cada hora tres, quatro leguas. Sendo a par das ilhas dos corvos, d'antre hum arboredo ouvimos grandes brados, e fomos demandar onde bradavam: e saío a nós hum homem, á borda do rio, coberto com pelles, com arco e frechas na mão; e falou-nos duas ou tres palavras guaranís, e entenderam-as os linguas, que levava; tornaram-lhe a falar na mesma lingua, nam en-

tendeu; se nam disse-nos que era **BEGUOAA CHANAÁ**; e que se chamava **YNHANDÚ**. E chegámos com o bargantim a terra, e logo vieram mais tres homẽs e hũa molher, todos cobertos com pelles: a molher era mui fermosa; trazia os cabellos compridos e castanhos: tinha hũs feretes que lhe tomavam as olheiras: elles traziam na cabeça hũs barretes das pelles das cabeças das onças, com os dentes e com tudo. Por acenos lhe entendemos que estava hum homem com outra geraçam, que chamavam **CHANÁS**, e que sabia falar muitas linguas; e que o queria ír a chamar, e estava la diante pelo rio arriba; e que elles íriam e viriam em seis dias. Entam lhes dei muitas cristalinas e contas e cascaveis, de que foram mui contentes, e a cada hum delles seu barrete vermelho; e á molher hũa camisa: e como lhes isto dei, foram a hũs juncais, e tiraram duas almadias pequenas, e trouxeram-me ao bargantim pescado e taçalhos de veado, e hũa prosperna d'ovelha; mas nam ousavam de entrar dentro no bargantim, nem seguravam comnosco. E assi se foram, dizendo que haviam de vir dahi a cinco dias, e os esperassem nas ditas ilhas dos corvos. Aqui estive seis dias esperando, nos quaes tomei muita caça e muito pescado, e muitos veados, tamanhos como bois, os quaes faziamos em taçalhos, para levar ás naos. Como vi que nam vinham, ao cabo dos seis dias me parti.

Quartafeira desoito dias de dezembro com o vento noroeste mui forçoso; e vim jantar á boca do rio, por onde entrára: e ali tirei muita artelharia a ver se me acudia gente. Assi estive até duas horas depois de meo dia, que parti com o mesmo vento noroeste, e passei pelas ilhas de Sant'André e pela ilha de Santa Anna: e fui em se pondo o sol ás sete ilhas, no porto onde estivera, quando por ali passára, onde deixára enterrado barris e outras cousas, que nos nam eram

necessarias. Neste dia me fazia que andára trinta e cinco leguas. Aqui estive esta noite surto fóra das ilhas em fundo de oito braças, d'area limpa: e de noite me ventou muito vento norte.

Quintafeira desanove de dezembro pela menhãa me fiz á vela, e como descobri o cabo de Sam Martinho, que torna a costa lessueste, me deu muito vento lesnordeste; e a remos me acheguei á terra; e me meti em hũa enseada, que abrigava do vento, a qual está da banda de leste do cabo de Sam Martinho.

Sestafeira vinte de dezembro se fez o vento norte, e com elle fiz o meu caminho ao longo da costa, que se corre a lessueste. Corri todo o dia com mui bom vento. Desd'o cabo de Sam Martinho se fazem tres pontas; afastada hũa legua hũa da outra; todas com arboredo, e lançam ao mar restingas de pedras; e antre ellas ha arrecifes mui perigosos. A' cerrada da noite me acalmou o vento á boca de hum rio, que á entrada era mui baxo. Aqui estive surto até á mea noite, que me deu hũa trovoada do sulsudoeste; e com o vento encheu a agua; e me meti na boca do rio: e como ía enchendo assi me ía metendo para dentro.

Sabado vinte e hum de dezembro como foi menhãa acalmou o vento; e saí do rio, a que puz o nome = de Sam João. = Saltou o vento ao esnoroeste, e dei á vela: e duas leguas do dito rio de Sam João achei a gente, que á ída topára nas tendas; e saíram-me seis almadias, e todos sem armas, senam vinham com muito prazer abraçar-nos: e o vento era muito; e fazia gram mar; e elles acenavam-me que entrasse para hum rio, que junto das suas tendas estava. Mandei la hum marinheiro a nado, para ver se tinha boa entrada: e veo e disse-me que era muito estreito, e que nam podiamos

estar seguros da gente, que era muita: — que lhe parecia que eram seis centos homẽs; e que aquillo, que pareciam tendas que eram quatro esteiras, que faziam hũa casa em quadra, e em riba eram descobertas; e fato lhe nam vira; senam reides da feição das nossas. Como vi isto me despedi delles; e lhes dei muita mercadería; e elles a nós muito pescado. E vinham apoz de nós, hũs a nado e outros em almadias, que nadam mais que golfinhos; e da mesma maneira nós com vento á popa muito fresco: — nadavam tanto quanto nós andavamos. Estes homẽs sam todos grandes e nervudos; e parece que tem muita força. As molheres parem todas mui bem. Cortam tambem os dedos como os do cabo de Santa Maria; mas nam sam tam tristes. Como me parti delles, mandei encher as vasilhas de agua doce; porque nos achegavamos á enseada onde se ajunta a agua doce com a salgada. Indo assi houve vista do monte de Sam Pedro; e anoiteceu-me hũa legua delle; e acalmou-me o vento. Aqui nam ha onde surgir, que o fundo he todo de pedra. Iamos remando ao longo da costa, e deu-nos hũa trovoada do sul com muito vento e relampados; e cuidei de sermos todos perdidos; e íamos dar de todo á costa; mandei lançar a fatexa, bem pegados com a rocha, em fundo de quatro braças de pedra. Estando assi com esta fortuna, se lançaram dous marinheiros a nado, e se foram a terra, ver se havia algum lugar bom, em que dessemos em seco. E de terra bem bradaram que acharam hum esteiro, onde o bargantim podia entrar. Mandei levar a amarra, que quasi estava quebrada das pedras, e metemos os remos; e pondo muita força cada hum para se salvar. Remando mais ávante hum tiro de bésta vi a boca do esteiro; e me meti nelle; e á entrada tem muitas pedras, onde me houvera de perder. Como fui dentro carregou

tanto o tempo, que se me achára fóra todos nos perderamos.

Domingo vinte e dous de dezembro passou-se o vento ao sueste, e acalmou: e vasou a agua e ficámos em seco no esteiro: e o fundo delle era de pedras mui agudas. Nesta costa desd'o sueste até o noroeste, como estes ventos ventam desta parte, enche a agua muito; ainda que vase a maré podem mais os ventos; e desde lessueste até o nornoroeste, como ventam, vasa logo a agua, ainda que a maré encha obedecem os ventos: assi que nesta costa nam ha marés; senam quando ahi nam ha ventos. Desd'o cabo de Santa Maria até o monte de Sam Pedro se corre a costa leste-oeste: haverá de caminho vinte e quatro leguas: e desd'o monte de Sam Pedro até o cabo de Sam Martinho se corre a costa a loeste e a quarta do noroeste: ha de caminho vinte e cinco leguas: e desd'o cabo de Sam Martinho até ás ilhas de Sant' André se corre a costa ao noroeste e toma do norte: ha de caminho sete leguas. Tudo mais ávante sam ilhas, que nam tem conto; nem se póde escrever o numero dellas, nem a maneira de que jazem.

Segundafeira vinte e tres de dezembro saí fóra do esteiro: por ventar muito vento sueste, me meti n'hum porto da banda d'aloeste do monte de Sam Pedro este monte tem hum porto da banda de leste e outro da banda d'aloeste: aqui entrei pela terra; matei muitas emas e veados; e fui com a gente toda ao mais alto do monte de Sam Pedro, donde viamos campos, a estender d'olhos, tam chãos como a palma; e muitos rios: e ao longo delles arboredo. Nam se póde escrever a fermosura desta terra: os veados e gazellas sam tantos, e emas, e outras alimarias, tamanhas como potros novos e do parecer delles, que he o campo todo cober-

to desta caça — que nunca vi em Portugal tantas ovelhas, nem cabras, como ha nesta terra de veados. A' tarde me tornei para o bargantim.

Terçafeira vinte e quatro de dezembro, dia de natal, parti deste porto com o vento norte mui rijo: e em querendo dobrar hũa ponta dei em hum baxo de pedra, que nos lançou o leme hũa lança d'alto: quiz Deus que nos nam quebrou. Indo assi ao longo da costa, no meo de hũa enseada, carregou tanto vento da terra, que nam podiamos levar vela, e aforçava por nam esgarrar. Entrou-nos tanta agua que nos arresou o bargantim. Mandei lançar anchora: como poz a proa ao mar deu-nos algum lugar a lançar a agua fóra, que estava até á coberta todo arresado. Como fui esgotado tornei a dar á vela, e cheguei-me bem á terra; e defronte da ilha da restinga, indo ao longo da terra, demos n'hum pexe com o bargantim, que parecia que dava em seco, e virou o rabo, e quebrou a metade da postiça: foi tam gram pancada, que ficámos todos como pasmados: nam lhe vimos mais que o rabo; mas á soma, que despois fez na agua, parecia mui gram pexe. Duas horas de sol me acalmou o vento, hũa legua da ilha das pedras; e meti os remos, e fui surgir antre ella e a terra, com tençam d'estar ali a noite. Sendo hũa hora de noite me deu hũa trovoada do nornordeste, que vinha por riba da terra com tanto vento, quanto eu nunca tinha visto, que nam havia homem que falasse, nem que pudesse abrir a boca. Em hum momento nos lançou sobre a ilha das pedras; e logo se foi o bargantim ao fundo antre duas pedras, donde foi dar. Saímos todos em riba das pedras, tam agudas que os pés eram todos cheos de cutiladas. Desta ilha á terra havia hũa legua. Ajuntamo-nos todos em hũa pedra; porque o vento saltou ao mar; e crescia muito a agua, que a ilha

era quasi toda coberta; senam hum penedo em que todos estavamos, confessando hũs aos outros, por nos parecer que era este o derradeiro trabalho. Assi passámos toda esta noite em se todos encomendarem a Deus: era tamanho o frio, que os mais dos homẽs estavam todo entanguidos, e meos mortos. Assi passámos esta noite com tamanha fortuna, quanta homẽs nunca passaram.

Quartafeira vinte e cinco de dezembro pela menhãa, saltou o vento a nordeste, e vasou a agua muito; e descobriu o bargantim, e de riba estava ainda são; mas debaxo parecia-nos que era todo quebrado. Alguns homẽs que tinham forças, e que estavam em si faziam jangadas de remos e de pavezes, para se lançarem a nado á terra firme. Eu me fui com tres homẽs ao bargantim e começámos a esgotar a agua, que dentro tinha, para lhe tirar o masto para nelle írmos á terra. Estando assi me pareceu que tirava a artelharia e fato, que surderia arriba; assi chamei alguns homẽs: — os que nam sabiam nadar, que os que sabiam andavam em se salvar com remos e com páos. Des que tirámos a artelharia e fato fóra, quis nossa senhora que surdiu o bargantim; e demos grandes brados á gente que acudisse, e que se nam lançassem a nado; porque o bargantim estava são, e que eramos todos salvos. O bargantim nam tinha mais que hum buraco na taboa do resbordo, que logo tapámos, e tornámos a meter o fato e recolher a gente nelle, para nos írmos ao rio dos Beguoais, que era dahi duas leguas. Muitos homẽs estavam ja quasi mortos, que nam tinham forças para andar; e os mandei meter ás costas dentro no bargantim: e saltou o vento ao mar, e dei á vela, e fui quasi noite entrar no rio dos Beguoais. E nam tinhamos que comer, que havia dous dias que a gente nam comia; e muitos homẽs ficaram tam desfigurados do medo, que os nam podia conhecer.

Toda esta noite nos choveu e ventou com relampados e trovões, que parecia que se fundia o mundo.

Quintafeira vinte e seis de dezembro pela menhãa abonançou o tempo; mas era contrario a partirmos: e mandei hum homem por terra á ilha das Palmas, donde Martim Afonso estava, a lhe dizer que, se o tempo durasse, nos mandasse mantimento, que estava em grande necessidade delle. Este dia nam comemos senam ervas cozidas. E andando pela terra em busca de lenha para nos aquentarmos fomos dar n'hum campo com muitos páos tanchados e reides, que fazia hum cerco, que me pareceu á primeira que era armadilha para caçar veados; e despois vi muitas covas fuscas, que estavam dentro do dito cerco das reides: então vi que eram sepulturas dos que morriam: e tudo quanto tinham lhe punham sobre a cova; porque as pelles, com que andavam cobertos, tinham ali sobre a cova, e outras maças de páo, e azagaias de páo tostado, e as reides de pescar e as de caçar veados: todos estavam em contorno da sepultura, e quizera mandar abrir as covas; despois houve medo que acudisse gente da terra, que o houvesse por mal. Aqui juntas estariam trinta covas. Por nam podermos achar outra lenha mandei tirar todolos páos das sepulturas: mandei-os trazer para fazermos fogo, para se fazer de comer com dous veados, que matámos, de que a gente tomou muita consolaçam. A gente desta terra sam homẽs mui nervudos e grandes; de rosto sam mui feos: trazem o cabelo comprido; alguns delles furam os narises, e nos buracos trazem metidos pedaços de cobre mui lucente: todos andam cobertos com pelles: dormem no campo onde lhes anoitece: não trazem outra cousa comsigo senam pelles e reides para caçar: trazem por armas hum pilouro de pedra do tamanho d'hum falcão, e delle sae hum cordel de hũa braça e mea de compri-

do, e no cabo hũa borla de penas d'ema grande; e tiram com elle como com funda: e trazem hũas azagaias feitas de páo, e hũas porras de páo do tamanho de hum covado. Nam comem outra cousa senam carne e pescado: sam mui tristes; o mais do tempo choram. Quando morre algum delles segundo o parentesco, assi cortam os dedos — por cada parente hũa junta; e vi muitos homẽs velhos, que nam tinham senam o dedo polegar. O falar delles he do papo como mouros. Quando nos vinham ver nam traziam nenhũa molher comsigo; nem vi mais que hũa velha, e como chegou a nós lançou-se no chão de bruços; e nunca alevantou o rosto: com nenhũa cousa nossa folgavam, nem amostravam contentamento com nada. Se traziam pescado ou carne davam-no-lo de graça, e se lhe davam algũa mercaderia nam folgavam; mostrámos-lhe quanto traziamos; nam se espantavam, nem haviam medo a artelharia; senam suspiravam sempre; e nunca faziam modo senam de tristeza; nem me parece que folgavam com outra cousa.

Sestafeira vinte e sete de dezembro parti do rio dos Beguoais, e em se querendo pôr o sol cheguei á ilha das Palmas, onde Martim Afonso estava. Esta ilha das Palmas he muito pequena; della a terra ha hum quarto de legua: faz a entrada da banda do essudoeste: ha de fundo limpo quatro, cinco, seis braças. Ao mar della, hũa legua ao sul, ha hũs baxos de pedra mui perigosos. Aqui estivemos nesta ilha quatro dias fazendo-nos prestes para nos irmos ao rio de Sam Vicente.

Terçafeira primeiro dia de janeiro partimos desta ilha com o vento lesnordeste; fizemos o caminho do sudoeste. A' noite se fez norte, e fizemos o caminho a leste toda a noite, com bom vento.

Quartafeira dous de janeiro pela menhãa saltou o

vento a sudoeste; fizemos o caminho ao nordeste e a quarta de leste: e á noite acalmou o vento: e ao pôr do sol vimos terra, a qual se corre a nordeste-sudoeste. Esta noite fizemos hũa agua mui grande, e davamos hum relogio á bomba e outro nam.

Quintafeira tres de janeiro pela menhãa nos deu muito vento sudoeste: faziamos o caminho ao nordeste e a quarta de leste. E mandou Martim Afonso a caravela ao porto dos Patos, para ver se achava o bargantim ou a gente delle, que perderamos de companhia, quando íamos para o rio; e mandou-lhe que governassem ao nordeste e a quarta do norte. Este dia tomei a altura em vinte e nove graos e tres quartos: fazia-me de terra quinze leguas. Esta noite corremos á popa com mui bom vento.

Sestafeira quatro de janeiro houve vista de terra, —hũas barreiras vermelhas, que estam des leguas ao sul do porto dos Patos. E ao sol posto fui com o porto dos Patos. Por me afastar de terra fiz o caminho a lesnordeste, com o vento sul, e com mui gram mar fizemos tanta agua toda esta noite, que não levamos a mão da bomba até pela menhãa, que tomámos parte della.

Sabado cinco dias de janeiro abonançou mais o tempo e o mar; e ao meo dia tomei o sol em vinte e sete graos.

Domingo seis do dito mes nos ventou o vento sulsueste, e com o traquete baxo corremos a noite toda ao nordeste e a quarta de leste.

Segundafeira sete do dito mes ao meo dia tomei o sol em vinte e cinco graos escaços; e hũa hora de sol vi a terra, que he mui alta, e seria della sete leguas; e fomos no bordo da terra até á noite, que se me fez o vento lesnordeste; e virámos no bordo do mar.

Terçafeira oito de janeiro no quarto d'alva nos fizemos no bordo da terra; e ao meo dia fomos com ella; e conheci ser o rio da banda do nordeste da Cananea, e como nam podiamos cobrar pela corrente e o vento ser grande. E o porto de Sam Vicente me demorava a nordeste: estava delle quinze leguas. Como vi que nam podiamos cobrar, arribámos á ilha da Cananea: e ao pôr do sol surgimos a terra della.

Quartafeira nove do dito mes se nos abriu hũa grande agua na nao, que nos dava muito trabalho. Aqui nesta ilha estivemos até quartafeira desaseis de janeiro, que partimos com o vento sudoeste, fazendo sempre muita agua, que nam se levava a mão a duas bombas.

Quintafeira desasete do dito mes a agua corria ao nordeste, e sem vento andámos este dia des leguas.

Sestafeira desoito do mes de janeiro andámos em calma até sabado no quarto d'alva, que se fez o vento sueste, e fazia o caminho ao longo da costa hũa legua de terra, por fundo de trinta e cinco braças d'area, e ao meo dia tomei o sol em vinte e quatro graos e trinta e cinco meudos.

Domingo vinte do dito mes pela menhãa quatro leguas de mim vi a abra do porto de Sam Vicente: demorava a nornordeste; e com o vento lesnordeste surgimos em fundo de quinze braças d'area, mea legua de terra; e ao meo dia tomei o sol em vinte e quatro graos e desasete meudos; e duas horas antes que o sol se puzesse nos deu hũa trovoada do noroeste: pela corrente ser mui grande ao longo da costa atravessava a nao o vento que era mui grande; e metia a nao todo o portaló por debaxo do mar; se nos nam quebrára a anchora pela unha foramos soçobrados, segundo o vento era desigual. Como se fez o vento oessudoeste demos á vela; e esta noite no quarto da modorra fomos

surgir dentro n'abra, em fundo de seis braças d'area grossa.

Segundafeira vinte e hum de janeiro demos á vela, e fomos surgir n'hũa praia da ilha do Sol; pelo porto ser abrigado de todolos ventos. Ao meo dia veo e galeam Sam Vicente surgir junto comnosco, e nos disse como fóra nam se podia amostrar vela, com o vento sudoeste.

Terçafeira pela menhãa fui n'hum batel da banda d'aloeste da bahia e achei hum rio estreito, em que as naos se podiam correger, por ser mui abrigado de todolos ventos: e á tarde metemos as naos dentro com o vento sul. Como fomos dentro mandou o capitam J. fazer hũa casa em terra para meter as velas e emxarcia. Aqui neste porto de Sam Vicente varámos hũa nao em terra. A todos nos pareceu tam bem esta terra, que o capitam J. determinou de a povoar, e deu a todolos homẽs terras para fazerem fazendas; e fez hũa villa na ilha de Sam Vicente; e outra nove leguas dentro pelo sartam, á borda d'hum rio, que se chama Piratinimga: e repartiu a gente nestas duas villas e fez nellas oficiaes: e poz tudo em boa obra de justiça, de que a gente toda tomou muita consolaçam, com verem povoar villas e ter leis e sacreficios, e celebrar matrimonios, e viverem em comunicaçam das artes; e ser cada hum senhor do seu; e vestir as enjurias particulares; e ter todolos outros bens da vida sigura e conversavel.

Aos cinco dias do mes de febreiro entrou neste porto de Sam Vicente a caravela Santa Maria do Cabo, que o capitam J. tinha mandado ao porto dos Patos buscar a gente d'hum bargantim, que se ahi perdera; e achou que tinha feito outro bargantim, com ajuda de quinze homẽs castelhanos, que no dito

porto havia muitos tempos, que estavam perdidos: e estes castelhanos deram novas ao capitam J. de muito ouro e prata, que dentro no sartam havia; e traziam mostras do que diziam e afirmavam ser mui longe. Estando neste porto tomou o capitam J. parecer com todolos mestres e pilotos e com outros homẽs, que para isso eram, para saber o que havia de fazer; porque as naos se estivessem dous meses dentro no porto nam podiam ir a Portugal, por serem mui gastadas do busano; e a gente do mar vencia toda soldo sem fazerem nenhum serviço a elrei, e comiam os mantimentos da terra. E assentaram que o capitam J. devia de mandar as naos para Portugal, com a gente do mar; e ficasse o capitam J. com a mais gente em suas duas villas, que tinha fundadas, até ver recado da gente, que tinha mandado a descubrir pela terra dentro, e logo me mandaram fazer prestes para que eu fosse a Portugal nestas duas naos, a dar conta a elrei do que tinhamos feito. A ilha do Sol está em altura de vinte e quatro graos e hum quarto.

NOTAS.

1

Pag. 1.ª « *Diario da Navegação da Armada que foi* » *&c.*

Apresentamos este titulo em pagina separada de caso pensado, para o não introduzir no texto; porque lhe não pertence, e em nossa opinião nem o original o teria. O codice da *Bib. Real*, que é uma copia em letra quasi contemporanea, não o continha nesta letra; e só depois uma barbara penna, que nelle fez varias *correcções*, de que fazemos menção, compoz o seguinte, e o introduziu no cimo da primeira pagina.

Naveguaçam que fez P.º Lopes de Sousa no descobrimento da costa do brasil militando na capitania de Martim A.º de Sousa seu irmão: na era da encarnaçam de 1530.

Adoptariamos est'outro se o exemplar que o contêm fosse aquelle, que nos guiasse; porêm tendo mais dois era dever do editor consulta-los, e dar-lhes attenção. De um nos desembaraçámos logo, que o não tinha; todavia com a copia mutilada, que possue o Ex.^mo Sr. Bispo Conde, não aconteceu o mesmo. Tinha o nome de *Diario*, e o achamos tão apropriado, attenta a fórma da narração, que não hesitámos em o adoptar; accrescentando mais alguma explicação, para em resumo designar o assumpto. O nosso exemplar não continha a narração da vinda de Pero Lopes; e no da *Bib. R.* ha della só um fragmento. Portanto sendo nossa primeira tenção trazer a lume só o que diz respeito á armada, *que foi* á terra do brasil (como se expressa o au-

tor), no que está completa a narração, e dar em nota o fragmento mutilado, que resta do mesmo ácerca da sua volta a Portugal, parece-nos que adoptámos um titulo se não verdadeiro, pelo menos demonstrativo, e neste ponto não devemos ser taxados de infieis, fazendo esta declaração.

A razão porque achamos tanta propriedade no nome *Diario* é porque estamos persuadidos que elle era escripto á medida que succediam os factos.

2

Pag. 3, lin. 4 e 5. «Capitam de uma armada e governador da terra do brasil.»

Publicamos os documentos, que ainda existem nos Livros da Chancellaria de elrei D. João 3.º, no R. Archivo da Torre do Tombo, os quaes melhor mostram o que afirma Fr. Gaspar da Madre de Deus nas *Memorias da Capitania de S. Vicente* (pag. 10), a respeito do titulo e poderes descrepcionarios, de que ía munido Martim Affonso. São todos datados de Castro Verde em 20 de Novembro de 1530. Como os tirámos dos originaes, e são pela primeira vez impressos, assentámos de lhe conservar em tudo a mesma orthografia, com que se acham no livro competente, sem em nada descrepar.

Documento I.

Carta de grandes poderes ao capitão mór, e a quem ficasse em seu logar.

Dom Joham & A quamtos esta mjnha carta de poder virem faco saber que eu envio ora a martim afonso de sousa do meu conselho por capitam mor darmada que envyo a terra do brasill e asy de todas as terras que elle dito martim afonso na dita terra achar e descobrir e porem mando aos capytães da dita armada e fidalgos caua-

leiros escudeiros gemte darmas pylotos mestres mariamtes e todas outras pessoas que na dita armada forem e asy a todas as outras pessoas e a quaesquer outras de qualquer calidade que sejam que nas ditas terras que elle descobrir ficarem e nela estiverem ou a ella forem ter por qualquer maneira que seja que aja ao dito martim afonso de sousa por capitam mor da dita armada e terras e lhe obedecam em todo e por todo o que lhes mandar e cumpram e guardem seus mandados asy e tam jmteyramente como se por mim em pessoa fose mandado sob as penas que elle poser as quaes com efeyto dara a divida execucam nos corpos e fazendas daquelles que ho nom quyserem comprir asy e allem diso lhe dou todo poder alcada mero myster propryo asy no crime como no civel sobre todas as pessoas asy da dita armada como em todalas outras que nas ditas terras que elle descobrir viverem e nella estiverem ou a ella fforem ter por qualquer maneira que seja e elle determjnara seus casos feytos asy crimes como cives e dara neles aquelas sentenças que lhe parecer Justiça conforme a direito e mynhas ordenaçÕes ate morte naturall Inclusyue sem de suas sentenças Dar apelacam nem agravo que pera todo o que dito he e tocar a dita jordicam lhe dou todo poder e alcada na maneira sobredita porem se alguns fidalguos que na dita armada forem e na dita terra estiverem ou vyverem e a ela forem cometerem alguns casos crimes per omde merecam ser presos ou emprazados elle dito martim afonso os podera mandar prender ou emprazar segundo a calidade de suas culpas o merecer e mos enviara com os autos das ditas culpas pera caa se verem e determinarem como for justiça porque nos ditos fidalgos no que tocar nos casos crimes ey por bem que elle nam tenha a dita alcada e bem asy dou poder ao dito martim afonso de sousa pera que em todas terras que forem de mjnha conquista e demarcacam que elle achar e descobrir posa meter padrões e em meu nome tome delas Reall e autoall e tirar estormentos e fazer todos os outros autos quando direitamente se Requererem e forem necesaryos porque pera isso lhe dou especial e todo comprido poder como pera todo ser fyrme e valioso Requerem e se pera mais fyrmeza de cada hũa das cousas sobreditas e serem mais fyrmes se comprirem com efeyto e necesarjo de feito ou de direito nesta mjnha carta de poder yrem decraradas alguma clausulla ou clausulas mais especiaes e exvbe-

rantes heu as hey asy por expresas e decraradas como se especiallmente o fosem posto que sejam taes e de tall calidade que de cada hũa delas por direito fose necesaıjo se fazer expresa memçam e porque asy me de todo praz mandey diso pasar esta mjnha carta ao dito martym afonso asynada por mim e aselada do meu selo pendente dada em a vila de crasto Verde aos xx dias do mes de novembro fernam da costa a fez ãno do nacimento de noso Snõr Jhũ x.º de mill bcxxx ãnos e eu amdre pyz a fiz escrever e sobsstpvy e se o dito martim afonso em pessoa for algumas partes elle leixara nas ditas terras que asy descobrir por capitam mor e governador em seu nome a pessoa que lhe parecer que ho melhor fara ao quall leixara por seu asynado os poderes de que hade usar que seram todos ou aquela parte destes nesta mjnha carta decrarados que elle vyr que he bem e mando que a dita pessoa que asy leixar seja obedecido como ao dito martim afonso sob as penas que nos ditos poderes que lhe asy leixar forem decraradas e no que toca a emprazamento dos fidalgos que em cima he decrarado por alguns justos Respeitos ey por bem que o dito martim afonso os nom emprazc e quando fizerem taes cazos por onde merecam pena algũa crime elle os prendera e mos emviara presos com os autos de suas culpas pera se ny[illegible] fazer o que for justica *(Real Arch. Liv. 41 da Chancellaria de [illegible] D. João. 3º, folh. 105).*

Documento II.

Carta de poder para o capitão mor criar tabaliães e mais officiaes de justiça.

Dom Joham &c. A quamtos esta mjnha carta virem faço saber que eu emvio ora a martym afonso de sousa do meu conselho por capitam moor darmada que envio a terra do brazill e asy das terras que elle na dita terra achar e descobryr e por que asy pera tomar a posse dellas como pera as cousas da Justica e gouernamca da terra serem menystradas como deuem sera necesaryo cryar e fazer de novo alguns oficyaes asy tabaliaẽs como quaesquer outros que vyr que pera yso forem necesaryos por

esta mjnha carta dou poder ao dito martym afonso pera que elle posa cryar e fazer dous tabaliães que syrvam das notas e Judiciall que logo com elle da qy vam na dita armada os quaes seram taes pessoas que ho bem saybam fazer o que pera ysso sejam autos aos quaes dara suas Cartas com ho trellado desta mjnha pera mays fermeza e estes tabaliaes que hasy fazer leixaram seus synaes publicos que ouverem de fazer na mjnha chancellaria e se despoys que elle dito martym afonso for na dita terra lhe parecer que pera gouernamca della sam necesaryos mays tabaliães que hos sobre ditos que asy da qy hade leuar yso mesmo lhe dou poder pera os cryar e fazer de novo e pera quamdo vagarem asy hũs como outros elle prouer dos ditos oficyos as pessoas que vyr que pera yso sam autas e pertemcentes e bem asy lhe dou poder pera que possa cryar e fazer de nouo e prouer por falecymento dos que cryar os oficyos da Justiça e gouernamca da terra que por mjm nam forem proujdos que vyr que sam necesaryos e os que asy por elles cryados e proujdos forem ey por bem que tenham e posuam e syruam os ditos oficyos como se por mjm por mjnhas proujsões os fosem e por que hasy me diso praz lhe dey esta mjnha carta de poder ao dito martym afonso por mjm asynada e asellada com ho meu sello pera mays fermeza dada em a Villa de crasto Verde a xx dias de novembro fernam da costa a fez anno do nacymento de noso sõr Jhũ x.º de myll bc xxx annos E eu amdre piz a fiz escreuer e soescrevy (*R. Arch. Liv.* 41 *de D. João* 3.º *fol.* 103).

Documento III.

Carta para o capitão mór dar terras de sesmaria.

Dom Joham &c A quantos esta mjnha carta virem faco saber pera que as terras que martym afonso de sousa do meu conselho descobryr na terra do brazyll omde o emvio por meu capitão moor se possam aproveytar eu per esta mynha carta lhe dou poder pera que elle dito martym afonso posa dar as pessoas que comsygo leuar as que na dita terra quyserem vyuer e pouoar aquella parte das terras que hasy achar e descobryr que lhe ben parecer e

segundo o merecerem as ditas pessoas por seus seruyços e calydades pera nas aproueytarem e as terras que hasy der sera somente nas vidas daquelles a que as der e mays nam e as terras que lhe parecer bem podera pera sy tomar porem tamto ate mo fazer saber e aproueytar e gramjear no mylhor modo que elle poder e vyr que he necesaryo pera ben das ditas terras e das que hasy der as ditas pessoas lhes passara suas cartas declarando nellas como lhas da em suas vidas somente e que de demtro em seys annos do dia da dita data cada hum aproueytar a sua e se no dito tenpo asy ho nam fizer as podera tornar a dar com as mesmas condicoes a outra pessoas que has aproueytem e nas ditas cartas que lhes asy der hyra trelladada esta mjnha carta de poder pera se saber a todo tenpo como o fez por meu mamdado e lhe ser Imteyramente guardada a quem a tyuer e o dito martym afonso me fara saber as terras que hachou pera poderem ser aproueytadas e a quem as deu e quamta camtydade a cada hum e as que tomou pera sy e a dysposiçam dellas pera o eu ver e mandar nyso o que me bem parcer e por que asy me praz lhe mandey dar esta mynha carta por mjm asynada e asellada com ho meu sello pemdemte dada em a Villa de crasto verde a xx dias do mes de novenbro fernam da costa a fez anno do nacymento de noso Sõr Jhũ x.º de mjll bc xxx anos *(R. Arch. Liv. 41 da Chanc. de D. João 3.º fol. 103)*

Não passaremos á nota seguinte sem deixar impressa uma observação ácerca deste ultimo documento, que é incontestavelmente o autografo da copia adulterada, que Fr. Gaspar deu ao prélo *(Mem. pag. 9)*, tirada, diz elle «de tres copias *authenticas*, ingeridas nas sesmarias de Pedro de Goes, Francisco Pinto e Ruy Pinto, registradas (antes) no Cartorio da Provedoria da Fazenda R. da villa de Santos,» e no seu tempo (1797) existente na Provedoria de S. Paulo (Liv. *de Regim. de Sesm.* rubricado por *Cubas*, que tinha por titulo N. 1 *liv.* I 1555 —*fol.* 42 e 103). — A simples leitura dos dois traslados fará conhecer quanto tal copia está viciada, mutilada e arredada do seu original; — um periodo ha que até invertido todo em sentido, e visivelmente com má fé; aqui o apresentâmos para os leitores cotejarem, e fazerem melhor o seu juizo.

Diz o Autografo.	*Diz o Transumpto impresso por Fr. Gaspar.*
	(Pag. 9, lin 26 e seg.)
E as terras, que assim der, *será sómente nas vidas daquelles, a que as der, e mais não*........ e das que assim der ás ditas pessoas lhes passará cartas, declarando nellas como *lhas dá em suas vidas sómente*; e que de dentro em *séis* annos do dia da dita data cada um aproveitará a sua, &c.	E as terras, que assim der, *serão para elles e seus descendentes*, e das que assim der ás ditas pessoas, lhes passará suas cartas; e que dentro em *dois* annos da dita data cada um aproveite a sua, &c.

Quantas vezes, em objectos de mais momento, se terão assim corrompido venalmente documentos desta natureza, com detrimento do estado e da historia!

3

Quanto ao nome t e r r a d o b r a s i l, nota-se a razão porque se escreve com letra pequena esta ultima palavra. E' bem sabido que já antes do descobrimento do novo-mundo havia no antigo continente, e se fazia uso para a tinturaria do páu-brasil, e que hoje ainda existe em alguns logares da Asia e até na Africa; e das arvores desta especie, que havia em um cerro, ao pé de Angra, na Ilha Terceira, lhe proveio por ventura o nome de *Monte-Brasil*, que ainda conserva.

Tambem se não ignora que o nome dado por Cabral ás plagas occidentaes, que descubriu, foi, segundo Pero Vaz Caminha, o de Terra da *Vera-Cruz*, e ao depois disseram de *Santa-Cruz*; e que sendo a principio a utilidade desta terra exclusivamente a de lhe extrahir o brasil, por isso lhe chamaram *Terra do brasil.* *

* «Es tierra de infinito brasil» dizia della Gomara em 1552 (Ist. de las Indias, ed. de Sarag. deste anno). Os italianos chamaram-lhe *verzino*, e Cazal errou traduzindo (T. 1.º pag. 43) *verniz.*

Durão não se esqueceu de commemorar, em verso, esta particularidade no Cant. 6.º Est. 61.

« Terra porêm depois chamou a gente
« Do Brasil, não da Cruz; porque atrahida
« D'outro lenho nas tintas excellente »
. . . . &c.

4.

Pag. 3, 4 *e* 5.

Já advertimos que usavamos, no texto, das palavras em grifo quando as encontrámos riscadas no codice da *Bib. Real.* Agora acrescentaremos as substituições feitas por quem as riscou; as quaes devem considerar-se menos como *variantes* propriamente taes, que como caprichos de algum leitor ignorante, que se ensaiava de ser editor; com a condição, ao que parece, de publicar a obra *em seu estilo.*

Pag. 4, *lin.* 12. — Escreveu em vez do que riscou, e está em grifo: = « nesta ilha estivemos dous dias corregendo ho leme da nao capitaina. » =

Id., *lin.* 21. — « Se fez » em vez de « *saltou.* »

Id., *lin.* 22. — « Fazia o caminho a ho sul e a quarta do sudoeste. »

Id., *lin.* 30. — Escreve « com » em vez de « *senam.* »

Pag. 5, *lin.* 3, 4 *e* 5. — « E tomei somda em 55 braças « darea limpa: esta costa lamça gramde parçel o mar, sem ha- « ver baixo nem restingua que empida a naueguaçam: de noi- « te no segumdo quarto se fez ho vento norte e fizemos ho cami- « nho susudueste. »

Id., *lin.* 8. — Em vez de = « e o vento *começou a refrescar do norte, e com elle* » = deixou só quem emendou = « e com vento norte. » =

Id., *lin.* 29. — Diz a emenda = « fazia ho caminho ao » =

5.

Pag. 6, *lin.* 4. « *Mandou o capitam J. a Baltazar Gonçalves.* »

Muitas vezes se encontrará no texto o breve *capitam J.*, para designar o *capitão*, *irmão* do A. Conservamos J. por assim estar no nosso exemplar, com tudo no codice da *Bib. Real* lê-se I.; lição que julgamos se deve adoptar, porque I. é a inicial de irmão, palavra que o A. a nosso ver quer designar.

Quanto a Baltazar Gonçalves não póde este ter sido o mesmo que no anno de 1530 tinha partido n'uma caravela, que foi á India na armada de João Camelo.

6

Pag. 6, *lin.* 7 *e* 8.—«Eramos pegados com a ilha de Maio, e como o meo dia veo tam cerraçam nos foi necesario pairar hatee que ha nevoa descobrise.»

7

Pag. 6, *lin.* 30. «*Rio de Maranham.*»

Veja-se o que dizemos na nota 18, a pag. 79.

8

Pag. 7, *lin.* 20.—No codice da *Bib. Real* lê-se *emmes*, e não *emmendas*, cuja lição adoptamos, por ser a da nossa copia.

9

Pag. 8, *lin.* 25.—O da *Bib. Real* escreve *ventou* duas vezes, o que é manifesto engano de copia.

10

Pag. 9, *lin.* 1.ª *e seg.* — Tambem diz = tomei = emendando «tornei a tormar» que tinha antes; e escreve sempre *santagustinho*, por *Santo Agostinho*, como vem no nosso MS.

11

Pag. 9 *e* 10. «*Ilha de Fernão de Loronha.*»

E' a bem conhecida ilha de Fernão de Noronha achada, como todos repetem, pelo portuguez de seu nome, sem dizerem porêm até agora em que anno. Tinhamos emprehendido um trabalho, para mostrar ter sido esta a ilha, descoberta pela armada de 6 velas que foi ao Brasil em 1503, fundados sobre considerações nauticas e geograficas *, quando encontrámos no Real Archivo da Torre do Tombo documentos que nos tiraram, a este respeito, de toda a duvida. Consistem estes documentos em doações desta ilha (chamada então de S. João) ao descobridor e seus successores, sendo a primeira a 16 de Janeiro de 1504, em que elrei diz que fazia doação a Fernão de Noronha da capitanía da ilha

* Estas considerações, que, pela sua extensão, seria fóra de proposito aqui enumerar com todo o desenvolvimento, reduzem-se a comparar: 1.º o rumo desta navegação, segundo a relação de Americo, e a posição que dá á ilha que descobriram, com a differença de longitude (proximamente 18º) que vai da ilha de Fernão de Noronha á Serra Leôa; e o computo da sua latitude com a de Cook, do *Connaissance des Temps*, das *Requisite Tables*, de Hewet (1817), de Brisbone (1821), e ainda melhor dos acreditados Foster e Tiarks, e com aquella que Owen e Purchas dão á Serra Leôa,—ponto de partida da derrota. 2.º As descripções dadas por Americo a par das de Don Jorge Juan y Don Antonio de Ulloa (en Madrid, 1748, T. 4.º P. 2.ª pag. 420); da *Corografia Brasilica* (Tom. 2.º pag. 217), e ainda melhor de Melchior Estaço do Amaral (*Tractado do successo do Galeão Santiago*, cap. 10.)

Folgámos depois ao ver que o Almirante Quintella já seguia por conjectura esta opinião.

que elle *novamente achára e descobríra*. Eis aqui os documentos em que nos estribamos:

Documento IV.

Dom Joam etc. fazemos saber que por parte de fernam de loronha cavaleiro de nosa casa nos foy apresemtada huma carta del-Rey meu Senhor e padre que Samta groria ajaa de que o teor tall he = Dom Manuell per graça de Deus Rey de purtugall e dos allgarves daquem e dalem mar em afriqua senhor de guinee e da comquista navegaçam comercio detiopia arabia persya e da Imdia. A quamtos esta nosa carta vyrem fazemos saber que avemdo nos Respeito aos serviços que fernam de noronha cavaleiro de nosa casa nos tem feitos e esperamos ao diamte dele Receber e queremdo lhe por isso fazer graça e merce Temos por bem e nos praz que vimdo se a povoar em allgum tempo a nosa Ilha de sam Joam que ele ora novamente achou e descobrio cimcoemta leguoas alamar da nosa terra de samta Cruz lhe darmos e fazermos merce da Capitania della em vida sua e de hum seu filho baram lidimo mais velho que dele ficar ao tempo de seu falecimento e quamdo esto asy for lhe mamdaremos fazer sua Carta em forma em a qual lhe daremos os direitos e Jurdição que com a dita Capitania ade ter segundo que nos emtão bem parecer. E por firmeza delo e sua guarda lhe mandamos dar esta Carta per nos asynada e asellada do noso Sello pemdemte a quall prometemos de se lhe comprir e guardar imteiramente como se nella comtem por quamto asy hee nosa merce dada em a nosa cidade de lixboa a deseseis dias de Janeiro francisco de matos a fez ano do nacimento de noso Senhor Jesu Christo de mill quinhentos quatro=Pedimdonos o dito francisco de loronha por merce que lhe comfirmasemos a dita carta e visto per nos seu dizer querendo lhe fazer graça e merce temos por bem e lha comfirmamos e avemos por confirmada asy e na maneira que se nela comtem e queremos e mamdamos que asy lhe seja comprida e guardada dada em a nosa cidade de lixboa a tres dias de março pero fragoso a fez ano de noso Senhor Jesu Christo de mill quinhentos vinte e dous. — *(Do Real Archivo Liv. 51 da Chanc. de D. João 3.º fol. 152)*.

Neste mesmo livro a fol. 152 ℣. se acha a carta d'elrei D. Manoel de 24 de Janeiro de 1504, em que lhe faz doação da ilha; confirmada igualmente por elrei D. João 3.º na data ut supra de 3 de Março de 1522. — E como se segue:

DOCUMENTO V.

«Dom Joham &.ª fazemos ssaber que por parte de fernam de loronha cavaleiro de nossa cassa nos foi apresemtada hũa carta del Rey meu senhor e padre que samta groria aja de que ho teor he=dom manuell per graça de deos Rey de purtugall e dos alguarues daquem e dalem mar em afryca senhor de guine e da comquista navegacam comercyo tyopia arabia percia e da Imdia a quamtos esta nossa carta virem fazemos saber que havemdo nos Respeitos aos seruiços que fernam de noronha cavaleiro de nossa cassa nos tem feitos e esperamos dele ao diamte receber e queremdo-lhe fazer graça e mercê temos por bem e lhe fazemos doaçam e merce daqui em diamte pera em todollos dias de sua vida e de hum seu filho barão lidimo mais velho que dele ficar ao tempo de seu falecymento da nosa jlha de sam joham que ele hora novamente achou e descubryo cinquoenta legoas alla mar da nossa terra de samta cruz que lhe temos aremdada a qual Ilha lhe asy damos pera nella lamcar gado e a romper e aproueitar segumdo lhe mais aprouer com tall entemdimento e decraração que de todo perveito que na dita Ilha ouuer asy agora como ao diamte per quallquer modo e maneira que seja tiramdo espyccaria drogaria e coussas de timtas que pera nos reeseruamos e de todo ho mais nos dara e pagara e asy ho dito seu filho o quarto e dizimo soomente ssem mais outro nenhuum direito.=E porem mandamos aos veadores de nosa fazemda oficiaes de nosa casa de guyne e Imdia que hora sam e Ao diamte forem e a quaesquer outros nossos oficiaes e Juizes e Justiças a que esta nosa carta for mostrada e o conhecimento della pertemcer que Imteiramente lha cumpram e guardem e facam comprir e guardar ssem lhe niso em nenhũ tempo que seja a ele fernam de loronha nem ao dito seu filho em suas vydas ser a ello posto duvida nem ouutro embargo algum por que asy he nosa merce e por firmeza delo lhe mandamos dar esta per nos assynada e aselada do noso selo pemdemte dada em a nosa Cydade de lixboa a vinte e quatro dias de Janeiro francisco de matos a fez anno do nacymento de nosso Senhor Jesu Christo de mil quinhentos e quatro=e pedimdo-nos o dito fernam de loronha por merce que lhe confirmasemos a dita carta e visto por nos seu dizer queremdo-lhe fazer graça e merce temos por bem e lha confirmamos e havemos por confirmada queremos e mandamos que asy se lhe cumpra e guarde dada em a çidade de lixboa a tres dias de março pero fargoso a fez anno do nacimento de nosso senhor jesu christo de mill quinhentos e vinte e dois.

De outros livros e logares vemos as successivas confirmações

desta doação; e rectificamos ser a mesma ilha chamada hoje — de Fernão (ou Fernando) de Noronha. — Aqui os apontamos:

Do Liv. 9 fol. 272 ỳ. da Chancellaria de elrei D. Sebastião se vê que em data de 20 de Maio de 1559 foi confirmada em Fernão de Loronha, filho de Diogo de Loronha, neto de Fernão de Loronha, a doação que fora feita a este ultimo seu avô por elrei D. Manuel (e o Alvará acima de D. João 3.º) da ilha de S. João, *que está* (diz a carta de doação) *sessenta legoas ao mar do Cabo de S. Roque da Terra do brazil.*

Do Liv. 3.º f. 100 de D. Pedro 2.º se vê a confirmação de elrei da doação da mesma ilha por successão a João Pereira Pestana, filho de João Pereira Pestana e neto de Fernão Pereira Pestana de Loronha *donatario que foi da ilha de S. João.* Esta carta de confirmação é datada de 8 de Janeiro de 1693.—

Esta ilha ficou pertencendo sempre ao dominio de Portugal, e chegando a ella piratas no seculo passado partiu a expulsa-los, a 7 de Setembro de 1738, D. Manoel Henriques, que ali chegou a 23 de Outubro (Hist. Geneal. Tom. 8.º p. 243).

Fica portanto sabido que o descobrimento da ilha de Fernão de Noronha foi em 1503.

Agora avançaremos mais. Sendo, pelas combinações referidas na nota precedente, inquestionavelmente esta ilha a descoberta em Agosto de 1503, pela armada de seis velas que então foi ao Brasil, das quaes, naufragando duas, se apartou o capitão-mór com outras duas da companhia de Americo, temos que o capitão-mór retrocedeu a Lisboa a dar parte deste achado, e que não póde deixar de ter sido Fernão de Noronha, porquanto ao comandante é que sempre tocava a honra do descobrimento, e o tempo que medea antes de 16 de Janeiro de 1504, não era mais que o sufficiente para fazer, naquelles tempos, a volta, contractar o arrendamento da ilha descoberta, e por fim andar como pertendente a suplicar a doação e capitanía pelos paços reaes.

Bem se vê que para fazermos esta combinação de factos, é necessario que acreditemos a veracidade das relações de Americo nas duas viagens de 1501 e principalmente de 1503 — unica autoridade, em que, taes como Munster (*), se estribam os que logo depois o contam.

(*) Seb. Munster *Corog. Univers.* pag. 1111, Ediç. de Basilea de 1550. — « *Paulo ulterius, progressus, vidit insulam in medio mari altam et admirabilem, sed ubi præfectus navium navem suam perdidit.* » &c.

Ora pela nossa parte confessamos que de tantos argumentos, que temos lido contra, nenhum tem em nós mais valimento do que autoridades de todo o credito. Pedro Martyr, escriptor contemporaneo e de verdade, se refere ás expedições que Americo fizera no Brasil, em serviço e á custa do rei de Portugal §. — João de Empoli, feitor de uma náo portugueza, que partiu de Lisboa para a India a 6 de Abril de 1503, fazendo parte da armada do grande Albuquerque, e voltou no anno seguinte, tambem é da mesma opinião *; e o celebre historiador Gomara † ao menos acreditou-o, não obstante ser um rival de Colombo.

E sem recorrer a estas autoridades temos noticia, por todos os escriptores do Brasil, que logo nos primeiros annos do seculo XVI foram exploradas as « virgens plagas do Cabral famoso » ※ por duas armadas ⊞, e que dellas naufragaram algumas embarca-

§ Na sua obra impressa, pela primeira vez, em Sevilha em 1511, *De novo orbe* Dec. 2.ª cap. X diz claramente:

— « *Americus Vespucius Florêtinus vir in hac arte peritus, qui ad Antarcticus & ipse auspiciis & stipendio Portugalesium ultra lineam Aequinotialem plures gradus adnavigavit.* » —

* A narração da sua *Viagem ás Indias Occidentaes*, que fôra então escripta, appareceu publica na Collecção de Ramusio. — Empoli, que chegou por esta occasião ás costas do Brasil, diz expressamente — « *La terra della Vera Croce ou er del Bresil cosi nominata, altrevollte di scoperta p. Amerigo Vespucci, nella qual si fa buona sõma di cassia e di Verzino* » — e não *vernizo*, conforme copiou Cazal.

† *La istoria de las Indias*, Saragoça, 1552 fol. lj. v. « *Y pues auia llegado cerca de alli* (terra dos Patagões) *Americo Vespucio.* »

※ Na *Uniuersalior cogniti Orbis Tabula* feita por João Ruysch, e que acompanha a edição de Ptolomeu de Roma em 1508, lê-se sobre a *terra de Santa Cruz* « Naute « Lusitani partem hanc terre hujus « observarũt et usque ad elevationem « Poli Antartici 50. graduum perve- « nerunt nondũ tamen ad ejus finem « austrinum. »

⊞ Vej. *Ant. Galv., Descob. ant. e mod.*, 1501 e 1503. — Goes, cap. 65 da 1.ª Parte da Chron. de D. Manuel. — Hier. Osor. *De reb. Em.* — Maffeo Lib 2 (Ed. de Florença de 1588 p. 31). — Vasconcellos *Noticias* n. 18. — Balthazar Telles *Chron. da Comp.* de Jesu, Lisboa 1647 Liv. 3 cap. 1.º pag. 430. — Possino, *De vit.* Ign. Azev. Lib. 2 n. 15 e n. 16. — Thomaz Tamaio de Vargas, Madrid 1628 fol. 22. — Francisco de Brito Freire *Nova Lusitania* Liv. 2.º n. 134 p. 71. — Santa Teresa T. 1.º p. 7. — Rocha Pitta Liv. 1.º n. 90 p. 54. — Jaboatão Preamb. Dig. 1.ª Est. 3 n. 7 p. 4 e 28, e Liv. Antep. cap. 3.º — Baerl (Ed. de 1647) pag. 15. — Fr. Gaspar da Madre de Deus. — Fernandes Pinheiro, *Annaes do Rio Grande, Introd.* — Gueudeville *Atlas Historique* T. 6 p. 150 (Amsterd. 1719). *Penny Cyclopedia* vol. 5 p. 369. — Monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo (1820). — Ayres de Cazal *Corografia Brasilica* T. 1.º — Robert Southey, *History of Brasil* vol 1.º p. 14 e 18, e os seus compiladores Beauchamp e Sr. Constancio. — Paulo José Miguel de Brito. — Ferdinand Denis, *Resumé e Brésil;* e o seu compilador H. L. de Niemeyer Bellegarde pag. 45.

ções, e de taes escriptores não é o menor numero, que acredita em Americo.

Além disso temos toda a certeza que Cabral, quando voltava da India, encontrou em Besenegue * a primeira destas expedições, o que nos consta pelo cap. 21 da relação da viagem deste feliz nauta, escripta por um testemunha ocular, e que foi impressa em Ramusio, e anda na Collecção Ultramarina da A. R. das S. de Lisboa. — Ora se Americo tambem conta a demora de alguns dias neste porto, temos para nós que esta combinação de factos narrados por escriptores de duas nações differentes é mais uma prova de grande fé, embora elle passe em claro o que ali fez e viu.

De mais, quem ler as duas narrações de Americo, e souber que se imprimiram, pela primeira vez, em 1504, quando não havia ainda mappas daquellas paragens, consentirá que não podia Americo, para as suas descripções, advinhar as direcções e voltas da costa, e que quando hoje se lessem as suas descripções com uma carta á vista era força topar monstruosas anomalias, se fossem parto de imaginação, como já alguem tem querido avançar †, até

* Porto da ilha de *Gorê*, hoje occupada pelos francezes. Está em 14° 39′ 50″ N., e 9° 15′ 45′ O. de Lisboa.

† Ayres de Cazal avança estas palavras — « Americo Vespucio, ao que parece pela mesma razão de não ter feito estas viagens e só d'ouvido escrever o que, e como bem lhe pareceu » — e n'outro logar ainda mais claramente usa de um improperio, dizendo que a sua relação = « era uma corrente *(sic)* de mentiras e falsidades » = e quando quer tratar do descobrimento da Bahia de todos os Santos diz que [Tom. 1.° pag. 45) ella foi visitada em 1503 por portuguezes, que lhe pozeram o nome, cuja noticia nos transmitte esse Americo que elle taxa de « *testemunha suspeita e infiel!* »

Com igual azedume, porêm maior copia de argumentos, saiu ha pouco em campo o Sr. Visconde de Santarem em uma carta escripta ao eruditissimo Sr. D. Martin Fernandez de Navarrete, que foi impressa no *Bulletin de la Societé Geographique de Paris* em Outubro de 1835, e depois as Notas nos numeros de Setembro de 1836 e Fevereiro de 1837. — Os seus argumentos só negativos, permita-nos dize-lo, fundados quasi que só na falta da menção de Americo entre os nossos antigos escriptores não colhem, ao menos nada nos abalam, pois não vemos um em que possamos fazer firmeza, — lembrando-nos que Damião de Goes, escriptor contemporaneo, que tinha viajado, e conhecia os impressos do seu tempo, e faz menção de Cadamosto, não deixaria de refutar o que corria de Americo se fosse descarada falsidade.

Os portuguezes não deram a Americo grande importancia, porque apenas o consideraram como um experimentado piloto; e erram os que dizem que elle era chefe destas duas expedições, idéa que elle proprio contradiz.

A gloria da nação portugueza nos descobrimentos não se offusca em consentir generosamente e em pró da verdade declarar que um nauta estrangeiro, (cuja memoria no seu seculo foi tão honrada e nos subsequentes tão vilipendiada) foi em duas expedições *portuguezas*, e commandadas por *portuguezes*, explorar uma costa descoberta por *um portuguez!*

sem se lembrarem que o *forte* dos mathematicos não é imaginar. Não falta quem se queixe de que este escriptor cinca em «*coisas particulares que os outros navegantes jámais omitem*,» e isto sem advertirem que Americo não escreveu a *relação das suas viagens*, senão só uma (ou duas?) carta particular a um (ou a mais de um?) seu patricio e protector, na qual até lhe fala em negocios domesticos, e declara que o portador della, filho de Domingos Benevenuto, lhe contaria *algumas coisas que elle deixára de referir*, por este as ter visto e ouvido; e é por esta razão que nós julgamos que as ampliações das relações que vem no Summario, se devem reputar obra das narrações deste mancebo, que não de Americo.

Vejamos agora as *incoherencias e contradições*, e os *erros intoleraveis de Geografia*, que se pretendem notar nos escriptos de Americo; e pois que ainda não deparamos as contradições passando aos *erros* tambem os não achamos *intoleraveis*, comparando as descripções com as observações e mappas modernos. E de mais pertender em resultado de uma só observação encontrar latitudes exactas com os instrumentos de então, é ser despropositado: ainda assim é para maravilhar a exactidão da do cabo de Santo Agostinho. Pertender distancias especialmente de mar bem determinadas, por uma viagem feita no seculo 16, é não fazer idea dos erros que ainda hoje no seculo 19, — no seculo das sciencias, se cometem a este respeito, em mares já tão sulcados. E porque razão se não hade dar aos impressores algum quinhão nesses erros, taes como os das datas, que variam conforme as edições? — Só uma anomalia achamos, que vem a ser a que diz respeito á cidade de *Melcha*, a qual se era Malaca não é de admirar que elle não soubesse a sua posição, pois que em 1503 era só conhecida pela sua fama, que os européos ainda lá não tinham ido. E porque razão lhe não diria o capitão mór, que era seu inimigo, só para o enganar, que íam para Malaca, quando tencionava ír á Terra da Vera Cruz?...

Tambem não falta quem lhe argua o não fazer menção de um só portuguez, nem dos proprios capitães móres. A isto responderemos perguntando — se escrevendo Americo uma carta particular para o seu bemfeitor em Italia, — carta que elle talvez não tinha esperanças de ver impressa, servia de utilidade o nomear uns poucos de nomes estranhos e desconhecidos? Era para os dois correspondentes isso de algum interesse? E se o fosse não estava lá o filho de Domingos Benevenuto encarregado por elle de contar essas particularidades? — Para nós isto mesmo serve de prova a favor; porque se elle tudo quanto escreveu foi só de ouvir tambem não tinha difficuldade de saber o nome dos capitães, e então é que os precisava nomear para receber mais credito na mentira.

E de mais não achamos que fosse necessario, para contar o que lhe era passado, escrever os nomes dos capitães de outra nação, quando o piloto portuguez que escreveu a *Navegação*

de Cabral não conta tambem o nome do Chefe da expedição que encontrou em Besenegue.

Os primeiros inimigos de Americo foram os castelhanos, ciosos do nome *America*, em que aquelle nauta, retirado aos Açores, não teve culpa, — tanto que no mappa de João Ruysch, feito em 1508, no qual se diz que influira Americo, não o traz *. Modernamente Robertson, que quasi leu só por autores castelhanos, deixou-se levar delles, e a opinião do grande Robertson arrastou comsigo outras muitas, que não se lembráram da sentença de Boitard = « Parce qu'un homme a du génie, parcequ'il a déchiré le voile qui couvrait une ou deux vérités, est-ce a dire qu'il est exempt d'erreur, devin, sorcier! »

Esta conjuntura do conhecimento exacto do anno em que se descubriu a ilha de Fernão de Noronha, juntamente com as observações que fazemos na nota 22 (pag. . .) nos veio servir de lhe darmos todo o credito, e por emquanto podemos concluir que Fernão de Noronha era o chefe da expedição que foi ao Brasil em 1503, e que Gonçalo Coelho foi o commandante da immediata á de Cabral; o que se acomoda em boa parte com Goes, Gabriel Soares e Osorio; e finalmente que Americo os acompanhou a ambos.

A extensão já desmesurada desta nota não nos permite ser mais extensos, e talvez por concisão faltassemos a expor nossas ideas com a mesma clareza que as possuimos, e conservamos mais largamente escriptas, conforme tinhamos dito a pag. 30 das *Reflexões Criticas*.

12

Pag. 11, *lin.* 7. — « *Com o seu batel.* »

O codice da *Bib. Real* diz « cõ seu batel. »

13

Pag. 11, *lin.* 7. — « *Cabo de Percaauri.* »

E' o que Luiz Serrão Pimentel e Manuel de Figueiredo chamam de *Pero Cabarigo*, conforme dissemos nas nossas *Reflexões Criticas* pag. 17 n. 18.

* Diz só *Terra Sancte* (sic) *Crucis sive Mundus Novus.*

14

Pag. 13, *lin.* 18. — « *Baltazar.* »

No cod. da *Bib. R.* lê-se *beltezar*.

15

Pag. 14. — « *Pernambuco.* »

O exemplar da *Bib. Real* escreve neste logar « Pernabuco; » porêm adiante a fol. 36 (do codice) vem escripto « Pernambuco. »

16

Pag. 14, *lin.* 23. — « *Havia dous meses que ao dito rio chegara hum galeam de França, e que saqueara a feitoria; e que roubara toda a fazenda* » &c.

Este galeão, que ali devera ter estado em Dezembro de 1530, não póde ser a mesma nao da qual conta elrei, na carta de 28 de Setembro de 1532, ter lá ido pouco antes, porquanto, se o fosse, não precisava elle dar parte, tendo-o sabido por João de Souza. Esta passagem serve comtudo para se decidir que Pernambuco era então a unica feitoria, pois nos outros portos para o sul não as havia.

17

Pag. 14, *lin.* 26 *e seg.* — « *Que o feitor do dito rio era ido ao Rio de Janeiro, n'hũa caravela, que ia para Çofala.* »

A caravela chamava-se *Santa Maria do Cabo*, como se vê no Diario a pag. 58; e Martim Affonso a levou comsigo quando a encontrou; e o feitor chamava-se Diogo Dias, como se lê no Diario a pag. 20.

---

* 18

Pag. 15, lin. 6, 7 e 8. — «*Daqui mandou o capitam J. as duas caravelas, para que fossem descobrir o Rio do Maranham.*» *&c.*

Quanto ao nome deste ultimo rio melhor fôra dizer = *de Maranham* = conforme vem na pagina 6, e se lê no codice da Bib. R.; todavia assim se continha na copia qne seguimos, e achámos mais prudente não lhe tocar, e emendar em nota. Pela preposição que precede o nome, e pelo que abaixo diremos, se vê que não se refere ao Amasonas, chamado tambem Rio Maranhão; mas sim ao que resulta do Meary e dos outros afluentes. Veja-se a este respeito a observação (G) das nossas *Reflexões Criticas*, pag. 101.

Ora quanto ao serem enviados a este rio dois navios, ainda que á primeira vista parece que Martim Affonso se resolvêra a esta determinação por encontrar no Porto da Praia, em Santiago, a caravela de que Pero Lopes faz menção (pag. 6); comtudo, do que conta Herrera (Dec. 4 Lib. X cap. 6.º) se vê que isto era já instrução que o capitão mór levava, differindo só na qualidade das embarcações. Da leitura do *Diario* já sabemos que as duas caravelas armadas eram a Princeza e a Rosa. Concluimos que o Diogo Leite (de que se fala a pag. 11) as foi commandando, e que passou além do dito Rio do Maranhão, por ter dado o seu nome a uma abra a loeste do mesmo, cujo nome vem demarcado na folha 3.ª * do famoso Atlas de Fernão Vaz Dourado, feito em 1571; e ainda melhor pelo seguinte trecho da doação de 18 de Junho de 1535, que

* Esta folha contêm toda a costa do Brasil, conforme dizemos na nossa descripção deste Atlas, publicada no Tom. 3.º da Geografia do Snr. D. José de Urcullu, a pag. 496.

mencionamos nas *Reflexões Criticas* (nota *(k)* pag. 85), qual se acha no *Real Arch.*, no Liv. 21 fol. 73 da Chancellaria de elrei D. João 3.º, e diz do modo seguinte, com a orthografia do tempo:

.... «a Fernão Alvares 65 leguas, que começam do Ca-
«bo de todos os Santos da banda de leste e vão 40 para
«loeste até o rio, que está junto com o rio da Cruz, e
«aos ditos Ayres da Cunha e João de Barros 150 le-
«guas; a saber: 100 leguas que começam onde se aca-
«ba a capitania de Pero Lopes de Sousa, da banda do
«norte e correm para a dita banda do norte ao longo da
«costa tanto quanto couber nas ditas 100 leguas; e as
«50 leguas, que começam da *Abra de Diogo Leite* da
«banda de loeste, e se acabam no Cabo de todos os
«Santos da banda de leste do rio do Maranhão.»

19

***Pag.* 15, *lin.* 8 *e* 9. — «*E mandou João de Sousa a Portugal em hũa nao que de França tomaramos.*»**

João de Souza chegaría com esta nao a Lisboa nos fins de Abril; elrei diz que mandou aprestar um navio para o fazer voltar com a resposta; porêm acresenta que quando se acabou de apromptar era tão tarde que por isso não foi, e só no anno seguinte de 1532 o enviou com duas caravelas armadas, escrevendo-lhe, com data de 28 de Setembro, a seguinte *Carta Regia*, a qual se acha no Tom. 1.º do Nobiliario de D. Luiz Lobo da Silveira; porêm com orthografia que bem se vê não ser a original; e como, de mais a mais, já assim foi impressa por D. Antonio Caetano de Souza (no Tom. 6.º das *Prov. da Hist. Genealogica* pag. 318) assentámos de a transcrever para aqui, sem os escrupulos orthograficos, que temos guardado para com os outros documentos, dos quaes encontrámos os originaes.

Documento VI.

*Martim Affonso, amigo. Eu ElRei vos envio muito saudar. Vi as cartas que me escrevestes por João de Souza, e por elle soube da vossa chegada a essa terra do brasil, e como íeis correndo a costa, caminho do Rio da Prata, e assim do que passastes com as náos francezas, dos cossairos que tomastes, e tudo o que nisso fizestes vos agradeço muito; e foi tão bem feito como se de vós esperava; e sou * certo que a vontade que tendes para me servir. A náo, que cá mandastes, quizera que ficára antes lá com todos os que nella vinham. Daqui em diante, quando outras taes náos de cossairos achardes, tereis com ellas e com a gente dellas, a maneira que por outra Provisão vos escrevo. Porque folgaria de saber as mais vezes novas de vós, e do que lá tendes feito, tinha mandado o anno passado fazer prestes um navio, para se tornar João de Souza para vós, e quando foi de todo prestes para poder partir, era tão tarde para lá poder correr a costa, e por isso se tornou a desarmar e não foi; vai agora com duas caravelas armadas para andarem comvosco o tempo que vos parecer necessario, e fazerem o que lhe mandardes. E por até agora não ter algum recado vosso, — do que no assento da terra, nem no Rio da Prata tendes feito, vos não posso escrever a determinação do que deveis fazer em vossa vinda ou estada, nem cousa que a isso toque, e sómente encomendar-vos muito, que vos lembre a gente e armada que lá tendes, e o custo que se com ella fez e faz: e segundo vos o tempo tem succedido, e o que tendes feito ou esperardes de fazer, assim vos determineis em vossa vinda ou estada; fazendo o que vos melhor, e mais meu serviço parecer; porque eu confio de vós, que no que assentardes será o melhor. Havendo d'estar lá mais tempo, enviareis logo uma caravela com recado vosso, e me escrevereis muito largamente todo o que até então tiverdes passado, e o que na terra achastes, e assim o que no Rio da Prata, — tudo mui declaradamente, para eu*

* Nas differentes copias lê-se *sam*, o que se usava muito no seculo 16 em vez de *sou*; e disto encontramos muitas provas nos documentos coevos na Torre do Tombo. Em vez de "*que a vontade*„ talvez se devesse ler "*qual a vontade*„.

por vossas cartas e informação saber o que se ao diante deverá † fazer. E se vos parecer que não é necessario estardes lá mais, poder-vos-heis vir; porque pela confiança que em vós tenho, o deixo a vós, que sou certo que nisso fareis o que mais meu serviço for. Depois de vossa partida se praticou, se sería meu serviço povoar-se toda essa costa do Brasil, e algumas pessoas me requeriam capitanías em terra della. Eu quizera, antes de nisso fazer cousa alguma, esperar por vossa vinda para com vossa informação fazer o que me bem parecer, e que na repartição que disso se houver de fazer, escolhaes a melhor parte. E porém, porque depois fui informado que d'algumas partes faziam fundamento de povoar a terra do dito Brasil, considerando eu com quanto trabalho se lançaria fóra a gente que a povoasse, depois de estar assentada na terra, e ter nella feitas algumas forças, (como ja em Pernambuco começava a fazer, segundo o Conde da Castanheira vos escreverá), determinei de mandar demarcar de Pernambuco até o Rio da Prata cincoenta leguas de costa a cada capitaína, e antes de se dar a nenhuma pessoa, mandei apartar para vós cem leguas, e para Pero Lopes vosso irmão cincoenta, nos melhores limites dessa costa por parecer de pilotos e de outras pessoas, de quem se o Conde por meu mandado informou, como vereis pelas doações que logo mandei fazer, que vos enviará; e depois de escolhidas estas cento e cincoenta leguas de costa para vós e para vosso irmão, mandei dar a algumas pessoas, que requeriam capitanias de cincoenta leguas a cada uma, e segundo se requerem, parece que se dará a maior parte da costa; e todos fazem obrigações de levarem gente e navios á sua custa, em tempo certo, como vos o Conde mais largamente escreverá; porque elle tem cuidado de me requerer vossas cousas, e eu lhe mandei que vos escrevesse. Na costa de Andalusia foi tomada agora pelas minhas caravelas, que andavam na armada do Estreito, uma náo franceza carregada de brasil, e trazida a esta cidade, a qual foi de Marselha a Pernambuco, e desembarcou gente em terra, a qual desfez uma feitoria minha que ahi estava, e deixou lá setenta homens com tenção de povoarem a terra e de se defenderem. E o que eu tenho mandado que se nisso faça, mandei ao Conde que

† Souza leu *devia*; Fr. Gaspar copiou *deve*; nós lemos *deverá*, e por isso escrevemos *deverá*.

vo-lo escrevesse, para serdes informado de tudo o que possa, e se hade fazer; e pareceu necessario fazervo-lo saber para serdes avizado disso, e terdes tal vigia nessas partes por onde andais, que vos não possa acontecer nenhum máu recado: e que qualquer força ou fortalleza que tiverdes feita, quando nella não estiverdes, deixeis pessoa de que confieis, que a tenha a bom recado; ainda que eu creio que elles não tornarão lá mais a fazer outra tal; pois lhe esta não succedeu como cuidavam. E mui declaradamente me avizai de tudo o que fizerdes, e me mandai novas de vosso irmão, e de toda a gente que levastes; porque com toda a boa que me enviardes, receberei muito prazer. Pero Anriques a fez em Lisboa aos 28 de Setembro de 1532 annos.

REI.

João de Souza chegou nas duas caravelas a S. Vicente com esta carta, (naturalmente no fim deste anno, ou no principio do seguinte), a qual fez partir M. Affonso para Portugal depois do dia 4 de Março, segundo prova Fr. Gaspar (p. 16 e 138); e devia ter chegado antes de 3 d'Outubro, porquanto neste dia partiu João de Souza para a India commandando a caravela *Rosa*, na armada de 12 velas, de que era capitão mór D. Pedro de Castello Branco, segundo vemos no citado *Livro das Armadas* MS., que reputamos copia de outro do mesmo titulo, existente na *Bib. Pub. Eborense* *, que alcança até 1636.

20

Pag. 17, *lin.* 9. — Diz o texto que segunda feira foi 11 de Março, e segue logo que sabado foi 12, domingo 13, e assim successivamente todos os outros dias errados. E' a anomalia tão clara que nos dispensa de

* Nesta mesma Bibliotheca existe tambem uma *Noticia dos capitães e armadas, que foram do Reino para a India desde 1497 até 1635*, que poderá ser talvez mais acrescentada a mesma do codice 10:023 da *Bib. R. de Paris*, que alcança até 1632, segundo se vê da pag. 86 da *Noticia*, publicada em 1827, pelo Sr. Visconde de Santarem.

muitos commentos, com os quaes nada adiantáramos. O que está da nossa parte é só lembrar conjecturas ácerca do modo como podia nascer o erro. Temos que sem duvida procedeu de se ter escripto depois de Domingo 10 o dia = Segunda feira = em breve = S.ª fr.ª =, como se lê no exemplar da *Bib. Real*; e que depois fosse lido = Sexta feira =, e então o dia seguinte era forçosamente = Sabado 12 =. Porêm de quem seria o engano, — de copista ou do A.? Nós duvidamos que fosse do primeiro, não tanto porque deixemos de acreditar que podesse haver copista tão despejado, que se atrevesse (por seu motu proprio e sciencia certa) a fazer, a seu bel prazer, todas as ulteriores modificações, senão porque isto se encontra nas differentes copias: e não vemos razão para que o mesmo não acontecesse ao nosso A., quando o do *Roteiro de Vasco da Gama*, publicado no Porto pelos Sr.s Köpke e Costa Paiva, cinca tantas vezes neste ponto. Nem seja isto muito para admirar em tempos em que não eram tão triviaes as efemérides e folhinhas, e em que muito era o levar um Zacuto, ou um João de Monte Regio, que não raras vezes se perdiam com o mar; — se bem que por outro lado causam admiração estas cousas em epocas tão devotas, e em que devia de haver todo o escrupulo nos jejuns, celebração de festas, missas, &c.: tanto que ao diante, pag. 43, não se esqueceu Pero Lopes de dizer que a 30 de Novembro era dia de Santo André, o que talvez soubesse de cór. Terminaremos declarando não poder explicar tal anomalia.

21

Pag. 17, *lin.* 31 *e seg.* — « *Nesta bahia achamos hum portugues, que havia vinte e dous annos que estava nesta terra; e deu rezam larga do que nella havia.* »

Este portuguez estava alí desde 1509 ou 1510; e é sem duvida o mesmo que encontrou Juan de Mori em 1535; segundo narra Herrera, Dec. V, Lib. VIII, cap. 8.

...llegaron à la Baia de Todos los Santos, hermoso Puerto, i que tiene siete Islas dentro, i que muchos Rios entran en el. En la Baia de los San-

tos hallaron un Portuguès, que dixo, que avia veinte i cinco anos, que estaba antre los indios, i otros ocho que alli quedaron de un naufragio de armada Portugueza, i estes les dieron alguna yuca, batatas i raices, &c.

Este homem sería por ventura o celebre Diogo Alvares, de alcunha o *Caramurú*, cuja existencia é inquestionavel, se abstrahirmos da historia os predicados poeticos, que a acompanham no poema; Diogo Alvares tendo-se sustentado com os indios, por morte de Francisco Pereira Coutinho, ainda ali estava á chegada de Thomé de Souza em 29 de Março de 1549; segundo diz Soares *Rot. Geral* cap. 28, e *Memorial* cap. 2.º

22

Pag. 25, lin. 12 e 13. — « Sabado trinta dias d'abril, no quarto d'alva, eramos com a boca do Rio de Janeiro »&c.

Este logar elucida completamente a questão, de que não foi M. Affonso o culpado na impropriedade do nome, que em nossos dias conserva a capital do Imperio Brasileiro, e lhe proveio de ter sido o seu porto, (chamado dos indigenas *Ganabará* segundo Lery, e *Nhiteroy* segundo Brito Freire) julgado rio, sendo deveras uma bahia ou enseada. Quanto ao sobrenome = de Janeiro =, já em 1817 o douto A. da *Corografia Brasilica* (T. 2.º p. 12), e em contradicção ao que antes (T. 1.º p. 51) dissera, produziu razões, bem como o fez o A. da Memoria sobre a capitania de Santa Catharina (p. 11), para se duvidar ter sido dado pelo mesmo M. Affonso em Janeiro de 1531, — fundando-se na data do Alvará, que transcrevemos pela primeira vez correcto a pag. 65; e apresentando ser quasi impossivel « que uma armada, que nunca vence tanto como um navio só, e mórmente n'um tempo, em que se navegava pouco de noite, por não haver ainda perfeito conhecimento dos mares, fizesse n'um mez a viagem, que em nossos dias não faz um navio só, veleiro e destemido; tendo-se de mais a mais feito á vela no inverno, combatido e aprisionado inimigos, — circumstancias que deviam prolongar a via-

gem » — e por conseguinte não era possivel estar no Rio de Janeiro no primeiro dia de 1531, tendo saído de Lisboa em Dezembro. Pouco depois de Cazal (em 1820) não entrou na questão o Monsenhor Pizarro *, e descançou dizendo (Tom. 1.º pag. 103) que este exame ficava reservado ao historiador.

A nossa publicação decide a controversia: a armada de M. Affonso chegou ali pela primeira vez a 30 de Abril de 1531; e até do modo como Pero Lopes escreve se deduz que esta bahia era já antes nomeada *Rio de Janeiro*, o que até se rectifica, por elle contar ter ouvido este nome antes de lá chegar. (Vej. *Diario* pag. 14.)

Esta nossa affirmativa toma força, como ja em outro logar expuzemos §, com a leitura das narrações da viagem do celebre portuense Fernam de Magalhães, da qual explicitamente trata o mui douto e sabio D. Martin Fernandez de Navarrete **, bastando porêm para desengano a relação publicada pelo eruditissimo Bispo Resignatario de Coimbra no Tom. 4.º N.º 2. das Not. Ultr. da A. R. das S. de Lisboa, ou por ventura ainda mais decidido será o testemunho do chronista castelhano Antonio Herrera ††, que escreveu como dissemos na *Advertencia Preliminar*, com grande copia de documentos e relações originaes á vista, e assevera que chegaram os do Magalhães á bahia *que chamavam os Portuguezes* = de Janeiro. =

Devemos pois retroceder, e ir de mais remoto investigar esta origem. A expedição, que a esta precede, é a de

* Vej. *Memorias Historicas do Rio de Janeiro &c.*, por José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo, Rio de Janeiro 1820; 2 vol. 4.º.

§ *Reflexões Criticas* á obra de *Gabriel Soares de Souza*, escripta em 1587, impressas pela A. R. das S. de Lisboa no Tom. 5. N. 2. das Not. do Ultramar p. 27.

** *Coleccion de los viages y descubrimientos &c.* Madrid 1837. — Foi de um documento (Num. XXII) que vem no Tom. 4.º desta collecção, que vimos ser o Magalhães natural do Porto, o que até agora se desconhecia. É mais um grande, para augmentar o catalogo dos illustres portuenses.

†† Dec. 2.ª Lib. 4.º Cap. 10.º « *Y continuando su viage, entraron a treze de Deziembre, en una bahia muy grande, que llamavan los Portuguezes en la costa del Brasil la bahia de Genero, y los Castellanos la pusieron de Santa Lucia, porque tal dia entraron en ella* » &c., e mais adiante: « *Estando neste rio de Genero* » &c.

João Dias de Solis, que havendo partido d'esta vez § do porto de Lepe, segundo Herrera a 8 de Outubro de

§ Tinha la ido em 1512 á sua custa, diz Gomara (fol. xljx da edição de 1552), e voltado carregado do Brasil; tambem declara que era natural de Librixa, e por conseguinte não portuguez, como alguem tem querido. — Tambem alguns escriptores dizem, e talvez não sem fundamento, que o Rio da Prata tinha ja sido visitado antes deste anno. Vemo-nos forçados a seguir esta opinião sem com tudo ousarmos interpor juizo por alguma das mais particularidades. Primeiro que tudo se Gomara acredita, e nós hoje tambem acreditamos, que a expedição portugueza em que ia Americo foi á terra dos Patagões, custa-nos a conceber, como, senão na ida, ao menos na vinda, deixassem de ver a grande boca do Rio da Prata, ou bahia de Sanburundon, quando esta não escapou a Solis, a Magalhães, a Diogo Garcia, a Gaboto e finalmente a Martim Affonso. Silvestre Ferreira da Silva (na *Rel. do sitio da Nova Colonia*, Lisboa; 1748) é desta opinião, a qual é seguida pelo erudito A. dos Annaes do Rio Grande. O celebre brasileiro, ministro de D. João 5.º, Alexandre de Gusmão em um *Resumo Historico*, *Chronologico e Politico do descobrimento da America*, Ms. feito em Maio de 1751, diz que em 1506 foram mandados a este rio os pilotos João de Lisboa e Vasco Gallego de Carvalho, o que parece achar confirmação no que diz Herrera (Dec. 2.ª Lib. 9. Cap. 10). Finalmente José Maria Dantas Pereira leu, (segundo colhemos do Discurso do Sr. Manoel José Maria da Costa e Sá, recitado no 1.º de Dezembro de 1820,) na A. R. das S. de Lisboa uma memoria, em que á vista de um rico mappa, confiado á Academia por Thomaz Antonio de Villa-Nova Portugal, deu o seu juizo *sobre a posse pacifica do Rio da Prata pelos Portuguezes desque o* DESCOBRIRAM EM 1511 *até á invasão Hespanhola em* 1580. Porem nada podémos obter ácerca de seus argumentos.

Uma so persuasão nossa queremos ainda escrever, e é que o nome com que Pero Lopes designa este rio, isto é, *Rio de Santa Maria*, foi dado pelos portuguezes, e pelo mesmo navegador que assim chamou ao cabo de igual nome situado na sua foz; — e não fique esquecido que já na viagem do Magalhães houve quem lembrasse os signaes, que dava o piloto portuguez João de Lisboa para a conhecença do Cabo de Santa Maria.

A este respeito nada nos adiantam o Dr. Gregorio Funes (*Ensayo de la Historia civil del Paraguay &c.*, Buenos Ayres, 1816), nem os ricos volumes de D. Pedro de Angelis (*Coleccion de obras y documentos relativos a la historia antiga y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*; Buenos Ayres, 1836).

1515 com tres navios, caminho do Rio da Prata, nada mais natural do que poder chegar no primeiro de Janeiro á mencionada bahia, e dar-lhe então um nome chronologico. Todavia nem Gomara, nem Herrera fazem menção desta clausula, dizendo, bem pelo contrario, este ultimo com toda a simplicidade que « chegaram ao Rio de Janeiro na costa do Brasil », o que junto ao lagar citado a respeito da viagem de Magalhães faz prova contra; e é ainda maior este argumento se nos lembramos que Herrera não costuma esquecer e passar em claro estas particularidades, tanto que logo abaixo as menciona ácerca das ilhas que chamaram *da Prata*, e *dos Lobos*, o que por certo não é de mais importancia, que o nome de uma tão notavel enseada.

Por tanto cumpre ainda fazer a investigação de mais longe. Ora se nos lembramos do costume dos antigos descobridores portuguezes, de irem com o calendario aberto baptisando, com o nome do santo celebrado pela igreja nesse dia, as terras e agoas que achavam, e lançarmos os olhos a uma carta do Brasil antiga, v. gr. á do Atlas de Fernão Vaz Dourado, e se fizermos algum reparo e comparação dos nomes dos santos festejados nos diversos dias, acharemos, seguindo de norte a sul, a seguinte coincidencia:

16 de Agosto	dia de	S. *Roque* (Cabo de)
28 dito	»	S.to *Agostinho* (Cabo de)
29 de Setembro	»	S. *Miguel* (Rio de)
30 dito	»	S. *Jeronymo* (Rio de)
4 de Outubro	»	S. *Francisco* (Rio de)
21 dito	»	*As Virgens* (Rio das)
13 de Dezembro	»	*Santa Luzia* (Rio de). Sería o R. Doce?
21 dito	»	S. *Thomé* (Cabo de)
25 dito	»	Nasce o *Salvador* (Bahia do)
1 de Janeiro		Rio de Janeiro
6 dito	»	*Reis* (Angra dos)

O certo é que a opinião de ter Americo descoberto o *Rio da Prata* é seguida tambem em 1643 por *Morisot* (p. 604). Segundo o illustre Navarrete [T. 1.º pag. 139] Americo em 1508 foi nomeado piloto mór de Hespanha, e morreu em Sevilha a 25 de Fevereiro de 1512, e não na Ilha Terceira conforme outros, segundo dizemos a pag. 77.

20 de Janeiro dia de S. *Sebastião* (Ilha de)
22 dito » S. *Vicente* (Rio ou Porto de)

E' facil deduzir das distancias locaes e desta confrontação ter sido o mesmo explorador, quem, indo de N. a S. successivamente, e passando por diversos pontos, lhe deu os nomes competentes; e se bem que o Rio de Janeiro não teve o nome da festa que a igreja neste dia celebra, com tudo a distancia, a que está do cabo de S. Thomé e ilha de S. Vicente, o assegura de ter saído, se é licita a expressão vulgar, da mesma fornada; e é mais natural attribuir a esta occasião a tal coincidencia do que a outra qualquer, de que nada se saiba; e demais por não pôrmos acima outros nomes, não se segue que este fosse o unico sem ser de solemnidade. — Além de que, se o nome fosse dado pelos castelhanos, não era natural que logo passados poucos annos se soubesse em Portugal, e o mais provavel sería Portugal não o adoptar. Nos logares do Rio da Prata temos uma confirmação do que dizemos.

Se estamos agora convencidos de que foi o mesmo explorador que deu seguidamente os citados nomes, e que não deu uns sem os outros, adiantamos sem escrupulo, que todos elles foram dados antes do anno de 1508, e por conseguinte só o podiam ser por uma das duas armadas, que por lá exploraram a costa depois de Cabral. E dizemos antes de 1508, porque tendo-se publicado neste anno em Roma uma edição da Geografia de Ptolomeu, que muitas vezes temos occasião de citar, os editores a acompanharam de um mappa-mundi, feito pelo allemão João Ruysch: neste mappa, gravado em madeira, vem, como era possivel, marcada a *Terra de Sancta Cruz*, onde se lêem varios destes nomes, taes como: *R. de S. Jeronimo*, *R. de S. Lucia*, e *R. de S. Vicent.* &c., e o nome de *Cabo de S. Agostinho* já corria impresso antes, e desde a 1.ª edição das relações de Americo; e como este diz que tal cabo se descobriu na viagem de 1501, segue-se que foi Gonçalo Coelho, chefe da expedição que succedeu á de Cabral, segundo contam (ainda que não sem alguma anomalia) Goes, Gabriel Soares e Osorio, quem deu todos os nomes citados; porque, de mais a mais, diz Americo que desde o começo de Agosto de 1501, quando abicaram no Brasil a 5 gráos (que vem a ser pouco ao N. do Cabo de S.

Roque) até Fevereiro do anno seguinte, quando estavam fóra do tropico de Capricornio §§, tendo visitado todo o litoral intermedio; e por tanto ja então tinham estado no porto de S. Vicente. Estas considerações são novos argumentos a favor das narrações de Americo, não mencionados na nota 11 pag. 73 e seg.

23

Pag. 25, linh. 18 e seg.

O A. refere-se ás ilhas de *Cotunduba*, *Rasa*, *Redonda*, *Comprida*, *Palmas*, *Toucinhos*, *Paio*, e *Lage*; parece porêm que nomêa algumas por duas vezes. — Os curiosos farão bem de preferir para a confrontação a carta do Rio de Janeiro feita em 1810 por Manoel Vieira Leão, e publicada na *Viagem á roda do Mundo* pelas curvetas *Uranie* e *Physicienne*, impressa em Paris em 1825, a qual vale por certo muito mais do que as de Capassi e Rosa Pinheiro.

A latitude do Rio de Janeiro *(Pão de Assucar)* é segundo o Astronomo Russiano Simonow de 22° 54′ 5″

24

Pag. 25, linh. 29 ... « Como fomos dentro, mandou o capitam J. fazer hũa casa forte » &c.

Naturalmente foi na praia que se ficou chamando porto de Martim Affonso, o qual era dentro da enseada,

§§ O bacharel de que fala Pero Lopes pag. 29, e diz que estava degradado havia 30 annos, isto é, desde 1502, serve de confirmação á narração de Americo. Sería o porto da Cananéa aquelle fóra do Tropico de Capricornio, onde fizeram aguada e provisão de lenha para seis mezes, deixaram ali o bacharel, e assentaram logo ao sul o padrão, de que dá noticia Soares P. 1.ª Cap. 65; e este será por ventura o mesmo mencionado por Fr. Gaspar, e do qual Cazal (Tom. 1.º pag. 227) nos informou: ... « *sobre umas pedras está um padrão de marmore européu, com quatro palmos de comprimento, dois de largo, e um de grossura, e as armas*

no seio que faz defronte de São Christovão (segundo vemos do que diz Gab. Soares *Rot. Ger.* Cap. 52), e não na *Praia Vermelha*, como pertende o Monsenhor Pizarro pag. 7.

25

Pag. 26, *lin.* 15 . . . « *quatrocentos homẽs que traziamos.* »

Esta conta dos 400 homens é a mesma que dá Herrera (Dec. 4, Lib. X, cap. 6.º), e pode servir de nova confirmação de que este chronista teve bons documentos, e de quão bem se sabiam em Sevilha, em 1530, as particularidades da armada.

26

Pag. 27, *lin.* 11 *e seg.*

Deste logar, e do que dissemos na nota 22, se pode bem verificar quanto se enganou Fr. Gaspar pag. 16.

27

Pag. 27, *lin.* 25 . . . « *fomos dar com hũa ilha* »

E' a ilha, que se ficou chamando *dos Alcatrazes.*

28

Pag. 28, *lin.* 29 *e seg* . . . « *para fazermos nossa viagem para o* R i o d e S a n t a M a r i a ; *e fazendo o caminho do sudoeste demos com hũa ilha* »

Ja dissemos (e adiante repetimos), que o *Rio de*

reaes de Portugal sem castellos » &c. Fôra bom verificar se é de 1502 ou 1503 . . .

No mappa citado de 1508 lê-se neste logar: *R. de Cananor*, talvez por *Cananéa.*

Santa Maria é o bem conhecido *Rio da Prata*, para onde M. Affonso se destinava. A ilha de que se trata é sem duvida a chamada *do Abrigo* no mappa de João da Costa Ferreira, e que no tempo de Soares (Rot. Ger. C. 64) se nomeava *Branca*.

29

Pag. 29, lin. 4 e 5 ... «Desta ilha ao norte duas leguas se faz um rio mui grande na terra firme»

E' o *Rio de Yguape*.

30

Pag. 29, lin. 12 ... «cinco ou seis castelhanos».

Neste numero se pode talvez comprehender o Moschera, companheiro de Gaboto, de quem F. X. de Charlevoix *(Histoire du Paraguay*, Paris, 1757*)* tão celebremente fabulisou; e quem sabe se os dous assassinos, de que faz menção Simão de Vasconcellos na *Chronica* n. 154 e 176.

31

Pag. 29, lin. 13 e 14.—«Este bacharel havia trinta annos que estava degradado nesta terra.»

Por tanto estava lá desde 1501; e foi ali deixado por Gonçalo Coelho; — possibilidade que vai em harmonia com a narrativa de Americo (como dissemos na nota 22, pag. 90), que diz haver-se a armada refeito de provisões nestas alturas. Quem sería o tal bacharel (que seguramente foi o mesmo, que por aquella altura *(R. dos Innocentes)* encontrára cinco annos antes o portuguez Diogo Garcia, segundo a narração de Herrera), e qual era o seu nome, não sabemos; mas deve de ter sido ou João

Ramalho, ou Antonio Rodrigues, ou em ultimo caso, o Duarte Peres, de Charlevoix (Fr. Gaspar pag. 86).

32

Pag. 29, lin. 14... « Francisco de Chaves era mui grande lingua. »

Sería talvez este o mesmo genro do bacharel, que acompanhou Diogo Garcia. Isto nos faz suppôr que o chamado *Rio dos Innocentes* vem a ser o da *Cananéa*, e não o de *S. Vicente*.

33

Pag. 29, lin. 16... « mandou a Pero Lobo com oitenta homẽs. »

Desta expedição, para descobrir minas, tinham dado noticia pouco individuada Fr. Gaspar pag. 85 e 93, e Ayres de Casal Tom. 1.° pag. 52 *in fine*. Deve notar-se que partiu da ilha da Cananéa, e não da de S. Vicente, como por inadvertencia foi dito algures. A sorte destes 80 portuguezes pode ver-se no logar citado da obra de Fr. Gaspar *(Mem. para a Hist. da Cap. de S. Vicente)*, onde cita um documento que encontrou no Archivo da Camara de S. Paulo, hoje verificado pela nossa navegação, com todas as mais particularidades.

34

Pag. 29, lin. 23 e 24... « Aqui nesta ilha estivemos quarenta e quatro dias: nelles nunca vimos o sol. »

Ainda que o A. isto diga, com tudo ou conhecia ja a latitude da ilha da Cananéa, ou quem escreveu o antigo exemplar da *Bibl. Real* a addicionou com a mesma letra; e no fim da pagina que corresponde á fol. 12 do dito exemplar se lê:

A ilha da Cananea esta ẽ altura de .25. g.

35

Pag. 30, *lin.* 13... «*ao sul do porto dos Patos.*»

Isto é ao sul do canal ou *manga* formada pela ilha de Santa Catharina com a terra firme (Vej. Vasconcellos *Noticias* n. 63), a que Solis, segundo conta Herrera (D. 2, L. 1, C. 7,), chamou *Bahia dos Perdidos.*

Ha quem pertenda pôr em questão a etymologia do nome *Porto dos Patos*, querendo deriva-lo de uma extincta nação de indigenas, chamada *Patos*, e o erudito Ferdinand Denis (*Brésil* pag. 167) parece resolvido a encostar-se a esta opinião. Nós sabendo a significação de *patos*, nunca iriamos buscar outras etymologias mysteriosas, tendo de mais tão perto para servir de exemplo a *Ilha dos Alcatrazes*, nome que lhes proveio das aves deste nome (*Diomedea*); porêm no caso de duvida pediriamos a opinião dos mais antigos, e então Francisco Lopez de Gomara nos responderia:

— « Puerto de patos esta en 28 grados, y tiene frontero una isla, que llamã santa Catalina. *Nombraron lo assi por auer infinitos patos* negros sin pluma, y con el pico de cuerno, y gordissimos de comer peces. » &c.

(*La istoria de las indias, ed. de Saragoça de* 1552 *fol. l.*)

Os indios que ali habitavam eram Carijós, segundo a autoridade de Herrera.

36

Pag. 32, *lin.* 10... «*tres ilhas de pedras.*»

Estas ilhas a que chamaram *das Onças* são os *Castilhos grandes*, que seriam quanto a nós os *tres cerros que parecian islas, los quales, dixo el piloto Caravallo, que eran el cabo de Santa Maria, que lo sabia por relacion de Juan de Lisboa, piloto portugues, que auia esta-*

do en el.» (Herrera Dec. 2.ª Lib. 9. Cap. 10.) — Desta passagem de Herrera se vê que João de Lisboa estivera no Rio da Prata antes de Magalhães, o que é a favor da opinião de Alex. de Gusmão.

37

Pag. 33, *lin.* 10 . . . «*ao meo dia tornou Vicente Lourenço.*»

Vicente Lourenço era o piloto mór, que em quanto a armada estava na concha do cabo de Santa Maria, foi examinar a ilha pegada com o mesmo cabo, talvez a que Diogo Garcia em Herrera (Dec. 4. Lib. 1. Cap. 1.º) diz *dos Pargos*. Quanto a este Vicente Lourenço, em 1540 foi elle por capitão da náo *Grifo*, na armada de quatro navios, que então navegou para a India com Francisco de Souza Tavares.

38

Pag. 34, *lin.* 16 . . . «*me quebrou o aúste da anchora, de forma que tornei outra vez a caçar . .*» &c.

Esta é a lição de nosso Ms.; pode com tudo ler-se de outro modo, lembrando-nos que o A. tem falado em *anchora de fôrma*; e que a virgula pode estar mal collocada, e dever ler-se = «o aúste da anchora de fôrma, que» &c.

39

Pag. 35, *lin.* 22 . . . «*fui surgir na ilha do cabo.*»

Vem a ser a ilha de que falamos na nota 37.

40

Pag. 37, *lin.* 17.

No Codice da Bib. Real não vem a palavra = rio, = como se acha no nosso MS.; e diz so = « para entrar pelo dentro « = : o que não faz sentido.

41

Pag. 38, *lin.* 24, 25 e 26 ... « *Rio dos Begoais, que jaz aloeste do cabo de Santa Maria onze leguas* » ...

O rio de que se trata, tambem designado com este nome, e assim mesmo escripto no mappa de Fernão Vaz Dourado, é o chamado em algumas cartas *R. Ignacio*, e n'outras *R. de S. Pedro*; ou *Arroyo de S. Pedro*, como diz Carlos José Barreto n'uma Carta MS. do Rio da Prata feita no Rio de Janeiro em 1762.

42

Pag. 38, *lin.* 29 ... « *hũa ilha pequena toda de pedras, é della á terra firme ha hũa legua.* »

Esta ilha, em que na vinda naufragou o bergantim, é a *I. dos Lobos*, que jaz a S. E. $\frac{1}{2}$ E. da bahia de Maldonado; porêm mais de uma legua. Duvidamos muito que seja a *Gorriti*, pois esta fica muito mais perto de terra.

43

Pag. 38, *lin. ult.* — « *houve vista de hũa ilha ao mar.* »

Era a *ilha das Flores*, hoje notavel pelo seu farol em 34° 56′ 30″ S.

44

Pag. 39, lin. 3 e 4 . . . « Passando ávante da ilha descobri hum alto monte, ao qual puz nome = monte de Sam Pedro. » =

Este monte vem a ser o bem conhecido cerro, que deu o nome a *Montevidio*, chamado antigamente *Monte de Santo Ovidio* (Gab. Soares Rot. Ger. C. 73), — que segundo a relação de Francisco Albo * (que acompanhou na náo *Victoria* a expedição de Fernam de Magalhães) é adulterino de « Monte vidi ». Ja corruptamente lhe chamavam no seu tempo = *Santo Vidio.* =

O nome de *Monte de S. Pedro* não grassou, ao que parece.

45

Pag. 39, lin. 7 e 8. . . . « a costa he toda suja de pedra, e ruins baxos. »

São os cachopos *das Caretas*, e *Miqueletes.*

46

Pag. 39, lin. 14 e seg. . . . » indo assi no golfo de hũa enseada, que se faz grande como o dito monte de Sam Pedro, demora a leste e a quarta de sueste, fui » &c.

Isto não faz muito bom sentido: talvez fizesse mais algum lendo:

. . . indo assi no golfo de hũa enseada, que se faz grande; — com o dito monte de Sam Pedro demora a leste a quarta do sueste, fui &c.

A enseada de que abaixo fala, dizendo que ali co-

* Vej. *Coleccion de los viages y descubrimientos &c.* de Don Martin Fernandez de Navarrete, Madrid, 1837. T. 4.º pag. 30 e 211, e tambem a Relação das navegações ao estreito de Magalhães, impressa em Madrid em 1788, 1 vol. 4.º pag. 188; obras trabalhadas com erudição e curiosidade.

meçou a achar a agua doce, é o *R. de Santa Luzia*, de que torna a tratar a pag. 50, e que na carta de Fernão Vaz Dourado é até marcado — « *R:. dagoa doçe* » e na de Lazaro Luiz diz so « *agoa dose.* « E a *ponta* d'aloeste será a *del Espinillo.*

47

Pag. 39, *lin.* 28 . . . « *afuzialava.* »

E' melhor ler *afuzilava*, como no codice da Bib. R.

48

Pag. 39, *lin. ult. e penult.*

A sonda achada é exactamente a marcada nas cartas maritimas e roteiros, ao longo dos *Barrancos de Santa Luzia.*

49

Pag. 40, *lin.* 9 *e seg.*

As considerações fytologicas do A. são confirmadas por Aug. de St. Hilaire; Vej. *Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguay* na Introd. pag. lvj.

50

Pag. 42, *lin.* 4 . . . « *me achei pegado com hũa ponta* » *&c.*

Era a da peninsula, onde ao depois em 1680 se fundou a Nova Colonia do Sacramento, bem celebre pelos variados acontecimentos tão contestados, que depois por ella houve.

51

Pag. 42, lin. 5 . . . « ao noroeste oeste » &c.

Foi escrupulo demasiado conservar esta ultima palavra, que se achava na nossa copia, e que estamos quasi certos que foram syllabas repetidas por engano pela penna do copista; — a palavra = oeste = ultima não se lê no Codice da Bib. R., nem faz sentido.

52

Pag. 42, lin. 28 e seg. — « Duas leguas das sete ilhas ha hum rio, que traz muita agua. »

Estas sete ilhas vem a ser as que Centenera memóra na *Argentina* fol. 9 v., designadas em algumas cartas com os nomes *de S. Gabriel*, (nome posto por Gaboto, Herrera 4, 9, 3) de *Antonio Lopez*, *Muleques*, *Ilha dos Inglezes &c.*

No mappa de Vaz Dourado lê-se o nome « *Sete ilhas* » neste logar, o que parece indicar ser nome que ficou subsistindo, ainda que o A. não mostra usar delle senão para se explicar. — O rio de que fala o A. é inquestionavelmente o *R. de S. João*.

53

Pag. 42, lin. ult. . . » ilha grande, redonda, toda chea d'arboredo » &c.

E' a hoje tão requestada ilha *de Martim Garcia.*

54

Pag. 43, lin. 22 e 23 . . . » e fui a hũas ilhas, que me demoravam ao nornoroeste » &c.

Seriam as *dos Hermanos*, e a *I. Sola.*

55

Pag. 44, lin. 9 e seg... «e achei hum rio de meia legua de largo... A agua corria mui tesa para baxo:... O rio faz a entrada leste-oeste» &c.

Este rio era sem duvida uma das bocas do *Paraná*.

56

Pag. 44, lin. 14 ... «e indo mais por o rio arriba, da banda do sul achei» &c.

E' necessario reparar que o A. agora não se refere ao rio, que ia subindo, mas ao que encontrou; e portanto deixou de subir pelo *Uraguay*, e tomou a boca do *Paraná*; e isto melhor se confirma pela multiplicidade de braços e ilhas que menciona, e pelos signaes que dá da terra ser chãa e do fundo ser de lama molle. A falta de boas cartas e descripções topograficas destas immediações, e dos nomes das ilhas e esteiros, não nos permitte acompanhar o A. em todas as voltas que nesta paragem deu, e até ajuntar um mappa da derrota, como era nossa tenção. No momento em que estas notas escrevemos apenas a conhecida obra de Don Félix de Azara, que copiou a carta de José Custodio de Sá e Faria, nos é possivel consultar, e a grande Carta de Spix e Martius não nos parece mui exacta na maneira de appresentar a confluencia dos dois rios. Entretanto com a descripção lida á vista dos mappas III. e IV do Atlas de Azara, publicado em 1809, se póde proximamente avaliar a direcção que seguiu o Autor.

57

Pag. 45, lin ult. e penult... «as duas ilhas dos corvos» &c.

São as duas de que falou na mesma pagina lin. 7 e 8, onde encontrou as aves, que chama corvos marinhos.

58

Pag. 46, *lin.* 11 *e* 16.

Os veados que menciona o A. são sem duvida os chamados no paiz *Guaçu-pucu*, que vem a ser os *Cervus paludosus* de Desmarest e Lichtenstein, ou *Mazama paludosa* de *Smith*: a sua grandeza attribue Azara á natureza dos logares que habitam; e Cuvier julga serem os mesmos *Quantlamazame* de Hernandez. — As « alimarias como rapozas, que sempre andam n'agua » são sem duvida as bem conhecidas *Iráras* do Brasil, chamadas tambem ali *cães do mato.*

59

Pag. 46, *lin.* 26 *e* 30 . . . *« terra dos Carandins » . . . esteiro dos Carandins ,, &c.*

Carandins é uma bem conhecida nação de indios: Gomara escreve *Quirandies* (Ed. de 1552 fol. xlix col. 2.ª); Herrera (Dec. 4.ª L. 8. cap. 11) *Quirondis*, e o erudito Ferdinand Denis (*Résumé de l'histoire de Buenos-Ayres, du Paraguay et des provinces de la Plata &c. Paris*, 1827) escreve *Querendis*.

60

Pag. 47, *lin.* 1.ª . . . " *deste esteiro ao rio dos Beguoais, donde parti, me fazia cento e cinco leguas ,, &c.*

O rio de que se trata é o mesmo, que na pag. 38 s'escreve dos *Begoais*, e do qual adiante (pag. 53 e 55) se torna a falar. Pela conta do A. vem o esteiro, onde chegaram, a ser proximamente na altura, em que fôra edificada a torre de Gaboto, entre os Timbuès. A falta de uma boa planta deste rio a nosso alcance, nos empece o determinar exactamente esta posição, o que sería facil.

61

Pag. 47, lin. 29.

As ilhas dos corvos são as de que falamos na nota 57.

62

Pag. 48, lin. 1... "disse-nos que era **BEGUOAA CHANAA** *,, &c.*

Quanto ao nome *Beguoaa* ou *Begoá* só o conhecemos de ler a palavra *Bemgoas* em uma das cartas do Atlas Ms. de Lazaro Luiz, (feito em 1563, e pertencente á Acad. R. das S. de Lisboa) *, e nestas alturas, como designando o nome de povos ou naçoens habitantes na margem esquerda do Paraná: e ali se lê tambem mais acima *Chanofis*, — talvez corrupção de *Chanaas* ou *Chanás* (como vem na lin. 10 desta pagina), e que Herrera (Dec. 4.ª L. 8. Cap. 11) escreve *Chanas*, contando a narração, que fizera Gaboto, das varias naçoens de indigenas.

63

Pag. 48, lin. 2... "se chamava **YNHANDÚ** *,, &c.*

Os americanos tomam muito para si os nomes das feras, aves &c. §; e este costume não é so dos america-

* Na descripção deste Atlas dissemos pag. 501, que n'algumas folhas havia notas feitas posteriormente: logo do principio se deduz que são de 1699.

§ Na interessante *Relação ácerca dos direitos sociaes entre os Aborigenes do Brasil*, impressa em Munich em 1832, diz seu autor o celebre viajante-naturalista — Dr. Martius, a pag. 11:

... "von gewissen Thieren oder Pflanzen willkührlich gewählt haben. Von solcher Art sind die zwei auch in der Sprache abweichender Horden der *Miranhas*, am obern Yupurá, die Grossvogel-und die Schnacken-Indianer, und in solcher Weise zerfallt der, jetzt schon an Individuen arme, Stamm der *Uainumás* in mehrere nach vershiedenen Palmenarten, nach der Onze u. s. w. benannte Familien.,,

nos, que até na antiga Europa acontece o mesmo. O nome *Inhandú* parece designar o *Nhandú* ou Ema americana *(Struthio Rhea)*, ou segundo Saint Hilaire *(Hist. des Plantes les plus remarquables &c.* pag. lxi*)* as suas pennas; e não ha difficuldade de acreditar que aquelle fosse o nome do homem.

64

Pag. 43, *lin.* 6 . . . " *hũs feretes que lhe tomavam as olheiras* ,, *&c.*

Deve ler-se *ferretes*; quer dizer isto que a tal mulher era ferreteada na parte superior das faces e inferiormente aos olhos. Veja-se *Martius* pag. 11 e 12.

65

Pag. 43, *lin.* 18 . . . "*prosperna d'ovelha* ,, *&c.*

E' mais correcto ler posperna, com o codice da Bibl. R. Note-se, que não é provavel que ali houvesse ja ovelhas, para os indios caçarem, e que é mais natural que a posperna fosse de Páca *(Cavia Paca)*, que lhe é similhante, até no gosto, e muito mais no feitio, unha, &c.

66

Pag. 43, *lin.* 21.

Estas ilhas dos corvos são as de que falamos na nota 57.

Em nota cita a Part. 3.ª pag. 1208 das suas Viagens, e prosegue: " Os Hurones se devidem em tres tribus, — a do Lobo, do Urso e da Tartaruga, e a maior parte das tribus do Alto-Canadá usam geralmente de nomes de animaes. ,,

67

Pag. 46, lin. 23 . . . " muitos veados tamanhos como bois ,, &c.

São os *Guaçu-pucu* (vej. not. 58), que Herrera diz (D. 4. L. 8. Cap. 11) *« grandes como bacas pequenas »* &c.

68

Pag. 48, lin. 32 . . . " sete ilhas ,, &c.

Veja-se o que dissemos na nota 52, pag. 99.

69

Pag. 49 . . . " cabo de Sam Martinho ,, &c.

Este cabo vem a ser talvez a *ponta del Espinillo.*

70

Pag. 49, lin. 16 . . . " tres pontas, afastada hũa legua hũa da outra ,, &c.

Assim se lê, e não *afastadas.*

71

Pag. 49, lin. 13 . . . " cortam tambem os dedos como os do cabo de Santa Maria ,, &c.

Veja-se o que o A. conta adiante, pag. 55.

72

Pag. 51.

Tudo quanto o A. refere se pode hoje confirmar á vista do que noticiam os roteiros inglezes modernos.

73

Pag. 51, *lin. ult. e penult... "outras alimarias, tamanhas como potros novos e do parecer delles,, &c.*

São evidentemente as bem conhecidas Antas (*Tapir Americanus*) chamadas no Brasil *Tapir-ussú*, e *Tapir-eté*.

» Ay unos animales que llamã Antas, son como borricos » &c., diz o Padre Antonio Rodrigues.

74

Pag. 52, *lin.* 4... *"vinte e quatro de dezembro, dia de natal,, &c.*

Todos nós sabemos mui bem, que o dia de natal cae a 25 de Dezembro, e tambem o A. o não ignorava, pois declara na ultima linha da pag. 5 que no anno antecedente de 1530 foi «domingo 25 de Dezembro, dia de natal», e esta declaração nos difficulta a explicação, por quanto sendo o natal uma festa immovel, não podemos dizer que o A. considerava o dia pela festividade da vespera n'um anno, e n'outro não. Uma saída temos para nos desembaraçarmos desta duvida; que se não se firmar em principio demonstrado de falso, deverá ser satisfactoria; é fundada no modo de começar a contar o dia civil, e por conseguinte o da festividade, que sendo com os astronomos dataria do meio dia de 24 até ao de 25, e desfaria a supposta irregularidade, nos dous annos successivos; visto que o A. fala aqui da tarde, e na pag. 5, da manhã do dia seguinte: — e sirva esta explicação em quanto a não houver melhor, para os que, como nós, guardarem só para o ultimo caso o increpar A. e os copistas, que fôra a elucidação menos custosa.

75

Pag. 52, lin. 15 e 16... "*ilha da restinga*," *&c.*

E' a ilha das Flores, de que tratamos na nota 43, pag. 96.

76

Pag. 52, lin. 29... "*ilha das pedras*," *&c.*

E' sem duvida a mesma da nota 42, pág. 96.

77

Pag. 53, lin. 17 e 19... "*tirava... andavam*," *&c.*

Hoje fizera mais sentido ler... «*tirada... cuidavam*»; porêm assim como imprimimos está nos Mss.

78

Pag. 53... "*rio dos Beguoais*," *&c.*

Veja-se a nossa nota 41, pag. 96.

79

Pag. 54.

A respeito da descripção de taes cemiterios, e do enterramento dos mortos compare-se o que diz o Padre José de Acosta na *Historia Natural y Moral de las Indias*, Madrid; 1608, pag. 318 e seg.; e tambem o Padre Antonio Rodrigues, na *Conquista Espiritual hecha por los religiosos de la compania de Jesus, en las Provincias de Paraguay, Parana, Uraguay y Tape*, Madrid,

1639 fol. 14. Estas noticias sepulchraes recordam os *Guacas* da archeologia peruviana.

80

Pag. 58, *lin.* 1.ª

Parece que vindo do sul à entrada foi pela *barra grande*, e por tanto enganou-se Fr. Gaspar em suppor (pag. 21) que deveria ter sido pela da *Bertioga*.

81

Pag. 58, *lin.* 10 e 11 ... "*achei hum rio estreito, em que as naos se podiam correger*,, &c.

Sería o *Tumiarú*. Esta noticia deixa mal Fr. Gaspar na sua conjectura, pag. 25.

82

Pag. 58, *lin.* 13 e *seg.*

Deste logar se vê claramente que ainda ali não havia antes feitoria. A náo que se varou em terra fòra talvez a Senhora das Candeas, que ao depois (vej. pag. 110) o foi encontrar no Rio de Janeiro, por ter ficado a correger-se.

Vè-se tambem que Martim Affonso usou da autoridade das cartas de poderes (Doc. I, II e III), criando villas &c.

83

Pag. 58, *lin.* 24 ... "*celebrar matrimonios*,, &c.

Estas duas unicas palavras nos são de grande auxilio para rebater de todo uma conjectura de Fr. Gaspar,

acreditada por Cazal (I. 221) — que a primeira mulher portugueza que passara ao Brasil fôra a de João Gonçalves em 1536. Para *celebrar matrimonios* devia de haver mulheres, e por conseguinte tinham ido familias e casaes; por quanto «a mui nobre e honrada gente» fundadora da villa de S. Vicente não se havia de querer aparentar tão depressa com uma raça gentía, quando havia tantas difficuldades para o fazer com a judía.

84

Pag. 58, lin. 26 . . . " e vestir as enjurias ,, &c.

Temos por melhor lição *ëvestir* ou *investir*, pois nos custa a crer, que o A. achasse mais conveniente o *encubrir* as injurias, do que o *investi-las*. — Com tudo assim se lê nos Mss.

85

Pag. 58, lin. ult., e pag. 59, lin. 1.ª . . . " quinze homẽs castelhanos, que no dito porto havia muitos tempos, que estavam perdidos ,, &c.

Talvez desde a expedição de Solis, da qual fala Herrera (D. 2.ª L. 1.º C. 7.º); ou desde Gaboto mencionado por Antonio Galvão e Herrera (D. 3.ª L. 9. C. 3.) — Esta ultima conjectura reforça-se ao lêr Gomara (*La Istoria de las Indias* fol. 1.), quando diz que em 1538 entrou no porto dos Patos.

> . . . " una nao de Alonso Cabrera, que yua por vee-
> " dor al rio de la Plata, el qual hallo tres españoles
> " que hablavan muy bien aquella lengua e como om-
> " bres que auian estado alli perdidos desde Sebastião
> " Gaboto. ,,

Ora se Cabrera foi em 538, e Gaboto em 526, segue-se que em 532 ainda ali estavam, e que além dos que vieram, ficaram ainda pelo menos tres.

86

Pag. 59, *lin.* 17 ... "*para que eu fosse a* **Portugal** *nestas duas naos*,, &c.

Daqui se vê claramente que o A. escrevia a bordo, e por isso diz *nestas duas náos*.

87

Pag. 59, *in fine*.

Neste logar acabava, como ja dissemos, o nosso Ms. tal como o demos ao prelo; agora para satisfação dos leitores publicaremos o fragmento, que se encontra no codice da Bib. R., que vem a ser parte da derrota da volta, o qual neste codice é uma verdadeira continuação.

Começa no fim da folha 27 do modo seguinte.

Quarta feira xxij dias do mes de maio da era de mil e quinhentos e trinta e dous da era dadam de oito mi e quinhentos e xbj e zbi dias * da era do diluvio de qual tro mil e seiscentos e trinta e quatro annos e noventa e çinquo dias estando o sol em dez .g. e trinta e dous meudos de geminis e a lua em .19. g. de capricornio, party do Rio de sam Vicente hũa ora antes que o sol se pusese com o vento noroeste. E como foi noite fiz o caminho a leste e a quarta de nordeste.

Quinta feira polla menhãa era tanto avante com a ylha de sam Sebastiam e ao meo dia se fez o vento oeste e comecou a ventar *e* que me foi necessario tirar as monetas e correr com hos papafigos baxos fazendo o caminho a lesnordeste ate a mea noite que mandei tomar as *vellas* § por me fazer com ho Rio de Janeiro.

Sesta feira xxiiij dias do dito mes pola menhãa via terra tres leguoas de mjm e conheçi o Rio de Janeiro que

* Convem notar primeiro que o que está em grifo se acha escipto no codice da Bib. Real, porém á margem e com uma chamada. A respeito do modo de ler este numero e do mais que diz respeito a esta data, veja-se o que dizemos na nota 88 que segue.

§ No codice coevo da Bib. Real está aqui *leguoas* riscado e por cima *vellas* na mesma letra; aquella palavra fôra por engano.

me demoraua a norte e quarta do nordeste e com o vento suduestе dei a vela e entrei nelle ao meo dia.

Sesta feira xiiij dias do mes de Junho chegou a nao santa maria das candeas, que fiquara em sam Vicente acabando-se de correger. Neste rio estive tomando mantimento pera tres meses e partime terçafeira dous dias de Julho: com o vento nordeste say fora, e achei o mar tam feo, que me foi necessario tornar a Ribar e surgi na boca ao mar da ylha das pedras em fundo .15. braças darea limpa.

Quinta feira quatro do dito mes me torney a fazer a vela com ho vento norte. Duas leguoas ao mar me deu mujto vento sudueste e mandei fazer o caminho a leste e em se pondo o sol fui com o cabo frio. No quarto da prima mandei governar a leste ate sesta feira ao meo dia que fiz o caminho a lesnordeste com ho vento sudueste de todalas velas.

Sabado seis dias do mes de Julho se me fez o vento sul. Fazia o caminho a nordeste e a quarta de leste.

Dominguo bij do mez polla menhãa me fez o galeam sinal e como acheguei a elle me disse que faziam tanta aguoa que duas bombas a não podiam vençer e que queriam virar no outro bordo; ver se a podiam tomar: e em virando dous Relogios no outro bordo a tomaram e tornamos a virar e fazer o caminho a nordeste e a quarta de leste.

Segundafeira biij dias do mes de julho ao meo dia tomey o sol em .21. g. e meo: demoravame o cabo frio ao essudueste: fazia me delle .lx e duas leguoas. A ilha dos baxos me demorava ao noroeste: fazia me della .l. leguoas.

3.ª feira se fez o vento leste: com elle fazia o caminho da norte e a quarta do nordeste pollas naos serem grandes de bolina lhe dava pouco abatymento.

Quarta feira .x. do mes de Julho se fez o vento calma ate sabado ao meo dia que o vento sudueste começou a ventar brando e de noite com ho vento fresquo de todas as velas, fazia ho caminho do norte ate domingo ao meo dia que tomey o sol em .19. g. e tres quartos e mandei fazer o caminho a norte e a quarta de noroeste. Os baxos dos parguetes me demorauam ao sudueste e a quarta daloeste: fazia-me delles .lxx. leguoas. A ilha dos baxos me demorava ao noroeste: fazia me della xbiij leguoas.

Segunda feira .xb. do dito mes ao meo dia tomei o sol em .17. g. Com mujto vento suduèste e mar corria com os papafigos baxos ao nornoroeste. Esta noite com o mar muj groso nam levamos a mao de duas bombas: fazia a nao por tantas partes a aguoa que toda a noite andaua com ho calafate debaxo da cuberta tomando aguoas. Eram tantas as baleas nesta parajem e tamanhas e chegavam se tanto as naos que lhe auiamos mui grande medo.

3.ª feira xbj do dito mez tomei o sol ao meo dia em 15. g. e tres quartos. Demorava me a baia de todolos Santos ao nornoroeste. Mandei fazer o caminho ao noroeste ate e quarto da modorra, que ouve vista da terra que mandei fazer o caminho ao norte e a quarta do nordeste com o mar mui grosso.

Quartafeira xbij do dito mes polla menhãa Reconhecy as serras que jazem ao sul da baia de todolos santos .xxb. leguoas e ao meo dia se fez o vento susudueste muj forçoso. Era o mar tam grosso que a nao me nam queria guovernar asy fui correndo com hum bolso da vela davante com mui gram temporal: ao jugar da nao faziam tanta aguoa que não leuauamos maõs a duas bombas. Este dia tomei o sol em .14. g. e o sol posto houve vista do padrão: por fazer mujto vento e o mar e a terra estar muj afumada nam entrei na bahia e fiz me no bordo do mar ate .5. Relogios do 4º da modorra que tornei no bordo da terra.

5ª feira .18. dias de Julho em Rompendo a alua vi o padrão mea leguoa de mjm e o marquey aloeste e a quarta do noroeste metendo as monetas pera entrar na bahia. Saltou o vento ao sudueste con tanta força que nam podiamos metter as naos de loo. Torney a mandar a tirar as monetas e com hos papafigos baxos cobrei a ponsa do padrão, com asaz trabalho. Era tam grande o mar que a entrada da bahia em .9. braças de fundo me deu o mar por Riba do chapiteo e veo quebrar no conves.

Nesta bahia estive calafetando os altos das naos que os traziam esvaidos e tomando mantimentos e outras cousas que me eram necessarias. Aqui fiz alardo da gente que trazia pera poderem tomar armas e achey em ambas as naos. l e iij. homẽs e os .xxx. delles sem armas.

Aqui se lançaram com os indios tres marinheiros da minha nao, e me detiveram oito dias busquan-

do os e nam nos pude aver por os indios mos esconderem. *

3.ª feira xxx dias do mes de Julho parti desta bahia de todollos santos com o vento sudueste, e como fui ao mar duas leguoas se me fez leste e virey no bordo da terra ate o quarto da prima que tornei a virar no bordo do mar.

Quarta feira xxxj do dito mes no quarto dalua tornei a virar no bordo da terra com o vento lessueste. Desda ponta do padrão ate a pedra da galee se corre a costa les nordeste oessudueste. Ha de caminho quatro leguoas e da pedra da galee ate o a Recyfe de sam migel se corre a costa nor nordeste susudueste e desde o aReçyfe ate o cabo de santagustinho se corre a corre a costa nortesul toma da quarta de nordeste sudueste. De de esta bahia de todollos santos ate o cabo de sam Roque correm as aguoas ao norte sete meses .s. março e abril e maio e junho e julho e agosto e setembro ate outubro e estoutros çinquo meses do anno correm ao sul e como achegam a esta bahía correm ao sueste todo o anno e nestes çinquo meses correm com mais força.

Quinta feira primeiro dia do mes d agosto andei em calma ate de noite no quarto da prima que se fez o vento sueste e com elle mandei fazer o caminho do nordeste.

Sestafeira fazendo o dito caminho ao meo dia tomei o sol em 10. g. e des do meo dia mandei fazei o caminho ao nordeste e a quarta do norte ate quatro Relogios andados do quarto da prima que mandei fazer o caminho ao norte e a quarta do noroeste.

Sabado tres dagosto polla menhãa ouve vista da terra e em me chegando mais a ella Reconheci as serras de santantonio que me demoravam o loeste e ao meo dia tomei o sol em .9. g. e trinta meudos. E duas oras antes que o sol se pusesse com o vento sudueste mandei tomar as velas, lancei as naos ao pairo hũa leguoa de terra em fundo de .xxx. braças de pedra: na terra me faziam mujtos fumos.

Dominguo iiij dias d agosto 1532 estando o sol em 21. g. e tres meudos de leo e a lua em .b. graos de libra e em o sol nacendo mandei dar as velas com o vento sudueste. Indo costeando a terra hum tiro de bombar

* Talvez que 3 marinheiros entrassem no numero dos que mais tarde ali encontrou Cabrera.

da per fundo de .xb. braças indo na gavia as nove oras do dia vi a ilha do santalexo: demorava me ao norte e como me acheguei mais a ella vi hũa nao que estava surta antre ella e a terra: parecia ser mui grande: logo me deçi da gavia, e mandei fazer prestes a artelharia e mandei fazer sinal ao galeam que vinha por minha popa e em chegando a mym lhe disse que pusesse a artelharia em ordem; e se fizesse a gente prestes porque se a nao que estava na ilha surta fose de França avia de pelejar com ella.

N. B. Aqui acaba no MS. quasi o verso da fol. 29.—Seguem-se em branco as folhas numeradas 30, 31, 32, 34 e 35. Passa em claro a 33, cujo numero vem a ter a ultima, que está depois da 41, e tambem é em branco; só no principio da pagina diz:

Sexta feira xbij do

E segue uma *raspadela*.

Ainda que este MS. está falho neste logar, e nos deixa suspensos em um combate que estava prestes; com tudo, a nosso ver, a noticia destes acontecimentos poderá ser de algum modo suprida, se nos aproveitarmos de um trecho, destituido de preliminares e explicação dos escriptores, não conhecedores das verdades, que só este *Diario* podia manifestar, e o procurarmos casar com a nossa narração; — tanto mais que pode ser que as cinco folhas em branco aqui deixadas pelo copista, (e as quaes não estariam no original) fossem achadas por outrem que as possuisse separadamente, e dellas aproveitasse quem só as viu. Os dois autores que trazem este trecho são Fr. Agostinho de S. Maria no *Sant. Mar.* e Fr. Antonio Jaboatão na chronica da sua provincia do Brasil (Digr. 4.ª Est. X pag. 91), copiado por Fr. Gaspar e por elle citado.

Transcreveremos do primeiro, como mais antigo, do Tom. 9.º pag. 326 a seguinte narração.

...«havia saído uma náo franceza carregada para França, a
» qual cuidou seguir-lhe: mas mandou atraz della uma caravela
» muito ligeira, e por capitão um João Gonçalves, homem da
» sua casa, de cujo esforço tinha muita confiança e experiencia
» de outras armadas, em que o acompanhou contra os cossairos
» na costa de Portugal e de Castella. E como a caravela era um
» pensamento e a náo francesa sobrecarregada (ainda que alijou
» ao mar parte da carga do páo brasil) finalmente foi alcança-
» da, e querendo pôr-se em defesa lhe atiraram da nossa com
» um pelouro de cadêa, que a colheu de pôpa a proa e a desen-

» xarceou de uma banda e lhe matou alguns homens, com que
» se renderam os mais, que eram trinta e cinco, entre grandes
» e pequenos, e a náo com oito peças de artelharia.

» Com esta presa se voltou o capitão João Gonçalves, ha-
» vendo vinte e sete dias, que o capitão mór estava na ilha;
» onde teve informação de outra náo, que vinha de França com
» munições e resgates aos francezes, e a mandou por outras duas
» caravelas *, de que hião por capitão Alvaro Nunes de Andra-
» de, homem Fidalgo Gallego e da familia dos Andrades, e
» Gamboas, e Sebastião Gonçalves de Alvelos, os quaes a to-
» maram e entraram com ella na mesma maré, em que João
» Gonçalves entrou com a outra. Com o que os francezes da for-
» taleza começaram a enfraquecer, e desmaiar e muito mais,
» porque se lhes levantou um levantisco, e alguns portuguezes,
» que elles tinham tomado, e andavam entre os gentios; os quaes,
» como já lhes sabiam a lingoa, os amotinaram contra os fran-
» cezes de tal modo, que se Pedro Lopes de Souza lho não im-
» pedira, quiseram logo mata-los e come-los: que tão variavel
» é este gentio, e amigo de novidades; e assim vieram logo os
» principaes a offerecer-se a Pedro Lopes de Souza para isso, e
» para tudo o mais, que lhes mandasse, o qual os recebeu be-
» nignamente, e lhes disse que não fizessem mal aos francezes,
» porque todos eram irmaõs, — nem elle lho devia de fazer, se
» lhe não resistissem, antes muitos beneficios e favores.

» Sabido isto pelos francezes, que logo lho foram dizer, lhe
» mandou o seu capitão offerecer que fosse tomar entrega da for-
» taleza, e delles, que todos queriam ser seus prisioneiros e ca-
» tivos e só pediam a mercê das vidas. E assim se fez não espe-
» rando o capitão da fortaleza que Pedro Lopes de Souza che-
» gasse a ella; mas ao caminho lhe trouxe as chaves, e lhas en-
» tregou com todos os seus soldados desarmados e Pedro Lopes
» lhe mandou entregar a sua roupa. E despejada a fortaleza da
» artilheria e do mais que tinha, a mandou arrasar fazendo ou-
» tra muito forte na povoação e outra nos Marcos por resguardo
» da feitoria d'ElRei ,, &c.

Cada qual dará a esta narração o gráo do credito, de que a julgar merecedora. E feita esta interrupção continuemos a publicar o resto do escripto de Pero Lopes, que se encontra na Bibliotheca Real.

No MS. vem adiante a fol. 36, que prosegue do modo seguinte.

Segunda feira quatro dias do mes de novembro da era de 1532 parti do porto de Pernambuco com o vento

* Seriam as duas que tinham ido ao Maranhão?

da terra. Sendo ao mar hũa leguoa se fez o vento nordeste e fiz me na volta do sueste ate a terça feira no quarto da prima que se fez o vento leste e virei no bordo do norte, ate quinta feira ao meo dia que tomei o sol em .b. graos e .l bj. meudos.

Sesta feira biij de nouembro fazia o caminho do norte e a quarta do nordeste. Ao meo dia tomei o sol em 5 graos e tres quartos.

Sabando * nove dias do dito mez fazendo o dito caminho ao meo dia tomei o sol em .4. g. demoravame o cabo de santagustinho Ao sul e a quarta do sudueste fazia me delle oitenta leguoas. A ilha de Fernam de Loronha me demorava a leste e a quarta do nordeste: fazia me della l. leguoas.

Domingo com o vento leste e o mar mui chão e os dias mui craros que nesta parajem se acham muj poucas vezes fazia o caminho do norte e ao meo dia tomei o sol em .2. g. e meo.

Segundafeira xj dias de novembro: no quarto dalua se me fez o vento lessueste: fazia o caminho do norte e a quarta do nordeste por dar abatimento as agulhas que me norestcavam hũa quarta. Ao meo dia tomei o sol em .1. g. e um quarto.

3.ª feira xij do dito mes fazia o dito caminho e ao meo dia tomei o sol em 16 meudos. Demoravame a ilha de fernam de loronha ao sul e a quarta do sudueste: fazia me della lxb. leguoas: o penedo de sam pedro me demoraua ao nordeste: fazia me delle liij leguoas.

Quarta feira xiij de novembro com o vento lessueste fazia o caminho do norte e a quarta do nordeste por dar a dita quarta dabatimento as agulhas: ao meo dia tomey o sol em .1. .g. da banda do norte.

Quinta feira xiiij do mes ao meo dia tomei o sol em 2. g. e um terço e a tarde se fez o vento sueste e fazia o caminho ao nordeste e a quarta do norte.

Sesta feira polla menhaã se fez o vento lessueste e tornei a fazer o caminho do norte e a quarta do nordeste e ao meo dia tomei o sol em 3. g. e xxxbiij meudos.

Sabado fazia o dito caminho. Ao meo dia tomei o sol em 4. g. e xbj. meudos.

Dominguo xbij de nouembro fazendo o dito caminho-

* *Sic.*

nho tomei o sol em .5. g. e demorauame o penedo de sam pedro ao sueste: fazia me lxx e çinquo leguoas: demoravame o cabo verde ao nordeste: faziame delle ii. e quarenta leguoas. Esta noite no quarto da modorra me deu hũa muj grande travoada de lesnordeste com muito vento e aguoa que fiquou em calma ate quartafeira xx do mes que no quarto dalua me deu mujto vento nordeste e com mui grande mar que esta noite estive em condição de aRibar por mo requerer o piloto da outra nao dizendo que se ia ao fundo com hũa aguoa que se lhes abrira asi fomos com este temporal com os papafiguos mui baxos fazendo o caminho do noroeste ate sesta feira que ao por do sol abonançou mais o tempo.

Sabado ao meo dia tornou o vento nordeste a ventar com mujta força que o nam pude soportar as velas e as mandei tomar e estive este dia todo de mar em traves com muj grande mar e aguoajem que vinha de leste.

Dominguo

Deixa depois desta fol. 37 outras 5 adiante em branco, e segue a fol. 33 de que falamos, a pag. 113, e acaba.

88

Pag. 109, *lin.* 10.

Quarta feira xxij dias do mes de maio da era da milj e quinhentos e trinta e dous da era dadam de oito mil e quinhentos e xbj e zbı dias &c.»

Comecemos do fim deste periodo. Cumpre saber que como refere Moreri *(V. Chronol.)* os antigos, seguindo a opinião de alguns chronologistas, acreditavam ter sido creado o mundo em um certo dia, que correspondia ao 1.º de Maio no computo juliano; deste modo até 22 de Maio contam-se 21 dias. — Ora isto é quanto a nós o mesmo numero escripto zbı; por quanto no *Elucidario Tab. II. lin. ult.* vemos que z (ou signal que se lhe simelha,) valia 4; e sabemos que b = 5, e ı = 1, e tambem vimos pag. 65 e 66 que bcxxx designava 530 ou 5 . 100 + 30 e por analogia tiramos aqui zbı = 4 . 5 + 1 = 21.

Para explicar a coincidencia dos annos de 1532 da

nossa era com a de 8516 do Adão convem notar que o A. não se serve para este fim da vulgata; porêm do computo das *Taboas Affonsinas*, que põem a vinda de Christo no *A. M.* 6984, maximo limite nas opiniões dos 70.

A accumulação das datas empregada pelo A. não será de novidade aos que souberem quanto ella foi usada pelos escriptores e notarios da idade media, que por ventura pertendiam fazer ostentação do seu saber em chronologia, então parte essencial da instrucção — especialmente da ecclesiastica; e sobre isto innumeras obras de vasta e descommunal erudição foram escriptas, até á ultima edição da *Arte de verificar as datas*, e o leitor curioso as poderá consultar. Da accumulação das datas se acham muitos exemplos nas chronicas publicadas por Florez; e sem irmos tão longe citaremos as datas accumuladas por Gomes Eannes no fim da 3.ª Parte da Chron. de D. João 1.º — e ainda outros exemplos citariamos se o julgassemos necessario em objecto tão trivial.

NOTA FINAL.

Depois de voltado Pero Lopes elrei se deu por bem servido delle, e tendo-lhe já antes feito uma doação em 1532, a reformou e ampliou no 1.º de Septembro de 1534, e a traz D. Antonio Caetano de Souza, donde julgamos transcreve-la para acompanhar o Foral que publicamos, copiado do autografo da Torre do Tombo. Publicamos estes dois documentos, por quanto se podem considerar como *specimens* dos passados aos outros doze donatarios, de que fala Barros (Dec. 1.ª, Liv. 6.º C. 1.º), e nós tratamos miudamente nas *Reflexões Críticas* pag. 83 e seguintes. Esta doação e foral analysados servirão de primeira base á historia de todas as capitanias.

O Foral impresso pela primeira vez e copiado do original irá com a mesma orthografia: outro tanto não faremos á seguinte doação, por quanto alêm de não encontrarmos o seu original, já foi impressa com orthografia antiga (se bem que modificada da coetanea), e temos por de mais utilidade que melhor se possa ler, não havendo contras. Achámos conveniente porêm coteja-la com as outras arranjadas pela mesma redacção, que se acham na Torre do Tombo, e acertar por estas algumas palavras e expressões adulteradas, não só talvez pelo andar dos tempos, como pelos copistas inexpertos, de que seguramente se valeu o A. da H. Genealogica, — que raro será o documento que na sua preciosa obra se encontre impresso fielmente.

Documento VII.

D. João &c. A quantos esta minha Carta virem faço saber, que considerando eu em quanto serviço de deus e meu, proveito e bem de meus reinos e senhorios, dos naturaes e subditos delles é ser a minha costa e terra do Brasil mais povoada do que até agora foi; assim para se nella haver de celebrar o culto e officios divinos, e se exalçar a nossa santa fé catholica, com trazer e provocar a ella os naturaes da dita terra infieis e idolatras; como pelo muito proveito que se seguirá a meus reinos e senhorios, e aos naturaes e subditos delles de se a dita terra povoar e aproveitar: houve por bem de mandar repartir e ordenar em capitanias de certas em certas leguas, para dellas prover áquellas pessoas que bem me parecesse; e pelo qual havendo eu respeito á criação que fez Pero * Lopes de Souza, fidalgo de minha casa, e aos serviços que me tem feito, e ao diante espero que me faça, e por folgar de lhe fazer mercê, de meu proprio motu, certa sciencia, poder real e absoluto, sem m'o elle pedir, nem outrem por elle: hei por bem e me praz de lhe fazer mercê, como de feito por esta presente carta faço mercê e irrevogavel doação, entre vivos valedora deste dia para todo sempre, de juro e herdade, para elle e todos seus filhos, netos, herdeiros e successores, que apoz delle vierem, assim descendentes como transversaes e collateraes, segundo adiante irá declarado, de 80 leguas de terra na dita costa do Brasil, repartidas nesta maneira: 40 leguas que começarão de 12 leguas ao sul da ilha da Cananéa, e acabarão na terra de Santa Anna, que está em altura de 28 gráos e um terço; e na dita altura se porá o padrão, e se lançará uma linha, que se corra a loeste: e 10 leguas que começarão do rio de Curparê, e acabarão no rio de S. Vicente; e no dito rio de Curparê da banda do norte se porá padrão, e se lançará uma linha pelo rumo de noroeste até altura de 23 gráos, e desta dita altura cortará a linha direitamente a loeste; e no rio de S. Vicente da banda do norte será outro padrão, e se lançará uma linha que corte direitamente a loeste; e as 30 leguas que fallecem, começarão no rio que cerca em redondo a ilha de Itamaracá, ao qual rio eu ora puz nome = Rio da Santa Cruz =, e acabarão na bahia da Traição, que está em altura de 6 gráos: e isto com tal declaração que a 50 passos da caza da feitoria, que de principio fez Christovão Jaques pelo rio dentro ao longo da praia, se porá um padrão de minhas armas; e do dito padrão se lançará uma linha, que cortará a loeste pela terra firme a dentro, e a dita terra da dita linha para o norte será do dito Pero Lopes; e do dito padrão pelo rio abaixo, para a barra e mar, ficará assim mesmo com

* Escrevemos Pero, porque assim se lê no foral, e se dizia naquelle tempo.

elle dito Pero Lopes ametade do braço do dito rio da Santa Cruz da banda do norte, e será sua a dita ilha de Itamaracá, e toda a mais parte do dito rio da Santa Cruz que vai ao norte; e bem assim serão suas quaesquer outras ilhas, que houver até 10 leguas ao mar na frontaria, e demarcação das ditas 80 leguas. As quaes 80 leguas se entenderão, e serão de largo ao longo da costa, e entrarão pelo sertão e terra firme a dentro tanto, quanto poderem entrar, e for de minha conquista; da qual terra e ilhas pelas sobreditas demarcaçoens lhe assim faço doação e mercê de juro e herdade para todo sempre, como dito é. E quero e me praz, que o dito Pero Lopes, e todos seus herdeiros e successores que a dita terra herdarem e succederem, se possam chamar e chamem capitães e governadores della.

Item outro sim lhe faço doação, e mercê de juro e herdade para todo sempre, para elle e seus descendentes e successores no modo sobredito da jurisdicção civel e crime da dita terra, da qual elle Pedro Lopes e seus herdeiros e sucesssores usarão na forma e maneira seguinte:

A saber: poderá por si e por seu ouvidor estar á eleição dos juizes e officiaes, e alimpar e apurar as pautas, passar carta de confirmação aos ditos juizes e officiaes, os quaes se chamarão pelo dito capitão e governador, e elle porá ouvidor, que poderá conhecer de auçoens novas a 10 leguas donde estiver; e de appellações e aggravos conhecerá em toda a dita capitania, e governança; e os ditos juizes darão appellação para o dito seu ouvidor nas quantias que mandam minhas ordenações, e de que o dito seu ouvidor julgar, assim por aução nova, como por appellação e aggravo: sendo em causas civeis, não haverá appellação nem aggravo até a quantia de cem mil reis; e dahi para cima dará appellação á parte que quizer appellar. E nos casos crimes hei por bem, que o dito capitão e governador, e seu ouvidor tenham jurisdicção e alçada de morte natural inclusivè em escravos e gentios; e assim mesmo em piães christãos, homens livres, e em todo-los casos; assim para absolver, como para condemnar, sem haver appellação nem aggravo. E porêm nos quatro casos seguintes: heresia (quando o heretico lhe for entregue pelo ecclesiastico) e traição, e sodomia, e moeda falsa, terá alçada em toda a pessoa de qualquer qualidade que seja, para condemnar os culpados á morte, e dar suas sentenças á execução sem appellação nem aggravo: e porêm nos ditos quatro casos, para absolver de morte, posto que outra pena lhe queirão dar, menos de morte, darão appellação e aggravo, e appellação por parte da justiça. E nas pessoas de mór qualidade terão alçada de dez annos de degredo, e até cem cruzados de pena sem appellação nem aggravo. *

Item outro sim me praz que o dito seu ouvidor possa conhe-

* Nas doações que conferimos na Torre do Tombo está este periodo antes do antecedente, em que se exceptuam os quatro casos.

cer das appellaçoens e aggravos, que a elle houverem de ir em qualquer villa ou logar da dita capitania, em que estiver; posto que seja muito apartado deste logar donde estiver, — com tanto que seja na propria capitania.

E o dito capitão e governador poderá pôr meirinho d'ante o seu ouvidor, e escrivães, e outros quaesquer officiaes necessarios, e costumados nestes reinos, assim na correição da ouvidoria, como em todas as villas e logares da dita capitania e governança.

E serão o dito capitão e governador, e seus successores obrigados, quando a dita terra for povoada em tanto crescimento que seja necessario outro ouvidor, de o pôr onde por mim ou por meus successores for ordenado.

Item outro sim me praz que o dito capitão e governador, e todos seus successores possam por si fazer villas todas e quaesquer povoações, que se na dita terra fizerem, e lhes a elles parecer que o devem ser, as quaes se chamarão villas, e terão termo, jurisdicção, liberdades, e insignias de villas; segundo o foro e costume de meus reinos E isto porêm se entenderá, que poderão fazer todas as villas que quizerem, das povoações que estiverem ao longo da costa da dita terra, e dos rios que se navegarem; porque por dentro da terra firme pelo sertão não as poderão fazer por menos espaço de 6 leguas de uma a outra, para que possam ficar ao menos 3 leguas de terra de termo a cada uma das ditas villas E, ao tempo que assim fizerem as ditas villas a cada uma dellas, lhe limitarão e assignarão logo termo para ellas; e depois não poderão da terra, que assim tiverem dado por termo, fazer outra villa sem minha licença.

Outro sim me praz, que o dito capitão e governador, e todos seus successores, a que esta capitania vier, possam novamente crear e prover por suas cartas os tabelliães do publico e judicial, que lhe parecer necessarios, nas villas e povoações das ditas terras, assim agora, como pelo tempo em diante; e lhe darão suas cartas assignadas por elles, e selladas com o seu sello: e lhe tomarão juramento, que sirvam seus officios bem e verdadeiramente: e os ditos tabelliães servirão pelas ditas suas cartas, sem mais tirarem outra de minha chancellaria: e quando os ditos officios vagarem por morte, ou renunciação, ou por erros de = se assim é, = * poderão isso mesmo dar, e lhe darão os regimentos por onde hão de servir, conforme aos de minha chancellaria.

Hei por bem, que os ditos tabelliães se chamem e possam chamar pelo dito capitão e governador, e lhe paguem suas penções, segundo a fórma do foral que ora para a dita terra mandei fazer, ¶ das quaes penções lhe assim mesmo faço doação e mercê de juro e herdade para sempre.

* Erro de = *se assim é* = expressão juridica usada antigamente; e não = desse, assim = como traz Souza.

¶ Veja-se este *foral*, que é o nosso Documento VIII, a pag. 126 e seg.

Item outro sim lhe faço doação e mercê de juro e herdade para sempre das alcaidarias mores de todas as ditas villas e povoações da dita terra, com todas as rendas, direitos, foros e tributos, que a ellas pertencerem, segundo é declarado no foral, as quaes o dito capitão e governador, e seus successores haverão e arrecadarão para si no modo e maneira no dito foral contendo e segundo a forma delle, e as pessoas a que as ditas alcaidarias mores forem entregues da mão do dito capitão e governador, elle lhes tomará homenagem dellas, segundo a forma de minhas ordens.

Outro sim me praz, por fazer mercê ao dito Pero Lopes e a todos seus successores, a que esta capitania vier de juro e herdade para sempre, que elles tenham e hajam todas as moendas de agua, marinhas de sal, e quaesquer outros engenhos de qualquer qualidade que sejam, que na dita capitania e governança se poderem fazer.

E hei por bem que pessoa alguma não possa fazer as ditas moendas, marinhas, nem engenhos, senão o dito capitão e governador, ou aquelles a que elle para isso der licença, de que lhe pagarão aquelle foro ou tributo, que com elle se concertar.

Item outro sim lhe faço doação e mercê de 10 leguas de terra ao longo da costa da dita capitania, e entraram pelo sertão tanto quanto puderem entrar e forem de minha conquista, a qual terra será sua livre e izenta, sem della pagar direito, foro nem tributo algum, somente o dizimo de deus á ordem do Mestrado de N. Senhor Jesus Christo, e dentro do 20 annos do dia que o dito capitão e governador tomar posse da dita terra, poderá escolher e tomar as ditas 10 leguas de terra em qualquer parte que mais quizer; não as tomando porêm juntas, mas repartidas em quatro ou cinco partes, — não sendo de uma a outra menos de duas leguas; as quaes terras o dito capitão e governador, e seus successores poderão arrendar, e aforar emfatiota, ou em pessoas ou como quizer e lhes bem vier, e pelos foros e tributos, que quizerem. E as ditas terras não sendo aforadas, ou as rendas dellas, quando o forem, virão sempre a quem pertencer á dita capitania e governança pelo modo nesta doação conteudo, e das novidades que deus nas ditas terras der não serão o dito capitão e governador, nem as pessoas, que de sua mão as tiverem ou trouxerem, obrigados a me pagar foro nem direito algum; somente o dizimo de deus, á ordem, que geralmente se ha de pagar em todas as outras terras da dita capitania, como abaixo é declarado.

Item o dito capitão e governador, nem os que apoz elle vierem, não poderão tomar terra alguma de sesmaria á dita capitania para si, nem para sua mulher, nem para filho herdeiro della, antes darão e poderão dar e repartir as ditas terras de sesmaria a quaesquer pessoas de qualquer qualidade e condição que sejão, e lhe bem parecer livremente, sem foro, nem direito algum, sómente o dizimo de deus, que serão obrigados a

pagar á ordem de todo quanto nestas ditas terras houver, segundo é declarado no foral, e pela mesma maneira as poderão dar, e repartir por seus filhos fóra do morgado, e assim por seus parentes; e porêm aos ditos seus filhos e parentes não poderão dar mais de terra, da que derem ou tiverem dado a qualquer outra pessoa estranha; e todas as ditas terras, que assim der de sesmaria a umas e a outras, serão conforme a ordenação da sesmaria, e com obrigação dellas, as quaes terras o dito capitão e governador, nem seus successores não poderão em tempo algum tomar para si, nem para suas mulheres, nem filhos, como dito é, nem pô-las em outrem; para depois virem a elles por modo algum que seja, sómente as poderão haver por titulo de compra verdadeira das pessoas que lhas quizerem vender, passados oito annos depois das taes terras serem aproveitadas, e em outra maneira não.

Item outro sim lhe faço doação e mercê de juro e herdade para sempre da meia dizima do pescado da dita capitania, que é de vinte peixes um, que tenho ordenado se pague além da dizima inteira que pertence á ordem, segundo no foral é declarado; a qual meia dizima se entenderá de pescado, que se matar em toda a dita capitania, fóra das 10 leguas do dito capitão e governador; por quanto as ditas 10 leguas he terra sua livre e izenta, segundo atraz é declarado.

Item outro sim lhe faço doação e mercê de juro e herdade para sempre da redizima de todas as rendas e direitos que á dita ordem, e a mim de direito na dita capitania pertencerem, convem a saber, que todos os rendimentos que á dita ordem, e a mim couber, assim dos dizimos, como de quaesquer outras rendas, ou direito de qualquer qualidade que seja, haja o dito capitão e governador, e seus successores uma dizima, que é de 10 partes uma.

Item outro sim me praz, que por respeito do cuidado que o dito capitão e governador, e seus successores hão de ter de guardar e conservar o brasil, que na dita terra houver, de lhe fazer doação e mercê de juro e herdade para sempre da vintena parte do que liquidamente render para mim fóra de todos os custos, e o brasil que se da dita capitania trouxer a estes reinos, e a conta do tal rendimento se fará na Casa da Mina da cidade de Lisboa, onde o dito brasil ha de vir, e na dita Casa, tanto que o dito brasil for vendido, e arrecadado o dinheiro delle, lhe será logo pago e entregue em dinheiro de contado pelo feitor e officiaes della aquillo, que por boa conta na dita vintena montar, e isto por quanto todo o brasil, que na dita terra houver ha de ser sempre meu e de meus successores, sem o dito capitão, nem outra alguma pessoa poder tratar nelle, nem vende-lo para fóra, sómente poderá o dito capitão, e assim os moradores da dita capitania aproveitar-se do dito brasil na terra, no que lhe ahi for necessario, segundo é declarado no foral, e tratando nelle, ou vendendo-o para fóra, incorrerão nas penas conteudas no dito foral.

Item outro sim me praz, por fazer mercê ao dito capitão

e a seus successores de juro e herdade para sempre, que todos os escravos que elles resgatarem, e houverem na dita Terra do brasil possam mandar a este reino 24 peças cada anno para fazer dellas o que lhe bem vier, os quaes escravos virão ao porto da cidade de Lisboa, e não a outro algum porto, e mandará com elles certidão dos officiaes da dita terra, de como são seus, pela qual certidão lhe serão despachados os ditos escravos forros, sem delles pagar direito algum, nem 5 por cento. E alêm das ditas 24 peças que assim cada anno poderá mandar forros, hei por bem que possa trazer por marinheiros e grumetes em seus navios todos os escravos, que quizer e lhe for necessarios.

Item outro sim me praz, por fazer mercê ao dito capitão e a seus successores, e assim aos visinhos e moradores da dita capitania, que nella não possa em tempo algum haver direitos de cizas, nem imposiçoens saboarias, tributos de sal, nem outros alguns direitos ou tributos de qualquer qualidade que sejam, salvo aquelles, que por bem desta doação e do foral ao presente, são ordenados que hajam.

Item esta capitania e governança, e rendas e bens della, hei por bem e me praz, que se herdem e succedam de juro e herdade para todo sempre pelo dito capitão e governador, e seus descendentes, filhos e filhas legitimos com tal declaração, que em quanto houver filho legitimo varão no mesmo grão, não succeda filha, posto que seja de maior idade que o filho, e não havendo macho, ou havendo-o, e não sendo em tão propinquo grão ao ultimo possuidor como a femea, que então succeda a femea; em quanto houver descendentes legitimos machos, ou femeas, que não succeda na dita capitania bastardo algum, e que não havendo descendentes machos nem femeas legitimos, então succederão os bastardos machos e femeas, não sendo porêm de damnado coito: e succederão pela mesma ordem os legitimos, primeiro os machos e depois as femeas em igual grão com tal condição, que se o possuidor da dita capitania a quizer antes deixar a um seu parente transversal que aos descendentes bastardos, quando não tiver legitimos, o possa fazer, e não havendo descendentes machos, nem femeas legitimos, nem bastardos da maneira que dito é, em tal caso succederão os ascendentes machos e femeas, primeiro os machos, e em defeito delles as femeas; e não havendo descendentes nem ascendentes, succederão os transversaes pelo modo sobredito, — sempre primeiro os machos que forem em igual grão, e depois as femeas, e no caso dos bastardos o possuidor poderá, se quizer deixar a dita capitania a um transversal legitimo, e tira-la aos bastardos, posto que sejam descendentes em mais propinquo grão, e isto hei assim por bem sem embargo da lei mental, que diz, que não succedam femeas, nem bastardos, nem transversaes, nem ascendentes, sem embargo de todo me praz, que nesta capitania succedam femeas, e bastardos, não sendo de coito damnado, e transversaes e ascendentes de modo que ja é declarado.

E outro sim quero e me praz, que em tempo algum se não possam a dita capitania e governança, e todas as cousas que por esta doação dou ao dito Pero Lopes, partir nem escambar, espedaçar nem em outro modo alhear, nem em casamento a filho ou filha, nem a outra pessoa dar, nem para tirar o pai ou filho, ou outra alguma pessoa de captivo, nem para outra cousa, ainda que seja mais piedosa; porque a minha tenção e vontade é, que a dita capitania e governança, e cousas ao dito capitão e governador nesta doação dadas, andem sempre juntas, e se não partam, nem alienem em tempo algum, e aquelle que a partir ou alienar, ou espedaçar ou der em casamento, ou para outra cousa, por onde haja de ser partida, ainda que seja mais piedosa, por esse mesmo feito perca a dita capitania e governança, e passe direitamente áquelle a que houvera de ir pela ordem sobredita, se o tal que isto assim não cumprir fosse morto.

Item outro sim me praz, que por caso algum de qualquer qualidade que seja, que o dito capitão e governador commetta; por que segundo o direito e leis destes reinos mereçam perder a dita capitania e governança, jurisdicção, rendas e bens della, a não percam seus successores, salvo se for traidor á coroa destos reinos, e em todos os outros casos que commetter será punido quanto o crime o obrigar; e porêm o seu successor não perderá por isso a dita capitania e governança, jurisdicção, rendas e bens della, como dito é.

Item me praz e hei por bem, que o dito Pero Lopes, e todos seus successores a que esta capitania e governança vier, usem inteiramente de toda a jurisdicção, poder, e alçada nesta doação conteudo, assim e da maneira que nella é declarado, e pela confiança que delles tenho, que guardarão nisto tudo o que cumprir ao serviço de Deos e meu, e bem do povo e direito das partes.

Hei outro sim por bem e me praz, que nas ditas terras da dita capitania não entrem, nem possam entrar em tempo algum corregedor, nem alçada, nem outras algumas justiças, para nellas usarem de jurisdicção alguma por nenhuma via, nem modo que seja, nem menos será o dito capitão suspenso da dita capitania e governança, e jurisdicção della; e porêm, quando o dito capitão caír em algum erro, ou fizer cousa por que mereça ser castigado, eu ou os meus successores o mandaremos vir a nós para ser ouvido com sua justiça, e lhe ser dada aquella pena e castigo que de direito por tal caso merecer.

Item quero e mando, que todos os herdeiros e successores do dito Pero Lopes que esta capitania herdarem, e succederem por qualquer via que seja, se chamem Souza, e tragam as armas dos Souzas, e se alguns delles isto assim não cumprirem, hei por bem que por este mesmo feito perca a dita capitania e successão della, e passe logo direitamente a quem de direito devia ir, se este tal que isto assim não cumprir fosse morto.

Item esta mercê lhe faço como rei, senhor destes reinos,

e assim como governador e perpetuo administrador que sou da ordem e cavallaria do Mestrado de N. Senhor Jesus Christo, e por esta presente carta dou poder e autoridade ao dito Pero Lopes, que elle por si e por quem lhe aprouver, possa tomar e tome posse real e corporal, e autual das terras da dita capitania e governança, e das rendas e bens della, e de todas as mais cou-conteudas nesta doação, e use de tudo inteiramente, como se nella contem: a qual doação hei por bem, quero e mando que se cumpra e guarde em todo e por todo, com todas as clausulas, condições e declarações nellas conteudas e declaradas sem mingoa, nem desfalecimento algum, e para tudo que dito é derrogo a lei mental e quaesquer outras leis, ordenações, direitos, glosas e costumes que em contrario desta haja, ou possa haver, por qualquer via e modo que seja, posto que sejam taes que fossem necessarias serem aqui expressas e declaradas de verbo ad verbum, sem embargo da ordenação do segundo livro tit. 49, que diz que quando as taes leis e direitos se derrogarem, se faça expressa menção dellas e da substancia dellas, e por esta prometto ao dito Pero Lopes e a todos os seus successores que nunca em tempo algum vá, nem consinta ir contra esta minha doação em parte, nem em todo; e rogo e encommendo a todos os meus successores que lha cumpram e mandem cumprir e guardar * esta minha carta de doação, e todas as cousas nella conteudas, sem nisso ser-lhe posto duvida, embargo, nem contradicção alguma; porque assim é minha mercê, e por firmeza de todo lhe mandei dar esta carta por mim assignada, e sellada com o meu sello de chumbo, a qual vai escrita em tres folhas afora esta em que está o meu signal, e são todas assignadas ao pé de cada lauda por D. Miguel da Silva, Bispo de Vizeu, do meu conselho, e meu escrivão da puridade. Manoel da Costa a fez em Evora ao primeiro dia do mez de Septembro, anno do nascimento de N. Senhor Jesus Christo de 1534. E posto que nesta diga que faço doação e mercê ao dito Pero Lopes de juro e herdade para sempre de 10 leguas de terra, que sejam suas livres e izentas, hei por bem que sejam 16 leguas de terra, das quaes lhe faço doação e mercê de juro e herdade para sempre no modo e maneira que se contêm no capitulo desta doação, que fala nas ditas 10 legoas; e assim me praz, que os escravos que elle e seus successores poderão mandar trazer forros de direitos sejam 39 peças em cada um anno para sempre, posto que nesta carta

* Parece-nos que neste logar houve um salto de copista. Nas differentes doações aos outros donatarios que são iguaes a esta, *mutatis mutandis*, e se acham na Torre do Tombo, como fazemos menção nas *Refl. Crit.* (pag. 85 e 86) segue-se:

« E assi mando a todos meus corregedores, desembargadores, ouvidores, juizes e justiças, officiaes e pessoas de meus reinos e senhorios, que cumpram e guardem, e façam cumprir e guardar » esta minha carta de doação e todas as cousas nella &c.

O erro procedeu da repetição de = « cumprir e guardar » =.

fossem 24 peças sómente, e mando que isto se entenda e cumpra assim inteiramente para sempre, sem lhe nisso ser posta duvida nem embargo algum; porque assim é minha mercê, e hei por bem que esta carta passe pela chancelaria, posto que seja passado o tempo em que houvera de passar, e pagará sómente chancelaria singela. Manoel da Costa a fez em Evora a 21 dias do mez de Janeiro de 1535.

Documento VIII.

Dom Joham &c. A quamtos esta minha carta Virem faço saber que fiz ora doaçam e merce a pero lopes de Souza fidalguo de minha caza pera elle e todos seus filhos e netos erdeiros e sobcesores de Juro e derdade pera sempre da capitania de oitenta legoas de terra na minha costa do Brazil segundo mays Inteiramente he comtheudo e declarado na carta de doação que da dita terraa lhe tenho passado e por ser muyto necesario aver hy forall dos direitos foros e trebutos e cousas que se na dita terraa am de pagar asy do que a mim e a coroa de meus Regnos pertence como do que pertence ao dito capitam por bem da dita sua doaçam eu avendo Respeito a calydade da dita terraa e a se ora novamente hyr morar e poovorar e aproveitar porque se ysto milhor e mays cedo faca sentindo o asy por serviço de deus e meu e bem do capitam e moradores da dita terraa por folgar de lhes fazer merce ouve por bem de mandar ordenar e fazer o dito forall na forma e maneira seguinte.

Item primeiramente o capitam da dita capitania e seus sobcesores daram e Repartiram todas as terras della de sesmarya a quaes quer pessoas de qualquer calydade e comdição que seijam com tanto que seijam crystaos livremente sem foro nem direito algum somente o dizimo que serão obrygados a pagar a ordem do mestrado de nosso senhor Jezus christo de todo o que nas ditas terraas ouver as quaes sesmaryas darão da forma e maneira que se conthem em minhas ordenações, e não poderão tomar terraa alguma de sesmaria pera sy nem pera sua molher nem pera o filho erdeiro da dita capitanya e porem podellaam dar aos outros filhos se os tiver que não forem erdeyros da dita capitanya e asy aos seus paremtes como se em sua doação conthem e se algum dos filhos que não forem erdeiros da dita capitanya ou qualquer outra pessoa tyver alguma sesmaria por qualquer maneira que ha tenha e vyer a erdar a dita capitanya sera obrigado do dia que nelle sobceder a hum anno primeiro seguinte de alugar e trespassar a tall sesmarya em outra pessoa e nam na trespassando no dito tempo perdera pera mim a dita sesmarya com mais outro tanto preço quanto ella valler e por esta mando ao meu feitor ou almoxarife que na dita capitania por mim estyver que em tall caso lamce loguo maaõ pera dita ter-

raa pera mim e a faça asentar no livro dosmeus proprios e faça enxucução pela valya della enão o fazendo asy ey por bem que perca seu oficio e me pague de sua fazenda outro tanto quanto montar na valya da dita terraa.

Item avendo nas terraas da dita capitanya costa mares Rios e bayas della qualquer sorte de pedraria, perllas alyofre ouro prata corall cobre estanho chumbo ou outra qualquer sorte de metal pagarsea a mim ho quymto do qual quynto avera o capitão sua dizima como se conthem em sua doação e serlhe a entregue a parte que lhe na dita dizima montar ao tempo que se o dito quynto per meus officiaes pera mim arrecadar.

Item o pao do brazyll da dita capitania e asy qualquer especyarya ou drogarya de qualquer calydade que seija que nella ouver pertencera a mim e sera tudo sempre meu e de meus sobcesores sem o dito capitão nem outra alguma pessoa poder tratar nas ditas cousas nem em alguma dellas lla na terra nem nas poderam vender nem tirar pera meus Regnos e Senhoryos nem pera fora delles so pena de quem o contrario fizer perder por isso toda sua fazenda pera a coroa do Reyno, e ser degradado pera a Ilha de Sam tome pera sempre e porem quanto ao brazill ey por bem que o dito capitam e asy os moradores da dita capitanya se posam aproveitar delle no que lhes ay na terraa for necessario não sendo em o queymar por que queymando incorrerão nas sobre ditas penas.

Item todo o pesquado que se na dita capytania pescar nam sendo a cana se pagara a dizima a ordem que he de dez peyxes hum e alem da dita dizima ey por bem que se pague mais mea dizima que he de vinte peixes hum a qual mea dizima o dito capitão da dita capitanya avera e arrecadará pera si por quanto lhe tenho della feito merce.

Item querendo o dito capitão moradores e povoadores da dita capitanya trazer ou mandar trazer per si ou per outrem a meus regnos ou senhoryos quaes quer sortes de mercadoria que na dita terraa e partes della ouver tyrando escravos e as outras couzas que atras sam defesas podeloam fazer e seram recolhidos e agasalhados em quaes quer portos cydades Villas ou lugares dos ditos meus Regnos e senhorios em que vierem aportar e não serão constrangidos a descarregar suas mercadorias nem as vender em algum dos ditos portos cydades e Villas contra suas vontades se pera outras partes antes quyzerem hyr fazer seus proveitos e quando os vender nos ditos lugares de meus Regnos ou Senhoryos não pagarão dellas direitos alguns somente a sysa do que venderem posto que pollos foraes Regimento ou custume dos taes logares fossem obrygados a pagar outros direitos ou trebutos e poderam os sobreditos vender suas mercadorias a quem quyserem e levalas pera fora do Reyno se lhes bem vier sem enbargo dos ditos foraes Regimentos ou costumes que em contrario aija.

Item todolos navios de meus Regnos e Senhoryos que a dita terraa forem com mercadoryas de que ja qua tenham pagos

os direitos em mynhas allfandegas e mostrarem dyso certydam de meus oficiaes dellas não pagaram na dita terraa do Brazill direito algum e se la carregarem mercadorias da terraa pera fora do Reyno pagaram da sayda dizima a mim da qual dizima o capitão avera sua Redizima como se conthem em sua doação e porem trazendo as taes mercadorias pera meus Regnos e senhorios nam pagaram da saida couza alguma e estes que trouxerem as ditas mercadorias pera meus Regnos ou senhorios serão obrigados de dentro de hum anno levar ou enviar a dita capitania certidão dos oficiaes de minhas allfandegas do lugar onde descarregaram de como asy descarregaram em meus Regnos e as calydades das mercadoryas que descarregaram e quantas eram e não mostrando a dita certidam dentro no dito tempo pagarão a dizima das ditas mercadoryas ou daquella parte dellas que nos ditos meus Regnos ou Senhorios não descarregaram asy e da maneyra que ande pagar a dita dizima na dita capitania se carregarem pera fora do Reyno e se for pessoa que não aja de tornar a dita capitania dara lla fianca ao que montar na dita dizima para dentro no dito tempo de hum anno mandar certidão de como veo descarregar em meus Regnos ou Senhorios e nam mostrando a dita certidão no dito tempo se arrecadará e avera pera mim a dita dizima pela dita fiança.

Item quaes quer pessoas estrangeyras que não forem naturaes de meus Regnos ou Senhorios que a dita terraa levarem ou mandarem levar quaesquer mercadorias postoque as levem de meus Regnos ou senhorios e que qaa tenham pago dizima pagaram la da entrada dizima a mim das mercadorias que assim levarem carregando na dita capitanìa mercadorias da terraa pera fora pagaram asy mesmo dizima da sayda das taes mercadoryas das quaes dizimas o capitam avera sua Redizima segundo se comthem em sua doaçam e serlhea a dita Redizima entregue por meus officiaes ao tempo que se as ditas dizimas pera mim arrecadarem.

Item de mantymentos armas artelharyas polvora salytre enxofre chumbo e quaes quer outras couzas de munyçam de guerra que a dita capitanya levarem ou mandarem levar o capitam e moradores della ou quaes quer outras pessoas asy naturaes como estramgeyras ey por bem que se nam paguem dyreitos alguns e que os sobre ditos posam lyvremente vender todas as ditas couzas e cada huma dellas na dita capitanya ao capitam e moradores e povoadores della que forem crystãos e meus suditos.

Item todas as pessoas asy de meus Regnos e senhoryos como de fora delles que a dita capitanya forem não poderam tratar nem comprar nem vender cousa alguma com gentyos da terraa e trataram somente com o capitão e povoadores della comprando e vendendo Resgatando com elles todo o que poderem aver e quem o contrario fizer ey por bem que perca em dobro todas as mercadorias cousas que com os dytos jentyos contrata-

em de que sera a terça parte pera a minha camara e a outra terça parte pera quem os acusar e a outra terça parte pera o esprital que na dita terra ouver e nám no avendo hy sera pera a fabryca da Igreja della.

Item quaes quer pessoas que na dita capitanya carregarem seus navios serão obrigados antes que comecem a carregar e antes que sayam fora da dita capitanya de o fazer saber ao capitam della pera prover e ver que se nam tirem mercadoryas defesas nem partyram asy mesmo da dita capitania sem licença do dito Capitam e não no fazendo asy ou partyndo sem a dita licença perderseam em dobro pera mim todas as mercadoryas que carregarem postoque nam sejam defesas e esto porem se entendera em quanto na dita capitanya nam ouver feytor ou oficiall meu deputado pera yso por que avendo y a elle se fara saber o que dito he e a elle pertencera fazer a dita deligencia e dar as ditas licenças.

Item o capitam da dita capitanya e os moradores e povoadores della poderam lyvremente tratar comprar vender suas mercadoryas com os capitães das outras capitanyas que tenho providos na dita costa do brazill e com os moradores e povoadores dellas a saber de humas Capitanyas pera outra das quaes mercadoryas e compras e vendas dellas nam pagaram huns nem outros direitos alguns.

Item todo vezinho e morador que viver na dita capitanya e for feitor ou tiver companhya com alguma pessoa que viver fora de meus Reynos ou senhorios não poderam tratar com os brazys da terraa posto que seyam crystãos e tratando com elles ey por bem que perca toda a fazenda com que tractar da qual sera hum terço pera quem o accusar e os dous terços pera as obras dos muros da dita capitanya.

Item os alcaydes mores da dita capitanya e das Villas e povoações della averam e arrecadaram pera sy todos os foros direitos e trebutos que em meus Regnos e senhorios por bem de minhas ordenações pertencerem e sam consedidos aos alcaydes moradores.

Item nos Ryos da dita capitanya em que ouver necessydade de por barquas pera a pasaijem delles o capitam as pora e levara dellas aquelle Direito ou trebuto que la em camara for taxado que leve sendo confirmado per mim.

Item cada hum dos Tabelliães do publico e Judicial que nas villas e povoações da dita capitanya ouver sera obrygado de pagar o dito capitaõ quynhentos reis de pensam em cada hum anno.

Item os moradores e povoadores e povo da dita capitanya seraõ obrigados em tempo de guerra de servir nella com o capitam se lhe necesario for notefico asy ao capitam da dita capitanya que ora he e ao diante for e ao meu feitor almoxarife e oficiaes della e aos Juyzes e Justiças da dita capitanya e a todas as outras Justiças e oficiaes de meus Reynos e senhorios asy

da Justiça com a da fazenda e mando a todos em Jerall e a cada hum em espicial que cumpraõ e guardem e façam Inteiramente cumprir e guardar esta myuha carta de forall asy e da maneira que se nella conthem sem lhe nyso ser posto duvyda nem embargo algum por que asy he mynha merce e por firmeza dello mamdey pasar esta carta permim asynada e asellada do meu sello pendente a qual mando que se Registe no lyvro dos Registos da minha allfandega de lisboa e asy nos lyvros da mynha feytorya da dita capitanya e pela mesma maneira se Registara nos livros das camaras das villas e povoações da dita capitanya pera que a todos seja notoryo o contheudo neste forall e se cumpra Inteyramente dada em a cydade devora aos 6 dias do mes doutubro diogo lopes a fez anno do nacymento de nosso Senhor Jesus christo de mill quinhentos trinta e quatro annos. *(R. Arch. Liv.* 10 *da Chanc. de D. João* 3.º *fol.* 18*)*.

Não deixaremos de imprimir por pequena a seguinte declaração, pela qual se faz valioso para Martim Affonso o mesmo foral, que deixamos transcripto de Pero Lopes.

Documento IX.

Dom Joham &.ª A quamtos esta minha carta virem faço saber que eu fiz ora doaçam e merce a martim affonso de sousa do meu conselho pera elle e todos seus filhos netos erdeiros sobcesores de Juro e derdade pera sempre da capytanya de cem legoas de terra na mynha costa do brazill segundo mays Inteiramente he contheudo e declarado na carta de doaçam: que da dita terra lhe tenho passado por ser muyto necesario aver hy forall dos direitos foros e trebutos e couzas que se na dita terraa ha de pagar asy do que a mim e a coroa de meus Reynos pertence como do que pertence ao dito capitão por bem da dita sua doaçam eu avendo respeito a calydade da dita terraa e a se ora novamente hyr morar povoar e aproveytar e por que se ysto mylhor e mais cedo faça sentyndo asy por serviço de deus e meu e bem do dito capitaõ e moradores da dita terraa e por folgar de lhes fazer merce ouve por bem de mandar ordenar e fazer o dito forall na forma e maneira seguynte &.ª em forma por ser como o forall atraz escryto de pero lopes de sousa nem mays nem menos e por yso se nam tresladou mays della feito na dita cydade no dito dia mez e era sobre dita e feita pelo dito diogo lopes. *(R. Arch. Liv.* 10 *da Chanc. de D. João* 3.º *fol.* 19 *ỹ)*.

FIM.

Diario da Navegação de Pero Lopes de Sousa

1530 – 1532

Diario da Navegação

de

Pero Lopes de Sousa

1530 — 1532

Vol. I

Série "Eduardo Prado"
Editor — Paulo Prado

RIO DE JANEIRO
Typographia Leuzinger
1927

Edição de 500 exemplares numerados

022

Série—Eduardo Prado

(PARA MELHOR SE CONHECER O BRASIL)

PREFACIO

DE

J. CAPISTRANO DE ABREU

Entre os manuscritos da Bibliotheca da Ajuda, Francisco Adolfo de Varnhagen descobriu um codice relativo á viagem de Martim Affonso de Sousa ao Brasil, attribuido a Pero Lopes de Sousa, seu irmão, donatario das capitanias de Santo Amaro e Tamaracá. Nem Barbosa Machado nem qualquer outro bibliographo referira a obra, conservada em tres copias, e pode-se imaginar seu sobresalto. Colejando-as preparou um texto, enriqueceu-o de notas preciosas e com os magros recursos de estudante editou alvoroçado o "Diario da navegação da armada que foi á terra do Brasil em 1530... *Lisbôa, 1839."*

Filho de mãi portugueza e de um allemão, desde 1803 emigrado para Portugal e chamado em 1810 a gerir o estabelecimento de Ipanema em S. Paulo, Francisco Adolfo nasceu em 1816 em terras da fabrica de ferro, aonde um monumento significativo aviva sua memoria e "sua alma immortal reune todas as suas recordações".

Pouco antes da independencia da colonia o velho Varnhagen, já tenente-coronel do exercito, voltou para a metropole. A familia seguiu-o apenas as circumstancias o permittiram. Apesar de insistencias de amigos, alguns occupando posições eminentes sob o novo regime, não quiz mais saber do paiz a que votara tantos annos de actividade. Falleceu em 1842, no posto de coronel.

O filho cursou estudos militares, interrompidos durante os mezes de 1833 que serviu como 2.º Tenente de artilharia nas forças de D. Pedro, ex-imperador, duque de Bragança, contra D. Miguel, concluidos mais tarde no posto de tenente de engenheiros.

Desde os bancos academicos sua mentalidade revelou-se em varios ensaios. Aos 22 annos apresentou á Academia das Sciencias de Lisbôa, reflexões criticas sobre a "Noticia do Brasil" *impressa sem nome do autor pelo*

mesmo instituto. A Academia approvou as "R e f l e x õ e s", imprimiu-as a sua custa e debaixo do seu privilegio, elegeu-o socio correspondente.

Nas "R e f l e x õ e s" revelava-se grande conhecedor das chronicas e em geral da bibliographia brasilica, bastante familiarisado com os archivos, versado em sciencias naturaes. Para estas, em cujo trato passara a adolescencia, revelava decidido pendor. Preoccupava-o sobretudo a geographia. Refazer o livro de Ayres de Casal seria talvez uma das ambições do collaborador da Chorographia cabo-verdiana: o de Guts- Muths apontava o caminho desde 1827.

O "D i a r i o" de Pero Lopes desviou o jovem erudito da geographia para a historia do Brasil. Ao mesmo tempo fundou-se nesta capital o Instituto Historico e Geographico. Varnhagen previu seu futuro, collaborou utilmente desde os primeiros numeros da revista, enviando documentos e copias, manuscritos e communicações originaes. Uma viagem feita em 1841 polo em communicação com os socios do Instituto e provou-lhe que aqui se interessavam sobretudo pela historiographia: mais um motivo para preferila á geographia.

Objeto principal da sua viagem constituiu reivindicar seus direitos de brasileiro nato. Não era facil ao official de um exercito estrangeiro, mas tantos titulos o recommendavam que tudo conseguiu. Logo depois entrou para a diplomacia, amparado nos primeiros passos por Menezes de Drumond, nosso prestigioso ministro junto á Côrte de Lisbôa, fervido e desinteressado amador de estudos historicos.

Entrado na carreira diplomatica, Varnhagen só de passagem veio depois ao Brasil e só á historia se poude applicar. Os amores geographicos reviveram nos ultimos annos da sua vida. Deixando as commodidades de enviado extraordinario e ministro plenipotenciario junto á Côrte de Vienna, internava-se pelo sertão de Cayaz á procura de lugar mais proprio para a capital do paiz, questão que o preoccupou desde a mocidade. Como lembrança de sua passagem deixou na Formosa da Imperatriz um barometro que ainda existia annos depois.

Da mocidade de Pero Lopes, o autor do "D i a r i o", *pouco se sabia em 1839, e não se sabe muito agora. Numa carta do conde de Castanheira a Martim Affonso lê-se: "Pero Lopes, vosso irmão, está feito um homem muito honrado, e outra vez vos affirmo muito honrado e digo-volo assim porque pode ser que por sua pouca idade vos parecça que terá bons principios, mas que não está ainda de todo bem assentado nisso, como volo eu aqui digo, que é ainda menos do que o que delle cuido".*

Varnhagen, que divulgou este texto, fixou-lhe a data em 1538, data evidentemente inadmissivel. Pode-se melhorala, attendendo a uma observação de Jordão de Freitas, digno director da Bibliotheca da Ajuda, e o melhor conhecedor da materia. A carta, lembra o erudito historiador num solido capitulo da "H i s t o r i a d a C o l o n i z a ç ã o P o r t u g u e s a d o B r a s i l" *3.º, 120, devia ser escrita quando Martim Affonso andava fóra da côrte aonde residia o Conde. Aventuras amorosas e acções militares retiveram Martim por terras de Espanha até 1525. Esta data condiz bem com a "pouca idade" de Pero Lopes. Não andaremos muito arredados da verdade suppondo que nasceria pelas proximidades de 1510 e seria de vinte annos pouco mais ou menos quando acompanhou o irmão ao novo Mundo, idade aproximada da de Varnhagen ao editar o* "D i a r i o".

Mesmo conservado em tres copias, o "D i a r i o" *apparece profundamente deteriorado: erros de datas, saltos de dias, paginas desapparecidas. Tendo á vista todas as peças do processo conclue Jordão de Freitas,* ib, *132: "O manuscrito dado á publicidade por Varnhagen é antes uma truncada relação do itinerario e viagem de Pero Lopes, capitão de um dos navios da armada de seu irmão Martim Affonso de Sousa — relação, narrativa ou chronica, baseada muito embora num diario de bordo que não chegou até nós". A manipulação vem de longe: com sua autoridade indiscutivel Pedro de Azevedo situa a copia mais antiga na segunda metade do seculo 16º.*

Das paginas mutiladas do "D i a r i o", *resalta a personalidade do autor, embarcado a 3 de Dezembro de 1530 com-*

mandando a nau em que vinha o irmão, transferido para a nau franceza tomada em Fevereiro seguinte no litoral pernambucano e chrismada Nossa Senhora das Candêas, investido no commando geral á volta do novo Mundo. Em todas ellas perpassa em pleno movimento, tomando a altura do sol, levando a sonda por vezes a duzentas braças, amainando velas, emendando os mastros, calafetando cascos, fazendo aústes para supprir ancoras, rebocando bergantins, trepando na gavea para descobrir o inimigo, subindo arvores alterosas para reconhecer o campo, caçando, pescando, pelejando, pelejando.

Os lances mais perigosos acrisolavam-lhe a energia... "ia já tão perto da ponta que a uns parecia que a podiamos cobrar, e outros bradavam que arribassemos; era tam grande revolta na nao que nos nam entendiamos; mandei meter toda a gente debaxo da coberta; e mandei ao piloto tomar o leme, e eu me fui á proa, e determinei de fazer experiencia da fortuna, e me pôr a ver se podia dobrar a ponta; porque se a nam dobrava nam havia onde varar, senam em rocha viva, onde nam havia salvaçam: e assim fomos e prouve a nossa senhora e ao seu bento filho, que a dobramos: e fui tam perto della que o mar que arrebentava na costa nos tornava com a ressaca a dar na nao, e nos lançou fóra".

Nos trinta annos decorridos de Cabral naturalmente fizeram-se roteiros para guia dos navegantes: um specimen do que poderiam ser vai em appenso. Vestigios de taes roteiros nomativos, contendo as experiencias, não de um mas de varios navegantes, revelam-se ao exame attento do "Diario". *"As aguas nesta paragem correm a loeste com muita força. Nesta paragem correm as aguas loesnoroeste: em certos tempos correm mais; s.c. desde Março até Outubro correm com mais furia"... Para saber "se estais de barlavento ou de julavento da ilha de Fernão de Loronha, quando estaes de barlavento vereis muitas aves, as mais rabiforcados e alcatrazes pretos"... "Este dia não correu pescado nem-um comnosco, que é sinal nesta costa de estar perto da terra; e outro nem-um não tem sinão este"... Os ventos suestes e lessuestes ventavam já muito tendentes, que nesta costa ven-*

tam desde Fevereiro até Agosto... A monção dos ventos suestes começava desde o meado de Fevereiro até Agosto...

Para a historia o "Diario" *fornece menos do que fora de esperar. Dos diversos encontros navaes apenas indica a duração e o desenlace. Os combates que reconquistaram a fortaleza gallo-pernambucana, provavelmente constantes das paginas perdidas, seriam de todo ignorados sem as allegações suspeitas de Saint Blancard e as noticias extrahidas por frei Vicente do Salvador de alguma chronica perdida.*

O licenceado Antonio Caldeyra, (Doc. Vol. II), advogado de Pero Lopes então afastado na India de onde não tornaria, proclama numerosas feitorias no Brasil e pinta-as como quem só as conhecia de oitiva. A feitoria assemelhava-se ás tabas indigenas: um cercado de pau a pique assente na proximidade de agua potavel, com palhoças para abrigar os moradores, seteiras para atirarem contra o inimigo, commodidade para as mercadorias trazidas de além mar ou preparadas pelos feitores para evitar grande demora nas cargas de retorno.

João de Mello da Camara diz que tal gente se contentava com "possuir quatro indias por mancebas e comerem os mantimentos da terra". Deste ponto encontramos no "Diario" *a confirmação mais cabal. Na Bahia morava havia vinte e dois annos um portuguez com a descendencia natural entre gente sem vida interior. "Aqui deixou o Capitão I. (irmão) dois homens para fazerem experiencia do que a terra dava e lhes deixou muitas sementes".*

Os Francezes pretenderam chegar á America antes de Colombo e de Cabral. Uma informação portugueza affirma, não se sabe com que fundamento, sua presença na Bahia em 1504. Em 1514 seria mais provavel, mas pouco importa. Vinham ao pau brasil, encontrado em abundancia e da melhor qualidade desde Parahiba e Pernambuco até Sergipe. Neste trecho travaram-se os encontros mencionados no "Diario": *nelle estabeleceu-se, pouco depois da volta de Pero Lopes para o Tejo, seu maior adversario,*

Duarte Coelho, que tangeu parte dos invasores para o Sul, para o cabo Frio e Rio de Janeiro, parte repelliu para a costa Leste-Oeste. Só em 1615 Alexandre de Moura destruiu as ultimas resistencias. O numero de pessoas de cabello louro ainda existentes na zona do Nordeste revela a possança da mestiçagem brasilo-gallicana. Por coincidencia singular Constantino Menelau expulsava em 1615 de Cabo-Frio os ultimos francezes e tamoyos confederados.

Como começaram as hostilidades entre portuguezes e francezes? Sabemos apenas que os francezes (mairs), *tamoyos, tupinambás, pitiguares formavam um partido, e os portuguezes* (perós), *tupininquins, tabajaras formavam outro.*

As "Navigazioni d'un gran capitano del mare francese" contemporaneas do "Diario" *conteem as seguintes linhas dignas de ponderação. Imprimiu-as primeiramente Ramusio em sua famosa collecção; reimprimiu-as e traduziu L. Estancelin nas "Recherches sur les voyages et découvertes des navigateurs normands", Paris, 1832; attribuem-se a Parmentier ou a algum de seus collaboradores:*

"E perche mi potria esser dimandato le cause per le quali li Portoghesi impediscono che li Francesi non vadino alle terre del Brasile ed a gli altri luoghi dove essi hanno navigato, come alla Guinea ed alla Taprobana, io non vi saprei dire altra ragione, salvo che la loro insatiabile avaritia gl'induce à far questo. E quantunque essi siano il più piccolo popolo del mondo, non li par però che quello sia davanzo grande per sodisfare alla loro cupidità. Io penso che essi debbano aver bevuto della polvere del cuore del re Alessandro, che li causa una tal alterazione di tanta sfrenata cupidità, e par à loro tener nel pugno serrato quello che essi con ambedue le mani non potriano abbracciare, e credo che si persuadono che Iddio non fece il mare ne la terra se non per loro, e che le altre nationi non sieno degne di navigare...

..."li popoli di dette terre li discacciariano come suoi nemici mortali: e questa è una delle ragioni principali, per la quale non vogliono che li Francesi vi conversino, im-

perocchè dopo che li Francesi praticano in qualche luogo, non si domandan più Portoghesi, na quelli del paese gli hanno in abiettione e dispregio."

Estas linhas vehementes patenteam a angustia da situação antes da expedição de Martim Affonso de Sousa. E note-se que os Francezes tinham agido por impulso proprio ao passo que a acção do governo portuguez com mais ou menos intensidade se manifestara desde o descobrimento de Pedralvares.

Antes de abondonar as — "Navigazioni d'un gran capitano del mare franceze" –, seja licito transcrever um trecho que commenta o item do "Diario" relativo ao dia 3 de Fevereiro de 1531, em que os indios vieram a nado offerecer pau brasil para o resgate.

"Barattano il verzin in manarette, cunei, coltelli, e in qualche luogo è necessario che lo vadino à cercar in compagnia fin à trenta leghe dentro del paese, e ciascuna compagnia ha il suore, e saranno da quatrocento e cinquecento per compagnia, e portano ciascum il suo pezzo di legno alli Francesi fin alla marina, e li barattano colle dete manare, cunei, e coltelli ed altri ferramenti, à tal che stimano molto più caro un chiodo che uno scudo".

Durante sua ephemera presidencia da Academia de Letras, Afranio Peixoto cogitou de imprimir ou reimprimir obras representativas da historia e da cultura brasileiras. O "Diario" de Pero Lopes não podia ser omittido e para apresentalo ao publico impunha-se o nome de Eugenio de Castro, capitão de corveta, autor de dois livros de valor real, que tinha feito uma viagem á roda do mundo e conhecia de visu o litoral brasileiro.

A qualidade de official de marinha só trazia um inconveniente. Os caprichos da burocracia podiam mandalo para alguma flotilha da fronteira ou qualquer capitania de porto destituido de todos os recursos necessarios á empresa. A intervenção de Mario de Alencar, o nunca esquecido Mario,

afastou estas nuvens. Miguel Calmon requisitou-o para o Ministerio da Agricultura; os horizontes appareceram serenos e poude trabalhar desafogado.

Novas difficuldades sobrevieram, porém. O vento soprou de um quadrante contrario á direcção da Academia e varreu-a. Só a historia e o tratado de Gandavo, que Rodolpho Garcia preparou e imprimiu a tempo, escaparam ao pampeiro. O "Diario" *de Pero Lopes parecia destinado ao limbo, sinão fôra a* "Serie Eduardo Prado" *que o acolheu. Nesta ficou melhor. Martim Affonso e Pero Lopes são nomes principalmente paulistas como os de Eduardo Prado e Paulo Prado. Considerações de espaço e tempo foram desattendidas e a obra veiu á luz em plena madureza.*

O texto da presente é o da 3.ª e da 4.ª edições de Varnhagen: commentario perpetuo o acompanha da primeira á ultima pagina.

Direção dos ventos, marcha dos navios, indicações das imperfeitas agulhas, sondagens, accidentes do fundo do mar revelados por ellas, configuração e colorido das costas e costões, tudo interroga o consciencioso editor, tudo confirma, para alcançar a realidade e conseguir maior clareza.

A's vezes confia demais nos conhecimentos dos marinheiros de agua doce. Palavras usadas na marinha de vela e mantidas ainda na era do vapor, familiares a quem durante tantos annos viu o "scamy-side", taes palavras mesmo com o auxilio dos glossarios usuaes, reduzem-se para nós a meros "flatus vocis". Uma explanação supplementar não seria demais.

A identificação de nomes antigos espalhados pelo "Diario", *e coevos, nem sempre é facil. Alguns sumiram-se sem deixar vestigio, como cabo* "Percauri", *bahia de* "São-Lucas", *abra de* "Diogo Leite"; *outros sobrevivem, porém mudada a applicação:* "Porto-Seguro" *de Cabral, por exemplo, é o hodierno* "Santa-Cruz".

Nestes apuros podem prestar bons serviços as antigas cartas nauticas, em geral mais poupadas pela acção do

tempo que os roteiros, quasi todos consumidos. Dellas, depois que se começou a reconhecer sua utilidade, existem varias reproducções entre as quaes occupam lugar primacial — os atlas de Rio-Branco. Taes estudos começou entre nós Orville Derby com uma sagacidade pouco commum. Continuaram-nos Theodoro Sampaio e Gentil Moura, seus discipulos e companheiros de trabalho; ninguem os levou mais longe que o novo editor do "Diario"; serviu-lhe de guia a monumental Sentença do governo suisso na arbitragem do Oyapock. Assim poude ser esmiuçado o litoral do Brasil a partir da abra de Diogo Leite, e parte do estuario platino...

As paginas do "Diario" relativas ao Prata são as mais desenvolvidas e succulentas. As proximidades das duas margens duplicava e intensificava a visão, a feição temperada do clima e da vegetação, a abundancia de caças parecidas com as da peninsula, a fartura inverosimil do pescado, expandiam o espirito deprimido pela monotonia do Atlantico.

Sobre os aborigenes ha noticias apreciaveis. Com sorpresa encontra-se "guarany" como designativo de um idioma. Em tudo isto resumbra o influxo dos que voluntarios ou forçados foram ficando por ali desde a armada de D. Nuno Manuel ou da Gazeta Allemã.

Como observador ethnographico Pero Lopes revela capacidade somenos... "A gente desta terra é toda alva, os homens muito bem dispostos, e as mulheres mui formosas, que não hão nem uma inveja ás da rua Nova de Lisbôa"... "A gente deste Rio é como a da Bahia de Todos os Santos, senão quanto é mais gentil gente..." A estas linhas reduz-se tudo quanto o "Diario" contem sobre a indiada da Bahia e Rio de Janeiro.

O editor localisa as tribus da costa do Brasil com uma segurança de que nem todos partilharão. Dos Guayanazes de Piratininga, assoalhados por frei Gaspar da Madre de Deus, despede-se com visivel pesar. Entretanto o debate está encerrado. Guyanazes, Miramomins, Guarulhos, Gua-

laxos, são um só grupo, falando lingua differente da geral. "Miramomins, informa Pero Rodrigues na biographia de Anchieta, escrita poucos annos depois da morte do taumaturgo, a maior força delles vive pelas mattas e serras da capitania de S. Vicente, obra de duzentas leguas pelo sertão dentro e obra de outras tantas até a campina de Espirito Santo" isto é, Minas Geraes. Gualaxos havia na Bahia e no Prata.

Os factos historicos apontados no "Diario" *foram esclarecidos, ora mais, ora menos; alguns, extrahidos de documentos castelhanos, são agora adduzidos pela primeira vez em livro brasileiro.*

Do commentario fazem parte e parte precipua, numerosos mappas gravados na imprensa militar, sob o patrocinio de Tasso Fragoso, autorisado pelo Ministro da Guerra. Sua importancia dispensa encarecimentos. Com elles lucrou primeiramente Eugenio de Castro, obrigado a dar maior rigor ás suas conclusões, de modo a caberem em fórmas graphicas. O leitor que os estudar attento ficará sabendo muita cousa. Dos documentos, reunidos no segundo volume, alguns são ineditos.

Abrem o livro dois capitulos sobre os "Antecedentes historicos" *que determinaram a partida da expedição de 1530 ao Brasil e a* "Arte de navegar" *com os typos dos navios da estudada expedição; fecham-no tres outros sobre* "Sam Vicente"; "Regresso de Martim Affonso" - "Portugal de 1530 a 1535"; *e conclusões sobre* "A expedição de 1530". *Basta dizer que estão á altura do conjunto.*

Terminando estas mal traçadas linhas por intimação de Paulo Prado e do erudito editor, só me resta exprimir o desejo que haja leitores dignos de tanto trabalho e tanta intelligencia.

Rio, Junho, 1927.

J. Capistrano de Abreu.

O Museu Britannico possue um fragmento de roteiro primeiro notado no "Catalogo de Figanière." Vae em seguida segundo a copia do proprio original feita por J. Lucio de Azevedo.

Deixa de acompanhalo a photographia que Paulo Prado mandou extrahir, por não estar completa.

Rio, Julho 1927.

JSŨS SEIA COMYGO

REGIMENTO E CONESEMSA DA COSTA DO BRAZIL DAS QU EU AMDAY QUE SÃ MAYS CONYCIDAS EM DADAS QUE A FEYTO PER MYNHA MÃO QUE ESCREVY D 1540 ANNOS A YLHA

A ylha de fernão buquo que se chama ylha limgoa dos negros tamaraqua e chamase fernão buquo o velho porque esteue ahy permejro huã fortaleza Delrey.

Per coneser este porto de fernão buquo ou ylha de tamaraqua estando este e oeste com elle faz huna tera alta a lomgo do mar e tambem faz huna bocha que he do rio com huna pareira fermecha e pera lla tera demtro faze etera rasa(?)

achamdonos emtre esta ilha e mari vereis tres teras altas mais que as outras e a outra tera raza escaluada a verdadeyra são tres teras que esta pera tamaraça tem hua aruore mais alta que as outras e pera a ilha de tamaraqua e tudo tera raza esta tera que tem esta arvore a que esta mais chegada a tamaraqua e mari esta e na tera.

Das tres mays altas a do sol (sul?).

e o porto de marin he huna resife este huma legoa desta tera mais altas que omde se chama marin esta ylha e povosão.

na bocha do aresife ay no fundo quatro brasas e quatro e mea e quando emtrares chegarvoses bem a resife que tambem tem huna baxa e no meio e bem vos aveis de chegar ao resife e pera la outra bamda do norte como fordes dentro sorgireis em tres brasas pouquo mais o menos e no fundo achareis areia.

como emtrão mari digo no porto de marim e não pera sima e no arisife e huna degolada que fas nom a mais de des palmos dagoa de baxa mar.

Do cabo pera mari esta huna alta tera que se chama pero cabrim (?) tres legoas do cabo e tem arvoredo na tera e praia dareia.

estando cõ marim e co o cabo norte e sul e me parese pouquo mais o menos ao pe do marin da bamda do mar esta e tem huna arvore bem ao pe da terra alta que omde esta marim e da bamda da tera estam dous arvores que boa conesensa.

Do cabo a marim ay em dorete (?) sete llegoas.

o cabo de samto agostinho tem e fas esta conesemsa fas na pomta do cabo hum mouro cõ huna degolada e a pe do cabo e todo vermelho e nesta degolada da pomta do cabo o mouro tem huas arvores estrapadas e todo o mais escalvado pera a tera demtro e fora a degolada tambem tem arvores e pera o norte e todo escalvado de palha carega e pera o sul do cabo esta huna tera gorsa (?) mea legoa que ao lomge paraselo te (?) esta bem a fo myo do mar e ao norte huna legoa do cabo e todo escalvado que não tem senão palha carega e no cabo desta legoa tem bareiras branquas que muito boa conesemsa e toda a tera pera marin e raza e baxa tera do pero cabrim como digo atras.

o cabo cõ marim se core huna com outro norte e sul.

e do cabo da ilha de Samto aleixo e em derota simco legoas.

e chandonos conesta ylha leste ste sner nordeste sueste (?) vereis pera la tera demtro humas teras altas e compridas com mouros.

Desta ylha pera tera esta hum riacho que se chama o rio fermoso estão enelle cavalois e a resife e tem mata gorso na boca da bamba do norte do rio.

Deste rio ao porto do calvo ai sem dorota quatro o simquo legoas e porto do calvo tem dous bocas e tambem arisife e do arisife e porto e a boca do sol (sul,) a mais alta.

pera coneser este porto do calvo tem da bão do sol desta boca humas brancas e no mar e tudo arisife em tera e he praia darea para lla terra mays a demtro e mato gorso (?) e na tera mais ademtro e todo escalvado e tene huna so arvore pequena a elha (?) am de guvernar para o fundo do seis e simquo e quatro brasas emdo emtrãodo pella boca a do sul e demtro ai 3 brasas e duas e mea omde surgem

teneis avizo que quâodo emtrares eneste porto do calvo saeis polo meio sem vos achegardes a huna bamda nem outra polo fumdo que digo de seis e sinquo e quatro brasas em tera sorgereis em tres brasas e dous e mea desta boca que tudo e he limpo.

. . . .

DIARIO DA NAVEGAÇÃO

DE

PERO LOPES DE SOUSA

(De 1530 a 1532)

Edição de 500 exemplares numerados

N.........

DIARIO DA NAVEGAÇÃO

DE

PERO LOPES DE SOUSA

(De 1530 a 1532)

commentado por **EUGENIO DE CASTRO**

Capitão de Corveta graduado da Armada Brasileira

*

PREFACIO DE CAPISTRANO DE ABREU

Vol. I

Série "EDUARDO PRADO"

Editor—PAULO PRADO

RIO DE JANEIRO

TYPOGRAPHIA LEUZINGER

1927

5546-26

PUBLICAÇÕES

DA

Série "EDUARDO PRADO". Editor - PAULO PRADO

(Para melhor se conhecer o Brasil)

Reproducção fac-simile da Historia da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão, pelo Padre Claude d'Abbeville, prefaciada por Capistrano de Abreu. — Notas sobre Eduardo Prado, pelo mesmo autor. — Paris. — Librairie Ancienne Édouard Champion. — 5, quai Malaquais. 5. — 1922.

Um Visitador do Santo Officio á Cidade do Salvador e ao Reconcavo da bahia de Todos os Santos (1591 - 1592), por J. Capistrano de Abreu.— Rio de Janeiro.— Typ. do Jornal do Commercio, de Rodrigues & C. — 1922.

Primeira visitação do Santo Officio ás partes do Brasil, pelo licenceado Heitor Furtado de Mendonça, Capellão fidalgo del Rey Nosso Senhor e do seu desembargo - Deputado do Santo Officio.— DENUNCIAÇÕES DA BAHIA, 1591 - 1593. — S. Paulo. — Homenagem de Paulo Prado. — 1925.

Diario da Navegação de Pero Lopes de Sousa (de 1530 a 1532) — commentado por Eugenio de Castro (Capitão de corveta graduado da Armada Brasileira). — Prefacio de Capistrano de Abreu. — 2 volumes. — Rio de Janeiro. — Typographia Leuzinger. — 1927.

(Edição — 500 exemplares)

EDIÇÕES DO DIARIO DE PERO LOPES DE SOUSA

A Francisco Adolfo de Varnhagen - Visconde de Porto Seguro - deveram as letras historicas, em 1839, a 1.ª edição do diario de Pero Lopes de Sousa.

Só assim vieram os estudiosos a conhecer a fiel narrativa traçada pelo valoroso capitão do mar, em estilo singello, technico e pittoresco, da expedição do capitão mór Martim Affonso de Sousa ás Terras do Brasil; e a apoiarse em documento que servisse de "esclarecer um periodo de mais de vinte annos" da historia colonial brasileira, "quando a carta de Pero de Vaz de Caminha era apenas revelação do que se passara durante dias!" (Varnhagen. Rev. Inst. Hist. tomo XXIV, pg. 8).

Para realizar esta 1.ª edição teve Varnhagen presentes tres copias do documento original, cedo desapparecido. A primeira, logo por elle rejeitada, era, pelo que affirma, escripta com letra peculiar "ao começo do seculo XVIII, em papel sem marca d'agua, com formato de in-folio pequeno" e comportando setenta e duas paginas. A segunda, de sua preferencia quando ainda desconhecia o codice da "Biblioteca da Ajuda", tinha-a o Bispo Conde D. Francisco de São Luiz, em "formato de quarto", com "letra moderna" e trazendo por titulo - Diario de Pero Lopes de Sousa.

Já havia Varnhagen com este documento resolvido dar publicidade em 1.ª edição ao Diario - quando veiu a encontrar o codice da Bibliotheca Real do Paço da Ajuda.

Era a esse tempo bibliothecario da Real Livraria o grande escriptor Alexandre Herculano, sob cuja guarda estava o citado documento ou codice de letra quasi contempo-

ranea, sendo como o de romano - restaurada de J. P. Ribeiro, e portanto, anterior ao dominio de Castella". Trazia "folha de tamanho regular de papel florete ordinario" e era "encadernado com uma pasta forrada de coiros a modo de moscovia, com florões e bustos na guarnição de redor e nas tarjas" que as atravessavam; "porém estas tão roçadas", que mal se davam a conhecer. Mostrava "papel coetaneo, escuro e encorpado, naturalmente fabricado em Genova", com marca d'agua, guardas interiores do mesmo papel e pequena tira com o distico da catalogação: T. N.° 30, Volume I.

A' luz deste codice poude o historiador brasileiro rever o texto do manuscripto pertencente ao Bispo Conde D. Francisco de São Luiz, e estudar a rota e a narrativa da expedição de Martim Affonso até a chegada do capitão mór e a permanencia de Pero Lopes no porto de S. Vicente; e com este mais perfeito documento completar a copia daquelle manuscripto - e assim dar na 1.ª edição - parte do relato da viagem após realizada por Pero Lopes, em regresso a Portugal.

Achava-se o codice da Bibliotheca Real mutilado em duas partes: entre a chegada de Pero Lopes á ilha de Sto. Aleixo, em 4 de agosto de 1532, e a sua partida do porto de Pernambuco em 4 de novembro do mesmo anno; entre o dia 24 de novembro de 1532, quando este capitão já em pleno Atlantico Septentrional, e o da sua tornada ás praias lusitanas.

Trazia o seguinte titulo suppostamente lançado depois, ou ao começo do seculo XVII:

"Naveguaçam q fez p.º lopez de sousa no descobrimento da costa do brasil militamdo na capitania de marti a.º de sousa, seu irmão: na era da emcarnaçam de 1530."

Quasi um seculo decorrido de Varnhagen estuda-lo, vem a revê-lo, em nossos dias, o distincto escriptor dr. Jor-

dão de Freitas, para o dar como "codice do seculo XVI", com "41 folhas de papel florete, in-folio, encadernado", e de existencia nessa ex-Biblioteca Real desde o terceiro quartel do seculo XVIII. (Hist. Col. Port. vol. III, pg. 126).

Averiguou ainda o citado escriptor ter este documento, antes de pertencer a essa Bibliotheca, feito parte da "excelente livraria organizada pelo 2.º Conde de Redondo - Tomé de Sousa Coutinho de Castelo Branco e Menezes", parente de Martim Affonso e de Pero Lopes; e, só por morte desse fidalgo occorrida a 6 de março de 1717 - ter passado por compra - á mesma Bibliotheca "estabelecida por el-rei D. José, junto ao Paço Real edificado no sitio da Ajuda após o terremoto de 1755". Assim foi esse documento incorporado á Secção dos Manuscriptos da Coróa da dita Bibliotheca que os fados fizeram viajasse para o Brasil e do Brasil, participando do exilio e regresso da familia real portugueza.

Encontrando-o Varnhagen, - em 1839 - não o teve de principio como o original traçado a bordo; mas em 1861, — quando o dá em 3.ª edição -, como o original o proclamará do punho do futuro capitão mór Pero de Góes da Silveira, e mostrando notas á margem, suppostamente de Martim Affonso de Sousa .

Como se não bastara, sob um dos aspectos da questão, o que nos ensina Capistrano de Abreu no commentario á 3.ª edição da - Historia Geral do Brasil - (pg. 197), temos, sob outro aspecto ainda, o parecer de Pedro de Azevedo, paleographo e "primeiro bibliotecario da Biblioteca Nacional de Lisbôa." Examinando a letra do texto - "não exclusivamente de um unico punho" - poude classifica-la: romano - restaurada (bastarda ou italiana)" mas do 3.º ou 4.º quartel do seculo XVI, aliás como a dava com outro sentido o mesmo Varnhagen, enxergando-a de epoca anterior ao dominio de Castella.

Escripto ou annotado por Pero de Góes e Martim Affonso, não o seria, a valer-nos ainda do que attestam o erudito paleographo e o distincto escriptor: — o de usarem esses capitães de letra gothica - cursiva, como se vê em cartas e outros documentos seus, recolhidos á Torre do Tombo.

Por copia do desapparecido original de Pero Lopes deve pois, ser elle tido, - ou melhor, por apographo precioso - que ao participar da 1.ª edição dada por Varnhagen, mereceu do Visconde de Santarém um erudito e breve estudo sob titulo: - "Analyse du journal de la Navigation de la flotte qui est allée à la Terre du Brésil - en 1530-1532. (B. N. - 252-3-25-n.º 3).

Se bem que este escriptor portuguez o achasse inferior em certos pontos aos de Tomé Lopes, Duarte Barbosa, Pigafetta e outros, se bem que accentuasse, a par do louvor ás muitas latitudes ministradas, a escassez de outras observações astronomicas, quaes sobre as differentes constellações um seculo antes Cadamosto o fizera - e sobre a determinação do "abatimento da agulha", que de passagem o Diario assignala; ainda assim, o realça merecidamente, com da-la "a mais antiga, detalhada e exacta descripção da exploração hydographica do Rio da Prata", que os archivos portuguezes então possuiam e, parece, ainda hoje possuem.

Se extraviados não fossem outros diarios como os dos capitães João de Lisbôa, Vasco Gallego de Carvalho ou de João Lopes de Carvalho, certo não houvera elle tambem em antiguidade merecido esta primazia: sob o ponto de vista technico e de narrativa original e precisa, no que se refere ao rio da Prata e a uma grande parte da costa e mares brasileiros, não seria elle, ao tempo, com vantagem excedido.

Da 2.ª edição custeada em 1847 pela Assembléa Provincial de São Paulo, nada nos cumpre dizer, senão que quatorze annos após ella, o nosso erudito historiador ne-

gando-lhe auctoridade, dava a publico a 3.ª e correcta edição do Diario.

Na "Advertencia Preliminar" da 1.ª, já Varnhagen achava que, tendo-se de a renovar, deveria o editor "cingir-se mais no texto ao codice original (sic) da Bibliotheca de S. M. F. de Lisbôa", - ou melhor, ao codice da "Biblioteca da Ajuda" - e supprimir da mesma muitas notas, confrontações preteridas por outros estudos e peças de menor merecimento.

Tal veiu a realizar o proprio Varnhagen em 1861 - menos na graphia rude - ao dar publicidade a este apographo como manuscripto original e a consagra-lo sob o titulo - "Diario da Navegação de Pero Lopes de Sousa - (de 1530 a 1532)" - no tomo XXIV da Revista do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil.

Seis annos passados, augmentada de titulo, mas copia fiel da 3.ª, e com a mesma composição typographica, ainda publica o Visconde de Porto-Seguro a 4.ª edição; e annos depois, quando já por todos os estudiosos acceita a authenticidade do Diario quinhentista, aventura-se João Mendes da Almeida a nega-la através de desacertos que poem em cheque as suas qualidades de arguto historiador. (Misc. Memoria - 1887).

Não poude essa voz entretanto encontrar echo entre outros, como elle amantes da musa Clio, e que trabalharam sempre por proclamar a authenticidade do documento original desapparecido, do qual deverá ser copia mais completa até hoje encontrada o Codice da "Bibliotheca da Ajuda".

Dentro neste justo conceito e renovando a obra benemerita do grande Varnhagen, sessenta annos decorridos da publicação da 4.ª e copia fiel da 3.ª, surge esta 5.ª edição, e provavelmente, não a derradeira do precioso codice.

A Capistrano de Abreu - que accrescenta aos seus titulos de solida cultura o de mais profundo historiador da idade colonial brasileira - ao mestre e amigo, é esta edi-

ção dedicada como expressão do reconhecimento do menor dos seus discipulos.

A Afranio Peixoto que, secundando a generosidade do mestre, animou com benevolencia e auctoridade o inicio e o labor paciente deste ensaio; a Paulo Prado que com tanta elegancia de espirito e de coração nos estimulou a levar este livro a termo, e novo Mecenas quiz honrar-nos, incluindo-o na "Serie Eduardo Prado" de que é editor; - deixamos nesta pagina as nossas expressões de sympathia e reconhecimento.

E para que a ella tambem não falte singular homenagem, quer a adversidade no tempo, que ao bom amigo Mario de Alencar - nobre expressão humana da raça - só possamos consagrar hoje o nosso carinho, a nossa gratidão, sob a graça de commovida saudade.

E. C.

A

CAPISTRANO DE ABREU

INTRODUCÇÃO

MARTIM AFFONSO DE SOUSA
E
PERO LOPES DE SOUSA

Foram Martim Affonso de Sousa e Pero Lopes de Sousa fidalgos de alta linhagem. Tiveram por ascendentes a Pedro de Sousa, seu avô, e a Lopo de Sousa, seu pae, - senhor do Prado, Pavia e Baltar, alcaide mór de Bragança e do Castello do Outeiro.

Dos dois irmãos foi primogenito Martim Affonso de Sousa, a quem uma bôa estrella deu por berço Villa Viçosa, ao correr do anno de 1500 consagrado por D. Manuel como o da descoberta official das terras de Santa Cruz, hoje Brasil.

Gosou Martim folgada meninice e na juventude andou na intimidade dos duques de Bragança, até passar-se ao serviço do principe herdeiro D. João; e neste ultimo e honroso encargo houve-se por tal maneira, que o rei D. Manuel o afastou da Côrte.

Morto o rei venturoso em 1521, seguiu Martim Affonso em 1522 para Castella, na comitiva da rainha D. Leonor, e em Salamanca veiu a esposar a D. Anna Pimentel, filha dos nobres Maldonados de Espanha.

Quando fazia um mez que casara, como mobilizasse Carlos V um exercito para combater a França, esqueceu o valoroso cavalleiro portuguez os agradaveis enleios do noivado, e alistou-se e partiu nas hostes imperiaes para

dignificar o nome de guerreiro lusitano nos combates em que se houve e dos quaes foi feliz remate o cerco de Fuenterrabia.

Tornado á Salamanca, ao lar dos seus amores, mais repouso teria o seu espirito para sentir essa cidade universitaria como centro de estudo e cultura, a que a intelligencia lusitana prestava e prestaria valioso concurso, affirmado através da existencia de personalidades como as de Pedro Margalho, Ayres Barbosa, Francisco de Mello, Pedro Nunes e Garcia da Orta ainda ahi estudante ao tempo em que Martim Affonso nessa cidade residira.

O escriptor Conde de Ficalho, no seu primoroso livro - Garcia da Orta e o seu tempo -, valendo-se de velhas chronicas por elle com largueza interpretadas, nos concede elementos para, em traços rapidos e singellos, fixarmos a personalidade do futuro capitão mór na governança do Brasil, capitão mór do mar da India e desta, mais tarde, Governador.

Do caracter energico de Martim Affonso se conta que desde criança o affirmara e, singularmente, um dia, quando Gonçalo Fernandez de Cordova quiz premia-lo com um collar de grande valia que o menino recusou acceitar.

Sensibilizado com essa prova de idealismo em quem andava ainda tão na flôr da idade. Gonçalo de Cordova offertou-lhe a sua gloriosa espada, cingida ao depois por Martim Affonso com honra de cavalleiro.

Das suas qualidades de guerreiro e de politico, anteriormente ao seu viver em Espanha, já algumas glorias se lhe poderiam dar; mas o periodo aureo dellas se vem a caracterizar com a expedição ao Brasil, accrescentar-se com os seus cruzeiros em aguas indianas como capitão mór do mar, e accrescentar-se e diminuir-se com os feitos de bravura ou de escassa honradez praticados, quando culminara na carreira a que o destino o levara de Governador da India.

Delle, diz ainda o illustre escriptor ao correr do seu livro: "Erudito e homem de sciencia, como cumpria a um legitimo filho do Renascimento; fidalgo nos primores da bravura e na cortezia altiva; aventureiro na séde do oiro, na falta de escrupulos e na largueza de consciencia cynicamente manifestada; elle lembra os seus contemporaneos da Republica de Florença ou do Ducado de Ferrara. Affigura-se-nos vêr um grande senhor italiano, um companheiro dos Medicis ou dos Estes, transportado para a India e aquecido por aquelle sól do Oriente que ainda mais lhe aviva as bôas e as más paixões".

Garcia da Orta o teria por amigo e - "excellente varão" -; S. Francisco Xavier louvar-lhe-ia dentre as suas grandes virtudes, a piedade; D. João de Castro o daria "muito sufficiente para governar a India"; e Camões o sagraria immortal em versos immortaes:

"Este será Martinho que de Marte
"O nome tem co'as obras derivado;
"Tanto em armas illustre em toda a parte
"Quanto em conselho sabio e bem cuidado.

Da permanencia em Castella e particularmente em Salamanca bom fructo havia de colher o entendimento do nosso primeiro capitão mór, acerca das emprezas maritimas da nação rival - óra envoltas nas lendas maravilhosas de Nueva España e Castilla del Oro -; então não ainda experto na arte de navegar elle o seria, mas breve das cousas do mar havia de entender. No anseio de exercitar-se nas bôas letras patrias tambem andaria, para mais tarde escrever o Epitome da sua vida perdido com a Bibliotheca do Conde de Vimieiro ou tambem a "Brevissima e Sumaria Relaçam" dos seus serviços, em 1557. Foi esta só publicada pelo - Archivo Bibliographico da cidade de Coimbra - trezentos e vinte annos depois. Certo tambem a esse

tempo, como apaixonado latinista haveria de aprimorar-se, para vir ao futuro merecer do erudito Garcia da Orta, seu amigo na India, os mais bellos e justos conceitos.

Na sua mocidade, contava-se ser de bom aspecto, "gentil-homem e aprazivel, benigno com os inferiores, lhano para os iguaes e, algum tanto indisciplinado e opiniatigo" ante os seus superiores. (Conde de Ficalho). E esse natural nem de outra fórma se revela quando dignamente aguarda em Espanha o chamado de D. João III, de quem fôra pagem estimado em companhia de seu primo D. Antonio de Attayde ora principal ministro na Côrte, ou quando de retorno á Evora, faz parte da comitiva da rainha D. Catharina, de Portugal.

Occorreria o regresso de Martim Affonso pelo anno de 1525. Alguns annos após se esboçaria, para logo affirmar-se, a nova phase da sua vida de marinheiro intrepido, militar e politico. A ella viria em parte associar-se a do seu irmão Pero Lopes de Sousa, marinheiro dos mais provectos, militar cioso da honra das suas armas e aventureiro como todo bom portuguez daquelle tempo.

Por perdidos os escriptos do padre Rousado, a data do nascimento do irmão de Martim Affonso é desconhecida, como dos dias da sua infancia pouco ou quasi nada se sabe. A sua mocidade, porém, se mostra passada na lide aventureira e gloriosa do mar.

Chegou a gosar Pero Lopes do alto conceito de D. Antonio de Attayde que o tinha por "mui honrado apesar da sua pouca idade", e veiu elle a merecer, não muito depois, um justo elogio do grande navegador D. João de Castro, ao da-lo como um dos nautas mais experimentados de Portugal.

Como escriptor dos feitos da armada do seu Capitão Irmão, no Brasil, elle o é dos mais singulares através do apreciado Diario publicado tres seculos após a morte do chronista e capitão.

De retorno Pero Lopes a Portugal - talvez em fins de 1532 a Evora e certamente em começo de 1533 a Lisbôa - victorioso dos combates ás naus corsarias na costa brasileira, é mandado em uma caravela "com Thomé de Sousa á costa de Çafim" para, logo em seguida, vir a capitanear uma das naus da Armada de D. Antonio de Saldanha. Foi esta armada que unida ás galés e aos galeões de Espanha - como ás 400 naus do almirante genovez André Doria - velejou em 1535, sob o prestigio de Carlos I, para bater Soliman Kaeredin Barbaroxa ou os inimigos da Christandade, apoderar-se de Goletta e libertar 20.000 captivos.

Finda esta nova cruzada mediterranea - se a favor do Christianismo não de menor valia ao astuto rei espanhol - tornado Pero Lopes á patria querida, uniu-se pelo casamento christão á D. Isabel de Gambôa, "rica herdeira na Côrte". Mas, pouco tempo passado, ao mar retornou affoitamente para, durante dois annos, servir na armada guarda-costas do reino e cruzando entre o Archipelago dos Açores e as Berlengas, "accommetter e apresar" naus da França após habil e valoroso encontro; ou para naquelle archipelago, aguardar e proteger o comboio de Thomé de Sousa de regresso da India. Talvez a seguir houvese realizado alguma viagem ao Brasil, quando a corôa lhe dera terras a capitanear e colonizar, ou antes mesmo, como de uma ou de outra fórma querem Gabriel Soares, Varnhagen e outros auctores. De certo porém, só se sabe, que a 24 de março de 1539 partia para a India como capitão mór de uma armada em que iam por capitães dos navios: Simão Sodré, D. Roque ou D. Rodrigo Tello, Alvaro Barradas, Antonio de Abreu e Henrique de Sousa. (Ms. Armadas da India, 1497-1632. B. N. Rio Janeiro: Secc. Ms. I, 4, 1-49 - ou idem I, 3, 3, 2-2, copia codice CXV/1-19 da Bib. Eborense).

E desta expedição em regresso dos mares indianos, capitaneando a nau "Gallega" ou "Esperança Gallega", junto

á ilha de "S. Lourenço" ou de Madagascar, - se certamente ou não, segundo Diogo do Couto, decada 5.ª, já havendo tomado parte em agosto de 1542 na expedição de 12 galés contra o Pagóde de Tremel, no Reino de Bisnaga, - e quando mais constante e esforçado andava na sua aventura - o que foi toda a sua curta vida, - veiu a encontra-lo a morte em plena mocidade.

Em contraste, Martim Affonso só depois de capitanear e governar o Brasil; de luctar e vencer naus corsarias ou infieis em "aguas do Brasil, no Guzarate e na costa do Malabar"; depois de ver desmerecidas até as suas proprias glorias na mesma paisagem oriental, maravilhoso theatro das suas grandezas, é que se partiu, aos 71 annos de idade, o fio da sua existencia em declinio - de soldado, de marinheiro e de politico.

Teve Pero Lopes por tumulo o mar em que ambos luctaram e venceram; e Martim Affonso, as terras da Patria a que ambos tão valorosamente serviram.

A CIDADE DE LISBÔA

Rendida esta justa homenagem aos dois heroicos capitães, tenhamos agora presente, para melhor se fixar o painel historico, alguma cousa dessa Lisbôa quinhentista, ao tempo em que Martim Affonso a buscava de regresso de Salamanca e nella Pero Lopes se encontraria.

Notemos-lhe ainda em muitos pontos os traços do antigo burgo romano, guardado por setenta e sete torres e, como a libertar-se das velhas muralhas em que se fendiam trinta e oito portas, vinte e duas das quaes para as ribeiras do Tejo.

Penetrando na velha cidade lá iriamos ver bem significativamente a - Rua Nova - visitada por mercadores da Italia, da França, da Inglaterra e da Flandres, afidalgados e vistosos, e mais, o largo do Pelourinho - velho, aonde aos escrivães abancados dictava algum capitão de torna - viagem

da India, orgulhoso dos seus feitos, "versos improvisados ou prolixos bilhetes de amôr..." E uma vez ahi, nesse centro mais commercial da velha cidade, vejamo-la com o

Conde de Ficalho, "pejada de bazares orientaes abarrotados de perfumes subtís, de ricos tecidos, de preciosos metaes, de varias lojas de livreiros bem fornecidas de obras em portuguez, castelhano, italiano e latim, in-folios do tempo, e todos os productos, alguns primorosos, da nova arte de imprimir". A ella vinham para adquirir esses preciosos escriptos, principalmente os fidalgos illustrados e os estudiosos "dos ricos conventos e abbadias"; e, por ella passavam os mais nobres homens "montados nos seus formosos ginetes, com as suas espadas doiradas, com os seus vistosos gorros ornados de plumas"... "Traziam esses gentis - homens as formosas armas apertadas nos longos corpetes bordados de oiro e de perolas finas da Costa da Pescaria, e transitavam por ella sob o olhar dos opulentos burguezes repoltreados atrás dos balcões das suas lojas entre pilhas de escarlates, de razos e de sarjas"...

Se passassemos depois á Mouraria ou arrabalde dos Mouros, á Alfama dos pescadores e mareantes; se subissemos os morros da Graça, do Castello, de São Roque e do Carmo; se descendo-os, transitassemos pelas tortuosas vielas do velho burgo; se visitassemos a Casa da India, a Sé e os Conventos; e se das ribeiras tejanas vissemos, já rompida a cinta dos muros, os primeiros paços faustosos da "Lisbôa orgulhosa da conquista", teriamos na cidade rival de Veneza uma perfeita idéa da sua vida e formação.

Resplandeceriam então, nella e por ella, - nessa Lisbôa mais polida do tempo, - as magnificencias da Côrte, o luxo dos mercadores trajados a rigor, a ostentação dos capitães de torna - viagem do Oriente maravilhoso.

Tomar-se-ia o povo de admiração rememorando ainda, entre alguns dias de fome e peste, a faustosa côrte

do finado rei D. Manuel e principalmente esse cortejo magnifico de 1521 de passagem por engalanadas ruas, conduzindo o filho do rei venturoso para ser acclamado el-rei D. João III de Portugal.

> "Montado em um formoso cavallo ruço, sellado á brida" - através das palavras de frei Luís de Sousa e das do conde de Ficalho - "vestido em uma opa roçagante de brocado forrado em martas; precedido por um infante que empunhava o estoque de condestavel"; "levado na redea pelo infante D. Fernando vestido em um pelote de setim avelutado preto, de gorra preta de duas voltas ", "fôra o novo Rei esperado na igreja por um terceiro infante e cardeal".

Levava no seu sequito os duques de Bragança e de Coimbra, os marquezes de Torres novas e de Villa Real, e tambem os condes, de entre os quaes se salientaria o Almirante dos mares da India - D. Vasco da Gama, conde de Vidigueira.

Nesse momento historico personificava D. João III, segundo o precitado auctor, "a realesa do 16.º seculo firmada nos grandes vassalos de D. João II, ornada com a pompa do Oriente por D. Manuel". Mas vinte annos passados, esses delirios de grandeza e fausto que a todos empolgavam e venciam, não seriam mais que os chamados "fumos da India": - embriaguez das glorias dos descobrimentos, mercantilismo ou ambição desmedida e varia de que era um symbolo a nau de carreira das Indias, - desgoverno e Santo Officio. E dahi, os prenuncios da decadencia desse Portugal cujos feitos immortaes, não muito mais tarde, Camões haveria de cantar.

Tinha D. João III tibia personalidade para influir no momento historico que se desenrolava e desenrolaria no scenario mundial. Além disso, havia herdado de D. Manuel a posse de terras e glorias para as quaes a nação devidamente não se apparelhara com a execução de pensado

plano militar, politico e commercial praticado sem desfallecimentos ou desintelligencias.

Ao oriente da Lusitania, a Espanha - que se lhe pronuncia rival ao alvorecer das primeiras conquistas maritimas no Atlantico - estava ora nas mãos seguras e habeis de Carlos I.º e este, a sonhar, como Carlos Magno, com o Imperio do Mundo. Mais além, a França sob o rei galante e sensual, intrepido e astuto, amante das artes e das mulheres - Francisco I, rival do rei espanhol e por elle vencido, talvez ainda recordando-se de que fidalgos francezes haviam fundado o Condado Portucalense, pretextando defeza á liberdade dos mares, ia estabelecendo o corso ás naus da India e o contrabando do pau brasil na costa brasileira.

As contingencias politicas iam assim exigindo da nobre nação portugueza, - victoriosa nos mares da India, da Africa e da America, - não a um D. Manuel I, nem a um D. João III, mas a um D. João II, houvesse de, nesse seculo, caber o mando da Grande Armada ao serviço de uma larga missão colonial e maritima, a que poderiam servir "braços tão valorosos e mentes tão esclarecidas".

ANTECEDENTES HISTORICOS DA EXPEDIÇÃO DE 1530

Vejamos agora, como que entre as ultimas luzes do crepusculo vespertino do sol, se desenharem ainda nos amplos horizontes os expressivos paineis da velha cidade quinhentista. E assim busquemos dentro e fóra dos seus muros, as origens remotas dos meneios diplomaticos de Portugal contra a Espanha e a França, para melhor determinarmos o momento historico da partida da armada de Martim Affonso em 1530, para o Brasil.

Passando sem analysarmos, e só para encaminhamento do assumpto, lembrando as primeiras expedições dos phe-

nicios, gregos, carthaginezes, normandos, dinamarquezes, arabes, em busca de terras ao Occidente - iniciemos esta synthese, com dizer que Bartholomeu Dias dobrara desde 1487 o cabo das Tormentas, depois chamado da Bôa-Esperança, e Colombo desde 1492, pisando terras americanas, sonhara attingir as Indias.

A seguir, a Espanha que desde 1493 obtivera do papa Alexandre VI para a corôa de Castella, a titulo perpetuo, as terras que o Almirante genovez viesse a descobrir ao oeste de um meridiano marcado a cem leguas das ilhas dos Açores e das de Cabo Verde, - o que vinha a ferir direitos de Portugal - teve o protesto deste contra ella apoiado em bulla de Eugenio IV. Provocou o rei da Espanha do papa, seu compatriota, e em represalia, a confirmação da bulla de 4 de maio, e passava a interpretar a decisão papal como concessão maior abrangendo "as terras que subditos espanhóes encontrassem para o leste e para o sul", se não occupadas fossem já por principes christãos. (Bullas 25 junho e 26 outubro de 1493).

Portugal, nesse instante, com habilidade e raro valôr diplomatico, visando o oriente e mantendo fundada suspeita de terras novas ao oeste e ao sudoeste, provocou um accordo com a Espanha e assignou com ella o Tratado de Tordesilhas. A linha demarcadora passaria agora a 370 leguas convertidas em graos ou em medida arbitrada - ao oeste das ilhas de Cabo Verde: dividia-se o descoberto e o que se viesse a descobrir entre Portugal e Espanha, não se conhecendo com precisão as terras antipodas, o que mais tarde a viagem de Magalhães viria tão apaixonadamente agitar, aggravado pelos erros nos calculos de longitude da expedição, sob a fórma da questão das Molucas.

O tratado de 1494 parecia caminhar para sancção pratica em 1506. Vasco da Gama já se apoderara das verdadeiras Indias, segundo o saber lusitano, e as primeiras explorações já haviam sido feitas a alguns sectores do littoral das duas Americas.

Mandava então o papa Julio II que se traçasse o meridiano das partilhas na nova parte do Mundo, mas os contendores na esperança de mais possuirem nas 2 Indias e impotentes ante o impreciso calculo das longitudes, retardavam a marcação do citado meridiano nos portulanos do tempo.

Até 1515, antes e ainda no reinado de D. Manuel, já conquistadas as verdadeiras Indias, attingidas além as Moluccas, Portugal considerava como já tendo tocado no occidente, Duarte Pacheco Pereira em 1498, os Côrtes Reaes e o Almirante Pedro Alvares Cabral, este, no descobrimento official do Brasil.

Ordenara ao ter esta grata nova, o rei venturoso a exploração da costa brasileira, exploração que attingirá em 1514, o rio baptisado então Sta. Maria, e o que futuramente, alliado á posse feita por Pero Lopes em 1531, lhe dará com o proposito do recúo do meridiano, o pretenso direito de terras ao sul do golfo de S. Mathias, em paragens patagoneas.

Foram primeiras expedições nesses mares e na costa brasileira, as de Gaspar de Lemos ou de André Gonçalves, já quando de Porto Seguro um delles se partia numa nao a avisar o Rei Venturoso da ditosa nova e como mensageiro da primeira pagina da Historia do Brasil escripta por Péro de Vaz de Caminha, já quando velejando de Portugal um desses capitães vinha em 1501 na exploração e conquista dessa mesma costa. Dizem as chronicas succeder-lhe a expedição de 1503 mandada por Gonçalo Coelho assistido, como na anterior expedição, por Vespucci, no mesmo encargo official. De invernia ou arribada ao Brasil, como a soldo de armadores como Fernão de Loronha, Marchione, Benedeto Morelli, Francisco Martins vieram caravelas ou naus; e destacadamente, em 1514, sob a responsabilidade commercial de Cristoval de Haro e D. Nuno Manuel, a que consta ter descoberto o rio de Sta. Maria ou da Prata.

Foram pilotos portuguezes dessas e de outras naus até 1515, em explorações das nossas ilhas e ribeiras atlanticas, João da Nova, Lopes de Carvalho ou Vasco Gallego de Carvalho, João Coelho, João de Lisbôa, Christovam Pires, João Dias de Solis, e muitos mais.

Francezes tambem cedo a ella vieram no resgate do "brasil" e até o rio S. Francisco do Sul, como o ousado Paulmier de Gonneville em 1504. Mas Espanhóes ou outros estrangeiros ao serviço da Espanha, a não ser num pequeno sector da costa brasileira do nórte, buscaram sempre, de preferencia, ao correr de decada e meia do descobrimento do Brasil, o mar das Antilhas ou o golfo do Mexico. Assim fizeram Colombo, Vespucci, Pinzon, Ojeda, Juan de la Cosa, Diego de Lepe, Rodrigo de Bastidas, Alonso de Niño, Christobal Guerra, Solis, Ponce de Leon, Caboto, Balbôa - o descobridor do oceano Pacifico.

Marquemos pois, como valioso momento historico o em que entrando em Roma a embaixada opulenta do velho Portugal, movia Leão X em 1514, a ceder a esta nação as terras situadas ao oriente da linha e cujos descobrimentos tinham sido attribuidos aos portuguezes, como as conquistas de interesse lusitano em outras partes do mundo. (cit. Denucé, Magellan pg. 47).

Se mais avançados andassem na epoca os processos para o calculo da longitude - ao menos tanto quanto avançara o da outra coordenada geographica -, e tambem os systemas de projecção em cartographia, Portugal não poderia tirar partido em futuras surprezas tão do appetite das chancellarias de antanho e das de hoje. A determinação da longitude continuando a ser o principal segredo para as duas nações rivaes anciosas de dividirem entre si as terras dos novos mundos descobertos e a descobrir, retardava o que fóra do periodo aureo das duas nações, só viria a ser resolvido efficazmente depois de 1770 com o auxilio de novos methodos de calculo e publicação das Taboas de Tobias Meyer aperfeiçoadas por Laplace ou do

Almanack Nautico inglez, aperfeiçoamento dos velhos Regimentos de Enciso, de Zacuto ou Evora.

Por esses remotos dias, a Espanha com a sua Casa de la Contratacion fundada nos moldes da Casa da India de Lisbôa, activava as navegações e a instrucção nautica, convicta de que não attingira as terras da verdadeira India para oeste, mas sim, terras de outro continente, o qual, guardando em seu seio minas de ouro e prata, seria para ella, em parte, a sua Castilla del Oro.

Procurando dar mais efficiencia ás suas armadas, attrahia pilotos e cartographos lusos para a Casa de la Contratacion onde devassavam dos segredos das alheias navegações. Assim em 1515, nos serve de exemplo a expedição de João Dias de Solis, portuguez ao serviço official de Castella, e mandado ao continente americano em busca da passagem para o oceano avistado em 1513 por Balbôa, com a obrigação de correr o littoral confim com as "espaldas de la tierra" governada nesses dias remotos por Pedrarias d'Avila.

Era este littoral brasileiro ao tempo só meridionalmente assignalado em portulanos officiaes, até Cananéa, se bem que já o houvessem perlustrado até o rio de Santa Maria ou da Prata, pilotos portuguezes como João de Lisbôa, Vasco Galego de Carvalho, segundo A. de Gusmão, Varnhagen e Harrisse, e segundo outros, mais certamente, João Lopes de Carvalho, na viagem da Gazeta Aleman em 1514.

Apossando-se a Espanha do grande rio do sul, nessa aventura mandada por João Dias de Solis, e baseada no Tratado de Tordesilhas, dava-lhe o nome do navegador portuguez ao serviço da Casa de Sevilha, após a morte do valoroso nauta ao iniciar a expedição fluvial.

Tem depois ordem de partir em 1516 para a costa brasileira, Christovam Jaques, viagem com o seu termo feliz em 1519 (Hist. da Col. Port. Vol. II, pg. 363), e que cons-

titue a primeira que veiu fazer ao Brasil. Era tal occorrencia ao tempo em que, segundo Damião de Góes, D. Manuel trazia para mais de tres centenas de naus na conquista da Africa, da Asia e da America; e, quando apparecia em notavel relevo no scenario da conquista maritima a figura de Fernão de Magalhães, navegador já experimentado na lucta contra o mar - oceano, resoluto a buscar a passagem pelo sul, como pelo occidente o caminho para as Molucas. Era a sua mentalidade de maritimo formada na escola dos grandes marinheiros e homens da sciencia de Portugal e, certamente haviam de concorrer para que planejasse a circumnavegação da Terra, o celebre portulano trazido de Veneza para a Peninsula pelo principe D. Pedro em 1428, ao tempo do Infante D. Henrique, e o de Martim de Behaim do qual tivera copia, segundo Pigafetta.

Offerecendo-se para tal missão á sua patria, esta não o attende, nem lhe estimula esperanças, em parte por habilidade politica, uma vez que deveria ter como motivo para demanda e guerra contra a Espanha, o attingir pelo occidente o que pelo oriente já tinha como seu: terras das verdadeiras Indias com as ambicionadas Molucas.

Continuava a Espanha ainda, sem interromper todavia a amizade entre as casas reinantes portugueza e espanhola, a attrahir para o seu serviço maritimo os melhores navegadores de Portugal. Assim distinguiria: - a Fernão de Magalhães, Ruy e Francisco Faleiro, Lopes de Carvalho, Duarte Barbosa, Bernardo Pires, Alvaro de Mesquita, Estevam Gomes e João Rodrigues Mousinho, como o fizera e o faria a mareantes ou cartographos desta e de outras nacionalidades participantes no conhecimento da cartographia e nautica das costas brasileiras ou americanas do sul. Citemos destes os italianos Vespucci, Caboto, Pigafetta; os portuguezes Solis e alguns annos depois Pedro e Jorge Reinel, Diogo Ribeiro, Christovam Jaques, cremos, e outros, dois que nos auxiliarão neste estudo: Jorge Gomes e Gonçalo da Costa.

Armada a expedição de Magalhães em parte com o valioso concurso do armador Cristoval de Haro e já provavelmente com o ouro chegado das Antilhas, seguiu para a grande aventura o ousado almirante com opinião formada de que o cabo de Sta. Maria em 35 graus de latitude sul (Pastells - Doc.º n.º 1). pertencia á corôa de Portugal, mas de que as tres das Molucas mais approximadas da linha se achavam fóra 2.º e 30' da demarcação portugueza.

Por essa epoca Enciso na sua "Suma de Geografía" assim opinava a Carlos I sobre quaes as terras da corôa espanhola:

> "Pois que V. alteza e o Rei de Portugal dividiram o globo terrestre, e a fronteira onde começa a linha demarcadora está a 370 leguas ao oeste da Ilha do Fogo, leguas que se terminam no continente indiano" (hoje America do Sul) "entre o rio Marañon que se acha ao sudoeste da Ilha do Fogo com uma inclinação de perto de uma quarta para o Sul, e o Mar Dulce, - é preciso que V. A. saiba que dessa fronteira proxima ao Mar Dulce onde a partilha começa em conformidade com o Tratado, ha 2270 leguas até Malaca; e a 200 leguas além de Malaca está a fronteira do lote do Rei de Portugal, e nessa fronteira acha-se a embocadura do Ganges e, na embocadura do Ganges começa o lote de Vossa Alteza". (Sentence - pg. 91-92).

Poder-se-ia affirmar que, nesses dias distantes, a Espanha daria a linha demarcadora cortando o continente americano meridional, ao norte, neste littoral pouco explorado ainda, entre o Mar Dulce - futuro rio das Amazonas, e um rio Marañon mal identificado mas talvez o nosso actual Pará; e ao sul, não acceitaria ainda essa mesma linha divisoria dando ao rei de Portugal o cabo ou terras do cabo de Sta. Maria á boca do rio da Prata, apesar da declaração de Magalhães antes da sua

partida para a viagem de circumnavegação e portanto, após o regresso dos sobreviventes da expedição de Solis.

Morto o grande navegador em Sebú, mas pelo occidente alcançadas as ilhas Molucas, regressada a nau Victoria ao porto de partida após 3 annos e 14 mezes de porfiada viagem, já ao mando de Sebastian del Cano, ia novo aspecto tomar a demarcação do mundo, baseando-se os cosmographos nos calculos da expedição de Fernão de Magalhães. Eram estes tão erroneos na avaliação das longitudes, que davam a circumferencia terrestre diminuida com exagero, segundo Alexandre de Gusmão, de 40 graus. Nem os novos processos de Ruy Faleiro e Felippe Guillen apressam e aperfeiçoam os calculos dessa coordenada geographica, de maneira a concorrerem para a solução do problema - o traçado preciso da linha demarcadora do mundo entre Castella e Portugal - .

Provectos marinheiros, eruditos mathematicos e astronomos a cada passo se contradiziam: os portuguezes nem sempre dando para valor do grau, 17.5 leguas, como tambem os espanhóes, 16 leguas e $^{2}/_{3}$; affirmando del Cano passar a linha proxima á Sumatra e João Dias de Solis, segundo carta ao embaixador Vasconcellos de 30 de agosto de 1512, por Malaca; Magalhães, fóra das Molucas 2.° e 30'; o piloto Albo, pelas Philippinas; e em 1524, a Commissão dos expertos de Badajós pela embocadura do Ganges, tal como Enciso em 1519.

Neste estado de incerteza ou imprecisão scientifica é que vem D. João III reclamar do já Imperador Carlos V, contra a conquista das terras descobertas por portuguezes, obtendo em troca do rei espanhol, uma proposta de accordo mal recebida pelo rei portuguez. Por essa proposta sagaz, notava-se ser intenção da politica espanhola, visando a posse das Molucas, o deslocar a demarcação da linha mais para o oeste, como tambem a recusa por parte de D. João III accentuava querer te-la, em represalia e por interesse, mais para o leste. A Espanha contando as 370 leguas do

Tratado a partir da ilha de Santo Antão, e a nação portugueza, a partir da ilha do Sal, taes divisas viriam affectar a demarcação do continente americano do sul e, no nosso caso, particularmente o Brasil.

Mas não lograsse ver, em breve, Carlos V engrandecido o seu poderio na Europa com terras do velho continente, e da conquista das Indias Occidentaes chegarem aos portos espanhóes, galeões carregados de ouro e prata provindos das Antilhas, da Nueva España e da Castilla del Oro, ao tempo em que Portugal insistia com todo o ardor na posse das Molucas productoras das especiarias. Aquelles, traziam á Sevilha cargas dos preciosos metaes, e, as naus da India, escassas riquezas comparadas com essas deixavam ás margens do Tejo; aquelles, despertavam nos espanhóes a cobiça dissoluta dos thesouros do El-Dorado americano; e estas, abarrotadas de especiarias, de finos tecidos e marfim do oriente, mais valiam como mensageiras dos combates ou conquistas, isto é - dos "fumos da India" - que estonteavam os valorosos capitães, marinheiros, soldados e mercadores daquelle tempo.

Fóram tambem os alterosos galeões de Castella em 1528, annunciadores de dois momentos historicos de real valor, determinantes de um surto magnifico da nação espanhola, com as suas ancoragens de torna viagem conduzindo a Palos, Fernando Cortez e a Sevilha, Francisco Pizarro. Annunciaram então as trombetas da fama a conquista do Mexico e já o avanço da expansão projectada a caminho das minas do Perú. Alargava-se de então a visão politica da Espanha e restringia-se a de Portugal, ainda cioso da posse do archipelago das Molucas e agora desconfiado e astuto a guardar em redobrado segredo os calculos de longitude, as cartas de navegação e os roteiros, a agir com felonia na diplomacia, a manter o suborno, a desenvolver ainda mais apurada a espionagem.

Carlos V não deixaria tambem de governar por processos semelhantes, mas nos quaes poria mais sagacidade

que o rei portuguez. E assim, como devesse duzentos mil cruzados a D. João III, valor do dote da sua irmã D. Catharina rainha de Portugal, após vêr no galeão carregado de ouro da America o que se não poderia enxergar numa nau da India, mandava vender em 1529, pelo Tratado de Saragoça, á sua rival maritima, - óra com ella empenhada no combate ás naus corsarias de França - pelo preço de 350.000 ducados, o Archipelago das Molucas. Essa posse entretanto, estaria ainda sujeita á verificação dos calculos realizados por astronomos e pilotos dos dois paizes, emquanto melhor destino iriam tendo os ducados recebidos: qual o de ajudarem a construcção e o apparelhamento dos alterosos galeões de Castella, para a busca dos preciosos metaes da Nueva España, da Castilla del Oro e do Perú, e assim, favorecerem Carlos V na ambição de arrancar a Portugal o sceptro de regedor dos mares.

Mais ao norte, a França adversaria da Espanha e de Portugal, guiada por Francisco I, ás vezes aproveitando-se das veladas desintelligencias diplomaticas entre os dois paizes, e como arauto da liberdade dos mares, povoava o Atlantico de velozes navios corsarios de optimo poder offensivo. Tomaram estes por base da acção militar, diz Gomes de Carvalho, (D. João III e os Francezes) o triangulo maritimo que tem por vertices Portugal, Açores e Canarias.

Por alli passariam como bôas presas a nau da Mina, a das Indias e a da America, - a do Oriente e a do Occidente; assim por alli singraria a nau franceza carregada de pau brasil para abarrotar os entrepostos dessa mercadoria em portos commerciaes da França e cada vez mais estimular armadores poderosos no corso ousado e constante. E' nome desse tempo, como de um dos seus mais atrevidos capitães do mar, o de Benoit Paulmier de Gonneville, como já arguimos, no seu "Espoir d'Honfleur", a correr parte da costa do Brasil até o rio S. Francisco do Sul. Mas se

bem que das primeiras expedições se houvesse dado alarme, não foram sufficientes os primeiros combates travados, para os afugentar da costa: aos paços de Lisbôa ou á Casa da India constantemente chegavam denuncias de novas aventuras corsarias favorecidas pelo rei de França.

Assim, já não falando de reclamações ou entendimentos anteriores, por fevereiro de 1522 se sabe da partida da embaixada de João da Silveira junto a Francisco I, com o fim de recuperar naus e fazendas "do rei e dos seus subditos preadas pelo corso francez"; e, principalmente para impedir a partida da expedição do florentino João de Verrazano, da Normandia, aonde se armara para ir á America do Sul, certo, fundar colonias nas costas "do pau brasil".

Francisco I que, por astucia, tencionava casar a sua irmã com D. João III - o que mais tarde suggestionaria a Carlos V, ao assignar-se o Tratado de Madrid, o impôr ao rei francez o casamento com D. Leonor, como tambem antes obtivera as bodas de D. Catharina com o rei portuguez - com subtileza estabeleceu um estado de disfarçada sympathia entre a França e Portugal. Para isso conseguir, prohibia a partida dos navios que se apparelhavam, decretava " a restituição das fazendas preadas a elrei", protestava contra "os desregramentos de corsarios em damno dos portuguezes"; e trahindo esse proposito velado, logo a seguir, dava carta de corso a João de Terrien e, em 1526, permettia se armassem dez outros navios corsarios contra Portugal, segundo aviso do embaixador João da Silveira ao rei lusitano.

Possuia officialmente, já de tempos, a costa brasileira, senão outras, pelo menos a "feytoria portugueza" do rio de Pernambuco ou do actual Igarassú, e por todo o littoral brasileo como intrepido combatente já andara Christovam Jaques, de 21 de junho de 1516 a 9 de maio de 1519 (Hist. Col. Port. Vol. II, pg. 363), a perseguir francezes, como tambem a descobrir enseadas e bahias até o rio de Santa Maria ou da Prata já visitado, antes da expedição Solis,

pela da "Gazeta Aleman" em que entre outros, serviriam João de Lisbôa e Lopes de Carvalho.

Ao ter sciencia D. João III do golpe que se preparava na França contra a "costa do pau brasil", como da partida de Sebastião Caboto, da Espanha, de novo mandava ao atrevido capitão do mar em 1527, com 5 caravelas e 1 nau.

A principal missão seria a de combater o corsario implacavel, emquanto diplomaticamente valendo-se D. João III do dr. Diogo de Gouvéa, portuguez illustre, reitor da Universidade de Bordéos, e do embaixador João Silveira, procurava remover perante Francisco I as difficuldades do momento.

Assim agindo, praticava tambem no mar protecção imprevidente aos proprios galeões de Espanha que, de volta da America do ouro, tocavam nos Açores como em escala de paiz alliado, e mantinha por essa forma, rompimento de uma neutralidade, o que não lhe traria mais tarde vantagens consideraveis.

Da França, para fevereiro ou março de 1528, annunciava-se novamente a partida de João Verrazano com cinco

> naus para "um grande rio da costa do Brasil aonde se teria achado um castelhano". E, se dizia mais: que os corsarios "por ahi fariam pé e depois iriam por deante": que "caravelas portuguezas quizeram metter ao fundo uma nao" de França e esta tomara tres ou quatro dellas, tendo-as como presas.

Devia bem ser Christovam Jaques "esse castelhano", - para alguns, castelhano, para outros, mais acertadamente, portuguez - o auctor dessas façanhas na nossa costa, como o foi na sua expedição, de 1527, em que á foz do rio Paraguassú, na Bahia, deu combate a tres naus francezas dos armadores Kertrugar ou Coetugar, Gueret - Maturin - Tournemouche, J. Bureau e J. Janet. Creava elle então a lenda de ter feito trezentos prisioneiros, enchendo a todos de pavor pela violencia com que agia; "enterrando prisio-

neiros até os hombros e tirando-lhes a vida a settadas e tiros".

Deixavam taes novas a Francisco I, justificados motivos para enviar como embaixador seu a Portugal em 1529, a Helies de Angoulême, na esperança de uma reparação. Mas D. João III despedindo a Christovam Jaques do seu serviço maritimo e vendo-o, crêmos, passar-se a soldo de Espanha, agia ainda entre manhoso e timido. Só adviria dahi estimulo, para Francisco I promover com maior actividade o corso no mar.

Influente pela sua intelligencia e posição abastada era então na Normandia, o bravo capitão João Ango "mistura de commerciante e de corsario" e apresentando como pagina mais notavel da sua vida aventureira no oceano, o apresamento do galeão portador para a Peninsula, dos thesouros de Montezuma expedidos por Cortez a Carlos V.

Favorecido de nova carta de corso, outorgada pelo rei, seria elle para Portugal um novo perigo a combater, se não tivesse Francisco I os filhos como refens desde a celebração do Tratado de Madrid, de 1526 até 1529, em poder do rei espanhol.

Vendo-se o rei francez na contigencia de recorrer a D. João III, para lhe solicitar 400.000 cruzados necessarios ao resgate dos filhos, enviou a Pedro de la Garde por seu embaixador a Lisbôa, com a promessa ao rei de Portugal de que cassaria todas as cartas de corso até então concedidas.

D. João III despachou ao embaixador francez com 100.000 cruzados e mais a proposta que, se Francisco I fizesse os seus vassallos restituirem a Portugal as tomadias no justo valor, o que excedesse os 300.000 cruzados - no quanto estipulava a divida - ceder-lhe-ia de bôa mente.

Esse entendimento não impederia entretanto, que o rei portuguez mantivesse subornado ao seu serviço na França, o Almirante Chabot de Brion, que passaria a ser nessa região de poderosos armadores, um funccionario a favor

dos interesses lusitanos; e mais, que corsarios francezes em varios portos continuassem a se armar para a pilhagem na "costa do pau brasil".

Chegaria a esse passo a politica de Portugal com a França, quando já D. João III comprara á Espanha as ambicionadas Molucas, á essa Espanha já fascinada com maior sonho de conquista. A ella, como dissemos, já desde 1528, regressava Fernando Cortez symbolizando a posse do Mexico na tomada da eleita dessa civilização original - a Tenuchtitlan dos Aztecas; a ella, aportara Francisco Pizarro relatando os primordios da conquista da Castilla del Oro e dos caminhos que levariam o povo peninsular ás mais ricas minas do Perú; e nella, se louvaria a Carlos V celebrar o Tratado de Cambrai ou Paz das Damas - negociada entre Margarida da Austria e Luiza da Saboia - para se ver alargar o poderio espanhol em terra da Europa e diminuir o da França de Francisco I obrigado de abandonar a Italia e só obtendo a Borgonha mediante o pagamento de 2.000.000 de escudos ouro.

Começava já a nação castelhana de viver no seu fastigio de imperialismo, tendo suas esperanças nas riquezas das maravilhosas terras do Mundo Novo, se bem que em nada satisfeita da busca do metal precioso ao rio Solis ou da Prata - infeliz aventura marcada com a morte do ousado marinheiro portuguez e com as outras desafortunadas expedições de Jofre de Loaysa, de Diego Garcia de Moguer e de Sebastião Caboto.

Dos da expedição deste navegador, principalmente relata Oviedo: "Cobiçaram o que não acharam, desejaram o que não viram, e acabaram sem honra e sem proveito"; e, ainda se poderia accrescentar: - activaram no paiz vizinho o desejo de firmar definitivamente a posse official portugueza do rio Maranhão ao rio de Santa Maria.

Enrique Montes (Herrera - Decada IV - L.º 10 cap. VI), um dos aventureiros desta expedição, revivendo em Portugal a lenda do rei branco adornado com peças de ouro e prata, serra acima, nos Andes, é um dos elementos que veem a favorecer o ordenar-se a nova empreza para essa conquista: feito em que teriam tambem influencia digna de nota, a carta de Simão Affonso datada de 2 de agosto de 1530 e a entrevista do portuguez Gonçalo da Costa regressado á Peninsula na capitanea de Diego Garcia, a nau N. S.ª del Rosario.

Simão Affonso declarava a D. João III que a expedição de Caboto tornara á Espanha sem ouro nem prata, com vinte homens dos duzentos que levara, cansados de trabalhos e guerras; Gonçalo da Costa, vinte annos residente nas terras vicentinas do Brasil, tendo por companheiro a outros christãos durante o exilio e servindo com Garcia de Moguer na viagem de S. Vicente ao grande rio do sul e á Espanha, de tudo dava noticia ao rei portuguez, para por fim não acceitar os favores que se lhe offereciam na armada de Martim Affonso, e fugir a reunir-se á sua familia em terras espanholas.

Se essas eram, entre outras, as informações que arrastariam Portugal á empreza colonizadora já por vezes ligeiramente esboçada, por seu turno, a irregularidade, os erros dos traçados cartographicos, tambem a par dessas e outras razões o animariam ao mesmo fim.

Era erro corrente, a esse tempo, o deslocar-se o continente meridional americano para o leste. Segundo Alonso de Sta. Cruz usavam de avançar os portuguezes o cabo de Sto. Agostinho com todo o outro littoral brasilico ao sul deste cabo, de mais 4 graus para o oriente do que devera ser; segundo a "Sentence Suisse (pg. 593)" e a consulta cartographica, se vê no outro sector da costa orientada para o noroeste "o deslocamento da boca do Amazonas" (o Mar Dulce aos poucos confundido com o Marañon) "para o sueste", o que faria "os cartographos dos primeiros 40 an-

nos do seculo XVI a deslocarem inteiramente a costa neste sentido". E se transportassemos para os nossos dias o que seria antes e ao tempo da viagem de Martim Affonso o traçado do meridiano divisorio das posses portugueza e espanhola, teriamos segundo Harrisse, que: Ferrer em 1495 faria passar a linha, hoje referida ao meridiano de Greenwich, ao norte do Brasil se descoberto fosse, entre a bahia de Turiassú e o cabo Gurupi, em 45° 37' w.; Cantino em 1502, a 30 milhas ao oeste da foz do Parnahiba em 42° 30' w.; Enciso, em 1518, aos 45° 38' w.; os cosmographos da Junta de Badajós, em 1524, aos 46° 36' w.; a carta de Diego Ribero, de 1529, a meio da ilha de Marajó pelo meridiano de 49° 45' w.; e o Padron Real, como Ferrer em 1495. Outros a fariam cortar ao norte a ilha de Marajó e ao sul, Laguna, e mais certamente, como hoje parece ao Dr. Theodoro Sampaio, (Rev. do Inst. Hist. S. Paulo. Vol. I, pg. 52), entre espanhóes, ao norte, a bahia do Maranhão, e ao sul, São Vicente, mas no seu verdadeiro traçado referido á ilha do Sal, ao norte a barra do Gurupi - para muitos, - a abra de Diogo Leite - e ao sul, arredores de Santos.

Não muito longe deste parecer andou o de Alonso de Sta. Cruz, distincto cosmographo espanhol, antes da expedição lusitana de 1530.

O que se acaba porém, de assignalar, só se poderia obter em traçados sobre as aperfeiçoadas cartas de hoje e não assim se precisar sobre os especimens da cartographia antiga em que se louvavam mareantes e astronomos, ou em alguns portulanos em que se deslocava de alguns graus para o Oriente parte da situação da America Meridional. Ainda não completamente corrigido do primitivo erro de Behaim, estava o oriente da Asia nos novos portulanos.

Se não este erro, outros maiores ou menores, eram principalmente notados na cartographia da Peninsula Iberica, quando as duas nações rivaes disputavam a posse das Molucas. Realizada esta por Portugal, já então o por-

tuguez Diogo Ribeiro ao serviço da Espanha em 1529, mas suggestionado no seu trabalho cartographico pelos seus compatriotas os dois Reinel, daria na sua carta antiga como posse lusitana mais terra do que a que determinava até então a linha demarcadora. Passava esta ao norte pela "Furna Grande" além da boca do Marañon espanhol, que a astucia dos portuguezes fazia ter-se pelo rio Maranhão a confundir-se mais tarde com o Mar Dulce dos primitivos descobridores de Castella; e, ao sul, pelo cabo de Sta. Maria, na boca do rio Sta. Maria ou da Prata já visitado por navegadores portuguezes ao serviço de Portugal antes de Solis ao de Espanha.

Assim, tomados em conta esses erros cartographicos com as devidas proporções ao norte, ao centro e ao sul do continente; as informações mais recentes da terra antes de 1530 feitas, entre muitos, por Christovam Jaques, João de Lisbôa, Pero Capico, Diogo Leite e, as que se referindo á terra - da prata e do ouro- lembrando as anteriores expedições da Gazeta Aleman, de Solis, Caboto, Loaysa, Garcia de Moguer, eram prestadas por Simão Affonso, Enrique Montes, Gonçalo da Costa e quantos mais aventureiros e navegadores; escutada por vezes a palavra avisada de Diogo de Gouvêa; considerada cuidadosamente a acção franceza na costa do pau brasil e a quasi alliança offensiva e defensiva de Portugal e Castella para a combaterem no Atlantico; provado o quasi nenhum reconhecimento official dessa região costeira no norte até o rio mar, e ao sul do Brasil officialmente por Portugal, com deficiencia, além de Cananéa; revivido o sonho de Carlos V de augmentar agora em terras da Europa o seu poderio tão largo qual o de Carlos Magno; criado parecia estar aos portuguezes o momento opportuno para a realização arguta do que o Embaixador Luiz Sarmento fixava nesta formula destinada aos Capitães quinhentistas: "porque cuidam que o mais que possam descobrir e occupar que aquillo se ganha".

A par disso, não viesse Portugal desde o reinado manuelino esboçando a idéa de colonizar as terras de Santa Cruz. Sabemos que segundo carta de Pedro Rondinelli datada de 3 de outubro de 1502 e escripta de Sevilha (R. Columbiana,) citada por Capistrano nas annotações eruditas á Hist. Brasil, Varnhagen, arrendava o rei a alguns christãos novos, com direito á mercancia do pau brasil, o nosso littoral até trezentas leguas ao sul donde já haviam as suas naus alcançado, mas com outros deveres, quaes: o de construcção de fortaleza na terra littoranea conquistada e o de permanencia nesta por 3 annos. Em 1503, na viagem de Gonçalo Coelho, viria Vespucci a fundar feitoria no littoral, certamente em cabo Frio, a qual é depois visitada pela gente da nau Bretôa aferrada neste porto em 1511. Em 1516, argue Varnhagen, com citação cuja fonte já se não ignora, mandara tambem el-rei D. Manuel por um alvará ao feitor e aos officiaes da casa da India, que fornecessem "machados e enxadas e toda a mais ferramenta ás pessoas que fossem povoar o Brasil", assim como, por outro alvará, que "procurassem e elegessem um homem pratico e capaz de ir ás terras brasileiras "dar principio a um engenho de assucar" e a quem se concederiam ajuda de custo, cobre e ferro, e mais algumas cousas para o feitio do dito engenho.

Coincidia a promulgação desses alvarás com a 1.ª partida de Christovam Jaques para o Brasil, na expedição 1516-1519, até o rio da Prata, e que teve por successora a de Pero Capico na costa do pau brasil. Em 1527, torna á nossa costa o mesmo Christovam Jaques para consolidar feitoria no littoral pernambucano e bater francezes, como se diz, deshumanamente o fez na bahia de Todos os Santos. Substituido por Antonio Ribeiro, de regresso Christovam Jaques a Portugal, levaria este esperançado a sua proposta a D. João III para que lhe permittisse colonizar as terras do Brasil com um milheiro de emigrantes. A esta tentativa succede outra patrocinada tambem por Diogo de

Gouvea e requerida por João de Mello da Camara, descendente dos colonizadores das ilhas da Madeira, S. Miguel e S. Thomé e com a condição de se fazer acompanhar de 2.000 moradores dessas mesmas ilhas.

No espirito de D. João III inclinado neste passo a escutar a opinião do culto reitor da Universidade de Bordéos, vae-se aos poucos consolidando aquelle mesmo pensamento que o afortunado rei, seu pae, não conseguira realizar; até que, bem instruido do que se passava na Espanha e na França, resolve o apparelhamento da expedição de Martim Affonso buscando firmar o dominio portuguez em horizontes mais amplos na America do Sul.

Do regimento que mandou dar ao capitão mór quasi nada se sabe, senão a pretendida amizade que mandava tivesse com os castelhanos e o respeito á posse das terras do dominio espanhol; mas pelo que realizou a armada e pelo que se póde salteadamente respigar no Diario ou noutros documentos, se poderá alcançar os motivos que foram o inicio e o fim da expedição de 1530:

1.º) officialmente explorar o littoral brasileiro desde esse Marañon ou o Mar Dulce, dos espanhóes, - ambos o Maranhão dos portuguezes por argucia lusitana - até o rio de Sta. Maria ou da Prata e, em extensão neste rio até um ponto que obrigasse a maior recuo o meridiano divisorio: veiu a ser esse ponto escolhido o Esteiro dos Carandins onde plantou Pero Lopes padrões e cujo meridiano, para os cartographos daquelle tempo, deveria ser o que mais tarde désse aos portuguezes dominio mais ao sul ou até proximidades do golfo de São Mathias;

2.º) expulsar os corsarios francezes da "costa do pau brasil", por esse tempo caracterizada entre pouco além do rio Parahiba e o rio São Francisco, mas com tendencia a alargar-se até regiões do cabo Frio;

3.º) apoderar-se da falada "costa do ouro e prata" cujos extremos suppunham senão de cabo Frio, ou do Rio

de Janeiro mais certamente de S. Vicente até o rio de Sta. Maria (de Solis ou da Prata);

4.º) installar gente em local mais favorecido para alcançar as minas do Paraguai e serra acima as do Perú, partindo do littoral brasileiro ;

e 5.º) lançar finalmente os fundamentos da já por vezes esboçada colonização das terras e do dominio sobre o selvagem dessa parte da America, para mais facilmente attender-se á defeza e posse das costas "do pau brasil" e "do ouro" e consequente engrandecimento do patrimonio da Corôa Lusitana.

Eis a missão da armada de Martim Affonso de Sousa.

Antes de ve-la amarar-se no Atlantico, volvamos a nossa imaginação ainda á Lisbôa de D. João III, para o lado da Ribeira das naus, dos espalmadouros e estaleiros á margem do Tejo; e, com a palavra de Jaime Cortesão, rendilhada como um portal manuelino, e sob suave luz qual a de uma reminiscencia, enxerguemos o typico painel desse recanto ao tempo das primeiras armadas que buscaram as Indias e o Brasil, mas ora já a engrandecer-se com os palacios faustosos da Ribeira das naus.

> "Desde que nos ultimos annos" - diz o citado escriptor - "o entreposto do trafico africano passara de Lagos para ali, se criara a Casa da Mina e, se lançaram com destino á India os primeiros navios, toda a Ribeira trabalhava, fervia, reboava com a azafama do mar. Já para além do extremo nascente das muralhas, junto ás Portas da Cruz, fumegavam os fornos que coziam o trigo para o biscoito das armadas"....... Ladeando o esteiro, naquele tempo ainda alagado, no Terreiro do Paço, estendia-se a uma banda a Alfandega, e da outra, prolongando-se até o campo Santo estanceavam a Casa da Mina, as Taracenas, as Ferrarias e logo as Tanoarias, contra o barrocal de São Francisco. Aqui e ali, entre o vozeio do populacho,

que duma a outra banda enxameava, zoava e ensurdecia", se ouvia "o trom dos rijos mesteiraes no rebaterem as cavilhas ferreas ou os arcos e aduelas para a louça das naus. E por todo longo, desde as Portas do Mar (junto á Casa dos Bicos) até a Cataquefarás e a Santos, se construiam os navios novos ou varavam os velhos, para compôr as obras vivas, limpar os limos ou queimar o gusano". Alí veriamos "exultante e esforçosa entrepresa de que os modernos estaleiros dão palido vislumbre, as carcassas das naus contra os esteios arrumadas e, ora apenas erguendo o encavernado, ora ajustando as tilhas e os costados, logo alevantando os arvoredos ou retonando e estremecendo com as derradeiras marteladas, desde o cadaste ou a duneta airosa até o beque recurvado. Pela Ribeira em fóra, á luz do sól, os remolares afusavam e tendiam os remos, os petintais carpintejavam os navios, os bragueiros entreteciam rédes, e calafates, tanoeiros, artilhadores, cordoeiros de calabre, oficiais de cartas, mestres, pilotos e grumetes, todos borborinhavam afanosos, com as fainas do mar". (A Expedição de Pedro Alvares Cabral, pg. 11 - 12).

A PARTIDA DA EXPEDIÇÃO

Era de uma Ribeira das naus mais pomposa ainda, já engrandecida com o majestoso Paço da Ribeira, residencia de D. João III, como o fôra alguns annos antes de D. Manuel, com a sua Casa dos Contos - o Thesouro Real, e o Armazem do Reino - o arsenal Manuelino, das ribeiras de "uma Lisbóa mais oriental e faustosa", que largava para o estuario do Tejo a armada do capitão mór Martim Affonso de Sousa aos 3 de dezembro de 1530.

Mandava a nau Capitanea de cerca de 150 toneladas - Pero Lopes de Sousa - trazendo a bordo o Capitão

Irmão, designação tão intima quanto interessante com que o capitão de Bandeira designa no seu Diario ao capitão mór da Armada chamado a governar as terras do Brasil. A outra nau de 125 toneladas - a Sam Miguel - tinha por capitão a Heitor de Sousa; o galeão Sam Vicente, da mesma tonelagem, a Pero Lobo Pinheiro; e as caravelas Rosa e Princeza, respectivamente a Diogo Leite - já conhecedor da costa brasileira numa expedição de Christovam Jaques -, e a Balthazar Gonçalves, mais experimentado nas armadas guarda-costas contra corsarios francezes, nos mares dos Açores ou ribeirinhos de Portugal.

Dentre as 400 pessoas embarcadas nestes navios, poderemos sómente mencionar, - pelo pouco que a esse respeito se sabe - as seguintes: Pero de Góes da Silveira, futuro donatario da Capitania da Parahiba do Sul e quem, do proprio punho, sem fundamento valioso, affirma Varnhagen, escreveria o Diario de Pero Lopes; os pilotos Vicente Lourenço, piloto mór, e Pedre Annes, lingua tambem do gentio brasileo; Enrique Montes, o aventureiro do rio da Prata e sertões, investido pela carta regia de 16 de novembro de 1530 em provedor dos mantimentos da armada, "assim em viagem do mar, como lá em terra, em qualquer logar onde assentassem", e o verdadeiro informante da "costa do ouro e prata" junto ao capitão mór, o que é justificado, após o seu regresso com Caboto, dizer Herrera: "que na Armada" (de M. Affonso) "iba Enrique Montes que havia muchos años que estaba en aquellas partes" (Hist. de las Indias - Dec. IV. Livro 10 - Cap. VI); Pero Capico informante da outra costa - a do "pau brasil" -, tal como Diogo Leite commandante da caravela Rosa; Ruy Pinto e Francisco Pinto; padre Gonçalo Monteiro; João de Sousa; Manoel Alpoim, escrivão da Armada; Antonio Rodrigues de Almeida; Vicente Martins Ferreira; Pedro Collaço; Jorge Pires; Heitor d'Almada, feitor; Lourenço Fernandes, mestre; Pero Gonçal-

ves; Diogo Vaz, bombardeiro; e quantos mais, a que se juntariam marujos, aventureiros e homens d'armas portuguezes, alemães, italianos e, só mais tarde, francezes, na costa de Pernambuco.

A' feição do vento do leste ganhavam o mar as duas naus, o galeão e as duas caravelas e, no rumo do sudoeste perdiam de vista as terras da Patria, por quem vinham, - mensageiros da alma lusitana - criar o Brasil.

CAPITULO I

A ARTE DE NAVEGAR
E
OS TYPOS DOS NAVIOS
NA
EXPEDIÇÃO DE 1530

CAPITULO I

A ARTE DE NAVEGAR
E
OS TYPOS DOS NAVIOS
NA
EXPEDIÇÃO DE 1530

Para ter precisa idéa da arte de navegar em uso na armada de Martim Affonso, será mister penetrar o entendimento dos mareantes do começo do seculo XVI, "em face dos mysterios do céo, da terra e do mar-oceano". E dahi, traçarmos parte deste capitulo recordando pontos essenciaes da sciencia de Ptolemeo consignada no Almagesto - o livro então mais erudito da sabedoría quinhentista.

Além de nos valermos do engenho do sabio de Alexandria, tambem será de bom aviso recordarmos o que eram as navegações a bordo dessas caravelas do descobrimento ou de uma dessas naus da India, para bem se comprehender, dentro no meio em que labutavam esses maritimos, o que sabiam das cousas do mar através de tão porfiadas singraduras.

Havia-se pois de navegar o mar alto sentindo, como elles, que "a nossa esphera se dividia em outras nove espheras", cabendo á nona ser "o primeiro movel"; á oitava, o céo das estrellas que por estarem a este fixas e a distancias iguaes da Terra, lhe davam o nome de firmamento; e aos outros sete céos, os dos "sete planetas": Saturno, Juter, Marte, Sol, Venus, Mercurio e Lua.

Com o tempo, a esse systema houve necessidade de juntar um decimo céo, para harmonizar as theorias de Ptolemeo com as de Tebit, passando assim o que competia ao nono céo a ser da decima esphera.

Dever-se-ia ter como dividida a "universal machina do mundo" em duas regiões: a etherea ou celestial e a elementar sujeita a alteração constante, apresentando quatro elementos: terra, agua, ar e fogo. A Terra seria o centro do mundo tendo comsigo esses elementos, porque no dizer do grande encyclopedico da antiguidade - assim determinara " o Deus gracioso e alto".

Como a terra porém, não se moveria e seria o centro do mundo, engenhou Ptolemeo, para se poderem explicar outros phenomenos visiveis aos habitantes da Europa e das partes da Africa e da Asia então conhecidas e em varias latitudes, que no hemispherio acima da Equinocial fosse a esphera obliqua ou inclinada e abaixo desta, direita.

Espheras e céos teriam dois movimentos: um, do ultimo céo sobre os polos arctico e antarctico, do oriente para o occidente, e pela concepção após adoptada, o nono e os outros oito céos com movimento contrario ao primeiro e sobre os polos do zodiaco. O ultimo ou o decimo céo completaria o engenho celeste, arrebatando e movendo todos os outros ao redor da Terra, numa revolução de 24 horas.

Por notar o nascimento das estrellas no oriente, e o alçarem-se pouco a pouco até virem "ao lugar onde o Sol faz meio dia", pondo-se depois no occidente e sempre a iguaes distancias entre si; por observar que ás proximidades do polo, as estrellas da constellação da "Ursa Menor" se moviam de continuo ao redor do proprio polo, descrevendo os seus circulos do leste para o oeste, e sempre a iguaes distancias; achava Ptolemeo que o firmamento se moveria do oriente para o occidente. E mais: redonda lhe parecia a Terra, já porque as estrellas nasciam mais cedo aos que habitavam o levante que o poente, já porque um eclipse da lua observado pelos orientaes á "terceira hora da

noite", só começaria de ser notado por certos occidentaes á "hora primeira da mesma noite"; já porque se caminhassem os viajantes para a parte septentrional ou para a meridional da Terra, se lhes appareciam ou se lhes occultariam estrellas de um ou de outro hemispherio.

Em circulos maiores dividia a esphera, a saber: a equinocial, o zodiaco, o coluro solsticial, o coluro equinocial, o meridiano e o horizonte.

A equinocial serviria de demarcar os dois hemispherios: um, com o polo arctico, outro, com o polo antarctico.

O zodiaco conteria os seis signos de Aries a Virgo, de uma banda e de Libra a Pisces da outra.

Eram estes signos, as chamadas - Casas do Sól - (Medina - Arte de navegar) porque a razão indo mais alto com a phantasia, serviu de criar essa ficção encantadora para os habitantes do hemispherio do norte. O 1.° signo - ou a casa do Carneiro - era assim chamado, porque o astro - rei nella entrando, é conforme á natureza daquelle animal - "fraco na metade do corpo e fórte na outra metade"; o 2.° signo é - a Casa do Touro -, porque como o Touro é animal fórte, o sol ao por ahi passar "aquece a terra mais galhardamente do que dantes"; o 3.°, - a casa dos Gemeos - porque dahi escaldando a terra com a virtude do seu calor, causa a fecundação; o 4.°, - a casa do Caranguejo -, porque nelle penetra e retrocede á guisa daquelle crustaceo; o 5.° - a casa do Leão - porque iracundo como o rei dos animaes causa dahi o astro - rei calor fórte e adustivo; o 6.° signo, - a casa da Virgem - porque o sól nelle torna esteril a terra com a fraqueza dos seus raios luminosos; o 7.°, - a da Balança -, por nelle se igualarem em duração dias e noites; o 8.°, - a casa do Escorpião - porque á semelhança deste animal que com a lingua acaricia e com a cauda fére, a principio dá o sol suave calor, "mas ao fim da viagem se torna frio"; o 9.° a do Sagittario, animal nocivo, porque neste signo estando o sól "é castigada a terra com frio e neve"; o 10.°, - a do Capricornio - porque como o Capro salta no

ar tambem assim o astro vae em busca do outro hemispherio para entrar na 11.ª casa - a do Aquario - e porque ahi se escondendo como na 12.ª - a dos Peixes -, ficam os habitantes da Terra mergulhados em frio e humidade e por fim, em muitas aguas... como os mesmos peixes.

Seriam tambem para os antigos os doze signos, os symbolos significativos dos doze trabalhos de Hercules.

Passando adeante sem os recordar,continuemos a citação dos outros circulos maiores e menores. Os chamados coluros teriam a missão de distinguir equinocios e solsticios.

Dar-se-ia no ponto de Cancer onde se encontram o seu coluro e o zodiaco, o solsticio estival, e ahi se teria por maxima a declinação norte do sol. Ptolemeo a calculava, dando-lhe o valor de 23.º - 51'; as taboas de Evora davam-na com o de 23.º - 33', antes da expedição de Martim Affonso; e Regiomontanus com o de 23.º 30' ,tal como o affirmara Oroncio antes e Pedro Nunes depois. Igual seria a maxima declinação do sol para o outro hemispherio, no ponto em que se daria o solsticio hyemal, no encontro do coluro e zodiaco num ponto do Capricornio. Passando o outro coluro, como sabemos, pelos pólos do mundo e cortando a equinocial em Aries e Libra do zodiaco, marcaria ahi no 1.º caso o equinocio vernal e, no segundo, o outomnal.

Conhecia-se tambem o circulo maior chamado meridiano, por circulo do meio-dia, porque passando pelos polos do mundo e pelo zenith ou "zenequi", - como diziam - "da cabeça do mareante" -, aonde quer que este se achasse, "andando o sol movido ao movimento do firmamento", chegaria este astro a este circulo ao meio dia, nesse logar. Facil seria de deduzir, pois, que dois navios, um mais ao oriente que o outro, não teriam num instante dado o mesmo meio-dia, e sim com a differença de hora na razão do afastamento a que se achassem entre si.

Quatro circulos menores, como parallelos, Ptolemeo representava para separarem zonas nos dois hemispherios,

zonas essas, correspondentes a cinco outras que se formariam no céo: a zona torrida, comprehendida entre os tropicos - julgada por inhabitada e inhabitavel devido "á grande quentura do sól a viajar sempre entre Cancer e Capricornio" -, como tambem as outras duas zonas: a do nórte, entre o parallelo arctico e o polo visinho; e a meridional, entre o parallelo antarctico e o polo do sul, pelo frio reinante, com se afastar dellas o grande astro, centro da vida. Mas as outras duas zonas, uma, entre o tropico de Cancer e o circulo arctico, e a outra, entre o tropico do Capricornio e o circulo antarctico, se haveriam de ter por habitaveis, uma vez que eram favorecidas "pela quentura da torrida zona e a frialdade das zonas propinquas ao polo".

Dentro nessa concepção interessante do mundo, por nós imperfeitamente synthetizada, mourejava o nauta ao raiar do seculo XVI.

A principio, a α da Ursa menor, isto é, a Polar escoltada das duas guardas, resolvia o problema da latitude pelo calculo que o navegador fazia com a altura dessa estrella tomada com o quadrante ou o astrolabio, sommada ou subtrahida do quanto a mesma polar se afastava do polo: 3.º 30', - no dizer do Prof. Wolfer para o começo desse seculo XVI (Bensaúde - L'astronomie nautique, etc.), mas segundo Pedro Nunes, 4.º 9' ou 4.º 10' (Tratado em defensam etc.). O nosso distincto astronomo Domingos Costa dá-lhe para afastamento do polo em 1530: 3.º 14' 58",6.

Mas por não se tornar praticavel - se bem que ainda a avistando ao sul do equador - a tomada da altura dessa estrella, abaixo de dez graus de latitude norte por difficil no mar tal precisão na altura quando obtida de bordo de uma caravela sujeita a desvairado balanço, passou-se a calcular de preferencia, tanto num como noutro hemispherio, a latitude pela altura meridiana do sol. Não seria neste caso, de melhor uso o "Kamal" que o piloto mouro dera ao Gama, em Calicut, e sim, o quadrante ou corrente-

mente o astrolabio, mais portatil do que o manejado pelo proprio Gama na sua primeira viagem á India. Era este instrumento de fórma circular, dividido em quadrantes e mantido suspenso para a observação astronomica, com o - 0° - na linha do horizonte e a marca dos 90° na vertical do instrumento; mais tarde, inverteram-se as marcações. Enfiado um raio de sol pelo orificio vasado nas pinnulas da medeclina do instrumento, quando a sombra da pinnula mais alta cobria a pinnula mais baixa, acompanhava-se o raio luminoso até que o sol culminasse no céo, e então se lia no limbo o angulo da altura ou mesmo o do complemento desta. A seguir, valendo-se das taboas do Regimento de Evora ou taboas de Zacuto, obtinha-se para esse determinado dia o valor da declinação do sol, correspondente á situação do mesmo astro no signo, e pelo artificio de calculo adeante reproduzido se conseguiria rapidamente a latitude.

Dizia Pedro Nunes, coevo a Martim Affonso, e uma das mais altas expressões do pensamento da epoca - ao ensinar a tomar-se a altura do sol a qualquer hora do dia,

> valendo-se já ahi da "poma" ou globo e do "instrumento de sombras" que lhe daria os azimuths: "Situaremos o globo por tres alturas e duas differenças de sombras; e busque-se o polo destes tres pontos porque esse é polo do mundo, e a distancia delle ao sól nos amostrará a declinação".

Este processo de Pedro Nunes com o auxilio da "poma" e do "instrumento de sombras" não foi praticado por Martim Affonso ou por seus capitães e pilotos, e sim só em 1538 pelo excellente navegador, guerreiro e astronomo, D. João de Castro.

Explicado o methodo em uso entre esses navegadores para o conhecimento da altura do polo do observador ou os "graos de ladeza a que este se acharia da equinocial contra os polos do mundo" - ou melhor, e mais simplesmente, a latitude, havia de se obedecer consequentemente a uma regra no caso da altura meridiana do sol e do

conhecimento da declinação dada pelas taboas imperfeitas, para cada dia. Fóra este calculo da pratica dos melhores nautas de anterior geração, taes como: Duarte Pacheco Pereira, Vasco da Gama, Bartholomeo Dias, Nicolao Coelho, Americo Vespucci, João de Lisbôa e muitos mais; calculo que se fixou na fórma classica adeante expressa, ao tempo de Martim Affonso, talvez quando já no proprio astrolabio se preferisse tomar o complemento da altura ou a distancia zenithal. Ei-la, no seguinte modelo de calculo:

DC (Norte)	Sombra do sol ao norte	Lat. = DZ+DC.
» »	» » » » sul	(DC=DZ) Lat. = 0°.
» »	» » » » »	(DC>DZ) » = DC—DZ.
» »	» » » » »	(DZ>DC) » = DZ—DC
DC (Sul)	» » » » »	Lat. sul = DZ+DC.
» »	» » » » norte	(DZ=DC) Lat. = 0°.
» »	» » » » »	(DC>DZ) » sul = DC—DZ.
» »	» » » » »	(DZ>DC) » norte = DZ—DC.
DC 0°	» » » » »	Lat. norte = DZ.
DC 0°	» » » » sul	» sul = DC.

Altura 90° DC (norte) Lat. norte = DC.
» 90° DC (sul) » sul = DC.

Devemos aqui deixar assignalado que tres vezes nos dá Pero Lopes, no seu "Diario", os - "lugares do sól" - : aos 23 de novembro de 1531, quando o astro em "11° e 35 meudos ou minutos de Sagitario", aos 22 de maio de 1532, em "10° e 32 meudos ou minutos de Geminis e aos 4 de agosto de 1532, em 21° e 3 meudos de léo". Nas taboas do Regimento de Evora e alinhadas com esses elementos, se encontrariam as respectivas declinações que combinadas com as alturas ou DZ do sól ahi obtidas - no rio dos Begóas (Solis Grande), no rio de sam Vicente (pto. de S. Vicente) e pouco antes de avistar a ilha de Sto. Aleixo, lhe dariam as tres latitudes desejadas.

Para os mesmo tres dias, nos dá tambem Pero Lopes "os lugares da Lua". Neste caso, teria ainda em mente o calculo das longitudes.

Da estrella polar valiam-se tambem, como dissemos, os antigos navegantes, para o calculo da latitude - De β e γ da constellação da Ursa menor se utilizavam para o calculo da hora no mar, observadas as posições em que se encontrariam, em dados momentos, essas chamadas "guardas" em relação á polar ou α da constellação.

Isto já rezava a Carta Catalan de 1375 e o renovaria a Martim Affonso e aos seus capitães e pilotos o Regimento de Evora. Assim á noite, no quarto da modorra, e no hemispherio septentrional, se avistavam "as guardas" - no braço (direito ou esquerdo), acima ou abaixo do braço, na linha acima ou abaixo da linha, na cabeça ou no pé, abaixo da cabeça ou acima do pé - na figura imaginada na constellação -, marinheiro experimentado já sabia a que horas andava, se á meia-noite, se á 1 ou ás **2** horas da manhã. E para melhor comprehensão da regra acima, valhamo-nos do espirito subtil de um mestre, o Dr. Luciano Pereira da Silva, auctor da "Astronomia dos Lusiadas" e que acaba de publicar passagem erudita e clara sobre este assumpto, com criticar um dialogo pittoresco da obra immortal de Cervantes. (Lusitania - Fasc. IX - pg. 412).

E' a voz de Sancho Pança a D. Quixote, que se assim altea:

> "Por un solo Dios, señor mio, que nõ se me faga tal desaguisado: y ya que del todo no quiera vuestra merced desistir de acometer este fecho", (a aventura dos moinhos de pisoar panno) "dilate-lo a lo menos hasta la mañana, que a lo que a mi me muestra la ciencia que aprendi, quando era pastor, non deve de haver desde aqui al alva tres horas: porque la boca de la bozina está encima de la cabeça, y haze la media noche en la linea del brazo yzquierdo." (D. Quixote. Cap. XX. Parte 1.ª).

"Para se comprehender este passo" - diz o erudito escriptor - "é preciso lembrar que se imaginavá

um homem no polo celeste, voltado para a Terra, com os braços estendidos e portanto, com o esquerdo para o Oriente. As - Guardas - que formam a bôca da Buzina, iam na linha do braço esquerdo - quando subiam para o meridiano, já numa inclinação de 45.º (as linhas, chamadas). "Nessa posição marcavam ellas meia-noite no meado de Março, segundo o - Regimento para saber as horas da noite pela Estrella do Norte -, formulado depois da correcção gregoriana, o qual deferia, de uma quinzena, do Regimento analogo usado antes de 1582'. Mas a boca da Buzina estava já na Cabeça, isto é, na culminação superior, sobre o meridiano, marcando portanto as tres horas depois da meia-noite. Era pouco antes do equinocio, o Sól nascia pelas seis horas, e o romper de alva começava antes, com o crepusculo. Por isso elle afirmava: "no deve de haver desde aqui a' alva tres horas".

Voltando á monotonia do nosso estudo, diremos ainda que tendo o nauta de tomar a altura da estrella polar para o calculo das latitudes, o faria quando as - guardas - nas oito posições conhecidas, porque a correcção a sommar ou a subtrahir a essa altura, implicando necessariamente o conhecimento do angulo horario da estrella ($AH = hs — AR$), era assim, quando ella "nessas linhas", por elle simplificada na pratica e experiencia e ainda, não cogitando como viria, mais tarde, a sciencia mathematica de explica-la.

Mas já perdida de vista a bôa amiga nocturna dos primeiros navegantes do Septentrião, quando passados os mareantes ao hemispherio do sul, muitas outras brilhariam no lindo céo encantando-se em formosas constellações. Fariam então entre outras, notar-se a do "Cruzeiro do Sul" - "ho que llevanta e abaixa; e faz dés gráos de rota a redor do polo dalto e baixo" - e para a qual João de Lisbôa apresentava o seu interessante Regimento:

"Tomarás a estrella do Pé e olharás bem que esteja norte-sul uma com a outra, e leste - oeste, os braços: e olharás bem quantos gráos tomas: se 30 gráos, estás na linha, e se tomares menos de 30 gráos, aquillo que menos fôr de 30 estarás afastado para a parte do Norte. E se tomares mais de 30, tudo o que mais tomares estarás para a parte do Sul, e o que o menos fôr de 30 estás para a parte do Norte".

Dizia ainda João de Lisbôa - um dos nautas mais expertos de Portugal - no "Livro da Marinharia" - sobre essa constellação que Andréa Corsali, chamava em 1515 a "Croce Maravigliosa":

1.º Quando as 3 estrellas estão no Pé, está a estrella do sul, abaixo 5º.
2.º » » » » forem na linha acima do Pé, a ★ está abaixo do eixo 2º.
3.º » » » » no braço ESE está a ★ no seu logar.
4.º » » » » na linha acima do braço está a ★ acima do polo, 2º30'.
5.º » » » » na cabeça está a ★ acima do polo 5º.
6.º » » » » na linha NE — SO está a ★ acima do polo 2º30'.
7.º » » » » no braço oeste está a ★ igual com o polo.
8.º » » » » na linha abaixo do oeste está a ★ abaixo do polo 2º30'.

De outras estrellas e constellações do céo brasileiro falava tambem este navegador quinhentista truncando-lhes o nome de baptismo. Assim chamava: Calbatear ou - Coração do Escorpião - á estrella mais luzente da constellação de 5 estrellas da fórma de um arado; as de Soel e Solibar as mais propinquas ao polo do Sul"; a "Ras Delange fazendo com Arame e Vegua um triangulo"; a Altair - "aguia que avoava", a Azeniche ou "pico virgo" em latim; a Demabadiage - ou rabo de serpe - com 43º 43' de declinação ao norte de Véga; e outras mais.

Por esses dias tambem os indios do Maranhão - observadores deste maravilhoso céo - tinham já a sua original

astronomia que só oitenta annos depois da expedição de Martim Affonso e já um tanto influenciada pela corrente colonizadora, nos foi revelada pelo frade capuchinho Claude d'Abbeville. Tão valioso trabalho teve nova edição em 1921, graças ao carinho de Paulo Prado pelas letras historicas, á auctoridade de Capistrano de Abreu que lhe deu além do mais o Prefacio, e á competente contribuição de Rodolpho Garcia que teve a seu cargo o Glossario.

Pela descripção do capuchinho francez sabemos terem esses indios o sól ("Coaraci"), por força criadora de todo ser, e "Jaci" (a lua) por mãe dos vegetaes e fructos. A's estrellas chamariam - luas brilhantes - ou "Jaci-tatá", tendo-as em constellações e como principaes as prenunciadoras das chuvas ou das secas. Servindo-se de uma mythologia interessante - em que por vezes se sentiria reminiscencia quasi apagada da que usaram os povos do Mediterraneo, além dos da Arabia e os da India, - ou em que se notariam por motivos principaes de baptismo dellas, aspectos, objectos, cousas ou seres que lhes eram familiares, iam-nas nomeando no céo brasileiro. A's Hyades e ás Pleiades tinham-nas elles como annunciadoras de chuvas beneficas. A's primeiras appellidavam a - Queixada de cavallo ou Vaca; ás segundas, visiveis em epoca de verão ao norte do Brasil, se não designariam como os francezes - la Poussinière - (ou os Pintainhos, mais certamente - a capoeira), talvez como a S e i x ú ou E i x ú, o que se refere á abelha mestra andeja em busca do mel, - versão, - diz o dr. Rodolpho Garcia - que os tupis do sul, conhecedores tambem desta constellação, usaram por esse tempo.

Perto desta notariam elles a estrella - T i n g a s s ú - (t i n g a, bico; a s s ú, grande), para nós, talvez a Algol - ou Cabeça da Medusa -

E i x ú - j u r á ou - girão da abelha -, era uma outra constellação de nove estrellas em fórma de grelha, prenunciadora das aguas: para alguns talvez a - Constellação do Leão -

A constellação a que nomeavam - U r u b ú - (gallinha ou ave negra), possivelmente a do - Corvo, - era visivel durante a estação chuvosa e, quando esta tinha termo já se pronunciaria luzindo no céo - o Cancer - o G a i a m ú, baptismo que bem poderia ser já de epoca coeva á colonização nessas ribeiras atlanticas. Seria essa, a que tambem chamariam Poti?

A expressão C r u s s a, dada ao nosso Cruzeiro do Sul, tambem deveria originar-se da influencia dos colonizadores peninsulares.

A uma supposta estrella que caminharia na proximidade da Lua e que, em certos annos, apparecia muito rubra no horizonte, ao fim das chuvas, nomeariam - I a u r a ou o cão, porque a tinham os Maranhões por um rafeiro que perseguisse a lua aos latidos, como á caça, no anseio de a devorar. Séria aventura da nossa parte, identificar esse astro com um dos planetas Marte ou Mercurio?

A U a m - r a n ou a semelhante a um pyrilampo, seria para elles a linda Syrius, tida pelos antigos povos do Mediterraneo como o cão do caçador Orion encantado por Diana ou como o que foi dado por Zeus á Europa, cedido por Minos a Procris, por Procris a Cephalo, e marcando para o povo egypcio, com o seu apparecimento o inicio dos dias caniculares - em contraste com a epoca dos dias chuvosos com que favorecia os tupis.

Conheciam os Maranhões a P i r a - p a n e m ou p a n e m a, tida como o piloto da lua, e annunciadora da escassez do peixe...

O planeta Venus deveremos ter, parece, mais como a J a c i - t a t á - a s s ú -, a estrella grande - do que como a I a p u c a n, estrella que se levantava sempre antes do sol e quando desapparecida, em certa epoca, annunciava a estação chuvosa?

Castor e Pollux - seriam tidos como dois ovos (Uirapia). Perto, lhes ficava a constellação do — Nhandutim

ou da ema branca, (a dos Gemeos) e na qual a imaginação tupi dizia existir a dita ave com o bico aguçado para quebrar os dois ovos symbolicos, ou melhor, as duas estrellas. Os Arabes tambem em semelhante aspecto veriam no firmamento - a Corva do Sul - ou constellação do Corvo, como a um ninho de avestruzes, e na parte superior do Eridano e no Peixe austral, muitas e pequeninas estrellas que suppunham ovos ou cascas de ovos dessas aves, disseminados na esphera celeste.

"Tatá-endú" - ou o fogo inflammado - seria para elles um dos planetas: Marte ou Saturno?

E além dessas estrellas, planetas, ou constellações sidereas, quão pittorescamente não chamariam a outras, valendo-se da zoologia das nossas selvas, como: "Iandaia, Iandaiassú, Iabotatim ou Iassatim; Cahi - macaco; Tapiti - coelho; ou tomando então os motivos na vida diaria da taba ou nos mudos vegetaes e objectos, e tambem nos seres. Assim: "Tuiaré ou Tuibaé" - velho apoiado a um bastão; "Curumin manipuera guára" (conony manipoere uare, truncadamente em Abbeville) - rapaz que come manipuera; "Eira-puane ou irapuam" - mel redondo ou bola que fazem certas abelhas no alto das arvores; "Panacú", cesto comprido; "Tucum", fructo de uma nossa palmeira; "Nhaempuam" - ou o alguidar redondo; e, quantas e quantas mais!

Da lua, cujos effeitos sobre as marés conheciam, sabiam-lhe tambem os eclipses, chamados por elles - noites da lua -; e do sol, por que se guiavam, tinham a sua influencia, quando descia do outro polo, como causadora de brisas maritimas ou ventos e ao subir para o norte, como productora de chuvas ou do que no norte do Brasil ainda hoje se chama - o inverno. - Mas, não só pelo gyro do astro-rei, e sim tambem pela colheita dos cajús - precedida da chuva dos cajús - e pelo apparecimento ou desapparecimento das Pleiades, usavam os maranhões valer-se para a marcação do cyclo annual do seu tão curioso calendario.

Passemos agora das estrellas do nosso hemispherio - dos quaes nenhuma vez nos fala Pero Lopes, no Diario, ás agulhas de marear dos portuguezes quinhentistas. Eram ellas bem primitivas ainda, mas já melhoradas e combinadas com a rosa dos ventos. Seriam bem mais perfeitas que as utilizadas nas navegações anteriores para a costa da Flandres ou para os mares largos sulcados nos grandes cruzeiros.

Achavam os mais habeis navegadores da epoca não "ferirem ellas o polo norte do Mundo" senão em certos meridianos, a saber: ao oeste da ilha do Corvo; no cabo das Agulhas; em Pedra Branca, na Malaca; em Carthagena, na America; e, segundo João de Lisbôa no que passava entre as ilhas do cabo Verde: Sta. Maria e S. Miguel e pela ilha de S. Vicente, ficando assim entre o cabo da Bôa Esperança e o cabo Frio.

Data de Colombo officialmente o conhecimento da declinação das agulhas para o Atlantico occidental; mas os portuguezes viajantes praticos da costa africana por estes mares, desde logo nellas notaram uma pronunciada variação nordeste nesse hemispherio do norte. Usavam então ahi ferra-las ao norte, isto é, corrigiam-n'as do que nordesteavam, adaptando-lhes ferros "aos dois terços da quarta de nordestear", isto é, corrigiam a variação da agulha, trazendo-a a fazer um angulo com a linha norte-sul suppostamente verdadeira e igual ao de quanto variava.

Essa variação, passada a linha equatorial, perdida de vista a estrella polar, fóra das paragens das suas mais constantes viagens no hemispherio do norte, não era tão conhecida; mas por isso usavam calcula-la não mais "borneando com a vista a agulha e a α da Ursa menor", mas a agulha e o sol no nascente e no occaso, para assim terem o Norte na media das duas observações.

Borneando-a e ao Cruzeiro do Sul, quando a "Cabeça" e o "Pé" da constellação em linha vertical, se poderia ava-

liar ainda a "diversidade da agulha", segundo João de Lisbôa. -

Pouco depois desta expedição de 1530, calculavam-n'a tambem tomando alturas correspondentes do sól e notando nos instantes dessas observações com o instrumento de sombras de Pedro Nunes, os "rumos das sombras do sól" na agulha, para, pela semi-differença dos dois angulos das sombras -, conhecerem a variação desejada. Tinham assim já o conhecimento dos azimuths.

Desses processos, o mais antigo, levaria João de Lisbôa á observação de que ao oeste do meridiano magnetico por elle traçado, entre o cabo Frio e o cabo da Bôa-Esperança, já nas aguas costeiras do Brasil, nos annos em que elle por ahi proficientemente navegou, a declinação magnetica se manteria ao noroeste. Só com D. João de Castro, em 1538, se fariam de tal phenomeno estudos mais precisos para se concluir das duas parcellas - desvio e declinação magnetica -, cuja somma algebrica viria a dar a variação da agulha.

Desse phenomeno nos fala Pero Lopes ao correr do seu Diario, quando de regresso a Portugal em 1532. Observou o distincto navegador que as suas agulhas noresteavam mas, certamente - noroesteavam uma quarta, - como se se poderá verificar no estudo da travessia Pernambuco - Portugal e tambem porque - noreste - não era termo usado por elle nem por nenhum navegador portuguez desse tempo, e sim, nordeste.

Com a falta de preciso calculo das declinações magneticas anteriores a 1660, ao longo da nossa costa, segundo o nosso Observatorio Nacional, não se poderão conhecer as que anteriormente, em 1530 - 1533, influenciaram as agulhas das naus de Martim Affonso, para assim melhor traçar-se e estudar-se a derrota da expedição. Só baseado em trabalho no estilo do que a Inglaterra sobre tão interessante assumpto publicou e para o qual entretanto se haveria de dispôr do carinho, desinteresse e intelligencia de um Do-

mingos Costa, - poderiamos, fazendo chegar a melhor termo as nossas pesquizas, dar mais precisão ao estudo e traçado das singraduras affonsinas.

Da parte da cartographia conhecida na Peninsula Iberica ao tempo da expedição de 1530, como resultado dos primitivos trabalhos cartographicos, da carta catalan do mestre Jacome da Mallorca, dos portulanos de Martim de Behaim, de Juan de la Cosa, de Cantino e de Canerio que serviram de base aos de Wadsemüller, de Ruysch e outros filiados á doutrina luso-germanica de Saint Dié, - devemos citar principalmente para o nosso estudo os portulanos de Pedro e Jorge Reinel - portuguezes ao serviço ora da Casa da India de Lisbôa, ora ao da Casa de la Contratacion de Sevilha. Criando a sua obra singular, foi em parte imitada e seguida nos portulanos de outros cartographos allemães, espanhóes e italianos de tal seculo e de que são depositarios fieis os atlas de Kretschmer, Kunstmann, Marcel, Nordjenskold, Santarém e outros mais.

Essa influencia principalmente se caracteriza na Peninsula, como diz Denucé - quando entre 1520 e 1523 se dá a unificação das duas escolas cartographicas: a da Casa de la Contratacion e a da Casa da India. Após a associação das duas cartographias, diz o citado mestre, "nasceram

> essas bellas cartas (luso-italianas, algumas das quaes trazem tão manifestamente o cunho dos Reinel, que se as julgariam, á primeira vista, sahidas das officinas delles"... (J. Denucé - Les Origines de la Cartographie Portugaise - pg. 40).

Por 1528, recusando os mesmos cartographos os seus serviços á Espanha, não o faziam já sem fructo dos seus labores magnificamente assignalados na carta espanhola de outro portuguez ao serviço de Castella - Diogo Ribeiro. Neste portulano de 1527, e melhor, no de 1529, novos pontos geographicos da America do Sul eram nomeados; portulano, que deveria de ser conhecido e de grande valia para

Martim Affonso, senão a copia feita pelos mesmos notaveis cartographos, passados novamente em 1530 ao serviço de Portugal.

No portulano talvez de 1516, mas enriquecido já com accrescimos em anno proximo, os Reinel, - desde o rio das Almadias ao nórte do Brasil, - começavam a dar officialmente toda a costa suppostamente brasileira, a menos e a mais viajada então; e, além de Cananéa, principalmente linde cartographico por cerca de 15 annos após o descobrimento official do Brasil, a toponymia que assignalavam, já representava alguns conhecimentos de exploração anterior á de Solis, provavelmente, da chamada "Gazeta Aleman", de D. Nuno Manoel (1514). Todavia, mais valor para o nosso estudo, este portulano terá revendo nós a todo instante o de Ribeiro traçado antes e o de Viegas logo após a expedição de Martim Affonso, em 1534, por ser util a comparação da cartographia de epocas tão proximas a que nos havemos de ater.

A parte do littoral brasileiro entre Pernambuco e o então dito r i o d e M a r a n h ã o dos portuguezes, a tornar-se aos poucos no M a r D u l c e ou no futuro rio das Amazonas, não parece a muitos ter sido explorada até o M a r D u l c e dos espanhóes, por Diogo Leite, nas caravelas R o s a e P r i n c e z a.

Os pontos desta costa, entretanto, procuraremos identificar, tomando o provavel itinerario do citado navegador, quando em obediencia a Martim Affonso, é desligado da frota expedicionaria em fins de fevereiro de 1531, e em cerca de seis mezes de viagem a percorre e regressa a Portugal. Assim, devemos ter: P e r n a m b u c o ou o p o r t o d e p e r n a m b u c o, proximo á barra do arrecife, nas proximidades do fundeadouro da futura Olinda, de onde largou Diogo Leite com os dois navios, e cujo fundeadouro melhor se poderá conhecer consultando o que a carta de João Teixeira sobre "Perspectiva do Ressife de

Olinda - virá a marcar, como junto do Porto Velho de Sto. Antonio, - o Surgidouro velho -. Passaria a seguir Diogo Leite ao largo da feitoria portugueza no rio Igarassú ou no de Sta. Cruz assim depois baptisado por D. João III, feitoria que foi fundada por Christovam Jaques. A barlavento dessa entrada ficaria a ilha de Itamaracá como atalaia da dita feitoria, não em 8.º da latitude sul como quer o portulano Reinel, mas em latitude média de 7.º 46' 30" sul. Era esta extensa ilha nomeada Ascensão por Alonso de Sta. Cruz e Caboto, e por ilha de Pernambuco, no roteiro desse littoral de 1540 existente no Museo Britannico e cuja copia photographica foi obtida e será publicada graças aos cuidados de J. Lucio de Azevedo e de Paulo Prado. Proseguindo na viagem pela costa, ainda ahi poderiamos vêr e identificar os seguintes pontos da cartographia quinhentista: rio das Virtudes (rio Goyana); rio das Pedras, se talvez o mesmo Goyana pelos portulanos Reinel, Viegas, Turim, Maggiolo, pelo reconhecimento de Caboto em 1526, o futuro Parahiba do Norte, o pouco depois tambem chamado - Sam Domingos; cabo Spichell, (cabo Branco); a baia (de pitiaqua) de treyçam (bahia da Traição), ou talvez melhor explicando: onde o pitiguar commetteu traição; em linguagem truncada tambem: Oratipipy (Reinel) ou Oratapica (Viegas), ou a ponta da Pipa, sam-roque, (cabo de São Roque), ao inicio dos descobrimentos posto em traçado de pouca semelhança com o desenhado nas cartas modernas; e a ponta primeira e o cabo do parcel, respectivamente: a ponta dos 3 irmãos e o cabo do Calcanhar ao nordeste do cabo de São Roque, a menos que este não tivesse em tempo, na incorrecta interpretação graphica quinhentista, avançado de mais para o sul.

O cabo do parcel desse sector nortista, devese tambem ter, segundo alguns estudiosos desse thema, como o cabo de Santa Maria de Arrabida,

citado desde 1505 por Duarte Pacheco, no Esmeraldo, e cedo desapparecido dos portulanos.

A baia das tarrugas (Reinel) ou a das Tartarugas (Viegas) não parece ser o Buraco das Tartarugas - (Frei Vicente do Salvador - Hist. do Brasil - pg. 185) já na costa do Maranhão por outro tempo, nem a bahia das Tortugas, citada por Oviedo. Pela cartographia e roteiros antigos deveriamos identifica-la em 1534 talvez com uma dessas bahias: Macau, - se esta não a "grã baia" de Viegas - ou a de Mossoró, uma vez que Viegas dá a das Tartarugas, ainda que em representação encurtada do nosso littoral, a dois graus e meio distante no quadrante do noroeste da pomta primeira ou a cerca de 1.º e 20' da pomta do parcell (cabo do Calcanhar): e não, como parece, depois se a veiu a ter na costa maranhense dada por João Teixeira - (Mappa da Terra de Sta. Cruz - Razão do Estado do Brazil), além do rio Pirangi.

Não era esta assim, a mesma baia das Tartarugas dos primeiros pilotos quinhentistas.

Destas citadas bahias - Macau e Mossoró -, uma poderia tambem ser a de Sanct Rafael (Oviedo), tendo-se o rio de sam myguell (Reinel) como o rio Mossoró e, junto a este, os montes Dantas, Tibau e Outeiro Branco, como talvez algumas das serras de sam miguell citadas no 3.º portulano destes auctores.

A ponta de S. Miguel (Alonso de Chaves e Oviedo) ficaria nessas proximidades, se bem que um pouco deslocada, a valermo-nos do que se affirmava. Devera ella ser uma das pontas - Mel ou Redonda - actuaes, pois Oviedo a dava 30 leguas ao oeste do cabo do Parcel (ponta do Calcanhar).

Do promontorio (ponta) de S. Miguel até a Angra ou Angla de Sanct Lucas dava Oviedo só 55 leguas, e esta, antes de ser alcançado o cabo

ou ponta do Palmar - para alguns o cabo Gurupi actual, e para outros, promontorio ainda mais ao norte. Apesar das contradicções existentes e comparações feitas entre os portulanos Reinel, Viegas, Ricardianna, Maggiolo, Alonso de Chaves e outros, chegámos á supposição de que ao tempo da expedição de 1531, o golfo de S. Lucas (Reinel) poderia assignalar a formação das duas bahias, talvez assim nomeadas desde essa viagem de Diogo Leite - Sam Marcos e S. José, na costa maranhense.

Entre este golfo e a ponta de S. Miguel (Mel ou Redonda), poder-se-iam ver ainda pelo portulano Reinel (Paris), o cabo Corco ou Corso, nomeado assim em honra de Pedro Corso, companheiro de João de Lisbôa, e o cabo Branco, ambos no mesmo parallelo de 3.º 15' (Reinel). Muitos outros pontos se conheciam já além do R. grãd (Viegas) - para nós na maioria das vezes o Maranhão de Portugal - e entre elles o rio de Joham de Lixbôa para consagrar o nome do grande navegador já conhecedor dessa costa e auctor do Livro da Marinharia. Incerta tem sido até hoje esta identificação, como tambem, neste sector, a das designações de: rio danobom (Reinel e Viegas), ponta das corrêtes, terra de Sam Vicête, terra dos fumos b. do parcel (Viegas) etc...

No outro sector golfo de S. Lucas - pta. de S. Miguel, os Reinel não assignalarão o rio da Cruz citado desde a carta de Juan de la Cosa de 1500, e o qual suppomos, se poderia encontrar entre as actuaes pontas: a Mucuripe (o cabo Branco, para Orville Derby e Sta. Maria de la Consolacion, para Varnhagen) ou a Tapagé, e o extremo septentrional da ilha Sant'Anna, á boca do hoje golfo ou bahia do Maranhão.

Orville Derby deu o rio da Cruz como um dos que desaguam na bahia de Camocim (Costa Nordeste do Brasil, pg. 15).

Seria a este golfo de S. Lucas ou ao outro golfo de todolos santos como quer Orville Derby (idem, pg. 15), que viria ter o rio de Maranhão dos portuguezes - para nós o R. Grãd - de Viegas (1534) -, nesta costa que conservou o nome desse rio em cuja foz se encontra uma ilha hoje chamada Sant'Anna, - ou seria para os espanhóes, mais ao noroeste, o verdadeiro Marañon (antigo Mar Dulce, futuro rio das Amazonas), mostrando á foz tambem a ilha depois nomeada Marajó?

As representações cartographicas antigas apoiadas em valores variaveis do grau: 14 1|6, 15, 16 2|3, 17 1|2 e até mesmo 21 leguas, iam encurtando portanto ou alongando a representação graphica desse sector da costa, no qual por provisão de Carlos V datada de 23 de setembro de 1519, se diziam descobertas por Vicente Yañez Pinzon e os seus "600 leguas de terra firme e achados o grande rio e o Brasil."

Ora, o alongamento ou o encurtamento desse littoral na representação do portulano quinhentista, avançava ou recuava tambem dentre esses pontos, um, que de preferencia a todos os mais, desejariamos com segurança identificar: a abra ou baia de diogo leite, extremo alcançado, parece, pelas caravelas Rosa e Princeza, em 1531.

Querem Varnhagen, d'Avezac e outros auctores, seja essa bahia á foz do Gurupi ou do Turiassú. Gaspar Viegas, entretanto, em 1534, devendo melhor exprimir que Diogo Ribeiro em 1529 os descobrimentos não só de espanhóes como de portuguezes, nessa costa, feitos por João de Lisbôa, Diogo Leite e outros, valendo-se do auxilio e conselho dos Reinel ora novamente ao serviço de Portugal, dava em cartographia quinhentista, pela primeira vez, a abra ou baia de diogo leite, assignalando-a no quadrante noroeste do que nomeava rio Maranhã.

Marcando este rio a 14 graus ao occidente do cabo de sam roque, visava elle dar esse grande rio pelo Marañon espanhol e futuro Amazonas, distante nas cartas modernas 15.º do dito cabo.

Furtado de Mendonça, embaixador espanhol, em carta de 10 de setembro de 1531 dirigida á S. M. a Rainha de Espanha, tratando, parece, da chegada a Portugal da nau de João de Sousa e das duas caravelas de Diogo Leite, informava: que estas "descobriram um rio mui grande, de muitas planicies, grande copia de madeiras e muita quantidade de aves e cujijos"; que, os da terra descoberta, tinham grande contentamento em serem subditos dos portuguezes ali recemchegados; e accrescentava por fim: não havendo trazido esses navios "cousa de valor de ouro e prata" os mandaram "a Lisbôa".

Ensina tambem, após exhaustivo estudo e com indiscutivel auctoridade, a Sentence du Conseil Federal Suisse (pg. 593) que "o deslocamento da embocadura do Amazonas para sueste, conduziu os cartographos dos 40 primeiros annos do XVI seculo a deslocamento tambem no mesmo sentido de toda a costa".

Teria então Diogo Leite ultrapassado o verdadeiro Marañon, segundo Viegas, e portanto ainda o rio Navidad de Maggiolo e Oviedo, o qual, parece, devera ter sido o proprio Marañon de Enciso em 1518? (Hakluyt - Vol. XI - pg. 20).

Diogo Leite e os seus, tendo ultrapassado assim o actual rio Pará, alcançariam então, para ultrapassa-lo tambem, o Mar Dulce dos Espanhóes? Não os mandara Martim Affonso a descobrir o rio do Maranham? (Diario).

Tal não devera a este tempo justificar-se de todo. Pela carta de doação de D. João III, feita a 13 de junho de 1535 a favor de Fernão Alvares, Ayres da Cunha e João de Barros (Real Arch. L.º 21, fls. 73 da Chanc. de el rei D. João III), deve-se ter a abra ou baia de Diogo Leite,

como o queria d'Avezac, na bahia de Turiassú, ou como Varnhagen o queria, á fóz do rio Gurupi; porque o rei portuguez mandava dar aos dois ultimos donatarios ... "50 leguas a contar da abra de Diogo Leite da banda de loeste", e tendo por termo "o cabo de Todos os Santos da banda de leste do rio de Maranhão".

E não seria este cabo de Todos os Santos, o G. de todolos sãtos (Reinel), ou a Amgra de todolos sãtos (Viegas)? Oviedo dava-a doze ou treze leguas do cabo de los Esclavos que estava á boca do rio Marañon; e Orville Derby identifica esse golfo com a bahia de S. José, parte meridional do golfo do Maranhão, de hoje.

Tinha-se, pois, por esse documento official, este grande rio ao oeste da "abra de Diogo Leite", em contraposição neste ponto aos mais auctores e principalmente ao que desenhara Gaspar Viegas um anno antes, em 1534, como fructo da mesma expedição de Diogo Leite em 1531.

Tudo leva a crer ter sido portanto, segundo o que a cada um melhor aproveitava, em epocas diversas: um, o Maranhão dos portuguezes, outro, o Marañon ou o Mar Dulce dos castelhanos, como tambem desde opportuno momento historico, o de vir habilmente a politica portugueza aproveitando-se dessa identificação discutivel na propria Espanha, para baralhar a questão e melhor convencer a nação rival do direito da posse lusitana além do rio-mar.

Não só a cartographia de origem espanhola o ajudaria nesta empreza: tambem as narrativas de viagem de Vicente Yañez Pinzon por Pedro Martyr d'Anghiera, em 1516, e a de las Casas, mais tarde, - dando as leguas navegadas com o notavel informe da perda de vista ou do apercebimento da estrella polar, ao correr da expedição - seriam e são elementos para se estabelecerem sobre este sector geographico, duvidas quanto ás primeiras descobertas e identificações quinhentistas.

O certo porém, é que em 1529, o cartographo portuguez Diogo Ribeiro, ao serviço da Casa de la Contratacion e guiado pelos dois cartographos Reinel, annotava o seguinte, no seu valioso portulano:

"Nesta costa desde o rio Dulce" (que pelo desenho e palavras que se seguem devera ser o Esequibo) "até o Cabo de S. Roque não se achou cousa de proveito: esta costa foi uma ou duas vezes visitada logo que se descobriram as Indias" (occidentaes) "e depois não voltaram a ella. O rio Marañon é muito grande: por agoa doce entram os navios nelle; agoa doce, accrescentava Ribeiro, que esses navios tambem tomavam fóra desse rio, vinte leguas ao mar." Oviedo, valendo-se da carta de Alonso de Chaves de 1536, narrava tambem o que lhe dissera Pinzon - do Marañon isto é, "deste embocamiento que ton señalada cosa hizo Dios en el mundo que se llamó un tiempo Mar dulce". A crêr em Pinzon, "havia tomado agua doce em pleno mar, trinta leguas apartado da boca deste rio".

Tinham elles assim na Espanha o rio Marañon, como o actual - das Amazonas - e manteria identica opinião em Portugal como vimos, cinco annos depois de Ribeiro e um anno após o regresso de Diogo Leite, o portulano de Viegas: corrente de opinião, que tomando influencia e vulto, vem a ser officializada ainda nos reinados de Carlos I. e D. João III - segundo a Historia Pontifical (5.ª parte, liv. 9.º, cap. 5, let. D) com se erguerem á foz do rio Yañez Pinzon ou Oyapoc os dois padrões de marmore: um da banda do nascente com as armas de Portugal, e outro da do poente com as armas de Castella.

Além de frei Marcos de Guadelaxara y Javier, affirmam este facto historico: Symão Estacio da Sylveira que nesse auctor se apoia; Padre João de Sousa Ferreira (Noticiario Maranhense - ou na Seconde Mémoire - Frontières entre le Brésil et la Guyane Française, pg. 40); Bernardo

Pereira de Berredo e Antonio Baena, estes, revelando que um desses marcos ainda fôra encontrado ahi em 1723 por João Paes do Amaral. (Rev. Inst. Hist. Geog. S. Paulo - Th. Sampaio — Vol. 1. pg. 55).

Daria officialmente Carlos I ou V com o lançamento desses marcos de pedra e de accordo com D. João III, senhorio á nação lusitana do que se podesse chamar a qualquer tempo, sob qualquer dos nomes: Mar Dulce ou Amazonas, Marañon espanhol ou Maranhão portuguez.

Das outras partes do littoral brasileiro visitado pelo capitão mór Martim Affonso de Sousa, e destas, principalmente, a que ultrapassava ao sul, Cananéa -, já se conhecia farta onomastica que ainda ao correr dos tempos soffreu modificações significativas. O conhecimento assim, que della já se tinha, justificava-se com a exploração de anteriores viagens e reconhecimentos praticados por navegadores como João de Lisbôa, talvez o nauta que em seu tempo conheceu maior extensão da costa brasileira, morando até em pontos della como no cabo de Sta. Maria; João Lopes de Carvalho, ou os pilotos de D. Nuno Manuel; João Dias de Solis, com os seus pilotos e aventureiros de tão precioso auxilio; Fernão de Magalhães e os seus mareantes; Christovam Jaques, numa das expedições; Rodrigo de Acuña; Sebastião Caboto com Alonso de Sta. Cruz, Rodrigo Alvarez, Rojas, Jorge Gomes; Diego Garcia de Moguer, acompanhado já de Gonçalo da Costa e alguns pilotos mais. Eram todos esses navegadores dos mais notaveis do seculo, e tiveram os posteriores ás expedições de D. Nuno Manuel e de Solis como valiosos auxiliares os intrepidos Enrique Montes, Melchior Ramirez, Francisco de Chaves, Aleixo Garcia, Francisco del Puerto, Francisco Cesar que, alargando foram os conhecimentos geographicos dessa mesma costa, como os desse sertão rasgado de rios e murado de serras.

Na terra vicentina, depois de Gonçalo da Costa partir para a Espanha, já habitam no littoral, e sobre serra, Antonio Rodrigues e João Ramalho alliando-se ao gentio de Tibiriçá e aos tupininquins, e em Cananéa, sem pouso certo, após essa partida, Francisco de Chaves, em companhia do bacharel portuguez, e de 5 ou 6 castelhanos. Dá-se tal occorrencia com justificada certeza, quando em Cananéa e no antigo porto de S. Vicente, dava entrada a frota de Martim Affonso, respectivamente, em 1531 e em 1532.

Esse conjunto de circumstancias e o das que logo se lhe seguem, veem dar pois, ao tempo a que se reporta o nosso estudo, a seguinte identificação da toponymia do sul de Cananéa até o rio da Prata, desde que nos soccorramos dos portulanos Reinel, Ribeiro, Viegas, e de muitos outros quinhentistas, de cartas modernas e roteiros do nosso e de outros tempos passados. Assim, notemos: P t a . d o P a d r â , na ponta da ilha do Cardoso, fronteira á ilha do Bom Abrigo, esta, a i l h a d a C a n a n é a de Pero Lopes, tida pelos espanhóes de B u e n A b r i g o , e como do Bom Abrigo presentemente chamada; r i o d o s d r a g o s e b a i a d a s v o l t a s , entrada e bahia de Paranaguá; r i o a l a g a d o , o rio Varadouro com a sua barra de Ararapira; r i o d o e s t r e m o , talvez como do extremo da antiga costa sulina officialmente conhecida aos primordios do descobrimento; g o l f o d o r e p a i r o ou tambem p u e r t o d e l a b a r c a (Oviedo), talvez bahia de Guaratuba; r i o s a m b e n t o , de identificação incerta; r i o d a s v o l t a s (Reinel) ou S. F r a n c i s c o (Turim, 1532) ou S t o . A n t o n i o (Maggiolo, 1519), o rio São Francisco do Sul, impropriamente collocado em varios portulanos, e quiçá visitado desde 1504 por Paulmier de Gonneville; as y l h a s dadas anonymamente, e certamente das muitas que por ahi se encontram, taes como: Castilho, Figueira, Mel, Peças, Curraes, Itacolomi, Sahi, Itapema, Itapoam, Graças, Tamboretes, Remedios, dos Lobos, Galé, Deserta, Arvoredo e quantas mais, sem

falar na grande ilha S. Francisco: a esta Alonso de Sta. Cruz, no *Yslario*, assignalava dentro na bahía de S. Francisco como "uma bôa ilha, bem povoada de indios e de seis leguas para mais de largo"; a *ilha dos Pargos*, (Reinel) - talvez a *isla de la plata* de Solis - e tambem baptisada *isla de Santa Catalina* ou Santa Catharina, por Caboto, com o seu *puerto de san sebastian* ao norte, porto este na citada ilha e não, como quer Felix Outes, no continente, e como primitivo nome da actual bahia das Tijucas.

Ficaria fronteiro a esta ilha de Santa Catharina - e portanto no continente e á sombra della - o *porto dos patos*, bem na enseada, parece, em que se lança o actualmente chamado rio Massiambú.

Ha ainda a notar: a *isla del Repairo* assim baptisada ao tempo de Caboto - a presente ilha do Coral; o *puerto de D. Rodrigo (d'acuña)*, a enseada de Imbituba; as *ylhas derradeyras* (Reinel) as ilhas Araras, Tacari ou Itacolomi e Lobos; o *golfo fremoso* (Reinel) ou o *golfo do ilhéo* (Viegas), o porto da Laguna, que tambem se deveria ter como o *puerto del farallon* dos espanhóes, assignalado por um ilhéo deshabitado ou *farayol* (Itacolomi ou Tacari) alto, visivel ao largo, e 12'.5 ao nordeste desse referido porto da Laguna; o *rio do aRecife*, o rio Tubarão; as *serras de santa m.ª da pena*, as serras e o cabo de Sta. Martha; *rio dos negros*, talvez o rio Mampituba ou Mambituba, este, em 29.º 18' 30" sul - latitude verdadeira -, apesar dos Reinel darem aquelle na latitude de 30.º 40', isto é, quasi um grau ao sul do que chamavam - "as serras de santa marta da pena", - tambem correspondentes á *terra alta* de Viegas e ao *cabo da terra alta*, de Pero Lopes. Seria este *rio dos negros*, parece, logo a seguir, - o primitivo *rio martim affonso de sousa* que Viegas (1534) assignala pela primeira vez em cartographia aos

30.º de latitude sul. A terra bayxa, o areall, a costa darea e a costa bayxa, tudo se deverá ter como a actual costa rio-grandense, comprehendida nella, a barra do hoje porto do Rio Grande na latitude verdadeira de 32.º - 8' sul. Foi esta barra ou foz, pela primeira vez citada por Viegas como sam p.º ou sam pedro e em 30.º e 50' - sul. A ponta do aRecife e a baia aparcelada, identificaremos com um dos cabos Castillo, Polonio ou a Punta Rocha, esta por Maggiolo em 1527 chamada cabo de Sta. Maria, e provavelmente para Diogo Ribeiro, em 1529, o cabo J.º de Lixbôa; mas todos esses, mostrando recortar-se a costa nesses pontos, em enseadas nem sempre seguras, e em geral, com parceis, e a uma das quaes deveria caber o baptismo da baia aparcelada, dos Reinel; e, finalmente: o cabo de Santa Maria (dos antigos), para Maggiolo em 1527 o outro "cabo de Sta. Maria do bondesebo, e para nós, - como procuraremos provar - a actual punta del Este de Maldonado.

Das ilhas citadas ou não nos portulanos, ilhas oceanicas ou littoraneas do Atlantico que farão parte do nosso estudo, enumeraremos aqui sómente algumas, deixando para a analyse das singraduras da expedição de 1530, outras dignas tambem de citação. Assim, teremos: - o parcell -, ao sul do equador em Reinel, com 1.º 30', talvez referindo-se ás "Roccas" de latitude sul 3.º50', as quaes Gonçalo Coelho veiu a descobrir quando sobre ellas veiu a bater e naufragar na expedição de 1503: a estas, João Teixeira, em 1631 (mappas da Razão do Estado do Brazil), nomeou: - Vigia; sam p.º ou sam pedro, ao norte do equador em 1.º 30', no portulano dos Reinel, ponto figurado em 2.º norte por Viegas como o penedo loronha e, ao presente devendo-se - o assignalar na latitude média de 55' e 30" norte e como - os penedos de São Pedro e São Paulo -: sabe-se tambem que o descobrimento destes é devido a Jorge de Brito quando capitaneava uma das naus

da Armada de D. Garcia de Noronha em 1511, com destino á India. (Mans. Armadas da India — 1497-1632 — B. Nacional. Rio de Janeiro. — I. 4-1-49 ou I, 3, 3, 22, copia cod. CXV - 1 - 19 — B. Eborense);

y.ª fernã de loronha, anteriormente - Quaresma, São Lourenço, São João, e hoje, Fernando de Noronha; a ylha de santa barbora ou Santa Barbara, ainda hoje assim chamada e principal dos baixos e archipelago do Abreolho ou Abrolhos; a tryndade (Trindade), segundo Hümmerich descoberta em 18 de maio de 1502 pela armada de Estevam da Gama, numa expedição á India; a ylha Accençam ou Ascenção dada nos Reinel em 21.º 30' sul - a qual não devemos confundir com a outra Ascenção nesse portulano assignalada em 8.º, a actual Itamaracá - antes te-la como a descoberta em pleno oceano por João da Nova em 1501, assim como a de santa ylena ou Sta. Helena, por elle avistada tambem quando do seu regresso do oriente; as ylhas que achou marti vaz, depois parece, chamadas sta. Maria dagosto, com a mesma latitude no portulano citado, e em 1798 assim ainda baptisadas por Bazilio Ferreira de Carvalho ao tratar da derrota da nau "Princeza da Beira": dava-as - Reinel - com a mesma latitude da ilha Ascenção precitada; as ylhas Rodrigo Alvarez ou o grupo das 5 actuaes ilhas Torres na actual costa uruguaia do Atlantico, baptisadas pelo piloto de Caboto com o proprio nome, mas depois chamadas ilhas Torres porque se viesse a sabe-las descobertas pelo piloto deste appellido e da expedição Solis: tres dellas, deveriam ser as ylhas das onças de Martim Affonso, como mostraremos depois, e as outras duas, as actuaes Castillos; as ylhas de christovam Jaques, as duas actuaes Palomas, - a Paloma e a Tuna; a ysla de los lovos (A. Sta. Cruz), a ilha dos Lobos ainda com o mesmo nome e á entrada do rio da Prata, rio tambem nomeado

pelos portuguezes de Sta. Maria e pelos espanhóes de Solis e cuja posse tantas controversias veiu a merecer; a ylha das Palmas, depois baptisada - Gorriti, e Maldonado posteriormente, dando resguardo ao porto deste nome, poucos annos antes chamado de Nª. Sª. da Candelaria ou da Candelaria, por Solis e por Caboto, mas presentemente -porto de Maldonado - e formado entre a punta del Este (para nós o antigo cabo de Santa Maria) e a punta de la Ballena - e, contando em seu seio, a dita ilha das Palmas (Maldonado ou Gorriti). Era este todo para Pero Lopes o antigo porto do cabo de Santa Maria, senão mais propriamente o da outra barra entre a dita punta del Este e a ilha Gorriti (das Palmas).

De Cananéa para o sul só se refere o Diario ao porto dos Patos, ás 3 ylhas das onças, á ylha das Palmas, ao cabo de Sta. Maria e, dahi, quando da viagem de Pero Lopes subindo em bergantim o grande rio e importantes affluentes, a pontos comprehendidos entre esse cabo e o esteiro dos Carandins ou dos Quirandins, onde esse capitão por mandado de Martim Affonso plantará padrões de posse em nome de D. João III de Portugal. Viria a ser esse esteiro na região banhada pelo Paranaguazú, - região baixa de uma das margens e rasgada de esteiros ou igarapés, aquem 30 leguas da fundação de Sancti - Spiritus de Caboto. Ficava esse esteiro dentro na area da terra dos Carandins lindada por nós em parte, na carta moderna, por uma linha que passará por S. Pedro, Baradero, Ibicuy, e numa volta do Paraná Pavon, na actual terra Argentina.

No capitulo dedicado á expedição do bergantim ao mando de Pero Lopes, terá o leitor ao correr da narrativa das viagens de ida e regresso, o nosso estudo com outros detalhes indispensaveis. Tambem em capitulos anteriores, á proporção que formos fazendo os estudos das travessias

nos sectores da costa entre Pernambuco e Cananéa - para agora não nos alongarmos em sectores por outros já estudados, - lhe será dada a lêr a nossa identificação.

Tomada uma copia de um desses portulanos dos Reinel, valhamo-nos tambem para consulta avisada, entre portulanos quinhentistas, do de Diogo Ribeiro (1529) e do de Gaspar Viegas (1534), datados respectivamente um anno antes da partida e um depois do regresso de Martim Affonso, a Lisbôa. Tentava já este portulano corrigir o uso da equidistancia dos parallelos e assignalava: ao norte, a abra ou baia de diogo leite, - nome do capitão das duas caravelas mandadas pelo capitão mór a percorrer essa costa além do rio de Maranhã; e ao sul, o rio marti A.º de Sousa, com mais latitude que o actual cabo de Sta. Martha; Sam p.º ou sam Pedro; e os 3 ilhotes pelo capitão mór visitados e baptisados - das onças - (vide Cap. IV)

Este portulano, por subtileza politica talvez, não reproduzia os nomes de baptismo dados por Pero Lopes ás ilhas, pontas, cabos, enseadas e rios durante a sua viagem fluvial, nem tampouco fixava o esteiro dos Carandins a cuja boca se plantaram os dois padrões da posse portugueza.

Convem aqui declararmos tambem não terem sido esquecidos neste estudo comparativo, o portulano de Vaz Dourado (1571) e os outros das collecções Kunstmann, Kretschmer, Marcel, Nordjenskold e Santarém, tidos ao nosso alcance e exame na Bibliotheca Nacional. Para o traçado das singraduras nos valemos das optimas cartas do Almirantado Inglez, e das em uso presente nas marinhas Americana do Norte, Aleman e Franceza.

Entre as incorrecções dos portulanos coevos a Martim Affonso, devemos citar, como concorrendo para essa representação imperfeita do nosso littoral, as seguintes: imperfeitos calculos da longitude; pouca precisão na latitude, se bem que obtida com muito mais approximação que a outra

coordenada; variavel valor do grau e da legua maritima; impreciso calculo da variação da agulha; defeituoso systema de projecção cartographica; além do factor pessoal importante, qual o do egoismo dos pilotos portuguezes e espanhóes attribuirem ás suas nações a descoberta destas ou daquellas terras a que os levara o acaso ou o saber, assim como do que mais convinha possuir ou deixar de possuir até pouco antes de 1530, comtanto que as Molucas ficassem dentro nos respectivos imperios coloniaes.

Não só deste facto vinha então o deslocamento para o leste, maior ou menor do continente sul-americano dado pelos cartographos, mas tambem consequente do erro inicial attribuido á primeira representação cartographica dos primeiros descobrimentos feitos na costa brasileira.

Assim, para Americo Vespucci o avanço oriental do cabo de Stô. Agostinho era de mais 10.° e 20' do que devera ser; para Fernão de Magalhães em 1519, era o cabo de Santa Maria (Pastells - doc.° n.° 1) só 6.° e 15' ao Oeste da ilha de Santo Antão e, o cabo de Sto. Agostinho aos 20.° ao leste da linha demarcadora, a qual por estar no seu dizer aos 22.° da referida ilha ,fazia com que se achasse este cabo a só 2.° oeste da ilha de Sto. Antão, e, do cabo de Sta. Maria, em meridiano sómente 4.° e 15' mais ao leste. No primeiro portulano de Reinel, diz Denucé, (Origines de la cartographie portugaise - pg. 87) na costa septentrional do Brasil, o hoje chamado rio Amazonas se acharia em meridiano 10.° ao oeste do cabo de Sta. Maria, em logar de 5.° ao oriente; e, entre outros - dizia Alonso de Sta. Cruz - usaram os portuguezes do cabo Sto. Agostinho para o sul, avançar de mais 4.° ao oriente esse sector do nosso littoral.

Como nos conduzirmos pois, no estudo da navegação da armada de Martim Affonso, acompanhando-a por cartas tão imperfeitas ainda, guiado por agulhas imprecisas

mais para o hemispherio meridional do que para o septentrional em que usavam ferra-las ao norte, ou melhor, corrigi-las da variação; valendo-se de tão deficientes calculos da longitude, e pouco approximativos ainda da latitude?

Como traçarmos com segurança a derrota da expedição em carta de Pedro e Jorge Reinel - talvez de epoca proxima a 1516, segundo Denucé, e certamente anterior á expedição affonsina, na qual o valor do grau seria de 16 leguas e $^2/_3$ e o da legua maritima de 4', sem o tronco de leguas para a correcção das latitudes mais altas ou a correcção feita por Viegas em 1534 nesse optimo portulano para seu tempo, mas não assim comparado com a carta de Gerard Mercator publicada 35 annos depois?

Com que rigor scientifico poderia ser obtido e referido á carta moderna e perfeita, o traçado das singraduras da armada de Martim Affonso?

Tudo justifica pois, apresentarmos mappas em que approximadamente e não precisamente, são fixadas as reproducções de todas as travessias, e assignalados um ou outro ponto quinhentista da costa brasileira, ou das margens dos rios da Prata e baixo Paraná.

Estiveram os mappas entregues, - para reproducção do que haviamos feito sobre cartas inglezas - á habilidade do cartographo Sr. Nelson de Faria, e a revisão e auxilio aos nossos traçados das differentes derrotas, á gentileza, cultura e criterio do distincto collega capitão de fragata Renato Bayardino.

Levados a trabalho lythographico nas officinas do Gabinete Photographico do Estado Maior do Exercito, graças á fidalguia do Sr. General Tasso Fragoso, foram os citados mappas impressos sob as ordens do distincto brasileiro e profissional Sr. Antonio Luiz de Freitas Pereira, dos cartographos Snrs. Gustavo Umbuzeiro e Luiz Gomes Loureiro - cartographo com alma de artista - e com habilidade, pelos operarios do efficiente estabelecimento.

Move-nos tambem o dever a aqui deixarmos expressões de reconhecimento ao velho amigo Aristides de Almeida Beltrão, ao estadista e escriptor dr. Pandiá Calogeras e ao dr. Miguel Calmon, ex-Ministro da Agricultura.

Acompanham esses graphicos approximativos das derrotas e do estudo do littoral brasileiro conhecido ao tempo da expedição de Martim Affonso, differentes capitulos feitos em linguagem singella e accessivel a leitor que jamais pilotou uma nau, mareou o panno de uma galera, tomou a altura meridiana do sól ou marcou o ponto do meio dia numa carta nautica.

Para tanto realizar, convem mostrarmos ainda a utilidade ou emprego desses antigos portulanos a bordo quando com elles, com o calculo da latitude pela altura da polar ou pela altura meridiana do sol, com o regimento de Evora onde colheriam elementos essenciaes ao calculo, com um regulamento para estimar, antes do emprego da barquinha, o caminho percorrido pelo navio, com agulhas imperfeitas, com toscos compassos, esses habeis navegadores quinhentistas conhecedores das monções, correntes e de tantos mysterios e phenomenos maritimos, se apparelhavam para emprezas ousadas no "mar oceano".

Sahido de um porto, havia de o marcante vêr na carta a que "rumo corria o que deixava e o que buscava". Guiado no que via em desenho, não devia em tal fiar-se de todo,

> pois Pedro Nunes dizia: "enganados andam logo os pilotos e os que o presumem que o são, senão são bons mathematicos, em cuidarem de que não ha cousa mais certa na carta do que o que nella está Nórte-Sul. E daqui vem que muitas vezes vão buscar uma terra que na carta está Norte-Sul ou por outra rota com o logar donde é a partida; e porque a não acharam, não sabem dar a isto outro desconto, senão ou

que as agoas o abateram ou a agulha lhes nordesteou ou noroesteou; mas a verdade era que não iam pelo verdadeiro caminho (Tratado da Sphera).

Entretanto, notado na carta o rumo corrente entre dois pontos, punham-se a caminho pelas suas rudimentares agulhas de marear, ora com o vento á feição, ora em varias bordadas e singraduras se com os ventos ponteiros ou adversos á rota, tendo porém sempre em vista e referencia o rumo corrente entre os dois pontos. Se seguiam num mesmo meridiano faziam, como sabemos, o seu caminho só em latitude; se num mesmo parallelo, em apartamento, que para elles não variaria sobre o caminho em longitude feito sobre o equador: e assim não fariam outras correcções senão as imperfeitamente obtidas dos abatimentos do navio e da agulha.

Se navegavam aos rumos que não : Norte, Sul, Leste e Oeste, notavam o afastamento do meridiano de origem, segundo o que rezava o regimento em uso.

Assim: deixado um ponto chamado o de partida, supponhamos, com um vento á feição para numa só singradura alcançarem o ponto de chegada, haveriam de navegar em uma linha que faria angulos iguaes com os meridianos que fossem cortando na derrota, caso não a houvessem de corrigir da variação da agulha e do abatimento do navio. Foi baseado neste estudo que Pedro Nunes apresentou a sua - bella descoberta da loxodromia -.

Mas sob um determinado rumo, numa singradura, ou numa derrota resultante de varias singraduras após a carteação dos rumos a que se navegara sob varios ventos e varia amura, ter-se-ia a considerar, na carta ou portulano em uso, o caminho que se fazia em latitude como o que se fazia em apartamento - e por consequencia em longitude - referidos ambos ao ponto de partida. Esses caminhos em latitude e em longitude seriam os que o piloto iria deduzindo pela consulta á tabella adeante citada, para, por fim, co-

lhendo os elementos indispensaveis marcar - o ponto - no portulano do tempo.

Assim, para um angulo de uma até 7 quartas, - afóra o caso particular de 8 quartas ou de 90.º - o piloto já sabia que - por grau de latitude - caminharia respectivamente:

Em angulo de 1 quarta 17 leguas e 5/6 em caminho de latitude e 3 leguas e 5/6 em caminho de longitude.
» » » 2 quartas 19 leguas e 1/6 em caminho de latitude e 7.5 leguas em caminho de longitude.
» » » 3 » 21 leguas e 1/2 em caminho de latitude e 11 leguas e 5/8 em caminho de longitude.
» » » 4 » 24 leguas e 3/4 em caminho de latitude e 17,5 leguas em caminho de longitude.
» » » 5 » 31 leguas e 1/4 em caminho de latitude e 26 leguas e 1/8 em caminho de longitude.
» » » 6 » 46 leguas e 1/2 em caminho de latitude e 42,5 leguas em caminho de longitude.
» » » 7 » 87 leguas e 1/6 em caminho de latitude e 85 leguas em caminho de longitude.

Tal resolveria por meio de compassos, o piloto desse tempo, e já o geometra por meio de triangulos rectangulos, em que um catheto, era o apartamento; o outro, o caminho em latitude; e a hypothenusa, a distancia percorrida pelo navio.

Estes valores acima transcriptos foram depois corrigidos por Pedro Nunes, pois vinham variando entre os mais habeis navegadores de duas gerações, taes como: Vespucci, Faleiro, Duarte Pacheco, João de Lisbóa, Pero Lopes, D. João de Castro e quantos mais!

Senhor do calculo da latitude com relativa approximação, seria para o capitão quinhentista uma notavel lacuna a imperfeição do calculo da longitude, quando tambem se iam fixando nas novas cartas ilhas e continentes, cujas coordenadas mereciam o estudo dos Congressos technicos para resolução das questões diplomaticas attinentes á posse das terras descobertas.

Era, como dissemos, o calculo da longitude mui imperfeito ainda. Baseavam-no os astronomos no phenomeno dos eclipses do sol, da lua e dos planetas, phenomeno para elles, não tão mysterioso ainda que, quando observado, não os fizesse sorrir das palavras de Dionysio, o Areopagita: "ou o Deus da natureza padece ou a machina do mundo se desfaz".

Calculado quando se daria um eclipse em determinado lugar cujas coordenadas se conheciam, deveria o mareante, no outro lugar em que se achava, tomada a sua latitude pela altura meridiana do sol, ir virando tantos relogios de areia, até que o phenomeno tornado visivel, fosse registado em horas ou em decimos de hora ou em meudos ou minutos nesse lugar; e então, pela differença do tempo em que sabia seria o mesmo notado num e o fôra noutro ponto, avaliar da longitude entre elles.

Era o problema da longitude, entre pilotos, conhecido pelo da altura leste - oeste, e para resolve-lo, surgiram muitos processos sem fins precisos. O de Ruy Faleiro deve ter sido de uso entre portuguezes e espanhóes, a par - alterado ou não - de outros que tambem citam Pigafetta, João de Lisbôa e Caboto, baseando-o na determinação da latitude da lua, considerando a distancia da lua á ecliptica em momentos preestabelecidos, ou o processo das distancias lunares anterior a 1514, usado pelo piloto André de San Martin na armada de Magalhães, no porto do Rio de Janeiro, a 17 de dezembro de 1519, dia em que as suas imperfeitas ephemerides assignalavam a conjuncção da Lua com Jupiter; ou ainda, baseando-o na variação da agulha a partir do "meridiano vero", como nos instrue João de Lisbôa, mas que D. João de Castro veiu a condemnar justamente, demonstrando não coincidirem os meridianos terrestres com as linhas isogonicas.

Tres vezes nos dá Pero Lopes a posição da lua, talvez quando desse elemento se servisse para o calculo das lon-

gitudes: a 23 de novembro de 1531 em "27° de tauro", a 22 de maio de 1532, em "19° de capricornio e a 4 de Agosto de 1532, em "5.° de libra."

Sobre o processo original de Caboto, citado por Harrisse (John & Sebastian Cabot - pg. 454), sabemos que o mesmo consistia em obter a longitude apoiado no conhecimento da - differença da declinação - do sol ao meio-dia, em dois pontos; ou melhor, pelo confronto da declinação do sol ao meio-dia, no meridiano de Sevilha, dada pelas taboas espanholas e a que teria o sol ao meio-dia no lugar em que se o observava e cuja longitude se desejava conhecer.

Como a declinação do sol é deduzivel da combinação da distancia zenithal desse astro com a latitude do logar, isto nos leva a crer que a latitude ahi fosse predeterminada e até com auxilio da estrella polar, onde visivel, pois só assim seria applicavel esse processo; processo aliás, imperfeitissimo, como os outros precitados. Entre os inconvenientes delle devemos lembrar: o emprego na observação do sol de instrumentos pesados, como os quadrantes dos espanhóes, em naus de muito balanço e o de não se poderem obter com precisão as declinações do sól em Gemini, em Cancer, em Sagittario e em Capricornio, em cujos signos pouco differem de um dia para o outro.

Gemma Frisio, entretanto, já no anno da partida de Martim Affonso para o Brasil, preconizava, diz o erudito dr. Luciano Pereira da Silva, "o metodo do relogio portatil, regulado pelo tempo do meridiano, a partir do qual" se deviam "contar as longitudes geographicas".

O que se chamava assim, o ponto no mar, sendo precario achado como era, ia exigindo do arguto marinheiro peninsular uma fina observação em meio tão vario, ora para perscrutar o infinito com o instincto de defeza, ora as subtilezas da providencia creadora, em tão esplendido scenario natural.

Marcado o "ponto" na carta, quando lhe permettia o bom tempo uma observação meridiana do sól, isto é, mar-

cado o - ponto de esquadria - como por tal o chamavam, navegando por agulhas infieis, por portulanos onde as mais das vezes a phantasia andava a par da arbitrariedade de tomar terras de outrem, mareando navios ronceiros e inseguros, como não se haveria de identificar o nauta com a natureza que o cercava? E dahi, por subtil observação ter elle conhecimento de tantos phenomenos singulares no mar; o regime dos ventos ao norte e ao sul do equador; as nuvens prenunciadoras do bom e do mau tempo, correndo a este ou áquelle rumo; a nuvem do aguaceiro que "pintava" no horizonte e a que "furava" a tempo de não lhe fazer mal á nau; tanto o nascer promissor de tempo seguro e o pôr do sol annunciador de mudança, como o nascer e pôr da lua de advertencia ao cuidado e ao somno do bom piloto, sendo que quando este planeta se mostrava no céo deitado, se mandava que em pé andasse o capitão; o fuzilar dos fogos Sant'Elmo nos galopes dos mastros ao que davam tambem pela superstição, divina origem; as correntes maritimas, direcção e força dellas, a que o navio andava sujeito; e muitas e muitas observações peculiares a cada região dos oceanos ou das costas, como esta citada pelo nosso auctor: de que quando o pescado corria com o navio, na altura de Pernambuco, era signal de, nesta costa, estar-se perto de terra, o que certamente a sondagem o ajudaria a affirmar apesar de Pero Lopes dizer: que outro signal não tinha senão aquelle.

Da terra tambem tinham os nautas, por seguro aviso, o apparecimento dos sargaços ou algas conhecidas por mantas de bretão, rabos d'asno, trombas, botelhas, além de destroços trazidos pelas correntes ou pelas vagas. E para se orientarem praticamente, quantas vezes não seguiam com o olhar arguto - talvez como accentuada reminiscencia dos argutos ascendentes arabes - os vôos dos muitos passaros oceanicos: alcatrazes, pardelas e garajaos; tinhosas e rabiforcados - (respectivamente, em lingua tupi: Guigrateotéo e Caripirá); frades e fradinhos; entenaes, garcinas, milhei-

ras, feijões, gaivotões e gaivotas (em lingua tupi - Guacá); corvetas, milhanos, açores, quagualhas, corvos, marrecas, mangas de velludo, borrelhos e calcamares...

Alargavam assim os marinheiros quinhentistas o que os classicos latinos já citavam como sabedoria dos antigos nautas do Mediterraneo. Plinio, no seu tratado de Historia Natural, livro 18, ensinava que, ao fazerem as ondas rumor no leito do mar tranquillo, se prenunciava a mudança de tempo; Virgilio na Eneida e Lucano na Pharsalia - segundo a Arte de Navegar de Medina - affirmavam: que em mar tranquillo, se se desprendesse delle rumor profundo, havia em tal, prenuncio de grandes ventos; Isidoro, no capitulo 12 da Etymologia, dizia que, quando os delphins iam saltando pelo mar afóra e sobre as ondas, se teria mudança do tempo, vindo o vento da parte donde elles vinham, - signal tambem notado nas costas brasileiras com esses outros habitantes do mar, chamados - botos -; Virgilio, nas Georgicas, observava tambem que os corvos marinhos, deixando as salsas ondas e indo em busca de terra e pouso em seco, advertiam aos marujos de proximo temporal.

Expressão bem alta, ao começo do seculo XVI, desse intimo conhecimento das cousas do mar, era tambem Pero Lopes de Sousa, ao affirmar "por experiencia verdadeira" em pleno Atlantico: "para saberdes se estais de barlavento ou de julavento da ilha de fernão de loronha: quando estais de barlavento, vereis muitas aves as mais rabiforcados e alcatrazes pretos; e de julavento, (ou sotavento) vereis mui poucas aves e as que virdes serão alcatrazes brancos: e o mar é mui chão..."

De "experiencia verdadeira", diz Pero Lopes, o que faz advertir a muitos ter anteriormente a esta viagem realizado outra ao Brasil, segundo Varnhagen, em 1527, com Christovam Jaques, ou quando era ainda mancebo, em armada á sua custa, como argue Gabriel Soares. Só assim se poderia valorizar essa expressão escripta no seu

Diario, para tambem justificar a pratica que revela ao affirmar nas paginas seguintes, os regimes de ventos e correntes no littoral brasileiro, além de outros muitos e interessantes detalhes peculiares á navegação dos nossos mares e do rio Sta. Maria ou da Prata.

Dada esta ligeira synthese dos processos scientificos do nauta das 3 primeiras decadas do seculo XVI, encerremos este capitulo tratando dos 3 typos dos navios da armada de Martim Affonso: a caravela, a nau e o galeão.

Era a caravela - embarcação de origem moura e até no nome o era: caravo a vela. Armava á latina, e tinha muito de certos barcos usados no littoral africano do norte.

De boca para comprimento mantinha a relação de 3:1, e de tonelagem, quando começara a sua aventura em mar largo, deslocava 50 ou 100 toneis, medida cuja unidade correspondia ao volume de um tonel de seis palmos de comprimento por quatro de diametro.

Descreve assim, o almirante João Braz de Oliveira, (Annaes do Club Naval, Lisbôa 1894), um typo de caravela a "Madre de Deus", valendo-se para este estudo como para o dos demais navios quinhentistas, do Livro das Armadas, do Esmeraldo de Duarte Pacheco, dos desenhos do Visconde de Juromenha e de Benine, do roteiro de D. João de Castro, do mappa de Juan de la Cosa, do livro de Falcão e de outros mappas e livros:

> "E' de aspecto grosseiro" - diz o auctor - "e faz lembrar as embarcações de pesca. O casco cingido de cintados, a roda bojando para vante, o capello saliente e recurvado, corrido de convés, e sómente a popa de painel acestellado em dois pavimentos, o mais alto dos quaes - o chapitéo, rasgado de vigias - tudo, não parece indicar fosse bom veleiro. Attentando porem no apparelho, percebe-se que ella se devia chegar para barlavento. A meio, em alto mastro levemente inclinado

para vante cruza uma enorme verga latina, cujo carro se debruça sobre a bórda, e a vela, de grande aluamento, vem caçar perto das alhetas. No chapitéo, um mastro pequeno desfralda um latino mais modesto, e o punho vae a beijar o laïs do botoló. Leva pela pôpa atoado um batel maneiro, e da roda para a verga, e no tope do mastro grande umas bandeiras tremolando".

Pelas descripções antigas desses barcos, sabemos que o fundo era de linhas mais delgadas do que o das náos; a casa mestra um pouco avante da meia quilha.

Dos mastros, só o maior tinha a carlinga no porão, e a primeira tilha com muito tozamento não excedia, em altura, sete palmos. Igual dimensão era a do lado da escotilha, para por elle entrar o tonel da aguada.

Assim seria a caravela primitiva, porque a outra, quando foi necessario nella se ter mais espaço para a carga do marfim, das especiarias e sobretudo para o trafico dos escravos, se fez maior, de tres a quatros mastros, typo a que talvez ainda não pertencessem as duas caravelas Rosa e Princeza, da armada de Martim Affonso.

Era a caravela "construida de carvalho, de pinho e de algumas taboas de sobro, pregada a cobre e raramente a ferro." Para se luctar nella contra o mau tempo não era facil a manobra dos latinos, não obstante as vergas arriarem e poder-se-lhe modificar o velame envergando nos mastros velas triangulares. Eram esses navios mais maneaveis na capa rigorosa que na corrida com o tempo.

Sobre a - nau -, diz o citado auctor:

"Imaginae o casco de uma grande caravela em que a prôa fosse alterosa e acastellada, adornada de um curto beque recurvado, e a linha da borda em curvas caprichosas, segundo os pavimentos; ou melhor

ainda: escolhei um dos bojudos cascos dos pontões reforçados por prodigos de madeira, acastellae a próa e a popa, dando ás obras um grande amassamento, e tereis o aspecto sombrio e alteroso das nossas primitivas náos de carreira da India. Cresceram estas de 100 a 120 toneis a 890 e guardaram a mesma relação de comprimento para boca, isto é, 3:1.

Era geralmente a nao portugueza de 2 cobertas: a primeira, corrida de ré a vante, abrigava o porão da carga, os toneis da aguada; paióes dos mantimentos, dos cabos, do panno, da polvora e artificios de fogo então em voga na marinha; a segunda, constituindo á próa a pavimento do castello, formava a ré a tolda do capitão cobrindo a alcaçova dos bombardeiros, e na popa, em outro pavimento avultava o chapitéo, que servia de alojamento ao commandante. Agasalhados para a gente, não os havia. Dormiam os marujos e demais gente pela tolda e convez, á chuva e ao vento, e só o mestre e o piloto, em acanhados camarotes, gosavam o invejado previlegio de casa propria. No cadaste da pôpa de painel sobresahia o leme, e, por cima, um modesto varandim iniciava os jardins e varandas das orgulhosas náos dos seculos posteriores. Armavam tres mastros: o do traquete, no castello; o grande, a meio, ambos inteiriços; e o da gavea, cruzando vergas redondas de traquetes de gavea e papafigos; e no chapitéu arvorava a mezena, e pela prôa muito arrufado saia o gurupez da cevadeira. Ao cesto de gavea era o nome bem cabido; dentro delles se ferravam os traquetes, velas então sem importancia.

As velas mestras amainavam sobre a bórda e para lhes augmentar ou diminuir a superficie cosiam ás esteiras as "monetas", onde estavam pintados letreiros piedosos, - Ave-Maria, Ave-Maris Stella,

In hoc signo vinces, ou só as iniciaes P. N. A. M. G. P. (Padre Nosso, Ave Maria, Gloria Patri) para não haver enganos no envergar das velas".

Sobre o - Galeão - diz ainda o mesmo auctor:

"Quando a nau cresceu de tonelagem para trazer ao reino grande carga; quando a tactica naval requereu augmentar o numero de peças em bateria no costado, foi por essa epoca que appareceu o galeão. Era quasi sempre de duas cobertas, e armado á proa de esporão differente do da galé, porque saia á altura do convez, mais saliente de que o beque, o qual era o prolongamento do castello. Variava o galeão desde os 100 toneis como o - Piedade - até aos 1.000, como o S. João Baptista, o Botafogo.

Os de maior tonelagem apparelhavam como as naus; os maiores traziam quatro mastros: os dois de vante, redondos, e os de ré, latinos.

Tendo crescido a mastreação, não havia antenas que dessem os mastros inteiriços; assim appareceram os mastaréus da gavea e do joanete, passaram os traquetes da gavea a ser gaveas e panno de reger, e já em alguns se vê verga de joanete, principalmente no mastro grande.

O mastro da mezena tinha "gaf-top" de verga. Era uma véla latina parecida com a que no mastro se enfunava. A contra mezena ia caçar ao botoló. A' prôa havia gurupez e cevadeira.

Galeão - foi nome generico dos navios que os hespanhóes mandavam ás Indias Occidentaes, sendo notavel entre todos o galeão de Acapulco pelas riquissimas cargas que trazia. Em Portugal tambem assim se chamou á grande nave de carreira da India, mas mais propriamente designava a nau grossa fórtemente artilhada e construida para a guerra.

Já em 1531 encontramos o - S. Matheus - de vinte e duas peças, como capitanea da frota de D. Nuno da Cunha, bombardeando Diu, depois muitos outros na jornada de Tunis, na armada de D. Alvaro e doze dos maiores, de que era capitanea - S. Diniz - com que a 17 de outubro de 1546 D. João de Castro largou de Gôa em soccorro a Diu. Na Invencivel Armada ainda figuram os galeões portuguezes, e o - S. Martinho - e o S. Matheus - eram dos melhores que andavam sobre as ondas".

Trazia a armada de Martim Affonso o galeão S. Vicente, alteroso e forte e que foi, dos navios o unico que partindo com a citada armada de Portugal, veiu a completar o cyclo da expedição.

Convem accrescentar: serem os navios dos seculos XV e XVI "de pessimo governo, lentos e pesados na manobra, quasi semi-cylindricos por baixo, de excessivo balancear e de pouca segurança"; e ainda, segundo Pero Lopes no Diario, que as naus da expedição de 1530, o galeão Sam Vicente de construcção portugueza e a nau N.ª Senhora das Candêas construida na França e tomada aos francezes na costa de Pernambuco, "eram grandes de bolina" por navegarem bem com vento aberto de sete quartas, e pouco abatimento.

Sobre o armamento dos navios de guerra do seculo XVI, vale a pena dizer-se, se bem que ligeiramente, o que ensina o mesmo Almirante João Braz de Oliveira, dando-o como sujeito á grande influencia dos armeiros allemães.

Do armamento individual do homem d'armas, em 1530, deve-se citar a "cellada de ferro italiana, de que dá idéa o chapeu-sueste do nosso marinheiro". A esse chapeu se adaptaram depois "o barbote e o gorjal", completando a ligação do "capacete e do arnez". Na abordagem era essa defeza de subido valor, como no desembarque a espada, o

pique ou a lança, o chuço, a bésta, as rodellas e engenhos diversos.

> Do armamento portatil de fogo já se poderia tambem citar o arcabuz; e do armamento do navio, "a bombarda em reparo fixo, guarnecendo as amuradas, como as espheras e as columbrinas, e nos castellos. berços, aguias, leões, cães, serpes, basiliscos, roqueiras, sacres e falcões..." Os falconetes, as bombardas, "os passa-volantes ou pedreiros", "eram o armamento mais commum no que concernia ao poder offensivo de um navio de guerra". Em geral já atiravam bala de ferro ou de chumbo, e as roqueiras sómente pelouro de pedra.

E' provavel que a esse tempo, ou mais certamente em 1536, referem varios auctores, houvesse o emprego de balas explosivas, e nas abordagens, o uso de se atirarem das gaveas - além dos zargunchos e gorguzes antigos - "as panellas de polvora" para destruição pelo incendio das naus combatentes.

Para atracarem-se as naus na abordagem, lançavam os arpéos e para defesa dellas, passavam a xareta - rêde contra o assalto, tomando a bórda de todo o navio - ao qual tambem protegiam, contra tiros de artilheria e outros choques, bandando parte das obras mortas com cintas de couro pelo costado, com pavezes e arrombadas.

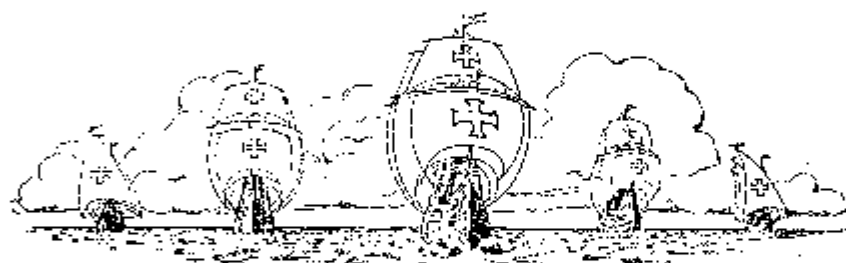
E assim se preparariam para a offensiva ou a defensíva naval, nesses tres typos de navio, os marinheiros e homens d'armas da expedição de 1530, cuja copia do Diario da navegação traçado por Pero Lopes de Sousa passaremos de agora em deante, linha a linha, a estudar, já que assim o quiz a generosa indicação do mestre.

DIARIO DA NAVEGAÇÃO
DE
PERO LOPES DE SOUSA
(de 1530 a 1532)

(5ª. edição)

Commentario ao texto do codice: do cap. II (mappa I) ao cap. VII (mappa II.)

DA era de 1530, sabado 3 dias do mes de dezembro, parti desta cidade de Lixboa, debaixo da capitania de Martim Affonso de Sousa, meu irmão, que ia por capitam de uma armada (1) e governador da terra do Brasil: com vento leste saí fóra da barra, fazendo caminho do sudoeste.

Cap. II
Mappa - 1

LISBÕA - CANARIAS
- ILHAS DE CABO VERDE

Cap. II
Mappa - 1

Da navegação praticada pelos pilotos quinhentistas de Portugal ao demandarem a America do Sul - o que vale a dizer, a costa brasileira - foi-se tornando classica uma derrota, pelo conhecimento apurado de pontos geographicos diversos, das correntes ou rilheiros, das monções que cursam os mares atlanticos, das calmas e contrastes que os salteavam em regiões equatoriaes, dos escolhos e baixios a evitar. Assim, partindo das praias lusitanas com os seus regimentos e cartas de marear ou portulanos da epoca, traziam nestes por pontos geographicos mais estimados: o cabo de Sam Vicente, a ilha da Madeira, as Canarias, as ilhas de Cabo Verde; e,

Domingo 4 do dito mes no quarto d'alva se nos fez o vento norte, e com elle fizemos o mesmo caminho do sudoeste.

Segunda-feira 5 do dito mes ao meo dia tomei o sol em trinta e seis graos e dous terços: demorava-me o cabo de Sam Vicente a leste e a quarta do nordeste.

Terça-feira 6 de dezembro ao meo dia tomei o sol em trinta e cinco graos e hum quarto: com vento norte mui forçoso fazia o caminho do sudoeste e a quarta do sul. Na nao Capitaina sentiamos muito trabalho porque nam governava; e não levamos mais vela que o traquete e mezena.

Quarta-feira 7 do dito mes ao meo dia tomei o sol em trinta e quatro graos: fazia o caminho do sudoeste.

Quinta-feira 8 do dito mes se passou o vento ao nornordeste e ventou com muita força, e trazia grande mar por ló: a nao ia tam má de governo;

---

na costa africana, principalmente, os cabos Bojador, Barbas, Branco, Verde e Roxo.

Buscavam, em geral, como primeiro ponto de referencia em pleno oceano, a ilha da Madeira, ou então, navegando sem dar vista della, o archipelago das Canarias.

Tal fez a armada de Martim Affonso, na confiança de favoraveis monções nos dois hemispherios, ao largar para a sua viagem ao Brasil aos 3 de dezembro de 1530, e ao rumar fóra da barra de Lisbôa, ao sudoeste com tendencia ao sul.

corriamos muito risco de nos quebrar os mastros. Este dia nam tomei o sol: fazia-me em trinta e hum graos e hum terço. Demorava-me o cabo de Sam Vicente ao nornordeste; e a ilha da Madeira me demorava ao noroeste e a quarta d'aloeste: fazia-me della vinte e cinco leguas.

Sesta-feira 9 dias de dezembro ás tres horas despois de meo dia houve vista da terra; e chegando-nos mais a ella, reconhecemos ser a ilha de Tenarife. Como foi noite tiramos as monetas; e pairamos a noite toda até o quarto d'alva, que nos fizemos á vela.

Sabado 10 dias do dito mes ás quatro horas despois do meo dia surgimos no porto da ilha da

Se bem que a bom caminho, não vem ella a ter, parece, como bom ponto calculado o que lhe dava Pero Lopes ao meio dia de 8 de dezembro: ilha da Madeira por NO4O, na distancia de 25 leguas ou cerca de 90 milhas, e cabo de Sam Vicente, ao N N E.

Navegava a não avistar a referida ilha e, no dia 9, já estando com as Canarias (a de Tenarife primeiro) - vinha a surgir em ancoradouro da isla Gomera ou ilha da Gomeira, para latitude de cujo porto dava 28.º 15' norte, ou com dez minutos a mais dos que devera dar.

Vencendo a distancia entre Lisbôa e estas ilhas em seis para sete dias, não se mostraram os seus navios nesta travessia, melhores veleiros que os de Fernão de Magalhães,

Gomeira. Em terra tomei o sol em vinte e oito graos e hum quarto: ali corregemos o leme.

Terça-feira 13 de dezembro no quarto d'alva nos fizemos á vela com vento nordeste: faziamos o caminho do sul e a quarta do sudoeste.

Quarta-feira 14 do dito mes ao meo dia tomei o sol em vinte e seis graos e hum quarto: demorava-me o cabo do Bojador a leste e a quarta do nordeste: faziamos o caminho do sul e a quarta do sudoeste.

Quinta-feira 15 de dezembro ao meo dia tomei o sol em vinte e quatro graos e meo: o vento saltou a lesnordeste brando.

Sesta-feira 16 do dito mes no quarto d'alva se passou o vento ao sudoeste; e com elle barlaventeamos até á noite, que ficou o vento em calma.

---

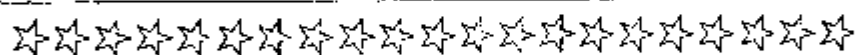
os quaes haviam coberto a distancia entre Sam Lucar e Tenarife ou Tenerife, em 5 dias, folgadamente, onze annos antes.

Até então, as derrotas das naus para a India, por essas paragens, em epoca da favoravel monção, pouco variavam; mais tarde, porém, os navegadores prefeririam passar ao oeste da ilha das Palmas, dez ou doze leguas, para depois, governando no quadrante do sudoeste até 24 a 26.° de latitude, segundo Pimentel, guinar ao sul até 14.° de latitude, e assim com passagem entre a costa africana e as ilhas de Cabo Verde.

Eram as Canarias então as preferidas para as pescarias antes dos navios emprehenderem os seus maiores

Sabado 17 do dito mes andamos o dia todo em calma.

Domingo 18 do dito mes, dia de Nossa Senhora ante Natal, andamos em calma sem ventar bafo de vento; senão grande vaga de mar, que vinha do sudoeste; e os ceos corriam muito tesos do mesmo rumo.

Segunda-feira 19 do dito mes ao meo dia tomei o sol em vinte e hum graos e tres quartos: demorava-me o cabo das Barbas a leste, e por fazer grande abatimento com o mar mui grosso, que me rolava para a terra, me fazia do dito cabo vinte leguas. Lancei o prumo ao mar e tomei fundo com cincoenta e cinco braças. De noite me ventou hum pouco de vento norte.

e penosos cruzeiros no Atlantico. Mas, apesar de Martim Affonso nellas ter demora de tres dias incompletos, de trazer para o respectivo feitor dellas como para os corregedores das do Cabo Verde (Varnhagen - Doc. Torre do Tombo - Hist. do Brasil) e outros pontos de escala, um alvará datado de 25 de novembro de 1530 e assignado pela rainha D. Catharina, na ausencia de D. João III, para o soccorrerem com o dinheiro e os mantimentos necessarios, não nos fala o Diario de qualquer auxilio solicitado na ilha da Gomeira pelo capitão mór da Armada. (Hist. Col. Port. Vol. III, pg. 125).

Dia 13 de dezembro, partiu do porto desta ilha, e a 14, com feliz ponto estimado, já passava a armada, no hemispherio do norte, o linde septentrional dos aliseos do

Terça-feira 20 dias de dezembro ao meo dia tomei o sol em vinte e hum graos e um quarto; e o vento começou a refrescar do norte, e com elle faziamos o caminho ao sudoeste e a quarta do sul. Demorava-me o cabo Branco a lessueste: fazia-me delle vinte e cinco leguas. Huma hora de sol houvemos vista de duas velas e as fomos demandar: e era hũa caravela e hum navio que vinham de pescaria, e por elles escrevemos a Portugal.

Quarta-feira 21 do dito mes ao meo dia tomei o sol em vinte graos e hum terço: com vento nordeste de todalas velas faziamos o caminho ao sudoeste e a quarta do sul: demorava-me o cabo Branco a leste e a quarta do nordeste.

---

nordeste. A corrente que ainda ahi corre ao sul o ajudaria, pois só esta vem a inflectir para o sueste em montando as ilhas do Cabo - Verde, mais accentuadamente, o cabo Roxo - para depois avançar ao leste já no golfo da Guiné e, assim, em contraste, neste ponto, com a outra corrente - a equatorial - que nessas paragens se pronuncia.

Dia 19 de dezembro tinha a armada o cabo das Barbas, pelo Diario, a 20 leguas ou a cerca de 72 milhas ao leste, e mar grosso atirando-a para a costa africana.

Dia 20, continuando com o rumo no quadrante de sudoeste da sua agulha, não traria Pero Lopes mau ponto, suppondo ter o cabo Branco ao ESE e a cerca de

Quinta-feira 22 do dito mes ao meo dia tomei o sol em desoito graos e tres quartos: demoravame o cabo Branco ao nordeste e a quarta de leste: fazia-me delle cincoenta e cinco leguas.

Sesta-feira 23 do dito mes tomei o sol em desesete graos e dous terços; e desde o meo dia fizemos o caminho ao sudoeste e quarta de loeste. Como foi noite governamos ao essudoeste. (2)

Sabado 24 do dito mez tomei o sol em quinze graos; e fazia o mesmo caminho d'oessudoeste. E em se pondo o sol vimos terra ao sudoeste e a quarta d'oeste: seriamos della oito leguas. Como foi noite pairamos até o quarto d'alva, que nos fizemos á vela. E como foi de dia reconhecemos ser a ilha do Sal.

---

90 milhas, como no dia 21, o mesmo cabo ao E 4 N E, após navegação de cincoenta e cinco milhas, no mesmo rumo.

Já haviam de vespera cruzado com uma caravela e outro navio que "vinham de pescaria"; e, "por elles", diz Pero Lopes, "escrevemos a Portugal".

Descahindo ainda a armada bastante para a costa da Africa, contra isto se precavinha o capitão mór, mandando governar ao oessudoeste da agulha.

Dia 25, dia da celebração do natal de Jesus-Christo, deu a armada vista, no quarto d'alva, do archipelago do Cabo-Verde: primeiro, a ilha do Sal, a cujo leste passou seguindo ao sul até dar com a ilha da Boa-Vista e já safo dos baixos que deixava ao lessueste. Como houvesse cerração, seguiu por d'avante da Capi-

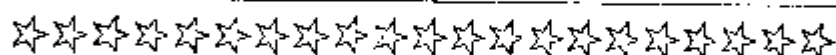
Domingo 25 de dezembro, dia de Natal, pela manhãa fizemos o caminho do sul até á noite, que fomos com a ilha de Boa Vista: por resguardo do baixo, que nos demorava a lessueste, fizemos o caminho do sul. E como foi noite mandou o capitão I. (*) a Baltazar Gonçalves, capitão da caravela Princeza que fosse diante, e levasse o farol; e assim fomos até pela manhãa.

Segunda-feira 26 do dito mez estavamos pegados com a ilha de Maio: a caravela Princeza não apparecia, nem da gavia. Indo demandar o porto da ilha de Santiago, veio hũa cerração que na nao nam nos viamos uns aos outros. Por nam poder fazer caminho pairamos a noite toda.

taina ou Capitanea, a caravela Princeza com o pharol: a 26, estavam todos pegados com a ilha de Maio. No mesmo dia, houve tambem o desgarro desta caravela.

Ao norte desta ilha passou a nau capitanea a demandar a ilha de Santiago, perto da qual se achava a 27, e aonde após soffrer norte rijo que varreu o nevoeiro, lhe repontou o vento ao sueste.

Teve assim impedida a sua navegação, contra tal vento, para buscar o desejado porto da Ribeira - Grande, ao sussudoeste da ilha. Barlaventearam os navios todo o dia, e descahiram, parece, para a ilha do Fogo. Soprou vento do norte novamente, e com tão feliz acaso

Terça-feira 27 do dito mes pela manhãa estavamos hum tiro de abombarda de terra da ilha de Santiago, da banda do norte; e o vento começou a ventar norte mui rijo, e alimpou a nevoa. Indo para tomar o porto da Ribeira Grande saltou o vento de supito ao sueste, que nos era mui contrario; e assim barlaventeamos o dia todo sem poder cobrar nada. A noite passada da cerração se apartou de nós a nao S. Miguel, de que era capitam Heitor de Sousa.

vieram a Capitanea, o galeão Sam Vicente e a caravela Rosa a fundear, ao meio dia, no porto da Praia, ao sussueste da citada ilha de Santiago.

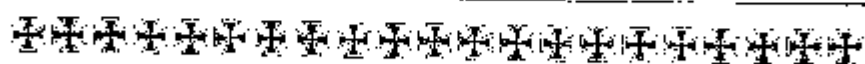
Nesse porto encontraram "hũa nao de duzentos toneis e hũa chalupa de Castelhanos" de viagem tratada para o rio de Maranhão. Foi o capitão mór de parecer contrario a essa viagem, com declarar ficar este rio dentro na demarcação portugueza, asserção que commentaremos em outro capitulo.

A 29, buscavam estes navios da armada, passando á vista do littoral do sul desta ilha, o surgidouro da Ribeira - Grande, onde se lhes vieram juntar a caravela Princeza e a nau S. Miguel, desgarradas a primeira, em 26, e a segunda, na vespera.

Tomaram abastecimento neste porto e receberam 300 cruzados, conforme á solicitação feita ao corregedor das citadas ilhas, assignada por Manuel d'Alpoim, escrivão da armada; ao recibo passado por Heitor d'Almada, feitor, a favor de Rodrigo d'Alvarez d'Obidos, almoxarife de villa da Ribeira Grande; e ao documento de Gaspar Vi-

Quarta-feira 28 do mes de dezembro pela manhãa nos acalmou o vento hum tiro de falcam da terra; e o mar andava tam grosso, que se nos nam ventara hum pouco de vento norte foramos de todo perdidos; porque o mar nos rolava para terra, e nam podiamos surgir; porque o fundo era de pedra: este dia ao meo dia fomos a surgir na Praia. (3) Aqui achamos hũa nao de duzentos toneis, e hũa chalupa de Castelhanos; e em chegando nos disseram como iam ao Rio de Maranhão: e o capitam I. lhe mandou requerer que elles nam fossem ao dito rio; porquanto era de el-rei nosso senhor e dentro da sua demarcação.

Quinta-feira 29 do dito mes pela manhãa demos á vela, e fomos surgir a Ribeira Grande onde achamos a caravela Princeza; aqui neste porto tomei o sol em quinze gráos e hum sesmo (4). Aqui veo dar o navio S. Miguel comnosco. Nesta ilha estivemos tomando cousas necessarias para a viagem até terça-feira 3 dias de janeiro de 1531.

---

deira ordenando ao citado almoxarife a entrega do dinheiro, de accordo com o alvará real ao feitor da expedição, Heitor d'Almada. (Hist. Col. Port. J. de Freitas - Vol. III pg. 137).

Pero Lopes no Diario nos relata ter achado para latitude deste porto 15.° 10' norte, e, portanto, com cerca de 16 minutos de excesso sobre a latitude verdadeira.

Fizemo-nos á vela em se cerrando a noite com muito vento nordeste: o galeam S. Vicente perdeu duas ancoras em se fazendo á vela: e a caravela Princeza hũa; porque o surgidouro deste porto é todo sujo. Como saio a lua se fez o vento lesnordeste, e ventou com tanta força que nem podiamos com a vela. Indo assi correndo com gram mar deu a nao hũa guinada, e eu preparando de ló nos arrebentou o mastro do traquete pelos tamboretes, de que sentimos muita fortuna; e amainamos a vela; e fomos correndo ao som do mar até que foi de dia.

Cap. II
Mappa 1

Quarta-feira 4 de janeiro ao meo dia fez-se o tempo em mais bonança, e abaxamos o masto hum covado, puzemos-lhes hũas emmes (5) e com arrataduras o corregemos o melhor que pudemos.

Quinta-feira 5 do dito mes o vento era muito mais forte do que o dia dantes: faziamos o caminho do sul e da quarta do sueste.

ILHAS DE CABO VERDE -
- CABO DE S.TO AGOSTINHO

A 3 de janeiro de 1531, da ilha de S. Tiago, partiam os navios no proseguimento da commissão. Contrastes de tempo vieram a ter no mar: soffreram avarias que repararam, aproveitando-se de calmas que succederam a tempo incerto e contrario.

Cap. II
Mappa 1

Dias 7, 8 e 9 de janeiro, - referida a derrota ás cartas de hoje - entre os meridianos 25.° e 20.° W. de Grw., e rumando pela sua agulha entre o sueste, e o sul mais constantemente, veiu a armada a ter, crêmos, optimo

Sesta-feira 6 do dito mes o vento e o mar eram mais bonança; e gastamos o dia todo em correger o masto.

Sabado 7 do dito mes ao meo dia tomei o sol em oito graos e meo: demorava-me o cabo Verde ao nordeste, e tomava da quarta do norte: demorava-me o cabo Roxo a lesnordeste: fazia-me delle cento e quinze leguas: faziamos o caminho do sulsueste.

Domingo 8 do dito mes o vento norte bonança fazia-me o mesmo caminho do sulsueste.

Segunda-feira 9 do dito mes ao meo dia tomei o sol em cinco graos e meo: demorava-me o cabo Roxo ao nordeste: fazia-me delle cento e cincoenta leguas: demorava-me a Serra Leoa a leste e a quarta do nordeste: fazia-me della cento e setenta e seis leguas. Faziamos o caminho ao sulsueste. Neste dia nos morreu um homem, que traziamos da ilha de Santiago.

---

ponto, com assignalar o cabo Roxo ao nordeste e a 150 leguas ou cerca de 540 milhas, e a Serra-Leôa ao leste quarta do nordeste e a 176 leguas ou a cerca de 635 milhas - dando-se á legua maritima valor médio de tres milhas e seis decimos. - ou mais, se 4', - segundo os Reinel. Marcavam por latitude sua, nesse dia nove: 5° e 30' norte.

Quando passava nas regiões das calmas veiu logo a armada a soffrer trovoadas, aguaceiros, calmaria pôdre ou pesada alternada com golpes dos ventos contrarios.

Nesta paragem até encontrar o alisco do sueste, veiu até o dia 18, quando rumou ao sudoeste quarta do oeste da

Terça-feira 10 do dito mes pela manhãa nos deu hũa trovoada com muito vento e agua, que nos fez amainar as velas. O dia todo estivemos sem vento até o quarto da modorra, que se fez o vento nordeste; e com elle nos fizemos á vela.

Quarta-feira 11 do dito mez nos deram muitas trovoadas; e de noite no quarto da prima nos deu hũa trovoada do sueste, e outra do nordeste, com muito vento e agua e relampados.

Quinta-feira 12 do mes de janeiro se fez o vento leste, e com elle fizemos o caminho do sul.

Sesta-feira 13 do dito mes todo dia nos choveu. Com o vento norte faziamos o caminho do sul. Como se nos o sol pôz, acalmou o vento; e estivemos toda a noite em calma.

---

agulha, suppondo a este rumo estar o cabo de Santo Agostinho, na costa brasileira, e ter por latitude da armada, nesse dia, 30 minutos norte.

Já havia esta passado de 17 para 18 o penedo de sam pedro ou os penedos de São Pedro e São Paulo, sem avista-los, penedos pelos Reinel dados num unico a 1.° e 30' n. quando a latitude delles, exacta, deverá ser 55' - 30" norte. Dia 19, abrindo desde 18 já francamente a armada as suas velas ao aliseo do sueste do nosso hemispherio, a favor do "siroco" dos antigos, achava-o Pero Lopes escasso para com elle dobrar-se o cabo de Sto. Agostinho, certamente por encontrarem nos portulanos portuguezes desse tempo avançada a costa brasileira entre o cabo de Sto. Agostinho e o extremo sul do continente já conhecido,

Sabado 14 do dito mes tomei o sol em tres graos e tres quartos: este dia todo não ventou; senam choveu muita agua, e fazia tam grande calma, que nam se podia suportar.

Domingo 15 do dito mes tomei o sol em dous graos e dous terços.

Segunda-feira 16 do dito mes se fez o vento sudoeste, e com elle faziamos o caminho do sulsueste; e no quarto da prima nos deu hũa trovoada, com gram força de vento, que nos fez amainar de romania as velas.

Terça-feira 17 do dito mes tornou a ventar o vento de oestesudoeste, e ao meo dia tornei a tomar o sol em hum grao e meo.

- na opinião de um cosmographo como Alonso de Sta. Cruz - de mais quatro graus ao leste do que devera ser. A corrente equatorial ahi já os abatia sensivelmente para o oeste.

Dia 23, dá-nos Pero Lopes o seu ponto no portulano, tendo por sudoeste e a dezoito leguas ou a cerca de sessenta e cinco milhas a ilha de fernão de loronha (Fernando de Noronha), e a cem leguas ou a cerca de 360 milhas, ao mesmo rumo, o cabo de Santo Agostinho. Este cabo, os Reinel davam como cabo fremoso e a 10 milhas mais ao sul da exacta posição e, aquella ilha, 30 milhas mais ao norte do que se devera assignalar.

Sabemos cursar a corrente equatorial até certa latitude para oesnoroeste logo que se desvia da costa d'Africa e,

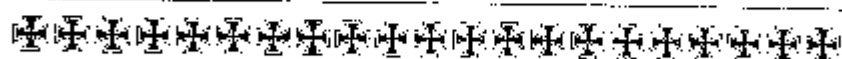
Quarta-feira 18 do dito mes tomei o sol em meo grao: e o vento se fez sueste, e com elle faziamos o caminho ao sudoeste e a quarta d'oeste; e demorava-me o cabo de Santo Agostinho (6) ao sudoeste e a quarta d'oeste.

Quinta-feira 19 do dito mes tomei o sol em dous terços de grao, da banda do sul.

Sesta-feira 20 do dito mes, tomei o sol em tres quartos de grao: o vento era sueste, que nos era escasso para dobrarmos o cabo de santo Agostinho. As aguas nesta paragem correm a loeste com muita força.

Sabado 21 do dito mes tomei o sol em hum grao e tres quartos.

A Ilha de Fernão de Loronha (7) me demorava ao sudoeste e a quarta d'oeste; o cabo de santo Agostinho ao sudoeste. O vento nos era mui escasso, de que sentiamos muito trabalho.

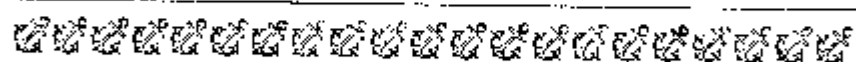
---

depois ao oeste, mas sempre ao sul do equador, para indo no parallelo e ao largo do cabo de Sam Roque se bifurcar em ramos ascendente e descendente. Assim, deveriam referir-se á corrente equatorial as seguintes palavras do Diario: "Nesta paragem correm as aguas a loesnoroeste: em certos tempos correm mais: sc. desde Março até Outubro correm com mais furia. He por estas correntes fazerem os abatimentos incertos que muitas vezes se dam duas quartas de abatimento e abatem os navios quatro."

Anterior referencia seria feita por Pero Lopes á mes-

Domingo 22 do dito mes, tomei o sol em dous graos: demorava-me a ilha de Fernão de Loronha ao sudoeste e a quarta d'oeste: fazia-me della quarenta e cinco leguas. No quarto da prima se nos fez o vento lessueste.

Segunda-feira 23 de Janeiro ao meo dia tomei o sol em tres graos e um quarto: demorava-me a ilha de Fernão de Loronha ao sudoeste: fazia-me d'ella desoito leguas. O cabo de santo Agostinho me demorava ao sudoeste: fazia-me delle cem leguas.

Terça-feira (8) ao meo dia tomei o sol em quatro graos e hum quarto. N'esta paragem correm as aguas a loesnoroeste: em certos tempos correm mais; se, desde Março até Outubro correm com mais furia. He por estas correntes fazerem os abatimentos incertos que muitas vezes se dam

---

ma corrente ainda, quando a vem dar o Diario com direcção ao oeste ou "aloeste com muita força", no dia 20. Estava nesse dia a armada mais ao leste.

Soffreria depois, tambem parece, a armada de Martim Affonso menor influencia do ramo descendente ou - da corrente brasileira - notada hoje de 120 a 150 milhas cursando os mares atlanticos, ao largo desse littoral. A direcção que esta mantem parallela á costa, por tal fórma se assignala de setembro a fevereiro e não de fevereiro a setembro, senão a partir dos 20 graus de latitude sul.

duas quartas de abatimento, e abatem os navios quatro. Assi que n'esta paragem a pilotagem he incerta: por experiencia verdadeira, para saberdes se estais de barlavento ou de julavento da ilha de Fernão de Loronha, quando estais de barlavento vereis muitas aves as mais rabiforcados e alcatrazes pretós; e de julavento vereis mui poucas aves, e as que virdes serão alcatrazes brancos. E o mar é mui chão.

Quarta-feira 25 de janeiro ao meo dia tomei o sol em cinco graos e hum terço. Com o vento lessueste faziamos o caminho de lessudoeste (a).

Quinta-feira 26 do dito mes tomei o sol em cinco graos e meo. Faziamos o caminho de sulsudoeste.

Sesta-feira 27 do dito mes tomei o sol em sete graos e meo: e desde meio dia arribamos duas quartas: e fazia o caminho do sudoeste.

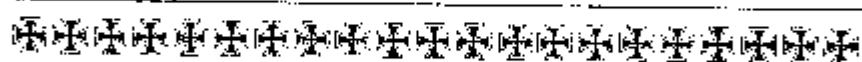
Entre 23 e 24 de janeiro passaria a armada ao largo da ilha de Fernão de Loronha — que os Reinel davam mais 30 milhas ao norte da exacta posição — em paragem, diz Pero Lopes, de pilotagem incerta, mas cujos mares este capitão conhecia "por experiencia verdadeira", uma vez que no seu Diario ensina: "para saberdes se estais de barlavento ou de julavento da ilha de Fernão de Loronha; quando estais de barlavento vereis muitas aves, as mais rabiforcados e alcatrazes pretos; e de julavento (ou sotavento) vereis mui poucas aves, e as que virdes serão alcatrazes brancos. E o mar é mui chão".

Sabado tomei o sol em oito graos e meio; faziamos o caminho a loeste e a quarta do sudoeste. E desde o quarto da prima governamos a este (10).

Domingo 29 do dito mes tomei o sol em nove graos. Faziamos o caminho a loeste, com vento leste.

Segunda-feira 30 dias do mes de janeiro tomei o sol: e estava na altura do cabo de santo Agostinho; e iamol-o a demandar pelo rumo d'aloeste. Este dia não correo pescado nenhum comnosco, que he signal nesta costa d'estar perto de terra; e outro nenhum nam tem senam este.

Terça-feira 31 do dito mes no quarto d'alva vimos terra, que nos demorava a loeste: chegando-nos mais a ella houvemos vista de hũa nao (11); e demos as velas todas, e a fomos demandar: e mandou o capitam I. dous navios na volta do nor-

---

Amarada a ponto de sentir maiores effeitos da corrente brasileira não vinha demais a armada, mas vinha sujeita já ao contraste da outra corrente, dessa que entre o cabo de Sam Roque e Pernambuco, entre a corrente brasileira e a costa, ahi se pronuncia com as aguas a se moverem aos caprichos dos ventos. Correm estas para o norte ou para o noroeste com a monção do sueste, e para o sul ou para o sudoeste com a monção do nordeste, e mostrando velocidade tanto maior quanto mais proximas da costa e menos profundas.

Ao demandar-se Pernambuco, sente-se cursar a corrente muitas vezes com velocidade de 50 a 60 milhas, em 24 horas.

te, -- na volta em que a náo ia, e outros dous na volta do sul: a nao como se vio cercada arribou a terra, e mea legua della surgio e lançou o batel fóra. Como fomos della hum tiro de bombarda se meteo a gente toda no batel e fugio para a terra. Mandou o capitam I a Diogo Leite, capitam da caravela Princeza, que fosse com seu batel apoz o batel da nao: quando ja chegou a terra, era ja a gente metida pela terra dentro, e o batel quebrado. Fomos á náo, e nella nam achamos mais que hum só homem; tinha muita artelheria e polvora, e estava toda abarrotada de brasil. Ao meo dia nos fizemos á vela para ir demandar o c a b o d e S a n t o A g o s t i n h o: seriamos delle seis leguas. Tomamos esta náo de França defronte do

Sendo a intensidade dessa corrente, funcção do vento e da profundidade oceanica nesse littoral, e achando-se por essas aguas pernambucanas Martim Afforso de Sousa em fins de janeiro de 1531, se soffreu ainda influencia da corrente brasileira descahiu para o sul, mas logo depois ao capricho dessa outra variavel com a monção do sueste, viria a ter tendencia a descahir para o noroeste, ou para a costa pernambucana.

Assim, dia 30, achando-se, por latitude calculada, na altura do c a b o d e S a n t o A g o s t i n h o e, parece, ainda um tanto amarada, mas já navegando ao oeste pela agulha da C a p i t a n e a , veiu a armada sobre esta variavel corrente a abater mais para a terra ainda distante, no dizer arguto de Pero Lopes: "Este dia não correo pescado nenhum comnosco que he signal nesta costa d'estar perto

cabo de Percaauri (12); corre-se com o cabo de Santo Agostinho norte e sul, tomada quarta de noroeste e sueste. Da banda do sul do cabo de Santo Agostinho achamos outra nao (13) de França, que tomamos carregada de brasil. Esta noite no quarto da prima me mandou o capitam I. com duas caravelas á ilha de santo Aleixo; porque tinhamos informaçam que estavam alhi duas náos de França: fui toda a noite com o prumo na mão, sondando por fundo de doze braças: no quarto d'alva surgimos ao mar da ilha mea legua, em fundo de doze braças d'area grossa.

Cap. II Mappas 2 a, 2 b, 2 c. (pg. 122)

de terra: e outro nenhum nam tem senam este." Certo não andava elle de bôas pazes com o prumo, mas de bom entendimento com os peixes...

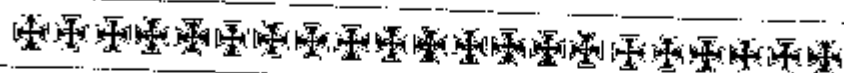
A 31 de janeiro, dia seguinte, vem a armada a avistar littoral pernambucano, um pouco ao norte do cabo de Santo Agostinho, aonde enxergou o vulto de uma nau franceza: (*A*).

Cap. II

Deu caça á nau inimiga vindo della a apossar-se na altura do cabo de Percaauri, ou melhor, do cabo de Pero Cabarigo ou ponta de Pero Cavarim.

Fica este cabo ou ponta - de nenhuma referencia importante hoje nas cartas modernas de navegação - a cerca de 14 milhas ao sul de Olinda, passando quem vem costeando do norte, a boca do arrecife, ou a barra do arre-

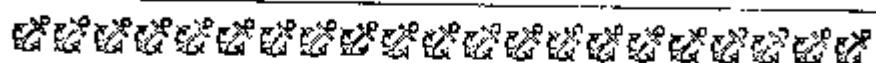
Quarta-feira primeiro dia de febreiro em rompendo a alva vimos mea legua ao mar hũa náo (14), que cõs traquetes ia no bordo do norte, e como a vimos me fiz á vela no bordo do sul. A nao, como houve vista das caravelas, deu todalas velas. Neste

---

cife - de Pero Lopes, a barreta e o surgidouro dos Curraes. Não deve ella ser longe da actual ponta de Simão Pinto, da que tem proxima e ao sul a barra das Jangadas, como a tres milhas o rio Jab atão, para Viegas o rio do estremo. Tinha-se esta ponta de Percaauri ou de Pero Cabarigo, no dizer de Mariz Carneiro (Regimento de pilotos - fol. 5) como uma ponta grossa deitando pouco ao mar, toda coberta de arvoredo mui espesso, orlada com praia de areia branca, e até onde corriam os arrecifes: ao sul della "obra de huma legoa está o rio do Estremo — accrescenta Mariz Carneiro para elucidar com Viegas esse controverso ponto na cartographia quinhentista.

Andou a armada até seis leguas ou cerca de 22 milhas apartada do cabo de Santo Agostinho, (o cabo Fremoso - Reinel, Paris), por desgoverno ou abatimento com a corrente e manobra para a caça á nau franceza (*A*): mas logo ao sul do referido cabo vem, cumprida a sua feliz missão, para outro apresamento de outra nau franceza (*B*) que se ahi achava.

Para quem trazia cruzeiro de trinta dias, dando como ultimo ponto de surgida e de vista, o porto da Ribeira - Grande na ilha de Santiago; para quem trazia erros accumulados em suas longitudes estimadas, agulhas e cartas imperfeitas, latitudes incorrectas; foi, sem duvida, magnifica a atterragem feita e que veiu permittir á armada colonizadora, com toda segurança de navegação, fundear á vista das terras do Brasil.

bordo do sul fui quatro relogios, e virei no bordo do norte; e ao meo dia era na esteira da nao, duas leguas della: a outra caravela era hũa legua de mim a ré. Como descobrimos o cabo de santo Agostinho saio o capitam I. no navio Sam

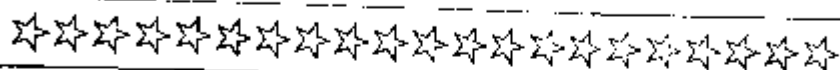
---

Antes porém, de haver contacto com ellas, convem citarmos - para encaminhamento destas annotações criticas ao texto do Diario - os antecedentes historicos que ahi se desenrolaram, quando já o Brasil não se tornara conhecido sómente pela terra dos papagaios.

O planispherio de Jeronymo Marini em 1512, "dava pela primeira vez a America do Sul com a denominação de Brasil", porque com muita propriedade de linguagem se estimaria por esses dias, a uma parte do nosso littoral como a costa do pau brasil, e fôra esta, logo após o descobrimento official buscada por naus e caravelas de armadores portuguezes ou estrangeiros ao serviço de Portugal, e principalmente, de francezes de Honfleur e de Dieppe, empenhados no resgate do precioso pau da tinturaria.

Fôra essa designação da costa, mais caracteristicamente como servindo de marcar a região que tinha como pontos extremos o rio das Pedras (Goyana ou Parahiba do Norte?) e em breve, - o cabo Fryo -; mas a nós convem, acompanhando a derrota affonsina, estudarmos sómente ao desenrolar deste capitulo, a parte littoranea comprehendida entre o rio Parahiba (das Pedras - para Caboto?) e o grande rio brasileiro Sam Francisco ou São Francisco do Norte.

Desse sector da costa teria o capitão mór como valiosos informantes a bordo, entre outros talvez, a Pero Capico

Miguel com o galeam Sam Vicente, e com hũa das naos (15), que tomara aos Francezes; mas vinha tanto a julavento que quasi nam podiam cobrar a terra. Este dia, hũa hora de sol, cheguei á nao (16), e primeiro que lhe tirasse, me tirou dous

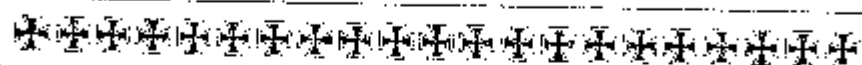
☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

— conhecedor da costa antes da ultima expedição de Christovam Jaques —, e a Diogo Leite, capitão de navio, tanto na armada de 1527, como na que vinha agora de aferrar ao sul do cabo de Sto. Agostinho.

ANTECEDENTES HISTORICOS DE PERNAMBUCO

Deixando de parte as expedições anteriores ao descobrimento official do Brasil — das quaes toma cada vez mais fóros de verdade, a de Duarte Pacheco Pereira em 1498, citada no Esmeraldo de Situ Orbis, e precedida até, pretendem portuguezes, de outra ao mando desse mesmo illustre capitão — expedições ao norte, ao centro e ao sul da America —, iniciemos a nossa breve synthese com reportar-nos ás de Gaspar de Lemos ou de André Gonçalves ao serviço de Portugal. Coube a um delles, missão descobridora de valimento na nossa costa, quando mensageiro da nova mandada por Cabral ao Rei, capitaneando uma nau partida de Porto Seguro, ou depois em primeira viagem official exploradora das terras de Vera-Cruz, quando trouxe em sua companhia a Americo Vespucci.

Na primeira ou segunda destas expedições baptisaram-se pelo Calendario os pontos geographicos do nosso littoral: rio de sam francisco (rio de Sam Francesco, Canerio, 1502); rio de Sam Jeronimo (Canerio); Sam Michel (Canerio) ou rio de Sam Miguel; Cabo de Sta. Croxe provavelmente o Cabo de Sto. Agostinho, senão assim

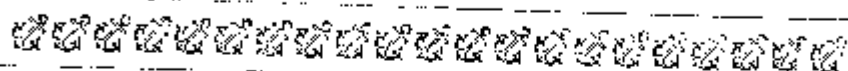
tiros: antes que fosse noite lhe tirei tres tiros de camelo, e tres vezes toda a outra artelheria: e de noite carregou tanto o vento lessueste, que nam pude jogar senam artelheria meuda; e com ella pellejamos toda a noite.

✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠

nomeado na viagem de Gonçalo Coelho em 1503; - e, além de um ou dois pontos mais, um cabo de grande valor geographico que em muito interessaria a navegação quinhentista: o Cabo de Sam Roque (San Rocho, Canerio).

Na 2.ª expedição official de 1503, tambem assistia Vespucci e assistiriam, segundo Varnhagen na sua Historia Geral do Brasil, notaveis pilotos como João Dias de Solis, - só depois de 1506 homisiado em Espanha -, João Lopes de Carvalho ou Vasco Gallego de Carvalho e João de Lisboa. Com o naufragio da nau de Gonçalo Coelho, nas - Roccas - que assim tiveram anonymamente o seu official descobrimento, como ao oeste, portanto, da ylha já então conhecida Quaresma, S. Lourenço, ou S. João, e futura fernão de loronha, se dividiu a frota: seguiu Vespucci para a baia de todolos Santos (baie de tutti li santi — Canerio), e dahi, para a costa do sul, tocando em Cabo frio, (Esmeraldo 1505), em cujas terras teve gente a povoar e a explorar. Deste ponto, ainda mais ao sul singraria mares do Novo Mundo descoberto, ao qual proporia Waldseemüller em 1507, nome que immortalizasse esta viagem do piloto florentino.

Gonçalo Coelho tambem, então, viria a demandar a bahia de todos os santos e parte dessa costa. Haveria de demorar-se notadamente no Rio de Janeyro e, ao regressar a Portugal, annunciar a ida dos navios fran-

Quinta-feira 2 de febreiro em rompendo a alva mandei hum marinheiro ao masto grande ver se via o capitam I, ou os outros navios, e me disse que via hũa vela, que nam divisava se era latina, se redonda. E desde as sete horas do dia até o sol

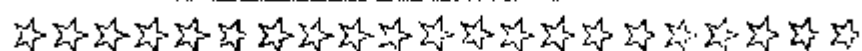
---

cezes contrabandistas da ambicionada madeira na costa do pau brasil, auxiliados por alguns portuguezes já praticos nestas viagens. Suppoem alguns, houvesse elle visitado o grande rio do sul, e se fizesse arauto de riquezas ali encontradas.

Foi dessa epoca a viagem da "Espoir d'Honfleur" de 120 toneladas e capitaneada por Paulmier de Gonneville. Fizeram-na, como seus embarcadiços, os portuguezes Sebastião de Moura e Diogo do Couto.

Precedida de outras viagens clandestinas, das de armadores como a da nau Bretôa, ou das de arribada, para invernia, representadas numa ou noutra nau da India em portos das terras de Santa Cruz ou do Brasil, cita-se como importante empreza maritima pelo percurso realizado ao longo do nosso littoral em 1514, a expedição narrada na Gazeta Aleman e armada por Cristoval de Haro e D. Nuno Manoel. E antes, e após esta, só providencias muito espaçadas se deram ou tentaram dar para a colonização da terra brasileira.

Por uma carta de Pero Rondinelli, escripta em Sevilha aos 3 dias de outubro de 1502, transcripta na Racc. Colombiana e citada por Capistrano nas eruditas annotações a Varnhagen, sabe-se que a alguns christãos novos fôra arrendado em tempo o nosso littoral e, que elles, mercadores de pau brasil, se achavam empenhados com os seus navios no descobrimento desta terra "trezentas leguas por deante"

posto, que rendemos a nao, pellejamos sempre. A nao me deo dentro na caravela trinta e dous tiros, quebrou-me muitos aparelhos, e rompeo-me as velas todas. Estando assi com a nao tomada chegou o capitam I. com os outros navios; logo abalroei com

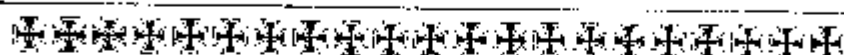
✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰

ou melhor, para o sul, da que até então se alcançara, e aonde haveriam de fazer fortaleza e permanecer tres annos.

Pelo relatorio de Chá Masser, 1506 - 1507 (volume da Academia das Sciencias de Lisboa commemorativo do Descobrimento da America), sabe-se que "o arrendamento era de 20.000 quintaes de pau brasil", comprado "cada quintal a meio cruzado e revendido a dois meio e tres".

Antonio Baião (doc. Vol. II pg. 325 da Hist. Colon. Port.) prova ter sido feito esse arrendamento até 1505 a Fernão de loronha, christão novo que trazia homens e navios em viagens annuaes á costa brasileira.

Damião de Góes cita tambem na chronica de D. Manuel que, em 1513, George Lopes Bixorda, tendo sobre si o trato do pau brasil, apresentava ao rei venturoso tres indios, grandes frecheiros, chegados numa nau que alli aportara vinda desse littoral; e Varnhagen nos instrue que em 1516 ordenava o rei, por um alvará ao feitor e aos officiaes da Casa da India, que favorecessem com "machados e enxadas e toda a mais ferramenta ás pessoas que fossem povoar o Brasil"; e, por outro alvará, que "procurassem e elegessem um homem pratico e capaz de ir ao Brasil dar principio a um engenho de assucar". A quem designado fosse para tal mister, se daria "uma ajuda de custo e tambem cobre e ferro e mais cousas" para o feitio do dito engenho (Hist. Geral do Brasil - 3.ª ed. pg. 145).

a nao e entrei dentro; e o capitam I. abalroou com o seu navio: e os mais dos francezes se passaram ao navio. A nao vinha carregada de brasil; trazia muita artelheria, e outra muita muniçam de guerra: por lhes faltar polvora se deram. Na nao nam

---

Esse anno de 1516 (Hist. Col. Port. Vol. II, pg. 363), era o mesmo em que partia para a sua 1.ª expedição ao Brasil Christovam Jaques, para fundar feitoria, e levar viagem até o rio de Santa Maria.

De então, algum pequeno nucleo de europeus formado, porque parece, não vingara mais de um a essa epoca -, mostrava o singular typo da "feytorya" portugueza, tão propria do tempo e da gente.

Informações colhidas em outros documentos (J. T. Medina e carta de Estevam Fróes) certificam a chegada de um navio, anteriormente a 1513 á ilha de Porto Rico, com subditos da nação portugueza, os quaes "haviam desamparado a paragem da nossa costa onde se achavam, em consequencia de um levante de indios dirigidos por Pero Gallego". Era o dito navio "já sem leme, comesto de gusano e quasi impossibilitado de navegar". Segundo Capistrano (Varn. Hist. Geral Brasil, pg. 150.) sabe-se terem estes homens partido para a Europa a 15 de fevereiro de 1515 (Medina), talvez para depois serem trocados pelos espanhões apresados no rio dos Innocentes ou primitivo porto de sam vicente.

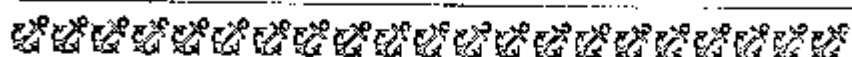
Ainda na carta de Estevam Fróes (julho, 1514), podemos colher a informação deste navegador de que esta terra era possuida pela corôa portugueza "a vinte annos e mays", dando-nos assim a pretensa idéa do descobrimento della não só anterior á viagem de Cabral, como até á de

demos mais que hũa bombarda, com hum pedreiro ao lume d'agua: com a artelheria meuda lhe ferimos seis homẽs: na caravela me nam mataram, nem feriram nenhum homem, de que dei muitas graças ao Senhor Deus.

Duarte Pacheco de 1498, citada no Esmeraldo de Situ - Orbis. Feitorias ou pauperrimos nucleos teríam existido, parece, na costa brasileira, como o que fundou Vespucci em cabo Frio e a nau Bretôa ainda assignala em 1511; e não se sabe ao certo se Pero Capico ou Capigr." embarcado na armada de Martim Affonso - fôra de um delles ou se só andara numa capitanea da armada guarda-costas na vigia de naus corsarias da França. Certo é, porém, que esses pauperrimos nucleos não poderiam resistir pelas armas e com vantagem ás investidas constantes dos marujos de Honfleur e de Dieppe; e tambem é manifesto que a esse tempo não só francezes eram os que disputariam aos portuguezes o littoral desse continente. Espanhóes em seus navios armados tal projectariam, vindo á posse, não da costa do pau brasil, mas das terras brasileiras existentes ao sul de S. Vicente até o rio Solis ou de Santa María, na "costa do ouro e prata". Desde a expedição Solis e o parcial regresso della do grande rio do sul em 1516, essa posse fôra proclamada em Espanha. Foram sobreviventes della, de torna - viagem, que apresaram portuguezes em Pernambuco.

Mobilizada a primeira expedição guarda-costas ao mando de Christovam Jaques com dois navios, vae este sempre intrepido investindo contra francezes, descobrindo

Sesta-feira 3 do dito mes pela menhãa nos achamos hûa luega (17) de terra, a qual se corria nornoroeste sulsueste. Ao longo do mar eram tudo barreiras vermelhas: a terra he toda chãa, chea d'arvoredo. Como nos achegamos mais a terra se

---

enseadas e bahias. E não se cingindo só a descobrir e a navegar, funda "feytorya" ao oeste da ilha Ascensão ou Itamaracá na margem direita do futuro rio Igarassú; e nella, parece, para deixar quando de regresso a Portugal, como feitor a Manoel de Braga e 12 christãos, dos quaes devemos salientar o piloto Jorge Gomes, companheiro de Jaques na ida até o rio de Sta. Maria.

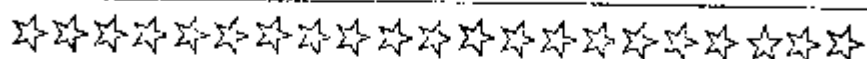
E isto se verificava, tempos depois, ao chegar á costa de Pernambuco a armada de Sebastian Caboto em 1526, composta de tres navios redondos e uma caravela, já ao correr de junho, no periodo da monção do sueste e de fortes correntes maritimas e costeiras que a não deixaram montar o cabo de Sto. Agostinho. Descahidos os navios doze leguas ou cerca de quarenta milhas ao noroeste, vieram a arribar a um ponto da costa que Caboto diz ser Pernambuco - e aonde o Serenissimo Rei de Portugal tinha uma casa forte e doze pessoas com um feitor.

Dariam ao chegar a esta altura com a ilha de Itamaracá, por Caboto e por seu notavel piloto Alonso de Sta. Cruz, chamada ilha Ascensão.

Já teria esta ilha aquelle primitivo nome tupi?

Não rezam assim as cartas de marcar ou portulanos, mas a respeito de tal baptismo attentemos no que nos diz Varnhagen. Itamaracá "é nome formado de duas palavras dos tupis, que significam — maracá de pedra — Estes, por pobreza de expressão, elle o affirma, designavam por

nos fez o vento sueste: e ao meo dia surgimos em fundo de onze braças, hũa legua de terra (18). Como estive surto, lancei o batel fóra, por nenhum dos outros navios trazer batel, que os haviam deixado no cabo de santo Agostinho. Este

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

ita ou pedra, a todos os metaes, e por maracá, a todos os instrumentos musicos mais ou menos dissonantes, a começar pelo sino que Varnhagen suppunha terem os indios visto e escutado tanger nas primeiras naus chegadas ou nalguma tosca ermida ahi levantada na costa.

Anthony Knivet, citado por Capistrano, (An. á Hist. Brasil. Varnh.) diz, que — Etamariquá na lingua india é um sino; e que, nessa região arrebenta o mar tocado por vento forte de encontro aos cabeços dos arrecifes, fazendo uma toada tão suggestiva aos indios que passavam a designar essa região littoranea como a da "terra do sino".

Dada esta pequena interrupção no nosso esboço historico, volvamos a tratar da expedição Caboto que teve logo ao ahi chegar, conhecimento dessa feitoria de Pernambuco ou do rio de Pernambuco, como a chamaria cinco annos depois o Diario de Pero Lopes.

Apesar de Caboto dizer ter fundeado junto á costa da terra firme, em 8.º de latitude sul, e ser esta mais da boca do arrecife ou da barra do arrecife (P. Lopes, Diario, - e mappas 2a, 2b, 2c) do que depois serviria de porto á futura Marim ou Olinda, não nos devemos fiar em tal latitude incorrectamente calculada ao tempo desse navegador quinhentista, eivada de erros do observador, do instrumento e das taboas.

Senão, vejamos: relata Caboto, que mandou uma ca-

dia vieram de terra, a nado, ás naos Indios a perguntar-nos se queríamos brasil.

Sabado pela menhãa 4 de febreiro mandou o capitam I. a Heitor de Sousa, capitam da nao Sam Miguel que fosse a terra com o batel e com mer-

---

ravela em busca de agua doce ao rio de las Piedras ou das Pedras, rio que Reinel, Maggiolo, Viegas dão em cartographia do tempo, talvez como o Goyana. Podemo-lo ter como o rio Parahiba do Norte, ao qual outros navegadores e cartographos portuguezes nomearam - São Domingos. - Demorava este rio das Pedras, para Caboto, aos 7.° de latitude sul, em vez de aos 6.° e 58', e o cabo de Sto. Agostinho aos 8.° 30' em vez de aos 8.° 20' - 40" s; assim, descontado o mesmo erro com que dá a latitude do cabo, devemos suppor a do rio das Pedras, como approximadamente: 6.° e 49'. Dizia elle, que entre o Pernambuco por elle demandado e esse rio de las Piedras, ficava a meio caminho o rio das Virtudes. Este nome foi dado ao actual rio Goyana e não ao rio Igarassú baptisado com o braço que ladea a ilha por oéste - "Santa-Cruz" - por D. João III em 1535, e em cuja margem direita, desde a primeira expedição de Christovam Jaques, se sabia officialmente fundada uma feitoria portugueza, constante de uma casa fórte ou fortaleza, e óra com um feitor e doze moradores.

Na carta de D. Ribeiro (1529) se lê:

"Aqui tiene el Rey de portogal en pernãbuco una fatoria donde tiene mucha cantidad de bratil cogido para las naos q ban acargar".

Foi essa paragem, que Caboto chamou Pernambuco e Alonso de Sta. Cruz, no Yslario. báya

caderia, ver se poderia trazer algũa agua, de que tinhamos muita necessidade: e se tornou sem trazer agua, por lha nam querer dar a gente da terra. O capitam I. se passou a caravela Rosa, e se fez á vela no bordo do mar, para ir diante ao p o r-

de Pernambuco "do tienen los portuguezes um asiento que elles llaman factoria" e está "una pequeña isla da hasta tres leguas de largo y una de ancho habitada de yndios e algo esteril" e "algo alta llamada ysla de la Ascension". (Itamaracá). Vinha ahi ter o rio Igarassú futuro, o rio de Pernambuco de Pero Lopes ou de Sta. Cruz de D. João III, a partir de 1535; mas para Alonso de Santa Cruz, piloto da expedição cabotiana, passava este rio a ser o rio dos Monstros por, nessas aguas fluviaes, encontrar dez ou doze monstros marinhos de singular aspecto: — braços cahidos, mãos da fórma de pés de pato, corpo coberto de pellos, cabellos longos, aspecto delgado de corpo e que, ao saltarem á agua como rans, mostravam as trazeiras partes semelhantes as de monos e quiçá, com pelludas caudas. Outros monstros, tambem diziam os portuguezes da feitoria, ahi existirem, sob fórma de cavallo, de pernas curtas e aptas para a natação á maneira do "lobo marinho" ou "mananti" da Nueva España. Yslario - (A. Sta. Cruz)

Approximar-se-ia na semelhança mais com os vistos pelo notavel auctor do Yslario o que Filipe Cavalcanti, florentino, "senhor de engenho de açucar" no Brasil — descreveria em carta ao seu patricio Filipe Sassetti, em pleno seculo XVI, segundo o distincto escriptor J. Lucio de Azevedo (Rev. de Historia — 13.º Vol. pg. 113): "Mais

to de Pernambuco (10) fazer algũas cousas prestes para a armada. Eu fiquei com os outros navios surto; e ao meo dia tomei o sol em seis graos e hum terço. Em se pondo o sol me fiz á vela: e em levando a amarra me desandou o

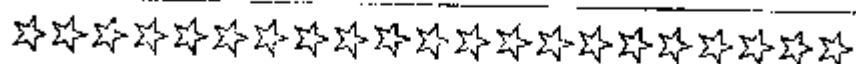
---

extraordinario ainda o animal que o piloto dizia ter visto empalhado e que pelos sinais lembrava o monstro Scila: de cão, a cabeça e o pescoço; ambas as mãos e os braços, de homem; peito e ventre, de peixe, e pés, de passaro".

Continuando: nessa feitoria houve Caboto dos christãos ahi residentes, as maravilhas de um rio muito distante ao sul — rio Solis — (de Sta. Maria ou da Prata), com affluentes navegaveis e caminho para as minas sobre serra, ou para as do sertão confinantes com a importante rede fluvial platina.

Deu-lhe então, Jorge Gomes, informações mais precisas para que buscasse ao sul do continente a baia ou o porto dos Patos aonde moravam dois companheiros de Solis desde 1516: Enrique Montes e Melchior Ramirez. Senhor de taes novas, a 29 de setembro de 1526 deixou Caboto o porto de Pernambuco, o velho, e com a sua armada navegou para o sul, com favoravel monção e levando em sua companhia a Jorge Gomes, da feitoria portugueza. Dobrou o cabo de Santo Agostinho com galerno vento, passou á vista da ylha de Santo Aleyxo junto da qual distinguiu o vulto de uma nau franceza. Chegou á vista de um rio que Medina diz ter sido baptisado por Caboto — S. Miguel, esquecendo o notavel historiador o testemunho dos portulanos Canerio, Cantino, Maggiolo, Turim (1523) e Reinel (Italia).

cabrestante, e me ferio dous homẽs; e tornei a virar com muita força, e arrebentei o cabre, e me fiz á vela: e mandei a Baltazar Gonçalves que levasse o farol; por quanto eu nam tinha piloto. E

✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡

Passado o rio Sam Miguel continuou Caboto a sua derrrota para o sul, emquanto por esses dias, poderes iam sendo dados em Portugal, a Christovam Jaques, conhecedor já desta costa brasileira, para substituir numa capitania ou capitanea, a Pero Capico que deveria embarcar para o Reino e podendo levar comsigo escravos e fazenda, obrigados de fiscalização e passagem pela Casa da India.

Do Tejo largou Christovam Jaques com uma nau e cinco caravelas, tendo por capitães dos seus navios Diogo Leite, Gonçalo Leite e Gaspar Corrêa. Em meiados de 1527 veiu a alcançar o porto de Pernambuco.

Trazia a sua armada prompta para as pelejas contra as naus francezas e tal demonstrava na sua organização militar como nas aventuras de guerra em que se haveria victoriosamente.

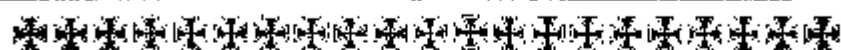
Chegado a - Pernambuco - havia de saber da passagem para o sul dos navios de Caboto e viria a fundar alguma outra, senão somente a consolidar, a "feytoria" por elle criada nessa costa, para Portugal.

Navegou a seguir com o littoral á vista, em busca da baia de todolos santos, aonde deu combate a navios corsarios francezes, á foz do Paraguassú, e depois, regressou á feitoria de Pernambuco, em 1528, com 300 prisioneiros francezes.

Essa seria a occasião em que D. Rodrigo d'Acuña, da armada de Jofre de Loaysa, tambem ahi viria aportar, após a sua Odysséa, que começada no rio Solis ou da Pra-

fomos no bordo do mar até o quarto da modorra rendido; e tornei a virar no bordo da terra.

Domingo 5 do dito mes barlaventeei o dia todo sem poder cobrar mea legua de costa; e ao

---

ta — e com escalas por Imbituba (de então, porto de D. Rodrigo), porto dos Patos, terras vicentinas, rio de Janeiro, baía de todolos Santos, naufragio nos baixos da costa alagoana aos quaes tambem deu o seu nome, veiu a ter termo, não ainda feliz, em terras de Pernambuco.

Escalando D. Rodrigo na ilha de Santo Aleixo, disse não haver ahí encontrado mais do que uma pipa de bolacha, farinha de trigo, fôrno e anzóes e nenhuma feitoria franceza, como por certo neste local julgaria existir a esse tempo, ou o historiador de la Roncière depois.

Chegado D. Rodrigo á feitoria de Pernambuco onde Christovam Jaques se achava em abril de 1528, solicitou passagem ao capitão portuguez para o Reino, o que lhe foi ostentosamente negado.

Substituido Christovam Jaques por Antonio Ribeiro e não podendo o bravo capitão realizar a sua idéa de colonização do Brasil exposta ao rei em 1529 e pelo dr. Diogo de Gouvea lembrada ainda e solicitada a seguir para outro pretendente D. João de Mello da Camara, vem-se a encontrar em decadencia a feitoria — ou feitorias talvez, - de Pernambuco. Uma entretanto, a unica que viria vingando no actual rio Igarassú, se achou tão desapercebida aos fins do anno de 1530 - dois mezes antes da chegada de Martim Affonso a Pernambuco -, que foi saqueada por um galeão da França e abandonada pelo seu feitor, Diogo Dias.

sol posto surgi em oito braças, por o navio Sam Miguel ser muito a julavento (20) de mim. A agua corria mui tesa ao nornoroeste.

Segunda-feira 6 de febreiro pela menhãa, nem

PERNAMBUCO

Cap. II
Mappas
2 a, 2 b, 2 c.
(pg. 106)

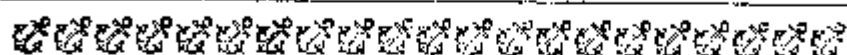
Eram as cousas chegadas a este termo, quando o capitão mór Martim Affonso avistava a 31 de janeiro de 1531 a costa de Pernambuco e aprisionava com Pero Lopes, na altura do cabo de Percaauri ou de — Pero Cabarigo (para alguns, corrupção, neste caso, de Pero Capico) — a primeira nau franceza (*A*), cujo capitão logo que viu perseguida a sua nau já bem atterrada, em embarcação ligeira se foi refugiar com sua gente menos um homem, no littoral proximo.

Demandando a armada de novo o cabo de Santo Agostinho, ao sul deste encontrou outra nau inimiga (*B*) que tambem apresou. Veiu a fundear ahi, pela primeira vez, em aguas brasileiras, na tarde desse mesmo dia.

Desse ponto, no - quarto da prima - ou no primeiro quarto, ao cahir da noite, e depois já dentro nella, velejaram sós as duas caravelas Rosa e Princeza sob o mando de Pero Lopes, na busca de provaveis naus inimigas mais para o sul, na ilha de Santo Aleixo.

Seguindo a este rumo e costeando a terra com resguardo, montou Pero Lopes com as duas caravelas a ponta de Mercauhipe, ainda não assignalada em portulanos, mas talvez já conhecida. Deveria esta ficar a umas 12 milhas ao sul quarta do sudoeste do cabo de Sto. Agostinho,

da gavia parecia o navio Sam Miguel ($_{21}$); estive surto, esperando até quinta-feira nove dias do dito mes, que me fiz á vela com o vento lessueste. Abarlaventeei o dia todo sem poder cobrar nada, por

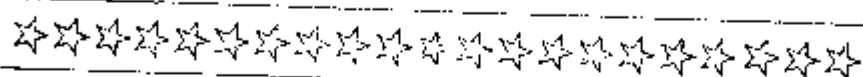
---

entre o porto hoje chamado - das Gallinhas - e o rio Serinhaem, tendo por marco, ao fundo "serra sellada." Ha por essa altura, ainda hoje, uma povoação e ponta chamadas Maracahipe -, quasi onde se mostra a dita ponta que Pero Lopes não assignalava por passa-la certamente á noite.

Sondando sempre veiu Pero Lopes até o quarto d'alva, para, por fim, fundearem as caravelas, a meia legua ao mar da ilha de Santo Aleixo, em fundo de 12 braças de areia grossa.

Pouco depois de ancoradas, em rompendo o dia, viram os seus tripulantes velejar amarada, cousa de milha e meia para duas milhas, outra nau inimiga, na volta do norte. Pero Lopes suspendeu os seus navios e rumou-os ao sul, ganhando barlavento, emquanto a terceira nau avistada (*C*), forçava de vela.

Foram as duas caravelas, duas horas ou "quatro relogios de area", nesse rumo - pois eram as ampulhetas antigas reguladas para meia hora - - e depois rumaram ao nórte e tão bem barlaventeadas andaram que, ao meio dia, estava a primeira, em que ia Pero Lopes, a cerca de sete milhas da esteira da nau franceza e, a outra caravela portugueza, a cerca de tres milhas e meia da esteira da de Pero Lopes.

Passaram á vista do cabo de Santo Agostinho e, notando Martim Affonso do sul deste cabo aonde ancoravam os seus navios, a caca em que andava empenha-

correrem as aguas muito ao dito rumo. A agua nos ía faltando, de que sentiamos muito trabalho.

Sesta-feira 10 do dito mes, até quarta-feira quinze do dito mes de febreiro, com muito traba-

do o seu irmão, deu de vela com a nau Sam Miguel, o galeão Sam Vicente e a nau franceza (*A*), tomada na vespera. Deixou pois, no fundeadouro ao sul do cabo de Santo Agostinho, a sua Capitanea e a nau franceza (*B*) na vespera tambem apresada.

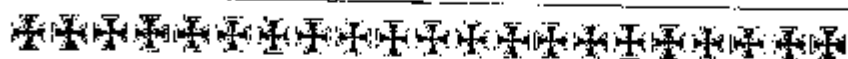
Era com pouco barlavento Martim Affonso para se pôr na caça, e não Pero Lopes que proseguiu nella com ardor, para, a "uma hora de sol" chegar á perseguida nau franceza (*C*), atirar-lhe dois tiros, e mais, antes que anoitecesse, tres tiros de camelo, e, por tres vezes, toda a outra artilheria.

Refrescando muito o vento do lessueste e portanto, soffrendo corrente forte deste rumo; sobrevindo a noite e pelejando as caravelas contra a nau, com bordadas seguidas e ao mar; foram ellas descahindo ao noroeste e ao norte, até que após dia e meio ou 36 horas da partida da ilha de Santo Aleixo, se rendeu a nau franceza (*C*), não deixando de combater heroicamente de sol a sol e de metter 32 tiros na caravela de Pero Lopes.

Ao fim do combate naval chegava ahi Martim Affonso só com a nau S. Miguel e a nau apresada (*A*), uma vez que durante a sua navegação desgarrara o S. Vicente e arribara ao porto de Pernambuco.

Abordada a nau inimiga (*C*) carregada de pau brasil, armada de muita artilheria e "outra muita muniçam de guerra", entregaram-se os combatentes francezes - diz o Diario - por falta de polvora para proseguimento da peleja naval.

lho cobramos hũa legua de costa, e surgi á boca de hum rio para tomar agua, e me fazer na volta de Guiné; porque o longo da costa nam podiamos cobrar, e os ventos suestes e lessuestes ventavam

---

Este facto se passava a 2 de fevereiro de 1531, dia consagrado á N.ª S.ª das Candêas —, motivo por que Pero Lopes baptisou a nau com o mesmo nome. Neste dia como prisioneiros eram recolhidos os francezes da dita nau pela do capitão mór. Reunidos assim estes navios em epoca de monção do sueste - portanto tendo elles abatimento para o noroeste, para onde rilhava a corrente - achavam-se os mesmos a 3 milhas folgadas da costa que corria ao nornoroeste sussueste da agulha. Era marcada com barreiras vermelhas ao longo do mar, e, no mais "toda chãa e chea de arvoredo", e della vieram a nado indios perguntar-lhes se queriam "brasil" ou pau brasil, costume praticado por elles com os francezes.

Seriam esses indigenas os caetés, ainda habitantes da costa pernambucana até o rio das Pedras (Goyana ou Parahiba?), bons marinheiros e nadadores, ou os pitiguares que com esses confinavam para o norte - e futuros alliados dos francos contra os lusos?

Para nós, taes mercadores de brasil, deveriam de ser, nessa altura, os da nação pitiguar, moradora do futuro rio Parahiba até o futuro Rio Grande do Norte, em epoca tambem muito chegada á que estudamos.

Alem d'isso, dá-nos Pero Lopes no Diario, a latitude do ponto alcançado: 6.º e 20' sul, altura do actual rio Cunhaû; mas - as suas melhores latitudes, e são raras - apresentam sempre erros de uma folgada dezena de minutos. Diz ainda Pero Lopes: correr a costa nesse ponto

ja mui tendentes, que nesta costa ventam desde fevereiro até agosto.

Quinta-feira 16 de febreiro no quarto d'alva ventou da terra hum pouco de vento com que me

alcançado pelos navios, ao nornoroeste - sussueste, se bem que por suas imperfeitas agulhas, e, haver nella, "barreiras vermelhas". Ora, barreiras vermelhas, de accordo com roteiros e cartas, se encontram no sector da costa de Itamaracá para o norte, em differentes pontos: quatro, ao sul do rio Parahiba entre 7.º e 10' e 7.º e 23 minutos, aonde o littoral corre norte - sul com alguma tendencia ao leste; e, mais ao norte deste rio, em orientação mais conforme ao Diario, na bahia da Traição, em 6.º 40', o que coincide com ser o ponto extremo ao norte das terras doadas a 1 de setembro de 1534 ao capitão Pero Lopes de Sousa de uma "capytanya dos bytygares" ou melhor, dos indios pitiguares. Viegas dá a essa mesma b. da treiçam a latitude de 6.º; Reinel dá-lhe a de 7.º, enquanto a carta moderna, como dissemos, a de 6.º e 40', mostrando um accrescimo de 20 minutos sobre a latitude de 6º - 20' dada por Pero Lopes do ponto septentrional do Brasil, então por elle alcançado.

Mais ao norte da citada bahia e ao sul do futuro rio Grande do Norte, haveria a considerar ainda a existencia de outras "barreiras vermelhas" futuramente nomeadas — barreiras do Inferno. Mas, é bem de suppor assim, haver a expedição alcançado as "barreiras vermelhas" além do rio das Pedras (Parahiba?), barreiras da bahia da traição ou da treiçam do indio pitiguar, já truncada de nome no portulano dos Reinel e assim reproduzida nos da Riccardianna e de Weimar.

fiz á vela, e duas leguas ao mar me acalmou. Surgi em fundo de quinze braças; e ao meo dia se fez o vento leste, e com elle me fiz á vela no bordo do

---

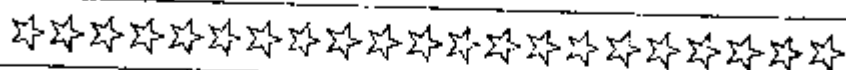
Nella se achando parte da armada e procurando velejar com o vento do sueste, haveria de abater para o noroeste, isto é, sempre para a costa; até que no dia 4 de fevereiro, Martim Affonso se passasse para a caravela Rosa e se fizesse de vela, no bordo do mar, "para ir diante", como quem diz ao sul - ao porto de Pernambuco, e não ao rio de Pernambuco, como o Diario distingue por vezes.

Assim, na primeira citação, tratar-se-á do "furo do mar" ou da "barra do arrecife" em fundeadouro da futura Marim ou Olinda, fundeadouro hoje reconhecido consultando-se o "Roteiro de todos os sinais" (B. da Ajuda) ou mesmo a carta de João Teixeira "Perspectiva do Ressife de Olinda" (Razão do Estado do Brasil) - desenhada cerca de cem annos depois da expedição affonsina, e onde vem a ser assignalado não bem "o porto velho de Sto. Antonio — mas "o surgidouro velho."

Na segunda citação - rio de Pernambuco -, dever-se-ia ver o actual - rio Igarassú - aonde se fundara "feytorya" e a carta de doação de D. João III a favor de Pero Lopes mandava collocar um padrão a 10 passos da casa da feitoria que "de principio fez Christovam Jaques pelo rio dentro, ao longo da praia", ou ainda, onde, como reza a doação feita a favor de Duarte Coelho em 10 de março de 1534, "Christovam Jaques fez a prymeira casa da minha feytorya e a cyncoenta passos da dita casa da feytorya pelo rio a dentro ao longo da praya".

sul. No quarto da prima se me fez o vento nordeste, que nos era mui largo.

Sesta-feira 17 do dito mes fomos surgir defronte do porto de Pernambuco, em fun-

---

A este rio, como ao braço de mar que separa do continente a ilha Ascensão (Itamaracá), foi que D. João III nomeou, nessa carta de doação, rio de Sta. Cruz; e o porto que ahi se pronuncia, para Pero Lopes do rio de Pernambuco, é o que pouco depois passaria a ser conhecido pelo "porto de pernambuco, o velho". — (Regimento de conesensa da costa do brazil - 1540 - M. Britannico).

Ficou Pero Lopes com os seguintes navios após a partida para o sul da caravela Rosa ao mando de Martim Affonso: as naus apresadas *A* e *C*, a nau S. Miguel e a caravela Princeza, uma vez que o galeão S. Vicente desgarra, como dissemos, durante a caça á nau *C*.

Mappa 2 c.

Estariam ainda ao sul do cabo de Sto. Agostinho a Capitanea, e a nau apresada (*B*), deixadas ahi por Martim Affonso, ao partir em ajuda de Pero Lopes na perseguição da nau (*C*) apresada na altura, parece, da bahia da Traição?

Não: haviam ído á feitoria do rio de Pernambuco (ou do futuro rio Igarassú), a qual dois mezes antes fóra saqueada por gente de um galeão da França, talvez mesmo por alguma dessas náos óra aprisionadas, obrigando á fuga o feitor portuguez Diogo Dias, numa caravela com destino a Sofala e provavel escala no rio de Janeiro.

Desse rio de Pernambuco seguiram a Capitanea e a nau (*B*) para o porto de Pernam-

do de 15 braças. D'esd' o porto de Pernambuco até o cabo de Percaauri, como passares das quinze braças, he fundo sujo. Aqui achamos a nao Capitaina e o galeam Sam Vicente,

---

buco - mais ao sul daquelle rio e na proximidade da aberta ou "barra do arrecife" no fundeadouro proximo á futura Olinda ou Marim. Existiria ahi alguma outra feitoria?

No Diario não se colhe a informação desejada.

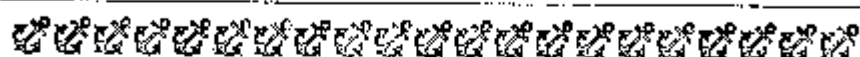
Sabe-se entretanto, ter sido a feitoria do rio de Pernambuco (Sta. Cruz, Igarassú), fundação devida a Christovam Jaques, na expedição de 1516.

Aonde pois, se deverá localizar essa outra "feytoria" (Documento, Torre do Tombo - Lusitania, Vol. III J. de Freitas) dada como de existencia anterior ao descobrimento official do Brasil e tambem, parece, á viagem de Duarte Pacheco Pereira em 1498? (Esmeraldo de Situ Orbis).

Tanto Caboto em 1526, como Pero Lopes em 1531, assignalam a existencia de uma unica feitoria na costa de Pernambuco, como em 1529 Diogo Ribeiro e em 1535 Juan de Mori, um dos companheiros de Simão de Alcazaba. Juan de Mori dizia que "oitenta leguas" (da bahia de Todos os Santos) "dahi pela costa adeante tinha el Rei de Portugal uma fortaleza donde lhe levam o brasil — que se chama Pernambuco — onde residiam oito ou dez pessôas que esperavam de Portugal uma armada" certo, a de Duarte Coelho, destinada com a gente que trouxesse "a povoar aquella costa".

Alonso de Sta. Cruz, no Yslario, a esta feitoria se refere, como dissemos, e Martim Affonso a ella levou do porto de Pernambuco onde se achava e a uma casa de feitoria que ali, e portanto mais ao norte, no

e a nao (22) de França que tomamos no arrecife do cabo de santo Agostinho, e me disseram como nam tinham novas do capitam I; senam que o dia d'antes viram hũa vela ao mar, que ia no

---

Rio de Pernambuco existia, todos os doentes, seis parece, da sua armada e os quaes não convinha proseguissem na viagem para o sul. Com ella annos antes Caboto travou conhecimento, para nos dizer com o seu piloto Alonso de Sta. Cruz, ter ali encontrado um feitor e doze christãos, um dos quaes, Jorge Gomes, lhe veiu a servir de guia ao porto dos Patos e ao rio Solis ou da Prata, ao sul do continente.

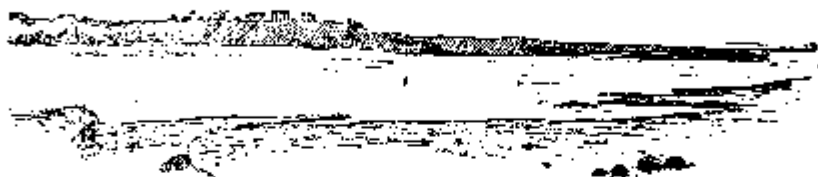
No capitulo VII que completa este trabalho, para não interrompermos, neste passo, o estudo do Diario, maior largueza daremos á analyse deste ponto importantissimo, para o qual abrimos espaço quando já tinhamos o nosso texto prompto a ser impresso.

Volvendo ainda aos navios sob o mando de Pero Lopes, acompanhemo-lhes as singraduras.

Chegados, como vimos e nos parece, até a altura das "barreiras vermelhas" da bahia da Traição, dita nos Reinel (Paris) abaia de pitiaçua de treyçam e em Maggiolo (1519) - abadias, ou corregindo essas designações, e explicando-as: - a bahia onde o pitiguar commetteu traição contra anteriores navegantes - procuraram todos esses navios, ora ao mando de Pero Lopes, velejar contra a monção do sueste que soprava.

Na noite de 4 de fevereiro, amararam-se a principio, alterraram-se depois.

A nau S. Miguel, mandada por aguada á foz de um rio onde indios se recusaram a dar-lha, descae tanto com

bordo do sul; e me disseram que foram ao Rio de Pernambuco (23); e como havia dous meses que ao dito rio chegara hum galeam de França; e que saqueara a feitoria (23); e que roubara toda a

o vento e a correnteza, que é perdida de vista, crêmos, para o norte e para não mais poder unir-se ao resto da armada. Suppõe-se, tenha regressado a Portugal.

A correnteza vindo muito rija do sueste tocada por vento deste quadrante, impellindo assim os navios para o noroeste, ia-lhes difficultando a manobra e navegação para o sul.

Tres dias esperou, todavia, Pero Lopes pela nau S. Miguel desgarrada, até que, fazendo-se mais largo o vento, ao lessueste, mandou que barlaventeassem todo o dia os navios, então luctando com as aguas a arrasta-los para o oesnoroeste. Assim mesmo, logrou vencer uma legua de terra e fazer aguada em um dos rios que se lançam ahi na costa.

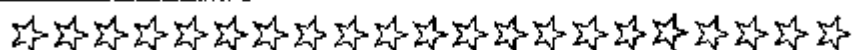
Se descahiu para o noroeste primeiro, e depois logrou uma legua mal calculada da costa, deveria de ser esse rio buscado para aguada, o - Mamanguape; se logrou uma legua mal calculada de terra, em ponto mais ao sul, talvez tomasse agua á fóz do Meriripe ou Meriri, senão do proprio Parahiba; o que, entretanto, pensamos, assignalaria com certa evidencia, uma vez que este rio já era conhecido na cartographia quinhentista, parece, pelo rio das Pedras (Caboto).

fazenda que nelle estava delRei nosso senhor; e que o feitor do dito rio (24) era ido ao Rio de Janeiro, n'hũa caravela, que ia para Çofala. E achei sete homẽs da nao Capitaina mortos, que se affogaram na barra (25) do arrecife.

Não cremos chegasse Pero Lopes mais ao sul deste, mas se tal acontecesse, quantos rios mais não teria elle para se abastecer de aguada como os actuaes Gramane, Grahú, Abiahi, mesmo o das Virtudes?!

Apesar de Pero Lopes ter que ahi velejar com os seus navios, em avanços e recuos, se vê bem pelo que argúe, como já elle era nesse sector maritimo, bom conhecedor dos ventos em differentes estações. Porque diz o Diario: os ventos do sueste e do lessueste sopravam "já mui tendentes, que nesta costa ventam desde febreiro até agosto."

Dizem os roteiros, que os ventos nessas paragens em fevereiro, março e abril sopram do lesnordeste para o lessueste, mais fortes que na estação precedente; e de maio a agosto do sueste e do sussueste, descendo com mau tempo até o sussudoeste, quando trazem mar grosso ao longo da costa, chuvas abundantes, trovões e relampagos. As correntes acompanhando esses ventos, fazem-se sentir tanto mais fortes quanto mais perto do littoral e em logar de pouco fundo.

Tomada a agua, como pensamos, á foz do rio Mamanguape, largaram os navios de Pero Lopes com o terral que ás vezes sopra até 60 milhas da costa, mas que, cedo, nesse dia, 16 de fevereiro, calmou. Quando já pensava o nosso capitão ir na volta da Guiné, por não lhes ser favoravel a monção, soprou vento do leste e com elle se fizeram ao sul,

Sabado 18 do mes de febreiro vimos a caravela, em que vinha o capitam I. que barlaventeava com o vento nordeste, quatro leguas ao sul de nós. De noite se fez o vento mais ao mar, e man-

montando sem accusar, e só então, o cabo do Spichell, o actual cabo Branco. Depois, como se fizesse sentir o vento do nordeste, melhor velejaram passando ao largo dos pontos então assignalados em cartographia coeva, como o rio das Virtudes (o Goyana), e, em roteiros, como a ilha Ascensão (Itamaracá) a cuja sombra e no rio pouco depois chamado Santa Cruz (o Igarassú), ficava a feitoria portugueza por Pero Lopes chamada do rio de Pernambuco.

Rumando ao porto de Pernambuco mais ao sul, ahi, defronte delle, fundeou Pero Lopes os seus navios, em 15 braças de fundo.

Neste porto de Pernambuco já se encontravam o galeão S. Vicente que havia desgarrado durante a caça de Martim Affonso, e mais: a nau Capitaina ou Capitanea e a nau *B* tomada aos francezes no cabo de Santo Agostinho. Alem destes, como vemos, ficavam ahi fundeados os navios de Pero Lopes, a saber: as naus apresadas *A* e *C*, e a caravela Princeza. Da nau S. Miguel, menos feliz que o galeão S. Vicente, para sempre desgarrada na bahia da treiçam e perdida para as paginas e chronicas do seculo, não poude aos mais dar novas, nem as teve della; mas do Capitão Irmão Martim Affonso, soube que viram velejar um dia antes, ao sul do porto, a caravela Rosa a cujo bordo andava o capitão mór, e certamente ordenando tal manobra para ganhar barlavento, afim de poder deman-

dei ás naos que fizessem fogos nas gavias, para poder vir o capitam I.

Domingo se fez o vento lessueste, e com elle veo a caravela, em que vinha o capitam I. e lhe

dar esse porto de Pernambuco, de onde Pero Lopes lhe fazia signaes das gaveas dos navios ahi fundeados.

Effectivamente: dois dias após essa occorrencia, o capitão mór na caravela Rosa ahi vinha surgir, para de todos receber as principaes noticias:

1.ª) de ter sido saqueada dois mezes antes da chegada da sua expedição ao Brasil, a feitoria do rio de Pernambuco por um galeão de França cuja gente ali tomara toda a fazenda do rei;

2.ª) da fuga do feitor da dita feitoria: Diogo Dias;

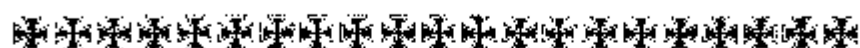
3.ª) de como neste porto de Pernambuco, defronte do qual vinha de aferrar, se haviam afogado sete homens da nau Capitanea, na barra do arrecife, citação que faz Varnhagen accrescentar: "talvez na paragem que desde essa occasião se ficou denominando — dos Affogados"; dá-nos assim, o grande historiador o seu pensamento de ser ahi, nas proximidades da barra do arrecife ou do fundeadouro da futura Marim ou Olinda, o chamado por Péro Lopes - porto de Pernambuco - defronte do qual estava a armada surgida;

4.ª) do desgarro da nau S. Miguel, do commando de Heitor de Sousa, havia já oito dias.

Resolveu logo o capitão Irmão:

1.º) ir á feitoria do rio de Pernambuco (futuro rio Igarassú);

demos conta como o navio de Heitor de Sousa se havia apartado de nós, oito dias havia (26) : e o capitam I. foi ao Rio de Pernambuco (27); e mandou levar todolos doentes a hũa casa de fei-

---

2.º) para o dito rio de Pernambuco transportar "todolos doentes da sua armada, a hũa casa de feitoria que ahi estava", certo, a abandonada por Diogo Dias: estes homens enfermos a bordo, deveriam de ser depois os defensores da feitoria contra as forças de desembarque da nau "La Pèlerine";

3.º) mandar que "fossem descobrir o rio do Maranham" - descobrir, diz o Diario - as duas caravelas Rosa e Princeza, ao mando de Diogo Leite, satisfazendo assim um dos fins da expedição de 1530 e, tão importante, quanto o da posse do rio de Santa Maria;

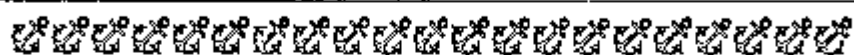
4.º) carregar de pau brasil uma das naus apresadas (*A* ou *B*), senão a que fôra tomada com essa carga e uma das quaes poderia bem ser - "La Michelle" - segundo Capistrano - (An. á Hist. Brasil. Varn. pg. 172); e mandala, commandada por João de Sousa a Portugal, com auspiciosas noticias para D. João III; (Documentos :carta de Manoel Alpoim);

5.º) queimar uma dessas naus (*A* ou *B*) apresadas;

6.º) dar a Pero Lopes o commando da nau *C*, tomada a 2 de fevereiro na altura, pensamos, da bahia da Traição, e baptisada Nossa Senhora das Candêas, por ser esse o santificado dia em que se ella rendera.

Novas ordens daria o capitão mór á armada, e agora, outra vez no fundeadouro defronte ao porto de Per-

toria, que ahi estava (27). Daqui mandou o capitam I. as duas caravelas (28), para que fossem descobrir o Rio do Maranham; e mandou João de Sousa a Portugal em hũa nao, que

---

nambuco, após os navios terem "tomado agua e outras cousas de que tinham necessidade para a viagem".

De que posto de abastecimento então, elles ahi disporiam, uma vez que deixavam de aprestar-se aonde existia a feitoria do rio de Pernambuco, para o virem fazer nesse porto mais ao sul?

O Diario, além daquella phrase, outra tem que revela a mesma vontade do capitão mór, quando este parte da altura da bahia da Traição, para vir na caravela Rosa, ao porto de Pernambuco "fazer algũas cousas prestes para a armada".

Contaria Martim Affonso, neste porto, com outros recursos, apesar de nomear Pero Lopes, no Diario, como feitoria unica a do rio de Pernambuco?

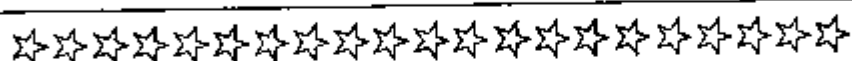
Haverá fundamento nestas palavras — uma vez que se não tome o cabo de Percaauri pelo cabo de Pero Cabarigo, assignalado depois onde o locámos nos mappas 2a, 2b e 2c, e por dizer-se no pontal de Olinda haver morado Pero Capico com gente portugueza? (Hist. Col. Port. Vol. III, pg. 289).

Pelo Diario nada se pode esclarecer a respeito, e sim, que feito ali esse descanso, seguiram deste porto de Pernambuco: em fins de fevereiro de 1531 a "descobrir o rio do Maranham", as duas caravelas, ao mando de Diogo Leite; para Portugal, uma nau franceza apresada, commandada por João de Sousa; e em expedição para o sul, a 1.º de março, o capitão mór com os seguintes

de França tomaramos; e a outra nao mandou queimar. Despois de termos tomado agua e outras cousas, de que tinhamos necessidade para a viagem, nos fizemos á vela com o vento lesnordeste.

Sesta-feira (29) primeiro dia do mes de março, com tres naos; sc.: a nao Capitaina; e o galeam Sam Vicente, de que era capitam Pedro Lobo Pinheiro; e em outra nao de França, que tomamos,

Cap. III
Mappa 3

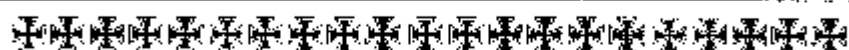
✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫

navios: nau Capitanea, nau N.ª S.ª das Candêas e galeão S. Vicente, respectivamente mandados por Martim Affonso de Sousa, Pero Lopes de Sousa e Pero Lobo Pinheiro (Vide nota 29).

PERNAMBUCO - - BAHIA DE TODOLOS SANTOS

Continuando a navegação para o sul - primeiro, ao sul, e depois, ao sul quarta do sueste da agulha, Martim Affonso veiu na policia da costa do pau brasil. E, como tal, mandava, uma vez montado o cabo de Santo Agostinho, o galeão S. Vicente, por mais artilhado que as naus, corresse com a costa a ver se no arrecife de Sam Miguel havia embarcações inimigas. Regressou no dia seguinte o galeão dando noticia de que no citado arrecife não havia naus. Marcavam, dia 2 de março de 1531, ao meio dia, por latitude da armada 9.° e 30' sul.

Cap. III
Mappa 3

A carta dos Reinel dando-nos o rio de Sam Myguell aos 9.° 50' sul, e a de Viegas aos 10.°, assignalam-no aonde é o littoral muito semeado de arrecifes, o que levaria Pero Lopes a citar por essas paragens o arrecife de

ia eu, a que puz nome — Nossa Senhora das Candeas (30) — pela tomarmos no mesmo dia de Nossa Senhora: e com o dito vento faziamos a caminho ao sul, e a quarta do sueste. Mandou o capitam I. ao galeam Sam Vicente que se chegasse bem a terra, até ver se no arrecife de Sam Miguel (31) estavam algũas naos.

Sam Miguel na proximidade assim, do rio de sam miguell desse tempo, provavelmente o actual Camaragibe.

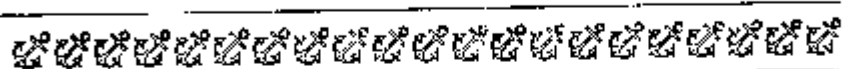
O portulano Canerio (1502) dava esta região ou o rio, como Sam Michel, e os portulanos de Maggiolo tambem: o de 1519, S. Miche; e o de 1527, Tera de S. Michele. Em 1505, o "Esmeraldo" ahi assignalava a aguada de sam miguel, o que demonstrava ser esse local procurado pelos primeiros navios exploradores da costa brasileira, para abastecimento de agua doce.

Seriam pelo correr de 1530, habitantes dessa zona costeira lindada pelos rios Parahiba e S. Francisco do Norte, os caetés - tidos por Gabriel Soares, mais tarde, como "de côr baça, muito bellicosos e guerreiros e muito atreiçoados", "grandes musicos, amigos de bailos, grandes pescadores de linha e nadadores" - e com identica lingua á dos tupinambás. Serviam-se elles de uma embarcação typica, "feita de palhas compridas como a das esteiras da tabúa" apertadas umas de encontro ás outras "com umas varas como vimes a que chamam timbós".

Nella embarcavam 10 ou 12 indios, destros no remo, e muitas vezes vinham á guerra contra os tupinambás no rio Sam Francisco. Construiam tambem embar-

Sabado pela menhãa chegou o galeam a nós, e nos disse como no a r r e c i f e nam havia naos. E ao meo dia tomei o sol em nove graos e meo.

Domingo 3 dias de março faziamos o caminho do sul e a quarta do sudoeste; e ao meo dia tomei o sol em des graos e hum quarto. A' tarde nos de-

---

cações maiores e do mesmo typo, e com ellas affrontavam o mar largo, ou vinham em geral ao longo da costa bahiana com mais efficiencia "fazer os seus saltos aos tupinambás", cincoenta leguas ao sul do extremo da costa pernambucana aonde estes estanceavam.

Era nesse sector maritimo da costa ainda o em que navegavam os tres navios de Martim Affonso em demanda da b a i a d e t o d o l o s S a n t o s e trazendo terra á vista. Desde a sua partida do p o r t o d e P e r n a m b u c o, a 1.° de março de 1531 veiu, como vimos, o capitão mór acompanhando a orientação costeira nos rumos do sul e do sueste da agulha, para depois navegar no quadrante do sudoeste e deixando por boreste os seguintes pontos conhecidos ou assignalados na carta quinhentista:

O c a b o P e r c a a u r i, cremos, o futuro P e r o d e C a b a r i g o ou Pero Cavarim; o r i o d o e x t r e m o para os Reinel parece, o Capibaribe ou o Bibiribe actuaes, mas segundo Viegas em 1534 - o Jaboatão, por o dar entre o c a b o p e r c o a r i ou p e r c a a u r i e o c a b o d e S a n t o A g o s t i n h o ou S a n t a g o s t.°, aliás como ainda em 1655 o dará Mariz Carneiro, no seu Regimento de Pilotos. (fls. 5): este rio, pensamos tambem tivesse sido o nomeado Sam Sebastiam, em 1506, por Tristão da Cunha, quando de viagem para a India (Castanheda cap. 30 L.° II.°);

ram duas trovoadas, hũa do norte e outra de lessueste, com muita agua e vento: e toda a noite andamos amainados, com muitas trovoadas: e com os mores pés de vento, que eu até entam tinha visto.

O cabo de Santo Agostinho ou o Fremoso (Reinel);

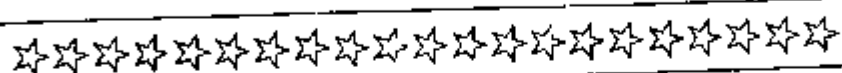
A pta. de Mercauhipe, talvez já conhecida, mas não assignalada;

A ylha de santo alexo ou de Santo Aleixo; os rios prymeyro e segumdos, de accordo com Reinel, Riccardianna, Viegas, assim como outros rios locados entre a ilha de Santo Aleixo e o rio de Sam Myguell ou migell, este, o Camaragibe, e não outro com identica designação hoje posta mais ao sul.

Seriam os rios prymeyro e segumdos os actuaes Serinhaem, Formoso ou Una; ou o Persinunga ou o rio dos Pães? E o rio alagado dos Reinel, ou o rio delago ou da lagua dos portulanos Weimar e Turim, será o Mandahú ou mesmo, o Parahiba, ambos a desaguarem em lagoas vizinhas á actual bahia de Jaraguá?

Segundo Gabriel Soares, não muito tempo decorreu - cinco decadas talvez - para desapparecerem os nomes destes tres rios, e novos nomes de baptismo, destes e de outros pontos se fizeram conhecer. Assim, para somente melhor encaminharmos a investigação do sector estudado, aqui deixaremos as seguintes identificações: o rio do Cabo (o Suape); o Ipojuca; o porto das Gallinhas; a ponta de Mercauhipe; o rio Maracahipe; o rio Serinhaem; ylha de Santo Aleyxo; os rios Formoso e Una; o porto das Pedras (a Barra Grande actual na altura do pontal do An-

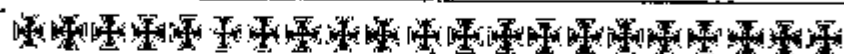
Segunda-feira quatro dias de março pela menhãa nos tornou a ventar o vento leste até o meo dia, que nos deu hûa trovoada com muito vento e pedra; e como passou ficou o vento em calma; e de noite tivemos muitas trovoadas de todolos rumos.

Terça-feira 5 do dito mes se nos fez o vento

tunes ou o porto Calvo); o rio Camaragibe ou Camaragipe
(o S. Miguel, em 1531, e cujo nome ainda ahi é assi-
gnalado na povoação ou villa alagoana S. Miguel dos Mi-
lagres; o rio Santo Antonio mirim; o porto velho dos
Francezes, (o de Maceió); o rio da Alagoa (o Mandahú
ou o Parahiba, desaguando respectivamente nas lagoas Nor-
te e Manguaba, vizinhas á bahia de Jaraguá); um rio S.
Miguel, não mais o sam myguell (Reinel) nem
onde seria a aguada de sam miguel de Duarte
Pacheco, (Esmeraldo Situ Orbis); o porto novo dos Fran-
cezes, na altura do actual rio Jiquiá; o rio Sapetiba (o Po-
xim); e o grande rio São Francisco, assim ainda
hoje nomeado.

Tal se daria por cincoenta annos depois da expedição
de Martim Affonso, cuja derrota dos tres navios continua-
remos a estudar e, tomando-os agóra em parallelo compre-
hendido entre a Recife de Sam Miguel, agua-
da de Sam miguel ou Rio de Sam myguell
antigo — o Camaragibe actual —, e as serras de san-
to antonyo. São estas assignaladas nas cartas dos Rei-
nel em 10.° de latitude, na de Viegas em 10.° e 10', e no
Diario de Pero Lopes ora em 10.° 45', como neste passo,
ora, quando este navegador de regresso a Portugal, na
proximidade de 9.° 45' sul, desde que se accrescentem á la-

lessueste; faziamos o caminho ao sulsudoeste: e ao meo dia tomei o sol em des graos e tres quartos: demoravam-me as serras de santo Antonio (32) a loeste: fazia-me delias treze leguas.

Quarta-feira seis dias do dito mes andamos em calma até á noite, que toda a passamos com muitas trovoadas de vento e relampados.

---

titude do meio dia de 3 de agosto de 1532, quinze minutos ou milhas já navegadas do sul para o norte. Vê-se, pois, justificando o que affirmámos, que estas serras ficariam e ficam ao sul do que chamavam: rio de sam myguell (Reinel), a Recife de Sam Miguel (P. Lopes), aguada de sam miguel (Esmeraldo). Dão-nas as cartas modernas como se desenvolvendo entre 9.° 20' e 9.° 25' sul.

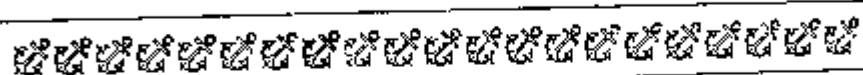
Soffreram os navios por essa altura, no Atlantico costeiro, alternadamente: calma, pés de vento, trovoadas e chuvas de pedra.

Entre esse ponto e a foz do rio São Francisco ou sam frco. (Reinel), ou talvez mesmo, a foz do Vaza-barris moderno, novos contrastes de vento castigaram os navios sempre no quadrante do sueste e tomando para o sul, acompanhados com mangas d'agua, trovoada e raio.

Esta mudança meteorologica já citámos no anterior capitulo, como propria a essa região nessa epoca do anno e pronunciando-se, por vezes, até o quadrante do sudoeste.

Trazendo muito mal calculada a latitude para o dia 11 de março, ainda assim se identificará que a "aguagem de grande escarcéo" ou macaréo em que deram, fôra no parallelo da foz do rio sam Francisco. Verdade é, que mais ao sudoeste haveriam de cruzar com as aguas da em-

Quinta-feira ao meo dia se fez o vento sueste; faziamos o caminho do sulsudoeste. De noite, no quarto da modorra, nos deu hũa trovoada do norte com tanta força de vento, que se me nam quebrara a verga do traquete em tres pedaços, de todo foramos soçobrados.

---

bocadura do actual Vaza-barris, que tambem chama na sua foz "a agoa a si com muita furia, principalmente, em tempo de travessia" — diz Mariz Carneiro, no Regimento de Pilotos. Já a seguir haviam de passar os navios ao largo do porto Real, assim chamado nos portulanos de Canerio, Maggiolo, Diogo Ribeiro e no Esmeraldo de Duarte Pacheco. Tambem como Rio Real, se o teria já em portulanos dos Reinel, da Riccardianna, de Maggiolo (1519) e, logo a seguir ao regresso da expedição de Martim Affonso a Portugal, no de Viegas, em 1534.

Nesta costa notava-se quanto á toponymia coeva aos portulanos de Canerio, Cantino, Maggiolo, Riccardianna, Turim (1523) e a um dos Reinel, o rio do Pereyra entre o rio Real e o Vazavares ou Vaza-barris; zona costeira, em que tambem os portulanos Reinel, Turim, Riccardianna, e depois Viegas, davam o rio das Canafystolas. Segundo Gabriel Soares, seria este o proprio rio do Pereyra.

Cremos tambem que o Vaza-barris de hoje não haja sido o mesmo Vazavares ou Vaza-barris (Reinel) —, e que os outros dois rios, do Pereyra e das Canafystolas, se realmente dois, se poderiam ter, ao tempo de Pero Lopes, como os actuaes Japaratuba e Cotinguiba. Tambem se poderia te-los respectivamente como Irapiranga e Sergipe actuaes por lhes attribuirem os portula-

Sesta-feira oito dias do mes ao meo dia tomei o sol em onze graos e seis meudos (33). A' tarde nos deu hũa trovoada de muita agua; e entre as naos se fizeram duas mangas, de que os marinheiros houveram mui gram medo, por no mar ser cousa mui perigosa.

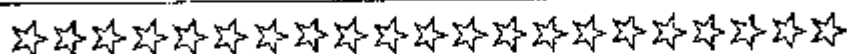
nos latitudes mais meridionaes que a do Vaza-barris que elles formam e mais septentrionaes que a do Rio Real. Segundo argue Gabriel Soares, antes de 1587, houve duas enseadas conhecidas por Vaza-barris: uma, talvez na foz do Japaratuba ou na do Cotinguiba, e outra, em tempo menos remoto, na confluencia do Irapiranga com outros rios, os quaes, todos, formam hoje o rio Vaza barris que desagua na enseada deste appellido.

Ao mar delle deveria de ter naufragado o notavel auctor do Tratado Descriptivo do Brasil.

Ainda ao tempo de Martim Affonso e Pero Lopes se conheceriam neste littoral estudado, os seguintes rios: Sam geronymo, da duvida; e em Canerio já, e em Maggiolo: o do mezo ou do mieso; — rios, que só poderão ser dos muitos que se ahi hoje conhecem até a ponta do Padram — o cabo de Sto. Antonio, na Bahia; a saber: Itapicurú, Tarari, Inhambupe, Massahi, Pojuca, Jacuhipe, Joannes e Vermelho. O de Cassia citado deveria ser o das Cana fystolas, segundo Candido Mendes de Almeida, que tambem o identificou com o Vaza-barris actual, ou o Japaratuba com o 1.º Vaza-barris, dando o rio do Pereira como o Cotinguiba (T. 40 Rev. Inst. Hist. pg. 194).

Sabado ao meo dia tomei o sol em onze graos e hum terço: fazia-me de terra quatorze leguas; e este dia nos nam ventou vento.

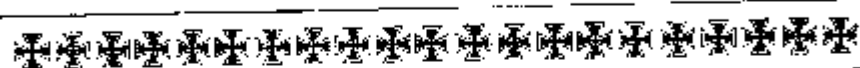
Domingo 10 do mes de março se fez o vento sueste, e tomava do sul; e com todalas velas faziamos o caminho do sudoeste. De noite, no quarto

---

Orville Derby dá a seguinte identificação, n"Os mais antigos mappas do Brasil":

rio sam geronymo — Itapicurú;
rio da duvyda — Inhambupe;
rio do melo ou do meio — Jacuhipe.

Seria tambem o monte fragoso do portulano Reinel, um dos morros Massaranduba ou Massarandupo, ou o Sahipe, na altura de Subahuma e este não muito distante de um optimo ponto de referencia depois assignalado pela torre de Garcia d'Avila? De uma pedra da galee nos fala Pero Lopes na viagem de regresso a Portugal, dando-a a 4 leguas da ponta do Padram (cabo de Sto. Antonio), o que nos leva a te-la, apesar de não marcada em nenhum portulano do tempo, como o ilhéo de Itapoam, dos nossos dias.

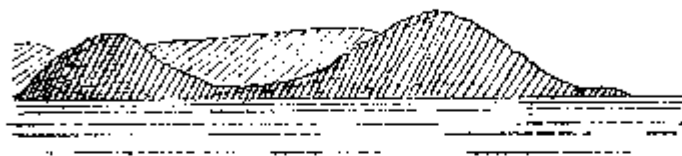
Não lhe era tambem desconhecida, em março de 1531, a existencia do actual banco de Santo Antonio ou baixio á entrada da barra da baia de todolos santos, nem talvez o baixo Grande já no porto. Diz-nos o Diario: "Ao mar da ponta do padram se faz hũa restinga d'area, e a lugares pedra: entre ella e a ponta podem entrar naos: no mais baxo da dita restinga ha braça e mea".

Se bem que no mappa 3 não fosse assim traçada a derrota dos navios e sim por fóra do dito banco, é entretanto, quasi certo que a navegação fosse feita entre a dita

da prima, nos deu hũa trovoada com tanta força de vento, que amainados, metia a nao o portaló por debaxo do mar: eram tantos os relampados que a todos nos punha temor: e rendido o quarto da prima me deu hum raio no masto do traquete da gavia, que mo fez em dous pedaços: quiz Nos-

ponta do padram ou cabo de Sto. Antonio actual e o referido baixo.

Feito este ligeiro reconhecimento do litoral, vejamos após 14 dias de viagem, a 13 de março de 1531, avistarem Martim Affonso e os seus a bahia de Todolos Santos e, ao meio-dia, darem nella entrada assignalando a ponta do padram na bôa latitude para o tempo em que foi calculada de 13.° 15' sul, uma vez que hoje, com instrumentos e taboas mais precisas, damos ao cabo de Sto. Antonio a latitude de 13.°00' 45" sul. Dos cartographos do tempo parece terem sido os Reinel quem apresentava melhor latitude dessa bahia - ou Golfo de todolos Stos -, com da-la em 13° ao sul do equador.

A 13 de março de 1531 entrando os navegantes, após derrota de cerca de 400 milhas, na "Bahia de Todolos Santos", com os seus tres navios, a Capitanea, a nau Nossa Senhora das Candêas e o galeão S. Vicente e nella tomando fundo, haviam de notar, diz o Diario, correr a mesma, norte - sul, e mais, tres ilhas: uma, ao sudoeste, (a de Itaparica); outra ao norte, (a da Maré); e ainda outra ao noroeste (a do Frade); todas porém, ainda não conhecidas por taes nomes de baptismo. Accrescenta Pero Lopes, no Diario, que com o vento do sussudo-

sa Senhora que nos nam fez mais nojo: trouxe tam gram fedor de enxofre, que nam havia homem que o suportasse. Choveu-nos tanta agua esta noite, que com duas bombas a nam podiamos esgotar.

este é esta bahia desabrigada. Examinadas estas palavras, notamos não trazerem tão grande variação supposta as agulhas das naus affonsinas, como o demonstram estas e outras marcações feitas.

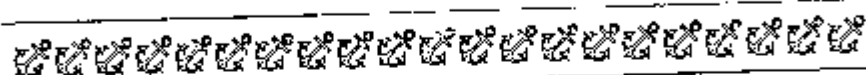
A BAHIA DE TODOLOS SANTOS

Abrigados os navios nessas aguas calmas, aproveitemos o descanso da navegação para traçar os antecedentes historicos que tão lindo panorama haveria de relembrar aos da expedição de 1530.

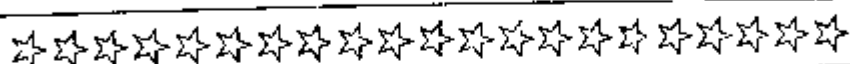
Segundo Gabriel Soares (Trat. descrpt. 1587, Rev. Inst. Hist, tomo XIV, pg. 305) "os primeiros povoadores que vivêram na Bahia de Todos os Santos e sua comarca", por "informações que se tem tomado de indios muito an-

> tigos, foram os Tapuias, que é uma casta de gentio muito antiga, de quem diremos ao diante em seu lugar. Estes Tapuias foram lançados fóra da terra da Bahia e da vizinhança do mar d'ella, por outro gentio seu contrario, que desceu do sertão, á fama da fartura da terra e mar d'esta provincia, que se chamam Tupinaês, e fizeram guerra um gentio a outro, tanto tempo quanto gastou para os Tupinaês vencerem e

Segunda-feira 11 do dito mes ao meo dia tomei o sol em onze graos e meo: fazia-me de terra des leguas. Fazia o caminho do sudoeste com o vento sueste. Em se pondo o sol demos n'hûa aguagem do rio de Sam Francisco, que fazia mui grande escarcéo.

---

desbaratarem aos Tapuias, e lh'os fazerem despejar a ribeira do mar, e irem-se para o sertão, sem poderem tornar a possuir mais esta terra de que eram senhores, a qual os Tupinaês possuiram e senhorearam muitos annos, tendo guerra ordináriamente pela banda do sertão com os Tapuias, primeiros possuidores das faldas do mar; e chegando á noticia dos Tupinambás a grossura e fertilidade d'esta terra, se ajuntaram e vieram d'além do rio de S. Francisco descendo sobre a terra da Bahia, que vinham senhoreando, fazendo guerra aos Tupinaés que a possuiam, destruindo-lhe suas aldêas e roças, matando aos que lhe faziam rosto, sem perdoarem a ninguem, até que os lançaram fóra das vizinhanças do mar; os quaes se foram para o sertão e despejaram a terra aos Tupinambás, que a ficaram senhoreando. E estes Tupinaés se foram pôr em frontaria com os Tapuias seus contrarios, aos quaes faziam crua guerra com força da qual os faziam recuar pela terra dentro, por se afastarem dos Tupinambás que os apertavam da banda do mar, de que estavam senhores, e assim foram possuidores desta provincia da Bahia muitos annos, fazendo guerra a seus contrarios com muito esforço, até á vinda dos Portuguezes a ella: dos quaes Tupinambás e Tupinaés se tem tomado esta

Sabado 12 (84) do mes de março ao meo dia tomei o sol em doze graos e dous terços; e em se pondo o sol houve vista de terra, que me demorava a loeste: fazia-me della seis leguas. E de noite, por nos afastar de terra, fizemos o caminho ao sul e a quarta do sudoeste, até o quarto d'alva, que tornamos a fazer o caminho do sudoeste.

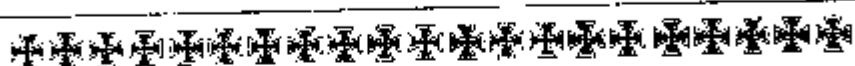
---

informação, em cuja memoria andam estas historias de geração em geração."

Ainda nessas aguas aligera passaria a canóa ou igara tupi seguida pela do outro tupi do reconcavo, seu feroz inimigo, quando ahi os veria em guerra, talvez Gaspar de Lemos ou André Gonçalves acompanhado de Americo Vespucci, em 1.º de novembro de 1501.

A seguir, a expedição de Gonçalo Coelho, da qual se desligou já em aguas proximas á ilha Fernando de Noronha o piloto florentino, aportaria, subdividida em duas, a essas plagas bahianas, como depois a nau Bretôa em 1511 precedida ou seguida de emprezas maritimas como as de Fernam de Loronha, a da Gazeta Aleman e outras armadas em Lisboa, na Espanha, na Inglaterra, e principalmente na França, para virem fazer incursões nessa extensa costa, no córte e resgate do pau brasil, como tambem na captura do selvagem sul-americano.

Christovam Jaques de uma feita deu aos francos principalmente nesta bahia, a caça merecida, com castigar tres navios delles num combate á foz do rio Paraguassú. Eram estes, tres navios corsarios ao serviço de Yvon Kertrugar, Gueret, Maturin Tournemouche, Jean Bureau e Jean Janet (d'Avezac, pgs. 23 e 24). Valeu-lhe este feito aprisionar,

Domingo 13 dias do mes de março pela menhãa eramos de terra quatro leguas: e como nos achegamos mais a ella reconhecemos ser a Bahia de Todolos Santos; e ao meo dia entramos nella. Faz a entrada norte-sul: tem tres ilhas: hũa ao sudoeste (35), e outra ao norte (36), e outra

---

segundo chronistas, trezentos francezes, por elle conduzidos para uma feitoria de Pernambuco - certo, a fundada por este mesmo capitão, á margem do actual Igarassú.

Testemunha dessas aventuras e quiçá atrocidades, deveria certamente ahi ter sido Diogo Alvares, o Caramurú, residente em terras da futura Villa Velha, e de quem a primeira noticia nos é dada, pelo piloto Francisco d'Avila que, com Rodrigo d'Acuña ahi aportara na nau S. Gabriel, em 1.° de julho de 1528.

Narrou o mesmo piloto ter achado em terra á boca da bahia, um christão que disse haver para 15 annos ahi se perdera com uma nau.

Em 1531, diz-nos Pero Lopes de Sousa, do citado naufrago: "Nesta bahia achamos hum homem portugues, que havia vinte e dous annos que estava nesta terra..."

Outras noticias que temos sobre a vinda e a vida de Diogo Alvares nesta bahia, são posteriores á de Pero Lopes e de auctoria de Juan de Mori, um dos companheiros de Siman de Alcazaba, e referidas ao anno 1535.

Através da narrativa de Oviedo, podemos colher o seguinte:

> "Ali," - na bahia de Todos os Santos - "vivia um Diogo Alvares, portuguez, que lhes disse havia vinte e cinco annos que estava só naquella terra,

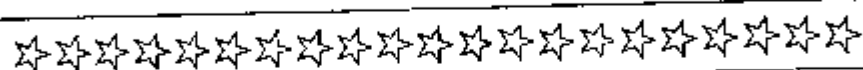
ao noroeste (37): do vento sulsudoeste he desabrigada. Na entrada tem sete, oito braças de fundo, a lugares pedra, a lugares area; e assi tem o mesmo fundo dentro da bahia, onde as naos sorgem. Em terra, na ponta do padram (38), tomei o sol em treze graos e hum quarto. Ao mar da

---

e se achava mui bem com os indios e o tinham por seu capitão; lhe eram mui obedientes e os tinha tão sujeitos; lhe guardavam tanto acatamento como se nascera senhor delles: que tinha comsigo a sua mulher que era india da qual tinha muitos filhos e duas filhas casadas com dois espanhóes que ali estavam. Este assento e povoação de Diogo Alvares seriam até trezentas casas que eram como casarias espalhadas porém á vista uma de outras muitas em que haveria mil homens indios; e se achavam com este Diogo Alvores quatro christãos que se haviam recolhido ahi perdidos "de uma armada de Portugal" desbaratada "quatro meses antes disto; a qual armada levava 300 homens de que nenhum escapou senão estes quatro, e os indios queimaram as naus della que deram de través na costa". "A estes quatro christãos levou a nau S. Pedro á cidade e porto de São Domingos, na ilha Espanhola."

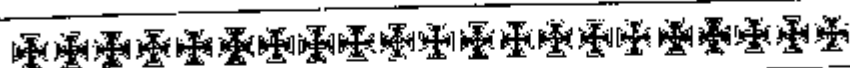
"A este Diogo Alvares deu-se a chalupa a troco de bastimento e tambem lhe deram duas pipas de vinho, e falou-se-lhe em alguma cousa de fé, e ao que mostrou, estava bem nella, e deu a entender que vivia naquella costa e soledade para salvar e soccorrer aos christãos que por ali passassem; e disse que havia salvado francezes, portuguezes, castelhanos que por

ponta do padram se faz hûa restinga d'area, e a lugares pedra: entre ella e a ponta podem entrar naos: no mais baxo da dita restinga ha braça e mea. Aqui estivemos tomando agua e lenha, e corregendo as naos, que dos temporaes que nos dias passados nos deram, vinham desaparelhadas. Nesta bahia achamos hum homem portugues (39), que

---

aquella costa se haviam perdido, e se elle não estivera ali os indios houveram morto a estes que ficaram da armada de Simão de Alcazaba". Disse mais "que oitenta leguas dahi pela costa adeante, tinha el rei de Portugal uma fortaleza donde lhe levavam o brasil - que se chama Pernambuco - onde residiam oito ou dez pessoas que esperavam de Portugal uma Armada" destinada "a povoar aquella costa".

Tal se diria quatro annos após tocarem pela 1.ª vez os navios de Martim Affonso na bahia de Todolos Santos, para se affirmar o que ao tempo futuro se saberia do Caramurú, e que realmente fôra elle ali um elemento valioso ao inicio da colonização da terra bahiana por esses dias remotos: alguns destes de desventuras e luctas como os que assistiria em Villa Velha com Pereira Coutinho, 1.º donatario dessa capitania; outros mais promissores ou afortunados, como os que ahi viria a viver com os Governadores Geraes Thomé de Sousa e Duarte da Costa.

Para Martim Affonso foi elle informante capaz da terra, dando "rezam larga do que nella havia" e influindo em que os principaes dos tupis ou seus caciques prestassem obediencia a elle capitão mór, com grandes honras e "grandes festas e bailos".

havia vinte e dous annos que estava nesta terra; e deu rezam larga do que nella havia. Os principaes homês da terra vieram fazer obediencia ao capitam I.; e nos trouxeram muito mantimento, e fizeram grandes festas e bailos; amostrando muito prazer por sermos aqui vindos. O capitam I. lhes

Certo em tal ambiente havia de Pero Lopes dizer no seu Diario, que a gente da terra era "toda alva, os homês mui bem dispostos e as mulheres mui fermosas que nam ham nenhũa inveja ás da rua Nova de Lixbôa", a menos que nos falasse de alguns filhos de Diogo Alvares da nova raça tupi-européa ainda sem mescla de sangue africano.

De como viviam os tupis isentos de qualquer "modo de fisica, porque como se acham mal nam comem e poem-se ao fumo" pouco nos diz; e do que os prendia ás civilizações da Asia, Africa e Europa antigas, podemos bem avaliar, transportando para estas paginas, além da primeira informação colhida e conhecida, um dos escriptos de mais erudição sobre a lenda do Sumé - reveladora, em parte, desse mysterio -.

Na "Nova Gazeta da Terra do Brasil" em que se conta a viagem da armada de 1514, (Trad. C. Brandenburger, 1922, pg. 36 - 40) se lê:

"Elles teem recordação de São Thomé. Quizeram mostrar aos portuguezes as pegádas de São Thomé no interior do paiz. Indicam tambem que teem cruzes pela terra a dentro. E quando falam de São Thomé, chamam-lhe o Deus pequeno, mas que havia outro Deus maior. E' bem crivel que tenham lembrança de São Thomé, pois é sabido que está corporalmente por trás de Malaca; jaz na costa

deu muitas dadivas. A gente desta terra he toda alva; os homês mui bem dispostos, e as mulheres mui fermosas, que nam ham nenhũa inveja ás da Rua Nova de Lixboa. Nam tem os homês outras armas senam arcos e frechas; a cada duas leguas tem guerra hũs com os outros. Estando nesta bahia no meo do rio pellejaram cincoenta

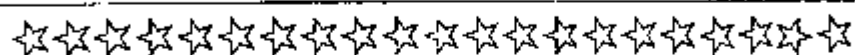
---

de Siramath, no golfo de Ceilão. No paiz chamam tambem frequentemente aos seus filhos, Thomé".

Capistrano de Abreu, através das suas judiciosas e argutas expressões, das de Burton, e de outros escriptores, assim estuda essa lenda cheia de reminiscencias do Santo em terra americana.

> Mostra-nos o mestre como em toda essa costa oriental da America, "desde a Florida até o Prata", existiam "tradições de um mysterioso emigrante branco que por toda parte tinha o mesmo nome. Christovão Colombo, encontrou indios pintados chamados Zemes. Enciso (1519) regista que Suni era adorado pelos Caraïbas ou Guaranis de Cuba, e no Haiti, tornou-se Zemi; no Paraguai, era pay Zomé e alhures era Pyzomé, Zomé, Zoé, Summay, Zamna (America Central) e especialmente Sumé. É possivel que a palavra fosse Tamoi, litteralmente avô; mythologicamente (Une fête brésilienne pg. 85) um regenerador do povo".
>
> "Sumé de quem affirmaremos ser o typo de muitos naufragos europeos atirados á costa brasileira muito antes do descobrimento official da terra, appareceu vindo do mar ou do oriente, no Maranhão, em Pernambuco, na Bahia, no cabo Frio, em São Vicente e

almadias de hũa banda, e cincoenta da outra; que cada almadia traz secenta homens, todas apavezadas de pavezes pintados como os nossos: e pellejaram desd'o meo dia até o sol posto: as cincoenta almadias, da banda de que estavamos surtos foram vencedores; e trouxeram muitos dos outros capti-

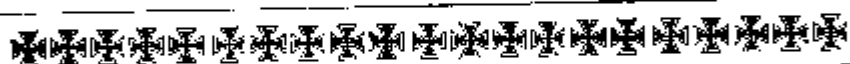
☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

em outras partes onde as suas pegádas eram e são ainda mostradas. Andava só ou acompanhado por um menino, que tambem deixava pegádas. Branco, de barbas longas e vestes talares, tornou-se uma especie de Triptolemo, Prometheu e Esculapio reunidos, ensinando aos selvagens o preparo da mandioca, o uso do fogo, da extracção do cabello do corpo, dos simplices e venenos, especialmente do maté - erva de São - Thomé, que era mortal até o Apostolo mudar-lhe as propriedades. Afinal, quando alguns indios malvados tentaram mata-lo, fugiu para o mar e foi-se tão mysteriosamente como viera"...

Passando já agora da lenda á realidade historica, aos costumes guerreiros e maritimos dos tupis, assistamos com os recem-vindos de Martim Affonso, á peleja de 50 almadias ou "igaras" de uma banda, contra outras cincoenta que se lhes oppõem. Se cada igara era guarnecida por sessenta homens - como affirma o Diario - o effectivo em lucta nesse valoroso combate naval teria sido de 6.000 indios.

Imaginemos esses ligeiros barcos de pavezes pintados e festivos; e mais: o aspecto bizarro e selvagem dos tupis com as pennas de aves vistosas compondo as araçoias garridas; o vozear da gente da flotilha vogando nas azulinas

vos, e os matavam com grandes cerimonias, presos per cordas, e depois de mortos os assavam e comiam: nam tem nenhum modo de fisica: como se acham mal nam comem, e poem-se ao fumo; e assi pelo conseguinte os que são feridos. Aqui deixou o capitam I. dous homês, para fazerem experiencia do que a terra dava, e lhes deixou muitas sementes.

Cap. III Quinta-feira 17 de março partimos desta bahia com o vento lessueste, e fomos na volta do sul até a tarde, que carregou muito o vento, e tornamos arribar: e surgimos á boca da bahia, em fundo de 13 braças d'area limpa.

---

aguas da bahia; evoquemos a peleja de sól a sól e a ferocidade na victoria dos primitivos filhos da America, - peleja animada em lances de bravura indomita e victoria consagrada pelo festim antropophago entre ceremonias de um canibalismo revoltante -; e teremos a singular impressão que deixaria esta festa da guerra naval tupi no espirito do capitão mór, dos capitães, pilotos e embarcadiços da armada colonizadora!

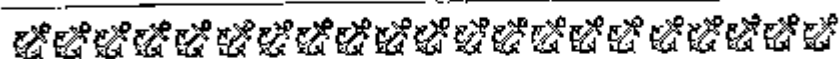
BAHIA DE TODOLOS SANTOS - RIO DE JANEYRO

Cap. III Quatro dias ainda nesta bahia de Todos os Santos permaneceu o capitão mór com os seus navios refrescando a gente das naus dos contrastes soffridos no mar. A 17 de março de 1531, partiu dessas aguas acolhedoras deixando em terra, certo com Diogo Alvares, dois homens da sua ar-

Sesta-feira 18 do dito mes nos fizemos á vela com o vento leste e tomava do sueste.

Sabado 19 de março faziamos o caminho do sul com o dito vento: era de terra 4 leguas; a qual terra é toda alta e igual: corre-se norte sul. Ao meo dia tomei o sol em 13 graos e 2 terços.

Domingo, com as aguas que nesta costa correm neste tempo ao sueste, nos puzemos tanto a barlavento que pela menhãa nam viamos terra.

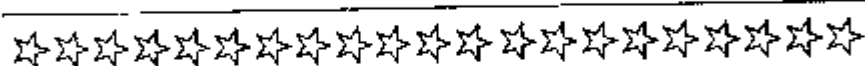
---

mada com muitas sementes para "experiencia do que a terra dava."

··Um desses, para Varnhagen, (Hist. Bras. 3.ª ed, pg. 275) seria Affonso Rodrigues, natural de Obidos, que em 1534 se casou com Magdalena, filha de Diogo Alvares, se é que um delles antes não fôra um dos desertores dos navios de Pero Lopes, em 1532, quando de regresso a Portugal. Ainda poderiam ser castelhanos, segundo Juan de Mori, da Armada de Simão de Alcazaba, em 1535, pois, diz este piloto: ter Diogo Alvares "duas filhas casadas com dois espanhóes que ahi estavam."

Deu-se a 2.ª partida de Martim Affonso com a Capitanea, a nau N.ª Senhora das Candêas e o galeão Sam Vicente, a 18 de março de 1531, porque a 17 já haviam partido e arribado a essa bahia. Nesse dia 18, os navios rumando ao sul, iniciariam ausencia não grande do referido porto; pois, passados sete dias em bordejos constantes, arribavam á costa bahiana, dando vista da boca do rio Tynhaaréa, rio que banha a actual ilha Tinharé. Tal nome ainda não se encontrará em portulanos; mas, pela 1.ª vez em consequencia dessa mesma arribada, o dará Viegas em 1534: tinhare.

Ao meo dia se nos fez o vento sueste; e com as aguagens andava o caminho do sulsudoeste. E ao pôr do sol vi terra mui alta: fazia-me della sete leguas: e de noite se fez o vento mais largo; e faziamos o caminho do sul.

Segunda-feira 21 do dito mes ao meo dia tomei o sol em 14 graos e 3 quartos: fez-se-nos o vento sueste e tomava do sul; de noite tiramos as monetas: e com os papafigos baxos trincamos no bordo do sul.

✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡

Ainda pelo piloto de Alcazaba, Juan de Mori, commandante da nau São Pedro, se sabe, haver esta soccorrido em julho de 1535, os naufragos da capitanea espanhola dados á costa na ilha de Touaré, segundo uns, de Tanareques, segundo outros, mas, certamente, na ilha de Tinharé, como com pequena modificação Gaspar Viegas antes assignalara e talvez como ilha. Gabriel Soares tambem, 50 annos depois, fala dessa ilha de Tinharé a mostrar "um morro escalvado chamado São Paulo a cuja abrigada ancoravam navios de todo pórte." (Tratado descript. pg. 54).

De junto pois dessa ilha, banhada ao norte pelo rio de Tynhaaréa, - parece-nos o rio Una que tem a sua fóz ao norte da ilha Tinharé sobre que se altea o morro de São Paulo -, após a segunda arribada, suspendeu Martim Affonso os navios valendo-se do vento do oeste que soprara, seguido do sueste, para demandar de novo a bahia de todolos Santos. Sahiu-lhes ao encontro, vindo da dita bahia, um batel estranho. Atracando o mesmo á Capitanea, deixou nella um passageiro: o feitor Diogo Dias, da feitoria do rio de Pernambuco abandonada por

Terça-feira 22 de março, pelo vento se fazer sulsueste, viramos no bordo do norte; e ao meo dia tomei o sol em 14 graos e meo: e de noite levamos a proa a leste.

Quarta-feira 23 do mes fazia-me de terra 10 leguas; e ao meo dia carregou muito o vento sueste, com mui gram mar; por nam podermos ir de ló amainamos as velas, e lançamos as naos de mar em travez.

---

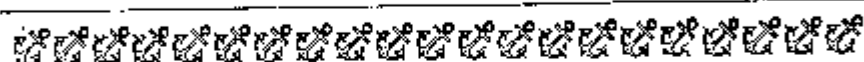
esse homem, antes da chegada de Martim Affonso e quando atacada por um galeão da França. Pertencia este batel á caravela surta na bahia, e que, paginas passadas, dissemos ir para Sofala; mas que tocando na costa de Pernambuco, fôra á feitoria portugueza ahi existente logo após o ataque do galeão francez, e dera agasalho a seu bordo a Diogo Dias, com o fim de deixa-lo, diz o Diario, no Rio de Janeiro. E por que só o deixaria ella, neste ultimo porto?

Seria porque fosse de uso dos navios de carreira para India, só do parallelo do Rio de Janeyro (Reinel) em diante, começarem de abandonar a costa do Brasil para, com segurança de barlavento, poderem montar o cabo da Bôa - Esperança?

Segundo Alonso de Sta. Cruz, costumavam buscar os portuguezes, por essa epoca, após invernia no Brasil, "ayres frescos" entre 35 e 40 graus de latitude sul, e assim, irem de caminho seguro a montar o lendario cabo das Tormentas.

Tomada a caravela em augmento do effectivo naval da expedição, soltou Martim Affonso ao piloto nella preso, largou em terra os captivos nella, talvez desde Pernam-

Quinta-feira 24 dias do dito mes nam podemos sofrer o mar, que era mui feo; e arribamos com assaz fortuna: e corremos este dia todo arbore seca, pelo rumo do noroeste; e ao pôr do sol vimos terra, e conhecemos a boca do rio de Tynhaaréa (40) da banda do sul: e como foi noite nos deu hũa trovoada de leste tam supita, que ventando o vento sueste, — ventando forçoso, pode mais a trovoada; que se nos achara com vela so-

---

buco, e tomou para sua gente a que guarnecia essa unidade veleira já então nomeada Santa Maria do Cabo.

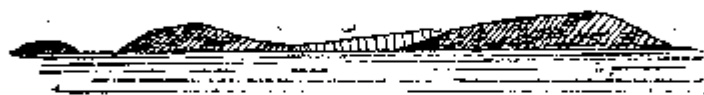
Estava agora constituida a força naval do capitão mór, de suas naus: Capitanea e Nª. Senhora das Candêas; de um galeão, o Sam Vicente; e de uma caravela, a Santa Maria do Cabo; e com um effectivo de gente, que sommaria talvez quatrocentos homens.

Cap. III Mappa 4 (pg. 164)

Ganho o mar alto a 27 de março de 1531 velejaram pela 3.ª vez, para o sul, visando montar os Abrolhos distantes e distanciados em seus portulanos mais do que o eram na realidade, para o leste e para o sul. Tal com mais razão serviria de justificar o que já achavam os pilotos desses navios, dizendo, segundo Pero Lopes: "que a monçam dos ventos suestes começava desd'o meado de febreiro até agosto; e que em nenhũa maneira podiamos passar (os abrolhos); e que era por de mais andar lavrando o mar," phrase de marinheiro quinhentista em que ha reminiscencia do viver campestre.

Nesta declaração ha de attentar-se tambem ao conhecimento do regime dos ventos nesse sector da costa já reve-

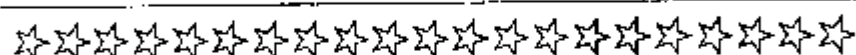
çobraramos. Por sermos mui perto de terra surgimos em 21 braças de fundo d'area limpa: era o mar tam grosso, e cada vez nos investia por riba dos castellos. No quarto da modorra saltou hũa trovoada per riba da terra d'oeste, que nos susteve até pela menhãa de nos darmos á costa.

Sesta-feira pela menhãa nos fizemos á vela; era o mar tam grosso que iamos á popa com todas as velas, e nam no podiamos romper. Fomos com

lado por Pero Lopes e os seus pilotos, porque estando esta comprehendida na região dos aliseos, predominam ahi os ventos do leste; mas do linde sul desses ventos, mais caracteristicamente á costa, se fazem sentir: no verão, a monção do nordeste; no inverno, a do sudoeste. Outra caracteristica meteorologica dessas paragens, são os parajás ou pirajás regionaes tocados de vento fresco. Correm o littoral bahiano extendendo-se até as regiões dos Abrolhos buscados pelos navios de Martim Affonso com resguardo exagerado devido á má fixação desses parceis e ilhas nos portulanos do tempo. Ahi, além das rajadas do sudoeste, se recebem outras muitas do sueste ou tempestades do noroeste com trovoada e chuva.

> Diz um roteiro do seculo XIX: "Durante todo o inverno ou epoca da monção do sudoeste, entre os dois equinocios (de abril a agosto), se acham na costa do Brasil, entre o Rio de Janeiro e a Bahia, até 30 ou 40 leguas ao largo, mudanças de tempo, rajadas chuvosas do sudoeste, tempestades do noroeste e brisas

este vento até meo dia, que nos deu o vento sues-te, com que fomos correndo a costa esta noite. No quarto da modorra fomos surgir na boca da B a-h i a d e t o d o l o s S a n t o s.

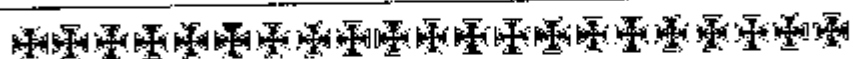
Sabado 26 de março pela menhãa vimos dentro na bahia hum navio surto; e por ser longe nam divisavamos se era latino, se redondo: e logo vimos sair um batel da bahia, que vinha ás naos; e como chegou á nao capitaina, a salvou; e vinha nelle o

✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡

desiguaes do leste e do sul. E' a estação mais favoravel para se correr a costa para o norte".

Entretanto, era justamente ao começar de pronunciar-se esta epoca (março e abril) que Martim Affonso levava os seus navios em busca do Rio de Janeiro; e dahi, não ser esta favoravel po'r completo á sua navegação.

Vieram elles a luctar contra os suestes ou ventos deste quadrante, até proximidades do archipelago evitado com justo temor, quando se alargavam os ventos nos quadrantes do nordeste e do noroeste, e repontavam no do sudoeste com muito mau tempo, só abonançado com a sahida da lua. Fez-se depois o vento ao sueste, seguido do nordeste, de que se valeram na busca da costa, uma vez que tinham já como montada, mas sem poderem affirma'r quando, a i l h a d e S a n t a b a r b o r a ou as demais ilhas e b a x o s d a b r o l h o. Faziam-nos estes expertos navegantes todavia, um grau ou 60 milhas mais ao sul da posição desses escolhos na carta moderna, ou tambem 60 milhas mais ao leste do que devera ser, uma vez que Pero Lopes dava os b a x o s d a b r o l h o a 30 leguas ou a cerca de 100 milhas do littoral. Se nos houvessemos de fiar nessa posição geographica dos Abrolhos, dada

capitam da caravela (41) que arribara a Pernambuco, que ia para Çofala; e vinha no batel o feitor da feitoria de Pernambuco, que se chamava Diogo Dias; e o capitam I. mandou fazer as naos a véla para dentro da bahia; e mandou chamar a gente da caravela; e mandou soltar o piloto, que o capitam trazia preso; e mandou despejar a caravela dos escravos, e lançal-os em terra; e determinou de levar a caravela comsigo, por lhe ser necessaria para a viagem.

---

pelo Diario, teriamos de concluir o haverem estado no dia 21 de abril. os navios affonsinos sobre elles, dia em que tambem o prumo da nau de Pero Lopes para desmentir o calculo dos pilotos lhes dava profundidade oceanica de 60 braças.

Pelo traçado do mappa 4 poder-se-á ver, se exactas fossem as coordenadas do Diario com referencia a esses parceis, como os navios deixando por barlavento e a grande distancia as verdadeiras ilhas, viriam a passar perto ou sobre esses outros imaginarios baixios tão deslocados dos verdadeiros na cartographia do seculo dezeseis.

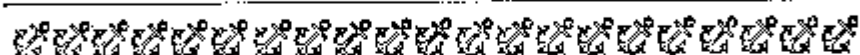
Mas, vencidos os traiçoeiros rochedos, vieram os navios na busca do continente, e, achando terra, como procuramos mostrar no mappa 4, tiveram brisas do nordeste na proximidade dos cabos Santhomé e Fryo, ventos estes mais communs aos mezes de verão acompanhados de correntes assás fortes.

Apezar de ser epoca de outras brisas e correntes, parece terem andado sob a acção de ambas, e, ao ensacarem-se, terem sido obrigados á surgida, por duas vezes: nos baixios de São Thomé ou baxos dos pargos ou tal-

Cap. III
Mapp. 4
(pg. 160)

Domingo 27 do mes de março partimos daquesta bahia, com o vento leste, contra opiniam de todolos pilotos: a qual era que nam podiamos dobrar os baxos d'abrolho (42); e que a monçam dos ventos suestes começava desd'o meado febreiro até agosto; e que em nenhũa maneira podiamos passar; e que era por de mais andar lavrando o mar.

Segunda-feira 28 de março ao meo dia tomei

---

vez dos pargue tes, e tambem um pouco ao sul do cabo por Pero Lopes chamado do parcel, mas anteriormente já Santhomé, nos portulanos conhecidos.

Tendo de São Thomé partido pela manhã de 29 de abril e navegado a cerca de uma dezena de milhas da costa que nesse sector se encurva em seio recortado de enscadas e bahias, ou pontilhado de ilhas e ilhéos, veiu a força naval, pelo seu ponto ao meio dia, a ter por latitude: 22.° e 45 minutos sul.

Ao pôr do sol tinha proximo o cabo Frio que Pero Lopes dava a 17 leguas ou a cerca de sessenta e uma milhas, leste - oeste do Rio de Janeyro (Reinel), dando assim este ponto na direcção devida em relação áquelle cabo e com differença quanto á distancia de 7 milhas.

Traziam então os navios 34 dias de cruzeiro e cerca de 1230 milhas de derrota. Com trinta e cinco fundeavam, por lhes acalmar o vento perto de uma ilha - talvez da ilha Raza, de hoje - que está á barra do dito Rio de Janeyro. Mas por ao meio-dia soprar a viração, á feição desta velejaram em busca do porto.

Antes, porem, delles ahi darem entrada, devemos retro-

o sol em 14 graos: era de terra 4 leguas; faziamos o caminho do sul, com o vento leste.

Terça-feira ao meo dia tomei o sol em 14 graos e 1 terço; era de terra 5 leguas; a qual terra era mui alta: corre-se norte sul. Lancei o prumo ao mar, e nam tomei fundo com 200 braças.

Quarta-feira fazia o caminho do sul, com o vento leste; nam me afastando nada de terra. Ao meo dia tomei o sol em 13 graos (43).

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

ceder á propria bahia de todolos Santos, para virmos della, recordando cautelosamente, a toponymia da costa comprehendida entre esse ponto e o Rio de Janeiro, costa que os navios affonsinos vieram, quasi sem assignalar, deixando por boreste.

Guiemo-nos nessa reconstituição da onomastica geographica conhecida até 1535, valendo-nos de entre outros, dos portulanos ou cartas de marear de Canerio, Reinel, Riccardianna, Turim, Weimar, Maggiolo, Ribeiro, Vaz Dourado, Gaspar Viegas e alguns outros; dos roteiros de Alonso de Sta. Cruz, Duarte Pacheco, João de Lisbôa, Alonso Chaves, Oviedo, Gabriel Soares, Mariz Carneiro, dos estudos de Orville Derby e das notas respigadas em informações de alguns outros nautas, cosmographos e estudiosos do assumpto.

Assim, nesse sector do littoral, um profundo estudioso dos portulanos de Canerio a Ruysch, dr. Duarte Leite (Hist. da Col. Port. Vol. II, pg. - 432-433) viria a dar a seguinte identificação dos principaes rios:

rio de S. Thiago: rios Una de Valença, Camamú, Jequiriçá;

Quinta-feira 31 do mes de março, fazendo o dito caminho do sul e ao meo dia, tomei o sol em 13 graos e dous terços (44). A costa se ia correndo sempre norte sul. No sartam havia mui grandes montanhas.

Sesta-feira 1.º d'abril com hûa trovoada saltou o vento ao sulsueste, e fui na volta da terra; mea legua della tomei fundo com 120 (45) braças de pedra; tudo ao longo do mar eram rochas: e ao

---

rio Sto. Agostinho: rio das Contas;

rio Sta. Helena: Commandatuba, Poxim ou Una;

rio (dos Sexmos) ou dos Cosmos: rio Pardo;

rio das Virgens: Jiquitinhonha;

rio de São João: rio S. João de Tiba.

Outro estudioso da cartographia antiga, o notavel dr. Orville Derby, assim os identificara n'"Os mais antigos mappas do Brasil":

rio S. Jacome: rio Jaguaripe ou talvez Jequiriçá;
rio S. Agostinho: rio das Contas;
rio de Sta. Helena: rio Ilhéos;
rio de Cosmos: rio Una (mirim);
rio das Virgens: rio Pardo;
rio S. Joham: rio Jiquitinhonha.
rio brasyl: um dos rios: Peruipe, Caravellas, Itanhaem ou Craminuam.

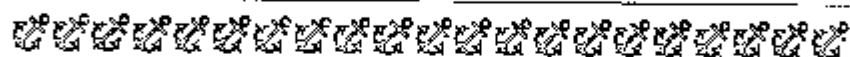
Por soffrerem esses rios outros baptismos ou troca de nomes após novas explorações costeiras, apresentamos essas duas valiosas opiniões, e apresentaremos a nossa, de

meo dia virei no bordo do norte, até o quarto da prima, que me deu hûa trovoada de lessueste; e como passou, ficou o vento em calma.

Sabado 2 d'abril tomei o sol em 13 graos e meo (46), e andamos todo o dia em calma.

Domingo 3 dias do mes d'abril ao meo dia tomei o sol em 15 graos e meo: estavamos de terra 4 leguas; andamos este dia todo em calma.

Segunda-feira ao pôr do sol se fez o vento

---

menor merito, não só referente a rios, como a outros accidentes geographicos até o Rio de Janeiro.

Assim julgamos que em 1531, quando Martim Affonso por alli passava e pouco depois, pela carta de Viegas, se poderia obter o seguinte quadro de identificação dessa costa: (Mappa - 4):

R. de Joham Guyo: o Jaguaripe, o Jequriçá ou o Una, - sendo que este, deverá ser o Tynhaarea, de Pero Lopes;

R. da praya: o Serinheem ou o Acarahi;

R. de Santagostinho: R. das Contas;

Serra alta: Serra Grande;

G. da praya (Reinel) ou Abaia (Viegas); rio S. Jorge dos Ilhéos ou fóz do rio Cachoeira;

R. das Ostras: o Una — mirim ou o Muruim;

R. Santana (Reinel), Sta. Helena ou Sta. Lena (Canerio): o Commandatuba ou o Poxim;

rio dos Cosmos: rio Pardo;

R. das Virges (Reinel), R. das Voltas (Viegas) : rio Jiquitinhonha;

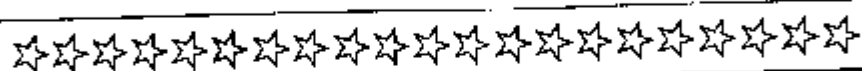
R. S. João de Tiba ou R. de Sta. Cruz: rio S. João de Tiba e bahia de Sta. Cruz;

leste; e com elle fomos no bordo do sul até o quarto da prima, que se fez sueste; — que tornamos a virar no bordo do norte.

Terça-feira com vento lessueste barlaventeamos todo o dia: havia de mim a terra cinco leguas.

Quarta-feira pela menhãa se fez o vento calma até

Sabado ao meo dia, 9 dias do mes d'abril, que

✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡

Porto Seguro: Porto Seguro, e tendo a 7 milhas no quadrante do nordeste uma das ancoragens do Almirante descobridor e por isso chamada futuramente a bahia Cabralia;

rio do brasyl: o Craminuam ou o Frade;

monte pasqual: Monte Paschoal;

rio de sam gorge ou Sam Jorge ou S. Joham (Canerio): rio Caravellas;

a ilha dos baxos (P. Lopes), y. de Sta. Barbora (Reinel) ou de Sta. Luzia (Oviedo): ilha de Sta. Barbara, principal do archipelago e do baixo dos Abrolhos;

C. dos bayxos dabreolho: Ponta da Baleia;

bayxos dabreolho: baixos dos Abrolhos, ou parcel das Paredes, com o respectivo archipelago, e postos para os nautas quinhentistas muito afastados da costa e demais ao sul.

Oviedo dava esses "bayxos" distante vinte e cinco leguas leste - oeste do promontorio de Abreojos (ponta da Baleia), e Pero Lopes os tinha a 30 leguas da costa e mais ao sussueste da posição actual, como se vê no

nos deu uma trovoada do sudoeste; e ficou o vento no sul, com que faziamos o caminho de leste.

Domingo 10 dias d'abril se fez o vento sueste, e amainamos as velas, e lançamos as naos de mar em travez: e ao meo dia tomei o sol em 15 graos e 1 terço (17). Fazia-me de terra 20 leguas.

Segunda-feira começou o vento sueste a ventar com muita força e com mui gram mar: de noite cresceu o temporal tanto e tam forte, que quize-

---

mappa 4, e o demonstra com a sua navegação Pero Lopes, já na vinda com Martim Affonso, já de regresso com dois navios a Portugal. Diogo Ribeiro em 1527 chamaria, parece, ao actual parcel das Paredes, o baxo de los pargos, e o portulano de Viegas de 1534, o primeiro desenhado após a expedição affonsina, reproduziria bem o pensar dos capitães e pilotos desta expedição, pondo o archipelago dos Abrolhos a um grau da costa e prolongando de mais um grau ao sussueste da verdadeira posição, esses recifes coraliferos.

Oviedo, com latitudes mais meridionaes que esses pontos, nos dá tambem: o cabo de São Pedro talvez a ponta delgada de Viegas, e ambos suppomos, a ponta de Monsarraz á foz do rio Doce; o rio Formoso que se não foi para esse auctor o actual rio Doce, poderia bem ter sido o actual Parahiba do Sul; e Angla ou Angra, que talvez tivesse como a actual Benevente.

Mas é mister atermo-nos mais aos cartographos do tempo. Reinel assignala a seguir a baia de Santaluzia ou a actual bahia do Espirito Santo; e o cabo de Sam Johã, ou São João, provavelmente o que hoje

ramos arribar e nam nos estrevemos, por ser o mar mui grosso: até pela menhãa estivemos com muita fortuna, que se fez o tempo mais bonança. Assi estivemos pairando até sesta-feira 15 dias d'abril, que se fez o vento leste; e demos todalas velas no bordo do sul; e ao meo dia tomei o sol em 15 graos e 1 terço. Fazia-me de terra 17 leguas.

Sabado se fez o vento lessueste, e faziamos o

é marcado pelo pharol de S. João da Barra. Pensamos que á baia de Santa-luzia, Viegas chamava a baia do parcel. Davam os Reinel os bayxos dos pargos; Viegas em 1534, dá os baxos dos parguetes, como no Diario, tambem Pero Lopes. Ha ainda uma pescaria dos pargos posta pelos Reinel 20 minutos proximamente, ao sul dos actuaes baixios de São Thomé. Marcavam os Reinel os baxos dos pargos dez minutos ou milhas ao norte do cabo de S. Thomé, ao passo que Viegas tinha os seus "parguetes" 60 minutos ao norte do referido cabo, e ainda, ao sul desses, os escolhos que se encontram pelo littoral da costa espirito-santense desde a actual Itabapoana, aqui ou além afflorados, até os ilhotes de Guarapari. Tal o faria a dar por ahi a Costa Çuja precedida de 7 ilhetas ou das muitas ilhotas que por ahi existem.

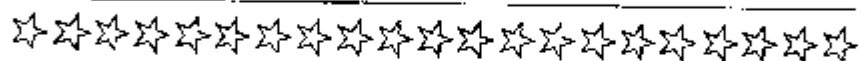
Antes da carta de Viegas, dava a de Ribeiro de 1529 como baxos de Joargas, parece, o que para aquelle seriam os baxos dos parguetes.

Pelo exposto, se ha de entretanto concluir, que todos reconheciam a existencia dos baixios de S. Thomé, mas os recuavam para o norte.

caminho do sulsudoeste; e ao meo dia tomei o sol em 14 graos e 1 quarto (48).

Domingo pela menhãa nos deu hũa trovoada do sueste com muito vento e agua: este dia todo nos choveu sem vento, e de noite muitas trovoadas de todolos rumos.

Segunda-feira 18 dias do mes d'abril se fez o vento sueste; e viramos no bordo do norte até o quarto da prima, que se fez o vento lessueste, e

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

O cabo do parcel de Pero Lopes, já os Reinel dão como cabo de santhomé, designação logo depois confirmada por Viegas; cabo Santhomé dão o 2.º portulano dos Reinel, a Riccardianna e outros. Convem notar que já em 1502 Canerio havia dado a Serra de S. Thomé, e em 1527 Maggiolo, a Tera di S. Tomé.

E' esta região favorecida de muitas lagoas e seria a esse tempo habitada pelos goitacás vivendo vida lacustre, mostrando-se bravos nadadores desse littoral atlantico e desafiando de continuo a morte, no valoroso desporto da pesca aos tubarões. Ensina-nos Simão de Vasconcellos, quando trata da vida do padre João de Almeida, como esses bravos indigenas venciam a esses peixes vorazes, em pleno mar, atravessando-lhes á garganta porretes com desmedidas pericia e coragem. Confinavam os goitacás com os temiminós ao norte, ou ainda com os tupininquins em lucta contra os aymorés, antes destes recuarem para as serras deste nome; e, ao sul, com os tupinambás, chamados tamoios pelos portuguezes e seus alliados.

Montando o cabo de São Thomé ou os bayxos dos pargos dos Reinel, e como dissemos, por bem des-

viramos no bordo do sul. Fazia-me de terra 15 leguas.

Terça-feira ao meo dia tomei o sol em 16 graos e 2 terços. Esta noite nos ventou muito o vento lessueste.

Quarta-feira 20 dias do mes d'abril pela menhãa me cheguei á nao capitaina; e me disse o capitam I. que com o grande vento, que de noite ventara, lhe quebrara o mastro do traquete, abaxo

locados, os dos parguetes de Pero Lopes e mesmo de Viegas, nas proximidades dos referidos baixios e num dos canaes que os atravessam, fundearam os navios de Martim Affonso.

Vencido este baixio, teremos de identificar e citar outros pontos da cartographia antiga.

Assim: a baia do Salvador (Reinel); o rio do salvador (Alonso de Chaves) ; o golfo do a Recife, o golfo Fremosa (Reinel); os quaes identificaremos com: Macahé, e bahia de Santa Anna, e entre esses - o golfo Fremosa - citado em terceiro logar e ainda hoje tido como a Bahia Formosa. Da enseada dos Busios, vizinha á bahia de Sant'Anna, ainda não tratavam os portulanos desse tempo, enseada que assim devera ter sido posteriormente baptisada.

Os Reinel dam-nos ahi, ou mais ao sul, tambem as ilhas de sam Roque; do pouso; e do cabo fryo. A não ser esta que conservou o nome de baptismo, somos levado a ver nas outras citadas,

da gavia hũa braça; e que queria arribar á B a h i a d e t o d o l o s S a n t o s; e a todos nos pareceo mui bem, por nam ser ja tempo para dobrar os b a x o s d'A b r o l h o. Estando nisto, nos deu hũa trovoada de lesnordeste; e como passou, ficou o vento em leste e tomava do nordeste; e o capitam I. tornou a mandar que virassemos no bordo do sul; e assi fomos até á noite, que no quarto da prima que se nos fez o vento lesnordeste: e faziamos o caminho do sulsueste.

as actuaes: de Sant'Anna, á boca da barra de Macahé; as Ancoras, na altura da enseada de Busios; ou duas dessas muitas ilhas que por essas paragens se encontram, nomeadas hoje: Comprida, Papagaios, Branca, Feia, Cavalla e, quantas mais, que Canerio ahí dera como formando o A l a p e g o (ou archipelago) d e S. P a u l o, e Maggiolo, como o a l a p e g o (ou archipelago) d e l n a v i o s, em 1527.

Da serra do Mar, nesse sector da costa e sertão proximo, fariam parte a s s e r r a s d e S a n t a - L u z i a (Reinel) dadas mais ao sul, dois graus de latitude da bahia de Sta. Luzia ou da do Espirito-Santo actual, e sendo pois das que se encontram ao sul do c a b o d e S a n t h o m é: as de Macahé, talvez. Deveria tambem ser parte dellas, a s e r r a d e S. T h o m é, de Canerio,

A y l h a d e C a b o F r y o, como dissemos, dada com o nome do referido cabo, parece ter sido nomeada, como este promontorio, desde a expedição de Gonçalo Coelho, de que fez parte Vespucci, ou mesmo antes: pois anteriormente a junho de 1504 era elle chamado c a b o

Quinta-feira 21 d'abril ao meo dia tomei o sol em 19 graos menos 1 terço: fazia-me de terra 20 leguas. O vento se nos fez leste, e com elle faziamos o caminho do sul com todalas velas. De noite se fez o vento lesnordeste, e com as bolinas largas faziamos o dito caminho, levando resguardo, que cada relogio sondavamos; porque todolos pilotos se faziam ir por riba dos baxos d'Abrolho, que lançam ao mar 30 leguas, e o começo

Frio da Rama (Kunstmann III.º). Em 1505 Duarte Pacheco, no Esmeraldo, tambem o nomeava cabo Frio; e seria a este cabo que Cantino emprestava o nome de Santa Marta?

Se Cabo fryo não foi o seu nome primitivo, cedo foi o por que se tornou conhecido entre cartographos e navegantes que, ao monta-lo, deviam de logo sentir — os ares mais frios do sul.

RIO DE JANEYRO

E já que este cabo deparamos ao correr do estudo da derrota affonsina, e para melhor encaminhamento das investigações historicas que se prendem á primeira vinda de europeus ao Rio de Janeyro, detenhamos a nossa derrota por mar, buscando o desenvolvimento dos factos que nos hão de conduzir á nossa formosa Guanabara.

Após a 1.ª expedição de 1501 em que servia Americo Vespucci, veiu este na expedição de 1503 em duas naus desgarradas da armada de Gonçalo Coelho no parallelo de

delles está em altura de 19 graos (19). E assi fomos toda esta noite com mui bom tempo, sem podermos tomar fundo com 60 braças.

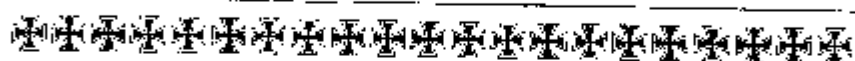
Sesta-feira pela menhãa se nos fez o vento nordeste, e com todalas velas faziamos o caminho ao sul. Ao meo dia tomei o sol em 21 graos e 3 quartos; e como foi noite se nos fez o vento noroeste.

Sabado no quarto d'alva se fez o vento sudo-

Fernão de loronha, a fundear em aguas brasileiras do Cabo fryo. Além da fundação ahi por este navegante de uma feitoria portugueza com 24 homens; da exploração levada por sua gente ao sertão num raio de 40 leguas; da partida das suas duas naus carregadas de "pau brasil", a 18 de junho de 1504; e não contando as naus francezas ahi vindas á pilhagem do famoso pau de tinturaria; sabe-se da chegada a este porto do Cabo fryo, em 22 de maio de 1511, da nau Bretôa, ao mando do capitão Christovam Pires, e armada por Bartholomeo Marchione, Benedeto Morelli, Fernão de Loronha e Francisco Martins.

Carregada de pau brasil, de papagaios, de gatos, de saguins e de escravos, tinha a nau uma demora de 63 dias nesse porto, em cujas ribeiras deixaria, ao partir, na "feytoria" de que era feitor João Braga - a outro portuguez e piloto: João Lopes de Carvalho.

Dada a partida da nau mudavam-se para o Rio de Janeyro estes dois portuguezes, aonde fixaram residencia.

Foi um dos primeiros exploradores desta bahia o bravo Gonçalo Coelho, em 1503 e junto á foz do rio Carioca — talvez o rio do Sombreyro — assentava arraial,

este; e veo tam supito e furioso, que quasi nam deu lugar a amainar as velas; e ventou com tanta força (o qual ainda nesta viagem o nam tinhamos assi visto ventar) que as naos sem velas metiam no bordo por debaxo do mar: era tamanha a escuridam e relampados, que era meo dia e parecia de noite: á tarde se fez o vento sul. Andava o mar tam grosso e tam feo que nos entrava por todalas partes. No quarto da prima ao sair da lua abonan-

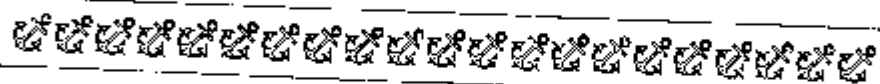
sem que entretanto deixasse, para alguns, de reconhecer mais terras e rios ao sul do continente. Permanecendo nesta bahia para dois annos, - e parece, tres em toda a estada no Brasil, -- foi elle ao regressar a Portugal, um dos primeiros semeadores dessa lenda do ouro e prata tão estimada principalmente nas côrtes que o destino tornava rivaes; lenda que se accrescenta em maravilhas por occasião do regresso da expedição de 1514, chamada da Gazeta aleman, armada por D. Nuno Manuel e Cristobal de Haro e pilotada talvez por João de Lisbôa. Attingira esta, segundo tão valioso documento, as aguas de um grande rio do sul, aonde se dizia da existencia da prata attestada pelo machado de que era portadora a expedição.

Sendo de dois annos ou pouco mais, como dissemos, a permanencia de Gonçalo Coelho nas ribeiras da Guanabara, encontrariam vestigios do seu arraial á foz do rio Carioca, João Braga e Lopes de Carvalho ao ahi chegarem após ou durante o anno de 1511?

As chronicas são falhas a respeito; mas de João Braga se sabe que se estabelecera em uma das ilhas guanabarinas e fizera trafico muito remunerador com os indigenas da terra firme; e de João Lopes de Carvalho se affirma e

çou mais o vento; ficou o mar tam grande que nos nam podiamos ter na nao. Da banda de bombordo me arrebentaram os apparelhos, com o jogar da nao.

Domingo 24 dias do mes d'abril se fez o vento sueste; e nos fizemos á vela com o mar grande e mui cruzado: faziamos o caminho a lessudoeste (50); e de noite no quarto da modorra me acalmou o vento.

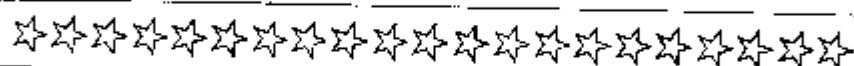
---

prova, fôra habitante dessas terras quatro annos, durante os quaes se ligara a uma natural do logar e de quem tivera um filho, mais tarde, tripulante como seu pae, da armada de Fernão de Magalhães, na primeira circumnavegação do globo.

Sobre todos esses pontos historicos a viagem da Gazeta aleman em 1514, a de Solis, mais de um anno depois, e a de Magalhães em 1519, se não tão laconicas em suas narrativas, nos poderiam levar a outros esclarecimentos. Fernão de Magalhães, principalmente, nesta bahia permanecendo quinze dias do mez de dezembro; chamando-lhe "Santa Luzia" porque "tal dia (13 de dezembro) entraron en ella" —. (Herrera — 2.ª L.º cap. 10); abastecendo-se de fructa, madeira, caça e agua fresca e bôa; conhecendo noticias do logar por seu piloto João Lopes de Carvalho, antigo pratico dessas ribeiras; tendo informações das minas de ouro e prata distantes; sentindo ser por bom augurio tomada a sua visita pelos tupinambás, por coincidir com a volta das chuvas anciosamente esperadas; mandando duas vezes celebrar missa em terra; mais nos teria a dizer além do que nos relata Pigafetta e Denucé critica com erudição.

Da armada de Magalhães se sabe ainda, que antes da

Segunda-feira pela menhãa houvemos vista de terra a qual era mui alta a maravilha: faziame della 10 leguas.

Terça-feira ao meo dia nos deu o vento nordeste, e com elle corriamos a costa, a qual se corre nordeste sudoeste e toma da quarta de norte sul. De noite no quarto da prima mandei lançar o prumo ao mar; e tomei fundo com 9 braças e mandei fazer fogos: e fiz-me no bordo do sueste; sempre

✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩

partida a 28 de dezembro, seu piloto por nome André de San Martin procurou determinar a longitude da bahia, talvez pelo processo astronomico das distancias lunares, a 17 de dezembro. Feliz não foi elle no seu calculo, nem poderia se-lo, ainda mais guiando-se por taboas imperfeitas ou incorrectas como as de Enciso, então impressas.

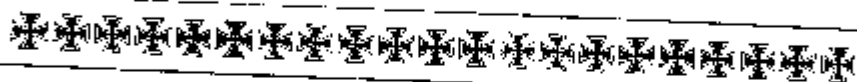
Alguns annos se passaram para que a esta bahia tambem chegasse D. Rodrigo d'Acuña, da armada Jofre de Loaysa, na nau *San Gabriel*, não em semelhante missão scientifica, mas para convocar a sua gente a conselho e resolver a sua partida seguida de mil aventuras, antes que attingisse a Espanha.

E quantos mais navegadores e navios de invernia ao correr da sua navegação para a India, ou no corso maritimo e resgate do "brasil", não arribariam a essas aguas placidas e acolhedoras, antes desse 30 de abril de 1531, em que os navios de Martim Affonso aferravam o fundo do rio, buscando reparador descanso de 3 mezes?!

Antes de aferrar, porém, o *rio* e á boca da barra que Pero Lopes dá mais 19 minutos ao sul do que realmente está, fundearam os navios de Martim Affonso,

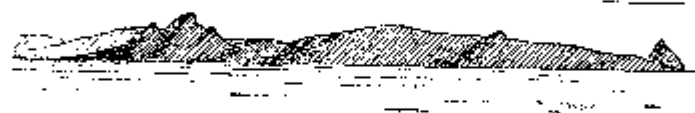
sondando, quanto mais iamos ao mar, menos fundo achavamos (51).

Quarta-feira 27 do mes d'abril pela menhãa houve vista de terra hũa legua della, em fundo de 8 braças. O vento era mui bonança, quanto as naos governavam. A costa se corre nornordeste susudeste (52) escasso, a terra he toda ao longo do mar mui chãa sem arboredo: no sartam serras mui altas e fermosas (53); haverá dellas ao mar 10

---

nessa manhã de 30 de abril de 1531, em "15 braças darea limpa', junto de uma ilha, para nós - Raza - para outros, Cutunduba. E' todavia de notar-se que elles vieram sob a acção do vento do nordeste e, quando este lhes faltou, tiveram de fundear e aguardar novo favor de Eolo.

Candido Baptista de Oliveira, na "Revista Brasileira" valendo-se do valor das braças de sondagem dadas pelo Diario, é de opinião de que a nau de Pero Lopes, a N.ª S.ª das Candêas, fundeou sobre o banco existente entre a Cutunduba e Imbuhi; e pela comparação que faz entre a sondagem de 1531, a de 1574, segundo mappa que acompanha as Memorias de Duguay-Trouin e a da carta de 1854 ordenada pelo então chefe de esquadra Joaquim José Ignacio, futuro visconde de Inhaúma, mais se aferra a esta conclusão. Chega a dizer o mesmo mathematico que por se ter este banco alteado 3 braças e meia num espaço de 324 annos, no de 2122, por esse quadrante, se dará o fechamento da bahia, ao passo que o do outro canal, entre Pão de Assucar e Cutunduba, remontará ao anno 2.304!..

Não nos parece, sobre este ou outro banco hajam fundeado os navios recem-vindos, e sim, proximo á Raza até

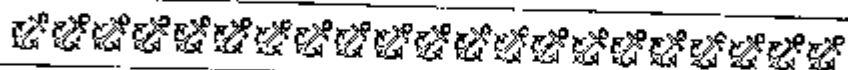
leguas, e a lugares menos. Ao meo dia se fez o vento da terra brando: faziamos o caminho para o mar. Indo assi per fundo de 8 braças, de supito demos em 3, e logo mais ávante em 2 e mea: tornamos a fazer o caminho de sudoeste; e logo demos em fundo de quatro braças; e logo surgimos no dito fundo. E o capitam I. mandou lançar o seu esquife fóra; e mandou nelle o piloto que fosse sondar por o rumo do sul, e do sudoeste, e do

o meio-dia, quando cahindo a viração, vieram a fundear dentro no rio.

Ao penetrarem neste, deviam ficar o capitão mór e os seus na illusão dos que os precederam, de que não entravam num rio mas sim numa ria, cujas salgadas aguas alagavam a terra baixa em muitos pontos. Porque nem mesmo chegaram ao conhecimento dos muitos rios e ribeiros que ahi vinham ter, e futuramente passariam a ser conhecidos por: Emboassú, Guaxindiba, Macacú, Guarahi, Guapi, Magé, Iriri, Suruhi, Inhomerim ou Estrella, Iguassú, Sarapuhi, Meriti, Irajá, Inhaúma, Icarahi, São Lourenço, Mauá, Maracanã, Trapicheiro, Andarahi e ainda ao tempo favorecidos, parece, das muitas aguas das serras e protegidos por florestas admiraveis que se encontrariam ao longo dos seus cursos.

Mais proximo da boca da bahia se haveria de encontrar o riacho - Carioca - o rio del Sombrero citada por Oviedo (Hist. Gen. de las Indias) - e que recebendo as aguas nascentes em alguns morros circumvizinhos, vinha a desaguar na proximidade do futuramente chamado - morro da Gloria, para o lado da futura praia do Flamengo, en-

sueste. E á noite veo o piloto mor no esquife, e disse que pelo rumo do sueste, que era baxo, que nam achara mais de tres braças: que indo ao sul achara 8 braças.

Quinta-feira 28 dias do mes d'abril ao meo dia tomei o sol em 22 graos e 1 quarto, e á tarde se fez o vento nordeste, e nos fizemos á vela pelo rumo do sul; e logo demos em fundo de seis braças; e no quarto da prima nos acalmou o vento; e surgi em

---

seada de tal curvatura ou seio, hoje não muito difficil de reconstituição, estudada a topographia desses pittorescos recantos.

Tambem era este curso d'agua o chamado - rio Jordão - e truncadamente Judia, em Diogo Ribeiro, e Judia ou India, em Alonso de Sta. Cruz; mas o nome de Rio de Janeyro já tinha para Martim Affonso e os seus essa bahia toda, que vinham de demandar.

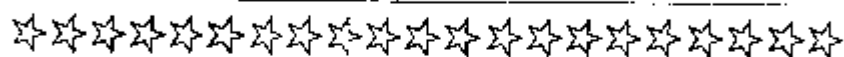
Os cartographos Reinel, parece, senão em 1516, certamente antes da expedição de 1530, lhe dão na cartographia quinhentista pela primeira vez este nome, já em uso, contra o que os portulanos: Canerio, Ruysch, Waldseemüller, Turim, Maggiolo, assignalam nesse local como Pinachullo detentio e rio Jordam.

Rio de Janeyro, já era pois o nome dessa bahia, ao entrarem ahi os navios de Martim Affonso e fruirem os embarcadiços delles o encanto singular de paisagens de rara magnificencia, mórmente a esse tempo, quando a mão do homem não havia alterado a obra maravilhosa da natureza.

Diz Pero Lopes, num passo do seu Diario, haver dentro nesse rio, oito ilhas e muitos abrigos, e a meio da

fundo de quatorze braças, duas leguas e mea de terra.

Sesta-feira pela menhãa nos fizemos á vela com o vento nordeste, indo sempre ao longo da costa tres leguas della, per fundo de 50 braças d'area limpa. O cabo do parcel (54), que jaz ao mar, se corre da banda do nordeste ao sueste, e da banda do sudoeste aloeste, e ás partes a loessudoeste. Quando fui fóra do parcel descobriam-se serras mui

✧✧✧✧✧✧✧✧✧✧✧✧✧✧✧✧✧✧✧✧✧✧

boca da barra "hũa ilha de pedra rasa com o mar". Deve ser a "Lage" esse ilhéo, e as outras oito ilhas as primeiras por elle vistas ao darem os navios entrada no porto, naturalmente as agora nomeadas Bôa Viagem, Seregipe ou Villegagnon, Cobras ladeada da dos Ratos, hoje Fiscal, além desses muitos morros ilhados, como o seriam os ainda anonymos: Cão, Viuva, Gloria, São Januario ou Castello, quasi extincto, e Santo Antonio, - não só pelas aguas das serras como principalmente, ás horas da préa-mar, pelas salgadas aguas da bahia. Se melhor visitado por elle fosse todo o rio, não só oito ilhas ahi assignalaria, mas sim cerca de oitenta, muitas das quaes de notavel relevo e gracioso contorno. (Fausto de Sousa - Rev. Inst. Hist. Tomo XLIV. 1882, pg. 100).

Se do fundo da bahia não nos dá noticia o Diario, fala-nos todavia do sertão a que o capitão mór mandou quatro homens, os quaes, por espaço de dois mezes, andaram 115 leguas: 65, "por montanhas mui grandes", e 50, por um campo de grande extensão.

A' volta desses sertanistas, o arraial do capitão mór já havia sido levantado ribeirinho ao porto, pouco tempo depois chamado de Martim Affonso, e com muito

altas ao sudoeste (55). Ao meo dia tomei o sol em 22 graos e 3 quartos: ao sol posto fui com o cabo Frio: como foi noite amainamos as velas, e fomos com os traquetes toda a noite. O cabo Frio se corre com o Rio de Janeiro leste oeste: ha de caminho 17 leguas.

Sabado 30 dias d'abril, no quarto d'alva, eramos com a boca do Rio de Janeiro, e por nos acalmar o vento, surgimos a par de hũa ilha, que

mais seio do que ahi ao futuro mostrariam a praia Vermelha, a praia do Suzano e modernamente a praia da Saudade (Fausto de Sousa — Rev. do Inst. Hist. T. XLIV pg. 151). Varnhagen (T. XIV Rev. Inst. Commentarios, pg. 377) veiu mais tarde a confundir este porto de Martim Affonso com o do temiminó Martim Affonso, o Ararigboia, porto ao futuro tido mais para dentro na bahia, na altura aonde depois foi a bica dos Marinheiros, na parte da terra carioca, porque da outra banda tambem se installaria o bravo indigena, na actual enseada de S. Lourenço.

Constava o arraial affonsino da gente portugueza recem chegada de "hũa casa fórte com cerca por derrador", de uma ferraria para fazer "cousas de que tinham necessidade", e tambem de improvisado estaleiro para construcção de dois bergantins de 15 bancos cada um, se é que mais acertadamente não os trouxeram os portuguezes, em peças soltas, para ahi arma-los.

A esse arraial chegaram os 4 expedicionarios acompanhados de um cacique "um grande senhor de todos

está na entrada do dito rio, em fundo de 15 braças d'area limpa. Ao meo dia se fez o vento do mar, e entramos dentro com as naos. Este rio he mui grande; tem dentro 8 ilhas, e assi muitos abrigos: faz a entrada norte sul toma da quarta do noroeste sueste: tem ao sueste 2 ilhas, e outras 2 ao sul, e 3 ao sudoeste (58); e entre ellas podem navegar carracas: he limpo, de fundo 22 braças no mais baxo, sem restinga nenhũa e o fundo limpo. Na boca de fóra

---

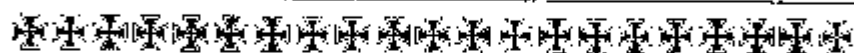
aquelles campos" que "lhes fez muita honra" e trouxe "muito christal" para o capitão mór, além de novas de como "no Rio de Peraguay havia muito ouro e prata."

Teriam esses expedicionarios, segundo Orville Derby, (Rev. Inst. Hist. de São Paulo) chegado a Minas Geraes, mas a Capistrano assiste mais razão dando-os como idos ás futuras terras paulistas, aonde teriam conhecimento das riquezas do rio Paraguai.

E que impressão a esse cacique não causaria esse arraial ora em faina constante no armar os bergantins, trabalhar a madeira e o ferro, martellar e fundir; ora em pregar taboas dos resbordos das novas embarcações, apparelha-las e calafeta-las com esmero?! E as sobranceiras naus, o galeão e a caravela na enseada affonsina, com as suas vistosas bandeiras e insignias, as suas velas alvas marcadas de cruzes vermelhas, os seus homens do mar e os seus homens d'armas de tão garridos e guerreiros trajes?! Ao lançarem-se ao mar tambem os novos bergantins, como ha-

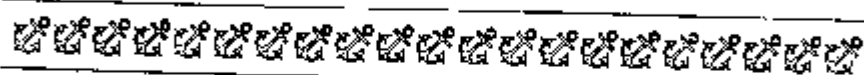
tem 2 ilhas da banda de leste, e da banda d'aloeste tem 4 ilheos. A boca nam he mais que de hum tiro d'arcabuz; tem no meo hũa ilha de pedra rasa com o mar; pegado com ella ha fundo de 18 braças d'area limpa. Está em altura de 23 graos e 1 quarto.

Como fomos dentro (57), mandou o capitam I. fazer hũa casa forte, com cerca por derrador; e mandou saír a gente em terra, e pôr em ordem a

---

via de elle notar bem outra a ceremonia usada pelos tupis nessas mesmas aguas guanabarinas, pois era habito entre estes selvagens, além de no dia destinado ao córte da madeira votada ao fabrico da igara ou canoa, segundo Thevet, não comerem, nem beberem, para que a sua gula não trouxesse ao lenho infelicidades no mar; e tambem usarem de lançar pennas de certas aves ás aguas, se escrespadas pelos ventos, como propicio ao apaziguamento das iras marinhas.

Lançados os dois bergantins ao mar, talvez sob a benção do capellão Gonçalo Monteiro, embarcado na armada, levantava acampamento Martim Affonso deixando de novo a terra ao tupinambá ou tamoio que Pero Lopes descrevia tão gentil como a da Bahia, senão mais gentil gente. Entregava-se esse gentio por essa epoca, segundo Alonso de Sta. Cruz no Yslario, á "plantação da maiz, caçabi e patatas", criava "gallinhas e faisões", colhia fructos como pinhas a que os portuguezes chamavam "frisuelos" e sustentava-se da carne de antas, de veados e de peixes; e só viria a constituir-se em verdadeira nação indigena a extender a sua posse pelo littoral, do cabo Frio até Ubatuba, quando, mais tarde, sob a politica habil dos francezes e a

ferraria para fazermos cousas, de que tinhamos necessidade. Daqui mandou o capitam I. 4 homens pela terra dentro: e foram e vieram em 2 meses; e andaram pela terra 115 leguas; e as 65 dellas foram por montanhas mui grandes e as 50 foram por um campo mui grande (58): e foram até darem com um grande rei, senhor de todos aquelles campos, e lhes fez muita honra, e veo com elles até os entregar ao capitam I.; e lhe trouxe muito chris-

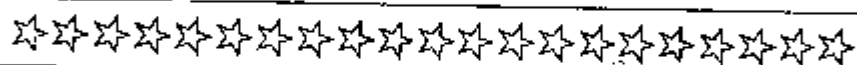
---

violencia dos lusos, se tornava contra estes no que historiadores e poetas chamaram Confederação Tamoia.

Abastecidos de mantimentos - segundo o Diario - para 400 homens e para um anno de viagem, suspenderam ancoras os navios. Perderiam de vista, e aos poucos, o panorama que se completava ao fundo com a serra dos Orgãos, então chamados os picos fragosos (Reinel); e, ganhando o mar, saudades teriam das boas e crystallinas aguas cariocas, "as melhores", segundo o Diario, "que podem ser".

E não muito depois já a imagem de dois pontos singulares se lhes apagaria no horizonte: o Pão de Assucar e o Corcovado, este mais provavelmente o Sombreyro, dos Reinel.

Beiravam assim, para o sul, a "costa do ouro e prata", de cujos metaes os quatro sertanistas e o Cacique lhes haviam dado noticia, e ao capitão mór prestaria a bordo constante informação o aventureiro Enrique Montes.

Agora, não moraria nos corações dos homens da armada, a mesma emoção que ao correrem a "costa do pau brasil". Lá, perduraria nelles, o anseio da victoria em pleno mar contra naus inimigas, precedida das bordadas de fogo

tal, e deu novas como no Rio de Peraguay havia muito ouro e prata. O capitam lhe fez muita honra, e lhe deu muitas dadivas, e o mandou tornar para as suas terras. A gente deste rio he como a da Bahia detodolos Santos; senam quanto he mais gentil gente. Toda a terra deste rio he de montanhas e serras mui altas. As melhores aguas ha neste rio que podem ser. Aqui estivemos tres meses tomando mantimentos, para 1 anno, para 400 homês que traziamos; e fizemos dous bargantins de 15 bancos.

dos seus canhões e firmadas pelas abordagens intrepidas dos capitães e homens d'armas: aqui, as miragens das serras de ouro e prata em pleno "El - Dorado" Sul - americano, o encanto dos thesouros maravilhosos do Perú e do Paraguai, - o que iria ao correr dos tempos estimular uma raça na futura conquista dos sertões brasileiros e criar o valoroso bandeirante do Brasil.

E assim partindo já com destino á grande arteria fluvial do sul - o rio de Sta. Maria, - não parecera proposito do capitão mór alcança-la, sem primeiro escalar em terras vicentinas, iniciando então, as suas primeiras glorias na "costa do ouro e prata", não consagradas mais tarde todavia, por Camões, como as que na outra costa do norte fizeram o nosso capitão mór

...illustrado
No Brasil com vencer e castigar
O pirata francez ao mar usado."

(Lusiadas - Canto X - Est. 63)

Cap. IV
Mappa 5

Terça-feira 1º dia d'agosto de 1531 partimos deste Rio de Janeiro com vento nordeste. Faziamos o caminho aloeste a quarta do sudoeste.

Quarta-feira se fez o vento sudoeste com muita força; tiramos as monetas, e trincamos no bordo de sulsueste até quinta-feira pela menhãa, que se

RIO DE JANEYRO - - CANANÊA

Cap. IV
Mappa 5

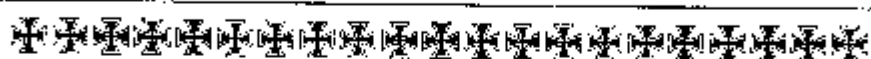
Sahiram barra fóra as duas naus, o galeão, a caravela e os dois bergantins de Martim Affonso a 1.º de Agosto de 1531. Deveriam avistar os navegantes, logo ao sahirem fóra do rio, as ilhas que ali se encontram: segundo o Diario, duas ao sueste, não contando a Menina, as actuaes Pae e Mãe; duas ao sul, Cutunduba e Raza ainda não assim nomeadas; e tres ao sudoeste, talvez as depois chamadas: Cagarras (provavelmente das escalvadas dos Reinel), a Redonda e a Comprida, omittida a das Palmas.

Esta identificação basea-se, em parte, no dizer o Diario, correr a entrada da barra norte - sul "tomando da quarta do noroeste - sueste", e, em ter-se esta "quarta para o noroeste" ou 11.º e 15', como a variação alli da agulha da nau N.ª Senhora das Candêas ao mando de Pero Lopes.

Cita mais o Diario que, á boca da barra, havia "duas ilhas da banda de leste e quatro ilhéos da banda de aloeste", ou respectivamente: as Maricás e as Tijucas, sem semelhante designação ainda nas cartas antigas.

nos fez o vento sulsueste, e com elle viramos no bordo d'aloeste: e de noite no quarto da prima se me fez o vento nordeste; e com elle faziamos o caminho a loessudoeste.

Sesta-feira 4 do dito mes me deu hũa trovoada do oestesudoeste, com tanta força de vento, que

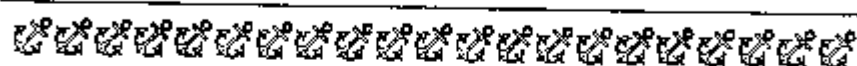
---

Outro tanto não se daria, como citação sua, dos outros pontos da bahia e da costa já notados no portulano dos Reinel. Assim: os picos fragosos, a serra dos Orgãos: o Sombreyro ou Sombrero se não o Pão de Assucar, o Corcovado; o rio del sombrero, o Carioca; os mangues, com 20 minutos de latitude mais do que o rio de Janeyro e assim, se não os então existentes na altura da actual Copacabana, os que mais ao oessudoeste nessa costa se encontrariam, entre a barra da Tijuca actual e a de Guaratiba; a praya, uma das actuaes praias Copacabana, Arpoador ou Gavea; a ylha darea ou da areia, provavelmente a restinga da Marambaia. Nas latitudes destes pontos dadas nos portulanos dos Reinel não ha que fiar, e nas longitudes menos ainda, attenta a imperfeição em que era tido o calculo desta coordenada.

Até ahi sem adversos ventos navegaram os navios de Martim Affonso; mas desse ponto em deante, em mudanças constantes de rumo e até em bordadas muito seguidas, por lhes ser sempre vario o vento e constante a cerração. Esta, furtando-lhes o sol, não lhes dava ensejo ao calculo da latitude pela altura meridiana do mesmo astro.

Orientando-se no inicio da derrota ao rumo oeste quarta do sudoeste da sua agulha, tocados pelo vento do nordeste, cremos terem marcado por dentro da Raza o seu ponto de

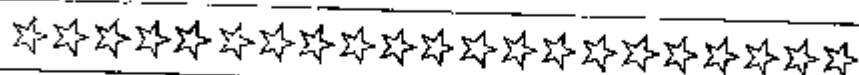
nos foi necessario arribar com hum bolso de traquete até

Sabado que se nos fez o vento sudoeste, e viramos no bordo da terra com os papafigos baxos, até de noite no quarto da prima, que nos tornamos a fazer no bordo do mar.

---

partida: deveriam pois ir em busca da ilha Grande actual; mas encontrando cerração e depois vento do sudoeste, navegaram em bolina coxada ao sussueste até o dia 3 de agosto. No mesmo dia, repontando o vento ao sueste, buscaram terra ao rumo do oeste das suas agulhas.

Abramos aqui um parenthesis para dizer do regime dos ventos entre o rio de Janeiro e o rio da Prata, segundo os roteiros em uso:

"De outubro a abril, os ventos dominantes são do nornordeste ao lesnordeste, e quando violentos, seguidos de calma e do vento do sudoeste. Durante esta estação devemos contar com tempestades e chuvas na vizinhança de Santa-Catharina. Em abril, o vento varia do nordeste para o sudoeste passando pelo norte. De maio a outubro o sudoeste predomina, ás vezes, com rajadas do sueste para o sudoeste. Os ventos do oeste são raros, mas em geral annunciam mau tempo. Os ventos do sueste são muito violentos e levantam muito mar. A força e a duração desses tufões são tanto menos sensiveis quanto mais ao norte do rio da Prata. Duram habitualmente os ventos do nordeste de 3 a 5 dias, mas algumas vezes duram mais e com alguma interrupção. São geralmente fracos ao começo e vão gradualmente augmentando de força; são muitas vezes acompanhados com chuvas seguidas

Domingo 6 do dito mes tornei no bordo da terra com todalas velas: a cerraçam era tamanha que, des que partimos do Rio de Janeiro, nunca podemos vêr a terra nem o sol: quasi noite fomos tam perto de terra, que viamos arrebentar o mar, e nam na viamos (59).

de calma, com atmosphera carregada de eletricidade. Quando são violentos, responde-lhes com igual violencia o sudoeste. Os ventos do sudoeste, ao contrario, são desde logo muito rijos e caem subitamente: podem durar sem interrupção dois a tres dias, e são comparativamente mais fórtes que os do nordeste; ordinariamente limpam a atmosphera". (Renseignements generaux, Serv. hyd. Etat Major Gen. de la Marine).

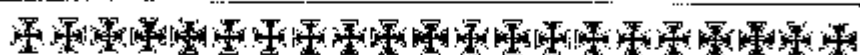
Não era bem aonde mais se caracteriza esse regime dos ventos que os navios de Martim Affonso sulcavam agora os nossos mares costeiros, mas aonde fazendo-se sentir certo effeito delles, surgem mudanças ou contrastes.

A cerração em que andavam desde a partida do rio de Janeiro era bem da estação invernosa; e além disso, ventos do nordeste e do sudoeste, duros, aguaceiros e mar grosso, haveriam de os trazer numa ou noutra amura, successivamente, até alcançarem o primeiro porto. Não fosse além de tudo bem duvidosa a "estima" que traziam através de tantos dias de cerração, sem uma altura meridiana do sol ou qualquer reconhecimento da costa.

Navegando ao oessudoeste, ao passarem a Raza, e, depois ao sussueste, deveriam ter montada a ilha Grande,

Segunda-feira pela menhãa se fez o vento nordeste: faziamos o caminho a loessudoeste, com cerraçam mui grande.

Terça-feira ao meo dia fizemos o caminho ao noroeste; porque pelo dito rumo nos faziamos com o Rio de Sam Vicente.

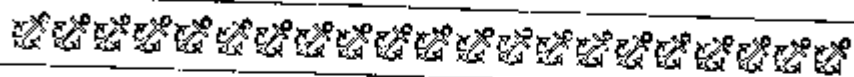
---

para depois rumando ao oeste e ao oessudoeste, e andando ora no bordo da terra, ora no bordo do mar, ora no bordo da terra outra vez, virem tão pegados á costa em meio da cerração, que chegaram a ouvir a arrebentação do mar, sem avistarem o littoral.

Possivelmente se encontrariam então a barlavento da actual ilha Grande, ou melhor, já com as pontas Respingador e Joatinga hoje assim nomeadas, na costa do continente, ou aonde se ostenta o negro "Cairuçú", este talvez no portulano Reinel — na ponta fragosa. Viegas dá por ali uma ponta Grossa, designação que hoje perdura ao sul deste ponto e nesse sector da costa: na entrada de Ubatuba, na ilha de S. Sebastião, e na ilha de Sto. Amaro.

Para nós ainda mais ao sul ficaria o cabo Navidad citado por Solis e dado por Medina (pg. 253, nota 51 Caboto), como a actual pta. Acaiá, na ilha Grande, ou o Pico de Parati, no continente; e por Alonso de Santa Cruz - no Yslario - o que nos parece justo, como a actual ponta do Boi, então tambem nomeada cabo de las Sierras de San Sebastian, e na ilha deste nome.

Dizia-se ao tempo de Solis, correr do nordeste para o sudoeste a costa entre o rio de Janeyro e o cabo Navidad, de onde tambem não longe se deveria encontrar o rio dos innocentes, talvez o antigo

Quarta-feira 9 dias d'agosto no quarto d'alva faziamos o caminho ao noroeste e a quarta do norte; e ás 9 horas do dia surgimos bem pegados com terra (60) em fundo de 8 braças d'area grossa. Estando surtos mandou o capitam I. hum bargantim a terra, e nelle hũa lingua para ver se achavam gen-

---

porto de sam vicente. Deveria tambem ser pois, no seu conceito, este cabo Navidad a ponta do Boi, dos nossos dias.

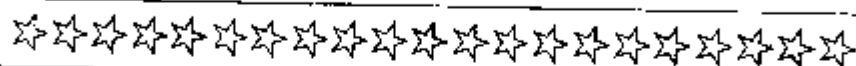
No mappa Kunstmann III vê-se um cabo da Paz que Orville Derby identificou com a ponta Joatinga.

Mas, recapitulando, para não haver maior interrupção no estudo da derrota, desde a partida do Rio de Janeyro até a altura do porto de S. Vicente (mappa 5), teremos as seguintes identificações na carta moderna comparada com as dos Reinel, de Viegas e de outros auctores:

o rio do estremo da terra de Janeyro, citação dos Reinel, viria á bahia de Guaratiba actual;

a ilha Grande, — se não a ilha fragosa, posta, não sabemos, se com exactidão ao sul da ponta fragosa, poderia tambem ser a de Boavista ou a de Sta. Clara, ou a referida por Alonso de Sta. Cruz, no "Yslario", como a ainda habitada de "indios com as suas sementeiras e pescarias" e linde meridional da producção de "pau brasil";

o paso das almadyas, de que fala Oviedo, a vinte leguas ao sul da bahia do rio de Janeyro, e assim o confirma o portulano Reinel, havemos de vêr como a bahia da ilha Grande; e, fronteiros a esta, no continente, se deveriam ter a Terra dos Magos e o

te, e para saber onde eramos; porque a cerraçam era tamanha, que estavamos hum tiro d'abombarda de terra e nam na viamos. De noite veo o bargantim, e nos disse como nam pudera ver gente.

Quinta-feira pela menhãa nos fizemos á vela. Com o vento nordeste, fizemos o caminho do sulsu-

golfo dos Reys, este, a bahia ou a angra dos Reis dos nossos dias.

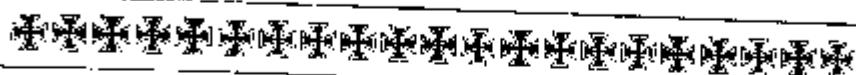
Do oriente da ilha Grande approximaram-se os navios affonsinos ou melhor, do continente, entre as actuaes pontas Respingador e Joatinga. Ahi avisados pela arrebatação do mar em costa proxima envolta no nevoeiro, tendo os navios á feição o vento do nordeste, fizeram-se ao oessudoeste das suas agulhas, diz o Diario, mas, parece, mais ao sussudoeste verdadeiro. E por soprar vento do nordeste não foram muito sujeitos ás correntadas do sul na ponta do Boi (na ylha de Sam Sebastiam). Assim marcando, até o meio-dia de 8 de agosto, e ao supporem-se ao sueste do porto de Sam Vicente, rumaram ao noroeste, na illusão de a este rumo estar o referido porto.

Convem ainda aqui dizer que, da actual ponta de Joatinga para o sul, já haviam passado e com cerração, os seguintes pontos que o Diario não assignala:

a ylha das Couves (Reinel) ou Coules (Oviedo): ilha da Couve;

as ilhas dos Porcos actuaes, a grande e a pequena, e uma dellas já conhecida assim, parece, por conter muitos porcos montezes, e da qual, oito leguas ao mar, dizia Alonso de Sta. Cruz, existirem duas ilhotas, provavelmente — as Busios com o filhote - onde se perderam portuguezes que depois em batel buscaram uma das ilhas dos Porcos, e a seguir o porto de sam vicente;

doeste, por nos afastar da terra: e ao meo dia fomos dar com hũa ilha (61): quando a vimos eramos tam perto della, que quasi demos com os grupezes nas pedras. Era a cerraçam tamanha que fazia pouca diferença da noite ao dia: e surgimos da banda d'aloeste da ilha, em fundo de 25 braças

---

a ylha vitorya, a ainda assim chamada Victoria;

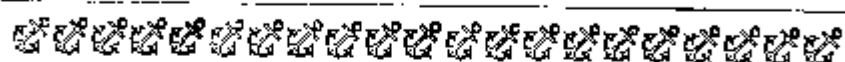
a ylha dos gayonos (Reinel) ou dos goanás (Kunstmann, II.º), ou melhor dos goianás;

a ylha de sam sebastiam, parece já chamada pelos tupis Maembipe, e não se sabe se onde já Canerio desde 1502 assignalava o porto de Sam Sebastiam, tal como Diogo Ribeiro em 1529, pois ambos o collocavam em menor latitude que o porto de S. Visenso ou S. Vicente e o Rio de la cananéa. Não seria esse o puerto de San Sebastian por Caboto nomeado na ilha de Santa Catharina ou dos Pargos, e o qual Ribeiro não locava egualmente.

O conhecimento por esse littoral da ilha dos Goanás ou Goianás, em dias tão remotos da conquista, vem nos dar a certeza de haverem taes indigenas habitado as praias da ilha de S. Vicente ou da de Sto. Amaro: a uma dessas ilhas deveria pois, caber aquelle appellido.

Foram estas duas ilhas S. Vicente e Sto. Amaro primitivamente chamadas Morpion e Engaguaçú uma, e Gaiabê ou Gaiambê, a outra. Deve esta tambem ter sido em 1532 a dita por Pero Lopes — ilha do Sól —, como procuraremos provar depois.

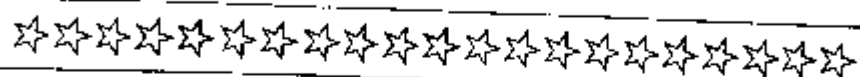
De identificação difficil parece, ser a ilha de Maracanã, notada por Oviedo ao norte da ilha de S. Sebastião e, cer-

d'area tesa: e mandei lançar o batel fóra para ir á ilha matar rabiforcados e alcatrazes, que eram tantos que cobriam na ilha. E fui á nao capitaina; e levei o capitam I. á ilha; e matamos tantos rabiforcados e alcatrazes, que carregamos o batel delles. Indo nós para as naos, nos deu por riba da ilha um

tamente, a mesma "Mamberecunã", constante da sesmaria de Braz Cubas datada de 1.º de junho de 1562.

As Serraryas dos Reinel ou tambem as suas sierras de Santanha ou Sant'Anna, deveriam referir-se ás serras do Mar e Geral, entre Joatinga e, além de S. Vicente. Fariam dessas "Serraryas" parte tambem as sierras de San Sebastian citadas por Alonso de Sta. Cruz e que iam a morrer além, na ilha ou cabo de Buen Abrigo, em frente ao porto de Cananéa.

As enseadas das Laranjeiras, de Yperoig e de Ubatuba ainda não eram citadas em cartographia, nem tão pouco, Bertioga. O rio Curupacê (Reinel, exemplar de Paris), depois ilha de Curpacê (exemplar de Italia), e dado por Viegas e a Riccardianna sem designação de ilha ou rio, já foi devidamente identificado com o - rio Juqueriquerê - desse littoral.

Feito este ligeiro esboço de identificação da costa até o porto de S. Vicente exclusive, voltemos a acompanhar os navios de Martim Affonso desde quando, como dissemos, montadas as pontas actuaes - do Respingador ou Respigador e Joatinga e ilhas da Couve, Porcos, Busios, Victoria, S. Sebastião, mais amarados do que se pensaria e suppondo por fim, o antigo porto de S. Vicente por no-

pé de vento tam quente, que nam parecia senam fogo; ventando nas bandeiras das naos o vento noroeste, que era contraste deste: disto ficamos todos mui espantados, que daquelle vento fomos todos com febre. Como puz o capitam I. na sua nao, tornei a ilha a por lhe fogo. No quarto da modorra

roeste da agulha, se fizeram: primeiro, a este rumo, depois ao do noroeste quarta do norte.

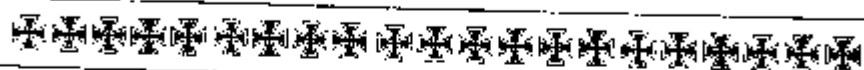
Valendo-nos destes informes, concluiremos, — guiados em parte pelo Diario — por dizer que provavelmente vieram a dar senão proximo do continente, junto á parte do sul da Ilha de S. Sebastião, para fundearem em 8 braças e não reconhecerem o littoral, apesar de a elle mandado "um lingua" num dos bergantins. Envolta em cerração estava a terra, e bem perto delles, a "hum tiro de abombarda". Della, não lograram as desejadas informações.

Se ficasse essa terra da parte sul da ylha de Sam Sebastiam, poderiam saber ser esta a ilha que Alonso de Sta. Cruz dava habitada de indios "grandes salteadores, mui temidos dos do continente, agricultores e pescadores", e certo devemos accrescentar, optimos canoeiros. Noticia alguma trouxe, como dissemos, que a isso se assemelhasse.

Não nos furtamos, porem, neste passo a dizer, que esse fôra, suppomos, Pedre Annes, o mesmo que dias depois seria mandado em identico mister á terra e rio acima, em Cananéa.

Mas, suspendendo ancoras os navios para se afastarem de terra, segundo palavras do Diario, rumaram ao sussudoeste da agulha e com tendencia ao sul. Tal nos inclina a dizer terem largado de ancoragem ao sotavento da actual

nos deu hũa trovoada seca do essudoeste (62), com mui grande vento que nam havia homem, que lhe tivesse o rosto: a nao capitaina foi de todo perdida, que lhe quebrou o cabre; e ía dar sobe-la ilha, se o vento de supito nam saltara ao sul, que se fez á vela no rolo do mar. Como nos deu o vento mandei logo

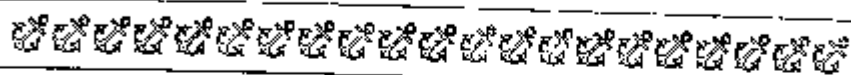
---

ponta do Boi, montada já a actual ponta da Sella, e mesmo além da ilha do Toque-Toque, e de fundo de 8 braças. Navegando, deram numa ilha quasi ao sussudoeste deste ponto, a actual ilha dos Alcatrazes, como o quer o nosso historiador Varnhagen, uma vez que não entremos em consideração com os ilhéos que se ahi ajuntam: Escalvada, Ponte, Aguda e Ferruginosa. Teria ella soffrido, por acaso, fraccionamento posterior, pois a não dará ainda em 1587, Gabriel Soares, como *uma ilha* a qual tem tres picos de pedra e um delles muito mais comprido que os outros? (Trat. desc. pg. 93)

Fundeados ao oeste da ilha dos Alcatrazes, luctando contra o mar, saltos de vento e cerração, contra o noroeste quente que lhes deu febre, contra o vento do sul que os fez ir no rolo do mar, em posição bem critica se tiveram, mesmo a *Capitanea* que depois garrando, se fez de vela.

Buscaram os navios, na manhã seguinte, abrigo ao norte da mesma ilha; e passado o temporal, ao soprar do sueste novamente, avistaram a *Capitanea* ao norte delles e navegando ao sudoeste. Suspendendo ferros, foram-lhe ao encontro, para velejarem depois reunidos á *Capitanea* buscada.

Nesta ilha dos Alcatrazes visitada por Martim Affonso em companhia do seu irmão, caçaram os portuguezes da

largar outra anchora, que me teve até pela menhãa com mui gram mar. A nao capitaina nam aparecia, e me fiz á véla; e fiz sinal ao galeam Sam Vicente e á caravéla; e fomos todos surgir, da banda do norte da ilha, em fundo de 18 braças d'area limpa; e determinamos de estar ali até passar o

---

armada muitos alcatrazes e rabiforcados, e ateou Pero Lopes fogo ao talvez escasso arvoredo de uma das grotas.

Será desde então, sem confirmação na carta de Viegas, que se a baptisara ilha dos Alcatrazes?

E no mais, deveria ser este signal de fogo feito ahi pelo capitão da nau N.ª S.ª das Candêas, um aviso aos habitantes, selvicolas ou não, dessas paragens - para Martim Affonso e os seus pilotos - comprehendidas em terras de S. Vicente?

Dia 11, e ao seguinte 12 de agosto, aproveitando-se do vento do nordeste e rumando ao oessudoeste das suas agulhas, foram avistar entre nevoas e ao meio-dia, outra parte do littoral.

Devia este demorar, parece, ao sul das actuaes pontas Guarahú e Juréa, talvez na altura da barra de Icapara - para nós, o golfo d'area quinhentista ou a baia pequena de Viegas: isto demonstra já se acharem livres, em parte por bôa fortuna, dos seguintes escolhos hoje conhecidos por: Lage de Santos, arrecifes e Lage da Conceição, e ilhótas Queimadas Grande e Pequena.

Merece aqui dizer que os Reinel davam entre o rio de sam vicente (porto de S. Vicente) e o golfo d'area (barra de Icapara), uma aldêa de cacique ou de europeo appellidado grigoryo: interessante ponto ainda por esclarecer.

temporal. A' tarde se fez o vento sueste, e vimos mea legua ao norte de nós a nao capitaina, que vinha no bordo do sudoeste; e nos fizemos á vela, e a fomos demandar.

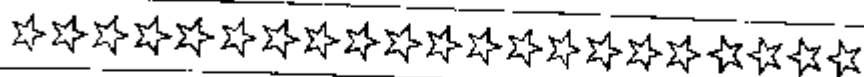
Sabado 12 dias do mes de agosto, com o vento nordeste, faziamos o caminho do essudoeste (63); e

Faziam-se os navios ao mar depois do reconhecimento da terra, até que "alimpasse a nevoa", para reconhece-la novamente. Mas "indo assim no bordo do mar", mandou arribar "o Capitão - Irmão", escreve Pero Lopes, "para fazermos a nossa viagem para o rio de Santa - Maria" ou da Prata. Rumaram então ao sudoeste da agulha e vieram dar com a ilha do Bom Abrigo, a que chamavam Cananéa.

Era antes, já resolução do capitão mór não retardar a sua ida ao rio da Prata; e desse ponto de mar costeiro em que se achavam horas antes, pensava que, rumando ao sudoeste, alcançariam o grande rio, safos da costa.

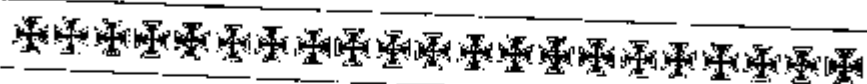
Ora, a esta costa, como sabemos, usavam os portuguezes, segundo Alonso de Santa Cruz, de avançar mais quatro graus para o oriente do que devera ser, avanço que já lhes parecia menor á proporção que traçavam o littoral até o rio da Prata.

Alonso de Sta. Cruz tambem dava no seu traçado o porto de S. Vicente a 80 leguas, ao leste - oeste com o cabo Frio, e Alonso de Chaves não era feliz dando este porto a 30 leguas ao oesnoroeste das sierras de San Sebastian ou da ysla de San Sebas-

ao meo dia vimos terra: seriamos della um tiro d'abombarda: até ver se por nos afastar della (64) viramos no bordo do mar, até ver se alimpava a nevoa, para tornarmos a conhecer a terra. Indo assi no bordo do mar mandou o capitam I. arribar, para fazermos nossa viagem para o Rio de Santa

tian, e essas a cem leguas ao occidente do citado cabo. Davam assim a entender e emendadas com exagero ao sul do cabo Frio, a correcção do lesnordeste para norte - sul que Waldsmüller traçara em 1507 da representação da costa brasileira entre o caput St. Crucis e o gorfo fremoso, e a que mais para o sul se vinha fazendo, ao correr do tempo.

Tirado desse ponto do mar o rumo do sudoeste pela sua agulha, para o rio de Santa Maria ou da Prata, desse ponto em que se achavam os navios de Martim Affonso antes de alcançarem a ilha do Bom-Abrigo — a ilha de Cananéa de Pero Lopes —, vieram elles mais cedo do que os seus capitães esperavam, ao esgarçar da cerração, a ter terra á vista, nesse dia 12 de agosto de 1531, dia de Santa Clara. Buscaram a seguir fundeadouro entre as actuaes ilhas do Bom Abrigo e do Cardoso, trazendo do rio de Janeiro cerca de 440 milhas de navegação.

Dá Pero Lopes a ilha de Cananéa (a actual Bom Abrigo) com uma legua em redondo, tendo ao meio uma sellada; como desabrigada dos ventos do sussudoeste e do nordeste; tendo ao norte, cousa de duas leguas ou cerca de 7 milhas, um rio que não identificaremos com o Iguape citado por Varnhagen, e distante 33 milhas ou cerca de 9

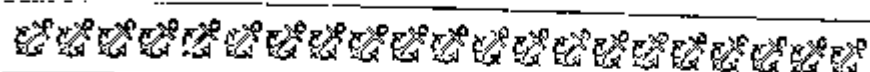
Maria (65): e fazendo o caminho do sudoeste demos com hûa ilha. Quiz a nossa senhora e a bemaventurada santa Crara, cujo dia era, que alimpou a neboa, e reconhecemos ser a ilha da Cananea (66): e fomos surgir antre ella e a terra, em fundo de sete braças. Esta ilha tem em redondo hûa

leguas dessa ilha, e sim com o - Mar Pequeno - hoje assim chamado. Seria esse o rio de cananéa do portulano Reinel ou o Rio de cananea (Kunstmann, II), e a engrossar as suas aguas entre as actuaes - ilha da Praia ou Comprida (talvez a ilha Branca, dos Reinel) e a ilha de Cananéa, para, por fim, desaguar no Atlantico, na bahia desse nome. A' ilha do Bom-Abrigo ou do Abrigo tambem chamou Gabriel Soares (1587): ilha Branca.

Desta bahia de Cananéa não nos fala o portulano Reinel, mas com 10 minutos menos de latitude sul, fala de um golfo d'area, provavelmente a barra de Icapara actual, a qual tambem se deverá identificar com a baia pequena de Viegas.

Dahi, se deve concluir: a ilha do Bom-Abrigo que o Diario marcava nesse littoral mais ao sudoeste do que realmente é, seria a esse tempo para os portuguezes a ilha de Cananéa afastada cerca de duas milhas da do Cardoso actual, e não ¼ de legua do continente, como o parecia a Pero Lopes.

Uma vez nesse fundeadouro, entre as actuaes ilhas do Bom Abrigo e do Cardoso, mandou Martim Affonso, rio acima - pela barra de Cananéa, subindo o Mar Pequeno - a Pedre Annes, piloto de um dos navios e "lingua da terra". Teria Pedre Annes ou Pedreannes, algum dia, sido ha-

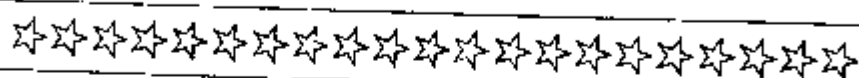
legua; faz no meo hũa sellada: está de terra firme 1 quarto de legua; he desabrigada do vento sulsudoeste e do nordeste, que quando venta mete mui gram mar. Desta ilha ao norte duas leguas se faz um rio (67) mui grande na terra firme: na barra de preamar tem tres braças, e dentro 8, 9 braças. Por

---

bitante dessas paragens ou do povoado do antigo porto de S. Vicente? O certo é que elle se entendeu com os tupininquins, com o bacharel degredado, e mais com Francisco de Chaves, um dos companheiros de Solis e depois de Caboto, como tambem de Enrique Montes nas aventuras que tiveram por scenario o rio da Prata e os sertões confinantes com as serras da prata e do ouro. Acompanhavam - n'os ahi 5 ou 6 castelhanos hospedes da terra, e seriam estes, alguns dos 12 ou 15 homens de Castella deixados por Caboto no porto de São Vicente e, depois passados para Cananéa, segundo Alonso de Sta. Cruz? (Oviedo - Hist. Gen. t.º 2.º, pag. 119).

Regressando o bergantim quatro ou cinco dias passados, o capitão mór saberia do bacharel o que constava desde que degredado da 1.ª ou 2.ª expedição portugueza naquella costa, se passara num periodo de cerca de trinta annos. Relatos delles, teria ainda o capitão mór sobre as viagens, entre outras, de Solis, de Rodrigo de Acuña ou de Jofre de Loaysa, de Caboto e de Diogo Garcia, com escalas por esses fundeadouros como o de São Vicente, - antigo porto de escravos dos portuguezes onde tiveram residencia certa: Gonçalo da Costa, óra em Sevilha, João Ramalho, serra acima e Antonio Rodrigues, na praia de Tumiarú. Dos selvagens da serra, como dos do littoral, haveria tambem Martim Affonso de ter noticias seguras e de muito auxilio á expedição.

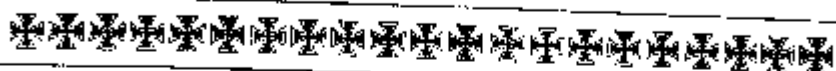
este rio arriba mandou o capitam I. hum bargantim; e a Pedre Annes Piloto, que era lingua da terra, que fosse haver fala dos Indios.

Quinta-feira 17 dias do mes de agosto veo Pedre Annes Piloto no bargantim, e como elle veo

✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡

Com Francisco de Chaves companheiro de Montes nessas emprezas ousadas e passadas, bandeirante do ouro e prata, conhecedor dos selvagens carijós ou do guarani e de outros que para terra dentro iam dominando, haveria o capitão mór de se informar a meude, principalmente no que tocava ás riquezas do sertão perlustrado por expedição como a de Aleixo Garcia, e á vida de castelhanos que ahi nessa terra, para elle da corôa de Portugal, tiveram ou vinham fixando residencia.

Enrique Montes - cujo nome jamais é citado nas paginas do Diario -, mas cuja nomeação para provedor de mantimentos da armada nos é assegurada pela carta regia de 16 de novembro de 1530, haveria então de vêr confirmadas as suas narrativas por esse mesmo Francisco de Chaves; e ao capitão mór cada vez mais estimularia o desejo de alcançar com esses navios o r i o d e S t a. M a r i a dos portuguezes ou r i o S o l i s dos espanhóes Não menor ambição entretanto manifestava o capitão mór ordenando tentar a conquista desse sertão americano, e além até as minas do Paraguai e do Perú. E assim dando fé ao compromisso de Francisco de Chaves que se obrigava, se recursos lhe fossem dados, de em dez mezes tornar ao **porto de Cananéa** com 400 escravos carregados de ouro e prata, nomeava a Pêro Lobo Pinheiro, capitão do galeão S. Vicente, por chefe de 40 bésteiros e 40 espingardeiros, e ordenava a partida da aventurosa bandeira a 1.° de setembro de 1531.

Francisco de Chaves e o bacharel, e 5 ou 6 castelhanos. Este bacharel havia 30 annos (65) que estava degradado nesta terra, e o Francisco de Chaves era mui grande lingua desta terra. Pela informaçam que della deu ao capitam I., mandou a Pero

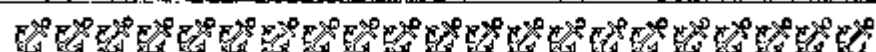
---

Com as informações que trazia da Peninsula Iberica e com as que viera obtendo dos quatro expedicionarios na bahia do Rio de Janeiro, esclarecido por Enrique Montes e por Francisco de Chaves a ponto de desfalcar a expedição colonizadora de oitenta homens e de um experto capitão de navio, cada vez mais ao capitão mór assistiria a certeza de se achar na verdadeira costa do ouro e ponto favoravel para conquista das minas. E se a "costa do pau brasil", a costa do norte, era a esse tempo buscada por francezes, seria esta, a "costa do ouro e prata", a costa do sul, mais visitada por espanhóes, sendo de tal, provas assás evidentes, o encontro ahi tido e as informações colhidas.

Seria acceitavel pois, que antes de desferrar a caminho do sul, durante esses 46 dias incompletos que ahi permaneceram, houvesse tambem levantado Martim Affonso novo padrão ou padrões em Cananéa, uma vez que fronteiro á ilha do Bom Abrigo ou Cananêa, de Pero Lopes, já um deveria existir para justificar que por ahi assignalasse o portulano Reinel, a ponta do Padrã?

Citações de Frei Gaspar da Madre de Deus, de Ayres de Casal e de Varnhagen, na sua "Carta sobre Ethnographia indigena" e na sua "Historia Geral do Brasil", e de outros mais, nos instruem sobre a existencia nesse local de padrões antigos.

Frei Gaspar, por exemplo, nos diz que, na ilha do Cardoso - fronteira á ilha do Bom-Abrigo por mar, á

Lobo com 80 homês, que fossem descobrir pela terra dentro; porque o dito Francisco de Chaves se obrigava que em 10 meses tornara ao dito porto com 400 escravos carregados de prata e ouro. Partiram desta ilha, ao 1.º dia de setembro de 1531, os

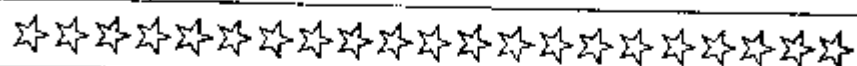
---

Comprida ou da Praia pelo norte, e á de Cananéa pelo noroeste - se havia erguido e ficara occulto para mais de 200 annos, um padrão portuguez que o Coronel Affonso Botelho de Sampaio e Sousa veiu a descobrir aos 16 de janeiro de 1767, quando examinava esse local na intenção de construir um fórte.

Seria esse, segundo opinião corrente, um dos padrões plantados por Martim Affonso, e recolhido pelo barão de Capanema em 1866 ao Museu do Instituto Historico, ou seria esse o ahi existente antes de 1531, e o qual, já o portulano dos Reinel (Paris) assignalava annos antes da chegada de Martim Affonso, com dar numa das pontas da ilha do Cardoso, a ponta d'o Padrã? Nesta ponta

> deve ter existido "sobre umas pedras um padrão de marmore europeu com quatro palmos de comprimento, dois de largo e um de grossura, e armas reaes de Portugal sem castellos" (Frei Gaspar. Memorias...)

Da existencia deste ou de outros padrões o Diario de Pero Lopes nada relata que nos auxilie a identificação: mas sabemos que antes da expedição de 1530, deveria ser valiosa na Casa de la Contratacion a opinião de A. de Sta. Cruz accorde com a de Alonso de Chaves (Oviedo - Hist de las Indias. pgs. 114-115 Tomo 2.º) por darem a linha demarcadora luso-espanhola passando ao norte do Brasil na ponta dos Fumos e ao sul, no cabo de Buen - Abrigo abaixo das sierras de San

40 besteiros e os 40 espingardeiros. Aqui nesta ilha estivemos 44 dias: nelles nunca vimos o sol; de dia e de noite nos choveo sempre com muitas trovoadas e relampados: nestes dias nos nam ventaram outros ventos, senam desd'o sudoeste até o sul.

✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡

Sebastian. Em compensação, Diogo Ribeiro, em exemplar cartographico official para a Espanha, já incluia em 1529 francamente essas terras na posse da corôa portugueza. Deveriam ser taes terras mais portuguezas ainda para Martim Affonso de Sousa e dahi, meridionalmente, em breve se extender até pouco ao sul do golfo de S. Mathias, uma vez que Pero Lopes em 1531 ainda, vem a plantar padrões de dominio lusitano no esteiro dos Carandins.

Poder-se-ia tambem dahi concluir, que o capitão mór encontrando castelhanos no littoral de Cananéa e sabendo talvez de outros que ahi viveram, achasse de bom aviso plantar nessa paragem não marco lindeiro, mas padrões de posse, como advertencia a esses intrusos em terras de Portugal depositarias dos preciosos metaes?

Na falta de provas mais precisas que se pode affirmar, se o proprio Diario é o primeiro a guardar silencio sobre tão importante occorrencia?

Emfim, lançado ou não novo padrão á terra, ordenava Martim Affonso, como dissemos, a bandeira a 1 de setembro de 1531 e preparava a largada dos seus navios para o sul no dia 26 de setembro desse mesmo anno. E ao partir, vinte e cinco dias depois de se pôr em marcha a bandeira de Pero Lobo, deixaria elle ainda ahi em Cananéa, ao bacharel e aos 5 ou 6 castelhanos, se um e outros não se incorporaram aos sertanistas de Pero Lobo e de Francisco de Chaves? E não mandaria tambem o nosso illustre

Deram-nos tam grandes tromentas destes ventos, e tam rijos, como eu em outra nenhũa parte os vi ventar. Aqui perdemos muitas anchoras, e nos quebraram muitos cabres.

Cap. IV
Mappa 6

Terça-feira 26 do mes de setembro partimos desta ilha com o vento leste, fazendo caminho do

capitão mór nenhum recado seu para o antigo porto de Sam Vicente, em cujas terras pelo relato de Gonçalo da Costa a D. João III, teria elle sabido da existencia de Antonio Rodrigues, como praieiro em Tumiarú, e da de João Ramalho, sobre serra e á borda dos campos de Piratininga?

CANANÉA -
- YLHAS DAS ONÇAS -

Cap. IV
Mappa 6

Depois da demora nesse porto da ilha do Bom-Abrigo (Cananéa), de 12 de agosto a 26 de setembro de 1531, desferrando com o auxilio do vento do leste, fizeram-se ao mar os quatro navios seguidos dos dois bergantins armados no Rio de Janeiro. Já ahi andava o S. Vicente ao mando de outro capitão.

Durante a travessia haveria de realizar-se o que os roteiros hoje nos ensinam: vento do nordeste rijo tendo como resposta vento de igual intensidade do quadrante opposto. E' verdade que, além desta asserção dos roteiros modernos, ainda se sabe: — que de maio a outubro o vento

sul, até quarta-feira pela menhãa, que se fez o vento nordeste; faziamos o caminho do sulsudoeste, com muita agua e relampados; de noite se fez tanto

do sudoeste predomina com rajadas ás vezes do sueste para o sudoeste, o que os nossos navegantes não vieram a soffrer.

Desde 26 de setembro até 15 de outubro, quando aportaram ao cabo de Sta. Maria, os ventos mantiveram-se do nordeste, com respostas do sudoeste, passando ao norte, ao leste, ao sudoeste, ás vezes, com saltos. Deu-se o gyro delles no sentido do movimento dos ponteiros dos relogios, o que significaria por essas paragens, continuação do mau tempo, pois a bonança ahi se prenuncia quando os ventos em sentido contrario ao do movimento dos citados ponteiros.

Mas, rumando ao sul, e depois ao sussudoeste da agulha, veiu a armada ferindo as ondas. Com o nordeste rijo já para 3 dias deixava por boreste, sem referencia no Diario, os seguintes pontos então mais conhecidos nas cartas dos Reinel, em outros portulanos ou roteiros quinhentistas dessa costa, e talvez identificados, a saber: a ponta do padrã (na actual ilha do Cardoso, fronteira a de Bom-Abrigo ou Cananéa de Pero Lopes); o rio alagado (o rio Varadouro com a barra de Ararapira); rio dos dragos e baia das voltas, (entrada e porto de Paranaguá); golfo do repairo, talvez "o puerto de la barca" onde Oviedo diz ter estado, neste sector, D. Rodrigo d'Acuña na vinda para o norte, (bahia da Guaratuba); rio das voltas (S. Francisco do Sul), visitado pelo bravo corso Paulmier de Gonneville e já assim S. Francisco nomeado no portulano de Turim (1523), mas com um grau de differença na latitude (25.° 10') discordan-

vento que nos foi necessario tirarmos as monetas, e irmos toda a noite com pouca vela.

Quinta-feira 28 do mes de setembro com o dito

te da de Alonso de Sta. Cruz que dava esse rio 27 leguas ao sul do porto de Cananéa ou menos 3 que Alonso de Chaves.

A ilha citada por Alonso de Sta. Cruz á foz desse mesmo rio, e depois nomeada - "S. Francisco" - não nos parece ser a isla de la plata de Solís, como o quer Medina.

Outros pontos ainda ahi se sabiam dados pelos Reinel; como: ylhas anonymas, ou as muitas que existem nesse littoral hoje do Paraná e de Sta. Catharina; o rio samto bêto, a 2.ª ylha dos goyanazes; o golfo onde sey... e o golfo onde levyo a ba (tel), todos de difficil identificação, e postos por nós no mappa 6, entre outros pontos já identificados, valendo-nos das latitudes dos portulanos que nos guiam.

Proseguindo, notemos ainda nos portulanos antigos a ylha dos pargos (Reinel), o rio dos patos (Reinel e Viegas), o golfo dos patos (Maggiolo, 1519 e Turim 1523), como: ilha de Sta. Catharina ou melhor, de Sta. Catalina com o seu porto septentrional de San Sebastian, e ambos assim nomeados por Sebastian Caboto; e o porto dos patos ao sotavento desta ilha, no continente fronteiro. Oviedo dava este porto com a latitude de 27.° e 30' sul, o que vale a dizer, em carta moderna, na barra norte e não longe do Anhatomirim; mas sabemos, que esse quinhentista porto dos patos demorava approximada, senão exactamente, em 27.° 50' junto á barra do sul da ilha de Santa Catharina, á sombra da ponta dos Naufragados, do lado

vento faziamos o caminho do sulsudoeste: e de noite ventou tam forte com relampados e tanta agua, que até no quarto da modorra iamos dar em terra.

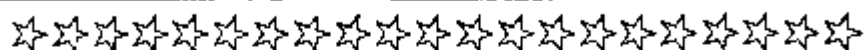
---

do continente, na enseada onde desagua o Massiambú; e que essa ysla de Santa Catalina (Caboto) ou dos pargos (Reinel), que ao porto ficava fronteira, seria tambem a Ysla de la plata (Solis) que Medina dará como a actual São Francisco. Por meados do seculo XVI, em frente á grande ilha de Sta. Catharina, existiria tambem o "puerto de Potosi" ou "de Vera" assim chamado pelos espanhóes, como consta da Colleccion de documentos sobre Demarcacion y division de las Indias, n.os 424 e 425 (Copia de Madero, Descobrimiento del Rio de la Plata). Talvez se podesse, na carta de hoje ter a este "puerto de Vera" proximo ao Jurumirim, mais para a ponta da Bateria ou mesmo para São José, do que para Marahú.

Ao sul dessa ysla de la plata ou melhor, da de Santa Catalina, ficavam: a ysla del repairo (a ilha do Coral de hoje), perto da qual fundeou Caboto; e, uns "yslotes" (os 3 Irmãos ou Moleques) que elle tambem buscou antes de demandar - o porto dos patos - que era assim nomeado, por nelle, segundo Lopez de Gomara, "aver infinitos patos negros sin pluma, e con el bico de cuerno, y gordisimos de comer peces".

Abrindo pequeno parenthesis nesta identificação e para não perder de vista a navegação de Martim Affonso com os quatro navios e os dois bergantins, devemos dizer ser conveniente o leitor ter vivo na memoria esse passo do Diario: que dois dias e meio após a partida de Martim Affonso, de

e me saí della com assaz trabalho. Esta noite se apartaram os bargantins de nós.

Sesta-feira pela menhãa houvemos vista de

Cananéa, luctando contra o nordeste, houve desgarro dos dois bergantins só encontrados dois dias depois, ainda luctando contra o vento, bem já a 35 milhas ao sul do parallelo do - porto dos Patos - e á vista da terra que corria nornordeste - sussudoeste pela agulha de bordo.

Novamente, de 30 de setembro para 1 de outubro se deu a perda de um dos bergantins, que só mais tarde em S. Vicente, de volta do rio da Prata, se soube ter arribado ao porto dos patos. Este porto, a 29, tivera Martim Affonso desejo de demandar.

Habitavam mais para o sul das regiões da Cananéa já conhecida e correndo a costa catharinense até a do rio Grande do sul dos nossos dias, os indios carijós, em cujo sector se deveria achar o que se chamava a - terra dos Patos - e principalmente esse porto dos Patos - como dissemos, na enseada de Massiambú. Deste bem perto já residira Enrique Montes, depois informante de Martim Affonso da "costa de ouro e prata".

E assim, passando ao largo desse porto os navios do capitão mór, será de grande utilidade ao leitor, neste instante, fixar este ponto geographico de tão grande valor historico e de emprego tão valioso na cartographia quinhentista: - essa terra e porto dos patos -, desde que ahi pisaram europeus até os annos de 1531 e 1532 de tantos acontecimentos importantes para a armada colonizadora.

terra 3 leguas de nós, que se corria nornordeste sulsudoeste. Como nos achegamos mais a terra reconhecemos ser ao sul do porto dos Patos (69)

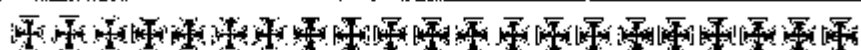
O PORTO DOS PATOS

Em 1516, onze christãos, segundo Medína, ou dez, segundo d'Avila, embarcadiços do galeão da armada do desventurado Solis, aportavam a essa terra e principalmente a esse baptisado então porto dos Patos. Fronteiro era este á ilha (ysla de la Plata) depois chamada Sta. Catalina por Caboto em honra de sua mulher, D. Catalina de Medrano. E a vinda desses primeiros christãos e espanhóes de Solis, fez dessa paragem um centro de irradiação aventureira e sertanista, e escala forçada dos marítimos europeus que viajando do outro hemispherio, vinham em busca de ouro e prata nas regiões sulinas da America.

Demandavam então, os navios, essa enseada onde, mais tarde, Hans Staden assignalaria com casas de povoação no continente e como - porto dos Patos - ainda. Em tempos anteriores, nas proximidades deste porto, mas terra a dentro dez ou doze leguas, viveram desde o naufragio da armada de Solis, até a chegada de Caboto, dois homens daquella armada: Enrique Montes e Melchior Ramirez.

Traziam estes ao aportarem ahi perdidos da desafortunada expedição ao rio Solis ou da Prata, trabalhada a imaginação pelo sonho das grandes riquezas su-

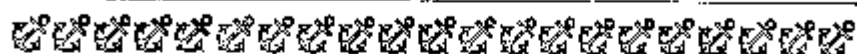
4 leguas, e tornamos de ló, ver se podiamos cobrar o dito Porto: o vento era tanto ao nordeste, que virando no bordo do mar, me levou o traquete d'ávante.

---

bido o rio Paraná e galgada a serra, em distancia a percorrer de duzentas leguas, e, onde os indios viajeiros, usavam de ir e voltar.

Correndo o sertão dessa terra dos Patos, Montes e Ramirez exploraram-no com temeridade, pelo que perduraria entre elles tambem a noticia da existencia, certo em terras do Perú, de um rei branco trazendo barba e vestidos como os civilizados: e mais: de que os indios comarcãos de "serra acima" usavam á cabeça umas coroas de prata; ás orelhas, e ao pescoço e pendentes delles, umas chapas de ouro, como da cintura, custosas cintas; e de que nessas paragens sertanejas perlustradas por esses bandeirantes primevos, usavam carijós, guaranis ou chandules, de atacar os expedicionarios, para lhes roubarem os escravos e ouro trazidos de sobre serra.

Ao chegar D. Rodrigo d'Acuña a esse porto dos Patos em 1.º de maio de 1526, na nau S. Gabriel, salvo do naufrgio da desafortunada armada do espanhol Jofre de Loaysa, já havia elle residido num porto dessa terra dos Patos, entre o cabo de Santa Martha e a ilha de Santa Catharina.

Oviedo cita este porto como o nomeado puerto de D. Rodrigo, e no-lo dá 7 a 8 leguas ao sul da grande ilha; isto é, provavelmente, como o actual porto de Imbituba.

Encontrou-se D. Rodrigo com Enrique Montes e Melchior Ramirez no então - porto dos Patos - aventureiros que já haviam renovado a exploração dos rios Solis, de Sta. Maria ou da Prata e affluentes, em companhia

Sabado 30 do dito mes no quarto d'alva tornamos no bordo da terra com todalas velas, e depois do meo dia houve vista de terra, que eramos 6 le-

de Christovam Jaques; e só depois poude apparelhar-se para partir deste porto, ahi deixando parece, por desertados, 13 ou 15 homens da sua nau.

Com esses europeus ahi abandonados, viria em breve a conviver Sebastian Caboto que a 19 de outubro de 1526, vindo ao largo da ilha de Sta. Catharina, assim por elle baptisada, teve, para se livrar de um léste duro que soprava, de buscar abrigo á sombra de uma ilha pequena, ao sul dessa grande ilha. Chamavam então os navegadores a esta pequena ilha a isla del repairo, e era ella dada por Oviedo tres leguas ao sul da de Santa Catharina. Por este motivo a tomaremos pela - ilha do Coral - da cartographia moderna, a 6 milhas da grande ilha e mais conforme ao que nos instruem Oviedo, Outes, Medina e cartas maritimas do seculo vinte.

Recebida a visita de uma canôa de indios que deram ao capitão parte do que já Jorge Gomes lhe vinha a bordo informando desde que partiram de Pernambuco, estava sciente Caboto da existencia de christãos no proximo porto dos Patos. Confirma-se essa informação definitivamente com a visita do aventureiro Enrique Montes a bordo dos navios recem-chegados. Achou então Caboto, de bom aviso, mudar de ancoradouro: primeiro, para junto das tres ilhas pequenas - provavelmente os 3 Irmãos ou os Moleques do Sul, - e depois ao ordenar demandarem os navios a barra do sul de Sta. Catharina -. Ahi já se havia certificado da profundidade de 6 braças, minima no canal de accesso para o porto dos Patos, que buscava.

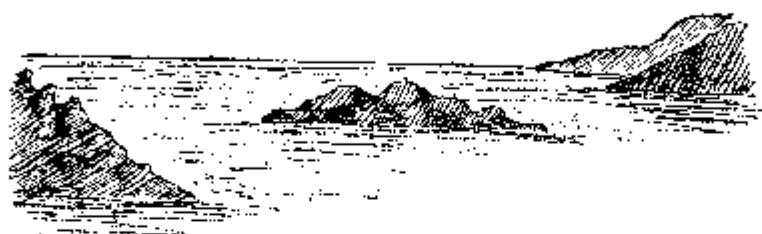
guas ao sul de donde partiramos. Virando no bordo do mar vieram os bargantins dar comnosco: e logo fizemos o nosso caminho com o vento e mar

Entretanto, como não manobrasse a nau Victoria com a devida presteza, se deu o choque da mesma nau contra um ilhéo, provavelmente o em que depois se ergueu a fortaleza de Araçatuba, junto á ponta dos Naufragados. Deu-se o naufragio a 26 de outubro de 1526, e só a 2 de novembro, entrando pela barra do sul, fundeou Caboto com os restantes navios, no desejado porto.

Construida nessas praias uma galeota de 20 bancos, atormentados os seus com febres no arraial em que pousaram e, depois embarcados nos seus navios e galeota Ramírez e Montes e mais 15 tripulantes abandonados pela nau S. Gabriel de D. Rodrigo d'Acuña, ordenava Caboto á sua armada suspender ferros a 15 de fevereiro de 1527. Deixava nesse porto, ao abandono, a Rojas, a Mendez e a Rodas, e partia tendo por destino o rio Solis ou da Prata.

Não havia mais elle em mente realizar a viagem que lhe determinara o imperador Carlos V, qual a de, navegando o estreito de Magalhães, ir ao descobrimento das ilhas Tarsi e Ophir, e ao Catayo Oriental, ou como secretamente constava, ás Molucas das especiarias ou - ilhas reaes - dos arabes; e sim, em busca dos rios Solis e Paraná para nelles tentar o desencanto das ambicionadas riquezas. Esta viagem competeria á missão que o mesmo Rei commettera a Diego Garcia de Moguer o qual após passagem pelo - porto dos Patos, veiu a encontrar-se com Caboto no rio da Prata e affluentes.

mui grande; e desd'a mea noite corremos, com hum pé de vento de norte, arbore seca.

Domingo 1.º dia de outubro pela menhãa, hum

Das desavenças passadas entre os dois e do regresso das duas expedições fraccionadas á Espanha, deve ainda aqui consignar-se a escala de taes navios novamente no porto dos Patos, onde Caboto não mais haveria de encontrar o seu companheiro ahi posto por elle em abandono, o capitão Rojas, porque este partira para São Vicente, auxiliado por Gonçalo da Costa. Caboto ainda desta feita não se emendara: deixava ao norte, abandonados na ilha de Sta. Catharina, no porto de San Sebastian, o clerigo Francisco Garcia e outro embarcadiço da frota.

A que expedição ou expedições, pois, haveriam de pertencer esses 15 castelhanos que no dito porto dos Patos "havia muito tempo que estavam perdidos", quando ahi arribou o bergantim, desgarrado da frota de Martim Affonso durante a noite de 30 de setembro para a madrugada de 1 de outubro de 1531? Sim, os quinze castelhanos que ajudaram aos tripulantes do bergantim portuguez a fabricar um novo com madeiras do paiz, e aos quaes a caravela Sta. Maria do Cabo vem encontrar salvos quando de regresso do rio da Prata em janeiro de 1532?

Seria para essa gente do bergantim perdido que Martim Affonso haveria de deixar, na ilha das Palmas,

dos bargantins nam aparecia; ao outro dei hum calabrete por popa, porque nam podia com a vela.

Segunda-feira com o vento e mar mui grande

em frente ao antigo cabo de Santa Maria, uma carta "emburilhada em cera e atada a uma cruz".

Dessa ilha e dessa carta, trataremos paginas adeante; como tambem mais uma vez desses tripulantes e 15 castelhanos, quando embarcados na caravela Santa Maria do Cabo e no bergantim ahi construido, se veem encontrar a 5 de fevereiro de 1532 com o capitão mór na villa ribeirinha de S. Vicente, para o informarem do sertão distante rico de ouro e prata do que "traziam mostras" -.

Dada esta explicação necessaria ao estudo deste passo do Diario de Pero Lopes, volvamos ao que elle mais argue e convem saber da viagem dos navios de Martim Affonso, entre Cananéa — cabo de Sta. Maria, com escala nas 3 ylhas das onças.

Reencetando o que a tal respeito vinhamos dizendo, surprehendamos os quatro navios seguidos dos dois bergantins, ainda quando cerca de 15 milhas ao sul do porto dos Patos, ou da segunda vez a uma trintena dellas ao sul do referido porto, dão encontro dos bergantins; lembremo-nos nesse dia 30 de setembro do "pé de vento" do norte que soffreram em arvore seca, e do desgarro de um dos bergantins dessa noite para a madrugada de 1 de outubro; e ainda mais: da consequente arribada delle ao porto dos Patos.

fazia o caminho do sul, com os papafigos mui baxos.

Terça-feira 3 de outubro ao meo dia tomei o

Os quatro navios de Martim Affonso e um bergantim continuaram em derrota ao sul; e durante ella, a leitura do Diario nos revela como o regime meteorologico na costa se mantem identico ao que se conhece 400 annos depois, aconselhando-nos providencias e cautelas.

Assim, nas duas travessias Cananéa - ylhas das Onças, ylhas das Onças - cabo de Santa Maria, se contrapõe ao nordeste que soprara violento precedido de um salto ao nórte, o vento do sudoeste rijo. Andaram os navios ao "pairo" por vezes, soffrendo muito mar, descahindo ou com este rolando.

Com 16 dias de viagem avistaram no littoral um fumo, certamente feito pelos indios, e na costa hoje rio-grandense do sul — apesar de no nosso traçado cartographico ter sido impossivel fixar este ponto, tendo, como tivemos, de attentar no que relata o Diario a 8, 9 e 10 de outubro com referencia á navegação, á latitude, á sondagem feita e á distancia da terra.

Estes elementos apresentados com erros sensiveis não nos ajudaram, conciliados, a dar com mais approximação o traçado da navegação ahi em bordadas, por contrastes dos ventos. (mappa 6).

Respondeu ao sudoeste, o nordeste ainda; e esta annotação e mais os outros detalhes do Diario, sobre o gyro

sol em 31 graos e 1 quarto: com o dito vento e mar fazia o caminho do sul.

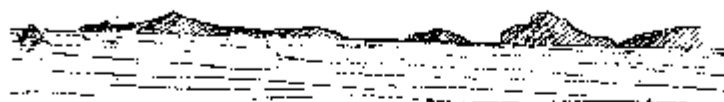
Quarta-feira ao meo dia tomei o sol em 32

---

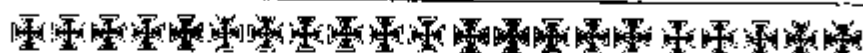
que soffreu o vento, veem justificar o que ao presente se sabe: "O sudoeste sopra nesta costa rio-grandense após

> uma serie de ventos do nordeste, e mais estes ventos durarem, mais o salto ao sudoeste será violento. A calma succede geralmente ao nordeste e então o ceu se torna nublado; a atmosphera carregada de eletricidade; o horizonte vem a encinzar-se ao norte e ao oeste, geralmente durante a noite, notando-se relampagos a esse rumo. Ao oeste e ao sudoeste, nuvens negras sóbem gradualmente acompanhadas de trovões e relampagos, até que o vento sopra e cresce o temporal".

Por boreste, - continuando na derrota dos navios - vinham elles deixando os seguintes pontos da toponymia quinhentista da costa, para o sul já do porto dos Patos: o porto de D. Rodrigo, (o porto de Imbituba) ou o em que, D. Rodrigo d'Acuña se abrigou e residiu após o seu naufragio nesse littoral; as ylhas de aradeyras, (Araras, Taçari ou Itacolomi e Lobos; o rio do a Recife, (o do Tubarão); o golfo fremoso (Laguna), talvez tambem o golfo do ilhéo, no portulano de Gaspar Viegas ou o porto do Promontorio ou del Farallon dos Espanhóes, se é que assignalado pelo farayol de Alonso de Sta. Cruz, ilhéo que identificaremos com o actual Tacari ou Itacolomi; as serras de santa marta da pena (Reinel), ou a terra alta de Viegas, ou o cabo da terra alta de - Pero Lopes, o cabo e serras de Sta. Martha -, na costa

graos e 1 terço: fazia-me de terra 20 leguas; do cabo da terra alta (70) me fazia 50: demorava-me ao norte e a quarta do nordeste.

depois catharinense; o rio dos Negros (Reinel), talvez o actual Mampituba ou o de Martim Affonso de Souza no portulano de Viegas, designação esta que em menos de cem annos os cartographos tanto avançaram para o sul que João Teixeira o vem a dar na altura do "arroio Chuy" dos nossos dias; terra bayxa, areall, costa d'area, costa bayxa, certamente a actual costa rio grandense; a baia apacelada ou aparcelada e a ponta do aRecife: esta, um dos cabos Castillo ou Polonio, ou mesmo a punta Rocha uruguaia, hoje cabo de Santa Maria, — e aquella, junta a qualquer destes promontorios como uma bahia com parceis; um R (io) de . . . ou um rio, anonymo em Reinel, mas no portulano da Riccardianna, neste passo mal copiado do de Viegas — como "Rio das Onças" — em vez de ilhas das Onças. Com o tempo algumas cartas quinhentistas ou não, transformaram este "rio das onças" no "rio Martim Affonso de Sousa"; - rio este que para Viegas seria o actual Mampituba, uma vez que o dava entre a "terra alta" ou cabo de Sta. Martha e o sam p.º (S. Pedro) pela primeira vez a apparecer em cartographia como designação da barra do actual Rio-Grande, e na latitude de 30.º - 50', em vez de 32.º.

Sobre a identificação deste rio com o Mampituba ou Mambituba actual, dado hoje em carta moderna aos 29.º 18', quando Viegas dava o de Martim Affonso de Souza aos 30.º sul, Simão de Vasconcellos e Varnhagen foram do parecer que adoptamos.

Quinta-feira no quarto d'alva me deu por d'avante o vento sudoeste, levando as velas cheas de vento nordeste que foi a mór afronta que nesta

.YLHAS DAS ONÇAS - PORTO DO ANTIGO CABO DE SANTA MARIA

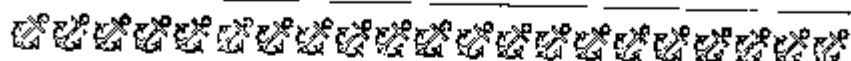
Cap. IV Mappa 6 pg. 240)

Valendo-nos das paginas do Diario chegámos ainda á conclusão de que na ida para o rio da Prata, nas travessias Cananéa - ylhas das onças, e ylhas das Onças — cabo de Sta. Maria, jamais Martim Affonso e os seus tocaram em algum rio digno de nota, e sim, em 3 ilhas de pedra por Pero Lopes baptisadas - ylhas das Onças -, designação, que a carta de Viegas é a primeira a assignalar em 1534.

Nestas ilhas não encontraram elles, onças, mas lobos marinhos que os mareantes caçaram. Fronteira a ellas, é verdade, havia uma "terra fremosa" com "muitos ribeiros dagua" e "muitas ervas e frôres como as de Portugal".

Visitaram-na os de Martim Affonso e, nella acharam "duas onças mui grandes" e nenhuma gente. E por isso as ilhas povoadas de lobos marinhos, passaram a ser chamadas por Pero Lopes, - das onças - ferozes habitantes do continente fronteiro. E tambem nesse continente e nesse ponto não se encontrariam rios, senão, como diz o Diario, "muitos ribeiros dagua" ou arroios como o de Balizas — que se lança na laguna Castillo. Esta demora perto do cabo Castillo, e este dista do cabo Polonio, apenas tres milhas e meia.

Que ilhas das Onças seriam estas, pois, dadas imprecisamente nas cartas de Vaz Dourado (1580), de Giovanni Battista (1585)), de Hulderico Schmidel (1599 — The Conquest of the River Plate, Graham) e de Yodocus

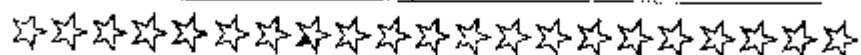
viagem nós tinhamos visto; e com o vento sudoeste lançamos as naos ao pairo. De noite cresceo tanto o vento e o mar que me nam quiz a nao arribar.

Hondius (1606), nesta costa sulina, e com esse nome correcto ou adulterado ?

A' vista de uma moderna carta nautica passaremos a identificar estas tres ilhas de pedra com algumas das ilhas Torres e a ponta a ellas fronteira, de que nos fala o Diario, com um dos chamados cabos Castillo ou Polonio.

A um destes cabos, ou mais provavelmente, á ponta erradamente marcada como cabo de Santa - Maria e depois punta Rocha uruguaia, teria Diogo Ribeiro em 1529 nomeado cabo de João de Lixbôa, talvez para assignalar houvesse ahi tão notavel marcante residido. ou ser Lisbôa o primeiro a avistar a dita ponta ou cabo.

Ha ainda a considerar: todas essas ilhas Torres - a que pertencem as Castillos Grandes e mais as Palomas, - e, quem sabe, se até as Castillos Chicos, distantes das outras 2 Castillos vinte e oito milhas, mais ou menos, - foram as que salteadamente vieram sendo chamadas ilhas das Onças ou mais communmente: as cinco ilhas Rodrigo Alvarez, e as duas, Christovam Jaques. Todas estas ilhas no portulano Ribeiro de 1529, eram postas na embocadura do rio Solis (Sta. Maria ou da Prata).

Entretanto, as unicas que haveriam de marcar os portulanos na embocadura do grande rio, deveriam de ser ao sueste da punta del Este de Maldonado (para nós, o antigo cabo de Santa Maria): a ysla de los lovos ou ilha dos Lobos e, ao oeste do

Sesta-feira até o meo dia sofremos o pairo com muito trabalho e arribei com a nao, e em arribando pela quadra me deu hum tam gram mar, e veo

dito cabo, a ilha das Palmas (Maldonado ou Gorriti).

Imprecisa era porém a cartographia ou a representação desse sector da costa, e assim o continuou a ser, até que os problemas da latitude e da longitude fossem resolvidos a rigor, assim como o systema de projecção nas cartas maritimas chegasse a melhor termo.

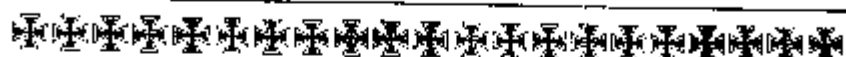
Anteriormente a essa epoca - dizia Alonso de Sta. Cruz, o que não está de accordo com a citação de Harrisse no seu livro John & Sebastian Cabot - (pags. 211) - que, antes de se entrar no rio da Prata, "ha quatro ou cinco ilhas pequenas, umas leste-oeste com as outras, afastadas entre si legua e meia, chamadas - ilhas Rodrigo Alvarez por as haver descoberto um piloto que em nossa companhia levavamos com esse appellido" (Yslario, pg 50).

Estas devemos te-las pelas actuaes - ilhas Torres - formadas das Torres propriamente ditas, ás quaes tambem pertencem as duas Castillos Grandes. Deu dessas ilhas tambem vista Francisco Torres, um dos pilotos de Solis, e antes de Rodrigo Alvarez da expedição Caboto; mas por ilhas Rodrigo Alvarez foram mais conhecidas dos pilotos quinhentistas. Só o tempo veiu a fazer justiça ao verdadeiro descobridor dellas.

Diz ainda Alonso de Sta. Cruz, no Yslario (pg. 50):

"Ao austro destas, ha outras nomeadas Christovam Jaques, que era um portuguez assim chamado que as des-

ter ao convez, e meteu-me dous quarteis para dentro; entrou tanta agua, que antre ambas as cubertas me nadou o batel; assi arribamos alagados: até

---

cobriu, vindo por capitão de uma caravela á costa do Brasil e á fama do ouro que se dizia haver nella." Estas devem ser - as actuaes ilhas Paloma e Tuna, - mais ao sul das outras e em frente ao actual cabo de Sta. Maria.

E logo a seguir, nos instrue ainda o mesmo auctor: "junto ao "Cabo de Sta. Maria" (não do actual, mas do antigo cabo de Sta. Maria, hoje, punta del Este de Madonado), "que é á entrada do rio, está uma ilha chamada - de los lovos (ou dos Lobos) "por haver nella muitos lobos marinhos: é ilha deserta e sem agua". Sobre esta ilha não póde restar duvida: é a ilha ainda assim chamada na embocadura do rio da Prata —; a ilha dos lobos.

Fixemos ag ra todas as ilhas citadas com as latitudes medias ou exactas:

As 2 Castillos Grandes, ao norte do cabo Castillo em 34.° 21' de latitude sul; as duas ilhas e um ilhote (Rasa ou Seca, Encantada e Islote), juntas ao cabo Polonio em latitude media de 34.° 24' sul, e estas, as ylhas das Onças, que o portulano Viegas dá aos 34.° 15' ou com differença de 9 minutos de arco;

as duas ilhas Paloma e Tuna, esta já agora tendendo a se unir ás terras do actual cabo de Sta. Maria e ao nornordeste deste, e ambas com a latitude média de 34.° 39' sul.

Recapitulando a identificação das ditas ilhas, assignalemos definitivamente o seguinte:

a): as 3 ylhas de pedra de Pero Lopes —

o quarto da modorra com duas bombas acabamos d'esgotar a agua.

Sabado 7 de outubro saltou o vento de supito

ou as tres ylhas das onças - como 3 das 5 actuaes ilhas Torres; a saber: Rasa, Encantada e Islote;

b) as yslas Rodrigo Alvarez, todas as 5 das actuaes - ilhas Torres - e, portanto: as 3 ylhas das onças de Pero Lopes e mais as 2 actuaes Castillos Grandes que Varnhagen na 1.ª edição do Diario dava incorrectamente como as 3 ylhas das onças;

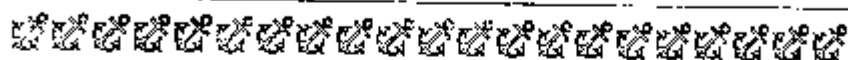
c) as ylhas Christovam Jaques, as duas mais ao sul - a Paloma e a Tuna - fronteiras ao actual cabo de Sta. Maria.

Dada esta identificação baralhada em cartographia quinhentista, volvamos ao Diario.

Até certo ponto do littoral, pelas agulhas que traziam, dizia Pero Lopes correr a costa ao nordeste-sudoeste, e, montada uma outra ponta, ao oessudoeste.

Das inflexões que se dão nessa costa sulina, devem citar-se a do cabo Polonio em diante e a do actual cabo de Sta Maria, como dignas de nota, por destas pontas o littoral rumar, mais approximado do dizer do Diario, ao sudoeste e ao oessudoeste. E nessa direcção ou noutra que lhe seja approximada, até que extremo meridional se mantem assim a costa?

Para os navegadores como Pero Lopes, até o cabo de Sta. Maria, passado o qual vinha a orientar-se a mesma costa ao leste - oeste. Donde se deve

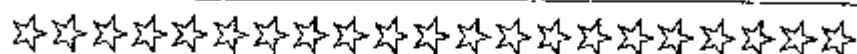
ao nordeste e ventou mui forte; e andava o mar do sudoeste, e com o do nordeste cruzavam que nam havia homem, que se nas naos tivesse.

concluir: que não devera ser o actual cabo de Sta. Maria, o principal cabo de Sta. Maria quinhentista, tendo-se em vista não só as palavras do Diario e a navegação feita, como os muitos portulanos daquelle tempo e as cartas de hoje em comparação com aquelles.

Esta proposição lançada, affirmemos ainda que não era sómente opinião de Pero Lopes a de ficar o - cabo de Sta. Maria antigo, no extremo leste do littoral que corre leste-oeste da embocadura para dentro do rio de Sta. Maria ou da Prata, tendo junta ao cabo a ilha das Palmas; mas tambem a de outros navegadores portuguezes, espanhóes e hollandezes, com referirem: que desse cabo para dentro a orientação da costa é de leste-oeste.

Tendo ainda, como principal escopo o estudo da navegação dos navios, não percamos pois, de vista o que desejamos provar.

Navegando na altura do sector geographico onde se destaca o cabo Polonio, avistando a costa ahi em direcção nordeste-sudoeste, Martim Affonso sempre se veiu guiando por ella e, pela que passada desse cabo, rumava ao oessudoeste. Tinha elle tambem por informante o prumo que a todo momento lançava ao mar, valioso elemento para quem navega ainda hoje por essas paragens sulinas. E assim, e por ahi mareando, notou Pero Lopes, que singrando dois relogios ou uma hora ao oessudoeste, achava vinte braças de fundo; e governando outros dois relogios ou uma hora

Domingo faziamos o caminho do sul com muito vento nordeste. E ao meo dia tomei o sol em 31 graos e meo. Fazia-me de terra 23 leguas (71).

✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩

ao oeste e ao oeste quarta de sudoeste, vinte e cinco: de maneira que "achava mais fundo da banda da terra que do mar".

Examinando numa carta moderna esse informe do habil navegador, concluiremos que se deveria nesse instante ter aos navios de Martim Affonso navegando na região maritima comprehendida entre os actuaes cabo Polonio e a punta del Este de Maldonado, e trazendo á vista, se a paragem em bom estado atmospherico, o actual cabo de Sta. Maria.

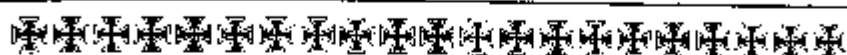
Dois exemplos bastam para justificar o que affirmámos:

1.º) Se no mesmo parallelo do actual cabo de Santa Maria e a vinte milhas delle, governasse um navio ao rumo verdadeiro de 16.º sudoeste, alcançaria a sondagem assignalada - Mud well - na carta ingleza; - e ahi, tão ronceiro fosse quanto era uma nau quinhentista - se respectivamente se fizesse uma hora, proximamente ao oessudoeste e outra ao oeste e ao oeste quarta do sudoeste, que lhe diria o prumo em sondagem constante?

— Certo, accusaria fundo maior de 25 braças se rumasse ao oeste ou para costa, e menor, se se amarasse mais.

2.º) Se a 32 milhas, agora, e ainda no parallelo do mesmo cabo, rumasse o navio ao sul verdadeiro, encontraria fundos de 20, 29, 36 e 32 braças inglezas; e se entre oessudoeste e oeste quarta do sudoeste, e portanto mais junto á costa, navegasse sobre o mesmo - Mud well - accusaria o prumo fundos maiores de 38, 42, 43, 45 e 43

Segunda-feira ao meo dia tomei o sol em 33 graos e 1 terço: fazia-me de terra 18 leguas. Esta noite se passou o vento ao sudoeste, e trincamos com os traquetes baxos no bordo do sulsueste.

---

braças até novamente o fundo normal na costa atlantica do Uruguai; e assim, mais fundo buscando a terra que o mar largo.

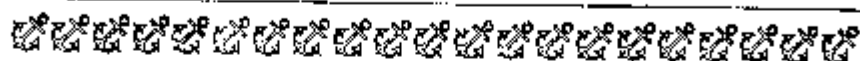
Pelo que exposemos, fica então facil de se confirmar o que os pilotos do seculo teriam por ylhas das onças e antigo cabo de Sta. Maria; este, no quadrante sudoeste do actual cabo deste nome.

Sahindo pois, das 3 ylhas das onças ou de 3 das cinco ylhas Rodrigo Alvarez, ou Torres actualmente, Martim Affonso e os seus, nesse dia 14 de outubro de 1531, indo em busca do antigo fundeadouro do cabo de Sta. Maria, só poderiam pelo prumo ter notado essa singularidade, se navegassem sobre a sondagem assignalada nas cartas inglezas - Mud Well - locada entre o parallelo do cabo Polonio e o da punta del Este Maldonado.

Diz o Diario, que, no mesmo dia em que notaram essa particularidade do fundo oceanico - 15 de outubro - veiu a armada a surgir ao oeste do referido cabo de Sta. Maria, cuja latitude Pero Lopes dá: 34.° e ¾ ou 34° e 45' sul, e com muito pouca differença da com que Viegas o assignala.

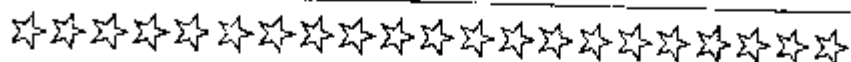
Esta latitude differe da do actual cabo de Sta. Maria de 4 minutos e 45 segundos apenas, emquanto da da actual punta del Este de Maldonado, mostra differença para menos de 13 minutos e 40 segundos de arco.

Terça-feira no quarto d'alva com muito vento sudoeste lançamos as naos ao pairo; e ao meo dia se fez o vento bonança: vimos da gavia ao noro-

---

Esta differença maior, justamente nos inclina a acceitar ser tal latitude dada por Pero Lopes ao antigo cabo de Sta. Maria, como a da punta del Este de Maldonado, uma vez que o capitão da nau Nª. S.ª das Candêas - como bom piloto quinhentista, valendo-se de imperfeitas ephemerides, - taboas ou regimentos -, rudes astrolabios ou quadrantes e, portanto, de alturas do sol influidas dos erros dos instrumentos, das taboas e da observação pessoal, jamais ao correr do Diario nos dá latitude no Brasil com differença de 4 ou 5 minutos da verdadedira latitude, e sim, com erro de dezena de minutos, oscillante entre 10 e 18.

E demais, affirma Pero Lopes, no seu estilo pittoresco:

> "Segunda-feira pela menhã, mandou o Capitam I. (Irmão, isto é, Martim Affonso) ao piloto-mór que fosse ver hũa ilha (ilha das Palmas) que estava pegada com o dito cabo, (antigo cabo de Sta. Maria) se antre ella e a terra havia bom surgidouro: e ao meodia tornou Vicente Lourenço (o piloto mór) e disse que o porto que era bom; senam que com os ventos oessudoeste e sulsudoeste era desabrigado, e que do vento sulsueste tinha baxos ao mar: e á tarde fomos surgir antre a ilha e a terra em fundo de 6 braças e mea de preamar. Aqui nesta ilha tomámos agua e lenha e fomos com os bateis fazer pescaria: e em hum dia matámos desoito mil peixes antre corvinas e pes-

este um fumo. Mandei lançar a sonda, e tomei fundo com 60 braças: e nos fizemos á vela no bordo do noroeste a demandar o fundo (72); e ao sol posto

cadas e enxovas: pescavamos em fundo de 8 braças: como lançavamos os anzolos na agua nam havia ahi vagar para recolher os peixes. Nesta ilha estivemos 8 dias esperando por um bergantim que da nossa companhia se perdera (o bergantim desgarrado ao sul do porto dos Patos e cujo destino M. Affonso ignorava): como não veo, mandou o Capitam I. (Irmão) pôr hũa cruz na ilha e nella atada uma carta emburilhada em cera, e nella dizia ao capitam do bergantim o que fizesse vindo ali ter".

"Domingo, 21 de outubro pela menhãa partimos desta ilha. Com o vento nordeste fazia o caminho ao longo da costa que se corre aloeste: mea legua de terra ia sempre per fundo de 9, 10 braças".

E paginas adeante diz Pero Lopes:

"Esta ilha das Palmas he muito pequena; della a terra ha hum quarto de legua: faz a entrada da banda do essudoeste: (deve ler-se: oessudoeste): ha de fundo limpo 4, 5, 6 braças. Ao mar della, hũa legua ao sul, ha hũs baxos de pedra mui perigosos".

E já, nessa mesma pagina, referindo-se á viagem de regresso a Cananéa, accrescenta:

"Terça-feira 1.º dia de janeiro (de 1532), partimos desta ilha com o vento lesnordeste; fizemos o caminho do sudoeste. A' noite se fez (o vento) norte e fizemos o caminho a leste toda a noite, com bom vento".

vi a terra (78) da gavia, a qual era mui baxa sem conhecença algũa: e no quarto da prima me fiz no bordo do sueste com o vento sulsudoeste.

"Quarta-feira 2 de janeiro (de 1532) pela menhãa saltou o vento a sudoeste; fizemos o caminho ao nordeste e a quarta de leste; e á noite acalmou o vento: e ao pôr do sol vimos terra, a qual se corre a nordeste - sudoeste".

Sabemos, antes de tudo, que em frente á punta Rocha dos uruguaios ou actual cabo de Santa Maria (tambem Sta. Maria para Maggiolo em 1527 para differençar-se do outro que elle marcava Sta. Maria do bondeseho ou actual Punta del Este de Maldonado), não existe uma ilha, e sim duas: a Paloma e a Tuna, antigas ilhas quinhentistas Christovam Jaques.

Dizia o piloto Vicente Lourenço que o porto buscado á sombra da ilha das Palmas, era bom, mas que dos ventos do oessudoeste e do sussudoeste era desabrigado, e tinha ao sussueste "baxos ao mar". Ora, o maior fundo que se encontra no fundeadouro do cabo de Sta. Maria das cartas de hoje, e assim mesmo entre duas ilhas, é de 5,m2 e não de 6 braças; dos ventos do oessudoeste e do sussudoeste é o referido porto desabrigado; e a entrada para esse citado fundeadouro não é ao oessudoeste, e sim dentro no sector lesnordeste - lessueste.

Além disso diz Pero Lopes terem nella tomado agua e lenha, o que está de accordo com o Ms. n.º 1715 da Bib. Nac. de B. Aires, relato da viagem do piloto F. Fernandez a mando de D. Valdez em 1600, com dizer da existencia de uma e outra na ilha de Maldonado: "Luego alli junto

Quarta-feira 11 dias do dito mes pela menhãa nos acalmou o vento 3 leguas da terra, a qual se corre nordeste sudoeste e toma da quarta de norte

---

hallaron muchos pozos de arena de agua dulce que se resumia de la misma tierra"; ou tambem: "Andando mas adelante, a la banda del sudueste, hallaron un arroyuelo de agua dulce"; ou ainda: "hallaron mucha arboleda y no muy grande, y muchas palmeras"...

Tal não se daria com Paloma ou Tuna.

Poderiamos assim, concluir: não ser este o porto visitado pelo piloto mór Vicente Lourenço e portanto não ser este o antigo porto do cabo de Santa Maria aonde os navios de Martim Affonso fundearam; mas buscaremos ainda documentação para prova-lo.

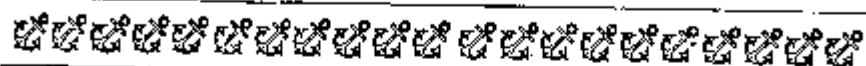
Accresce a favor da these que - ao partirem para montar o rio de Sta. Maria ou da Prata', "com o vento nordeste fizeram o caminho ao longo da costa que se corre aloeste".

Como navegar a - aloeste - pois, do actual cabo de Santa Maria, sem se levar o navio a naufragio de encontro á costa rochosa? E depois, quando partindo desse porto de regresso ás terras vicentinas, como manobrar para amarar-se com segurança desse fundeadouro, marcando ao vento do lesnordeste com caminho ao sudoeste até a noite, sem naufragio certo?! E assim, depois, ainda poder com bom vento do norte fazer o caminho ao leste toda a noite, até que este saltando ao sudoeste, o fizesse governar o navio ao nordeste quarta do leste?!

Explica-se, crêmos, esta navegação, tomando-se como a praticada por quem partindo da altura do porto de Maldonado ao rumo do sudoeste, se resguardasse da isla de

sul, em fundo de 16 braças; matamos esta noite muitas pescadas.

Quinta-feira ao meo dia tomei o sol em 34

---

los lovos ou da ilha dos lobos até antes do anoitecer, e depois singrando ao leste com vento do norte ganhasse o mar alto, e ahi, ao salto do vento do sudoeste, governasse ao nordeste quarta do leste para então avistar a costa orientada ao nordeste - sudoeste por taes agulhas.

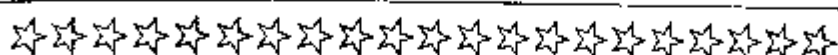
Que ponto deveria ser, pois, esse antigo cabo de Santa Maria, e que ilha essa, a das Palmas, citada por Pero Lopes?

Indubitavelmente: é o primeiro a punta del Este de Maldonado; a segunda, a ilha Maldonado ou Gorriti existente entre esta ponta e a punta de la Ballena, e dando resguardo ao mesmo porto de Maldonado do qual seria parte o antigo porto do antigo cabo de Santa Maria.

Antes de por nós exposta esta opinião, já Paul Groussac, profundo historiador, fundamentara igual asserção no tomo 4.º dos "Anales de la Bibliotheca de Buenos Aires", em 1905.

Deste notavel auctor, cujos trabalhos honram as letras americanas, sentimos discordar sómente em dois passos do seu trabalho: primeiro, no tratar com certa ironia, algum dos deslises toleraveis, em face de uma obra grandiosa como é a Historia Geral do Brasil, de Varnhagen; segundo, por considerar o Diario de Pero Lopes, "deshilvanado é incorrecto" (Tomo 4, pg. 312).

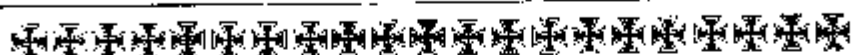
Verdade é, que já um escriptor brasileiro de auctoridade, João Mendes de Almeida, na Revista do Inst. Hist. e Geographico Brasileiro (volume 53) ou na - Miscellanea

graos, e com o vento norte ia correndo a costa ao sudoeste. Ao pôr do sol fomos surgir antre tres ilhas de pedras (74), donde matamos muitos lobos marinhos.

(Memoria, 1887) tivera tambem as seguintes e impensadas palavras sobre o Diario óra causa do nosso estudo:

> "Manifestamente esse Diario da Navegação de Pero Lopes de Sousa, com referencia á expedição de 1530 — 1535 (?) é um documento apocrypho ou sem fundamento algum de authenticidade, podendo porem ser o Diario da Navegação de Martim Affonso de Sousa para a India em 1533-1534, mudado para 1530-1531 (?), com o enxerto em forma complementar da navegação de Pero Lopes de Sousa para o rio da Prata e do seu regresso para Portugal em 1531 — 1532".

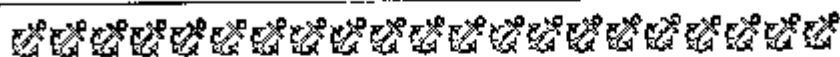
Ousamos discordar, em parte, do profundo historiador como completamente do estudioso escriptor brasileiro; mas o fazemos com sinceridade, para affirmar que todos os passos que estudámos e passaremos, em paginas adeante, a narrar e a estudar, revelam e revelarão o opposto: a authenticidade do Diario de Pero Lopes, tão pittoresco e preciso em seus recontos, como tambem em observações, conhecimentos technicos da costa brasileira e do rio da Prata, quanto nenhum outro em conjunto ao tempo o foi mais.

Dada esta ligeira nota indispensavel ao leitor sincero e attento, volvamos ainda a provar qual o — cabo de Sta. Maria — dos antigos, antecedendo os nossos conceitos sobre tal ponto, de uma homenagem a Paul Groussac, com transcrever para as nossas paginas, as suas proprias

Sesta-feira 13 do dito mes pela menhãa se fez o vento sudoeste, que nos vinha por riba de hûa ponta, que nos demorava ao sulsudoeste e ventou

palavras do Tomo 4.º dos "Anales de la Biblioteca — de Buenos Aires. (pg. 302). "Lo que desde el comienzo del siglo XVI hasta mediados del XVIII (atlas Robert, 1750) se ha llamado el cabo de Santa Maria, ha sido la punta ó recodo de la costa sudamericana, por los grados 35 de latitud, em que esta aparecia pasando bruscamente del rumbo NNE - SSO al E ¼ SE - O ¼ NO, ó sea formando casi um ángulo recto com la margen izquierda del Río de la Plata. Ahora bien: este brusco recodo és una simple concepcion téorica; no existe tal vértice único, sino un p a n - c o u p é. En terminos más precisos: la costa fórma alli una linea poligonal muy obtusa, cuyo esquema se obtendria juntando los tres vertices: isla de Flores, punta del Este (ó Maldonado) y cabo de Santa Maria".

D. Diego Alvear no seu Diario (Anales de la Bib. Tomo IV), já dissera em 1791: "Las Puntas del Este y de la Ballena con lo mas sur de Gorriti, reinfilan el angulo de 57.º 30' NO y distan entre si cinco milhas. Desde la primera tuerce ya la costa exterior al NE ¼ E, como en linea recta: y sin variar casi de esta direccion se prolonga la gran distancia de 26 leguas hasta los islotes Castillos en los 34.º20' de lat. austral. En toda ela no se descubre el cabo de Santa Maria que supponem las cartas. La referida Punta Oriental de Maldonado es pues la que sale mas al sur y la que daremos este mombre en nuestro plano".

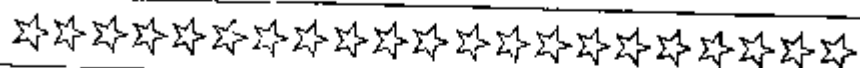
Apoiemo-nos ainda no que affirmaram a respeito navegantes do passado e desenharam cartographos.

com tanta força que a nao capitaina perdeu o cabre, e lhe quebrou a amarra. Toda esta noite estivemos com muita tromenta.

Francisco Albo, no seu Diario da viagem de Fernão de Magalhães confirma a mesma opinião do grande navegador, citando que a 10 de janeiro de 1520 "veiu a ser a nossa altura 35.º, e estavamos em direito do cabo de Santa Maria: dahi em deante corre a costa leste-oeste e a terra é arenosa, e em direito do cabo ha uma montanha a modo de chapéo, ao qual puzemos o nome Montevidi, e ao meio delle e do cabo de Santa Maria ha um rio que se chama o rio dos Patos".

Este rio deve bem ser o — Solis Grande, — antigamente tambem conhecido pelo dos Begoás e assim chamado no portulano de Viegas. Foi este rio, ponto de partida de Pero Lopes no bergantim, e depois ainda designado com esse nome na carta de Vaz Dourado e em outras.

No "Yslario" de A. Sta. Cruz se lê tambem: "junto do cabo de Sta. Maria, que é á entrada do rio (da Prata) está uma ilha dita dos Lobos, por nella haver muitos lobos marinhos; é ilha deserta e sem agua".

Reparemos bem: isla de los lovos ou ilha dos lobos, junto do cabo de Sta. Maria, do Santa Maria antigo, porque do actual cabo de Sta. Maria, dista ella 42 milhas, ao passo que da punta del Este de Maldonado, cerca de 4 milhas, apenas.

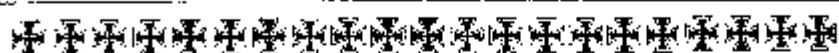
Sabado no quarto d'alva acalmou o vento, e fui á terra firme por nos fazerem muitos fumos. A terra (75) he mui fermosa, muitos ribeiros d'agua, e

Caboto tambem disse: a ilha dos lobos encontra-se a uma legua, pouco mais ou menos, do cabo de Sta. Maria.

> Adeanta-nos Diego Garcia, que "o cabo de Sta. Maria está em 34.º e meio, e fóra do cabo está uma ilha chamada ilha dos Pargos — que é grande pescaria: nella estivemos oito dias esperando o bergantim que vinha atraz e dentro no cabo até o rio (da Prata) "está uma ilha que se chama das Palmas, e fóra della está um recife que o toma uma legua ao mar; e esta ilha das Palmas, é muito bom porto" - ... (Memoria - Madero, pg 356).

Esta ilha é a que Alonso de Sta. Cruz, e mais Oviedo e Harrise, nos dizem ter sido avistada no dia seguinte á chegada de Caboto ao rio Solis ou da Prata, - toda coberta de palmaceas, motivo por que se chamou - das Palmas -, assim como a outra habitada por lobos marinhos, tambem se nomeou - dos Lobos -.

E é este mesmo auctor e habil cosmographo quem, visitando pouco tempo antes de Martim Affonso o rio Solis (de Sta. Maria ou da Prata), dava para embocadura do citado rio, 30 leguas -, menos uma dezena das que terá, e quando, Diogo Ribeiro a dava com 20 leguas apenas até o cabo de Sto. Antonio. - Se se a houvesse de medir, entre os actuaes cabo de Sta. Maria e cabo Branco, se lhe teria de dar valor duplo dessa maior medida, ou cerca de 60 leguas. Em tanto erro, suppomos, não incorreria Alonso de Sta. Cruz, elle, que até ao

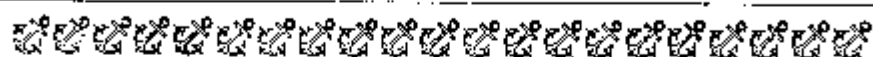
muitas ervas e frores, como as de Portugal. Achamos duas onças mui grandes, e nos tornamos para as naos sem vermos gente. E ao meo dia se fez o

---

tempo da imprecisão do calculo das longitudes, nos dava um dos melhores, senão o melhor traçado do meridiano divisorio sobre o continente americano do sul.

O que fica exposto, já em parte nos facilita fixarmos na carta maritima de hoje o antigo cabo de Santa Maria, a ilha dos Lobos, a ilha das Palmas e o porto do antigo cabo de Santa Maria defendido por essa ilha das Palmas de dois kilometros de comprido e a uma folgada milha de terra. Com o tempo a esta se chamou Maldonado e Gorriti; e a esse fundeadouro, baptisado por Solis - N.ª Senhora da Candelaria e por Pero Lopes, parte delle, o porto do cabo de Santa Maria, se veiu no todo a chamar-se o porto de Maldonado. E' este porto formado, como dissemos, no seio existente entre a punta del Este e a de la Ballena sob o resguardo da ilha de Maldonado, e com optimo fundeadouro de 10 metros, de mais facil accesso para os grandes navios por uma barra que por outra. E' elle, desabrigado dos ventos do oessudoeste e do sussudoeste, como via o piloto mór Vicente Lourenço - ao porto do antigo cabo de Santa Maria - e com "baxos ao mar" ao sul da ilha e ao sussueste do porto, como o diziam Pero Lopes e o piloto.

Recorrendo até aqui ao que relataram alguns pilotos e capitães do mar, valhamo-nos ainda da cartographia, influenciada por aspectos politicos que na Peninsula Iberica ou fóra della se vieram desenrolando.

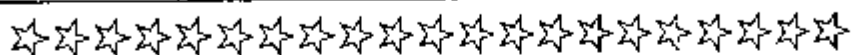
Mappa 6 (á margem) (pg. 222) vento nordeste, e com elle nos fizemos á vela. Estas ilhas, a que puz nome — das Onças — (76), tomei o sol nellas em 34 graos e meo; e em do-

---

Até fins do seculo XVIII, apoiados na inexactidão dos calculos da longitude, ou melhor até proximidades de 1770, as cartas maritimas imprecisamente locavam o cabo de Sta Maria; mas na maioria, e em particular portuguezes e espanhóes, eram accordes em seus traçados, em projectar o cabo de Sta. Maria nos seus planos cartographicos, como vertice de um angulo recto formado na embocadura do bello rio Solis, Sta. Maria ou da Prata.

Quando mais conhecidos e aperfeiçoados os calculos da longitude, da latitude, da variação da agulha, e o processo de projecção nas cartas, começou de se accentuar a correcção da irregularidade praticada nos velhos portulanos sobre a nossa costa sulina. Essa evolução mostrada através de tantos annos, na fixação do referido cabo em paragem disputada por espanhóes e portuguezes, se poderá avaliar, consultando os mappas citados por Groussac: Danville (1768); Robert de Vaugoudy (1750); Millan (1768) e até certo ponto, o mappa de Olmedilla que entretanto dá deslocada a ilha da Palma ou das Palmas para o actual cabo de Santa Maria.

Melhor que esta, a carta hollandeza de Janszoon Bloen (1605) punha o cabo de Sta. Maria onde hoje se nomea a punta del Este de Maldonado tendo ao sueste a ilha dos Lobos; e assim muitos outros portulanos ou cartas de marear que consultámos na Bibliotheca Nacional do Rio de Janeiro, da qual nos cumpre realçar a gentileza dos

brando a ponta (77), que me demorava ao sulsudoeste, se corre a costa a loessudoeste até o cabo de Santa Maria (78), que está em altura de 34

✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡

funccionarios de qualquer categoria e a competencia de tão dignos directores.

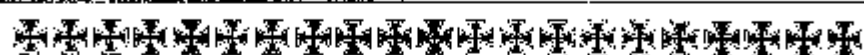
São esses portulanos, por ordem chronologica: Maiollo ou Maggiolo (1515); Reinel (1516?); Turim (1523); Gaspar Viegas (1534), - além do mais, o primeiro desenhado em Portugal após a expedição de Martim Affonso ao Brasil -; Caboto (1544); Jacopo Gastaldi (1554); Lazaro Luiz (1563); Thevet (1575); Guillaume le Testu (Bib. Min. de la Guerre Paris); Arnoldus Florentius (1596, 1645 e principalmente o de 1630); Yoducus Hondius (1597); Danckerts (1660); João Teixeira (1666): Pierre du Val (1655 - 1665); Clement Jonghe (1640); Louis Stanilas Darcy de la Rochette, e o mappa official geographico de 1796 feito para marcar as divisas de Espanha com Portugal, tendo como auctor o tenente-General Francisco Requena.

Cumpre aqui dizer que a carta de Maiollo ou Maggiolo de 1527, dá dois cabos de Sta. Maria: um, onde será hoje o cabo desse nome, e o outro - o cabo de Sta. Maria do bondeseho onde ao presente se vê a punta del Este de Maldonado.

E' dever nosso tambem citarmos, como não assignalando assim o verdadeiro e antigo cabo de Sta. Maria, os seguintes portulanos e cartas: Diego Ribeiro (1527-1529); Abraham Ortellius (1570 — 1584); Cornelius de Judoeis (1593); Petrus Plaucius (1592 — 1645); Mathias Quaden (1598 — 1608); B. Langenes (1598); Guillaume Sanson (1697); Yodicus Hondius (1602); Nicolas Sanson (1650) e Guillaume Lisle (1700).

graos e 3 quartos, e no quarto da prima me acalmou o vento.

Domingo 15 d'outubro pela menhãa se fez o vento nordeste; e com elle fazia o caminho ao longo

---

E se duvida existia já sobre a posição desse cabo de Sta. Maria, ella assim caminha, até que as expedições de Aguirre e de Malespina, valendo-se de mais perfeitos processos, taboas, agulhas e instrumentos para o calculo das latitudes e das longitudes, conseguissem fixar as coordenadas do dito local, com idoneidade scientifica, no ponto onde hoje se desenha na costa, a punta del Este de Maldonado. Esta interpretação correcta vem entretanto a ser alterada, segundo Paul Groussac, pelo tenente Oyarvide em suas cartas nauticas, com o deslocar este official a posição do antigo cabo de Santa Maria de proximamente cincoenta milhas para o nordeste da actual punta del Este de Maldonado.

Restabelecia-se assim, sem nisso pensar-se, a designação de Maggiolo em 1527, mas por calculo tambem se fazia desapparecer a do outro cabo Sta. Maria do bondeseho, dada nesse portulano quinhentista na embocadura do rio da Prata e, onde hoje se reconhece a punta del Este de Maldonado, acima citada.

Aos estudiosos da historia colonial da America do Sul e desses segredos diplomaticos em que se sacrificam tantas vezes a sciencia e a consciencia dos homens, devemos deixar aqui consignados e para certas pesquizas em archivos espanhóes e lusitanos, o periodo de tempo decorrido entre 1783 e 1796 em que Oyarvide como geographo de uma partida demarcadora fez levantamentos hydrographicos do rio da Prata, e o entre 1803 e 1806 em que residiu na cidade de Montevideo.

da costa, sondando sempre. Governando 2 relogios a loessudoeste achava 20 braças: governando outros 2 relogios aloeste e a quarta do sudoeste dava em fundo de 25 braças; de maneira que achava mais fundo da banda da terra que do mar (19).

Esclarecido esse ponto importante na derrota de Martim Affonso, esclarecimento que melhor se ha de marcar, estudando outras paginas do Diario de Pero Lopes, tomemos para todos os effeitos do estudo que prosegue — a punta del Este de Maldonado pelo antigo cabo de Santa Maria. Surprehendamos fundeados em 8 braças de fundo ao oeste do dito cabo as 2 naus, o galeão, a caravela e um bergantim da expedição affonsina; e assistamos á troca de fundeadouro destes navios para dentro no porto do dito cabo.

Permaneçamos cerca de seis dias com elles na espera do bergantim desgarrado durante a travessia Cananéa - ilhas das Onças, e para o qual mandou o capitão mór levantar na ilha das Palmas uma cruz e atar nesta "uma carta emburilhada em cera", preservando-a assim do tempo, e na qual se davam ordens ao capitão do bergantim sobre o que haveria de fazer se ahi viesse a aportar.

Semelhante signal achou Caboto na ilha dos Lobos, dois annos antes da expedição de Martim Affonso, feito por Diego Garcia para um bergantim retardado. E esse signal feito naquella ilha proxima á das Palmas, teve por testemunha de vista a Enrique Montes, um dos aventureiros e sertanistas da armada de Caboto, ora "provedor

Ao sol posto fomos com o cabo de Santa Maria; e surgimos em fundo de 8 braças da banda d'aloeste do dito cabo (80).

Cap. V

Segunda-feira pela menhãa mandou o capitam

---

de mantimentos" da expedição portugueza, e, mais do que tudo, informante da "costa do ouro e prata" embarcado nos navios de Martim Affonso. E' pois bem possivel, que a esse aventureiro se devesse a idéa daquelle significativo signal.

O RIO DE STA. MARIA OU DA PRATA

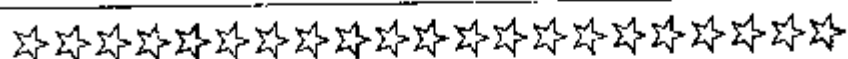
Cap. V (pag. 257)

Estava em pleno rio de Sta. Maria dos portuguezes, Solis dos Espanhóes, ou da Prata já então nomeado, no extremo da costa da prata e do ouro, a expedição do capitão mór Martim Affonso de Sousa, desde o dia 15 de outubro de 1531.

Da paragem buscada por aventureiros e pilotos, tracemos os antecedentes historicos indispensaveis para melhor conhecimento do que levaria o capitão mór, após o naufragio da Capitanea, a mandar rio acima o seu intrepido irmão Pero Lopes de Sousa.

Os navegadores portuguezes João de Lisbôa, Lopes de Carvalho e outros da expedição da "Gazeta Aleman" armada por Cristoval de Haro e D. Nuno Manuel, mostram com a sua viagem, a existencia desse rio baptisado Sta. Maria; dão nascimento á lenda de grandes riquezas e thesouros ás duas margens e serra acima; e assim a Portugal, a supremacia do descobrimento dessas aguas ainda parece, até então não sulcadas por naus ao serviço de qualquer outra nação da Europa.

I. ao piloto mór que fosse ver hũa ilha (81), que estava pegada com o dito cabo, se antre ella e a ter-

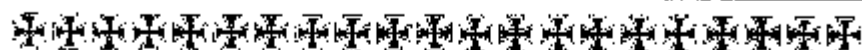
✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰

D. Nuno Manuel possuidor do machado de prata encontrado, certificando a existencia do que buscavam, e João Lopes de Carvalho e João de Lisbôa ahi residentes algum tempo, levam-nos á certeza de que o rio de Sta. Maria é descoberta dos marujos da velha Lusitania; e de que a expedição da Gazeta Aleman (1514) talvez pilotada por João de Lisbôa é a primeira a descobrir, sem logo desvendar ao mundo, a existencia do grande rio do sul. Gaspar Corrêa nas Lendas (II, 628) dá João de Lisbôa como o descobridor em 1514 do rio de Santa Maria, e Schöner na sua "Cosmosgrafia", em 1515, já a este rio se refere.

Essa revelação começa de se vulgarizar nas duas côrtes ibéricas com mais intensidade, porém, após a expedição de João Dias de Solis, em 1516 aportada ao estuario platino, ao mando desse navegador portuguez ao serviço de Espanha; e com ella e com os restantes della, é que se vem alargar em imaginação e em realidade o scenario da conquista, em que o marinheiro intrepido encontrou o termo da sua vida tocada de aventura.

Francisco del Puerto é dessa expedição, como tambem Enrique Montes, Melchior Ramirez, Francisco de Chaves, Diego precedido de Aleixo Garcia, todos arautos da lenda do Rei Branco, serra acima, vestido á moda dos civilizados e ostentando sobre si ornamentos de preciosos metaes.

Montes e Ramirez tiveram por base de sua acção bandeirante - na hoje costa catharinense - o porto dos Patos, e não deixaram de levar ás duas Espanhas, tal como depois Caboto, Diego Garcia, Francisco Torres, Gonçalo da Costa e outros mais, o relato de aventuras e o anseio

ra havia bom surgidouro: e ao meo dia tornou Vicente Lourenço (82), e disse que o porto que era

✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠

de vividas esperanças. Francisco del Puerto, montando residencia no delta do Paraná e visitando as regiões maravilhosas de sobre serra, tornou-se ahi o informante dessas longinquas terras e civilizações. Francisco de Chaves propagando a lenda - mais ao norte do porto dos Patos -, em Cananéa, passou a residir em tal sector do littoral e veiu a dar ao proprio capitão mór Martim Affonso, em agosto de 1531, informações da sua aventura bandeirante e talvez da de Aleixo Garcia que, internando-se mais para o sertão, iniciara com tal feito o esboço da colonização do Paraguai para encontrar a morte nessas selvas primitivas da America.

Mas não trouxesse João Dias de Solis ao largar das margens de Espanha, as instrucções ordenadas pelo rei e datadas de 4 de novembro de 1514, mandando-o ir "a las

> espaldas de la tierra de onde ahora está Pedro Arias, mi Capitan General y Gobernador de Castilla del Oro, y de alli adelante", "descubriendo por las dichas espaldas mil y setecientas leguas"; e mais ainda: "contando desde la raya y demarcacion que vá por la punta de la dicha Castilla del Oro adelante, de lo que se no ha descubierto até a hora", contanto que não tocasse "en costa alguma, de las tierras que pertenecem a la Coroña Real de Portugal, so pena de muerte e perdimento de bienes para nuestra camara. porque nuestra voluntad és que lo assentado y capitulado entre esos reinos y los reinos de Portugal se guarde e cumpla

muy enteramente". E ainda mais: que logo que chegasse abaixo, "das espaldas da Castilla del Oro" mandasse mensageiro a Pedrarias d'Avila, e ao rei da Espanha, um

bom (83); senam que com os ventos oessudoeste e sulsudoeste era desabrigado, e que do vento sulsu-

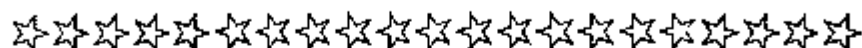
desenho da dita costa; e se, continuando a navegação pelo littoral verificasse ser esta terra uma ilha e assim ter passagem para o grande oceano descoberto por Balbóa, enviasse cartas suas á ilha de Cuba ou mensageiro encarregado de relatar o que fôra descoberto.

Chegado João Dias de Solis ao futuro rio da Prata, depois de clandestinamente fazer escala em portos da costa já reconhecida como de Portugal, mal se deu á exploração do dito rio, teve por premio a desventura e a morte.

Quando ao r i o d e S t a. M a r i a (S o l i s o u d a P r a t a) aportou depois Magalhães em 1520, mandando embora portuguez uma expedição de Espanha, reconheceu um seu piloto e capitão tambem portuguez, João Lopes de Carvalho, o c a b o d e S t a . M a r i a e o rio do mesmo nome, cujas aguas já havia sulcado. Mais rio a dentro baptisavam — M o n t e v i d i a um morro á vista, e antes, a a um rio (o Solis Grande de hoje), r i o d o s P a t o s ou melhor, o r i o d o s B e g o á s de Pero Lopes, situado entre o antigo c a b o d e S t a . M a r i a e o Cerro ou M o n t e v i d i.

Attingiu esta expedição o rio Uruay ou Uruguai - chamado tambem por Pigafetta, Albo e Brito, r i o S o l i s, - mas por Magalhães S a m C h r i s t o v a m, nome este ainda conservado em portulanos antigos como no de Maggiolo de 1527, no do piloto portuguez anonymo e no de Salviatti da Bibliotheca Laurenciana. Pelo desenho de Pigafetta se vê como a exploração se extendeu ao Paraná e ao Uruguai não muito longe do qual, e já no rio da Prata, se veem as — S e t e I l h a s —, para alguns — as i l h a s d e l a s P i e d r a s e actualmente chamadas i l h a s d e

este tinha baxos ao mar: e á tarde fomos surgir antre a ilha e a terra (83) em fundo de 6 braças e mea

✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰✰

S. Gabriel, e onde, segundo argue o mesmo chronista, se encontraram pedras preciosas.

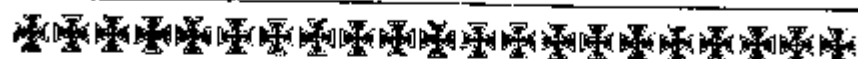
O mappa de Levino Hulsius no-las dá como: Gemar, 7 insulas.

Após reconhecimento não muito demorado, mas que deu ao grande navegador a certeza de que por essa via não encontraria passagem para o Pacifico, partiu Magalhães do rio — de Sta Maria em busca do Estreito que passaria a immortalizar-lhe o nome.

Se não o antecedeu na visita ao rio cujas aguas deixava, o intrepido navegador ao serviço de Portugal - Christovam Jaques, entre 1516 e 1519, só em alguma viagem desconhecida, feita entre 1519 e 1527 se poderia attribuir a visita deste navegador ao rio de Sta. Maria.

A vinda de Christovam Jaques já vemos assignalada nos portulanos Ribeiro, 1529, Agnese, 1555 (?) e outros o attestam com nomearem duas ilhas fóra do estuario e na costa atlantica — ylhas Christovam Jaques - em paginas passadas identificadas por nós com a Paloma e a Tuna, fronteiras ao actual cabo de Sta. Maria. Alonso de Sta. Cruz tambem no seu "Yslario" assim o affirma, pouco tempo depois de se passar Jaques, crêmos, para o serviço de Espanha.

No que se refere á toponymia desta costa sulina passante de Cananéa, inclusive de terras e rios affluentes do rio da Prata, pode-se dizer, que só depois das viagens da Gazeta Aleman e de Solis, foram certas designações trazidas para os portulanos. Para tanto, tambem concorreram a seguir, as expedições do Jofre de

de preamar. Aqui nesta ilha tomamos agua e lenha e fomos com os bateis fazer pescaria: e em

Loaysa, de Diego Garcia de Moguer e de Sebastían Caboto.

Da expedição de Caboto, no rio da Prata desavinda com a de Diego Garcia - citemos a sua ancoragem no porto do antigo cabo de Sta. María, baptisado por Solis - porto da Nossa Senhora da Candelaria -, por elle, Caboto, da Candelaria, e depois conhecido pelo de Maldonado.

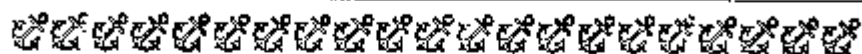
Suspendendo deste porto a 6 de abril de 1527, navegou 40 leguas em aguas fluviaes para dar com o que chamou o - porto de San Lazaro proximo á hoje conhecida punta Gorda, e antes, a 18 de março, com as ilhas por elle chamadas S. Gabriel.

Rumando ao delta do Paraná, neste o procurou Francisco del Puerto, sobrevivente da expedição Solis, para o informar de que, subindo esse e outros rios, poderia alcançar as habitações dos indios conhecedores da existencia dos preciosos metaes.

Seguiu Caboto pelo Paraná das Palmas e na confluencia desse Paraná, - para elle então todo das Palmas, parece, — com o Carcarañá, depois de saber de Francisco del Puerto que as nascentes desse rio eram nas serras "aonde começavam as minas de prata", construiu ahi uma casa de taipa coberta de madeira e palha, logo após substituida pelo - Forte de Sti. Spiritus - tambem conhecido por Fortaleza de Caboto. Esta fortificação representou papel importante na primeira phase da historia colonial espanhola dessa rede de rios, principalmente por se a saber a 70 ou 80 leguas, segundo os indios comarcãos, de onde se haveriam de encontrar as minas.

Da má fortuna de Caboto nos rios que foi sulcando até

hum dia matamos desoito mil peixes antre corvinas e pescadas e enxovas: pescavamos em fundo de 8

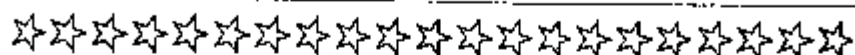
---

a foz do Paraguai, fallam as chronicas: que em chegando ás terras dos Chandules, os quaes ficavam a oito dias de marcha das minas, teve o navegador nova da chegada ao rio Solis ou da Prata, de uma armada, que a principio informado por Francisco del Puerto, suppoz de Christovam Jaques, mas depois apurou ser de Diego Garcia.

Sebastião Caboto por Carlos V.º mandado ao Estreito de Magalhães, caminho das Molucas, encontrava-se agora em zona que deveria ser explorada por Diego Garcia recem-chegado ao grande rio do sul; e assim, tal encontro deveria originar, como originou, contendas entre os dois capitães.

Apparentemente reconciliados, a principio, tentaram os dois o proseguimento da exploração iniciada; mas desavindos por fim, partiu Garcia antes de Caboto do rio da Prata em busca dos portos - dos Patos e de S. Vicente -, aonde novamente se encontraram. Convem declarar que Garcia na ida tomara neste porto vicentino para seu guia até o rio da Prata ao portuguez Gonçalo da Costa, morador como Antonio Rodrigues, João Ramalho e outros da praia ou sertão de S. Vicente, e dahi, em deante, sempre ao serviço de Espanha. Caboto na ida tambem tomara no porto dos Patos a Enrique Montes que, regressando á Espanha e a Portugal, passaria a servir com notavel relevo, se bem que sobre tal se fizesse calculado silencio, como guia da costa do ouro na expedição de Martim Affonso de Sousa.

A' sentinella avançada do rio da Prata - o cabo de Sta. Maria antigo - chegando Martim Affonso

braças: como lançavamos os anzolos na agua nam

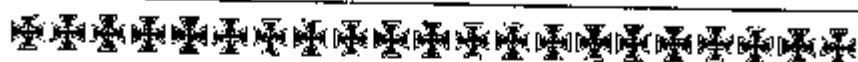
✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡

de Sousa em 15 de outubro de 1531, que poderia trazer na sua imaginação esse digno filho do Renascimento Portuguez, attenta as informações de alguns e a phantasia dos mais?

Deixando com certa argucia a Portugal a exaltação do dominio na India, ao tempo em que a Nueva España, a Castilla del Oro, e as minas do Perú lhe annunciavam o que as terras indianas jamais poderiam dar, a Espanha apresentava entretanto, o seu problema maritimo ligado ao problema maritimo lusitano.

Tinha a Espanha, é verdade, cada vez mais proposito formado de nacionalizar, tanto quanto possivel, a sua navegação; mas ainda assim haveria de recorrer a um ou outro afamado piloto ou capitão portuguez, para realizar as suas maiores façanhas maritimas, como o fizera no caso da posse do rio da Prata dando a Solis o commando da empreza.

E se essa não fôra descoberta de Castella, outra mais habil ella ia praticando, qual a dos sertões americanos ao sul e ao centro do continente, principal iniciativa dos companheiros de Solis e de Caboto, sertanistas cujos feitos se transfiguraram em legendas maravilhosas, como a de Aleixo Garcia primeiro, e a de Francisco Cesar depois.

Aquelle foi o precursor da exploração sertaneja mais ao sul do continente e este depois delle, partindo de Sti. Spiritus, a mando de Caboto, atravessou uma região inclinada para o littoral e alcançou ao noroeste desse ponto a cordilheira dos Andes, montada a qual, encontrou gente muito rica de prata e ouro, muito gado ou "carneros de la tierra", de cuja lan eram fabricados tecidos. Alcançados assim os dominios da nação incaica, regressado Francisco

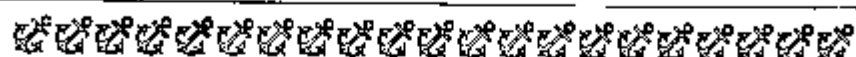
havia ahi vagar de recolher os peixes. Nesta ilha es-

Cesar á fortaleza de Sti. Spiritus, e encontrando-a abandonada, retornou a attingir Cuzco para testemunhar mais tarde o estrangulamento de Atahualpa decretado por Francisco Pizarro. Já então lograria ser habitante da historica "Ciudad de los Reys"...

Essa intensa campanha sertanista ainda em seus primordios, haveria de interessar profundamente a Portugal que, subtil e astutamente, mandava a Martim Affonso em 1530 ao mesmo tempo varrer do norte brasileiro os francezes corsarios, e no sul da nova terra avançar o mais possivel os lindes da conquista, para, em mais breve tempo, poder senhorear por esse lado as minas que se houvessem de descobrir no Paraguai e no Perú.

Assim, a cada passo o veiu demonstrando o capitão mór, como nesse mesmo dia 21 de outubro de 1531, em que largando de junto da ilha das Palmas (Maldonado), investia a se apoderar para Portugal de parte dessa privilegiada terra do ouro e prata, julgando-a dentro na posse lindada pelo meridiano das partilhas. Deslocava elle assim, em imaginação de centenas de milhas para o leste o continente sul-americano, ou para o oeste a linha demarcadora.

Para o norte, sabemos ter sido tambem parecer do capitão mór, quando nas ilhas de Cabo Verde encontrara uma chalupa e uma nau de 200 toneis de castelhanos, destinados ao rio de Maranhão (cap. II), de que o ambicionado rio pertencia a "El-Rey nosso senhor" e era dentro, pois, na demarcação portugueza. E se bem que assim o affirmasse, sabe-se que ainda não se haviam plantado á foz do rio Yanez Pinzon ou Oyapoc, os padrões de marmore citados pelo carmellita Marcos de Guada-

tivemos 8 dias esperando por hum bargantim, que

---

laxara, e erguidos como producto de accordo de Carlos V com D. João III, mostrando em faces oppostas as armas de Castella e as de Portugal.

Como se caminharia para esse accordo sabendo-se que Portugal fazia passar o Maranhão pelo Mar Dulce dos espanhóes, e que nem sempre os castelhanos emittiram igual conceito? Pois Enciso em 1519 (Sentence Suisse, pg. 92.) não fizera passar a linha demarcadora entre o Marañon e o Mar Dulce, e mais para as redondezas deste?

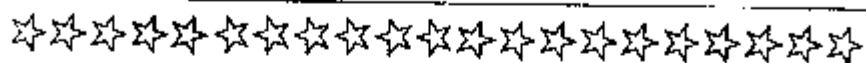
Na Junta de Badajós não passavam os espanhóes ainda a linha pela boca de um rio Marañon, deixando toda a mesma embocadura do rio ao occidente da linha?

E quando já vendidas as Molucas a Portugal, pelo Tratado de Saragoça em 1529, não concedia a Espanha, a 20 de maio de 1530, cerca de sete mezes antes da expedição de Martim Affonso, a Diego de Ordaz, poderes necessarios para conquista e povoamento das terras que se encontrassem do rio Marañon até o Cabo de Vela, até essa paragem occupada hoje pela Venezuela?

E já em 1529, um anno antes da expedição, a carta official de Diogo Ribeiro, ao serviço cartographico da Casa de la Contratacion mas inspirado pelos portuguezes, os dois Reinel, não dava já além do Marañon, da Furna Grande, a posse lusitana?

Para Martim Affonso, a julgar por esse precedente e natureza da sua viagem, mais do seu rei havia de ser a posse do rio de Maranhão, que como astuto servidor de D. João III, faria sempre passar por um Mara-

de nossa companhia se perdera: como nam veo

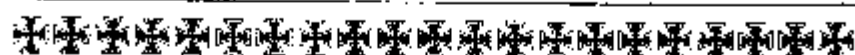
✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩✩

non ou Mar Dulce dos castelhanos. Iria assim affirmando pelos actos da sua conquista e premeditação della, que a linha demarcadora dava a Portugal toda a costa que vinha além deste rio até as terras do sul ganhas com o recuar-se o meridiano no rio de Sta. Maria ou da Prata e affluentes e a passar no ponto escolhido e nomeado por Pero Lopes: o esteiro dos Carandins.

Não fundasse Caboto nestas plagas banhadas pelas aguas do Paraná, ao correr da anterior expedição de que tambem fazia parte Enrique Montes, na confluencia do Carcarañá com aquelle rio, o forte de Sancti Spiritus!.

Foi este, provavelmente, o ponto de referencia para a nova posse, uma vez que já tinha o capitão mór o rio de Sta. Maria como descoberta de portuguezes.

Torna-se assim facil de ver que a tomada do esteiro dos Carandins ou dos Quirandies por Pero Lopes em breve realizada, viria a deslocar o meridiano divisorio para o occidente e a justificar o que não muito tempo depois e até findar o seculo XVIII, se tinha e teria como o Brasil Colonial. Tal se consagrara mesmo fóra da Lusitania. Em Navigationi et Viaggi del Ramusio, - obra illustrada com 12 mappas ou portulanos de Gastaldi, (dos quaes um sobre o Brasil e crêmos de 1540), já se lê: "La

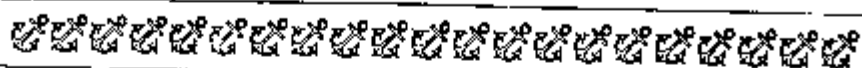
> terra del Brasil è posta, oltre l'Equinottiale nella parte australe verso occidente, distante dalla linea diametrale gradi 10 di longitudine, et cominciando da tre gradi di latitudine australe, corre fino a cinquantadue verso il polo antartico, dove è il capo delle undici mila vergini nell' entrare dello stretto detto di Magallanes, quale fu il primo che trovô il passo per andare all'isole

mandou o capitam I. pôr hũa cruz na ilha e nella

Moluche, qual è similmente in gradi cinquantadue di longitudine occidentale".

E dos portuguezes, historiadores estimados ou cosmographos, ainda proclamaram, como: Diogo de Castro, dr. Pedro Nunes, amigo e mestre de Martim Affonso, Frei Vicente do Salvador, João Teixeira, frei Gaspar da Madre de Deus e Gabriel Soares, passar a linha hispano-lusitana, "além da ponta do rio das Amasonas da banda do oeste da terra dos Caraibas donde se principia o norte desta provincia", e abranger em profundidade o sertão, e ao sul até onde viesse a lindar o Brasil e conquistas "por 45 graus, pouco mais ou menos, distantes da linha equinocial e altura do polo antarctico." (Trat. desc. 1587, Revista Inst. Hist. Tomo XIV, pg. 17). Dava ainda Gabriel Soares, segundo calculo de Pedro Nunes, ao littoral brasileiro a extensão de 1050 leguas ou cerca de 3.800 milhas maritimas. Sendo a nossa costa, ao presente, de cerca de 3.100 milhas, notava Pedro Nunes a mais 700 das que hoje possuimos neste littoral deixado de ser brasileiro ao correr dos annos, e de que era parte o que se desenvolve - em cerca de 900 milhas contornando a costa e 720 em linha recta - entre o arroio Chuy e terras patagoneas proximas ao golpho de S. Mathias. Seria este o extremo proclamado pelos auctores lusos e aquem do seculo XVI, como da conquista de Portugal.

Tomados por Martim Affonso definitivamente, como era do seu designio, o rio de Maranhão, ao norte, e o rio de Sta. Maria, ao sul, estaria assim fundamentalmente realizado um dos occultos moveis da sua

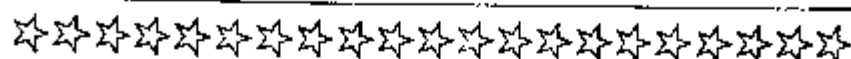
atada hũa carta emburilhada em cera, e nella dizia

---

empreza maritima e colonizadora. E se por aquella posse a caminho do grande rio do norte, destacara de Pernambuco, a Diogo Leite com duas caravelas, á posse deste outro rio de Sta. Maria vinha elle em pessoa, para que no extremo occidental da conquista se erguessem os padrões portuguezes.

Pelo Diario, foram estes os unicos que mandou erguer officialmente durante toda a navegação da armada; mas assim não acreditam abalisados auctores com citações que passaremos a commentar.

Sobre um padrão erguido na ilha das Palmas (Gorriti ou Maldonado) em frente ao antigo cabo de Santa Maria, se sabe que, em 1600, a mando do governador Diego Valdez, o piloto espanhol Francisco Fernandez vindo á já chamada "isla de Maldonado ou Palmas, na caça aos corsarios, encontrou um padrão que descreveu como pedra que pesaria tres quintaes, tendo "um escudo grande de Portugal" e em cima outro pequeno "atravessado por uma cruz". (Anales de la Biblioteca de Buenos Aires — Tomo 4.º pg 315).

Pero Lopes, no Diario, não diz ter ahi o capitão mór mandado erguer padrão algum; mas conta, que estando os seus navios junto ao porto defendido por essa ilha, — antes, portanto, da navegação rio acima e consequente naufragio da Capitanea, e ainda á espera do bergantim desgarrado durante a travessia Cananéa - ilha das Onças —, mandara Martim Affonso "pôr hũa cruz na ilha" (das Palmas ou Maldonado) e nella atada uma "carta emburilhada em cêra" como aviso e recado ao capitão do bergantim se ahi viesse a aportar.

ao capitam do bargatim o que fizesse vindo ali ter.

Igual aviso antes fizera Diego Garcia sobre a ilha dos Lobos para o bergantim atrazado, sendo de tal testemunha Enrique Montes, embarcadiço dos navios de Caboto e a seguir, dos de Martim Affonso.

Encontrou ainda o piloto Francisco Fernandez, nessa mesma ilha das Palmas por essa occasião, como a comprovar ser tal aviso de uso nesse seculo e plantada pelos hollandezes do navio de Amsterdam Silveren Werelt ou "Mundo da Prata" ahi chegado em 1599, uma "cruz e en un brazo della una carga de mosquete con una cedulla dentro en lengua flamenca, que era de los flamencos de la Urca. (Anales de la Bib. Tomo 4.° pg 315) Considerado o que narrámos, teria Martim Affonso seguido rio acima, sem plantar padrões na ilha das Palmas?

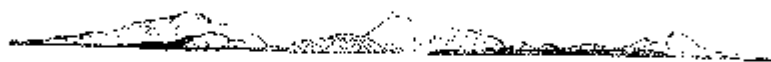
Como vimos, o Diario só nos fala ahi de uma cruz que a chronica de Simão de Vasconcellos transformou num marco de posse, quando ainda não se sabia da existencia deste "Diario de Pero Lopes" publicado pela 1.ª vez por Varnhagen, em 1839.

Terá entretanto razão o leitor achando ser essa cruz, a que o piloto Fernandez descobrira no anno 1600, fixa á "uma pedra que pesaria 3 quintaes" e onde se gravara "um escudo de Portugal?"

Se assim não o foi, a quem se deverá então, esse outro padrão erguido nessa ilha das Palmas ou Maldonado, encontrado setenta annos após a viagem de Martim Affonso, e quando já Portugal para vinte annos se achava sob o dominio de Castella?

Outros dirão melhor da pesquiza que não lográmos realizar.

Cap. V
Mappa 7
(á margem)

Domingo 21 de outubro pela menhãa partimos desta ilha. Com o vento nordeste fazia o caminho ao longo da costa, que se corre aloeste (84): mea legua de terra ia sempre per fundo de 9, 10 braças. 3 leguas da dita ilha se nos fez o vento noroeste; e à tarde nos deu hũa trovoada com muita agua, e sem nenhum vento; e surgimos em 15 braças de fundo de lama molle. E no quarto da prima nos deu hum pé de vento do sulsudoeste, e de supito saltou ao sul com muita tempestade. A nao capitaina se fez á vela e nos fez sinal: por ser o vento

O NAUFRAGIO DA CAPITANEA

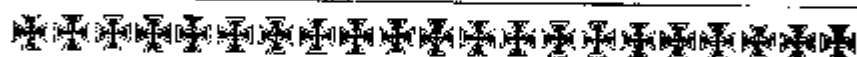
Cap. V.
Mappa 7
(á margem)

Volvendo a acompanhar a navegação dos navios do capitão mór largados do antigo porto do cabo de Sta. Maria ou de junto da punta del Este de Maldonado, notemos serem estes: a nau Capitanea; a nau Nossa Senhora das Candêas; o galeão S. Vicente; a caravela Santa Maria do Cabo, e um bergantim.

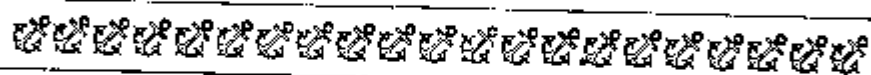
A 21 de outubro, com favoravel vento do nordeste, foram navegando ao longo da costa que "se corre aloeste" e della cousa de meia legua, diz o Diario, por fundo de 9 a 10 braças, até cerca de onze milhas da ilha das Palmas; o que quer dizer: subindo o rio de Santa Maria ou da Prata, porque, se fossem buscando para fóra a costa atlantica, não haveriam de navegar a esse rumo.

Rondando o vento para o noroeste, não a essa distancia como diz Pero Lopes, mas a maior distancia ainda, já pas-

e o mar mui grande me nam estrevi fazer á vela, nem cobrar hũa ponta, que me demorava a leste e a quarta do sueste; e mandei fazer hum aúste de 120 braças, e com elle caçava como senam levara anchora pelo fundo ser de lama mui mole. A tromenta era tamanha de vento e mar que cada vez metia a nao todolos castellos. Mandei fazer outro aúste; e com anchora de forma, e a lançamos ao mar: estando com esta fortuna mandei cortar os castellos todos, e fazer tudo razo, e mandei cortar o cabo ao batel, que tinhamos por popa. Assi estivemos com esta tromenta de mar, que cada vez nos vinha quebrar no convez.

---

sadas - como poderemos ver na carta ou na miniatura (mappa 7) - a punta de la Ballena e a punta Brava, fundearam os navios em 15 braças de fundo. Soprando depois o vento do sudoeste com muita força, do sussudoeste e do sul em temporal desfeito, velejou a nau Capitanea quando ainda a nau de Pero Lopes se aguentava fundeada. No dia seguinte 22 de outubro, foi esta nau Nossa Senhora das Candêas amanhecer para oeste da punta Brava, no seio que esta faz com a punta Iman. Atterrada assim a nau N.ª Sª. das Candêas, velejou, após metter a ancora dentro em vez de picar a amarra, e navegou ao oeste e depois ao leste, para varar numa praia que lhe demorava ao nordeste. Tinha então, parece, ao lessueste a punta Brava actual, e resolveu em desespero de causa, monta-la, já tendo anteriormente a essas manobras cortado os castellos, abandonado a embarcação que trazia atoada á popa. Raspou por essa ponta, com grande perigo, que antes lhe deu calma e

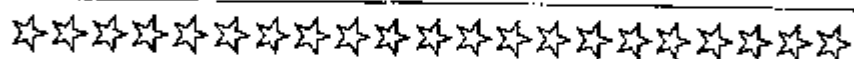
Segunda-feira 22 d'outubro e no quarto d'alva me quebrou o aúste da anchora de forma que tornei outra vez a caçar, como dantes. Como amanheceo me achei de terra hũa legua e tinha caçado tres; e o galeam Sam Vicente estava a terra de mim: pela sua popa arrebentavam huns baxos, que cada vez parecia o mar mais alto que a gavia. Por caçar tanto determinei de me fazer á vela, e contra rezam de marinheiraria levamos a amarra com muito trabalho e me fiz á vela no bordo d'aloeste; e como vi que nam cobrava os baxos, que arrebentavam ao mar, virei no bordo de leste, para irmos varar em

---

coragem, o piloto ao leme e elle á prôa, a nau na saca e resaca do mar junto á traiçoeira penedia. Mas "prouve á nossa senhora e ao seu bento filho" que a montassem, e ganhando distancia, se fizessem safos do perigo a caminho do fundeadouro junto á ilha do cabo ou das Palmas, ou pouco fóra do fundeadouro do antigo cabo de Sta. Maria. Veiu ella ahi a surgir com 6 palmos d'agua na coberta.

A' vista desta nau N.ª Senhora das Candêas só estivera durante o temporal, o galeão S. Vicente, parece, para a Punta Iman, perto de uns escolhos e em tanto risco quanto a nau; mas poude manobrar a safar-se do perigo, passando por cima delles sem com isto soffrerem as obras vivas do dito galeão.

A' noite desse mesmo dia 22, o S. Vicente veiu para o fundeadouro onde se achava Pero Lopes - junto á ilha das Palmas - e o piloto lhe disse "como vira a nau Capitaina sem mastos", muito perto de

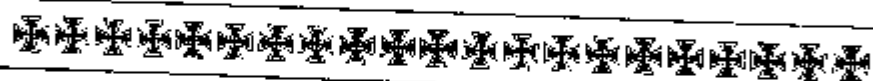
hũa praia, que nos demorava nordeste, quarta de leste, por ali nos parecer que ao mar nam havia baxos. Indo assi punhamo-la proa na ponta (85), que me demorava a lessueste. Por me parecer que a podia cobrar mandei dar o traquete da gavia, metendo a nao até o meo do convez, por debaxo do mar: em dando o traquete me quebrou em dous pedaços: ia ja tam perto da ponta que a huns parecia que a podiamos cobrar, e outros bradavam que arribassemos: era tam grande revolta na nao que nos nam entendiamos: mandei meter toda a gente debaxo da coberta; e mandei ao piloto tomar o leme,

✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫

terra, a ponto de não poder divisar se ella estava fundeada, se já em seco.

Chegou tambem no dia seguinte, a caravela Sta. Maria do Cabo safa milagrosamente da tormenta, e deu novas de que ao velejar perdera de vista a Capitanea.

Aonde, pois, se daria o naufragio da nau de Martim Affonso de Sousa, authenticado pelo Diario? Nega-o, inadvertidamente, o illustre historiador Visconde de Santarém, na sua "Analyse du journal de la navigation de la flotte qui est allée à la Terre du Brésil, en 1530-1532; e o nosso erudito Varnhagen suppõe - no occorrido á fóz do arroio Chuy, na costa rio-grandense, arroio esse que imprecisamente João Teixeira parece dar como rio Marti a.º de Sousa. Entretanto, tal naufragio só poderia ter sido em local ao oeste do antigo porto do cabo de Sta. Maria (actual punta del Este de Maldonado) e poucas milhas ao leste ainda do rio dos begoais, actual Solis Grande.

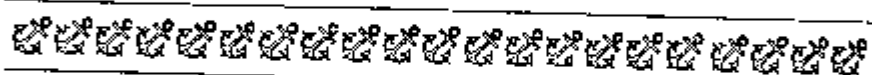
e eu me fui á proa, e determinei de fazer experiencia da fortuna, e me pôr a ver se podia dobrar a ponta; porque se a nam dobrava nam havia onde varar, senam em rocha viva, onde nam havia salvaçam: assi fomos, e prouve a nossa senhora e ao seu bento filho, que a dobramos; e fui tam perto della que o mar, que arrebentava na costa, nos tornava com a ressaca a dar na nao, e nos lançou fóra. Como dobrei a ponta arribamos a nordeste e a quarta de leste; e á tarde fui surgir na ilha (86) do cabo (87). Entrou-nos tanta agua ao dobrar da ponta, que quando a esta ilha achegamos, traziamos

---

Senão, vejamos:

Ordenou Pero Lopes do fundeadouro da ilha das Palmas onde se achava, uma expedição de soccorro de 30 homens municiados para oito dias. Bem recebidos pelos indios em terra, - no littoral do porto do Maldonado de hoje - "com grandes choros e cantigas mui tristes", os expedicionarios foram seguindo o caminho pela praia, aonde fizeram fogueira. Acudindo os embarcadiços de Pero Lopes onde lhes appareceu, com a luz do fogo, a sombra de uma embarcação, ahi encontraram o "batel" da caravela perdido dias passados.

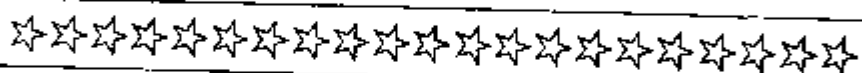
Já então os indigenas lhes traziam á praia "muito pescado e taçalhos de veado"...

Oito dias após a partida, os expedicionarios regressaram trazendo noticias. A Capitanea havia dado á costa; o capitão mór achava-se salvo com a sua gente, excepção feita de 7 homens: seis afogados e um morto de

seis palmos d'agua debaxo da coberta. Como aqui esteve surto, se fez o vento sudueste. No quarto da prima veo o galeam Sam Vicente dar comigo, e logo lhe perguntei se trazia batel: e me disse que o perdera, e que nam trazia mais que hũa anchora; e que perdera tres; e passara per riba do arrecife, que estava á terra donde estavamos surtos; e ali se sustivera com o temporal até á noite, que ventou o vento sudoeste. E me disse o piloto como vira a nao capitaina sem mastos muito perto de terra, que da gavia nam pudera divisar se estava em seco, se sobre anchora.

"pasmo"; haviam encontrado os naufragos onde alcançaram o littoral, um bergantim novo, muito bem feito, talvez um de Montoya, da anterior expedição Caboto. Foram tambem portadores da ordem de Martim Affonso para Pero Lopes levar ao ponto do naufragio soccorro com a caravela.

Deixando esse fundeadouro e nelle o galeão e a nau N.ª Senhora das Candêas, velejou Pero Lopes com a caravela Sta. Maria do Cabo. Navegou até a uma hora da tarde, quando chegou á vista de onde Martim Affonso estava, governando sempre sob o vento do lesnordeste e correndo a costa que sabiamos orientada ao oeste, uma vez montado o antigo cabo de Sta. Maria. Esse local alcançado deveria ser nas proximidades e mais ao oriente do rio dos Begoás hoje Solis Grande: deste rio dado por Pero Lopes distante onze leguas do cabo de Sta. Maria antigo ou 30', 6 pela carta ingleza particular do rio da Prata.,

Terça-feira 23 de outubro no quarto d'alva veo a caravela (88) dar comigo sem cabres, nem anchoras, e com o batel perdido: e disse-me o piloto que passaram na fortuna, detras de hûa ponta, donde fôra ter milagrosamente; e que a nao capitaina, des que o dia dantes se fizera á vela, a nam viram mais. Nam podia determinar o que fizesse: para me fazer á vela nam tinha cabres, nem batel, nem anchora. Determinei de mandar por terra trinta homẽs; e para isto mandei dous a nado com um cabo, e que o dessem á caravela, que se virasse por minha popa.

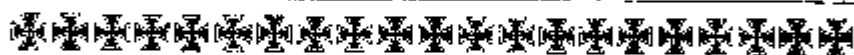
✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡

Ao surgir, fez-se-lhe o vento do sueste e "carregou" tanto, quando já o seu batel havia ido á terra soccorrer a gente de Martim Affonso, que a caravela não se podendo ahi manter, teve que velejar ao sussudoeste. Assim, veiu dar ao sól posto sobre um banco no estuario, onde esteve correndo perigo.

Tirando na carta uma recta a este citado rumo, partindo das proximidades do r i o d o s B e g o á s o u B e g o a i s, vem-se a bater no banco de areia formado ahi no estuario do rio da Prata e conhecido, uma centena de annos depois pelo "banco do ingrés, ou inglez", entre outros roteiros no de Mariz Carneiro, e entre outras cartas na de João Teixeira.

Correndo ao vento do sueste fresco, governando ao sussudoeste, ao sól posto, bem poderia a caravela dar sobre este banco, ao centro de mui pouca agua, e sobre elle passar algumas horas. A' meia-noite desse dia 5 de novembro acalmou o tempo e, já pela madrugada do dia 6, se fez o

Quarta-feira 24 dias de outubro, por ser ruim o mar, nam pôde a caravela chegar á nao. Este dia puz em obra fazer hum batel de aduelas dentro na nao.

Quinta-feira 25 do dito mes pela menhãa meti na caravela 30 homês, — os que melhor sabiam nadar; e as armas metidas em hũa pipa funda, por se nam molharem; e dous barris de mantimento para 8 dias: e mandei á caravela que se fosse á terra, e que surgisse quanto nam desse em seco: e que dali se fosse a terra nas jangadas, que levavam dos quarteis da nao franceza (89). E ao meo dia todos foram em terra (90) com assaz trabalho; e da mes-

---

vento do sudoeste; mas, parece, ainda sob a acção do vento do sueste se achavam as aguas do grande rio, ao amanhecer. Poude a caravela safar-se desse encalhe ao lessueste, para depois poder chegar ao ponto de naufragio de Martim Affonso novamente, mas cremos, esquecendo-se o Diario de nos dar o rumo a que conseguira a caravela alcançar o dito ponto.

Não deve pois, assistir razão a Varnhagen e a outros escriptores, dando-nos como sendo á fóz do arroio Chuy, o naufragio do capitão mór.

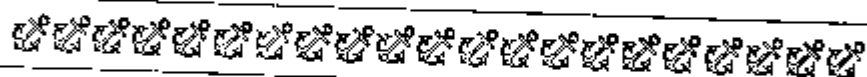
Este engano provém de outros dois enganos:

1.°) de designar-se como o principal cabo de Sta. Maria dos quinhentistas o actual cabo de Santa Maria (Punta Rocha, dos Uruguaios);

2.°) de não se attentar nas seguintes palavras do Diario referindo-se á primeira partida dos navios de Mar-

ma terra acudiram muita gente, e punham-se de longe, sem quererem chegar; até que dous homês dos nossos foram a elles; e logo chegaram e abraçaram a todos com grandes choros e cantigas mui tristes, e como se despediram delles, fizeram seu caminho pela praia. Tendo andado mea legua, me fizeram hum fumo, e vi hûa soma, que me parecia ser o batel dos que perdido tinhamos.

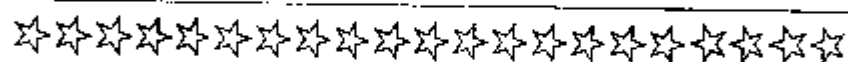
Sesta-feira 26 de outubro fiz hûa jangada, em que lancei o ferro e a forja na ilha, para fazerem pregos para o batel d'aduelas, que dentro na nao fazia. E desd'o meo dia me ventou muito vento sudoeste. E eram tantos os fumos pela terra dentro que impedia a vista do sol.

---

tim Affonso do porto do cabo de Sta. Maria: "Com o vento nordeste fazia o caminho ao longo da costa que se corre aloeste". Ora, esta costa só "corre aloeste" para quem entra no rio da Prata, partindo da punta del Este de Maldonado.

Attentando-se tambem nas demais referencias á navegação feita, tendentes a provar que jamais haveria Pero Lopes ido, em soccorro de Martim Affonso buscando o oceano até o Chuy, vemos que as proprias paginas ainda assignalam ter Pero Lopes, a um só rumo e a uma só amura, sob o vento do lesnordeste partido do antigo cabo de Santa Maria pela manhã e chegado á vista de onde Martim Affonso naufragara, á uma hora da tarde. Como poderia assim ser, se não fosse esse local ao oeste da actual punta del Este de Maldonado (antigo cabo de Sta. Maria), em local que não demoraria senão

Sabado 27 do dito mes mandei o mestre com 5 homês, em hum quartel da nao, para que fossem a terra: ver se era batel onde a gente nos fizera o fumo; e á tarde tornou com o batel da caravela, que vinha mui destroçado; e me disse que na terra havia muita agua e boa: e logo mandei á ilha concertar o batel.

Domingo 28 dias do dito mes, como o batel da caravela foi concertado, mandei passar o outro, que tinha começado á ilha. Este dia veo muita gente da terra á praia: mandei la o batel, e deram-lhe muito pescado e taçalhos de veado.

✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫

poucas milhas ao leste do actual rio Solis Grande (Begoás antigo), e rio este distante - 11 leguas - pelo Diario, ou a uma trintena de milhas, na carta ingleza, do antigo cabo de Sta. Maria (punta del Este)?

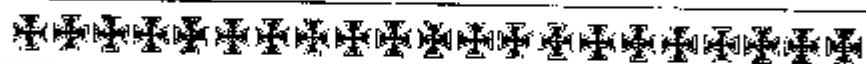
Para maior clareza, condensemos o nosso pensamento em duas proposições, satisfazendo á seguinte these:

Para alcançar o arroio Chuy, partindo do antigo cabo de Sta. Maria ou do actual cabo de Sta. Maria, como haveria de praticar Pero Lopes, de accordo com as palavras do Diario?

1.°) teria de bordejar no oceano, perdendo caminho ao sussueste e ao sul, pois durante toda a travessia soprara vento de lesnordeste: como alcançar, pois, o ponto do naufragio da nau Capitanea, se este fôra, junto ao arroio Chuy, a um só rumo? - como diz o Diario -;

2.°) uma vez que iria á bolina e em bordadas, sendo a media de marcha horaria desses navios, em optimas cir-

Sesta-feira 2 dias de novembro veo a gente, que tinha mandado em busca de Martim Afonso, e me disseram como a nao capitaina dera á costa, por falta d'amarras; e que Martim Afonso, com toda a gente, se salvaram todos a nado; somente morreram 7 pessoas; 6 afogados e 1, que morreo de pasmo: e que o bargantim dera tambem á costa; e porem que lhe nam fizera nojo: e o batel do galeam e da capitaina tinham sãos; e que na praia acharam hum bargantim (91) de tavoado de cedro mui bem feito, o qual Martim Afonso tinha para levar em companhia do batel grande e do outro bargantim

---

cumstancias de mar e vento, quatro a cinco milhas, gastaria só Pero Lopes *sete horas* para alcançar, na actual costa rio-grandense, esse pequeno arroio Chuy, distante 70',5 do actual cabo de Sta. Maria e do verdadeiro e antigo *cabo de Sta. Maria* ou punta del Este de Maldonado, 120 milhas de navegação?

Esclarecido este ponto, prosigamos.

Com um pelotão da gente que trouxera na caravela *Sta. Maria do Cabo*, seguiu Pero Lopes para terra, aonde Martim Affonso e demais naufragos acamparam, e para se auxiliarem todos no salvamento da ancora e da artilheria da nau *Capitanea*, considerada perdida.

Porque ahi encontrasse o capitão mór quando ao dar á praia "agarrado a uma taboa" — segundo o dizer da "Brevissima e Sumaria Relaçam".. do seu proprio punho — a um bergantim tavoado de cedro" e de construcção recente, suspeitou de intrusos nesses dominios que tinha como

para entrar pelo (92) dentro; e que Martim Afonso me mandava dizer que com a gente, que as naos podessem escusar, me fosse onde elle estava com a caravela.

Segunda-feira 5 dias do dito mes parti na caravela, com vento lesnordeste: e hũa hora de sol, fui surgir onde a nao capitaina estava á costa; e como fui surto se fez o vento sueste. Mandei o batel a terra fazer saber a Martim Afonso como eramos ali vindos. Carregou tanto o vento, que antes que o batel viesse, me fiz á vela no bordo do sulsudoeste; e ao sol posto fomos dar em hum baxo, don-

---

de Portugal; e talvez para certificar-se da suspeita, mandou a caravela a explorar uma ilha "que estava dahi 4 leguas", onde haveria de esperar recado delle, capitão mór.

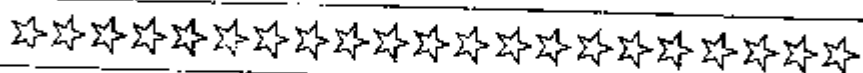
Seria essa a ilha das Flores, dada a tão mal calculada distancia? E seria esse bergantim, como dissemos, algum da anterior expedição Caboto?

Diz ainda o Diario que, durante a permanencia nessas paragens dos que vieram em soccorro de Martim Affonso,

> "tomou o Capitam I. (Irmão) conselho com os pilotos e mestres e com todos que eram para isso: e todos acordaram e assentaram, que elle nam devia de ir pelo rio de Sta. Maria" (ou da Prata) "arriba, per muitas rezões e que a hũa era nam terem mantimentos, que todos se haviam perdido, quando a nao se perdeo: e a outra, que as duas naos" (o galeão S. Vicente e a nau N.ª Senh.ª das Candeas) "que ficaram, estavam tam gastadas que se nam poderiam soster 3 mezes"...

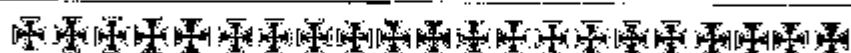
de estivemos perdidos. Assi fomos com mui gram mar e vento trincando até á mea noite, que se fez o vento calma.

Terça-feira 6 dias do dito mes pela menhãa se fez o vento sudoeste, e com elle me fiz á vela no bordo de lessueste; e a tarde fui surgir defronte da nao (93) donde o capitam I., aos bateis, mandou por mim e pela gente, e mandou a caravela que se fosse a hũa ilha, que estava d'ahi 4 leguas (94) aloeste, e ahi esperassem até ver seu recado. Aqui estivemos com muito trabalho tirando a artelheria e ferro da nao. Estando aqui tomou o capitam I. con-

✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡

Desistindo Martim Affonso da subida do rio "por estas rezões e outras muitas", mandou nessa empreza, - após 17 dias da chegada ao dito ponto do naufragio e ao rio dos begoás, (o Solis Grande) onde se achavam -, a seu irmão Pero Lopes de Sousa, no bergantim dado á costa e ali encontrado, ou no seu, guarnecido com 30 homens. Eram estes não só portuguezes, diz o Diario — mas tambem alemães, francezes e italianos, e não erraremos tambem dizendo fazer-lhes companhia o aventureiro Enrique Montes. A Pero de Góes, futuro donatario em terras brasileiras, dá ainda Varnhagen como fazendo parte da expedição, talvez apoiando-se em dizer Gabriel Soares (Trat. desc. pg. 96): "que Pero de Góes andou com Pero Lopes na costa do Brasil, e se perdeu com elle no rio da Prata".

Levava o capitão do bergantim a missão de pôr uns padrões e tomar posse do dito "rio por elRei nosso senhor", e com a recommendação para que "dentro de 20

selho com os pilotos e mestres, e com todos os que eram para isso; e todos acordaram e assentaram, que elle nam devia de ir pelo Rio de Santa Maria (95) arriba, per muitas rezões; e que a hũa era nam terem mantimentos, que todos se haviam perdido, quando a nao se perdeo: e a outra que as duas naos (96), que ficaram estavam tam gastadas, que se nam poderiam soster 3 mezes: e a terceira era parecer o rio inavegavel pelos grandes temporaes que cada dia faziam, sendo a força do verão: e por estas rezões e outras muitas, que deram, fizeram que o

---

dias trabalhasse por tornar"; porque "o porto, onde as naos estavam, era mui desabrigado".

Affirma o Diario ter Pero Lopes partido a 23 de novembro de 1531, da altura do rio dos Begoais (Solis Grande), ponto proximo ao local do naufragio da nau Capitanea; e devemos suppo-lo, quando os demais navios da expedição ahi se achassem, e portanto antes de ao mando de Martim Affonso partirem para o fundeadouro da antiga ilha das Palmas ou do antigo cabo de Sta. Maria (punta del Este de Maldonado).

Era o bergantim, em geral, um barco de pouca tonelagem, podendo armar, por bordo, oito ou mais remos, e dispondo de dois mastros que envergavam latinos. Desde as primeiras explorações nesse rio da Prata e affluentes, foi este typo de embarcação com vantagem empregado nessas aguas fluviaes, que ora Pero Lopes iria sulcar.

Durante essa viagem exploradora seremos mais uma vez levado a estudar, talvez ligeiramente, os passos princi-

capitam I. desestisse da ida; e me mandou em hum bargantim com 30 homês a pôr huns padrões, e tomar posse do dito rio por elRei nosso senhor; e que dentro em 20 dias trabalhasse por tornar; porque o porto, onde as naos estavam, era mui desabrigado.

Cap. V
Mappa 7

Sabado 23 dias do mes de Novembro de 1531 estando o sol em 11 graos e 35 meudos de sagitario, e a lua em 27 graos de tauro, parti do Rio dos Begoais (97), que jaz aloeste do cabo de Santa Maria 11 leguas, e levava hum bargantim com 30 homês; tudo bem em ordem de guerra: e fiz meu caminho ao longo da costa, que se corre aloeste.

---

paes deste Diario: quer se refiram ao systema fluvial, á toponymia conhecida ou esquecida da região visitada, ás particularidades da navegação; quer ao regime meteorologico dominante nessas paragens; quer á ethnologia nessas ribeiras fluviaes aonde os do bergantim foram encontrando selvicolas entregues ao léo da vida nomade e primitiva.

A EXPEDIÇÃO DE PERO LOPES AO ESTEIRO DOS CARANDINS

RIO DOS BEGOÁS -
- ESTEIRO DOS CARANDINS -
- CABO DE SANTA MARIA (ANTIGO)

Cap. V
Mappa 7

Distando o rio dos Begoais ou Begoás (actual Solis Grande) onze leguas segundo Pero Lopes, ou melhor, 30',6 do antigo cabo de Sta. Maria, andou o bergantim em navegação costeira para o oeste, a passar junto a "húa ilha pequena de pedra". Imprecisamente foi este ilhote identificado por Varnhagen com a ilha

2 leguas do dito rio, donde parti, ha hũa ilha pequena (98) toda de pedras, e della a terra firme ha hũa legua: derrador da ilha tem bom surgidouro, de fundo de 5 braças de vasa molle. Indo assi pegado com a costa, a qual he toda limpa, per fundo de 5, 6 braças, ao meo dia houve vista de hũa ilha ao mar (99), que me demorava ao sulsudoeste; e della a terra ha 3 leguas: da banda de leste tem hũa restinga de area comprida, que lança ao nordeste. Passando ávante da ilha descobri hum alto monte, ao qual puz nome — monte de Sam Pedro (100) — e demorava-me aloeste e a quarta do noroeste. Este dia fui

dos Lobos, desacerto natural em quem tomava para referencia o actual, pelo antigo cabo de Sta. Maria. Melhor a identificaria Paul Groussac dando-a como a ilha Raza ou das Piedras de Añilar, tão ligada ao fim da jornada do irmão de Martim Affonso.

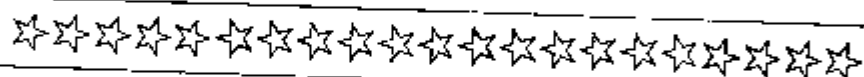
Ao meio-dia desse mesmo 23 de novembro de 1531, em que partiram, avistou o capitão portuguez outra ilha ao sussudoeste: seria esta, consultando uma carta, a actual ilha das Flôres. Chamou-lhe Pero Lopes: "hũa ilha ao mar"...

Deixando por bombordo essa ilha e continuando a navegar proximo á costa, divisou um alto monte — ao oeste quarta do noroeste da agulha - ao qual nomeou sam Pedro, "cerro" este já baptisado Montevidi desde a expedição de Fernão de Magalhães, em janeiro de 1520.

Buscando fundeadouro á vista do mesmo, nesse abrigo

dormir ao pé do dito monte de Sam Pedro. Desde a dita ilha atraz até este monte, a costa he toda suja de pedra, e ruins baxos: a terra he toda rasa até este monte muito fermosa. Ao pé deste monte ha 2 portos; hum da banda d'aloeste, e outro da banda de leste: nam sam senam para navios pequenos.

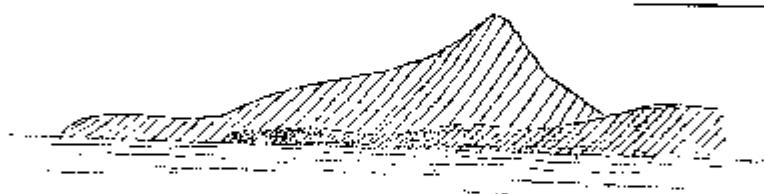
Domingo 24 do dito mes, ante menhãa, me fiz á vela com o vento nornordeste. Deste monte de Sam Pedro se começa a costa a loesnoroeste, indo assi no golfo de hũa enseada, que se faz grande como o dito monte de Sam Pedro, demo-

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

pernoitou com os seus, no bergantim, depois de ter assim percorrido em 12 horas a distancia de cerca de cincoenta milhas, em navegação costeira.

Só em tal navegação poderia vencer a dita distancia, tendo para media da marcha 4 milhas horarias folgadas.

Se o antigo cabo de Sta. Maria não fosse a actual punta del Este de Maldonado da qual o rio dos Begoás distava 30', 6, e este, do "Cerro" ou Monte de sam Pedro cerca de 50 milhas, como poderia vencer Pero Lopes, num bergantim e com a derrota assignalada no Diario, de sól a sól, não as 50, mas as 96 milhas, oceanicas e fluviaes, que separassem um rio - onze leguas ou cerca de 30 milhas aquem do actual cabo de Sta. Maria, - do fundeadouro do "Cerro" que alcançara?!

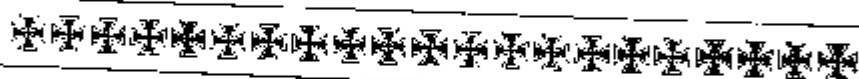
Largado o bergantim, domingo, 24 de novembro, de junto ao monte de Sam Pedro ou Montevidi, do fundeadouro ao leste do "Cerro", vem após navegação

ra a leste e a quarta de sueste, fui dar em fundo de 2 braças e mea, hũa legua de terra (101): e me acalmou o vento, que levava: e me deu trovoada do Sul, com muito vento; e fiz-me no bordo do monte de Sam Pedro, para me meter no porto donde estivera de noite. O vento rodou logo ao sueste; e tornei-me a fazer na volta d'aloeste, para fazer meu caminho. Aqui comecei a achar agua doce, e muito pescado morto. Da ponta (102) desta enseada da banda d'aloeste lança hũa restinga ao mar hũa legua: o mais baxo della he braça e mea, e o mais alto 4 braças. Como passei a dita restinga me acalmou o

contrariada e depois favorecida pelo vento, a ter por boreste os seguintes pontos do continente: a punta del Espinillo, a enseada onde desagua o rio Santa Luzia e a restinga que opposta á citada ponta, se lança bem fóra.

Ahi já encontravam - agua doce - no rio da Prata e navegavam com o sueste, á feição. Sobre essa agua potavel, se deveria dizer, ao tempo da conquista espanhola, ter ella ahi o linde conhecido: e que agora, nesta expedição seria o consagrado, pois tanto na ida como na vinda nessas proximidades da enseada onde se lança o rio Santa Luzia, mandava Pero Lopes que se enchessem as vasilhas do precioso liquido, porque deste ponto para o oriente, se tornavam salgadas as aguas do rio de Sta. Maria ou da Prata.

Igual observação dá Oviedo como se passando a 18

vento; e afuzilava muito a sudoeste e ao noroeste, que nesta costa sam sinaes certos de grandes temporaes: e com este receo me acheguei a terra, para ver se achava porto onde me metesse. Bem pegado com terra me tornou a ventar o vento nordeste, e fui ao longo da costa, a qual se corre a loesnoroeste, per fundo de 4, 5 braças d'area limpa. Indo sempre hum tiro de bésta de terra tornou-me a acalmar o vento bem tarde, e os sinaes do temporal cresciam; determinei de varar o bargantim em terra até passar a noite; e mandei varar em hũa area, e tirar o fato todo em terra; e fazer hum repairo de terra; e

---

leguas do cabo de Sta. Maria, ou cerca de 65 milhas da actual punta del Este de Maldonado, o que nos ajuda tambem e ainda a identificar esta ponta, com o cabo de Santa Maria dos antigos.

Em outras epocas menos remotas, ficou comprovado com estudos de Moussy, Orbigny, Bravard e Burmeyster (Torres — Los primitivos habitantes etc. pg. 7) que as aguas salgadas teriam em dias distantes chegado até São Pedro, Paraná e São Nicolao da terra argentina. Comprovaram tal asserção com o encontro, em certas camadas geologicas dos leitos fluviaes examinados, de restos de certos peixes e molluscos só familiares ás aguas oceanicas.

Convem tambem aqui dizer o que se sabe sobre os ventos e a sua acção no encher e vazar das aguas do rio da Prata: com os ventos fortes do leste e do sueste sóbem as aguas, abaixando-se as mesmas ao soprarem com igual intensidade os do oeste e do sudoeste. Os ventos do norte e do sul manteem-nas sem alteração.

puzemos a artelheria em ordem. E eu fui com 10 homês pela terra ver se achava rasto de gente: nam achei nada; senam rasto de muitas alimarias, e muitas perdizes e cordonizes, e outra muita caça. A terra he mais fermosa e aprasivel que eu já mais cuidei de ver: nam havia homem que se fartasse d'olhar os campos e a fermosura delles. Aqui achei hum rio grande (103); ao longo delle tudo arboredo o mais fermoso que nunca vi: e antes que chegasse ao mar hum tiro de bésta se sumia. E tomamos muita caça e tornamosnos ao bargantim. Ao pôr do sol veo hũa trovoada do noroeste, com tanta força de vento

---

Segundo Fitz Roy e Heywood, no estuario do rio da Prata, de setembro a março, sopra o nordeste com tendencia ao leste, mais para dentro no rio e em epoca de lua; e de março a setembro, o sudoeste com tendencia ao oeste, rondando mais para dentro, ao noroeste. Conhece-se ainda do regime dos ventos no hemispherio do sul, que o movimento de rotação delles se faz da direita para a esquerda, isto é, contrario ao movimento dos ponteiros de um relogio: os ventos do norte passam ao noroeste, ao sudoeste e ao sueste; e, quando tal não se dá e sim contrario, se annuncia o mau tempo.

Desde a viagem da altura da enseada onde desagua o rio Sta. Luzia até o cabo de Sam Martinho (pta. de la Colonia actual), gyrou o vento para Pero Lopes, a principio, com o movimento dos ponteiros dos relogios até o sueste, para depois ir ao nordeste, ao noroeste e ao sudoeste em temporal desfeito. Cumprida essa regra da meteorologia local, veiu o bom tempo, não deixando todavia de

e pedra, que nam havia homem, que se tivesse em pé: e de supito saltou ao sudoeste com muita chuva, relampados, e sempre cuidei de perder o bargantim, segundo o mar era grande. Toda esta noite corremos tanta fortuna, quanta homês nunca passaram. A agua que choveo me molhou o mantimento todo, que mais nam prestou.

Segunda-feira 25 do dito mes pela menhãa alimpou o tempo e veo sol, com que nos enxugamos. Daqui me quizera tornar, por nam termos mantimento; despois pareceo-me que nos podiamos manter com o mantimento, que na terra havia; e com o

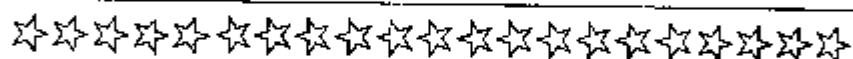
notar Pero Lopes, em outro passo, ser signal de borrasca o fuzilar muito ao sudoeste e ao noroeste.

Volvamos á viagem do bergantim. Já passada a restinga, á boca da enseada onde desagua o rio Santa Luzia actual, com contrario vento a principio e favoravel depois, Pero Lopes por fugir ao mau tempo annunciado, veiu a varar o bergantim em terra e ahi, a passar a noite.

De principio tivemos e temos ainda esta terra "de formosos campos e muito arvoredo" como a banhada pelos actuaes rios Pavon e Pereyra; mas de accordo com a distancia dada por Pero Lopes, somos obrigado a fixa-la em região aonde desagua o rio San Gregorio. Nesse local, colheram os navegantes ovos de ema, emas pequeninas e saborosas, muita caça de qualidade, cardos e mel.

A's duas horas da tarde de 25 de novembro partiram,

pescado o mais fermoso e saboroso, que nunca vi. A agua ja aqui era toda doce; mas o mar era tam grande que me nam podia parecer que era rio: na terra havia muitos veados e caça, que tomavamos, e ovos de emas, e emas pequeninas, que eram muito saborosas; na terra ha muito mel, e muito bom: e achavamos tanto que o nam queriamos: e ha cardos, que he mui bom mantimento, e que a gente folgava de comer. E com nos parecer a todos, que nos podiamos soster, determinei de ir ávante, e o vento era sueste, e o tempo estava bom, e de noite havia lua. Parti bem

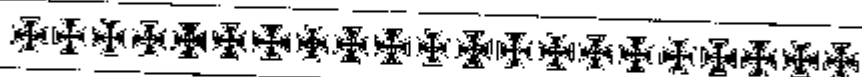
✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡

e pensavam valer-se do luar para a navegação nocturna; mas mal singraram sete milhas - pelo Diario, na altura de um arroio mais occidental que o outro, (o tambem chamado actualmente - San Gregorio?), tiveram encontro com quatro almadias (canôas ou igaras) de 12 braças de comprido, guarnecidas de indigenas com arcos e frechas, azagaias e pennachos de mil cores, e falando uma lingua differente da do selvicola do Brasil: "do papo", diz Pero Lopes, "como mouros".

Essas embarcações ou grandes canoas seriam á feição das igaras dos nossos tupis? Pelo menos, pareciam-se com ellas nas dimensões: dez a doze braças de comprido por meia braça de largo, e cada uma tripulada por 40 remeiros, em pé, com pás compridas e de mil côres.

Como classificar a gente?

Rogerio Barlow, companheiro de Caboto em 1526, notava ao sul de Sta. Catharina actual ou do porto e terra dos Patos, begoás e charrúas; da foz do

tarde; — duas horas de sol, com tençam de andar a noite toda; indo ao longo da costa, por fundo de 6 braças d'area limpa. Sendo 2 leguas dond'e partira, saíram da terra a mim 4 almadias, com muita gente: como as vi puz-me á corda com o bargantim para esperar por ellas: remavam-se tanto, que parecia que voavam. Foram logo comigo todos; traziam arcos e frechas e azagaias de pao tostado, e elles com muitos penachos todos pintados de mil cores; e chegaram logo sem mostrarem que haviam medo: seriam com muito prazer abraçando-nos a todos: a fala sua não entendiamos; nem era como a

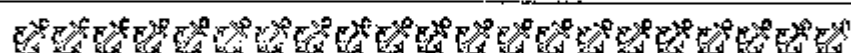
---

rio S. Salvador e no Paraná acima, os guaranis, até Sancti Spiritus; e dahi, dessa confluencia do Paraná com o Carcarañá, varias gerações de indios: quirandes ou quirandies, timbús e chanás.

Um documento de 1541 collocava os guaranis no baixo delta do Paraná; e, mais ao nórte: timbús, quirandins caracarás, e begoás.

Por outros documentos ainda concluiremos que na margem esquerda do rio Uruguai e do rio da Prata até alcançar o cabo de Sta. Maria antigo, se deveria deparar com a familia chaná - begoá - timbú, confinando com os charrúas; e portanto, devendo suppor-se como mais vinculado a essas margens, o selvicola affim do charrúa e do chaná. Usavam alguns destes o "tembetá" e tinham habitos de que nos fala Pero Lopes com aguda observação.

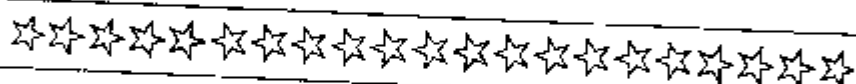
Os quirandies ou quirandes (carandins, para o Diario) e os chanás - timbús, para outros auctores, eram

do Brasil; falavam do papo como mouros: as suas almadias eram de 10, 12 braças de comprido e mea braça de largo: o pao dellas era cedro, mui bem lavradas: remavam-nas com hũas pás mui compridas; no cabo das pás penachos e borlas de penas; e remavam cada almadia 40 homẽs todos em pé: e por se vir a noite nam fui ás suas tendas, que pareciam em hũa praia defronte donde estava; e paraciam outras muitas almadias varadas em terra: e elles acenavam que fosse lá, que me dariam muita caça: e quando viram que nam queria ir, mandaram hũa almadia por pescado: e foi e veo em tamanha brevi-

---

nomades na hoje terra argentina, e tinham por lindes das suas jornadas, o rio Salado actual e parece, os confins da actual provincia de Santa Fé. Desses, os quirandes ou carandins que Madero chama transandinos (Quira - ramal; andes - montanhas), sabemos tel-os Caboto encontrado 30 leguas além do rio San Lazaro ou da Punta-Gorda ao subir o Paraná, e Pero Lopes tambem, quando veiu, parece guiado pelo aventureiro Enrique Montes, a alcançar em 12 de dezembro de 1531, a terra e o esteiro dos Carandins.

Outra parte que deve ficar esclarecida antes de proseguirmos com o bergantim, é a de dizer-se no Diario, que navegando a mesma embarcação ahi ao longo da costa, tinha sempre fundo de seis braças. Tivessemos de repetir essa viagem do bergantim e a este fundo não poderiamos hoje faze-la, senão muito ao largo desse littoral. Te-la-ia feito, a tão pouca distancia, Pero Lopes?

dade, que todos ficamos espantados: e deramnos muito pescado: e eu mandeilhes dar muitos cascaveis e christallinas e contas: ficaram tão contentes e mostravam tamanho prazer, que parecia que queriam saír fóra do seu siso: e assi me despedi delles. Quasi noite fezseme o vento nornordeste por riba da terra: e com elle fazia o caminho ao longo da costa, por fundo de 5, 6 braças: como passou mea noite comecei a achar baxos de pedras, e alargueime mais da terra, e tirei a moneta, e fui com pouca vela, com a sonda na mão.

Terça-feira 26 de novembro pela menhãa me achei pegado com hûa ponta (104), e fui para do-

Vejamos: O notavel auctor "De los primitivos habitantes del delta del Paraná" - Luiz M. Torres - elucida a questão com dizer que para "sedimentação do rio da Prata recebe este rio 60.000.000 de metros cubicos de lama transportados pelos Paraná e Uruguai"; e, acrescenta ter "o estuario um augmento annual de 0,m 00157 "na altura geral do seu leito". Tal augmento representará por seculo a elevação do fundo de 0,m 15 e em quatro seculos: 0,m 60. Ora, quatrocentos annos nos separam da epoca em que se deu a expedição de Pero Lopes, ou a passagem do bergantim por esse littoral; mas, apesar disto, dever-se-á affirmar ter de tanto variado o fundo nessa região platina? A carta de Belin, não com o exagero que o prumo do bergantim requer, até 1764 ou 1770 mostra ter-se dado a elevação do leito mais para essa margem esquerda do rio. Assim, antes da punta de los Artilleros até a enseada onde desagua o Santa Luzia, mostra a quem a com-

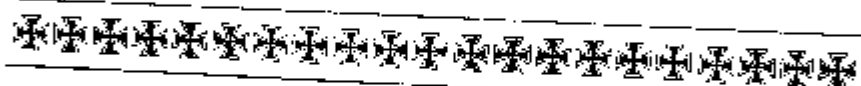
brar; e a costa voltava ao noroeste e tomava do norte; e ventava tanto vento noroeste, que nos houvera de soçobrar. Mandei amainar a vela; e fui surgir na ponta da banda de leste, que abrigava do vento: e saí a terra a ver se podiamos tomar algũa caça. E de hũas grandes arbores, em que me fui pór, para divisar a outra costa da banda do noroeste da ponta, houve vista de muitas ilhas (105) todas cheas d'arboredo, hũa legua da terra; e parecia cá que havia abrigo antre ellas. E assi me tornei para o bargantim com muita caça e mel. E á tarde acalmou o vento; e mandei meter os remos; e fui-me ás ilhas: corri-as todas; nunca achei porto nem abrigo, em

parar com cartas anteriores, o mesmo facto, attestando que as aguas em descida rebojando pelas ditas pontas que se succedem ao oriente da punta de la Colonia, veem deixando nessa faxa, depositos de areias e detritos carreados pelos principaes affluentes: Paraná, Uruguai, e outros menores rios.

Apesar de tão positivas demonstrações da elevação do fundo, nessas paragens, ainda de muito deve ahi ter mentido o prumo do bergantim; desse bergantim, que óra, sem interrupção, devemos acompanhar na derrota fluvial.

A 26 de novembro tornemo-lo a rever, - depois do encontro que elle tivera com os indios da margem esquerda do rio da Prata -, e pela manhã, ainda ao leste da actual punta de la Colonia, ou do cabo de Sam Martinho, de Pero Lopes.

que me meter: na mais pequena achei repairo; mas do vento sueste era desabrigada. Aqui estive toda a noite fazendo pescaria.

Quarta-feira 27 de novembro mandei concertar a padesada do bargantim, e pôr a artelharia em ordem, e irmos concertados para pelejar; porque na terra viamos muitos fumos, que he sinal de ajuntamento de gente. E ao meo dia parti destas ilhas, as quaes são sete, todas cheas de arboredo: as tres dellas sam grandes, e as quatro pequenas. Com o vento lesnordeste fazia o caminho ao longo da costa, a qual se corre ao noroeste e toma da quarta do norte. Duas leguas das sete ilhas ha hum rio (106)

Não poude o bergantim montar a referida ponta ou cabo por causa do "noroeste" fresco que soprava: contentou-se com buscar ao leste della, abrigo e fundeadouro, após essa navegação durante uma noite inteira. Indo gente á terra, abasteceu-se de caça e mel a tripulação; e como calmasse á tarde o vento, foram a remos no bergantim buscar as 7 ilhas - de San Gabriel ou islas de las Piedras. Perto da mais pequena tomou fundo o bergantim, para pasar a noite e fazer pescaria. São ilhas hoje nomeadas: San Gabriel, Farallon, as duas Lopez, e as tres de Hornos.

Deixadas as 7 ilhas, tres grandes e quatro pequenas, e após enterrarem em uma dellas barris e outras cousas desnecessarias á viagem rio acima, ja trazia o bergantim em concerto a sua "padezada" e safa a artilheria, na certeza de que se

que traz muita agua: fui para entrar nelle; e a entrada era roim de muitos baxos; e passei por longo da costa per fundo de 7, 8 braças; e a terra he toda chãa: quanto mais ávante ía tanto melhor me parecia: e á pustura do sol fui surgir a hũa ilha grande (107), redonda, toda chea d'arboredo, á qual puz o nome de — Santa Anna. — Aqui estive toda a noite; onde matei muito pescado de muitas maneiras: nenhum era de maneira como o de Portugal: tomavamos peixes d'altura de hum homem, amarelos e outros pretos com pintas vermelhas, — os mais saborosos do mundo.

---

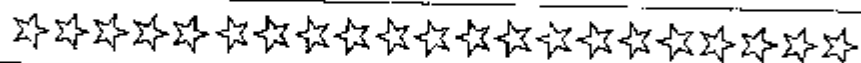
haveria de combater, porque se avistavam por boreste "muitos fumos, "o que he sinal de ajuntamento de gente."

Passando pela foz de hum rio que traz muita agua, o actual rio de San Juan, parece, — e inadvertidamente citado em nota de Varnhagen como o depois baptisado por Pero Lopes, Sam João - não entrou o capitão com o bergantim por elle, por existirem baixos á foz. Proseguiu na viagem, ao longo da costa, levando a navegação por 7 a 8 braças de fundo.

A nossa observação feita sobre o littoral ao oriente da punta de la Colonia, tem tambem, com outras variantes, applicação ao que se poderá dizer sobre o fundo do rio nesse sector da costa actualmente uruguaia.

Ao pôr do sol desse mesmo dia 27 de novembro, deu elle com "hũa ilha grande, redonda, toda chea d'arboredo" a que chamou Santa Anna. Já era essa nomeada pelos espanhóes Martin Garcia, em lembrança de um dos infelizes embarcadiços da armada de Solis.

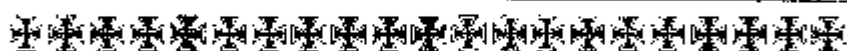
Quinta-feira 28 de novembro saí em terra: nesta ilha achei muitas aves as mais fermosas, que nunca vi. Aqui vi falcões como os de Portugal. O vento saltou ao sul: puz-me da banda do norte da ilha: estive surto com muita tempestade, que se me desabrigára, achára de todo nos perderamos.

Sesta-feira 29 de novembro pela menhãa abonançou o tempo, e fui á ilha: mandei pôr fogo em tres partes della; para ver se nos acudia gente: e nam vimos senam fumos, que me demoravam a oessudoeste e nam viamos terra: mandei subir dous homês sobre hûas arbores grandes, que estavam na ilha, para ver se viam terra onde nos faziam os

Ao sul della, abrigou-se; e ahi ficou toda a noite até o dia seguinte, 28 de novembro de 1531, quando buscou surgidouro ao norte, em virtude do sul tempestuoso que soprava. Achou Pero Lopes nesta ilha aves formosas, falcões como os de Portugal. Em suas aguas colheu bom pescado: "peixes d'altura de hum homem, amarelos e outros pretos com pintas vermelhas, os mais saborosos do mundo". A's arvores grandes da ilha mandou que subissem dois homens dos seus, a vêrem melhor os fumos que se mostravam ao - oessudoeste - isto é, do lado da actual região argentina. Esses espias enxergaram nessa direcção, arvoredo e costa alagadiça. Lançaram os portuguezes fogo a tres partes da ilha, para vêr "se acudia gente". Outrotanto haviam feito como signal, mezes antes, na costa vicentina, e com o mesmo e inproficuo resultado.

Acceitaria o indio desta costa ou o daquelle littoral, o fogo como prova de hospitalidade ou signal de bemaventu-

fumos, e viram arboredo, cousa que parecia terra alagadiça.

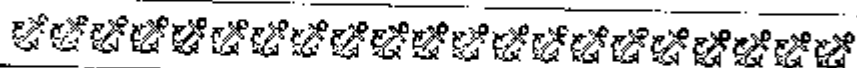
Sabado 30 de novembro á tarde me fiz á vela com o vento lesnordeste, e fui a hũas ilhas, que me demoravam ao nornoroeste. Desta ilha de Santa Anna ás sete ilhas ha 4 leguas; e corre-se com ellas leste-oeste, e á terra ha duas leguas (108): a estas duas ilhas, a que puz nome de — Sant' André — (109) por ser hoje o seu dia, ha duas leguas da dita ilha de Santa Anna; e estam da terra mea legua: e achei nellas hum bom repairo, onde estive a noite toda.

---

rança? O dessas ribeiras já o demonstrara na praia de Maldonado, fazendo fogueira para indicar aos portuguezes o local onde varara o batel da caravela, como depois tambem na Terra dos Carandins respondendo aos "fumos" dos recemchegados.

Partidos a 30 de novembro da ilha Santa Anna ou Martin Garcia, tendo no minimo a terra argentina a umas sete milhas, foram ainda, no bergantim, ao longo da actual costa uruguaia, e ao NNO, buscar duas ilhas que Pero Lopes baptisou Sant' André. São essas as actuaes Ilhas Hermanas ou 2 Hermanas.

Dava o Diario inadvertidamente a ilha Santa Anna ou Martin Garcia ao leste - oeste com as 7 ilhas ou de San Gabriel, tendo dado, na mesma pagina e uma linha antes, o rumo de nornoroeste a que as buscara e de distancia entre ellas, 4 leguas ou cerca de 14 milhas, quando ha 26 milhas ou cerca de sete leguas. De Santa Anna ou Martin Garcia ás 2 Herma-

Domingo 1.º de dezembro me fiz á vela pela menhãa, com o vento nordeste: e mandei governar a loessudoeste: fazia mui gram nevoa, que nam viamos nada, e fui assi até o meo dia pelo dito rumo; e indo por 5 braças de fundo fui de supito dar em 2 braças; e mais ávante dei em seco ([110]): e mandei saltar a gente á agua; saimos de seco; e tornei-me por onde viera. Como alimpou a nevoa, me achei hũa legua de hũa terra mui baxa, chea d'arboredo e muitos baxos e vi estar hũa boca grande, que me demorava ao noroeste; e fui a demandar por fundo de 2 braças, e ás vezes dando em seco, até que dei em hum canal de sete braças, que ía dar na dita boca: e en-

---

nas ou Sant'André estima bem o Diario a distancia em 2 leguas ou sete milhas approximadamente.

Passada a noite, dessas ilhas, pela manhã seguiu o bergantim a 1 de dezembro de 1531, ao rumo do oessudoeste da sua agulha e foi, entre nevoeiro, a encalhar nos alagadiços marginaes da actual terra argentina, no delta do Paraná.

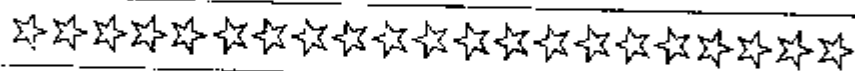
Safo do encalhe, retornou por onde viera - diz o Diario ou talvez antes um pouco mais para o norte: alimpando a nevoa baixa poude divisar a boca de um grande rio: o Paranaguazú, certamente. Após, crêmos, passar pela orla do baixo, foi o bergantim navegando mais ou menos aonde hoje se nota o - canal principal - nas cartas inglezas, até os navegantes avistarem a boca do dito - Paranaguazú - não assim por Pero Lopes conhecido mas por hum rio de mea legua de largo. Era a entrada delle orientada leste - oeste; mostrava arvoredo ás margens; corriam-lhe

trei para dentro: e achei um rio (111) de mea legua de largo, e de hũa banda e d'outra tudo cheo de arboredo. A agua corria mui tesa para baxo: havia de fundo 10, 12 braças de lama molle. O rio faz a entrada leste-oeste: da banda do sul na boca delle ha hum esteiro pequeno de 6 braças de largo; e indo mais por o rio arriba, da banda do sul achei outro braço de outra mea legua de largo (112) que ia ao sudoeste, e mais acima achei outro braço (113), que vinha do noroeste: trazia muita agua, e era quasi hũa legua de largo. Entam vi que tudo eram braços (114) e ilhas, antre que andavamos. As ilhas todas sam cheas d'arboredo; dellas sam alagadiças.

as aguas "mui tesas" ou com muita correntada; e o prumo accusava 10 a 12 braças de fundo talvez, ha 400 annos passados.

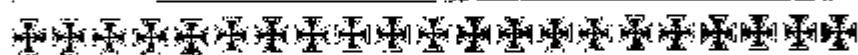
Passou depois a navegar por meandros e braços fluviaes, entre ilhas baixas e esteiros por vezes, tendo sempre por bôa referencia, suppomos, o Paranaguazú, até o dia 4 de dezembro, quando chegou á boca de um braço do Paraná que vinha do nordeste - o Paraná Bravo, para nós, - assim como ás duas ilhas Dorado e Doradito, as chamadas ilhas dos Corvos, por Pero Lopes, por ahi matarem muitos corvos marinhos. Andou o bergantim pelo Paraná bravo actual e seus braços de 4 a 8 de dezembro, quando regressou ás 2 Ilhas dos Corvos (Dorado e Doradito), no Paranaguazú.

Segunda-feira 2 dias de dezembro, como foi menhãa, mandei remar pelo rio arriba: eram tantas as bocas dos rios, que nam sabia por onde ía; senam ía pela agua arriba; e fez-se-me noite a par de 2 ilhas pequenas onde surgi. Estive a noite toda com muito vento noroeste.

Terça-feira 3 de dezembro corria a agua aqui tanto, que nam podia ir ávante aos remos. A' tarde nos ventou muito vento sudoeste: com elle fomos pelo rio (115) arriba: achava 1 braço, que ía ao norte; outro, que ía ao loeste; e nam sabia por onde fosse. Ja aqui começava a achar as ilhas, com muitos arboredos e frechos e outras mui fermosas arbores;

Por este rio foi subindo, singrando pelo braço ao norte da ilha Botija actual, e depois de passar a noite de 9, na confluencia dos dois braços que a circumdam. Nesses dias 10, 11, e 12, sempre no Paranaguazú e algumas vezes num dos seus braços, mas tornando a elle de continuo, veiu a alcançar já na terra dos Carandins, o esteiro que dos Carandins tambem chamou, para da-lo distante do rio dos begoais ou Solis Grande, 105 leguas ou cerca de 370 milhas. Seria natural este exagero em quem havia feito tão caprichosa navegação.

Lendo a carta de Varnhagen, á guisa de ligeiro prefacio á 3.ª edição do Diario e mais as suas annotações ás pgs. n.ºs 53, 54 e 55, pode-se interpretar a verdadeira opinião do nosso historiador, como devendo ser este esteiro dos Carandins no rio Negro, affluente do rio Uruguai, e nas proximidades da actual cidade de Mercêdes.

muitas ervas e flores como as de Portugal, e outras diferentes; muitas aves e garças e abatardas, e eram tantas as aves, que com páos as matavamos. Ja aqui as ilhas nam sam alagadiças: a terra dellas muito fermosa.

Quarta-feira 4 de dezembro indo á vela pelo rio arriba, por hum braço que corria ao noroeste, dei n'outro, que se corria ao nordeste, mui largo: e na boca tinha duas ilhas pequenas (116), todas cheas d'arboredo. Aqui achei muitos corvos marinhos, e matei delles á bésta: e fui pelo dito braço (117): adiante mea legua me anoiteceu; e surgi a par de hũas arbores, onde estive a noite.

Procuremos melhor interpretar o texto do Diario de Pero Lopes, sem nisso o intuito de desmerecer valor tão alto:

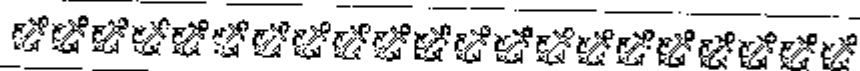
"Sesta-feira. 13 de dezembro parti deste esteiro dos Carandins para me tornar por donde viera. Com o vento noroeste fazia o meu caminho á popa, que ia tam teso, que cada hora" (andava) "3, 4 leguas".

E assim com o vento do noroeste em pôpa veiu até as 2 ilhas dos Corvos que Pero Lopes dava 35 leguas ou cerca de 126 milhas distantes das 7 ilhas ou San Gabriel. Esta distancia era resultante de calculos feitos ao correr da caprichosa navegação na ida, em braços e esteiros affluentes do Paranaguazú, a qual lhe prolongou as jornadas; mas, no nosso entender, se essas ilhas dos Corvos, forem realmente as Dorado e Doradito actuaes - nós devemos te-las, a sessenta e poucas ou 70 milhas das de San Gabriel.

Quinta-feira 5 de dezembro, indo pelo dito braço arriba, achei muitos sinaes de gente. Faziam muitos fumos pelas ilhas: a terra da banda do sueste me parecia, onde era firme, a mais fermosa que os homẽs viram: toda chea de froles, e o feno d'altura de hum homem.

Sesta-feira 6 de dezembro fui dar n'hum estreito da banda do noroeste do rio, donde estive a noite toda; e de noite nos deu hũa trovoada do sudoeste com gram força de vento; e encheu o rio muito com este vento que retinha a agua.

Sabado 7 de dezembro nos ventou o vento a sudoeste com muita força. Fomos com pouca vela pelo

---

Descia o rio o bergantim, como dissemos, com o vento do noroeste em popa, e, combate Varnhagen, não se poder navegar assim no Paranaguazú, o unico entretanto desses tres rios (Uruguai, rio Negro e Paranaguazú) a manter orientação favoravel a essa derrota, uma vez que corre ao sueste-noroeste.

Não parece haver duvida, para quem consultar uma precisa carta, que foi pelo Paranaguazú que o bergantim alcançou a terra e o esteiro dos Carandins, como já anteriormente Caboto o fizera, para attingir a confluencia do Paraná com o Carcarañá e fundar neste ponto o forte de Sti. Spiritus.

Dá-nos Pero Lopes, a latitude do citado esteiro em 33° e ¾ ou 33.° e 45' sul, calculo feito com a altura do sol referida ao horizonte dessas terras baixas e alagadiças. Esta latitude ao presente, corresponde á região situada em

dito braço arriba, que ao nordeste iam hũs fumos que faziam longe pelo rio arriba. E tendo andado 3 leguas me anoiteceu donde os faziam: e saí em terra; e nam achei rasto de gente; senam de muitas alimarias. De noite nos deu rebate hũa onça: cuidando que era gente, saí em terra com toda a gente armada.

Domingo 8 de dezembro me tornei por onde viera (118), para ir pelos outros braços arriba, ver se achava gente: e vim pelo rio abaxo dormir ás duas ilhas dos corvos (119).

Segunda-feira 9 de dezembro fui pelo braço arriba, que ía ao noroeste, o qual era mui grande:

---

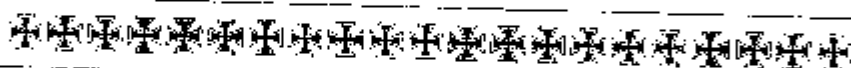
parallelo traçado entre Baradero e San Pedro, na terra argentina.

Pelo mappa 7, verá o leitor havermos chegado a dar, mas sem grande precisão - passados que são 400 annos - o local attingido pelo bergantim portuguez. Dando nesse traçado cartographico uma zona lindada da terra dos Carandins, tendo por extremos: San Pedro, braço do Paraná Pavon, Ibicuhi e Baradero, e a marcha do bergantim no Paranaguazú, procurámos, circumscrevendo essa zona, facilitar a identificação mas não precisar todavia o esteiro ou o ponto em que se ergueram os padrões de posse.

O dr. Theodoro Sampaio em seu erudito estudo sobre a "Posse Meridional do Brasil" (Rev. Inst. Hist. e Geog. S. Paulo, vol. 1.° fasc. 2, p. 34.) - parece ter sido o primeiro dos historiadores brasileiros que em opinião opposta a Varnhagen, arguiu ser este esteiro dos Carandins junto á região provavel por nós lindada, (mappa 7), dando-o -, "na

tinha de largo hũa legua e mea; trazia muita agua e grande corrente. Este dia nam andei mais que duas leguas; e surgi antre duas bocas, hũa que ía ao essudoeste (120), e outra ao noroeste.

Terça-feira 10 de dezembro fui pelo braço arriba que ía ao noroeste (121): e tendo andado 4 leguas por elle arriba, fui dar d'um rio de 3 leguas de largo, e ía a loeste; e fui dormir da banda do sul debaxo de hũs frechos. E de noite matamos 4 veados, os maiores que nunca vi.

Quarta-feira 11 de dezembro fui pelo rio arriba com bom vento; e vi um braço pequeno; e metime por elle, o qual ía ao noroeste: neste rio ha hũas

altura do rio dos Arrecifes que rega a terra argentina da banda direita do grande Paraná". Este rio dos Arrecifes mistura as suas aguas ás do riacho Baradero, entre Baradero e S. Pedro. (Vide carta Arqueologica esquematica del delta del Paraná - por - Luis M. Torres.)

Mas por que e como, attingira Pero Lopes, esse esteiro da Terra dos Carandins com o fito de toma-lo para linde occidental do dominio portuguez?

Recordemos, para melhor esclarecer este passo, a expedição anterior á sua, e a assistencia nella e nesta, de um aventureiro conhecedor dessas regiões fluviaes.

Dos navios de Martim Affonso vinha por "provedor de mantimentos", e certamente embarcara no bergantim com Pero Lopes, no rio dos Begoás, o destemido aventureiro Enrique Montes, companheiro que fôra de Solis, de Christovam Jaques e de Caboto na exploração do rio da Prata e affluentes. Desta ultima expedição

alimarias como raposas, que sempre andam n'agua, e matavamos muitas: tem sabor como cabritos. Indo pelo braço arriba, vi que se fazia mui estreito: e tornei-me ao braço grande; e indo no meo delle descobri outro braço, que ia a loessudoeste; e fui por elle hũa legua, e dei n'outro rio mui grande, que ia a noroeste. E a terra da banda do sudoeste era alta, e parecia ser firme; e da mesma banda do sudoeste, achei hum esteiro, que na boca havia duas braças de largo e hũa de fundo; e segundo a informaçam dos indios era esta terra dos Carandins (122). Mandei fazer muitos fumos, para ver

---

principalmente, fôra elle auxiliar valioso embarcado na armada desde o porto dos Patos, e depois servindo em Santi Spiritus, um dos marcos da posse espanhola nesta região.

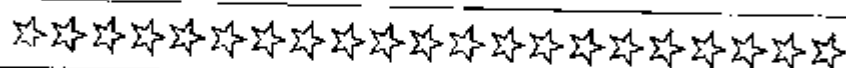
Acompanhando, como suppomos, o bergantim de Pero Lopes depois por essas regiões fluviaes, havia elle de cumprir, até onde alcançaram com a dita embarcação, itinerario que bem se approximaria do realizado por Caboto, mostrando detalhes que nos levam a firmar este conceito.

Senão, vejamos:

Do rio San Lazaro, proximo de punta Gorda, Caboto, depois de deixar enterradas ás margens desse rio, cargas e peças inuteis á viagem, buscou com os seus, na galeota fabricada no porto dos Patos, um dos esteiros ou braços que attingem o Paranaguazú a que chegou, após navegar entre muitas ilhas, e dando a uma dellas o nome desse Francisco del Puerto ahi encontrado como sobrevivente da expedição Solis.

se me acudia gente, e no sartam me responderam com fumos mui longe.

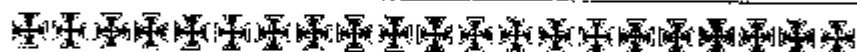
Mappa 7 (á margem) Quinta-feira 12 de dezembro á boca deste e s t e i r o d o s C a r a n d i n s puz dous padrões das armas d'elrei nosso senhor, e tomei posse da terra para me tornar d'aqui: por que via que nam podia tomar pratica da gente da terra; e havia muito que era partido donde Martim Afonso estava: e fiquei de ir e vir em 20 dias: e deste esteiro ao r i o d o s B e g u o a i s (128), donde parti, me fazia 105 leguas. Aqui tomei altura do sol em 33 graos e 3 quartos.

✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡

Subindo por esse rio P a r a n a g u a z ú e a trinta leguas do antigo r i o S a n L a z a r o, veiu a dar no rio dos Quyrandos ou Carandins dos portuguezes. Ahi existia essa geração de selvicolas caçadores de veado, os mais lestos na carreira, bons frecheiros, de alto talhe, nomades tantas vezes, mas aonde se estabeleciam, de espaço, fazendo as suas choças cobertas de couro de veado e de outros animaes que caçavam.

Só passadas outras trinta leguas dessa região dos Quyrandos - ou t e r r a d o s C a r a n d i n s de Pero Lopes - é que Caboto veiu a fundar no confluencia do outro Paraná com o Carcarañá o seu forte de tão triste fim.

Guiando o bergantim de Pero Lopes, como determinaria a derrota o mesmo Enrique Montes? Vejamos: Montado o c a b o d e S. M a r t i n h o ou a actual pta. de la Colonia, achegou-se o bergantim portuguez ás s e t e i l h a s de S. Gabriel, perto de uma das quaes fundeou,

Esta terra dos Carandins he alta ao longo do rio; e no sartam he toda chãa, coberta de feno, que cobre hum homem: ha muita caça nella de veados e emas, e perdizes e cordonizes: he a mais fermosa terra e mais aprazivel, que pode ser. Eu trazia comigo alemães e italianos, e homês que foram á India e francezes, — todos eram espantados da fermosura desta terra; e andavamos todos pasmados que nos nam lembrava tornar. Aqui neste esteiro tomámos muito pescado de muitas maneiras: morre tanto neste rio e tam bom, que só com o pescado, sem outra cousa, se podiam manter; ainda que hum homem coma 10 livras de pexe, em

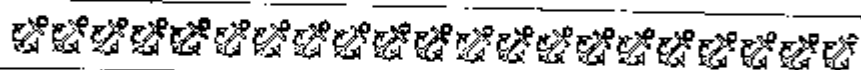
---

para nessa deixar enterrados "barris e outras cousas" que lhes não eram necessarias á viagem.

Identica lembrança anteriormente tivera Caboto á vista de Enrique Montes, mais adeante, á margem esquerda do rio San Lazaro.

Proseguindo na expedição do bergantim portuguez, vemo-lo procurar a foz de um rio que nos pareceu o — San Juan — actual, nelle não penetrar por haver baixos á foz, e então, seguir para Martin Garcia ou Santa Anna do Diario e para Sant' André ou 2 Hermanas. Dahi, vemo-lo rumar sobre a costa argentina actual e buscar depois entrada pela boca do Paranaguazú que segue em seu curso uma orientação accentuada para o noroeste-sueste; e seguindo-o, apesar de tantas bordadas, avanços e recuos em braços como no do Paraná - bravo e em muitos esteiros, vir a ter como rumo carteado com soffrivel approximação, o que vem a confundir a sua der-

nas acabando de comer, parece que nam comeu nada; e tornára a comer outras tantas. O ar deste rio he tam bom que nenhũa carne, nem pescado apodrece; e era na força do verão que matavamos veados, e traziamos a carne 10, 12 dias sem sal, e nam fedia. A agua do rio he mui saborosa; pela menhãa he quente, e ao meo dia he muito fria; quanta o homem mais bebe, quanto melhor se acha. Nam se podem dizer nem escrever as cousas deste rio, e as bondades delle e da terra.

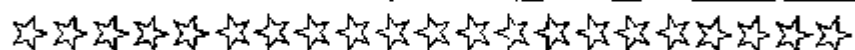
Sesta-feira 13 de dezembro parti deste esteiro dos Carandins para me tornar por donde viera. Com o vento noroeste fazia o meu caminho

---

rota com a orientação dessa via fluvial por que foi e tornou. E assim o justificar-se, quando de regresso á foz do dito rio, a seguinte expressão do Diario: "Sesta-feira, "13 de Dezembro parti deste Esteiro dos Carandins, para me tornar por donde viera. Com o vento noroeste fazia o meu caminho á pôpa, que ia tam teso que cada hora (andava) 3, 4 leguas...

Como poderia a este rumo fazer tal derrota se, em vez de descer o Paranaguazú, descesse o Uruguai e o rio Negro, como o quer Varnhagen?

Pisando terra dos Quyrandos ou dos Carandins ou achegando-se ao esteiro comprehendido a nosso vêr, entre os pontos geographicos — San Pedro, braço do Paraná Pavon, Ibicuhi e Baradero — trinta leguas aquem de onde Enrique Montes assistira á fundação de Caboto, resolveu Pero Lopes com certa argucia, erguer ahi

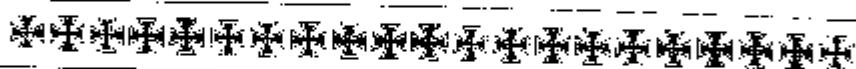
á popa (124), que ia tam teso, que cada hora (125) 3, 4 leguas. Sendo a par das ilhas dos corvos (126), d'antre hum arboredo ouvimos grandes brados, e fomos demandar onde bradavam: e saío a nós hum homem, á borda do rio, coberto com pelles, com arco e frechas na mão; e fallou-nos 2 ou 3 palavras guaranís, e entenderam-as os linguas, que levava; tornaram-lhe a falar na mesma lingua, nam entendeu; senam disse-nos que era beguoaa chanaa (127) e que se chamava ynhandú. E chegámos com o bargantin a terra, e logo vieram mais 3 homês e hûa molher, todos cobertos com peles: a molher era mui fermosa; trazia os cabellos com-

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

os padrões de Portugal em nome de D. João III. Ficavam esses padrões bem ao occidente do Brasil conquistado e poderiam aos vindouros justificar pelo meridiano que ahi passasse ainda quando mal se calculava a longitude - a posse de outras terras até o golfo de São Mathias, ou terras sulinas da Patagonia actual.

Enrique Montes foi pois, tudo o parece indicar, o informante preciso e capaz do capitão Pero Lopes de Sousa até essa habitação dos Carandins.

Destes, dizia Luiz Ramirez: "haverem dado aos espanhóes uma boa relação "de la Sierra e del Rey Blanco" e geographicamente confirmado que esta "Sierra de la Plata" confinava com o mar, indubitavelmente, o grande oceano descoberto por Balbôa.

Não se deve localizar esse selvicola pois, como Varnhagen o suggeriu, para os lados dos rios Negro e Uruguai, aonde se existisse, não o seria em tão grande ajuntamento,

pridos e castanhos: tinha hûs ferretes que lhe tomavam as olheiras: elles traziam na cabeça hûs barretes das pelles das cabeças das onças, com os dentes e com tudo. Por acenos lhe entendemos que estava hum homem com outra geraçam, que chamavam chanás, e que sabia falar muitas linguas; e que o queria ír a chamar, e estava la diante pelo rio arriba; e que elles íriam e viriam em 6 dias. Entam lhes dei muitas cristalinas e contas e cascaveis, de que foram mui contentes, e a cada hum delles seu barrete vermelho; e á molher hûa camisa: e como lhes isto dei, foram a hûs juncais, e tiraram duas almadias pequenas, e trouxeram-me

como já a cartographia assignalava, representada na carta de Battista Agnese ou na citada por Toribio de Medina (Tomo I.º Exp. Caboto, pg. 156), e ambas fazendo correr o rio dos Querandios no local parece, hoje occupado por um dos braços do baixo Paraná; ou na de Bartolomeo da Mallorca, dando os "Querandies" em terras ribeirinhas e confinantes tambem com o ramo principal daquelle rio. Alem desses testemunhos e dos já nomeados em periodos anteriores deste trabalho, podemos accrescentar opiniões de subido valor: ainda a de Rogerio Barlow, companheiro de Caboto e já citado; a de Luiz Maria Torres (Los primitivos habitantes etc. pg. 426) juntando-os aos chanás - timbús e em zona geographica correspondente á do actual rio Salado até a actual Provincia de Sta. Fé; a de Ruy Diaz de Guzman (La Argentina, cap. IV, pgs. 29 e 30) locando-os entre os actuaes cabo Branco e o rio das Conchas e depois, mais 60 leguas terra a dentro para a

ao bargantim pescado e taçalhos de veado, e hũa posperna d'ovelha; mas nam ousavam de entrar dentro no bargantim, nem seguravam comnosco. E assi se foram, dizendo que haviam de vir dahi a 5 dias, e os esperassem nas ditas ilhas dos corvos. Aqui estive 6 dias esperando, nos quaes tomei muita caça e muito pescado, e muitos veados, tamanhos como bois, os quaes faziamos em taçalhos, para levar ás naos. Como vi que nam vinham, ao cabo dos 6 dias me parti.

Quarta-feira 18 dias de dezembro com o vento noroeste mui forçoso; e vim jantar á boca do rio, (128) por onde entrára: e ali tirei muita artelharia a

---

Cordilheira. Madero no-los classifica como quichúas, e cita aquella conhecida passagem de Schmidel em que se narra a chegada de Pedro de Mendoza ao Riachuelo para a fundação de Buenos Aires, em cujas terras, e dahi distante quatro leguas, havia um "pueblo de casi tres mil indios llamados "Querandins" (Ed. Madero, Hist. del puerto de Buenos Aires, pg. 112); e finalmente Pero Lopes, no seu Diario, buscando regiões que ficavam ao noroeste da boca do Paranaguazú, nos move ainda a ter esses Carandins como habitantes do baixo Paraná, ao noroeste e portanto, acima das ilhas dos Corvos, assim como nos inclina a acceitar, como sendo mais das margens esquerdas do rio Uruguai e da Prata até o antigo cabo de Sta. Maria, os begoás - chanás que nos pareceriam a esse tempo confins com os charrúas.

Tocada a expedição a seu termo com derrota de cerca de 320 milhas navegadas, regressemos com o bergantim ao

ver se me acudia gente. Assi estive até 2 horas depois de meo dia, que parti com o mesmo vento noroeste, e passei pelas i l h a s d e S a n t' A n d r é (129) e pela i l h a d e S a n t a A n n a (130), e fui em se pondo o sol ás 7 ilhas (131), no porto onde estivera, quando por ali passára, onde deixára enterrado barris e outras cousas, que nos nam eram necessarias. Neste dia me fazia que andára 35 leguas. Aqui estive esta noite surto fóra das ilhas em fundo de 8 braças d'area limpa: e de noite me ventou muito vento norte.

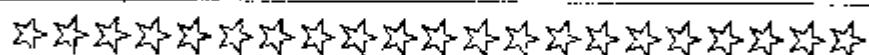
Quinta-feira 19 de dezembro pela menhãa me fiz á vela, e como descobri o c a b o d e S a m

ponto de partida, lembrando-nos de que Pero Lopes dissera ser esta t e r r a d o s C a r a n d i n s "alta ao longo do rio" certo numa só das margens, e no sertão, "muito chã, coberta de feno mais alto que um homem; ter muita caça de veados, emas, perdizes e codornizes"; ser terra aprazivel e formosa, que encantara a quantos a viram, em sua companhia; alemães, italianos e francezes, estes provavelmente tomados pela armada de Martim Affonso na costa de P e r n a m b u c o ; serem as aguas ahi de muito bom pescado, e muito leves e saborosas, que quanto mais tomadas mais prazer davam; e os ares tão gratos á vida que "em 10, 12 dias sem sal", e na força do verão, não se arruinavam caça e pescado.

Marca o dia 13 de dezembro de 1531 a partida em regresso do bergantim portuguez. Trouxe elle do e s t e i r o

M a r t i n h o (132), que torna a costa lessueste, me deu muito vento lesnordeste: e a remos me acheguei á terra; e me meti em hũa enseada que abrigava do vento, a qual está da banda de leste do c a b o d e S a m M a r t i n h o.

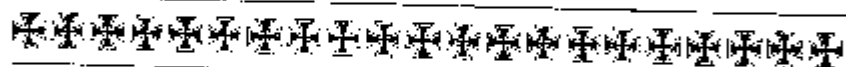
Sesta-feira 20 de dezembro se fez o vento norte, e com elle fiz o meu caminho ao longo da costa, que se corre a lessueste. Corri todo o dia com mui bom vento. Desd'o c a b o d e S a m M a r t i n h o se fazem 3 pontas (133); afastada hũa legua hũa da outra, todas com arboredo, e lançam ao mar restingas de pedras; e antre ellas ha arrecifes mui perigosos. A' cerrada da noite me acalmou o vento á

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

d o s C a r a n d i n s até as i l h a s d o s C o r v o s (Dorado e Doradito), sob a acção do noroeste pela popa e de correnteza desse rumo, um só dia de viagem, quando na ida levara 4 dias, subindo o rio desde esse ponto. Só a 18 de dezembro dahi partia — por aguardar a volta dos b e g o á s - c h a n á s, com alguns dos quaes confabulara — e vinha talvez com oito horas de navegação e com o noroeste á popa, alcançar a boca do Paranaguazú, e ao pôr do sol desse mesmo dia 18, e ainda com o noroeste, - já passadas as 2 Hermanas (S a n t ' A n d r é) e Martin Garcia (S a n t a A n n a) — a vencer as 41,'5 que separam a boca do Paranaguazú das S e t e i l h a s d e S a n G a b r i e l. Perto da menor ilha em que na ida haviam enterrado cousas desnecessarias á viagem, fundearam, para após tomadas, partirem.

Devemos antes porém, assignalar como o bergantim foi muito favorecido pelos elementos: bom tempo, vento

boca de hum rio, que á entrada era mui baxo. Aqui estive surto até á mea noite, que me deu hûa trovoada do sulsudoeste; e com o vento encheu a agua; e me meti na boca do rio: e como ía enchendo assi me ía metendo para dentro.

Sabado 21 de dezembro como foi menhãa acalmou o vento; e saí do rio, a que puz o nome — de Sam João — (134). Saltou o vento ao esnoroeste (135), e dei á vela: e 2 leguas do dito rio de Sam João achei a gente que á ída topára nas tendas; e saíram-me 6 almadias, e todos sem armas, senam vinham com muito prazer abraçar-nos: e o vento era muito; e fazia gram mar; e elles acena-

á feição e fresco, correnteza fórte e favoravel para o sueste, desde a partida do esteiro, e ainda das ilhas dos Corvos até essas ilhas de San Gabriel.

Aqui fundeado o bergantim soffreu, ao correr da noite, vento do norte; mas na manhã seguinte 19, poude suspender e buscar o cabo de Sam Martinho ou punta de la Colonia, que demorava das sete ilhas, tres milhas apenas. Soprando lesnordeste rijo, achegou-se á terra e num seio que ahi se fórma, já da parte de leste mesmo do cabo, se abrigou até o dia seguinte 20 de dezembro, quando se fez o vento do norte.

Veiu assim navegando á vista da actual costa uruguaia e foi montando as actuaes pontas: Argostura, Artilleros, Sauce e Rosario.

Precedido de calma veiu o mau tempo ao sussudoeste, quando já se achava á foz de um rio.

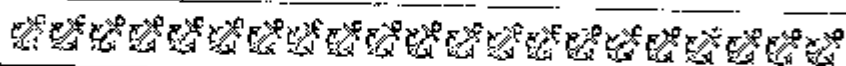
Dia 20, - diz o Diario - metteu-se o bergantim pelo dito rio cujas aguas se avolumavam. A este chamou Pero

vam-me que entrasse para hum rio, que junto das suas tendas estava. Mandei la hum marinheiro a nado, para ver se tinha boa entrada: e veo e disseme que era muito estreito, e que nam podiamos estar seguros da gente, que era muita: — que lhe parecia que eram 600 homẽs; e que aquillo, que pareciam tendas que eram 4 esteiras, que faziam hũa casa em quadra, e em riba eram descobertas: e fato lhe nam vira; senam reides da feição das nossas. Como vi isto me despedi delles; e lhes dei muita mercadoria; e elles a nós muito pescado. E vinham apoz de nós, hũs a nado e outros em almadias, que nadam mais que golfinhos; e da mesma maneira

Lopes, Sam João, e deverá elle ser um dos dois Pavon ou Pereyra da costa uruguaia; por - San Juan -, na cartographia moderna só ficou conhecido outro rio além da punta de la Colonia e já por nós citado.

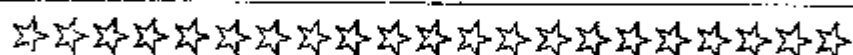
Ao leste deste mesmo rio Pereyra, assim modernamente chamado, na ida avistou-se Pero Lopes com os selvicolas em 4 grandes canoas; e agora, com pouca differença do mesmo ponto os encontrava em 6 destas embarcações, sem armas e pedindo-lhe, em virtude do "mar" que fazia, entrasse com o bergantim para um rio ás ribeiras do qual jaziam juntas as tendas da tribu. Mandou Pero Lopes um marinheiro a nado ao dito rio — talvez o arroyo San Gregorio; de volta, o marujo relatou-lhe que o rio era estreito e pouco seguro para a gente do bergantim; que avistara talvez 600 homens e tendas destes, as quaes eram "quatro es-

nós com vento á popa muito fresco: — nadavam tanto quanto nós andavamos. Estes homês sam todos grandes e nervudos; e parece que tem muita força. As molheres parem (136) todas mui bem. Cortam tambem os dedos como os do cabo de Santa Maria; mas nam sam tam tristes. Como me parti delles, mandei encher as vasilhas de agua doce; porque nos achegavamos á enseada onde se ajunta a agua doce com a salgada. Indo assi houve vista do monte de S. Pedro (137); e anoiteceu-me hũa legua delle: e acalmou-me o vento. Aqui nam ha onde surgir, que o fundo he todo de pedra.

---

teiras que faziam hũa casa em quadra, e em riba descobertas." Nús andavam, pois diz Pero Lopes: "fato lhe nam viram, senam reides de feição das nossas". Viu-os ainda o chronista "como homens grandes e nervudos" e nadando mais que golfinhos na esteira do bergantim.

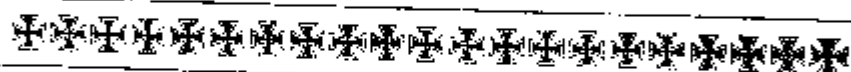
Na ida identificámos este ponto, talvez á vista do littoral proximo ao — arroyo de S. Gregorio — e ao oeste do outro actual rio de S. Gregorio; e apesar de ligeiro desaccordo em distancia, dado pelo Diario, quando de regresso do bergantim, achamos conveniente contra gosto ser mantida esta identificação.

Uma vez que falamos nesses indigenas, devemos dizer que nas ilhas dos Corvos, no Paranaguazú, já tivera Pero Lopes encontro com begoás e begoás - chanás, indigenas esses tambem habitantes desta margem do rio da Prata, tendo por vizinhos provavelmente os charrúas; e tambem que na ida, quando da primeira vez passara por esse local, hoje terra uruguaia, se avis-

Iamos remando ao longo da costa, e deu-nos hũa trovoada do sul com muito vento e relampados; e cuidei de sermos todos perdidos; e iamos dar de todo á costa; mandei lançar a fatexa, bem pegados com a rocha, em fundo de 4 braças de pedra. Estando assi com esta fortuna, se lançaram 2 marinheiros a nado, e se foram a terra, ver se havia algum lugar bom, em que dessemos em seco. E de terra bem bradaram que acharam hum esteiro, onde o bargantim podia entrar. Mandei levar a amarra, que quasi estava quebrada das pedras, e metemos os remos; e pondo muita força cada hum para se

tara com uma mulher begoá - chaná. Della, disse Pero Lopes, ser "mui fermosa", e trazer "os cabellos compridos e castanhos", assim como, "uns ferretes que tomavam as "olheiras", e á cabeça um barrete de pelles de onça com cabeça, dentes e tudo. Usavam os dessa nação, arco e frecha; mas parece, nesse ponto geographico, pelo menos, não usarem "tembetá", nem "trazerem sobre si" cousas e objectos de ouro e prata oriundos de serra acima e mais da região dos chandules.

Deveriam pertencer estes selvicolas agora reencontrados por Pero Lopes, á familia begoá - chaná - timbú, vizinha dos charrúas. Tinham os begoás-chanás o costume do córte dos dedos das mãos - por cada morte de parente uma phalange — chegando assim, a terem, quando já velhos, sómente o dedo pollegar. Eram, diz ainda Pero Lopes, menos tristes que os outros, moradores mais proximos do antigo cabo de Sta. Maria.

salvar. Remando mais ávante hum tiro de bésta vi a boca do esteiro; e me meti nelle; e á entrada tem muitas pedras, onde me houvera de perder. Como fui dentro carregou tanto o tempo, que se me achára fóra todos nos perderamos.

Domingo 22 de dezembro passou-se o vento ao sueste, e acalmou: e vasou a agua e ficámos em seco no esteiro: e o fundo delle era de pedras mui agudas. Nesta costa desd'o sueste até o noroeste, como estes ventos ventam desta parte, enche a agua muito (138); ainda que vase a maré podem mais os ventos; e desde lessueste até o nornoroeste, como ven-

Reatando a navegação do bergantim, vemo-lo, a uma legua do "Cerro" ou Montevidi (Monte de Sam Pedro), acalmado o vento e surprehendido com a noite, metter-se num esteiro para fugir do tempo mau, e só no dia 23, sahir a buscar fundeadouro ao oeste do dito monte: o "Cerro" ou antigo Montevidi.

Aproveitando a surgida nesse fundeadouro, fôram á terra Pero Lopes e os seus, e se entregaram á caça de emas e veados; e subindo ao dito Cerro ou monte S. Pedro, extasiaram-se deante do bellissimo panorama descortinado. Dahi notaram dois portos: um ao leste, e outro ao oeste do dito monte, e alargaram a vista por campos extensissimos de uma formosura sem par, rasgados de rios e plantados de vigoroso arvoredo. Baixando ás planicies, viram-n'as povoadas de gazellas, veados, emas e outras alimarias "tamanhas como potros novos e do parecer delles"; e nunca Pero Lopes vira em Portugal "tantas ovelhas, e cabras quanto de veados havia nesta terra"...

tam, vasa logo a agua, ainda que a maré encha obedecem os ventos: assi que nesta costa nam ha marés; senam quando ahi nam ha ventos. Desd'o cabo de Santa Maria atéo monte de Sam Pedro se corre a costa leste-oeste (139): haverá de caminho 24 leguas (140): e desd'o monte Sam Pedro até o cabo de Sam Martinho se corre a costa a loeste e a quarta do noroeste: ha de caminho 25 leguas (141): e desd'o cabo de Sam Martinho até ás ilhas de Sant' André se corre a costa ao noroeste e toma do norte: ha de caminho 7 leguas (142). Tudo

---

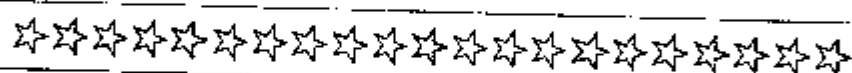
Durante esta travessia até o fundeadouro ao oeste do monte Sam Pedro ou do Cerro, notou Pero Lopes descendo outros affluentes e o rio de Sta. Maria ou da Prata até esse ponto, os seguintes ventos: do noroeste, por seis dias, e logo a seguir, gyrando no sentido contrario ao do movimento dos ponteiros do relogio, para o norte, entremeado de lufadas do lesnordeste; do sussudoeste; do oesnoroeste; e do oesnoroeste, depois de calma. Este signal de mau tempo foi o mais preciso possivel, pois logo cahiram os ventos do sul e do sueste violentos, seguidos de calmaria.

Já que falámos em ventos, convem aqui tratar "do vasar e encher do rio de Santa Maria", do que elles são factor predominante já devidamente estudado.

> Diz Pero Lopes: "Nesta costa desd'o sueste até o noroeste, como estes ventos ventam desta parte enche a agua muito; ainda que vase a maré podem mais os ventos; e desde lessueste até o nornoro-

mais ávante sam ilhas, que nam tem conto; nem se póde escrever o numero dellas, nem a maneira de que jazem.

Segunda-feira 23 de dezembro saí fóra do esteiro: por ventar muito vento sueste, me meti n'hum porto da banda d'aloeste do monte de Sam Pedro este monte tem hum porto da banda de leste (143) e outro da banda d'aloeste: aqui entrei pela terra; matei muitas emas e veados; e fui com a gente toda ao mais alto do monte de Sam Pedro, donde viamos campos, a estender d'olhos, tam chãos como a palma; e muitos rios: e ao longo

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

este, como ventam, vasa logo a agua, ainda que a maré encha, obedecem os (aos) ventos; assi que nesta costa nam ha marés, senam quando ahi nam ha ventos."

Se bem que o intrepido e arguto navegador houvesse uma bôa observação desses phenomenos, e dissesse: — "do sueste até o noroeste" e do "lessueste até nornoroeste nam ha marés senam quando ahi nam ha ventos" —, ha que attentar em estudos posteriores que de passagem aqui registaremos.

Diz Revy: os ventos fortes do leste e do sueste elevam as aguas do rio da Prata; os do oeste e os do sudoeste, as abaixam; e os do norte e do sul, nem as abaixam, nem as elevam. (Hyd. of great rives etc. pg 24, 1874).

O Dr. Luiz Maria Torres, em livro já citado por nós, baseado no Boucarut Manual (pg. 126), em observações de pilotos e antigos moradores das margens do rio da Prata, affirma que: os ventos do oeste e do noroeste occa-

delles arboredo. Nam se póde escrever a fermosura desta terra: os veados e gazelas sam tantos, e emas, e outras alimarias, tamanhas como potros novos e do parecer delles, que he o campo todo coberto desta caça — que nunca vi em Portugal tantas ovelhas, nem cabras, como ha nesta terra de veados. A tarde me tornei para o bargantim.

Terça-feira 24 de dezembro, dia de natal, parti deste porto com o vento norte mui rijo: e em querendo dobrar hũa ponta dei em hum baxo de pedra, que nos lançou o leme hũa lança d'alto: quiz Deus que nos nam quebrou. Indo assi ao longo da costa,

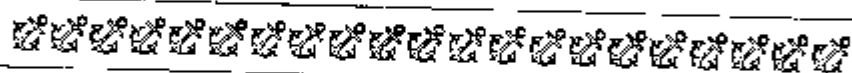
sionam grandes vazantes; os do sueste, enchentes... (Los primitivos habitantes etc. pg 12 - 13)

Mas nenhuma citação com dar-nos a explicação desejada iguala em pittoresco a expressão de Pero Lopes, nesta synthese lucida para quem sulcara o rio em viagem apressada e trabalhosa:

> "que nesta costa nam ha marés, senam quando ahi nam ha ventos".... "Ainda que vase a maré podem mais os ventos..."

Dito o necessario para esclarecer ao leitor sobre este ponto, frisando no que possa referir-se á baixa ou á préa - mar do Atlantico a influir nas aguas do grande rio, ou no que toca ás vazantes e enchentes deste sob a acção dos ventos, —transportemo-nos no dia 24 de dezembro de 1531, para o fundeadouro ao oeste do monte Sam Pedro ou Montevidi antigo, Cerro actual. Vejamos o bergantim largar deste porto com rijo vento do norte; e em

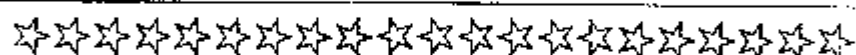
no meo de hũa enseada, carregou tanto vento da terra, que nam podiamos levar vela, e aforçava por nam esgarrar. Entrou-nos tanta agua que nos arresou o bargantim. Mandei lançar anchora: como poz a proa ao mar deu-nos algum lugar a lançar a agua fóra, que estava até á coberta todo arresado. Como fui esgotado tornei a dar á vela, e chegei-me bem á terra; e defronte da ilha da restinga, indo ao longo da terra, demos n'hum pexe com o bargantim, que parecia que dava em seco, e virou o rabo, e quebrou a metade da postiça: foi tam gram pancada que ficámos todos como pasmados: nam

---

querendo dobrar uma ponta, vir a roçar num parcel e quasi a perder o leme. Tão forte se foi tornando o vento, que não "podiam levar vela" a meio dessa enseada por que então passava o bergantim perlongando a costa. Fundeando e velejando de novo para soffrer novos trabalhos, acostando-se a seguir ao littoral, passando na altura da ilha da restinga -, que Varnhagen acha ser a actual ilha das Flôres - bateu o bergantim roda a roda sobre enorme peixe, diz Pero Lopes, para alguns supersticiosos, sobre um daquelles já lendarios monstros marinhos conhecidos dos mareantes quinhentistas ou, mais provavelmente, sobre algum immerso escolho. Com o choque se deu o arrancamento da "postiça" da embarcação.

Era esse dia vespera do Natal, se bem que já por dia do Natal o tivesse Pero Lopes.

Por festeja-lo poderiam deixar-se no porto, e não virem assim affrontar as iras dos ventos e das aguas. Preferiram os mareantes entretanto não desmentir a nobre vida

lhe vimos mais que o rabo: mas á soma, que despois fez na agua, parecia mui gram pexe. Duas horas de sol me acalmou o vento, hũa legua da ilha das pedras (144); e meti os remos, e fui surgir antre ella e a terra, com tençam d'estar ali a noite. Sendo hũa hora da noite me deu hũa trovoada do nornordeste, que vinha por riba da terra com tanto vento, quanto eu nunca tinha visto, que nam havia homem que falasse, nem que pudesse abrir a boca. Em hum momento nos lançou sobre a ilha das pedras (144); e logo se foi o bargantim ao fundo antre duas pedras, donde foi dar. Saímos todos em

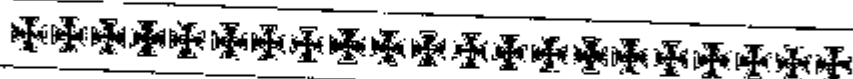
✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡

dos marinheiros, a qual manda tantas vezes troquem as horas da paz e alegria pelas da lucta e da aventura.

A uma legua ou cerca de tres milhas e meia da ilha das Pedras, calmou o vento; veiu então o bergantim demanda-la á força de remos. Fundeou entre a ilha e o continente. Mas á uma hora da noite deste Natal tão triste, lhes deu um temporal do nordeste por cima da terra, e os atirou sobre a ilha das Pedras citada.

A's pedras altas e ponteagudas que a formam se agarraram a principio, assistindo com tristeza ao bergantim afundar-se sobre o leito rochoso da ilha e ás aguas do rio da Prata em avanço sobre as pedras e contra elles, com desmedida furia. A um só penedo, por fim, - miniatura do Ararat em tão tremendo diluvio - se agarraram exhaustos, "confessando-se uns aos outros, por lhes parecer que era o derradeiro trabalho".

Glorioso Natal dos marinheiros que um estatuario, servindo-se dessas pedras brutas, deveria transfigura-las num

riba das pedras, tam agudas que os pés eram todos cheos de cutiladas. Desta ilha á terra havia hũa legua. Ajuntamo-nos todos em hũa pedra; porque o vento saltou ao mar; e crescia muito a agua, que a ilha era quasi toda coberta; senam hum penedo em que todos estavamos, confessando hũs aos outros, por nos parecer que era este o derradeiro trabalho. Assi passámos toda esta noite em se todos encomendarem a Deus: era tamanho o frio, que os mais dos homês estavam todo entanguidos, e meos mortos. Assi passámos esta noite com tamanha fortuna, quanta homês nunca passaram.

---

quadro de dôr e de heroismo, reminiscencia de algumas paginas esquecidas da historia colonial americana!

Trouxe-lhes a manhã de 25, melhor fortuna, para provar-lhes que não ha mal que sempre dure... Porque se antes, lhes saltou "o vento ao mar" e encheu o rio, - enchente, que, em geral, não excede 48 horas -, depois os favoreceu o tempo, com o "nordeste", diz o Diario, — mas, com o "noroeste", pensamos nós, — e a vazante desejada. Com ella surdiu das aguas, como por milagre, o bergantim naufragado sobre as pedras da ilha, pois "vasou a agua muito". Sim, com o vento do noroeste, pensamos, porque sómente este vento occasiona nesta paragem as vazantes maiores, pondo até á mostra bancos existentes a um kilometro rio a dentro.

Posto a fluctuar o bergantim, com grandes trabalhos, toda a gente já soffredora do cansaço e da fome se aprestou para partir.

Mas aonde essa i l h a d a s P e d r a s, por Varnha-

Quarta-feira 25 de dezembro pela menhãa, saltou o vento a nordeste, e vasou a agua muito; e descobriu o bargantim, e de riba estava ainda são; mas debaxo parecia-nos que era todo quebrado. Alguns homês qe tinham forças, e que estavam em si faziam jangadas de remos e de pavezes, para se lançarem a nado á terra firme. Eu me fui com 3 homês ao bargantim e começámos a esgotar a agua, que dentro tinha, para lhe tirar o masto para nelle irmos á terra. Estando assi me pareceu que tirava a artelharia e fato, que surderia arriba; assi chamei alguns homês: — os que nam sabiam nadar, que os

---

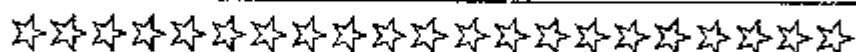
gem mal identificada com a de las Gaviotas - em frente ao "puerto del Buceo -, e distante para Pero Lopes duas leguas do rio dos Begoás ou Solis Grande?

Qual essa ilha, de onde viria a partir o bergantim após faina tão ardua para toda a gente que o guarnecia, — tal como a de desencalha-lo, allivia-lo da carga e da artilheria, tapar furo na taboa do resbordo, reunir os que se achavam extenuados, emfim se pôrem com segurança, em ordem de poder navegar -, para ainda nesse mesmo dia de Natal, 25 de dezembro de 1531, virem a alcançar o rio dos Begoás com o anoitecer?

Em tão pequena distancia erraria o nosso capitão e chronista?

Duas leguas ou cerca de sete milhas separavam-n'os do rio dos Begoás, o que desmente quem julgar ter sido numa punta de Pedro Lopes existente mais ao oeste desse ponto, o local em que naufragara o bergantim;

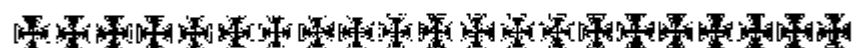
que sabiam andavam em se salvar com remos e com páos. Des que tirámos a artelharia e fato fóra, quis nossa senhora que surdiu o bargantim; e demos grandes brados á gente que acudisse, e que se nam lançassem a nado: porque o bargantim estava são, e que eramos todos salvos. O bargantim nam tinha mais que hum buraco na taboa do resbordo, que logo tapámos, e tornámos a meter o fato e recolher a gente nelle, para nos irmos ao rio dos Beguoais (145), que era dahi 2 leguas. Muitos homês estavam ja quasi mortos, que nam tinham forças para andar; e os mandei meter ás costas den-

e confirma a occorrencia deste facto bem sobre a ilha Raza - ou das Piedras d'Afilar - distante cerca de sete milhas do rio dos Begoás ou Solis Grande.

Ainda, desta feita, não poderemos concordar com a asserção de Varnhagen, inserta no Tomo 6.° da Revista do Instituto Hist. e Geog. do Brasil, de ter o bergantim abalroado com a ilha Gorriti, actual Maldonado (ilha das Palmas, de Pero Lopes). Contrariam essa sua impensada affirmação as proprias paginas do Diario que continuam a narrativa da derrota.

Quanto ao rio dos Begoás ser o Solis Grande actual, facil será provarmos valendo-nos das cartas de Vaz Dourado (atlas Kunstmann), e de Viegas (1534); do atlas portuguez da Bibliotheca Riccardianna de Florença; e tambem, da distancia que nos dá Pero Lopes: 11 leguas ao oeste do antigo cabo de Sta. Maria ou da punta del Este de Maldonado. E esta distancia de 30', 6 ou 31' de

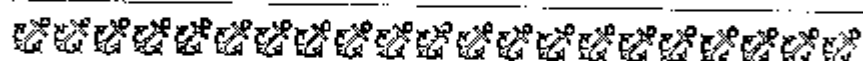
tro no bargantim: e saltou o vento ao mar, e dei á vela, e fui quasi noite entrar no rio dos Beguoais. E nam tinhamos que comer, que havia 2 dias que a gente nam comia; e muitos homês ficaram tam desfigurados do medo, que os nam podia conhecer. Toda esta noite nos choveu e ventou com relampados e trovões; que parecia que se fundia o mundo.

Quinta-feira 26 de dezembro pela menhãa abonançou o tempo; mas era contrario a partirmos: e mandei hum homem por terra á ilha das Palmas (146), donde Martim Afonso estava, a lhe dizer

---

navegação costeira, é a que em menos de um dia de marcha veiu o bergantim a vencer, para buscar o fundeadouro marcado provavelmente para ponto de encontro com Martim Affonso.

Poderia tal realizar-se, se não fôra a punta del Este o antigo cabo de Sta. Maria, e sim o outro, da costa atlantica, distante, cerca de oitenta milhas de navegação do rio dos Begoás?

Antes de suspender o bergantim portuguez do rio dos Begoás, por soprar vento contrario, mandou Pero Lopes um homem por terra á ilha das Palmas (Gorriti ou Maldonado) junto ao antigo cabo de Sta. Maria, d'alhi distante 30,'6 e aonde Martim Affonso estaria com a armada. Tinham-lhe Pero Lopes e os seus pedido soccorro de mantimentos, mórmente se o mau tempo continuasse.

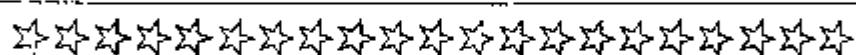
que, se o tempo durasse, nos mandasse mantimento, que estava em grande necessidade delle. Este dia nam comemos senam ervas cozidas. E andando pela terra em busca de lenha para nos aquentarmos fomos dar n'hum campo com muitos páos tanchados e reides, que fazia hum cerco, que me pareceu á primeira que era armadilha para caçar veados; e despois vi muitas covas fuscas, que estavam dentro do dito cerco das reides: então vi que eram sepulturas dos que morriam: e tudo quanto tinham lhe punham sobre a cova; porque as pelles, com que andavam cobertos, tinham ali sobre a cova, e outras

Emquanto estavam nesta espera, baixaram á terra e tiveram encontro com os selvicolas dessas partes — provavelmente ramo da familia b e g o á - c h a n á - t i m b ú, confim com os c h a r r ú a s habitantes da margem esquerda do r i o d e S t a. M a r i a ou d a P r a t a.

Buscando lenha e caça, os navegantes nos dias que nesse fundeadouro estiveram, puderam observar o viver desse aborigene sul americano; e relataram certos detalhes que, em synthese, daremos.

Numa especie de caiçara construida como a dos nossos tupis - "cêrca de paos tanchados" ou estacada guarnecida de rêdes, á feição de armadilha para caça de veados, - notaram os lusos o cemiterio dos indigenas; e neste, 30 covas abertas; e sobre ellas, "pelles, das com que andavam" sobre si, maças de pao, azagaias de pao tostado, rêdes de pescar ou de caçar o veado aligero.

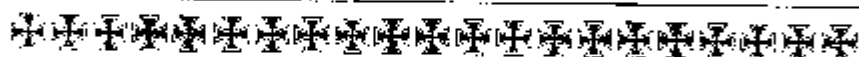
Diz Luiz Maria Torres que os c h a r r ú a s enterravam os seus mortos em algum monte, com os seus utensilios,

maças de páo, e azagaias de páo tostado, e as reides de pescar e as de caçar veados: todos estavam em contorno da sepultura, e quizera mandar abrir as covas; despois houve medo que acudisse gente da terra, que o houvesse por mal. Aqui juntas estariam 30 covas. Por nam podermos achar outra lenha mandei tirar todolos páos das sepulturas: mandei-os trazer para fazermos fogo, para se fazer de comer com 2 veados, que matámos, de que a gente tomou muita consolaçam. A gente desta terra (147) sam homês mui nervudos e grandes; de rosto sam mui feos; trazem o cabelo comprido; al-

e cobriam os cadaveres com uma substancia desconhecida, destinada á conservação dos mesmos.

Figuera nos instrue "que pelo ceremonial funerario se assemelhavam estes indios aos guaranis", como tambem "aos charrúas e aos minuanos" que usavam de enterrar, como esses, os seus mortos nos "cerros", pondo-lhes as armas sobre as sepulturas.

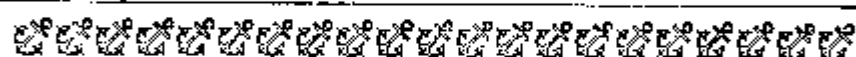
Segundo Pero Lopes os que ahi viviam, eram "nervudos e grandes"; tinham "cabellos compridos, rostos mui féos"; furavam os narizes e os beiços que guarneciam com o "tembetá" feito de "pedaços de cobre mui lucente". Dos que encontrara na altura do arroio S. Gregorio, — no littoral entre a punta del Espinillo e a punta de la Colonia, pouco aquém do seu rio Sam João (Pereyra ou Pavon actuaes), não dissera haver sobre elles nenhuma peça de metal precioso; mas nos desta região do antigo cabo de Santa Maria já assignalava o uso do metal, certo, originario das faldas andinas ou de sobre serra.

guns delles furam os narizes, e nos buracos trazem metidos pedaços de cobre mui lucente: todos andam cobertos com pelles: dormem no campo onde lhes anoitece: não trazem outra cousa comsigo senam pelles e reides para caçar: trazem por armas hum pilouro de pedra do tamanho d'hum falcão, e delle sae hum cordel de hũa braça e mea de comprido, e no cabo hũa borla de penas d'ema grande; e tiram com elle como com funda: e trazem hũas azagaias feitas de páo, e hũas porras de páo do tamanho de hum covado. Nam comem outra cousa senam carne e pescado: sam mui tristes; o mais do tempo choram. Quando morre algum

---

Pero Lopes e os seus notaram mais: cobrirem-se os indigenas de pelles; dormirem pelos campos onde lhes anoitecia; usarem de umas fundas singulares com que atiravam o projectil, qual "pelouro de pedra do tamanho d'hum falcão"; boleadoras que se faziam com "hum cordel de hũa braça e méa de comprido, e no cabo hũa borla de penas de ema grande". Atiravam com esta arma como se fôsse funda. Serviam-se ainda de "azagaias feitas de páo tostado" e de uns cacetes de madeira do tamanho de um covado, uma variante senão o proprio t a c a p e do nosso tupi.

Cortavam por phalanges, os dedos: uma phalange por morte de cada parente, como os indigenas encontrados rio acima; e como estes, tambem falavam "do papo como mouros". Eram indifferentes ao enthusiasmo ou á alegria, recebessem presentes, ouvissem troar a artilheria do bergantím, mostrassem-se-lhes cousas que desconheciam. Eram de natureza tristes: folgavam com suspirar e chorar...

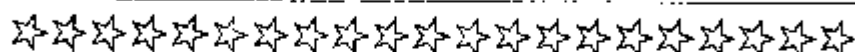
delles segundo o parentesco, assi cortam os dedos — por cada parente hũa junta; e vi muitos homẽs velhos, que nam tinham senam o dedo polegar. O falar delles he do papo como mouros. Quando nos vinham ver nam traziam nenhũa molher comsigo; nem vi mais que hũa velha, e como chegou a nós lançou-se no chão de bruços; e nunca alevantou o rosto: com nenhũa cousa nossa folgavam, nem amostravam contentamento com nada. Se traziam pescado ou carne davam-no-lo de graça, e se lhe davam algũa mercaderia nam folgavam; mostrámos-lhe quanto traziamos; nam se espantavam, nem

---

Mas quando Pero Lopes subira esse rio da Prata, vira-os em outras estancias sem as grandes nevoas da tristeza, as quaes, nessa paragem lhes sombreavam o gesto. A alma desses selvicolas mais de rio a dentro, como que fraternizando com a belleza e a doçura dos campos povoados de livres gazellas, aligeras emas e ariscos veados, os integrava num sentimento de mais intima alegria da vida. A alma dos outros que tomaram por habitação o littoral mais vizinho do Atlantico, e enferma de tanta tristeza, não teria sido vencida por esse grande mestre da melancolia, que é o Mar?...

Em contraste de sentimento com estes indigenas, haviam de estar Pero Lopes e os seus, por se avizinharem das aguas oceanicas buscando no bergantim o fundeadouro na ilha das Palmas, junto do antigo cabo de Sta. Maria, e trazendo do Esteiro 280 milhas de navegação, menos cerca de 40 das que na ida consumiram. Ao pôr do sol desse 27 de dezembro de 1531, regres-

haviam medo a artelharia; senam suspiravam sempre; e nunca faziam modo senam de tristeza; nem me parece que folgavam com outra cousa.

Sesta-feira 27 de dezembro parti do rio dos Beguoais, e em se querendo pôr o sol cheguei á ilha das Palmas onde Martim Afonso

✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫✫

savam a este fundeadouro onde o capitão mór Martim Affonso, com os seus navios, ancioso os aguardava.

Tinham os expedicionarios percorrido cerca de 600 milhas em trinta e quatro dias de ausencia da força naval do capitão mór, espaço de tempo em que haviam realizado com valor a posse de novas terras, plantando, como vimos, os padrões portuguezes no esteiro dos Carandins, e colhendo bons informes das regiões visitadas e quasi desconhecidas.

RECONHECIMENTO DE M. AFFONSO, ENTRE O CABO DE STA. MARIA (ANTIGO) E O CABO DE STA MARTHA

Cap. V
Mappa 8
(á margem)
(pag. 327)

Antes da partida annunciada dos navios desse cabo de Sta. Maria antigo, tratemos do reconhecimento que Martim Affonso provavelmente emprehendera nos 34 dias de ausencia de Pero Lopes, sem que sobre isto nos forneça nota alguma o Diario.

Sabemos que desde o inicio da expedição do bergantim, isto é, desde 23 de novembro de 1531, quando esta embarcação deixara o rio dos Begoás, ficara Martim Affonso com os seguintes navios: Nª. Senhora das Candêas, galeão S. Vicente, caravela Sta. Ma-

estava. Esta ilha das Palmas he muito pe-

---

ria do Cabo e outro bergantim seu, dado á costa, e talvez com elles óra tambem fundeado no ancoradouro do cabo de Sta. Maria.

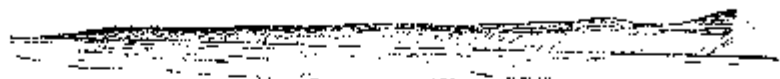
Ficaram esses navios, durante essa trintena de dias, e sob a avisada chefia do capitão mór, em absoluto descanso?

Achamos que não: e principalmente, porque a carta de Viegas, a primeira publicada após a expedição affonsina, nos ajuda a concluir por essa fórma, uma vez que nos apresenta sobre a anterior carta de Diogo Ribeiro e como fructo de uma expedição immediata que só poderia ter sido a de Martim Affonso: ao norte, a — bahia de Diogo Leite — e ao sul, tres pontos geographicos que passaremos a identificar.

a) ilhas das Onças (I. das Õças) — Eram as tres ilhas de pedra pelo capitão mór assim baptisadas quando vinha de Cananéa para o cabo de Sta. Maria Junto a ellas permaneceu de 12 a 14 de outubro de 1531. Estas tres ilhas seriam 3 das já conhecidas ilhas Rodrigo Alvarez ou em carta moderna, 3 das 5 ilhas Torres, e hoje nomeadas: Rasa, Encantada e Islote.

b) Sam P.º ou Sam Pedro: provavelmente será a hoje barra do rio Grande do Sul.

c) Rio Martim Affonso de Souza (rio mti a.º de souza). — Este rio ficava entre o cabo da terra alta (P. Lopes) ou nos Reinel, as serras de

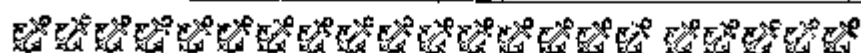
quena; della a terra ha hum quarto de legua: faz

Santa Marta da Pena (cabo de Sta. Martha e Sam P.º ou Sam Pedro (barra do Rio Grande).

Ora, havendo Martim Affonso na sua viagem para o rio de Sta. Maria ou da Prata, nas travessias Cananéa - ylhas das onças e ylhas das onças — cabo de Sta. Maria antigo, tocado somente nestas 3 ilhas, e não havendo depois, no seu regresso do antigo cabo de Santa Maria para Cananéa, escalado em nenhum ponto geographico comprehendido neste sector da costa, como explicar o apparecimento na carta de Viegas em 1534 desses outros dois pontos: Sam Pedro e rio Martim Affonso de Sousa?

Manda a bôa razão que se explique esta lacuna do Diario, com se admittir o haver Martim Affonso feito durante a ausencia de Pero Lopes empenhado na viagem á terra dos Carandins, um reconhecimento desse sector da costa - aonde desgarrara na vinda um bergantim seu - e então, visitado e descoberto a actual barra do Rio Grande a que chamou Sam Pedro e o actualmente nomeado rio Mampituba a que chamariam logo a seguir rio Martim Affonso de Sousa. A este rio, talvez já a carta dos Reinel nomeasse o rio dos Negros.

Deste rio Martim Affonso de Sousa, disse Simão de Vasconcellos, nas "Noticias antecedentes das Couzas do Brazil" que assim se o nomeara "porque nelle sahio em terra o Capitam Martim Affonso", e Gabriel Soares antes, em 1587, já informava: "este rio está em trinta gráos e um

a entrada da banda do essudoeste (148) : ha de fundo

---

quarto; e chama-se Martim Affonso por elle o descobrir quando andou correndo esta costa de S. Vicente até o rio da Prata." (Trat. desc. pg. 105). A carta de João Teixeira, quasi um seculo depois, o fez descahir no traçado mais para o sul, com latitude mais ou menos do actual arroio Chuy. Este engano engendrou outro engano: qual o de se dar ahi, certo suggestionado pelo nome do proprio capitão mór, como o local do naufragio da Capitanea, em vez de se o dar nas proximidades do rio dos Begoás, como suppomos.

Expondo assim esses passos — não relatados no Diario de Pero Lopes, por andar este capitão empenhado na sua viagem á terra dos Carandins — parece-nos ser esta a melhor maneira de explicar o apparecimento dos nomes assignalados: Sam Pedro e rio Martim Affonso de Sousa, nessa carta portugueza de 1534.

Toma relevo e cunho de veracidade esta asserção, com seguramente saber-se não haver por ahi andado qualquer outra expedição a descobrir ou a reconhecer este sector da costa brasileira, entre 1530 e 1534.

E' de suppor portanto, pelo que fica exposto, ter Pero Lopes, ao chegar no bergantim de volta da missão que lhe fora confiada, ahi encontrado no fundeadouro proximo á ilha das Palmas, a Martim Affonso de regresso de reconhecimento ao longo da costa lindada pelo antigo cabo de Sta. Maria (punta del Este de Maldonado) ao sul, e ao norte pelo cabo da terra alta do Diario, ou o cabo ou serras de santa marta da pena (cabo de Sta. Martha).

limpo 4, 5, 6 braças. Ao mar della, hûa legua ao sul, ha hûs baxos de pedra mui perigosos. Aqui

As novas que Pero Lopes dera ao capitão mór das terras marginaes do rio da Prata e affluentes cuja posse realizara até essa região do baixo Paraná, haveriam de influir na orientação colonizadora do Brasil.

Então mais seductoras e dignas do cuidado de Martim Affonso para a grande obra de que seria o precursor, não se mostrariam essas paragens ribeirinhas do grande rio, mas outras, como as de S. Vicente, de cujas vizinhanças (Cananéa) fizera partir a 1.º de setembro de 1531 com o compromisso de regresso a julho de 1532, a bandeira de Pero Lobo Pinheiro guiada pelo aventureiro Francisco de Chaves.

Influiriam ainda nessa resolução:

a) o não se contender de momento com a Espanha, pois a terra vicentina ou o porto de S. Vicente, já era conhecida habitação de portuguezes, além de ser favorecido de um clima temperado, qual para o capitão mór e os seus não fôra, o das paragens platinas; e depois, quando formado um nucleo colonizador em S. Vicente, que importancia não poderia tal porto merecer como futuro porto das minas?! -

b) a estrategica posição geographica da costa vicentina com caminho já tentado para as minas do Paraguai e do Perú, nessa costa "do ouro e prata" — menos afastada das terras européas que a do rio de Sta. Maria - e ao tempo, em que ficaria respondendo como base ou defeza

estivemos nesta ilha 4 dias fazendo-nos prestes para nos irmos ao rio de Sam Vicente.

Cap. V
Mappa 8
(á margem)
Reconhecimento
M. Affonso
(pg. 322)

da "costa do pau brasil" ao norte, a feitoria do rio de Pernambuco;

c) o ser a terra vicentina e de Cananéa a unica em que soubera de habitação de portuguezes e castelhanos na "costa do ouro e prata", porque da assistencia de espanhóes no porto dos Patos só veiu a conhecer depois, quando estes se lhe apresentaram em S. Vicente como passageiros da caravela Sta. Maria do Cabo — mandada em soccorro dos do bergantim desgarrado;

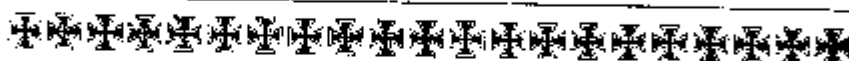
d) o já ter realizada a posse official do rio de Sta. Maria ou da Prata e do baixo Paraná, com erguer os padrões no esteiro dos Carandins, em epoca em que supporia ter já Diogo Leite alcançado o rio de Maranhão, para assim, a um tempo, realizarem o premeditado recúo da linha demarcadora; e o serem ainda desconhecidas delle as reclamações, que na ausencia de Carlos V, mas certo, com a sciencia do mesmo imperador, fazia a imperatriz de Espanha a D. João III, sobre o descobrimento do rio Solis (Sta. Maria ou da Prata) e expressas em documentos que no Capitulo IX deste trabalho serão estudados com o possivel detalhe.

E assim a 1.° de janeiro de 1532, orgulhoso da sua conquista, que tambem affirmaria para Portugal officialmente a da armada de D. Nuno Manuel antes da de Solis, andaria o nosso illustre capitão mór, quando se determinara de partir das proximidades dessa punta del Este de Maldonado (antigo cabo de Sta. Maria), para estabelecer, mais ao nórte, a colonização official portugueza na extensa costa do Brasil.

Cap. VI
Mappa 8

Terça-feira 1.º dia de janeiro partimos desta ilha com o vento lesnordeste; fizemos o caminho do sudoeste. A' noite se fez norte, e fizemos o caminho a leste toda a noite, com bom vento (149).

Quarta-feira 2 de janeiro pela menhãa saltou o vento a sudoeste; fizemos o caminho ao nordeste e a quarta de leste (150); e á noite acalmou o vento: e ao pôr do sol vimos terra, a qual se corre a nordeste-sudoeste. Esta noite fizemos hũa agua mui

---

CABO DE STA. MARIA (ANTIGO) -
- CANANÉA -
- PORTO DE S. VICENTE

Cap. VI
Mappa 8

Sem a nau Capitanea, perdida em naufragio, e o bergantim em que se aventurara Pero Lopes até o esteiro dos Carandins, suspendia de junto da ilha das Palmas, diminuida em poder offensivo a força naval óra constituida da nau N.ª Senhora das Candêas, do galeão S. Vicente e da caravela Sta. Maria do Cabo.

A 1.º de janeiro de 1532, como para festejarem o novo anno no mar, largavam desse fundeadouro proximo da actual ilha Gorriti ou Maldonado e davam uma bordada ao sudoeste da agulha, a safarem-se provavelmente da isla de los lovos ou ilha dos lobos. A noite, fazendo-se o vento do norte, rumaram ao leste da agulha, para, pela manhã de 2, por saltar o vento ao sudoeste, seguirem ao nordeste quarta do leste das agulhas, rumo que descontado do quanto ahi, suppomos, estas "abatiam", antes deveramos ter entre o norte quarta do nordeste e o nornordeste verdadeiros.

grande, e davamos hum relogio á bomba e outro nam.

Quinta-feira 3 de janeiro pela menhãa nos deu muito vento sudoeste: faziamos o caminho ao nordeste e a quarta de leste. E mandou Martim Afonso a caravela ao porto dos Patos, para ver se achava o bargantim ou a gente delle, que perderamos de companhia, quando íamos para o rio (151);

Tendo a terra por bombordo e navegando a este rumo, sendo agora capitanea a N.ª S.ª das Candêas onde vinham embarcados Martim Affonso e Pero Lopes, já notavam ambos ao pôr do sól deste mesmo dia 2, que a costa ahi corria ao nordeste sudoeste. A 3, soffriam muito vento do sudoeste; navegavam ainda ao nordeste quarta do leste da agulha da nau, mas parece, mais ao norte quarta do nordeste verdadeiro. Nesse mesmo dia, mandou Martim Affonso que a caravela Sta. Maria do Cabo governando ao nordeste quarta do norte, ainda da agulha, buscasse o porto dos Patos, na indagação do bergantim e gente delle perdidos durante a travessia Cananéa - ylhas das Onças.

Ficou o capitão mór com a nau N.ª S.ª das Candêas e o galeão S. Vicente. Nessa noite correram com muito bom vento pela popa.

No dia 4, quando a caravela já iria no caminho ordenado, achavam-se os dois navios dez leguas ou 36 milhas ao sul do porto dos Patos, provavelmente na altura do porto de Imbituba: diz o Diario, que perto de umas barreiras vermelhas. Notava-se ahi, como a agulha dos navios variava para o noroeste, e a corrente maritima os parecia tocar para a costa. Ao pôr do sól desse mesmo dia,

e mandou-lhe que governasse ao nordeste e a quarta do norte. Este dia tomei a altura em 29 graos e tres quartos: fazia-me de terra 15 leguas. Esta noite corremos á popa com mui bom vento.

Sesta-feira 4 de janeiro houve vista de terra, — hũas barreiras vermelhas, que estam des leguas ao sul (152) do porto dos Patos. E ao sol posto fui com o porto dos Patos (153). Por me afastar de terra fiz o caminho a lesnordeste,

achando-se no mesmo parallelo do porto dos Patos, teve de amarar-se, fazendo caminho do lesnordeste, exageradamente marcado pela sua agulha, e sob a acção do vento do sul. Abria a sua derrota, na altura da ilha de Santa Catharina, com muito mar, toda a noite. Sabbado 5, abonançou o tempo; e domingo 6, rondou o vento para o sussueste, correndo os navios pela noite a dentro ao nordeste quarta do leste, já citado como nos parecendo ser o rumo da agulha, entre o norte e o norte quarta do nordeste verdadeiro.

No dia 7 de janeiro, indo neste caminho, - diz o Diario - avistaram "terra muito alta", a cerca de 25 milhas. Foram no bordo della até a noite, quando se lhes fez o vento do lesnordeste. Por se guardarem da costa, amararam-se de novo. Mas, no dia seguinte, 8 de janeiro, viraram para o littoral outra vez, durante o quarto d'alva. Ao meio-dia, reconheciam terra e o rio da banda do nordeste da Cananéa. Suppunham nesse instante o porto

com o vento sul, e com mui gram mar fizemos tanta agua toda esta noite, que não levamos a mão da bomba até pela menhãa, que tomámos parte della.

Sabado 5 dias de janeiro abonançou mais o tempo e o mar; e ao meo dia tomei o sol em 27 graos.

Domingo 6 do dito mes nos ventou o vento sulsueste, e com o traquete baxo corremos a noite toda ao nordeste e a quarta de leste.

de Sam Vicente ao nordeste e a 15 leguas ou cerca de 60 milhas, quando deveriam estar delle cerca de 75 ou quinze milhas mais. Luctaram com a corrente e vento fresco na esperança de cobrar o rio avistado, e mais luctariam ainda se teimassem buscar Sam Vicente. Devera ser esse rio, na proximidade de cuja foz se acharam, um dos que se lançam no littoral paulista: o Iguape, com a sua barra da ribeira do Iguape, ou mais acertadamente, parece, esse Mar - Pequeno com a sua barra de Icapara. Esta parece ter sido o golfo d'area (Reinel) ou a baia pequena (Viegas). Tiveram assim os navegantes de retroceder no quadrante do sudoeste, com corrente e vento favoraveis, para, com 35 milhas de navegação, virem buscar, ao pôr do sól, fundeadouro entre a ilha do Bom - Abrigo (Cananéa, de Pero Lopes) e a ilha do Cardoso, só assim hoje nomeada.

Estiveram oito dias nesse surgidouro, porque a nau Nª. Senhora das Candêas fazia muita agua, e o tempo não lhes era favoravel para cobrir as 110 milhas

Segunda-feira 7 do dito mes ao meo dia tomei o sol em 25 graos escaços; e hũa hora de sol vi a terra, que he mui alta (154), e seria della 7 leguas; e fomos no bordo da terra até a noite, que se me fez o vento lesnordeste; e virámos no bordo do mar.

Terça-feira 8 de janeiro no quarto d'alva nos fizemos no bordo da terra; e ao meo dia fomos com ella; e conheci ser o rio (155) da banda do nordeste da Cananea, e como nam podiamos cobrar pela corrente e o vento ser grande. E o porto de

ou cerca de 30 leguas que a separam do antigo porto de S. Vicente. Durante esta permanencia no porto, nada diz o Diario haver sabido o capitão mór sobre o paradeiro da bandeira de Pero Lobo, a qual quatro mezes e meio antes fizera partir guiada por Francisco de Chaves, com encargo de com 10 mezes de expedição retornar com 400 escravos carregados de ouro e prata.

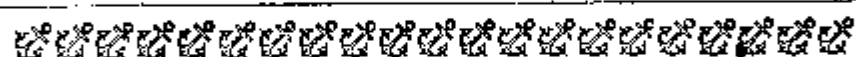
Não havia ainda 5 mezes que haviam partido tão ousados bandeirantes, e quem sabe, se já nas mãos crueis dos carijós ou dos seus vizinhos, houvessem encurtado o fim da jornada e o da vida?!

Martim Affonso tocando neste fundeadouro da ilha de Cananéa ou do Bom - Abrigo, fe-lo accidentalmente, forçado por correntes, ventos contrarios e quando atterrado demais, vinha buscando o antigo porto de Sam Vicente.

A 16 de janeiro fez-se o vento do sudoeste, e se bem que a nau continuasse fazendo agua, resolveu partir deste

Sam Vicente me demorava a nordeste: estava delle 15 leguas. Como vi que nam podiamos cobrar arribamos á ilha de Cananea (136): e ao pôr do sol surgimos a terra della.

Quarta-feira 9 do dito mes se nos abriu hûa grande agua na nao, que nos dava muito trabalho. Aqui nesta ilha estivemos até quarta-feira 16 de janeiro, que partimos com o vento sudoeste, fazendo sempre muita agua, que nam se levava a mão a duas bombas.

---

ancoradouro com o galeão e a nau citados, uma vez que a caravela andaria ainda pelo porto dos Patos, em soccorro dos do bergantim desapparecido.

Dia 17 calmou o vento, mas a corrente maritima para o nordeste sendo a seu favor, levou os dois navios dez leguas ou cerca de 36 milhas a este rumo. Assim estiveram até 19 pela manhã, quando soprou vento do sueste. Foram então navegando dando vista da costa, cousa "de uma legua della, por fundo de 35 braças darea," para vir ao meio dia a nau, a ter por sua latitude 24.° 35 "meudos" ou minutos.

De uma dezena desses "meudos" ou minutos traria errada a sua latitude, mas assim mesmo se póde averiguar encontrarem-se velejando, a esse instante, os dois navios entre a barra da ribeira do Iguape e a ponta Itaipú, a cerca de quatro milhas da terra.

Como encontrar porém, ainda ahi hoje, o fundo de 35 braças, nessa distancia da costa paulista?

Actualmente o prumo só accusa vinte e dois metros como profundidade maxima numa linha de sondagem parallela á costa e á distancia da mesma de 5 milhas.

Quinta-feira 17 do dito mes a agua corria ao nordeste, e sem vento andámos este dia 10 leguas.

Sesta-feira 18 do mes de janeiro andámos em calma até sabado no quarto d'alva, que se fez o vento sueste, e fazia o caminho ao longo da costa hũa legua de terra, por fundo de 35 braças d'area, e ao meo dia tomei o sol em 24 graos e 35 meudos.

Cap. VI
Mappa 9

Domingo 20 do dito mes pela menhãa 4 leguas de mim vi a abra do porto de Sam Vicen-

Seriam, ao tempo da expedição do capitão mór, ha quatrocentos annos, nessa paragem costeira, tão mais profundos os mares, ou teria então mentido o prumo da nau N.ª S.ª das Candêas?

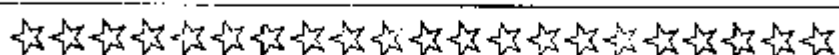
Consultando cartas antigas e modernas, vê-se ahi tender sempre a maior elevação o fundo dessa faxa - lindada pela linha de costa e a do taboleiro submarino que envolve todo o littoral do Brasil - devido ao movimento e deposito de lama ou areia. Mas de tanto, apesar de tão dilatado tempo decorrido, não devera ter variado o fundo, nessa região!

O ANTIGO E O NOVO PORTO DE SAM VICENTE

Cap. VI
Mappa 9

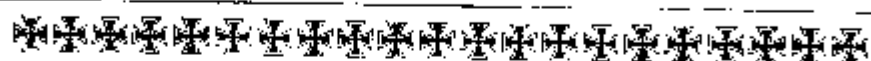
Continuando a navegação do capitão mór, vemos no dia 20 de janeiro de 1532 avistar-se da nau N.ª Senhora das Candêas, a cerca de 14 milhas ao nornordeste da sua agulha a abra do porto de Sam Vicente antigo, ou melhor, a hoje barra da bahia de Santos.

te (157): demorava a nornordeste; e com o vento lesnordeste surgimos em fundo de 15 braças d'area, mea legua de terra (158); e ao meo dia tomei o sol em 24 graos e 17 meudos; e 2 horas antes que o sol se puzesse nos deu hûa trovoada do noroeste: pela

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

Soprava vento do lesnordeste. Marcando a nau a boca da barra, e a 14 milhas ao nornordeste da agulha (talvez N4NE verdadeiro), achava-se esta capitanea ao sussudoeste (talvez S4SO verdadeiro) da dita abra. Tendo de demanda-la, valendo-se do vento reinante do lesnordeste, a nau onde se achavam embarcados Martim Affonso e Pero Lopes, havia de vir na bolina, e descahir para o oeste da boca da barra, ou melhor para a actualmente nomeada ponta Itaipú. Perto desta ponta, parece, a menos de duas milhas, a nau devera ter fundeado, segundo o Diario, antes do meio-dia, em 15 braças de fundo, em profundidade ainda possivel naquelles dias passados, para esse local, na entrada da barra.

A' mesma hora por altura meridiana do sól achou para latitude de onde a nau surgira, 24.° e 17. minutos. Mas das latitudes calculadas na costa do Brasil e expressas no Diario, as que mais se approximam da realidade, aliás rarissimas, apresentam uma differença de dezena de minutos. A não ser a do antigo c a b o d e S t a . M a r i a (punta del Este de Maldonado) dada com erro de 13' e 15" para menos, as poucas outras a que chamâmos de mais approximadas, como: a da p o n t a d o P a d r a m (cabo Sto. Antonio, Bahia), a da a b r a d o p o r t o d e S. V i c e n t e (barra da bahia de Santos), e a da b a r r a d o r i o d e J a n e i r o, se apresentam com erro oscillando entre 15 e 18 minutos para mais.

corrente ser mui grande ao longo da costa atravessava a nao o vento que era mui grande; e metía a nao todo o portaló por debaxo do mar; se nos nam quebrára a anchora pela unha foramos soçobrados, segundo o vento era desigual. Como se fez o vento

---

Eram esses accumulados erros, como sabemos, oriundos do emprego de rudes astrolabios ou quadrantes, da imprecisão das taboas ou "regimentos", da incorrecta observação do sól em navios sujeitos a desvairados balanços.

Dada esta ligeira explicação, voltemos a demandar a barra do antigo porto de Sam Vicente, ou barra da actual bahia de Santos.

Estando a nau N.ª Senhora das Candêas, como diz o Diario e o suppomos, pegada a uma ponta - a ponta Itaipú — e a cerca de duas milhas desta fundeando, duas horas antes do pôr do sól desse mesmo dia 20 de janeiro, roncou trovoada do noroeste, e fez-se a corrente tão impetuosa ao longo da costa, que a nau atravessou ao vento; e se não partisse, forçada pela pressão da correnteza, a unha da ancora a que se aguentava, o naufragio talvez fosse inevitavel.

Rondando o vento, por bôa fortuna, para o oessudoeste, poude a nau velejar, safando-se da ponta Itaipú para, no quarto da modorra - quarto da meia-noite ás quatro da manhã - surgir, diz Pero Lopes "dentro n'abra, em fundo de 6 braças d'area grossa".

Esta profundidade ainda ahi se encontra a meio da barra, ao oeste e ao sudoeste da actual ilha de Santo Amaro, talvez a primitiva de Goanas e, certamente, a Gaiabê dos selvicolas.

oessudoeste demos á vela; e esta noite no quarto da modorra fomos surgir dentro n'abra, em fundo de 6 braças d'area grossa (159).

Segunda-feira 21 de janeiro demos á vela, e fomos surgir n'hũa praia da ilha do Sol (160);

Dahi suspendeu a nau na manhã de 21 de janeiro, e foi surgir novamente "n'hũa praia da ilha do Sól pelo porto ser abrigado de todolos ventos".

Qual essa ilha do Sól e tambem esse fundeadouro que a nau aferrou?

Lendo com attenção o Diario, vê-se que antes desferrou a nau, ainda desacompanhada do galeão Sam Vicente, do meio da barra, e parece, montando a ponta da Capetuba ou dos Limões da actual ilha de Sto. Amaro, fundeou em aguas remansosas e ribeirinhas á actual praia do Góes. Mais abrigo teria ainda, montando a outra ponta a cavalleiro da qual Diogo Valdez veiu mais tarde a erguer fortaleza bem no extremo desse canal ou braço de rio que dá accesso, entre as duas ilhas Sto. Amaro e São Vicente, ao actual porto de Santos.

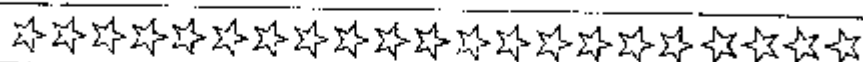
Opinamos, todavia, como sendo o fundeadouro da nau junto á praia do Góes.

Seria então, essa ilha, a cujo abrigo ficava a nau de Martim Affonso, a ilha do Sól do Diario de Pero Lopes? Sim, essa ilha - provavelmente de Goanas, - certamente Gaiabê e talvez a já imprecisa Sto. Amaro do "Esmeraldo" de Duarte Pacheco Pereira em 1505, mas só assim conhecida e citada em documentos officiaes posteriores a 1545?

O Diario, se não de todo claro a respeito, dá entretanto elementos para assim se identifica-la.

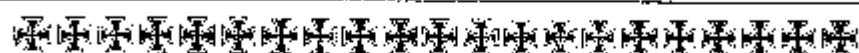
pelo porto ser abrigado de todolos ventos. Ao meo dia veo o galeam Sam Vicente surgir junto comnosco, e nos disse como fóra nam se podia amostrar vela, com o vento sudoeste.

Terça-feira pela menhâa fui n'hum batel da banda d'aloeste da bahia e achei hum rio estreito (161),

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

Vejamo-lo: a esse fundeadouro da ilha do Sól "abrigado de todolos ventos", passante do meio dia de 21 de janeiro, veiu o galeão S. Vicente surgir perto da nau e communicar a sua gente ao capitão mór que "nam se podia amostrar vela fóra" (desse abrigo) "com o vento sudoeste" que soprava.

E' esse surgidouro da praia do Góes ou melhor o outro, já á boca do canal e hoje tendo a cavalleiro o velho forte, perfeitamente abrigado desse vento e de outros ventos: e seria ahi o mais seguro dos fundeadouros buscados pelos que aferravam o antigo porto de Sam Vicente, antes de Martim Affonso, visando o trafico ou mercancia de escravos. Num delles deveriam ter estado as naus de Caboto, segundo os dizeres do piloto Alonso de Sta. Cruz, e das quaes foi passageiro Enrique Montes, óra informante de Martim Affonso na expedição cujo estudo procuramos fazer e cuja surgida junto á Ilha do Sól acabámos de narrar. Entretanto, melhor do que nós dirão as palavras do piloto A. Santa Cruz, sobre o porto antigo de Sam Vicente ou assim do seu fundeadouro principal. Reza o Yslario (pg. 56 — B. N. 9-10-1 — Sec. Cartographia): "Dentro en el Puerto de Sanct Bicente ay dos yslas grandes", (actuaes Sto. Amaro e São Vicente), "habitadas de yndios, y en la mas oriental (Sto. Amaro) a la parte occidental della estuvimos mas de um mes surtos"...

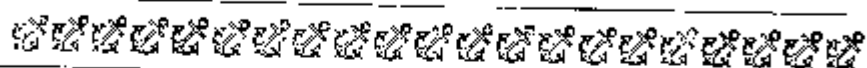
em que as naos se podiam correger, por ser mui abrigado de todolos ventos: e á tarde metemos as naos dentro com o vento sul. Como fomos dentro mandou o capitam I. fazer hũa casa em terra para meter as velas e emxarcia. Aqui neste porto de

---

Poder-se-á dar este fundeadouro mais á barra da actual bahia de Santos, mas desabrigado elle o seria de muitos ventos, ao passo que, montada a ponta dos Limões, ou melhor, a outra logo assignalada, ao abrigo dos ventos estaria e ainda "na parte occidental da ilha mais oriental das duas", a actual Ilha de Sto. Amaro.

Assim tambem, desse ancoradouro da ilha mais oriental das duas, ilha mais do lado de onde nasce o sól e ao lêste da bahia - ou melhor, desse fundeadouro da ilha do Sól, do Diario, - desse fundeadouro junto á praia do Góes actual e onde o galeão e a nau de Martim Affonso se achavam ancorados, partiu Pero Lopes a 22 de janeiro, pela manhã, em um batel, certamente quando já amainara o sudoeste e se pronunciava o vento do sul. Veiu elle a demandar logo, ao oeste dessa ilha do Sól e da hoje bahia de Santos, uma boca aberta ao sueste ou parece, a outra entrada de menos fundo então existente, entre a actual ilha do Mudo ou Porchat e a praia de Itararé. Entrando com o batel neste porto - o novo porto de Sam Vicente - distante cerca de 4 milhas de onde partira, havia de Pero Lopes dar com "hũ rio estreito em que as naos" se poderiam "correger por ser mui abrigado de todolos ventos": isto é, num braço do rio de Sam Vicente — braço que vem desaguar neste porto.

A' tarde desse mesmo dia 22, regressado o batel ao fundeadouro da ilha do Sól (Sto. Amaro), desfer-

Sam Vicente (162) varámos hûa nao em terra. A todos nos pareceu tam bem esta terra, que o capitam I. determinou de a povoar, e deu a todolos homês terras para fazerem fazendas: e fez hûa villa na ilha de Sam Vicente e outra 9 leguas dentro pelo sartam, á borda d'hum rio que se cha-

---

raram os dois navios e, valendo-se do vento do sul que soprava, velejaram desde quando sahiram da sombra da dita ponta dos Limões, atravessaram a bahia, e entraram no porto primeiro e no rio depois, aonde pela manhã o batel chegara, isto é: no novo porto do rio de Sam Vicente, ao oeste da bahia de Santos, porque ao leste desta elles se achavam pelo dizer de Pero Lopes, em fundeadouro abrigado do sudoeste e de todos os ventos.

Melhor vento que o do sul que soprara após o temporal do sudoeste, não poderiam ter tido para essa navegação.

Este novo porto de Sam Vicente tinha duas entradas; e a principal e hoje unica, é larga de seiscentos metros, voltada para o sueste, e entre a ilha chamada depois do Mudo ou Porchat, e uma ponta da qual os morros de Xixová e de Paranapuan ficam a cavalleiro.

O seu seio de aguas remansosas recorta-se no littoral que o cerca, de um lado na praia de S. Vicente que deixa notar o seu remoto prolongamento com a de Itararé, quando existia uma barreta entre esta praia e a ilha do Mudo ou Porchat. Esta praia de S. Vicente vae terminar em um Outeiro intromettido entre ella e a de Tumiarú, e esta, já no braço do "rio estreito" em que as naus, no dizer de Pero Lopes, "se podiam correger por ser mui abrigado de todolos ventos". Da outra banda, recorta-se o porto em

ma Piratinimga: e repartiu a gente nestas 2 villas e fez nellas oficiaes: e pôz tudo em boa obra de justiça, de que a gente toda tomou muita consolaçam, com verem povoar villas e ter leis e sacreficios, e celebrar matrimonios, e viverem em comunicaçam das artes; e ser cada um senhor do

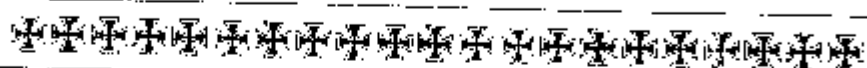
abruptas barreiras, mas entre a ponta da entrada do porto e a da Prainha fórma-se o curvo seio da praia de Paranapuan logo succedido por terra mais alterosa marcada desde os morros de Paranapuan até a ponta da Fortalezinha, e passada a qual não se fecha o porto, porque ahi vem ter "o rio estreito" citado, ou um dos braços do antigo rio de Sam Vicente.

Seguindo da ilha do Mudo ou Porchat - a ilha do Sól para alguns estudiosos de valor inconteste como o notavel artista Benedicto Calixto - vê-se logo á entrada do porto, no isthmo para onde convergem as duas praias de S. Vicente e de Itararé e se liga a dita ilha á outra de S. Vicente, a significativa marca da pequena barra cedo desapparecida e propria a embarcações de não grande vulto e calado; e depois, indo-se pela praia de S. Vicente, como dissemos, se chegará ao Outeiro (morro dos Barbosas), perto do qual teria havido a aguada dos navios, não desmentida ainda hoje pelo rio Sopeiro que ahi corre.

Chegado Martim Affonso quasi a meio desta praia — hoje de S. Vicente — lançaria os fundamentos da villa praieira, e não se sabe, se aonde existiram aquellas "dez ou doze casas", das quaes "uma de pedra", e mais, "uma torre para defensa dos indios em tempo de necessidade" (Al. de Sta. Cruz, Yslario), - no povoado portuguez ahi existente e por este visitado dois annos antes, como por Enrique Montes, quando estiveram um mez surtos no antigo

seu; e vestir as enjurias particulares; e ter todolos outros bens da vida sigura e conversavel.

Aos 5 dias do mes de febreiro entrou neste porto de Sam Vicente a caravela Santa Maria do Cabo (163), que o capitam I. tinha mandado (164) ao porto dos Patos buscar a gen-

---

porto de escravos de S. Vicente, mais propriamente na actual bahia de Santos.

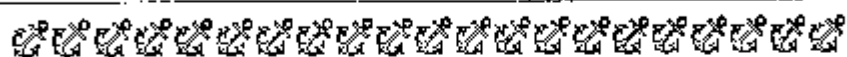
Tudo leva a crer que taes construcções ligeiras ahi já encontrasse o capitão mór, quer nessa ribeira, quer na de Tumiarú, em que viveram portuguezes com Gonçalo da Costa e Antonio Rodrigues, nestas partes mais secas então, da ilha de Sam Vicente.

Não invadida por alagadiços ou por aguas salgadas nas horas da préa-mar, outra região não se poderia ter senão nas proximidades da hoje praia de S. Vicente, e na que passado o outeiro se definia na de Tumiarú, residencia conhecida de Antonio Rodrigues. Ao centro e como que ilhada ficaria a serra hoje chamada de Itararé; e ao oriente da ilha, os - Outeirinhos - hoje arrazados, seriam talvez ilhéos entre alagadiços, e não pedreiras encravadas em terra como depois se nos affiguravam.

O local para povoação possivel para quem tinha tambem de prestar attenção na barra e defender-se do que por lá viesse, só poderia ser realmente na parte do sudoeste da ilha, a meio da actual praia de S. Vicente.

Na praia de Tumiarú, passado o Outeiro portanto e já no "rio estreito em que as naos se podiam correger por ser mui abrigado de todolos ventos", ergueu logo Martim Affonso, á sua chegada, hũa casa para meter as velas e emxarcia", assim como mandou varar em terra a nau Nª. Senhora das Candêas que fazia agua e an-

te d'um bargantim, que se ahi perdera; e achou que tinha feito outro bargantim, com ajuda de 15 homês castelhanos, que no dito porto havia muitos tempos, que estavam perdidos: e estes castelhanos deram novas ao capitam I. de muito ouro e prata, que dentro no sartam havia; e traziam mostras do

---

dava já muito gastada pelo gusano. Ahi, fronteiramente a esse recanto bem resguardado dos ventos reinantes, se vieram depois a construir armazens ou tersenas duma ribeira ou porto das Naos.

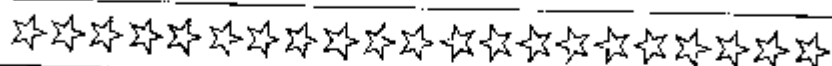
Ainda, por certo, não se mostrariam estas construcções, mas em rudes fainas andariam elles no levante mais de prompto, das da praia de S. Vicente, quando quatorze dias após a chegada do capitão mór, ahi aportava a caravela Sta. Maria do Cabo. Vinha esta unidade da frota affonsina, do - porto dos Patos a que fôra mandada durante a travessia cabo de Sta. Maria - Cananéa, em soccorro dos do bergantim desgarrado: e, como se viu, por occasião da ida para o rio da Prata. Trazia ella agora, além dos naufragos portuguezes, 15 castelhanos habitantes do referido porto e que os ajudaram no fabrico de outro bergantim, parece, por elle comboiado a esse novo porto de S. Vicente.

Diz o Diario que esses castelhanos, "no dito porto" (dos Patos) "havia muitos tempos que estavam perdidos".

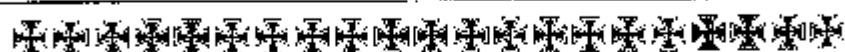
Consideremos no que affirma o Diario.

Tocando Caboto no porto dos Patos, recolheu a bordo a todos os naufragos que nelle se achavam, inclusive a Enrique Montes, depois embarcadiço dos navios de Martim Affonso. Dos seus, ahi deixara abandonados: Rojas, Mendes e Rodas. No seu regresso do rio da Prata ainda deixou o mesmo capitão, mas desta vez no

que diziam e afirmavam ser mui longe. Estando neste porto tomou o capitam I. parecer com todolos mestres e pilotos e com outros homês, que para isso eram, para saber o que havia de fazer; porque as naos (163) se estivessem dous meses dentro no porto nam podiam ir a Portugal, por serem

✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡

porto de San Sebastian, ao norte e na ilha de Santa Catharina, dois desertados da frota: o clerigo Diego Garcia e outro tripulante da capitanea. A esse tempo porém, já Rojas, ajudado por Gonçalo da Costa em terra vicentina — certo, no tal "pueblo dicho de Sanct Bicente, - de Alonso de Santa Cruz - era resguardado de Caboto, para depois partir-se com o proprio Gonçalo na Armada de Diego Garcia de Moguer, para a Espanha; e Mendes e Rodas, dizem informes coevos a esses acontecimentos, haviam morrido afogados, em aguas catharinenses. Só restariam abandonados na ilha de Sta. Catharina o clerigo Diego Garcia e o outro ex-tripulante e desertor da frota espanhola. Alonso de Sta. Cruz narra tambem ter Caboto deixado 12 ou 15 castelhanos no antigo porto (dos escravos) de S. Vicente, os quaes se passaram ao sul. Pensamos que desses, 5 ou 6 foram os que Martim Affonso, de viagem para o rio da Prata, veiu a encontrar em Cananéa, acompanhados do bacharel e de Francisco de Chaves. Os outros castelhanos ou quiçá então todos, continuando a viagem para o sul, se esses cinco ou seis não acompanharam Pero Lobo ao sertão, poderiam ter chegado ao porto dos Patos, onde veiu a aportar em 1532, a caravela em soccorro do bergantim desgarrado. Pensamos que "dois annos" servirão de justificar as palavras do Diario: havia muitos tempos que estavam perdidos...

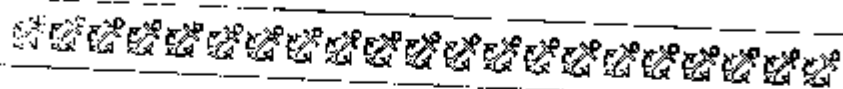
mui gastadas do busano; e a gente do mar vencia todo soldo sem fazerem nenhum serviço a elrei, e comiam os mantimentos da terra. E assentaram que o capitam I. devia de mandar as naos para Portugal, com a gente do mar; e ficasse o capitam I. com a mais gente em suas 2 villas, que

---

Fossem ou não esses, porém, os castelhanos recemchegados, trouxeram ao capitão mór "novas do muito ouro e prata que dentro no sartam havia", e mais: "mostras" do que diziam e affirmavam "ser mui longe".

Mais uma vez se confirmariam as esperanças que Enrique Montes vinha alimentando no espirito do bravo capitão desejoso de noticias da entrada de Pero Lobo Pinheiro, ordenada a 1.º de setembro de 1531 de Cananea, e se realizando a viagem dentro nos 10 mezes estipulados, em companhia de Francisco de Chaves devendo retornar ao littoral, em julho de 1532.

Da Villa de S. Vicente fundada então, como da viagem serra acima feita por Martim Affonso com a sua gente d'armas, aonde elle fundou outra villa já nos campos de Piratininga com o auxilio de João Ramalho, trataremos em outro capitulo (cap. VIII), quando procurarmos fixar, se bem que ligeiramente, esse momento fecundo do inicio da colonização portugueza em terras do Brasil. Por ora, cingir-nos-emos a seguir o Diario quando Pero Lopes diz que, após dois mezes de estadia no novo porto de S. Vicente, resolveu o capitão mór reunir a sua gente em conselho e tomar "parecer com todolos mestres e pilotos e outros homés que para isso eram, para saber o que havia de fazer". E como já as naus estavam muito maltratadas pelo "busano", e a gente do mar vencesse soldo sem nenhum serviço ao rei, comendo dos manti-

tinha fundadas, até ver recado da gente, que tinha mandado a descubrir pela terra dentro, e logo me mandaram fazer prestes para que eu fosse a Portugal nestas (166) 2 naos, a dar conta a elrei do que tinhamos feito. A ilha do Sol está em altura de 24 graos e hum quarto (167).

---

mentos que a terra vicentina produzia, assentaram todos que fossem mandadas as duas naus a Portugal com "a gente do mar" sob o mando de Pero Lopes e levando informes do que se havia feito. Ficaria Martim Affonso com os demais homens nas duas villas fundadas, "até ver recado da gente, que tinha mandado a descobrir pela terra dentro".

Em obediencia a essa resolução desferrou o porto o galeão Sam Vicente ao mando de Pero Lopes, deixando ainda nas ribeiras de Tumiarú, posta em seco, para concerto das obras vivas, a nau N.ª S.ª das Candêas. Partia o galeão quatro mezes exactos após a sua entrada no novo porto de Sam Vicente ou no rio de Sam Vicente -, a 22 de maio de 1532, "hũa hora antes que o sól se pusece" e sob a acção do vento do noroeste. Era este o vento mais favoravel para a sua sahida do rio e do porto.

Breve iria partir quando já reparada, a nau N.ª S.ª das Candêas, para o encontro com o galeão no rio de Janeyro e os cruzeiros do regresso, no Atlantico; mas a caravela Sta. Maria do Cabo e um bergantim ficariam ás ordens de Martim Affonso nesse surgidouro proximo á villa fundada, nesse novo porto do rio de Sam Vicente, que o capitão mór pensaria ver em breve transfigurado no maravilhoso - Porto das Minas - (Vide nota 167).

Quarta-feira xxij dias do mes de maio da era de 1532, da era dadam de oito mil e quinhentos e xbj e 3 6 1 *dias* (168) da era do diluvio de 4634 annos e 95 dias estando o sol em 10. g. e 32 meudos de geminis e a lua em 19 g. de capricornio, party (169) do Rio de Sam Vicente hũa ora antes que o sol se pusece com o vento noroeste. E como foi noite fiz o caminho a leste e a quarta de nordeste.

Cap. VII
Mappa 10

Quinta-feira polla manhãa era tanto avante

REGRESSO DE PERO LOPES A PORTUGAL

SAM VICENTE - RIO DE JANEYRO

Soprando vento do noroeste, o mais favoravel para largarem e velejarem os navios do rio de Sam Vicente na demanda da barra da bahia de Santos, - ou abra do antigo porto de Sam Vicente - foi Pero Lopes, a 22 de maio de 1532, navegando no galeão até cahir a noite. Já fóra das aguas da barra, rumou ao leste quarta do nordeste da agulha ou talvez, ao lesnordeste verdadeiro. Assim singrou por muitos "relogios" sob o vento do noroeste até que em amanhecendo o dia 23, viu já haver montado a ilha de Sam Sebastiam, e estar della bem ao mar. Rondando pelo meio-dia o vento para oeste muito fresco que o fez diminuir o panno, julgou o momento asado para tirar o rumo do lesnordeste da agulha ou talvez — nordeste quarta do leste verdadeiro, até meia-noite, quando se julgava com "ho Rio de Janeiro". Desde o meio dia de 23 até o amanhecer de 24 de maio, quando avistou terra a tres leguas, navegou umas 110 milhas a esse rumo, vindo então a descobrir-se-lhe a barra do

Cap. VII
Mappa 10

com a ylha de Sam Sebastiam e ao meo dia se fez o vento oeste e começou a ventar e que me foi necessario tirar as monetas e correr com hos papafigos baxos fazendo o caminho a lesnordeste ate a mea noite que mandei tomar as velas por me fazer com ho Rio de Janeiro.

Sesta-feira xxiiij dias do dito mes pola menhãa via terra 3 leguoas de mim e conheçi o Rio

Rio de Janeiro ao norte quarta do nordeste da agulha, ou talvez melhor, ao norte verdadeiro.

Com o sudoeste que soprou a seguir, mudando o tempo - prenunciado pelo oeste que um dia antes soprara - entrou por fim no porto, ao meio dia, com segurança e trazendo de S. Vicente cerca de 240 milhas de navegação.

Na bahia da Ganabara ou Guanabará, como diz Theodoro Sampaio, (O Tupi na Geog. Nacional) o "seio semelhante ao mar" - permaneceu Pero Lopes 40 dias; e desde 14 de junho já tinha por bôa companhia a nau Nossa Senhora das Candêas que o Diario, por engano, nesta passagem, dá como nau — Sta. Maria das Candêas. Chegara ella do porto de S. Vicente, em cuja praia de Tumiarú estivera em seco para concerto das obras vivas e se retardara na partida, por esse justo motivo.

O outro navio, a caravela Santa Maria do Cabo, parece ter realmente ficado com Martim Affonso no porto de S. Vicente, uma vez que o Diario não a cita mais e sim, a cada passo, duas naus: o galeão S. Vicente e a nau Nª. Senhora das Can-

de Janeiro que me demoraua a norte e quarta do nordeste e com o vento sudueste dei a vela e entrei nelle ao meo dia.

Sesta-feira xiiij dias do mes de Junho chegou a nao santa maria das candeas, (170) que fiquara em sam vicente acabando-se de correger. Neste rio estive tomando mantimento

dêas que ao leitor lembraremos como a nau (C) dos corsarios francezes, tomada por Pero Lopes na costa de "pau brasil" nas proximidades da bahia da Traição, a 2 de fevereiro de 1531.

Neste rio (Rio de Janeiro) - diz o marujo escriptor - "estive tomando mantimento para 3 mezes e partime terça-feira, 2 de julho".

Com o nordeste ganhavam a barra, mas eram tão fortes o vento e o mar, que foram obrigados a resguardo do nordeste rijo que soprava. Surgiram arribados á boca do rio, "ao mar da ilha das Pedras, em fundo de 15 braças darea limpa". Não crêmos aqui tratar-se da "ilha de pedra rasa com o mar", por Pero Lopes assignalada a 30 de abril de 1531, quando a armada da primeira vez demandara este porto. Esta seria o ilhéo ou a Lage, depois assim conhecida; a outra, fóra da barra e resguardada do nordeste, poderia ser não a ilha, mas as ilhas de pedra: Pae, Mãe e Menina.

Menos de 48 horas ahi permaneceriam até que amainasse o vento do nordeste, para a 4 de julho seguirem na travessia que passaremos a estudar.

Cap. VII
Mappa 10

para 3 meses e partime terça-feira 2 dias de Julho: com o vento nordeste say fora, e achei o mar tam feo, que me foi necessario tornar a Ribar e surgi na boca ao mar da ylha das pedras em fundo. 15. braças darea limpa.

Quinta-feira 4 do dito mes me torney a fazer a vela com ho vento norte. Duas leguoas ao mar me deu mujto vento sudueste e mandei fazer o caminho a leste e em se pondo o sol fui com o Cabo frio. No quarto da prima mandei governar a

RIO DE JANEYRO -
- BAHIA DE TODOLOS SANTOS

Cap. VII
Mappa 10

Com o terral ou o vento do norte, fizeram-se de vela nesse dia 4; e, quando já mais safos da costa e ao mar sete milhas de onde partiram, depois de montadas certamente as ilhas Maricás com o sudoeste que soprava, se fizeram ao leste da sua agulha ou ao leste quarta do nordeste verdadeiro.

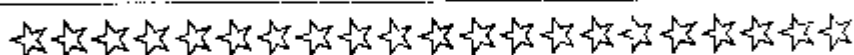
Era capitanea a nau Nª. Sª. das Candêas, cuja agulha nos dará os rumos, para daqui em deante fazermos o estudo das differentes singraduras.

Ao pôr do sól do mesmo dia estavam as naus com o cabo Frio, e nesse rumo proseguiam até o meio-dia de 5, quando, sob o vento favoravel do sueste, se faziam ao lesnordeste da agulha, ou talvez ao nordeste quarta do leste verdadeiro. Tiravam assim rumo a passar fóra dos Abrolhos — que elles teriam como existentes um grau mais ao sul e 30 leguas afastados da costa. (P. Lopes).

leste ate sesta-feira ao meo dia que fiz o caminho a lesnordeste com ho vento sudueste de todalas velas.

Sabado 6 dias do mes de Julho se me fez o vento sul. Fazia o caminho a nordeste e a quarta de leste.

Domingo bij do mes polla menhãa me fez (172) o galeam sinal e como acheguei a elle me disse que faziam tanta aguoa que duas bombas a não podiam vencer e que queriam virar no outro bordo: ver se

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

Dia 6, fizeram-se ao nordeste quarta do leste ou parece, ao nordeste verdadeiro, e o vento se fez do sul: fecharam pois o rumo de mais uma quarta ou de mais 11.° 15'.

Dia 7 perderam caminho, dando uma bordada durante - dois relogios - ou de uma hora, para em outra amura poderem, tocando as bombas de mão, dar exgotamento á agua que o galeão fazia: findo o que, voltaram ao rumo antigo.

Dia 8, singrando mar largo e suppondo terem o cabo Frio a 62 leguas (ou 223 milhas) por oessudoeste, e a ilha dos baxos ou a Sta. Barbora dos Abrolhos por noroeste e a 50 leguas ou 180 milhas de distancia, deveriam de se achar a uns 3.° da costa espirito santense.

E' bem provavel não se achassem na latitude dada para este dia: 21.° e 30', e sim mais para o norte, a 21.° talvez, ou no parallelo da Itapemirim actual.

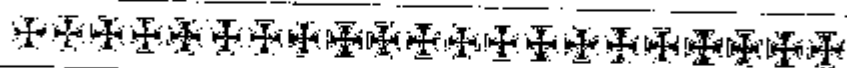
No dia 9, informa-nos Pero Lopes bolinarem a nau e o galeão em sete quartas com pouco abatimento para bombordo ou para a costa.

Soffreram calmas a 10, 11, 12 até 13 ao meio-dia,

a podiam tomar: e em virando 2 relogios no outro bordo a tomaram e tornamos a virar e fazer o caminho a nordeste e a quarta de leste.

Segunda-feira biij dias do mes de Julho ao meo dia tomey o sol em .21. g. e meo: demoravame o *cabo frio* ao essudueste (172): fazia me delle .lx e 2 leguoas. A ilha dos baxos (173) me demorava ao noroeste: fazia me della .L. leguoas.

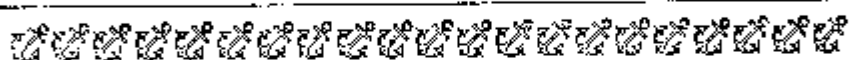
3.ª feira se fez o vento leste: com elle fazia o caminho do norte e a quarta do nordeste pollas naos

---

quando o vento apontou ao sudoeste e se tornou de muita intensidade até 14, á hora do culminar do sól. Nesse instante, achou por sua latitude 19.º e 45 minutos sul, e se fez ao caminho do norte quarta do noroeste, ou talvez, ao nornoroeste verdadeiro.

Este ponto na carta, como elle o suppunha, não poderia dar-lhe os baxos dos parguetes ou baixios de S. Thomé ao sudoeste quarta do oeste e a 70 leguas ou a cerca de 260 milhas; e a ilha dos baxos, ou de Sta. Barbora, principal dos Abrolhos, ao noroeste e a cerca de 65 milhas ou 18 leguas. Ha todavia a considerar que os Reinel, no portulano que nos guia, collocam os bayxos dos pargos ou de São Thomé a dez milhas mais ao norte do que o cabo do mesmo nome; Viegas loca os Abrolhos como antes declarámos; Oviedo desloca estes mais para o norte, talvez 40 milhas; e ainda Viegas, que deve representar o pensamento de Pero Lopes e de Martim Affonso em 1534, dá os bayxos dos parguetes em 20.º 15', sul, ao passo que o cabo de São Thomé, em 21.º e 15'. Locava pois, esses baxos dos par-

serem grandes de bolina lhe dava pouco abatymento.

Quarta-feira .x. do mes de Julho se fez o vento calma ate sabado ao meo dia que o vento suduestc começou a ventar brando e de noite com ho vento fresquo de todas as velas fazia ho caminho do norte até domingo ao meo dia que tomey o sol em .19 .g. e 3 quartos e mandei fazer o caminho a norte e a quarta de noroeste. Os baxos dos parguetes (174) me demorauam ao sudueste e a quarta daloeste:

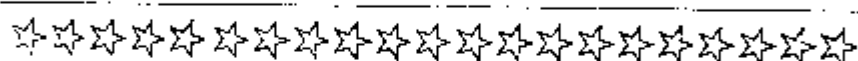
---

guetes mais 60 minutos ao norte dos actuaes baixos de S. Thomé.

Para Pero Lopes esses bayxos deveriam ser, mesmo mal assignalados como o eram no portulano Viegas, signal de advertencia para resguardo não do actual Parcel das Paredes ou bayxos d'abreolho mas dos baixios de S. Thomé, se não até mesmo de uma pescaria dos pargos posta pelos Reinel em 21.º 30', vinte milhas ao sul do que chamava cabo de Santhomé (cabo de S. Thomé) ou cabo do parcel, de Pero Lopes. Para Diego Ribeiro (1527) os baxos de los pargos seriam, parece, o parcel das Paredes; e no seu portulano de 1529, não esses, porém outros mais ao sul já apparecem como baxos de Joargas.

E' de suppor assim que, apesar das divergencias cartographicas, nesse dia, 14 de julho de 1532, o capitão portuguez trouxesse os dois navios ainda da costa a uns 3.º de longitude e, não confirmando a latitude calculada, no parallelo de 19.º e 30 minutos.

fazia-me delles .lxx. leguoas. A ilha dos baxos (173) me demorava ao noroeste: fazia me della xbiij leguoas.

Segunda-feira .xb. do dito mes ao meo dia tomei o sol em .17. g. Com mujto vento sudueste e mar corria com os papafigos baxos ao nornoroeste. Esta noite com o mar muj groso nam levamos a mão de 2 bombas: fazia a nao por tantas partes a aguoa que toda a noite andaua com ho calafate debaxo da cuberta tomando aguoas. Eram tantas as baleas

---

Nesse mesmo dia 14, depois de navegarem ao norte da agulha até o meio-dia, rumaram ao norte quarta do noroeste, ou talvez ao nornoroeste verdadeiro. A 15, com a monção do sudoeste, montaram os Abrolhos não dando vista delles; mas pelos seus portulanos ainda no dia 14 os teriam pelo través, ao correr da noite e suppondo-os a umas 80 milhas ou cerca de 22 leguas. Entretanto, pensamos, só elles os teriam montados no quarto d'alva de 15 e na distancia de cerca de 100 milhas.

Ao meio-dia de 15, achou Pero Lopes por latitude 17° que nos pareceu errada de uns 20 minutos. Passando por paragens talvez distantes 10 milhas do actual Rodgers Bank, e vendo os nautas tantas e tamanhas baleias chegarem-se ás naus, tiveram com isto "mui grande medo".

Dia 16, suppunha ter Pero Lopes a baia de todo-los Santos ao nornoroeste da agulha. Mandou fazer então o caminho ao noroeste (ou noroeste quarta do oeste verdadeiro, parece) até o quarto de meia noite ás quatro horas. Durante a noite, provavelmente por haver lua, avistou terra, e mandou que os navios rumassem ao norte quarta do nordeste da agulha, cremos, ao norte verdadeiro.

nesta parajem e tamanhas e chegavam se tanto as naos que lhe auiamos mui grande medo.

3.ª feira xbj do dito mes tomei o sol ao meo dia em 15. g. e 3 quartos. Demorava me a Baia de todolos Santos ao nornoroeste. Mandei fazer o caminho ao noroeste ate o quarto da modorra, que ouve vista da terra que mandei fazer o caminho ao norte e a quarta do nordeste com o mar mui grosso.

Quarta-feira xbij do dito mes polla menhãa re-

Dia 17, pela manhã, reconheceu as serras que jazem ao sul da "baia de todollos santos xxb (25) leguoas".

Fica a "Serra Grande" a 90 milhas ao sul da bahia de Todos os Santos. Seria essa a dada como "serras", no Diario, e que ao meio-dia de 17, já havería de Pero Lopes marcar ou ter no quadrante do sudoeste, pois a esta hora já deveríam estar os navios a 40 milhas della? Seriam a Serra gram, de Viegas, dada em latitude de 14.º e 15' sul? Mais parecem a serra alta dos Reinel e de Viegas tambem, esta dada em 14° 35'.

Cahindo um sussudoeste fortissimo, forçando com um bolso de vela davante, vieram os navegantes com bôa velocidade nos navios, a avistar ao pôr do sol, a ponta do Padram ou cabo de Sto. Antonio, entre nevoa baixa.

Pozeram-se em bordejos, ora á terra ora ao mar, e ao amanhecer de 18 de julho, estava a nau capitanea a meia legua ou cerca de duas milhas da ponta do Padram, e esta, pode-se dizer, quasi ao oeste verdadeiro da nau. Como já vimos na travessia Pernambuco - bahia de Todos os Santos, era Pero Lopes conhecedor do banco hoje cha-

conhecy as serras (175) que jazem ao sul da baia de todollos santos .xxb. leguoas e ao meo dia se fez o vento susudueste muj forçoso. Era o mar tam grosso que a nao me nam queria guovernar asy fui correndo com hum bolso da vela davante com mui gram temporal: ao jugar da nao faziam tanta aguoa que não leuauamos mãos a 2 bombas. Este dia tomei o sol em .14. g. e o sol posto houve vista do P a d r ã o (176): por fazer mujto vento e o mar e a terra estar muj afumada nam entrei na bahia e fiz

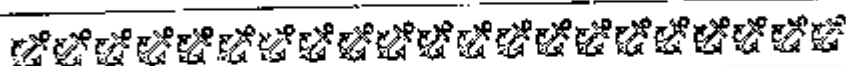
mado de Sto. Antonio: com resguardo delle devera pois ter andado o nosso capitão. Saltando o vento ao sudoeste fortissimo, não poderam orçar as naus tanto quanto queriam os capitães. Muito trabalho tiveram para montar a ponta, tão cosidos estavam com ella e tão grande era o mar tocado pelo vento contrario, que o vagalhão aonde o fundo á entrada da barra era de 9 braças, crescia tão alteroso que lavava o chapiteu da nau e vinha quebrar-se ao convés.

Tomaram seguro fundeadouro no porto, nesse mesmo dia os dois navios, fazendo viagem entre o r i o d e J a n e y r o e a b a i a d e t o d o l o s S a n t o s em 14 dias de navegação.

Vieram com a monção do sudoeste depois de se approximarem do parallelo medio dos Abrolhos. Sopra esta monção de abril a agosto, dando-nos assim a melhor epoca para

me no bordo do mar até .5. Relogios do 4.° da modorra que tornei no bordo da terra.

Quinta-feira .18. dias de Julho em Rompendo a alua vi o padrão mea leguoa de mjm e o marquey aloeste e a quarta do noroeste metendo as monetas pera entrar na b a h i a. Saltou o vento ao sudueste com tanta força que nam podiamos metter as naos de loo. Torney a mandar a tirar as monetas e com hos papafigos baxos cobrei a ponsa (177) do padrão, com asaz trabalho. Era tam grande o mar que a

---

se navegar do sul a montar esse archipelago, e ganhar a formosa bahia.

Bonançosa e feliz lhes foi essa navegação de cerca de 980 milhas durante 14 dias, em contraste com a que, dentro em igual estação do anno de 1531 - entre março e abril - fizera Martim Affonso em demanda do Rio de Janeiro, e na qual tantas adversidades soffreram, que por duas vezes tiveram de arribar á Bahia, para por fim alcançarem com 35 dias e cerca de 1230 milhas de viagem a barra do Rio de Janeiro.

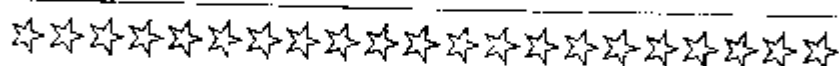
Durante a estadia do galeão e da nau capitanea na bahia de Todos os Santos, soffreram estes navios calafeto e concerto nas obras mortas, ou como diz Pero Lopes: nos "altos das naos que os traziam esvaidos".

Tomaram mantimentos da terra e abasteceram-se de outras cousas necessarias.

Seria o provedor desse mantimento, aquelle Diogo Alvarez, o Caramurú, ajudado da sua prole, dos 2 homens ahi

entrada da bahia em .9. braças de fundo me deu o mar por Riba do chapiteo e veo quebrar no conves.

Nesta bahia estive calafetando os altos das naos (178) que os traziam esvaidos e tomando mantimentos e outras cousas que me eram necessarias. Aqui fiz alardo da gente que trazia pera poderem tomar armas e achey em ambas as naos .l e iij. homẽs e os .xxx. delles sem armas.

Aqui se lançaram com os indios 3 marinheiros da minha nao, e me detiveram 8 dias busquando os e nam nos pude aver por os indios mos esconderem.

deixados por Martim Affonso, e dos tupinambás que lhe eram fieis?

Das sementes deixadas em março do anno proximo passado, já teriam colhido algum bom fructo?

E' provavel ou quasi certo; mas de tal não nos fala o Diario.

Pouca gente de guerra traziam o galeão e a nau: 53 homens d'armas, trinta dos quaes desapercebidos para combate, conforme ao alardo feito, que tambem houve de revelar a deserção de tres marinheiros da nau Nª. Senhora das Candêas por "se lançarem com os indios". Esconderam-n'os estes, tornando-se impossivel rehave-los.

Andavam portanto mal guarnecidas as bellonaves do bravo Pero Lopes, quando deveriam de estar melhor apparelhadas para a policia desse sector mais desejado do "pau brasil", e assim para a batalha naval contra corsarios franceses que pilhavam ao longo da costa de Pernambuco.

3.ª feira xxx dias do mes de Julho parti desta bahia de todolos santos com o vento sudueste, e como fui ao mar 2 leguoas se me fez leste e virey no bordo da terra ate o quarto da prima que tornei a virar no bordo do mar.

Cap. VII
Mappa 10

Quarta-feira xxxj do dito mes no quarto da lua tornei a virar no bordo da terra com o vento

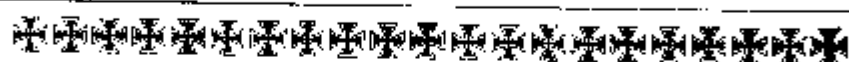
BAHIA DE TODOLOS SANTOS - - ILHA DE SANTALEXO

Doze dias estiveram o galeão e a nau na bahia de Todos os Santos. Della partiram a 30 de julho de 1532, sob o vento do sudoeste para, a cerca de sete milhas da barra, senti-lo rondar para o leste, contrario ao seu desejo de com pouca perda de caminho ganhar barlavento. Veiu a seguir no bordo da terra e logo no bordo do mar, certamente dando resguardo do baixo ou banco de Sto. Antonio, que Pero Lopes já conhecia como restinga de areia e pedra. No dia 31, no quarto dalva, alargando o vento para o lessueste, bordejaram as naus para a costa, e navegaram ao rumo talvez do norte quarta do noroeste, para ella, e um tanto ao longo della.

Cap. VII
Mappa 10

Dá então o Diario, uma designação desconhecida em carta desse tempo: a da pedra da galee, distante 4 leguas ou cerca de 14 milhas da ponta do Padram, e entre cujos pontos correria a costa para Pero Lopes, lesnordeste - oessudoeste.

lessueste. Desda da ponta do padrão até a pedra da galee (179) se corre a costa les nordeste oessudueste (180). Ha de caminho quatro leguoas e da pedra da galee ate o a Recyfe de Sam migel (181) se corre a costa nornordeste susudueste e desdo o aRecyfe ate o cabo de Santagustinho se corre a corre a costa nortesul toma da quarta de

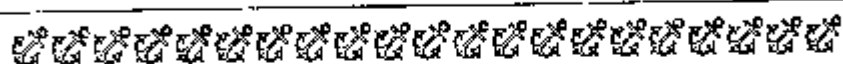
---

Vemos que esta nova designação não poderia deixar de referir-se ao "ilhéo de Tapoam" (Mariz Carneiro) distanta treze milhas do cabo de Sto. Antonio ou ponta do Padram. A representação material do dito penedo, diz tambem perfeitamente, em lingua tupi com o baptismo indigena depois conservado pelos portuguezes. Itapuã, segundo Theodoro Sampaio, (O Tupi na Geog. Nac. pg. 232) quer dizer: "pedra posta ao alto ou pedra empinada".

Desse rochedo ali alteado do mar, até o aRecyfe de sam migel ou de São Miguel, diz o Diario, correr a costa nornordeste - sussudoeste.

Entre esses extremos se acharam os dois navios de 31 de julho á noite, até 3 de agosto de 1532. A navegação foi feita a 31, no quarto dalva e não do nascer da lua, como parece escripto na 3.ª edição do Diario, rumando ao norte quarta do noroeste verdadeiro, e pelo dia 1 a dentro, se bem que neste viessem, em parte delle, a ter calmaria até o primeiro quarto da noite. Soprou então vento do sueste e passaram a navegar ao nordeste da agulha (talvez ao nordeste quarta do norte verdadeiro).

Dia 2, ao meio-dia, tinha Pero Lopes por sua latitude 10.º e 10' sul que nos parece errada para menos em 30' proximamente. A essa hora fechou mais uma quarta

nordeste sudueste. Desde esta bahia de todollos santos ate o cabo de sam Roque correm as aguoas ao norte 7 meses .s. março e abril e maio e junho e julho e agosto e setembro ate outubro e estoutros çinquo meses do anno correm ao sul e como achegam a esta bahia correm ao sueste todo o anno e nestes çinquo meses correm com mais força.

---

ou navegou ao nornordeste verdadeiro até duas horas após o anoitecer, quando mandou fazer o caminho do norte quarta do noroeste pela agulha da nau capitanea ou talvez o do nornoroeste verdadeiro.

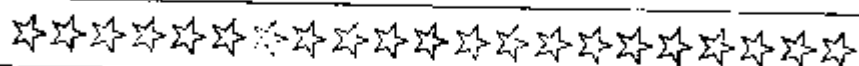
Assim atterrando-se, na manhã do dia 3 logo avistou terra hoje alagoana, e marcou pelo oeste da sua agulha as serras de santantonio. Ao meio-dia teve a sua latitude: 9.° 30'.

Pela manhã, marcando ao oeste da agulha (talvez ao oeste quarta do sudoeste verdadeiro) as serras de Santo Antonio e, depois navegando proximo ao littoral sempre até duas horas antes do pôr do sol, -- naturalmente com pouco panno e em reconhecimento e policia da região, ao longo do a Recife de Sam Migel ou S. Miguel -, veiu a esta hora a estar já ao nornordeste verdadeiro do rio de S. Miguel: provavelmente entre o Porto Calvo de hoje e a actual Barra Grande.

Podemos pois deduzir dahí, ser relativamente bôa a latitude que dava, talvez com erro entre 10 e 15 minutos, das serras de santantonio; pois assignalava o Diario o ponto de meio-dia de 3 a latitude de 19.° 30', com erro conhecido para mais de 15 a 20 minutos e já tendo notado pela manhã ao oeste da agulha, e quando buscava a costa — as serras de Santantonio, em terra

Quinta-feira 1.º dia do mes d'agosto andei em calma ate de noite no quarto da prima que se fez o vento sueste e com elle mandei fazer o caminho do nordeste.

Sesta-feira fazendo o dito caminho ao meo dia tomei o sol em 10 .g. e des do meo dia mandei fazei o caminho ao nordeste e a quarta do norte ate 4

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

actualmente das Alagoas. Quando com Martim Affonso passara para o sul, em 1531, Pero Lopes dera dessas mesmas serras a latitude 10.º e 45', mais desaccorde com a verdade, pois vemos que ellas se desenvolvem entre 9.º 20' e 9.º e 25 minutos sul.

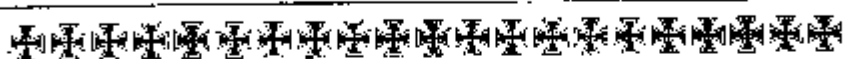
Andando as duas naus de Pero Lopes no dia 3, como dissemos, ainda á vista do aRecife de Sam Miguel. e já ao nornordeste do rio de Sam Myguell (o Camaragibe dos nossos dias) ou da aguada de sam Miguel, de Duarte Pacheco (Esmeraldo) entre o Porto Calvo e a Barra Grande, — soprou vento do sudoeste. As naus pairaram ahi, afastadas poucas milhas de terra. Sondaram o fundo; acharam-no de pedra, e portanto mau para a ancoragem talvez desejada. Na terra "faziam muitos fumos"...

Seriam esses fogos na costa, do gentio caeté, por julga-los navegantes francezes desejosos de pau brasil?

Emquanto ahi os sabemos por algumas horas e pelo correr da noite de 3 para 4 de agosto, notemos aquella passagem do Diario, que diz:

"desde esta bahia de todolos santos até o cabo de Sam Roque correm as aguoas ao norte 7 meses .s. março e abril e maio e junho e julho e agosto e setembro

Relogios andados do quarto da prima que mandei fazer o caminho ao norte e a quarta do noroeste.

Sabado 3 de agosto polla menhãa ouve vista da terra e em me chegando mais a ella Reconheci as s e r r a s d e s a n t a n t o n i o (182) que me demoravam o loeste e ao meo dia tomei o sol em .9. g.

---

até outubro, e estoutros çinquo meses do anno correm ao sul, e como achegam a esta bahia correm ao sueste todo o anno e nestes çinquo meses correm com mais força."

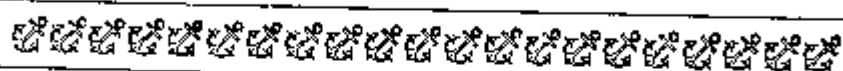
Ora, pelos modernos roteiros sabemos que do cabo de São Roque a Pernambuco, entre a corrente do Brasil e a costa, as aguas seguem á mercê dos ventos: correm para o norte, com a monção do sueste; para o sul, com a do nordeste; e, com tanto mais velocidade, quanto mais proximas da costa e em lugar de pouco fundo. E nas proximidades da bahia de Todos os Santos, tambem expertos pilotos ensinam que predominando ahi os ventos do leste e do sueste, ha habitualmente correntadas fortes destes rumos.

Noutro passo do Diario, diz ainda Pero Lopes: "nesta costa" — (a hoje de Pernambuco e da Parahiba) — "os ventos suestes e lessuestes ventam desde febreiro até agosto"; o que já demonstra a sua observação avisada desse phenomeno meteorologico e a grande valia dos navegadores de Portugal.

Dizem hoje os modernos roteiros: que os ventos nestas paragens em fevereiro, março, e abril sopram do lesnordeste para o lessueste mais fortes que na estação precedente; e de maio a agosto, do sueste e do sussueste, descendo com mau tempo até o sussudoeste, com mar grosso ao longo da costa, chuvas abundantes, trovões e relampagos. As corren-

e 30 meudos. E duas oras antes que o sol se pusesse com o vento sudueste mandei tomar as velas, lancei as naos ao pairo 1 leguoa de terra (183) em fundo de .xxx. braças de pedra: na terra me faziam mujtos fumos.

Dominguo iiij dias d agosto 1532 estando o sol

---

tes acompanhando esses ventos fazem-se sentir tanto mais fortes quanto mais proximas do littoral e em logar de pouca profundidade.

Mas volvamos á navegação de Pero Lopes com a nau e o galeão, então entre Porto Calvo e Barra Grande actuaes. Dia 4 de agosto, em nascendo o sol, velejaram safos dos escolhos que ahi marcam a costa, e sob a acção do sudoeste que soprava.

Com o littoral a um tiro de bombarda - e em fundo de 15 braças, andaram assim os navios até 9 horas da manhã, quando ao norte Pero Lopes avistou a ilha do santalexo ou Sto. Aleixo, ilha que demora 15 milhas ao sul da quarta do sudoeste do cabo de Sto. Agostinho.

Estaria della Pero Lopes umas cinco milhas, quando se fez ao norte da agulha - talvez ao norte quarta do noroeste verdadeiro -, para demanda-la. Já deixaria por sussudoeste e a umas 35 milhas o Porto Calvo actual, e ao sudoeste, na distancia de umas 7 milhas, o actual porto de Tamandaré.

Achegando-se á ilha do Santalexo, subindo á gavea da sua capitanea, divisou Pero Lopes "hũa nao que estava surta antre ella e a terra; e parecia ser mui grande"...

Descendo da gavea, mandou que se aprestasse a artilheria e se fizesse signal ao galeão, que vinha na esteira da

em 21. g. e 3 meudos de leo e a lua em .b. graos de libra e em o sol nacendo mandei dar as velas com

capitanea, para chegar-se á fala. Cumprida a sua vontade, ordenou ainda Pero Lopes ao galcão S. Vicente que "pusesse a artelharia em ordem, e se fizesse a gente prestes, porque se a náo que estava na ilha surta fosse de França, avia de pelejar com ella".

E assim, mais glorias iria accrescentar á sua fama de capitão e marinheiro.

O CORSO FRANCEZ E OS COMBATES DE PERO LOPES NA COSTA DE PERNAMBUCO (1531 - 1532)

Cap. VII Mappa 10 (á margem) (pag. 376)

Revelam-nos as notas 2 e 3 de Varnhagen, appensas ao texto, a maior das duas lacunas com que foi encontrado o codice da "Biblioteca da Ajuda" e, talvez o proposito de ter umas tantas paginas deste em branco, para que a todo o tempo não se viesse a esclarecer a actuação militar de Pero Lopes em aguas e costa pernambucanas, entre 4 de agosto e 4 de novembro de 1532.

Foram os feitos do capitão portuguez, energicos e mesmo de singular violencia, revelados pelas reclamações apresentadas contra elle pelo barão de Saint Blancard — o senhor Bertrand d'Ornessan - aos Commissarios de Irun e de Fuenterrabia em 1538.

Do que ella e outros citam, ou foi esclarecido pelos estudos de Varnhagen, Capistrano de Abreu e outros auctores, faremos um resumo para explicar a acção de Pero Lopes a esse tempo na "costa do pau brasil", e os antecedentes que a motivaram.

Desde as partidas de Martim Affonso para o sul com

o vento sudueste. Indo costeando a terra 1 tiro de

tres navios da sua armada a 1.º de março de 1531, da nau de João de Sousa para Portugal, e das duas caravelas Rosa e Princeza com Diogo Leite para o rio do Maranhão, ficara uma unica feitoria nessa costa do "pau brasil". Seria essa no rio de Pernambuco, no actual rio Igarassú, a mesma que fora abandonada por Diogo Dias quando atacada por um galeão de França, dois mezes antes de ali aportar a armada do capitão mór.

Após visita-la e antes da partida para o sul, nella M. Affonso deixara todos os doentes que trazia na armada.

Por essa epoca, se menos intenso era apparentemente o apparelhamento do corso francez em Dieppe e em Honfleur, por andarem subornados pelo thesouro de Portugal o almirante Chabot de Brion e outros influentes no governo da França, em compensação ao sul deste paiz, em Marselha, o commandante da esquadra franceza no Mediterraneo, Bertrand d'Ornessan, barão de Saint Blancard, naturalmente com o assentimento de Francisco I. mandava armar e, a seguir, desferrar o porto de Marselha, em dezembro de 1531, a nau La Pèlerine destinada á costa do pau brasil.

Era ella armada com 18 canhões de bronze e de ferro, guarnecida de 120 homens entre marinheiros e soldados, e trazendo armamento para desembarque e abordagem, como arcabuzes, béstas, lanças e o mais indispensavel ao guerreiro quinhentista. Commandava-a Jean Duperret ou Du Perret e tinha em mente: executar as ordens recebidas; commerciar com os indios; erigir fortalezas, ou melhor, estabelecer o que chamariamos hoje, uma base naval para os francezes na citada costa; cultivar a terra para que podesse abastecer as naus de França que ali constantemente vinham

bombarda per fundo de .xb. braças indo na gavia

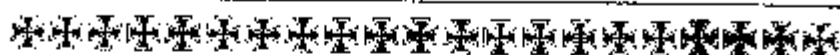
resgatar o pau de tinturaria; e assim, tambem ajudar a extender mais ao sul do Atlantico o seu corso ás naus da India.

Devera assim ser esta missão, segundo bem exprime Gomes de Carvalho em - D. João III e os francezes - de caracter militar, maritimo e commercial, na qual mais uma vez Francisco I, poria muito das suas intenções de posse dessa costa brasileira.

Tres mezes após a partida de Marselha, chegava ella á costa de Pernambuco. Entre o cabo de Santo Agostinho e o porto de Pernambuco, na altura do cabo de Percaauri ou de Pero Cabarigo, deixara a nau apresada (A) por Martim Affonso a 31 de janeiro de 1531, foragidos o capitão e a sua companha. Existiriam ainda sobreviventes della em terras pernambucanas? Com elles porém, ou sem elles, a bem guarnecida La Pèlerine atacava a feytorya do rio de Pernambuco, ou do actual rio Igarassú. Nesta, acharam portuguezes em mui pequeno numero, seis parece, certo os que Martim Affonso ahi deixara enfermos antes de partir para o sul em fevereiro de 1531; habitantes da "feytorya" e da fortaleza que, á frente de muitos indios, repelliram os primeiros ataques dos francezes inimigos com "o maior furor".

Se outra "feytorya" ahi existira ao tempo, que não esta, indubitavelmente a atacariam os ambiciosos pilhadores do "brasil", para assim melhor justificar-se o que documentos agora revelados procuram esclarecer.

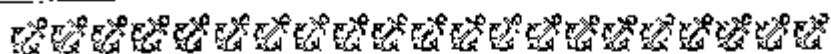
as 9 oras do dia vi a ilha do santalexo

✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠

Aonde pois, se não aquella a outra "feytorya" referida pelo Dr. Christophorus (dr. Christovão Esteves) e Lodovicus, em documento datado de 12 de julho de 1539 e presente ao Tribunal de Bayonne, como replica de seis portuguezes accusados pelo documento de Saint Blancard, armador da nau La Pèlerine? Seriam estes: Pero Lopes, Antonio Correa, Gonçalo Leite, Bartolomeo Ferraz, Gaspar Palha e o bispo D. Martinho, de Portugal.

Constam deste documento publicado na integra no fim do Volume II, duas passagens que devemos reproduzir, tal o valor de quem as vem de vulgarizar quando já concluido se achava o nosso trabalho.

De nove contrariedades ou "provarás" apresentados por Antonio Correa, Gonçalo Leite, Bartholomeo Ferraz e Gaspar Palha, ha um, o terceiro, assim redigido:

> "Entendem provar que no anno de 1531" (aliás 1532) "em tal mes a nao e gente que se diz serem do auctor foram ter a fernambuquo porto do brasil, onde estava hum castelo e fortaleza feita por el rey noso sôr e seus vasalos portugueses a qual avia trinta anos e mais que no dito porto era feita e era o dito castelo e porto habitado pelos portugueses que tinham ay suas casas de morada avya quarenta anos e mais e ao tempo que se diz a nao do auctor ay chegar estava no dito castelo e feitoria do dito sôr e de muitos mercadores portugueses que tinham ay muitas mercadorias asi de Portugal pera tratar, como da terra que tinham avida, s". pao de brasil algodões, pelles danimaes de diversas cores, papagaios e bugios e oleos e escravos e outras muitas mercadorias de muita valia e asi tinham muita artelheria de cobre e ferro e polvora e lanças e bestas

($_{184}$): demorava me ao norte e como me acheguei

espinguardas e outras armas offensivas e defensivas para sua guarda e contra seus imigos".

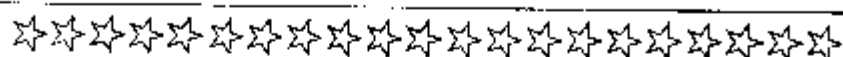
Cita ainda o dr. Jordão de Freitas (Lusitania, fasc. IX, vol. III) valendo-se desse mesmo documento original, o "primeiro provará" da contestação feita perante o mesmo Tribunal em nome de Pero Lopes de Sousa, partido já para India desde 24 de março desse mesmo anno (1539):

"Entende provar que em 1531" (aliás 1532, emenda de J. de Freitas) "ao tempo que o autor diz que a sua nao e gente achegaram a costa do brasil ao porto de fernambuquo e ja dantes avia mais de 30 annos estava no dito porto edificada e feita por portugueses vasalos del rey noso sôr huma fortaleza com casa de feitoria e nella estavam feitores e escrivães e outros officiaes do dito sôr e de muitos mercadores portugueses".

E ainda em sua ausencia e em seu nome inadvertidamente se fazia constar (§ 5.º): "Entende provar que tendo a gente do autor feitos os ditos males e danos, roubos e homicidios sobreditos, o dito réo" (Pero Lopes) "que hia deste Reyno por Capitam de certas naus em que levava muitas mercadorias"... (Vide Documentos).

Para não serem desmentidas as palavras do Diario e as cartas de doação de D. João III feitas a favor de Pero Lopes e de Duarte Coelho, em que se lê ter sido ahi em terras marginaes do que Pero Lopes chamou rio de Fernambuco (rio de Sta. Cruz. e hoje Igarassú), que Christovam Jaques "fez a prymeira casa de minha feytorya" ou "caza de Feitoria que de principio fez Christovão Jaques pello Rio dentro ao longo da praya", — deverá concluir-se:

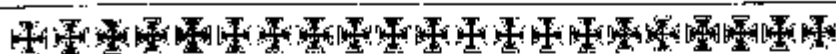
mais a ella vi hũa nao que estava surta antre ella e

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

1.º): que não procedem as palavras da "contrariedade", quando dão Pero Lopes partido com 2 naus, do Reino, em 1531 ou 1532; pois para o Brasil partira em 3 de dezembro de 1530, e nelle andara com Martim Affonso para só chegar a 4 de agosto de 1532 a Pernambuco, já desligado em S. Vicente do seu Irmão e capitão mór;

2.º): que essa feitoria não será a citada pelo erudito escriptor Jordão de Freitas, a não ser que no citado documento, onde se lê - trinta - se lesse treze, e onde se lê - quarenta e mais - se lesse quatorze e mais...

Tal não se dando, aonde seria pois esta feytorya, citada pelo documento de 1539, e que referindo-se a factos occorridos em 1532, faz remontar o estabelecimento de castelo ou fortaleza a 1502 ou a 1509, e o porto habitado por portuguezes que tinham "ay as suas casas de morada avya quarenta anos e mais", a epoca anterior do descobrimento official do Brasil, mesmo anterior á viagem de 1498 que Duarte Pacheco Pereira assignala no "Esmeraldo"?

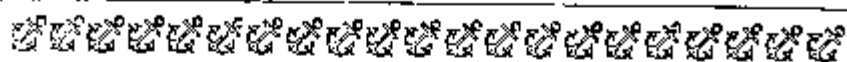
Ora, Caboto na expedição de 1526 e ainda, Alonso de Sta. Cruz, seu habilissimo piloto, só assignalaram na costa de Pernambuco uma feitoria com uma casa forte ou castello, — a do rio de Pernambuco — assim ao depois chamada por Pero Lopes. Nella, elles encontraram Manuel de Braga e 12 christãos, entre os quaes Jorge Gomes que se aggregou á expedição Caboto como informante capaz das riquezas ao sul do Continente. Christovam Jaques é quem havia officialmente fundado essa feitoria, no dizer de D. João III, e se mais alguma fundou não veiu ella a vingar, pois só a uma se refere o Diario: - á que em fins de 1530, declara ter sido saqueada por um galeão de França e abandonada pelo feitor Diogo Dias.

a terra: parecia ser mui grande: logo me deçi da

Verdade é que, no Diario, sempre o porto de reunião marcado para os navios vem a ser, não este da feitoria do rio de Pernambuco, porém o mais ao sul, na proximidade da barra do arrecife, o porto de Pernambuco: pois significativamente a elle se refere o Diario por duas vezes: de uma feita quando - os navios, parece, na altura da bahia da Traição - diz que Martim Affonso a elle se destinava "para fazer algũas cousas prestes para a armada"; mais adeante, quando antes de partirem deste porto os navios, nos informa terem ali tomado — agua e outras cousas de que tinham necessidade para proseguimento da viagem —.

Haverá assim omissão da parte dos navegadores citados a respeito dalguma feitoria existente neste porto de Pernambuco, ou mesmo na ilha Ascensão ou Itamaracá?

No "Regimento de Conesensa da Costa do brazil", 1540 — que o dr. J. de Freitas cita e do qual, graças a João Lucio e a Paulo Prado já possuimos copia tirada no Museo Britannico desde 1924, se lê logo na pagina de rosto: "a ylha de fernão buquo que se chama ylha lingoa dos negros "tamanaqua" (Itamaracá) e chama-se fernão buquo ovelho porque esteve ay permyro hũa fortaleza delrey". (Cat. Figanière, pg. 3. Museo Brit. Harl. 167 fl. 73).

Por esta declaração se vê que a feitoria de existencia mais antiga era a do rio de Pernambuco (Igarassú) tendo á sua foz a ilha Ascensão (Itamaracá), pois ahi ficou sendo depois da fundação de Olinda por Duarte Coelho, - o pernambuco velho -. Teria pois existido essa feitoria com fortaleza dos lusos na ilha de Itamaracá e depois desapparecido, antes da fundação de Christovam Jaques á margem direita do Igarassú?

gavia, e mandei fazer prestes a artelharia e mandei

O novo e imperfeito documento que a Lusitania traz á publicidade, apoiado nas palavras do Esmeraldo já conhecidas; na carta de Estevam Fróes; na de mestre João da armada de Cabral, ao falar do mappa em mãos de Pero de Vaz Bisagudo; na tenção sempre manifestada por D. João II de buscar terra ao occidente e ao sudoeste do archipelago de Cabo Verde, — vem agitar sem o devido fundamento, e mais uma vez, a idéa do descobrimento precolombiano do Brasil pelos portuguezes. Pensamos que outros documentos mais idoneos ainda serão necessarios para maior esclarecimento desse valioso thema.

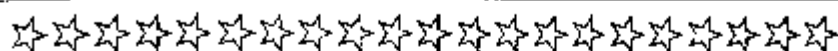
Contentemo-nos, pois, em continuar a narrativa que vinhamos fazendo da chegada e ataque ás costas pernambucanas da nau "La Pèlerine", tida nos provarás de Antonio Correa, Gonçalo Leite, Bartolomeu Ferraz e Gaspar Palha, como a antiga nau portugueza Sam Tomé - tomada e roubada pelos francezes a um André Affonso, da cidade do Porto (Vide - Documentos).

Vencedores os atacantes francezes dessa unica feitoria portugueza que vingava á margem do Igarassú, deram todos começo á construcção do pequeno forte, não se sabe se nesse local da feitoria e castello combatidos, ou se na atalaia desse mesmo rio de Pernambuco - e antiga I. Ascensão ou Itamaracá - segundo o que argue frei Vicente do Salvador, na sua Historia do Brasil.

Consumiu essa obra de defesa militar 4.000 ducados, e dizem, nella andaram tambem empregados os portuguezes ahi feitos captivos.

Apparelhado o fortim ou essa base franceza — que talvez de la Roncière desse como na ilha de Sto. Aleixo —

fazer sinal ao galeam que vinha por minha popa e

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

largou a nau La Pèlerine destino da Europa, sob o mando do senhor du Barran ou de la Barre, tendo a previdencia de deixar a fortaleza guarnecida com 70 homens capitaneados pelo senhor de la Motte, segundo informação colhida na carta de D. João III a Martim Affonso.

Levava La Pèlerine ainda 50 marinheiros homens d'armas e ia bem abastecida de carga, segundo os interessados, constante de "5.000 quintaes de brasil e trezentos de algodão, 600 papagaios, grande numero de macacos e muitas bugiarias, tudo no valor de 62.300 cruzados".

Não a guiara porem, a bôa fortuna: aportando, por falta de mantimentos, ao porto de Malaga, alli encontrava uma armada portugueza de 10 caravelas e de outros navios ao mando de Antonio Corrêa. Andavam estes, justamente empenhados em guardar dos corsarios "as costas do Reino" e tambem "os portos dos Algarves das arremettidas dos mouros".

Trazia a capitanea por seu passageiro de distincção, ao bispo D. Martinho de Portugal, prestes a partir para um porto italiano e dali para Roma em missão de D. João III junto ao Papa. Era o seu encargo confidencial e importantissimo, qual o de conseguir fosse instituida em terras portuguezas — a Inquisição — o maior flagello que viria precipitar a decadencia do prospero Imperio maritimo.

Ancorada a nau La Pèlerine no porto de Malaga, como narrámos, offereceu-lhe Antonio Correa trinta quintaes de biscoito, por sabe-la falta de mantimentos. E, ao mesmo tempo, inquerindo-lhe a procedencia e tendo-a como chegada do Brasil e a caminho de Marselha, offere-

em chegando a mym lhe disse que pusesse a arte-

✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠✠

ceu-se-lhe industriado por D. Martinho, a comboia-la até este porto.

Partidas de Malaga a nau franceza e a armada de Portugal, amarados já 50 leguas ou cerca de 180 milhas, ia o plano urdido por D. Martinho, ser executado por Antonio Corrêa a 15 de agosto de 1532. A pretexto de estudo da derrota, chamou o capitão portuguez a bordo da sua capitanea, os pilotos de todos os seus navios e mais o commandante, mestre e outros francezes de categoria, embarcados na nau corsaria.

Bem succedidos os portuguezes, foram os incautos corsarios aprisionados com La Pèlerine, arribados a Malaga e dahi mandados a Portugal.

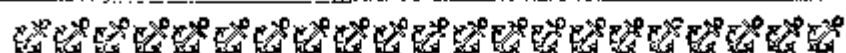
Onze dias antes desse feito occorrido em costas espanholas da Andaluzia, chegava, — volvendo-se agora o pensamento para as costas de Pernambuco — á vista da ilha de Sto. Aleixo, de regresso do sul do Brasil aonde deixara Martim Affonso colonizando terras vicentinas — o bravo Pero Lopes de Sousa com a sua nau Nª. Senhora das Candêas e o galeão Sam Vicente.

Do alto da gavea da capitanea avistava elle junto á ilha uma nau, que suppoz inimiga.

Aprestou os seus 2 navios para o combate naval imminente, pois que se a nau fosse de França "avia de pelejar com ella".

Não traria elle os seus navios senão com 53 homens darmas, 30 dos quaes desapercebidos para o combate, conforme ao alardo feito na bahia de todolos santos.

E dahi, teria Pero Lopes combatido a nau avistada e a teria vencida?

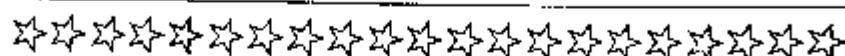
lharia em ordem, e se fizesse a gente prestes por-

As paginas em branco junto ao manuscripto encobrem justamente as façanhas do bravo capitão, mas a reclamação franceza nos induz a ver esta nau citada como batida por Pero Lopes e aggregada á força naval. Além do mais, diz Paul Gaffarel (Hist. du Brésil Français, pg 97) que Martim Affonso (em vez de Pero Lopes) quando de regresso do rio da Prata, e a 15 de agosto de 1532, "não longe da ilha de Sto. Aleixo, perto do cabo de Sto. Agostinho, se apoderou de um quarto navio francez (na vinda já haviam sido apresados tres) - armado de oito canhões", assim como de um quinto navio carregado de munições de guerra, destinadas ao fortim francez ali levantado. Dar-se-ia depois por Pero Lopes o ataque á fortificação inimiga commandada pelo senhor de la Motte e defendida por 70 homens parece, segundo a carta de 28 de setembro de 1532 de D. João III a Martim Affonso, ou por "50 arquabuzeiros com duas peças muito grossas dartelharia de metal e pequenas dez ou doze, outro si de metal com as que acharão la de S. A. na fortaleza q. tomarão". (Carta de D. Martinho, Hist. Col. Port. - Vol. III, pg. 152). A noticia que a carta de D. João III assignala foi colhida entre prisioneiros da La Pèlerine.

A fonte franceza ainda nos informa ter-se esta occorrencia dado depois de agosto e antes de novembro de 1532, e ser precedida de bloqueio e ataque de tres naus contra setenta combatentes francezes do fortim ahi alteado; bloqueio e ataque que duraram 18 dias e foram seguidos da esperada capitulação. (Prot. Saint Blancard).

Promettera Pero Lopes, diz a versão franceza, ao senhor de la Motte e aos outros combatentes e inimigos, ga-

Cap. VII
Mappa 10
(á margem)
Combates
de Pero Lopes
(pg. 365)

que se a nao que estava na ilha surta fosse de França avia de pelejar com ella. (155)

☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆☆

rantia de vida assim como de transporte a logar seguro, aonde se lhes désse liberdade, mas tal não praticara: antes levara á forca o capitão francez e a mais 20 francezes, conduzindo os restantes prisioneiros a Portugal. Ainda ahi, diz o documento, foram onze desses enforcados, quatro mortos de maus tratos, e sómente poucos dos restantes, libertos.

As paginas das "Lendas da India" (tomo IV) haveriam de confirmar depois a natureza impetuosa e despotica de Pero Lopes, descripta por Saint Blancard.

Mas, pelo documento da Torre do Tombo precitado, na contrariedade "feita em nome de Pero Lopes, ausente na India, ainda se lerá (§ 9.º): "Entende provar que comprindo ele réo da sua parte o que asi tinha prometido á gente do dito autor ordenou por vezes de matar a ele réo a treiçam, e defeito cometeram matalo, induzindo para isso alguma gente da terra"...

E mais adeante: ..."que estando ele réo hũa noite assentado em hũa pousada em terra, e tendo hũa candea acesa, e se tiraram por hum buraquo com hũa frecha e com hũa seta de farpas e lhe deram hũa setada per hũa ilhargua"... E ainda mais: "que mandou fazer justiça dalgũs que achou mais culpados e hum ou dous dos ditos culpados se lançaram com os silvestres e os outros trouxe ele réo para Portugal..."

Bem perto destas palavras andam as de frei Vicente do Salvador, na sua Historia do Brasil. (An. Bib. Nac. R. de Janeiro - Vol. XIII, pg. 54).

Sexta-feira xbij do (186)

Apoderando-se Pero Lopes do fortim francez que ali em costas pernambucanas seria futura garantia para a pilhagem do brasil, ergueria em Itamaracá um novo forte portuguez — ou quem sabe, se no porto de pernambuco onde veiu a aportar para seguir com as naus e alguns prisioneiros francezes com destino ao Reino. Certo, ficaria outra vez a tremolar vencedor na costa de pernambuco ou na região mais valiosa do pao brasil, o pavilhão da Lusitania sobre um baluarte del rey, e guarnecido com gente sua, tendo por capitão a Vicente Martins Ferreira e por condestavel a Diogo Vaz.

Só no anno de 1533, e pouco antes de ahi chegar Martim Affonso, aportaria em Pernambuco, vindo na caravela Espera, Paullos Nunes, substituto de Vicente Martins Ferreira. Tomaria então posse do cargo de condestavel do forte Pero ou Christovam Franco e seria rebaixado ao de bombardeiro, Diogo Vaz.

Estava já anteriormente cumprida a missão de Pero Lopes na expedição de 1530 ao Brasil. Velejava elle agora a caminho de Portugal, acclamado intrepido guerreiro e marinheiro illustre: breve seria o arguto escriptor de estilo pittoresco que o seu Diario revela e a cuja copia seria apposto o seguinte titulo:

"Naveguaçam q fez p.° lopez de sousa no descobrimento da costa do brasil militamdo na capitania de martim a.° de sousa seu irmão: na era da encarnaçam de 1530".

Cap. VII
Mappa 11

Segunda-feira 4 dias do mes de novembro da era de 1532 parti do porto de Pernambuco com o vento da terra. Sendo ao mar hũa leguoa se fez o vento nordeste e fiz me na volta do sueste ate a terça-feira no quarto da prima que se fez o vento leste e virei no bordo do norte, ate quinta-feira ao meo dia que tomei o sol em .b. graos e .lbj. meudos.

Sesta-feira biij de nouembo fazia o caminho do

PERNAMBUCO -
-(APPROXIMADAMENTE) 11° 10' NORTE

Cap. VII
Mappa 11

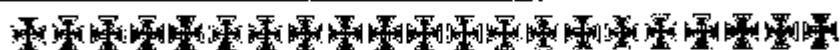
No dia 4 de novembro de 1532, a favor do terral amarou-se Pero Lopes com os seus navios; e a cerca de 4 milhas, como soprasse o - nordeste -, procurou ganhar barlavento ao rumo do sueste. Assim navegou desde esse dia até o quarto da prima ou primeiro quarto da noite de 5 de novembro, quando soprou o vento do léste.

Com esse vento á feição podia singrar francamente ao norte da sua agulha ou ao N4 NO verdadeiro deve-se suppor, entrando-se em conta com a quarta que o Diario dará por abatimento da agulha da nau N.ª Senhora das Candêas. Assim andou até o dia 8, quando por ter notado talvez cahimento com a corrente batida de vento do léste, abriu mais o rumo para o de norte quarta do nordeste, ou melhor, quasi ao norte verdadeiro.

Foi nessa singradura até o dia 10 já dentro na corrente equatorial e depois no ramo ascendente desta, após a bifurcação que a mesma soffre na altura do cabo de Sam Roque. Com ella descahiram as naus para o no-

norte e a quarta do nordeste. Ao meo dia tomei o sol em 5 graos e 3 quartos.

Sabado 9 dias do dito mez fazendo o dito caminho ao meo dia tomei o sol em .4. g. demoravame o cabo de santagostinho ao sul e a quarta do sudoeste fazia me delle 80 leguas. A ilha de Fernam de Loronha me demorava a leste e a quarta do nordeste: fazia me della L. leguas.

---

roeste e, depois de haverem montado os perigosos baixios ditos os Esparrachos. Nesse rumo ainda foram a passar safos das Roccas descobertas, como dissemos no capitulo I.°, por Gonçalo Coelho em 1503, nas tristes circumstancias de um naufragio.

Seriam estas o pracell ou o parcel, que o portulano Reinel nos dava na latitude de 1.° 30' sul, isto é, 2.° e 20' mais ao norte da verdadeira posição dellas, ou os recifes que Viegas fixava nascendo ao nornoroeste da ilha de fernão de loronha e desapparecendo aos 2.° de latitude sul?

Fazendo o caminho citado, a 9, deixavam os navios de Pero Lopes a cerca de dois graus ao oriente a ylha de fernã de loronha (ilha Fernando de Noronha), e na proximidade de 40 milhas, as Roccas; e ao meio-dia, calculando a sua latitude, achava o capitão portuguez pela altura meridiana do sól: 4 graus da banda do sul da linha.

Dia 10, encontrava calma, e tinha-se ao meio dia em 2.° e 30' sul. Dia 12, abria uma quarta ao rumo, por se fazer o vento do lessueste; e não só por isso tambem, como por dizer que "essa quarta" corrigiria o "abatimento" da agulha da sua capitanea: era a correcção que fazia á agulha de 11.° e 15' para o nordeste.

Domingo com o vento leste e o mar mui chão e os dias mui craros que nesta parajem se acham muj poucas vezes fazia o caminho do norte e ao meo dia tomei o sol em .2 g. e meo.

Segunda-feira xj dias de novembro: no quatro dalua se me fez o vento lessueste: fazia o caminho do norte e a quarta do nordeste por dar abatimento as agulhas que me noresteavam hũa quarta (187).

Marcara o seu ponto na carta no dia 9, num desses portulanos do tempo, em que as coordenadas das ilhas muito mais que de certos pontos nos continentes, se mostravam incorrectas. Assim, nesse dia, suppondo-se a 80 leguas ao N4 NE, provavelmente ao norte verdadeiro - do cabo de Sto. Agostinho, de mui pouco errava ou parecia errar, se bem que os Reinel dessem o cabo fremoso ou Santo Agostinho, em 8.° e 30' de latitude sul; mas em compensação da ilha Fernão de loronha para os Reinel em 3.° e 20' e para Viegas a desenvolver-se exageradamente com escolhos entre 3 e 4 graus - dava mal estimado o seu afastamento durante a navegação, em cerca para menos de 50 milhas.

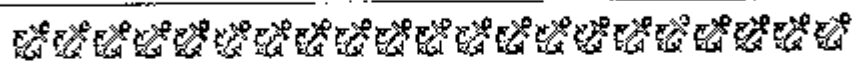
Mas montados o cabo Sam Roque e os baixios proximos, deixadas por boreste sem avistar - as Roccas e muito menos a ilha Fernando de Noronha, veiu em 2.° e 30' sul a encontrar "mar chão" e "os dias muy craros que nessa parajem se acham muy poucas vezes"...

Fez-se elle logo ao norte da sua agulha, mas parece, ao norte da quarta do noroeste verdadeiro, nessa região das

Ao meo dia tomei o sol em .I. g. e um quarto.

3.ª feira xij do dito mes fazia o dito caminho e ao meo dia tomei o sol em 16 meudos. Demoravame a ilha de fernam de loronha ao sul e a quarta do sudueste: fazia me della lxb. legoas: o penedo de sam pedro me domoraua ao nordeste: fazia me delle liij legoas.

Quarta-feira xiij de novembro com o vento les-

---

calmas equatoriaes, certo, para se afastar do p r a c e l l ou p a r c e l - dado na carta Reinelliana em 1° 30' sul — talvez as Roccas mal assignaladas, porque Viegas em 1534 as prolongava de um grau e como fazendo parte ao noroeste da ilha Fernando de Noronha -. Este afastamento tambem desejaria Pero Lopes manter para passar safo do p e n e d o d e S a m p e d r o (penedos de São Pedro e S. Paulo) dado no citado Reinel como um só, e em latitude de 1.°30' ao norte da linha. Mas não haveria elle de exagerar esta precaução, sabendo que os navios vinham sobre corrente a faze-los descahir para o quadrante do noroeste, e mostravam "abatimento" da agulha, francamente neste quadrante.

Poude Pero Lopes porém, ordenar seguissem ao rumo do — norte da quarta do nordeste — provavelmente, chegando-se ao do norte verdadeiro.

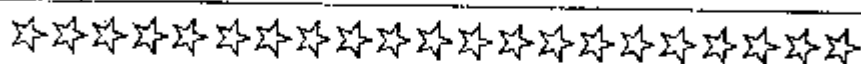
No dia 11, tinha por sua latitude ao meio dia, 1.°15' sul; no dia 12 por latitude 16 minutos ao sul da linha, e marcava o ponto no portulano referindo-o á y l h a d e f e r n a m d e l o r o n h a e ao p e n e d o d e S a m P e d r o em distancias, a nosso ver, bem incorrectas.

No mesmo dia teriam os navios passado a linha equatorial, e a 13, já em latitude de 1.° norte, confirmava o que sabiamos sobre o "abatimento" da agulha da capitanea. Nes-

sueste fazia o caminho do norte e a quarta do nordeste por dar a dita quarta dabatimento as agulhas (188): ao meo dia tomey o sol em .I. .g. da banda do norte.

Quinta-feira xiiij do mes ao meo dia tomei o sol em 2. g. e um terço e a tarde se fez o vento sueste e fazia o caminho ao nordeste e a quarta do norte.

Sesta-feira polla menhãa se fez o vento lessu-

✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡✡

se mesmo dia cortava o parallelo do penedo de Sampedro (1.º30' norte em Reinel e 55' e 30'' nas cartas modernas), e parece, a mais de 5 graus ao occidente delle. São esses penedos visiveis ao navegador á distancia de cerca de 9 milhas: foram descobertos em 1511 pela armada de Jorge de Brito a caminho da India, e em nossos dias pela primeira vez visitados em avião pelos dois lusiadas dos ares — Gago Coutinho e Saccadura Cabral. Como os lusiadas quinhentistas não desmentiram estes as glorias scientificas de um Pedro Nunes, a pericia e o saber de um Duarte Pacheco e de um D. João de Castro, e sobretudo, o valor da raça immortalizada por Camões.

A esses marcos historicos em lucta heroica sempre com o oceano, chamou Gaspar Viegas em 1534 o penedo loronha a que deu a latitude norte de 2 graus. Por engano talvez o fizesse, e quando pretendia dar tal designação ás Roccas tão mal assignaladas no seu portulano.

Pelo dia 14, teve Pero Lopes por sua latitude ao norte da linha, dois graus e vinte; e dia 15, pela altura meridiana do sól, obteve a de 3.º e 38 minutos.

Já montava os lindes dos ventos aliseos do sueste, no outro hemispherio. Dia 16, calculou achar-se a 4.º e 16'

este e tornei a fazer o caminho do norte e a quarta do nordeste e ao meo dia tomei o sol em 3. g. e xxxbiij meudos.

Sabado fazia o dito caminho. Ao meo dia tomei o sol em 4. g. e xbj. meudos.

Dominguo xbij de nouembro fazendo o dito caminho tomei o sol em .5. g. e demorauame o penedo de sam pedro ao sueste: fazia me lxx e çinquo le-

---

norte, e dia 17, aos 5.°, para marcar o seu ponto na carta tendo-o em referencia ao penedo de Sam Pedro e ao cabo Verde na costa da Africa, e a distancias que não poderiam ser certamente, das mais precisas.

Antes que houvessem os navios alcançado o linde meridional, no hemispherio do norte, dos aliseos do nordeste, contrastes de tempo os esperavam: trovoadas desse quadrante com muito vento. Calma tiveram a seguir. Dia 20 veio-lhes forte o vento do nordeste com mar grosso: passaram a navegar ao - noroeste - da agulha, ou ao noroeste quarta do oeste verdadeiro, pensamos nós, e ahi nessa marcha, teriam montado o linde meridional, no hemispherio norte, desses mesmos aliseos.

Só a 22 veiu a abonançar o tempo, que obrigou Pero Lopes a pôr os navios a caminho, para o noroeste.

A 23 pronuncia-se-lhes o aliseo do nordeste acompanhado de mar atravessado e de "agoagem que vinha de léste", o que levaria a nau de Pero Lopes a cahir ainda para o noroeste, - uma vez que em menos de 7 quartas não bolinariam as suas naus. - Sendo aos 27.° e 30' norte o linde septentrional dos aliseos do nordeste nesse hemispherio, ainda assim poderia elle ganhar barlavento para de-

gouas: demoravame o cabo verde ao nordeste: faziame delle ii. e quarenta legouas. Esta noite no quarto da modorra me deu hũa muj grande travoada de lesnordeste com muito vento e aguoa que fiquou em calma ate quarta-feira xx do mes que no quarto dalva me deu mujto vento nordeste e com mui grande mar que esta noite estive em condição de aRibar por mo requerer o piloto da outra nao dizendo que se ia

pois fazer outras singraduras que os levassem ás ilhas Terceiras, pensamos, e a Portugal.

Mas se a 24 de novembro de 1532, quando se achariam, suppomos, a mais de 11.º de latitude norte, não houvesse Pero Lopes interrompido o Diario que deu causa ao nosso trabalho, sobre esse fim da derrota nos seria dado falar e provavelmente corrigir algumas dessas nossas observações.

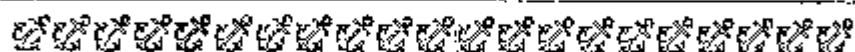
As cinco folhas em branco do codice descoberto e publicado por Varnhagen tornam para nós mysteriosas as singraduras ainda feitas nos mares atlanticos, e obrigam-nos a silenciar sobre a ultima etapa da jornada, que terminaria em fins de 1532 ou nos primeiros dias de 1533, com a chegada das suas unidades navaes a Faro, em Portugal.

Pero Lopes seguiria logo para Evora, residencia de D. João III e da Côrte, e aonde parece ter chegado ainda em janeiro de 1533.

Mandadas por disposição regia foram para o porto de Lisbôa as naus "apresadas" e tambem o galeão Sam Vicente, - o unico da armada affonsina que realizou por

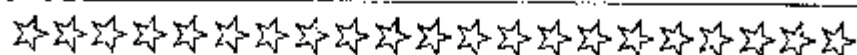
ao fundo com hûa aguoa que se lhes abrira asi fomos com este temporal com os papafiguos mui baxos fazendo o caminho do noroeste ate sesta-feira que ao por do sol abonançou mais o tempo.

Sabado ao meo dia tornou o vento nordeste a ventar com mujta força que o nam pude soportar as velas e as mandei tomar e estive este dia todo de mar em traves com muj grande mar e aguoajem que vinha de leste.

---

completo e expedição -, e para o presidio do Limoeiro daquella cidade, os prisioneiros francezes em numero de trinta. (Hist. Col. Port. cartas D. João III, Vol. III, pgs 156, 157).

O Diario sobre este ponto nada nos esclarece, antes deixa ao leitor acreditar ter Pero Lopes levado sob a sua insignia só duas naus, principalmente por dizer que no dia 20 de novembro de 1532 lhes dera muito vento do nordeste com muito mar, quando premeditava arribada, por lho "requerer o piloto da outra nao, dizendo que se ia ao fundo"... Mas não chamassem os pilotos ou capitães desse tempo, por náos, quando em frota ou armada, a todos os navios reunidos!...

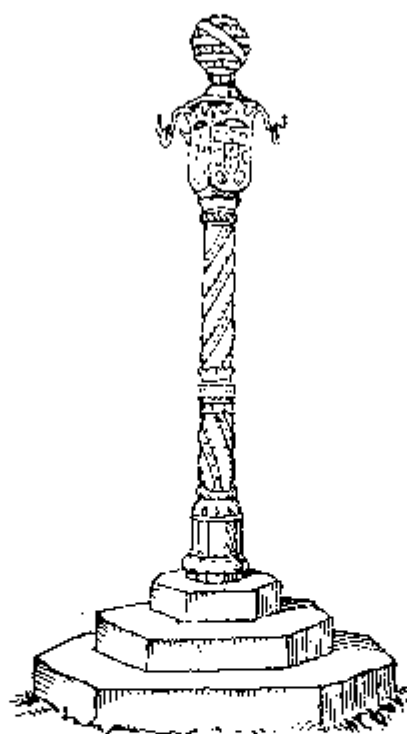
Convem todavia aqui repetir a noticia dada por Gaffarel, do apresamento de duas naus na costa de Pernambuco, feito em 15 de agosto de 1532: de uma, proximo á ilha de Sto. Aleixo, armada de oito canhões, que opinámos ser a avistada a 4 de agosto por Pero Lopes já de regresso do rio da Prata; e de outra, talvez pela mesma data, "quando chegava da Europa carregada de munições de guerra" destinadas ao fortim francez levantado na costa de Pernambuco. (Hist. du Brésil Français - pg 97).

Dominguo (189) e (190) ....

Não será tambem demais lembrar que a sua capitanea, a nau N.ª Senhora das Candêas, fôra tambem nau franceza por elle apresada a 2 de fevereiro de 1531.

Nada disso diminuirá entretanto as glorias do bravo capitão, nem o renome que virá a alcançar com a sua chegada ás ribeiras tejanas, onde espectaculo pittoresco e inedito o annuncia.

Era a cidade de Lisbôa então e ainda a rainha dos mares; e por ella, para gaudio dos nobres e deleite do povo estonteado com "os fumos da India", mandava D. João III passeiassem, por esses dias, os quatro caciques trazidos pelo bravo capitão das Terras do Brasil, vestidos de seda e com honras de reis.

Não procede de modo diverso ainda hoje, a Inglaterra, com os marajahs das "suas" Indias...

NOTAS AO TEXTO DO CODICE: DA PAG. 475 Á PAG. 482

CAPITULO VIII

SAM VICENTE

CAPITULO VIII

SAM VICENTE

Remontam ao apparecimento da carta de Canerio (1502), as designações: porto de sam visenso e rio de Cananor. Reproduz taes baptismos de pontos da terra de Santa-Cruz, Waldseemüller em 1507, como portus s. vicêti e rio decananorum, e em 1516, como porto de vincêcio e rio de Cananorum. Ruysch assim tambem o faz, e dois dos portulanos dos Reinel os dão, pela primeira vez em lingua portugueza: Rio de Sam Vicente e rio de Cananea (Kunstmann II.°), como tambem porto de Sam Vicente e Canané.

O Regimento de Evora assignalaria tambem o Rio de Canané em 24.° de latitude no hemispherio Meridional. Releva, outrosim dizer que desde 1505 Duarte Pacheco Pereira, no "Esmeraldo de Situ Orbis", dava uma ilha de Sto. Amaro como linde meridional do Brasil e com a latitude de 28° e 30' sul.

Viria esta a ser a futura ilha de Sto. Amaro só assim nomeada em documentos officiaes após 1545?

Para o conhecimento inicial desta costa vicentina, contribuiram em primeiro logar, a primeira expedição de Gaspar de Lemos ou André Gonçalves em 1501, e a de Gonçalo Goelho em 1503, de ambas das quaes faria parte Vespucci. De uma destas foi deixado em terra, no littoral de Cananéa, um bacharel lusitano, e a elle se vieram jun-

tar em S. Vicente outros portuguezes, alguns dos quaes genros seus.

Guardam as chronicas da epoca ou fazem auctores modernos referencias aos seguintes nomes de europeus, habitantes até 1531 das terras vicentinas: o bacharel; Gonçalo da Costa; Antonio Rodrigues; João Ramalho; mestre Cosme; Duarte Peres ou Pires, até mesmo, um Duarte Coelho, afóra naufragos de um navio sossobrado ao largo das ilhas dos Porcos, e de capitães, pilotos e embarcadiços portuguezes, espanhoes ou de outras nacionalidades de passagem pelos portos dessa costa.

No antigo porto de S. Vicente abasteceram-se de escravos principalmente duas expedições espanholas, uma das quaes em terra vicentina deixara castelhanos. Em Cananéa, de onde, segundo alguns auctores, partira Aleixo Garcia em busca das minas do Paraguai ou do Perú, veiu Martim Affonso a encontrar, segundo o Diario de Pero Lopes, 5 ou 6 espanhóes acompanhando a Francisco de Chaves e ao bacharel.

Poucos dentre esses todos ao correr dos tempos vieram a ser identificados pelos historiadores. e jamais um delles, pelo verdadeiro nome, o bacharel, primeiro habitante europeu das terras sulinas do Brasil.

Quer Candido Mendes que se tome a João Ramalho pelo bacharel, mantendo desaccordo contra as opiniões de Varnhagen, Medina, Charlevoix, Ruidiaz de Guzman e de documento de subido valor citado por Azevedo Marques.

Medina dá tal personagem historico como Duarte Coelho, sogro de Gonçalo da Costa (Medina - Gonzalo d'Acosta, pg. 20), asserção mal justificada, ainda que hoje se o saiba companheiro de Gonçalo Coelho, seu pae, na 2.ª viagem exploradora da costa do Brasil, em 1503 (Hist. da Col. Port. vol. 2.° pg. 308). Varnhagen dá o bacharel como Gonçalo da Costa, o que a viagem de Martim Affonso destroe por completo, uma vez que sabemos, a esse tempo, terem sido entaboladas negociações entre Gonçalo e D. João III, quan-

do havia aquelle já regressado á Peninsula a bordo da nau Nª. Sª. do Rosario, capitanea de Diego Garcia de Moguer; e de como, o dito Gonçalo, fugindo de Portugal, se recusara embarcar na expedição de 1530, voltando-se, de então, inteiramente ao serviço do rei espanhol.

Quer Ruidiaz de Guzman, e o repetem Charlevoix e Simão de Vasconcellos, que seja o bacharel um Duarte Perez, dado por fidalgo portuguez desterrado pelo rei D. Manuel na costa de Cananéa. Elucida Guzman este passo citando que, quando Ruy Garcia de Mosquera se apossara de Cananéa para a coroa espanhola, teve ao bacharel como seu hospede "e a toda a sua casa, filhos e criados", (Argentina, pg. 54).

Candido Mendes tendo a João Ramalho como o bacharel, não é tambem feliz na escolha, uma vez que para contraria-la basta citar-se um documento do livro da vereança da Comarca de S. Paulo, datado de 15 de fevereiro de 1564, e em que se lê a declaração de João Ramalho não acceitar "o cargo de vereador para que fôra eleito, por ser homem velho que passava de 70 annos". (Actas da Cap. de S. Paulo, Vol. I, pag. 37). Em face deste documento só se poderá concluir que João Ramalho não foi o bacharel degredado, viajante de uma das expedições 1501 ou 1503. E não sendo elle o bacharel - porque, diz o Diario de Pero Lopes a 17 de agosto de 1531 "havia trinta annos que estava degredado nesta terra" —, seria um dos genros desse bacharel e algum viajante tambem das primeiras expedições, vindo depois a viver em terra vicentina?

Tal não se pode tambem affirmar. O que delle se sabe sem desmentido, é que, ás vezes, descia João Ramalho ao littoral dessa terra, pois morada mais certa lhe era serra acima, na região que deixava de ser da matta para pronunciar-se como dos - campos de Piratininga.

Devia o goianá por essa epoca, dominar as ribeiras das ilhas futuramente chamadas S. Vicente e Sto. Amaro, uma destas, ainda na cartographia antiga chamada dos

Gayonazes ou a dos Gayonos (Reinel, Paris) e dos Goanas (mappa Kunstmann, carta II.ª).

Não foi então João Ramalho passageiro das duas primeiras expedições portuguezas officialmente conhecidas?

Se o não foi, como veiu elle então, a ahi aportar tão cedo?

Instrue-nos Oviedo, citando Alonso de Sta. Cruz, da chegada a esta costa - posteriormente portanto, a do bacharel, - de outros portuguezes de uma nau sossobrada junto a duas ilhetas, talvez "as Busios", ao sussueste de uma das ilhas dos Porcos — e dessa a uma distancia por elle exagerada de 8 a 10 leguas. Haviam esses portuguezes, segundo essa fonte espanhola, demandado essa "ilha dos porcos montezes" e depois buscado refugio no rio ou no futuro porto de escravos de S. Vicente.

D'ahi, parece, nasceu o encontro desses naufragos portuguezes com o bacharel, e se originou o pequeno povoado ou "o pueblo de San Bicente" citado por Alonso de Sta. Cruz, na ilha ao depois S. Vicente, em local em que se poderia estabelecer habitação fóra dos mangues salgados ou dos alagadiços, a esse tempo, em grande extensão na referida ilha.

Seriam João Ramalho, Gonçalo da Costa, Antonio Rodrigues, alguns desses infelizes naufragos?

Se o foram, desde essa epoca, Gonçalo e Rodrigues passaram a ter residencia no littoral desta ilha (ao futuro, de S. Vicente), emquanto João Ramalho identificado com elles, com o gentio que extendia o seu dominio desse littoral até além sobre serra sob o mando do morubixaba Tibireçá, ia estabelecendo até os campos de Piratininga a posse das terras sertanejas que alcançara.

Das luctas ao sul, entre os carijós e os tupininquins, com os quaes lentamente buscaram alliança, como tambem dos encontros talvez já destes contra os tupinambás ou tamoios, mais do norte, procuraram aproveitar-se os portu-

guezes, tomando assim mais braços para a rudimentar lavoura por estes criada nas terras de serra abaixo.

Com o captiveiro a que sujeitaram esses selvicolas, valendo-se de crystaes, ferramentas e ornamentos com que os livravam da anthropophagia dos contrarios, iam ahi accumulando uma grande população gentia, o que lhes haveria de suggerir, o tornarem esse recanto - um porto de escravos - buscado como foi a seguir por algumas expedições maritimas.

Ahi, por esses dias, se encontraria modesto estaleiro, onde assistia Gonçalo da Costa revezando o seu engenho de constructor naval com o seu tino de mercador de escravaria humana.

Segundo alguns chronistas, a passagem dos sobreviventes da expedição Solis por essa costa se haveria dado, e mais certamente, a de 7 ou 9 espanhoes que o acompanhavam, e mais tarde, foram aprisionados por portuguezes no local que chamariam - o rio dos Innocentes -, identificado pelo historiador Herrera com - o porto de S. Vicente - e imprecisamente por Varnhagen com o rio Iguape.

Deveriam esses portuguezes, já ahi residentes, ter desses espanhoes, companheiros de Solis algumas novas da prata e ouro que os primeiros aventureiros buscavam; mas a distancia, a incerteza do caminho a percorrer, o desapercebimento de armas em que se encontrariam, haviam de lhes abater o animo para tão ardua conquista e antes, estimula-los a aterem-se ao seu "porto de escravos", ou ao povoado de Sam Vicente.

A fama deste já corria na peninsula iberica, porque pouco depois era estancia buscada pelos navios de Rodrigo d'Acuña, Diego Garcia de Moguer e Sebastian Caboto.

Destas expedições, a de D. Garcia e a de Caboto veem intensificar o trafico humilhante, favorecer alguma construcção naval, estimular a producção agricola ou não, indispensavel ao abastecimento dos navios ahi aportados.

Sabe-se que em 1530, seguros de fundeadouro, uma vez vencida a entrada da barra do antigo porto de S. Vicente - como chamavam á entrada da barra da actual bahia de Santos - montada a ponta da Capetuba ou dos Limões, já no remanso das aguas ao abrigo da outra ponta, ou talvez até no começo do canal, passaram refrescando os navios de Caboto, de volta do rio da Prata; e do trato que mantiveram com os portuguezes residentes na ilha fronteira, futuramente chamada de S. Vicente, advieram beneficios e lucros para os navios e para os habitantes da terra então mercadores de gallinhas, de porcos, de pescado e de levas de selvagens captivos com destino á Espanha.

Antes desta expedição ja havia visitado este porto - D. Rodrigo de Acuña, da armada de Jofre de Loaysa, e depois deste e antes de Caboto, Diego Garcia de Moguer. Da primeira vez, ao fim do anno de 1526 a janeiro de 1527, teve este capitão valioso auxilio dos portuguezes ahi residentes - o bacharel e os seus genros - com os quaes celebrou uma carta de fretamento de 800 escravos para uma das suas naus, a maior e que pelo calado não julgava capaz de entrar no rio Solis. Tal numero de gente se nos parece excessivo, mesmo em se tratando de embarca-la em todos os navios da frota expedicionaria; dessa frota, que a 15 de janeiro de 1527 deixava esse porto, abastecida de mantimentos da terra, lenha e vitualhas, e, com um bergantim ahi comprado a um dos genros do bacharel. (Memoria, D. Garcia, - Madero, pg. 355). Devera o vendedor de tal barco ser Gonçalo da Costa, o mesmo que passava a demandar nessa frota o rio de Sta. Maria ou da Prata dos portuguezes e Solis dos espanhóes.

Do regresso de Gonçalo da Costa deste rio ao porto antigo de S. Vicente, como da chegada do capitão Rojas, abandonado por Caboto no porto dos Patos quando de viagem para o sul, basta que se diga ter este Gonçalo da Costa chegado antes de Diego Garcia de torna viagem a S. Vicente, e dado prestimoso apoio a

Rojas tão miseravelmente abandonado pelo capitão mór espanhol.

Da já mencionada passagem de Sebastian Caboto em 1530 por este porto de regresso á peninsula iberica, tambem se narra que ahi viera a encontrar a Rojas homiziado na casa de Gonçalo da Costa, a quem este auxiliava no fabrico de um bergantim.

Rojas, intimado pelo seu perseguidor a recolher-se preso a bordo da Capitanea, respondeu-lhe com sobranceria, recusando-se cumprir a ordem dada, pois dizia achar-se em terras da corôa de Portugal; e accentuava esta resposta com uma certa ironia, solicitando a Caboto lhe cedesse o piloto Henry Latimer, alguns operarios e mais 5 ou 6 marinheiros necessarios ao bergantim que estava construindo com o seu protector.

Feita esta intimação em terras de S. Vicente por Alonso de Sta. Cruz, Antonio Ponce e Juan de Medina, - em terras que, para o primeiro e emerito cosmographo, eram de posse espanhola e usavam os portuguezes de deslocar para o oriente de mais 4 graus, - ultimou Caboto a compra de 55 escravos ao proprio Gonçalo da Costa ou a um dos outros genros do bacharel, pagando-lh'os ao preço de 5 ducados cada um, ou com ferro velho, camaras de lombardas ou bombardas e outras cousas mais. Com um Fernand Mallo, diz Medina, (Caboto, pg. 163) haver o chefe da frota trocado escravos por contas, anzóes, pedaços de ferro e até por um "pasamuro roto", peça de artilheria imprestavel para a guerra.

Do que vimos de narrar fôra testemunha em terra vicentina Enrique Montes, embarcadiço dos navios de Caboto desde o porto dos Patos até o seu regresso á Espanha, como antes tambem o fôra da expedição Solis.

Chegado Caboto ao Guadalquivir a 22 de julho de 1530, após cerca de dois mezes de demora em aguas de S. Vicente, ainda nestas ficava Diego Garcia empenhado no resgate de indios deste porto e de Cananéa, resgate cele-

brado, segundo um Lopes de Pravia, com o "dito Gonçalo da Costa", com "o bacharel seu sogro", e com "outras pessoas christans que viviam naquella terra" tendo a "esses indios como escravos". (Medina, Caboto - documentos).

Na nau N.ª Senhora do Rosario, portadora de indigenas captivos, dava Diego Garcia tambem passagem a Gonçalo da Costa, que assim fugia de vez, do desterro em terra americana, pagando-se da sua viagem com os indios que captivara.

Chegado a S. Lucar de Barrameda em fins de agosto de 1530, iniciou Gonçalo o seu grande auxilio á nação espanhola, como Enrique Montes, da frota de Caboto, o faria antes clandestinamente, passando-se ao serviço de Portugal.

Assim, Gonçalo da Costa, o portuguez que duas dezenas de annos vivera em São Vicente, se recusava a embarcar nos navios de Martim Affonso de viagem marcada para o Brasil, passando-se para sempre á disposição de Espanha para, com incansavel fervor servi-la principalmente nesta costa que habitara ou visitara até o rio da Prata, e sabia como a disputava Portugal.

Nesse afan andou elle de 1535 a 1537 na armada de Pedro de Mendoza para a fundação de Buenos Aires; em 1540, sob as ordens de Cabeza de Vaca; em 1555 na expedição de 1 nau e 2 bergantins mandados ao rio da Prata, como talvez antes, na de Sanabria; finalmente na de 1559, sob o mando de Rusquin e dispersa na ilha de São Domingos.

Enrique Montes, ao contrario, tornando, como dissemos, ao serviço de Portugal, alcançava após a viagem de Caboto a cidade de Lisbôa, de onde tornaria mais breve que Gonçalo da Costa á terra brasileira sob a bandeira das quinas, na frota de Martim Affonso, a qual partida daquelle porto a 3 de dezembro de 1530, após escalas e aventuras, veiu a fundear junto á ilha do Bom-Abrigo - (a Cananéa, de Pero Lopes) - a 12 de agosto de 1531.

Aferrava esta o surgidouro, não mais composta de duas naus, inclusive a Capitanea, de um galeão e de duas caravelas como partira do Tejo, mas agora formada dos dois navios precitados: a nau Capitanea, e o galeão S. Vicente, ás ordens de Pero Lobo Pinheiro; da nau - Nª. Sª. das Candeas - tomada aos francezes em Pernambuco e ora sob o mando de Pero Lopes de Sousa; da caravela Sta. Maria do Cabo, tomada a outros portuguezes na bahia de Todos os Santos, quando de viagem para Sofala com escala pelo Rio de Janeiro; e de dois bergantins armados na bahia da Guanabara, de onde vinha a expedição.

Até as viagens da Gazeta Aleman e de Solis, como é corrente, a cartographia official só assignalava pontos de uma costa aquem do rio de Cananor ou de Cananéa. Após as duas expedições ao rio de Sta. Maria ou Solis, morte de Solis e refugio de alguns naufragos no Porto dos Patos, quando a lenda da prata e do ouro veiu inflammando nas almas dos aventureiros o anseio da conquista de riquezas encontradas no Paraguai ou galgadas as "espaldas" da "Castilla del Oro", é que os portulanos ou cartas quinhentistas foram fixando a toponymia dessa costa brasileira de Cananéa até o rio da Prata.

Já então era bem este rio - o da Prata - no ideal de pilotos e conquistadores a quem attrahia seductoramente com essa lenda viajeira na voz dos marinheiros, de porto em porto, de terra em terra, e secretamente, da Casa da India á Casa de la Contratacion, e vice-versa, desde as primeiras explorações portuguezas áquelle rio. Foram destes entre outros auctorizados testemunhos João de Lisbôa, João Lopes de Carvalho, na expedição de D. Nuno Manuel, e ao depois, os das expedições de Solis, de Christovam Jaques, de Magalhães, de Loaysa, de Caboto e de Diego Garcia de Moguer.

Passava por esse dias a caracterizar-se a "costa do ouro e prata" tendo por extremos, principalmente, Cananéa ao norte, e ao sul o majestoso rio, entre cujos pontos se collocava uma isla de la Plata, cremos, a que depois Caboto chamou de Santa Catalina ou a Sta. Catharina actual.

Essa costa os navegadores de Espanha e de Portugal passaram a melhor conhecer, e seus sertões começaram de perlustrar os mais affoitos delles, como Francisco del Puerto, Enrique Montes, Melchior Ramirez, Aleixo Garcia, Francisco Cesar, Francisco de Chaves. De Cananéa ao norte - na altura da dita Cananéa e em S. Vicente, - mais constantes neste littoral, citam-se entre outros o bacharel, Antonio Rodrigues, Gonçalo da Costa, e estabelecido beirando os campos de Piratininga, João Ramalho.

Para os portuguezes da expedição de 1530 principalmente, a reminiscencia da viagem de Aleixo Garcia, exagerada talvez, tendo por painel historico da partida na aventurosa entrada, as terras do littoral da sua conquista, e por alcance remoto, as serras do Perú, entre Mizque e Tomina, inflammaria outros espiritos animados da mesma aventura, como o de Francisco de Chaves que Martim Affonso veiu a encontrar acompanhado de 5 ou 6 castelhanos.

Citado por Oviedo e por Medina (Gonzalo de Acosta, pg. 11), diz Alonso de Sta. Cruz, haver Caboto deixado no porto de S. Vicente antigo, em 1530, quando em regresso á Espanha, 12 ou 15 castelhanos da sua frota, passados depois a Cananéa. Deveriam ser desses 12 ou 15 castelhanos, os 5 ou 6 que Martim Affonso alli veiu a encontrar, acompanhando a Francisco de Chaves e ao bacharel, sobretudo a Francisco de Chaves que, aproveitando-se de haver nesta costa um porto de escravos, do que era mercador o proprio bacharel presente a esse trato, se offerecia ao nosso illustre capitão mór para lhe trazer de terra a

dentro quatro centenas de captivos carregados de ouro e prata.

Tal novidade move M. Affonso a armar 80 homens sob o mando de Pero Lobo, capitão do galeão S. Vicente, para acompanhar a Chaves nesta aventura de tão triste fim. E ao deixa-los partir a 1 de setembro de 1531, consciente de que se achava no littoral correspondente ás minas dos preciosos metaes, vendo mais castelhanos que portuguezes nessas paragens do Brasil, ergueria o capitão mór em Cananéa padrões lusitanos, como o dizem Frei Gaspar da Madre de Deus, Ayres de Casal e Varnhagen?

Nada relatando a respeito o Diario, somos levado a suppor que tal não houvesse feito; e assim, o padrão levantado e entre outros ahi achados - um dos quaes com o respectivo tenente foi recolhido ao Museu do Instituto Historico e Geographico Brasileiro - será de existencia anterior á partida da expedição desse porto em 1531.

Se não era marco - e sim padrão ou padrões - melhor que elles affirmava a conquista portugueza em Cananéa e sertão adjacente, a expedição militar de Pero Lobo que o capitão mór fazia partir com esperanças fundadas de alcançar o "El-Dorado", elle que vivera, estudara e casara em Salamanca, ao tempo em que as conquistas do Mexico e as primicias de Castilla del Oro e do Perú se foram realizando ou promettendo.

Por elle já seria tambem conhecido o portulano de Diogo Ribeiro, trazendo a data de 1529, e no qual se lia das terras de serra acima: "Esta tierra de perú descobrio

> Francisco Piçarro, en el año de 1527: aqui alló oro y plata q resgato: la jente es de mas razõ q los de las otras partes: tienem grãdes ciudades muradas y grãdes casas de oraciõ donde bão a adorar a sus ydolos: quando no llueve ban ẽ procission a ellas".

Não muito longe de Cananéa, porém, a pouco mais de uma centena de milhas ao nordeste, ficava a abra do porto então totalmente chamado de S. Vicente que Martim

Affonso veiu a demandar de regresso do rio de Sta. Maria ou da Prata e após escala novamente em Cananéa.

Foi então que dahi em deante se veiu a particularizar — o novo porto de Sam Vicente, quando já fundadas a villa littoranea tragada depois pelas vagas e a outra villa serrana de Piratininga.

Dia 20 de janeiro de 1532 - repetindo palavras nossas do Capitulo VI - veiu a avistar Martim Affonso de bordo da nau N.ª S.ª das Candêas, a cerca de 14 milhas ao nornordeste da sua agulha, a abra do porto de Sam Vicente antigo, ou melhor, a hoje barra da bahia de Santos.

Soprava vento do lesnordeste. Marcando a nau a boca da barra e a 14 milhas, ao nornordeste da agulha (talvez, N4NE verdadeiro), achava-se esta capitanea ao sussudoeste (talvez, S4SO verdadeiro) da dita abra. Tendo de demanda-la com o vento reinante do lesnordeste, a nau onde se achavam embarcados Martim Affonso e Pero Lopes, havia de vir na bolina e descahir para o oeste da boca da barra, ou melhor, para a actualmente nomeada ponta Itaipú. Perto desta ponta parece, a menos de duas milhas, a nau devera ter fundeado, segundo o Diario, antes do meio-dia, em 15 braças de fundo, em profundidade ainda possivel naquelles dias passados, por esse local, na entrada da barra.

A' mesma hora por altura meridiana do sol achou para latitude de onde a nau surgira: 24.º e 17 minutos. Mas, das latitudes calculadas na costa do Brasil e expressas no Diario, as que mais se approximam da realidade, aliás rarissimas, apresentam uma differença de dezena de minutos. A não ser a do cabo de Sta. Maria antigo (punta del Este de Maldonado) dada com erro de 13' e 15" para menos, as poucas outras a que chamamos de mais approximadas, como: a da ponta do Padram (cabo de Sto. Antonio, Bahia); a da abra do porto de

Sam Vicente (barra da bahia de Santos); e a da barra do rio de Janeiro, se apresentam com erro oscillando entre 15 e 18 minutos para mais.

Eram esses accumulados erros, como sabemos, oriundos do emprego de rudes astrolabios ou quadrantes, da imprecisão das taboas ou "regimentos", da incorrecta observação do sól em navios sujeitos a desvairados balanços.

Dada esta ligeira explicação, voltemos a demandar a barra do antigo porto de S. Vicente ou barra da actual bahia de Santos.

Estando a nau Nª. Sª. das Candêas, como diz o Diario, e o suppomos, pegada a uma ponta - a ponta Itaipú - e a cerca de duas milhas desta fundeando, duas horas antes do pôr do sol desse mesmo dia 20 de janeiro, roncou trovoada do noroeste e fez-se a corrente tão impetuosa ao longo da costa, que a nau atravessou ao vento; e, se não partisse, forçada pela pressão da correnteza, a unha da ancora a que se aguentava, o naufragio talvez fosse inevitavel.

Rondando o vento, por bôa fortuna, para o oessudoeste, poude a nau velejar safando-se da - ponta Itaipú - para, no quarto da modorra, - quarto de meia-noite ás quatro da manhã - surgir, diz Pero Lopes, "dentro nabra, em fundo de 6 braças darea grossa."

Esta profundidade ainda lá se encontra a meio da barra, ao oeste e ao sudoeste da actual ilha de Sto. Amaro, talvez a primitiva de Goanás e certamente, a Gaiabé ou Gaiambé dos selvicolas.

Dahi suspendeu a nau na manhã de 21 de janeiro, e foi surgir novamente "n'hũa praia da ilha do Sol, pelo porto ser abrigado de todolos ventos".

Qual essa ilha do Sól e tambem esse fundeadouro que a nau aferrou?

Lendo com attenção o Diario, vê-se que antes desferrou a nau, ainda desacompanhada do galeão Sam Vi-

cente, do meio da barra, e segundo parece, montando a ponta da Capetuba ou dos Limões, da actual ilha de Sto. Amaro, fundeou em aguas remansosas e ribeirinhas á actual praia do Góes. Mais abrigo teria ainda montando a outra ponta a cavalleiro da qual Diogo Valdez veiu mais tarde a erguer uma fortaleza, no extremo desse canal ou braço de rio que dá accesso para o hoje porto de Santos, no extremo do braço que corre entre as duas ilhas, actuaes Sto. Amaro e S. Vicente. Opinamos todavia, como sendo o fundeadouro da nau junto á praia do Góes.

Seria então essa ilha, a cujo abrigo ficava a nau de Martim Affonso, a ilha do Sól do Diario de Pero Lopes?

Sim, essa ilha - provavelmente de Goanas - certamente Gaiabê ou Gaiambé, e talvez já a imprecisa Sto. Amaro do "Esmeraldo" de Duarte Pacheco em 1505, mas só assim conhecida e citada em documentos officiaes posteriores a 1545?

O Diario, se não de todo claro a respeito, dá entretanto elementos para assim se identifica la.

Vejamo-lo: a esse fundeadouro da ilha do Sol "abrigado de todolos ventos", passante do meio dia (21 de janeiro), veiu o galeão S. Vicente surgir perto da nau e communicar ao capitão mór que "nam se podia amostrar vela fóra" (desse abrigo) "com o vento sudoeste" que soprava.

E' esse surgidouro da praia do Góes ou, melhor, o outro já á boca do canal e hoje tendo a cavalleiro o velho fórte, perfeitamente abrigado desse vento e de outros ventos: e seria ahi o mais seguro dos fundeadouros buscados pelos que aferravam o antigo porto de Sam Vicente, antes de Martim Affonso, visando o trafico ou mercancia de escravos. Segundo os dizeres do piloto Alonso de Sta. Cruz, num delles deveriam ter estado as naus de Caboto, e das quaes foi passageiro Enrique Montes, óra informante de Martim Affonso na expedição cujo estudo procuramos

fazer e cuja surgida junto á ilha do Sól acabámos de narrar.

Entretanto, melhor do que nós, dirão as palavras do piloto Sta. Cruz sobre o porto antigo de Sam Vicente ou assim, do seu fundeadouro principal.

> Reza, o "Yslario" (pg. 56 - B. N. 9-10-1): "Dentro "en el Puerto de Sanct Bicente ay dos islas grandes", (actuaes S. Vicente e Sto. Amaro) "habitadas de yndios, y en la mas oriental" (Sto. Amaro actual) " la parte occidental della estuvimos mas de um mes surtos".

Poder-se-a dar esse fundeadouro mais á barra da actual bahia de Santos; mas desabrigado elle o seria de muitos ventos, ao passo que, montada a ponta dos Limões, ou melhor, a outra logo assignalada, ao abrigo dos ventos estaria e ainda, "na parte occidental da ilha mais oriental das duas", ou da actual Sto. Amaro.

Assim tambem desse ancoradouro da ilha mais oriental das duas, - ilha mais do lado de onde nasce o sol e ao leste da bahia - ou melhor, desse fundeadouro da ilha do Sól do Diario, junto á praia do Góes actual e onde o galeão e a nau de Martim Affonso se achavam fundeados, partiu Pero Lopes a 22 de janeiro pela manhã, em um batel, certamente já quando amainara o sudoeste e se pronunciava o vento do sul. Veiu elle a demandar logo, ao oeste dessa ilha do Sól e da hoje bahia de Santos, uma boca aberta ao sueste ou parece, a outra entrada de menos fundo então existente entre a actual ilha do Mudo ou Porchat e a praia de Itararé. Entrando com o batel neste porto - o novo porto de Sam Vicente - distante cerca de 4 milhas de onde partira, havia de Pero Lopes dar com "hû rio estreito" em que "as naos se poderiam correger por ser mui abrigado de todolos ventos": isto é, num braço do rio de Sam Vicente - braço que vem desaguar neste porto.

A' tarde desse mesmo dia 22, regressado o batel ao fundeadouro da ilha do Sól (actual Sto. Amaro),

desferraram os dois navios e valendo-se do vento do sul que soprava, velejaram desde quando sahiram da sombra da dita ponta dos Limões, atravessaram a bahia e entraram no porto primeiramente e no rio depois, aonde pela manhã o batel chegara: isto é, no novo porto do rio de Sam Vicente, ao oeste da bahia de Santos, porque ao leste desta elles se achavam, pelo dizer de Pero Lopes, em fundeadouro abrigado do sudoeste e de todos os ventos.

Melhor vento que o do sul que soprara após o temporal do sudoeste não poderiam ter tido para essa navegação.

Esse novo porto de Sam Vicente tinha duas entradas, e a principal e hoje unica, é larga de 600 metros, voltada para o sueste, entre a ilha chamada depois do Mudo ou Porchat e uma ponta da qual o morro do Xixová fica a cavalleiro.

O seu seio de aguas remansosas recorta-se no littoral que o cerca, de um lado, na praia de S. Vicente que deixa notar o seu remoto prolongamento com a de Itararé, quando existia uma barreta entre esta praia e a ilha do Mudo ou Porchat. Esta praia de S. Vicente vae terminar em um outeiro, - intromettido entre ella e a de Tumiarú, e esta, já no braço do "rio estreito" em que as naus, no dizer de Pero Lopes, se podiam "correger por ser mui abrigado de todolos ventos". Da outra banda, recorta-se o porto em abruptas barreiras, mas entre a ponta da entrada do porto e a da Prainha, forma-se o curvo seio da praia de Paranapuan, logo succedido por terra mais alterosa marcada desde os morros de Paranapuan até a ponta da Fortalezinha, e passada a qual não se fecha o porto, porque ahi vem ter o "rio estreito" citado, ou um dos braços do antigo rio de Sam Vicente.

Seguindo da ilha do Mudo ou Porchat - a ilha do Sól para alguns estudiosos de valor inconteste como o

notavel artista Benedicto Calixto - vê-se logo á entrada do porto, no isthmo para onde convergem as duas praias de S. Vicente e de Itararé e se liga a dita ilha á outra de S. Vicente, a significativa marca da pequana barra cedo desapparecida e destinada a embarcações de não grande vulto e calado; e depois indo-se por essa praia de S. Vicente, se chegará ao Outeiro já citado (morro dos Barbosas), perto do qual teria havido a aguada dos navios não desmentida ainda hoje pelo rio Sopeiro que ahi corre.

Chegado Martim Affonso quasi a meio desta praia, bem onde se encurvava mais o seio della, mandou erguer a villa de Sam Vicente, escolhendo ao mesmo tempo, passante o Outeiro, a praia de Tumiarú - de maior fundo e abrigo nas proximidades que as de S. Vicente e Itararé, sujeitas aos desmontes trazidos com as chuvas, ás marés de lua cheia e de syzigias, e ao castigo de certos ventos -, ahi ergueu a sua casa das "velas e enxarcia" e mandou encalhar nessa praia a nau N.ª S.ª das Candêas, necessitada de concerto nas obras vivas "comestas de gusano."

Encontraria então o capitão mór, na outra ou nesta parte da ilha de São Vicente, um povoado de portuguezes com os seus escravos - de que nos fala Alonso de Sta. Cruz no seu "Yslario"[2], ao tratar do antigo porto e "pueblo" de São Vicente por elle visitados em 1530, na armada de Sebastian Caboto? -

"Dentro no porto de Sam Vicente" - (pois assim se chamava a todo o porto, notadamente á barra e bahia de Santos, antes da fundação de Martim Affonso) — cita o

> cosmographo espanhol - "ha duas ilhas grandes" (S. Vicente e Sto. Amaro futuras) "habitadas de indios, e na mais oriental, na parte occidental della, estivemos mais de um mez surtos. Na ilha occidental" (talvez Goianá, certamente Morpion, Engaguaçú ou S. Vicente ao futuro) "teem os portuguezes um povoado chamado - S. Vicente, - de dez ou doze casas, uma

feita de pedra com os seus telhados, e uma torre para defeza contra os indios em tempo de necessidade; estão providos de cousas da terra, de gallinhas e porcos de Espanha em muita abundancia, e hortaliça. Teem estas duas ilhas" (ainda as futuras S. Vicente e Sto. Amaro) "um ilhéo entre ambas de que se servem para criar porcos: ha grandes pescarias de bom pescado. Estão as ilhas orientadas NO - SE, com dez leguas de comprimento e quatro de largura, e desde 22.º até 24.º de latitude e no parallelo de 6.° O seu meio-dia é de 14 horas."

Estas ilhas, os portuguezes" - diz ainda Alonso de Sta. Cruz - "creem ficar no continente que lhes pertence dentro na sua linha de partilha; elles porém se enganam, segundo está averiguado por criados de V.ª Majestade com muita deligencia, porque o cabo de Sto. Agostinho e toda a costa do Brasil, a situavam, mais 4.° ao oriente do que realmente está, de maneira que a linha não termina no porto de Sam Vicente, e sim, mais para o Oriente, num ponto chamado - sierras de San Sebastian -"

Habitaria ahi então, no espraiado de Tumiarú dessa ilha de S. Vicente quasi toda tomada de mangues e alagadiços, ou nas proximidades do Outeiro, e ao oeste deste, de mais solido terreno, o portuguez Antonio Rodrigues, e desceria de além, da altaneira serra da Paranapiacaba, João Ramalho, para ambos darem provas de alliança e hospitalidade ao capitão mór?

Estaria ainda em Cananéa, ao sul, o bacharel degredado que Martim Affonso encontrara fazia cinco mezes naquelle porto e com 30 annos de Brasil?

Encontraria ali outros portuguezes, segundo o que reza a carta annua de 1584, sob titulo - Informações do Brasil e das suas Capitanias -? (Rev. do Inst. Hist. T. VI, pgs. 404-433).

Que traços restariam nessas ribeiras vicentinas do modesto estaleiro de Gonçalo da Costa óra em Sevilha, e a serviço de Espanha, desse a quem Varnhagen identificou com o bacharel portuguez?

Para onde ficariam, essa "torre de defesa" contra os indios, as casas desse Gonçalo da Costa e de Antonio Rodrigues onde se abrigou o capitão Rojas da armada de Caboto, e formando esse povoado de que nos fala Alonso de Sta. Cruz?

Diz frei Gaspar da Madre de Deus que Martim Affonso em ahi chegando, e sabendo que na praia do Embaré não havia agua, foi levantar os alicerces da povoação para a praia de Itararé - ainda não caracteristicamente como hoje subdividida em duas praias -, talvez mais a meio da actual praia de S. Vicente, num sitio alguma cousa distante do Outeiro que a separa da praia do Tumiarú. -

Nesta outra praia de Tumiarú, ergueu Martim Affonso "hua casa para meter as velas e emxarcia", diz o Diario, que por sua vez nada revela a respeito do senhor dessas ribeiras - Antonio Rodrigues. Seria este para o capitão mór um grande auxiliar e precioso informante da terra vicentina, sem com isso querermos desmerecer os serviços de João Ramalho que acudindo do campo de serra acima, veio ao capitão portuguez assegurar o seu apoio e o do morubixaba Tibireçá.

Nesse littoral attrahiria a esse tempo Antonio Rodrigues, para entendimento e alliança, aos vizinhos tupininquins.

Nas areias da praia de Tumiarú, esta, de mais fundo que a actual de S. Vicente - foi como já dissemos, posta em seco a nau N.ª Senhora das Candêas para concerto das obras vivas; e na praia de S. Vicente - ainda não tão caracteristicamente destacada da de Itararé - havia de notar-se a faina de muitos homens da armada no erguerem a igreja dedicada á N.ª Senhora, a cadeia, o pelourinho,

a casa do Concelho, a fortaleza ou o fortim, se não melhorado o já ahi existente por essa epoca, como tambem as primeiras obras do bem publico da nova villa vicentina.

Não a esses dias e sim a pouco mais tarde, quando se accentuou a obstrucção do porto e a impossibilidade das maiores naus darem entrada nelle, parece referir-se a abertura da estrada que começava em S. Vicente "seguia pela praia de Itararé, continuava pela de Embaré e hia finalizar no sitio" onde ainda em 1797 "se notava o fórte da Estacada": segundo frei Gaspar, quasi defronte do rio Sto. Amaro da ilha do mesmo nome, ou no "Pontal da Trinxeira", (mappa 5, Collectanea Museo Paulista).

Ainda não se tinha a necessidade de conducção das cargas mais ou menos pesadas por terra, ou por mar em barcos ou canoas: aquella, feita ao longo das praias, esta, entrando francamente pela barra maior ou pela barreta, a alcançarem assim as tersenas do porto das Naus.

A gente lusitana entregue já a muitos trabalhos ahi se haveria tambem de encontrar, quando quinze dias corridos da chegada do capitão mór, entrava no porto a caravela Sta. Maria do Cabo por Martim Affonso mandada durante a travessia cabo de Sta. Maria - Cananéa ao porto dos Patos, para saber noticias dos do bergantim desgarrado naquella altura do Atlantico e quando todos os navios demandavam o rio de Sta. Maria.

Viria com ella o bergantim fabricado pelos portuguezes salvos e por mais 12 ou 15 castelhanos que "estavam perdidos" "havia muitos tempos" - diz o Diario - naquelle porto fronteiro á ilha de Sta. Catharina.

Passageiros da caravela recemvinda, tambem eram esses castelhanos, entre os quaes somos levado a crêr acharem-se o clerigo Diego Garcia e um tripulante abandonados nesta grande ilha, como tambem alguns dos 12 ou 15 espanhóes desprezados por Caboto em S. Vicente e logo passa-

dos a Cananéa. Desses, em numero de 5 ou 6 nos fala o Diario ao ali chegar Martim Affonso em 1531.

Tornaram-se elles os informantes do "muito ouro e prata que dentro no sartam havia", do ouro de que traziam amostras e de um sertão que sabiam longe.

Mais uma vez elles viriam justificar as informações dadas ao capitão mór por Enrique Montes, o seu melhor "tapejara" da terra do ouro e prata, presente aos primordios da villa affonsina, e quem, por certo, em muito havia concorrido para deixar no espirito de Martim Affonso as melhores esperanças no exito da expedição sertanista de Pero Lobo Pinheiro, partida de Cananéa para o Paraguai ou serra acima.

Seria por esses dias que pilotado por João Ramalho embarcaria em bergantim e bateis aligeros no porto de Tumiarú, com a sua gente militarizada, a subir esse braço do rio de S. Vicente para chegar ao largo do Caneú - "aquella bahia então d'agua salgada" - diz frei Gaspar, o que nos leva a considerar a extensão dos mangaes salgados formados pelas aguas oceanicas invadindo na preamar as terras baixas da ilha de São Vicente.

Nessa bahia ou largo do Caneú, que foi passagem para mais de dois seculos dos "moradores da marinha e de serra acima" - diz o mesmo frade escriptor, e "communicação para o lagamar de Santos, e portos a que chamavam "Cubatões", — iria aportar a expedição affonsina. Era ali então logo o porto das almadias — depois por Martim Affonso chamado de Santa Cruz e, mais tarde, conhecido por Porto Velho. Desse Piaçaguera se passava ao esteiro de João Ramalho.

Subindo pela garganta do rio Perekê que se ahi lança, galgada a serrania, passava a expedição ao campinho depois chamado do Gioapé até dar vista do Ponto Alto, - de 900 metros de altitude e 13 kilometros e meio longe do sopé do Cubatão -, e já sobre serra, iria com João Ramalho e

assim orientado, passada a zona da matta, a ganhar francamente a dos campos de Piratininga.

Era esse caminho pelo Cubatão galgado e vencido numa picada mui primitiva e escorregadia, da qual se serviram os indios e os portuguezes até 1560, quando deixou de ser praticada mais communmente pelos viajantes para ser de serventia da tropa ou do gado.

Chegado Martim Affonso com a sua valorosa gente aos campos de Piratininga, que gentio ali encontraria?

Nega Capistrano de Abreu que "os guayanazes, indios da lingua travada", existissem "em Piratininga, fóco exclusivo da lingua geral". Não deve assim ser retrato fiel de um goianá de sobre serra e sim de outro gentio - exceptuado no que se refere á linguagem - o que dá Gabriel Soares: "nada malicioso nem refalsado, antes simples e bem acondicionado, e facilimo de crêr em qualquer coisa"; homens de pouco trabalho, muito mollares; usarem lavoura, viverem da caça que matavam, do peixe que tomavam nos rios, e das frutas sylvestres; serem "grandes frecheiros e inimigos de carne humana"; não matarem os captivos, e se "encontravam gente branca não fazerem nenhum damno, antes bôa companhia". Como escravos pouco valerem: não saberem trabalhar porque folgasãos de natureza; e "a guerra", não a fazerem "a seus contrarios, fóra dos seus limites", nem os buscarem "nas suas vivendas", porque não sabiam "pelejar entre o mato, se não no campo aonde viviam e se defendiam com os seus arcos e flechas dos Tamoyos" que lhes vinham "fazer guerra"...; não viverem "em aldêas com casas arrumadas, como os Tamoyos, seus visinhos; mas em covas pelo campo debaixo do chão", aonde mantinham fogo noite e dia e repousavam "sobre camas de rama e pelles de alimarias"; terem "linguagem differente da dos seus visinhos", mas intelligivel "como a dos Carijós"; serem de côr e proporção de corpo como os

Tamoyos", e terem "muitas gentilidades, como o mais gentio da costa". (Trat. descriptivo. pg 99-100)

Assim, tidos deveriam ser os portuguezes como alliados por esses ou outros indigenas, que ajudariam a phalange lusa com João Ramalho e Tibireçá á frente, a fundar a villa de Piratininga - diz o Diario - nove leguas distante da villa ribeirinha de Sam Vicente.

Dessa fundação desapparecida e confusamente ligada ao local da de Sto. André ou da Borda do Campo, dessa villa de Piratininga, sabe-se, exageradamente parece, segundo o Diario, que Martim Affonso de Sousa ahi mostrou os primeiros zelos de colonizador fazendo nella officiaes, pondo "tudo em obra de justiça de que a gente tomou muita consolaçam:" e mais: de lhe ter dado como á villa de Sam Vicente, conforto moral e religioso, organizando leis e celebrando matrimonios; "dando-lhe a comunicaçam das artes" e a cada habitante, a garantia da propriedade e a de poder "investir ou vestir as enjurias particulares", concedendo-lhe todos os "bens da vida sigura e conversavel".

Antes de tal realizar, parece, porém não de todo determinar, reuniram-se "em conselho na primeira villa de "Sam Vicente, o capitão mór, os pilotos, os mestres" e demais homens a quem esse encargo competia na frota colonizadora.

Pelo voto dos vogaes do conselho, tomou o capitão mór a resolução de ordenar a partida das 2 naus para o Reino, attentos o mau estado dos navios, "o vencer soldo a gente do mar, e comer dos mantimentos da terra".

A nau Nª. Sª. das Candêas estava ainda em seco na praia de Tumiarú, mas o galeão S. Vicente presto se fez ao mar desferrando o fundo das aguas vicentinas a 22 de maio de 1532 sob o mando de Pero Lopes, em busca do porto do Rio de Janeiro, onde a nau retardataria já reparada vae avista-lo a 14 de julho desse mesmo anno.

Ficavam sómente agora no porto, a caravela *Sta. Maria do Cabo* e um bergantim, emquanto o capitão mór, entregue com zelo á sua missão colonizadora e christan, ia intensificando a agricultura, a pratica dos bons costumes, dando inicio ao seu primeiro engenho com capella, o qual o povo viria a conhecer não muito tempo depois pelo do Governador ou de S. Jorge.

Para a defeza das costas atlanticas, para acudir a rebates contra o indio adverso ou o corsario audaz, não lhe bastou torre ou fortim em *S. Vicente*; tambem cuidou da ilha Caiabê ou Gaiambé fronteira, onde ergueu trincheiras ou tranqueiras para o lado da Bertioga, ao depois substituidas por fortalezas á boca do canal dessa pequena barra da Bertioga chamada, e tanto na ilha de Sto. Amaro como no continente.

Mas para encetar com segurança a obra colonizadora tambem de outra providencia se valeu: qual a de doar terras, para o que estava auctorizado pela carta Regia de 22 de novembro de 1530, ás pessoas que quizessem viver no Brasil e no prazo maximo de dois annos soubessem aproveitar as que lhes eram dadas em sesmarias.

Duas doações officiaes dessa epoca se conhecem feitas por Martim Affonso, e que veem denunciar a estadia do capitão mór, serra acima, a 10 de outubro de 1532, como a 10 de fevereiro de 1533, no littoral da villa fundada de *S. Vicente*, e de regresso já da sua viagem aos campos de Piratininga.

Foi a primeira sesmaria concedida ao capitão Pero de Góes, de cujo punho, pensa Varnhagen, se veiu a ter o apographo do diario de Pero Lopes. Teve-a elle assignada tambem pelo escrivão Pero Capico e fez da mesma apresentação cinco dias após a assignatura della, dentro na fortaleza da ilha de S. Vicente.

> Reza esta escriptura da doação feita a Pero de Góes "das terras de Tecoapara e serra de Tapuritepera que está da banda de aonde nasce o sol, aguas vertentes com

o rio Geribatyba, o qual rio e as terras estão defronte da ilha de S. Vicente". Diz mais que: dessas terras com todas as suas entradas e sahidas, cabeças daguas e rios que nellas houvesse, com todas as suas confrontações se lhe desse posse, e mais, se as demarcasse, como o fez Pero Capico.

Era primeira testemunha desse acto, João Ramalho investido no cargo de capitão mór do Campo, e com a concessão de só elle ter resgate com os indios dos campos de Piratininga, não podendo por isso, lá irem mercar outros brancos com elles, salvo licença do capitão mór ou do seu loco-tenente, e esses mesmos por estes escolhidos entre os de "muita circumspeção" e "bem morigerados".

A 2.ª testemunha era Antonio Rodrigues, residente na praia de Tumiarú, proximo de onde se começariam a erguer as obras das tersenas da fronteira e futura ribeira das Naus.

A 3.ª testemunha era um homem d'armas de um dos navios da frota colonizadora de nome Pedro Gonçalves, cuja existencia em S. Vicente não deve ser confundida com a de Bartholomeu Gonçalves, official de ferreiro que bons serviços ahi teria prestado, a nos fiarmos da sesmaria que depois se lhe outorgou.

A outra doação feita a Ruy Pinto, em 28 de fevereiro de 1533, - tambem como Pero de Góes embarcado em um navio do capitão mór - comprehendia "as terras do porto das Almadias - (aonde se embarcam quando vão para Piratini" ou Piratininga "desta ilha de S. Vicente)" - porto, "que se chama Piacaba - ou Peaçaba" e que a esse tempo já se nomeava P o r t o d e S t a. C r u z. Diz ainda o citado documento:... "da banda do Sul partirá pela barra do Cubatão pelo porto dos Outeiros que estão na bocca da dita barra, entrando os ditos Outeiros, dentro nas ditas terras do dito Ruy Pinto. E dahi subirá direito para a serra por um lombo que faz para um valle, que está antre este lombo, antre a dita agua branca que cae dalto que chamão Ututinga - E

para se melhor saber este lombo, antre a dita agua branca por as ditas terras, não se mette mais de um só valle; e assim, irá pelo dito lombo acima, como dito é, até o cume da serra alta que vae sobre o mar. E pelo dito cume irá pelos outeiros escalvados, que estão no caminho que vem de Piratenin" (ou Piratininga) -; "e atravessando o dito caminho irá pela mesma serra até chegar sobre o valle da "Davagui", que é da banda do norte das ditas terras, onde as serras fazem uma differença por uma sellada que parece que fenece por ahi; a qual serra é mais alta que outra qua ali se ajunta com ella, que vem por riba do valle - Davagui -, (n) a qual aberta cae uma agua branca d'alto; e desta dita aberta da serra directamente ao Rio - Davagui - e pela veia da agua irá abaixo, até se metter no mar e esteiro salgados. As quaes terras lhe dou por virtude d'uma doação que para isso tenho d'elRei Nosso Senhor de que o traslado de verbo ad verbum é o seguinte: (Segue o Alvará de Castro Verde de 20 de novembro de 1530). "Em virtude da qual doação dou as ditas terras do dito Ruy Pinto, com todas as entradas e saidas, e rios, e veias d'aguas que nas ditas terras, dentro da sobredita demarcação houver, para serem para elle e para todos os seus descendentes forras e izentas, sem pagarem nenhum direito, sómente dizimo a Deus. E com condição que elle dito Ruy Pinto aproveite as ditas terras nestes 2 annos primeiros seguintes. E não o fazendo, as ditas terras ficarão devolutas, e para se nellas fazer o que bem parecer. E por esta mando que seja logo mettido de posse das dittas terras, e esta será registada no livro do tombo, que para isso mandei fazer. Dada na Villa de S. Vicente ao derradeiro dia do mes de fevr.ª - Pero Capigr.º, escrivão, a fez anno de 1533 - (ass. Martim Affonso de Sousa". (Extrah. da not. 31 1.º Tomo, pag. 440, da Hist. Geral do Brasil - da 1.ª ed., Varnhagen).

Celeres passar-se-iam os dias para os colonos portuguezes no trabalho intenso, ao correr do qual daria Martim Affonso muito do seu esforço por ver a sua obra dilatada e ennobrecida.

Seria porém, a sua mais bella esperança a do breve regresso da bandeira do capitão Pero Lobo Pinheiro. Talvez fosse ella portadora da nova descoberta das minas do Paraguai ou das que Solis em 1515, mandando os seus aventureiros galgarem "as espaldas de Castilla del Oro", esperava alcançassem já na região das ricas minas do Perú; para assim elle, capitão mór, iniciar para a corôa de Portugal a grande obra colonizadora, elevando o novo porto de S. Vicente, do - humilde porto de escravos então buscado - ao maravilhoso porto das Minas.

Nesse espaço de tempo em que se alternavam a expectativa do regresso dos expedicionarios e a preoccupação do constante trabalho, ancoravam inesperadamente em aguas vicentinas, duas caravelas largadas de Lisbôa ao mando de João de Sousa, o mesmo capitão que regressara de Pernambuco a Portugal em fins de fevereiro de 1531, numa nau franceza apresada e carregada de pau brasil, por ordem do nosso capitão mór.

Interrompiam neste o anseio da conquista, essas novas mensageiras da carta historica a elle dirigida por D. João III com data de 28 de setembro de 1532, carta pittoresca no estilo, sagaz na intenção e affectuosa no dizer.

"Martim Affonso amigo:"

"Eu El Rey vos envio muito saudar."

"Vi as cartas que me escrevestes por João de Sousa: e por elle soube da vossa chegada a essa terra do Brasil, e como ieis correndo a costa, caminho do rio da Prata; assim do que passastes com as naos francezas, dos corsarios que tomastes, e tudo o que nisso fizestes vos agradeço muito; e foi tão bem feito como se de vós esperava; e sou certo qual a vontade que tendes para me servir.

A nao que cá mandastes quizera que ficara antes lá, com todos os que nella vinham. Daqui em diante quando outras taes náos de corsarios achardes, tereis com ellas e com a gente dellas a maneira que por outra provisão vos escrevo.

Porque folgaria de saber as mais vezes novas de vós, e do que lá tendes feito, tinha mandado o anno passado fazer prestes um navio para se tornar João de Sousa para vós; e quando foi de todo prestes para poder partir, era tão tarde para lá poder correr a costa, e por isso se tornou a desarmar e não foi. Vai agora com duas caravellas armadas, para andarem comvosco o tempo que vos parecer necessario, e fazerem o que lhe mandardes.

E por até agora não ter algum recado vosso, do que no assento da terra, nem no rio da Prata tendes feito, vos não posso escrever a determinação do que deveis fazer em vossa vinda ou estada, nem cousa que a isso toque: sómente encomendar-vos muito que vos lembre a gente e armada que lá tendes e o custo que se com ella fez e faz: e segundo vos o tempo tem sucedido, e o que tendes feito ou esperardes de fazer, assim vos determineis em vossa vinda ou estada, fazendo o que vos melhor e mais meu serviço parecer; porque Eu confio de vós que no que assentardes será o melhor.

Havendo de estar lá mais tempo, enviareis logo uma caravella com recado vosso, e me escrevereis muito largamente todo o que até então tiverdes passado, e o que na terra achastes; e assim o que no rio da Prata, tudo mui declaradamente, para eu por vossas cartas e informações saber o que se ao diante deverá fazer. E se vos parecer que não é necessario estardes lá mais, poder-vos-eis vir; porque, pela confiança que em vós tenho, o deixo a vós; que sou certo que nisso fareis o que mais meu serviço fôr.

Depois da vossa partida se praticou se seria um serviço povoar-se toda essa costa do Brazil, e algumas pessoas me requeriam capitanias em terras della. Eu quizera, antes de nisso fazer cousa alguma, esperar por vossa vinda, para com vossa informação fazer o que me bem parecer, e que na repartição que disso se houver de fazer, escolhaes a melhor parte. E porem porque depois fui informado que de algumas partes faziam fundamento de povoar a terra do dito Brazil, a considerando Eu com quanto trabalho se lançaria fóra a gente que a povoasse, depois de estar assentada na terra, e ter nella feitas algumas forças (como já em Pernambuco começavam a fazer, segundo o conde da Castanheira vos escreverá) determinei de mandar demarcar de Pernambuco até o rio da Prata cincoenta legoas de costa a cada capitania, e antes de se dar a nenhuma pessoa, mandei apartar para vós cem leguas, e para Pero Lopes, vosso irmão, cincoenta, nos melhores limites dessa costa, por parecer de pilotos e de outras pessoas de quem se o Conde, por meu mandado, informou; como vereis pelas doações que logo mandei fazer, que vos enviará; e depois de escolhidos estas cento, e cincoenta leguas de costa para vós e para vosso irmão, mandei dar a algumas pessoas que requeriam Capitanias de cincoenta leguas cada uma; e segundo se requerem, parece que se dará a maior parte da costa; e todos fazem obrigações de levarem gente e navios á sua custa, em tempo certo, como vos o conde mais largamente escreverá; porque elle tem cuidado de me requerer vossas cousas, e Eu lhe mandei que vos escrevesse.

Na costa da Andaluzia foi tomada agora pelas minhas caravellas, que andavam na Armada do Estreito, uma nao franceza carregada de brazil e trazida a esta cidade; a qual foi de Marselha a Pernambuco" - (a nau "La Pèlerine") - "e desembarcou gente em

terra, a qual desfez uma feitoria minha que ahi estava, e deixou lá setenta com tenção de povoarem a terra e de se defenderem. E o que Eu tenho mandado que se nisso faça, o mandei ao Conde que vol-o escrevesse, para serdes informando de tudo o que passa e se ha de fazer; e pareceu necessario fazer-vol-o saber, para serdes avisado disso, e terdes tal vigia nessas partes, por onde andaes, que vos não possa acontecer nenhum mao recado; e que qualquer força ou fortaleza que tiverdes feita, quando nella não estiverdes, deixeis pessoa de que confieis, que a tenha a bom recado; ainda que Eu creio que elles não tornarão lá mais a fazer outro tal; pois lhe esta não succedeu como cuidavam.

E mui declaradamente me avisai de tudo o que fizerdes; e me mandai novas de vosso irmão, e de toda a gente que levastes; porque com toda a bóa que me enviardes, receberei muito prazer.

Nota. Pero Anriques a fez em Lisbôa aos 28 de Setembro de 1532 annos (assi) Rey. (- Dist. Gen. da Casa Real Port. - Vol. VI, pg. 318-319 - ou Hist. Col. Port. graphia moderna).

Seriam de um grande interesse para a politica internacional, a par da singular significação para Martim Affonso de Sousa, essa missiva regia e a carta ou cartas que lhe dirigia por essa epoca o seu talvez, por afastado, amigo e protector junto a D. João III, D. Antonio de Attayde, Conde da Castanheira.

Viria esta correspondencia official e particular esclarecer nas estrelinhas ao capitão mór, segredo dos bastidores politicos da côrte, os quaes, se nos escapam no que se refere a certos aspectos pessoaes, todavia se affirmam, em outras passagens, na politica internacional portugueza de represalia evidente ao norte do Brasil contra os corsarios

da França mal orientada por Francisco I e ao sul, mais veladamente, contra os aventureiros da Espanha, esta já no caminho do seu magnifico Renascimento. Attingia a nação espanhola este surto glorioso que ligado ao poder pessoal do rei, deveria de concorrer para Portugal não ousadamente tentar dividir do primeiro golpe, as terras brasileiras entre o rio da Prata ao sul e o mar Dulce ao norte, em Capitanias ou feudos, mas antes dando-lhes por extremos ao norte, terras do Maranhão, e ao sul, as da Laguna.

A missiva regia porém, ainda mantinha o desejo de ser envolvido nessa divisão o rio de Sta. Maria ou da Prata, como linde meridional e quando já não seria ignorada pelos estadistas portuguezes e espanhóes, a viagem de Diogo Leite ao extremo septentrional do Brasil (carta de Lopo de Furtado - 10 set.° 1531).

Ao fazer a leitura da carta de D. João III, o nosso illustre capitão mór, mercê da ambição de completar o estabelecimento das villas que havia fundadas na terra vicentina, de aguardar o regresso da expedição de Pero Lobo Pinheiro, de promover o antigo porto de escravos a opulento porto das Minas, - haveria de ter o seu espirito, entre o interesse pessoal e os augurios da gloria, inclinado á partida para Lisbôa, onde a sua presença junto á côrte e ao rei influiria na divisão premeditada das terras que elle, Martim Affonso reconhecera, reconquistara ou mandara conquistar.

Era-lhe essa divisão dilineada e annunciada por D. João III, disposto a escutar-lhe a palavra sensata sobre este assumpto. Trazia-lhe ella a narrativa da permanencia de francezes ao norte, os quaes, aproveitando-se da ausencia de Martim Affonso ao sul, haviam destruido uma feitoria portugueza, nella carregando uma nau de pau brasil e deixando nessa terra pernambucana parece, setenta homens na construcção de um fortim ou feitoria.

Dessa nau franceza - La Pèlerine - assim conhecida em chronicas da epoca, narrava a missiva regia o que

lhe acontecera em chegando ás costas da Andaluzia, nau que Antonio Correa apresara da maneira por que tratámos em outros capitulos.

Da feitoria ou fortim francez batido e tomado, em Pernambuco, não essa carta mas João de Sousa, commandante das duas caravelas que óra aferravam o novo porto de S. Vicente, após terem provavelmente tocado em aguas pernambucanas, lhe haveria de narrar que já a bandeira lusitana refluctuava naquelle sector da "costa do pau brasil" reconquistado pela bravura de Pero Lopes quando de regresso a Portugal. Data desta epoca o ficar investído no commando do forte, Vicente Martins Ferreira e no posto de bombardeiro, Diogo Vaz.

Não traria João de Sousa outras noticias do valoroso irmão de Martim Affonso: porque, tendo partido as duas caravelas de Lisbóa nos ultimos dias de setembro ou nos primeiros de outubro de 1532, não houve elle vista de Pero Lopes no mar alto em que se cruzariam nas suas navegações, e muito menos, no porto de Pernambuco, onde jamais poderiam, entrando-se em conta com essa differença de datas, ter possivel encontro.

E' claro o que affirmámos neste passo: Pero Lopes, de regresso a Portugal, avistou a ilha de Santo Aleixo a 4 de agosto de 1532, e, depois de combater francezes, deixou a costa de Pernambuco a 4 de novembro desse mesmo anno. Traria então João de Sousa um mez e poucos dias de viagem e não se poderiam avistar nas aguas do Atlantico, porque a derrota de regresso feita por Pero Lopes, como vimos no capitulo precedente e mappa 11, jamais poderia ser em sentido opposto á que fizera João de Sousa para demandar aguas pernambucanas.

Pero Lopes em sua navegação descahiria com a corrente para o noroeste a passar entre os meridianos 35.º e 40.º, e João de Sousa valendo-se dos aliseos, haveria de estar, quando se cruzassem no Atlantico, entre os meridia-

nos de 20.º e 30.º referidos tambem a Greenwich nas nossas cartas.

Mas se Martim Affonso outras noticias do seu irmão não tinha com os recem chegados, acolhia umas tambem muito gratas ao seu sentimento de bom patriota: as dos combates gloriosos em que se houve Pero Lopes para elevar-lhes o nome de prestantes capitães.

E dentro nesse orgulho havia de elle proprio presentir a missão de chefe cumprida, se bem que entre o interesse pessoal a dizer-lhe que partisse e um novo anseio de glorias a que ficasse. Mas serviam de justificar a opportunidade da partida, afóra o da ausencia maior de dois annos que vinha tendo da Patria, a annunciada divisão da terra que reconhecera ou conquistara e a desesperança talvez já do retorno da bandeira de Pero Lobo Pinheiro, partida para dezoito mezes pessados, sem annuncio de regresso ou de vida, e excedendo oito mezes o prazo marcado pelo guia Francisco de Chaves para a tornada á costa vicentina ou ás terras de Cananéa.

Previdente, armou o capitão mór, por essa epoca, uma nova expedição sertanista e militar, tendo por capitães Pero de Góes e Ruy Pinto, e mandou-a em soccorro da outra retardada na arrojada missão. E com o proposito de que a semente lançada em terra fecunda para sempre fructificasse, deixou a João Ramalho, sobre serra, no cargo de capitão mór da bórda e d'além do campo, e onde a formação do mameluco na villa serrana fundada era segura garantia da futura epopéa bandeirante luso-brasileira.

Vinte annos depois, Thomé de Sousa ao fundar a villa de Sto. André, faria capitão della, a esse mesmo "Johão Ramalho, naturall do termo de Coimbra, que Martim Afonso ya achou nesta terra quando cá veyo." De Ramalho ainda diria Thomé de Sousa ao rei de Portugal: ter "tantos filhos e netos, bisnetos e descendentes," que não ousava communicar-lho; assim como não mostrar "cãa na cabeça nem no rosto", e ser ainda tão fórte, que andava "nove leguoas a

pé antes de yantar"... (carta de Thomé de Sousa, 1-6-1533).

Serra abaixo, a villa de S. Vicente, ficaria a cargo do padre Gonçalo Monteiro, e como centro de irradiação colonizadora baseada nos alicerces da religião de Christo.

Esta villa ribeirinha ao mar seria o berço do novo Brasil, para cuja fundação o bravo capitão mór e tantos heróes e soldados do trabalho honesto concorreram, mas que as chronicas esqueceram ou que o assalto dos castelhanos de Iguape fizeram desapparecer em roubos e incendios, como tambem os corsarios do mar que a saltearam.

Daquelles afóra o bacharel, como se sabe, ora em S. Vicente, ora em Cananéa, merecem principal relevo Antonio Rodrigues, João Ramalho, Pero de Góes da Sylveira, Padre Gonçalo Monteiro, Ruy Pinto, Francisco Pinto, Antonio Rodrigues de Almeida, Pero Capico, Jorge Pires, Pedro Collaço, padre Pedro Correa, Jorge Ferreira, Luiz de Góes, Bartholomeo Gonçalves, Domingos Leitão, Gonçalo Affonso, Jeronymo Rodrigues, Belchior de Azevedo, Enrique Montes, sem contarmos muitos outros, testemunhas ou fundadores das duas villas affonsinas. A taes povoadores por dever de justiça devemos tambem juntar os 15 castelhanos tomados no porto dos Patos com os portuguezes naufragos do bergantim desgarrado e trazidos como passageiros da caravela Sta. Maria do Cabo, em 1532.

Quantos homens teria trazido então Martim Affonso, no povoar as duas villas?

Diz o Diario que em vesperas da partida da armada do rio de Janeiro para o sul, havia elle tomado abastecimento para os seus 400 homens e por prazo de 1 anno. (julho, 1531).

Era nessa occasião a força naval de Martim Affonso composta da nau Capitanea, de nau Nª. Sª. das

Candêas, do galeão S. Vicente, da caravela Sta. Maria do Cabo e de dois bergantins armados naquella formosa bahia.

Parecerá esse numero de homens excessivo a um estudioso do Diario, sabendo-se ser esse o numero de embarcadiços que trazia a armada, de Portugal, e mais de ter sido esta desfalcada em Pernambuco das duas caravelas - Rosa e Princeza sob o mando de Diogo Leite; de se assignalar o desgarro da nau S. Miguel commandada por Heitor de Sousa, na altura, parece, da bahia da Traição. e com provavel regresso a Portugal; de haver partido dessa mesma costa, do porto de Pernambuco para o Reino, uma nau franceza apresada, capitaneada por João de Sousa; de deixar enfermos na feitoria do rio de Pernambuco, pouco antes abandonada por Diogo Dias, e de morrerem afogados alguns dos seus homens na barra do arrecife.

Mas acceitando que ao partir de Pernambuco para a Bahia de Todos os Santos com a acquisição dos francezes das naus apresadas; na Bahia, com a dos tripulantes da caravela Sta. Maria do Cabo e com a gente já embarcada na Capitanea, no galeão S. Vicente e na nau apresada Nª. Sª. das Candêas, se podesse ter a força naval constituida de 400 homens; e sabendo-se que o capitão mór deixara em Cananéa, 81 tripulantes (1 capitão e 80 besteiros e espingardeiros); que morreram 7 homens no naufragio da Capitanea, no rio da Prata; que recebera 15 castelhanos em S. Vicente tomados no porto dos Patos pela caravela Sta. Maria do Cabo; que havia encontrado na terra vicentina Antonio Rodrigues, João Ramalho e talvez já regressado de terras de Cananéa o bacharel, afóra um ou outro colono; chega-se a suppor que teriam andado por ahi na fundação das duas villas, principalmente durante o curto espaço de quatro mezes, cerca de tres centenas de homens.

pé antes de yantar"... (carta de Thomé de Sousa, 1-6-1533).

Serra abaixo, a villa de S. Vicente, ficaria a cargo do padre Gonçalo Monteiro, e como centro de irradiação colonizadora baseada nos alicerces da religião de Christo.

Esta villa ribeirinha ao mar seria o berço do novo Brasil, para cuja fundação o bravo capitão mór e tantos heróes e soldados do trabalho honesto concorreram, mas que as chronicas esqueceram ou que o assalto dos castelhanos de Iguape fizeram desapparecer em roubos e incendios, como tambem os corsarios do mar que a saltearam.

Daquelles afóra o bacharel, como se sabe, ora em S. Vicente, ora em Cananéa, merecem principal relevo Antonio Rodrigues, João Ramalho, Pero de Góes da Sylveira, Padre Gonçalo Monteiro, Ruy Pinto, Francisco Pinto, Antonio Rodrigues de Almeida, Pero Capico, Jorge Pires, Pedro Collaço, padre Pedro Correa, Jorge Ferreira, Luiz de Góes, Bartholomeo Gonçalves, Domingos Leitão, Gonçalo Affonso, Jeronymo Rodrigues, Belchior de Azevedo, Enrique Montes, sem contarmos muitos outros, testemunhas ou fundadores das duas villas affonsinas. A taes povoadores por dever de justiça devemos tambem juntar os 15 castelhanos tomados no porto dos Patos com os portuguezes naufragos do bergantim desgarrado e trazidos como passageiros da caravela Sta. Maria do Cabo, em 1532.

Quantos homens teria trazido então Martim Affonso, no povoar as duas villas?

Diz o Diario que em vesperas da partida da armada do rio de Janeiro para o sul, havia elle tomado abastecimento para os seus 400 homens e por prazo de 1 anno. (julho, 1531).

Era nessa occasião a força naval de Martim Affonso composta da nau Capitanea, de nau Nª. Sª. das

Candêas, do galeão S. Vicente, da caravela Sta. Maria do Cabo e de dois bergantins armados naquella formosa bahia.

Parecerá esse numero de homens excessivo a um estudioso do Diario, sabendo-se ser esse o numero de embarcadiços que trazia a armada, de Portugal, e mais de ter sido esta desfalcada em Pernambuco das duas caravelas - Rosa e Princeza sob o mando de Diogo Leite; de se assignalar o desgarro da nau S. Miguel commandada por Heitor de Sousa, na altura, parece, da bahia da Traição. e com provavel regresso a Portugal; de haver partido dessa mesma costa, do porto de Pernambuco para o Reino, uma nau franceza apresada, capitaneada por João de Sousa; de deixar enfermos na feitoria do rio de Pernambuco, pouco antes abandonada por Diogo Dias, e de morrerem afogados alguns dos seus homens na barra do arrecife.

Mas acceitando que ao partir de Pernambuco para a Bahia de Todos os Santos com a acquisição dos francezes das naus apresadas; na Bahia, com a dos tripulantes da caravela Sta. Maria do Cabo e com a gente já embarcada na Capitanea, no galeão S. Vicente e na nau apresada Nª. Sª. das Candêas, se podesse ter a força naval constituida de 400 homens; e sabendo-se que o capitão mór deixara em Cananéa, 81 tripulantes (1 capitão e 80 besteiros e espingardeiros); que morreram 7 homens no naufragio da Capitanea, no rio da Prata; que recebera 15 castelhanos em S. Vicente tomados no porto dos Patos pela caravela Sta. Maria do Cabo; que havia encontrado na terra vicentina Antonio Rodrigues, João Ramalho e talvez já regressado de terras de Cananéa o bacharel, afóra um ou outro colono; chega-se a suppor que teriam andado por ahi na fundação das duas villas, principalmente durante o curto espaço de quatro mezes, cerca de tres centenas de homens.

Mas partindo Pero Lopes deste porto a 22 de maio de 1532 no galeão S. Vicente e tempos depois a nau N.ª S.ª das Candêas, vimos a saber ter elle feito alardo da sua gente na bahia de todolos Santos, e não encontrando em ambas as naus mais de 53 homens destinados ao combate ou gente d'armas - afóra certamente a gente do mar -, póde-se chegar á conclusão de que ao partir Martim Affonso nas duas caravelas, deixara nas duas villas fundadas cerca de uma centena de pessoas entregues á obra colonizadora do Brasil meridional.

Parte o capitão mór com a monção de março, -, talvez a 4 de março de 1533, segundo frei Gaspar da Madre de Deus -, de regresso á Lisbôa.

Despede-se elle da vista, mas não para sempre do coração, desse berço da nacionalidade brasileira, para levar pouco depois o seu sonho de gloria a mais longe, ás terras e aos mares da India, e realizar feitos guerreiros de intrepido lusiada.

Mas antes de aportar á terra portugueza tudo faz naturalmente suppór o haver tocado em portos do Rio de Janeiro, da Bahia e de Pernambuco, em cuja feitoria se haveria de certificar dos combates do seu valoroso irmão. Estaria já a nova fortaleza lusa ao mando de Paullos Nunes, recemchegado a bordo da caravela - Espera - da armada de Duarte Coelho em missão de guarda-costas no Atlantico e de seguro comboio ás naus da India e do Brasil. (Vide Documentos)

Da derrota do capitão mór pelo oceano a caminho da Europa, pouco se veiu a saber, uma vez que o - Epitome da vida - de Martim Affonso se perdeu no incendio da Bibliotheca dos Condes de Vimieiro e a sua "Brevissima e Sumaria Relaçam" silencia este passo. Mas, sabe-se, como noticia colhida em missiva regia, datada de Evora, a 6 de julho de 1533 (Frei Luis de Sousa - Annaes de D. João III Doc. e Mem pg. 378), que, em chegando ás

ilhas Terceiras, ahi encontrou a Duarte Coelho - o valoroso filho de Gonçalo Coelho, sem justo motivo dado por Medina, como o bacharel de Cananéa... Commandava o futuro donatario da Capitania de Pernambuco uma armada de sete navios e tinha sob o seu comboio uma força naval de quatro naus mandadas pelo capitão mór Antonio Saldanha, e á qual Martim Affonso aggregou as suas duas caravelas.

Treze navios velejaram então reunidos e vieram aferrar o porto de Lisbôa, talvez em agosto de 1533.

Andara assim ausente Martim Affonso de Sousa cerca de dois annos e meio das terras da Patria, e ao pisalas, de novo, era-lhe portador de alguns feitos illustres que iriam determinar a formação do Brasil. -

---

CAPITULO IX

REGRESSO DE MARTIM AFFONSO
PORTUGAL DE 1530 a 1535

CAPITULO IX

REGRESSO DE MARTIM AFFONSO PORTUGAL DE 1530 a 1535

CAPITULO IX

REGRESSO DE MARTIM AFFONSO
PORTUGAL DE 1530 a 1535

Ancoradas em aguas tejanas as caravelas de retorno do Brasil e ao mando de Martim Affonso, revia o nosso glorioso capitão mór a Lisbôa quinhentista, abarrotada de riquezas e especiarias do Oriente e empolgada pelos "fumos da India". Ainda dentro nesse periodo feliz dos vinte primeiros annos do reinado de D. João III se achava Portugal, não vendo o povo - como diz o Conde de Ficalho - ou não podendo vêr ou mesmo suspeitar dos prenuncios de decadencia da grande nação maritima.

> "A febre da India estava no seu auge. A riqueza ou pelo menos as suas manifestações exteriores, a pompa e o luxo, augmentavam. E a sêde de gosos materiaes, as visões vagas do longiquo Eldorado, perturbavam mais do que nunca os espiritos"
>
> "Portugal ainda possuia em Africa: Tanger, Ceuta, Arzila com Çafim e Azamor sobre o Atlantico; as ilhas oceanicas que descobrira; a costa da Malagueta; S. Jorge da Mina; o Congo; na America, as terras de Sta. Cruz; o oriente semeado de fortalezas desde Sofala em Africa até Paçem, em Sumatra" e officialmente desde 1529, pelo tratado de Saragoça, se tinha por absoluto senhor dessas Molucas das Especiarias.
>
> "Maquina grande", dizia Frei Luiz de Sousa, e bem necessitada de um valoroso e sabio governador",

ao tempo tambem em que o advento da Reforma de Luther já ia minando as nações christans, levando mesmo o povo

portuguez a reclamar de D. João III como em Espanha, a perseguição dos judeus, o Tribunal da Fé.

Nem outro fim teve senão o de renovar esse pedido junto ao Papa, a ida de Luiz Affonso a Roma em 25 de setembro de 1531 e, um anno depois, a missão de D. Martinho de Portugal, na armada de Antonio Correa empenhada ainda com o proprio bispo, no aprisionamento da nau "La Pèlerine", nas costas da Andaluzia.

Portugal devera muito, na sua inicial phase de renascimento, aos judeus, como aos primeiros mercadores que animaram com os seus capitaes o intercambio dos productos originarios do novo mundo com o velho mundo conhecido. Depois os Fuggers, os Marchiones, os Welsers, Cristoval de Haro e outros mais tomando habilmente o monopolio das especiarias e demais productos, vieram a favorecer o momento para ordenar D. João III a perseguição aos hebreus e christãos novos.

A feitoria da Flandres fôra uma criação resultante da participação estrangeira no dominio economico de Portugal aos poucos avassallado de compromissos e dividas, que precipitaram por fim a derrocada do credito da nação em outras praças da Europa.

Mas o povo ainda pouco enxergando nos acontecimentos politicos, entre a aventura e o sentimentalismo, comprazia-se na sua Lisbôa, em admirar a Rua Nova dos Mercadores na qual passeiavam os capitães enriquecidos na India, vestidos de seda, com espadas roçagantes, plumas ao vento; e onde se mostravam lojas de commercio para a venda dos pannos de seda do Oriente, das porcellanas finissimas, dos marfins trabalhados, das perolas da Costa da Pescaria...

Cruzavam com elles nessa orgulhosa rua da Renascença, os mercadores da Flandres, da Italia, da França, da Inglaterra, desembarcados na Ribeira das Naus, com o producto das suas industrias transportadas nos bojos das urcas e galeões. Eram esses mercadores tambem avidos das especiarias do oriente, das quaes a nau da India era tida

por mensageira mercantil, quando não desapparecida em naufragio ou batida e apresada pela nau da França.

Revêr a sua saudosa Lisbôa, entrar novamente na côrte festejado após tão grande empreza, seria então para Martim Affonso uma justa recompensa aos seus arduos trabalhos, longe da Patria. Mas penetrar a politica internacional que se desenhava nesse momento historico, seria fazer um estudo da situação de Portugal em face da França e da Espanha, ou do momento europeu. A tanto fôra levado o nosso heróe e será levado o nosso leitor.

Era a França governada por Francisco I. desde que este tomando o titulo de duque de Milão e ferindo a batalha de Marignan - a batalha dos Gigantes -, fôra armado cavalleiro por Bayard no campo da guerra. Alto de talhe, gentil, galante e amoroso, "avec ses yeux bridés et son nez trop fort", era elle um rei amante das artes, dos combates e das mulheres, e personificava essa phase da Renascença Franceza numa vida mixto de fausto e goso, bom gosto e polidez. Não fosse elle o introductor das damas na côrte de França, pois dizia "que uma Côrte sem damas, era um anno sem primavera e uma primavera sem rosas".

Protector de Rabelais; fundador do Collegio de França; amigo da fina flôr do Renascimento italiano cujos mais altos valores estimou em Andréa del Sarto, Vignuola. Benevenuto Cellini e Leonardo da Vinci - de quem adquirira até a obra prima - a Gioconda - para o Museu do Louvre; senhor dos castellos de Chambord, de Saint-Germain, de Villas - Cotterets e de Fontainebleau; amante da bella Madame de Chateaubriand, da Mademoiselle d'Heiley, - futura duqueza de Etampes - e de outras lindas mulheres do seu tempo; aventureiro nas suas campanhas de guerra e na sua politica interna e externa, é elle quem em paiz de solidas tradições christans age desavisadamente alliando-se aos protestantes prégadores da Reforma desde 1517, e aos turcos que Soliman, o Magnifico, ostentosamente

governava. Não fôsse rival de Carlos V e premeditasse vinganças de quem, pelo tratado de Madrid em 1526, ficara prisioneiro até trocar a sua liberdade pela prisão como refens, dos seus filhos, e pelo casamento com D. Leonor, irman do rei espanhol e viuva de D. Manuel, de Portugal.

Este tratado de Madrid marca para o rei francez, ora a esperança de uma magnifica desforra nos campos de batalha ou nas aguas oceanicas semeadas de corsarios da França, ora a desillusão da represalia habilmente disfarçada pelo seu humour intelligente, tão proprio da fina raça franceza.

Em tudo isto porém elle enxergava Portugal e Espanha unidos contra a França e dividindo entre si o mundo conquistado e por conquistar; e então, a pretexto de se fazer o defensor da liberdade dos mares, intensificava a acção do corso francez em pleno oceano ou em mares ribeirinhos ás duas nações, e com subtileza e felonia aparava os golpes da diplomacia iberica, para desferir os seus, nem sempre com o mesmo alcance e felicidade.

Frisemos desses os que sobre a politica dessas nações tiveram importancia capital dentro no periodo a que nos havemos de ater.

A partida de Martim Affonso a 3 de dezembro de 1530 para o Brasil, succedendo á politica já inaugurada nesse sentido, accentua ainda mais a firme acção official do governo portuguez com investir D. Antonio de Attayde no cargo de seu embaixador junto a Francisco I, e na empreza de conseguir a cassação das cartas de marca passadas a favor do typo mais representativo de armador do corso francez na costas normandas -: João Ango.

Fructo dessa missão diplomatica veiu a ser em meados de 1531, o accordo que se fez em Fontainebleau, tendo como vogaes e conselheiros o mesmo D. Antonio de Attayde e Gaspar Vaz, por parte de Portugal, e o cardeal Sans, o Se-

nhor de Montmorency e o almirante Chabot de Brion, por parte da França.

Por este accordo annullavam-se todas as cartas de marca e represalia até então concedidas, e acceitava-se, entre outros compromissos, o de no caso de "queixas e requerimentos de novas cartas", fazer-se a nomeação de dois juizes que, em caso de recurso e appellação, seriam augmentados de um terceiro, dado pelo Summo Pontifice.

A 3 de agosto desse mesmo anno e apparentemente justificando esse accordo, mandava Francisco I que por provisão real se lançasse prégão pelos portos de mar "para que nenhum vassallo fosse a contratar a terras da conquista del Rey de Portugal sob pena de confiscação de bens e pessoas". (Frei Luiz de Souza - Annaes de D. João III Liv.° 5).

Emquanto era motivo de assignar-se esse tratado - e por não confiar no rei francez e nos francezes, uma vez que acabava de chegar apresada a Rouen uma urca portugueza vinda da Flandres, carregada de assucar e tida como presa em alto mar, - D. Antonio Attayde agia pelo suborno, pagando 10.000 cruzados por conta dos 60.000 francos dispendidos por João Ango no apparelhamento de uma expedição corsaria. Fôra esta auctorizada pela carta concedida ao dito armador por Francisco I, e extendia-se tambem o suborno ao almirante Chabot de Brion, a quem o embaixador portuguez offerecera igual quantia para que jamais permittisse o despacho de navios do corso para a Malagueta e o Brasil. (Idem, Liv.° 5.°) Era este documento datado de 6 de setembro de 1531, talvez já quando D. João III pela nau de João de Sousa tendo noticias do apresamento de naus francezas no Brasil, e na expedição de Martim Affonso, providenciava para que não circulasse em França tão alarmante noticia. Entretanto, a represalia disfarçada do corso francez não adiava a sua acção vigorosa, já no "triangulo" maritimo no Atlantico, já nas costas do pau brasil para onde partira de Marselha em dezembro

de 1531 por ordem do almirante barão de Saint Blancard, a nau - La Pèlerine - e cujos feitos ao longo da costa de Pernambuco já tratámos no capitulo VIII deste trabalho.

De regresso a nau á Europa, foi esta apresada pela armada de Antonio Correa, nas costas da Andaluzia, e enviada a Lisbóa ainda em 1532, conforme ao que no mesmo capitulo narrámos.

Dahi o porfiarem os portuguezes cada vez mais na policia do oceano sulcado pela navegação da India, da Africa e do Brasil, como tambem na dos mares algarvios e pernambucanos; e nestes accentuadamente com a acção de Pero Lopes e de Martim Affonso, de 1531 a 1533. Pero Lopes tanto nas costas portuguezas como brasileiras obtivera victorias assignaladas. Martim Affonso apresara com seu irmão tres naus ao chegar ao Brasil, e quando de regresso em 1533, com as suas 2 caravelas, ainda nos facilitava o conhecimento de como se fazia esta policia do oceano: pois tocando nas ilhas Terceiras, ahi vem a encontrar a Duarte Coelho de volta do cruzeiro até a costa da Malagueta com 7 velas, e no comboio das naus da India, ou nesse instante, dos 4 navios do capitão mór Antonio Saldanha. (Idem - Carta de D. João III - 6-7-1533).

Nesse comboio regressando Martim Affonso a Portugal devia tambem saber qual a acção pertinaz do embaixador portuguez na França, para vencer por qualquer forma, mesmo pelo suborno tão de uso entre os homens do Renascimento.

Assim, pelo tempo da viagem de Bernaldim de Tavora á França, já neste paiz e com esses propositos se achavam João Vaz de Caminha e Gaspar Palha; e em elle ahi chegando mostrava a missão de entender-se com Honorato de Caix, para estorvar concessões de novas cartas de marca, ainda que preciso fosse "comprar as partes ou fazer concerto com ellas." Traria principalmente em mira: entrar em relações com o grande chanceller - o cardeal Sans -, o grão mestre de Montmorency, e o almi-

rante Chabot de Brion, para cada um dos quaes tinha auctorização de dar 4.000 cruzados annualmente ou mesmo mais, se o quizessem; tratar com Francisco I. - como cousa sua - e no caso, dando a sentir o seu pensamento que não convinha suppuzessem o de D. João III; aguardar a chegada de André Soares portador dos 12.000 cruzados precisos, ou talvez em logar delle, do feitor da Flandres, Jorge de Barros.

Por um ou outro entregues, o certo é que, breve, Bernaldim de Tavora os tinha em seu poder, e os distribuia no maior quinhão de 6.000 cruzados ao almirante Chabot de Brion, e em dois menores, de 3.000 a cada um dos cumplices: o chanceller Cardeal e o grão mestre de Montmorency. E não contente deste suborno satisfactoriamente realizado, fiscalizava ainda a espionagem mantida pela côrte de D. João III no proprio paço francez, onde assistiam uma irman do grão mestre de Montmorency e a "Tinoca", mulher portugueza, como "criada da Rainha". (Annaes D. João III - Inst. dadas a B. Tavora - 15-12-1533).

Para manter esta espionagem e o suborno constantes havia-se mister de dinheiro ainda trazido secretamente da feitoria da Flandres, talvez em 1534, por um Ruy Fernandes, para ajudar Tavora a praticar "o negocio das marcas".

Seria por esse tempo que D. João III carteando-se com Francisco I. - quando 6 a 7 naus francezas haviam sido sequestradas por portuguezes - dizia: que no mar tinham já os francezes tomados 350 navios seus e dos seus subditos e, não sabia elle "como aviamos de ser grandes amigos, andando os nossos vassalos em continuas pelejas"; e "como seria se elle", Francisco I, "isto não emendase". (Annaes D. João III. Carta - 1-1-1534).

Pareciam taes avisos preoccupar de pouco o rei francez, então responsavel, em paiz christão como a França de favorecer a propaganda da "Reforma" alastrada em certos paizes da Europa desde 1517; e certamente por elle acceita para satisfazer o esperado momento da vindicta contra o

rei espanhol. Desenha-se essa sua politica insincera e opportunista, com se unir aos protestantes pela Liga de Smalkalde, com Henrique 8.º, assim como com Gustavo Vasa, rei da Suecia, e Solimão, o Magnifico, imperador de Constantinopla.

Carlos V, mais habil e favorecido que o seu rival, buscava a alliança da Christandade e provocava assim, no scenario europeu, os prodromos de uma guerra religiosa contra os inimigos do Catholicismo.

Antes de lá chegarmos, porém, após termos esboçada a politica, de 1530 a 1535, entre Portugal e a França, devemos, para melhor encaminhamento do assumpto, relembrando ainda uma vez a partida da armada de Martim Affonso de Sousa para o Brasil, fixar a politica que o Portugal de D. João III veiu mantendo até esta data com a Espanha aventurosa e opulenta de Carlos I.

Deixemos rapidamente assignalado o periodo espanhol de 1520 a 1529 - em que se esbate a figura de Carlos V, inimigo de Francisco I já a querer realizar o sonho de Carlos Magno ou o de rei do Universo. E' este periodo iniciado, já Carlos I, Carlos V da Allemanha, com a invasão da França, na qual se houve tambem como prestante cavalleiro d'armas Martim Affonso de Sousa, nas hostes victoriosas da Espanha, orgulhosa de impôr em 1526 a Francisco I o tratado de Madrid. Desse lance feliz para Carlos V, surgem vantagens ou consequencias importantes para a politica européa; taes como: aprisionamento de Francisco I, mais tarde liberto sob a garantia de dar como refens os seus dois filhos; alargamento do poder espanhol na Europa, a par da conquista do Eldorado do Novo Mundo; obrigação do rei vencido de abandonar as pretensões que nutria sobre Napoles e o Milanez; regulamento dos bens do Condestavel de Bourbon; obrigação de Francisco I casar-se com a irman do rei espanhol - D. Leonor, viuva de D. Manuel, o venturoso, de

Portugal; alliança de Francisco I com Henrique 8.º da Inglaterra; campanhas na Italia, sitio de Roma; assignatura do Tratado de Cambrai - a paz das Damas - negociado por Margarida d'Austria e Luiza de Saboia, pelo qual ficaria o rei francez com a Borgonha mediante o pagamento de 2.000.000 de escudos ouro, mas com a obrigação do abandono da Italia; e finalmente, o aspecto historico que mais nos interessa evocar, para se ter presente esse momento politico da velha Espanha e do velho Portugal, então regedores dos oceanos e terras na Africa na Asia, na America.

Ligadas estas duas nações pelo sangue das familias reaes e christans que as governavam, tornara-se dia a dia, para ellas, inimiga commum a França de Francisco I, se bem que no fundo Portugal e Espanha se houvessem como rivaes no oceano e na divisão do mundo. Mas sobre os conflictos de interesses que entre ellas surgiam, iam os seus estadistas adiando ou resolvendo sem descontentamento para as casas reinantes, protelando-os e atalhando-os com actos de mutua accommodação, e sómente, uma ou outra vez, desferindo golpes de audacioso commettimento que o rei ou imperador sanccionava por patriotismo, hypocrisia e sagacidade.

Assim, quando já compradas as Molucas á Espanha em 1529, pelo tratado de Saragoça, ao mandar Portugal a Martim Affonso em 1530 na missão exploradora e colonizadora do Brasil, desferia D. João III um desses golpes habeis com o fim de influir definitivamente num traçado que mais não era, senão o recuo da linha demarcadora no continente americano do sul.

O portuguez Diogo Ribeiro, um anno antes, a serviço da Espanha mas, parece, sob o aviso de Pedro e Jorge Reinel, tambem portuguezes de nação, já fizera recuar no seu portulano essa divisa favorecendo a Portugal com terras que este não devera ter; e ao partir da expedição de Martim Affonso, os Reinel, ao serviço de Portugal nova-

mente, deveriam de ter influido no animo do capitão mór para que este tivesse por lindes do Brasil: ao norte, além do rio de Maranhão que faziam os lusos passar pelo Mar Dulce dos espanhóes; e ao sul, subindo o rio da Prata e o Paraná, até chegar-se a determinado ponto escolhido que influisse no recuo do meridiano - tal como o foi para Pero Lopes o esteiro dos Carandins. E com isso, havia de se justificar mais tarde, a posse de terras patagoneas além do golfo de S. Mathias, talvez descoberta da expedição de 1514.

A posse do rio de Maranhão ao norte para a qual Martim Affonso mandou a Diogo Leite, de Pernambuco, e a dos rios de Santa Maria ou da Prata e Paraná ao sul, até 30 leguas aquem da fundação de Caboto, onde Pero Lopes plantou os padrões de Portugal -, bem justificam os seus propositos, não com detalhes affirmados mas sugestiva e astutamente esquecidos no portulano do portuguez Gaspar Viegas, um anno após o regresso de Martim Affonso a Portugal.

Neste portulano o traçado do meridiano ao sul mais favorecia ainda que o de Ribeiro, a posse portugueza.

Da conquista do Mar Dulce ou do Marañon, não parecia ao tempo a Espanha tão ciosa, uma vez que já attingia as minas do Perú por outros caminhos; mas da do rio de Sta. Maria, - Solis ou da Prata, - ella a affirmava e como descoberta feita para a Espanha, aliás pelo portuguez João Dias de Solis, não reconhecendo assim a realizada em 1514 pela armada portugueza de D. Nuno Manuel e de Cristoval de Haro na viagem narrada na "Gazeta Aleman". E' que a conquista para ambas as nações seria de subido valor, uma vez que visavam a descoberta das minas de ouro e prata do Paraguai ou de sobre serra, nos Andes.

Em documentos officiaes da Espanha, oriundos de informações colhidas em Portugal desde a partida da armada de 1530 por habil espionagem mantida pelos embaixadores

castelhanos. vemos romper-se debate sobre a posse do grande rio do sul, e deixar-se, se não esquecido menos lembrado, - o Mar Dulce ou o Marañon, ao norte -.

Traz a data mais antiga desses preciosos documentos officiaes, a carta escripta de Ocaña a 8 de março de 1531, e dirigida ao embaixador espanhol em Portugal, D. Lopo Furtado de Mendonça. Refere-se a mesma, á partida dos navios de Martim Affonso, de cujo apparelhamento para essa missão uns mezes antes teria dado parte ao rei espanhol, - o portuguez Gonçalo da Costa - convidado a participar de semelhante empreza colonizadora.

Reza esse documento no luso idioma quinhentista, o seguinte:

> "Sey" - diz Sua Majestade a Imperatriz ao dito D. Lopo Furtado - "que El-Rey meu senhor e irmão" (D. João III.) "enviou ou quer enviar uma armada ao Rio Solis, que dizem da Prata, que Juan Dias de Solis descobriu por mandado do Rei Catholico, meu Senhor e Avô que seja em gloria, e depois foram a elle, em nome do Imperador, meu Senhor, Sebastian Caboto, nosso piloto mór e Diego Garcia, nossos capitães, com as nossas armadas, e edificaram e permaneceram nelle por 3 annos e mais tempo, e, porque, como védes, se a gente que enviou se intromettesse nella, poderia trazer inconvenientes aos nossos subditos e aos delle, apesar de o ser contra a capitulação assentada entre esses Reinos e Portugal, escreveu S. Alteza uma carta de crença a vós remettida, e eu vos ordeno que logo que esta receberdes, lhe mostreis a minha carta, lhe faleis da minha parte, e lhe peçaes que não envie armada nem gente ahi, nem a parte nenhuma que caia em nossa demarcação, pois é notorio que a dita terra entra e cae dentro dos limites da nossa demarcação e foi tomada tanto tempo ha em nosso nome; e se alguma armada ha enviado áquellas partes, lhes mande que não entrem nem to-

quem no dito Rio Solis, nem passem em nossa demarcação, dizendo-lhes o cuidado que o Imperador, meu senhor, tem sempre de mandar a seus capitães e armadas que não entrem nem toquem em cousa que caia na demarcação de S. Alteza, que assim é de justiça o mande fazer, que além de ser isto cousa tão justa, eu receberia delle desgosto por ser em ausencia do Imperador, meu senhor; e para que este proveja logo, fazei-lhe a instancia que virdes convenha, e com este correio me avisai do que com elle fizerdes".

D. João III em resposta escrevia á rainha de Espanha, sua irman, a carta de 27 de maio de 1531.

Textualmente, - como consta da Secção dos manuscriptos da Bib. Nacional do Rio de Janeiro (I.°, 32, 34, 7) - é a seguinte:

"Muyto alta, muyto ezcelente, muyto poderosa princeza señra Irmãa. Lopo furtado voso embayxador me deo vosa carta (a de 8 de março) e me dise todo o mays que lhe mandastes que me disese acerqua da navigaçam do Rio da prata na costa do brasill e porq quando mandey a armada de que fiz por capitão martim A.° de Souza, fidalguo de mynha casa e de meo conselho no q lhe mandey que fizese eu tive aq ela lembrança, que sempre tenho, nas cousas que mando fazer e mais nas que por algũa vya se possam attirar com cousas do emperador, meu muyto amado e preçado Irmão e vosas. Ouve por bem que voso embayxador vyse o regimento que lenviu e lho mandey amostrar de que vos ele dará qtas (contas) e o mais escrevo a alv.ro mendes de vasconcelos fidalgo da mynha casa do meo conselho e meu embayxador e o

dise ao voso embayxador. Muyto alta muyto ezcelente e muyto poderosa sẽñra Irmãa.

"Sintra, aos XXVII dias de Mayo de 1531 anos"

Não tardava tambem muito que chamado á presença da imperatriz era o embaixador portuguez Alvaro Mendes de Vasconcellos e arguido sobre o assumpto que, a carta desse embaixador de 14 de dezembro desse mesmo anno, dirigida a D. João III, desenha com bastante precisão, dando-nos o momento historico que desejamos fixar.

"Senhor.... quando castanho aqui chegou eu estava para despachar hũ correo por que aquel mesmo dia me chamou a emperatriz e me disse que polo que lhe eu tinha dito e principalmente polo que ela desejava fazer em todalas cousas de s. serviço tinha acabado com estes do seu concelho das Antylhas e com o cardeal, que não mãdassem daquy pessôa alguma fazer esrequerimentos a V.ª al. sobre o Ryo da prata como estavam determinados, se não que escrevessem a lopo furtado que ho fizesse por outros termos mays brandos, sómente pelo que cumpria ha justiça do Emperador, pois he notorio que tem posse daquel Rio primeiro que v. al. e que me rogava que escrevesse loguo isto com as mays palavras que me parecessem necessarias para que v. al mandasse responder com algũ bom meo e que lá faria muyto por deter as cartas que sobrysto avyão descrever a lopo furtado" (embaixador espanhol em Portugal) "algũs dyas até ver reposta do que eu aguora escrevo.. A sustancia do que lhe respondi foy que lhe beijava as mãos por começar a entender (a) estes do seu conselho e o modo de negocear que sempre buscavam, e poys que já asy entrava nysto, que de todo os devia apartar de cousa tam herrada como herão estes requerimentos por qualquer que fosem, porque para boa reposta e justa de tudo o que me dizia e lhe di-

zião, dous soos pontos nota-se por principaes afora outros muytos que todos lhe muytas vezes tinha dyto: primeiro, que v. al. no regimento de martym afonso lhe mandava e encommendava toda amizade com castelhanos que não lhes tocas e nem contendese sobre cousa que o possuyssem; a segunda, em que se arrematão todas ho que conforme aas capitolações dos Reys pasados, v. al. lhe mandou por mym dizer que ela (a imperatriz) por parte do emperador e sua mandase averiguar em que tempo descubrira o (rio) Solis e que v. al. mandaria muy brevemente saber em que tempo descobrira hũa armada de dom nuno manuel que por mandado del Rey voso pay que estaa em gloria foy descobrir ao dyto Rio e que quem se achase por verdade que primeiro (o) descobrira estyvese em pose até se lançar a lynha - etc... e que olhase-la pois os do seo conselho dysto fugião que nem tinhão nenhũa rezão nem querião senam buscar manhas e biocos para fazerem negocios a seu modo e não como compria a serviço do emperador e seu, a ysto me respondeo que o não avyão senão pela pose a qual lhes v. al. tomava tomando martym afonso qualquer parte daquel Rio, e que por ysto me rogava que todavya escrevese logo a v. al. antes que fosem as cartas pera lopo furtado fazer os requerimentos por bem da pose do emperador, eu lhe dysse que eu es-

creverya loguo como me mandava e que não sabya cousa que v. al. milhor podese responder do que (eu) tinha respondido, nem que a elle mylhor estivese, e que quanto a dizerem que em tomar martym afonso parte do Rio lhes faria ofensa e lhes tomava sua pose, que ysto hera muy grande engano por que o Rio he tamanho e faz tantas voltas e tam grandes que já poderia ser que duas tres partes delle as duas estivesem na demarcação de v. al. e quyçá que todo ou tambem polo contrario e que por ysto e por tudo martym afonso não pudya herrar segyndo o Regimento de v. al. nem se poderião achar mylhores meos que os que v. al. tynha ofrecydo e que porem eu escreveria o que me mandava e que esperava que entretanto lhe acabasse de conhecer a rezão e verdade que v. al. ofrecya e do que sempre usava em todalas suas cousas etc...

"Pareçeme que pera mylhor v. al. me deve loguo mandar responder espantandose muyto de não aceytarem os meos e determinação que v. al. escreveo mostrando-se dysto mal contente com el mays palavras necesarias etc ... Ysto diguo por que creo segundo os negoceos de quaa vão e tudo estaa fraco que aproveytará, asy aguora como pera o dyante, e o não responder e dylatar lhe daa a elles que dizer e cuydão que senão

dylata senão por myngoa de rezão e justiça e desta maneira que dyto tenho que v al. mande responder não poderão dizer o que aguora e sempre dizem. V. al. overá mylhor e mandará responder como mais fôr servydo. noso senhor a vyda e Real estado de v. al. acrecente como deseja. de Medina do campo a XIIIj de Dezembro de b°xxxj (531) anos: beijo as Reaes mãos de v. a. alvaro mendez de vasconcelos. (Arquivo Nacional de Lisbôa - Corpo Chron. - parte 1.ª, maço 48, n.° 8).

Se nos fosse permittido conhecer o Regimento dado por D. João III a Martim Affonso, neste passo haveriamos de esclarecer melhor o leitor e preparar-lhe o espirito para acceitar algumas conclusões que nos pareceram avisadas. Mas na correspondencia official ainda nova fonte se tem de detalhes pertinentes ao assumpto: assim, na carta que precede a acima citada e dirigida á imperatriz de Espanha, da cidade de Evora, a 10 de setembro de 1531. Neste documento Lopo Furtado occupa-se do rio Solis - (da Prata ou de Santa Maria) - mostrando tambem o proposito que o rei D. João III tinha de se averiguar o tempo em que Solis foi a descobrir o rio da Prata e oque fez, e pela primeira vez, nesta phase dos meneios diplomaticos parece falar-se no rio Maranhão que os portuguezes faziam passar pelo Mar Dulce e Marañon dos castelhanos. Annuncia, se bem que não precisamente. esta missiva um ponto da navegação da armada de 1530, dando duas caravelas, certo as de Diogo Leite, a Rosa e a Princeza - chegadas a Lisbôa, após attingirem no continente americano ou melhor ao norte do Brasil, "um rio mui grande que possuia muytas planicies e grande copia de aves e "cujijos"; e accrescentava: de cuja expedição "não traziam cousa de valor de ouro e prata". A' chegada de uma nau, crêmos, a de João de Sousa vem ella tambem a referir-se.

Haveria assim por esse informe Diogo Leite, em cerca de sete mezes de navegação, dos fins de fevereiro de 1531 talvez a julho do mesmo anno, percorrido da costa de Pernambuco para o norte até o rio mar ou proximidades delle, pois o objectivo era attingir o - Maranhão - da cartographia coeva, e dahi, regressar a Lisbôa.

Mas desse littoral nortista e desse grande rio, já dois annos antes, em 1529, Diogo Ribeiro dissera: "esta costa foi uma ou duas vezes visitada logo que se descobriram as Indias - (occidentaes) e depois não voltaram a ella. O Rio Marañon é muito grande: por agua doce entram os navios nelle"; agua doce, dizia Ribeiro - de que se poderiam abastecer mesmo "até 20 leguas ao mar".

Seria este certamente o Amazonas actual, e tal serve de demonstrar tambem, na propria Espanha, como de Enciso em 1519 a Ribeiro dois lustros depois - se caracteriza a evolução que foi tendo a politica iberica sobre este ponto geographico, no sentido de se substituir o Mar Dulce pelo Marañon ou pelo Maranhão.

O traçado da carta de 1534 por Gaspar Viegas, dava a baia de diogo leite ao oeste do Maranhã ou Maranhão, este, pretensamente quasi fixado no ponto geographico do actual - Amazonas -

Discorda desse criterio geographico porém, o que se lê na carta de doação de 13 de junho de 1535, já citada, e passada a favor de Fernão Alvares, Ayres da Cunha e João de Barros, naquelle passo em que diz:...

"e as 50 leguas, que começam da abra de Diogo Leite da banda do loeste e se acabam no Cabo de Todos os Santos da banda de leste do rio de Maranhão. (Real Arch.º L.º 21 fls. 73 - Chanc. D. João III). Não faz esta opinião doutrina collocando-se a abra de diogo leite ao leste do Maranhã ou Maranhão; porque se virá a manter já com o proprio Viegas, o Maranhão portuguez onde se assignalaria o Marañon ou Mar Dulce dos castelhanos; e para,

por fim, ao correr desse seculo vir tal criterio se consagrar, por um accordo entre Carlos V e D. João III, com mandar-se erigir marco no rio "Yanez Pinzon" ou Oyapoc, tendo em faces oppostas as armas de Castella e as de Portugal. Já ao tempo o Mar Dulce, ou melhor, o Marañon, seria o rio das Amazonas, e ficaria assim dentro na posse lusitana.

Outro tanto não occorreria com o grande rio do sul e com os seus affluentes: o rio de Sta. Maria dos portuguezes ou da Prata, como vimos nos documentos citados, aos quaes tambem se poderá accrescentar a carta de 24 de outubro de 1531 do embaixador portuguez a D. João III. Noticiava esta o boato corrente em Espanha, de que mandara Martim Affonso do rio de Sta. Maria, ouro e prata, e desbaratara em uma ilha do Brasil uma nau de castelhanos; e transmettia-lhe o pedido da Imperatriz para que elle não mandasse mais naus áquelle rio e áquellas terras.

Tinham os portuguezes o rio da Prata ou Sta. Maria como descoberta sua, anterior á de Espanha.

Em 1527, ao serviço desta nação fundara Caboto subindo esse rio e o Paraná, e na confluencia deste com o Carcarañá, o forte de Sancti Spiritus. Em 1531, a expedição portugueza no bergantim de Pero Lopes subindo o mesmo rio de Sta. Maria ou da Prata e o mesmo Paraná, ou melhor o Paranaguazú, trinta leguas aquem do fórte de Sancti-Spiritus, de Caboto, e portanto da posse espanhola, ergueu ahi, á boca do que chamou o esteiro dos Carandins, os padrões da posse do rei de Portugal.

Definia assim Martim Affonso o traçado de um meridiano que não seria o approvado pelo Tratado de Tordesilhas e sim outro que augmentava para oeste de muitos e muitos kilometros e leguas, a posse de mais vasto Brasil Colonial.

Se não era esse traçado a realização do que traria no Regimento assignado por D. João III, era o sentido occulto de uma obra meditada e premeditada, para justificar bem aquelle dizer arguto do Embaixador Luiz Sarmento, em 11 de julho de 1535, a respeito dos capitães quinhentistas: "porque cuidam que o mais que possam descobrir e occupar que aquillo se ganha".

Mandava além de tudo, a esse tempo, a prudencia ou sabedoria dos estadistas da Peninsula que evitassem desaccordos entre as duas casas reinantes ligadas por parentesco tão proximo, e mantivessem as duas nações em alliança offensiva e defensiva contra as naus corsas da França, inimigas das naus de Espanha e de Portugal.

Mas como se em tal caso só falasse a prudencia, se haveria de perder a conquista; e como é do caracter portuguez retardar ou adiar mas tambem de sorpresa ousadamente querer ou realizar, vem D. João III a escrever aquella carta de 28 de setembro de 1532 a Martim Affonso, e a despacha-la nas caravelas de João de Sousa, mandadas com essa especial mensagem ao Brasil.

No capitulo VIII já foi esta carta transcripta como documento arguto e politico em que se desenha o primeiro passo para a divisão das terras brasileiras a colonizar; e em que se sente a pressa e o cuidado com que D. João III pede ao capitão mór, entre outras informações, as do que elle havia feito no rio da Prata - esclarecimento que o proprio Diario nos fornecerá.

Entrando ainda esse documento na apreciação de como se povoar a bella colonia americana, relata D. João III o que resolvera com os seus conselheiros sobre as divi-

> sões das ditas terras, uma vez que era informado em "algumas partes fazerem europeus fundamento de povoar a terra do dito Brasil, e de com quanto trabalho se lançeria fóra a gente que a povoasse, depois de estar assentada na terra e ter nella feitas algumas forças - (como já em Pernambuco começava a fazer)"...

E assim considerando, dizia D. João III a Martim Affonso: "determinei de mandar demarcar de Pernambuco até o rio da Prata cincoenta leguas de costa a cada Capitania e antes de se dar a nenhuma pessôa mandei apartar para vós cem leguas, e para Pero Lopes, vosso irmão, cincoenta nos melhores limites dessa costa, por parecer de pilotos e de outras pessoas de quem se o Conde, por meu mandado informou." - No mesmo documento ainda D. João III informa ao capitão mór: "Como vereis pelas doações que logo mandei fazer, que vos enviará; depois de escolhidas estas cento e cincoenta leguas da costa para vós e para vosso irmão, mandei dar a algumas pessoas que requeriam capitanias de cincoenta leguas cada uma; e segundo se requerem parece que se dará a maior parte da costa; e todos fazem obrigação de levarem gentes e navios á sua custa, em tempo certo como vos o Conde mais largamente escreverá; porque elle tem cuidado de me requerer vossas cousas, e eu lhe mandei que vos escrevesse".

Do aprisionamento de uma nau franceza, - La Pèlerine - na costa da Andaluzia, fala tambem D. João III, como da fortificação que em Pernambuco os corsarios haviam deixado. Tal saberia provavelmente por informação dos prisioneiros feitos por Antonio Correa; não saberia ainda já haverem sido desbaratados os francezes por Pero Lopes quando em Pernambuco tocara, mandando a nau N.ª Sª das Candêas e o galeão S Vicente, de regresso para Portugal. E se providencias tomara para os navios de Duarte Coelho os combaterem, após a chegada de Pero Lopes a Portugal, logo depois em começo de 1533, tambem contra-ordem expediria a esse capitão mór. Nem mesmo á caravela Espera que levou Paulo Nunes

a Pernambuco, coube a honra de pelejar em tal feito nas costas pernambucanas. (Hist. Col. Port. - pg. 155-157. vol. - III).

Da parte referente á divisão da costa brasileira, vemos D. João III empenhado em te-la fraccionada em capitanias desde o littoral pernambucano até o rio de Santa Maria ou da Prata, rio que, - um anno antes, perante a Imperatriz de Espanha - achava o embaixador Alvaro Mendes de Vasconcellos ter sido descoberto pela expedição de D. Nuno Manuel, e portanto, contra a opinião dos espanhoes, que o davam como conquista de Solis.

Ao regressar a Portugal Pero Lopes, primeiro, e Martim Affonso depois, não demonstra mais o rei o desejo de levar a divisão das capitanias até o rio da Prata; e sim da costa do Maranhão - a qual haveria de tomar o nome de um rio assim designado - até a proximidade da actual Laguna, ao sul do continente.

As primeiras doações de terra são então feitas com a data de 1.º de janeiro de 1534 e dentro nesses novos lindes geographicos.

Que influencia agiria assim, no animo do rei e no dos seus estadistas para tão nova resolução?

Antes do mais, devemos dizer que a conquista do Perú por Pizarro já era vantajosamente orientada, após a da Castilla del Oro, por caminhos centraes do continente, e que só mais tarde, em 1541, desceria Orellana o Amazonas tão favoravel áquella posse. Para o sul mudava de aspecto a conquista em meio geographico diverso.

O rio da Prata e affluentes eram o caminho natural já navegado para a Espanha por Solis, Magalhães, Garcia e Caboto; e até as faldas da serra andina e além ficariam outras terras já buscadas por aventureiros dessas armadas espanholas, no anseio de descobrirem as minas do Paraguai e do Perú.

Mais portanto, haviam feito nessas regiões os aventureiros ou sertanistas ao serviço de Espanha, que os nautas de Portugal apresentados desde 1514 como descobridores do rio da Prata, mas não havendo officialmente ainda tentado ahi qualquer incursão, em busca das minas.

Da residencia de portuguezes ao serviço de Portugal nestas terras platinas, só nomeariam as chronicas João de Lisbôa e João Lopes de Carvalho segundo uns, ou Vasco Gallego de Carvalho, segundo outros. Do primeiro, notavel piloto e cosmographo, diz-se, residiu num - cabo de Sta. Maria - para Diogo Ribeiro talvez o actual cabo deste nome por elle baptisado cabo João de Lixbôa, e antes para Maggiolo (1527), Santa - Maria - e não talvez para outros, que o dariam como habitante do antigo cabo de Santa Maria do bondeseho, de Maggiolo (1527), identificado hoje com a punta del Este de Maldonado.

Além do mais a 24 de dezembro de 1531, o embaixador Vasconcellos dissera á Imperatriz da Espanha, sobre essa conquista, ser "o Rio tamanho e fazer tantas voltas e tam grandes, que já poderia ser que duas tres partes delle, as duas estivessem na demarcação de Portugal e quyçá que todo ou tambem polo contrario". E essa duvida procura-se destruir com uma realidade, com a expedição de Pero Lopes de Sousa, que já a esse tempo e de regresso vinha em busca do cabo de Santa Maria, depois de deixar erguidos dois padrões de posse em terras dos Carandins, já visitadas por Caboto.

Esclarecidos esses pontos e tratando-se até então de alargar a posse e logo depois de colonizar o immenso Brasil, não pensaria Martim Affonso, e com elle Portugal, povoar as costas menos expostas á cobiça, deixando as que mais á mercê della se achavam desapercebidas. E dahi o que logo a seguir se accentua, feitas as fundações de S. Vicente e de Piratininga, com deixar-se para mais tarde o do-

minio do grande rio sulino que os estadistas de ambos os paizes disputavam, e marcar-se como linde meridional das capitanias do sul, um ponto geographico na altura da actual Laguna. Talvez fosse ahi a esse tempo, o golfo Fremoso (Reinel) ou o - puerto del Faralon dos Espanhóes - porto este, porém, já ao sul do porto dos Patos, uma das conquistas de Castella. Ao norte do Brasil assignalar-se-ia na carta de Viegas em 1534 a baia de Diogo Leite além do rio Marañon da conquista espanhola - o Mar Dulce do passado ou o Amazonas actual. E assim, por essa forma arguta e ousada era tentado officialmente um lento recuo do meridiano estabelecido pelo Tratado de Tordesilhas, consagrador da divisão official do Mundo quinhentista.

Se cartographicamente por tal maneira o pensamento do governo portuguez assim se definia, na obra da colonização, elle se não precipitava na posse de terras mais sulinas ainda do continente, as quaes sabia, a Espanha lhe havia de disputar. Demonstra esse conceito a divisão das terras em capitanias dando como, de todas, a mais meridional, a capitania de Sant'Anna, em 1534, a Pero Lopes de Sousa, só alcançando a actual Laguna mas ultrapassando o porto dos Patos.

A Espanha, pretendendo colher outros feitos de mais valor militar, por esse tempo, ao correr do anno de 1535, ao ter sciencia das novas expedições colonizadoras ao mando dos primeiros donatarios no Brasil, apparelhava a armada de D. Pedro de Mendoza, na qual se embarcaria Gonçalo da Costa, mercador de escravos por tantos annos no porto antigo de São Vicente, e companheiro de Diego Garcia nas viagens deste porto ao rio da Prata e á Espanha.

Devia tambem preceder a partida da armada de 1535, documento importante enviado pelo embaixador espanhol Luiz Sarmiento a S. M. a Imperatriz, datado de 11 de julho de 1535 e mandado de Evora, conforme á copia junta de alguns capitulos, guardada na Bibliotheca Nacional do

Rio de Janeiro, (cop. Schuller - Archivo das Indias, em Sevilha (Maço II, caixa 3, estante 143, secção V).

Reza assim o citado documento:

"El año pasado antes que yo aqui veniese el serenisimo rey porque le paresçio que convenia a su servicio dio a muchos naturales de estos reinos mucha tierra en el brasil y repartioles y dioles a particulares a cincuenta y a sesenta leguas a cada uno al largo de la costa de la marina y en ancho todo lo que ellos pudiesen señorear para que lo hedificasen e poblasen en ello, y ansi fue mucha gente con estos capitanes a quien el rrey hizo esta merced y llevaron muchos aparejos para poder en ella vivir hasta agora no an vuelto las naos que con estos fueron aunque se esperan cada dia.

"Ahora el thesorero hernan de alvarez y uno que se llama juan de barrios y tambien dizen que entra en esto el conde de castanera hazen una armada dizen que a su costa a lisboa en la qual dizen que llevará lxxx ó cien de a cavallo y hasta ccc peones y va por capitan de ella uno que se llama de acuña y segun dizen que se haze esta armada bien se cree que no puede ser sin ayuda del serenisimo rrei lo que publicamente dizen que es para ir al rrio de la plata yo en sabiendo que supe la certenidad de esto hable al serenisimo rrei y le dixe como avia savido como estos haziam esta armada en lisboa y que me maravillava mucho que su alteza consentiese tal cossa especialmente que dezian que hera para yr al rrio de la plata que hera de la demarcacion del emperador mi señor y cosa tan averiguada por suya.

Su alteza me rrespondio que estos no iban con quatrocientas leguas al rrio de la plata sino que tambien yban a uno de aquellos repartimientos que el avia hecho en el brasil y que el no avia de consentir que fuesen a parte que fuese en perjuizio del emperador

mi señor mas que se maravillava como en sevilla se hiziese armada para embiar al rrio de la plata que hera de su demarcacion y que se abia primero descubierto por un portugues y que el queria luego enviar a v. magestade a rrequerirle no consentiese que fuese aquella armada que se hazia en sevilla pues hera en su perjuizio yo le rrespondi que aunque en aquello no estava muy ynformado que todavia segun lo que yo a todos avia oydo dezir y tenia por cierto que aquello hera ayeriguadisimamente de vuestra magestad y que sino lo fuera que el emperador mi señor no mandaria embiar essa armada que se haze en sevilla con don pedro ni otra cossa alguna que fuese en el menor perjuizio suyo.

"Io que de esto yo he podido entender es que a los que su alteza rrepartio estas leguas por el brasil no an llevado gente de cavallo sino gente para poblar la tierra y otras cosas para bivir pacificamente estos van diferentes de los otros porque llevan gente de cavallo y esta otra gente de pie de guerra y an me dicho algunos de los que yo mejor he podido entender que van com pensamiento de ir descubriendo por tierra hasta dar por la otra parte en lo del peru yo bien creo que con lo que su alteza me a dicho no a de consentir que ni otros vayan a ninguna parte que sea en perjuizio de vuestra magestad ni de esos reinos mas todavia yo seria de parecer que vuestra magestad mandasse que se partiese el armada que esta en sevilla para el rrio de la plata lo mas presto que ser pudiese en esta otra dan toda la priesa que se pueden dar dizen que dentro de dos meses podra partir.

"escrivo a vuestra magestad esto porque me parescio que conbendra al servicio de vuestra magestad avisar de esto para que lo mande dezir al consejo de las indias y si le pareciere mandar dar aviso a su magestad de ello.

"teniendo esta escrita he sabido como despues que yo hable al serenisimo rei sobre lo que la armada que se haze en lisboa que arriba digo o por parte de su alteza o de estos que digo que en ella entienden an enbiado a lisboa a dar gran priesa en ella, y aun dizenme que a engrossalla mas.

"tambien sospecho que su alteza quiere escrevir a vuestra magestad sobre lo del armada de sevilla, como a mi me dijo que lo queria hazer paresciome que cumplia al servicio de vuestra magestad hacer esta posta para que de ello esté abisado.

"lo que yo he entendido mas de esta negociacion es que aca proponen y dizen por averiguado que ningua de estas demarcaciones esta averiguada a quien toca derechamente a castilla o a portugal y por esto les paresce que el que mas pudieren descubrir y ocupar que aquello se gana y por esto torno a dezir que conviene al servicio de vuestra magestad y bien de essos reinos que se la armada de don pedro a de ir que sea luego antes que esta otra por alla vaya que tengo por cierto que si fuera partida que aca no se hablará nada en ello, ni si armara esta que se arma". (Hay una rubrica).

A 24 de agosto de 1535, portanto dias após escripta essa avisada missiva, partia de Sevilha a armada de D. Pedro de Mendoza com ordem de fundar povoação espanhola ao sul do continente americano, no rio da Prata, provavelmente, aquem donde os portuguezes haviam lançado os seus padrões mais occidentaes, subindo o Paranáguazú.

Foi esse local escolhido á boca do Riachuelo onde se inicia a fundação e hoje se altea a bella cidade de Buenos

Aires, para assim demonstrar não pretender então a Espanha infligir represalias aos portuguezes na terra e porto dos Patos, como tambem na região que se extendesse pela margem esquerda do rio da Prata até o cabo de Sta. Maria ou ainda, na que ao norte do Brasil tivesse em si a foz do rio Marañon.

Justifica tal resolução da chancellaria espanhola o terem as duas nações ainda por inimiga commum a França empenhada a favor dos protestantes contra os povos catholicos, dos quaes se fizera guia intrepido, Carlos V. Mister era pois, que as duas nações juntamente batalhassem contra o perigo em marcha - o do corsario audaz cruzando os oceanos na caça aos galeões de Espanha e ás naus de Portugal.

Accrescia, que Carlos I em 1534 e 1535 - se bem que ordenando a expedição de Pedro de Mendoza á America do Sul - teria como scenario mais empolgante para as suas glorias, terras da Europa, e o mar Mediteraneo no qual se iriam enaltecer os feitos dos seus cruzados contra protestantes e alliados de Francisco I.

Em contraste, D. João III., se bem que parte valiosa com a sua frota nessa cruzada christan sob o patrocinio de Carlos V, nem por tanto menos esquecido se mostrava da obra realizada pelo capitão mór Martim Affonso de Sousa em terras e mares americanos; e desde 1534, definitivamente marcava com actos politicos e administrativos, avisada e prudentemente, o alvorecer da historia brasileira.

O anno de 1534 assignala para o Brasil Colonial os primeiros passos de uma infancia, não como se apregoa, orphan de cuidados e desvelos que, adiados por vezes em regiões afastadas da metropole, parecem ainda hoje a um ou outro brasileiro, menos solicitos e intelligentes.

Entretanto, que mais bello e notavel programma de governo colonial poderia citar-se que o dessa divisão do Brasil

em capitanias herediatarias, marcando em regiões barbaras as faxas civilizadoras de S. Vicente, Sto. Amaro, Sta. Anna, Parahiba ou Itamaracá, Parahiba do Sul, Espirito Santo, Porto Seguro, Ilhéos, Bahia, Pernambuco e Maranhão, esta subdividida em quatro outras, mas todas respectivamente doadas a lusiadas valorosos como foram: Martim Affonso de Sousa, Pero Lopes de Sousa, Pero de Gois, Vasco Fernandes Coutinho, Pero de Campos Tourinho, Jorge Figueiredo Correa, Francisco Pereira Coutinho, Duarte Coelho, João de Barros, Fernão Alvares de Andrade, Aires da Cunha e Antonio Cardoso de Barros.

Completava o patrimonio juridico e administrativo colonial, como a sua expressão mais alta -, o Codigo chamado as - Ordenações do Reino - cujos fundamentos lançara o rei Affonso, com sabedoria, e se viriam a tornar nessas - Ordenações Manuelinas, obra de Ruy Botto e de outros jurisconsultos contemporaneos.

As - Ordenações - eram divididas em 5 livros; a saber:

1.º - Regimento dos Magistrados;

2.º Do Direito e dos bens da Corôa; dos previlegios, e jurisdição dos donatarios, dos ecclesiasticos, das igrejas, dos mosteiros, das capellas, e dos residuos dos testamentos;

3.º Processo Judicial;

4º Codigo Civil;

5.º Codigo Penal.

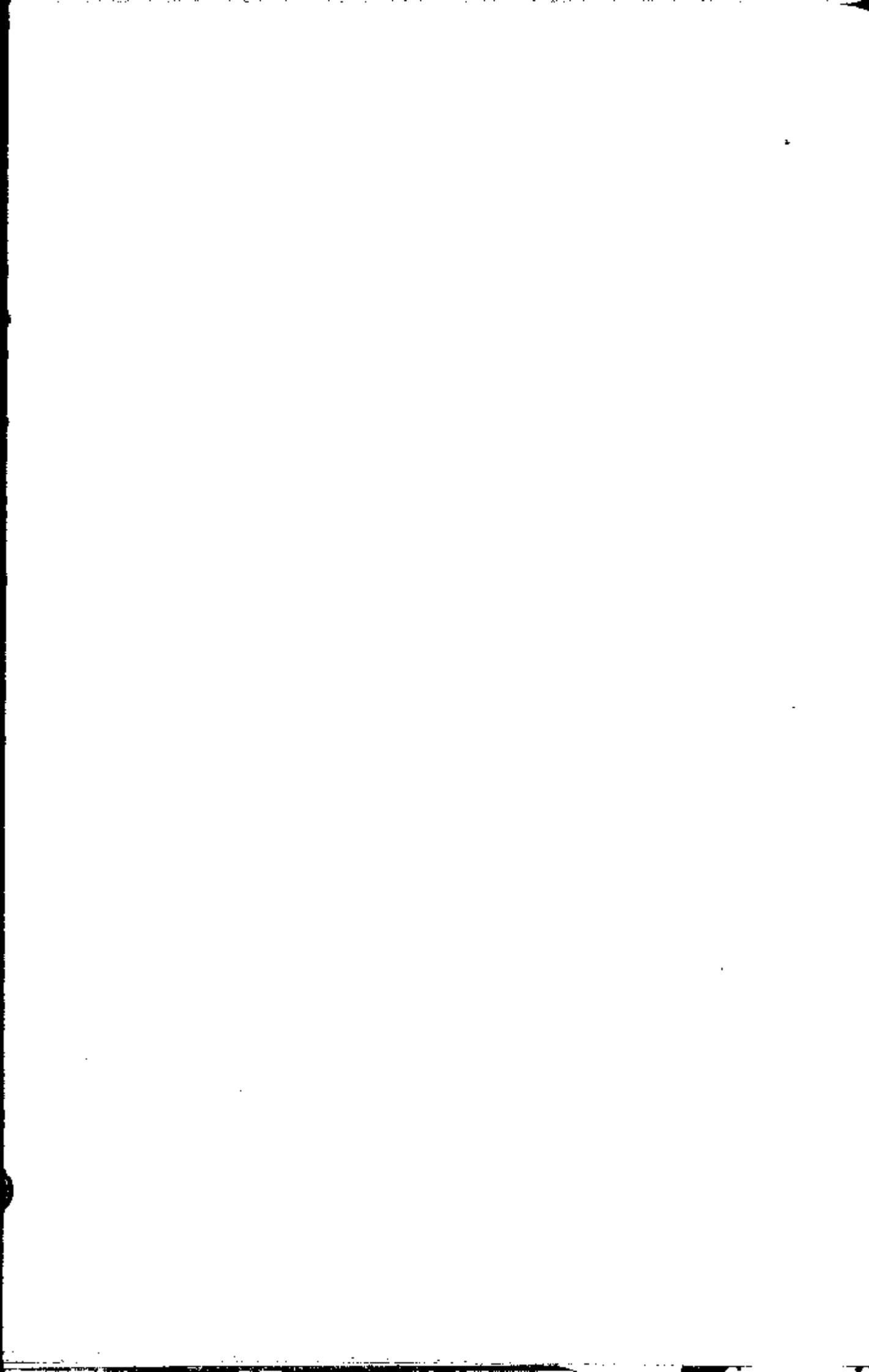
Presidia assim á divisão das terras do Brasil em donatarias, a primeira idéa de larga visão politica do velho Portugal. Iniciava-se a Idade Media Brasileira com a fórma mais avançada compativel com o seculo quinhentista, e esboçava-se de logo com a nova organização politica, a antevisão de uma futura nacionalidade.

E se não tivesse sabedoria esse novo regime administrativo e politico, imitado não seria por outras nações cultas, como a Hollanda e a Inglaterra, nesse mesmo continente do

Mundo Novo; porque foi com elle que, feudalizando-se ao longo da nossa costa pequenos nucleos, se puderam estes affirmar gradativamente como villas, cidades e provincias. E mercê da energia e do idealismo tocado de aventura do colonizador em meio geographico adverso pela propria exuberancia e grandeza das terras inter-tropicaes, se transfiguravam depois nos principaes centros de expansão civilizadora.

Foi desses nucleos coloniaes - garantia contra a invasão do francez ousado, do inglez fleugmatico e tenaz e do hollandez astuto - que partiram essas ondas centripetas de civilização crescidas das praias atlanticas para o sertão desconhecido, aonde se alteam serras, alastram florestas, avolumam rios, espadanam cachoeiras; - onda bandeirante de uma raça heroica por vezes a ferir o gentio com o ferro das armas, mas tambem, tantas vezes, a semear o Evangelho do Christianismo nas selvas e nos campos, valendo-se de idioma latino que, renovado em rythmos dolentes e cantantes, guarda ainda todos os encantos da materna lingua portugueza.

CAPITULO X

A EXPEDIÇÃO DE 1530

(CONCLUSÃO)

CAPITULO X

A EXPEDIÇÃO DE 1530

CONCLUSÃO

Prima a empreza quinhentista de Martim Affonso e de Pero Lopes de Sousa sob os pontos de vista: militar, humanitario, politico, scientifico e idealista.

Serve-lhe de painel geographico e historico no continente sul-americano uma terra maravilhosa afogada em selvas tropicaes, regada por majestosos rios, murada de serras cyclopicas, trilhada por tribus nomades e, enamorada do mar, debruçando-se sobre o Atlantico para offerecer seductora a quaesquer navegantes os remansosos seios das suas enseadas, angras ou bahias.

Adornam-na graças de singular natureza como a convidarem o homem civilizado que a descobriu e colonizou ás glorias da força, da belleza e do amor, e assim de então criar com emoção, uma nova e futura nacionalidade latino-americana.

A expedição de 1530 marca o primeiro passo para esse destino nacional: encerremos, pois, este livro, dando em synthese, os aspectos fundamentaes dessa empreza maritima e colonizadora.

Sob o ponto de vista militar ella se affirma como a conquista de toda a costa brasileira - avaliada pouco depois por Pedro Nunes em 1050 leguas - e em dois sectores geographicos de alta importancia estrategica: o da costa do pau brasil onde agia o corso francez no resgate do famoso pau de tinturaria; e o da costa do ouro

e prata que os castelhanos teriam como sua, senão de Cananéa, ao menos do porto dos Patos para o sul, colhendo em seus dominios o rio da Prata e affluentes e galgando a cordilheira andina até o Pacifico.

Expulsando ao inimigo tenaz do fortim e das costas pernambucanas, viriam ainda a manter os portuguezes uma base naval ao nórte como guarda avançada da conquista feita além do rio de Maranhão pelas duas caravelas de Diogo Leite. Formando o capitão mór as villas vicentina e piratiningana, officializando a posse do rio da Prata ou de Santa Maria, fariam os lusos: de S. Vicente, a sentinella avançada da costa do ouro e prata que os castelhanos lhes disputavam e em cujo sector sonhavam os portuguezes ter o seu "porto das minas"; e de Piratininga, o centro de formação do mameluco e o pretexto feliz para, mais tarde, quando fundada a villa de S. Paulo, realizar-se de vez pela acção bandeirante, o recuo da linha demarcadora brasileira.

Significativas ao correr da expedição affonsina já são as jornadas sertanistas de 1531 a 1533, demonstradas com a incursão de homens desembarcados no Rio de Janeiro, e a seguir, de franco aspecto militar, em Cananéa a caminho das minas do Paraguai e do Perú; ou ainda, sobre serra, buscando ao mando do capitão mór os campos de Piratininga; ou ao mando de Pero Lopes, pela rede fluvial do Prata e baixo Paraná o Esteiro dos Carandins, ou por fim, de S. Vicente com a bandeira de Pero de Góes e Ruy Pinto, em soccorro da de Pero Lobo já dizimada, parece, pelos carijós.

Completaria a obra militar da expedição de 1530 affirmada em combates navaes, em estrategicas posições escolhidas para tão efficiente acção bellicosa, na construcção de fortaleza e fortim em S. Vicente e em Pernambuco, e garantida nesses dias remotos pelo poder naval da Lusitania no Atlantico e nas Indias, - a valiosa concepção administrativa das capitanias heriditarias.

Nestas, tres nucleos fundamentaes se viriam de inicio a salvar, nucleos de defeza, expansionismo e caldeamento da raça brasileira: ao sul, S. Vicente e Piratininga; e ao norte, a Olinda da Nova Lusitania do valoroso Duarte Coelho.

A actuação colonizadora deste grande capitão foi indubitavelmente baseada na anterior acção militar dos capitães Christovam Jaques, Pero Lopes e Martim Affonso, e culminou na que desenvolveu com sagacidade e energia fundando Olinda, conquistando principalmente aos caetés grande extensão da costa do pau brasil.

A concepção colonizadora das capitanias hereditarias foi obra de sabedoria politico-colonial garantida pela acção de bravos capitães, e talvez imitada: em 1585 por Sir Walter Raleigh; pelos colonos de Hudson em 1607 a 1608; pela Inglaterra ao sul, na Virginia, em 1630, como pela Hollanda, no Maine e no Maryland. (Varnh. Hist. Geral do Brasil).

Sob o ponto de vista politico a missão da armada vem apressar a realização do pensamento amadurecido e subtil dos estadistas portuguezes.

Estando Portugal no oceano em lucta surda contra a França e com negociações diplomaticas junto a Francisco I. sobre as cartas de marca concedidas a corsarios, gastando do seu thesouro farta quantia para o suborno de auctoridades francezas, empenhado em bater esses corsarios tanto nas costas brasileiras e algarvias quanto em mar largo, criava assim mais uma politica de approximação com a Espanha, inimiga implacavel da França. Mas, como contraste desta politica apparentemente leal a favor de Castella, cujo poder maritimo a par do de Portugal senhoreava o mundo, iniciava o luso a fundação avisada de S. Vicente e a posse do Esteiro dos Carandins, no baixo Paraná, pondo já em evidencia o proposito do expansionismo portuguez na America Meridional e negando assim o que fôra por elle acceito

como linha divisoria pelo Tratado de Tordesilhas. E tão bem premeditado fôra esse avanço ou essa conquista, - apesar do Regimento dado a Martim Affonso lhe recommendar respeito á posse das terras espanholas no continente - que não só ao sul mas tambem ao nórte vão as duas caravelas de Diogo Leite apossar-se do que seria o rio de Maranhão dos portuguezes - sempre por estes dado a confundir com o rio do Marañon ou o Mar Dulce dos Espanhóes -. Viria assim o suppor-se sob um mesmo meridiano uma conquista do norte além do Amazonas e uma conquista do sul na proximidade do golfo de S. Mathias, na Patagonia, alargando então em carta quinhentista a Terra do Brasil - do precioso pau de tinturaria e das minas de ouro e prata desejadas -.

Analysado o aspecto humanitario da expedição, correndo as paginas do Diario e as chronicas que o tempo e a censura quinhentista nos permittiram estudar, devemos proclamar não serem conhecidos actos de hostilidade do colonizador contra o gentio anthropophago, antes, de benevolo entendimento com elle. Assim o demonstram, quando os selvicolas solicitam a Diogo Leite o senhorio de Portugal; quando em aguas, talvez da bahia da Traição, veem os pitiguares a nado perguntar aos portuguezes se querem brasil, ou mais ao sul dessa bahia recusam á nau Sam "Miguel", ainda aggregada á frota, a aguada pedida, sem que por isso soffram represalia dos canhões e arcabuzes lusitanos. Na bahia de Todos os Santos tambem assim procedem os navegantes quando lhes é dado vêr a par do heroico combate naval entre tupinambás, o festim cannibalesco da anthropophagia; e entretanto, em terra os expedicionarios deixam dois homens auxiliando a Diogo Alvares, providos de sementes, para estes "fazerem experiencia do que a terra dava". No Rio de Janeiro recebem os mareantes hospitaleiramente o cacique da nação distante e pregoeiro das riquezas do Paraguai, a quem pre-

senteiam com bugigangas, cascaveis e contas... Em pleno rio de Sta. Maria ou subindo e descendo o Paranaguazú, entram em contacto amistoso accentuado pela troca de presentes com os begoás-chanás, e talvez charrúas. Ainda em Cananéa, em S Vicente ou serra acima, o mesmo proposito affirmam, não continuando de todo a obra de Antonio Rodrigues e Gonçalo da Costa no littoral vicentino, nem a de João Ramalho nos campos piratininganos, mas dando aos habitantes das duas villas fundadas os ensinamentos da religião e além do mais, leis e o favor de "viverem em communicaçam das artes".

E da propria bandeira de Pero de Góis e Ruy Pinto que o capitão mór envia ao sertão em soccorro da de Pero Lobo Pinheiro, talvez já dizimada pelos bravios carijós, não dizem as escassas chronicas, de atrocidades contra o gentio, e sim, de pelejas contra o espanhol invasor.

No que toca ao aspecto scientifico da expedição civilizadora devemos com relevo fixar principalmente o que se entende com a geographia, a historia, a navegação, a cartographia, a ethnologia em grande parte da America do Sul.

Navegou em vinda e regresso a armada affonsina, em conjunto ou fraccionada, do extremo nórte para além de um rio Maranhã (Viegas) a um extremo sul que teve por linde o rio de Sta. Maria ou da Prata - sobre o qual ainda buscou um bergantim portuguez a terra dos Carandins no Paranaguazú, - derrota não inferior a 9.000 milhas, em mares e em vias fluviaes para o capitão mór considerados brasileiros.

Mas geographica e politicamente perante a Espanha, que seria então o Brasil, dando-se cumprimento ao tratado official?

Seguiria Castella, já a este tempo, o que Alonso de Sta. Cruz annunciava dando na America do Sul como sendo o Brasil - o que ficasse ao léste de um meridiano traçado

da actual bahia de Gurupi, para cortar ao sul o cabo de Buen Abrigo, abaixo das sierras de San Sebastian nas proximidades de S. Vicente ou de Cananéa -: ou seguiria a opinião de um portuguez ao serviço da Casa de la Contratacion, em 1529, Diogo Ribeiro, que fazia passar o meridiano: ao nórte, pela Furna Grande, e ao sul, pelo cabo de Santa Maria, dando manifesto avanço para o occidente á posse lusitana?

E' esse aspecto geographico - politico que a expedição de 1530 vem ousadamente precipitar e consagrar, dando o sentido de uma nova conquista geographica de um maior Brasil para Portugal.

Durante o cyclo da navegação da armada estudado nos precedentes capitulos, vimos o Diario, no seu estilo pittoresco nos dar ou suggerir á vista das cartas antigas e modernas, o contorno da nossa costa, a toponymia mais conhecida, o reconhecimento, reconquista ou descoberta de ilhas, cabos ou pontas, portos, angras e bahias, rios ou arroios, serras e cordilheiras, alfaques ou parceis; as latitudes, as sondagens em certos logares, afóra observações proprias e argutas sobre correntes marinhas, cursos dos ventos, detalhes technicos interessantes de subtil humanista e que dão um todo preciso e caracteristico á narrativa das viagens.

E quando de regresso a Portugal, a ultima parte da expedição a cargo de Martim Affonso em 1533, são as informações curiosas do nosso capitão mór ao notavel mathematico portuguez dr. Pedro Nunes, os detalhes topographicos e hydrographicos fornecidos aos Reinel e a Viegas pelos dois valorosos capitães e Diogo Leite, e a narrativa escripta dia a dia pelo irmão de Martim Affonso, que se irão moldar em tres bellas affirmações do engenho lusitano e consequentes da expedição de 1530:

1) o Tratado da Esphera, do dr. Pedro Nunes;
2) a carta de marear de Gaspar Viegas, de 1534;
3) o Diario de Pero Lopes de Sousa.

Ao Diario, motivo deste trabalho, já varias auctoridades no assumpto se teem referido com merecidos louvores e, notadamente no Brasil: no passado, o nosso maior historiador Francisco Adolfo de Varnhagen que o tirou da noite dos archivos para a luz da publicidade; no presente, o nosso mestre Capistrano de Abreu.

Tomando-o sob o ponto de vista historico, disse Varnhagen quando o publicou pela primeira vez, que: "elle serviu de esclarecer um periodo de mais de 20 annos da Historia do Brasil, quando a carta de Pero de Vaz de Caminha era apenas revelação do que se passara durante dias".

Na bella carta de marcar de Gaspar Viegas, - traçada um anno após o regresso de Martim Affonso - ha significativamente a louvar ser a primeira, parece, em que se emprega a correcção ao traçado em uso da equidistancia dos parallelos e em que se nomeiam mais significativamente quatro pontos da costa brasileira.

São estes: a baia de diogo leite além de um rio Maranhã da conquista; e, - ao sul -; o rio Marti A.° de Sousa (rio Martim Affonso de Sousa), ou o actual Mampituba; sam p.° ou sam pedro, a barra do Rio Grande do Sul; as tres ilhas das Onças, identificadas neste estudo com 3 das 5 antigas ilhas Rodrigo Alvarez ou das actuaes ilhas Torres, a saber: Rasa, Encantada e Islote.

Da parte visitada pelo bergantim de Pero Lopes subindo o rio da Prata e o Paranaguazú, muito de industria, deixa a carta de assignalar os differentes baptismos de certos pontos, dados por este capitão, como os já anteriormente feitos por capitães ao serviço da Espanha. Mas ainda assim, se revela tão notavel este trabalho cartographico, que Ferdinand Denis, o honrou com as seguintes expressões: "O capitão de fragata Mouchez que foi encarregado pelo governo francez de continuar e aperfeiçoar os trabalhos do almirante Roussin, no levantamento da costa do Brasil,

ficou como eu admirado da exactidão relativa de tal monumento geographico". (Cit. Harrisse).

A outra parte da arte nautica a analysar nos revela que se os conhecimentos astronomicos e marinheiros do capitão mór não eram superiores aos de Pero Lopes e jamais se emparelhariam com os do notavel D. João de Castro, todavia, por certas duvidas que elle apresenta em 1533 ao dr. Pedro Nunes pode-se bem aquilatar da curiosidade intelligente com que procurava adquiri-los nos dominios da astronomia e da nautica theoricas.

Tal demonstra com as seguintes observações e pergunta ao sabio portuguez:

1.º) que, achando-se aos 35.º ao sul da linha, quando o sol chegava ao Tropico do Capricornio, lhe nascia o mesmo astro ao sueste da quarta do leste e se lhe punha ao sudoeste da quarta do oeste; e, assim o seria, tanto para os que vivessem num ou noutro hemispherio opposto ou não ao signo; e assim, tambem no verão no hemispherio do nórte, estando o sol no Tropico do Cancer, nascer-lho ao nordeste da quarta do leste, como para os que vivessem no hemispherio do sul;

2.º) que "se espantara muito" por, estando em dias de equinocio, - (o sól no equador) - e achando-se com a armada em varios pontos vir sempre nascer-lhe o sol ao léste, e por-se-lhe ao oeste, sem nenhuma differença, quer elle, observador, se achasse da banda do nórte ou da banda do sul;

3.º) como governando aos rumos do leste ou do oeste, caminhariam os navegantes num só parallelo sem jamais chegarem ao equador, se bem que, dizia elle, "nesse rumo trouxessem a prôa, juntamente com o leste da agulha"?

Se as duas objecções primeiras dentro no systema de Ptolemeo deverá o culto Pedro Nunes esclarecer, da terceira melhor fructo irá tirar o engenho do mestre lusitano.

Porque foi esta pergunta feita ao mestre insigne, que veiu dar em resultado a descoberta das mais brilhantes

da navegação moderna feita por Pedro Nunes: a da determinação da loxodromia. Tão luminosa sentença traçada em ponto de vista theorico, - honrando o nome de um scientista consagrado em estudos mathematicos e em invenções como as do annel graduado e do nonio, - vem merecidamente dar logar de relevo á sciencia nautica do velho Portugal.

A primeira applicação della suggere a Mercator a carta de 1541; mas só em 1569 vem a cartographia, valendo-se do novo processo de projecção em que se alterava a escala das latitudes - já tentada por Viegas em 1534 -, a praticamente dar solução definitiva ao problema, com sobre uma nova carta de Mercator se poderem substituir approximativamente as curvas loxodromicas por linhas rectas.

Bello fructo foi pois, essa descoberta devida ao saber mathematico de Pedro Nunes, á curiosidade intelligente de Martim Affonso, ao subtil entendimento de Gaspar Viegas, e mais tarde, á realização engenhosa e feliz do grande cartographo flamengo Mercator.

Sob o ponto de vista da ethnologia, a expedição de 1530, revela pelo Diario, aqui ou além, uma contribuição interessante sobre o aborigene sul-americano, tanto do da costa do pau brasil, como do da costa do ouro e prata, com alguma profundidade no sertão.

Assim ao nórte com Diogo Leite no rio de Maranhão (Amazonas) ou proximidade delle; assim com os pitiguares, na - bahia da Traição, - offerecendo aos lusos - pau brasil -, mas negando-lhes agua doce á boca de um rio, ou em contraste, ajudando aos portuguezes mais tarde, na defeza da feitoria e fortim do rio de Pernambuco contra os corsarios da nau La Pèlerine. Curiosa nos é a revelação que faz Pero Lopes na bahia de Todos os Santos ao descrever o combate naval entre 100 canôas tupís, empavezadas e garridas, empenha-

das do meio dia ao pôr do sol em lucta intrepida, assim como das fogueiras barbaras ante o festim arthropophago dos cannibaes... A par das scenas da guerra, diz-nos o chronista, não terem elles "nenhum modo de physica" senão "como se acham mal não comem e poem-se ao fumo" como tambem serem elles "gente toda alva" com mulheres formosas que não deviam ter "inveja ás da Rua Nova de Lixbôa". E se na Bahia alguns descendentes de Diogo Alvares se poderiam tomar, não assim da gente do Rio de Janeiro, a qual tambem dizia ser: "como a da bahia de todolos santos, senam quanto he mais gentil gente". Do gentio de Cananéa - na ida e regresso do rio de Sta. Maria ou da Prata - pouco nos diz, como tambem silencia sobre os tupininquins de S. Vicente, e o mameluco de Piratininga que se ahi criava; mas do da região platina nos dá larga e valiosa contribuição através do pittoresco dizer e da observação arguta. Do contacto que tem com os begoás e begoás-chanás ou affins, desde o cabo de Sta. Maria antigo (punta del Este de Maldonado) até as ilhas dos Corvos no Paranaguazú, resulta-lhe o estudo do viver primitivo dessa gente. Diz-nos o Diario, das casas e aldêas indigenas, das armas de guerra que usavam; das embarcações e palamenta com que navegavam; da indumentaria caracteristica em que prevaleciam formosas pelles de onças, lindas pennas de emas e de outras aves; do ceremonial funebre usado, como do respeito aos mortos para os quaes construiam cemiterios; do viver nomade e dos habitos hospitaleiros que demonstravam, velando, certo, a astucia e a traição; do habito de manifestarem a saudade dos mortos caros, qual a de cortarem os dedos das mãos, - por cada morte de parente uma phalange - o que faria muitos chegarem á velhice, só com o dedo minimo; e até, da tristeza que sobre elles vinha a exercer esse grande mestre de melancolia, que é o mar!...

Resta-nos agora encerrar a nossa critica, assignalando o toque de idealismo que animou a expedição de 1530, para deixar na terra brasileira, com os primeiros povoadores, o germe de uma grande nação.

Eram os lusos desse tempo uns maravilhados da grande epopéa maritima com que senhoreavam o mundo, e valorosos guerreiros na Africa, na Asia, na America e pelos oceanos em fóra...

Desde este instante, porém, iam ser o grande povo colonizador, criando a obra digna dos seus brasões - o Brasil.

Abraçados ao Evangelho, relembrando a par da acção heroica no mar pela voz de um ou outro capitão ou colono as passagens da cavallaria andante do Amadiz de Gaula de Vasco Lobeira, a suavidade de alguns versos do rei poeta D. Diniz, do Cancioneiro Geral, das obras primas de Gil Vicente ou dessa musica dolente e saudosa do fado portuguez em que vive toda a alma de uma nação, - que força de idealismo não os impulsionaria a realizarem obra fecunda e duradoura?!

Ainda não havia Luiz de Camões composto o "Missal de patriotismo" desse povo, mas um dos lusiadas valorosos ja era Martim Affonso de Sousa, heróe cheio de ideal sob o céo brasileiro, e em breve, e por vezes, sob o céo das Indias. E mais tarde, quando sob o céo das Espanhas, e ao fim da vida, já diminuido em algumas das suas glorias, soube elle ainda affirmar essa força mysteriosa e bella que animou quasi toda a sua empreza.

Assim no-lo conta o padre José Pereira Baião: que, um dia sendo interrogado o ex-governador da India pelo rei, quando Portugal começava de viver das glorias passadas e o espirito de D. João III de ser salteado de tristes presagios e desenganos:

- "que vos parece, Martim Affonso, passemonos para o Brasil"? -,

o nosso valoroso capitão mór lhe respondera "entre siso e galantaria":

— "Por certo sór, que doudisse era ella, que pudera fazer um rei sezudo, o não viver dependente da vontade dos seus visinhos, podendo ser monarcha de outro maior mundo"!...

Essa expressão de idealismo não escasseou tambem em Pero Lopes de Sousa para que elle nos legasse em tão curta vida, a par de navegações, batalhas e aventuras, o traçado da expedição de 1530.

Coube a este notavel escripto o contribuir para immortalizar a valorosa empreza, em plena America, de Martim Affonso de Sousa: empreza excellente desse almirante dos mares do Brasil, bandeirante das terras do Novo Mundo, fundador do berço de uma nacionalidade, e ainda, ao fim da vida, precursor do imperio brasileiro.

NOTAS AO TEXTO, NA 5.ª EDIÇÃO DO DIARIO

CORRESPONDENCIA COM O TEXTO: DA Pg. 87 à Pg. 386

NOTAS

1) a nau Capitaina ou Capitanea; o galeão Sam Vicente; a nau Sam Miguel; e as caravelas: Rosa e Princeza.

2) oessudoeste.

*) o A. escreve muitas vezes Capitam I. quando se refere a seu irmão, o Capitão-mór Martim Affonso.

(Varnhagen).

3) no porto da Praia.

4) Sexto.

5) Emendas (Varnhagen).

6) Reinel dá o cabo fremoso — ou Sto. Agostinho em 8° 30′ S.: a carta moderna dá-lhe a latitude de 8.° 20′ 40″ sul.

7) Reinel dá essa ilha em 3.° 20′ S.: a carta moderna dá-lhe a latitude media de 3.° 49′ 43″ sul.

8) 24 de Janeiro

9) oessudoeste.

10) oeste ou O4SO verdadeiro? (Cap. II.°).

11) Nau «A» (Cap. II.°).

12) Pero Cabarigo ou Cavarim.

13) Nau «B» (Cap. II.°).

14) Nau «C» (Cap. II.°).

15) Nau «A» (Cap. II.°).

16) Nau «C» (Cap. II.°), que passará a ser a nau Nossa Senhora das Candêas, tomada a 2 de Fevereiro de 1531.

17) legua.

18) nas proximidades da Bahia da Traição.

19) nas proximidades da barra do arrecife — do Diario, e para o fundeadouro da futura Olinda. (Vide Cap. II.°).

20) a sotavento.

21) a nau Sam Miguel desgarra.

22) A nau «B» (Cap. II.°).

23) feitoria no actual rio Igarassú.

24) chama-se Diogo Dias, segundo se lê mais adiante.
(Varnhagen).

25) Talvez na paragem que desde esta occasião se ficou denominando dos Affogados (Varnhagen); pensamos nós, na barreta ou na propria barra do porto (E. C).

26) A nau Sam Miguel para sempre desgarrada.

27) Feitoria no rio Igarassú, fundada por Christovam Jaques.

28) Rosa e Princeza.

29) « Enganou-se o autor. Se a 18 de fevereiro foi sabbado, o ultimo desse mez (28) foi terça-feira. Portanto o 1.º de março caiu em quarta-feira, como alias sabemos, que caiu, fazendo o computo ordinario. A conta dos dias da semana seguiu errada, e nem se emendou no dia 12, passando de terça-feira 11 a sabbado 12; e assim andou errada, até que entraram em Sam Vicente ». (Varnhagen). Deve-se dizer que em dois periodos se deu essa anomalia: de 1.º de Março a 31 de Abril de 1531 e de 21 de Outubro de 1531 a 21 de Janeiro de 1532.
(Jordão de Freitas).

30) A nau «C» tomada a 2 de Fevereiro.

31) vide Capitulo II.º.

32) vide Capitulo II.º.

33) minutos.

34) os dias têm ido errados, e a correcção aqui feita, saltando-se um só dia da semana, é insufficiente — (Varnhagen).

35) Itaparica.

36) Maré.

37) Frade.

38) Cabo de Sto. Antonio.

39) Era Diogo Alvares, o Caramurú. (Varnhagen).

40) O rio Una actual; Viegas em 1534 dá — « tinharo », e talvez já como ilha.

41) Santa Maria do Cabo.

42) Baixos e archipelago dos Abrolhos, do qual conheciam como principal a Ilha de Santa Barbara.

43) 15.º (?).

44) 15.º 40′ (?).

45) 12 braças (?).

46) 15.º 30′ (?).

47) e 48) latitudes mal copiadas ou calculadas com muito erro.

49) vide Capitulo III, mappa 4.

50) oessudoeste.

51) baixos do S. Thomé.

52) NNE-SSO da sua agulha.

53) Serra do Mar.

54) o cabo de S. Thomé.

55) Serra do Mar.

56) vide Cap. III.º.

57) Porto de Martim Affonso, depois desta expedição.

58) vide Capitulo III.º.

59) talvez na altura de uma das pontas: Drago (Ilha Grande), ou mais provavelmente: Respingador ou Joatinga (Continente).

60) montada a Ponta do Boi e ao oeste della.

61) Ilha dos Alcatrazes (Varnhagen).

62) oessudoeste.

63) oessudoeste

64) "e por nos afastar della" — (copia do codice, segundo J. de Freitas; porém de accordo com a copia tirada na Bibl. Nacional de Lisboa (Secção de Historia e Geographia — Livro 1504 — (preto), e com o manuscripto de propriedade do Bispo Conde D. Francisco de S. Luiz (1.ª edição do Diario).

65) Rio da Prata (Varnhagen).

66) Ilha do Bom Abrigo.

67) barra de Cananéa, subindo o Mar Pequeno.

68) Por conseguinte, desde a expedição de 1501 (Varnhagen).

69) Este porto ficava, montada a Ponta dos Naufragados, provavelmente na enseada de Massiambú.

70) Cabo de Santa Martha.

71) e 73) costa rio grandense do sul.

72) «o fumo».

74) e 76) As 3 Ilhas Torres: Rasa ou Seca, Encantada e Ilhote, ou as Ilhas das Onças. (P. Lopes e Viegas).

75) littoral comprehendido entre os Cabos Polonio e Castilho.

77) Cabo Polonio.

78) antigo Cabo de Santa Maria, hoje, Punta del Este de Maldonado.

79) Vide Cap. IV e mappa 6.

80) Ao oeste da actual Punta del Este de Maldonado

81) Ilha das Palmas (P. Lopes): a actual Gorriti.

82) Era o piloto mór (Varnhagen).

83) antigo porto do Cabo de Santa Maria (P. Lopes): entre a ilha Gorriti e o Cabo.

84) Subindo o Rio da Prata; a costa ahi sómente corre ao oeste, após montada a Punta del Este de Maldonado. (Vide Capitulo. V).

85) Punta Negra.

86) junto á ilha das Palmas — ou Gorriti.

87) Punta del Este de Maldonado, antigo Cabo de Santa Maria.

88) a Santa Maria do Cabo.

89) nau Nossa Senhora das Candêas: a nau «C».

90) praia do actual Porto de Maldonado.

91) Da Expedição Caboto que antecedeu a de que trata este Diario.

92) Parece faltar aqui a palavra — Rio — (Varnhagen).

93) Falta um rumo, parece. Este local deverá ser na proximidade do Rio Solis Grande (dos Begoás antigo) e não no Chuy, como quer Varnhagen. (Vide miniatura mappa 7).

94) Ilha das Flôres.

95) Rio da Prata.

96) Nau Nossa Senhora das Candêas e galeão Sam Vicente.

97) Rio Solis Grande.

98) Piedras de Afilar.

99) Ilha das Flores (Varnhagen).

100) Cerro (Montevidéo) (Varnhagen). Monte vidi (Magalhães), 1520.

101) Na altura de uma das Puntas: de Yeguas ou del Espinillo.

102) Punta del Espinillo.

103) Se bem que em desaccôrdo com o traçado, parecia tratar-se de um dos rios Pavon ou Pereyra, a um dos quaes, de volta, chamou Pero Lopes — Sam João —.

104) A em que se veiu a fundar a Colonia do Sacramento. (Varnhagen) — O Cabo de Sam Martinho (Pero Lopes): hoje, a Punta de la Colonia.

105) Ilhas de San Gabriel (Varnhagen); tambem as chamadas — 7 Ilhas — ou — Islas de las Piedras.

106) Rio San Juan — (Varnhagen): Este rio não é o Sam João — de Pero Lopes, e sim, o — San Juan — actual.

107) Ilha de Martin Garcia (Varnhagen).

108) Orientação e distancia mal calculadas; das Ilhas de San Gabriel (7 Ilhas de Pero Lopes) á de Martin Garcia (Santa Anna) ha 26 milhas ou cerca de 7 leguas, e esta, fica ao noroeste daquellas.

109) 2 Hermanas (Varnhagen) — ou Islas Hermanas — dadas em distancia bem approximada de Martin Garcia (Santa Anna, de Pero Lopes).

110) Terra actualmente Argentina, no delta do Paraná.

111) Boca do Paranaguazú. (Varnhagen).

112), 113) e 114) Braços e igarapés que dão no Paranaguazú.

115) pelo Paranaguazú e em braços delle, e não pelo rio Uruguai, como quer Varnhagen

116) As duas Ilhas depois por Pero Lopes nomeadas — dos Corvos; devem estas ser as actuaes Dorado e Doradito.

117) pelo braço do Paraná Bravo.

118) Em descida pelo braço do Paraná Bravo, para o Paranaguazú.

119) São as Ilhas onde estivera no dia 4 (Varnhagen): ou as que identificámos como Dorado e Doradito, no Paranaguazú.

120) Oessudoeste.

121) pelo Paranaguazú, passando ao norte da Isla Botija.

122) Esta Terra dos Carandins (Quirandes ou Quirandies) deveria ser banhada pelas aguas do Paraná e Paranaguazú; mas a conhecida por Pero Lopes, seria a lindada na actual terra argentina, por S. Pedro, braço do Paraná Pavon, Ibicuy e Baradero com o respectivo arroio.

123) actual rio Solis Grande.

124) Ao descer o rio veiu tocado com corrente e vento do noroeste, pela pópa; navegou pois, ao sueste — no Paranaguazú — e não, como quer Varnhagen.

125) «andava».

126) As do dia 4 e 8 de Dezembro. (Varnhagen)—Dorado e Doradito, identificadas anteriormente.

127) Begóas e Chanás eram nomes de tribus de indios (Varnhagen).

128) do Paranaguazú.

129) Dos Hermanas.

130) Martin Garcia.

131) San Gabriel.

132) Punta de la Colonia, e não — del Espinillo, como quer Varnhagen.

133) — Não entrando em conta com a de — Angostura — seriam as outras pontas: Artilleros, Sauce e Rosario.

134) O Pavon ou o Pereyra.

135) Oesnoroeste.

136) parecem.

137) Cerro (Montevidéo) — Monte vidi (Magalhães, 1520).

138) Vide Capitulo V.

139) o antigo Cabo de Santa Maria seria para Pero Lopes a actual Punta del Este de Maldonado, do contrario, não poderia affirmar correr a costa leste - oeste entre o — Cabo de Santa Maria e o Cerro, a 3 milhas da actual Montevidéo.

140) Calculou a distancia em cerca de 2 leguas maritimas para mais.

141) Calculou a distancia em cerca de 4 milhas maritimas para menos.

142) Calculou a distancia em cerca de 3 leguas para menos.

143) Os fundeadouros ao leste e ao oeste do Cerro.

144) De las Gaviotas — segundo Varnhagen; Groussac melhor a identificou com a — das Piedras de Afilar.

145) O Rio Solis Grande, distante — das Piedras de Afilar cerca de sete milhas ou 2 leguas.

146) actual ilha Gorriti ou de Maldonado, no fundeadouro do antigo Cabo de Santa Maria ou Maldonado de hoje.

147) Vide Capitulo V.

148) Oessudoeste.

149) Se o antigo Cabo de Santa Maria fosse o actualmente deste nome, outra seria a manobra a adoptar.

150) Talvez ao N4NE verdadeiro.

151) Rio de Santa Maria ou da Prata. Trata-se do bergantim desgarrado durante a travessia Cananéa — Ilhas das Onças e arribado ao Porto dos Patos: tal arribada era ainda ignorada pelo capitão mór.

152) na altura da Imbituba.

153) no parallelo do Porto dos Patos.

154) Serra do Mar: costa paulista do sul.

155) Barra da Icapara ou a da Ribeira do Iguape.

156) Ilha do Bom Abrigo.

157) a actual barra da bahia de Santos.

158) proximidades da Ponta Itaipú.

159) Ao oeste da actual Ilha de Santo Amaro (a Ilha do Sol, de Pero Lopes)?

160) na praia do Góes, ou então já no começo do canal entre as ilhas Santo Amaro e São Vicente.

161) Vide Capitulos: VI e VIII.

162) O novo porto de Sam Vicente; não o antigo porto (dos escravos) de Sam Vicente ou a actual bahia de Santos.

163) pela primeira vez apparece o nome da caravela tomada na Bahia de Todos os Santos.

164) durante a travessia Cabo de Santa Maria — Cananéa.

165) a nau Nossa Senhora das Candêas e o galeão Sam Vicente.

166) Aqui se vê que este diario se ia escrevendo a bordo. Varnhagen).

167) Aqui concluia a copia que nos serviu de texto na 1.ª edição; porém o Codice da Bibliotheca Real, que hoje temos pelo original escripto a bordo, prosegue logo dando conta do regresso, como ora adoptamos — (Varnhagen).

Como dissemos, serviu-lhe de texto, até este passo, na 1.ª edição, o manuscripto do Bispo Conde D. Francisco de S. Luiz, e a seguir, o Codice da Bibliotheca Real do Paço da Ajuda. Este ainda hoje existe na Biblioteca da Ajuda, e aquelle ou copia delle, parece, faz parte da Bibliotheca Nacional de Lisbôa (secção de historia e geografia, livro 1504, p.º) e por ser conforme á copia que obtivemos, valendo-nos da fidalguia do distincto escriptor Fidelino de Figueiredo. E. C.

168) Convem notar primeiro que o que está em grifo se acha escripto no codice da Bibliotheca Real, porém á margem e com uma chamada. — (Varnhagen).

169) no galeão Sam Vicente.

170) a nau Nossa Senhora das Candêas, uma vez que não podia ser a caravela Santa Maria do Cabo.

171) A capitanea de Pero Lopes já era agora a nau Nossa Senhora das Candêas.

172) Oessudoeste.

173) A ilha de Santa Barbara, principal do archipelago dos Abrólhos.

174) baixios de São Thomé que Reinel dava 10' ao norte do cabo de São Thomé e Viegas, 60.

175) Serra Grande, na costa bahiana.

176) na Ponta do Padram ou Cabo de Santo Antonio, á entrada da bahia de Todos os Santos.

177) ponta.

178) a nau Nossa Senhora das Candêas e o galeão Sam Vicente.

179) Da ponta do padram (Cabo de Santo Antonio) até a pedra da galee (Ilhote de Itapoan) ha 13' ou cerca de 4 leguas, como dá o Diario.

180) ENE-OSO.

181) na altura do antigo Rio Sam Miguel (o actual Camaragibe) e fazendo parte dos recifes que correm nesse littoral.

182) Entre 9° 20' e 9° 25' sul.

183) Talvez entre as actuaes: Barra do Porto Calvo e Barra Grande.

184) Ilha de Santo Aleixo, 15' ao S4SO do Cabo Santo Agostinho.

185) «Aqui acaba no MS. quasi o verso da fol. 29.—Seguem-se em branco as folhas numeradas 30, 31, 32, 34 e 35. Passa em claro a 33, cujo numero vem a ter a ultima, que está depois da 41, e tambem é em branco, só no principio da pagina diz: »

(Varnhagen), 3.ª ed. do Diario).

186) «Segue uma raspadella, depois a fol. 35, e continúa:»

(Varnhagen, 3.ª ed, do Diario).

187) e 188) Pela primeira vez cita o Diario de quanto variava ou quanto «abatia» a agulha de um dos navios.

189) Aos 24 de Novembro de 1532, em pleno Atlantico septentrional.

190) Depois da fol. 35 seguem no codice, mais cinco em branco, vem logo a fol. 33 de que falámos, e conclue.

(Varnhagen, 3.ª ed. do Diario).

INDICE E SUMMARIO

Prefacio de Capistrano de Abreu

DEDICATORIA

A CAPISTRANO DE ABREU

CAPITULO I

A ARTE DE NAVEGAR E OS TYPOS DOS NAVIOS NA EXPEDIÇÃO DE 1530 — pag. 35

coevos a M. Affonso, pag. 67 — As Molucas e o desejo de sua posse influindo sobre os traçados — Deslocamento do continente americano para o oriente — Opiniões de: Americo Vespucci, Fernão de Magalhães (Pastells, doc.º n.º 1), Reinel (Denucé, Origines de la Cartographie portugaise), Alonso de Santa Cruz (Yslario) — Dados imprecisos, pag. 68 — Pedro e Jorge Reinel (portulano de 1516) e difficuldade do traçado das singraduras affonsinas — Viegas e Mercator — Traçados approximativos das singraduras ou da derrota — Cartographo Nelson de Faria — Capitão de fragata Renato Bayardino — General Tasso Fragoso — Antonio Luiz de Freitas Pereira — Gustavo Umbuzeiro — Luiz Gomes Loureiro — Gabinete Photographico do Estado Maior do Exercito — Valôr do efficiente estabelecimento e do seu digno director, pag. 69 — Aristides de Almeida Beltrão — Pandiá Calogeras — Miguel Calmon — Esboços cartographicos (ou mappas) em correspondencia com o texto do Diario e do Commentario ao Diario — A arte de navegar ao tempo da expedição affonsina — Pedro Nunes e sua advertencia aos pilotos, no Tratado da Sphera, pag. 70 — A arte de navegar — A descoberta da loxodromia por Pedro Nunes, pag. 71 — Taboa dos valores dos caminhos de latitude e de longitude, em relação aos rumos por grau de latitude — Valores alterados por Pedro Nunes e variaveis desde Vespucci, Faleiro, Duarte Pacheco, João de Lisbôa, Pero Lopes, d. João de Castro — Imperfeição do calculo da longitude — Valôr desta no estudo dos Congressos technicos para resolução das questões de posse das terras descobertas, pag. 72 — Calculo da longitude baseado nos eclipses — Citação de Dionysio, o Areopagita — Explicação do calculo — Processos praticados por Ruy Faleiro, Pigafetta, João de Lisbôa, André de San Martin — Um delles justamente desapprovado por D. João de Castro — Por que P. Lopes no Diario dará "os lugares da lua", pag. 73 — Processo original de Caboto (Harrisse - John & Sebastian Cabot) e inconvenientes do dito emprego de calculo — Gemma Frísio, segundo o erudito dr. Luciano Pereira da Silva — Indentificação do nauta com o mar e phenomenos do mar — Marcação do ponto na carta, pag. 74 — O ponto de esquadria — Arguto conhecimento dos phenomenos naturaes, no mar — Plantas marinhas — A ornithologia maritima que conheciam, pag. 75 — Os marinheiros quinhentistas e os classicos latinos — Plinio (Historia Natural) — Virgilio (Eneida) — Lucano (Pharsalia), segundo Medina (Arte de Navegar) — Izidoro (Etymologia) — Virgilio (Georgicas) — Intimo conhecimento das cousas do mar de Pero Lopes: citação do Diario — "Experiencia verdadeira" de Pero Lopes, da paragem que estuda — Opiniões de Varnhagen e de Gabriel Soares sobre outra viagem de P. Lopes ao Brasil, pag. 76 — Conhecimentos de P. Lopes dos nossos mares e do rio da Prata — Typos dos navios na expedição affonsina — A caravela — "A Madre de Deus" — Livro das Armadas — Esmeraldo (D. Pacheco) — Visconde de Juromenha (desenhos) — Benine (idem) — D. João de Castro (roteiro) — Juan de la Cosa (mappa) — Falcão (livro) etc.. — Descripção da caravela, segundo J. Braz de Oliveira (Annaes do Club Naval - Lisbôa, 1894), pags. 77 e 78 — Proporções das caravelas para carga de marfim e de escravos — Madeira de que eram feitas — A nau portugueza, segundo J. Braz de Oliveira,

---

DIARIO DA NAVEGAÇÃO DE PERO LOPES DE SOUSA DE 1530 A 1532

CAPITULO II — (Mappa I)

Igarassú) — Manoel de Braga, feitor, e 12 christãos — Jorge Gomes, companheiro de Jaques ao rio da Prata ou de Sta. Maria — Expedição de Caboto em 1526: demanda de Pernambuco e visita á "feytoria" — Ilha Ascensão (A. de Sta. Cruz) ou Itamaracá — Já teria ella este nome? — Varnhagen e sua lição, pag. 115 e 116 — Anthony Knivet, citação de Capistrano de Abreu (Varnhagen Hist. Geral do Brasil), e a significação do termo tupi — Ainda a expedição de Caboto — "Pernambuco" por elle demandado, pag. 116 — Rio de las Piedras ou rio das Pedras: para Reinel, Maggiolo, Viegas seria o rio Goyana; para Caboto, entrando em conta com o seu erro na latitude, seria o actual rio Parahiba do norte (S. Domingos dos portuguezes depois da exp. de Martim Affonso)? — Rio das Virtudes - talvez para alguns o actual Igarassú — rio de Sta. Cruz (D. João III) — Carta de Diego Ribeiro (1529) e o que diz sobre a feitoria — O Pernambuco (de Caboto) e a baya de Pernambuco (de A. de Sta. Cruz), pag. 117 — Citação de uma passagem do Yslario — O rio de Pernambuco, de Pero Lopes — O rio dos Monstros (A. Sta. Cruz) e os 10 ou 12 monstros marinhos avistados — Filipe Cavalcanti em carta a Filipe Sasseti (citação de João Lucio, Rev. Hist. Vol. 13.°, pag. 113) descreve o typo de um desses monstros, pag. 118-119 — Caboto e os informes colhidos, principalmente de Jorge Gomes, sobre o rio da Prata ou Sta. Maria, o Porto dos Patos e os moradores deste porto: Enrique Montes e Melchior Ramirez — Partida de Caboto: 29-9-1526 — Montado o Cabo de Sto. Agostinho, avista nau franceza em Sto. Aleixo — Corre o littoral na altura do rio Sam Miguel (Canerio, 1502), pag. 119 — Christovam Jaques e sua expedição de 1527 — Pero Capico segue para Portugal — Diogo Leite — Gonçalo Leite — Gaspar Corrêa — Chegado Jaques a Pernambuco haveria de saber da viagem de Caboto para o sul — Combate contra corsarios francezes na "bahia de todolos Santos" e regresso a Pernambuco em 1528, com 300 prisioneiros — D. Rodrigo d'Acuña e sua odysséa, pag. 120-121 — D. Rodrigo toca na ilha de Sto. Aleixo — Opinião futura do historiador de la Roncière — Antonio Ribeiro — Proposta para colonização, de Christovam Jaques — Dr. Diogo de Gouvea — D. João de Mello da Camara, pag. 121.

CAPITULO II — (MAPPAS 2a, 2b, 2c)

(Correspondencia com o Diario, pag. 106)

PERNAMBUCO, pag. 122 — A armada de M. Affonso avista a 31 de janeiro de 1531 a costa de Pernambuco — Aprisionamentos da nau "A", na altura do cabo Percaauri e da nau "B" ao sul do Cabo Sto. Agostinho — No quarto da prima ou no prmeiro, quarto da noite, parte P. Lopes, com as caravelas Rosa e Princeza para a ilha de Sto. Aleixo — A ponta de Mercauhipe ainda não assignalada nos portulanos, estaria doze milhas ao S 4 SO do cabo de Sto. Agostinho, pag. 122 — Ponta Maracahipe — No quarto d'alva do dia 1 de Fevereiro fundea Pero Lopes em Sto. Aleixo — Ao clarear dá vista de uma nau franceza (a

CAPITULO III — (Mappa 3)

Cana fystolas", segundo Candido Mendes de Almeida, o Vasa-barris actual, assim como "o 1.° Vazabarris", o Japaratuba e o "rio do Pereyra", o Cotinguiba", pag. 144 — Identificação de Orville Derby (Os mais antigos mappas do Brasil) — Monte fragoso (Reinel) — Pedra da galee (P. Lopes) — Ponta do Padram — "Hua restinga" "ao mar da ponta do padram" (P. Lopes), pag. 145 — 13 de Março de 1531: entrada na bahia "de Todolos Santos" — Identificação de 3 ilhas assignaladas no Diario, pag. 146 — Pouca variação das suas agulhas? — A BAHIA DE TODOLOS SANTOS — Segundo Gabriel Soares: primeiros habitantes da Bahia de Todos os Santos — Guerra dos Tapuias contra os Tupinaés — Guerra dos Tupinambás contra as Tupinaés — Tupinambás, senhores da bahia á chegada dos Portuguezes, pag. 147-148 — Expedição de Gaspar de Lemos ou de André Gonçalves (1.º de Novembro de 1501) — Gonçalo Coelho (1503) — Nau "Bretôa" (1511) — Outras visitas á bahia — Christovam Jaques (1527) combate á foz do Paranaguassú tres corsarios francezes ao serviço de Coertrugar, Gueret Maturin Tournemouche, Jean Bureau e Jean Janet, pag. 149 — Diogo Alvares, o Caramurú — Informe do piloto Avila aportado á bahia, na nau S. Gabriel, com Rodrigo d'Acuña, em 1 de julho de 1528 — O que diz de Diogo Alvares, o Diario — O que informa Juan de Mori em 1535, através da narrativa de Oviedo, pag. 150, 151-152 — Mais tarde, na Villa-Velha, com Pereira Coutinho e com os Governadores Geraes Thomé de Sousa e Duarte da Costa — Martim Affonso e Diogo Alvares que lhe deu "rezam larga do que na terra havia", pag. 152 — Passagem do Diario em que se fala do gentio da bahia de Todolos Santos — Da maneira de viver desses tupinambás — A lenda do Sumé — O que diz a "Nova Gazeta da Terra do Brasil" (viagem de 1514) — Lição de Capistrano de Abreu, pag 154-155 — Combate naval entre 100 "igaras" ou canoas no qual pelo Diario tomariam parte 6.000 indios, pag. 155-156.

CAPITULO III

(Continuação)

BAHIA DE TODOLOS SANTOS — RIO DE JANEYRO — A 17 de Março de 1531 partia pela 1.ª vez, deixando 3 homens em terra, com sementes, para "experiencia do que a terra dava"... — Um destes seria o Affonso Rodrigues, citado por Varnhagen? — Seria este Affonso um dos depois desertados dos dois navios de P. Lopes ahi ancorados em 1532? — Juan de Mori dá castelhanos ahi vivendo em 1535, e casados com duas filhas de Diogo Alvares — A arribada e a 2.ª partida a 18 de Março, porque a 17 haviam arribado — A 25 de Março arribavam novamente — A' boca do rio Tynhaaréa — Em consequencia dessa surgida dará Viegas em 1534 "tinhare", pag. 157 — Juan de Mori soccorre naufragos da Capitanea espanhola dados á costa dessa ilha: de Touaré, segundo uns, e de Tanareques, segundo outros — Gabriel Soares dá idéa do porto, ao abrigo do actual Morro de São Paulo, onde

ancoram navios grandes — O rio Tynhaaréa, de P. Lopes, deve ser o Una — Velejam os navios para a bahia de Todolos Santos onde lhes sae ao encontro um batel — E' passageiro delle, Diogo Dias, feitor de Pernambuco, pag. 158 — O batel da caravela surta na Bahia entre os dias 13 e 25 de Março (a caravela Sta. Maria do Cabo) — Destinava-se ella a Sofala com escala no Rio de Janeiro — Motivo dessa escala, segundo lição de Al. de Sta Cruz — Aggregada á força naval de Martim Affonso — Postos em liberdade o piloto e os escravos presos na caravela, pag. 159 — A Santa Maria do Cabo e sua guarnição — Navios da força naval de M. Affonso: a "Capitanea", nau; a "N.ª S.ª das Candêas", nau; o "Sam Vicente", galeão; a "Santa Maria do Cabo", caravela — Effectivo de 400 homens?

CAPITULO III — (Mappa 4) — pag. 160

(Correspondencia com a texto do Diario, pag. 164)

3.ª Partida a 27 de Março de 1531 — Desfavoravel a monção para montar os Abrolhos, pag. 160 — Monções reinantes — Pirajás — Mal fixados os Abrolhos nos portulanos — Lição de um roteiro do seculo XIX, pag. 161 — Por contrarios os ventos, tarda se torna a navegação — A "Ilha de Santa barbora" (do archipelago dos Abrolhos) era deslocada em portulanos: 60 milhas mais ao sueste da verdadeira posição, pag. 162 — A fiarem-se nos portulanos que traziam, no dia 21 de Abril estariam sobre os baixios dos Abrolhos ou roda a roda com as ilhas — No Mappa 4: posição exacta e falsa posição dos Abrolhos — Amarados, buscam terra: avistam a actual costa espirito-santense — Brisas do nordeste — Surgidas nos baixios do Cabo de S. Thomé, ou nos "baxos dos pargos", pag. 163 — Baxos dos parguetes (vide pag. 170) — O "cabo do parcel" de P. Lopes — Ponto ao meio-dia de 29 de Abril — O Cabo Frio — Rio de Janeyro (Reinel) — Com 35 dias de viagem fundeam junto de uma ilha (a Raza, suppomos) — Com a viração entram no porto, pag. 164 — Toponymia da costa entre a "bahia de Todolos Santos" e o "Rio de Janeyro" até o anno 1535 — Portulanos ou cartas de marear consultadas: Canerio, Reinel, Riccardianna, Turim, Weimar, Maggiolo, Ribeiro, Vaz Dourado, Gaspar Viegas, e outros — Alonso de Sta. Cruz, Duarte Pacheco — João de Lisbôa — Alonso de Chaves — Oviedo — Gabriel Soares — Mariz Carneiro — Orville Derby — Duarte Leite, estudioso dos portulanos de Canerio a Ruysch: sua identificação de 6 rios — Orville Derby e sua identificação de 7 rios — A nossa identificação entre 1531 e 1534 — (Mappa 4) — R. de Joham Guyo — Tynhaaréa (P. Lopes) — R. da praya — R. de Santagostinho — Serra alta — G. da praya (Reinel) ou A baia (Viegas) — R. das Ostras — R. Santana, Santa Helena ou Sta. Lena — R. dos Cosmos — R. das Virges, R. das Voltas — R. S. João de Tiba, R. de Sta. Cruz, pag. 167 — Porto Seguro — rio do brasyl — monte pasqual — rio de Sam Gorge ou Sam Jorge, ou S. Joham — ilha dos baxos (P. Lopes), Y. de Sta. Barbora (Reinel) ou de

---

CAPITULO IV — (Mappa 5) — pag. 188

CAPITULO IV — (Mappa 3) — pag. 208

CAPITULO V

CAPITULO V (cont.) — pag. 258

MAPPA 7 (á margem)

CAPITULO V (cont.) — Mappa 7

A EXPEDIÇÃO DE PERO LOPES AO ESTEIRO DOS CARANDINS

CAPITULO V (cont.)

MAPPA 8 (á margem) — pag. 322

CAPITULO VI — (MAPPA 8) — pag. 328

CAPITULO VI (cont.)

Mappa 9 — pag. 334

CAPITULO VII — Mappa 10)

REGRESSO DE PERO LOPES A PORTUGAL — pag. 347

da ylha das pedras em fundo de 15 braças darea limpa" — Não seria a Lage actual; e talvez não a ilha, mas as ilhas das pedras como Pae, Mãe e Menina — A 4 de julho partiam novamente, pag. 349.

CAPITULO VII(cont.) — pag. 350

MAPPA 10

RIO DE JANEYRO — BAHIA DE TODOLOS SANTOS — Navegação praticada ao largar da barra — A nau N.a Senhora das Candêas é a capitanea — Ao por do sol com o cabo Frio — Rumo a passar fóra dos Abrolhos — Distancia a que os daria Pero Lopes, pag. 350 — Detalhes da navegação a 6, 7 e 8 — A ilha dos baxos ou a Sta. Barbora dos Abrolhos — Parallelo em que se encontrariam a 8 — Bolinavam a nau e o galeão em 7 quartas (P. Lopes) e com pouco abatimento — Calmas a 10, 11, 12 e 13, pag. 351 — Vento do sudoeste rijo até 14 — Marcação do ponto no portulano, tomando com referencia os "baxos dos parguetes", a ilha dos baxos ou de Sta. Barbora — Discordancias cartographicas entre os Reinel e Viegas — Oviedo — Viegas deve exprimir o pensamento de Pero Lopes e Martim Affonso — Bayxos dos parguetes e cabo de São Thomé, pag. 352 — bayxos d'abreolho — Pescaria dos pargos — Cabo do parcel (P. Lopes) — Baxos de los pargos (Ribero, 1527), baxos de Joargas (Ribero, 1529) — Posição provavel no dia 14 de julho de 1532, pag. 353 — A 15, montam os Abrolhos — A 14 ainda os teriam pelo través e pensamos, só a 15 os teriam montados — Na altura do Rodgers Bank das cartas inglezas encontram muitas baleias — Posição no dia 16, segundo P. Lopes — Avistam terra durante a noite, pag. 354 — Dia 17, reconhecem as "serras que jazem ao sul da bahia de Todolos Santos, 25 leguas" — Serra grande, serras e serra gram — serra alta — a ponta do Padram — Bordejos antes de demandar a ponta do Padram — Pero Lopes já era conhecedor do banco ahi formado, pag. 355 — Trabalho para montar a ponta — Travessia entre Rio de Janeyro e bahia de Todolos Santos em 14 dias — Monções e epoca em que sopram, pag. 356 — Derrota calculada em 980', quando na vinda se poderia dar derrota de 1230 milhas — Surgida na bahia de Todolos Santos para concerto das obras mortas das naus — Abastecimento das naus — Diogo Alvarez, o Caramurú, pag. 357 — Alardo da gente de guerra do galeão e da nau — Deserção de 3 marinheiros — Mal guarnecidas andariam as naus de Pero Lopes para policia da "costa do pau brasil" pag. 358.

CAPITULO VII (cont.) — pag. 359

MAPPA 10

BAHIA DE TODOLOS SANTOS — ILHA DE SANTALEXO — Após doze dias de descanso parte P. Lopes — Bordadas seguidas — A "pedra da galee" quatro leguas distante da ponta

---

CAPITULO VII (cont.) — pag. 365

Mappa 10 (á margem)

CAPITULO VII (cont.) — pag. 378

MAPPA 11

Limoeiro — Só duas naus teria levado Pero Lopes? — Gaffarel (Hist. du Brésil Français, pag. 97) e o apresamento de duas naus — A nau "N.ª S.ª das Candêas", tambem era nau franceza apresada a 2 de fevereiro de 1531 — Nas ribeiras tejanas — Quatro caciques trazidos do Brasil por Pero Lopes passeiam pelas ruas de Lisbôa vestidos de seda e com honras de reis — A Inglaterra e os marajahs das "suas" Indias, pag. 386 — Fim do commentario.

TEXTO DO CODICE — da pag. 87 a pag. 386

CAPITULO VIII.

SAM VICENTE — pag. 387

SAM VICENTE — Porto de sam visenso e rio de cananor (Canerio, 1502) — Portus s. vicêti e rio decananorum (1507) e porto de vincêcio e rio de Cananorum (1516), Waldseemüller — Ruysch — Rio de Sam Vicente e Rio de Cananéa (atlas Kunstmann II.°), e porto de Sam Vicente e Cananéa (de dois portulanos dos Reinel) — Rio de Canané (Regimento de Evora) em 24° lat. sul — Ilha de Sto. Amaro (Esmeraldo, 1505)) em 28° 30' latitude sul — Dados officiaes sobre uma ilha de Santo Amaro, só depois de 1545 — Primeira expedição exploradora (1501) — Gaspar de Lemos ou André Gonçalves — A viagem de 1503 (Gonçalo Coelho) — Vespucci — Bacharel de Cananéa, pag. 389 — Outros portuguezes, genros seus — Além do bacharel, citam as chronicas: Gonçalo da Costa, Antonio Rodrigues, João Ramalho, mestre Cosme, Duarte Peres ou Pires, Duarte Coelho — Naufragos ao largo das ilhas dos Porcos — Capitães, pilotos, embarcadiços de varias frotas — Antigo porto de S. Vicente — Trafico de escravos — Aleixo Garcia — Francisco de Chaves com o bacharel e mais 5 ou 6 castelhanos, á chegada de M. Affonso ao porto da ilha da Cananéa (Bom Abrigo) — Candido Mendes e sua opinião — Opiniões de Varnhagen, Medina, Charlevoix, Ruidiaz de Guzman — Documento citado por Azevedo Marques

CAPITULO IX

REGRESSO DE MARTIM AFFONSO

PORTUGAL DE 1530 a 1535 — pag. 427

CAPITULO X

A EXPEDIÇÃO DE 1530

(CONCLUSÃO) pag. 459

FIM

OBRAS DO MESMO AUCTOR

Cruzeiros. — 1913. — Off. da Liga Maritima Brasileira. — Rio de Janeiro. — (Viagem do N. E. «Benjamin Constant» ao redor do mundo).

"Terra á Vista". — 1920. — Typographia do Jornal do Commercio. — Rio de Janeiro

---

Diario da Navegação de Pero Lopes de Sousa (de 1530 a 1532) commentado em 2 vols. — Série Eduardo Prado. — Editor Paulo Prado. — Typographia Leuzinger. — 1927.

ERRATA

Pg. Publicações — Em vez de **Um Visitador** etc... vêr Vol II (Publicações)
Pg. V — hydrographia — em vez de — hydographia
Pg. 107 — Jaboatão — em vez de — Jabatão
Pg. 225 — agora — em vez de — agra
Pg. 361 — 9.º 30′ — em vez de 19.º 30′
Pg. 399 — Madre de Deus. —
Pg. 418 — segredos em vez de — segredo —
Pg. 486 — Bartholomeo Dias em **1487,** em vez de — 1587 —
Pg. 495 — h. da Traição; e ao sul do rio etc...
Pg. 495 — nau n.ª Senhora das Candeas (a antiga nau C)
Pg. 509 — rio de St.ª Maria, do Cerro?
Pg. 510 — Doradito — em vez de — Doradidito.
Pg. 513 — do esteiro dos Carandins
Pg. 514 — documentos officiaes; a citação é de 1545 —
Pg. 515 — 23 (em vez de 22) dizia...
Pg. 515 — a 24 (em vez de 23) de Maio...
Pg. 517 — combate — em vez de — combote.
e outros...

A IMPRESSÃO DESTE LIVRO
NAS OFFICINAS DA CASA LEU-
ZINGER, TERMINOU AOS ONZE
DIAS DE JUNHO DE MIL NOVE-
CENTOS E VINTE E SETE. ¤ ¤

MARTIM AFFONSO DE SOUZA.

... illustrado
No Brasil, com vencer e castigar
O pirata francez ao mar usado.
CAMOÊS. Cant. X. est. 63.

DIARIO DA NAVEGAÇÃO

DA

ARMADA QUE FOI Á TERRA DO BRASIL

— EM 1530 —

SOB A CAPITANIA-MOR

DE

Martim Affonso de Souza,

ESCRIPTO POR SEU IRMÃO

Pero Lopes de Souza.

PUBLICADO POR

Francisco Adolfo de Varnhagen,

Socio da Academia R. das Sciencias de Lisboa, A. das Reflexões Criticas *á preciosa obra de Gabriel Soares, &c. &c. &c.*

> " Estou persuadido que ainda existem alguns
> " diarios originaes dos nossos antigos navegantes.
> " Oxalá que sáiam á luz para honra da Nação. "
>
> QUINTELLA, *Annaes da Mar. Port.*

LISBOA,

Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis,

Rua Nova do Carmo N.º 39 D.

1839.

MARTIM AFFONSO DE SOUZA.

illustrado
No Brasil, com vencer e castigar
O pirata francez ao mar usado.

CAMOÊS. *Cant. X est. 63*

DIARIO DA NAVEGAÇÃO

DA

ARMADA QUE FOI Á TERRA DO BRASIL

— EM 1530 —

SOB A CAPITANIA-MOR

DE

Martim Affonso de Souza,

ESCRIPTO POR SEU IRMÃO

Pero Lopes de Souza.

PUBLICADO POR

Francisco Adolfo de Varnhagen,

Socio da Academia R. das Sciencias de Lisboa, A. das Reflexões Criticas *á preciosa obra de Gabriel Soares, &c. &c. &c.*

> "Estou persuadido que ainda existem alguns
> "diarios originaes dos nossos antigos navegantes.
> "Oxalá que sáiam á luz para honra da Nação."
>
> QUINTELLA, *Annaes da Mar. Port.*

LISBOA,

Typographia da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis.

Rua Nova do Carmo N.º 39 D.

1839.

Prologo.

A historia dos descobrimentos maritimos, offerecendo o maravilhoso das viagens e por vezes os encantos do romance, excita a curiosidade, e é de todo o auxilio e interesse para o estudo das revoluções occasionadas, em varias epocas, na civilisação das differentes partes do globo. Se as explorações e estabelecimentos d'Africa influiram nas suas guerras intestinas — se o achamento da America trouxe, com o germen de uma mais adiantada e progressiva illustração, bens á humanidade ou se males pelos milhões de mortes que originou — se as guerras dos portuguezes na Asia, fazendo diversões aos que combatiam pelo crescente, livraram a Europa de uma invasão de turcos — se o indomito occeanico teria melhor sorte livre dos seus modernos civilisadores — se fina-

mente isto tudo influiu e até que ponto nos diversos estados e nações da Europa — são questões todas importantes do mister do historiador-filosofo, e ás quaes serve de primeira base a collecção descriptiva das expedições de mar. E' para enriquecer esta collecção que publicamos o presente inedito, que vai preencher uma grande lacuna até hoje existente na historia do Brasil.

E' este livro, que o público vê pela primeira vez, um dos que, por mau fado encerrados e quasi desconhecidos, atravessando seculos, aparecem como enviados para esclarecer pontos controversos e aliviar a crítica; e que, rasgando assim de um golpe folhas de enfadonhas polemicas e certames literarios, fornecem documentos irrefragaveis sôbre que por uma vez se descance firme.

Aos leitores versados nos annaes dos descobrimentos — especialmente nos americanos, recorremos para darem o seu juizo ácerca da importancia desta publicação; — a esses que sós reconhecerão nosso trabalho e saberão relevar-lhe as imperfeições, é que dedicamos a presente edição, e oxalá receba ella o acolhimento de que o escripto é digno!

Biografia

de

MARTIM AFFONSO DE SOUZA.

> « Tanto em armas illustre em toda a parte,
> Quanto em conselho sabio, e bem cuidado. »
>
> CAMÕES; *Lus.* X., 67.

Martim Affonso de Souza, primeiro donatario da capitanía de S. Vicente no Brasil, foi o primogenito do alcaide mór de Bragança Lopo de Souza, de mui nobre e alta linhagem ※, e de sua mulher D. Brites de Albuquerque. Era ainda moço quando deu uma prova de desinteresse e propenção ás armas. Tendo seu pai feito hospedagem ao castelhano Gonçalo Fernandes de Cordova ordenou, á saída deste grande capitão, que seu filho, para lhe fazer honra e cortejo, o fosse acompanhar por algumas jornadas: á despedida, querendo este fidalgo deixar-lhe um penhor do seu reconhecimento, o joven Martim Affonso preferiu a um precioso colar,

※ Vej. Antonio de Souza de Macedo, *Flores de España, excelencias de Portugal*, na Exc. V. c. 7.ª e a *Hist. Geneal.* T. 12 P. 2.ª

de muito mais valia que lhe offerecêra ☒, uma espada, que toda a vida estimou e usou.

Passou a mocidade na côrte do duque de Bragança D. Theodosio, e querendo este dar-lhe a alcaidaria de Bragança, por morte de seu pai, engeitou-a, indo para pagen do principe D. João; e daqui «por certo motivo de pondonor» se ausentou e se foi a Salamanca, donde, enamorado de uma nobre castelhana (com quem veio a casar) por nome D. Anna Pimentel, que como dama acompanhou a rainha D. Catherina em 1525, voltou a Lisboa quando já reinava o seu antigo amo. Talvez esta alliança, junta á estima que tinha do seu primo D. Antonio de Ataide, conde da Castanheira, e valido de elrei *, e mais que tudo as suas boas e eminentes qualidades ☒, motivaram o ser tratado com grande estimação na corte de elrei D. João 3.º, que o fez do seu conselho.

Bem sabido é como até estes tempos as cousas do Oriente tinham atrahido todo o cuidado; e a *Terra* por Cabral chamada *de Vera-Cruz* ::, depois de reconhecida e demarcada, apenas servia de ser frequentada pelos contractadores de páu brasil **, o que já a fizera conhecida por *Terra do brasil*. Os castelhanos aportavam ali indevidamente, e, para o mesmo fim, os francezes faziam temiveis piratarias e hostilidades. — Foi então que, havida a noticia das explorações de Gaboto e Diogo Garcia no Rio da Prata, elrei D. João 3.º, resolvido a tomar inteira posse deste, a colonizar a terra, e a fazer respeitar o seu pendão por aquelles mares, aprestou uma armada de cinco velas †, levando 400 homens,

☒ *Diogo de Couto* Dec. 5 Liv. 10 Cap. 11 e 8.º

* Elrei é o proprio que diz que o conde tinha cuidado de requerer a favor de M. Affonso.

☒ «Além do valor de Martim Affonso nas armas, conselho na guerra, e aprasivel conversação e outras boas qualidades &c.» Barros D. 4. Liv. 6. C. 16

:: Veja a mui curiosa carta de Pero Vaz de Caminha, escripta do Brasil a elrei D. Manuel no 1.º de Maio de 1500, impressa na *Cor. Bras.* T. 1.º, e na *Col. Ultr.* T. 4.º n. III., e corre traduzida em francez. O original, escripto em sete folhas de papel ordinario, conserva-se no R. Arch. *Gav.* 8.ª M. 2.ª n. 8.

** «*Acchuntur hinc a Lusitanis ligna Brasi alias Verzini et Cassia*» diz o mappa de Ruysch de 1508.

Ainda Camões no seu tempo dizia (X, 140) ser = «co'o páo vermelho nota» —

† *Capitaina* que se perdeu no cabo de S. Maria — Náo S. *Miguel* que voltou e fez varias viagens — Galeão *S. Vicente* — Caravelas *Rosa* e *Princeza*: estas duas ultimas foram para o Maranhão com Diogo Leite.

e nomeou Martim Affonso com grandes poderes para commandar no mar e depois em terra.

Partiu na armada de Lisboa a 3 de Dezembro de 1530, e com prospera navegação foi aportar ás Canarias e Ilhas de Cabo-verde; e chegado á altura do Cabo de S. Agostinho, onde foram aprisionadas tres náos francezas, entrou em Pernambuco com a sua esquadra, já de oito navios. Daqui enviou João de Souza a Portugal em uma das náos aprezadas dar parte do acontecido; fez queimar outra, e mandou Diogo Leite com duas caravelas a explorar o rio de Maranhão e tomar delle inteira posse.

Proseguindo ao sul com as náos restantes chegou á Bahia de todos os Santos, e encontrando a caravela Santa Maria-do-Cabo, persuadido que lhe era necessaria a tomou e levou na armada, que já constava outra vez de cinco velas. — Entrou no Rio de Janeiro, fez saír a gente em terra e construir uma casa forte, com cerca em roda, visto que ainda então não havia uma feitoria, onde hoje existem duas cidades florecentes * . E mandou quatro homens pelo interior, os quaes voltaram dahi a dois mezes acompanhados do senhor da terra, a quem Martim Affonso encheu de presentes. Tres mezes completos se demorou aqui a gente, durante os quaes houve tempo de construirem dous bergantins; e refeito de provisões por um anno, para os 400 homens que levava, fez-se de vela no caminho do sul. Entrando no porto de Cananéa encontrou dentro um bacharel portuguez, que ali estava degradado desde os principios de 1502, e tambem um tal Francisco de Chaves e meia duzia de castelhanos. Daqui enviou a Pero Lobo com 80 homens d'armas a descobrir pela terra dentro. Tal foi a primeira *bandeira* ✡, que se entranhou pelo sertão do Brasil.

Depois de 44 dias de demora continuou ao sul, e quando era tanto avante como o cabo de Santa Maria soffreu a armada tal tormenta que, desarvorando e desgarrando-se as embárcações, foi naufragar um ber-

* *Rio de Janeiro* e *Nitheroy*.

✡ Dá-se no Brasil o nome de *bandeira* a um indeterminado numero de homens, que providos d'armas, munições e mantimentos necessarios para sua defeza e subsistencia, entram nas terras possuidas pelos indios com algum intento, p. ex. de descobrir minas, reconhecer o paiz, ou castigar hostilidades. Veja-se a *Corogr. Brasilica* e o Dicc. de Moraes.

gantim perto da ilha de Santa Catherina, e o capitão mór deu á costa com a sua capitaina na entrada do Rio da Prata, perdendo-se a melhor porção dos mantimentos, porêm salvando-se com a maior parte da tripulação. A sua armada ficou de novo reduzida a cinco velas.

Aqui o veio soccorrer seu irmão Pero Lopes, e, juntando-se um conselho, foi decidido que o capitão mór não fosse, mas mandasse pelo Rio da Prata acima, a fim de o examinar e pôr padrões, do que elle incumbiu a seu irmão; e depois de reparado se embarcou, sendo talvez nesta occasião que examinou o rio Mampituba, ainda em muitas cartas designado com o seu nome ※, e foi esperar na pequena ilha das Palmas, ao norte do cabo de Santa Maria, pelo dito seu irmão, que só chegou passados trinta e tantos dias.

Daqui partiu com a armada para o porto de S. Vicente, onde surgiu a 20 de Janeiro de 1532; e na conformidade das instrucções que levava † deu terras, creou officiaes de justiça em duas villas que fez, uma em S. Vicente, e outra pelo sertão, em Piratininga, pouco arredado donde hoje está assentada a cidade de S. Paulo. Estas foram as primeiras colonias regulares de portuguezes no novo-mundo ☙.

Conhecendo o prejuizo que causava a demora das náos e sua tripulação, assentou em conselho de a enviar a Portugal, e a seu irmão encarregou do commando. Emprehendeu então uma jornada a Piratininga onde se achava a 10 de Outubro de 1532 ※※. Pouco depois de voltar a S. Vicente aportou ali com duas caravelas o João de Souza, trazendo resposta d'elrei datada de 28 de Setembro do dito anno ††. Nesta carta lhe fazia saber entre outras cousas, que lhe doava cem leguas de costa nos melhores sitios daquelle territorio, e lhe declarava que se podia tornar, se lhe parecesse não ser preciso ter lá mais demora. Por esta recommendação se resolveu M. Affonso de voltar á Europa, e se dispoz a fazer de vela na primeira monção de 1533, quando

※ Vasconc. *Noticias antecedentes das cousas do Brasil, &c.* « Chama-se assim porque nelle saiu em terra o capitão Martim Affonso. »

† Vej. p. 65 do presente Diario.

☙ Fr. Gaspar p. 61 e 63.

※※ *Fr. Gaspar* Liv. 1.º n. 112, 113, 114, e 115.

†† Vej. esta carta a pag. 81. Recebeu foral em Outubro de 1534, — a 6 segundo se vê a pag. 130, ou a 7 segundo Fr. Gaspar p. 223.

pouco antes da partida, recebeu noticia de haver sido sacrificada aos barbaros Carijós a expedição que da Cananéa mandára pela terra dentro ※.

Chegado a Lisboa foi nomeado capitão mór do mar da India,—prova de quanto elrei se dera por bem servido delle nesta incumbencia ⊇. Emquanto não partiu para o novo destino occupou-se da sua capitanía enviando-lhe casaes, plantas e sementes — incluindo a canna de assucar; e celebrando contractos * para a factura deste.

Aos 12 de Março de 1534 saiu do Tejo com cinco velas, e no fim do anno já estava em Goa. O governador D. Nuno da Cunha lhe fez entrega da capitanía mór do mar ☊, e lhe deu uma armada de 40 navios para ir sobre Damão. Esta fortaleza foi entrada e toda destruida.

Achava-se em Chaul ※ quando o célebre e infeliz sultão Badur, arreceando-se dos mogores, lhe mandou dizer, que cedia logar em Diu para levantar uma fortaleza, obra desejada pelos portuguezes e muito recommendada d'elrei. A fim de prevenir as inconstancias do Badur, este grande capitão ∴ se vai logo a Diu donde só dá parte ao governador. Foi o dar esta nova que serviu de pretexto á temeraria viagem do distincto Diogo Botelho Pereira, que se arrostou com o Adamastor em uma pequena fusta, e chegou a Lisboa a salvamento †.

O Badur ficou por tal modo affeiçoado a Martim Affonso, que o pediu em soccorro, com gente portugueza: e propondo o governador este pedido em conselho foi o capitão mór o primeiro a sustentar a concessão; e o Badur deveu ao valor e ardil de guerra deste grande chefe o não ser destruido e prezo pelos mogores ††.

Passou daqui a desbaratar os principes malabares na ilha de Repelim, que foi saqueada ::; e havendo destruido e assolado todos os logares maritimos do Sa-

※ *Fr. Gaspar* p. 84.

⊇ *Gabriel Soares Rel. Ger.* C. 60 é de parecer contrario, com tudo Couto diz que o mandou por capitão mór de uma armada para o Brasil *em que o serviu bem*. D. 5, L. X. C. 11.

* Fr. Gaspar p. 63 e 64.

☊ *Barros* 4, 4, 27.

※ *Andrada* Chronica de dom João 3.º Parte 3.ª Capitulo 3.º

∴ «[illegible] dos maiores do mundo» diz *Antonio de Souza de Macedo.* —

† *Couto* 5, 1, 2. [illegible] 4, 6, 14; *Castanheda* Liv. [illegible] cap. 52; *Andrada* P. 3. cap. 13 e 14.

†† *Couto* 4, 9, 10; *Andrada* P. 3. C. 11; *Barros*, 4, [illegible], 16.

:: *Couto* 5, 1, 4.

morim, recebeu em Cochim noticia de que o rei de
Cota, vassalo do de Portugal, se achava em aperto.
Partiu logo para Ceilão, e sendo a sua presença bas-
tante soccorro, aproveitou as intenções contra a frota
auxiliar ⊕ do Samorim, que foi destroçada depois de
um duro combate.

Guardava de novo a costa do Malabar, quando,
saíndo ✿ de Paname, o seu inimigo Pachi-Marcá ≋ o
perseguiu até Beadalá onde alcançou tão grande victo-
ria e tantos despojos †, que armou por esta occasião
muitos cavaleiros. Indo-se a Ceilão chega a tempo de
soccorrer o rei de Columbo, que soube recompensar es-
te auxilio com generosidade ⁂. Cativou e puniu mui-
tos piratas; e tinha ido de Cananor para Cochim,
quando, recebendo aviso de Nuno da Cunha da aproxi-
mação dos turcos, se apressou de ir a Goa. Na occasião
que chegou ja la estava o velho D. Garcia de Noronha,
nomeado vice-rei ⊗, com grande sentimento do va-
lente e infeliz D. Nuno. Martim Affonso vendo que o
novo vice-rei não atacava, nem lhe deferia o seu pe-
dido de ir em seguimento dos turcos, pediu para voltar
ao reino o que lhe foi concedido *.

Largou de Cochim na companhia de D. Nuno, e
tendo aportado aos Açores, chegou a Lisboa, onde foi
tão bem recebido de elrei, que antes de saber da morte
de D. Garcia, logo o destinou para lhe succeder no go-
verno, que demais lhe pertencia pela primeira via de
successão; e só depois foi informado da morte do vice-rei.

Martim Affonso, nomeado governador, não se es-
quecendo da sua capitanía, deu varias providencias, e
se fez de vela a 7 de Abril de 1541 em uma armada de
cinco náos, levando comsigo os primeiros jesuitas, que
vieram a Portugal e foram á India, incluindo o Mes-
tre Francisco Xavier.

Depois de alguma demora em Moçambique largou
deste porto a 15 de Março de 1542 ††; e, tendo rece-
bido visita do rei de Melinde e feito aguada em Soco-
torá, ferrou na barra de Goa a 6 de Maio.

⊕ Couto 5, 1, 6.
✿ Barros 5, 1, 6.
≋ Assim escreve *Couto* 5, 5, 8.
† *Andrada* P. 3, C. 47 e 48. *Barros* 4, 8, 13. *Couto*, 5, 2, 4 e 5. Cam. C. X. est. 65.
⁂ *Barros* 4, 8, 14; *Couto* 5, 2, 5.
⊗ *Couto*, 5, 3, 9.
* *Couto* 5, 5, 5.
†† *Lucena* Liv. 1.º, cap. 11.º

Tomando posse do governo, que tinha D. Estevam da Gama, por lhe ter tocado a segunda successão, se embarcou em Outubro para Batecalá, e expugnando esta fortaleza por mar e terra a fez arrazar ⁂, depois de sofrer grande resistencia; e exposta ao saque, foi incendiada. Tendo aprestado uma grande armada para ir ao pagode de Tremel, encaminhou-se por más informações ao de Tebilicaré, cuja jornada bem cara lhe custou ✿.

Havendo governado tres annos e quatro mezes, entregou o governo em prospero estado ❀ ao seu grande successor D. João de Castro, chegado no primeiro da Setembro de 1545; — deixando a armada preparada; pagos 45 contos de réis de dividas velhas, afóra 50 mil cruzados em cofre.

Recolheu-se á Europa, e surgiu em Lisboa a 13 de Junho de 1546, aonde, passados tempos, deu novas provas da sua resolução. Correndo boato de que vinham turcos saquear as costas do Algarve, Martim Affonso, estando em conselho quando isto se tratou, offereceu-se ❦ de ir contra elles no caso que tal se verificasse, o que não teve effeito. A 8 de Março de 1552 se achava em Alcoentre, donde nesta data expediu uma provisão a fim de concorrer para a fabrica da fortaleza da Bertioga ※.

Subindo D. Sebastião ao throno, e antevendo este prudente conselheiro que a tão joven e incauto rei não deviam de convir conselheiros experimentados, como se verificou, lançou-se de fóra antes que o mandassem †; e segundo deduzimos do *Soldado Prático* (cap. 13) elrei veio a estar « pouco contente delle no obrar dos seus negocios. »

Retirado da corte não se esqueceu das terras de S. Vicente, as quaes, pelo contrário, « favoreceu de navios e gente, que a ella mandava, e deu ordem com que mercadores poderosos fossem e mandassem a ella fazer engenhos de assucar e grandes fazendas » *. E de todo affastado dos negocios se occupou de escrever a sua vida, que deixou MS.; e que foi vista pelo incansavel

⁂ *Couto* 5, 9, 1.° e 3.°

✿ *Couto* 5, 9, 7.°

❀ *Couto* Sold. Prat. C. 5 e 11 pag. 25 e 49, e Dec. 5. Liv. 1.° C. 11.

❦ *Orient. Conq.* do P. Caparicano Souza 1.ª, 1.ª, n. 30.

※ Fr. Gaspar p. 225 e 226.

† *Couto* 5, 10, 11

* *Gab. Soares* Rot. Ger. C. 60.

conde da Ericeira, na Bib. do conde de Vimieiro; — o qual o declara tambem insigne em letras como nos feitos illustres — Tratou com a melhor gente do seu tempo, incluindo o grande Pedro Nunes, a quem propoz questões astronomicas, de que este destincto mathematico portuguez faz menção no seu Tratado em 1537 ※.

Falleceu a 21 de Julho de 1564, e foi sepultado ☊ no convento de S. Francisco da Cidade, na capella de Jesus, que edificára.

Foi commendador de Mascarenhas na ordem de Christo, alcaide mór de Rio Maior, e senhor do Prado e tambem de Alcoentre, onde instituiu um morgado.

Foi nos conselhos docil e prudente, firme na resolução, intrepido na execução e forte nos revezes: e, para nos expressarmos com Diogo de Couto, foi de grandes pensamentos, e muito determinado. Era bem apessoado, lhano nos gestos, de aspeito agradavel e de aprazivel conversação. Só lhe tem faltado na posteridade, para ser eterno o seu nome e a sua memoria um Jacintho Freire ou um Corte-Real — já que o seu manuscripto não viu a luz. — E quão interessante não sería se apparecesse!

O retrato que apresentamos é feito pelo da Asia de Faria e Souza, de combinação com a descripção que do de Goa faz Diogo de Couto; do que fomos obrigados a lançar mão por nos não ter chegado ainda uma cópia que esperamos daquella capital dos estados portuguezes na India. As armas são as competentes da casa do Prado; e na pequena *vinheta* desenhada inferiormente foi nossa tenção symbolisar as muitas vezes que Martim Affonso capitaneou armadas de cinco velas.

※ Veja o *Ensaio historico sobre a origem e progressos das mathematicas em Portugal*, por F. B. G. Stockler, París 1819; p. 30 e 130.

☊ Veja Fr. Manuel da Esperança *Hist. Seraf.* T. 1.º Liv. 2.º c. 22 p. 243, e um Nobiliario MS. da *Bib. Pub.* de Lisboa.

Noticia do Autor.

> «Franceza gente, que o Brasil tentava
> Pedro Lopes de Souza em furiosa
> Naval batalha o mar lhe contestava.»
> CARAMURÚ: *Cant.* 8.º *Est.* 27.

Pero Lopes de Souza, um dos doze primeiros donatarios do Brasil, foi o segundogenito de Lopo de Souza, e irmão do 13.º governador da India Martim Affonso de Souza. — E' mui provavel que na sua mocidade frequentasse na universidade, que então estava em Lisboa, os estudos da navegação. E' sem dúvida que dedicando-se á vida maritima reunia o ser nella perito a muito desembaraço e afoiteza — qualidades indispensaveis em tal profissão. Começou a servir nas armadas de guarda costa contra os corsarios; adquirira a prática de algumas navegações, quando, joven ainda, e já muito honrado fidalgo da casa de elrei D. João 3.º, acompanhou seu irmão na armada ao Brasil. Tendo saído de Lisboa na capitaina, passou depois a commandar duas caravelas, com as quaes sós afrontou em renhida peleja uma náo franceza, que abalroou e fez prisioneira.

Proseguiu, já feito capitão da sua nova presa, na

direcção do sul, e depois de ter rendido outra náo franceza, e aportado á Bahia e Rio de Janeiro, soffreu grande tormenta na altura do cabo de S. Maria; e havendo por esta occasião dado á costa o capitão mór, foi decidido em conselho que não devia elle de ir pelo Rio da Prata; e que fosse lá algum bergantim a fim de o examinar e pôr padrões. Reconhecendo Martim Affonso as eminentes qualidades de seu irmão, o encarregou desta commissão, recommendando-lhe que estivesse de volta em vinte dias.

De junto do dito cabo partiu a 23 de Novembro de 1531, navegou o rio acima pelo canal do norte, cento e tantas leguas contadas do cabo de S. Maria, e voltou a 12 de Dezembro. Tendo passado nesta deligência, inclemencias e trabalhos, pelos quaes mostra o seu valor em soffrer e seu genio em descrever, e visto alguns gentios, notado seus usos e costumes, veio a naufragar sobre uma ilha ao pé do cabo de S. Maria. Neste naufragio se houve Pero Lopes de fórma tal, que o seu procedimento mostra bem qual era a sua constancia e ânimo. Não convem antecipar as descripções que se lêem no seu Diario, por vezes poetico; ao qual remetemos o leitor, limitando-nos a dizer que tendo conseguido pôr o bergantim a nado se reuniu á Armada, a 27 de Dezembro, na ilha das Palmas: e todos partiram para o porto de S. Vicente, que Martim Affonso ferrou pela primeira vez a 20 de Janeiro seguinte.

Então decidiu este capitão por parecer dos pilotos e mestres e todos, «que para isso eram», de mandar duas náos para Portugal com toda a gente do mar. Incumbindo do commando a Pero Lopes, largou este a 22 de Maio de 1532, e fazendo-se ao norte foi ao Rio de Janeiro esperar pela outra náo — a tomada aos francezes; e daqui saíram juntos no principio de Julho. Passados quinze dias era Pero Lopes na Bahia de todos os Santos, da qual se fez á vela no fim do mez. E tendo andado tanto ávante como a ilha de Santo Aleixo houve vista de uma náo, e ordenou de fazer tudo prestes para a combater: o resultado de taes combates com francezes nunca lhe foi desfavoravel *. Entrou por

* Gabriel Soares diz no Rot. Ger. Cap. 14 que «se viu assim no mar pelejando com algumas náos francezas, de que os francezes nunca se saíram bem.»

fim em Pernambuco, e largando a 4 de Novembro só chegou a Lisboa no começo do anno seguinte.

Entretanto tinha elrei escripto a 28 de Setembro do anno antecedente, que lhe fizera doação de juro e herdade de uma capitanía de cincoenta leguas de costa, e em attenção aos seus serviços então narrados talvez pelo presente Diario, o agraciou commutando-lhas, por doação feita em Evora no primeiro de Setembro de 1534, em oitenta leguas destribuidas em tres differentes logares da costa por elle escolhidos * .

Ha quem diga ** que depois de voltar fôra em 1535 a Tunes, por capitão de uma náo na expedição que commandava Antonio de Saldanha com o Infante D. Luiz; porêm o que temos por certo é que antes ou depois intendeu povoar a sua capitanía de Itamaracá *** .

Havendo sido nomeado capitão mór de 6 náos **** para a India partíra em Março de 1539; chegou a Goa em Setembro, e voltando para a Europa se perdeu na paragem da ilha de S. Lourenço (hoje Mada-

* Veja-se esta doação que transcrevemos a pag. 118, bem como o foral a pag. 126.

** Souza *Hist. Gen.* T. 12 P. 1.ª Sería este serviço que mal entendido fez dizer a certo genealogico cujo Nobiliario Ms. existe na Bib. Pub. de Lisboa, que afirmavam ter sido Governador da Mina.

*** A maior parte dos escriptores dizem que Pero Lopes foi em pessoa á colonisação da sua capitanía depois que lhe foi doada. Outros não fazem menção de tal. Quanto á parte de S. Amaro não encontramos documento anterior a 1542, em que D. Isabel Gamboa nomea seu locotenente e ouvidor. Com tudo Gabriel Soares, que foi ao Brasil vinte e tantos annos depois e por isso se póde dizer coetaneo, ainda que confunde os acontecimentos que passou na Armada de que tratamos e que menciona no cap. 1.º todavia diz no cap. 14 do Rot. Ger., que, conduzindo armada á sua custa e em pessoa foi povoar esta capitanía (Itamaracá) com moradores que levou do porto de Lisboa, donde partiu; no que gastou alguns annos e muitos mil cruzados» — e no cap. 61 acrescenta que fizera um engenho em Santo Amaro, que tambem foi povoar em pessoa; porêm para esta ultima ha menos fundamentos. O certo é que a mesma ampliação que elrei fez a 21 de Janeiro de 1535 é prova de que elle cuidava na capitanía.

**** V. o = *Livro : das Armadas : e capitães : que forão á India do : descobrimento : della : ate : oje* = Ms., e tambem a obra, que citamos na nota da p. 83, escripta talvez originalmente por Pedro B. de Rezende.

*

gascar), vindo por fóra della, e não houve mais notícia do seu corpo.

Fôra casado com D. Isabel de Gamboa, que ficou tutora de seus filhos. Era de genio altivo (em vão o nega D. Luiz da Silveira), caprichoso no mando e independente, e por isso algumas vezes foi desatencioso e menos estimado. Tinha bastante amor proprio — talvez proveniente da sua juventude, e afez-se de tal modo aos perigos que o seu valor passou á temeridade, que pagou com a vida.

Deixou-nos escripto o Diario ou Roteiro que damos á luz tão completo quanto podemos, e do qual nem Barboza, nem bibliografo algum que conheçamos, teve notícia. Do merito do seu estilo ajuizarão os nossos literatos, e decidirão se algumas paginas descriptivas não fazem recordar a saudosa melancolia do saudoso livro de Bernardim Ribeiro seu contemporaneo.

Advertencia Preliminar.

Para a presente edição tivemos á vista tres copias — as unicas de cuja existencia temos conhecimento. Por um feliz acaso nos veio á mão a primeira em occasião que, envolvidos em trabalhos e leituras analogas, nos achavamos em circumstancias de avaliar a sua muita importancia, se não tanto pelo estilo, ao menos pelas curiosas noticias historicas que contêm, tendentes a esclarecer controversias não resolvidas pelos diversos escriptores, e da-la ao prelo sem mais lentação. Sobre a sua genuinidade não hesitámos um momento pois que além do legitimo, se bem que não explicito, testimunho dos escriptores antigos *, e até quasi coevos, e a harmonia da narração com

* Veja a obra de Gabriel Soares de Souza escripta em 1587, e publicada anonyma pela A. R. das S. de Lisboa em 1825; no cap. primeiro da qual diz este A. que elrei D. João 3.º ordenou da distribuir a costa do Brasil a donatarios por informações entre « outras, que lhe tinha dado Pero Lopes de Souza, que por esta costa tambem tinha andado com outra armada». Veja outro sim como isto confirma em 1497 Mariz no capitulo 2.º do seu 5.º *Dial. de Varia Historia*, e tambem o Sant. Mar.

o conteúdo de um capitulo do celebre chronista Antonio Herrera * , basta ler a descripção para se conhecer que o estilo é portuguez quinhentista.

Este exemplar, sem titulo de qualidade alguma, é escripto em letra do principio do seculo passado, papel sem marca d'agua, formato de folio pequeno, numerado com 72 paginas, contendo exactamente tudo quanto publicamos desde pag. 3 até pag. 59. Nada mais tem de particular digno de reparo e menção.

Sabendo que um nosso tão grande como generoso literato possuia outra cópia, se bem que bastantemente mutilada, a pedimos para consultar. Com a sua costumada franqueza e generosidade propria do seu caracter, o Ex.^{mo} Sr. Bispo Conde D. Francisco de S. Luiz se dignou de confiar-nos o seu exemplar de formato de quarto e letra moderna, tendo por titulo = Diario de Pero Lopes de Souza. = Esta copia, que pouco nos utilisou, deve de ter pertencido a um P.^{e} Ayres, por quanto em o sobrescripto de uma carta appensa, em que algum cotejador remettia algumas adições ao seu possuidor, lemos este nome. Para melhor nos informarmos fizemos indagações em bibliografias, e nas bibliothecas tanto publicas de Lisboa, Porto, Coimbra, Evora, e até de París e Madrid, como ainda nas principaes particulares deste Reino; e só na Bibliotheca Real é que, tendo procurado com licença competente,

---

* Este célebre historiador, que escreveu com mui bons documentos á vista, não deixou de ter tambem informações exactas ácerca da maior parte das circumstancias especiaes da navegação de que tractamos. O seguinte trecho transcripto da sua Dec. 4 Lib. X Cap. 6 é uma prova do que dizemos. É para admirar que até hoje se não lhe tivesse dado pezo. Talvez procedeu isto de não haver quem se lembrasse de associar a narrativa aos contos vagos e infundados quasi correntes ácerca do que passou esta armada. Estes contos occupam algumas linhas pouco dignas de figurar nas dignamente conceituadas obras de Fr. Gaspar, Cazal e Costa Quintella. Diz pois Herrera

...... «que en aquella armada iban quatro cientos hombres, sin «otros muchos, que voluntariamente se embarcaron, para poblar, «que segun se decia, havia de ser en el Rio de la Plata: aunque «tambien se decia, que llevaban fin de echar los Franceses, que «se havian entrado en la Costa del Brasil, i edificar algunas forta-«leças en los puertos, para lo qual llevaban mucha artilleria: i que «desde el Puerto de San Vicente, que era de seu distrito, pensaban «entrar por tierra al Rio de la Plata; i que dos galeones de los que «iban en esta armada, havian de bolver al Rio de Marañon, que «decian, que caia en su demarcacion: i que iban en la armada una «nave capitana, dos galeones, i dos caravelas, mui bien artilladas: «i que iba en ella Enrique Montes, que havia muchos años que esta-«ba en aquellas partes, &c.»

no meio do desarranjo em que ainda estava, tivemos a inexplicavel satisfação de encontrar um codice de letra quasi contemporanea, sendo como o de romano restaurada de J. P. Ribeiro, e por tanto certo que anterior ao tempo do dominio castelhano. Este codice nos subministrou, se era possivel, ainda mais fé, e passamos a dar delle noticia especial, visto ser de conveniencia para autenticar a sua antiguidade.

É de folha do tamanho regular do papel *florete* ordinario, e encadernado em uma pasta forrada de coiro a modo de moscovia, com florões e bustos na guarnição de redor e nas tarjas, que as atravessam diametralmente; porêm estas tão roçadas que mal se conhecem. O papel é coetaneo — escuro e encorpado, naturalmente fabricado em Genova; damos um aproximado *fac-simile* da sua marca d'agua, pois a não encontrámos nos bibliografos que consultámos, incluindo o italiano Orlando.

FAC-SIMILE DA MARCA D'AGUA DO MS.

As guardas interiores são do mesmo papel, e na do principio está pregada uma pequena tira com o distico da antiga numeração do codice na bibliotheca competente

T. N.º 30.

Volumes — 1.

Seguem-se duas folhas em branco, pertencendo á segunda dellas a primeira pagina, e como tal numerada = 1 =. A numeração das folhas segue só no recto até fol. 41, com a advertencia que da folha 32 passa a 34, e a fol. 33 vem no fim de

tudo — sem que possamos dar outra razão desta notabilidade. Começa o escripto na fol. 2, como o nossso texto a pag. 3, só com a differença de ter primeiro em cima, com outra letra mais moderna, o titulo que mencionamos a pag. 61. Segue-se a narração com a mesma lição do exemplar que damos ao prelo, salvo nos logares que em notas advirtimos. Tem com tudo algumas palavras riscadas, e com emendas, ou antes substituições de letra mais moderna — quanto a nós de algum curioso, que premeditou ser editor, porêm arranjando tudo a seu modo; estas substituições damos em competentes notas, e as palavras e expressões riscadas imprimimos no texto, em grifo, não só para, por uma facil convenção, darmos noticia destes diversos logares, como pelo escrupulo com que ficariamos se o não fizessemos, — podendo imaginar-se que taes riscos eram procedentes de cotejação com algum exemplar de mais credito; o certo é que a copia do Ex.^{mo} Sr. Bispo Conde tem os mesmos reparos, ainda que talvez procedentes desta mesma copia: em objecto de tão pouca monta não quizemos faltar a esta fidelidade de editor. Tem mais em alguns logares palavras e letras apagadas, çujas ou raspadas, das quaes algumas indicam pouco a favor de quem manuseára tão rico MS.: de outros em que se vêem cotas e *sublinhações*, vê-se que o livro pertenceu algum dia a cosmografo ou piloto, que só curava de portos, braças de sonda, signaes das costas maritimas, e das mais particularidades de pilotagem mencionadas em *roteiros e artes de navegar*. Isto nos podia bem trazer á idéa que a casa dos Pimenteis o possuira; — porêm que tal não passe de mera e momentanea conjectura. Destas cotas não fazemos menção porque eram evidentemente escriptas só para uso do possuidor, e nenhuma se achava no nosso exemplar.

A orthografia deste codice da Bib. R. é muito irregular, e tem bastantes breves: os numeros estão escriptos ora em *romano-lusitano* (de J. P. Ribeiro), ora em arabico, e tambem outras vezes por extenso. A particula negativa *não*, aparece escripta por algumas sete maneiras; a saber: *nã*, *nan*, *nam*, *não*, *nõ*, *noa*, *nom*: poucas vezes se usa das letras dobradas para as syllabas longas: vem quasi sempre empregado o *R* maiusculo para designar o som forte de *rr*: lê-se umas vezes *bahia*, outras *baia*; usa-se de ç antes de *e* e *i*; e finalmente emprega-se muitas vezes o *pera* e *pollo*, e o *per* e *por*; mas estes ultimos tão incoherentemente como vem igualmente na nossa cópia, e se vê do impresso.

De tudo porêm que neste codice ha de mais notavel vem a ser, o ter logo seguido ao que se acaba na nossa pagina 59, como em continuação, a descripção da vinda de Pero Lopes para o reino, tambem escripta por elle, como melhor se verá de todo o seu fragmento, que publicamos separadamente de pag. 109 a 116.

Se bem que a principio tinhamos projectado imprimir só

o nosso Ms., á vista deste exemplar fomos tentados a segui-lo, por nos parecer mais antigo e mais completo: obtivemos licença de o examinar, e tomámos delle uma cópia fidelissima que tencionavamos publicar, quando, ouvindo o parecer * de literatos que nos honram com a sua amisade, e nos merecem todo o credito, decidimos a não sermos escrupulosos em demasia quanto á pontuação, e orthografia, — só essenciaes nos documentos, diplomas, &c., e resolvemos de arranjar, por esta, uma nova cópia, na qual regularisavamos a orthografia, conservando porêm todas as feições caracteristicas da antiga do MS., maiormente o que influia na pronuncia, como *relampados*, *menhãa*, *frores*, *froles*, *&c.*; tinhamos prompto este trabalho, e até ja a primeira folha composta, quando reconhecemos que pelas modificações feitas eramos caídos quasi no nosso exemplar, e que havia sempre vantagem de nos encostarmos mais a um dos codices. Então tomámos de novo a resolução de seguir o nosso MS. (apezar de algumas irregularidades orthograficas) anotando-o convenientemente quando fosse preciso, e a de só auxiliar o leitor acomodando-lhe mais a pontuação, quando o sentido não offerecesse ambiguidade, e por fim acrescentar em nota o fragmento da descripção da vinda de Pero Lopes, que alli se acha: e por mais comodidade dos leitores, assentámos tambem de destacar no texto os nomes de alguns paizes, terras e rios, o que fizemos pelo simples meio de espacejar mais as letras dos nomes: desfizemos os poucos breves ainda existentes; e reduzimos a extenso os poucos numeros que ainda nesta cópia estavam em caracter *romano-lusitano*, talvez por duvida do copista, como iiij a quatro centos, &c.

Conservamos como estava no nosso Ms. unidos os nomes dos dias da semana; v. g. segundafeira, terçafeira, &c.; por-

---

* O Ex.mo Sr. Bispo resignatario de Coimbra, para nós hoje a maior autoridade neste ponto, diz na prefação ao Roteiro de Magalhães, de que foi editor.

« Em quanto á orthografia, julgamos dever conservar a do manuscripto, que nos serviu de texto, mas não com tanto escrupulo que copiassemos quantos hh, quantos yy, quantos ll, &c. nelle se acham, ás vezes bem fóra de proposito, como em ryho, fryho, havyha, &c. em logar de rio, frio, avia, &c. A minuciosa exacção nesta materia apenas póde ter logar nas cópias de escriptos scientificos, de autores mui conhecidos, ou de papeis a que se quer dar um certo caracter de authenticidade e autoridade. »

Neste ultimo caso consideramos os documentos que publicamos, copiados do R. Archivo, e por isso vão tão irregulares. Mais declarada é a opinião do Sr. Alexandre Herculano, hoje tão dignamente encarregado da *Bibliotheca Real*, e a dos editores do *Roteiro de Vasco da Gama*.

que satisfazendo á fidelidade do MS. disso nenhum inconveniente resulta. E parece-nos que basta destas explicações.

Cumpre-nos tambem dizer que a edição podia ser mais perfeita, porêm que tal qual é nos deve gratular; porquanto é de um escripto até ignorado, que vai derramar luzes para a historia geografica e civil, juntar novos trofêos á gloria dos descobrimentos dos portuguezes, e offerecer considerações ácerca dos indigenas e da colonisação de uma extensa parte do novo mundo, sobre que é necessario recolher os elementos dispersos para se escrever a historia da sua progressiva população e civilisação, tanto no sentido politico e moral, como no intelectual e industrial.

Um só pedido muito particular. — É possivel — é até natural que o presente inedito obtenha nova edição, quer por via de reimpressão quer por tradução. Se tal acontecer encarecidamente rogamos ao futuro editor ou traductor que se sirva de nos communicar a sua resolução; pois teremos por ventura alguma rectificação, juizo ou observação a fazer, que, se lhe não trouxer bem, certo nunca poderá fazer mal. E para próva do que dizemos aqui lhe damos uma amostra. Acabava-se de imprimir a nota 88, que vem na pag. 116, quando repentinamente nos occorreu melhor modo de explicar a conta do número de dias que ali averiguâmos. O A. refere-se a era de Adão e não á do Mundo, usando da extravagante opinião de começar a contar esta era do dia 2 de Maio. Deverá pois pela autoridade do Genesis começar a de Adão a 7, e por tanto até 22 do dito mez contam-se 16 dias. Ora o signal que vem no manuscripto, e que remetemos quanto á fórma para o Elucidario semelha-se a um 3; o que agora nos faz acreditar que realmente o é, e que o número se deve ler 3b1 ou 3.5 + 1 = 16. Presâmos a occasião de fazer esta rectificação para que se veja a ingenuidade conscienciosa de verdade com que desejâmos escrever.

DIARIO

da

NAVEGAÇÃO DA ARMADA,

QUE FOI Á

TERRA DO BRASIL

EM 1530,

Escripto por

Pero Lopes de Sousa.

Na era de mil e quinhentos e trinta, sabado tres dias do mes de dezembro, parti desta cidade de Lixboa, debaxo da capitania de Martim Afonso de Sousa meu irmão, que ia por capitam de hũa armada e governador da terra do brasil: com vento leste saí fóra da barra, fazendo caminho do sudoeste.

Domingo quatro *do dito mes* no quarto d'alva se nos fez o vento norte, *e com elle* fizemos o *mesmo* caminho do sudoeste.

Segundafeira cinco do dito mes ao meo dia tomei o sol em trinta e seis graos e dous terços: demorava-me o cabo de Sam Vicente a leste e a quarta do nordeste.

Terçafeira seis de dezembro ao meo dia tomei o sol em trinta e cinco graos e hum quarto: com vento norte *mui forçoso* fazia o caminho do sudoeste e a quarta do sul. Na nao capitaina sentiamos muito trabalho porque nam governava; e nam levamos mais vela que o traquete e mezena.

Quartafeira sete do dito mes ao meo dia tomei o sol em trinta e quatro graos: fazia o caminho do sudoeste.

Quintafeira oito do dito mes se passou o vento ao nornordeste e ventou com muita força, e *trazia* grande mar *por ló: a nao ia tam má de governo; corriamos muito risco de nos quebrar os mastos*. Este dia nam tomei o sol: fazia-me em trinta e hum graos e hum terço. Demorava-me o cabo de Sam Vicente ao nor-

*nor*deste; e a ilha da Madeira *me demorava* ao noroeste e a quarta d'aloeste: fazia-me della vinte e cinco leguas.

Sestafeira nove dias de dezembro ás tres horas despois de meo dia houve vista da terra; e chegando-nos mais a ella, reconhecemos ser a ilha de Tenarife. Como foi noite tiramos as monetas; e pairamos a noite toda até o quarto d'alva, que nos fizemos á vela.

Sabado des dias do dito mes ás quatro horas despois do meo dia surgimos no porto da ilha da Gomeira. Em terra tomei o sol em vinte e oito graos e hum quarto: *ali corregemos o leme.*

Terçafeira treze de dezembro no quarto d'alva nos fizemos á vela com vento nordeste: fazia*mos* o caminho do sul e a quarta do sudoeste.

Quartafeira quatorze do dito mes ao meo dia tomei o sol em vinte e seis graos e hum quarto: demorava-me o cabo do Bojador a leste e a quarta do nordeste: fazia*mos* o caminho do sul e a quarta do sudoeste.

Quintafeira quinze de dezembro ao meo dia tomei o sol em vinte e quatro graos e meo: o vento *saltou* a lesnordeste *brando.*

Sestafeira desaseis do dito mes no quarto d'alva se passou o vento ao sudoeste; e com elle barlaventeamos até á noite, que ficou o vento em calma.

Sabado desasete do dito mes andamos o dia todo em calma.

Domingo desoito do dito mes, *dia de nossa senhora ante natal*, andamos em calma *sem ventar bafo de vento*; *senam* grande vaga de mar, que vinha do sudoeste; e os ceos corriam mui tesos do mesmo rumo.

Segundafeira desanove do dito mes ao meo dia tomei o sol em vinte e hum graos e tres quartos: demorava-me o cabo das Barbas a leste, e por fazer

grande abatimento com o mar mui grosso, que me rolava para a terra, me fazia do dito cabo vinte leguas. *Lancei o prumo ao mar e tomei fundo com cincoenta e cinco braças. De noite me ventou hum pouco de vento norte.*

Terçafeira vinte dias de dezembro ao meo dia tomei o sol em vinte e hum graos e hum quarto; e o vento *começou a refrescar do norte, e com elle* faziamos o caminho ao sudoeste e a quarta do sul. Demorava-me o cabo Branco a lessueste: fazia-me delle vinte e cinco leguas. *Hũa hora de sol houvemos vista de duas velas e as fomos demandar: e era hũa caravela e hum navio que vinham de pescaria, e por elles escrevemos a Portugal.*

Quartafeira vinte e hum *do dito mes* ao meo dia tomei o sol em vinte graos e hum terço: com vento nordeste *de todalas velas* faziamos o caminho ao sudoeste e a quarta do sul: demorava-me o cabo Branco a leste e a quarta do nordeste.

Quintafeira vinte e dous do dito mes ao meo dia tomei o sol em desoito graos e tres quartos: demorava-me o cabo Branco ao nordeste e a quarta de leste: fazia-me delle cincoenta e cinco leguas.

Sestafeira vinte e tres do dito mes tomei o sol em desasete graos e dous terços; e desd' o meo dia fizemos o caminho ao sudoeste e quarta de loeste. Como foi noite *governamos* ao essudoeste.

Sabado vinte e quatro do dito mes tomei o sol em quinze graos; *e* fazia *o mesmo* caminho *do* essudoeste. E em se pondo o sol *vimos* terra ao sudoeste e a quarta d'oeste: seriamos della oito leguas. Como foi noite pairamos até o quarto d'alva, que nos fizemos á vela. E como foi de dia reconhecemos ser a ilha do Sal.

Domingo vinte e cinco de dezembro, dia de natal,

pela menhãa fizemos o caminho do sul até á noite, que fomos com a ilha de Boa Vista: por resguardo do baxo, que nos demorava a lessueste, fizemos o caminho do sul. E *como foi noite mandou o capitam J. a Baltazar Gonçalves capitam da caravela Princesa que fosse diante, e levasse o farol; e assi fomos até pela menhãa.*

Segundafeira vinte e seis *do dito mes estavamos* pegados com a ilha de Maio: *a caravela* Princesa nam aparecia, nem da gavia. Indo demandar o porto da ilha de Santiago, veo hũa cerraçam que na nao nam nos viamos huns aos outros. Por nam poder fazer caminho pairamós a noite toda.

Terçafeira vinte e sete do dito mes pela menhãa estavamos hum tiro de *a*bombarda de terra da ilha de Santiago, da banda do norte; e o vento começou a ventar norte mui rijo, e alimpou a nevoa. Indo para tomar o porto da Ribeira Grande saltou o vento de supito ao sueste, que nos era mui contrario; e assi barlaventeamos o dia todo sem poder cobrar nada. A noite passada da cerraçam se apartou de nós a nao Sam Miguel, de que era capitam Heitor de Sousa.

Quartafeira vinte e oito do mes de dezembro pela menhãa nos acalmou o vento hum tiro de falcam da terra; e o mar andava tam grosso, que se nos nam ventara hum pouco de vento norte foramos de todo perdidos; porque o mar nos rolava para terra, e nam podiamos surgir; porque o fundo era de pedra: este dia ao meo dia fomos a surgir na Praia. Aqui achamos hũa nao de duzentos toneis, e hũa chalupa de castelhanos; e em chegando nos disseram como iam ao Rio de Maranham: e o capitam J. lhe mandou requerer que elles nam fossem ao dito rio; por quanto era delRei nosso senhor e dentro da sua demarcaçam.

Quintafeira vinte e nove do dito mes pela menhãa

demos á vela, e fomos surgir a Ribeira Grande onde achamos a caravela Princesa: aqui neste porto tomei o sol em quinze graos e hum sesmo. Aqui veo dar o navio Sam Miguel comnosco. Nesta ilha estivemos tomando cousas necessarias para a viagem até terçafeira tres dias de janeiro de mil e quinhentos e trinta e hum. Fizemo-nos á vela em se cerrando a noite com muito vento nordeste: o galeam Sam Vicente perdeo duas anchoras em se fazendo á vela: e a caravela Princesa hũa; porque o surgidouro deste porto he todo sujo. Como saio a lua se fez o vento lesnordeste, e ventou com tanta força que nam podiamos com a vela. Indo assi correndo com gram mar deu a nao hũa guinada, e em preparando de ló nos arrebentou o masto do traquete pelos tamboretes, de que sentimos muita fortuna; e amainamos a vela; e fomos correndo ao som do mar até que foi de dia.

Quartafeira quatro de janeiro ao meo dia fez-se o tempo em mais bonança, e abaxamos o masto hum covado, puzemos-lhe hũas emmendas, e com arrataduras o corregemos o melhor que pudemos.

Quintafeira cinco do dito mes o vento era muito mais forte que o dia *d*antes: faziamos o caminho do sul e da quarta do sueste.

Sestafeira seis do dito mes o vento e o mar eram mais bonança; e gastamos o dia todo em correger o masto.

Sabado sete do dito mes ao meo dia tomei o sol em oito graos e meo: demorava-me o cabo Verde ao nordeste, e tomava da quarta do norte: demorava-me o cabo Roxo a lesnordeste: fazia-me delle cento e quinze leguas: faziamos o caminho do sulsueste.

Domingo oito do dito mes o vento norte bonança fazia-*me* o mesmo caminho do sulsueste.

Segundafeira nove do dito mes ao meo dia tomei o sol em cinco graos e meo: demorava-me o cabo Roxo ao nordeste: fazia-me delle cento e cincoenta leguas: demorava-me a Serra Lioa a leste e a quarta do nordeste: fazia-me della cento e setenta e seis leguas. Faziamos o caminho ao sulsueste. Neste dia nos morreo hum homem, que traziamos da ilha de Santiago.

Terçafeira des do dito mes pela menhãa nos deu hũa trovoada com muito vento e agua, que nos fez amainar as velas. O dia todo estivemos sem vento até o quarto da modorra, que se fez o vento nordeste; e com elle nos fizemos á vela.

Quartafeira onze do dito mes nos deram muitas trovoadas; e de noite no quarto da prima nos deu hũa trovoada do sueste, e outra do nordeste, com muito vento e agua e relampados.

Quintafeira doze do mes de janeiro se fez o vento leste, e com elle fizemos o caminho do sul.

Sestafeira treze do dito mes todo dia nos choveo. Com o vento norte faziamos o caminho do sul. Como se nos o sol poz, acalmou o vento; e estivemos toda a noite em calma.

Sabado quatorze do dito mes tomei o sol em tres graos e tres quartos: este dia todo nam ventou; senam choveu muita agua, e fazia tam grande calma, que nam se podia soportar.

Domingo quinze do dito mes tomei o sol em dous graos e dous terços.

Segundafeira desaseis do dito mes se fez o vento sudoeste, e com elle faziamos o caminho do sulsueste; e no quarto da prima nos deu hũa trovoada, com gram força de vento, que nos fez amainar de romania as velas.

Terçafeira desasete do dito mes tornou a ventar o

vento *de* oestesudoeste, e ao meo dia tornei *a tomar* o sol em hum grao e meo.

Quartafeira desoito do dito mes tomei o sol em meo grao: e o vento se fez sueste, e com elle faziamos o caminho ao sudoeste *e a quarta d'oeste*; e demorava-me o cabo de santo Agostinho ao sudoeste e a quarta doeste.

Quintafeira desanove do dito mes tomei o sol em dous terços de grao, da banda do sul.

Sestafeira vinte do dito mes, tomei o sol em tres quartos de grao: o vento era sueste, que nos era escasso para dobrarmos o cabo de santo Agostinho. As aguas nesta paragem correm a loeste com muita força.

Sabado vinte e hum do dito mes tomei o sol em hum grao e tres quartos.

A ilha de Fernão de Loronha me demorava ao sudoeste e a quarta d'oeste; o cabo de santo Agostinho ao sudoeste. O vento nos era mui escasso, de que sentiamos muito trabalho.

Domingo vinte e dous do dito mes, tomei o sol em dous graos: demorava-me a ilha de Fernão de Loronha ao sudoeste, e a quarta d'oeste: fazia-me della quarenta e cinco leguas. No quarto de prima se nos fez o vento lessueste.

Segundafeira vinte e tres de janeiro ao meo dia tomei o sol em tres graos e hum quarto: demorava-me a ilha de Fernão de Loronha ao sudoeste: fazia-me della desoito leguas. O cabo de santo Agostinho me demorava ao sudoeste: fazia-me delle cem leguas.

Terçafeira ao meo dia tomei o sol em quatro graos e hum quarto. Nesta paragem correm as aguas a loesnoroeste: em certos tempos correm mais; sc. desde março até outubro correm com mais furia. He por estas corren-

tes fazerem os abatimentos incertos que muitas vezes se dam duas quartas de abatimento, e abatem os navios quatro. Assi que nesta paragem a pilotagem he incerta, per experiencia verdadeira, para saberdes se estais de barlavento ou de julavento da ilha de Fernão de Loronha, quando estais de barlavento vereis muitas aves as mais rabiforcados e alcatrazes pretos; e de julavento tereis mui poucas aves, e as que virdes serão alcatrazes brancos. E o mar he mui chão.

Quartafeira vinte e cinco de janeiro ao meo dia tomei o sol em cinco graos e hum terço. Com o vento lessueste faziamos o caminho de lessudoeste.

Quintafeira vinte e seis do dito mes tomei o sol em cinco graos e meo. Faziamos o caminho do sulsudoeste.

Sestafeira vinte e sete do dito mes tomei o sol em sete graos e meo: e desde meo dia arribamos duas quartas: e fazia o caminho do sudoeste.

Sabado tomei o sol em oito graos e meo: faziamos o caminho a loeste e a quarta do sudoeste. E desd' o quarto da prima governamos a este.

Domingo vinte e nove do dito mes tomei o sol em nove graos. Faziamos o caminho a loeste, com vento leste.

Segundafeira trinta dias do mes de janeiro tomei o sol: e estava na altura do cabo de santo Agostinho; e iamo-lo a demandar pelo rumo d'aloeste. Este dia nam correo pescado nenhum comnosco, que he sinal nesta costa d'estar perto da terra; e outro nenhum nam tem senam este.

Terçafeira trinta e hum do dito mes no quarto d'alva vimos terra, que nos demorava a loeste: achegandonos mais a ella houvemos vista de hũa nao; e demos as velas todas, e a fomos demandar: e mandou o capi-

tam J. dous navíos na volta do norte,—na volta em que a nao ia, e outros dous na volta do sul: a nao como se vio cercada arribou a terra, e mea legua della surgio e lançou o batel fóra. Como fomos della hum tiro de bombarda se meteo a gente toda no batel e fugio para a terra. Mandou o capitam J. a Diogo Leite, capitam da caravela Princesa, que fosse com o seu batel apoz o batel da nao: quando ja chegou a terra, era ja a gente metida pela terra dentro, e o batel quebrado. Fomos á nao, e nella nam achamos mais que hum só homem; tinha muita artelheria e polvora, e estava toda abarrotada de brasil. Ao meo dia nos fizemos á vela para ir demandar o cabo de santo Agostinho: seriamos delle seis leguas. Tomamos esta nao de França defronte do cabo de Percaauri: corre-se com o cabo de santo Agostinho norte e sul, tomada quarta de noroeste e sueste. Da banda do sul do cabo de santo Agostinho achamos outra nao de França, que tomamos carregada de brasil. Esta noite no quarto da prima me mandou o capitam J. com duas caravelas á ilha de santo Aleixo; porque tinhamos informaçam que estavam ahi duas naos de França: fui toda a noite com o prumo na mão, sondando por fundo de doze braças: no quarto d'alva surgimos ao mar da ilha mea legua, em fundo de doze braças d'area grossa.

Quartafeira primeiro dia de febreiro em rompendo a alva vimos mea legua ao mar hũa nao, que cõs traquetes ia no bordo do norte, e como a vimos me fiz á vela no bordo do sul. A nao, como houve vista das caravelas, deu todalas velas. Neste bordo do sul fui quatro relogios, e virei no bordo do norte; e ao meo dia era na esteira da nao, duas leguas della: a outra caravela era hũa legua de mim a ré. Como descobrimos o cabo de santo Agostinho saío o capitam J.

no navio Sam Miguel com o galeam Sam Vicente, e com hũa das naos, que tomara aos francezes; mas vinha tanto a julavento que quasi nam podiam cobrar a terra. Este dia, hũa hora de sol, cheguei á nao, e primeiro que lhe tirasse, me tirou dous tiros: antes que fosse noite lhe tirei tres tiros de cameio, e tres vezes toda a outra artelheria: e de noite carregou tanto o vento lessueste, que nam pude jogar senam artelheria meuda; e com ella pellejamos toda a noite.

Quintafeira dous de febreiro em rompendo a alva mandei hum marinheiro ao masto grande ver se via o capitam J., ou os outros navios, e me disse que via hũa vela, que nam divisava se era latina, se redonda. E desd' as sete horas do dia até o sol posto, que rendemos a nao, pellejamos sempre. A nao me deo dentro na caravela trinta e dous tiros, quebrou-me muitos aparelhos, e rompeo-me as velas todas. Estando assi com a nao tomada chegou o capitam J. com os outros navios; logo abalroei com a nao e entrei dentro; e o capitam J. abalroou com o seu navio: e os mais dos francezes se passaram ao navio. A nao vinha carregada de brasil; trazia muita artelheria, e outra muita municam de guerra: por lhes faltar polvora se deram. Na nao nam demos mais que hũa bombardada, com hum pedreiro ao lume d'agua: com a artelheria meuda lhe ferimos seis homẽs: na caravela me nam mataram, nem feriram nenhum homem, de que dei muitas graças ao senhor Deus.

Sestafeira tres do dito mes pela menhãa nos achamos hũa legua de terra, a qual se corria nornoroeste sulsueste. Ao longo do mar eram tudo barreiras vermelhas: a terra he toda chãa, chea d'arvoredo. Como nos achegamos mais a terra se nos fez o vento sueste: e ao meo dia surgimos em fundo de onze braças, hũa legua de terra. Como estive surto, lancei o batel fóra, por nenhum dos

outros navios trazer batel, que os haviam deixado no cabo de santo Agostinho. Este dia vieram de terra, a nado, ás naos indios a perguntar-nos se queriamos brasil.

Sabado pela menhãa quatro de febreiro mandou o capitam J. a Heitor de Sousa, capitam da nao Sam Miguel que fosse a terra com o batel e com mercaderia, ver se poderia trazer algũa agua, de que tinhamos muita necessidade: e se tornou sem trazer agua, por lha nam querer dar a gente da terra. O capitam J. se passou á caravela Rosa, e se fez á vela no bordo do mar, para ir diante ao porto de Pernambuco fazer algũas cousas prestes para a armada. Eu fiquei com os outros navios surto; e ao meo dia tomei o sol em seis graos e hum terço. Em se pondo o sol me fiz á vela; e em levando a amarra me desandou o cabrestante, e me ferio dous homẽs; e tornei a virar com muita força, e arrebentei o cabre, e me fiz á vela: e mandei a Baltazar Gonçalves que levasse o farol; por quanto eu nam tinha piloto. E fomos no bordo do mar até o quarto da modorra rendido; e tornei a virar no bordo da terra.

Domingo cinco do dito mes barlaventeei o dia todo sem poder cobrar mea legua de costa; e ao sol posto surgi em oito braças, por o navio Sam Miguel ser muito a julavento de mim. A agua corria mui tesa ao nornoroeste.

Segundafeira seis de febreiro pela menhãa, nem da gavia parecia o navio Sam Miguel; estive surto, esperando até quintafeira nove dias do dito mes, que me fiz á vela com o vento lessueste. Abarlaventeei o dia todo sem poder cobrar nada, por correrem as aguas muito ao dito rumo. A agua nos ía faltando, de que sentiamos muito trabalho.

Sestafeira des do dito mes, até quartafeira quinze

do dito mes de febreiro, com muito trabalho cobramos hũa legua de costa, e surgi á boca de hum rio para tomar agua, e me fazer na volta de Guiné; porque o longo da costa nam podiamos cobrar, e os ventos suestes e lessuestes ventavam ja mui tendentes, que nesta costa ventam desde febreiro até agosto.

Quintafeira desaseis de febreiro no quarto d'alva ventou da terra hum pouco de vento com que me fiz á vela, e duas leguas ao mar me acalmou. Surgi em fundo de quinze braças; e ao meo dia se fez o vento leste, e com elle me fiz á vela no bordo do sul. No quarto da prima se me fez o vento nordeste, que nos era mui largo.

Sestafeira desasete do dito mes fomos surgir defronte do porto de Pernambuco, em fundo de quinze braças. Desd' o porto de Pernambuco até o cabo de Percaauri, como passares das quinze braças, he fundo sujo. Aqui achamos a nao capitaina e o galeam Sam Vicente, e a nao de França que tomamos no arrecife do cabo de santo Agostinho, e me disseram como nam tinham novas do capitam J.; senam que o dia d'antes viram hũa vela ao mar, que ia no bordo do sul; e me disseram que foram ao Rio de Pernambuco; e como havia dous meses que ao dito rio chegara hum galeam de França; e que saqueara a feitoria; e que roubara toda a fazenda, que nelle estava, delRei nosso senhor: e que o feitor do dito rio era ido ao Rio de Janeiro, n'hũa caravela, que ia para Çofala. E achei sete homẽs da nao capitaina mortos, que se affogaram na barra do arrecife.

Sabado desoito do mes de febreiro vimos a caravela, em que vinha o capitam J., que barlaventeava com o vento nordeste, quatro leguas ao sul de nós. De noite se fez o vento mais ao mar, e mandei ás naos que fizessẽm fogos nas gavias, para poder vir o capitam J.

Domingo se fez o vento lessueste, e com elle veo a caravela, em que vinha o capitam J., e lhe demos conta como o navio de Heitor de Sousa se havia apartado de nós, oito dias havia: e o capitam J. foi ao Rio de Pernambuco; e mandou levar todolos doentes a hũa casa de feitoria, que ahi estava. Daqui mandou o capitam J. as duas caravelas, para que fossem descobrir o Rio do Maranham; e mandou João de Sousa a Portugal em hũa nao, que de França tomaramos; e a outra nao mandou queimar. Despois de termos tomado agua e outras cousas, de que tinhamos necessidade para a viagem, nos fizemos á vela com o vento lesnordeste.

Sestafeira primeiro dia do mes de março, com tres naos; sc.: a nao capitaina; e o galeam Sam Vicente, de que era capitam Pero Lobo Pinheiro; e em outra nao de França, que tomamos, ia eu, a que puz nome = Nossa Senhora das Candeas = pela tomarmos no mesmo dia de nossa Senhora: e com o dito vento faziamos o caminho ao sul, e a quarta do sueste. Mandou o capitam J. ao galeam Sam Vicente que se chegasse bem a terra, até ver se no arrecife de Sam Miguel estavam algũas naos.

Sabado pela menhãa chegou o galeam a nós, e nos disse como no arrecife nam havia naos. E ao meo dia tomei o sol em nove graos e meo.

Domingo tres dias de março faziamos o caminho do sul e a quarta do sudoeste; e ao meo dia tomei o sol em des graos e hum quarto. A' tarde nos deram duas trovoadas, hũa do norte e outra de lessueste, com muita agua e vento: e toda a noite andamos amainados, com muitas trovoadas; e com os mores pés de vento, que eu até entam tinha visto.

Segundafeira quatro dias de março pela menhãa

nos tornou a ventar o vento leste até o meo dia, que nos deu hũa trovoada com muito vento e pedra; e como passou ficou o vento em calma; e de noite tivemos muitas trovoadas de todolos rumos.

Terçafeira cinco do dito mes se nos fez o vento lessueste; faziamos o caminho ao sulsudoeste: e ao meo dia tomei o sol em des graos e tres quartos: demoravamme as serras de santo Antonio a loeste: faziame dellas treze leguas.

Quartafeira seis dias do dito mes andamos em calma até á noite, que toda a passamos com muitas trovoadas de vento e relampados.

Quintafeira ao meo dia se fez o vento sueste; faziamos o caminho do sulsudoeste. De noite, no quarto da modorra, nos deu hũa trovoada do norte com tanta força de vento, que se me nam quebrara a verga do traquete em tres pedaços, de todo foramos soçobrados.

Sestafeira oito dias do dito mes ao meo dia tomei o sol em onze graos e seis meudos. A' tarde nos deu hũa trovoada de muita agua; e entre as naos se fizeram duas mangas, de que os marinheiros houveram mui gram medo, por no mar ser cousa mui perigosa.

Sabado ao meo dia tomei o sol em onze graos e hum terço: fazia-me de terra quatorze leguas; e este dia nos nam ventou vento.

Domingo des do mes de março se fez o vento sueste, e tomava do sul; e com todalas velas faziamos o caminho do sudoeste. De noite, no quarto da prima, nos deu hũa trovoada com tanta força de vento, que amainados, metia a nao o portaló por debaxo do mar: eram tantos os relampados que a todos nos punha temor: e rendido o quarto da prima me deu hum raio no masto do traquete da gavia, que mo fez em dous pedaços: quiz Nossa Senhora que nos nam fez mais nojo:

trouxe tam gram fedor de enxofre, que nam havia homem que o soportasse. Choveu-nos tanta agua esta noite, que com duas bombas a nam podiamos esgotar.

Segundafeira onze do dito mes ao meo dia tomei o sol em onze graos e meo: fazia-me de terra des leguas. Fazia o caminho do sudoeste com o vento sueste. Em se pondo o sol demos n'hũa aguagem do rio de Sam Francisco, que fazia mui grande escarcéo.

Sabado doze do mes de março ao meo dia tomei o sol em doze graos e dous terços; e em se pondo o sol houve vista de terra, que me demorava a loeste: fazia-me della seis leguas. E de noite, por nos afastar de terra, fizemos o caminho ao sul e a quarta do sudoeste, até o quarto d'alva, que tornamos a fazer o caminho do sudoeste.

Domingo treze dias de março pela menhãa eramos de terra quatro leguas: e como nos achegamos mais a ella reconhecemos ser a Bahia de todolos Santos; e ao meo dia entramos nella. Faz a entrada norte sul: tem tres ilhas: hũa ao sudoeste, e outra ao norte, e outra ao noroeste: do vento sulsudoeste he desabrigada. Na entrada tem sete, oito braças de fundo, a lugares pedra, a lugares area; e assi tem o mesmo fundo dentro da bahia, onde as naos sorgem. Em terra, na ponta do padram, tomei o sol em treze graos e hum quarto. Ao mar da ponta do padram se faz hũa restinga d'area, e a lugares pedra: entre ella e a ponta podem entrar naos: no mais baxo da dita restinga ha braça e mea. Aqui estivemos tomando agua e lenha, e corregendo as naos, que dos temporaes que nos dias passados nos deram, vinham desaparelhadas. Nesta bahia achamos hum homem portugues, que havia vinte e dous annos que estava nesta terra; e deu rezam larga do que nella havia. Os principaes homẽs da terra vie-

ram fazer obediencia ao capitam J.; e nos trouxeram muito mantimento, e fizeram grandes festas e bailos; amostrando muito prazer por sermos aqui vindos. O capitam J. lhes deu muitas dadivas. A gente desta terra he toda alva; os homẽs mui bem dispostos, e as molheres mui fermosas, que nam ham nenhũa inveja ás da Rua Nova de Lixboa. Nam tem os homẽs outras armas senam arcos e frechas; a cada duas leguas tem guerra hũs com os outros. Estando nesta bahia no meo do rio pellejaram cincoenta almadias de hũa banda, e cincoenta da outra; que cada almadia traz secenta homẽs, todas apavezadas de pavezes pintados como os nossos: e pellejaram desd'o meo dia até o sol posto: as cincoenta almadias, da banda de que estavamos surtos foram vencedores; e trouxeram muitos dos outros captivos, e os matavam com grandes cerimonias, presos per cordas, e despois de mortos os assavam e comiam: nam tem nenhum modo de fisica: como se acham mal nam comem, e poem-se ao fumo; e assi pelo conseguinte os que são feridos. Aqui deixou o capitam J. dous homẽs, para fazerem experiencia do que a terra dava, e lhes deixou muitas sementes.

Quintafeira desasete de março partimos desta bahia com o vento lessueste, e fomos na volta do sul até a tarde, que carregou muito o vento, e tornamos arribar: e surgimos á boca da bahia, em fundo de treze braças d'area limpa.

Sestafeira desoito do dito mes nos fizemos á vela com o vento leste e tomava do sueste.

Sabado desanove de março faziamos o caminho do sul com o dito vento: era de terra quatro leguas; a qual terra he toda alta e igual: corre-se norte sul. Ao meo dia tomei o sol em treze graos e dous terços.

Domingo, com as aguas que nesta costa correm nes-

te tempo ao sueste, nos puzemos tanto a barlavento que pela menhãa nam viamos terra. Ao meo dia se nos fez o vento sueste; e com as aguagens andava o caminho do sulsudoeste. E ao pôr do sol vi terra mui alta: fazia-me della sete leguas: de noite se fez o vento mais largo; e faziamos o caminho do sul.

Segundafeira vinte e hum do dito mes ao meo dia tomei o sol em quatorze graos e tres quartos: fez-se-nos o vento sueste e tomava do sul; e de noite tiramos as monetas: e com os papafigos baxos trincamos no bordo do sul.

Terçafeira vinte e dous de março, pelo vento se fazer sulsueste, viramos no bordo do norte; e ao meo dia tomei o sol em quatorze graos e meo: e de noite levamos a proa a leste.

Quartafeira vinte e tres do mes fazia-me de terra des leguas; e ao meo dia carregou muito o vento sueste, com mui gram mar: por nam podermos ir de ló amainamos as velas, e lançamos as naos de mar em travez.

Quintafeira vinte e quatro dias do dito mes nam podemos sofrer o mar, que era mui feo; e arribamos com assaz fortuna: e corremos este dia todo arbore seca, pelo rumo do noroeste; e ao pôr do sol vimos terra, e conhecemos a boca do rio de Tynhaaréa da banda do sul: e como foi noite nos deu hũa trovoada de leste tam supita, que ventando o vento sueste,—ventando forçoso, pode mais a trovoada; que se nos achara com vela soçobraramos. Por sermos mui perto de terra surgimos em vinte e hũa braça de fundo d'area limpa: era o mar tam grosso, e cada vez nos investia por riba dos castellos. No quarto da modorra saltou hũa trovoada per riba da terra d'oeste, que nos susteve até pela menhãa de nos darmos á costa.

Sestafeira pela menhãa nos fizemos á vela; era o mar tam grosso que iamos á popa com todas as velas, e nam no podiamos romper. Fomos com este vento até meo dia, que nos deu o vento sueste, com que fomos correndo a costa esta noite. No quarto da modorra fomos surgir na boca da Bahia de todolos Santos.

Sabado vinte e seis de março pela menhãa vimos dentro na bahia hum navio surto; e por ser longe nam divisavamos se era latino, se redondo: e logo vimos saír hum batel da bahia, que vinha ás naos; e como chegou á nao capitaina, a salvou; e vinha nelle o capitam da caravela que arribara a Pernambuco, que ia para Çofala; e vinha no batel o feitor da feitoria de Pernambuco, que se chamava Diogo Dias; e o capitam J. mandou fazer as naos á vela para dentro da bahia; e mandou chamar a gente da caravela; e mandou soltar o piloto, que o capitam trazia preso; e mandou despejar a caravela dos escravos, e lança-los em terra; e determinou de levar a caravela comsigo, por lhe ser necessaria para a viagem.

Domingo vinte e sete do mes de março partimos daquesta bahia, com o vento leste, contra opiniam de todolos pilotos: a qual era que nam podiamos dobrar os baxos d'abrolho; e que a monçam dos ventos suestes começava desd'o meado febreiro até agosto; e que em nenhũa maneira podiamos passar; e que era por de mais andar lavrando o mar.

Segundafeira vinte e oito de março ao meo dia tomei o sol em quatorze graos: era de terra quatro leguas: faziamos o caminho do sul, com o vento leste.

Terçafeira ao meo dia tomei o sol em quatorze graos e hum terço: era de terra cinco leguas; a qual terra era mui alta: corre-se norte sul. Lancei o prumo ao mar, e nam tomei fundo com duzentas braças.

Quartafeira fazia o caminho do sul, com o vento leste; nam me afastando nada de terra. Ao meo dia tomei o sol em treze graos.

Quintafeira trinta e hum do mes de março, fazendo o dito caminho do sul e ao meo dia, tomei o sol em treze graos e dous terços. A costa se ia correndo sempre norte sul. No sartam havia mui grandes montanhas.

Sestafeira primeiro d'abril com hũa trovoada saltou o vento ao sulsueste, e fui na volta da terra; mea legua della tomei fundo com cento e vinte braças de pedra: tudo ao longo do mar eram rochas: e ao meo dia virei no bordo do norte, até o quarto da prima, que me deu hũa trovoada de lessueste; e como passou, ficou o vento em calma.

Sabado dous d'abril tomei o sol em treze graos e meo, e andamos todo o dia em calma.

Domingo tres dias do mes d'abril ao meo dia tomei o sol em quinze graos e meo: estavamos de terra quatro leguas; andamos este dia todo em calma.

Segundafeira ao pôr do sol se fez o vento leste; e com elle fomos no bordo do sul até o quarto da prima, que se fez sueste; que tornamos a virar no bordo do norte.

Terçafeira com vento lessueste barlaventeamos todo o dia: havia de mim a terra cinco leguas.

Quartafeira pela menhãa se fez o vento calma até

Sabado ao meo dia, nove dias do mes d'abril, que nos deu uma trovoada do sudoeste; e ficou o vento no sul, com que faziamos o caminho de leste.

Domingo des dias d'abril se fez o vento sueste, e amainamos as velas, e lançamos as naos de mar em travez; e ao meo dia tomei o sol em quinze graos e hum terço. Fazia-me de terra vinte leguas.

Segundafeira começou o vento sueste a ventar com

muita força e com mui gram mar: de noite cresceu o temporal tanto e tam forte, que quizeramos arribar e nam nos estrevemos, por ser o mar mui grosso: até pela menhãa estivemos com muita fortuna, que se fez o tempo mais bonança. Assi estivemos pairando até sestafeira quinze dias d'abril, que se fez o vento leste; e todemos todalas velas no bordo do sul; e ao meo dia tomei o sol em quinze graos e hum terço. Fazia-me de terra desasete leguas.

Sabado se fez o vento lessueste, e faziamos o caminho do sulsudoeste; e ao meo dia tomei o sol em quatorze graos e hum quarto.

Domingo pela menhãa nos deu hũa trovoada do sueste com muito vento e agua: este dia todo nos choveu sem vento, e de noite muitas trovoadas de todolos rumos.

Segundafeira desoito dias do mes d'abril se fez o vento sueste; e viramos no bordo do norte até o quarto da prima, que se fez o vento lessueste, e viramos no bordo do sul. Fazia-me de terra quinze leguas.

Terçafeira ao meo dia tomei o sol em desaseis graos e dous terços. Esta noite nos ventou muito o vento lessueste.

Quartafeira vinte dias do mes d'abril pela menhãa me cheguei á nao capitaina; e me disse o capitam J. que com o grande vento, que de noite ventara, lhe quebrara o masto do traquete, abaxo da gavia hũa braça; e que queria arribar á Bahia de todolos Santos; e a todos nos pareceo mui bem, por nam ser ja tempo para dobrar os baxos d'Abrolho. Estando nisto, nos deu hũa trovoada de lesnordeste; e como passou, ficou o vento em leste e tomava do nordeste; e o capitam J. tornou a mandar que virassemos no bordo do sul; e assi fomos até á noite, que no quarto da prima que se nos

fez o vento lesnordeste: e faziamos o caminho do sul-sueste.

Quintafeira vinte e hum d'abril ao meo dia tomei o sol em desanove graos menos hum terço: fazia-me de terra vinte leguas. O vento se nos fez leste, e com elle faziamos o caminho do sul com todalas velas. De noite se fez o vento lesnordeste, e com as bolinas largas faziamos o dito caminho, levando resguardo, que cada relogio sondavamos; porque todolos pilotos se faziam ír por riba dos baxos d'Abrolho, que lançam ao mar trinta leguas, e o começo delles está em altura de desanove graos. E assi fomos toda esta noite com mui bom tempo, sem podermos tomar fundo com secenta braças.

Sestafeira pela menhãa se nos fez o vento nordeste, e com todalas velas faziamos o caminho ao sul. Ao meo dia tomei o sol em vinte e hum graos e tres quartos; e como foi noite se nos fez o vento noroeste.

Sabado no quarto d'alva se fez o vento sudoeste; e veo tam supito e furioso, que quasi nam deu lugar a amainar as velas; e ventou com tanta força (o qual ainda nesta viagem o nam tinhamos assi visto ventar) que as naos sem velas metiam no bordo por debaxo do mar: era tamanha a escuridam e relampados, que era meo dia e parecia de noite: á tarde se fez o vento sul. Andava o mar tam grosso e tam feo que nos entrava por todalas partes. No quarto da prima ao saír da lua abonançou mais o vento; ficou o mar tam grande que nos nam podiamos ter na nao. Da banda de bombordo me arrebataram os apparelhos, com o jogar da nao.

Domingo vinte e quatro dias do mes d'abril se fez o vento sueste; e nos fizemos á vela com o mar grande e mui cruzado: faziamos o caminho a lessudoeste; e de noite no quarto da modorra me acalmou o vento.

Segundafeira pela menhãa houvemos vista de terra,

a qual era mui alta a maravilha: fazia-me della des leguas.

Terçafeira ao meo dia nos deu o vento nordeste, e com elle corriamos a costa, a qual se corre nordeste sudoeste e toma da quarta de norte sul. De noite no quarto da prima mandei lançar o prumo ao mar; e tomei fundo com nove braças e mandei fazer fogos: e fiz-me no bordo do sueste; sempre sondando, quanto mais íamos ao mar, menos fundo achavamos.

Quartafeira vinte e sete do mes d'abril pela menhãa houve vista de terra hũa legua della, em fundo de oito braças. O vento era mui bonança, quanto as naos governavam. A costa se corre nornordeste susudeste escasso: a terra he toda ao longo do mar mui chãa sem arboredo: no sartam serras mui altas e fermosas; haverá dellas ao mar des leguas, e a lugares menos. Ao meo dia se fez o vento da terra brando: faziamos o caminho para o mar. Indo assi per fundo de oito braças, de supito demos em tres, e logo mais ávante em duas e mea: tornamos a fazer o caminho de sudoeste; e logo demos em fundo de quatro braças; e logo surgimos no dito fundo. E o capitam J. mandou lançar o seu esquife fóra; e mandou nelle o piloto que fosse sondar por o rumo do sul, e do sudoeste, e do sueste. E á noite veo o piloto mor no esquife, e disse que pelo rumo do sueste, que era baxo, que nam achara mais de tres braças; que índo ao sul achara oito braças.

Quintafeira vinte e oito dias do mes d'abril ao meo dia tomei o sol em vinte e dous graos e hum quarto, e á tarde se fez o vento nordeste, e nos fizemos á vela pelo rumo do sul; e logo demos em fundo de seis braças; e no quarto da prima nos acalmou o vento; e surgi em fundo de quatorze braças, duas leguas e mea de terra.

Sestafeira pela menhãa nos fizemos á vela com o

vento nordeste, indo sempre ao longo da costa tres leguas della, per fundo de cincoenta braças d'area limpa. O cabo do parcel, que jaz ao mar, se corre da banda do nordeste ao sueste, e da banda do sudoeste aloeste, e ás partes a loessudoeste. Quando fui fóra do parcel descobriam-se serras mui altas ao sudoeste. Ao meo dia tomei o sol em vinte e dous graos e tres quartos: ao sol posto fui com o cabo Frio: como foi noite amainamos as velas, e fomos com os traquetes toda a noite. O cabo Frio se corre com o Rio de Janeiro leste oeste: ha de caminho desasete leguas.

Sabado trinta dias d'abril, no quarto d'alva, eramos com a boca do Rio de Janeiro, e por nos acalmar o vento, surgimos a par de hũa ilha, que está na entrada do dito rio, em fundo de quinze braças d'area limpa. Ao meo dia se fez o vento do mar, e entramos dentro com as naos. Este rio he mui grande; tem dentro oito ilhas, e assi muitos abrigos: faz a entrada norte sul toma da quarta do noroeste sueste: tem ao sueste duas ilhas, e outras duas ao sul, e tres ao sudoeste; e entre ellas podem navegar carracas: he limpo, de fundo vinte e duas braças no mais baxo, sem restinga nenhũa e o fundo limpo. Na boca de fóra tem duas ilhas da banda de leste, e da banda d'aloeste tem quatro ilheos. A boca nam he mais que de hum tiro d'arcabuz; tem no meo hũa ilha de pedra rasa com o mar; pegado com ella ha fundo de desoito braças d'area limpa. Está em altura de vinte e tres graos, e hum quarto.

Como fomos dentro, mandou o capitam J. fazer hũa casa forte, com cerca por derrador; e mandou saír a gente em terra, e pôr em ordem a ferraria para fazermos cousas, de que tinhamos necessidade. Daqui mandou o capitam J. quatro homens pela terra dentro: e foram e vieram em dous meses; e andaram pela terra

cento e quinze leguas; e as secenta e cinco dellas foram por montanhas mui grandes, e as cincoenta foram por hum campo mui grande; e foram até darem com um grande rei, senhor de todos aquelles campos, e lhes fez muita honra, e veo com elles até os entregar ao capitam J.; e lhe trouxe muito christal, e deu novas como no Rio de Peraguay havia muito ouro e prata. O capitam lhe fez muita honra, e lhe deu muitas dadivas, e o mandou tornar para as suas terras. A gente deste rio he como a da Bahia de todolos Santos; senam quanto he mais gentil gente. Toda a terra deste rio he de montanhas e serras mui altas. As melhores aguas ha neste rio que podem ser. Aqui estivemos tres meses tomando mantimentos, para hum anno, para quatrocentos homẽs que traziamos; e fizemos dous bargantins de quinze bancos.

Terçafeira primeiro dia d'agosto de mil e quinhentos e trinta e hum partimos deste Rio de Janeiro com vento nordeste. Faziamos o caminho a loeste a quarta do sudoeste.

Quartafeira se fez o vento sudoeste com muita força; tiramos as monetas, e trincamos no bordo de sulsueste até quintafeira pela menhãa, que se nos fez o vento sulsueste, e com elle viramos no bordo d'aloeste: e de noite no quarto da prima se me fez o vento nordeste; e com elle faziamos o caminho a loessudoeste.

Sestafeira quatro do dito mes me deu hũa trovoada do oestesudoeste, com tanta força de vento, que nos foi necessario arribar com hum bolso de traquete até

Sabado que se nos fez o vento sudoeste, e viramos no bordo da terra com os papafigos baxos, até de noite no quarto da prima, que nos tornamos a fazer no bordo do mar.

Domingo seis do dito mes tornei no bordo da terra com todalas velas: a cerraçam era tamanha que, des que partimos do Rio de Janeiro, nunca pudemos ver a terra nem o sol: quasi noite fomos tam perto de terra, que viamos arrebentar o mar, e nam na viamos.

Segundafeira pela menhãa se fez o vento nordeste: faziamos o caminho a loessudoeste, com cerraçam mui grande.

Terçafeira ao meo dia fizemos o caminho ao noroeste; porque pelo dito rumo nos faziamos com o Rio de Sam Vicente.

Quartafeira nove dias d'agosto no quarto d'alva faziamos o caminho ao noroeste e a quarta do norte; e ás nove horas do dia surgimos bem pegados com terra em fundo de oito braças d'area grossa. Estando surtos mandou o capitam J. hum bargantim a terra, e nelle hũa lingua para ver se achavam gente, e para saber onde eramos; porque a cerraçam era tamanha, que estavamos hum tiro d'abombarda de terra e nam na viamos. De noite veo o bargantim, e nos disse como nam pudera ver gente.

Quintafeira pela menhãa nos fizemos á vela. Com o vento nordeste, fizemos o caminho do sulsudoeste, por nos afastar da terra: e ao meo dia fomos dar com hũa ilha: quando a vimos eramos tam perto della, que quasi demos com os grupezes nas pedras. Era a cerraçam tamanha que fazia pouca diferença da noite ao dia: e surgimos da banda d'aloeste da ilha, em fundo de vinte e cinco braças d'area tesa: e mandei lançar o batel fóra para ír á ilha mátar rabiforcados e alcatrazes, que eram tantos que cobriam na ilha. E fui á nao capitaina; e levei o capitam J. á ilha; e matamos tantos rabiforcados e alcatrazes, que carregamos o batel del-

les. Indo nós para as naos, nos deu por riba da ilha hum pé de vento tam quente, que nam parecia senam fogo; ventando nas bandeiras das naos o vento noroeste, que era contraste deste: disto ficamos todos mui espantados, que daquelle vento fomos todos com febre. Como puz o capitam J. na sua nao, tornei á ilha a por lhe fogo. No quarto da modorra nos deu hũa trovoada seca do essudoeste, com mui grande vento que nam havia homem, que lhe tivesse o rosto: a nao capitaina foi de todo perdida, que lhe quebrou o cabre; e ía dar sobe-la ilha, se o vento de supito nam saltara ao sul, que se fez á vela no rolo do mar. Como nos deu o vento mandei logo largar outra anchora, que me teve até pela menhãa com mui gram mar. A nao capitaina nam aparecia, e me fiz á vela; e fiz sinal ao galeam Sam Vicente e á caravela; e fomos todos surgir, da banda do norte da ilha, em fundo de desoito braças d'area limpa: e determinamos de estar ali até passar o temporal. A' tarde se fez o vento sueste, e vimos mea legua ao norte de nós a nao capitaina, que vinha no bordo do sudoeste; e nos fizemos á vela, e a fomos demandar.

Sabado doze dias do mes d'agosto, com o vento nordeste, faziamos o caminho do essudoeste; e ao meo dia vimos terra: seriamos delia um tiro d'abombarda: até ver se por nos afastar delia viramos no bordo do mar, até ver se alimpava a nevoa, para tornarmos a conhecer a terra. Indo assi no bordo do mar mandou o capitam J. arribar, para fazermos nossa viagem para o Rio de Santa Maria; e fazendo o caminho do sudoeste demos com hũa ilha. Quiz *a* nôssa senhora e a bemaventurada santa Crara, cujo dia era, que alimpou a neboa, e reconhecemos ser a ilha da Cananea: e fomos surgir antre ella e a terra, em fundo de sete bra-

ças. Esta ilha tem em redondo hũa legua; faz no meo hũa sellada: está de terra firme hum quarto de legua; he desabrigada do vento sulsudoeste e do nordeste, que quando venta mete mui gram mar. Desta ilha ao norte duas leguas se faz um rio mui grande na terra firme: na barra de preamar tem tres braças, e dentro oito, nove braças. Por este rio arriba mandou o capitam J. hum bargantim; e a Pedre Annes Piloto, que era lingua da terra, que fosse haver fala dos Indios.

Quintafeira desasete dias do mes d'agosto veo Pedre Annes Piloto no bargantim, e com elle veo Francisco de Chaves e o bacharel, e cinco ou seis castelhanos. Este bacharel havia trinta annos que estava degradado nesta terra, e o Francisco de Chaves era mui grande lingua desta terra. Pela informaçam que della deu ao capitam J., mandou a Pero Lobo com oitenta homẽs, que fossem doscobrir pela terra dentro; porque o dito Francisco de Chaves se obrigava que em des meses tornara ao dito porto, com quatrocentos escravos carregados de prata e ouro. Partiram desta ilha, ao primeiro dia de setembro de mil e quinhentos e trinta e hum, os quarenta besteiros e os quarenta espingardeiros. Aqui nesta ilha estivemos quarenta e quatro dias: nelles nunca vimos o sol; de dia e de noite nos choveo sempre com muitas trovoadas e relampados: nestes dias nos naın ventaram outros ventos, senam desd'o sudoeste até o sul. Deram-nos tam grandes tromentas destes ventos, e tam rijos, como eu em outra nenhũa parte os vi ventar. Aqui perdemos muitas anchoras, e nos quebraram muitos cabres.

Terçafeira vinte e seis do mes de setembro partimos desta ilha com o vento leste, fazendo caminho do sul, até quartafeira pela menhãa, que se fez o vento nordeste; faziamos o caminho do sulsudoeste, com mui-

da prima me fiz no bordo do sueste com o vento sulsudoeste.

Quartafeira onze dias do dito mes pela menhãa nos acalmou o vento tres leguas da terra, a qual se corre nordeste sudoeste e toma da quarta de norte sul, em fundo de desaseis braças, matamos esta noite muitas pescadas.

Quintafeira ao meo dia tomei o sol em trinta e quatro graos, e com o vento norte ia correndo a costa ao sudoeste. Ao pôr do sol fomos surgir antre tres ilhas de pedras, donde matamos muitos lobos marinhos.

Sestafeira treze do dito mes pela menhãa se fez o vento sudoeste, que nos vinha por riba de hũa ponta, que nos demorava ao sulsudoeste e ventou com tanta força que a nao capitaina perdeo o cabre, e lhe quebrou a amarra. Toda esta noite estivemos com muita tromenta.

Sabado no quarto d'alva acalmou o vento, e fui á terra firme por nos fazerem muitos fumos. A terra he mui fermosa, muitos ribeiros d'agua, e muitas ervas e frores, como as de Portugal. Achamos duas onças mui grandes, e nos tornamos para as naos sem vermos gente. E ao meo dia se fez o vento nordeste, e com elle nos fizemos á vela. Estas ilhas, a que puz nome = das Onças =, tomei o sol nellas em trinta e quatro graos e meo; e em dobrando a ponta, que me demorava ao sulsudoeste, se corre a costa a loessudoeste até o cabo de Santa Maria, que está em altura de trinta e quatro graos e tres quartos: e no quarto da prima me acalmou o vento.

Domingo quinze d'outubro pela menhãa se fez o vento nordeste; e com elle fazia o caminho ao longo da costa, sondando sempre. Governando dous relogios a loessudoeste achava vinte braças: governando outros

dous relogios aloeste e a quarta do sudoeste dava em fundo de vinte e cinco braças; de maneira que achava mais fundo da banda da terra que do mar.

Ao sol posto fomos com o cabo de Santa Maria; e surgimos em fundo de oito braças da banda d'aloeste do dito cabo.

Segundafeira pela menhãa mandou o capitam J. ao piloto mór que fosse ver hũa ilha, que estava pegada com o dito cabo, se antre ella e a terra havia bom surgidouro: e ao meo dia tornou Vicente Lourenço, e disse que o porto que era bom; senam que com os ventos oessudoeste e sulsudoeste era desabrigado, e que do vento sulsueste tinha baxos ao mar: e á tarde fomos surgir antre a ilha e a terra em fundo de seis braças e mea de preamar. Aqui nesta ilha tomamos agua e lenha e fomos com os bateis fazer pescaria: e em hum dia matamos desoito mil pexes antre corvinas e pescadas e enxovas: pescavamos em fundo de oito braças: como lançavamos os anzolos na agua nam havia ahi vagar de recolher os pexes. Nesta ilha estivemos oito dias esperando por hum bargantim, que de nossa companhia se perdera: como nam veo mandou o capitam J. pôr hũa cruz na ilha e nella atada hũa carta emburilhada em cera e nella dizia ao capitam do bargantim o que fizesse vindo ali ter.

Domingo vinte e hum de outubro pela menhãa partimos desta ilha. Com o vento nordeste fazia o caminho ao longo da costa, que se corre aloeste: mea legua de terra ía sempre per fundo de nove, dez braças. Tres leguas da dita ilha se nos fez o vento noroeste; e á tarde nos deu hũa trovoada com muita agua, e sem nenhum vento; e surgimos em quinze braças de fundo de lama molle. E no quarto da prima nos deu hum pé de vento do sulsudoeste, e de supito saltou ao sul com

a qual era mui alta a maravilha: fazia-me della des leguas.

Terçafeira ao meo dia nos deu o vento nordeste, e com elle corriamos a costa, a qual se corre nordeste sudoeste e toma da quarta de norte sul. De noite no quarto da prima mandei lançar o prumo ao mar; e tomei fundo com nove braças e mandei fazer fogos: e fiz-me no bordo do sueste; sempre sondando, quanto mais íamos ao mar, menos fundo achavamos.

Quartafeira vinte e sete do mes d'abril pela menhãa houve vista de terra hũa legua della, em fundo de oito braças. O vento era mui bonança, quanto as naos governavam. A costa se corre nornordeste susudeste escasso: a terra he toda ao longo do mar mui chãa sem arboredo: no sartam serras mui altas e fermosas; haverá dellas ao mar des leguas, e a lugares menos. Ao meo dia se fez o vento da terra brando: faziamos o caminho para o mar. Indo assi per fundo de oito braças, de supito demos em tres, e logo mais ávante em duas e mea: tornamos a fazer o caminho de sudoeste; e logo demos em fundo de quatro braças; e logo surgimos no dito fundo. E o capitam J. mandou lançar o seu esquife fóra; e mandou nelle o piloto que fosse sondar por o rumo do sul, e do sudoeste, e do sueste. E á noite veo o piloto mor no esquife, e disse que pelo rumo do sueste, que era baxo, que nam achara mais de tres braças; que índo ao sul achara oito braças.

Quintafeira vinte e oito dias do mes d'abril ao meo dia tomei o sol em vinte e dous graos e hum quarto, e á tarde se fez o vento nordeste, e nos fizemos á vela pelo rumo do sul; e logo demos em fundo de seis braças; e no quarto da prima nos acalmou o vento; e surgi em fundo de quatorze braças, duas leguas e mea de terra.

Sestafeira pela menhãa nos fizemos á vela com o

vento nordeste, indo sempre ao longo da costa tres leguas della, per fundo de cincoenta braças d'area limpa. O cabo do parcel, que jaz ao mar, se corre da banda do nordeste ao sueste, e da banda do sudoeste aloeste, e ás partes a loessudoeste. Quando fui fóra do parcel descobriam-se serras mui altas ao sudoeste. Ao meo dia tomei o sol em vinte e dous graos e tres quartos: ao sol posto fui com o cabo Frio: como foi noite amainamos as velas, e fomos com os traquetes toda a noite. O cabo Frio se corre com o Rio de Janeiro leste oeste: ha de caminho desasete leguas.

Sabado trinta dias d'abril, no quarto d'alva, eramos com a boca do Rio de Janeiro, e por nos acalmar o vento, surgimos a par de hũa ilha, que está na entrada do dito rio, em fundo de quinze braças d'area limpa. Ao meo dia se fez o vento do mar, e entramos dentro com as naos. Este rio he mui grande; tem dentro oito ilhas, e assi muitos abrigos: faz a entrada norte sul toma da quarta do noroeste sueste: tem ao sueste duas ilhas, e outras duas ao sul, e tres ao sudoeste; e entre ellas podem navegar carracas: he limpo, de fundo vinte e duas braças no mais baxo, sem restinga nenhũa e o fundo limpo. Na boca de fóra tem duas ilhas da banda de leste, e da banda d'aloeste tem quatro ilheos. A boca nam he mais que de hum tiro d'arcabuz; tem no meo hũa ilha de pedra rasa com o mar; pegado com ella ha fundo de desoito braças d'area limpa. Está em altura de vinte e tres graos e hum quarto.

Como fomos dentro, mandou o capitam J. fazer hũa casa forte, com cerca por derrador; e mandou saír a gente em terra, e pôr em ordem a ferraria para fazermos cousas, de que tinhamos necessidade. Daqui mandou o capitam J. quatro homens pela terra dentro: e foram e vieram em dous meses; e andaram pela terra

cento e quinze leguas; e as secenta e cinco dellas foram por montanhas mui grandes, e as cincoenta foram por hum campo mui grande; e foram até darem com um grande rei, senhor de todos aquelles campos, e lhes fez muita honra, e veo com elles até os entregar ao capitam J.; e lhe trouxe muito christal, e deu novas como no Rio de Peraguay havia muito ouro e prata. O capitam lhe fez muita honra, e lhe deu muitas dadivas, e o mandou tornar para as suas terras. A gente deste rio he como a da Bahia de todolos Santos; senam quanto he mais gentil gente. Toda a terra deste rio he de montanhas e serras mui altas. As melhores aguas ha neste rio que podem ser. Aqui estivemos tres meses tomando mantimentos, para hum anno, para quatrocentos homẽs que traziamos; e fizemos dous bargantins de quinze bancos.

Terçafeira primeiro dia d'agosto de mil e quinhentos e trinta e hum partimos deste Rio de Janeiro com vento nordeste. Faziamos o caminho a loeste a quarta do sudoeste.

Quartafeira se fez o vento sudoeste com muita força; tiramos as monetas, e trincamos no bordo de sulsueste até quintafeira pela menhãa, que se nos fez o vento sulsueste, e com elle viramos no bordo d'aloeste: e de noite no quarto da prima se me fez o vento nordeste; e com elle faziamos o caminho a loessudoeste.

Sestafeira quatro do dito mes me deu hũa trovoada do oestesudoeste, com tanta força de vento, que nos foi necessario arribar com hum bolso de traquete até

Sabado que se nos fez o vento sudoeste, e viramos no bordo da terra com os papafigos baxos, até de noite no quarto da prima, que nos tornamos a fazer no bordo do mar.

Domingo seis do dito mes tornei no bordo da terra com todalas velas: a cerraçam era tamanha que, des que partimos do Rio de Janeiro, nunca pudemos ver a terra nem o sol: quasi noite fomos tam perto de terra, que viamos arrebentar o mar, e nam na viamos.

Segundafeira pela menhãa se fez o vento nordeste: faziamos o caminho a loessudoeste, com cerraçam mui grande.

Terçafeira ao meo dia fizemos o caminho ao noroeste; porque pelo dito rumo nos faziamos com o Rio de Sam Vicente.

Quartafeira nove dias d'agosto no quarto d'alva faziamos o caminho ao noroeste e a quarta do norte; e ás nove horas do dia surgimos bem pegados com terra em fundo de oito braças d'area grossa. Estando surtos mandou o capitam J. hum bargantim a terra, e nelle hũa lingua para ver se achavam gente, e para saber onde eramos; porque a cerraçam era tamanha, que estavamos hum tiro d'abombarda de terra e nam na viamos. De noite veo o bargantim, e nos disse como nam pudera ver gente.

Quintafeira pela menhãa nos fizemos á vela. Com o vento nordeste, fizemos o caminho do sulsudoeste, por nos afastar da terra: e ao meo dia fomos dar com hũa ilha: quando a vimos eramos tam perto della, que quasi demos com os grupezes nas pedras. Era a cerraçam tamanha que fazia pouca diferença da noite ao dia: e surgimos da banda d'aloeste da ilha, em fundo de vinte e cinco braças d'area tesa: e mandei lançar o batel fóra para ír á ilha matar rabiforcados e alcatrazes, que eram tantos que cobriam na ilha. E fui á nao capitaina; e levei o capitam J. á ilha; e matamos tantos rabiforcados e alcatrazes, que carregamos o batel del-

les. Indo nós para as naos, nos deu por riba da ilha hum pé de vento tam quente, que nam parecia senam fogo; ventando nas bandeiras das naos o vento noroeste, que era contraste deste: disto ficamos todos mui espantados, que daquelle vento fomos todos com febre. Como puz o capitam J. na sua nao, tornei á ilha a por lhe fogo. No quarto da modorra nos deu hũa trovoada seca do essudoeste, com mui grande vento que nam havia homem, que lhe tivesse o rosto: a nao capitaina foi de todo perdida, que lhe quebrou o cabre; e ía dar sobe-la ilha, se o vento de supito nam saltara ao sul, que se fez á vela no rolo do mar. Como nos deu o vento mandei logo largar outra anchora, que me teve até pela menhãa com mui gram mar. A nao capitaina nam aparecia, e me fiz á vela; e fiz sinal ao galeam Sam Vicente e á caravela; e fomos todos surgir, da banda do norte da ilha, em fundo de desoito braças d'area limpa: e determinamos de estar ali até passar o temporal. A' tarde se fez o vento sueste, e vimos mea legua ao norte de nós a nao capitaina, que vinha no bordo do sudoeste; e nos fizemos á vela, e a fomos demandar.

Sabado doze dias do mes d'agosto, com o vento nordeste, faziamos o caminho do essudoeste; e ao meo dia vimos terra: seriamos della um tiro d'abombarda: até ver se por nos afastar della viramos no bordo do mar, até ver se alimpava a nevoa, para tornarmos a conhecer a terra. Indo assi no bordo do mar mandou o capitam J. arribar, para fazermos nossa viagem para o Rio de Santa Maria; e fazendo o caminho do sudoeste demos com hũa ilha. Quiz a nossa senhora e a bemaventurada santa Crara, cujo dia era, que alimpou a neboa, e reconhecemos ser a ilha da Cananea: e fomos surgir antre ella e a terra, em fundo de sete bra-

ças. Esta ilha tem em redondo hũa legua; faz no meo hũa sellada: está de terra firme hum quarto de legua; he desabrigada do vento sulsudoeste e do nordeste, que quando venta mete mui gram mar. Desta ilha ao norte duas leguas se faz um rio mui grande na terra firme: na barra de preamar tem tres braças, e dentro oito, nove braças. Por este rio arriba mandou o capitam J. hum bargantim; e a Pedre Annes Piloto, que era lingua da terra, que fosse haver fala dos Indios.

Quintafeira desasete dias do mes d'agosto veo Pedre Annes Piloto no bargantim, e com elle veo Francisco de Chaves e o bacharel, e cinco ou seis castelhanos. Este bacharel havia trinta annos que estava degradado nesta terra, e o Francisco de Chaves era mui grande lingua desta terra. Pela informaçam que della deu ao capitam J., mandou a Pero Lobo com oitenta homẽs, que fossem doscobrir pela terra dentro; porque o dito Francisco de Chaves se obrigava que em des meses tornara ao dito porto, com quatrocentos escravos carregados de prata e ouro. Partiram desta ilha, ao primeiro dia de setembro de mil e quinhentos e trinta e hum, os quarenta besteiros e os quarenta espingardeiros. Aqui nesta ilha estivemos quarenta e quatro dias: nelles nunca vimos o sol; de dia e de noite nos choveo sempre com muitas trovoadas e relampados: nestes dias nos nam ventaram outros ventos, senam desd'o sudoeste até o sul. Deram-nos tam grandes tromentas destes ventos, e tam rijos, como eu em outra nenhũa parte os vi ventar. Aqui perdemos muitas anchoras, e nos quebraram muitos cabres.

Terçafeira vinte e seis do mes de setembro partimos desta ilha com o vento leste, fazendo caminho do sul, até quartafeira pela menhãa, que se fez o vento nordeste; faziamos o caminho do sulsudoeste, com mui-

ta agua e relampados; de noite se fez tanto vento que nos foi necessario tirarmos as monetas, e írmos toda a noite com pouca vela.

Quintafeira vinte e oito do mes de setembro com o dito vento faziamos o caminho do sulsudoeste: e de noite ventou tam forte com relampados e tanta agua, *que até* no quarto da modorra iamos dar em terra, e me saí della com assaz trabalho. Esta noite se apartaram os bargantins de nós.

Sestafeira pela menhãa houvemos vista de terra tres leguas de nós, que se corria nornordeste sulsudoeste. Como nos achegamos mais a terra reconhecemos ser ao sul do porto dos Patos quatro leguas, e tornamos de ló, ver se podiamos cobrar o dito porto: o vento era tanto *ao* nordeste, que virando no bordo do mar, me levou o traquete d'ávante.

Sabado trinta do dito mes no quarto d'alva tornamos no bordo da terra com todalas velas, e despois do meo dia houve vista de terra, que eramos seis leguas ao sul de donde partiramos. Virando no bordo do mar vieram os bargantins dar comnosco: e logo fizemos o nosso caminho com o vento e mar mui grande; e desd'a mea noite corremos, com hum pé de vento do norte, arbore seca.

Domingo primeiro dia de outubro pela menhãa, hum dos bargantins nam aparecia; ao outro dei hum calabrete por popa, porque nam podia com a vela.

Segundafeira com o vento e mar mui grande fazia o caminho do sul, com os papafigos mui baxos.

Terçafeira tres de outubro ao meo dia tomei o sol em trinta e hum graos e hum quarto: com o dito vento e mar fazia o caminho do sul.

Quartafeira ao meo dia tomei o sol em trinta e dous graos e hum terço: fazia-me de terra vinte le-

guas; do cabo da terra alta me fazia cincoenta: demorava-me ao norte e a quarta do nordeste.

Quintafeira no quarto d'alva me deu por d'avante o vento sudoeste, levando as velas cheas de vento nordeste, que foi a mór afronta que nesta viagem nós tinhamos visto; e com o vento sudoeste lançamos as naos ao pairo. De noite cresceo tanto o vento e o mar que me nam quiz a nao arribar.

Sestafeira até o meo dia sofremos o pairo com muito trabalho e arribei com a nao, e em arribando pela quadra me deu hum tam gram mar, e veo ter ao convez, e meteu-me dous quarteis para dentro: entrou tanta agua, que antre ambas as cubertas me nadou o batel; assi arribamos alagados: até o quarto da modorra com duas bombas acabamos d'esgotar a agua.

Sabado sete de outubro saltou o vento de supito ao nordeste e ventou mui forte; e andava o mar do sudoeste, e com o do nordeste cruzavam que nam havia homem, que se nas naos tivesse.

Domingo faziamos o caminho do sul com muito vento nordeste. E a meo dia tomei o sol em trinta e hum graos e meo. Fazia-me de terra vinte e tres leguas.

Segundafeira ao meo dia tomei o sol em trinta e tres graos e hum terço: fazia-me de terra desoito leguas. Esta noite se passou o vento ao sudoeste, e trincamos com os traquetes baxos no bordo do sulsueste.

Terçafeira no quarto d'alva com muito vento sudoeste lançamos as naos ao pairo; e ao meo dia se fez o vento bonança: vimos da gavia ao noroeste um fumo. Mandei lançar a sonda, e tomei fundo com secenta braças: e nos fizemos á vela no bordo do noroeste a demandar o fundo; e ao sol posto vi a terra da gavia, a qual era mui baxa sem conhecença algũa: e no quarto

da prima me fiz no bordo do sueste com o vento sulsudoeste.

Quartafeira onze dias do dito mes pela menhãa nos acalmou o vento tres leguas da terra, a qual se corre nordeste sudoeste e toma da quarta de norte sul, em fundo de desaseis braças, matamos esta noite muitas pescadas.

Quintafeira ao meo dia tomei o sol em trinta e quatro graos, e com o vento norte ia correndo a costa ao sudoeste. Ao pôr do sol fomos surgir antre tres ilhas de pedras, donde matamos muitos lobos marinhos.

Sestafeira treze do dito mes pela menhãa se fez o vento sudoeste, que nos vinha por riba de hũa ponta, que nos demorava ao sulsudoeste e ventou com tanta força que a nao capitaina perdeo o cabre, e lhe quebrou a amarra. Toda esta noite estivemos com muita tromenta.

Sabado no quarto d'alva acalmou o vento, e fui á terra firme por nos fazerem muitos fumos. A terra he mui fermosa, muitos ribeiros d'agua, e muitas ervas e frores, como as de Portugal. Achamos duas onças mui grandes, e nos tornamos para as naos sem vermos gente. E ao meo dia se fez o vento nordeste, e com elle nos fizemos á vela. Estas ilhas, a que puz nome = das Onças =, tomei o sol nellas em trinta e quatro graos e meo; e em dobrando a ponta, que me demorava ao sulsudoeste, se corre a costa a loessudoeste até o cabo de Santa Maria, que está em altura de trinta e quatro graos e tres quartos: e no quarto da prima me acalmou o vento.

Domingo quinze d'outubro pela menhãa se fez o vento nordeste; e com elle fazia o caminho ao longo da costa, sondando sempre. Governando dous relogios a loessudoeste achava vinte braças: governando outros

dous relogios aloeste e a quarta do sudoeste dava em fundo de vinte e cinco braças; de maneira que achava mais fundo da banda da terra que do mar.

Ao sol posto fomos com o cabo de Santa Maria; e surgimos em fundo de oito braças da banda d'aloeste do dito cabo.

Segundafeira pela menhãa mandou o capitam J. ao piloto mór que fosse ver hũa ilha, que estava pegada com o dito cabo, se antre ella e a terra havia bom surgidouro: e ao meo dia tornou Vicente Lourenço, e disse que o porto que era bom; senam que com os ventos oessudoeste e sulsudoeste era desabrigado, e que do vento sulsueste tinha baxos ao mar: e á tarde fomos surgir antre a ilha e a terra em fundo de seis braças e mea de preamar. Aqui nesta ilha tomamos agua e lenha e fomos com os bateis fazer pescaria: e em hum dia matamos desoito mil pexes antre corvinas e pescadas e enxovas: pescavamos em fundo de oito braças: como lançavamos os anzolos na agua nam havia ahi vagar de recolher os pexes. Nesta ilha estivemos oito dias esperando por hum bargantim, que de nossa companhia se perdera: como nam veo mandou o capitam J. pôr hũa cruz na ilha e nella atada hũa carta emburilhada em cera e nella dizia ao capitam do bargantim o que fizesse vindo ali ter.

Domingo vinte e hum de outubro pela menhãa partimos desta ilha. Com o vento nordeste fazia o caminho ao longo da costa, que se corre aloeste: mea legua de terra ía sempre per fundo de nove, dez braças. Tres leguas da dita ilha se nos fez o vento noroeste; e á tarde nos deu hũa trovoada com muita agua, e sem nenhum vento; e surgimos em quinze braças de fundo de lama molle. E no quarto da prima nos deu hum pé de vento do sulsudoeste, e de supito saltou no sul com

muita tempestade. A nao capitaina se fez á vela e nos fez sinal: por ser o vento e o mar mui grande me nam estrevi fazer á vela, nem cobrar hũa ponta, que me demorava a leste e a quarta do sueste; e mandei fazer hum aúste de cento e vinte braças, e com elle caçava como se nam levara anchora pelo fundo ser de lama mui molle. A tromenta era tamanha de vento e mar que cada vez metia a nao todolos castellos. Mandei fazer outro aúste; e com anchora de forma, e a lançamos ao mar: estando com esta fortuna mandei cortar os castellos todos, e fazer tudo razo, e mandei cortar o cabo ao batel, que tinhamos por popa. Assi estivemos com esta tromenta de mar, que cada vez nos vinha quebrar no convez.

Segundafeira vinte e dois d'outubro e no quarto d'alva me quebrou o aúste da anchora, de forma que tornei outra vez a caçar, como dantes. Como amanheceo me achei de terra hũa legua e tinha caçado tres; e o galeam Sam Vicente estava a terra de mim: pela sua popa arrebentavam huns baxos, que cada vez parecia o mar mais alto que a gavia. Por caçar tanto determinei de me fazer á vela, e contra rezam de marinheiraria levamos a amarra com muito trabalho e me fiz á vela no bordo d'aloeste; e como vi que nam cobrava os baxos, que arrebentavam ao mar, virei no bordo de leste, para irmos varar em hũa praia, que nos demorava nordeste, quarta de leste, por ali nos parecer que ao mar nam havia baxos. Indo assi punhamo-la proa na ponta, que me demorava a lessueste. Por me parecer que a podia cobrar mandei dar o tráquete da gavia, metendo a nao até o meo do convez, por debaxo do mar: em dando o traquete me quebrou em dous pedaços: ia ja tam perto da ponta que a huns parecia que a podiamos cobrar, e outros bradavam que arribas-

semos: era tam grande revolta na nao que nos nam entendiamos: mandei meter toda a gente debaxo da coberta; e mandei ao piloto tomar o leme, e eu me fui á proa, e determinei de fazer experiencia da fortuna, e me pôr a ver se podia dobrar a ponta; porque se a nam dobrava nam havia onde varar, senam em rocha viva, onde nam havia salvaçam: assi fomos, e prouve a nossa senhora e ao seu bento filho, que a dobramos; e fui tam perto della que o mar, que arrebentava na costa, nos tornava com a ressaca a dar na nao, e nos lançou fóra. Como dobrei a ponta arribamos a nordeste e a quarta de leste; e á tarde fui surgir na ilha do cabo. Entrou-nos tanta agua ao dobrar da ponta, que quando a esta ilha achegamos, traziamos seis palmos d'agua debaxo da coberta. Como aqui estive surto, se fez o vento sudoeste. No quarto da prima veo o galeam Sam Vicente dar comigo, e logo lhe perguntei se trazia batel: e me disse que o perdera, e que nam trazia mais que hũa anchora; e que perdera tres; e passara per riba do arrecife, que estava á terra donde estavamos surtos; e ali se sustivera com o temporal até á noite, que ventou o vento sudoeste. E me disse o piloto como vira a nao capitaina sem mastos muito perto de terra, que da gavia nam pudera divisar se estava em seco, se sobre anchora.

Terçafeira vinte e tres de outubro no quarto d'alva veo a caravela dar comigo sem cabres, nem anchoras, e com o batel perdido: e disse-me o piloto que passaram na fortuna, detras de hũa ponta, donde fôra ter milagrosamente; e que a nao capitaina, des que o dia dantes se fizera á vela, a nam viram mais. Nam podia determinar o que fizesse: para me fazer á vela nam tinha cabres, nem batel, nem anchora. Determinei de mandar por terra trinta homẽs; e para isto man-

dei dous a nado com um cabo, e que o dessem á caravela, que se virasse por minha popa.

Quartafeira vinte e quatro dias de outubro, por ser ruim o mar, nam pôde a caravela chegar á nao. Este dia puz em obra fazer hum batel de aduelas dentro na nao.

Quintafeira vinte e cinco do dito mes pela menhãa meti na caravela trinta homẽs, — os que melhor sabiam nadar; e as armas metidas em hũa pipa funda, por se nam molharem; e dous barris de mantimento para oito dias: e mandei á caravela que se fosse á terra, e que surgisse quanto nam desse em seco: e que dali se fossem a terra nas jangadas, que levavam dos quarteis da nao franceza. E ao meo dia todos foram em terra com assaz trabalho; e da mesma terra acudiram muita gente, e punham-se de longe, sem quererem chegar; até que dous homẽs dos nossos foram a elles; e logo chegaram e abraçaram a todos com grandes choros e cantigas mui tristes, e como se despediram delles, fizeram seu caminho pela praia. Tendo andado mea legua, me fizeram hum fumo, e vi hũa soma, que me parecia ser o batel dos que perdido tinhamos.

Sestafeira vinte e seis de outubro fiz hũa jangada, em que lancei o ferro e a forja na ilha, para fazerem pregos para o batel d'aduelas, que dentro na nao fazia. E desd'o meo dia me ventou muito vento sudoeste. E eram tantos os fumos pela terra dentro, que impedia a vista do sol.

Sabado vinte e sete do dito mes mandei o mestre com cinco homẽs, em hum quartel da nao, para que fossem a terra: ver se era batel onde a gente nos fizera o fumo; e á tarde tornou com o batel da caravela, que vinha mui destroçado; e me disse que na terra havia muita agua e boa: e logo mandei á ilha concertar o batel.

Domingo vinte e oito dias do dito mes, como o batel da caravela foi concertado, mandei passar o outro, que tinha começado á ilha. Este dia veo muita gente da terra á praia: mandei la o batel, e deram-lhe muito pescado e taçalhos de veado.

Sestafeira dous dias de novembro veo a gente, que tinha mandado em busca de Martim Afonso, e me disseram como a nao capitaina dera á costa, por falta d'amarras; e que Martim Afonso, com toda a gente, se salvaram todos a nado; somente morreram sete pessoas; seis afogados e hum, que morreo de pasmo: e que o bargantim dera tambem á costa; e porem que lhe nam fizera nojo: e o batel do galeam e da capitaina tinham sãos; e que na praia acharam hum bargantim de tavoado de cedro mui bem feito, o qual Martim Afonso tinha para levar em companhia do batel grande e do outro bargantim para entrar pelo rio dentro; e que MartimAfonso me mandava dizer que com a gente, que as naos pudessem escusar, me fosse onde elle estava com a caravela.

Segundafeira cinco dias do dito mes parti na caravela, com vento lesnordeste: e hũa hora de sol, fui surgir onde a nao capitaina estava á costa; e como fui surto se fez o vento sueste. Mandei o batel a terra fazer saber a Martim Afonso como eramos ali vindos. Carregou tanto o vento, que antes que o batel viesse, me fiz á vela no bordo do sulsudoeste; e ao sol posto fomos dar em hum baxo, donde estivemos perdidos. Assi fomos com mui gram mar e vento trincando até á mea noite, que se fez o vento calma.

Terçafeira seis dias do dito mes pela menhãa se fez o vento sudoeste, e com elle me fiz á vela no bordo de lessueste; e a tarde fui surgir defronte da nao: donde o capitam J., aos bateis, mandou por mim e pela gente,

e mandou à caravela que se fosse a hũa ilha, que estava d'ahi quatro leguas aloeste, e ahi esperassem até ver seu recado. Aqui estivemos com muito trabalho tirando a artelheria e ferro da nao. Estando aqui tomou o capitam J. conselho com os pilotos e mestres, e com todos os que eram para isso; e todos acordaram e assentaram, que elle nam devia de ir pelo Rio de santa Maria arriba, per muitas rezões: e que a hũa era nam terem mantimentos, que todos se haviam perdido, quando a nao se perdeo: e a outra que as duas naos, que ficaram estavam tam gastadas, que se nam poderiam soster tres mezes: e a terceira era parecer o rio inavegavel pelos grandes temporaes que cada dia faziam, sendo a força do verão: e por estas rezões e outras muitas, que deram, fizeram que o capitam J. desestisse da ida; e me mandou em hum bargantim com trinta homẽs a pôr huns padrões, e tomar posse do dito rio por elRei nosso senhor; e que dentro em vinte dias trabalhasse por tornar; porque o porto, onde as naos estavam, era mui desabrigado.

Sabado vinte e tres dias do mes de novembro de mil e quinhentos e trinta e hum estando o sol em onze graos e trinta e cinco meudos de sagitario, e a lua em vinte e sete graos de tauro, parti do Rio dos Begoais, que jaz aloeste do cabo de santa Maria onze leguas, e levava hum bargantim com trinta homẽs; tudo bem em ordem de guerra: e fiz meu caminho ao longo da costa, que se corre aloeste. Duas leguas do dito rio, donde parti, ha hũa ilha pequena toda de pedras, e della a terra firme ha hũa legua: derrador da ilha tem bom surgidouro, de fundo de cinco braças de vasa molle. Indo assi pegado com a costa, a qual he toda limpa, per fundo de cinco, seis braças, ao meo dia houve vista de hũa ilha ao mar, que me demorava ao

sulsudoeste; e della a terra ha tres leguas: da banda de leste tem hũa restinga de area comprida, que lança ao nordeste. Passando ávante da ilha descobri hum alto monte, ao qual puz nome = monte de Sam Pedro = e demorava-me aloeste e a quarta do noroeste. Este dia fui dormir ao pé do dito monte de Sam Pedro. Desde a dita ilha atraz até este monte, a costa he toda suja de pedra, e ruins baxos: a terra he toda rasa até este monte muito fermosa. Ao pé deste monte ha dous portos; hum da banda d'aloeste, e outro da banda de leste: nam sam senam para navios pequenos.

Domingo vinte e quatro do dito mes, ante menhãa, me fiz á vela com o vento nornordeste. Deste monte de Sam Pedro se começa a costa a loesnoroeste, indo assi no golfo de hũa enseada, que se faz grande como o dito monte de Sam Pedro, demora a leste e a quarta de sueste, fui dar em fundo de duas braças e mea, hũa legua de terra: e me acalmou o vento, que levava: e me deu trovoada do sul, com muito vento; e fiz-me no bordo do monte de Sam Pedro, para me meter no porto donde estivera de noite. O vento rodou logo ao sueste; e tornei-me a fazer na volta d'aloeste, para fazer meu caminho. Aqui comecei a achar agua doce, e muito pescado morto. Da ponta desta enseada da banda d'aloeste lança hũa restinga ao mar hũa legua: o mais baxo della he braça e mea, e o mais alto quatro braças. Como passei a dita restinga me acalmou o vento; e afuzialava muito a sudoeste e ao noroeste, que nesta costa sam sinaes certos de grandes temporaes: e com este recco me acheguei a terra, para ver se achava porto onde me metesse. Bem pegado com terra me tornou a ventar o vento nordeste, e fui ao longo da costa, a qual se corre a loesnoroeste, per fundo de quatro, cinco braças d'area limpa. Indo sempre hum tiro

de bésta de terra tornou-me a acalmar o vento bem tarde, e os sinaes do temporal cresciam; determinei de varar o bargantim em terra até passar a noite; e mandei varar em hũa area, e tirar o fato todo em terra; e fazer hum repairo de terra; e puzemos a artelheria em ordem. E eu fui com des homẽs pela terra ver se achava rasto de gente: nam achei nada; senam rasto de muitas alimarias, e muitas perdizes e codornizes, e outra muita caça. A terra he mais fermosa e aprasivel que eu já mais cuidei de ver: nam havia homem que se fartasse d'olhar os campos e a fermosura delles. Aqui achei hum rio grande; ao longo delle tudo arboredo o mais fermoso que nunca vi: e antes que chegasse ao mar hum tiro de bésta se sumia. E tomamos muita caça e tornamos nos ao bargantim. Ao pôr do sol veo hũa trovoada do noroeste, com tanta força de vento e pedra, que nam havia homem, que se tivesse em pé: e de supito saltou ao sudoeste com muita chuva, relampados, e sempre cuidei de perder o bargantim, segundo o mar era grande. Toda esta noite corremos tanta fortuna, quanta homẽs nunca passaram. A agua que choveo me molhou o mantimento todo, que mais nam prestou.

Segundafeira vinte e cinco do dito mes pela menhãa alimpou o tempo e veo sol, com que nos enxugamos. Daqui me quizera tornar, por nam termos mantimento; despois pareceo-me que nos podiamos manter com o mantimento, que na terra havia; e com o pescado o mais fermoso e saboroso, que nunca vi. A agua ja aqui era toda doce; mas o mar era tam grande que me nam podia parecer que era rio: na terra havia muitos veados e caça, que tomavamos, e ovos de emas, e emas pequeninas, que eram muito saborosas; na terra ha muito mel, e muito bom: e achavamos tanto que o nam queriamos: e ha cardos, que he mui bom mantimento, e que a gen-

te folgava de comer. E com nos parecer a todos, que nos podiamos soster, determinei de ir ávante, e o vento era sueste, e o tempo estava bom, e de noite havia lua. Parti bem tarde; — duas horas de sol, com tençam de andar a noite toda; indo ao longo da costa, por fundo de seis braças d'area limpa. Sendo duas leguas dond'e partira, saíram da terra a mim quatro almadias, com muita gente: como as vi puz-me á corda com o bargantim para esperar por ellas: remavam-se tanto, que parecia que voavam. Foram logo comigo todos; traziam arcos e frechas e azagaias de pao tostado, e elles com muitos penachos todos pintados de mil cores; e chegaram logo sem mostrarem que haviam medo; senam com muito prazer abraçando-nos a todos: a fala sua não entendiamos; nem era como a do Brasil; falavam do papo como mouros: as suas almadias eram de des, doze braças de comprido e mea braça de largo: o pao dellas era cedro, mui bem lavradas: remavam-nas com hũas pás mui compridas; no cabo das pás penachos e borlas de penas; e remavam cada almadia quarenta homẽs todos em pé: e por se vir a noite nam fui ás suas tendas, que pareciam em hũa praia defronte donde estava; e pareciam outras muitas almadias varadas em terra: e elles acenavam que fosse lá, que me dariam muita caça; e quando viram que nam queria ir, mandaram hũa almadia por pescado: e foi e veo em tamanha brevidade, que todos ficamos espantados: e deram nos muito pescado: e eu mandei lhes dar muitos cascaveis e cristallinas e contas: ficaram tão contentes e mostravam tamanho prazer, que parecia que queriam saír fóra do seu siso: e assi me despedi delles. Quasi noite fez se me o vento nornordeste por riba da terra: e com elle fazia o caminho ao longo da costa, por fundo de cinco, seis braças: como passou mea noite comecei a achar baxos

dei dous a nado com um cabo, e que o dessem á caravela, que se virasse por minha popa.

Quartafeira vinte e quatro dias de outubro, por ser ruim o mar, nam pôde a caravela chegar á nao. Este dia puz em obra fazer hum batel de aduelas dentro na nao.

Quintafeira vinte e cinco do dito mes pela menhãa meti na caravela trinta homẽs, — os que melhor sabiam nadar; e as armas metidas em hũa pipa funda, por se nam molharem; e dous barris de mantimento para oito dias: e mandei á caravela que se fosse á terra, e que surgisse quanto nam desse em seco: e que dali se fossem a terra nas jangadas, que levavam dos quarteis da nao franceza. E ao meo dia todos foram em terra com assaz trabalho; e da mesma terra acudiram muita gente, e punham-se de longe, sem quererem chegar; até que dous homẽs dos nossos foram a elles; e logo chegaram e abraçaram a todos com grandes choros e cantigas mui tristes, e como se despediram delles, fizeram seu caminho pela praia. Tendo andado mea legua, me fizeram hum fumo, e vi hũa soma, que me parecia ser o batel dos que perdido tinhamos.

Sestafeira vinte e seis de outubro fiz hũa jangada, em que lancei o ferro e a forja na ilha, para fazerem pregos para o batel d'aduelas, que dentro na nao fazia. E desd'o meo dia me ventou muito vento sudoeste. E eram tantos os fumos pela terra dentro, que impedia a vista do sol.

Sabado vinte e sete do dito mes mandei o mestre com cinco homẽs, em hum quartel da nao, para que fossem a terra: ver se era batel onde a gente nos fizera o fumo; e á tarde tornou com o batel da caravela, que vinha mui destroçado; e me disse que na terra havia muita agua e boa: e logo mandei á ilha concertar o batel.

Domingo vinte e oito dias do dito mes, como o batel da caravela foi concertado, mandei passar o outro, que tinha começado á ilha. Este dia veo muita gente da terra á praia: mandei la o batel, e deram-lhe muito pescado e taçalhos de veado.

Sestafeira dous dias de novembro veo a gente, que tinha mandado em busca de Martim Afonso, e me disseram como a nao capitaina dera á costa, por falta d'amarras; e que Martim Afonso, com toda a gente, se salvaram todos a nado; somente morreram sete pessoas; seis afogados e hum, que morreo de pasmo: e que o bargantim dera tambem á costa; e porem que lhe nam fizera nojo: e o batel do galeam e da capitaina tinham sãos; e que na praia acharam hum bargantim de tavoado de cedro mui bem feito, o qual Martim Afonso tinha para levar em companhia do batel grande e do outro bargantim para entrar pelo rio dentro; e que Martim Afonso me mandava dizer que com a gente, que as naos pudessem escusar, me fosse onde elle estava com a caravela.

Segundafeira cinco dias do dito mes parti na caravela, com vento lesnordeste: e hũa hora de sol, fui surgir onde a nao capitaina estava á costa; e como fui surto se fez o vento sueste. Mandei o batel a terra fazer saber a Martim Afonso como eramos ali vindos. Carregou tanto o vento, que antes que o batel viesse, me fiz á vela no bordo do sulsudoeste; e ao sol posto fomos dar em hum baxo, donde estivemos perdidos. Assi fomos com mui gram mar e vento trincando até á mea noite, que se fez o vento calma.

Terçafeira seis dias do dito mes pela menhãa se fez o vento sudoeste, e com elle me fiz á vela no bordo de lessueste; e a tarde fui surgir defronte da nao: donde o capitam J., aos bateis, mandou por mim e pela gente,

e mandou a caravela que se fosse a hũa ilha, que estava d'ahi quatro leguas aloeste, e ahi esperassem até ver seu recado. Aqui estivemos com muito trabalho tirando a artelheria e ferro da nao. Estando aqui tomou o capitam J. conselho com os pilotos e mestres, e com todos os que eram para isso; e todos acordaram e assentaram, que elle nam devia de ir pelo Rio de santa Maria arriba, per muitas rezões: e que a hũa era nam terem mantimentos, que todos se haviam perdido, quando a nao se perdeo: e a outra que as duas naos, que ficaram estavam tam gastadas, que se nam poderiam soster tres mezes: e a terceira era parecer o rio inavegavel pelos grandes temporaes que cada dia faziam, sendo a força do verão: e por estas rezões e outras muitas, que deram, fizeram que o capitam J. desestisse da ida; e me mandou em hum bargantim com trinta homẽs a pôr huns padrões, e tomar posse do dito rio por elRei nosso senhor; e que dentro em vinte dias trabalhasse por tornar; porque o porto, onde as naos estavam, era mui desabrigado.

Sabado vinte e tres dias do mes de novembro de mil e quinhentos e trinta e hum estando o sol em onze graos e trinta e cinco meudos de sagitario, e a lua em vinte e sete graos de tauro, parti do Rio dos Begoais, que jaz aloeste do cabo de santa Maria onze leguas, e levava hum bargantim com trinta homẽs; tudo bem em ordem de guerra: e fiz meu caminho ao longo da costa, que se corre aloeste. Duas leguas do dito rio, donde parti, ha hũa ilha pequena toda de pedras, e della a terra firme ha hũa legua: derrador da ilha tem bom surgidouro, de fundo de cinco braças de vasa molle. Indo assi pegado com a costa, a qual he toda limpa, per fundo de cinco, seis braças, ao meo dia houve vista de hũa ilha ao mar, que me demorava ao

sulsudoeste; e della a terra ha tres leguas: da banda de leste tem hũa restinga de area comprida, que lança ao nordeste. Passando ávante da ilha descobri hum alto monte, ao qual puz nome = monte de Sam Pedro = e demorava-me aloeste e a quarta do noroeste. Este dia fui dormir ao pé do dito monte de Sam Pedro. Desde a dita ilha atraz até este monte, a costa he toda suja de pedra, e ruins baxos: a terra he toda rasa até este monte muito fermosa. Ao pé deste monte ha dous portos; hum da banda d'aloeste, e outro da banda de leste: nam sam senam para navios pequenos.

Domingo vinte e quatro do dito mes, ante menhãa, me fiz á vela com o vento nornordeste. Deste monte de Sam Pedro se começa a costa a loesnoroeste, indo assi no golfo de hũa enseada, que se faz grande como o dito monte de Sam Pedro, demora a leste e a quarta de sueste, fui dar em fundo de duas braças e mea, hũa legua de terra: e me acalmou o vento, que levava: e me deu trovoada do sul, com muito vento; e fiz-me no bordo do monte de Sam Pedro, para me meter no porto donde estivera de noite. O vento arodou logo ao sueste; e tornei-me a fazer na volta d'aloeste, para fazer meu caminho. Aqui comecei a achar agua doce, e muito pescado morto. Da ponta desta enseada da banda d'aloeste lança hũa restinga ao mar hũa legua: o mais baxo della he braça e mea, e o mais alto quatro braças. Como passei a dita restinga me acalmou o vento; e afuzialava muito a sudoeste e ao noroeste, que nesta costa sam sinaes certos de grandes temporaes: e com este receo me acheguei a terra, para ver se achava porto onde me metesse. Bem pegado com terra me tornou a ventar o vento nordeste, e fui ao longo da costa, a qual se corre a loesnoroeste, per fundo de quatro, cinco braças d'area limpa. Indo sempre hum tiro

de bésta de terra tornou-me a acalmar o vento bem tarde, e os sinaes do temporal cresciam; determinei de varar o bargantim em terra até passar a noite; e mandei varar em hũa area, e tirar o fato todo em terra; e fazer hum repairo de terra; e puzemos a artelheria em ordem. E eu fui com des homẽs pela terra ver se achava rasto de gente: nam achei nada; senam rasto de muitas alimarias, e muitas perdizes e codornizes, e outra muita caça. A terra he mais fermosa e aprasivel que eu já mais cuidei de ver: nam havia homem que se fartasse d'olhar os campos e a fermosura delles. Aqui achei hum rio grande; ao longo delle tudo arboredo o mais fermoso que nunca vi: e antes que chegasse ao mar hum tiro de bésta se sumia. E tomamos muita caça e tornamos nos ao bargantim. Ao pôr do sol veo hũa trovoada do noroeste, com tanta força de vento e pedra, que nam havia homem, que se tivesse em pé: e de supito saltou ao sudoeste com muita chuva, relampados, e sempre cuidei de perder o bargantim, segundo o mar era grande. Toda esta noite corremos tanta fortuna, quanta homẽs nunca passaram. A agua que choveo me molhou o mantimento todo, que mais nam prestou.

Segundafeira vinte e cinco do dito mes pela menhãa alimpou o tempo e veo sol, com que nos enxugamos. Daqui me quizera tornar, por nam termos mantimento; despois pareceo-me que nos podiamos manter com o mantimento, que na terra havia; e com o pescado o mais fermoso e saboroso, que nunca vi. A agua ja aqui era toda doce; mas o mar era tam grande que me nam podia parecer que era rio: na terra havia muitos veados e caça, que tomavamos, e ovos de emas, e emas pequeninas, que eram muito saborosas; na terra ha muito mel, e muito bom: e achavamos tanto que o nam queriamos: e ha cardos, que he mui bom mantimento, e que a gen-

te folgava de comer. E com nos parecer a todos, que nos podiamos soster, determinei de ir ávante, e o vento era sueste, e o tempo estava bom, e de noite havia lua. Parti bem tarde; — duas horas de sol, com tençam de andar a noite toda; índo ao longo da costa, por fundo de seis braças d'area limpa. Sendo duas leguas dond'e partira, saíram da terra a mim quatro almadías, com muita gente: como as vi puz-me á corda com o bargantim para esperar por ellas: remavam-se tanto, que parecia que voavam. Foram logo comigo todos; traziam arcos e frechas e azagaias de pao tostado, e elles com muitos penachos todos pintados de mil cores; e chegaram logo sem mostrarem que haviam medo; senam com muito prazer abraçando-nos a todos: a fala sua não entendíamos; nem era como a do Brasil; falavam do papo como mouros: as suas almadias eram de des, doze braças de comprido e mea braça de largo: o pao dellas era cedro, mui bem lavradas: remavam-nas com hũas pás mui compridas; no cabo das pás penachos e borlas de penas; e remavam cada almadia quarenta homẽs todos em pé: e por se vir a noite nam fui ás suas tendas, que pareciam em hũa praia defronte donde estava; e pareciam outras muitas almadias varadas em terra: e elles acenavam que fosse lá, que me dariam muita caça; e quando viram que nam queria ir, mandaram hũa almadia por pescado: e foi e veo em tamanha brevidade, que todos ficamos espantados: e deram nos muito pescado: e eu mandei lhes dar muitos cascaveis e cristallinas e contas: ficaram tão contentes e mostravam tamanho prazer, que parecia que queriam saír fóra do seu siso: e assi me despedi delles. Quasi noite fez se me o vento nornordeste por riba da terra: e com elle fazia o caminho ao longo da costa, por fundo de cinco, seis braças; como passou mea noite comecei a achar baxos

de pedras, e alarguei me mais da terra, e tirei a moneta, e fui com pouca vela, com a sonda na mão.

Terçafeira vinte e seis de novembro pela menhãa me achei pegado com hũa ponta, e fui para dobrar; e a costa voltava ao noroeste oeste e tomava do norte; e ventava tanto vento noroeste, que nos houvera de soçobrar. Mandei amainar a vela; e fui surgir na ponta da banda de leste, que abrigava do vento: e saí a terra a ver se podiamos tomar algũa caça. E de hũas grandes arbores, em que me fui pôr, para divisar a outra costa da banda do noroeste da ponta, houve vista de muitas ilhas, todas cheas d'arboredo, hũa legua da terra; e parecia cá que havia abrigo antre ellas. E assi me tornei para o bargantim com muita caça e mel. E á tarde acalmou o vento; e mandei meter os remos; e fui-me ás ilhas: corri-as todas; nunca achei porto nem abrigo, em que me meter: na mais pequena achei repairo; mas do vento sueste era desabrigada. Aqui estive toda a noite fazendo pescaria.

Quartafeira vinte e sete de novembro mandei concertar a padesada do bargantim, e pôr a artelharia em ordem, e írmos concertados para pelejar; porque na terra viamos muitos fumos, que he sinal de ajuntamento de gente. E ao meo dia parti destas ilhas, as quaes são sete, todas cheas de arboredo: as tres dellas sam grandes, e as quatro pequenas. Com o vento lesnordeste fazia o caminho ao longo da costa, a qual se corre ao noroeste e toma da quarta do norte. Duas leguas das sete ilhas ha hum rio, que traz muita agua: fui para entrar nelle; e a entrada era roim de muitos baxos; e passei por longo da costa, per fundo de sete, oito braças; e a terra he toda chãa: quanto mais ávante ía tanto melhor me parecia: e á pustura do sol fui surgir a hũa ilha grande, redonda, toda chea d'arboredo, á qual puz

o nome de = Santa Anna. = Aqui estive toda a noite; onde matei muito pescado de muitas maneiras: nenhum era de maneira como o de Portugal: tomavamos pexes d'altura de hum homem, amarelos e outros pretos com pintas vermelhas, — os mais saborosos do mundo.

Quintafeira vinte e oito de novembro saí em terra: nesta ilha achei muitas aves as mais formosas, que nunca vi. Aqui vi falcões como os de Portugal. O vento saltou ao sul: puz-me da banda do norte da ilha: estive surto com muita tempestade, que se me desabrigára, achára de todo nos perderamos.

Sestafeira vinte e nove de novembro pela menhãa abonançou o tempo, e fui á ilha: mandei pôr fogo em tres partes della; para ver se nos acudia gente: e nam vimos senam fumos, que me demoravam ao essudoeste: e nam viamos terra: mandei subir dous homẽs sobre hũas arbores grandes, que estavam na ilha, para ver se viam terra onde nos faziam os fumos, e viram arboredo, cousa que parecia terra alagadiça.

Sabado trinta de novembro á tarde me fiz á vela com o vento lesnordeste, e fui a hũas ilhas, que me demoravam ao nornoroeste. Desta ilha de Santa Anna ás sete ilhas ha quatro leguas; e corre-se com ellas leste-oeste, e á terra ha duas leguas: a estas duas ilhas, a que puz nome de = Sant' André = por ser hoje o seu dia, ha duas leguas da dita ilha de Santa Anna; e estam da terra mea legua: e achei nellas hum bom repairo, onde estive a noite toda.

Domingo primeiro de dezembro me fiz á vela pela menhãa, com o vento nordeste: e mandei governar a loessudoeste: fazia mui gram nevoa, que nam viamos nada, e fui assi até o meo dia pelo dito rumo; e indo por cinco braças de fundo fui de supito dar em duas

braças; e mais ávante dei em seco: e mandei saltar a gente á agua; e saímos de seco; e tornei-me por onde viera. Como alimpou a nevoa, me achei hũa legua de hũa terra mui baxa, chea d'arboredo e muitos baxos; e vi estar hũa boca grande, que me demorava ao noroeste; e fui a demandar por fundo de duas braças, e ás vezes dando em seco, até que dei em hum canal de sete braças, que ía dar na dita boca: e entrei para dentro: e achei hum rio de mea legua de largo, e de hũa banda e d'outra tudo cheo de arboredo. A agua corria mui tesa para baxo: havia de fundo des, doze braças de lama molle. O rio faz a entrada leste-oeste: da banda do sul na boca delle ha hum esteiro pequeno de seis braças de largo; e índo mais por o rio arriba, da banda do sul achei outro braço de outra mea legua de largo, que ía ao sudoeste, e mais acima achei outro braço, que vinha do noroeste: trazia muita agua, e era quasi hũa legua de largo. Entam vi que tudo eram braços e ilhas, antre que andavamos. As ilhas todas sam cheas d'arboredo; delias sam alagadiças.

Segundafeira dous dias de dezembro, como foi menhãa, mandei remar pelo rio arriba: eram tantas as bocas dos rios, que nam sabia por onde ía; senam ía pela agua arriba; e fez-se-me noite a par de duas ilhas pequenas onde surgi. Estive a noite toda com muito vento noroeste.

Terçafeira tres de dezembro corria a agua aqui tanto, que nam podia ír ávante aos remos. A' tarde nos ventou muito vento sudoeste: com elle fomos pelo río arriba: achava hum braço, que ía ao norte; outro, que ía ao loeste; e nam sabia por onde fosse. Ja aqui começava a achar as ilhas, com muitos arboredos e frechos e outras mui fermosas arbores; muitas ervas e flores como as de Portugal, e outras diferentes; muitas aves e

garças e abatardas, e eram tantas as aves, que com páos as matavamos. Ja aqui as ilhas nam sam alagadiças: a terra dellas muito fermosa.

Quartafeira quatro de dezembro índo á vela pelo rio arriba, por hum braço, que se corria ao noroeste, dei n'outro, que se corria ao nordeste, mui largo; e na boca tinha duas ilhas pequenas, todas cheas d'arboredo. Aqui achei muitos corvos marinhos, e matei delles á bésta: e fui pelo dito braço: adiante mea legua me anoiteceu; e surgi a par de hũas arbores, onde estive a noite.

Quintafeira cinco de dezembro, índo pelo dito braço arriba, achei muitos sinaes de gente. Faziam muitos fumos pelas ilhas: a terra da banda do sueste me parecia, onde era firme, a mais fermosa, que os homẽs viram: toda chea de froles, e o feno d'altura de hum homem.

Sestafeira seis de dezembro fui dar n'hum estreito da banda do noroeste do rio, donde estive a noite toda; e de noite nos deu hũa trovoada do sudoeste com gram força de vento; e encheu o rio muito com este vento, que retinha a agua.

Sabado sete de dezembro nos ventou o vento a sudoeste com muita força. Fomos com pouca vela pelo dito braço arriba, que ao nordeste íam hũs fumos, que faziam longe pelo rio arriba. E tendo andado tres leguas me anoiteceu donde os faziam: e saí em terra; e nam achei rasto de gente; senam de muitas alimarias. De noite nos deu rebate hũa onça: cuidando que era gente, saí em terra, com toda a gente armada.

Domingo oito de dezembro me tornei por onde viera, para ír pelos outros braços arriba, ver se achava gente; e vim pelo rio abaxo dormir ás duas ilhas dos corvos.

Segundafeira nove de dezembro fui pelo braço arriba, que ía ao noroeste, o qual era mui grande: tinha de largo hũa legua e mea; trazia muita agua e grande corrente. Este dia nam andei mais que duas leguas; e surgi antre duas bocas, hũa que ía ao essudoeste, e outra ao noroeste.

Terçafeira des de dezembro fui pelo braço *arriba* que ía ao noroeste: e tendo andado quatro leguas por elle arriba, fui dar d'hum rio de tres leguas de largo, e ía a loeste; e fui dormir da banda do sul debaxo de hũs frechos. E de noite matámos quatro veados, os maiores que nunca vi.

Quartafeira onze de dezembro fui pelo rio arriba com bom vento; e vi hum braço pequeno; e meti-me por elle, o qual ía ao noroeste: neste rio ha hũas alimarias como raposas, que sempre andam n'agua, e matavamos muitas: tem sabor como cabritos. Indo pelo braço arriba, vi que se fazia mui estreito: e tornei-me ao braço grande; e indo no meo delle descobri outro braço, que ía a loessudoeste; e fui por elle hũa legua, e dei n'outro rio mui grande, que ía a noroeste. E a terra da banda do sudoeste era alta, e parecia ser firme; e da mesma banda do sudoeste, achei hum esteiro, que na boca havia duas braças de largo e hũa de fundo; e segundo a informaçam dos indios era esta terra dos Carandins. Mandei fazer muitos fumos, para ver se me acudia gente, e no sartam me responderam com fumos mui longe.

Quintafeira doze de dezembro á boca deste esteiro dos Carandins puz dous padrões das armas d'elrei nosso senhor, e tomei posse da terra para me tornar daqui; porque via que nam podia tomar pratica da gente da terra; e havia muito que era partido donde Martim Afonso estava; e fiquei de ír e vir em vinte dias: e

deste esteiro ao rio dos Beguoais, donde parti, me fazia cento e cinco leguas. Aqui tomei altura do sol em trinta e tres graos e tres quartos.

Esta terra dos Carandins he alta ao longo do rio; e no sartam he toda chãa, coberta de feno, que cobre hum homem: ha muita caça nella de veados e emas, e perdizes e codornizes; he a mais fermosa terra e mais aprazivel, que pode ser. Eu trazia comigo alemães e italianos, e homẽs que foram á India e francezes, — todos eram espantados da fermosura desta terra; e andavamos todos pasmados que nos nam lembrava tornar. Aqui neste esteiro tomámos muito pescado de muitas maneiras: morre tanto neste rio e tam bom, que só com o pescado, sem outra cousa, se podiam manter; ainda que hum homem coma des livras de pexe, em nas acabando de comer, parece que nam comeu nada; e tornára a comer outras tantas. O ar deste rio he tam bom que nenhũa carne, nem pescado apodrece; e era na força do verão que matavamos veados, e traziamos a carne des, doze dias sem sal, e nam fedia. A agua do rio he mui saborosa; pela menhãa he quente, e ao meo dia he muito fria; quanta o homem mais bebe, quanto melhor se acha. Nam se podem dizer nem escrever as cousas deste rio, e as bondades delle e da terra.

Sestafeira treze de dezembro parti deste esteiro dos Carandins para me tornar por donde viera. Com o vento noroeste fazia o meu caminho á popa, que ía tam teso, que cada hora tres, quatro leguas. Sendo a par das ilhas dos corvos, d'antre hum arboredo ouvimos grandes brados, e fomos demandar onde bradavam: e saío a nós hum homem, á borda do rio, coberto com pelles, com arco e frechas na mão; e falou-nos duas ou tres palavras guaranís, e entenderam-as os linguas, que levava; tornaram-lhe a falar na mesma lingua, nam en-

tendeu; se nam disse-nos que era **BEGUOAA CHANAA**; e que se chamava **YNHANDÚ**. E chegámos com o bargantim a terra, e logo vieram mais tres homẽs e hũa molher, todos cobertos com pelles: a molher era mui fermosa; trazia os cabellos compridos e castanhos: tinha hũs feretes que lhe tomavam as olheiras: elles traziam na cabeça hũs barretes das pelles das cabeças das onças, com os dentes e com tudo. Por acenos lhe entendemos que estava hum homem com outra geraçam, que chamavam **CHANÁS**, e que sabia falar muitas linguas; e que o queria ír a chamar, e estava la diante pelo rio arriba; e que elles íriam e viriam em seis dias. Entam lhes dei muitas cristalinas e contas e cascaveis, de que foram mui contentes, e a cada hum delles seu barrete vermelho; e á molher hũa camisa: e como lhes isto dei, foram a hũs juncais, e tiraram duas almadias pequenas, e trouxeram-me ao bargantim pescado e taçalhos de veado, e hũa prosperna d'ovelha; mas nam ousavam de entrar dentro no bargantim, nem seguravam comnosco. E assi se foram, dizendo que haviam de vir dahi a cinco dias, e os esperassem nas ditas ilhas dos corvos. Aqui estive seis dias esperando, nos quaes tomei muita caça e muito pescado, e muitos veados, tamanhos como bois, os quaes faziamos em taçalhos, para levar ás naos. Como vi que nam vinham, ao cabo dos seis dias me parti

Quartafeira desoito dias de dezembro com o vento noroeste mui forçoso; e vim jantar á boca do rio, por onde entrára; e ali tirei muita artelharia a ver se me acudia gente. Assi estive até duas horas depois de meo dia, que parti com o mesmo vento noroeste, e passei pelas ilhas de Sant'André e pela ilha de Santa Anna: e fui em se pondo o sol ás sete ilhas, no porto onde estivera, quando por ali passára, onde deixára enterrado barris e outras cousas, que nos nam eram

necessarias. Neste dia me fazia que andára trinta e cinco leguas. Aqui estive esta noite surto fóra das ilhas em fundo de oito braças, d'area limpa: e de noite me ventou muito vento norte.

Quintafeira desanove de dezembro pela menhãa me fiz á vela, e como descobri o cabo de Sam Martinho, que torna a costa lessueste, me deu muito vento lesnordeste; e a remos me acheguei á terra; e me meti em hũa enseada, que abrigava do vento, a qual está da banda de leste do cabo de Sam Martinho.

Sestafeira vinte de dezembro se fez o vento norte, e com elle fiz o meu caminho ao longo da costa, que se corre a lessueste. Corri todo o dia com mui bom vento. Desd'o cabo de Sam Martinho se fazem tres pontas; afastada hũa legua hũa da outra; todas com arboredo, e lançam ao mar restingas de pedras; e antre ellas ha arrecifes mui perigosos. A' cerrada da noite me acalmou o vento á boca de hum rio, que á entrada era mui baxo. Aqui estive surto até á mea noite, que me deu hũa trovoada do sulsudoeste; e com o vento encheu a agua; e me meti na boca do rio: e como ía enchendo assí me ía metendo para dentro.

Sabado vinte e hum de dezembro como foi menhãa acalmou o vento; e saí do rio, a que puz o nome = de Sam João. = Saltou o vento ao esnoroeste, e dei á vela: e duas leguas do dito rio de Sam João achei a gente, que á ída topára nas tendas; e saíram-me seis almadias, e todos sem armas, senam vinham com muito prazer abraçar-nos: e o vento era muito; e fazia gram mar; e elles acenavam-me que entrasse para hum rio, que junto das suas tendas estava. Mandei la hum marinheiro a nado, para ver se tinha boa entrada: e veo e disse-me que era muito estreito, e que nam podiamos

estar seguros da gente, que era muita: — que lhe parecia que eram seis centos homẽs; e que aquillo, que pareciam tendas que eram quatro esteiras, que faziam hũa casa em quadra, e em riba eram descobertas; e fato lhe nam vira; senam reides da feição das nossas. Como vi isto me despedi delles; e lhes dei muita mercaderia; e elles a nós muito pescado. E vinham apoz de nós, hũs a nado e outros em almadias, que nadam mais que golfinhos; e da mesma maneira nós com vento á popa muito fresco: — nadavam tanto quanto nós andavamos. Estes homẽs sam todos grandes e nervudos; e parece que tem muita força. As molheres parem todas mui bem. Cortam tambem os dedos como os do cabo de Santa Maria; mas nam sam tam tristes. Como me parti delles, mandei encher as vasilhas de agua doce; porque nos achegavamos á enseada onde se ajunta a agua doce com a salgada. Indo assi houve vista do monte de Sam Pedro; e anoiteceu-me hũa legua delle; e acalmou-me o vento. Aqui nam ha onde surgir, que o fundo he todo de pedra. Iamos remando ao longo da costa, e deu-nos hũa trovoada do sul com muito vento e relampados; e cuidei de sermos todos perdidos; e íamos dar de todo á costa; mandei lançar a fatexa, bem pegados com a rocha, em fundo de quatro braças de pedra. Estando assi com esta fortuna, se lançaram dous marinheiros a nado, e se foram a terra, ver se havia algum lugar bom, em que dessemos em seco. E de terra bem bradaram que acharam hum esteiro, onde o bargantim podia entrar. Mandei levar a amarra, que quasi estava quebrada das pedras, e metemos os remos; e pondo muita força cada hum para se salvar. Remando mais ávante hum tiro de bésta vi a boca do esteiro; e me metí nelle; e á entrada tem muitas pedras, onde me houvera de perder. Como fui dentro carregou

tanto o tempo, que se me achára fóra todos nos perderamos.

Domingo vinte e dous de dezembro passou-se o vento ao sueste, e acalmou: e vasou a agua e ficámos em seco no esteiro: e o fundo delle era de pedras mui agudas. Nesta costa desd'o sueste até o noroeste, como estes ventos ventam desta parte, enche a agua muito; ainda que vase a maré podem mais os ventos; e desde lessueste até o nornoroeste, como ventam, vasa logo a agua, ainda que a maré encha obedecem os ventos: assi que nesta costa nam ha marés; senam quando ahi nam ha ventos. Desd'o cabo de Santa Maria até o monte de Sam Pedro se corre a costa leste-oeste: haverá de caminho vinte e quatro leguas: e desd'o monte de Sam Pedro até o cabo de Sam Martinho se corre a costa a loeste e a quarta do noroeste: ha de caminho vinte e cinco leguas: e desd'o cabo de Sam Martinho até ás ilhas de Sant' André se corre a costa ao noroeste e toma do norte: ha de caminho sete leguas. Tudo mais ávante sam ilhas, que nam tem conto; nem se póde escrever o numero dellas, nem a maneira de que jazem.

Segundafeira vinte e tres de dezembro saí fóra do esteiro: por ventar muito vento sueste, me meti n'hum porto da banda d'aloeste do monte de Sam Pedro este monte tem hum porto da banda de leste e outro da banda d'aloeste: aqui entrei pela terra; matei muitas emas e veados; e fui com a gente toda ao mais alto do monte de Sam Pedro, donde vimos campos, a estender d'olhos, tam chãos como a palma; e muitos rios: e ao longo delles arvoredo. Nam se póde escrever a fermosura desta terra: os veados e gazellas sam tantos, e emas, e outras alimarias, tamanhas como potros novos e do parecer delles, que he o campo todo cober-

to desta caça — que nunca vi em Portugal tantas ovelhas, nem cabras, como ha nesta terra de veados. A' tarde me tornei para o bargantim.

Terçafeira vinte e quatro de dezembro, dia de natal, parti deste porto com o vento norte mui rijo: e em querendo dobrar hũa ponta dei em hum baxo de pedra, que nos lançou o leme hũa lança d'alto: quiz Deus que nos nam quebrou. Indo assi ao longo da costa, no meo de hũa enseada, carregou tanto vento da terra, que nam podiamos levar vela, e aforçava por nam esgarrar. Entrou-nos tanta agua que nos arresou o bargantim. Mandei lançar anchora: como poz a proa ao mar deu-nos algum lugar a lançar a agua fóra, que estava até á coberta todo arresado. Como fui esgotado tornei a dar á vela, e cheguei-me bem á terra; e defronte da ilha da restinga, indo ao longo da terra, demos n'hum pexe com o bargantim, que parecia que dava em seco, e virou o rabo, e quebrou a metade da postiça: foi tam gram pancada, que ficámos todos como pasmados: nam lhe vimos mais que o rabo; mas á soma, que despois fez na agua, parecia mui gram pexe. Duas horas de sol me acalmou o vento, hũa legua da ilha das pedras; e meti os remos, e fui surgir antre ella e a terra, com tençam d'estar ali a noite. Sendo hũa hora de noite me deu hũa trovoada do nornordeste, que vinha por riba da terra com tanto vento, quanto eu nunca tinha visto, que nam havia homem que falasse, nem que pudesse abrir a boca. Em hum momento nos lançou sobre a ilha das pedras; e logo se foi o bargantim ao fundo antre duas pedras, donde foi dar. Saímos todos em riba das pedras, tam agudas que os pés eram todos cheos de cutiladas. Desta ilha á terra havia hũa legua. Ajuntamo-nos todos em hũa pedra; porque o vento saltou ao mar; e crescia muito a agua, que a ilha

era quasi toda coberta; senam hum penedo em que todos estavamos, confessando hũs aos outros, por nos parecer que era este o derradeiro trabalho. Assi passámos toda esta noite em se todos encomendarem a Deus: era tamanho o frio, que os mais dos homẽs estavam todo entanguidos, e meos mortos. Assi passámos esta noite com tamanha fortuna, quanta homẽs nunca passaram.

Quartafeira vinte e cinco de dezembro pela menhãa, saltou o vento a nordeste, e vasou a agua muito; e descobriu o bargantim, e de riba estava ainda são; mas debaxo parecia-nos que era todo quebrado. Alguns homẽs que tinham forças, e que estavam em si faziam jangadas de remos e de pavezes, para se lançarem a nado á terra firme. Eu me fui com tres homẽs ao bargantim e começámos a esgotar a agua, que dentro tinha, para lhe tirar o masto para nelle írmos á terra. Estando assi me pareceu que tirava a artelharia e fato, que surderia arriba; assi chamei alguns homẽs: — os que nam sabiam nadar, que os que sabiam andavam em se salvar com remos e com páos. Des que tirámos a artelharia e fato fóra, quis nossa senhora que surdiu o bargantim; e demos grandes brados á gente que acudisse, e que se nam lançassem a nado; porque o bargantim estava são, e que eramos todos salvos. O bargantim nam tinha mais que hum buraco na taboa do resbordo, que logo tapámos, e tornámos a meter o fato e recolher a gente nelle, para nos írmos ao rio dos Beguoais, que era dahi duas leguas. Muitos homẽs estavam ja quasi mortos, que nam tinham forças para andar; e os mandei meter ás costas dentro no bargantim: e saltou o vento ao mar, e dei á vela, e fui quasi noite entrar no rio dos Beguoais. E nam tinhamos que comer, que havia dous dias que a gente nam comia; e muitos homẽs ficaram tam desfigurados do medo, que os nam podia conhecer.

Toda esta noite nos choveu e ventou com relampados e trovões, que parecia que se fundia o mundo.

Quintafeira vinte e seis de dezembro pela menhãa abonançou o tempo; mas era contrario a partirmos: e mandei hum homem por terra á ilha das Palmas, donde Martim Afonso estava, a lhe dizer que, se o tempo durasse, nos mandasse mantimento, que estava em grande necessidade delle. Este dia nam comemos senam ervas cozidas. E andando pela terra em busca de lenha para nos aquentarmos fomos dar n'hum campo com muitos páos tanchados e reides, que fazia hum cerco, que me pareceu á primeira que era armadilha para caçar veados; e despois vi muitas covas fuscas, que estavam dentro do dito cerco das reides: então vi que eram sepulturas dos que morriam: e tudo quanto tinham lhe punham sobre a cova; porque as pelles, com que andavam cobertos, tinham ali sobre a cova, e outras maças de páo, e azagaias de páo tostado, e as reides de pescar e as de caçar veados: todos estavam em contorno da sepultura, e quizera mandar abrir as covas; despois houve medo que acudisse gente da terra, que o houvesse por mal. Aqui juntas estariam trinta covas. Por nam podermos achar outra lenha mandei tirar todolos páos das sepulturas: mandei-os trazer para fazermos fogo, para se fazer de comer com dous veados, que matámos, de que a gente tomou muita consolaçam. A gente desta terra sam homẽs mui nervudos e grandes; de rosto sam mui feos: trazem o cabelo comprido; alguns delles furam os narises, e nos buracos trazem metidos pedaços de cobre mui lucente: todos andam cobertos com pelles: dormem no campo onde lhes anoitece: não trazem outra cousa comsigo senam pelles e reides para caçar: trazem por armas hum pilouro de pedra do tamanho d'hum falcão, e delle sae hum cordel de hũa braça e mea de compri-

do, e no cabo hũa borla de penas d'ema grande; e tiram com elle como com funda: e trazem hũas azagaias feitas de páo, e hũas porras de páo do tamanho de hum covado. Nam comem outra cousa senam carne e pescado: sam mui tristes; o mais do tempo choram. Quando morre algum delles segundo o parentesco, assi cortam os dedos — por cada parente hũa junta; e vi muitos homẽs velhos, que nam tinham senam o dedo polegar. O falar delles he do papo como mouros. Quando nos vinham ver nam traziam nenhũa molher comsigo; nem vi mais que hũa velha, e como chegou a nós lançou-se no chão de bruços; e nunca alevantou o rosto: com nenhũa cousa nossa folgavam, nem amostravam contentamento com nada. Se traziam pescado ou carne davam-no-lo de graça, e se lhe davam algũa mercaderia nam folgavam; mostrámos-lhe quanto traziamos; nam se espantavam, nem haviam medo a artelharia; senam suspiravam sempre; e nunca faziam modo senam de tristeza; nem me parece que folgavam com outra cousa.

Sestafeira vinte e sete de dezembro parti do rio dos Beguoais, e em se querendo pôr o sol cheguei á ilha das Palmas, onde Martim Afonso estava. Esta ilha das Palmas he muito pequena; della a terra ha hum quarto de legua: faz a entrada da banda do essudoeste: ha de fundo limpo quatro, cinco, seis braças. Ao mar della, hũa legua ao sul, ha hũs baxos de pedra mui perigosos. Aqui estivemos nesta ilha quatro dias fazendo-nos prestes para nos irmos ao rio de Sam Vicente.

Terçafeira primeiro dia de janeiro partimos desta ilha com o vento lesnordeste; fizemos o caminho do sudoeste. A' noite se fez norte, e fizemos o caminho a leste toda a noite, com bom vento.

Quartafeira dous de janeiro pela menhãa saltou o

vento a sudoeste; fizemos o caminho ao nordeste e a quarta de leste; e á noite acalmou o vento: e ao pòr do sol vimos terra, a qual se corre a nordeste-sudoeste. Esta noite fizemos hũa agua mui grande, e davamos hum relogio á bomba e outro nam.

Quintafeira tres de janeiro pela menhãa nos deu muito vento sudoeste: faziamos o caminho ao nordeste e a quarta de leste. E mandou Martim Afonso a caravela ao porto dos Patos, para ver se achava o bargantim ou a gente delle, que perderamos de companhia, quando íamos para o rio; e mandou-lhe que governassem ao nordeste e a quarta do norte. Este dia tomei a altura em vinte e nove graos e tres quartos: fazia-me de terra quinze leguas. Esta noite corremos á popa com mui bom vento.

Sestafeira quatro de janeiro houve vista de terra, —hũas barreiras vermelhas, que estam des leguas ao sul do porto dos Patos. E ao sol posto fui com o porto dos Patos. Por me afastar de terra fiz o caminho a lesnordeste, com o vento sul, e com mui gram mar fizemos tanta agua toda esta noite, que não levamos a mão da bomba até pela menhãa, que tomámos parte della.

Sabado cinco dias de janeiro abonançou mais o tempo e o mar; e ao meo dia tomei o sol em vinte e sete graos.

Domingo seis do dito mes nos ventou o vento sulsueste, e com o traquete baxo corremos a noite toda ao nordeste e a quarta de leste.

Segundafeira sete do dito mes ao meo dia tomei o sol em vinte e cinco graos escaços; e hũa hora de sol vi a terra, que he mui alta, e seria della sete leguas; e fomos no bordo da terra até á noite, que se me fez o vento lesnordeste; e virámos no bordo do mar.

Terçafeira oito de janeiro no quarto d'alva nos fezemos no bordo da terra; e ao meo dia fomos com ella; e conheci ser o rio da banda do nordeste da Cananea, e como nam podiamos cobrar pela corrente e o vento ser grande. E o porto de Sam Vicente me demorava a nordeste: estava delle quinze leguas. Como vi que nam podiamos cobrar, arribámos á ilha da Cananea: e ao pôr do sol surgimos a terra della.

Quartafeira nove do dito mes se nos abriu hũa grande agua na nao, que nos dava muito trabalho. Aqui nesta ilha estivemos até quartafeira desaseis de janeiro, que partimos com o vento sudoeste, fazendo sempre muita agua, que nam se levava a mão a duas bombas.

Quintafeira desasete do dito mes a agua corria ao nordeste, e sem vento andámos este dia des leguas.

Sestafeira desoito do mes de janeiro andámos em calma até sabado no quarto d'alva, que se fez o vento sueste, e fazia o caminho ao longo da costa hũa legua de terra, por fundo de trinta e cinco braças d'area, e ao meo dia tomei o sol em vinte e quatro graos e trinta e cinco meudos.

Domingo vinte do dito mes pela menhãa quatro leguas de mim vi a abra do porto de Sam Vicente: demorava a nornordeste; e com o vento lesnordeste surgimos em fundo de quinze braças d'area, mea legua de terra; e ao meo dia tomei o sol em vinte e quatro graos e desasete meudos; e duas horas antes que o sol se puzesse nos deu hũa trovoada do noroeste: pela corrente ser mui grande ao longo da costa atravessava a nao o vento que era mui grande; e metia a nao todo o portaló por debaxo do mar; se nos nam quebrára a anchora pela unha foramos soçobrados, segundo o vento era desigual. Como se fez o vento oessudoeste demos á vela; e esta noite no quarto da modorra fomos

surgir dentro n'abra, em fundo de seis braças d'area grossa.

Segundafeira vinte e hum de janeiro demos á vela, e fomos surgir n'hũa praia da ilha do Sol; pelo porto ser abrigado de todolos ventos. Ao meo dia veo e galeam Sam Vicente surgir junto comnosco, e nos disse como fóra nam se podia amostrar vela, com o vento sudoeste.

Terçafeira pela menhãa fui n'hum batel da banda d'aloeste da bahia e achei hum rio estreito, em que as naos se podiam correger, por ser mui abrigado de todolos ventos: e á tarde metemos as naos dentro com o vento sul. Como fomos dentro mandou o capitam J. fazer hũa casa em terra para meter as velas e emxarcia. Aqui neste porto de Sam Vicente varámos hũa nao em terra. A todos nos pareceu tam bem esta terra, que o capitam J. determinou de a povoar, e deu a todolos homẽs terras para fazerem fazendas; e fez hũa villa na ilha de Sam Vicente; e outra nove leguas dentro pelo sartam, á borda d'hum rio, que se chama Piratinimga: e repartiu a gente nestas duas villas e fez nellas oficiaes: e poz tudo em boa obra de justiça, de que a gente toda tomou muita consolaçam, com verem povoar villas e ter leis e sacreficios, e celebrar matrimonios, e viverem em comunicaçam das artes; e ser cada hum senhor do seu; e vestir as enjurias particulares; e ter todolos outros bens da vida sigura e conversavel.

Aos cinco dias do mes de febreiro entrou neste porto de Sam Vicente a caravela Santa Maria do Cabo, que o capitam J. tinha mandado ao porto dos Patos buscar a gente d'hum bargantim, que se ahi perdera; e achou que tinha feito outro bargantim, com ajuda de quinze homẽs castelhanos, que no dito

porto havia muitos tempos, que estavam perdidos: e estes castelhanos deram novas ao capitam J. de muito ouro e prata, que dentro no sartam havia; e traziam mostras do que diziam e afirmavam ser mui longe. Estando neste porto tomou o capitam J. parecer com todolos mestres e pilotos e com outros homẽs, que para isso eram, para saber o que havia de fazer; porque as naos se estivessem dous meses dentro no porto nam podiam ir a Portugal, por serem mui gastadas do busano; e a gente do mar vencia toda soldo sem fazerem nenhum serviço a elrei, e comiam os mantimentos da terra. E assentaram que o capitam J. devia de mandar as naos para Portugal, com a gente do mar; e ficasse o capitam J. com a mais gente em suas duas villas, que tinha fundadas, até ver recado da gente, que tinha mandado a descubrir pela terra dentro, e logo me mandaram fazer prestes para que eu fosse a Portugal nestas duas naos, a dar conta a elrei do que tinhamos feito. A ilha do Sol está em altura de vinte e quatro graos e hum quarto.

NOTAS.

I

Pag. 1.ª «*Diario da Navegação da Armada que foi*» *&c.*

Apresentamos este titulo em pagina separada de caso pensado, para o não introduzir no texto; porque lhe não pertence, e em nossa opinião nem o original o teria. O codice da *Bib. Real*, que é uma copia em letra quasi contemporanea, não o continha nesta letra; e só depois uma barbara penna, que nelle fez varias *correcções*, de que fazemos menção, compoz o seguinte, e o introduziu no cimo da primeira pagina.

Naveguaçam que fez P.º Lopes de Sousa no descobrimento da costa do brasil militando na capitania de Martim A.º de Sousa seu irmão: na era da encarnaçam de 1530.

Adoptariamos est'outro se o exemplar que o contêm fosse aquelle, que nos guiasse; porêm tendo mais dois era dever do editor consulta-los, e dar-lhes attenção. De um nos desembaraçámos logo, que o não tinha; todavia com a copia mutilada, que possue o Ex.mo Sr. Bispo Conde, não aconteceu o mesmo. Tinha o nome de *Diario*, e o achamos tão apropriado, attenta a fórma da narração, que não hesitámos em o adoptar; accrescentando mais alguma explicação, para em resumo designar o assumpto. O nosso exemplar não continha a narração da vinda de Pero Lopes; e no da *Bib. R.* ha della só um fragmento. Portanto sendo nossa primeira tenção trazer a lume só o que diz respeito á armada, *que foi* á terra do brasil (como se expressa o au-

tor), no que está completa a narração, e dar em nota o fragmento mutilado, que resta do mesmo ácerca da sua volta a Portugal, parece-nos que adoptámos um titulo se não verdadeiro, pelo menos demonstrativo, e neste ponto não devemos ser taxados de infieis, fazendo esta declaração.

A razão porque achamos tanta propriedade no nome *Diario* é porque estamos persuadidos que elle era escripto á medida que succediam os factos.

2

Pag. 3, lin. 4 e 5. « Capitam de uma armada e governador da t e r r a d o b r a s i l. »

Publicamos os documentos, que ainda existem nos Livros da Chancellaria de elrei D. João 3.º, no R. Archivo da Torre do Tombo, os quaes melhor mostram o que afirma Fr. Gaspar da Madre de Deus nas *Memorias da Capitania de S. Vicente* (pag. 10), a respeito do titulo e poderes descrepcionarios, de que ía munido Martim Affonso. São todos datados de Castro Verde em 20 de Novembro de 1530. Como os tirámos dos originaes, e são pela primeira vez impressos, assentámos de lhe conservar em tudo a mesma orthografia, com que se acham no livro competente, sem em nada descrepar.

Documento I.

Carta de grandes poderes ao capitão mór, e a quem ficasse em seu logar.

Dom Joham & A quamtos esta mjnha carta de poder virem faco saber que eu envio ora a martim afonso de sousa do meu conselho por capitam mor darmada que envyo a terra do brasill e asy de todas as terras que elle dito martim afonso na dita terra achar e descobrir e porem mando aos capytães da dita armada e fidalgos caua-

leiros escudeiros gemte darmas pylotos mestres mariamtes e todas outras pessoas que na dita armada forem e asy a todas as outras pessoas e a quaesquer outras de qualquer calidade que sejam que nas ditas terras que elle descobrir ficarem e nela estiverem ou a ella forem ter por qualquer maneira que seja que aja ao dito martim afonso de sousa por capitam mor da dita armada e terras e lhe obedecam em todo e por todo o que lhes mandar e cumpram e guardem seus mandados asy e tam jmteyramente como se por mim em pessoa fose mandado sob as penas que elle poser as quaes com efeyto dara a divida execucam nos corpos e fazendas daquelles que ho nom quyserem comprir asy e allem diso lhe dou todo poder alcada mero myster propryo asy no crime como no civel sobre todas as pessoas asy da dita armada como em todalas outras que nas ditas terras que elle descobrir viverem e nella estiverem ou a ella fforem ter por qualquer maneira que seja e elle determjnara seus casos feytos asy crimes como cives e dara neles aquelas sentenças que lhe parecer Justiça conforme a direito e mynhas ordenações ate morte naturall Inclusyue sem de suas sentenças Dar apelacam nem agravo que pera todo o que dito he e tocar a dita jordicaın lhe dou todo poder e alcada na maneira sobredita porem se alguns fidalguos que na dita armada forem e na dita terra estiverem ou vyverem e a ela forem cometerem alguns casos crimes per omde merecam ser presos ou emprazados elle dito martim afonso os podera mandar prender ou emprazar segundo a calidade de suas culpas o merecer e mos enviara com os autos das ditas culpas pera caa se verem e determinarem como for justiça porque nos ditos fidalgos no que tocar nos casos crimes ey por bem que elle nam tenha a dita alcada e bem asy dou poder ao dito martim afonso de sousa pera que em todas terras que forem de mjnha conquista e demarcacam que elle achar e descobrir posa meter padrões e em meu nome tome delas Reall e autoall e tirar estormentos e fazer todos os outros autos quando direitamente se Requererem e forem necesaryos porque pera isso lhe dou especial e todo comprido poder como pera todo ser fyrme e valioso Requerem e se pera mais fyrmeza de cada hũa das cousas sobreditas e serem mais fyrmes se comprirem com efeyto e necesarjo de feito ou de direito nesta mjnha carta de poder yrem decraradas alguma clausulla ou clausulas mais especiaes e exVbe-

rantes heu as hey asy por expresas e decraradas como se especiallmente o fosem posto que sejam taes e de tall calidade que de cada hũa delas por direito fose necesarjo se fazer expresa memçam e porque asy me de todo praz mandey diso pasar esta mjnha carta ao dito martym afonso asynada por mim e aselada do meu selo pendente dada em a vila de crasto Verde aos xx dias do mes de novembro fernam da costa a fez ãno do nacimento de noso Snõr Jhũ x.º de mill bcxxx ãnos e eu amdre pyz a fiz escrever e sobsstpvy e se o dito martim afonso em pessoa for algumas partes elle leixara nas ditas terras que asy descobrir por capitam mor e governador em seu nome a pessoa que lhe parecer que ho melhor fara ao quall leixara por seu asynado os poderes de que hade usar que seram todos ou aquela parte destes nesta mjnha carta decrarados que elle vyr que he bem e mando que a dita pessoa que asy leixar seja obedecido como ao dito martim afonso sob as penas que nos ditos poderes que lhe asy leixar forem decraradas e no que toca a emprazamento dos fidalgos que em cima he decrarado por alguns justos Respeitos ey por bem que o dito martim afonso os nom empraze e quando fizerem taes cazos por onde merecam pena algũa crime elle os prendera e mos emviara presos com os autos de suas culpas pera se nyso fazer o que for justica (*Real Arch. Liv. 41 da Chancellaria de elrei D. João. 3º, folh. 105*).

Documento II.

Carta de poder para o capitão mor criar tabaliães e mais officiaes de justiça.

Dom Joham &c. A quamtos esta mjnha carta virem faco saber que eu emvio ora a martym afonso de sousa do meu conselho por capitam moor darmada que envio a terra do brazill e asy das terras que elle na dita terra achar e descobryr e por que asy pera tomar a posse dellas como pera as cousas da Justica e gouernamca da terra serem menystradas como deuem sera necesaryo cryar e fazer de novo alguns oficyaes asy tabaliaẽs como quaesquer outros que vyr que pera yso forem necesaryos por

esta mjnha carta dou poder ao dito martym afonso pera que elle posa cryar e fazer dous tabaliaẽs que syrvam das notas e Judiciall que logo com elle da qy vam na dita armada os quaes seram taes pessoas que ho bem saybam fazer o que pera ysso sejam autos aos quaes dara suas Cartas com ho trellado desta mjnha pera mays fermeza e estes tabaliaes que hasy fazer leixaram seus synaes publicos que ouverem de fazer na mjnha chancellaria e se despoys que elle dito martym afonso for na dita terra lhe parecer que pera gouernamca della sam necesaryos mays tabaliaẽs que hos sobre ditos que asy da qy hade leuar yso mesmo lhe dou poder pera os cryar e fazer de novo e pera quamdo vagarem asy hũs como outros elle prouer dos ditos oficyos as pessoas que vyr que pera yso sam autas e pertemcentes e bem asy lhe dou poder pera que possa cryar e fazer de nouo e prouer por falecymento dos que cryar os oficyos da Justiça e gouernamca da terra que por mjm nam forem proujdos que vyr que sam necesaryos e os que asy por elles cryados e proujdos forem ey por bem que tenham e posuam e syruam os ditos oficyos como se por mjm por mjnhas proujsões os fosem e por que hasy me diso praz lhe dey esta mjnha carta de poder ao dito martym afonso por mjm asynada e asellada com ho meu sello pera mays fermeza dada em a Villa de crasto Verde a xx dias de novembro fernam da costa a fez anno do nacymento de noso sõr Jhũ x.º de myll bc xxx annos E eu amdre piz a fiz escreuer e soescrevy (*R. Arch. Liv.* 41 *de D. João* 3.º *fol.* 103).

Documento III.

Carta para o capitão mór dar terras de sesmaria.

Dom Joham &c A quantos esta mjnha carta virem faco saber pera que as terras que martym afonso de sousa do meu conselho descobryr na terra do brazyll omde o emvio por meu capitão moor se possam aproveytar eu por esta mynha carta lhe dou poder pera que elle dito martym afonso posa dar as pessoas que comsygo leuar as que na dita terra quyserem vyuer e pouoar aquella parte das terras que hasy achar e descobryr que lhe ben parecer e

segundo o merecerem as ditas pessoas por seus seruycos e calydades pera aas aproueytarem e as terras que hasy der sera somente nas vidas daquelles a que as der e mays nam e as terras que lhe parecer bem podera pera sy tomar porem tamto ate mo fazer saber e aproueytar e gramjear no mylhor modo que elle poder e vyr que he necesaryo pera ben das ditas terras e das que hasy der as ditas pessoas lhes passara suas cartas declarando nellas como lhas da em suas vidas somente e que de demtro em seys annos do dia da dita data cada hum aproueytar a sua e se no dito tenpo asy ho nam fizer as podera tornar a dar com as mesmas condicoes a outra pessoas que has aproueytem e nas ditas cartas que lhes asy der hyra trelladada esta mjnha carta de poder pera se saber a todo tenpo como o fez por meu mamdado e lhe ser Imteyramente guardada a quem a tyuer e o dito martym afonso me fara saber as terras que hachou pera poderem ser aproueytadas e a quem as deu e quamta camtydade a cada hum e as que tomou pera sy e a dysposiçam dellas pera o eu ver e mandar nyso o que me bem parcer e por que asy me praz lhe mandey dar esta mynha carta por mjm asynada e asellada com ho meu sello pemdemte dada em a Villa de crasto verde a xx dias do mes de novenbro fernam da costa a fez anno do nacymento de noso Sõr Jhũ x° de mjll bc xxx anos *(R. Arch. Liv.* 41 *da Chanc. de D. João* 3.° *fol.* 103*)*

Não passaremos á nota seguinte sem deixar impressa uma observação ácerca deste ultimo documento, que é incontestavelmente o autografo da copia adulterada, que Fr. Gaspar deu ao prélo *(Mem. pag.* 9*)*, tirada, diz elle « de tres copias *authenticas*, ingeridas nas sesmarias de Pedro de Goes, Francisco Pinto e Ruy Pinto, registradas (antes) no Cartorio da Provedoria da Fazenda R. da villa de Santos, » e no seu tempo (1797) existente na Provedoria de S. Paulo (Liv. *de Regim. de Sesm.* rubricado por *Cubas*, que tinha por titulo N. 1 *liv.* I 1555 — *fol.* 42 e 103). — A simples leitura dos dois traslados fará conhécer quanto tal copia está viciada, mutilada e arredada do seu original; — um periodo ha que até invertido todo em sentido, e visivelmente com má fé; aqui o apresentâmos para os leitores cotejarem, e fazerem melhor o seu juizo.

Diz o Autografo.	*Diz o Transumpto impresso por Fr. Gaspar.*
E as terras, que assim der, *será sómente nas vidas daquelles, a que as der, e mais não* .... e das que assim der ás ditas pessoas lhes passará cartas, declarando nellas como *lhas dá em suas vidas sómente*; e que de dentro em *seis* annos do dia da dita data cada um aproveitará a sua, &c.	(Pag. 9, lin 26 e seg.) E as terras, que assim der, *serão para elles e seus descendentes*, e das que assim der ás ditas pessoas, lhes passará suas cartas; e que dentro em *dois* annos da dita data cada um aproveite a sua, &c.

Quantas vezes, em objectos de mais momento, se terão assim corrompido venalmente documentos desta natureza, com detrimento do estado e da historia!

3

Quanto ao nome terra do brasil, nota-se a razão porque se escreve com letra pequena esta ultima palavra. E' bem sabido que já antes do descobrimento do novo-mundo havia no antigo continente, e se fazia uso para a tinturaria do páu-brasil, e que hoje ainda existe em alguns logares da Asia e até na Africa; e das arvores desta especie, que havia em um cerro, ao pé de Angra, na Ilha Terceira, lhe proveio por ventura o nome de *Monte-Brasil*, que ainda conserva.

Tambem se não ignora que o nome dado por Cabral ás plagas occidentaes, que descubriu, foi, segundo Pero Vaz Caminha, o de Terra da *Vera-Cruz*, e ao depois disseram de *Santa-Cruz*; e que sendo a principio a utilidade desta terra exclusivamente a de lhe extrahir o brasil, por isso lhe chamaram *Terra do brasil.* *

* «Es tierra de infinito brasil» dizia della Gomara em 1552 (Ist. de las Indias, ed. de Sarag. deste anno). Os italianos chamaram-lhe *verzino*, e Cazal errou traduzindo (T. 1.º pag. 43) *verniz.*

Durão não se esqueceu de commemorar, em verso, esta particularidade no Cant. 6.º Est. 61.

« Terra porêm depois chamou a gente
« Do Brasil, não da Cruz; porque atrahida
« D'outro lenho nas tintas excellente »
. . . . &c.

4

Pag. 3, 4 *e* 5.

Já advertimos que usavamos, no texto, das palavras em grifo quando as encontrámos riscadas no codice da *Bib. Real.* Agora acrescentaremos as substituições feitas por quem as riscou; as quaes devem considerar-se menos como *variantes* propriamente taes, que como caprichos de algum leitor ignorante, que se ensaiava de ser editor; com a condição, ao que parece, de publicar a obra *em seu estilo.*

Pag. 4, *lin.* 12. — Escreveu em vez do que riscou, e está em grifo: = « nesta ilha estivemos dous dias corregendo ho leme da nao capitaina. » =

Id., *lin.* 21. — « Se fez » em vez de « *saltou.* »

Id., *lin.* 22. — « Fazia o caminho a ho sul e a quarta do sudoeste. »

Id., *lin.* 30. — Escreve « com » em vez de « *senam.* »

Pag. 5, *lin.* 3, 4 *e* 5. — « E tomei somda em 55 braças « darea limpa: esta costa lamça gramde parçel o mar, sem ha- « ver baixo nem restingua que empida a naueguaçam: de noi- « te no segumdo quarto se fez ho vento norte e fizemos ho cami- « nho susudueste. »

Id., *lin.* 8. — Em vez de = « *e o vento começou a refrescar do norte, e com elle* » = deixou só quem emendou = « e com vento norte. » =

Id., *lin.* 29. — Diz a emenda = « fazia ho caminho ao » =

5

Pag. 6, *lin.* 4. « *Mandou o capitam J. a Baltazar Gonçalves.* »

Muitas vezes se encontrará no texto o breve *capitam J.*, para designar o *capitão*, *irmão* do A. Conservamos J. por assim estar no nosso exemplar, com tudo no codice da *Bib. Real* lê-se I.; lição que julgamos se deve adoptar, porque I. é a inicial de irmão, palavra que o A. a nosso ver quer designar.

Quanto a Baltazar Gonçalves não póde este ter sido o mesmo que no anno de 1530 tinha partido n'uma caravela, que foi á India na armada de João Camelo.

6

Pag. 6, *lin.* 7 e 8.—«Eramos pegados com a ilha de Maio, e como o meo dia veo tam cerraçam nos foi necesario pairar hatee que ha nevoa descobrise.»

7

Pag. 6, *lin.* 30. «*Rio de Maranham.*»

Veja-se o que dizemos na nota 18, a pag. 79.

8

Pag. 7, *lin.* 20.—No codice da *Bib. Real* lê-se *emmes*, e não *emmendas*, cuja lição adoptamos, por ser a da nossa copia.

9

Pag. 8, *lin.* 25.—O da *Bib. Real* escreve *ventou* duas vezes, o que é manifesto engano de copia.

10

Pag. 9, *lin.* 1.ª *e seg.* — Tambem diz = tomei = emendando « tornei a tormar » que tinha antes; e escreve sempre *santagustinho*, por *Santo Agostinho*, como vem no nosso MS.

11

***Pag.* 9 *e* 10. «*Ilha de Fernão de Loronha.*»**

E' a bem conhecida ilha de Fernão de Noronha achada, como todos repetem, pelo portuguez de seu nome, sem dizerem porêm até agora em que anno. Tinhamos emprehendido um trabalho, para mostrar ter sido esta a ilha, descoberta pela armada de 6 velas que foi ao Brasil em 1503, fundados sobre considerações nauticas e geograficas *, quando encontrámos no Real Archivo da Torre do Tombo documentos que nos tiraram, a este respeito, de toda a duvida. Consistem estes documentos em doações desta ilha (chamada então de S. João) ao descobridor e seus successores, sendo a primeira a 16 de Janeiro de 1504, em que elrei diz que fazia doação a Fernão de Noronha da capitanía da ilha

* Estas considerações, que, pela sua extensão, seria fóra de proposito aqui enumerar com todo o desenvolvimento, reduzem-se a comparar: 1.º o rumo desta navegação, segundo a relação de Americo, e a posição que dá á ilha que descobriram, com a differença de longitude (proximamente 18º) que vai da ilha de Fernão de Noronha á Serra Leôa; e o computo da sua latitude com a de Cook, do *Connaissance des Temps*, das *Requisite Tables*, de Hewet (1817), de Brisbone (1821), e ainda melhor dos acreditados Foster e Tiarks, e com aquella que Owen e Purchas dão á Serra Leôa,—ponto de partida da derrota. 2.º As descripções dadas por Americo a par das de Don Jorge Juan y Don Antonio de Ulloa (en Madrid, 1748, T. 4.º P. 2.ª pag. 420); da *Corografia Brasilica* (Tom. 2.º pag. 217), e ainda melhor de Melchior Estaço do Amaral (*Tractado do successo do Galeão Santiago*, cap. 10.)

Folgámos depois ao ver que o Almirante Quintella já seguia por conjectura esta opinião.

que elle *novamente achára e descobrira*. Eis aqui os documentos em que nos estribamos:

Documento IV.

Dom Joam etc. fazemos saber que por parte de fernam de loronha cavaleiro de nosa casa nos foy apresemtada huma carta delRey meu Senhor e padre que Samta groria ajaa de que o teor tall he = Dom Manuell per graça de Deus Rey de purtugall e dos allgarves daquem e dalem mar em afriqua senhor de guinee e da comquista navegaçam comercio detiopia arabia persya e da Imdia. A quamtos esta nosa carta vyrem fazemos saber que avemdo nos Respeito aos serviços que fernam de noronha cavaleiro de nosa casa nos tem feitos e esperamos ao diamte dele Receber e queremdo lhe por isso fazer graça e merce Temos por bem e nos praz que vimdo se a povoar em allgum tempo a nosa Ilha de sam Joam que ele ora novamente achou e descobrio cimcoemta leguoas alamar da nosa terra de samta Cruz lhe darmos e fazermos merce da Capitania della em vida sua e de hum seu filho baram lidimo mais velho que dele ficar ao tempo de seu falecimento e quamdo esto asy for lhe mamdaremos fazer sua Carta em forma em a qual lhe daremos os direitos e Jurdição que com a dita Capitania ade ter segundo que nos emtão bem parecer. E por firmeza delo e sua guarda lhe mandamos dar esta Carta per nos asynada e asellada do noso Sello pemdemte a quall prometemos de se lhe comprir e guardar imteiramente como se nella comtem por quamto asy hee nosa merce dada em a nosa cidade de lixboa a deseseis dias de Janeiro francisco de matos a fez ano do nacimento de noso Senhor Jesu Christo de mill quinhentos quatro = Pedimdonos o dito francisco de loronha por merce que lhe comfirmasemos a dita carta e visto per nos seu dizer querendo lhe fazer graça e merce temos por bem e lha comfirmamos e avemos por confirmada asy e na maneira que se nela comtem e queremos e mamdamos que asy lhe seja comprida e guardada dada em a nosa cidade de lixboa a tres dias de março pero fragoso a fez ano de noso Senhor Jesu Christo de mill quinhentos vinte e dous. — *(Do Real Archivo Liv. 37 da Chanc. de D. João 3.º fol. 152).*

Neste mesmo livro a fol. 152 ỳ. se acha a carta d'elrei D. Manoel de 24 de Janeiro de 1504, em que lhe faz doação da ilha; confirmada igualmente por elrei D. João 3.º na data ut supra de 3 de Março de 1522. — É como se segue:

Documento V.

«Dom Joham &.ª fazemos ssaber que por parte de fernam de loronha caualeiro de nossa cassa nos foi apresemtada hũa carta del Rey meu senhor e padre que samta groria aja de que ho teor he=dom manuell per graça de deos Rey de purtugall e dos alguarues daquem e dalem mar em afryca senhor de guine e da comquista navegacam comercyo tyopia arabia percia e da Imdia a quamtos esta nossa carta virem fazemos saber que havemdo nos Respeitos aos seruiços que fernam de noronba caualeiro de nossa cassa nos tem feitos e esperamos dele ao diamte receber e queremdo-lhe fazer graça e mercê temos por bem e lhe fazemos doaçam e merce daqui em diamte pera em todollos dias de sua vida e de hum seu filho barão lidimo mais velho que dele ficar ao tempo de seu falecymento da nosa jlha de sam joham que ele hora novamente achou e descubryo cinquoenta legoas alla mar da nossa terra de samta cruz que lhe temos aremdada a qual Ilha lhe asy damos pera nella lamear gado e a romper e aproueitar segumdo lhe mais aprouer com tall entemdimento e decraração que de todo perveeito que na dita Ilha ouuer asy agora como ao diamte per quallquer modo e maneira que seja tiramdo espyceeria drogaria e coussas de timtas que pera nos reeseruamos e de todo ho mais nos dara e pagara e asy ho dito seu filho o quarto e dizimo soomente ssem mais outro nenhuum direito.=E porem mandamos aos veadores de nosa fazemda oficiaes de nosa casa de guyne e Imdia que hora sam e Ao diamte forem e a quaesquer outros nossos oficiaes e Juizes e Justiças a que esta nosa carta for mostrada e o conhecimento della pertemcer que Imteiramente lha cumpram e guardem e facam comprir e guardar ssem lhe niso em nenhũ tempo que seja a ele fernam de loronha nem ao dito seu filho em suas vydas ser a ello posto duvida nem ouutro embargo algum por que asy he nosa merce e por firmeza delo lhe mandamos dar esta per nos assynada e aselada do noso selo pemdemte dada em a nosa Cydade de lixboa a vinte e quatro dias de Janeiro francisco de matos a fez anno do nacymento de nosso Senhor Jesu Christo de mil quinhentos e quatro=e pedimdo-nos o dito fernam de loronha por merce que lhe confirmasemos a dita carta e visto por nos seu dizer queremdo-lhe fazer graça e merce temos por bem e lha confirmamos e havemos por confirmada queremos e mandamos que asy se lhe cumpra e guarde dada em a cidade de lixboa a tres dias de março pero farguso a fez anno do nacimento de nosso senhor jesu christo de mill quinhentos e vinte e dois.

De outros livros e logares temos as successivas confirmações

desta doação, e rectificamos ser a mesma ilha chamada hoje — de Fernão (ou Fernando) de Noronha. — Aqui os apontamos:

Do Liv. 9 fol. 272 ý. da Chancellaria de elrei D. Sebastião se vê que em data de 20 de Maio de 1559 foi confirmada em Fernão de Loronha, filho de Diogo de Loronha, neto de Fernão de Loronha, a doação que fora feita a este ultimo seu avô por elrei D. Manuel (e o Alvará acima de D. João 3.º) da ilha de S. João, *que está* (diz a carta de doação) *sessenta legoas ao mar do Cabo de S. Roque da Terra do brazil.*

Do Liv. 3.º f. 100 de D. Pedro 2.º se vê a confirmação de elrei da doação da mesma ilha por successão a João Pereira Pestana, filho de João Pereira Pestana e neto de Fernão Pereira Pestana de Loronha *donatario que foi da ilha de S. João.* Esta carta de confirmação é datada de 8 de Janeiro de 1693.—

Esta ilha ficou pertencendo sempre ao dominio de Portugal, e chegando a ella piratas no seculo passado partiu a expulsa-los, a 7 de Setembro de 1738, D. Manoel Henriques, que ali chegou a 23 de Outubro (Hist. Geneal. Tom. 8.º p. 243).

Fica portanto sabido que o descobrimento da ilha de Fernão de Noronha foi em 1503.

Agora avançaremos mais. Sendo, pelas combinações referidas na nota precedente, inquestionavelmente esta ilha a descoberta em Agosto de 1503, pela armada de seis velas que então foi ao Brasil, das quaes, naufragando duas, se apartou o capitão-mór com outras duas da companhia de Americo, temos que o capitão-mór retrocedeu a Lisboa a dar parte deste achado, e que não póde deixar de ter sido Fernão de Noronha, porquanto ao comandante é que sempre tocava a honra do descobrimento, e o tempo que medea antes de 16 de Janeiro de 1504, não era mais que o sufficiente para fazer, naquelles tempos, a volta, contractar o arrendamento da ilha descoberta, e por fim andar como pertendente a suplicar a doação e capitanía pelos paços reaes.

Bem se vê que para fazermos esta combinação de factos, é necessario que acreditemos a veracidade das relações de Americo nas duas viagens de 1501 e principalmente de 1503 — unica autoridade, em que, taes como Munster (*), se estribam os que logo depois o contam.

(*) Seb. Munster *Cosmog. Univers.* pag. 1111, Ediç. de Basilea de 1550. — « *Paulo ulterius, progressus, vidit insulam in medio mari altam et admirabilem, sed ubi præfectus navium nauem suam perdidit.* » &c.

Ora pela nossa parte confessamos que de tantos argumentos, que temos lido contra, nenhum tem em nós mais valimento do que autoridades de todo o credito. Pedro Martyr, escriptor contemporaneo e de verdade, se refere ás expedições que Americo fizera no Brasil, em serviço e á custa do rei de Portugal §. — João de Empoli, feitor de uma náo portugueza, que partiu de Lisboa para a India a 6 de Abril de 1503, fazendo parte da armada do grande Albuquerque, e voltou no anno seguinte, tambem é da mesma opinião *; e o celebre historiador Gomara † ao menos acreditou-o, não obstante ser um rival de Colombo.

E sem recorrer a estas autoridades temos noticia, por todos os escriptores do Brasil, que logo nos primeiros annos do seculo XVI foram exploradas as « virgens plagas do Cabral famoso » ※ por duas armadas ⊞, e que dellas naufragaram algumas embarca-

§ Na sua obra impressa, pela primeira vez, em Sevilha em 1511, *De novo orbe* Dec. 2.ª cap. X diz claramente:

— « *Americus Vespucius Florẽtinus vir in hac arte peritus, qui ad Antarcticus & ipse auspiciis & stipendio Portugalesium ultra lineam Aequinotialem plures gradus aduavigavit.* » —

* A narração da sua *Viagem de Indias Occidentaes*, que fôra então escripta, appareceu publica na Collecção de Ramusio. — Empoli, que chegou por esta occasião ás costas do Brasil, diz expressamente — « *La terra della Vera Croce ouer del Bresil cosi nominata, altrevollte di scoperta p. Amerigo Vespucci, nella qual si fa buona sõma di cassia e di Verzino* » — e não *veruizo*, conforme copiou Cazal.

† *La istoria de las Indias*, Saragoça, 1552 fol. lj. v. « *Y pues auia llegado cerca de alli* (terra dos Patagões) *Americo Vespucio.* »

※ Na *Universalior cogniti Orbis Tabula* feita por João Ruysch, e que acompanha a edição de Ptolomeu de Roma em 1508, lê-se sobre a *terra de Santa Cruz* « Naute « Lusitani partem hanc terre hujus « observarũt et usque ad elevationem « Poli Antartici 50. graduum perve- « nerunt nondũ tamen ad ejus finem « austrinum. »

⊞ Vej. *Ant. Galv.*, *Descob. ant. e mod.*, 1501 e 1503. — Goes, cap. 65 da 1.ª Parte da Chron. de D. Manuel. — Hier. Osor. *De reb. Em.* — Maffeo Lib 2 (Ed. de Florença de 1588 p. 31). — Vasconcellos *Noticias* n. 18. — Balthazar Telles *Chron. da Comp.* de Jesu, Lisboa 1647 Liv. 3 cap. 1.º pag. 430. — Possino, *De vit.* Ign. Azev. Lib. 2 n. 15 e n. 15. — Thomaz Tamaio de Vargas, Madrid 1628 fol. 22. — Francisco de Brito Freire *Nova Lusitania* Liv. 2.º n. 134 p. 71. — Santa Teresa T. 1.º p. 7. — Rocha Pitta Liv. 1.º n. 90 p. 54. — Jaboatão Preamb. Dig. 1.ª Est. 3 n. 7 p. 4 e 28, e Liv. Antep. cap. 3.º — Baerl (Ed. do 1647) pag. 15. — Fr. Gaspar da Madre de Deus. — Fernandes Pinheiro, *Annaes do Rio Grande*, *Introd.* — Gueudeville *Atlas Historique* T. 6 p. 150 (Amsterd. 1719). *Penny Cyclopedia* vol. 5 p. 369. — Monsenhor José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo (1820). — Ayres de Cazal *Corografia Brasilica* T. 1.º — Robert Southey, *History of Brasil* vol 1.º p. 14 e 18, e os seus compiladores Beauchamp e Sr. Constancio. — Paulo José Miguel de Brito. — Ferdinand Denis, *Resumé e Brésil*; e o seu compilador H. L. de Niemeyer Bellegarde pag. 45.

ções, e de taes escriptores não é o menor numero, que acredita em Americo.

Além disso temos toda a certeza que Cabral, quando voltava da India, encontrou em Besenegue * a primeira destas expedições, o que nos consta pelo cap. 21 da relação da viagem deste feliz nauta, escripta por um testemunha ocular, e que foi impressa em Ramusio, e anda na Collecção Ultramarina da A. R. das S. de Lisboa. — Ora se Americo tambem conta a demora de alguns dias neste porto, temos para nós que esta combinação de factos narrados por escriptores de duas nações differentes é mais uma prova de grande fé, embora elle passe em claro o que ali fez e viu.

De mais, quem ler as duas narrações de Americo, e souber que se imprimiram, pela primeira vez, em 1504, quando não havia ainda mappas daquellas paragens, consentirá que não podia Americo, para as suas descripções, advinhar as direcções e voltas da costa, e que quando hoje se lessem as suas descripções com uma carta á vista era força topar monstruosas anomalias, se fossem parto de imaginação, como já alguem tem querido avançar †, até

* Porto da ilha de *Goré*, hoje occupada pelos francezes. Está em 14° 39′ 50″ N., e 9° 15′ 45′ O. de Lisboa.

† Ayres de Cazal avança estas palavras — «Americo Vespucio, ao que parece pela mesma razão de não ter feito estas viagens e só d'ouvido escrever o que, e como bem lhe pareceu» — e n'outro logar ainda mais claramente usa de um improperio, dizendo que a sua relação = «era uma correate *(sic)* de mentiras e falsidades» = e quando quer tratar do descobrimento da Bahia de todos os Santos diz que (Tom. 1.° pag. 45) ella foi visitada em 1503 por portuguezes, que lhe pozeram o nome, cuja noticia nos transmitte esse Americo que elle taxa de «*testemunha suspeita e infiel!*»

Com igual azedume, porêm maior copia de argumentos, saíu ha pouco em campo o Sr. Visconde de Santarem em uma carta escripta ao eruditissimo Sr. D. Martin Fernandez de Navarrete, que foi impressa no *Bulletin de la Societé Geographique de Paris* em Outubro de 1835, e depois as Notas nos numeros de Setembro de 1836 e Fevereiro de 1837. — Os seus argumentos só negativos, permita-nos dize-lo, fundados quasi que só na falta da menção de Americo entre os nossos antigos escriptores não colhem, ao menos nada nos abalam, pois não vemos um em que possamos fazer firmeza, — lembrando-nos que Damião de Goes, escriptor contemporaneo, que tinha viajado, e conhecia os impressos do seu tempo, e faz menção de Cadamosto, não deixaria de refutar o que corria de Americo se fosse descarada falsidade.

Os portuguezes não deram a Americo grande importancia, porque apenas o consideraram como um experimentado piloto; e erram os que dizem que elle era chefe destas duas expedições, idéa que elle proprio contradiz.

A gloria da nação portugueza nos descobrimentos não se offusca em consentir generosamente e em pró da verdade declarar que um nauta estrangeiro, (cuja memoria no seu seculo foi tão honrada e nos subsequentes tão vilipendiada) foi em duas expedições *portuguezas*, e commandadas por *portuguezes*, explorar uma costa descoberta por *um portuguez!*

sem se lembrarem que o *forte* dos mathematicos não é imaginar. Não falta quem se queixe de que este escriptor cinca em «*coisas particulares que os outros navegantes jámais omitem*,» e isto sem advertirem que Americo não escreveu a *relação das suas viagens*, senão só uma (ou duas?) carta particular a um (ou a mais de um?) seu patricio e protector, na qual até lhe fala em negocios domesticos, e declara que o portador della, filho de Domingos Benevenuto, lhe contaria *algumas coisas que elle deixára de referir*, por este as ter visto e ouvido; e é por esta razão que nós julgamos que as ampliações das relações que vem no Summario, se devem reputar obra das narrações deste mancebo, que não de Americo.

Vejamos agora as *incoherencias e contradições*, e os *erros intoleraveis de Geografia*, que se pretendem notar nos escriptos de Americo; e pois que ainda não deparamos as contradições passando aos *erros* tambem os não achamos *intoleraveis*, comparando as descripções com as observações e mappas modernos. E de mais pertender em resultado de uma só observação encontrar latitudes exactas com os instrumentos de então, é ser despropositado: ainda assim é para maravilhar a exactidão da do cabo de Santo Agostinho. Pertender distancias especialmente de mar bem determinadas, por uma viagem feita no seculo 16, é não fazer idea dos erros que ainda hoje no seculo 19, — no seculo das sciencias, se cometem a este respeito, em mares já tão sulcados. E porque razão se não hade dar aos impressores algum quinhão nesses erros, taes como os das datas, que variam conforme as edições? — Só uma anomalia achamos, que vem a ser a que diz respeito á cidade de *Melcha*, a qual se era Malaca não é de admirar que elle não soubesse a sua posição, pois que em 1503 era só conhecida pela sua fama, que os européos ainda lá não tinham ido. E porque razão lhe não diria o capitão mór, que era seu inimigo, só para o enganar, que íam para Malaca, quando tencionava ír á Terra da Vera Cruz? . . .

Tambem não falta quem lhe argua o não fazer menção de um só portuguez, nem dos proprios capitãos móres. A isto responderemos perguntando — se escrevendo Americo uma carta particular para o seu bemfeitor em Italia, — carta que elle talvez não tinha esperanças de ver impressa, servia de utilidade o nomear uns poucos de nomes estranhos e desconhecidos? Era para os dois correspondentes isso de algum interesse? E se o fosse não estava lá o filho de Domingos Benevenuto encarregado por elle de contar essas particularidades? — Para nós isto mesmo serve de prova a favor; porque se elle tudo quanto escreveu foi só de ouvir tambem não tinha difficuldade de saber o nome dos capitães, e então é que os precisava nomear para receber mais credito na mentira.

E de mais não achamos que fosse necessario, para contar o que lhe era passado, escrever os nomes dos capitães de outra nação, quando o piloto portuguez que escreveu a *Navegação*

de Cabral não conta tambem o nome do Chefe da expedição que encontrou em Besenegue.

Os primeiros inimigos de Americo foram os castelhanos, ciosos do nome *America*, em que aquelle nauta, retirado aos Açores, não teve culpa, — tanto que no mappa de João Ruysch, feito em 1508, no qual se diz que influira Americo, não o traz *. Modernamente Robertson, que quasi leu só por autores castelhanos, deixou-se levar delles, e a opinião do grande Robertson arrastou comsigo outras muitas, que não se lembraram da sentença de Boitard = « Parce qu'un homme a du génie, parcequ'il a déchiré le voile qui couvrait une ou deux vèrités, est-ce a dire qu'il est exempt d'erreur, devin, sorcier! »

Esta conjuntura do conhecimento exacto do anno em que se descubriu a ilha de Fernão de Noronha, juntamente com as observações que fazemos na nota 22 (pag. . .) nos veio servir de lhe darmos todo o credito, e por emquanto podemos concluir que Fernão de Noronha era o chefe da expedição que foi ao Brasil em 1503, e que Gonçalo Coelho foi o commandante da immediata á de Cabral; o que se acomoda em boa parte com Goes, Gabriel Soares e Osorio; e finalmente que Americo os acompanhou a ambos.

A extensão já desmesurada desta nota não nos permite ser mais extensos, e talvez por concisão faltassemos a expor nossas ideas com a mesma clareza que as possuimos, e conservamos mais largamente escriptas, conforme tinhamos dito a pag. 80 das *Reflexões Criticas*.

12

Pag. 11, *lin.* 7. — « *Com o seu batel.* »

O codice da *Bib. Real* diz « cõ seu batel. »

13

Pag. 11, *lin.* 7. — « *Cabo de Percaauri.* »

E' o que Luiz Serrão Pimentel e Manuel de Figueiredo chamam de *Pero Cabarigo*, conforme dissemos nas nossas *Reflexões Criticas* pag. 17 n. 18.

* Diz só *Terra Sancte* (sic) *Crucis sive Mundus Novus.*

14

Pag. 13, *lin.* 13. — « *Baltazar.* »

No cod. da *Bib. R.* lê-se *beltezar.*

15

Pag. 14. — « *Pernambuco.* »

O exemplar da *Bib. Real* escreve neste logar « Pernabuco; » porêm adiante a fol. 36 (do codice) vem escripto « Pernambuco. »

16

Pag. 14, *lin.* 23. — « *Havia dous meses que ao dito rio chegara hum galeam de França, e que saqueara a feitoria; e que roubara toda a fazenda* » &c.

Este galeão, que ali devera ter estado em Dezembro de 1530, não póde ser a mesma nao da qual conta elrei, na carta de 28 de Setembro de 1532, ter lá ido pouco antes, porquanto, se o fosse, não precisava elle dar parte, tendo-o sabido por João de Souza. Esta passagem serve comtudo para se decidir que Pernambuco era então a unica feitoria, pois nos outros portos para o sul não as havia.

17

Pag. 14, *lin.* 26 *e seg.* — « *Que o feitor do dito rio era ido ao Rio de Janeiro, n'hũa caravela, que ia para Çofala.* »

A caravela chamava-se *Santa Maria do Cabo*, como se vê no Diario a pag. 58; e Martim Affonso a levou comsigo quando a encontrou; e o feitor chamava-se Diogo Dias, como se lê no Diario a pag. 20.

13

Pag. 15, lin. 6, 7 e 8.— «Daqui mandou o capitam J. as duas caravelas, para que fossem descobrir o **Rio do Maranham.»** *&c.*

Quanto ao nome deste ultimo rio melhor fôra dizer = *de Maranham* = conforme vem na pagina 6, e se lê no codice da Bib. R.; todavia assim se continha na copia que seguimos, e achámos mais prudente não lhe tocar, e emendar em nota. Pela preposição que precede o nome, e pelo que abaixo diremos, se vê que não se refere ao Amasonas, chamado tambem Rio Maranhão; mas sim ao que resulta do Meary e dos outros afluentes. Veja-se a este respeito a observação (G) das nossas *Reflexões Criticas*, pag. 101.

Ora quanto ao serem enviados a este rio dois navios, ainda que á primeira vista parece que Martim Affonso se resolvêra a esta determinação por encontrar no Porto da Praia, em Santiago, a caravela de que Pero Lopes faz menção (pag. 6); comtudo, do que conta Herrera (Dec. 4 Lib. X cap. 6.º) se vê que isto era já instrução que o capitão mór levava, differindo só na qualidade das embarcações. Da leitura do *Diario* já sabemos que as duas caravelas armadas eram a Princeza e a Rosa. Concluimos que o Diogo Leite (de que se fala a pag. 11) as foi commandando, e que passou além do dito Rio do Maranhão, por ter dado o seu nome a uma abra a loeste do mesmo, cujo nome vem demarcado na folha 3.ª * do famoso Atlas de Fernão Vaz Dourado, feito em 1571; e ainda melhor pelo seguinte trecho da doação de 18 de Junho de 1535, que

* Esta folha contêm toda a costa do Brasil, conforme dizemos na nossa descripção deste Atlas, publicada no Tom. 3.º da Geografia do Snr. D. José de Urcullu, a pag. 496.

mencionamos nas *Reflexões Criticas* (nota *(k)* pag. 85), qual se acha no *Real Arch.*, no Liv. 21 fol. 73 da Chancellaria de elrei D. João 3.º, e diz do modo seguinte, com a orthografia do tempo:

.... «a Fernão Alvares 65 leguas, que começam do Ca-«bo de todos os Santos da banda de leste e vão 40 para «loeste até o rio, que está junto com o rio da Cruz, e «aos ditos Ayres da Cunha e João de Barros 150 le-«guas; a saber: 100 leguas que começam onde se aca-«ba a capitania de Pero Lopes de Sousa, da banda do «norte e correm para a dita banda do norte ao longo da «costa tanto quanto couber nas ditas 100 leguas; e as «50 leguas, que começam da *Abra de Diogo Leite* da «banda de loeste, e se acabam no Cabo de todos os «Santos da banda de leste do rio do Maranhão.»

19

Pag. 15, lin. 8 e 9. — «*E mandou João de Sousa a Portugal em hũa nao que de França tomaramos.*»

João de Souza chegaria com esta nao a Lisboa nos fins de Abril; elrei diz que mandou aprestar um navio para o fazer voltar com a resposta; porêm acresenta que quando se acabou de aprómptar era tão tarde que por isso não foi, e só no anno seguinte de 1532 o enviou com duas caravelas armadas, escrevendo-lhe, com data de 28 de Setembro, a seguinte *Carta Regia*, a qual se acha no Tom. 1.º do Nobiliario de D. Luiz Lobo da Silveira; porêm com orthografia que bem se vê não ser a original; e como, de mais a mais, já assim foi impressa por D. Antonio Caetano de Souza (no Tom. 6.º das *Prov. da Hist. Genealogica* pag. 318) assentámos de a transcrever para aqui, sem os escrupulos orthograficos, que temos guardado para com os outros documentos, dos quaes encontrámos os originaes.

Documento VI.

*Martim Affonso, amigo. Eu ElRei vos envio muito saudar. Vi as cartas que me escrevestes por João de Sousa, e por elle soube da vossa chegada a essa terra do brasil, e como íeis correndo a costa, caminho do Rio da Prata, e assim do que passastes com as náos francezas, dos cossairos que tomastes, e tudo o que nisso fizestes vos agradeço muito; e foi tão bem feito como se de vós esperava; e sou * certo que a vontade que tendes para me servir. A náo, que cá mandastes, quizera que ficára antes lá com todos os que nella vinham. Daqui em diante, quando outras taes náos de cossairos achardes, tereis com ellas e com a gente dellas, a maneira que por outra Provisão vos escrevo. Porque folgaria de saber as mais vezes novas de vós, e do que lá tendes feito, tinha mandado o anno passado fazer prestes um navio, para se tornar João de Souza para vós, e quando foi de todo prestes para poder partir, era tão tarde para lá poder correr a costa, e por isso se tornou a desarmar e não foi; vai agora com duas caravelas armadas para andarem comvosco o tempo que vos parecer necessario, e fazerem o que lhe mandardes. E por até agora não ter algum recado vosso, — do que no assento da terra, nem no Rio da Prata tendes feito, vos não posso escrever a determinação do que deveis fazer em vossa vinda ou estada, nem cousa que a isso toque, e sómente encomendar-vos muito, que vos lembre a gente e armada que lá tendes, e o custo que se com ella fez e faz; e segundo vos o tempo tem succedido, e o que tendes feito ou esperardes de fazer, assim vos determineis em vossa vinda ou estada; fazendo o que vos melhor, e mais meu serviço parecer; porque eu confio de vós, que no que assentardes será o melhor. Havendo d'estar lá mais tempo, enviareis logo uma caravela com recado vosso, e me escrevereis muito largamente todo o que até então tiverdes passado, e o que na terra achastes, e assim o que no Rio da Prata, — tudo mui declaradamente, para eu*

* Nas differentes copias lê-se *sam*, o que se usava muito no seculo 16 em vez de *sou*; e disto encontramos muitas provas nos documentos coevos na Torre do Tombo. Em vez de "*que a vontade*,, talvez se devesse ler "*qual a vontade*,,.

por vossas cartas e informação saber o que se ao diante deverá † fazer. E se vos parecer que não é necessario estardes lá mais, poder-vos-heis vir; porque pela confiança que em vós tenho, o deixo a vós, que sou certo que nisso fareis o que mais meu serviço for. Depois de vossa partida se praticou, se sería meu serviço povoar-se toda essa costa do Brasil, e algumas pessoas me requeriam capitanías em terra della. Eu quizera, antes de nisso fazer cousa alguma, esperar por vossa vinda para com vossa informação fazer o que me bem parecer, e que na repartição que disso se houver de fazer, escolhaes a melhor parte. E porém, porque depois fui informado que d'algumas partes faziam fundamento de povoar a terra do dito Brasil, considerando eu com quanto trabalho se lançaria fóra a gente que a povoasse, depois de estar assentada na terra, e ter nella feitas algumas forças, (como ja em Pernambuco começava a fazer, segundo o Conde da Castanheira vos escreverá), determinei de mandar demarcar de Pernambuco até o Rio da Prata cincoenta leguas de costa a cada capitaína, e antes de se dar a nenhuma pessoa, mandei apartar para vós cem leguas, e para Pero Lopes vosso irmão cincoenta, nos melhores limites dessa costa por parecer de pilotos e de outras pessoas, de quem se o Conde por meu mandado informou, como vereis pelas doações que logo mandei fazer, que vos enviará; e depois de escolhidas estas cento e cincoenta leguas de costa para vós e para vosso irmão, mandei dar a algumas pessoas, que requeriam capitanías de cincoenta leguas a cada uma, e segundo se requerem, parece que se dará a maior parte da costa; e todos fazem obrigações de levarem gente e navios á sua custa, em tempo certo, como vos o Conde mais largamente escreverá; porque elle tem cuidado de me requerer vossas cousas, e eu lhe mandei que vos escrevesse. Na costa de Andalusia foi tomada agora pelas minhas caravelas, que andavam na armada do Estreito, uma náo franceza carregada de brasil, e trazida a esta cidade, a qual foi de Marselha a Pernambuco, e desembarcou gente em terra, a qual desfez uma feitoria minha que ahi estava, e deixou lá setenta homens com tenção de povoarem a terra e de se defenderem. E o que eu tenho mandado que se nisso faça, mandei ao Conde que

† Souza leu *devia*; Fr. Gaspar copiou *deve*; nós lemos *deverá*, e por isso escrevemos *deverá*,

vo-lo escrevesse, para serdes informado de tudo o que passa, e se hade fazer; e pareceu necessario fazervo-lo saber para serdes avizado disso, e terdes tal vigia nessas partes por onde andais, que vos não possa acontecer nenhum máu recado: e que qualquer força ou fortalleza que tiverdes feita, quando nella não estiverdes, deixeis pessoa de que confieis, que a tenha a bom recado; ainda que eu creio que elles não tornarão lá mais a fazer outra tal; pois lhe esta não succedeu como cuidavam. E mui decla-radamente me avizai de tudo o que fizerdes, e me mandai novas de vosso irmão, e de toda a gente que levastes; porque com toda a boa que me enviardes, receberei muito prazer. Pero Anriques a fez em Lisboa aos 28 de Setembro de 1532 annos.

REI.

João de Souza chegou nas duas caravelas a S. Vicente com esta carta, (naturalmente no fim deste anno, ou no principio do seguinte), a qual fez partir M. Affonso para Portugal depois do dia 4 de Março, segundo prova Fr. Gaspar (p. 16 e 138); e devia ter chegado antes de 3 d'Outubro, porquanto neste dia partiu João de Souza para a India commandando a caravela *Rosa*, na armada de 12 velas, de que era capitão mór D. Pedro de Castello Branco, segundo vemos no citado *Livro das Armadas* MS., que reputamos copia de outro do mesmo titulo, existente na *Bib. Pub. Eborense* *, que alcança até 1636.

20

Pag. 17, *lin.* 9. — Diz o texto que segunda feira foi 11 de Março, e segue logo que sabado foi 12, domingo 13, e assim successivamente todos os outros dias errados. E' a anomalia tão clara que nos dispensa de

* Nesta mesma Bibliotheca existe tambem uma *Noticia dos capitães e armadas, que foram do Reino para a India desde* 1497 *até* 1635, que poderá ser talvez mais acrescentada a mesma do codice 10:023 da *Bib. R. de Paris*, que alcança até 1632, segundo se vê da pag. 86 da *Noticia*, publicada em 1827, pelo Sr. Visconde de Santarem.

muitos commentos, com os quaes nada adiantáramos. O que está da nossa parte é só lembrar conjecturas ácerca do modo como podia nascer o erro. Temos que sem duvida procedeu de se ter escripto depois de Domingo 10 o dia = Segunda feira = em breve = S.ª fr.ª =, como se lê no exemplar da *Bib. Real*; e que depois fosse lido = Sexta feira =, e então o dia seguinte era forçosamente = Sabado 12 =. Porêm de quem seria o engano, — de copista ou do A.? Nós duvidamos que fosse do primeiro, não tanto porque deixemos de acreditar que podesse haver copista tão despejado, que se atrevesse (por seu motu proprio e sciencia certa) a fazer, a seu bel prazer, todas as ulteriores modificações, senão porque isto se encontra nas differentes copias: e não vemos razão para que o mesmo não acontecesse ao nosso A., quando o do *Roteiro de Vasco da Gama*, publicado no Porto pelos Sr.ˢ Köpke e Costa Paiva, cinca tantas vezes neste ponto. Nem seja isto muito para admirar em tempos em que não eram tão triviaes as efemérides e folhinhas, e em que muito era o levar um Zacuto, ou um João de Monte Regio, que não raras vezes se perdiam com o mar; — se bem que por outro lado causam admiração estas cousas em epocas tão devotas, e em que devia de haver todo o escrupulo nos jejuns, celebração de festas, missas, &c.: tanto que ao diante, pag. 43, não se esqueceu Pero Lopes de dizer que a 30 de Novembro era dia de Santo André, o que talvez soubesse de cór. Terminaremos declarando não poder explicar tal anomalia.

21

Pag. 17, lin. 31 e seg. — « *Nesta bahia achamos hum portugues, que havia vinte e dous annos que estava nesta terra; e deu rezam larga do que nella havia.* »

Este portuguez estava ali desde 1509 ou 1510; e é sem duvida o mesmo que encontrou Juan de Mori em 1535; segundo narra Herrera, Dec. V, Lib. VIII, cap. 8.

...llegaron à la Baia de Todos los Santos, hermoso Puerto, i que tiene siete Islas dentro, i que muchos Rios entran en el. En la Baia de los San-

tos hallaron un Portuguès, que dixo, que avia veinte i cinco anos, que estaba antre los indios, i otros ocho que allí quedaron de un naufragio de armada Portugueza, i estes les dieron alguna yuca, batatas i raices, &c.

Este homem sería por ventura o celebre Diogo Alvares, de alcunha o *Caramurú*, cuja existencia é inquestionavel, se abstrahirmos da historia os predicados poeticos, que a acompanham no poema; Diogo Alvares tendo-se sustentado com os indios, por morte de Francisco Pereira Coutinho, ainda ali estava á chegada de Thomé de Souza em 29 de Março de 1549; segundo diz Soares *Rot. Geral* cap. 28, e *Memorial* cap. 2.º

22

Pag. 25, lin. 12 e 13. — « Sabado trinta dias d'abril, no quarto d'alva, eramos com a boca do **Rio de Janeiro** *»&c.*

Este logar elucida completamente a questão, de que não foi M. Affonso o culpado na impropriedade do nome, que em nossos dias conserva a capital do Imperio Brasileiro, e lhe proveio de ter sido o seu porto, (chamado dos indigenas *Ganabará* segundo Lery, e *Nhiteroy* segundo Brito Freire) julgado rio, sendo deveras uma bahia ou enseada. Quanto ao sobrenome = de Janeiro =, já em 1817 o douto A. da *Corografia Brasilica* (T. 2.º p. 12), e em contradicção ao que antes (T. 1.º p. 51) dissera, produziu razões, bem como o fez o A. da Memoria sobre a capitania de Santa Catharina (p. 11), para se duvidar ter sido dado pelo mesmo M. Affonso em Janeiro de 1531, — fundando-se na data do Alvará, que transcrevemos pela primeira vez correcto a pag. 65; e apresentando ser quasi impossivel *a* que uma armada, que nunca vênce tanto como um navio só, e mórmente n'um tempo, em que se navegava pouco de noite, por não haver ainda perfeito conhecimento dos mares, fizesse n'um mez a viagem, que em nossos dias não faz um navio só, veleiro e destemido; tendo-se de mais a mais feito á vela no inverno, combatido e aprisionado inimigos, — circumstancias que deviam prolongar a via-

gem » — e por conseguinte não era possivel estar no Rio de Janeiro no primeiro dia de 1531, tendo saído de Lisboa em Dezembro. Pouco depois de Cazal (em 1820) não entrou na questão o Monsenhor Pizarro *, e descançou dizendo (Tom. 1.º pag. 103) que este exame ficava reservado ao historiador.

A nossa publicação decide a controversia: a armada de M. Affonso chegou ali pela primeira vez a 30 de Abril de 1531; e até do modo como Pero Lopes escreve se deduz que esta bahia era já antes nomeada *Rio de Janeiro*, o que até se rectifica, por elle contar ter ouvido este nome antes de lá chegar. (Vej. *Diario* pag. 14.)

Esta nossa affirmativa toma força, como ja em outro logar expuzemos §, com a leitura das narrações da viagem do celebre portuense Fernam de Magalhães, da qual explicitamente trata o mui douto e sabio D. Martin Fernandez de Navarrete **, bastando porém para desengano a relação publicada pelo eruditissimo Bispo Resignatario de Coimbra no Tom. 4.º N.º 2. das Not. Ultr. da A. R. das S. de Lisboa, ou por ventura ainda mais decidido será o testemunho do chronista castelhano Antonio Herrera ††, que escreveu como dissemos na *Advertencia Preliminar*, com grande copia de documentos e relações originaes á vista, e assevera que chegaram os do Magalhães á bahia *que chamavam os Portuguezes* = de Janeiro. =

Devemos pois retroceder, e ir de mais remoto investigar esta origem. A expedição, que a esta precede, é a de

* Vej. *Memorias Historicas do Rio de Janeiro &c.*, por José de Souza Azevedo Pizarro e Araujo, Rio de Janeiro 1820; 2 vol. 4.º.

§ *Reflexões Criticas* á obra de *Gabriel Soares de Souza*, escripta em 1587, impressas pela A. R. das S. de Lisboa no Tom. 5. N. 2. das Not. do Ultramar p. 27.

** *Coleccion de los viages y descubrimientos &c.* Madrid 1837. — Foi de um documento (Num. XXII) que vem no Tom. 4.º desta collecção, que vimos ser o Magalhães natural do Porto, o que até agora se desconhecia. É mais um grande, para augmentar o catalogo dos illustres portuenses.

†† Dec. 2.ª Lib. 4.º Cap. 10.º « *Y continuando su viage, entraron a treze de Deziembre, en una bahia muy grande, que llamavan los Portuguezes en la costa del Brasil la bahia de Genero, y los Castellanos la pusieron de Santa Lucia, porque tal dia entraron en ella* » &c., e mais adiante: « *Estando neste rio de Genero* » &c.

João Dias de Solis, que havendo partido d'esta vez § do porto de Lepe, segundo Herrera a 8 de Outubro de

§ Tinha la ido em 1512 á sua custa, diz Gomara (fol. xljx da edição de 1552), e voltado carregado do Brasil; tambem declara que era natural de Librixa, e por conseguinte não portuguez, como alguem tem querido. — Tambem alguns escriptores dizem, e talvez não sem fundamento, que o Rio da Prata tinha ja sido visitado antes deste anno. Vemo-nos forçados a seguir esta opinião sem com tudo ousarmos interpor juizo por alguma das mais particularidades. Primeiro que tudo se Gomara acredita, e nós hoje tambem acreditamos, que a expedição portugueza em que ia Americo foi á terra dos Patagões, custa-nos a conceber, como, senão na ida, ao menos na vinda, deixassem de ver a grande boca do Rio da Prata, ou bahia de Sanburundon, quando esta não escapou a Solis, a Magalhães, a Diogo Garcia, a Gaboto e finalmente a Martim Affonso. Silvestre Ferreira da Silva (na *Rel. do sitio da Nova Colonia*, Lisboa; 1748) é desta opinião, a qual é seguida pelo erudito A. dos Annaes do Rio Grande. O celebre brasileiro, ministro de D. João 5.º, Alexandre de Gusmão em um *Resumo Historico, Chronologico e Politico do descobrimento da America*, Ms. feito em Maio de 1751, diz que em 1506 foram mandados a este rio os pilotos João de Lisboa e Vasco Gallego de Carvalho, o que parece achar confirmação no que diz Herrera (Dec. 2.ª Lib. 9. Cap. 10). Finalmente José Maria Dantas Pereira leu, (segundo colhemos do Discurso do Sr. Manoel José Maria da Costa e Sá, recitado no 1.º de Dezembro de 1829,) na A. R. das S. de Lisboa uma memoria, em que á vista de um rico mappa, confiado á Academia por Thomaz Antonio de Villa-Nova Portugal, deu o seu juizo *sobre a posse pacifica do Rio da Prata pelos Portuguezes des que* o DESCOBRIRAM EM 1511 *até á invasão Hespanhola em* 1580. Porem nada podémos obter ácerca de seus argumentos.

Uma so persuasão nossa queremos ainda escrever, e é que o nome com que Pero Lopes designa este rio, isto é, *Rio de Santa Maria*, foi dado pelos portuguezes, e pelo mesmo navegador que assim chamou ao cabo de igual nome situado na sua foz; — e não fique esquecido que já na viagem do Magalhães houve quem lembrasse os signaes, que dava o piloto portuguez João de Lisboa para a conhecença do Cabo de Santa Maria.

A este respeito nada nos adiantam o Dr. Gregorio Funes (*Ensayo de la Historia civil del Paraguay &c.*, Buenos Ayres, 1816), nem os ricos volumes de D. Pedro de Angelis (*Coleccion de obras y documentos relativos a la historia antiga y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*; Buenos Ayres, 1836).

1515 com tres navios, caminho do Rio da Prata, nada mais natural do que poder chegar no primeiro de Janeiro á mencionada bahia, e dar-lhe então um nome chronologico. Todavia nem Gomara, nem Herrera fazem menção desta clausula, dizendo, bem pelo contrario, este ultimo com toda a simplicidade que «chegaram ao Rio de Janeiro na costa do Brasil», o que junto ao lugar citado a respeito da viagem de Magalhães faz prova contra; e é ainda maior este argumento se nos lembramos que Herrera não costuma esquecer e passar em claro estas particularidades, tanto que logo abaixo as menciona ácerca das ilhas que chamaram *da Prata*, *e dos Lobos*, o que por certo não é de mais importancia, que o nome de uma tão notavel enseada.

Por tanto cumpre ainda fazer a investigação de mais longe. Ora se nos lembramos do costume dos antigos descobridores portuguezes, de irem com o calendario aberto baptisando, com o nome do santo celebrado pela igreja nesse dia, as terras e agoas que achavam, e lançarmos os olhos a uma carta do Brasil antiga, v. gr. á do Atlas de Fernão Vaz Dourado, e se fizermos algum reparo e comparação dos nomes dos santos festejados nos diversos dias, acharemos, seguindo de norte a sul, a seguinte coincidencia:

16 de Agosto	dia de	*S. Roque* (Cabo de)
28 dito	»	*S.to Agostinho* (Cabo de)
29 de Setembro	»	*S. Miguel* (Rio de)
30 dito	»	*S. Jeronymo* (Rio de)
4 de Outubro	»	*S. Francisco* (Rio de)
21 dito	»	*As Virgens* (Rio das)
13 de Dezembro	»	*Santa Luzia* (Rio de). Sería o R. Doce?
21 dito	»	*S. Thomé* (Cabo de)
25 dito	»	Nasce o *Salvador* (Bahia do)
1 de Janeiro		Rio de Janeiro
6 dito	»	*Reis* (Angra dos)

O certo é que a opinião de ter Americo descoberto o *Rio da Prata* é seguida tambem em 1643 por *Morisot* (p. 604). Segundo o illustre Navarrete [T. 1.º pag. 139] Americo em 1508 foi nomeado piloto mór de Hespanha, e morreu em Sevilha a 25 de Fevereiro de 1512, e não na Ilha Terceira conforme outros, segundo dizemos a pag. 77.

20 de Janeiro	dia de *S. Sebastião* (Ilha de)
22 dito	» *S. Vicente* (Rio ou Porto de)

E' facil deduzir das distancias locaes e desta confrontação ter sido o mesmo explorador, quem, indo de N. a S. successivamente, e passando por diversos pontos, lhe deu os nomes competentes; e se bem que o Rio de Janeiro não teve o nome da festa que a igreja neste dia celebra, com tudo a distancia, a que está do cabo de S. Thomé e ilha de S. Vicente, o assegura de ter saído, se é licita a expressão vulgar, da mesma fornada; e é mais natural attribuir a esta occasião a tal coincidencia do que a outra qualquer, de que nada se saiba; e demais por não pôrmos acima outros nomes, não se segue que este fosse o unico sem ser de solemnidade. — Alèm de que, se o nome fosse dado pelos castelhanos, não era natural que logo passados poucos annos se soubesse em Portugal, e o mais provavel sería Portugal não o adoptar. Nos logares do Rio da Prata temos uma confirmação do que dizemos.

Se estamos agora convencidos de que foi o mesmo explorador que deu seguidamente os citados nomes, e que não deu uns sem os outros, adiantamos sem escrupulo, que todos elles foram dados antes do anno de 1508, e por conseguinte só o podiam ser por uma das duas armadas, que por lá exploraram a costa depois de Cabral. E dizemos antes de 1508, porque tendo-se publicado neste anno em Roma uma edição da Geografia de Ptolomeu, que muitas vezes temos occasião de citar, os editores a acompanharam de um mappa-mundi, feito pelo allemão João Ruysch: neste mappa, gravado em madeira, vem, como era possivel, marcada a *Terra de Sancta Cruz*, onde se lèem varios destes nomes, taes como: *R. de S. Jeronimo*, *R. de S. Lucia*, e *R. de S. Vicent.* &c., e o nome de *Cabo de S. Agostinho* já corria impresso antes, e desde a 1.ª edição das relações de Americo; e como este diz que tal cabo se descobriu na viagem de 1501, segue-se que foi Gonçalo Coelho, chefe da expedição que succedeu á de Cabral, segundo contam (ainda que não sem alguma anomalia) Goes, Gabriel Soares e Osorio, quem deu todos os nomes citados; porque, de mais a mais, diz Americo que desde o começo de Agosto de 1501, quando abicaram no Brasil a 5 gráos (que vem a ser pouco ao N. do Cabo de S.

Roque) até Fevereiro do anno seguinte, quando estavam fóra do tropico de Capricornio §§, tendo visitado todo o litoral intermedio; e por tanto ja então tinham estado no porto de S. Vicente. Estas considerações são novos argumentos a favor das narrações de Americo, não mencionados na nota 11 pag. 73 e seg.

23

Pag. 25, linh. 18 e seg.

O A. refere-se ás ilhas de *Colunduba*, *Rasa*, *Redonda*, *Comprida*, *Palmas*, *Toucinhos*, *Paio*, e *Lage*; parece porêm que noméa algumas por duas vezes. — Os curiosos farão bem de preferir para a confrontação a carta do Rio de Janeiro feita em 1810 por Manoel Vieira Leão, e publicada na *Viagem á roda do Mundo* pelas curvetas *Uranie* e *Physicienne*, impressa em Paris em 1825, a qual vale por certo muito mais do que as de Capassi e Rosa Pinheiro.

A latitude do Rio de Janeiro *(Pão de Assucar)* é segundo o Astronomo Russiano Simonow de 22º 54' 5''

24

Pag. 25, linh. 29 . . . « Como fomos dentro, mandou o capitam J. fazer hũa casa forte » &c.

Naturalmente foi na praia que se ficou chamando porto de Martim Affonso, o qual era dentro da enseada,

§§ O bacharel de que fala Pero Lopes pag. 29, e diz que estava degradado havia 30 annos, isto é, desde 1502, serve de confirmação á narração de Americo. Sería o porto da Cananéa aquelle fóra do Tropico de Capricornio, onde fizeram aguada e provisão de lenha para seis mezes, deixaram ali o bacharel, e assentaram logo ao sul o padrão, de que dá noticia Soares P. 1.ª Cap. 65; e este será por ventura o mesmo mencionado por Fr. Gaspar, e do qual Cazal (Tom. 1.º pag. 227) nos informou: . . . . « *sobre umas pedras está um padrão de marmore europêu, com quatro palmos de comprimento, dois de largo, e um de grossura, e as armas*

no seio que faz defronte de São Christovão (segundo vemos do que diz Gab. Soares *Rot. Ger.* Cap. 52), e não na *Praia Vermelha*, como pertende o Monsenhor Pizarro pag. 7.

25

Pag. 26, *lin.* 15 ... «*quatrocentos homês que traziamos.*»

Esta conta dos 400 homens é a mesma que dá Herrera (Dec. 4, Lib. X, cap. 6.º), e pode servir de nova confirmação de que este chronista teve bons documentos, e de quão bem se sabiam em Sevilha, em 1530, as particularidades da armada.

26

Pag. 27, *lin.* 11 *e seg.*

Deste logar, e do que dissemos na nota 22, se pode bem verificar quanto se enganou Fr. Gaspar pag. 16.

27

Pag. 27, *lin.* 25 ... «*fomos dar com hũa ilha*»

E' a ilha, que se ficou chamando *dos Alcatrazes.*

28

Pag. 28, *lin.* 29 *e seg* ... «*para fazermos nossa viagem para o* **Rio de Santa Maria**; *e fazendo o caminho do sudoeste demos com hũa ilha*»

Ja dissemos (e adiante repetimos), que o *Rio de*

reaes de Portugal sem castellos» *&c.* Fôra bom verificar se é de 1502 ou 1503 ...

No mappa citado de 1508 lê-se neste logar: *R. de Cananor*, talvez por *Cananéa.*

Santa Maria é o bem conhecido *Rio da Prata*, para onde M. Affonso se destinava. A ilha de que se trata é sem duvida a chamada *do Abrigo* no mappa de João da Costa Ferreira, e que no tempo de Soares (Rot. Ger. C. 64) se nomeava *Branca*.

29

Pag. 29, lin. 4 e 5... « Desta ilha ao norte duas leguas se faz um rio mui grande na terra firme »

E' o *Rio de Yguape*.

30

Pag. 29, lin. 12... « cinco ou seis castelhanos ».

Neste numero se pode talvez comprehender o Moschera, companheiro de Gaboto, de quem F. X. de Charlevoix *(Histoire du Paraguay*, Paris, 1757*)* tão celebremente fabulisou; e quem sabe se os dous assassinos, de que faz menção Simão de Vasconcellos na *Chronica* n. 154 e 176.

31

Pag. 29, lin. 13 e 14. — « Este bacharel havia trinta annos que estava degradado nesta terra. »

Por tanto estava lá desde 1501; e foi ali deixado por Gonçalo Coelho; — possibilidade que vai em harmonia com a narrativa de Americo (como dissemos na nota 22, pag. 90), que diz haver-se a armada refeito de provisões nestas alturas. Quem seria o tal bacharel (que seguramente foi o mesmo, que por aquella altura *(R. dos Innocentes)* encontrára cinco annos antes o portuguez Diogo Garcia, segundo a narração de Herrera), e qual era o seu nome, não sabemos; mas deve de ter sido ou João

Ramalho, ou Antonio Rodrigues, ou em ultimo caso, o Duarte Peres, de Charlevoix (Fr. Gaspar pag. 86).

32

***Pag.* 29, *lin.* 14 . . . « Francisco de Chaves era mui grande lingua. »**

Sería talvez este o mesmo genro do bacharel, que acompanhou Diogo Garcia. Isto nos faz suppôr que o chamado *Rio dos Innocentes* vem a ser o da *Cananéa*, e não o de *S. Vicente*.

33

***Pag.* 29, *lin.* 16 . . . « mandou a Pero Lobo com oitenta homẽs. »**

Desta expedição, para descobrir minas, tinham dado noticia pouco individuada Fr. Gaspar pag. 85 e 93, e Ayres de Casal Tom. 1.º pag. 52 *in fine*. Deve notar-se que partiu da ilha da Cananéa, e não da de S. Vicente, como por inadvertencia foi dito algures. A sorte destes 80 portuguezes pode ver-se no logar citado da obra de Fr. Gaspar *(Mem. para a Hist. da Cap. de S. Vicente)*, onde cita um documento que encontrou no Archivo da Camara de S. Paulo, hoje verificado pela nossa navegação, com todas as mais particularidades.

34

***Pag.* 29, *lin.* 23 e 24 . . . « Aqui nesta ilha estivemos quarenta e quatro dias: nelles nunca vimos o sol. »**

Ainda que o A. isto diga, com tudo ou conhecia ja a latitude da ilha da Cananéa, ou quem escreveu o antigo exemplar da *Bibl. Real* a addicionou com a mesma letra; e no fim da pagina que corresponde á fol. 12 do dito exemplar se lê:

A ilha da Cananea esta é altura de 25. g.

35

Pag. 30, lin. 13... «ao sul do porto dos Patos.»

Isto é ao sul do canal ou *manga* formada pela ilha de Santa Catharina com a terra firme (Vej. Vasconcellos *Noticias* n. 63), a que Solis, segundo conta Herrera (D. 2, L. 1, C. 7,), chamou *Bahia dos Perdidos.*

Ha quem pertenda pôr em questão a etymologia do nome *Porto dos Patos*, querendo deriva-lo de uma extincta nação de indigenas, chamada *Patos*, e o erudito Ferdinand Denis *(Brésil* pag. 167*)* parece resolvido a encostar-se a esta opinião. Nós sabendo a significação de *patos*, nunca iriamos buscar outras etymologias mysteriosas, tendo de mais tão perto para servir de exemplo a *Ilha dos Alcatrazes*, nome que lhes proveio das aves deste nome *(Diomedea)*; porêm no caso de duvida pediriamos a opinião dos mais antigos, e então Francisco Lopez de Gomara nos responderia:

— « Puerto de patos esta en 28 grados, y tiene frontero una isla, que llamã santa Catalina. *Nombraron lo assi por auer infinitos patos* negros sin pluma, y con el pico de cuerno, y gordissimos de comer peces. » &c.

(La istoria de las indias, ed. de Saragoça de 1552 *fol. l.)*

Os indios que ali habitavam eram Carijós, segundo a autoridade de Herrera.

36

Pag. 32, lin. 10... «tres ilhas de pedras.»

Estas ilhas a que chamaram *das Onças* são os *Castilhos grandes*, que seriam quanto a nós os *tres cerros que parecian islas, los quales, dixo el piloto Caravallo, que eran el cabo de Santa Maria, que lo sabia por relacion de Juan de Lisboa, piloto portugues, que auia esta-*

do en el.» (Herrera Dec. 2.ª Lib. 9. Cap. 10.) — Desta passagem de Herrera se vê que João de Lisboa estivera no Rio da Prata antes de Magalhães, o que é a favor da opinião de Alex. de Gusmão.

37

Pag. 33, lin. 10 ... «ao meo dia tornou Vicente Lourenço.»

Vicente Lourenço era o piloto mór, que em quanto a armada estava na concha do cabo de Santa Maria, foi examinar a ilha pegada com o mesmo cabo, talvez a que Diogo Garcia em Herrera (Dec. 4. Lib. 1. Cap. 1.º) diz *dos Pargos*. Quanto a este Vicente Lourenço, em 1540 foi elle por capitão da náo *Grifo*, na armada de quatro navios, que então navegou para a India com Francisco de Souza Tavares.

38

Pag. 34, lin. 16 ... «me quebrou o aúste da anchora, de forma que tornei outra vez a caçar ..» &c.

Esta é a lição de nosso Ms.; pode com tudo ler-se de outro modo, lembrando-nos que o A. tem falado em *anchora de fôrma*; e que a virgula pode estar mal collocada, e dever ler-se = «o aúste da anchora de fôrma, que» &c.

39

Pag. 35, lin. 22 ... «fui surgir na ilha do cabo.»

Vem a ser a ilha de que falamos na nota 37.

40

Pag. 37, *lin.* 17.

No Codice da Bib. Real não vem a palavra = rio, = como se acha no nosso MS.; e diz so = « para entrar pelo dentro « = ; o que não faz sentido.

41

Pag. 38, *lin.* 24, 25 e 26 ... « *Rio dos Begoais, que jaz aloeste do cabo de Santa Maria onze leguas* » ...

O rio de que se trata, tambem designado com este nome, e assim mesmo escripto no mappa de Fernão Vaz Dourado, é o chamado em algumas cartas *R. Ignacio*, e n'outras *R. de S. Pedro*; ou *Arroyo de S. Pedro*, como diz Carlos José Barreto n'uma Carta MS. do Rio da Prata feita no Rio de Janeiro em 1762.

42

Pag. 38, *lin.* 29 ... « *hũa ilha pequena toda de pedras, e della á terra firme ha hũa legua.* »

Esta ilha, em que na vinda naufragou o bergantim, é a *I. dos Lobos*, que jaz a S. E. $\frac{1}{2}$ E. da bahia de Maldonado; porêm mais de uma legua. Duvidamos muito que seja a *Gorriti*, pois esta fica muito mais perto de terra.

43

Pag. 38, *lin. ult.* — « *houve vista de hũa ilha ao mar.* »

Era a *ilha das Flores*, hoje notavel pelo seu farol em 34° 56′ 30″ S.

44

Pag. 39, lin. 3 e 4 . . . « Passando ávante da ilha descobri hum alto monte, ao qual puz nome = monte de Sam Pedro. » =

Este monte vem a ser o bem conhecido cerro, que deu o nome a *Montevidio*, chamado antigamente *Monte de Santo Ovidio* (Gab. Soares Rot. Ger. C. 73), — que segundo a relação de Francisco Albo * (que acompanhou na náo *Victoria* a expedição de Fernam de Magalhães) é adulterino de « Monte vidi ». Ja corruptamente lhe chamavam no seu tempo = *Santo Vidio.* =

O nome de *Monte de S. Pedro* não grassou, ao que parece.

45

Pag. 39, lin. 7 e 8. . . . « a costa he toda suja de pedra, e ruins baxos. »

São os cachopos *das Caretas*, e *Miqueletes*.

46

Pag. 39, lin. 14 e seg. . . . » indo assi no golfo de hũa enseada, que se faz grande como o dito monte de Sam Pedro, demora a leste e a quarta de sueste, fui » &c.

Isto não faz muito bom sentido: talvez fizesse mais algum lendo:

. . . indo assi no golfo de hũa enseada, que se faz grande; — com o dito monte de Sam Pedro demora a leste a quarta do sueste, fui &c.

A enseada de que abaixo fala, dizendo que ali co-

* Vej. *Coleccion de los viages y descubrimientos &c.* de Don Martin Fernandez de Navarrete, Madrid, 1837. T. 4.º pag. 30 e 211, e tambem a Relação das navegações ao estreito de Magalhães, impressa em Madrid em 1788, 1 vol. 4.º pag. 188; obras trabalhadas com erudição e curiosidade.

meçou a achar a agua doce, é o *R. de Santa Luzia*, de que torna a tratar a pag. 50, e que na carta de Fernão Vaz Dourado é até marcado — « *R:. dagoa doçe* » e na de Lazaro Luiz diz so « *agoa dose.* « E a *ponta* d'aloeste será a *del Espinillo.*

47

Pag. 39, *lin.* 28 . . . « *afuzialava.* »

E' melhor ler *afuzilava*, como no codice da Bib. R.

48

Pag. 39, *lin. ult. e penult.*

A sonda achada é exactamente a marcada nas cartas marítimas e roteiros, ao longo dos *Barrancos de Santa Luzia.*

49

Pag. 40, *lin.* 9 *e seg.*

As considerações fytologicas do A. são confirmadas por Aug. de St. Hilaire; Vej. *Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguay* na Introd. pag. lvj.

50

Pag. 42, *lin.* 4 . . . « *me achei pegado com hũa ponta* » &c.

Era a da peninsula, onde ao depois em 1680 se fundou a Nova Colonia do Sacramento, bem celebre pelos variados acontecimentos tão contestados, que depois por ella houve.

51

Pag. 42, *lin.* 5 . . . « *ao norocste oeste* » &c.

Foi escrupulo demasiado conservar esta ultima palavra, que se achava na nossa copia, e que estamos quasi certos que foram syllabas repetidas por engano pela penna do copista; — a palavra = oeste = ultima não se lê no Codice da Bib. R., nem faz sentido.

52

Pag. 42, *lin.* 28 *e seg.* — « *Duas leguas das sete ilhas ha hum rio, que traz muita agua.* »

Estas sete ilhas vem a ser as que Centenera memóra na *Argentina* fol. 9 v., designadas em algumas cartas com os nomes *de S. Gabriel*, (nome posto por Gaboto, Herrera 4, 9, 3) de *Antonio Lopez*, *Muleques*, *Ilha dos Inglezes* &c.

No mappa de Vaz Dourado lê-se o nome « *Sete ilhas* » neste logar, o que parece indicar ser nome que ficou subsistindo, ainda que o A. não mostra usar delle senão para se explicar. — O rio de que fala o A. é inquestionavelmente o *R. de S. João.*

53

Pag. 42, *lin. ult.* . . » *ilha grande, redonda, toda chea d'arboredo* » &c.

E' a hoje tão requestada ilha *de Martim Garcia.*

54

Pag. 43, *lin.* 22 *e* 23 . . . » *e fui a hũas ilhas, que me demoravam ao nornoroeste* » &c.

Seriam as *dos Hermanos*, e a *I. Sola.*

55

Pag. 44, *lin.* 9 *e seg... «e achei hum rio de meia legua de largo... A agua corria mui tesa para baxo: ... O rio faz a entrada leste-oeste» &c.*

Este rio era sem duvida uma das bocas do *Paraná.*

56

Pag. 44, *lin.* 14 ... *«e indo mais por o rio arriba, da banda do sul achei» &c.*

E' necessario reparar que o A. agora não se refere ao rio, que ia subindo, mas ao que encontrou; e portanto deixou de subir pelo *Uraguay*, e tomou a boca do *Paraná*; e isto melhor se confirma pela multiplicidade de braços e ilhas que menciona, e pelos signaes que dá da terra ser chãa e do fundo ser de lama molle. A falta de boas cartas e descripções topograficas destas immediações, e dos nomes das ilhas e esteiros, não nos permitte acompanhar o A. em todas as voltas que nesta paragem deu, e até ajuntar um mappa da derrota, como era nossa tenção. No momento em que estas notas escrevemos apenas a conhecida obra de Don Félix de Azara, que copiou a carta de José Custodio de Sá e Faria, nos é possivel consultar, e a grande Carta de Spix e Martius não nos parece mui exacta na maneira de appresentar a confluencia dos dois rios. Entretanto com a descripção lida á vista dos mappas III. e IV do Atlas de Azara, publicado em 1809, se póde proximamente avaliar a direcção que seguiu o Autor.

57

Pag. 45, *lin. ult. e penult... «as duas ilhas dos corvos» &c.*

São as duas de que falou na mesma pagina lin. 7 e 8, onde encontrou as aves, que chama corvos marinhos.

58

Pag. 46, lin. 11 e 16.

Os veados que menciona o A. são sem duvida os chamados no paiz *Guaçu-pucu*, que vem a ser os *Cervus paludosus* de Desmarest e Lichtenstein, ou *Mazama paludosa* de *Smith*: a sua grandeza attribue Azara á natureza dos logares que habitam; e Cuvier julga serem os mesmos *Quantlamazame* de Hernandez. — As « alimarias como rapozas, que sempre andam n'agua » são sem duvida as bem conhecidas *Iráras* do Brasil, chamadas tambem ali *cães do mato*.

59

Pag. 46, lin. 26 e 30 . . . « terra dos Carandins » . . . esteiro dos Carandins ,, &c.

Carandins é uma bem conhecida nação de indios: Gomara escreve *Quirandies* (Ed. de 1552 fol. xlix col. 2.ª); Herrera (Dec. 4.ª L. 8. cap. 11) *Quirondis*, e o erudito Ferdinand Denis (*Résumé de l'histoire de Buenos-Ayres, du Paraguay et des provinces de la Plata &c. Paris*, 1827) escreve *Querendis*.

60

Pag. 47, lin. 1.ª . . . " deste esteiro ao **rio dos Beguoais**, *donde parti, me fazia cento e cinco leguas ,, &c.*

O rio de que se trata é o mesmo, que na pag. 38 s'escreve dos *Begoais*, e do qual adiante (pag. 53 e 55) se torna a falar. Pela conta do A. vem o esteiro, onde chegaram, a ser proximamente na altura, em que fôra edificada a torre de Gaboto, entre os Timbuès. A falta de uma boa planta deste rio a nosso alcance, nos empece o determinar exactamente esta posição, o que sería facil.

61

Pag. 47, *lin.* 29.

As ilhas dos corvos são as de que falamos na nota 57.

62

Pag. 48, *lin.* 1... "*disse-nos que era* **BEGUOAA CHANAA**,, *&c.*

Quanto ao nome *Beguoaa* ou *Begoá* só o conhecemos de ler a palavra *Bengoas* em uma das cartas do Atlas Ms. de Lazaro Luiz, (feito em 1563, e pertencente á Acad. R. das S. de Lisboa) *, e nestas alturas, como designando o nome de povos ou naçoens habitantes na margem esquerda do Paraná: e ali se lê tambem mais acima *Chanofiz*, — talvez corrupção de *Chanaas* ou *Chanás* (como vem na lin. 10 desta pagina), e que Herrera (Dec. 4.ª L. 8. Cap. 11) escreve *Chanas*, contando a narração, que fizera Gaboto, das varias naçoens de indigenas.

63

Pag. 48, *lin.* 2... "*se chamava* **YNHANDÚ**,, *&c.*

Os americanos tomam muito para si os nomes das feras, aves &c. §; e este costume não é so dos america-

* Na descripção deste Atlas dissemos pag. 501, que n'algumas folhas havia notas feitas posteriormente: logo do principio se deduz que são de 1699.

§ Na interessante *Relação ácerca dos direitos sociaes entre os Aborigenes do Brasil*, impressa em Munich em 1832, diz seu autor o celebre viajante-naturalista — Dr. Martius, a pag. 11:

..."von gewissen Thieren oder Pflanzen willkührlich gewählt haben. Von solcher Art sind die zwei auch in der Sprache abweichender Horden der *Miranhas*, am obern Yupurá, die Grossvogel-und die Schnacken-Indianer, und in solcher Weise zerfällt der, jetzt schon an Individuen arme, Stamm der *Uainumás* in mehrere nach vershiedenen Palmenarten, nach der Onze u. s. w. benannte Familien.,,

nos, que até na antiga Europa acontece o mesmo. O nome *Inhaudú* parece designar o *Nhandú* ou Ema americana *(Struthio Rhea)*, ou segundo Saint Hilaire *(Hist. des Plantes les plus remarquables* &c. pag. lxi*)* as suas pennas; e não ha difficuldade de acreditar que aquelle fosse o nome do homem.

64

***Pag.* 48, *lin.* 6 . . . "*hũs ferctes que lhe tomavam as olheiras*,, &c.**

Deve ler-se *ferretes*; quer dizer isto que a tal mulher era ferreteada na parte superior das faces e inferiormente aos olhos. Veja-se *Martius* pag. 11 e 12.

65

***Pag.* 48, *lin.* 18 . . . "*prosperna d'ovelha* ,, &c.**

E' mais correcto ler posperna, com o codice da Bibl. R. Note-se, que não é provavel que ali houvesse ja ovelhas, para os indios caçarem, e que é mais natural que a posperna fosse de Páca *(Cavia Paca)*, que lhe é simillhante, até no gosto, e muito mais no feitio, unha, &c.

66

***Pag.* 48, *lin.* 21.**

Estas ilhas dos corvos são as de que falamos na nota 57.

Em nota cita a Part. 3.ª pag. 1208 das suas Viagens, e prosegue: "Os Hurones se devidem em tres tribus, — a do Lobo, do Urso e da Tartaruga, e a maior parte das tribus do Alto-Canadá usam geralmente de nomes de animaes.,,

67

Pag. 46, lin. 23 . . . " muitos veados tamanhos como bois ,, &c.

São os *Guaçu-pucu* (vej. not. 58), que Herrera diz (D. 4. L. 8. Cap. 11) *« grandes como bacas pequenas »* &c.

68

Pag. 48, lin. 32 . . . " sete ilhas ,, &c.

Veja-se o que dissemos na nota 52, pag. 99.

69

Pag. 49 . . . " cabo de Sam Martinho ,, &c.

Este cabo vem a ser talvez a *ponta del Espinillo.*

70

Pag. 49, lin. 16 . . . " tres pontas, afastada hũa legua hũa da outra ,, &c.

Assim se lê, e não *afastadas*.

71

Pag. 49, lin. 13 . . . " cortam tambem os dedos como os do cabo de Santa Maria ,, &c.

Veja-se o que o A. conta adiante, pag. 55.

72

Pag. 51.

Tudo quanto o A. refere se pode hoje confirmar á vista do que noticiam os roteiros inglezes modernos.

73

Pag. *51, lin. ult. e penult... " outras alimarias, tamanhas como potros novos e do parecer delles,, &c.*

São evidentemente as bem conhecidas Antas *(Tapir Americanus)* chamadas no Brasil *Tapir-ussú*, e *Tapir-eté*.
» Ay unos animales que llamã Antas, son como borricos » &c., diz o Padre Antonio Rodrigues.

74

Pag. *52, lin. 4... " vinte e quatro de dezembro, dia de natal,, &c.*

Todos nós sabemos mui bem, que o dia de natal cae a 25 de Dezembro, e tambem o A. o não ignorava, pois declara na ultima linha da pag. 5 que no anno antecedente de 1530 foi « domingo 25 de Dezembro, dia de natal », e esta declaração nos difficulta a explicação, por quanto sendo o natal uma festa immovel, não podemos dizer que o A. considerava o dia pela festividade da vespera n'um anno, e n'outro não. Uma saída temos para nos desembaraçarmos desta duvida; que se não se firmar em principio demonstrado de falso, deverá ser satisfactoria; é fundada no modo de começar a contar o dia civil, e por conseguinte o da festividade, que sendo com os astronomos dataria do meio dia, de 24 até ao de 25, e desfaria a supposta irregularidade, nos dous annos successivos; visto que o A. fala aqui da tarde, e na pag. 5, da manhã do dia seguinte: — e sirva esta explicação em quanto a não houver melhor, para os que, como nós, guardarem só para o ultimo caso o increpar A. e os copistas, que fôra a elucidação menos custosa.

75

Pag. 52, lin. 15 e 16 ... "ilha da restinga,, &c.

E' a ilha das Flores, de que tratamos na nota 43, pag. 96.

76

Pag. 52, lin. 29 ... "ilha das pedras,, &c.

E' sem duvida a mesma da nota 42, pag. 96.

77

Pag. 53, lin. 17 e 19 ... "tirava ... andavam,, &c.

Hoje fizera mais sentido ler ... «*tirada* ... *cuidavam*»; porêm assim como imprimimos está nos Mss.

78

Pag. 53 ... "rio dos Beguoais,, &c.

Veja-se a nossa nota 41, pag. 96.

79

Pag. 54.

A respeito da descripção de taes cemiterios, e do enterramento dos mortos compare-se o que diz o Padre José de Acosta na *Historia Natural y Moral de las Indias*, Madrid; 1608, pag. 318 e seg.; e tambem o Padre Antonio Rodrigues, na *Conquista Espiritual hecha por los religiosos de la compania de Jesus, en las Provincias de Paraguay, Parana, Uraguay y Tape*, Madrid,

1639 fol. 14. Estas noticias sepulchraes recordam os *Guacas* da archeologia peruviana.

80

Pag. 58, lin. 1.ª

Parece que vindo do sul a entrada foi pela *barra grande*, e por tanto enganou-se Fr. Gaspar em suppor (pag. 21) que deveria ter sido pela da *Bertioga*.

81

Pag. 58, lin. 10 e 11 ... "achei hum rio estreito, em que as naos se podiam correger" &c.

Sería o *Tumiarú*. Esta noticia deixa mal Fr. Gaspar na sua conjectura, pag. 25.

82

Pag. 58, lin. 13 e seg.

Deste logar se vê claramente que ainda ali não havia antes feitoria. A náo que se varou em terra fôra talvez a Senhora das Candeas, que ao depois (vej. pag. 110) o foi encontrar no Rio de Janeiro, por ter ficado a corregerse.

Vê-se tambem que Martim Affonso usou da autoridade das cartas de poderes (Doc. I, II e III), criando villas &c.

83

Pag. 58, lin. 24 ... "celebrar matrimonios" &c.

Estas duas unicas palavras nos são de grande auxilio para rebater de todo uma conjectura de Fr. Gaspar,

acreditada por Cazal (I. 221) — que a primeira mulher portugueza que passara ao Brasil fòra a de João Gonçalves em 1536. Para *celebrar matrimonios* devia de haver mulheres, e por conseguinte tinham ido familias e casaes; por quanto «a mui nobre e honrada gente» fundadora da villa de S. Vicente não se havia de querer aparentar tão depressa com uma raça gentía, quando havia tantas difficuldades para o fazer com a judía.

34

Pag. 58, lin. 26 ... " e vestir as enjurias,, &c.

Temos por melhor lição *ìvestir* ou *investir*, pois nos custa a crer, que o A. achasse mais conveniente o *encubrir* as injurias, do que o *investi-las*. — Com tudo assim se lê nos Mss.

35

Pag. 58, lin. ult., e pag. 59, lin. 1.ª ... " quinze homẽs castelhanos, que no dito porto havia muitos tempos, que estavam perdidos,, &c.

Talvez desde a expedição de Solis, da qual fala Herrera (D. 2.ª L. 1.º C. 7.º): ou desde Gaboto mencionado por Antonio Galvão e Herrera (D. 3.ª L. 9. C. 3.) — Esta ultima conjectura reforça-se ao ler Gomara (*La Istoria de las Indias* fol. 1.), quando diz que em 1538 entrou no porto dos Patos.

> ... " una nao de Alonso Cabrera, que yua por vee-
> " dor al rio de la Plata, el qual hallo tres españoles
> " que hablavan muy bien aquella lengua e como om-
> " bres que auian estado alli perdidos desde Sebastião
> " Gaboto.,,

Ora se Cabrera foi em 538, e Gaboto em 526, segue-se que em 532 ainda ali estavam, e que alêm dos que vieram, ficaram ainda pelo menos tres.

86

Pag. 59, lin. 17 ... "para que eu fosse a P o r t u g a l nestas duas naos,, &c.

Daqui se vê claramente que o A. escrevia a bordo, e por isso diz *nestas duas náos.*

87

Pag. 59, in fine.

Neste logar acabava, como ja dissemos, o nosso Ms. tal como o demos ao prelo; agora para satisfação dos leitores publicaremos o fragmento, que se encontra no codice da Bib. R., que vem a ser parte da derrota da volta, o qual neste codice é uma verdadeira continuação.

Começa no fim da folha 27 do modo seguinte.

Quarta feira xxij dias do mes de maio da era de mil e quinhentos e trinta e dous da era dadam de oito mil e quinhentos e xbj e zbı dias * da era do diluvio de qualtro mil e seiscentos e trinta e quatro annos e noventa e çinquo dias estando o sol em dez .g. e trinta e dous meudos de geminis e a lua em .19. g. de capricornio, party do Rio de sam Vicente hũa ora antes que o sol se pusese com o vento noroeste. E como foi noite fiz o caminho a leste e a quarta de nordeste.

Quinta feira polla menhãa era tanto avante com a ylha de sam Sebastiam e ao meo dia se fez o vento oeste e comecou a ventar e que me foi necessario tirar as monetas e correr com hos papafigos baxos fazendo o caminho a lesnordeste ate a mea noite que mandei tomar as *vellas* § por me fazer com ho Rio de Janeiro.

Sesta feira xxiiij dias do dito mes pola menhãa via terra tres leguoas de mjm e conheçi o Rio de Janeiro que

* Convem notar primeiro que o que está em grifo se acha escipto no codice da Bib. Real, porêm á margem e com uma chamada. A respeito do modo de ler este numero e do mais que diz respeito a esta data, veja-se o que dizemos na nota 88 que segue.

§ No codice coevo da Bib. Real está aqui *leguoas* riscado e por cima *vellas* na mesma letra; aquella palavra fôra por engano.

me demoraua a norte e quarta do nordeste e com o vento sudueste dei a vela e entrei nelle ao meo dia.

Sesta feira xiiij dias do mes de Junho chegou a nao santa maria das candeas, que fiquara em sam Vicente acabando-se de correger. Neste rio estive tomando mantimento pera tres meses e partime terçafeira dous dias de Julho: com o vento nordeste say fora, e achei o mar tam feo, que me foi necessario tornar a Ribar e surgi na boca ao mar da ylha das pedras em fundo .15. braças darea limpa.

Quinta feira quatro do dito mes me torney a fazer a vela com ho vento norte. Duas leguoas ao mar me deu mujto vento sudueste e mandei fazer o caminho a leste e em se pondo o sol fui com o cabo frio. No quarto da prima mandei governar a leste ate sesta feira ao meo dia que fiz o caminho a lesnordeste com ho vento sudueste de todalas velas.

Sabado seis dias do mes de Julho se me fez o vento sul. Fazia o caminho a nordeste e a quarta de leste.

Dominguo bij do mez polla menhãa me fez o galeam sinal e como acheguei a elle me disse que faziam tanta aguoa que duas bombas a não podiam vençer e que queriam virar no outro bordo; ver se a podiam tomar: e em virando dous Relogios no outro bordo a tomaram e tornamos a virar e fazer o caminho a nordeste e a quarta de leste.

Segundafeira biij dias do mes de julho ao meo dia tomey o sol em .21. g. e meo: demoravame o cabo frio ao essudueste: fazia me delle .lx e duas leguoas. A ilha dos baxos me demorava ao noroeste: fazia me della .l. leguoas.

3.ª feira se fez o vento leste: com elle fazia o caminho da norte e a quarta do nordeste pollas naos serem grandes de bolina lhe dava pouco abatymento.

Quarta feira .x. do mes de Julho se fez o vento calma ate sabado, ao meo dia que o vento sudueste começou a ventar brando e de noite com ho vento fresquo de todas as velas fazia ho caminho do norte ate domingo ao meo dia que tomey o sol em .19. g. e tres quartos e mandei fazer o caminho a norte e a quarta de noroeste. Os baxos dos parguetes me demoravam ao sudueste e a quarta daloeste: fazia-me delles .lxx. leguoas. A ilha dos baxos me demorava ao noroeste: fazia me della xbiij leguoas.

Segunda feira .xb. do dito mes ao meo dia tomei o sol em .17. g. Com mujto vento sudueste e mar corria com os papafigos baxos ao nornoroeste. Esta noite com o mar muj groso nam levamos a mao de duas bombas: fazia a nao por tantas partes a aguoa que toda a noite andaua com ho calafate debaxo da cuberta tomando aguoas. Eram tantas as balcas nesta parajem e tamanhas e chegavam se tanto as naos que lhe auiamos mui grande medo.

3.ª feira xbj do dito mez tomei o sol ao meo dia em 15. g. e tres quartos. Demorava me a baia de todolos Santos ao nornoroeste. Mandei fazer o caminho ao noroeste ate o quarto da modorra, que ouve vista da terra que mandei fazer o caminho ao norte e a quarta do nordeste com o mar mui grosso.

Quartafeira xbij do dito mes polla menhãa Reconhecy as serras que jazem ao sul da baia de todolos santos .xxb. leguoas e ao meo dia se fez o vento susudueste muj forçoso. Era o mar tam grosso que a nao me nam queria guovernar asy fui correndo com hum bolso da vela davante com mui gram temporal: ao jugar da nao faziam tanta aguoa que não leuauamos maõs a duas bombas. Este dia tomei o sol em .14. g. e o sol posto houve vista do padrão: por fazer mujto vento e o mar e a terra estar muj afumada nam entrei na bahia e fiz me no bordo do mar ate .5. Relogios do 4º da modorra que tornei no bordo da terra.

5ª feira .18. dias de Julho em Rompendo a alua vi o padrão mea leguoa de mjm e o marquey aloeste e a quarta do noroeste metendo as monetas pera entrar na bahia. Saltou o vento ao sudueste con tanta força que nam podiamos metter as naos de loo. Torney a mandar a tirar as monetas e com hos papafigos baxos cobrei a ponsa do padrão, com asaz trabalho. Era tam grande o mar que a entrada da bahia em .9. braças de fundo me deu o mar por Riba do chapiteo e veo quebrar no conves.

Nesta bahia estive calafetando os altos das naos que os traziam esvaidos e tomando mantimentos e outras cousas que me eram necessarias. Aqui fiz alardo da gente que trazia pera poderem tomar armas e achey em ambas as naos. l e iij. homẽs e os .xxx. delles sem armas.

Aqui se lançaram com os indios tres marinheiros da minha nao, e me detiveram oito dias busquan-

do os e nam nos pude aver por os indios mos esconderem. *

3.ª feira xxx dias do mes de Julho parti desta bahia de todollos santos com o vento sudueste, e como fui ao mar duas leguoas se me fez leste e virey no bordo da terra ate o quarto da prima que tornei a virar no bordo do mar.

Quarta feira xxxj do dito mes no quarto dalua tornei a virar no bordo da terra com o vento lessueste. Desda ponta do padrão ate a pedra da galee se corre a costa les nordeste oessudueste. Ha de caminho quatro leguoas e da pedra da galee ate o a Recyfe de sam migel se corre a costa nor nordeste susudueste e desdo o aReçyfe ate o cabo de santagustinho se corre a corre a costa nortesul toma da quarta de nordeste sudueste. De-de esta bahia de todollos santos ate o cabo de sam Roque correm as aguoas ao norte sete meses .s. março e abril e maio e junho e julho e agosto e setembro ate outubro e estoutros çinquo meses do anno correm ao sul e como achegam a esta bahía correm ao sueste todo o anno e nestes çinquo meses correm com mais força.

Quinta feira primeiro dia do mes d agosto andei em calma ate de noite no quarto da prima que se fez o vento sueste e com elle mandei fazer o caminho do nordeste.

Sestafeira fazendo o dito caminho ao meo dia tomei o sol em 10. g. e des do meo dia mandei fazei o caminho ao nordeste e a quarta do norte ate quatro Relogios andados do quarto da prima que mandei fazer o caminho ao norte e a quarta do noroeste.

Sabado tres dagosto polla menhãa ouve vista da terra e em me chegando mais a ella Reconheci as serras de santantonio que me demoravam o loeste e ao meo dia tomei o sol em .9. g. e trinta meudos. E duas oras antes que o sol se pusesse com o vento sudueste mandei tomar as velas, lancei as naos ao pairo hũa leguoa de terra em fundo de .xxx. braças de pedra: na terra me faziam mujtos fumos.

Dominguo iiij dias d agosto 1532 estando o sol em 21. g. e tres meudos de leo e a lua em .b. graos de libra e em o sol nacendo mandei dar as velas com o vento sudueste. Indo costeando a terra hum tiro de bombar_

* Talvez que 3 marinheiros mais tarde ali encontrou Caentrassem no numero dos que brera.

da per fundo de .xb. braças indo na gavia as nove oras do dia vi a ilha do santalexo: demorava me ao norte e como me acheguei mais a ella vi hũa nao que estava surta antre ella e a terra: parecia ser mui grande: logo me deçi da gavia, e mandei fazer prestes a artelharia e mandei fazer sinal ao galeam que vinha por minha popa e em chegando a mym lhe disse que pusesse a artelharia em ordem, e se fizesse a gente prestes porque se a nao que estava na ilha surta fose de França avia de pelejar com ella.

N. B. Aqui acaba no MS. quasi o verso da fol. 29.—Seguem-se em branco as folhas numeradas 30, 31, 32, 34 e 35. Passa em claro a 33, cujo numero vem a ter a ultima, que está depois da 41, e tambem é em branco; só no principio da pagina diz:

Sexta feira xbij do

E segue uma *raspadela.*

Ainda que este MS. está falho neste logar, e nos deixa suspensos em um combate que estava prestes; com tudo, a nosso ver, a noticia destes acontecimentos poderá ser de algum modo suprida, se nos aproveitarmos de um trecho, destituido de preliminares e explicação dos escriptores, não conhecedores das verdades, que só este *Diario* podia manifestar, e o procurarmos casar com a nossa narração;—tanto mais que pode ser que as cinco folhas em branco aqui deixadas pelo copista, (e as quaes não estariam no original) fossem achadas por outrem que as possuisse separadamente, e dellas aproveitasse quem só as viu. Os dois autores que trazem este trecho são Fr. Agostinho de S. Maria no *Sant. Mar.* e Fr. Antonio Jaboatão na chronica da sua provincia no Brasil (Digr. 4.ª Est. X pag. 91), copiado por Fr. Gaspar e por elle citado.

Transcreveremos do primeiro, como mais antigo, do Tom. 9.º pag. 326 a seguinte narração.

. . . « havia saído uma náo franceza carregada para França, a » qual cuidou seguir-lhe: mas mandou atraz de'lla uma caravela » muito ligeira, e por capitão um João Gonçalves, homem da » sua casa, de cujo esforço tinha muita confiança e experiencia » de outras armadas, em que o acompanhou contra os cossairos » na costa de Portugal e de Castella. E como a caravela era um » pensamento e a náo franceza sobrecarregada (ainda que alijou » ao mar parte da carga do páo brasil) finalmente foi alcança» da, e querendo pôr-se em defesa lhe atiraram da nossa com » um pelouro de cadêa, que a colheu de pôpa a proa e a desen-

» xarceou de uma banda e lhe matou alguns homens, com que » se renderam os mais, que eram trinta e cinco, entre grandes » e pequenos, e a náo com oito peças de artelharia.

» Com esta presa se voltou o capitão João Gonçalves, ha» vendo vinte e sete dias, que o capitão mór estava na ilha; » onde teve informação de outra náo, que vinha de França com » munições e resgates aos francezes, e a mandou por outras duas » caravelas *, de que hião por capitão Alvaro Nunes de Andra» de, homem Fidalgo Gallego e da familia dos Andrades, e » Gamboas, e Sebastião Gonçalves de Alvelos, os quaes a to» maram e entraram com ella na mesma maré, em que João » Gonçalves entrou com a outra. Com o que os francezes da for» taleza começaram a enfraquecer, e desmaiar e muito mais, » porque se lhes levantou um levantisco, e alguns portuguezes, » que elles tinham tomado, e andavam entre os gentios; os quaes, » como já lhes sabiam a lingoa, os amotinaram contra os fran» cezes de tal modo, que se Pedro Lopes de Souza lho não im» pedira, quiseram logo mata-los e come-los: que tão variavel » é este gentio, e amigo de novidades; e assim vieram logo os » principaes a offerecer-se a Pedro Lopes de Souza para isso, e » para tudo o mais, que lhes mandasse, o qual os recebeu be» nignamente, e lhes disse que não fizessem mal aos francezes, » porque todos eram irmaõs, — nem elle lho devia de fazer, se » lhe não resistissem, antes muitos beneficios e favores.

» Sabido isto pelos francezes, que logo lho foram dizer, lhe » mandou o seu capitão offerecer que fosse tomar entrega da for» taleza, e delles, que todos queriam ser seus prisioneiros e ca» tivos e só pediam a mercê das vidas. E assim se fez não espe» rando o capitão da fortaleza que Pedro Lopes de Souza che» gasse a ella; mas ao caminho lhe trouxe as chaves, e lhas en» tregou com todos os seus soldados desarmados e Pedro Lopes » lhe mandou entregar a sua roupa. E despejada a fortaleza da » artilheria e do mais que tinha, a mandou arrasar fazendo ou» tra muito forte na povoação e outra nos Marcos por resguardo » da feitoria d'ElRei ,, &c.

Cada qual dará a esta narração o grão de credito, de que a julgar merecedora. E feita esta interrupção continuemos a publicar o resto do escripto de Pero Lopes, que se encontra na Bibliotheca Real.

No MS. vem adiante a fol. 36, que prosegue do modo seguinte.

Segunda feira quatro dias do mes de novembro da era de 1532 parti do porto de Pernambuco com o vento

* Seriam as duas que tinham ido ao Maranhão ?

da terra. Sendo ao mar hũa leguoa se fez o vento nordeste e fiz me na volta do sueste ate a terça feira no quarto da prima que se fez o vento leste e virei no bordo do norte, ate quinta feira ao meo dia que tomei o sol em .b. graos e .l bj. meudos.

Sesta feira biij de nouembro fazia o caminho do norte e a quarta do nordeste. Ao meo dia tomei o sol em 5 graos e tres quartos.

Sabando * nove dias do dito mez fazendo o dito caminho ao meo dia tomei o sol em .4. g. demoravame o cabo de santagustinho Ao sul e a quarta do sudueste fazia me delle oitenta leguoas. A ilha de Fernam de Loronha me demorava a leste e a quarta do nordeste: fazia me della 1. leguoas.

Domingo com o vento leste e o mar mui chão e os dias mui craros que nesta parajem se acham muj poucas vezes fazia o caminho do norte e ao meo dia tomei o sol em .2. g. e meo.

Segundafeira xj dias de novembro: no quarto dalua se me fez o vento lessueste: fazia o caminho do norte e a quarta do nordeste por dar abatimento as agulhas que me noresteavam hũa quarta. Ao meo dia tomei o sol em .1. g. e um quarto.

3.ª feira xij do dito mes fazia o dito caminho e ao meo dia tomei o sol em 16 meudos. Demoravame a ilha de fernam de loronha ao sul e a quarta do sudueste: fazia me della lxb. leguoas: o penedo de sam pedro me demoraua ao nordeste: fazia me delle liij leguoas.

Quarta feira xiij de novembro com o vento lessueste fazia o caminho do norte e a quarta do nordeste por dar a dita quarta dabatimento as agulhas: ao meo dia tomey o sol em .1. .g. da banda do norte.

Quinta feira xiiij do mes ao meo dia tomei o sol em 2. g. e um terço e a tarde se fez o vento sueste e fazia o caminho ao nordeste e a quarta do norte.

Sesta feira polla menhaã se fez o vento lessueste e tornei a fazer o caminho do norte e a quarta do nordeste e ao meo dia tomei o sol em 3. g. e xxxbiij meudos.

Sabado fazia o dito caminho. Ao meo dia tomei o sol em 4. g. e xbj. meudos.

Dominguo xbij de nouembro fazendo o dito cami-

* *Sic.*

nho tomei o sol em .5. g. e demorauame o penedo de sam pedro ao sueste: fazia me lxx e çinquo leguoas: demoravame o cabo verde ao nordeste: faziame delle ii. e quarenta leguoas. Esta noite no quarto da modorra me deu hũa muj grande travoada de lesnordeste com muito vento e aguoa que fiquou em calma ate quartafeira xx do mes que no quarto dalua me deu mujto vento nordeste e com mui grande mar que esta noite estive em condição de aRibar por mo requerer o piloto da outra nao dizendo que se ia ao fundo com hũa aguoa que se lhes abrira asi fomos com este temporal com os papafiguos mui baxos fazendo o caminho do noroeste ate sesta feira que ao por do sol abonançou mais o tempo.

Sabado ao meo dia tornou o vento nordeste a ventar com mujta força que o nam pude soportar as velas e as mandei tomar e estive este dia todo de mar em traves com muj grande mar e aguoajem que vinha de leste.

Dominguo

Deixa depois desta fol. 37 outras 6 adiante em branco, e segue a fol. 33 de que falamos, a pag. 113, e acaba.

88

Pag. 109, *lin.* 10.

Quarta feira xxij dias do mes de maio da era da mill e quinhentos e trinta e dous da era dadam de oito mil e quinhentos e xbj e zbı dias &c.»

Comecemos do fim deste periodo. Cumpre saber que como refere Moreri *(V. Chronol.)* os antigos, seguindo a opinião de alguns chronologistas, acreditavam ter sido creado o mundo em um certo dia, que correspondia ao 1.º de Maio no computo juliano; deste modo até 22 de Maio contam-se 21 dias. — Ora isto é quanto a nós o mesmo numero escripto zbı; por quanto no *Elucidario Tab. II. lin. ult.* vemos que z (ou signal que se lhe simelha,) valia 4; e sabemos que b = 5, e ı = 1, e tambem vimos pag. 65 e 66 que bcxxx designava 530 ou 5 . 100 + 30 e por analogia tiramos aqui zbı = 4 . 5 + 1 = 21.

Para explicar a coincidencia dos annos de 1532 da

nossa era com a de 8516 de Adão convem notar que o A. não se serve para este fim da vulgata; porêm do computo das *Taboas Affonsinas*, que põem a vinda de Christo no *A. M.* 6984, maximo limite nas opiniões dos 70.

A accumulação das datas empregada pelo A. não será de novidade aos que souberem quanto ella foi usada pelos escriptores e notarios da idade media, que por ventura pertendiam fazer ostentação do seu saber em chronologia, então parte essencial da instrucção — especialmente da ecclesiastica; e sobre isto innumeras obras de vasta e descommunal erudição foram escriptas, até á ultima edição da *Arte de verificar as datas*, e o leitor curioso as poderá consultar. Da accumulação das datas se acham muitos exemplos nas chronicas publicadas por Florez; e sem irmos tão longe citaremos as datas accumuladas por Gomes Eannes no fim da 3.ª Parte da Chron. de D. João 1.º— e ainda outros exemplos citariamos se o julgassemos necessario em objecto tão trivial.

NOTA FINAL.

Depois de voltado Pero Lopes elrei se deu por bem servido delle, e tendo-lhe já antes feito uma doação em 1532, a reformou e ampliou no 1.º de Septembro de 1534, e a traz D. Antonio Caetano de Souza, donde julgamos transcreve-la para acompanhar o Foral que publicamos, copiado do autografo da Torre do Tombo. Publicamos estes dois documentos, por quanto se podem considerar como *specimens* dos passados aos outros doze donatarios, de que fala Barros (Dec. 1.ª, Liv. 6.º C. 1.º), e nós tratamos miudamente nas *Reflexões Criticas* pag. 83 e seguintes. Esta doação e foral analysados servirão de primeira base á historia de todas as capitanias.

O Foral impresso pela primeira vez e copiado do original irá com a mesma orthografia: outro tanto não faremos á seguinte doação, por quanto além de não encontrarmos o seu original, já foi impressa com orthografia antiga (se bem que modificada da coetanea), e temos por de mais utilidade que melhor se possa ler, não havendo contras. Achámos conveniente porêm coteja-la com as outras arranjadas pela mesma redacção, que se acham na Torre do Tombo, e acertar por estas algumas palavras e expressões adulteradas, não só talvez pelo andar dos tempos, como pelos copistas inexpertos, de que seguramente se valeu o A. da H. Genealogica,— que raro será o documento que na sua preciosa obra se encontre impresso fielmente.

Documento VII.

D. João &c. A quantos esta minha Carta virem faço saber, que considerando eu em quanto serviço de deus e meu, proveito e bem de meus reinos e senhorios, dos naturaes e subditos delles é ser a minha costa e terra do Brasil mais povoada do que até agora foi; assim para se nella haver de celebrar o culto e officios divinos, e se exalçar a nossa santa fé catholica, com trazer e provocar a ella os naturaes da dita terra infieis e idolatras; como pelo muito proveito que se seguirá a meus reinos e senhorios, e aos naturaes e subditos delles de se a dita terra povoar e aproveitar: houve por bem de mandar repartir e ordenar em capitanias de certas em certas leguas, para dellas prover áquellas pessoas que bem me parecesse; e pelo qual havendo eu respeito á criação que fez Pero * Lopes de Souza, fidalgo de minha casa, e aos serviços que me tem feito, e ao diante espero que me faça, e por folgar de lhe fazer mercê, de meu proprio-motu, certa sciencia, poder real e absoluto, sem m'o elle pedir, nem outrem por elle: hei por bem e me praz de lhe fazer mercê, como de feito por esta presente carta faço mercê e irrevogavel doação, entre vivos valedora deste dia para todo sempre, de juro e herdade, para elle e todos seus filhos, netos, herdeiros e successores, que apoz delle vierem, assim descendentes como transversaes e collateraes, segundo adiante irá declarado, de 80 leguas de terra na dita costa do Brasil, repartidas nesta maneira: 40 leguas que começarão de 12 leguas ao sul da ilha da Cananéa, e acabarão na terra de Santa Anna, que está em altura de 28 gráos e um terço; e na dita altura se porá o padrão, e se lançará uma linha, que se corra a loeste: e 10 leguas que começarão do rio de Curparê, e acabarão no rio de S. Vicente; e no dito rio de Curparê da banda do norte se porá padrão, e se lançará uma linha pelo rumo de noroeste até altura de 23 gráos, e desta dita altura cortará a linha direitamente a loeste; e no rio de S. Vicente da banda do norte será outro padrão, e se lançará uma linha que corte direitamente a loeste; e as 30 leguas que fallecem, começarão no rio que cerca em redondo a ilha de Itamaracá, ao qual rio eu ora puz nome = Rio da Santa Cruz =, e acabarão na bahia da Traição, que está em altura de 6 gráos: e isto com tal declaração que a 50 passos da caza da feitoria, que de principio fez Christovão Jaques pelo rio dentro ao longo da praia, se porá um padrão de minhas armas; e do dito padrão se lançará uma linha, que cortará a loeste pela terra firme a dentro, e a dita terra da dita linha para o norte será do dito Pero Lopes; e do dito padrão pelo rio abaixo, para a barra e mar, ficará assim mesmo com

* Escrevemos Pero, porque assim se lê no foral, e se dizia naquelle tempo.

elle dito Pero Lopes ametade do braço do dito rio da Santa Cruz da banda do norte, e será sua a dita ilha de Itamaracá, e toda a mais parte do dito rio da Santa Cruz que vai ao norte; e bem assim serão suas quaesquer outras ilhas, que houver até 10 leguas ao mar na frontaria, e demarcação das ditas 80 leguas. As quaes 80 leguas se entenderão, e serão de largo ao longo da costa, e entrarão pelo sertão e terra firme a dentro tanto, quanto poderem entrar, e for de minha conquista; da qual terra e ilhas pelas sobreditas demarcaçoens lhe assim faço doação e mercê de juro e herdade para todo sempre, como dito é. E quero e me praz, que o dito Pero Lopes, e todos seus herdeiros e successores que a dita terra herdarem e succederem, se possam chamar e chamem capitães e governadores della.

Item outro sim lhe faço doação, e mercê de juro e herdade para todo sempre, para elle e seus descendentes e successores no modo sobredito da jurisdicção civel e crime da dita terra, da qual elle Pedro Lopes e seus herdeiros e sucessores usarão na forma e maneira seguinte:

A saber: poderá por si e por seu ouvidor estar á eleição dos juizes e officiaes, e alimpar e apurar as pautas, passar carta de confirmação aos ditos juizes e officiaes, os quaes se chamarão pelo dito capitão e governador, e elle porá ouvidor, que poderá conhecer de auçoens novas a 10 leguas donde estiver; e de appellações e aggravos conhecerá em toda a dita capitania, e governança; e os ditos juizes darão appellação para o dito seu ouvidor nas quantias que mandam minhas ordenações, e de que o dito seu ouvidor julgar, assim por aução nova, como por appellação e aggravo: sendo em causas civeis, não haverá appellação nem aggravo até a quantia de cem mil reis; e dahi para cima dará appellação á parte que quizer appellar. E nos casos crimes hei por bem, que o dito capitão e governador, e seu ouvidor tenham jurisdicção e alçada de morte natural inclusivè em escravos e gentios; e assim mesmo em piães christãos, homens livres, e em todo-los casos; assim para absolver, como para condemnar, sem haver appellação nem aggravo. E porêm nos quatro casos seguintes: heresia (quando o heretico lhe for entregue pelo ecclesiastico) e traição, e sodomia, e moeda falsa, terá alçada em toda a pessoa de qualquer qualidade que seja, para condemnar os culpados á morte, e dar suas sentenças á execução sem appellação nem aggravo: e porêm nos ditos quatro casos, para absolver de morte, posto que outra pena lhe queirão dar, menos de morte, darão appellação e aggravo, e appellação por parte da justiça. E nas pessoas de mór qualidade terão alçada de dez annos de degredo, e até cem cruzados de pena sem appellação nem aggravo. *

Item outro sim me praz que o dito seu ouvidor possa conhe-

* Nas doações que conferimos na Torre do Tombo está este periodo antes do antecedente, em que se exceptuam os quatro casos.

cer das appellaçoens e aggravos, que a elle houverem de ir em qualquer villa ou logar da dita capitania, em que estiver; posto que seja muito apartado deste logar donde estiver,— com tanto que seja na propria capitania.

E o dito capitão e governador poderá pôr meirinho d'ante o seu ouvidor, e escrivães, e outros quaesquer officiaes necessarios, e costumados nestes reinos, assim na correição da ouvidoria, como em todas as villas e logares da dita capitania e governança.

E serão o dito capitão e governador, e seus successores obrigados, quando a dita terra for povoada em tanto crescimento que seja necessario outro ouvidor, de o pôr onde por mim ou por meus successores for ordenado.

Item outro sim me praz que o dito capitão e governador, e todos seus successores possam por si fazer villas todas e quaesquer povoações, que se na dita terra fizerem, e lhes a elles parecer que o devem ser, as quaes se chamarão villas, e terão termo, jurisdicção, liberdades, e insignias de villas; segundo o foro e costume de meus reinos E isto porêm se entenderá, que poderão fazer todas as villas que quizerem, das povoações que estiverem ao longo da costa da dita terra, e dos rios que se navegarem; porque por dentro da terra firme pelo sertão não as poderão fazer por menos espaço de 6 leguas de uma a outra, para que possam ficar ao menos 3 leguas de terra de termo a cada uma das ditas villas E, ao tempo que assim fizerem as ditas villas a cada uma dellas, lhe limitarão e assignarão logo termo para ellas; e depois não poderão da terra, que assim tiverem dado por termo, fazer outra villa sem minha licença.

Outro sim me praz, que o dito capitão e governador, e todos seus successores, a que esta capitania vier, possam novamente crear e prover por suas cartas os tabelliães do publico e judicial, que lhe parecer necessarios, nas villas e povoações das ditas terras, assim agora, como pelo tempo em diante; e lhe darão suas cartas assignadas por elles, e selladas com o seu selo: e lhe tomarão juramento, que sirvam seus officios bem e verdadeiramente: e os ditos tabelliães servirão pelas ditas suas cartas, sem mais tirarem outra de minha chancellaria: e quando os ditos officios vagarem por morte, ou renunciação, ou por erros de = se assim é, = * poderão isso mesmo dar, e lhe darão os regimentos por onde hão de servir, conforme aos de minha chancellaria.

Hei por bem que os ditos tabelliães se chamem e possam chamar pelo dito capitão e governador, e lhe paguem suas penções, segundo a fórma do foral que ora para a dita terra mandei fazer, ¶ das quaes penções lhe assim mesmo faço doação e mercê de juro e herdade para sempre.

* Erro de = *se assim é* = expressão juridica usada antigamente; e não = desse, assim = como traz Souza.

¶ Veja-se *este foral*, que é o nosso Documento VIII, a pag. 126 e seg.

Item outro sim lhe faço doação e mercê de juro e herdade para sempre das alcaidarias mores de todas as ditas villas e povoações da dita terra, com todas as rendas, direitos, foros e tributos, que a ellas pertencerem, segundo é declarado no foral, as quaes o dito capitão e governador, e seus successores haverão e arrecadarão para si no modo e maneira no dito foral conteudo e segundo a forma delle, e as pessoas a que as ditas alcaidarias mores forem entregues da mão do dito capitão e governador, elle lhes tomará homenagem dellas, segundo a forma de minhas ordens.

Outro sim me praz, por fazer mercê ao dito Pero Lopes e a todos seus successores, a que esta capitania vier de juro e herdade para sempre, que elles tenham e hajam todas as moendas de agua, marinhas de sal, e quaesquer outros engenhos de qualquer qualidade que sejam, que na dita capitania e governança se poderem fazer.

E hei por bem que pessoa alguma não possa fazer as ditas moendas, marinhas, nem engenhos, senão o dito capitão e governador, ou aquelles a que elle para isso der licença, de que lhe pagarão aquelle foro ou tributo, que com elle se concertar.

Item outro sim lhe faço doação e mercê de 10 leguas de terra ao longo da costa da dita capitania, e entraram pelo sertão tanto quanto puderem entrar e forem de minha conquista, a qual terra será sua livre e izenta, sem della pagar direito, foro nem tributo algum, somente o dizimo de deus á ordem do Mestrado de N. Senhor Jesus Christo, e dentro de 20 annos do dia que o dito capitão e governador tomar posse da dita terra, poderá escolher e tomar as ditas 10 leguas de terra em qualquer parte que mais quizer; não as tomando porêm juntas, mas repartidas em quatro ou cinco partes, — não sendo de uma a outra menos de duas leguas; as quaes terras o dito capitão e governador, e seus successores poderão arrendar, e aforar emfatiota, ou em pessoas ou como quizer e lhes bem vier, e pelos foros e tributos, que quizerem. E as ditas terras não sendo aforadas, ou as rendas dellas, quando o forem, virão sempre a quem pertencer á dita capitania e governança pelo modo nesta doação conteudo, e das novidades que deus nas ditas terras der não serão o dito capitão e governador, nem as pessoas, que de sua mão as tiverem ou trouxerem, obrigados a me pagar foro nem direito algum; somente o dizimo de deus, á ordem, que geralmente se ha de pagar em todas as outras terras da dita capitania, como abaixo é declarado.

Item o dito capitão e governador, nem os que apoz elle vierem, não poderão tomar terra alguma de sesmaria á dita capitania para si, nem para sua mulher, nem para filho herdeiro della, antes darão e poderão dar e repartir as ditas terras de sesmaria a quaesquer pessoas de qualquer qualidade e condição que sejão, e lhe bem parecer livremente, sem foro, nem direito algum, sómente o dizimo de deus, que serão obrigados a

pagar á ordem de todo quanto nestas ditas terras houver, segundo é declarado no foral, e pela mesma maneira as poderão dar, e repartir por seus filhos fóra do morgado, e assim por seus parentes; e porém aos ditos seus filhos e parentes não poderão dar mais de terra, da que derem ou tiverem dado a qualquer outra pessoa estranha; e todas as ditas terras, que assim der de sesmaria a umas e a outras, serão conforme a ordenação da sesmaria, e com obrigação dellas, as quaes terras o dito capitão e governador, nem seus successores não poderão em tempo algum tomar para si, nem para suas mulheres, nem filhos, como dito é, nem pô-las em outrem; para depois virem a elles por modo algum que seja, sómente as poderão haver por titulo de compra verdadeira das pessoas que lhas quizerem vender, passados oito annos depois das taes terras serem aproveitadas, e em outra maneira não.

Item outro sim lhe faço doação e mercê de juro e herdade para sempre da meia dizima do pescado da dita capitania, que é de vinte peixes um, que tenho ordenado se pague além da dizima inteira que pertence á ordem, segundo no foral é declarado, a qual meia dizima se entenderá do pescado, que se matar em toda a dita capitania, fóra das 10 leguas do dito capitão e governador; por quanto as ditas 10 leguas he terra sua livre e izenta, segundo atraz é declarado.

Item outro sim lhe faço doação e mercê de juro e herdade para sempre da redizima de todas as rendas e direitos que á dita ordem, e a mim de direito na dita capitania pertencerem, convem a saber, que todos os rendimentos que á dita ordem, e a mim couber, assim dos dizimos, como de quaesquer outras rendas, ou direito de qualquer qualidade que seja, haja o dito capitão e governador, e seus successores uma dizima, que é de 10 partes uma.

Item outro sim me praz, que por respeito do cuidado que o dito capitão e governador, e seus successores hão de ter de guardar e conservar o brasil, que na dita terra houver, de lhe fazer doação e mercê de juro e herdade para sempre da vintena parte do que liquidamente render para mim fóra de todos os custos, e o brasil que se da dita capitania trouxer a estes reinos, e a conta do tal rendimento se fará na Casa da Mina da cidade de Lisboa, onde o dito brasil ha de vir, e na dita Casa, tanto que o dito brasil for vendido, e arrecadado o dinheiro delle, lhe será logo pago e entregue em dinheiro de contado pelo feitor e officiaes della aquillo, que por boa conta na dita vintena montar, e isto por quanto todo o brasil, que na dita terra houver ha de ser sempre meu e de meus successores, sem o dito capitão, nem outra alguma pessoa poder tratar nelle, nem vende-lo para fóra, sómente poderá o dito capitão, e assim os moradores da dita capitania aproveitar-se do dito brasil na terra, no que lhe ahi for necessario, segundo é declarado no foral, e tratando nelle, ou vendendo-o para fóra, incorrerão nas penas conteudas no dito foral.

Item outro sim me praz, por fazer mercê ao dito capitão

e a seus successores de juro e herdade para sempre, que todos os escravos que elles resgatarem, e houverem na dita Terra do brasil possam mandar a este reino 24 peças cada anno para fazer dellas o que lhe bem vier, os quaes escravos virão ao porto da cidade de Lisboa, e não a outro algum porto, e mandará com elles certidão dos officiaes da dita terra, de como são seus, pela qual certidão lhe serão despachados os ditos escravos forros, sem delles pagar direito algum, nem 5 por cento. E alêm das ditas 24 peças que assim cada anno poderá mandar forros, hei por bem que possa trazer por marinheiros e grumetes em seus navios todos os escravos, que quizer e lhe for necessarios.

Item outro sim me praz, por fazer mercê ao dito capitão e a seus successores, e assim aos visinhos e moradores da dita capitania, que nella não possa em tempo algum haver direitos de cizas, nem imposiçoens saboarias, tributos de sal, nem outros alguns direitos ou tributos de qualquer qualidade que sejam, salvo aquelles, que por bem desta doação e do foral ao presente, são ordenados que hajam.

Item esta capitania e governança, e rendas e bens della, hei por bem e me praz, que se herdem e succedam de juro e herdade para todo sempre pelo dito capitão e governador, e seus descendentes, filhos e filhas legitimos com tal declaração, que em quanto houver filho legitimo varão no mesmo grão, não succeda filha, posto que seja de maior idade que o filho, e não havendo macho, ou havendo-o, e não sendo em tão propinquo grão ao ultimo possuidor como a femea, que então succeda a femea; em quanto houver descendentes legitimos machos, ou femeas; que não succeda na dita capitania bastardo algum, e que não havendo descendentes machos nem femeas legitimos, então succederão os bastardos machos e femeas, não sendo porêm de damnado coito: e succederão pela mesma ordem os legitimos, primeiro os machos e depois as femeas em igual grão com tal condição, que se o possuidor da dita capitania a quizer antes deixar a um seu parente transversal que aos descendentes bastardos, quando não tiver legitimos, o possa fazer, e não havendo descendentes machos, nem femeas legitimos, nem bastardos da maneira que dito é, em tal caso succederão os ascendentes machos e femeas, primeiro os machos, e em defeito delles as femeas; e não havendo descendentes nem ascendentes, succederão os transversaes pelo modo sobredito, — sempre primeiro os machos que forem em igual grão, e depois as femeas, e no caso dos bastardos o possuidor poderá, se quizer deixar a dita capitania a um transversal legitimo, e tira-la aos bastardos, posto que sejam descendentes em mais propinquo grão, e isto hei assim por bem sem embargo da lei mental, que diz, que não succedam femeas, nem bastardos, nem transversaes, nem ascendentes, sem embargo de todo me praz, que nesta capitania succedam femeas, e bastardos, não sendo de coito damnado, e transversaes e ascendentes de modo que ja é declarado.

E outro sim quero e me praz, que em tempo algum se não possam a dita capitania e governança, e todas as cousas que por esta doação dou ao dito Pero Lopes, partir nem escambar, espedaçar nem em outro modo alhear, nem em casamento a filho ou filha, nem a outra pessoa dar, nem para tirar o pai ou filho, ou outra alguma pessoa de captivo, nem para outra cousa, ainda que seja mais piedosa; porque a minha tenção e vontade é, que a dita capitania e governança, e cousas ao dito capitão e governador nesta doação dadas, andem sempre juntas, e se não partam, nem alienem em tempo algum, e aquelle que a partir ou alienar, ou espedaçar ou der em casamento, ou para outra cousa, por onde haja de ser partida, ainda que seja mais piedosa, por esse mesmo feito perca a dita capitania e governança, e passe direitamente áquelle a que houvera de ir pela ordem sobredita, se o tal que isto assim não cumprir fosse morto.

Item outro sim me praz, que por caso algum de qualquer qualidade que seja, que o dito capitão e governador commetta; por que segundo o direito e leis destes reinos mereçam perder a dita capitania e governança, jurisdicção, rendas e bens della, a não percam seus successores, salvo se for traidor á coroa destos reinos, e em todos os outros casos que commetter será punido quanto o crime o obrigar; e porêm o seu successor não perderá por isso a dita capitania e governança, jurisdicção, rendas e bens della, como dito é.

Item me praz e hei por bem, que o dito Pero Lopes, e todos seus successores a que esta capitania e governança vier, usem inteiramente de toda a jurisdicção, poder, e alçada nesta doação conteudo, assim e da maneira que nella é declarado, e pela confiança que delles tenho, que guardarão nisto tudo o que cumprir ao serviço de Deos e meu, e bem do povo e direito das partes.

Hei outro sim por bem e me praz, que nas ditas terras da dita capitania não entrem, nem possam entrar em tempo algum corregedor, nem alçada, nem outras algumas justiças, para nellas usarem de jurisdicção alguma por nenhuma via, nem modo que seja, nem menos será o dito capitão suspenso da dita capitania e governança, e jurisdicção della; e porêm, quando o dito capitão cair em algum erro, ou fizer cousa por que mereça ser castigado, eu ou os meus successores o mandaremos vir a nós para ser ouvido com sua justiça, e lhe ser dada aquella pena e castigo que de direito por tal caso merecer.

Item quero e mando, que todos os herdeiros e successores do dito Pero Lopes que esta capitania herdarem, e succederem por qualquer via que seja, se chamem Souza, e tragam as armas dos Souzas, e se alguns delles isto assim não cumprirem, hei por bem que por este mesmo feito perca a dita capitania e successão della, e passe logo direitamente a quem de direito devia ir, se este tal que isto assim não cumprir fosse morto.

Item esta mercê lhe faço como rei, senhor destes reinos,

e assim como governador e perpetuo administrador que sou da ordem e cavallaria do Mestrado de N. Senhor Jesus Christo, e por esta presente carta dou poder e autoridade ao dito Pero Lopes, que elle por si e por quem lhe aprouver, possa tomar e tome posse real e corporal, e autual das terras da dita capitania e governança, e das rendas e bens della, e de todas as mais cousas conteudas nesta doação, e use de tudo inteiramente, como se nella contem: a qual doação hei por bem, quero e mando que se cumpra e guarde em todo e por todo, com todas as clausulas, condições e declarações nellas conteudas e declaradas sem mingoa, nem desfalecimento algum, e para tudo que dito é derrogo a lei mental e quaesquer outras leis, ordenações, direitos, glosas e costumes que em contrario desta haja, ou possa haver, por qualquer via e modo que seja, posto que sejam taes que fossem necessarias serem aqui expressas e declaradas de verbo ad verbum, sem embargo da ordenação do segundo livro tit. 49, que diz que quando as taes leis e direitos se derrogarem, se faça expressa menção dellas e da substancia dellas, e por esta prometto ao dito Pero Lopes e a todos os seus successores que nunca em tempo algum vá, nem consinta ir contra esta minha doação em parte, nem em todo; e rogo e encommendo a todos os meus successores que lha cumpram e mandem cumprir e guardar * esta minha carta de doação, e todas as cousas nella conteudas, sem nisso ser-lhe posto duvida, embargo, nem contradicção alguma; porque assim é minha mercê, e por firmeza de todo lhe mandei dar esta carta por mim assignada, e sellada com o meu sello de chumbo, a qual vai escrita em tres folhas afora esta em que está o meu signal, e são todas assignadas ao pé de cada lauda por D. Miguel da Silva, Bispo de Vizeu, do meu conselho, e meu escrivão da puridade. Manoel da Costa a fez em Evora ao primeiro dia do mez de Septembro, anno do nascimento de N. Senhor Jesus Christo de 1534. E posto que nesta diga que faço doação e mercê ao dito Pero Lopes de juro e herdade para sempre de 10 leguas de terra, que sejam suas livres e izentas, hei por bem que sejam 16 leguas de terra, das quaes lhe faço doação e mercê de juro e herdade para sempre no modo e maneira que se contêm no capitulo desta doação, que fala nas ditas 10 legoas; e assim me praz, que os escravos que elle e seus successores poderão mandar trazer forros de direitos sejam 39 peças em cada um anno para sempre, posto que nesta carta

* Parece-nos que neste logar houve um salto de copista. Nas differentes doações aos outros donatarios que são iguaes a esta, *mutatis mutandis*, e se acham na Torre do Tombo, como fazemos menção nas *Refl. Crit.* (pag. 85 e 86) segue-se:

« E assi mando a todos meus corregedores, desembargadores, ouvidores, juizes e justiças, officiaes e pessoas de meus reinos e senhorios, que cumpram e guardem, e façam cumprir e guardar » esta minha carta de doação e todas as cousas nella &c.

O erro procedeu da repetição de = « cumprir e guardar » =.

fossem 24 peças sómente, e mando que isto se entenda e cumpra assim inteiramente para sempre, sem lhe nisso ser posta duvida nem embargo algum; porque assim é minha mercê, e hei por bem que esta carta passe pela chancelaria, posto que seja passado o tempo em que houvera de passar, e pagará sómente chancelaria singela. Manoel da Costa a fez em Evora a 21 dias do mez de Janeiro de 1535.

Documento VIII.

Dom Joham &c. A quamtos esta minha carta Virem faço saber que fiz ora doaçam e merce a pero lopes de Souza fidalguo de minha caza pera elle e todos seus filhos e netos erdeiros e sobcesores de Juro e derdade pera sempre da capitania de oitenta legoas de terra na minha costa do Brazil segundo mays Inteiramente he comtheudo e declarado na carta de doação que da dita terraa lhe tenho passado e por ser muyto necesario aver hy forall dos direitos foros e trebutos e cousas que se na dita terraa am de pagar asy do que a mim e a coroa de meus Regnos pertence como do que pertence ao dito capitam por bem da dita sua doaçam eu avendo Respeito a calydade da dita terraa e a se ora novamente hyr morar e poovorar e aproveitar porque se ysto milhor e mays cedo faca sentindo o asy por serviço de deus e meu e bem do capitam e moradores da dita terraa por folgar delhes fazer merce ouve por bem de mandar ordenar e fazer o dito forall na forma e maneira seguinte.

Item primeiramente o capitam da dita capitania e seus sobcesores daram e Repartiram todas as terras della de sesmarya a quaes quer pessoas de qualquer calydade e comdição que seijam com tanto que seijam crystaos livremente sem foro nem direito algum somente o dizimo que serão obrygados a pagar a ordem do mestrado de nosso senhor Jezus christo de todo o que nas ditas terraas ouver as quaes sesmaryas darão da forma e maneira que se conthem em minhas ordenações, e não poderão tomar terraa alguma de sesmaria pera sy nem pera sua molher nem pera o filho erdeiro da dita capitanya e porem podellaam dar aos outros filhos se os tiver que não forem erdeyros da dita capitanya e asy aos seus paremtes como se em sua doação conthem e se algum dos filhos que não forem erdeiros da dita capitanya ou qualquer outra pessoa tyver algema sesmaria por qualquer maneira que ha tenha e vyer a erdar a dita capitanya sera obrigado do dia que nelle sobceder a hum anno primeiro seguinte de alugar e trespassar a tall sesmarya em outra pessoa e nam na trespassando no dito tempo perdera pera mim a dita sesmarya com mais outro tanto preço quanto ella valler e por esta mando ao meu feitor ou almoxarife que na dita capitania por mim estyver que em tall caso lance loguo maaõ pera dita ter-

raa pera mim e a faça asentar no livro dosmeus proprios e faça enxucução pela valya della enão o fazendo asy ey por bem que perca seu oficio e me pague de sua fazenda outro tanto quanto montar na valya da dita terraa.

Item avendo nas terraas da dita capitanya costa mares Rios e bayas della qualquer sorte de pedraria, perllas alyofre ouro prata corall cobre estanho chumbo ou outra qualquer sorte de metal pagarsea a mim ho quymto do qual quynto avera o capitão sua dizima como se conthem em sua doação e serlhe a entregue a parte que lhe na dita dizima montar ao tempo que se o dito quynto per meus officiaes pera mim arrecadar.

Item o pao do brazyll da dita capitania e asy qualquer especyarya ou drogarya de qualquer calydade que seija que nella ouver pertencera a mim e sera tudo sempre meu e de meus sobcesores sem o dito capitão nem outra algoma pessoa poder tratar nas ditas cousas nem em alguma dellas lla na terra nem nas poderam vender nem tirar pera meus Regnos e Senhoryos nem pera fora delles so pena de quem o contrario fizer perder por isso toda sua fazenda pera a coroa do Reyno, e ser degradado pera a Ilha de Sam tome pera sempre e porem quanto ao brazill ey por bem que o dito capitam e asy os moradores da dita capitanya se posam aproveitar delle no que lhes ay na terraa for necessario não sendo em o queymar por que queymando incorrerão nas sobre ditas penas.

Item todo o pesquado que se na dita capytania pescar nam sendo a cana se pagara a dizima a ordem que he de dez peyxes hum e alem da dita dizima ey por bem que se pague mais mea dizima que he de vinte peixes hum a qual mea dizima o dito capitão da dita capitanya avera e arrecadará pera si por quanto lhe tenho della feito merce.

Item querendo o dito capitão moradores e povoadores da dita capitanya trazer ou mandar trazer per si ou per outrem a meus regnos ou senhoryos quaes quer sortes de mercadoria que na dita terraa e partes della ouver tyrando escravos e as outras couzas que atras sam defesas podeloam fazer e seram recolhidos e agasalhados em quaes quer portos cydades Villas ou lugares dos ditos meus Regnos e senhorios em que vierem aportar e não serão constrangidos a descarregar suas mercadorias nem as vender em algum dos ditos portos cydades e Villas contra suas vontades se pera outras partes antes quyzerem hyr fazer seus preceitos e quando os vender nos ditos lugares de meus Regnos ou Senhoryos não pagarão dellas direitos alguns somente a sysa do que venderem posto que pollos foraes Regimento ou custume dos taes logares fossem obrygados a pagar outros direitos ou trebutos e poderam os sobreditos vender suas mercadorias a quem quyserem e levalas pera fora do Reyno se lhes bem vier sem enbargo dos ditos foraes Regimentos ou costumes que em contrario aija.

Item todolos navios de meus Regnos e Senhoryos que a dita terraa forem com mercadoryas de que ja qua tenham pagos

os direitos em mynhas allfandegas e mostrarem dyso certydam de meus oficiaes dellas não pagaram na dita terraa do Brazill direito algum e se la carregarem mercadorias da terraa pera fora do Reyno pagaram da sayda dizima a mim da qual dizima o capitão avera sua Redizima como se conthem em sua doação e porem trazendo as taes mercadorias pera meus Regnos e senhorios nam pagaram da saida couza alguma e estes que trouxerem as ditas mercadorias pera meus Regnos ou senhorios serão obrigados de dentro de hum anno levar ou enviar a dita capitania certidão dos oficiaes de minhas allfandegas do lugar onde descarregaram de como asy descarregaram em meus Regnos e as calydades das mercadoryas que descarregaram e quantas eram e não mostrando a dita certidam dentro no dito tempo pagarão a dizima das ditas mercadoryas ou daquella parte dellas que nos ditos meus Regnos ou Senhorios não descarregaram asy e da maneyra que ande pagar a dita dizima na dita capitania se carregarem pera fora do Reyno e se for pessoa que não aja de tornar a dita capitania dara lla fianca ao que montar na dita dizima para dentro no dito tempo de hum anno mandar certidão de como veo descarregar em meus Regnos ou Senhorios e nam mostrando a dita certidão no dito tempo se arrecadará e avera pera mim a dita dizima pela dita fiança.

Item quaes quer pessoas estrangeyras que não forem naturaes de meus Regnos ou Senhorios que a dita terraa levarem ou mandarem levar quaesquer mercadorias postoque as levem de meus Regnos ou senhorios e que qaa tenham pago dizima pagaram la da entrada dizima a mim das mercadorias que assim levarem carregando na dita capitania mercadorias da terraa pera fora pagaram asy mesmo dizima da sayda das taes mercadoryas das quaes dizimas o capitam avera sua Redizima segundo se comthem em sua doaçam e serlhea a dita Redizima entregue por meus officiaes ao tempo que se as ditas dizimas pera mim arrecadarem.

Item de mantymentos armas artelharyas polvera salytre enxofre chumbo e quaes quer outras couzas de munyçam de guerra que a dita capitanya levarem ou mandarem levar o capitam e moradores della ou quaes quer outras pessoas asy naturaes como estramgeyras ey por bem que se nam paguem dyreitos alguns e que os sobre ditos posam lyvremente vender todas as ditas couzas e cada huma dellas na dita capitanya ao capitam e moradores e povoadores della que forem crystãos e meus suditus.

Item todas as pessoas asy de meus Regnos e senhoryos como de fora delles que a dita capitanya forem não poderam tratar nem comprar nem vender cousa alguma com gentyos da terraa e trataram somente com o capitão e povoadores della comprando e vendendo Resgatando com elles todo o que poderem aver e quem o contrario fizer ey por bem que perca em dobro todas as mercadorias cousas que com os dytos jentyos contrata-

em de que sera a terça parte pera a minha camara e a outra
terça parte pera quem os acusar e a outra terça parte pera o
esprital que na dita terra ouver e nam no avendo hy sera pera
a fabryca da Igreja della.

Item quaes quer pessoas que na dita capitanya carregarem
seus navios serão obrigados antes que comecem a carregar e an-
tes que sayam fora da dita capitanya de o fazer saber ao capi-
tam della pera prover e ver que se nam tirem mercadoryas de-
fesas nem partyram asy mesmo da dita capitania sem licença
do dito Capitam e não no fazendo asy ou partyndo sem a dita
licença perderseam em dobro pera mim todas as mercadoryas que
carregarem postoque nam sejam defesas e esto porem se enten-
dera em quanto na dita capitanya nam ouver feytor ou oficiall
meu deputado pera yso por que avendo y a elle se fara saber o
que dito he e a elle pertencera fazer a dita deligencia e dar as
ditas licenças.

Item o capitam da dita capitanya e os moradores e povoa-
dores della poderam lyvremente tratar comprar vender suas mer-
cadoryas com os capitães das outras capitanyas que tenho provi-
dos na dita costa do brazill e com os moradores e povoadores del-
las a saber de humas Capitanyas pera outra das quaes mercado-
ryas e compras e vendas dellas nam pagaram huns nem outros
direitos alguns.

Item todo vezinho e morador que viver na dita capitanya
e for feitor ou tiver companhya com alguma pessoa que viver
fora de meus Reynos ou senhorios não poderam tratar com os
brazys da terraa posto que seyam crystãos e tratando com elles
ey por bem que perca toda a fazenda com que tractar da qual
sera hum terço pera quem o accusar e os dous terços pera as obras
dos muros da dita capitanya.

Item os alcaydes mores da dita capitanya e das Villas e po-
voações della averam e arrecadaram pera sy todos os foros direi-
tos e trebutos que em meus Regnos e senhorios por bem de mi-
nhas ordenações pertencerem e sam consedidos aos alcaydes mo-
radores.

Item nos Ryos da dita capitanya em que ouver necessyda-
de de por barquas pera a pasaijem delles o capitam as pora e
levara dellas aquelle Direito ou trebuto que la em camara for
taxado que leve sendo confirmado per mim.

Item cada hum dos Tabelliães do publico e Judicial que
nas villas e povoações da dita capitanya ouver sera obrygado de
pagar o dito capitaõ quynhentos reis de pensam em cada hum
anno.

Item os moradores e povoadores e povo da dita capitanya
seraõ obrigados em tempo de guerra de servir nella com o capi-
tam se lhe necesario for notefico asy ao capitam da dita capi-
tanya que ora he e ao diante for e ao meu feitor almoxarife e
oficiaes della e aos Juyzes e Justiças da dita capitanya e a to-
das as outras Justiças e oficiaes de meus Reynos e senhorios asy

da Justiça com a da fazenda e mando a todos em Jerall e a cada hum em espicial que cumpraõ e guardem e façam Inteiramente cumprir e guardar esta mynha carta de forall asy e da maneira que se nella contbem sem lhe nyso ser posto duvyda nem embargo algum por que asy he mynha merce e por firmeza dello mamdey pasar esta carta permim asynada e asellada do meu sello pendente a qual mando que se Registe no lyvro dos Registos da minha allfandega de lisboa e asy nos lyvros da mynha feytorya da dita capitanya e pela mesma maneira se Registara nos livros das camaras das villas e povoações da dita capitanya pera que a todos seja notoryo o contheudo neste forall e se cumpra Inteyramente dada em a cydade devora aos 6 dias do mes doutubro diogo lopes a fez anno do nacymento de nosso Senhor Jesus christo de mill quinhentos trinta e quatro annos. *(R. Arch. Liv. 10 da Chanc. de D. João 3.º fol. 18).*

Não deixaremos de imprimir por pequena a seguinte declaração, pela qual se faz valioso para Martim Affonso o mesmo foral, que deixamos transcripto de Pero Lopes.

Documento IX.

Dom Joham &.ª A quamtos esta minha carta virem faço saber que eu fiz ora doaçam e merce a martim affonso de sousa do meu conselho pera elle e todos seus filhos netos erdeiros sobcesores de Juro e derdade pera sempre da capytanya de cem legoas de terra na mynha costa do brazill segundo mays Inteiramente he contheudo e declarado na carta de doaçam: que da dita terra lhe tenho passado por ser muyto necesario aver hy forall dos direitos foros e trebutos e couzas que se na dita terraa ha de pagar asy do que a mim e a coroa de meus Reynos pertence como do que pertence ao dito capitão por bem da dita sua doaçam eu avendo respeito a calydade da dita terraa e a se ora novamente hyr morar povoar e aproveytar e por que se ysto mylhor e mais cedo faça sentyndo asy por serviço de deus e meu e bem do dito capitaõ e moradores da dita terraa e por folgar de lhes fazer merce ouve por bem de mandar ordenar e fazer o dito forall na forma e maneira seguynte &.ª em forma por ser como o forall atraz escryto de pero lopes de sousa nem mays nem menos e por yso se nam tresladou mays della feito na dita cydade no dito dia mez e era sobre dita e feita pelo dito diogo lopes. *(R. Arch. Liv. 10 da Chanc. de D. João 3.º fol. 19 ỹ).*

FIM.

Assignantes.

Os Senhores

Abel Maria Jordão Paiva Manso. *
Alexandre Herculano de Carvalho.
Anacleto José de Oliveira, *Porto.*
Anonymo, *Rio de Janeiro.*
Antonio Cabral de Sá Nogueira.
Antonio Coelho Bragante, *Villa Nova.*
Antonio José Maria Campêlo (o conselheiro).
Antonio Julio de Frias Pimentel.
Antonio Lopes da Costa e Almeida.
Antonio Maria Carneiro.
Antonio Maria de Souza Lobo, *Porto.*
Antonio Pedro de Azevedo, *Funchal.*
Antonio Pedro Fortunato.
Antonio de Souza Pinto de Magalhaens.
Antonio Thomaz d'Almeida da Silva.
Arthur Archer, *Porto.*
Augusto Betanico d'Almeida.
Augusto Cesar Pereira Soares, *Villa Nova.*
Augusto Zacharias Loforte.

Barão de Eschwege.
Barão de Villar, *Porto.*
Bartholomeu dos Martyres Dias e Souza.
Bernardino José de Senna Freitas.
Bispo Conde D. Francisco de S. Luiz.

C. Famin, consul de França.
Carl. Fr. Phil. de Martius (o Dr.), *Munich.*
Carlos Gulian, *Porto.*
Christovão José d'Oliveira, *Funchal.*
Club Lisbonense.
Conde das Antas, *Porto.*

(*) Os nomes que não levam as terras são de habitantes desta capital.

Conde de Linhares.
Conego Freire de Carvalho.
Cyrillo Manoel de Carvalho.

Daniel Sharpe, *Londres.*
Diogo José de Macedo, *Villa Nova.*
Diogo Kopke, *Porto.*
Domingos José da Costa.
Domingos Ribeiro dos Santos, *Villa Nova.*

E. Hanssen.
Eduardo Moser, *Porto.*
Emilio Achilles de Monteverde.

Felix Baptista Vieira, *S. Pedro de Muel.*
Felix F. de Torre, *Porto.*
F. C. de Mendonça e Mello.
Francisco Romano Gomes Meira.
Francisco de Paula Mello.
Francisco de Paula Vaz Velho, *Tavira.*
Francisco de Paula Vergolino, *Vieira.*
Francisco Perry, *Porto.*
Francisco de Salles Barbosa, *Porto.*
Francisco de Sá Nogueira Godolphin.
Francisco de Souza, *Villa Nova.*

G. A. Pereira de Souza.
G. H. Mellin, *Stockolm.*
Gonçalo Tello de Magalhães Collaço.
Guilherme Augusto Hintze, *Ilha de S. Miguel.*
Guilherme Callaud, *Porto.*
Guilherme Kopke, *Rio de Janeiro.*

Henrique Nunes Viseu.

Ignacio José de Sá.
Ildefonso Leopoldo Bayard.
Jacintho da Silva Mengo.
João Allen, *Porto.*
João d'Almeida Lima, *Ilha do Faial.*
João Baptista Massa.
João Carlos Feo Cardoso de Castello-Branco e Torres.
João Correa de Faria.

João José Affonso Redondo.
João Manoel Teixeira de Carvalho.
João Maria Fradesso da Silveira.
João Teixeira Mello, *Porto.*
Joaquim Augusto Kopke, *Porto.*
Joaquim Cesario da Silva.
Joaquim Ferreira Passos.
Joaquim Filippe de Soure.
Joaquim Francisco de Freitas.
Joaquim José da Costa de Macedo.
Joaquim Manoel de Moura Lampreia.
Jorge Cesar de Figanière.
José Alberto Carrião.
José Camarate.
José Cardoso Ribeiro, *Porto.*
José Cypriano dos Santos.
José de Chelmicki.
José Elias de Bettencourtt.
José Gomes Monteiro, *Porto.*
José Ignacio Pereira Derramado.
José Joaquim da Silva Amado.
D. José Maria Correa de Lacerda.
José Maria da Costa Silveira da Mota.
José Maria da Fonceca.
José Maria da Silva.
José Maria de Serpa Pinto.
José Maria de Souza e Brito.
José Maria Vieira, *Villa Nova.*
José de Mello e Souza.
José de Moraes Madureira Lobo.
José Perry, *Porto.*
J. Rocha Leão, *Villa Nova.*
José Silvestre Ribeiro.
José de Souza d'Oliveira Sobrinho, *Figueira.*
José Tavares de Macedo.
D. José de Urcullu, *Porto.*

Lourenço de Oliveira Grijó.
Luiz Albino Gonçalves, *Funchal.*
Luiz Augusto Martins.
Luiz Dally.
Luiz Duprat.
Luiz José Pedro Vergolino, *Monte Real.*
Luiz de Sá Osorio e Mello.

Manoel Affonso da Costa Barros, *Marinha Grande.*
M. A. Viana Pedra.

Manoel Fernandes Aveiro, *Villa Nova.*
Manoel Gaudencio de Azevedo.
Manoel Joaquim Leitão de Carvalho.
D. Manoel de Portugal e Castro.
Manoel de Vasconcellos Pereira.
M. V. Graça.
Marques de Mos, Conde S. Bernardo.
Miguel Joaquim Marques Torres.
Morgado da Alagoa.

Nicoláo Maria Nobre.

Paulo Rodrigues Barbosa, *Porto.*
Pedro Gonçalves Franco, *Ilha Terceira.*
Pedro José Alves Souto, *Villa Nova.*
Pedro Teixeira Mello, *Porto.*
Porfirio Rodrigues Vellon.

Rodolphe Gigax, *Suissa.*
Rodrigo da Fonceca Magalhães.

Silverio Henriques Bessa.
Souza.

Theofilo José Dias.
Thomaz Norton.

Visconde de Fonte Arcada.
Visconde de Sá da Bandeira.
Visconde de Semodães, *Porto.*
Visconde de Villa Nova de Gaia.

CORRIGENDA.

PAG.		
xu		risque a nota (*)
xbiij	lin.	9 — leia "e nos decidimos a da-la ao prelo sem mais detenção:
ib.	,,	16 — "de destribuir: e na antepen. "1597."
xx	,,	43 — seu . . . leia . . . su.
29	,,	17 — doscobcir . . . l. . . . descobrir.
58	,,	5 — veo e. . . l. . . . veo o.
63	,,	19 — descrepcionarios . . . l. . . . discricionarios.
63	,,	14 — myster propryo . . . l. . . . mysto Iuperyo.
67	,,	7 — passará cartas . . . l. . . . passará suas cartas.
71	,,	28 — leia "E pedindo-nos o dito fernam de loronha."
77	,,	15 — (pag. . . .) l. . . . (pag. 88 e 89).
82	,,	20 — capitaina . . . l. . . . capitania.
87	,,	6 — carregado do Brasil . . . l. . . . carregado de brasil.
88	,,	7 — lagar . . . l. . . . logar.
109	,,	15 — leia "oito mil e quinhentos e xbj *e* 3*bl dias.*"
111	,,	33 — ponsa do padrão . . . l. . . . a ponta do padrão.
112	,,	14 — risque "a corre."
121	,,	22 — entraram . . . l. . . . entrarão.

☞ Será conveniente aos leitores o fazer logo nos competentes logares as correcções apontadas.

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O SENHOR D. PEDRO II.

TOMO XXIV.

Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos,
Et possint serâ posteritate frui.

PRIMEIRO TRIMESTRE.

RIO DE JANEIRO.

TYP. DE D. LUIZ DOS SANTOS

Rua Nova d'Ouvidor n. 2●.

1861.

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO GEOGRAPHICO E ETNOGRAPHICO

DO

BRASIL.

1.° TRIMESTRE DE 1861.

Carta do Sr. F. A. de Varnhagen á redacção, acerca da reimpressão do Diario de Pero Lopes, e que lhe servirá de prologo.

Illm. Sr.—Accedendo, com a maior satisfação, aos desejos manifestados por V. S. de fazer incluir no corpo da *Revista* do nosso Instituto o texto do *Diario de Pero Lopes*, de que fui editor (quando nem se quer a existencia do escripto havia sido até então revelada por bibliographo ou litterato algum) tenho a honra de transmittir a V. S. as inclusas folhas, que contém o texto preparado da fórma com que entendo que hoje deve ser feita a reimpressão.

Se a pessoa que correu com a segunda edição, feita nesta cidade em 1847 (na typographia de Freitas Guimarães & C.ª rua do Sabão n. 135), por ordem e a expensas da Assembléa Provincial de S. Paulo, tivesse tido comigo igual deferencia, por certo essa edição houvera sahido muito melhorada, em vez de sahir como sahiu inferior á primeira. E confesso que achei muitissimo estranha essa falta de deferencia; não pela violação da propriedade de um pobre

editor, aliás ahi ao mesmo tempo autor das notas, preambulos, &c.; mas principalmente pela falta de attenção, em se me não dar do intento o minimo aviso, quando mui formalmente fôra isso por mim com antecipação supplicado por meio das seguintes linhas de uma *Advertencia preliminar*, repetidas taes quaes em 1847, sem se attender que esta repetição envolvia verdadeiro desprezo de um pedido feito tão lealmente.

Eis as taes linhas, que se encontram no ultimo § da dita *Advertencia preliminar*, pag. XXIV, da 1ª edição, e que se vê repetido na pagina de identico numero da edição de 1847.

« Um só pedido muito particular. E' possivel, — é até natural — que o presente inédito obtenha nova edição, quer por via de reimpressão, quer por traducção. Se tal acontecer, *encarecidamente rogamos ao futuro editor* ou traductor, que se sirva de nos communicar a sua resolução; pois teremos por ventura alguma rectificação, juizo ou observação a fazer, que se lhe não trouxer bem, certo nunca poderá fazer mal. » —

A cada leitor será licito qualificar o facto, segundo sua consciencia lhe dicte. Se ao menos as linhas transcriptas se houvessem eliminado, não se teria contribuido a revelar com tanta ingenuidade, tanto ás escâncaras, a falta que o publico deve ter deplorado tanto como nós.

Baste porém acerca deste incidente. Passemos a tratar de quanto mais importa á actual reimpressão.

Sou de voto que longe de repetirmos hoje o que se fez na 1ª edição (reproduzida servilmente pela 2ª) nos cumpre: — 1º Cingir-nos mais no texto ao do codice original da Bibliotheca de S. M. F. em Lisboa: — 2º Eliminar não só muitas notas e confrontações preteridas por estudos posteriores, como as biographias dos dois exploradores irmãos

já transcriptas (1) na *Revista*, &c.; supprindo tudo por documentos e observações de mais importancia.

Não repetiremos tão pouco a descripção do codice original supramencionado, que acompanha as primeiras edições, contendo até em gravura de madeira a marca d'agua do papel, que mostra como a figura de uma especie de jarra, ou antes de galheta, com uma cruz em cima, e um ornato em fórma de M ✝ B no bôjo.

Quando se tratava da primeira edição, feita por um obscuro estudante tido por leigo em taes materias, essencia era entrar nessas particularidades, para satisfazer aos criticos escrupulosos.—Hoje porém que o nosso inédito si acha universalmente acceito e conhecido no mundo litterario, que já o contemplaram além de outros, Rich na sua Bibliotheca Americana, e até o proprio Brunet, na ultima edição (*V. Souza*), só nos cumpre acrescentar que temos por averiguado que o codice supramencionado era o proprio original que Pero Lopes levava a bordo, e que a escripta delle estava commettida ao seu inseparavel companheiro de viagem Pero de Goes, ao depois donatario de Campos, e mais tarde capitão-mór da costa com Thomé de Souza, e cuja lettra reconhecemos distinctamente, no mesmo original; sendo que de Pero Lopes nunca vimos a lettra, e propendemos a crêr que mal sabia escrever, ou que não gostava de o fazer, por executa-lo provavelmente ainda peor do que seu irmão Martim Affonso, que, em verdade, como tantos fidalgos daquelle tempo, pouco tinha aproveitado do mestre d'escripta, segundo até se vê do pro-

(1) Ha que rectificar a data da morte de M. Affonso, que parece ter sido em 1571, e seguramente depois de 20 de abril de 1566.

prio fac-simile de sua assignatura, que acompanhou o 1º volume (1ª Ed.) da *Historia Geral do Brasil.*

Tambem nos compre acrescentar que ao familiarisarmo-nos com a lettra do dito Martim Affonso (depois de haver publicado o roteiro de Pero Lopes) viemos a reconhecer que de seu punho eram as emendas e reformas, com que, por ventura com o fito de dar ao prélo o dito roteiro, pretendeu, nem sempre com bom exito, melhorar a redacção de Pero de Goes, que, segundo hoje crêmos, não ficou em S. Vicente deixado por M. Affonso, mas pelo contrario havia partido antes delle com P. Lopes.

Na 1ª edição, e tambem no seu triste espelho a 2ª, estas emendas e reformas se acham indicadas pelo meio de pôr em grifo as palavras riscadas, dando-se as substitutivas nas notas 4, 6 e 10.— Hojo porém que, com todo o esmero paleographico, reconhecemos a origem e o nenhum fundamento de taes emendas, crêmos ser mais escrupulosos com o proprio texto original não attendendo a essas deturpações, evidentemente posthumas. A uma só poderiamos attender, se o nome de *Diario de Pero Lopes* não estivesse já tão consagrado, durante vinte annos, pelo uso: e é a do titulo. Martim Affonso deu por seu proprio punho ao codice, que nenhum titulo tinha, o seguinte:

Naveguaçam que fez Pero Lopes de Souza no descobrimento da costa do Brasil militando na capitania de Martim A.º de Souza seu irmão : na era da encarnaçam de 1530.

Dos documentos publicados nas duas edições anteriores supprimi a carta de D. João III a Martim Affonso, já mui reproduzida em outros livros, e as cartas de doação e de foral. Em seu logar creio que V. S. talvez preferirá enriquecer as paginas da *Revista* com a doação a Ruy Pinto, e com a reclamação de St. Blancard contra Pero Lopes.

Pelo que respeita ás notas, repito que muitas assentei melhor de excluir, e que em algumas modifiquei as minhas primeiras idéas na apreciação, principalmente no que diz respeito á parte da viagem pelas aguas do Rio da Prata.

Depois que tambem naveguei por este ultimo rio, e que, como Pero Lopes, passei á vista das ilhas de *S. Gabriel*, de *Martim Garcia*, e *Dos Hermanas*, e que a final vi as bocas do Paraná, penetrando pela do Guazú, é que me convenci que Pero Lopes, deixando esta á esquerda, subiu pelo Uruguay e penetrou pelo Rio Negro acima, talvez até as visinhanças do actual termo de Mercedes. Só me ficou o sentimento de não ter podido ainda (como fiz até a foz do Guazú) acompanha-lo pelo Uruguay acima com o seu roteiro na mão, a ver se ia dar com o tal *esteiro dos Carandins* (*Querandins*).

E' tarefa que fica pois reservada a quem tenha para isso outras proporções. Tambem hoje acredito que a ilha das Pedras a O. de Montevidéo, em que veio a naufragar o bergantim de Pero Lopes, é a que actualmente se chama de *las Gaviotas*.

Eis quanto julgo essencial prevenir ao publico, por occasião da actual reimpressão do roteiro do joven donatario de Santo Amaro e do territorio da actual Parahyba do Norte. Não devo porém dissimular que este escripto, aliás importantissimo para a historia dos descobrimentos maritimos em geral, e mesmo para a historia patria a alguns respeitos, perdeu em relação a esta ultima, pelo apparecimento de outros documentos, uma parte da maxima valia que tinha no momento em que viu pela primeira vez a luz.

O seu simples apparecimento rasgou então de um jacto paginas e paginas de interminaveis conjecturas de Fr. Gaspar e de Jaboatão (cujos escriptos, no estado actual da

critica historica mais podem induzir o principiante em erros do que servir a guia-lo) e tirou toda a duvida acerca da existencia do Caramurú, o que depois se elucidou melhor por novas provas.—Até esse apparecimento, nenhum outro documento tinha lançado mais luz sobre varias questões intrincadas da primeira época da nossa Historia, porquanto serviu de esclarecer um periodo de mais de vinte annos della, quando a carta de Pero Vaz de Caminha era apenas revelação do que se passára durante dias!

Creio não dever ser mais extenso nesta carta, a que espero V. S. se dignará dar as honras de prologo ou prefacio à nova reimpressão. Concluo pois agradecendo a V. S. a sua attenção comigo, ao deliberar fazer essa reimpressão do meu Pero Lopes. Só quem haja sido biographo dedicado ao seu heroe, ou editor de escripto inédito a que tenha associado o seu nome perante a posteridade, póde apreciar os laços de uma especie de consanguinidade e parentesco que o escriptor contrahe com aquelles cuja gloria lhes coube principalmente zelar. E só quem esteja nesse caso poderá bem aquilatar o gráu de reconhecimento em que eu fico a V. S. por me proporcionar, do modo que proporcionou, o fazer esta reimpressão mais aprimorada deste escripto.

Por esta occasião tenho a honra de renovar, &c.

DIARIO DA NAVEGAÇÃO

DE

PERO LOPES DE SOUSA.

(de 1530 a 1532.)

Na era de 1530, sabado 3 dias do mes de dezembro, parti desta cidade de L i x b o a, debaixo da capitania de Martim Affonso de Sousa, meu irmão, que ia por capitam de uma armada e governador (1) da t e r r a d o B r a s i l: com vento leste saí fóra da barra, fazendo caminho do sudoeste.

Domingo 4 do dito mes no quarto d'alva se nos fez o vento norte, e com elle fizemos o mesmo caminho do sudoeste.

Segunda-feira 5 do dito mes ao meo dia tomei o sol em trinta e seis graos e dous terços: demorava-me o c a b o de S a m V i c e n t e a leste e a quarta do nordeste.

Terça-feira 6 de dezembro ao meo dia tomei o sol em trinta e cinco graos e hum quarto: com vento norte mui forçoso fazia o caminho do sudoeste e a quarta do sul. Na nao *Capitaina* sentiamos muito trabalho porque nam governava; e não levamos mais vela que o traquete e mezena.

Quarta-feira 7 do dito mes ao meo dia tomei o sol em trinta e quatro graos: fazia o caminho do sudoeste.

Quinta-feira 8 do dito mes se passou o vento ao nornordeste e ventou com muita força, e trazia grande mar por ló: a nao ia tam má de governo; corriamos muito risco de

(1) Veja adiante as cartas de nomeação e poderes.

nos quebrar os mastros. Este dia nam tomei o sol: fazia-me em trinta e hum graos e hum terço. Demorava-me o c a b o d e S a m V i c e n t e ao nornordeste; e a i l h a d a M a-d e i r a me demorava ao noroeste e a quarta d'aloeste: fazia-me della vinte e cinco leguas.

Sesta-feira 9 dias de dezembro ás tres horas despois de meo dia houve vista da terra; e chegando-nos mais a ella, reconhecemos ser a i l h a d e T e n a r i f e. Como foi noite tiramos as monetas; e pairamos a noite toda até o quarto d'alva, que nos fizemos á vela.

Sabado 10 dias do dito mes ás quatro horas despois do meo dia surgimos no porto da i l h a d a G o m e i r a. Em terra tomei o sol em vinte e oito graos e hum quarto: ali corregemos o leme.

Terça-feira 13 de dezembro no quarto d'alva nos fizemos á vela com vento nordeste: faziamos o caminho do sul e a quarta do sudoeste.

Quarta-feira 14 do dito mes ao meo dia tomei o sol em vinte e seis graos e hum quarto: demorava-me o c a b o d o B o j a d o r a leste e a quarta do nordeste: faziamos o caminho do sul e a quarta do sudoeste.

Quinta-feira 15 de dezembro ao meo dia tomei o sol em vinte e quatro graos e meo: o vento saltou a lesnordeste brando.

Sesta-feira 16 do dito mes no quarto d'alva se passou o vento ao sudoeste; e com elle barlaventeamos até á noite, que ficou o vento em calma.

Sabado 17 do dito mes andamos o dia todo em calma.

Domingo 18 do dito mes, dia de Nossa Senhora ante Natal, andamos em calma sem ventar bafo de vento; senão grande vaga de mar, que vinha do sudoeste; e os ceos corriam muito tesos do mesmo rumo.

Segunda-feira 19 do dito mes ao meo dia tomei o sol em vinte e hum graos e tres quartos: demorava-me o cabo das Barbas a leste, e por fazer grande abatimento com o mar mui grosso, que me rolava para a terra, me fazia do dito cabo vinte leguas. Lancei o prumo ao mar e tomei fundo com cincoenta e cinco braças. De noite me ventou hum pouco de vento norte.

Terça-feira 20 dias de dezembro ao meo dia tomei o sol em vinte e hum graos e um quarto; e o vento começou a refrescar do norte, e com elle faziamos o caminho ao sudoeste e a quarta do sul. Demorava-me o cabo Branco a lessueste: fazia-me delle vinte e cinco leguas. Huma hora de sol houvemos vista de duas velas e as fomos demandar: e era hũa caravela e hum navio que vinham de pescaria, e por elles escrevemos a Portugal.

Quarta-feira 21 do dito mes ao meo dia tomei o sol em vinte graos e hum terço: com vento nordeste de todalas velas faziamos o caminho ao sudoeste e a quarta do sul; demorava-me o cabo Branco a leste e a quarta do nordeste.

Quinta-feira 22 do dito mes ao meo dia tomei o sol em desoito graos e tres quartos: demorava-me o cabo Branco ao nordeste e a quarta de leste: fazia-me delle cincoenta e cinco leguas.

Sesta-feira 23 do dito mes tomei o sol em desesete graos e dous terços; e desde o meo dia fizemos o caminho ao sudoeste e quarta de loeste. Como foi noite governamos ao essudoeste.

Sabado 24 do dito mez tomei o sol em quinze graos; e fazia o mesmo caminho d' oessudoeste. E em se pondo o sol vimos terra ao sudoeste e a quarta d'oeste: seriamos della oito leguas. Como foi noite pairamos até o quanto

d'alva, que nos fizemos á vela. E como foi de dia reconhecemos ser a i l h a d o S a l.

Domingo 25 de dezembro, dia de Natal, pela manhãa fizemos o caminho do sul até á noite, que fomos com a i l h a de B o a V i s t a: por resguardo do baixo, que nos demorava a lessueste, fizemos o caminho do sul. E como foi noite mandou o capitão I. (*) a Baltazar Gonçalves, capitão da caravela Princeza que fosse diante, e levasse o farol; e assim fomos até pela manhãa.

Segunda-feira 26 do dito mez estavamos pegados com a i l h a d e M a i o: a caravela Princeza não apparecia, nem da gavia. Indo demandar o porto da i l h a d e S a n t i a g o, veio hũa cerração que na nao nam nos viamos uns aos outros. Por nam poder fazer caminho pairamos a noite toda.

Terça-feira 27 do dito mes pela manhãa estavamos hum tiro de abombarda de terra da i l h a d e S a n t i a g o, da banda do norte; e o vento começou a ventar norte mui rijo, e alimpou a nevoa. Indo para tomar o porto da R i b e i r a G r a n d e saltou o vento de supito ao sueste, que nos era mui contrario; e assim barlaventeamos o dia todo sem poder cobrar nada. A noite passada da cerração se apartou de nós a nao S. Miguel, de que era capitam Heitor de Sousa.

Quarta-feira 28 do mes de dezembro pela manhãa nos acalmou o vento hum tiro de falcam da terra; e o mar andava tam grosso, que se nos nam ventara hum pouco de vento norte foramos de todo perdidos; porque o mar nos rolava para terra, e nam podiamos surgir; porque o fundo era de pedra: este dia ao meo dia fomos a surgir na P r a i a. Aqui achamos hũa nao de duzentos toneis, e hũa chalupa

(*) O A. escreve muitas vezes *capitam I.* quando se refere a seu irmão o capitão-mór Martim Affonso.

de Castelhanos; e em chegando nos disseram como iam ao R i o d e M a r a n h ã o: e o capitam I. lhe mandou requerer que elles nam fossem ao dito rio; porquanto era de el-rei nosso senhor e dentro da sua demarcação.

Quinta-feira 29 do dito mes pela manhãa demos á vela, e fomos surgir a R i b e i r a G r a n d e onde achamos a caravela Princeza: aqui neste porto tomei o sol em quinze gráos e hum sesmo. Aqui veo dar o navio S. Miguel comnosco. Nesta ilha estivemos tomando cousas necessarias para a viagem até terça-feira **3** dias de janeiro de **1531**. Fizemo-nos á vela em se cerrando a noite com muito vento nordeste: o galeam S. Vicente perdeu duas ancoras em se fazendo á vela: e a caravela Princeza hũa; porque o surgidouro deste porto é todo sujo. Como saío a lua se fez o vento lesnordeste, e ventou com tanta força que nem podiamos com a vela. Indo assi correndo com gram mar deu a nao hũa guinada, e em preparando de ló nos arrebentou o mastro do traquete pelos tamboretes, de que sentimos muita fortuna; e amainamos a vela; e fomos correndo ao som do mar até que foi de dia.

Quarta-feira 4 de janeiro ao meo dia fez-se o tempo em mais bonança, e abaxamos o masto hum covado, puzemoslhes hũas emmes (*) e com arrataduras o corregemos o melhor que pudemos.

Quinta-feira 5 do dito mes o vento era muito mais forte do que o dia dantes: faziamos o caminho do sul e da quarta do sueste.

Sesta-feira 6 do dito mes o vento e o mar eram mais bonança; e gastamos o dia todo em corregêr o masto.

Sabado 7 do dito mes ao meo dia tomei o sol em oito graos e meo: demorava-me o c a b o V e r d e ao nordeste,

(*) **Emmendas ?**

e tomava da quarta do norte: demorava-me o cabo Roxo a lesnordeste: fazia-me delle cento e quinze leguas: faziamos o caminho do sulsueste.

Domingo 8 do dito mes o vento norte bonança fazia-me o mesmo caminho do sulsueste.

Segunda-feira 9 do dito mes ao meo dia tomei o sol em cinco graos e meo: demorava-me o cabo Roxo ao nordeste: fazia-me delle cento e cincoenta leguas: demorava-me a Serra Leoa a leste e a quarta do nordeste: fazia-me della cento e setenta e seis leguas. Faziamos o caminho ao sulsueste. Neste dia nos morreu um homem, que traziamos da ilha de Santiago.

Terça-feira 10 do dito mes pela manhãa nos deu hũa trovoada com muito vento e agua, que nos fez amainar as velas. O dia todo estivemos sem vento até o quarto da modorra, que se fez o vento nordeste; e com elle nos fizemos á vela.

Quarta-feira 11 do dito mez nos deram muitas trovoadas; e de noite no quarto da prima nos deu hũa trovoada do sueste, e outra do nordeste, com muito vento e agua e relampados.

Quinta-feira 12 do mes de janeiro se fez o vento leste, e com elle fizemos o caminho do sul.

Sesta-feira 13 do dito mes todo dia nos choveu. Com o vento norte faziamos o caminho do sul. Como se nos o sol póz, acalmou o vento; e estivemos toda a noite em calma.

Sabado 14 do dito mes tomei o sol em tres graos e tres quartos: este dia todo não ventou; senam choveu muita agua, e fazia tam grande calma, que nam se podia suportar.

Domingo 15 do dito mes tomei o sol em dous graos e dous terços.

Segunda-feira 16 do dito mes se fez o vento sudoeste,

e com elle faziamos o caminho do sulsueste; e no quarto da prima nos deu hũa trovoada, com gram força de vento, que nos fez amainar de romania as velas.

Terça-feira 17 do dito mes tornou a ventar o vento do oestesudoeste, e ao meo dia tornei a tomar o sol em hum grao e meo.

Quarta-feira 18 do dito mes tomei o sol em meo grao: e o vento se fez sueste, e com elle faziamos o caminho ao sudoeste e a quarta d'oeste; e demorava-me o cabo de Santo Agostinho ao sudoeste e a quarta d'oeste.

Quinta-feira 19 do dito mes tomei o sol em dous terços de grao, da banda do sul.

Sesta-feira 20 do dito mes, tomei o sol em tres quartos de grao: o vento era sueste, que nos era escasso para dobrarmos o cabo de santo Agostinho. As aguas nesta paragem correm a loeste com muita força.

Sabado 21 do dito mes tomei o sol em hum grao e tres quartos.

A Ilha de Fernão de Loronha me demorava ao sudoeste e a quarta d'oeste; o cabo de santo Agostinho ao sudoeste. O vento nos era mui escasso, de que sentiamos muito trabalho.

Domingo 22 do dito mes, tomei o sol em dous graos: demorava-me a ilha de Fernão de Loronha ao sudoeste, e a quarta d'oeste: fazia-me della quarenta e cinco leguas. No quarto de prima se nos fez o vento lessueste.

Segunda-feira 23 de Janeiro ao meo dia tomei o sol em tres graos e um quarto: demorava-me a ilha de Fernão de Loronha ao sudoeste: fazia-me d'ella desoito leguas. O cabo de santo Agostinho me demorava ao sudoeste: fazia-me delle cem leguas.

Terça-feira ao meo dia tomei o sol em quatro graos e hum quarto. N'esta paragem correm as aguas a loesnoroeste: em certos tempos correm mais; se desde Março até Outubro correm com mais furia. He por estas correntes fazerem os abatimentos incertos que muitas vezes se dam duas quartas de abatimento, e abatem os navios quatro. Assi que n'esta paragem a pilotagem he incerta: por experiencia verdadeira, para saberdes se estais de barlavento ou de julavento da i l h a d e F e r n ã o d e L o r o n h a, quando estais de barlavento vereis muitas aves as mais rabiforcados e alcatrazes pretos; e de julavento vereis mui poucas aves, e as que virdes serão alcatrazes brancos. E o mar é mui chão.

Quarta-feira 25 de janeiro ao meo dia tomei o sol em cinco graos e hum terço. Com o vento lessueste faziamos o caminho de lessudoeste.

Quinta-feira 26 do dito mes tomei o sol em cinco graos e meo. Faziamos o caminho de sulsudoeste.

Sesta-feira 27 do dito mes tomei o sol em sete graos e meo: e desde meio dia arribamos duas quartas: e fazia o caminho do sudoeste.

Sabado tomei o sol em oito graos e meio; faziamos o caminho a loeste e a quarta do sudoeste. E desde o quarto da prima governamos a este.

Domingo 29 do dito mes tomei o sol em novo graos. Faziamos o caminho a loeste, com vento leste.

Segunda-feira 30 dias do mes de janeiro tomei o sol: e estava na altura do c a b o d e s a n t o A g o s t i n h o; e iamol-o a demandar pelo rumo d'aloeste. Este dia não correo pescado nenhum comnosco, que he signal nesta costa d'estar perto de terra; e outro nenhum nam tem senam este.

Terça-feira 31 do dito mes no quarto d'alva vimos terra, que nos demorava a loeste: chegando-nos mais a ella houvemos vista de hũa nao; e demos as velas todas, e a fomos demandar: e mandou o capitam I. dous navios na volta do norte, — na volta em que a não ia, e outros dous na volta do sul: a nao como se vio cercada arribou a terra, e mea legua della surgio e lançou o batel fóra. Como fomos della hum tiro de bombarda se meteo a gente toda no batel e fugio para a terra. Mandou o capitam I a Diogo Leite, capitam da caravela Princeza, que fosse com seu batel apoz o batel da nao: quando ja chegou a terra, era ja a gente metida pela terra dentro, e o batel quebrado. Fomos á não, e nella nam achamos mais que hum só homem; tinha muita artelheria e polvora, e estava toda abarrotada de brasil. Ao meo dia nos fizemos á vela para ir demandar o cabo de Santo Agostinho: seriamos delle seis leguas. Tomamos esta não de França defronte do cabo de Percaauri: corre-se com o cabo de Santo Agostinho norte e sul, tomada quarta de noroeste e sueste. Da banda do sul do cabo de Santo Agostinho achamos outra nao de França, que tomamos carregada de brasil. Esta noite no quarto da prima me mandou o capitam I. com duas caravelas á ilha de santo Aleixo; porque tinhamos informaçam que estavam ahi duas nãos de França: fui toda a noite com o prumo na mão, sondando por fundo de doze braças: no quarto d'alva surgimos ao mar da ilha mea legua, em fundo de doze braças d'area grossa.

Quarta-feira primeiro dia de febreiro em rompendo a alva vimos mea legua ao mar hũa não, que cõs traquetes ia no bordo do norte, e como a vimos me fiz á vela no bordo do sul. A nao, como houve vista das caravelas, deu todalas

velas. Neste bordo do sul fui quatro relogios, e virei no bordo do norte; e ao meo dia era na esteira da nao, duas leguas della: a outra caravela era hũa legua de mim a ré. Como descobrimos o c a b o d e s a n t o A g o s t i n h o saio o capitam I. no navio Sam Miguel com o galeam Sam Vicente, e com hũa das naos, que tomara aos Franceezes: mas vinha tanto a julavento que quasi nam podiam cobrar a terra. Este dia, hũa hora de sol, cheguei á nao, e primeiro que lhe tirasse, me tirou dous tiros: antes que fosse noite lhe tirei tres tiros de camelo, e tres vezes toda a outra artelheria: e de noite carregou tanto o vento lessueste, que nam pude jogar senam artelheria meuda; e com ella pellejamos toda a noite.

Quinta-feira 2 de febreiro em rompendo a alva mandei hum marinheiro ao masto grande ver se via o capitam I, ou os outros navios, e me disse que via hũa vela, que nam divisava se era latina, se redonda. E desde as sete horas do dia até o sol posto, que rendemos a nao, pellejamos sempre. A nao me deo dentro na caravela trinta e dous tiros, quebrou-me muitos aparelhos, e rompeo-me as velas todas. Estando assi com a nao tomada chegou o capitam I. com os outros navios; logo abalroei com a nao e entrei dentro; e o capitam I. abalroou com o seu navio: e os mais dos franceezes se passaram ao navio. A nao vinha carregada de brasil; trazia muita artelheria, e outra muita muniçam de guerra: por lhes faltar polvora se deram. Na nao nam demos mais que hũa bombarda, com hum pedreiro ao lume d'agua: com a artelheria meuda lhe ferimos seis homẽs; na caravela me nam mataram, nem feriram nenhum homem, de que dei muitas graças ao Senhor Deus.

Sesta-feira 3 do dito mes pela menhãa nos achamos hũa luega de terra, a qual se corria nornoroeste sulsueste. Ao

longo do mar eram tudo barreiras vermelhas: a terra he toda chãa, chea d'arvoredo. Como nós achegamos mais a terra se nos fez o vento sueste: e ao meo dia surgimos em fundo de onze braças, hũa legoa de terra. Como estive surto, lancei o batel fóra, por nenhum dos outros navios trazer batel, que os haviam deixado no cabo de santo Agostinho. Este dia vieram de terra, a nado, ás naos Indios a perguntar-nos se queriamos brasil.

Sabado pela menhãa 4 de febreiro mandou o capitam I. a Heitor de Sousa, capitam da nao Sam Miguel que fosse a terra com o batel e com mercaderia, ver se poderia trazer algũa agua, de que tinhamos muita necessidade: e se tornou sem trazer agua, por lha nam querer dar a gente da terra. O capitam I. se passou a caravela Rosa, e se fez á vela no bordo do mar, para ir diante ao porto de Pernambuco fazer algũas cousas prestes para a armada. Eu fiquei com os outros navios surto; e ao meo dia tomei o sol em seis graos e hum terço. Em se pondo o sol me fiz á vela; e em levando a amarra me desandou o cabrestante, e me ferio dous homẽs; e tornei a virar com muita força, e arrebentei o cabre, e me fiz á vela: e mandei a Baltazar Gonçalves que levasse o farol; por quanto eu nam tinha piloto. E fomos no bordo do mar até o quarto da modorra rendido; e tornei a virar no bordo da terra.

Domingo 5 do dito mes barlaventeei o dia todo sem poder cobrar mea legoa de costa; e ao sol posto surgi em oito braças, por o navio Sam Miguel ser muito a julavento de mim. A agua corria mui tesa ao nornoroeste.

Segunda-feira 6 de febreiro pela menhãa, nem da gavia parecia o navio Sam Miguel; estive surto, esperando até quinta-feira nove dias do dito mes, que me fiz á vela com o vento lessueste. Abarlaventeei o dia todo sem poder co-

brar nada, por correrem as aguas muito ao dito rumo. A agua nos ia faltando, de que sentiamos muito trabalho.

Sesta-feira 10 do dito mes, até quarta-feira quinze do dito mes de febreiro, com muito trabalho cobramos hũa legua de costa, e surgi à boca de hum rio para tomar agua, e me fazer na volta de Guiné; porque o longo da costa nam podiamos cobrar, e os ventos suestes e lessuestes ventavam ja mui tendentes, que nesta costa ventam desde febreiro até agosto.

Quinta-feira 16 de febreiro no quarto d'alva ventou da terra hum pouco de vento com que me fiz à vela, e duas leguas ao mar me acalmou. Surgi em fundo de quinze braças; e ao meo dia se fez o vento leste, e com elle me fiz à vela no bordo do sul. No quarto da prima se me fez o vento nordeste, que nos era mui largo.

Sesta-feira 17 do dito mes fomos surgir defronte do porto de Pernambuco, em fundo de 15 braças. D'esd' o porto de Pernambuco até o cabo de Percaauri, como passares das quinze braças, he fundo sujo. Aqui achamos a nao Capitaina e o galeam Sam Vicente, e a nao de França que tomamos no arrecife do cabo de santo Agostinho, e me disseram como nam tinham novas do capitam I; senam que o dia d'antes viram hũa vela ao mar, que ia no bordo do sul; e me disseram que foram ao Rio de Pernambuco; e como havia dous meses que ao dito rio chegara hum galeam de França; e que saqueara a feitoria; e que roubara toda a fazenda que nelle estava delRei nosso senhor: e que o feitor do dito rio (1) era ido ao Rio de Janeiro, n'hũa caravela, que ia para Çofala. E achei sete homẽs da nao Capi-

(1) Chamava-se Diogo Dias, segundo se lê mais adiante.

taina mortos, que se affogaram na barra (1) do a r r e c i f e.

Sabado 18 do mes de febreiro vimos a caravela, em que vinha o capitam I. que barlaventeava com o vento nordeste, quatro leguas ao sul de nós. De noite se fez o vento mais ao mar, e mandei às naos que fizessem fogos nas gavias, para poder vir o capitam I.

Domingo se fez o vento lessueste, e com elle veo a caravela, em que vinha o capitam I. e lhe demos conta como o navio de Heitor de Sousa se havia apartado de nós, oito dias havia: e o capitam I. foi ao R i o d e P e r n a m b u c o; e mandou levar todolos doentes a hũa casa de feitoria, que ahi estava. Daqui mandou o capitam I. as duas caravelas, para que fossem descobrir o R i o d o M a r a n h a m; e mandou João de Sousa a P o r t u g a l em hũa nao, que de França tomaramos; e a outra nao mandou queimar. Despois de termos tomado agua e outras cousas, de que tinhamos necessidade para a viagem, nos fizemos à vela com o vento lesnordeste.

Sesta-feira (2) primeiro dia do mes de março, com tres naos; sc.: a nao Capitaina; e o galeam Sam Vicente, de que era capitam Pero Lobo Pinheiro; e em outra nao de França, que tomamos, ia eu, a que puz nome — *Nossa Senhora das Candeas* — pela tomarmos no mesmo dia de Nossa Senhora: e com o dito vento faziamos o caminho ao sul.

(1) Talvez na paragem, que, desde esta occasião, se ficou denominando *dos Affogados.*

(2) Enganou-se o autor. Se a 18 de fevereiro foi sabado, o ultimo desse mez (28) foi terça-feira. Portanto o 1º de março caiu em quarta-feira, como alias sabemos, que caiu, fazendo o computo ordinario. A conta dos dias da semana seguiu errada, e nem se emendou no dia 12, passando de *terça-feira* 11 a *sabado* 12; e assim andou errada, até que entraram em S. Vicente.

e a quarta do sueste. Mandou o capitam I. ao galeam Sam Vicente que se chegasse bem a terra, até ver se no a r r e c i f e d e Sam M i g u e l estavam algũas naos.

Sabado pela menhãa chegou o galeam a nós, e nos disse como no a r r e c i f e nam havia naos. E ao meo dia tomei o sol em nove graos e meo.

Domingo 3 dias de março faziamos o caminho do sul e a quarta do sudoeste; e ao meo dia tomei o sol em des graos e hum quarto. A' tarde nos deram duas trovoadas, hũa do norte e outra de lessueste, com muita agua e vento: e toda a noite andamos amainados, com muitas trovoadas; e com os mores pés de vento, que eu até entam tinha visto.

Segunda-feira quatro dias de março pela menhãa nos tornou a ventar o vento leste até o meo dia, que nos deu hũa trovoada com muito vento e pedra; e como passou ficou o vento em calma; e de noite tivemos muitas trovoadas de todolos rumos.

Terça-feira 5 do dito mes se nos fez o vento lessueste: faziamos o caminho ao sulsudoeste: e ao meo dia tomei o sol em des graos e tres quartos: demoravam-me as s e r r a s d e s a n t o A n t o n i o a loeste: fazia-me dellas treze leguas.

Quarta-feira seis dias do dito mes andamos em calma até á noite, que toda a passamos com muitas trovoadas de vento e relampados.

Quinta-feira ao meo dia se fez o vento sueste; faziamos o caminho do sulsudoeste. De noite, no quarto da modorra, nos deu hũa trovoada do norte com tanta força de vento, que se me nam quebrara a verga do traquete em tres pedaços, de todo foramos soçobrados.

Sesta-feira oito dias do mes ao meo dia tomei o sol em onze graos e seis meudos. A' tarde nos deu hũa trovoada

de muita agua; e entre as naos se fizeram duas mangas, de que os marinheiros houveram mui gram medo, por no mar ser cousa mui perigosa.

Sabado ao meo dia tomei o sol em onze graos e hum terço: fazia-me de terra quatorze leguas; e este dia nos nam ventou vento.

Domingo **10** do mes de março se fez o vento sueste, e tomava do sul; e com todalas velas faziamos o caminho do sudoeste. De noite, no quarto da prima, nos deu hũa trovoada com tanta força de vento, que amainados, metia a nao o portaló por debaxo do mar: eram tantos os relampados que a todos nos punha temor: e rendido o quarto da prima me deu hum raio no masto do traquete da gavia, que mo fez em dous pedaços: quiz Nossa Senhora que nos nam fez mais nojo: trouxe tam gram fedor de enxofre, que nam havia homem que o suportasse. Choveu-nos tanta agua esta noite, que com duas bombas a nam podiamos esgotar.

Segunda-feira **11** do dito mes ao meo dia tomei o sol em onze graos e meo: fazia-me de terra des leguas. Fazia o caminho do sudoeste com o vento sueste. Em se pondo o sol demos n'hũa aguagem do r i o d e S a m F r a n c i s c o, que fazia mui grande escarcéo.

Sabado **12** (1) de mes de março ao meo dia tomei o sol em doze graos e dous terços; e em se pondo o sol houve vista de terra, que me demorava a loeste: fazia-me della seis leguas. E de noite, por nos afastar de terra, fizemos o caminho ao sul e a quarta do sudoeste, até o quarto d'alva, que tornamos a fazer o caminho do sudoeste.

Domingo **13** dias do mes de março pela menhãa eramos de terra quatro leguas: e como nos achegamos mais a ella

(1) Os dias tem ido errados, e a correcção aqui feita saltando-se um só dia da semana é insufficiente.

reconhecemos ser a Bahia de Todolos Santos, e ao meo dia entramos nella. Faz a entrada norte-sul: tem tres ilhas: hũa ao sudoeste, e outra ao norte, e outra ao noroeste: do vento sulsudoeste he desabrigada. Na entrada tem sete, oito braças de fundo, a lugares pedra, a lugares area; e assi tem o mesmo fundo dentro da bahia, onde as naos sorgem. Em terra, na ponta do padram, tomei o sol em treze graos e hum quarto. Ao mar da ponta do padram se faz hũa restinga d'area, e a lugares pedra: entre ella e a ponta podem entrar naos. no mais baxo da dita restinga ha braça e mea. Aqui estivemos tomando agua e lenha, e corregendo as naos, que dos temporaes que nos dias passados nos deram, vinham desaparelhadas. Nesta bahia achamos hum homem portugues, (1) que havia vinte e doas annos que estava nesta terra; e deu rezam larga do que nella havia. Os principaes homẽs da terra vieram fazer obediencia ao capitam I.; e nos trouxeram muito mantimento, e fizeram grandes festas e bailos; amostrando muito prazer por sermos aqui vindos. O capitam I. lhes deu muitas dadivas. A gente desta terra he toda alva; os homẽs mui bem dispostos, e as mulheres mui fermosas, que nam ham nenhũa inveja ás da Rua Nova de Lixboa. Nam tem os homẽs outras armas senam arcos e frechas; a cada duas leguas tem guerra hũs com os outros. Estando nesta bahia no meo do rio pellejaram cincoenta almadias de hũa banda, e cincoenta da outra; que cada almadia traz secenta homens, todas apavezadas de pavezes pintados como os nossos: e pellejaram desd'o meo dia até o sol posto: as cincoenta almadias, da banda de que estavamos surtos foram vencedores; e trouxeram muitos

(1) Era Diogo Alvares, o Caramurú. Veja a este respeito a nossa dissertação, premiada pelo Instituto no vol. X da *Revista*, p. 129 v.

dos outros captivos, e os matavam com grandes cerimonias, presos per cordas, e depois de mortos os assavam e comiam: nam tem nenhum modo de fisica: como se acham mal nam comem, e poem-se ao fumo; e assi pelo conseguinte os que são feridos. Aqui deixou o capitam I. dous homès, para fazerem experiencia do que a terra dava, e lhes deixou muitas sementes.

Quinta-feira 17 de março partimos desta bahia com o vento lessueste, e fomos na volta do sul até a tarde, que carregou muito o vento, e tornamos arribar: e surgimos à boca da bahia. em fundo de 13 braças d'area limpa.

Sesta-feira 18 do dito mes nos fizemos à vela com o vento leste e tomava do sueste.

Sabado 19 de março faziamos o caminho do sul com o dito vento: era de terra 4 leguas; a qual terra é toda alta e igual: corre-se norte sul. Ao meo dia tomei o sol em 13 graos e 2 terços.

Domingo, com as aguas que nesta costa correm neste tempo ao sueste. nos puzemos tanto a barlavento que pela menhãa nam viamos terra. Ao meo dia se nos fez o vento sueste; e com as aguagens andava o caminho do sulsudoeste. E ao pôr do sol vi terra mui alta: fazia-me della sete leguas: e de noite se fez o vento mais largo; e faziamos o caminho do sul.

Segunda-feira 21 do dito mes ao meo dia tomei o sol em 14 graos e 3 quartos: fez-se-nos o vento sueste e tomava do sul; de noite tiramos as monetas: e com os papafigos baxos trincamos no bordo do sul.

Terça-feira 22 de março, pelo vento se fazer sulsueste, viramos no bordo do norte; e ao meo dia tomei o sol em 14 graos e meo: e de noite levamos a proa a leste.

Quarta-feira 23 do mes fazia-me de terra 10 leguas; e ao

meo dia carregou muito o vento sueste, com mui gram mar; por nam podermos ir de ló amainamos as velas, e lançamos as naos de mar em travez.

Quinta-feira 24 dias do dito mes nam podemos sofrer o mar, que era mui feo; e arribamos com assaz fortuna: e corremos este dia todo arbore seca, pelo rumo do noroeste; e ao pôr do sol vimos terra, e conhecemos a boca do rio de T y n h a r é a da banda do sul: e como foi noite nos deu hũa trovoada de leste tam supita, que ventando o vento sueste, — ventando forçoso, pode mais a trovoada; que se nos achara com vela soçobraramos. Por sermos mui perto de terra surgimos em 21 braças de fundo d'area limpa: era o mar tam grosso, e cada vez nos investia por riba dos castellos. No quarto da modorra saltou hũa trovoada per riba da terra d'oeste, que nos susteve até pela menhãa de nos darmos á costa.

Sesta-feira pela menhãa nos fizemos á vela; era o mar tam grosso que iamos á popa com todas as velas, e nam no podiamos romper. Fomos com este vento até meo dia, que nos deu o vento sueste, com que fomos correndo a costa esta noite. No quarto da modorra fomos surgir na boca da B a h i a d e t o d o l o s S a n t o s.

Sabado 23 de março pela menhãa vimos dentro na bahia hum navio surto; e por ser longe nam divisavamos se era latino, se redondo: e logo vimos saír hum batel da bahia, que vinha ás naos; e como chegou á nao capitaina, a salvou; e vinha nelle o capitam da caravela que arribara a P e r n a m b u c o, que ia para Ç o f a l a; e vinha no batel o feitor da feitoria de P e r n a m b u c o, que se chamava Diogo Dias; e o capitam I. mandou fazer as naos a véla para dentro da bahia; e mandou chamar a gente da caravela; e mandou soltar o piloto, que o capitam trazia preso: e man-

dou despejar a caravela dos escravos, e lançal-os em terra; e determinou de levar a caravela comsigo, por lhe ser necessaria para a viagem.

Domingo 27 do mes de março partimos daquesta bahia, com o vento leste, contra opiniam de todolos pilotos: a qual era que nam podiamos dobrar os baxos d'abrolho; e que a monçam dos ventos suestes começava desd'o meado febreiro até agosto; e que em nenhũa maneira podiamos passar; e que era por de mais andar lavrando o mar.

Segunda-feira 28 de março ao meo dia tomei o sol em 14 graos: era de terra 4 leguas; faziamos o caminho do sul, com o vento leste.

Terça-feira ao meo dia tomei o sol em 14 graos e 1 terço; era de terra 5 leguas; a qual terra era mui alta: corre-se norte sul. Lancei o prumo ao mar, e nam tomei fundo com 200 braças.

Quarta-feira fazia o caminho do sul, com o vento leste; nam me afastando nada de terra. Ao meo dia tomei o sol em 13 graos.

Quinta-feira 31 do mes de março, fazendo o dito caminho do sul e ao meo dia, tomei o sol em 13 graos e dous terços. A costa se ia correndo sempre norte sul. No sartam havia mui grandes montanhas.

Sesta-feira 1º d'abril com hũa trovoada saltou o vento ao sulsueste, e fui na volta da terra; mea legua della tomei fundo com 120 braças de pedra; tudo ao longo do mar eram rochas: e ao meo dia virei no bordo do norte, até o quarto da prima, que me deu hũa trovoada de lessueste; e como passou, ficou o vento em calma.

Sabado 2 d'abril tomei o sol em 13 graos e meo, e andamos todo o dia em calma.

Domingo 3 dias do mes d'abril ao meo dia tomei o sol em 15 graos e meo: estavamos de terra 4 leguas; andamos este dia todo em calma.

Segunda-feira ao pôr do sol se fez o vento leste; e com elle fomos no bordo do sul até o quarto da prima, que se fez sueste; — que tornamos a virar no bordo do norte.

Terça-feira com vento lessueste barlaventeamos todo o dia: havia de mim a terra cinco leguas.

Quarta-feira pela menhãa se fez o vento calma até

Sabado ao meo dia, 9 dias do mes d'abril, que nos deu uma trovoada do sudoeste; e ficou o vento no sul, com que faziamos o caminho de leste.

Domingo 10 dias d'abril se fez o vento sueste, e amainamos as velas, e lançamos as naos de mar em travez; e ao meo dia tomei o sol em 15 graos e 1 terço. Fazia-me de terra 20 leguas.

Segunda-feira começou o vento sueste a ventar com muita força e com mui gram mar: de noite cresceu o temporal tanto e tam forte, que quizeramos arribar e nam nos estrevemos, por ser o mar mui grosso: até pela menhãa estivemos com muita fortuna, que se fez o tempo mais bonança. Assi estivemos pairando até sesta-feira 15 dias d'abril, que se fez o vento leste; e demos todalas velas no bordo do sul; e ao meo dia tomei o sol em 15 graos e 1 terço. Fazia-me de terra 17 leguas.

Sabado se fez o vento lessueste, e faziamos o caminho do salsudoeste; e ao meo dia tomei o sol em 14 graos e 1 quarto.

Domingo pela menhãa nos deu hũa trovoada do sueste com muito vento e agua: este dia todo nos choveu sem vento, e de noite muitas trovoadas de todolos rumos.

Segunda-feira 18 dias do mes d'abril se fez o vento sues-

te; e viramos no bordo do norte até o quarto da prima, que se fez o vento lessueste, e viramos no bordo do sul. Fazia-me de terra 15 leguas.

Terça-feira ao meo dia tomei o sol em **16** graos e **2** terços. Esta noite nos ventou muito o vento lessueste.

Quarta-feira **20** dias do mes d'abril pela menhãa me cheguei á nao capitaina; e me disse o capitam I. que com o grande vento, que de noite ventara, lhe quebrara o mastro do traquete, abaxo da gavia hũa braça; e que queria arribar á B a h i a d e t o d o l o s **S a n t o s**; e a todos nos pareceo mui bem, por nam ser ja tempo para dobrar os b a x o s d'A b r o l h o. Estando nisto, nos deu hũa trovoada de lesnordeste; e como passou, ficou o vento em leste e tomava do nordeste; e o capitam I. tornou a mandar que virassemos no bordo do sul; e assi fomos até á noite, que no quarto da prima que se nos fez o vento lesnordeste: e faziamos o caminho do sulsueste.

Quinta-feira **21** d'abril ao meo dia tomei o sol em **19** graos menos **1** terço: fazia-me de terra **20** leguas. O vento se nos fez leste, e com elle faziamos o caminho do sul com todalas velas. De noite se fez o vento lesnordeste, e com as bolinas largas faziamos o dito caminho, levando resguardo, que cada relogio sondavamos; porque todolos pilotos se faziam ir por riba dos b a x o s d'A b r o l h o, que lançam ao mar **30** leguas, e o começo delles está em altura de **19** graos. E assi fomos toda esta noite com mui bom tempo, sem podermos tomar fundo com **60** braças.

Sesta-feira pela menhãa se nos fez o vento nordeste, e com todalas velas faziamos o caminho ao sul. Ao meo dia tomei o sol em **21** graos e **3** quartos; e como foi noite se nos fez o vento noroeste.

Sabado no quarto d'alva se fez o vento sudoeste; e veo

tam supito e furioso, que quasi nam deu lugar a amainar as velas; e ventou com tanta força (o qual ainda nesta viagem o nam tinhamos assi visto ventar) que as naos sem velas metiam no bordo por debaxo do mar: era tamanha a escuridam e relampados, que era meo dia e parecia de noite: a tarde se fez o vento sul. Andava o mar tam grosso e tam feo que nos entrava por todalas partes. No quarto da prima ao sair da lua abonançou mais o vento; ficou o mar tam grande que nos nam podiamos ter na nao. Da banda de bombordo me arrebentaram os apparelhos, com o jogar da nao.

Domingo 24 dias do mes d'abril se fez o vento sueste; e nos fizemos à vela com o mar grande e mui cruzado: faziamos o caminho a lessudoeste: e de noite no quarto da modorra me acalmou o vento.

Segunda-feira pela menhãa houvemos vista de terra a qual era mui alta a maravilha: fazia-me della 10 leguas.

Terça-feira ao meo dia nos deu o vento nordeste, e com elle corriamos a costa, a qual se corre nordeste sudoeste e toma da quarta de norte sul. De noite no quarto da prima mandei lançar o prumo ao mar: e tomei fundo com 9 braças e mandei fazer fogos: e fiz-me no bordo do sueste; sempre sondando, quanto mais famos ao mar, menos fundo achavamos.

Quarta-feira 27 do mes d'abril pela menhãa houve vista de terra hũa legua della, em fundo de 8 braças. O vento era mui bonança, quanto as naos governavam. A costa se corre nornordeste susudoeste escasso, a terra he toda ao longo do mar mui chãa sem arboredo: no sartam serras mui altas e fermosas; haverá dellas ao mar 10 leguas, e a lugares menos. Ao meo dia se fez o vento da terra brando: faziamos o caminho para o mar. Todo assi per fundo de 8

braças, de supito demos em 3, e logo mais avante em 2 e mea: tornamos a fazer o caminho de sudoeste; e logo demos em fundo de quatro braças; e logo surgimos no dito fundo. E o capitam I. mandou lançar o seu esquife fóra; e mandou nelle o piloto que fosse sondar por o rumo do sul, e do sudoeste, e do sueste. E á noite veo o piloto mor no esquife, e disse que pelo rumo do sueste, que era baxo, que nam achara mais de tres braças: que indo ao sul achara 8 braças.

Quinta-feira 28 dias do mes d'abril ao meo dia tomei o sol em 22 graos e 1 quarto, e á tarde se fez o vento nordeste, e nos fizemos á vela pelo rumo do sul; e logo demos em fundo de seis braças; e no quarto da prima nos acalmou o vento; e surgi em fundo de quatorze braças, duas leguas e mea de terra.

Sesta-feira pela menhãa nos fizemos á vela com o vento nordeste, indo sempre ao longo da costa tres leguas della, per fundo de 50 braças d'area limpa. O cabo do parcel, que jaz ao mar, se corre da banda do nordeste ao sueste, e da banda do sudoeste aloeste, e ás partes a loessudoeste. Quando fui fóra do parcel descobriam-se serras mui altas ao sudoeste. Ao meo dia tomei o sol em 22 graos e 3 quartos: ao sol posto fui com o cabo Frio: como foi noite amainamos as velas, e fomos com os traquetes toda a noite. O cabo Frio se corre com o Rio de Janeiro leste oeste: ha de caminho 17 leguas.

Sabado 30 dias d'abril, no quarto d'alva, (1) eramos com a boca do Rio de Janeiro, e por nos acalmar o vento, surgimos a par de hũa ilha, que está na entrada do dito rio,

(1) Vej. adiante (nota...) as observações que este lugar fizemos na 1.ª edição deste roteiro constituiram ellas a nota 22 publicada de p. 85 a 90 v.

em fundo de 15 braças d'area limpa. Ao meo dia se fez o vento do mar, e entramos dentro com as naos. Este rio he mui grande; tem dentro 8 ilhas, e assi muitos abrigos: faz a entrada norte sul toma da quarta do noroeste sueste: tem ao sueste 2 ilhas, e outras 2 ao sul, e 3 ao sudoeste; e entre ellas podem navegar carracas: he limpo, de fundo 22 braças no mais baxo, sem restinga nenhũa e o fundo limpo. Na boca de fóra tem 2 ilhas da banda de leste, e da banda d'aloeste tem 4 ilheos. A boca nam he mais que de hum tiro d'arcabuz; tem no meo hũa ilha de pedra rasa com o mar; pegado com ella ha fundo de 18 braças d'area limpa. Está em altura de 23 graos e 1 quarto.

Como fomos dentro, mandou o capitam I. fazer hũa casa forte, com cerca por derrador; e mandou sair a gente em terra, e pôr em ordem a ferraria para fazermos cousas, de que tinhamos necessidade. Daqui mandou o capitam I. 4 homens pela terra dentro: e foram e vieram em 2 meses; e andaram pela terra 115 leguas; e as 65 dellas foram por montanhas mui grandes, e as 50 foram por hum campo mui grande; e foram até darem com um grande rei, senhor de todos aquelles campos, e lhes fez muita honra, e veo com elles até os entregar ao capitam I.; e lhe trouxe muito christal, e deu novas como no R i o d e P e r a g u a y havia muito ouro e prata. O capitam lhe fez muita honra, e lhe deu muitas dadivas, e o mandou tornar para as suas terras. A gente deste rio he como a da B a h i a d e t o d o l o s S a n t o s; senam quanto he mais gentil gente. Toda a terra deste rio he de montanhas e serras mui altas. As melhores agoas ha neste rio que podem ser. Aqui estivemos tres meses tomando mantimentos, para 1 anno, para 400 homês que traziamos; e fizemos dous bargantins de 15 bancos.

Terça-feira 1° dia d'agosto de 1531 partimos deste R i o d e J a n e i r o com vento nordeste. Faziamos o caminho aloeste a quarta do sudoeste.

Quarta-feira se fez o vento sudoeste com muita força; tiramos as monetas, e trincamos no bordo de sulsueste até quinta-feira pela menhãa, que se nos fez o vento sulsueste, e com elle viramos no bordo d'aloeste: e de noite no quarto da prima se me fez o vento nordeste; e com elle faziamos o caminho a loessudoeste.

Sesta-feira 4 do dito mes me deu hũa trovoada do oeste-sudoeste, com tanta força de vento, que nos foi necessario arribar com hum bolso de traquete até

Sabado que se nos fez o vento sudoeste, e viramos no bordo da terra com os papafigos baxos, até de noite no quarto da prima, que nos tornamos a fazer no bordo do mar.

Domingo 6 do dito mes tornei no bordo da terra com todalas velas: a cerraçam era tamanha que, des que partimos do R i o d e J a n e i r o, nunca podemos vêr a terra nem o sol: quasi noite fomos tam perto de terra, que viamos arrebentar o mar, e nam na viamos.

Segunda-feira pela menhãa se fez o vento nordeste: faziamos o caminho a loessudoeste, com cerraçam mui grande.

Terça-feira ao meo dia fizemos o caminho ao noroeste; porque pelo dito rumo nos faziamos com o R i o d e S a m V i c e n t e.

Quarta-feira 9 dias d'agosto no quarto d'alva faziamos o caminho ao noroeste e a quarta do norte; e ás 9 horas do dia surgimos bem pegados com terra em fundo de 8 braças d'area grossa. Estando surtos mandou o capitam I. hum bargantim a terra, e nelle hũa lingua para ver se achavam gente, e para saber onde eramos; porque a cerraçam era

tamanha, que estavamos hum tiro d'abombarda de terra e nam na viamos. De noite veo o bargantim, e nos disse como nam pudera ver gente.

Quinta-feira pela menhãa nos fizemos á vela. Com o vento nordeste, fizemos o caminho do sulsudoeste, por nos afastar da terra: e ao meo dia fomos dar com hũa ilha (1): quando a vimos eramos tam perto della, que quasi demos com os grupezes nas pedras. Era a cerraçam tamanha que fazia pouca diferença da noite ao dia: e surgimos da banda d'aloeste da ilha, em fundo de 25 braças d'area tesa: e mandei lançar o batel fóra para ir á ilha matar rabiforcados e alcatrazes, que eram tantos que cobriam na ilha. E fui á nao capitaina; e levei o capitam I. á ilha; e matamos tantos rabiforcados e alcatrazes, que carregamos o batel delles. Indo nós para as naos, nos deu por riba da ilha ũa pé de vento tam quente, que nam parecia senam fogo; ventando nas bandeiras das naos o vento noroeste, que era contraste deste: disto ficamos todos mui espantados, que daquelle vento fomos todos com febre. Como puz o capitam I. na sua nao, tornei a ilha a por lhe fogo. No quarto da modorra nos deu hũa trovoada seca do essudoeste, com mui grande vento que nam havia homem, que lhe tivesse o rosto: a nao capitaina foi de todo perdida, que lhe quebrou o cabre; e ia dar sobe-la ilha, se o vento de supito nam saltara ao sul, que se fez à vela no rolo do mar. Como nos deu o vento mandei logo largar outra anchora, que me teve até pela menhãa com mui gram mar. A nao capitaina nam aparecia, e me fiz á véla; e fiz sinal ao galeam Sam Vicente e á caravéla; e fomos todos surgir, da banda do norte da ilha, em fundo de 18 braças d'area limpa; e de-

(1) I. dos Alcatrazes.

terminamos de estar ali até passar o temporal. A' tarde se fez o vento sueste, e vimos meá legua ao norte de nós a nao capitaina, que vinha no bordo do sudoeste; e nos fizemos a vela, e a fomos demandar.

Sabado 12 dias do mes de agosto, com o vento nordeste, faziamos o caminho do essudoeste; e ao meo dia vimos terra: seriamos della um tiro d'abombarda: até ver se por nos afastar della viramos no bordo do mar, até ver se alimpava a nevoa, para tornarmos a conhecer a terra. Indo assi no bordo do mar mandou o capitam I. arribar, para fazermos nossa viagem para o Rio de Santa Maria (1): e fazendo o caminho do sudoeste demos com hũa ilha. Quiz a nossa senhora e a bemaventurada santa Crara, cujo dia era, que alimpou a neboa, e reconhecemos ser a ilha da Cananea: e fomos surgir antre ella e a terra, em fundo de seto braças. Esta ilha tem em redondo hũa legua; faz no meo hũa sellada: está de terra firme 1 quarto de legua; he desabrigada do vento sulsudoeste e do nordeste, que quando venta mete mui gram mar. Desta ilha ao norte duas leguas se faz um rio (2) mui grande na terra firme: na barra de preamar tem tres braças, e dentro 8, 9 braças. Por este rio arriba mandou o capitam I. hum bargantim: e a Pedre Annes Piloto, que era lingua da terra, que fosse haver fala dos Indios.

Quinta-feira 17 dias do mes de agosto veo Pedre Annes Piloto no bargantim, e com elle veo Francisco de Chaves e o bacharel, e 5 ou 6 castelhanos. Este bacharel havia 30

(1) Rio da Prata. Cremos que este nome, bem como o de *Cabo de Santa Maria* foram dados pelos mesmos exploradores, entre os quaes estaria João de Lisboa, companheiro de Magalhães, e que reconheceu nessa occasião o cabo, por já ter antes de 1519 por consequencia ahi estado.

(2) R. de Iguape.

annos (1) que estava degradado nesta terra, e o Francisco de Chaves era mui grande lingua desta terra. Pela informaçam que della deu ao capitam I., mandou a Pero Lobo com 80 homês, que fossem descobrir pela terra dentro; porque o dito Francisco de Chaves se obrigava que em 10 meses tornara ao dito porto com 400 escravos carregados de prata e ouro. Partiram desta ilha, ao 1.º dia de setembro de 1531, os 40 besteiros e os 40 espingardeiros (2). Aqui nesta ilha estivemos 44 dias (3): nelles nunca vimos o sol; de dia e de noite nos choveo sempre com muitas trovoadas e relampados: nestes dias nos nam ventaram outros ventos, senam desd'o sudoeste até o sul. Deram-nos tam grandes tromentas destes ventos, e tam rijos, como eu em outra nenhũa parte os vi ventar. Aqui perdemos muitas anchoras, e nos quebraram muitos cabres.

Terça-feira 26 do mes de setembro partimos desta ilha com o vento leste, fazendo caminho do sul, até quarta-feira pela menhãa, que se fez o vento nordeste; faziamos o caminho do sulsudoeste, com muita agua e relampados: de noite se fez tanto vento que nos foi necessario tirarmos as monetas, e irmos toda a noite com pouca vela.

Quinta-feira 28 do mes de setembro com o dito vento faziamos o caminho do sulsudoeste: e de noite ventou tam forte com relampados e tanta agua, que até no quarto da modorra iamos dar em terra, e me sai della com assaz trabalho. Esta noite se apartaram os bargantins de nós.

(1) Por conseguinte desde a expedição de 1501.
(2) De sua sorte trata Fr. Gaspar p. 85 e 93.
(3) Em nossa opinião nesta occasiao foram postos os padroes da Cananéa, os quaes ainda la estão, no pontal fronteiro á I. do Abrigo, e nos quaes se não lê data alguma como pretendeu Cazal. Veja-se a nossa *Carta sobre a Ethnographia indigena* nesta Revista Tom. 12 e 21 pag. 374 e 439. Vej. tambem a *Hist. Ger. do Brasil* I., 51.

Sesta-feira pela menhãa houvemos vista de terra 3 leguas de nós, que se corria nornordeste sulsudoeste. Como nos achegamos mais a terra reconhecemos ser ao sul do porto dos Patos 4 leguas, e tornamos de ló, ver se podiamos cobrar o dito Porto: o vento era tanto ao nordeste, que virando no bordo do mar, me levou o traquete d'avante.

Sabado 30 do dito mes no quarto d'alva tornamos no bordo da terra com todalas velas, e depois do meo dia houve vista de terra, que eramos 6 leguas ao sul de donde partiramos. Virando no bordo do mar vieram os bargantins dar comnosco: e logo fizemos o nosso caminho com o vento e mar mui grande; e desd'a mea noite corremos, com hum pé de vento de norte, arbore seca.

Domingo 1.º dia de outubro pela menhãa, hum dos bargatins nam aparecia; ao outro dei hum calabrete por popa, porque nam podia com a vela.

Segunda-feira com o vento e mar mui grande fazia o caminho do sul, com os papafigos mui baxos.

Terça-feira 3 de outubro ao meo dia tomei o sol em 31 graos e 1 quarto: com o dito vento e mar fazia o caminho do sul.

Quarta-feira ao meo dia tomei o sol em 32 graos e 1 terço: fazia-me de terra 20 leguas: do cabo da terra alta me fazia 50; demorava-me ao norte e a quarta do nordeste.

Quinta-feira no quarto d'alva me deu por d'avante o vento sudoeste, levando as velas cheas de vento nordeste que foi a mór afronta que nesta viagem nós tinhamos visto; e com o vento sudoeste lançamos as naos ao pairo. De noite cresceo tanto o vento e o mar que me nam quiz a nao arribar.

Sesta-feira até o meo dia sofremos o pairo com muito tra-

balho e arribei com a nao, e em arribando pela quadra me deu hum tam gram mar, e veo ter ao convez, e meteu-me doas quarteis para dentro; entrou tanta agua, que antre ambas as cubertas me nadou o batel; assi arribamos alagados: até o quarto da modorra com duas bombas acabamos d'esgotar a agua.

Sabado 7 de outubro saltou o vento de supito ao nordeste e ventou mui forte; e andava o mar do sudoeste, e com o do nordeste cruzavam que nam havia homem, que se nas naos tivesse.

Domingo faziamos o caminho do sul com muito vento nordeste. E ao meo dia tomei o sol em 31 graos e meo. Fazia-me de terra 23 leguas.

Segunda-feira ao meo dia tomei o sol em 33 graos e 1 terço: fazia-me de terra 18 leguas. Esta noite se passou o vento ao sudoeste, e trincamos com os traquetes baxos no bordo do sulsueste.

Terça-feira no quarto d'alva com muito vento sudoeste lançamos as naos ao pairo; e ao meo dia se fez o vento bonança: vimos da gavia ao noroeste um fumo. Mandei lançar a sonda, e tomei fundo com 60 braças: e nos fizemos á vela no bordo do noroeste a demandar o fundo; e ao sol posto vi a terra da gavia, a qual era mui baxa sem conhecença algũa: e no quarto da prima me fiz no bordo do sueste com o vento sulsudoeste.

Quarta-feira 11 dias do dito mes pela menhãa nos acalmou o vento 3 leguas da terra, a qual se corre nordeste sudoeste e toma da quarta de norte sul, em fundo de 16 braças, matamos esta noite muitas pescadas.

Quinta-feira ao meo dia tomei o sol em 34 graos, e com o vento norte ia correndo a costa ao sudoeste. Ao pôr

do sol fomos surgir antre tres ilhas de pedras, donde matamos muitos lobos marinhos.

Sesta-feira 13 do dito mes pela menhãa se fez o vento sudoeste, que nos vinha por riba de hũa ponta, que nos demorava ao sulsudoeste e ventou com tanta força que a nao capitaina perdeu o cabre, e lhe quebrou a amarra. Toda esta noite estivemos com muita tromenta.

Sabado no quarto d'alva acalmou o vento, e fui à terra firme por nos fazerem muitos fumos. A terra he mui fermosa, muitos ribeiros d'agua, e muitas ervas e frores, como as de Portugal. Achamos duas onças mui grandes, e nos tornamos para as naos sem vermos gente. E ao meo dia se fez o vento nordeste, e com elle nos fizemos à vela. Estas ilhas, a que puz nome — d a s O n ç a s —, tomei o sol nellas em **34** graos e meo ; e em dobrando a ponta, que me demorava ao sulsudoeste, se corre a costa a loessudoeste até o c a b o d e S a n t a M a r i a, que está em altura de **34** graos e **3** quartos, e no quarto da prima me acalmou o vento.

Domingo **15** d'outubro pela menhãa se fez o vento nordeste ; e com elle fazia o caminho ao longo da costa, sondando sempre. Governando **2** relogios a loessudoeste achava **20** braças : governando outros **2** relogios aloeste e a quarta do sudoeste dava em fundo de **25** braças ; de maneira que achava mais fundo da banda da terra que do mar.

Ao sol posto fomos com o c a b o d e S a n t a M a r i a ; e surgimos em fundo de **8** braças da banda d'aloeste do dito cabo.

Segunda-feira pela menhãa mandou o capitam I. ao piloto mór que fosse ver hũa ilha, que estava pegada com o dito cabo, se antre ella e a terra havia bom surgidouro : e ao

meo dia tornou Vicente Lourenço (1), e disse que o porto que era bem; senam que com os ventos oessudoeste e sulsudoeste era desabrigado, e que do vento sulsueste tinha baxos ao mar: e à tarde fomos surgir antre a ilha e a terra em fundo de 6 braças e mea de preamar. Aqui nesta ilha tomamos agua e lenha e fomos com os bateis fazer pescaria: e em hum dia matamos desoito mil peixes antre corvinas e pescadas e enxovas: pescavamos em fundo de 8 braças: como lançavamos os anzolos na agua nam havia ali vagar de recolher os peixes. Nesta ilha estivemos 8 dias esperando por hum bargantim, que de nossa companhia se perdera: como nam veo mandou o capitam I. pôr hũa cruz na ilha e nella atada hũa carta emburilhada em cera, e nella dizia ao capitam do bargantim o que fizesse vindo ali ter.

Domingo 21 de outubro pela menhãa partimos desta ilha. Com o vento nordeste fazia o caminho ao longo da costa, que se corre aloeste: mea legua de terra ia sempre per fundo de 9, 10 braças. 3 leguas da dita ilha se nos fez o vento noroeste; e à tarde nos deu hũa trovoada com muita agua, e sem nenhum vento: e surgimos em 15 braças do fundo de lama molle. E no quarto da prima nos deu hum pé de vento do sulsudoeste, e de supito saltou ao sul com muita tempestade. A nao capitaina se fez à vela e nos fez sinal: por ser o vento e o mar mui grande me nam estrevi fazer à vela, nem cobrar hũa ponta, que me demorava a leste e a quarta do sueste; e mandei fazer hum aûste de 120 braças, e com elle caçava como senam levara anchora pelo fundo ser de lama mui mole. A tromenta era tamanha de vento e mar, que cada vez metia a nao todolos castellos. Mandei fazer outro aûste; e com anchora de forma, e a lan-

(1) Era o piloto mór.

çamos ao mar: estando com esta fortuna mandei cortar os castellos todos, e fazer tudo razo, e mandei cortar o cabo ao batel, que tinhamos por popa. Assi estivemos com esta tromenta de mar, que cada vez nos vinha quebrar no convez.

Segunda-feira 22 d'outubro e no quarto d'alva me quebrou o [illegible] da anchora de forma que tornei outra vez a caçar, como dantes. Como amanheceo me achei de terra hũa legoa e tinha caçado tres; e o galeam Sam Vicente estava a terra de mim: pela sua popa arrebentavam huns baxos, que cada vez parecia o mar mais alto que a gavia. Por caçar tanto determinei de me fazer à vela, e contra rezam de marinheiraria levamos a amarra com muito trabalho e me fiz à vela no bordo d'aloeste; e como vi que nam cobrava os baxos, que arrebentavam ao mar, virei no bordo de leste, para irmos vazar em hũa praia, que nos demorava nordeste, quarta de leste, por ali nos parecer que ao mar nam havia baxos. Indo assi punhamo-la proa na ponta, que me demorava a lessueste. Por me parecer que a podia cobrar mandei dar o traquete da gavia, metendo a nao até o meo do convez, por debaxo do mar: em dando o traquete me quebrou em dous pedaços: ia ja tam perto da ponta que a huns parecia que a podiamos cobrar, e outros bradavam que arribassemos: era tam grande revolta na nao que nos nam entendiamos: mandei meter toda a gente debaxo da coberta; e mandei ao piloto tomar o leme, e eu me fui á proa, e determinei de fazer experiencia da fortuna, e me pôr a ver se podia do"
brar a ponta; porque se a nam dobrava nam havia onde varar, senam em rocha viva, onde nam havia salvaçam: assi fomos, e prouve a nossa senhora e ao seu bento filho, que a dobramos; e fui tam perto della que o mar, que arrebentava na costa, nos tornava com a ressaca a dar na nao, e nos lançou fóra. Como dobrei a ponta arribamos a nor-

deste e a quarta de leste; e á tarde fui surgir na ilha do cabo. Entrou-nos tanta agua ao dobrar da ponta, que quando a esta ilha achegamos, traziamos seis palmos d'agua debaxo da coberta. Como aqui esteve surto, se fez o vento sudueste. No quarto da prima veo o galeam Sam Vicente dar comigo, e logo lhe perguntei se trazia batel: e me disse que o perdera, e que nam trazia mais que hũa anchora; e que perdera tres; e passara per riba do arrecife, que estava á terra donde estavamos surtos; e ali se sustivera com o temporal até á noite, que ventou o vento sudoeste E me disse o piloto como vira a nao capitaina sem mastos muito perto de terra, que da gavia nam pudera divisar se estava em seco, se sobre anchora.

Terça-feira 23 de outubro no quarto d'alva veo a caravela dar comigo sem cabres, nem anchoras, e com o batel perdido: e disse-me o piloto que passaram na fortuna, detras de hũa ponta, donde fôra ter milagrosamente; e que a nao capitaina, des que o dia dantes se fizera á vela, a nam viram mais. Nam podia determinar o que fizesse: para me fazer á vela nam tinha cabres, nem batel, nem anchora. Determinei de mandar por terra trinta homês; e para isto mandei dous a nado com um cabo, e que o dessem á caravela, que se virasse por minha popa.

Quarta-feira 24 dias de outubro, por ser ruim o mar, nam pôde a caravela chegar á nao. Este dia puz em obra fazer hum batel de aduelas dentro na nao.

Quinta-feira 25 do dito mes pela menhãa meti na caravela 30 homês,— os que melhor sabiam nadar; e as armas metidas em hũa pipa funda, por se nam molharem; e dous barris de mantimento para 8 dias: e mandei á caravela que se fosse á terra, e que surgisse quanto nam desse em seco: e que dali se fosse a terra nas jangadas, que levavam

dos quarteis da nao franceza. E ao meo dia todos foram em terra com assaz trabalho; e da mesma terra acudiram muita gente, e punham-se de longe, sem quererem chegar; até que dous homẽs dos nossos foram a elles; e logo chegaram e abraçaram a todos com grandes choros e cantigas mui tristes, e como se despediram delles, fizeram seu caminho pela praia. Tendo andado mea legua, me fizeram hum fumo, e vi hũa soma, que me parecia ser o batel dos que perdido tinhamos.

Sesta-feira 26 de outubro fiz hũa jangada, em que lancei o ferro e a forja na ilha, para fazerem pregos para o batel d'aduelas, que dentro na nao fazia. E desd'o meo dia me ventou muito vento sudoeste. E eram tantos os fumos pela terra dentro que impedia a vista do sol.

Sabado 27 do dito mes mandei o mestre com 5 homẽs, em hum quartel da nao, para que fossem a terra: ver se era batel onde a gente nos fizera o fumo; e á tarde tornou com o batel da caravela, que vinha mui destroçado: e me disse que na terra havia muita agua e boa: e logo mandei á ilha concertar o batel.

Domingo 28 dias do dito mes, como o batel da caravela foi concertado, mandei passar o outro, que tinha começado á ilha. Este dia veo muita gente da terra á praia: mandei la o batel, e deram-lhe muito pescado e taçalhos de veado.

Sesta-feira 2 dias de novembro veo a gente, que tinha mandado em busca de Martim Afonso, e me disseram como a nao capitaina dera á costa, por falta d'amarras; e que Martim Afonso, com toda a gente, se salvaram todos a nado; somente morreram 7 pessoas; 6 afogados e 1, que morreo de pasmo: e que o bargantim dera tambem á costa; e porem que lhe nam fizera nojo: e o batel do galeam e da capitaina tinham sãos; e que na praia acharam hum

bargantim de tavoado de cedro mui bem feito, o qual Martim Afonso tinha para levar 'em companhia do batel grande e do outro bargantim para entrar pelo (1) dentro; e que Martim Afonso me mandava dizer que com a gente, que as naos podessem escusar, me fosse onde elle estava com a caravela.

Segunda-feira 5 dias do dito mes parti na caravela, com vento lesnordeste: e hũa hora de sol, fui surgir onde a nao capitaina estava á costa; e como fui surto se fez o vento sueste. Mandei o batel a terra fazer saber a Martim Afonso como eramos ali vindos. Carregou tanto o vento, que antes que o batel viesse, me fiz á vela no bordo do sulsudoeste; e ao sol posto fomos dar em hum baxo, donde estivemos perdidos. Assi fomos com mui gram mar e vento trincando até á mea noite, que se fez o vento calma.

Terça-feira 6 dias do dito mes pela menhãa se fez o vento sudoeste, e com elle me fiz á vela no bordo de lessueste; e a tarde fui surgir defronte da nao: donde o capitam I., aos bateis, mandou por mim e pela gente, e mandou a caravela que se fosse a hũa ilha, que estava d'ahi 4 leguas aloeste, e ahi esperassem até ver seu recado. Aqui estivemos com muito trabalho tirando a artelheria e ferro da nao. Estando aqui tomou o capitam I. conselho com os pilotos e mestres, e com todos os que eram para isso; e todos acordaram e assentaram, que elle nam devia de ir pelo Rio de Santa Maria (2) arriba, per muitas rezões; e que a hũa era nam terem mantimentos, que todos se haviam perdido, quando a nao se perdeo: e a outra que as duas naos, que ficaram estavam tam gastadas, que se nam poderiam

(1) Parece faltar aqui a palavra Rio.
(2) Rio da Prata.

soster 3 mezes: e a terceira era parecer o rio inavegavel pelos grandes temporaes que cada dia faziam, sendo a força do verão: e por estas rezões e outras muitas, que deram, fizeram que o capitam I. desestisse da ida; e me mandou em huu bargantim com 30 homês a pôr huns padrões, e tomar posse do dito rio por elRei nosso senhor; e que dentro em 20 dias trabalhasse por tornar; porque o porto, onde as naos estavam, era mui desabrigado.

Sabado 23 dias do mes de Novembro de 1531 estando o sol em 11 graos e 35 meudos de sagitario, e a lua em 27 graos de tauro, parti do Rio dos Begoais, que jaz aloeste do cabo de Santa Maria 11 leguas, e levava hum bargantim com 30 homês: tudo bem em ordem de guerra: e fiz meu caminho ao longo da costa, que se corre pelo aloeste. 2 leguas do dito rio, donde parti, ha hũa ilha pequena (1) toda de pedras, e della a terra firme ha hũa legua: derrador da ilha tem bom surgidouro, de fundo de 5 braças de vasa molle. Indo assi pegado com a costa, a qual he toda limpa, per fundo de 5, 6 braças, ao meo dia houve vista de hũa ilha ao mar (2), que me demorava ao sulsudoeste; e della a terra ha 3 leguas: da banda de leste tem hũa restinga de area comprida, que laaça ao nordeste. Passando ávante da ilha descobri hum alto monte, ao qual puz nome —monte de Sam Pedro (3)— e demorava-me aloeste e a quarta do noroeste. Este dia fui dormir ao pé do dito monte de Sam Pedro. Desde a dita ilha atraz até este monte, a costa he toda suja de pedra, e ruins baxos: a terra he toda rasa até este monte muito fermosa. Ao pé deste monte ha 2 portos; hum da banda d'a-

(1) I. de Lobos.
(2) I. das Flores.
(3) Cerro de Montevideo.

loeste, e outro da banda do leste: nam sam senam para navios pequenos.

Domingo 24 do dito mes, ante menhãa, me fiz á vela com o vento nornordeste. Deste monte de Sam Pedro se começa a costa a loesnoroeste, indo assi no golfo de hũa enseada, que se faz grande como o dito monte de Sam Pedro, demora a leste e a quarta de sueste, fui dar em fundo de 2 braças e mea, hũa legua de terra (1): e me acalmou o vento, que levava: e me deu trovoada do Sul, com muito vento; e fiz-me no bordo do monte de Sam Pedro, para me meter no porto donde estivera de noite. O vento rodou logo ao sueste; e tornei-me a fazer na volta d'aloeste, para fazer meu caminho. Aqui comecei a achar agua doce, e muito pescado morto. Da ponta desta enseada da banda d'aloeste lança hũa restinga ao mar hũa legua (2): o mais baxo della he braça e mea, e o mais alto 4 braças. Como passei a dita restinga me acalmou o vento; e afuzilava muito a sudoeste e ao noroeste, que nesta costa sam sinaes certos de grandes temporaes: e com este receo me acheguei a terra, para ver se achava porto onde me metesse. Bem pegado com terra me tornou a ventar o vento nordeste, e fui ao longo da costa, a qual se corre a loesnoroeste, per fundo de 4, 5 braças d'area limpa. Indo sempre bom tiro de bésta de terra tornou-me a acalmar o vento bem tarde, e os sinaes do temporal cresciam; determinei de varar o bargantim em terra até passar a noite; e mandei varar em hũa area, e tirar o fato todo em terra; e fazer bom repairo de terra; e puzemos a artelheria em ordem. E eu fui com 10 homẽs pela terra ver se achava rasto de gente: nam achei nada; senam rasto de

(1) Foz do rio de Santa Luzia.
(2) Espenillo.

muitas alimarias, e muitas perdizes e cordonizes, e outra muita caça. A terra he mais fermosa e aprasivel que eu já mais cuidei de ver: nam havia homem que se fartasse d'olhar os campos e a fermosura delles. Aqui achei hum rio grande; ao longo delle tudo arboredo o mais fermoso que nunca vi: e antes que chegasse ao mar hum tiro de bêsta se sumia. E tomamos muita caça e tornamosnos ao bargantim. Ao pôr do sol veo hũa trovoada do noroeste, com tanta força de vento e pedra, que nam havia homem, que se tivesse em pé: e de supito saltou ao sudoeste com muita chuva, relampados, e sempre cuidei de perder o bargantim, segundo o mar era grande. Toda esta noite corremos tanta fortuna, quanta homês nunca passaram. A agua que choveu me molhou o mantimento todo, que mais nam prestou.

Segunda-feira 25 do dito mes pela menhãa alimpou o tempo e veo sol, com que nos enxugamos. Daqui me quizera tornar, por nam termos mantimento; despois pareceo-me que nos podiamos manter com o mantimento, que na terra havia; e com o pescado o mais fermoso e saboroso, que nunca vi. A agua ja aqui era toda doce; mas o mar era tam grande que me nam podia parecer que era rio: na terra havia muitos veados e caça, que tomavamos, e ovos de emas, e emas pequeninas, que eram muito saborosas; na terra ha muito mel, e muito bom: e achavamos tanto que o nam queriamos: e ha cardos, que he mui bom mantimento, e que a gente folgava de comer. E com nos parecer a todos, que nos podiamos soster, determinei de ir ávante, e o vento era sueste, e o tempo estava bom, e de noite havia lua. Parti bem tarde; — duas horas de sol, com tençam de andar a noite toda; indo ao longo da costa, por fundo de 6 braças d'area limpa. Sendo 2 leguas dond'e partira, saíram

da terra a mim 4 almadias, com muita gente: como as vi puz-me á corda com o bargantim para esperar por ellas: remavam-se tanto, que parecia que voavam. Foram logo comigo todos; traziam arcos e frechas e azagaias de pao tostado, e elles com muitos penachos todos pintados de mil cores; e chegaram logo sem mostrarem que haviam medo; senam com muito prazer abraçando-nos a todos: a fala sua nam entendiamos; nem era como a do Brasil; falavam do papo como mouros: as suas almadias eram de 10, 12 braças de comprido e mea braça de largo: o pao dellas era cedro, mui bem lavradas: remavam-nas com hũas pás mui compridas; no cabo das pás penachos e borlas de penas; e remavam cada almadia 40 homês todos em pé: e por se vir a noite nam fui ás suas tendas, que pareciam em hũa praia defronte donde estava; e pareciam outras muitas almadias varadas em terra: e elles acenavam que fosse lá, que me dariam muita caça; e quando viram que nam queria ir, mandaram hũa almadia por pescado: e foi e veo em tamanha brevidade, que todos ficamos espantados: e deramnos muito pescado: e eu mandeilhes dar muitos cascaveis e christallinas e contas: ficaram tão contentes e mostravam tamanho prazer, que parecia que queriam sair fóra do seu siso: e assi me despedi delles. Quasi noite fezseme o vento nornordeste por riba da terra: e com elle fazia o caminho ao longo da costa, por fundo de 5, 6 braças: como passou mea noite comecei a achar baxos de pedras, e alarguei-me mais da terra, e tirei a moneta, e fui com pouca vela, com a sonda na mão.

Terça-feira 26 de novembro pela manhãa me achei pegado com hũa ponta, (1) e fui para dobrar; e a costa voltava

(1) A em que se fundou a colonia do Sacramento.

ao noroeste e tomava do norte; e ventava tanto vento noroeste, que nos houvera de soçobrar. Mandei amainar a vela; e fui surgir na ponta da banda de leste, que abrigava do vento: e sai a terra a ver se podiamos tomar algũa caça. E de hũas grandes arbores, em que me fui pôr, para divisar a outra costa da banda do noroeste da ponta, houve vista de muitas ilhas (1) todas cheas d'arboredo, hũa legua da terra; e parecia cá que havia abrigo antre ellas. E assi me tornei para o bargantim com muita caça e mel. E á tarde acalmou o vento; e mandei meter os remos; e fui-me ás ilhas: corri-as todas; nunca achei porto nem abrigo, em que me meter: na mais pequena achei repairo; mas do vento sueste era desabrigada. Aqui estive toda a noite fazendo pescaria.

Quarta-feira 27 de novembro mandei concertar a padesada do bargantim, e pôr a artelharia em ordem, e írmos concertados para pelejar; porque na terra viamos muitos fumos, que he sinal de ajuntamento de gente. E ao meo dia parti destas ilhas, as quaes são sete, todas cheas de arboredo: as tres dellas sam grandes, e as quatro pequenas. Com o vento lesnordeste fazia o caminho ao longo da costa, a qual se corre ao noroeste e toma da quarta do norte. Duas leguas das sete ilhas ha hum rio (2) que traz muita agoa: fui para entrar nelle; e a entrada era roim de muitos baxos; e passei por longo da costa per fundo de 7, 8 braças; e a terra he toda chãa: quanto mais ávante ia tanto melhor me parecia: e á pustura do sol fui surgir a hũa ilha grande (3), redonda, toda chea d'arboredo, á qual puz o nome de — Santa Anna. — Aqui estive toda a noite;

(1) Ilhas de S. Gabriel.

(2) Rio de S. Juan.

(3) Ilha de Martim Garcia.

onde matei muito pescado de muitas maneiras: nenhum era de maneira como o de Portugal: tomavamos peixes d'altura de hum homem, amarelos e outros pretos com pintas vermelhas, — os mais saborosos do mundo.

Quinta-feira 28 de novembro sai em terra: nesta ilha achei muitas aves as mais fermosas, que nunca vi. Aqui vi falcões como os de Portugal. O vento saltou ao sul: puz-me da banda do norte da ilha: estive surto com muita tempestade, que se me desabrigára, achára de todo nos perderamos.

Sesta-feira 29 de novembro pela menhãa abonançou o tempo, e fui à ilha: mandei pôr fogo em tres partes della; para ver se nos acudia gente: e nam vimos senam fumos, que me demoravam a oessudoeste e nam viamos terra: mandei subir dous homês sobre hũas arbores grandes, que estavam na ilha, para ver se viam terra onde nos faziam os fumos, e viram arboredo, cousa que parecia terra alagadiça.

Sabado 30 de novembro á tarde me fiz à vela com o vento lesnordeste, e fui a hũas ilhas, que me demoravam ao nornoroeste. Desta ilha de Santa Anna às sete ilhas ha 4 leguas; e corre-se com ellas leste-oeste, e á terra ha duas leguas: a estas duas ilhas, a que puz nome de —Sant' André (1) — por ser hoje o seu dia, ha duas leguas da dita ilha de Santa Anna; e estam da terra mea legua: e achei nellas hum bom repairo, onde estive a noite toda.

Domingo 1.º de dezembro me fiz à vela pela menhãa, com o vento nordeste: e mandei governar a loessudoeste: fazia mui gram nevoa, que nam viamos nada, e fui assi

(1) Dos Hermanas.

até o meo dia pelo dito rumo; e indo por 5 braças de fundo fui de supito dar em 2 braças; e mais ávante dei em seco; e mandei saltar a gente á agua; saímos de seco; e tornei-me por onde viera. Como alimpou a nevoa, me achei hũa legua de hũa terra mui baxa, chea d'arboredo e muitos baxos e vi estar hũa boca grande, que me demorava ao noroeste; e fui a demandar por fundo de 2 braças, e ás vezes dando em seco, até que dei em hum canal de sete braças, que ía dar na dita boca: e entrei para dentro: e achei um rio (1) de mea legua de largo, e de hũa banda e d'outra tudo cheo de arboredo. A agua corria mui tesa para baxo: havia de fundo 10, 12 braças de lama molle. O rio faz a entrada leste-oeste: da banda do sul na boca delle ha hum esteiro pequeno de 6 braças de largo; e indo mais por o rio arriba, da banda do sul achei outro braço de outra mea legua de largo (2) que ía ao sudoeste, e mais acima achei outro braço (3), que vinha do noroeste: trazia muita agua, e era quasi hũa legua de largo. Entam vi que tudo eram braços e ilhas, antre que andavamos. As ilhas todas sam cheas d'arboredo; dellas sam alagadiças.

Segunda-feira 2 dias de dezembro, como foi menhãa, mandei remar pelo rio arriba: eram tantas as bocas dos rios, que nam sabia por onde ía; senam ia pela agua arriba; e fez-se-me noite a par de 2 ilhas pequenas onde surgi. Estive a noite toda com muito vento noroeste.

Terça-feira 3 de dezembro corria a agua aqui tanto, que nam podia ir ávante aos remos. A' tarde nos ventou muito

(1) Boca do Guazú.

(2) Boca brava.

(3) Braço largo.

vento sudoeste: com elle fomos pelo rio (1) arriba: achava 1 braço, que ia ao norte: outro, que ia ao loeste: e nam sabia por onde fosse. Ja aqui começava a achar as ilhas, com muitos arboredos e freeiras e outras mui fermosas arbores: muitas ervas e flores como as de Portugal, e outras diferentes: muitas aves e garças e abatardas, e eram tantas as aves, que com páos as matavamos. Ja aqui as ilhas nam sam alagadiças: a terra dellas muito fermosa.

Quarta-feira 4 de dezembro indo á vela pelo rio arriba, por hum braço que corria ao noroeste, dei n'outro, que se corria ao nordeste, mui largo; e na boca tinha duas ilhas pequenas, todas cheas d'arboredo. Aqui achei muitos corvos marinhos, e matei delles á bésta: e fui pelo dito braço: adiante mea legua me anoiteceu; e surgi a par de hûas arbores, onde estive a noite.

Quinta-feira 5 de dezembro, indo pelo dito braço arriba, achei muitos sinaes de gente. Faziam muitos fumos pelas ilhas: a terra da banda do sueste me parecia, onde era firme, a mais fermosa que os homês viram: toda chea de froles, e o feno d'altura de hum homem.

Sesta-feira 6 de dezembro fui dar n'hum estreito da banda do noroeste do rio, donde estive a noite toda; e de noite nos deu hûa trovoada do sudoeste com gram força de vento; e encheu o rio muito com este vento que retinha a agua.

Sabado 7 de dezembro nos ventou o vento a sudoeste com muita força. Fomos com pouca vela pelo dito braço arriba, que ao nordeste iam hûs fumos que faziam longe

(1) Esta subida pelo rio com vento S. O. e as mais confrontações que seguem descobrem que Pero Lopes deixou os braços do Paraná, e seguiu pelo Uruguay.

pelo rio arriba. E tendo andado 3 leguas me anoiteceu donde os faziam: e saí em terra: e nam achei rasto de gente; senam de muitas alimarias. De noite nos deu rebate hũa onça: cuidando que era gente, saí em terra com toda a gente armada.

Domingo 8 de dezembro me tornei por onde viera, para ir pelos outros braços arriba, ver se achava gente: e vim pelo rio abaxo dormir ás duas ilhas dos corvos (1).

Segunda-feira 9 de dezembro fui pelo braço arriba, que ia ao noroeste, o qual era mui grande: tinha de largo hũa legua e meа: trazia muita agua e grande corrente (2). Este dia nam andei mais que duas leguas; e surgi antre duas bocas, hũa que ia ao essudoeste, e outra ao noroeste.

Terça-feira 10 de dezembro fui pelo braço arriba que ia ao noroeste; e tendo andado 4 leguas por elle arriba, fui dar d'um rio de 3 leguas de largo, e ia a loeste; e fui dormir da banda do sul debaxo de hũs freixos. E de noite matamos 4 veados, os maiores que nunca vi.

Quarta-feira 11 de dezembro fui pelo rio arriba com bom vento: e vi um braço pequeno; e meti-me por elle, o qual ia ao noroeste: neste rio ha hũas alimarias como raposas, que sempre andam n'agua, e matavamos muitas: tem sabor como cabritos. Indo pelo braço arriba, vi que se fazia mui estreito: e tornei-me ao braço grande; e indo no meo delle descobri outro braço, que ia a loessudoeste; e fui por elle hũa legua, e dei n'outro rio mui grande, que ia a noroeste. E a terra da banda do sudoeste era alta, e parecia ser firme; e da mesma banda do sudoeste, achei hum

(1) São as ilhas onde estivera no dia 4.

(2) O Rio Negro, segundo hoje entendemos.

esteiro, que na boca havia duas braças de largo e bôa de fundo; e segundo a informaçam dos indios era esta terra dos Carandins. (1) Mandei fazer muitos fumos, para ver se me acudia gente, e no sartam me responderam com fumos mui longe.

Quinta-feira 12 de dezembro à boca deste esteiro dos Carandins puz dous padrões das armas d'elrei nosso senhor, e tomei posse da terra para me tornar d'aqui: por que via que nam podia tomar pratica da gente da terra; e havia muito que era partido donde Martim Afonso estava: e fiquei de ir e vir em 20 dias: e deste esteiro ao rio dos Beguoais, donde parti, me fazia 105 leguas. Aqui tomei altura do sol em 33 graos e 3 quartos.

Esta terra dos Carandins he alta ao longo do rio; e no sartam he toda chãa, coberta de feno, que cobre hum homem: ha muita caça nella de veados e emas, e perdizes e cordonizes: he a mais fermosa terra e mais aprazivel, que pode ser. Eu trazia comigo alemães e italianos, e homês que foram á India e francezes, — todos eram espantados da fermosura desta terra: e andavamos todos pasmados que nós nam lembrava tornar. Aqui neste esteiro tomámos muito pescado de muitas maneiras: morre tanto neste rio e tam bom, que só com o pescado, sem outra cousa, se podiam mantar: ainda que hum homem coma 10 livras de pexe, em mas acabando de comer, parece que nam come nada; e tornára a comer outras tantas. O

(1) Esta terra dos Carandins (Querandins) segundo nossos exames e confrontações, era proxima da paragem em que hoje existe a povoação *Mercedes*. Os *Querandins* eram como os *Chanás* e *Pampas* povos vindos dos Andes.— Vej. *Hist. Geral do Brasil* I., p. 147.

ar deste rio he tam boa que nenhũa carne, nem pescado apodrece: e era na força do verão que matavamos veados, e traziamos a carne 10, 12 dias sem sal, e nam fedia. A agua do rio he mui saborosa; pela menhãa he quente, e ao meo dia he muito fria; quanta o homem mais bebe, quanto melhor se acha. Nam se podem dizer nem escrever as cousas deste rio, e as bondades delle e da terra.

Sesta-feira **13** de dezembro parti deste esteiro dos Carandins para me tornar por donde viera. Como vento noroeste fazia o meu caminho á popa (**1**), que ia tam teso, que cada hora 3, **4** leguas. Sendo a par das ilhas dos corvos (**2**), d'antre hum arboredo ouvimos grandes brados, e fomos demandar onde bradavam: e saío a nós hum homem, á borda do rio, coberto com pelles, com arco e frechas na mão: e fallou-nos **2** ou **3** palavras guaranís, e entenderam-as os linguas, que levava; tornaram-lhe a falar na mesma lingua, nam entendeu: senam disse-nos que era **beguoaa chanaa** (**3**) e que se chamava **yahandú.** E chegámos com o bargantim a terra, e logo vieram mais **3** homés e hũa molher, todos cobertos com peles: a molher era mui fermosa; trazia os cabellos compridos e castanhos: tinha hũs ferretes que lhe tomavam as olheiras: elles traziam na cabeça hũs barretes das pelles das cabeças das onças, com os dentes e com tudo. Por acenos lhe entendemos que estava hum homem com outra geraçam, que chamavam **cha-**

(**1**) Note-se bem: Ao descer o rio ia á pópa com vento N.O.: seguia pois para S.E., o que não poderia succeder se tivesse subido pelo Paraná.

(2) As do dia 4 e 8 de dezembro.

(3) *Begoás* e *chanás* eram nomes de tribus de indios.

mãs, e que sabia falar muitas linguas; e que o queria ir a chamar, e estava la diante pelo rio arriba; e que elles iriam e viriam em 6 dias. Entam lhes dei muitas cristalinas e contas e cascaveis, de que foram mui contentes, e a cada hum delles seu barrete vermelho; e á molher hũa camisa: e como lhes isto dei, foram a hũs juncais, e tiraram duas almadias pequenas, e trouxeram-me ao bargantim pescado e taçalhos de veado, e hũa pasperna d'ovelha (1); mas nam ousavam de entrar dentro no bargantim, nem seguravam comnosco. E assi se foram, dizendo que haviam de vir dahi a 5 dias, e os esperassem nas ditas ilhas dos corvos. Aqui estive 6 dias esperando, nos quaes tomei muita caça e muito pescado, e muitos veados, tamanhos como bois, os quaes faziamos em taçalhos, para levar ás naos. Como vi que nam vinham, ao cabo dos 6 dias me parti.

Quarta-feira 18 dias de dezembro com o vento noroeste mui forçoso; e vim jantar á boca do rio, por onde entrára: e ali tirei muita artelharia a ver se me acudia gente. Assi estive até 2 horas depois de meo dia, que parti com o mesmo vento noroeste, e passei pelas ilhas de Sant' André e pela ilha de Santa Anna; e fui em se pondo o sol ás 7 ilhas (2), no porto onde estivera, quando por ali passára, onde deixára enterrado barris e outras cousas, que nos nam eram necessarias. Neste dia me fazia que andára 35 leguas. Aqui estive esta noite surto fóra das ilhas em fundo de 8 braças d'arêa limpa: e de noite me ventou muito vento norte.

Quinta-feira 19 de dezembro pela menhãa me fiz á vela; e como descobri o cabo de Sam Martinho (3),

(1) Provavelmente de paca, anta ou de capivára.
(2) S. Gabriel.
(3) P. de Espinillo?

que torna a costa lessueste, me deu muito vento lesnordeste: e a remos me acheguei á terra; e me meti em hũa enseada que abrigava do vento, a qual está da banda de leste do cabo de Sam Martinho.

Sesta-feira 20 de dezembro se fez o vento norte, e com elle fiz o meu caminho ao longo da costa, que se corre a lessueste. Corri todo o dia com mui bom vento. Desd'o cabo de Sam Martinho se fazem 3 pontas; afastada hũa legua hũa da outra, todas com arboredo, e lançam ao mar restingas de pedras; e antre ellas ha arrecifes mui perigosos. A' cerrada da noite me acalmou o vento á boca de hum rio, que á entrada era mui baxo. Aqui estive surto até á mea noite, que me deu hũa trovoada do sulsudoeste; e com o vento encheu a agua; e me meti na boca do rio: e como ia enchendo assi me ia metendo para dentro.

Sabado 21 de dezembro como foi menhãa acalmou o vento; e saí do rio, a que puz o nome — do Sam João. — Saltou o vento ao esnoroeste, e dei á vela: e 2 leguas do dito rio de Sam João achei a gente, que á ida topára nas tendas; e saíram-me 6 almadias, e todos sem armas, senam vinham com muito prazer abraçar-nos: e o vento era muito; e fazia gram mar; e elles acenavam-me que entrasse para hum rio, que junto das suas tendas estava. Mandei la hum marinheiro a nado, para ver se tinha boa entrada: e veo e disse-me que era muito estreito, e que nam podiamos estar seguros da gente, que era muita: — que lhe parecia que eram 600 homẽs; e que aquillo, que pareciam tendas que eram 4 esteiras, que faziam hũa casa em quadra, e em riba eram descobertas: e fato lhe nam vira; senam redes da feiçāo das nossas. Como vi isto me despedi delles; e lhes dei muita mercadoria; e elles a nós muito pescado. E vinham apoz de nós, hũs a nado e outros em almadias, que

nadam mais que golfinhos; e da mesma maneira nós com vento á popa muito fresco: — nadavam tanto quanto nós andavamos. Estes homês sam todos grandes e nervudos; e parece que tem muita força. As molheres parem todas mui bem. Cortam tambem os dedos como os do c a b o d e S a n t a M a r i a; mas nam sam tam tristes. Como me parti delles, mandei encher as vasilhas de agua doce; porque nos achegavamos á enseada onde se ajunta a agua doce com a salgada. Indo assi houve vista do m o n t e d o S. P e d r o; e anoiteceu-me hũa legua delle; e acalmou-me o vento. Aqui nam ha onde surgir, que o fundo he todo de pedra. Iamos remando ao longo da costa, e deu-nos hũa trovoada do sul com muito vento e relampados; e cuidei de sermos todos perdidos; e iamos dar de todo á costa; mandei lançar a fatexa, bem pegados com a rocha, em fundo de 4 braças de pedra. Estando assi com esta fortuna, se lançaram 2 marinheiros a nado, e se foram a terra, ver se havia algum lugar bom, em que dessemos em seco. E de terra bem bradaram que acharam hum esteiro, onde o bargantim podia entrar. Mandei levar a amarra, que quasi estava quebrada das pedras, e metemos os remos; e pondo muita força cada hum para se salvar. Remando mais avante hum tiro de bésta vi a boca do esteiro; e me meti nelle; e á entrada tem muitas pedras, onde me houvera de perder. Como fui dentro carregou tanto o tempo, que se me achára fóra todos nos perderamos.

Domingo 22 de dezembro passou-se o vento ao sueste, e acalmou: e vasou a agua e ficámos em seco no esteiro: e o fundo delle era de pedras mui agudas. Nesta costa desd'o sueste até o noroeste, como estes ventos ventam desta parte, enche a agua muito; ainda que vase a maré podem mais os ventos; e desde lessueste até o nornoroeste,

como ventam, vasa logo a agua, ainda que a maré encha obedecem os ventos: assi que nesta costa nam ha marés; senam quando ahí nam ha ventos. Desd'o cabo de Santa Maria até o monte de Sam Pedro se corre a costa leste-oeste: haverá de caminho 24 leguas; e desd'o monte Sam Pedro até o cabo de Sam Martinho se corre a costa a loeste e a quarta do noroeste: ha de caminho 25 leguas: e desd'o cabo de Sam Martinho até ás ilhas de Sant'André se corre a costa ao noroeste e toma do norte: ha de caminho 7 leguas. Tudo mais ávante sam ilhas, que nam tem conto; nem se póde escrever o numero dellas, nem a maneira de que jazem.

Segunda-feira 23 de dezembro saí fóra do esteiro: por ventar muito vento sueste, me meti n'hum porto da banda d'aloeste do monte de Sam Pedro este monte tem hum porto da banda de leste e outro da banda d'aloeste: aqui entrei pela terra; matei muitas emas e veados; e fui com a gente toda ao mais alto do monte de Sam Pedro, donde viamos campos, a estender d'olhos, tam chãos como a palma; e muitos rios: e ao longo delles arvoredo. Nam se póde escrever a fermosura desta terra: os veados e gazelas sam tantos, e emas, e outras alimarias, tamanhas como potros novos e do parecer delles, que he o campo todo coberto desta caça — que nunca vi em Portugal tantas ovelhas, nem cabras, como ha nesta terra de veados. A tarde me tornei para o bargantim.

Terça-feira 24 de dezembro, dia de natal, parti deste porto com o vento norte mui rijo: e em querendo dobrar hũa ponta dei em hum baxo de pedra, que nos lançou o leme hũa lança d'alto: quiz Deus que nos nam quebrou. Indo assi ao longo da costa, no meo de hũa enseada, carre-

gou tanto vento da terra, que num podiamos levar vela, e aforçava por nam esgarrar. Entrou-nos tanta agua que nos arresou o bargantim. Mandei lançar anchora: como poz a proa ao mar deu-nos algum lugar a lançar a agua fóra, que estava até á coberta todo arresado. Como foi esgotado tornei a dar á vela, e chegei-me bem á terra; e defronte da ilha da restinga, indo ao longo da terra, demos n'hum pexe com o bargantim, que parecia que dava em seco, e virou o rabo, e quebrou a metade da postiça: foi tam gram pancada que ficámos todos como pasmados: nam lhe vimos mais que o rabo: mas á soma, que despois fez na agua, parecia mui gram pexe. Duas horas de sol me acalmou o vento, hũa legua da ilha das pedras; e meti os remos, e fui surgir antre ella e a terra, com tençam d'estar ali a noite. Sendo hũa hora da noite me deu hũa trovoada do nornordeste, que vinha por riba da terra com tanto vento, quanto eu nunca tinha visto, que nam havia homem que falasse, nem que pudesse abrir a boca. Em hum momento nos lançou sobre a ilha das pedras; (1) e logo se foi o bargantim ao fundo antre duas pedras, donde foi dar. Saímos todos em riba das pedras, tam agudas que os pés eram todos cheos de cutiladas. Desta ilha á terra havia hũa legua. Ajuntamo-nos todos em hũa pedra; porque o vento saltou ao mar; e crescia muito a agua, que a ilha era quasi toda coberta; senam hum penedo em que todos estavamos, confessando hũs aos outros, por nos parecer que era este o derradeiro trabalho. Assi passámos toda esta noite em se todos encomendarem a Deus: era tamanho o frio, que os mais dos homẽs estavam todo entanguidos, e meos

(1) Hoje cremos com toda a probabilidade que esta ilha era a chamada hoje de las Gaviotas.

mortos. Assi passámos esta noite com tamanha fortuna, quanta homês nunca passaram.

Quarta-feira 25 de dezembro pela menhãa, saltou o vento a nordeste, e vasou a agua muito; e descobriu o bargantim, e de riba estava ainda são; mas debaxo parecia-nos que era todo quebrado. Alguns homês qe tinham forças, e que estavam em si faziam jangadas de remos e de pavezes, para se lançarem a nado á terra firme. Eu me fui com 3 homês ao bargantim e começámos a esgotar a agua, que dentro tinha, para lhe tirar o masto para nelle irmos á terra. Estando assi me pareceu que tirava a artelharia e fato, que surderia arriba; assi chamei alguns homês: — os que nam sabiam nadar, que os que sabiam andavam em se salvar com remos e com páos. Des que tirámos a artelharia e fato fóra, quis nossa senhora que surdiu o bargantim; e demos grandes brados á gente que acudisse, e que se nam lançassem a nado: porque o bargantim estava são, e que eramos todos salvos. O bargantim nam tinha mais que hum buraco na taboa do resbordo, que logo tapámos, e tornámos a meter o fato e recolher a gente nelle, para nos irmos ao rio dos Beguoais, que era dahi 2 leguas. Muitos homês estavam ja quasi mortos, que nam tinham forças para andar; e os mandei meter ás costas dentro no bargantim: e saltou o vento ao mar, e dei á vela, e fui quasi noite entrar no rio dos Beguoais. E nam tinhamos que comer, que havia 2 dias que a gente nam comia; e muitos homês ficaram tam desfigurados do medo, que os nam podia conhecer. Toda esta noite nos choveu e ventou com relampados e trovões; que parecia que se fundia o mundo.

Quinta-feira 26 de dezembro pela menhãa abonançou o tempo; mas era contrario a partirmos: e mandei hum

homem por terra à ilha das Palmas, donde Martim Afonso estava, a lhe dizer que, se o tempo durasse, nos mandasse mantimento, que estava em grande necessidade delle. Este dia nam comemos senam ervas cozidas. E andando pela terra em busca de lenha para nos aquentarmos fomos dar n'hum campo com muitos pàos tanchados e reides, que fazia hum cerco, que me pareceu à primeira que era armadilha para caçar veados; e despois vi muitas covas fuscas, que estavam dentro do dito cerco das reides: entāo vi que eram sepulturas dos que morriam: e tudo quanto tinham lhe punham sobre a cova; porque as pelles, com que andavam cobertos, tinham ali sobre a cova, e outras maças de pào, e azagaias de pào tostado, e as reides de pescar e as de caçar veados: todos estavam em contorno da sepultura, e quizera mandar abrir as covas; despois houve medo que acudisse gente da terra, que o houvesse por mal. Aqui juntas estariam 30 covas. Por nam podermos achar outra lenha mandei tirar todolos pàos das sepulturas: mandei-os trazer para fazermos fogo, para se fazer de comer com 2 veados, que matámos, de que a gente tomou muita consolaçam. A gente desta terra sam homês mui nervudos e grandes; de rosto sam mui feos: trazem o cabelo comprido; alguns delles furam os narizes, e nos barracos trazem metidos pedaços de cobre mui lucente: todos andam cobertos com pelles: dormem no campo onde lhes anoitece: não trazem outra cousa comsigo senam pelles e reides para caçar: trazem por armas hum pilouro de pedra do tamanho d'hum falcão, e delle sae hum cordel de hũa braça e mea de comprido, e no cabo hũa borla de penas d'ema grande; e tiram com elle como com funda: e trazem hũas azagaias feitas de pào, e hũas porras de pào do tamanho de hum covado. Nam comem outra cousa senam carne

e pescado: sam mui tristes; o mais do tempo choram. Quando morre algum delles segundo o parentesco, assi cortam os dedos — por cada parente hũa junta; e vi muitos homẽs velhos, que nam tinham senam o dedo polegar. O falar delles he do papo como mouros. Quando nos vinham ver nam traziam nenhũa molher comsigo; nem vi mais que hũa velha, e como chegou a nós lançou-se no chão de bruços; e nunca alevantou o rosto: com nenhũa cousa nossa folgavam, nem amostravam contentamento com nada. Se traziam pescado ou carne davam-no-lo de graça, e se lhe davam algũa mercaderia nam folgavam; mostrámos-lhe quanto traziamos; nam se espantavam, nem haviam medo á artelharia; senam suspiravam sempre; e nunca faziam modo senam de tristeza; nem me parece que folgavam com outra cousa.

Sesta-feira 27 de dezembro parti do rio dos Beguoais, e em se querendo pôr o sol cheguei á ilha das Palmas, onde Martim Afonso estava. Esta ilha das Palmas he muito pequena; della á terra ha hum quarto de legua: faz a entrada da banda do essudoeste: ha de fundo limpo 4, 5, 6 braças. Ao mar della, hũa legua ao sul, ha hũs baxos de pedra mui perigosos. Aqui estivemos nesta ilha 4 dias fazendo-nos prestes para nos irmos ao rio de Sam Vicente.

Terça-feira 1.º dia de janeiro partimos desta ilha com o vento lesnordeste; fizemos o caminho do sudoeste. A' noite se fez norte, e fizemos o caminho a leste toda a noite, com bom vento.

Quarta-feira 2 de janeiro pela menhãa saltou o vento a sudoeste; fizemos o caminho ao nordeste e a quarta de leste; e á noite acalmou o vento: e ao pôr do sol vimos terra, a qual se corre a nordeste-sudoeste. Esta noite fizemos hũa

agua mui grande, e davamos bom relogio à bomba e outro nam.

Quinta-feira 3 de janeiro pela menhãa nos deu muito vento sudoeste: faziamos o caminho ao nordeste e a quarta de leste. E mandou Martim Afonso a caravela ao p o r t o d o s P a t o s, para ver se achava o bargantim ou a gente delle, que perderamos de companhia, quando íamos para o rio; e mandou-lhe que governasse ao nordeste e a quarta do norte. Este dia tomei a altura em 29 graos e tres quartos: fazia-me de terra 15 leguas. Esta noite corremos à popa com mui bom vento.

Sesta-feira 4 de janeiro houve vista de terra, — hũas barreiras vermelhas, que estam des leguas ao sul do p o r t o d o s P a t o s. E ao sol posto fui com o p o r t o d o s P a t o s. Por me afastar de terra fiz o caminho a lesnordeste, com o vento sul, e com mui gram mar fizemos tanta agua toda esta noite, que não levamos a mão da bomba até pela menhãa, que tomámos parte della.

Sabado 5 dias de janeiro abonançou mais o tempo e o mar; e ao meo dia tomei o sol em 27 graos.

Domingo 6 do dito mes nos ventou o vento sulsueste, e com o traquete baxo corremos a noite toda ao nordeste e a quarta de leste.

Segunda-feira 7 do dito mes ao meo dia tomei o sol em 25 graos escaços; e hũa hora de sol vi a terra, que he mui alta, e seria della 7 leguas; e fomos no bordo da terra até a noite, que se me fez o vento lesnordeste; e virámos no bordo do mar.

Terça-feira 8 de janeiro no quarto d'alva nos fizemos no bordo da terra; e ao meo dia fomos com ella; e conheci ser o rio da banda do nordeste da C a n a n e a, e como nam podiamos cobrar pela corrente e o vento ser grande. E o

porto de Sam Vicente me demorava a nordeste: estava delle 15 leguas. Como vi que nam podiamos cobrar arribamos á ilha de Cananea: e ao pôr do sol surgimos a terra della.

Quarta-feira 9 do dito mes se nos abriu hũa grande agua na nao, que nos dava muito trabalho. Aqui nesta ilha estivemos até quarta-feira 16 de janeiro, que partimos com o vento sudoeste, fazendo sempre muita agua, que nam se levava a mão a duas bombas.

Quinta-feira 17 do dito mes a agua corria ao nordeste, e sem vento andámos este dia 10 leguas.

Sesta-feira 18 do mes de janeiro andámos em calma até sabado no quarto d'alva, que se fez o vento sueste, e fazia o caminho ao longo da costa hũa legua de terra, por fundo de 35 braças d'area, e ao meo dia tomei o sol em 24 graos e 35 meudos.

Domingo 20 do dito mes pela menhaa 4 leguas de mim vi a abra do porto de Sam Vicente: demorava a nornordeste; e com o vento lesnordeste surgimos em fundo de 15 braças d'area, mea legua de terra; e ao meo dia tomei o sol em 24 graos e 17 meudos; e 2 horas antes que o sol se puzesse nos deu hũa trovoada do noroeste: pela corrente ser mui grande ao longo da costa atravessava a nao o vento que era mui grande; e metia a nao todo o portaló por debaxo do mar; se nos nam quebrára a anchora pela unha foramos soçobrados, segundo o vento era desigual. Como se fez o vento oessudoeste demos á vela; e esta noite no quarto da modorra fomos surgir dentro n'abra, em fundo de 6 braças d'area grossa.

Segunda-feira 21 de janeiro demos á vela, e fomos surgir n'hũa praia da ilha do Sol; pelo porto ser abrigado de todolos ventos. Ao meo dia veo o galeam Sam Vicente

surgir junto comnosco, e nos disse como fóra nam se podia amostrar vela, com o vento sudoeste.

Terça-feira pela menhãa fui n'hum batel da banda d'aloeste da bahia e achei hum rio estreito, em que as naos se podiam correger, por ser mui abrigado de todolos ventos: e à tarde metemos as naos dentro com o vento sul. Como fomos dentro mandou o capitam I. fazer hũa casa em terra para meter as velas e emxarcia. Aqui neste porto de Sam Vicente varámos hũa nao em terra. A todos nos pareceu tam bem esta terra, que o capitam I. determinou de a povoar, e deu a todolos homẽs terras (1) para fazerem fazendas: e fez hũa villa na ilha de Sam Vicente e outra 9 leguas dentro pelo sartam, à borda d'hum rio, que se chama Piratinimga: e repartiu a gente nestas 2 villas e fez nellas oficiaes: e pôz tudo em boa obra de justiça, de que a gente toda tomou muita consolaçam, com verem povoar villas e ter leis e sacreficios, e celebrar matrimonios, e viverem em comunicaçam das artes; e ser cada um senhor do seu; e vestir as enjurias particulares; e ter todolos outros bens da vida sigura e conversavel.

Aos 5 dias do mes de febreiro entou neste porto de Sam Vicente a caravela Santa Maria do Cabo, que o capitam I. tinha mandado ao porto dos Patos buscar a gente d'um bargantim, que se ahi perdera; e achou que tinha feito outro bargantim, com ajuda de 15 homẽs castelhanos, que no dito porto havia muitos tempos, que estavam perdidos: e estes castelhanos deram novas ao capitam I. de muito ouro e prata, que dentro no sartam havia: e traziam mostras do que diziam e afirmavam ser mui longe. Estando

(1) De uma destas datas de terra feita a Ruy Pinto possuimos copia (Doc....)

neste porto tomou o capitam I. parecer com todolos mestres e pilotos e com outros homês, que para isso eram, para saber o que havia de fazer; porque as naos se estivessem dous meses dentro no porto nam podiam ir a P o r t u g a l, por serem mui gastadas do busano: e a gente do mar vencia todo soldo sem fazerem nenhum serviço a elrei, e comiam os mantimentos da terra. E assentaram que o capitam I. devia de mandar as naos para P o r t u g a l, com a gente do mar; e ficasse o capitam I. com a mais gente em suas 2 villas, que tinha fundadas, até ver recado da gente, que tinha mandado a descubrir pela terra dentro, e logo me mandaram fazer prestes para que eu fosse a P o r t u g a l nestas (1) 2 naos, a dar conta a elrei do que tinhamos feito. A i l h a d o S o l está em altura de 24 graos e hum quarto (2).

Quarta-feira xxij dias do mes de maio da era de 1532, da era dadam de oito mil e quinhentos e xbj e 3 6 1 *d i a s* (*) da era do diluvio de 4634 annos e 95 dias estando o sol em 10 g. e 32 meudos de geminis e a lua em 19. g. de capricornio, party do R i o d e S a m V i c e n t e hũa ora antes que o sol se posese com o vento noroeste. E como foi noite fiz o caminho a leste e a quarta de nordeste.

Quinta-feira polla manhãa era tanto avante com a y l h a d e S a m S e b a s t i a m e ao meo dia se fez o vento oeste e começou a ventar e que me foi necessario tirar as monetas e correr com hos papafigos baxos fazendo o caminho

(1) Daqui se vê que este diario se ia escrevendo a bordo.

(2) Aqui concluia a cópia que nos serviu de texto na 1ª edição. Porém o Codice da Bibliotheca Real que hoje temos pelo original escripto a bordo prosegue logo dando conta do regresso, como ora adoptamos.

(*) Convem notar primeiro que o que está em grifo se acha escipto no codice da Bib. Real, porém á margem e com uma chamada.

a lesnordeste ate a mea noite que mandei tomar as velas por me fazer com ho R i o d e J a n e i r o.

Sesta-feira xxiiij dias do dito mes pola menhãa via terra 3 leguoas de mim e conheçi o R i o d e J a n e i r o que me demoraua a norte e quarta do nordeste e com o vento sudueste dei a vela e entrei nelle ao meo dia.

Sesta-feira xiiij dias do mes de Junho chegou a nao s a n t a m a r i a d a s c a n d e a s, que fiquara em s a m v i c e n t e acabando-se de correger. Neste rio estive tomando mantimento para 3 meses e partime terça-feira 2 dias de Julho: com o vento nordeste say fora, e achei o mar tam feo, que me foi necessario tornar a Ribar e surgi na boca ao mar da y l h a d a s p e d r a s em fundo .15. braças darea limpa.

Quinta-feira 4 do dito mes me torney a fazer a vela com ho vento norte. Duas leguoas ao mar me deu mujto vento sudueste e mandei fazer o caminho a leste e em se pondo o sol fui com o C a b o f r i o. No quarto da prima mandei governar a leste ate sesta-feira ao meo dia que fiz o caminho a lesnordeste com ho vento sudueste de todalas velas.

Sabado 6 dias do mes de Julho se me fez o vento sul. Fazia o caminho a nordeste e a quarta de leste.

Domingo bij do mes polla menhãa me fez o galeam sinal e como acheguei a elle me disse que faziam tanta aguoa que duas bombas a não podiam vencer e que queriam virar no outro bordo; ver se a podiam tomar: e em virando 2 relogios no outro bordo a tomaram e tornamos a virar e fazer o caminho a nordeste e a quarta de leste.

Segunda-feira biij dias do mes de Julho ao meo dia tomey o sol em .21. g. e meo: demoravame o *cabo frio* ao essudueste: fazia me delle .lx. e 2 leguoas. A i l h a d o s

baxos me demorava ao noroeste: fazia me della .l. leguoas.

3.ª feira se fez o vento leste: com elle fazia o caminho da norte e a quarta do nordeste pollas naos serem grandes de bolina lhe dava pouco abatymento.

Quarta-feira .x. do mes de Julho se fez o vento calma ate sabado ao meo dia que o vento sudueste começou a ventar brando e de noite com ho vento fresquo de todas as velas fazia ho caminho do norte atè domingo ao meo dia que tomey o sol em .19. g. e 3 quartos e mandei fazer o caminho a norte e a quarta de noroeste. Os baxos dos parguetes me demoravam ao sudueste e a quarta daloeste: fazia-me delles .lxx. leguoas. A ilha dos baxos me demorava ao noroeste: fazia me della xbiij leguoas.

Segunda-feira .xb. do dito mes ao meo dia tomei o sol em .17. g. Com mujto vento sudueste e mar corria com os papafigos baxos ao nornoroeste. Esta noite com o mar muj groso nam levamos a mão de 2 bombas: fazia a nao por tantas partes a aguoa que toda a noite andaua com ho calafate debaxo da cuberta tomando aguoas. Eram tantas as baleas nesta parajem e tamanhas e chegavam se tanto as naos que lhe auiamos mui grande medo.

3.ª feira xbj do dito mes tomei o sol ao meo dia em 15. g. e 3 quartos. Demorava me a Baia de todolos Santos ao nornoroeste. Mandei fazer o caminho ao noroeste ate o quarto da modorra, que ouve vista da terra que mandei fazer o caminho ao norte e a quarta do nordeste com o mar mui grosso.

Quarta-feira xbij do dito mes polla menhãa reconhecy as serras que jazem ao sul da baia de todollos santos .xxb. leguoas e ao meo dia se fez o vento susudueste muj forçoso. Era o mar tam grosso que a nao me nam queria guovernar

asy fui correndo com huũ bolso da vela davante com mui gram temporal: ao jugar da nao faziam tanta aghoa que não leuauamos mãos a 2 bombas. Este dia tomei o sol em .14. g. e o sol posto houve vista do P a d r ã o: por fazer mujto vento e o mar e a terra estar muj afumada nam entrei na bahia e fiz me no bordo do mar até .5. Relogios do 4.º da modorra que tornei no bordo da terra.

Quinta-feira .18. dias de Julho em Rompendo a alua vi o padrao mea leguoa de mjm e o marquey aloeste e a quarta do noroeste metendo as monetas pera entrar na b a h i a. Saltou o vento ao sudueste com tanta força que nam podiamos metter as naos de loo. Torney a mandar a tirar as monetas e com hos papafigos baxos cobrei a ponsa do padrão, com asaz trabalho. Era tam grande o mar que a entrada da bahia em .9. braças de fundo me deu o mar por Riba do chapiteo e veo quebrar no conves.

Nesta bahia estive calafetando os altos das naos que os traziam esvaidos e tomando mantimentos e outras cousas que me eram necessarias. Aqui fiz alardo da gente que trazia pera poderem tomar armas e achey em ambas as naos. I e iij. homẽs e os .xxx. delles sem armas.

Aqui se lançaram com os indios 3 marinheiros da minha nao, e me detiveram 8 dias busquando os e nam nos pude aver por os indios mos esconderem.

3.ª feira xxx dias do mes de Julho parti desta bahia de todolos santos com o vento sudueste, e como fui ao mar 2 leguoas se me fez leste e virey no bordo da terra ate o quarto da prima que tornei a virar no bordo do mar.

Quarta-feira xxxj do dito mes no quarto da lua tornei a virar no bordo da terra com o vento lessueste. Desda

da ponta do padrão até a pedra da galee se corre a costa les nordeste oessudueste. Ha de caminho quatro leguoas e da pedra da galee ate o a Recyfe de Sam migel se corre a costa nornordeste susudueste e desdo o aRecyfe ate o cabo de Santagustinho se corre a corre a costa nortesul toma da quarta de nordeste sudueste. Desde esta bahia de todollos santos ate o cabo de sam Roque correm as aguoas ao norte 7 meses .s. março e abril e maio e junho e julho e agosto e setembro ate outubro e estoutros çinquo meses do anno correm ao sul e como achegam a esta bahia correm ao sueste todo o anno e nestes çinquo meses correm com mais força.

Quinta-feira 1.° dia do mes d'agosto andei em calma ate de noite no quarto da prima que se fez o vento sueste e com elle mandei fazer o caminho do nordeste.

Sesta-feira fazendo o dito caminho ao meo dia tomei o sol em 10 .g. e des do meo dia mandei fazer o caminho ao nordeste e a quarta do norte ate 4 Relogios andados do quarto da prima que mandei fazer o caminho ao norte e a quarta do noroeste.

Sabado 3 de agosto polla menhãa ouve vista da terra e em me chegando mais a ella Reconheci as serras de santantonio que me demoravam o loeste e ao meo dia tomei o sol em .9. g. e 30 meudos. E duas oras antes que o sol se posesse com o vento sudueste mandei tomar as velas, lancei as naos ao pairo 1 leguoa de terra em fundo de .xxx. braças de pedra : na terra me faziam mujtos fumos.

Dominguo iiij dias d agosto 1532 estando o sol em 21. g. e 3 meudos de leo e a lua em .b. graos de libra e em o sol nacendo mandei dar as velas com o vento sudueste. Indo costeando a terra 1 tiro de bombarda per fundo de .xb.

braças indo na gavia as 9 oras do dia vi a i l h a d o s a n t a l e x o: dem orava me ao norte e como me acheguei mais a ella vi hũa nao que estava surta antre ella e a terra: parecia ser mui grande: logo me deçi da gavia, e mandei fazer prestes a artelharia e mandei fazer sinal ao galeam que vinha por minha popa e em chegando a mym lhe disse que pusesse a artelharia em ordem, e se fizesse a gente prestes porque se a nao que estava na ilha surta fosse de França avia de pelejar com ella.

N. B. Aqui acaba no MS. quasi o verso da fol 29. — Seguem-se em branco as folhas numeradas 30, 31, 32, 34 e 35. Passa em claro a 33, cujo numero vem a ter a ultima, que está depois da 41, e tambem é em branco, só no principio da pagina diz:

Sexta-feira xbij do

Segue uma *raspadella*, depois a fol. 35, e continúa:

Segunda-feira 4 dias do mes de novembro da era de 1532 parti do porto de P e r n a m b u c o com o vento da terra. Sendo ao mar hũa leguoa se fez o vento nordeste e fiz me na volta do sueste ate a terça-feira no quarto da prima que se fez o vento leste e virei no bordo do norte, ate quinta-feira ao meo dia que tomei o sol em .b. graos e .l bj. meudos.

Sesta-feira biij de nouembo fazia o caminho do norte e a quarta do nordeste. Ao meo dia tomei o sol em 5 graos e 3 quartos.

Sabado 9 dias do dito mez fazendo o dito caminho ao meo dia tomei o sol em .4. g. demoravame o cabo de s a n t a g o s t i n h o. Ao sul e a quarta do sudoeste fazia me delle 80 leguas. A i l h a d e F e r n a m d e L o r o n h a

me demorava a leste e a quarta do nordeste: fazia me della .I. léguas.

Domingo com o vento leste e o mar mui chão e os dias mui craros que nesta parajem se acham muj poucas vezes fazia o caminho do norte e ao meo dia tomei o sol em .2. g. e meo.

Segunda-feira xj dias de novembro: no quarto dalua se me fez o vento lessueste: fazia o caminho do norte e a quarta do nordeste por dar abatimento as agulhas que me noresteavam hũa quarta. Ao meo dia tomei o sol em .I. g. e um quarto.

3.ª feira xij do dito mes fazia o dito caminho e ao meo dia tomei o sol em 16 meudos. Demoravame a ilha de fernam de loronha ao sul e a quarta do sudueste: fazia me della lxb. legoas: o penedo de sam pedro me demoraua ao nordeste: fazia me delle liij legoas.

Quarta-feira xiij de novembro com o vento lessueste fazia o caminho do norte e a quarta do nordeste por dar a dita quarta dabatimento as agulhas: ao meo dia tomey o sol em .I. .g. da banda do norte.

Quinta-feira xiiij do mes ao meo dia tomei o sol em 2. g. e um terço e a tarde se fez o vento sueste e fazia o caminho ao nordeste e a quarta do norte.

Sesta-feira polla menhãa se fez o vento lessueste e tornei a fazer o caminho do norte e a quarta do nordeste e ao meo dia tomei o sol em 3. g. e xxxbiij meudos.

Sabado fazia o dito caminho. Ao meo dia tomei o sol em 4. g. e xbj. meudos.

Dominguo xbij de nouembro fazendo o dito caminho tomei o sol em .5. g. e demorauame o penedo de sam pedro ao sueste: fazia me lxx e çinquo legouas: demoravame o cabo verde ao nordeste: faziame delle ii. e quarenta legouas.

Esta noite no quarto da modorra me deu hũa muj grande travoada de lesnordeste com muito vento e aguoa que fiquou em calma ate quarta-feira xx do mês que no quarto dalva me deu mujto vento nordeste e com mui grande mar que esta noite estive em condição de alijar por mo requerer o piloto da outra nao dizendo que se ia ao fundo com hũa agoa que se lhes abrira asi fomos com este temporal com os papafiguos mui baxos fazendo o caminho do noroeste ate sesta-feira que ao por do sol abonançou mais o tempo.

Sabado ao meo dia tornou o vento nordeste a ventar com mujta força que o nam pude soportar as velas e as mandei tomar e estive este dia todo de mar em traves com muj grande mar e aguoajem que vinha de leste.

Dominguo

Depois de fol. 35 seguem no codice mais cinco em branco, vem logo a fol. 33 de que falamos, e conclue.

DOCUMENTOS.

Carta de grandes poderes ao capitão mór, e a quem ficasse em seu logar.

Dom Joham & A quantos esta mjnha carta de poder virem faço saber que eu envio ora a martim afonso de sousa do meu conselho por capitam mor darmada que envyo a terra do brasil e asy de todas as terras que elle dito martim afonso na dita terra achar e descobrir e porem mando aos capytães da dita armada e fidalgos caualeiros escudeiros gemte darmas pylotos mestres mariamtes e todas outras pessoas que na dita armada forem e asy a todas as outras pessoas e a quaesquer outras de qualquer calidade que se-

jam que nas ditas terras que elle descobrir ficarem e nela estiverem ou a ella forem ter por qualquer maneira que seja que aja ao dito martim afonso de sousa por capitam mor da dita armada e terras e lhe obedecam em todo e por todo o que lhes mandar e cumpram e guardem seus mandados asy e tam jnteyramente como se por mim em pessoa fosse mandado sob as penas que elle poser as quaes com efeyto dara a divida execucam nos corpos e fazendas d'aquelles que ho nom quyserem cumprir asy e allem diso lhe dou todo poder e alcada mero e mysto imperio asi no crime como no civel sobre todas as pessoas asy da dita armada como em todalas outras que nas ditas terras que elle descobrir viverem e nella estiverem ou a ella fforem ter por qualquer maneira que seja e elle determjnara seus casos feytos asy crimes como cives e dara neles aquelas sentenças que lhe parecer Justiça conforme a direito e mynhas ordenações ate morte naturall Inclusyue sem de suas sentenças Dar apelacam nem agravo que pera todo o que dito he e tocar a dita jordicam lhe dou todo poder e alcada na maneira sobredita porem se alguns fidalguos que na dita armada forem e na dita terra estiverem ou vyverem e a ela forem cometerem alguns casos crimes per omde merecam ser presos ou emprazados elle dito martim afonso os podera mandar prender ou emprazar segundo a calidade de suas culpas o merecer e mos enviara com os autos das ditas culpas pera caa se verem e determinarem como for justiça porque nos ditos fidalgos no que tocar nos casos crimes ey por bem que elle nam tenha a dita alcada e bem asy dou poder ao dito martim afonso de sousa pera que em todas terras que forem de minha conquista e demarcacam que elle achar e descobrir posa meter padroes e em meu nome tome delas Reall e autoall e tirar estormentos e fazer todos

os outros autos quando direitamente se Requererem e forem necesaryos porque pera isso lhe dou especial e todo comprido poder como pera todo ser fyrme e valioso Requerem e se pera mais fyrmeza de cada hũa das cousas sobreditas e serem mais fyrmes se comprirem com efeyto e necessarjo de feito ou de direito nesta mjnha carta de poder yrem decraradas alguma clausulla ou clausulas mais especiaes e exvberantes heu as hey asy por expressas e decraradas como se especiallmente o fossem posto que sejam taes e de tall calidade que de cada hũa delas por direito fose necesarjo se fazer expresa memçam e porque asy me de todo praz mandey diso pasar esta mjnha carta ao dito martym afonso asynada por mim e aselada do meu selo pendente dada em a vila de crasto Verde aos xx dias do mes de novembro fernam da costa a fez ãno do nacimento de noso Snõr Jhũ x.º de mil bcxxx ãnos e eu amdre pyz a fiz escrever e sobsstpvy e se o dito martim afonso em pessoa for algumas partes elle leixara nas ditas terras que asy descobrir por capitam mor e governador em seu nome a pessoa que lhe parecer que ho melhor fara ao quall leixara por seu asynado os poderes de que hado usar que seram todos ou aquela parte destes nesta mjnha carta decrarados que elle vyr que he bem e mando que a dita pessoa que asy leixar seja obedecido como ao dito martim afonso sob as penas que nos ditos poderes que lhe asy leixar forem decraradas e no que toca a emprazamento dos fidalgos que em cima he decrarado por alguns justos Respeitos ey por bem que o dito martim afonso os nom empraze e quando fizerem taes cazos por onde merecam pena algũa crime elle os prendera e mos emviara presos com os autos de suas culpas pera se nyso fazer o que for justica (***Real Arch. Liv. 41 da Chancellaria de elrei D. João 3º, folh.*** **105**).

Carta de poder para o capitão mor criar tabaliães e mais officiaes de justiça.

Dom Joham &c. A quamtos esta mjnha carta virem faço saber que eu emvio ora a martym afonso de sousa do meu conselho por capitam moor darmada que envio a terra do brazill e asy das terras que elle na dita terra achar e descobryr e por que asy pera tomar a posse dellas como pera as cousas da Justica e gouernamça da terra serem menystradas como deuem sera necesaryo cryar e fazer de novo alguns oficyaes asy tabaliães como quaesquer outros que vyr que pera yso forem necesaryos por esta mjnha carta dou poder ao dito martym afonso pera que elle posa cryar e fazer dous tabaliães que syrvam das notas e Judiciall que logo com elle da qy vam na dita armada os quaes seram taes pessoas que ho bem saybam fazer o que pera ysso sejam autos aos quaes dara suas Cartas com ho trelladi desta mjnha pera mays fermeza e estes tabaliaes que hasy fazer leixaram seus synaes publicos que ouverem de fazer na mjnha chancellaria e se despoys que elle dito martym afonso for na dita terra lhe parecer que pera gouernamça della sam necesaryos mays tabaliães que hos sobre ditos que asy da qy hade leuar yso mesmo lhe dou poder pera os cryar e fazer de novo e pera quamdo vagarem asy hũs como outros elle prouer dos ditos oficyos as pessoas que vyr que pera yso sam autas e pertemcentes e bem asy lhe dou poder pera que possa cryar e fazer de nouo e prouer por falecymento dos que cryar os oficyos da Justiça e gouernamça da terra que por mjm nam forem proujdos que vyr que sam necesaryos e os que asy por elles cryados e proujdos forem ey por bem que tenham e posuam e syruam os ditos oficyos como se por mjm por mjnhas proujsões os fosem e por que hasy

me diso praz lhe dey esta mjnha carta de poder ao dito martym afonso por mjm asynada e asellada com ho meu sello pera mays fermeza dada em a Villa de crasto Verde a xx dias de novembro fernam da costa a fez anno do nacymento de noso sor Jhû x° de myll bc xxx annos E eu amdre piz a fiz escreuer e soescrevy (*R. Arch. Liv.* 41 *de D. João* 3.° *fol.* 103).

Carta para o capitão mór dar terras de sesmaria.

Dom Joham &c A quantos esta mjnha carta virem faco saber pera que as terras que martym afonso de souza do meu conselho descobryr na terra do brazyll omde o emvio por meu capitão moor se possam aproveytar eu por esta mjnha carta lhe dou poder pera que elle dito martym afonso posa dar as pessoas que comsygo leuar as que na dita terra qyserem vyuer e pouoar aquella parte das terras que hasy achar e descobryr que lhe ben parecer e segundo o merecerem as ditas pessoas por seus seruycos e calydades pera aas aproueytarem e as terras que hasy der sera somente nas vidas daquelles a que as der e mays nam e as terras que lhe parecer bem podera pera sy tomar porem tanto ate mo fazer saber e aproueytar e gramjear no mylhor modo que elle poder e vyr que he necesaryo pera bem das ditas terras e das que hasy der as ditas pessoas lhes passara as cartas declarando nellas como lhas da em suas vidas somente e que de demtro em seys annos do dia da dita data cada hum aproueytar a sua e se no dito tenpo asy ho nam fizer as podera tornar a dar com as mesmas condicoes a outras pessoas que has aproueytem e nas ditas cartas que lhes asy der hyra trelladada esta mjnha carta de poder pera se saber a todo tenpo como o fez por meu mamdado e lhe ser Im-

teyramente guardada a quem a tyuer e o dito martym afonso me fara saber as terras que bachou pera poderem ser aproueytadas e a quem as deu e quamta camtydade a cada hum e as que tomou pera sy e a dysposiçam dellas pera o eu ver e mandar nyso o que me bem parcer e por que asy me praz lhe mandey dar esta mynha carta por mjm asynada e asellada cóm ho meu sello pemdemte dada em a Villa de crasto verde a xx dias do mes de novembro fernam da costa a fez anno do nacymento de noso Sor Jhũ xº de mj l bc xxx anos (*R. Arch. Liv. 41. da Chanc. de D. João 3.º fol.* 103).

Pag. 72 linh. 12.

A respeito da ilha de Fernão de Noronha transcreveremos aqui os seguintes documentos taes como foram pela primeira vez publicados na nota 11 pag. 71 e seguintes da 1.ª edição deste escripto de Pero Lopes.

Dom Joam etc. fazemos saber que por parte de fernam de loronha cavaleiro de nosa casa nos foy apresemtada huma carta delRei meu Senhor e padre que Samta groria aja de que o teor tall he—Dom Manuell per graça de Deus Rey de purtugall e dos allgarves daquem e dalem mar em afriqua senhor de guinee e da comquista navegaçam comercio detiopia arabia persya e da Imdia. A quamtos esta nosa carta vyrem fazemos saber que avemdo nos Respeito aos serviços que fernam de noronha cavaleiro de nosa casa nos tem feitos e esperamos ao diamte dele Receber e querendo lhe por isso fazer graça e merce Temos por bem e nos praz q vimdo se a povoar em allgum tempo a nosa ilha de sam joam que ele ora novamente achou e descobrio 50 leguoas ao mar da nosa terra de samta Cruz lhe daramos e fazemos merce da Capitania della em vida sua e de hum seu filho baram lidimo mais velho que dele ficar ao tempo de seu falecimento

e quamdo esto asy for lhe mamdaremos fazer sua Carta em forma em a qual lhe daremos os direitos e Jurdição que com a dita Capitania ade ser segundo que nos emtão bem parecer. E por firmeza delo e sua guarda lhe mandamos dar esta Carta per nos asynada e asellada do noso Sello pemdemte a quall prometemos de se lhe comprir e guardar imteiramente como se nella comtem por quamto asy hee nosa merce dada em a nosa cidade de lixboa a **16** dias de Janeiro francisco de matos a fez ano do nacimento de noso Senhor Jesu Christo de **1504** — Pedimdonos o dito francisco de loronha por merce que lhe confirmasemos a dita carta e visto per nos seu dizer querendo lhe fazer graça e merce temos por bem e lha comfirmamos e avemos por confirmada asy e na maneira que se nella comtem e queremos e mamdamos que asy lhe seja comprida e guardada dada em a nosa cidade de lixboa a **3** dias de março pero fragoso a fez ano de noso Senhor Jesu Christo de **1522** (*Do Real Archivo Liv. 37 da Chanc. de D. João 3.° fol.* 152).

Neste mesmo livro a fol. 152 v. se acha a carta d'elrei D. Manoel de **24** de Janeiro de **1504**, em que lhe faz doação da ilha; confirmada igualmente por elrei D. João **3.°** na data ut supra de **3** de Março de **1522**. — E' como se segue :

« Dom Joham &.ª fazemos ssaber que por parte de fernam de loronha caualeiro de nossa cassa nos foi apresentada hũa carta del Rey meu senhor e padre que santa groria aja de que ho teor he — dom manuell per graça de deos Rey de purtugall e dos algaarues daquem e dalem mar em afryca senhor de guine e da comquista navegacam comercyo tyopia arabia percia e da Imdia a quantos esta nossa carta virem fazemos saber que havemdo nos Respeitos aos seruiços que fernam de noronha caualeiro de nossa cassa nos tem feitos e esperamos dele ao diamte receber e queremdo-lhe fazer

graça e mercê temos por bem e lhe fazemos doaçam e merce daqui em diamte pera em todollos dias de sua vida e de hum seu filho barão lidimo mais velho que delo ficar ao tempo de seu falecymento da nosa jlha de sam joham que ele hora novamente achou e descubryo 50 legoas alla mar da nossa terra de samta cruz que lhe temos aremdada a qual Ilha lhe asy damos pera nella lamcar gado e a romper e aproueitar segumdo lhe mais aprouer com tall entemdimento e decraração que de todo perveeito que na dita Ilha ouuer asy agora como ao diante per qualquer modo e maneira que seja tiramdo espycearía drogaría e coussas de tintas que pera nos resseruamos e de todo ho mais nos dara e pagara e asy ho dito seu filho o quarto e dizimo soomente ssem mais outro nenhuum direito. — E porem mandamos aos veadores de nosa fazemda oficiaes de nosa casa de guyne e Imdia que hora sam e Ao diante forem e a quaesquer outros nossos oficiaes e Juizes e Justiças a que esta nosa carta for mostrada e o conhecimento della pertemcer que Imteiramente lha cumpram e guardem e facam comprir e guardar ssem lhe niso em nenhũ tempo que seja a ele fernam de loronha nem ao dito seu filho em suas vydas ser a ello posto duvida nem ouutro embargo algum por que asy he nossa merce e por firmeza delo lhe mandamos dar esta por nos assynada e aselada do noso selo pemdemte dada em a nosa Cydade de lixboa a vinte e quatro dias de Janeiro francisco de matos a fez anno do nacymento de nosso Senhor Jesu Christo de mil quinhentos e quatro — e pedimdo-nos o dito fernam de loronha por merce que lhe confirmasemos a dita carta e visto por nos seu dizer queremdo-lhe fazer graça e merçe temos por bem e lha confirmamos e havemos por confirmada queremos e mandamos que asy se lhe cumpra e guarde dada em a çidade de lixboa a tres dias de março pero fergoso a fez anno do naci-

mento de nosso senhor jesu christo de mill quinhentos e vinte e dois.

De outros livros e logares vemos as successivas confirmações desta doação, e rectificamos ser a mesma ilha chamada hoje — de Fernão (ou Fernando) de Noronha. — Aqui os apontamos:

Do Liv. 9 fol. 272 v. da Chancellaria de elrei D. Sebastião se vê que em data de 20 de Maio de 1559 foi confirmada em Fernão de Loronha, filho de Diogo de Loronha, neto de Fernão de Loronha, a doação que fora feita a este ultimo seu avô por elrei D. Manuel (e o Alvará acima de D. João 3.º) da ilha de S. João, que *está* (diz a carta de doação) *sessenta legoas ao mar do cabo de S. Roque da terra do Brasil.*

Do Liv. 3.º f.100 de D. Pedro 2.º se vê a confirmação de elrei da doação da mesma ilha por successão a João Pereira Pestana, filho de João Pereira Pestana e neto de Fernão Pereira Pestana de Loronha *donatario que foi da ilha de S. João.* Esta carta d econfirmação é datada de 8 de Janeiro de 1693. —

Esta ilha ficou pertencendo sempre ao dominio de Portugal, e chegando a ella piratas no seculo passado partiu a expulsa-los, a 7 de Setembro de 1738, D. Manoel Henriques, que ali chegou a 23 de Outubro (Hist. Geneal. Tom. 8.º p. 249).

(Nota 11 da 1.ª Ed. de P. Lopes).

Pag. 31 "*Sabado* 30 *dias d'abril, no quarto d'alva, eramos com a boca do Rio de Janeiro" etc.*

Este logar elucida completamente a questão, de que não

foi M. Affonso o culpado na impropriedade do nome, que em nossos dias conserva a capital do Imperio Brasileiro, e lhe proveio de ter sido o seu porto (chamado dos indigenas *Ganabara* segundo Lery, e *Nhiteroy* (1) segundo Brito Freire) julgado rio, sendo deveras uma bahia ou enseada. Quanto ao sobrenome — de Janeiro —, já em 1817 o douto A. da *Corografia Brasilica* (T. 2.° p. 12), e em contradicção ao que antes (T. 1.° p. 51) dissera, produziu razões, bem como o fez o A. da Memoria sobre a capitania de Santa Catharina (p. 11), para se duvidar ter sido dado pelo mesmo M. Affonso em Janeiro de 1531, — fundando-se na data do Alvará de Castro Verde: e apresentando ser quasi impossivel "que uma armada, que nunca vence tanto como um navio só, e mórmente n'um tempo, em que se navegava pouco de noite, por não haver ainda perfeito conhecimento dos mares, fizesse n'um mez a viagem, que em nossos dias não fazia um navio só, veleiro e destemido; tendo-se de mais a mais feito à vela no inverno, combatido e aprisionado inimigos, — circumstancias que deviam prolongar a viagem" — e por conseguinte não era possivel estar no Rio de Janeiro no 1.° dia de 1531, tendo saído de Lisboa em Dezembro.

A nossa publicação decide a controversia: a armada de M. Affonso chegou ali pela 1.ª vez a 30 de Abril de 1531; e até do modo como Pero Lopes escreve se deduz que esta bahia era já antes nomeada *Rio de Janeiro*, o que até se rectifica, por elle contar ter ouvido este nome antes de lá chegar.

(1) Staden tinha escripto na sua aravia *Iterr[illegible]ne*. Ha quem traduza *agua escondida*, mas não sabemos como taes etymologistas separam a palavra. Nós propendemos mais para *Y-tero-y* ou *Rio da agua fria*, em virtude das afamadas aguas da caryoca.

Esta nossa affirmativa toma força, com a leitura das narrações da viagem do celebre portuense Fernam de Magalhães, bastando porém para desengano a relação publicada no Tom. 4.º N.º 2. das Not. Ultr. da A. R. das S. de Lisboa ou por ventura ainda mais decidido será o testemunho do chronista castelhano Antonio Herrera, (1) que escreveu com grande copia de documentos e relações originaes á vista, e assevera que chegaram os do Magalhães á bahia *que chamavam os Portuguezes* — de Janeiro. —

Devemos pois retroceder, e ir de mais remoto investigar esta origem. A expedição, que a esta precede é a de João Dias de Solis, que havendo partido d'esta vez do porto de Lepe, segundo Herrera a 8 de Outubro de 1515 com 3 navios, caminho do Rio da Prata, nada mais natural do que poder chegar no 1.º de Janeiro á mencionada bahia, e dar-lhe então um nome chronologico. Todavia nem Gomara, nem Herrera fazem menção desta clausula, dizendo, bem pelo contrario, este ultimo com toda a simplicidade que „chegaram ao Rio de Janeiro na costa do Brazil", o que junto ao lugar citado a respeito da viagem de Magalhães faz prova contra; e é ainda maior este argumento se nos lembramos que Herrera não costuma esquecer e passar em claro estas particularidades, tanto que logo abaixo as menciona ácerca das ilhas que chamaram *da Prata, e dos Lobos*, o que por certo não é de mais importancia, que o nome de uma tão notavel enseada.

Por tanto cumpre ainda fazer a investigação de mais longe. Ora se nos lembramos do costume dos antigos des-

(1) *Dec. 2.ª Lib. 4.º Cap. 10.º "Y continuando su viage, entraran a treze de Deziembre en una bahia muy grande, que llamavam los Portuguezes en la costa del Brasil la bahia de Genero y los castellanos la pusieron de Santa Lucia, porque tal dia entraron en ella" etc., e mais adiante; "Estando neste rio de Genero" etc.*

cobridores portuguezes, de irem com o calendario aberto baptisando, com o nome do santo celebrado pela igreja nesse dia, as terras e agoas que achavam, e lançarmos os olhos a uma carta do Brasil antiga (v. gr. á do Atlas de Fernão Vaz Dourado) e se fizermos algum reparo e comparação dos nomes dos santos festejados nos diversos dias, acharemos, seguindo de norte a sul, a seguinte coincidencia;

16 de Agosto	dia de	*S. Roque* (Cabo de)
28 dito	,,	*S.to Agostinho* (Cabo de)
29 de Setembro	,,	*S. Miguel* (Rio de)
30 dito	,,	*S. Jeronymo* (Rio de)
4 de Outubro	,,	*S. Francisco* (Rio de)
21 dito	,,	*As Virgens* (Rio das)
13 de Dezembro	,,	*Santa Luzia* (Rio de). Seria o R. Doce?
21 dito	,,	*S. Thomé* (Cabo de)
25 dito	,,	Nasce o *Salvador* (Bahia do)
1 de Janeiro	,,	Rio de Janeiro
6 dito	,,	*Reis* (Angra dos)
20 dito	,,	*S. Sebastião* (Ilha de)
22 dito	,,	*S. Vicente* (Rio ou Porto de)

E' facil deduzir das distancias locaes e desta confrontação ter sido o mesmo explorador, quem, indo de N. a S. successivamente, e passando por diversos pontos, lhe deu os nomes competentes; e se bem que o Rio de Janeiro não teve o nome da festa que a igreja neste dia celebra, com tudo a distancia, a que está do cabo de S. Thomé e ilha de S. Vicente, o assegura de ter saído, se é licita a expressão vulgar, da mesma fornada; e é mais natural attribuir a esta

occasião a tal coincidencia do que a outra qualquer, de que nada se saiba; e demais por não pôrmos acima outros nomes, não se segue que este fosse o unico sem ser de solemnidade. — Além de que, se o nome fosse dado pelos Castelhanos, não era natural que logo passados poucos annos se soubesse em Portugal, e o mais provavel seria Portugal não o adoptar. Nos logares do Rio da Prata temos uma confirmação do que dizemos.

Se estamos convencidos de que foi o mesmo explorador que deu seguidamente os citados nomes, e que não deu uns sem os outros, adiantamos sem escrupulo, que todos elles foram dados antes do anno de 1508, e por conseguinte só o podiam ser por uma das duas armadas, que por lá exploraram a costa depois de Cabral. E dizemos antes de 1508, porque tendo-se publicado neste anno em Roma uma edicção da Geografia de Ptolomeu, que muitas vezes temos occasião de citar, os editores a acompanharam de um mappa-mundi, feito pelo allemão João Ruysch: neste mappa, vem marcada *Terra de Sancta Cruz*, onde se lêem varios deste nomes, taes como ***R. de S. Jeronimo, R. de S. Lucia***, e ***R. S. Vicent. etc.***, e o nome de *cabo de S. Agostinho* ja corria impresso antes, e desde a 1.ª edição das relações de Americo; e como este diz que tal cabo se descobriu na viagem de 1501, segue-se que foi Gonçalo Coelho, chefe da expedicção que succedeu á de Cabral, segundo contam (ainda que não sem alguma anomalia) Goes, Gabriel Soares e Osorio, quem deu todos os nomes citados; porque, de mais a mais, diz Americo que desde o começo de Agosto de 1501, quando abicaram no Brasil a 5 grãos (que vem a ser pouco ao N. do Cabo de S. Roque) até Fevereiro do anno seguinte, quando estavam fóra do tropico de Capricornio, tendo visitado todo o litoral intermedio; e por

tanto já então tinham estado no porto de S. Vicente. Nota (22 da 1.ª edição de Pero Lopes).

Doação de Martim Affonso a Ruy Pinto em Fevereiro de 1533.

Havendo respeito como Ruy Pinto, Cavalleiro da ordem de Christo, servio nestas parte a elRei, e ficou povoador nesta terra do Brazil, lhe dou as terras do porto das Almadias (aonde se embarcam, quando vão para Piratini desta ilha de S. Vicente) que se chama a « Piacaba », que agora novamente se chama o porto de Santa Cruz. E da banda do Sul partirá, pela barra do Cabatão, pelo porto dos Outeiros que estão na boca da dita barra, entrando as ditos Outeiros dentro nas ditas terras do dito Ruy Pinto. E dahi subirá direito para a serra por um lombo que faz para um valle, que está antre este lombo, por uma agua branca que cáe d'alto que chamão « Ututinga ». E para se melhor saber este lombo, antre a dita agua branca por as ditas terras, não se mette mais de um so valle; e assim irá pelo dito lombo acima, como dito é, até o cume da serra alta que vai sobre o mar. E pelo dito cume irá pelos outeiros escalvados, que estão no caminho que vem de Piratenin; e atravessando o dito caminho irá pela mesma serra até chegar sobre o valle da « Davagui », que é da banda do norte das ditas terras, onde as serras fazem uma differença por uma sellada que parece que fenece por ahi; a qual serra é mais alta que outra que ali se ajunta com ella, que vem por riba do valle « Davagui », a qual aberta cáe uma agua branca d'alto; e d'esta dita aberta da serra directamente ao Rio « Davagui », e pela veia da agua irá abaixo, até se metter no mar e esteiros salgados.

As quaes terras lhe dou por virtude d'uma doação que para isso tenho d'elRei Nosso Senhor de que o traslado de verbo ad verbum é o seguinte : (Segue o Alvará de Castro Verde de 20 de Novembro de 1530). Em virtude da qual doação, dou as ditas terras ao dito Ruy Pinto, com todas as entradas e saidas, e rios, e veias d'aguas que nas ditas terras, dentro da sobredita demarcação houver, para serem para elle e para todos os seus descendentes forras e izentos, sem pagarem nenhum direito, somente dizimo a Deus. E isto com condição que elle dito Ruy Pinto aproveite as ditas terras nestes 2 annos primeiros seguintes. E não o fazendo as ditas terras ficarão devolutas, e para se n'ellas fazer o que bem parecer. E por esta mando que seja logo mettido de posse das dittas terras, e esta será registada no livro do tombo, que para isso mandei fazer. Dada na Villa de S. Vicente, ao derradeiro dia do mes de fevr.º — Pero Capigr.º escrivão, a fez anno de 1533 as. — « Martim Affonso de Souza ». — (Extr. da not. 31 do 1.º Tom. da *Hist. geral do Brasil.*).

Reclamação contra Pero Lopes, feita aos Commissarios em Irun e Fuente rabia (em 1538) que esclarece o facto da destruição da colonia franceza em Pernambuco em 1532, e suppre a interrupção do Diario do mesmo P. Lopes, a tal respeito, na pag. 74

Nobilis Bertrandus dornesam, miles Baro et dominus de Sant Blamcard ac preffectus classis Regis cristianissimi in marj mediterraneo Actor adversus Epm. vulgo dom martim nuncupatum, Antonium Correa et petrum loppes reos. Coram vobis prestantissimis viris Dominis commis-

sariis Regum cristianissimi, et serenissimi pro petitione sua et ad fines de quibus infra dicit ut sequitur.

In primis q. in anno domini millessimo quingentessimo trigessimo (1), et in mense Decembris Dictus Actor, cum consensu et express licentia Regjs cristianissimi, Armavit quandam suam navim vocatam la pellegrina de decem et octo peciis machinarum ex ere Eneo compositarum ponderis quadingentorum quinqu. quintalorum et de pluribus aliis petiis earundem machinarum ex ere ferreo comffectarum in tan magno globo q. sufficissent pro tuitione dicte navis et ultra unius castri.

It. Et armavit eandem navim qs. plurimis generibus armorum videlicet balistis ququiis lanceis et pluribus aliis invasibilibts et pro deffensione dictarum navis et castri, stipavit que eandem navim centum viginti hominibus belicosis nobilibus et plebeiis magno numo conductis.

It. Et in missit in dicta navi qs. plurimas merces Requesitas et in maximo pretio habitas in insulis Brisiliaribus in quibus subuchende erant pro eis communtandis cum aliis mercibus dictarum insularum summe in gallia Requesitis, in missit que instrumenta necessaria pro constructione unius castri et Rodatioe terre inculte ad culturam et suppellectilia etiam necessaria ad garniendum dictum castrum.

It. Dicte navi prefecit Joanem Duperet qui solvit amassilia et sulcavot maria per tres menses post quos aplicuit dictis insulis in loco fernâbourg nuncupato.

It. Et ibi compertis sex Lusitanis adorsi sunt ipsi galli ab eis cum maximo furore et magno commeatu silvestrorum sed Deo juvante incolmes evastunt galli et victoriam Reportarunt, Etandem pace inter eos inita galli unum fortali-

(1) Aliás 1531.

tiam construxerunt juvantibus silvestribus et etiam distis sex Lusitanis sumptibus gallorum tamen et ab eisdem stipendiatis quod edeffitium fuit constructum ut in eo ne dum merces sed et eorum personas se tutarent adversus dictos silvestres.

Qt. Et pro constructione preffacta fuerunt per dictum duperet quatuor mille ducati expositi Interea tamen qu. perfactum fortalitium construebatur dictus Duperetf merces quas ex massilia aduxerat libere cum incolis dictarum insularum traficando cum mercibus dictarum insularum commutavit de quibus tam maximum globum congessit qu. vix totum illum castrum poterat eas capere.

It. Et postquam hec viã. fuerunt facta et castrum munitum et de cunctis hiis que supetebant pro tuicione et detentione ipsius tan inarmis quam suppellectilibus quandam portionem dictarum mercium in navi inmissit ut eas in gallia subucheret in qua in magno pretio habebantur.

It. Et inter alias merces de quibus navem oneravit fuerunt quinqu. mille quintallia ligni brasilii quod tunc in gallia vendebatur pretio octo ducatorum pro quintallo quare valloris erant quadraginta mille ducatorum.

It. Et tricenta quintalla bonbicis valloris trium mille ducatorum ad rationem decem ducatorum pro quintallo et tantundem de granis illius patrie valloris nonigentorum ducatorum ad rationem trium ducatorum pro quintallo et sex centos pssitacos, jam linguam nostram conatos, valloris trium mille et sexcentorum ducatorum, ad rationem sex ducatorum pro quolibet, et ter mille pelles leopardorum et aliorum animalium diversorum collorum, valloris novem mille ducatorum ad rationem trium ducatorum pro pelle et trescentas simias seu melius aguenones, valloris mille et octocentorum ducatorum ad rationem sex ducatorum pro

agnenone, et de mina auri q. purificata ut decebat ter mille ducatos reddidisset et de oleiis medicabilibus valloris mille ducatorum et tanti ut preffactum est vendi potuissent in gallia ad quam destinata erant preffacte merces.

It. Et omnes sume preffacte simul junte sumam sexaginta duorum mille ducatorum cum trescentis ascendebant.

It. Et merces que in dicto castro remanserunt pro eis in gallia sub vehendit in futurum triplum et in globo et in vallore mercium in precedentibus articulis designatarum ascendebat quo circa omnes merces tam navis quan castri valloris ducentorum quadraginta mille ducatorum erant.

It. Et dicte navi fuit datus preffectus dominus debarram cum quadraginta hominibus belicosis ipso computato pro eo adversus piratas tuenda.

It. Solverunt a dito fernamburg et committante sorte satis prospera in mensse auguste anni millessimi quingentessimi trigessimi primi (1) in portu de mallega in hispania apulerunt in quo anchoras jecerunt ob penuriam alimentorum.

It. Et compertis ibi dictis dom martim et correa cum decem navibus et caravelis ab ipsis dictus barram preffectus accitus est inquisitus de hiis que subuehebat unde et ad quen locum.

It. Et de omnibus cerciorati ac de penuria esculentorum, dicti lusitani pietate fita mutuo dederunt triginta quintalia panis viscoti dicto barram, et quia Romam petebant ad quam tunc ipse dom martim ut aiebat legatione pro dicto Rege serenissimo portugallie fungebatur promisserum dicti lusitani dicto barram conservantiam usque in dictam massiliam.

It. Et fide sic data aceptata omnes una a dicto portu de

(1) Aliás 1532.

malegá solverunt tutum tamem et nondum quinqu. milliaribus de mari tranatis coati sunt gradum sistere ob cesationem venti.

It. Et die sequinti q. erat dies assumptionis virginis marie dictus dom martim fingens velle omnes nautas preffectos que navium consulere circa navigationem fiendam accivit ad se dictum barram et navelerum patronum sue navis quos adventatos ipso correa presente et favente dom martim cepit et deinde alios sodales dicte peregrine et omnes vinculis dedit vinculatos que per vim et navi cum mercibus depredata merces navem et homnines Regi iam dito serenissimo mandavit qui cuncta ratifficans homines carceri mancipavit, navem merces qs. sibi apropriavit.

It. Et certifficatus dictus serenissimus de castri construtione in dictis insulis et de mercibus et machinis armis suppellectilibus et hominibus in dicto castro existentibus ad tutum tres naves armavit quibus dictum petrum loppes preffecit eis que in mandatis dedit ut cellerrime ad dictum castrum subvertendum merces et cetera que in eo erant capienda et homines proffligandos accederet.

It. Et antea in anno millessimo quingentessimo vigessimo sexto ydem serenissimus per totum ejus Regnum Edictum ab eo emanatum publication dederat quo continebatur preceptum expressum omnibus ejus subditis sub pena capitis de omnibus galis ad dictas inculas accedentibus seu ab eis redeuntibus submergendis et expressam commissionem ap hoc finis dicto correa signatam dradiderat.

It. Et illud decreverat licet tunc nullum extaret belum inter prefactos Reges seu eorum subditos imo tunc confederati erant et licet etiam merces de quibus supra facta est mencio non sint de hiis que de jure prohibentur ad inimicus deffens, et licet etiam dictus Rex serenissimus nullum

habeat dominium nec jurisditionem in dictis insulis imo gentes eas incollentes plurimos habeant regulos quibus more tamen et ritu silvestri reguntur et ita ponitur in facto.

It. Etiam ponitur in facto probabilli qu. dictus serenissimos Rex portugalie nullam maiorem habet potestate in dictis insulis quan habeat Rex cristianissimus, imo enim mare sit comune et insuli prefacte omibus ad eas accedentibus aperte permissum est ne dum gallis sed omnibus aliis nationibus eas frequentare et cum accolis comertium habere.

It. Et maxime quia tunc lusitani gallie libere frequentabant et cum galliis in dies comercium habebant quare indem erat aut debebat esse premissum galis in lusitania et in dictis insulis etiam dato qu. dicto Regi serenissimo spectasetattenta dictorum Regnum confoderatione.

It. Et circa mensem decembris dicti anni millessimi quigentessimi primi (1) dictus loppes cum suis navibus dicto portu de fernamburg applicuit castrum dicti actoris obsedit et per decem et octo dies machinis impetui et tandem conquassavit.

It. Et ob qu. dominus della mothe qui in dicto castro capitaneus erat videns etiam de longo tempore non posse sucurri colloquium de deditione cum dicto loppes habuit et post maximas oltercationes inita fuit inter eos transactio qua tantum fuit qu. castrum dicto loppes prodicto Rege serenissimo traderetur et ydem loppes salvaret homines ac

(1) Aliás 1532; tambem no mez deve haver erro. Não pode ter sido em dezembro porquanto a 4 de novembro se partiu Pero Lopes para a Europa. Provavelmente devia ler-se Setembro, e talvez a rendição teve lugar a 27 deste mez, em que a igreja celebra os santos medicos Cosme e Damião, que ficaram sendo patronos de Igaraçú. A 4 d'Agosto estava ja Pero Lopes perto de Pernambuco.

merces in dicto castro existentes ques homines et merces promissit in loco libero subuchere et dimittere franccos et liberos cum mercibus et hiis qui in dicto castro habebant.

It. Et dicta transactio fuit juramento dicti loppes velato solepnim et supra sanctum corpus christi presbiterum ibi tunc consecratum.

It. Et illo non obstante tradito castro dicto loppes ydem loppes suspendio dedit dictum dominum della mote capitanem et viginti alios ex suis sodalibus duosque vivos silvestribus delaniandos et mandendos tradidit aliosque cum mercibus et aliis rebus in dicto castro existentibus Regi serenissimo aduxit qui homines carcere dedit in villa de farom cum ceteris captis predictum correa et merces cetera quas sibi propria fecit.

It. Et in quo carcere multum fuerunt per lusitanos vexati per viginti quatuor menses in magna inedia fame et longa oppressione quatuor ex hiis animas effaverunt e post xx iiij menses alii liberati sunt demptis undecim proprius tamen lusitani coegerant dictos gallos captivatos falso deponere in inquesta per eos fata prope è factis depredationi-inter emptibus cooperiendis.

It. Et quare ad huc detinentur dicti undecim et xx fuerunt suspensi duo vivi delaniati et comesti et quatuor in carcere qui omnes triginta septem ascendunt.

It. Quod a dicto anno captionis usque ad huc dictus actor solvit vel onoxius est uxoribus seu heredibus eorum stipendia promissa videlycet tres ducatos pro mense cuilibet ascendentia in cumulo summa mille tricentorum ducatorum cum tringita et uno pro quolibet anno quare per septem annis summa novem mille ducatorum cum trecentis et decem.

It. Et ceteris qui manserunt in dicto carcere per dictos viginti quatuor menses solvit etiam prefacto modo stipendia

aut pro eis manet onoxius ascendentia pro dicto tempore summā sex mille nonnigentorum septuaginta quatuor ducatorum, cum octuaginta tros homines essent non computatis dictis triginta septem hominibus.

It. Et dicta navis cum suis armamentis valloris erat duorum mille ducatorum machinevero, arma et allia mobillia mercibus non computatis tan in navi quam in castro existencia valloris erant sex mille ducatorum.

It. Preffacte omnes summe Rerum depredatarum ascendunt in universo summā decentorum sexaginta octo millium ducatorum cum ducentis octo-agınta quatuor cujus summa quadruplum cum pro rebus raptis detur summa in decem centum septuaginta trium mille ducatorum cum centum triginta sex ducatis ascendit.

It. Et quia dictis mercibus seu vallore earum si depredate non essent dictus actor traficum ceptum continuasset et cum eis in decuplum lucratus esset petit idem actor illud interesse lucri cessantis.

It. Et saltem illud consideratur et ratio illius habetur in solito lucrari et mercari in gallia ad rationem de viginti pro centenario pro quolibet ãno quod interesse in quinque annis principalle ascenderet ideo enim principale dictarum mercium summa ducentorum quadraginta millia ducatorum ascendat totidem ascendit et interesse.

It. Quia omnia et singula predicta sunt vera et notoria offerens actor ea probare ad sufficientiam tamen et non alias imo rejecto superfluo onere probationis de quo espresse protestatur.

Concludit dictus actor quatenus ipsi reij in dictis summis condenentur erga actorem aut in alia summa de qua aparebit pretestis aut per juramentum eiusdem actoris ad quod petit admitti attento q. est questio de rebus depredatis et

ita concludit et alias pertinent..s juxta materiam subjectam cum expenssis dannis et interesse petens in omnibus jus dici et justiciam ministrarj.

Protestando tamen qu. in casuum dicti reii non invenirent solvendo pro summa condenata et per vos declarata executio remaneat dicto actori salva adversus mandantem et ratifficantem.

Petens litteras vestras citatorias adversus dictos dom martim correa et loppes sibi decerni visuros dictam petitionem coram vobis fieri et aliter procedi ut juris et rationis juxta formam dictarum commissionum nostrarum.— (1)

Roteiro de Duarte Fernandes, e mais documentos officiaes, relativos á viagem da Náo Bretoa até Cabo Frio em 1511. (*)

Lyuro da nãoo bertoa que vay para a terra do brazyll de que som armadores bertolameu marchone e benadito morelle e fernã de lloronha e francisco mjz que partio deste porto de lix.ª a xxij de feureiro de 511.

L.º Do dya que partimos da cydade de de (ita) llysboa para ho brazyll ate que tornamos a purtugall.

(1) Da existencia deste documento, de que possuo cópia autenticada pelo tabelião Jeham Pysot em 11 de Março de 1538, não havia noticia alguma quando pela primeira vez o démos integralmente á luz no 1.º vol. da nossa *Historia Geral*, pag. 441 a 444 (nota 32--33). -- *F. A. de V.*

(*) Com a devida venia do seu editor, o Sr. Varnhagen, admitimos tambem nas paginas da *Revista*, em seguimento ao roteiro de Pero Lopes, o seguinte da viagem da Náo Bretoa em 1511. Este documento inedito, foi dado a conhecer pelo mesmo Sr. Var-

Em sabado xxij dyas ffeujreyro era de 1511 anos: partyo (sic) ahão bertoa do dyamte de samta cateryna para ho brasyll e no dyto dya fomos de fora seguyndo ho camjnho das canaryas em tençom de tomarmos as pescaryas como no Regymẽto dellRei noso Snõr mãda.

It. aos xxbiij dyas de feujreyro em sesta feyra chegamos as canaryas e a dous dyas de março em domyngo a tarde começamos nosa pescarya e no dyto domjngo fomos seguyndo nosa ujagem para ho brasyll.

It. aos bj dyas dyas (ita) do mes da bryll em domjnguo de llazaro chegamos a aujsta do rjo de sam framcysco tera do brasyll.

It. aos xbij dias dabryll em quymta feyra de trenas chegamos a baya de todollos samtos.

nhagen em 1844, e depois o produzio integralmente na nota 13 (pag. 427 a 432) do 1.º volume da sua *Hist. Geral do Brasil*, donde o transcrevemos. Segundo assevera o mesmo Sr. Varnhagen o codice se guarda em Lisboa na Torre do Tombo (no armario da Casa da Coroa Maç. 9 Num. 2.) « Está escripto em papel florete escuro, cuja marca d'agua é uma luva com uma estrella « diante do dedo do meio. Consta o *Liyuro* de dois quadernos de « papel cosidos, um com seis folhas (24 paginas de folha), e outro « com oito (32 paginas). Deste quaderno falta a ultima meia folha. « Ao todo existem hoje 50 paginas, algumas dellas em branco, das « quaes faltam quatro, ou uma folha. A capa é de pergaminho usado, que parece haver sido d'algum missal. A folha do rosto « contem o titulo, e lê-se por cima delle escripto — 485 —, e « abaixo — Extras —. Ignoramos se esta náo Bretoa era ainda a « mesma que, segundo Gaspar Correa, fora em 1502 á India, capitaneada por Francisco Marecos. Dos armadores sabemos que « Morelle vinha a ser sobrinho de Marchioni, que ambos negociavam em assucares, e eram mui ricos. »

It. a xij dyas do mes de mayo em segũda feyra partymos para cabo fryo.

It. aos xxbj dyas do mes de mayo em segũda feira achegamos ao porto de cabo fryo.

It. aos xxbiiij dyas do mes de julho partymos de cabo frye para purtugall.

It. aos biiij dyas do mes de setembro em dya de nosa Snõra vymos tera de guyne jumto cõ sanaga.

aos bij dyas do mes de oytubro vymos ho pyco Ilha dos acores e fyzemos nossa Rota para purtugal

aos xx dyas de mes de oytubro em domynguo pella manhãa vymos ho cabo de espychell

aos xxij dyas do mes de oytubro e quarta feyra emtramos polla carreyra de sam gyam.

(Seguem as folhas 3, 4 e 5 em branco.)

REGYMÊTO DO CAPYTAM.

L.º Do Regymèto do capytam que eu Duarte ffz espruam (sic) trelladey em este llyuro dellRei noso Snõr.

A maneyra que vos muyto homrado (sic) crystouã pyz. que hys por capitam da nãoo bretoa a Resgate do brazyll aves de ter ẽ toda a vyagem e asy no dito Resgate he a segujmte.

It. como partyrdes davamte Restello fares voso camjnho dereytamẽte as pescaryas omde estares os dyas que abastarem atee fazerdes (ita) o que vos for necessaryo e acabada sygyres vosa vyagem ate a tra. do dyto brazyll sem tocardes ẽ nenhũa ylha nẽ em parte allguma da costa de guyne e semdo chegado a tera do dyto brazyll asentares voso Resgate cõ toda segurança de uos nõ acõntecer p.ẽgano nẽ por outra allgũa maneyra nenhũa cayam de que uos posa vyr

dano a vos nem allgũa pesoa da dyta não, nem prda. ao que compre armacam della

aos xij dyas de março pryycou crystouam Pyz. capitam da naoo bertoa ha a sua companha o seu Regymẽto para saberem a maneyra que aujam de ter na dyta ujagem.

REGYMẼTO.

It. asemtamdo o dyto Resgate como dyto e fares todo o que bem poderdes pello fazer cõ todo prouyto darmaçã e no menos tempo que ser poder precuramdo (ita) todo o que em vos ffor para averdes toda caregua de bõo brasyll e cõ menos desp.ª que se poder fazer.

It. todos os paos do dyto brasyll que se caRegarem na dyta nãoo emtraram nella e se aRumaram p. comto que se fara p. amte vos e p. amte o espruam della que os assemtara cõ boa decraraçom em seu llyuro em tall maneyra que nõ posa njso ab. nenhũ ero e aRumaçam delles mãdares fazer em tall modo que posa trazer adita nãoo a mays Soma que ser poder sem vyr cousa allgũa della de vazyo.

It. defemderes ao mestre e a toda a companha da dyta naoo que nõ faça nen nhũ mall nem dano aagente da tera e se allgem fezer o comtrayro o fares asy espreuer ao dito espryuam e se vos p. allgũ Respeyto lhe nam mãdares que o faça elle de seu ofycyo sera obrigado de o asy cõpryr sopena de perder ametade de seu ordenado p. a o esprytall de todollos samtos desta cydade e quall quer pesoa da dyta naoo que este nam guardar p. dera yso mesmo ametade se seu solldo e allem du que lhe for dada qualquer outra pena que p. justiça mereçer segumdo a callydade do que fezer como seoferese cõtra cada hũa das pesoas da dyta nãoo ou de caa do reyno por ser muy necesayro a S. ujço

Dell Rey noso Snõr e ben do dyto Resgate ser trautado p. todos melhores meyos que se poder e sem nem nhũ escamdallo pello muyto dano que dello se pode seguyr.

It. notefycares yso mesmo a toda a dyta cõpanha que nõ Resgate nem vemda nem troquem cõ ayemte da dyta tera nem nhũas armas de nem nenhũa sorte que seya punhas nem outras nem nhũas cousas que sam defesas pello samto padre e por ell Rey noso Snõr e poderom lleuar faças e tysoyras como sempre lleuarom.

It. Requereres ao dyto espruam que esprua em seu llyuro todollos papagaos e gatos e esprauos e quallquer outras cousas que cõpanha da dyta naoo dellaa troauer decraramdo o de cada hũa para para (ita) se qua areçadarem (sic) os dyreytos do dyto Snõr os quaes esprauos nõ poderom trazer salluo lleuamdo os ordenados pellos armadores e por que pella acapaçam que os mareamtes e pesoas outras que lla uam tem na compra dos dytos espruos e papagayos por omde o avyamẽto que cada hũ podeRya dar a carrega da dyta naõo e asy mesmo que es preua p. seus nomes no dyto llyuro todollos mareamtes que forem na naoo e nõ comsemtyrdes que nenhũa pesoa que nella va posa comprar ferramẽta que para ysso llevem somẽte o posam fazer depoys da dyta naõo e se algums fallecerem na vyagem asemte lloguo o dya e mes em que for para a comta do solldo do que se ouver de dar a seus erdeyros e uos teres cujdado quando acontecer que allgem for doemte lhe fares lembrança se a nõ tyuer feita cedulla ou testamẽto que faca lloguo e o dyto espruam que seya aysedyllygemte e lho fares toda llembrança que vos bem pareçer para todo descareguo de sua cõ cyameya em tall maneyra que seos Ds. quizer lleuar o ache em camjanho para sua salluaçam.

It. se allgûa fazemda e vytydos ou quaes qr. ôoutras cousas fycarem p. sua morte lloguo as mãdares espruer p.amte nos ao dyto espruam em hû termo que fara em seu llyuro e tudo pores a tall recado que se nõ posa p.der nem danjfyçar cousa allgûa e se allgûas pesoas da dyta nãoo quyzerem cõprar as dytas cousas ou allgûas dellas lhas fares vemder empregam peramte vos e quem p. ellas mays der e asemtar ao dyto espruam no dyto llyuro cõ boa declaraçam o que cada hû comprar e preço que deredo que lloguo pagar fares emtregar o dro. ao mestre de dyta nãoo e caregar sobre elle para se caa emtregar os seus erdeyros com todo o mays que allgûs tambem cõprarem e caa o averem de pagar p. seus solldos ou as mesmas cousas se se nõ venderem.

It. mãda o dyto Snõr que se allgûa pesoa da dyta nãoo Renegar de Ds. ou de uosa Sõra. e dos samtos ou jurar por cada vez que o fezer porça tres mjll Rs de seu solldo para o dyto esprtall e que tamto que a dyta nãoo aquy chegar da tornavyajem vaa preso della acadea domde pagara a dyta pena cõ quallqr. outra que nos taes casos he dada p. suas ordenações.

It. tamto que tomardes uosa carega de todo vos vjres dereytamente a esta cydade e nõ yredes demãndar nem nhûa Ilha nem tera sem e estrema necyçedade de mjngoa de bytalhas ou aparelhos sem os quaes nõ podes res en ma neyra allgûa navegar e se o cõntrayro fezerdes p.deres todo uoso ordenado e asy o perderam o espryuam e mestre e pylloto da dyta nãoo vemdo que o queres fazer sem a dyta necyçedade nõ uos requeremdo que o escuses ho que lloguo ho dyto espruam asemtara em quall qr. modo que pasar e semdo caso que pella tall necesydade vades demãdar allgûa Ilha ou tera o dyto espruam dara dyso fe em seu llyuro allem do quall uos trares certydom dos ofycyaes do dyto

Snor. da tall Ilha ou tera em que dem fe e sertafyquem a causa de vosa yda que vos lhe manjfestares e mostrarẽs para que mjlhor e mays serto o posam asy fazer semdo caso que foseys com a dyta necysjdade tomar augoa ou llenha a quall qr parte da costa de gnjue nam fares y mays detemça que quamta para yso compryr nem lleyxares sayr em tera mays que as pesoas necesaryas aa obra que se ouver de fazer e estes nem outros allguns nem vos yso mesmo nõ resgatares nem nhũa cousa de nenhũa callydade que seya somẽte bytalha e llenha e augoa e mays nõ e se ho cõtrayro fyzerdes nos o quall qr. que ho fyzer e for perderẽ todo o ordenado da dyta ujayem e as cousas que se resgatarem tudo para o dyto Snõr allem de encoerdes em todollas outras penas cyues e crimes das ordenações de guyne pello cõsemtyrdes e elles pello fazerem e o dyto espruam emcorrera nas mesmas penas se todo o que se pasar em tall caso o nom espreuer em seu llyuro como he obrygado.

It. nam trares na dyta nãoo em nem hũa maneyra nem hũa p.ª das naturaes da tera do dyto brasyll que queyra qua vyr ujuer ao reyno por que se allgũs qua falleçem cujdam eses de lla que os matam p.ª os comerem segũdo amtre elles se custuma.

It. semdo chegados avamte desta cydade nõ seyres em tera nem outra nem nhũa pesoa da dyta nãoo nem comsemtyres tyrar em tera cousa allgũa nem outrem de fora hyr a nãoo atee jrmos a vos a vos despachar segundo a ordenamça do dyto Snor.

It. os testamẽtos e emaventayros ujram em voso poder p.ª qua os emtregardes a quem qua p. nos vos for mãdado p. se emtregarem a seus yrdeyros ou testameyteyros a que pertemecerem

It. p. quãto o espruam nõ lleua outro nenhũ Regymẽto

p. que se aya de reger e fazer ho que cõpryr a seu careguo somẽte este vos tamto que o tyuerdes ujsto lho mostrares e dares p. ho trelladar em seu llyuro e aver e o dyto trellado ter e ter llembramça de ho cõpryr ynteyramẽte asy no que elle p. sy ouver de fazer como em vos allembrar e espertar e requerer ao que for obrygado p. bem de seu carego segundo se nelle mays llargamente comtem o quall espruam o tralladara em seu llyuro e dara o propyo ao capytam tamto que da quj partyr e nõ no fazemdo asy o dyto espruam pr. dera seu ordenado e solldo.

It. vos lembrara de terdes gramde vegya na gemte que mãdardes fora p.ª que va sempre a bom reçado e cõ pesoa tall que olhe p. elles de maneyra que nõ se posa lla na tera llamçar nem lyçar nenhũ delles como algũas vezes ya fyzerom que he cousa muyto odyosa ao trauto e servjco do dyto Snor.

It. tamto que emboora chegardes ao çabo fryo omde estyuer ho feytor lhe emtregares todas as merçadaryas que lleuardes p. voso despacho reçeberes delle conhecymẽto p.ª p. elle dardes qua vosa comta.

It. nom comsemtyres que nenhũ homẽ de vosa naõo que saya fora na tera fyrme somẽte na Ilha homde esteuer a feytorya.

It. nom comsemtyres que nenhũ homẽ resgate cousa allgũa sem llycemca do feytor e queremdo allguem allgem (sic) e rezgatar allgua cousa que ho faça saber

E tamto que fordes caregado lloguo uos byres sem nem nenhũa mays detemça dereytamente a esta cydade sem demãdardes nenhũa tera salluo se por mjngoa de mãtymẽtos ou causo fortoyto for necesaryo de quetrares certydam feyta p. ofycyaes dell Rei da tera omde fordes ter e se for em llugar que nõ ouver hy ofycyaes dell Rey fareis fazer

hũ auto dyso ao espryuam asynado p. o dyto espryuam e mestre e pylloto e seres aujsado de nõ tyrar em tera nem deyxar tyrar brasyll nem nem (sic) outra cousa allgũa que da dyta tera do brasyll trouverdes sopena de perderdes nosa capytanja e ordenado e auerdes aquella pena corporall que uos ellRey noso Snõr quyser dar e os maryuheyros e posoas outras que ho comtrayro fycerem perderam seu solldo e seram obrygados a dyta pena

—p. meyramẽto ao feytor sopena de perder seu ordenado e todo o que o feytor nos requerer que facaes p. seruiço dellRey noso Snõr e bem darmaçam o fares cõ boa dellygemeya.

Foy trelladado este regymẽto do capytam em este llyuro p. mj espruam da dyta nao bertoa a xij de março era de 1511 anos.

L.° da companha da naoo bertoa.

It. crystouam pyz. capytam morador em a rua nova dos merçadores

It. Duarte frz. espruam casado e morador em allfama.

It. fernã vaz. mestre casado em allfama

It. Joham llopez caruallho casado e morador em as fangas da farynha

maryuheyros

It. amtonjo a. comtra mestre casado e morador em catequefaras

It. alla.º anes casado e morador e sam gyom

It. bastyam gllz. casado e morador em quatequefaras

It. Joham Gllz. casado e morador catequefaras

It. feru m mjz. gallego sollteyro e naturall da cydade da cruña.

It. Johan Dyz. sollteyro e ujue na ferarya

It. domjngos Gera casado e morador em as marte

It. p.° anes carafate sollteyro naturall da cydade do porto

It. allu.° royz. sollteyro e ujue em alluerça

It. martym Vaz sollteyro e ujue em samtarem

It. amdre a.° casado e morador a nosa Snora da cõseyçam

It. njcollao royz casado e morador em as famgas da faryoha

It. Juramj despenseyro e cryado de bertolameu marcgone

L.° dos grumetes

It. Joham dazevedo casado e morador em sam njcollao

It. Joham gera sollteyro e ujue na ollcazarya

It. amdre mjz. sollteyro e ujue na rapozeyra

It. Dyogo frz. sollteyro e ujue em flouredo

It. Johan ferador e sollteyro e naturall de m.ª allua

It. a° e sollteyro naturall de canas de senhorym termo de ujseu

It. p.° yorge e sollteyro e ujue na coujlham

It. amdre frz. sollteyro e vyve em samtarem

It. gomçallo pyz. sollteyro naturall de braga

It. njcollao sollteyro e ujve na cydade do pto.

It. amtonjo frz. negro cryado de Roy Gomez

It. amtonjo negro esprauo de aretur amryquez

It. bastyam esprauo de bertollameu marchone

It. bertollameu sollteyro e naturall da cydade de Rodrygo

pages da naoo

It. pedrynho cryado da çabytam (ita)
It. peryço cryado do mestre
It. gomçallo cryado do pylloto
It. Fernamdo cryado do comtramestre.

carega do brazyll que a nãoo bertoa tomou em cabofryo e foy a prmeyra
batellada a doze dyas do mes de junho era de 1511 anos

aos xij dyas do mes de junho en quymta feyra tomou nãoo bertoa pao de brazyll iij.c xbij — 317
aos xiij dyas do mes de Junho sesta feyra tomou nãoo bertoa paos de brasyll iij.cxxbiij — 328
aos xiiij dyas do mes de Junho em esabado tomou nãoo bertoa paos de brasyll ij.c lxxxbiij — 298
aos xbj dyas do mes de Junho em segumda feyra tomou nãoo bertoa paos de brasyll iij.clxiij — 363

1306

aos xbij dyas do mes de Junho tomou não bertoa pãos do brasyll iijc. bj — 306
aos xbiij dyas do mes de Junho tomou naoo bertoa pãos de brasyll iij. cxxxix — 339
aos xbiiij dyas do mes de Junho tomou não bertoa de brasyll ijc. lxxxxiij — 293
aos xx dyas do mes de Junho tomou nãoo bertoa pãos de brasyll iiijc. l iij — 458
aos xxj dyas do mes de Junho tomou não bertoa pãos de brasyll iiijc. Lxxxx — 490
aos xxiij dyas do mes de Junho tomou não bertoa pãos de brasyll iiij.c xxxxj — 340

aos xxb dyas do mes de Junho tomou não bertoa pãos de brasyll bc iiij	504
	2731
aos xxbj dyas do mes de Junho tomou nāoo bertoa pãos de brasyll iiij.c xxxxbij	347
aos xxbij dias do mes de Junho tomou nāoo bertoa pãos de brasyll iij.c biiij	309
aos x dias do mes de Julho tomou nāos (sic) bertoa pãos de brasyll i.c xxxx	140
aos xxiiij dyas do mes de Julho tomou nāoo bertoa pãos de brasyll i.clxxbj	176
	972

Soma de todo ho brasyll onde nõ comto allgumas rachas e paos que se femderom para facerem arumaçom da dita nāoo bm paos (sic)

Soma 5009

L.° dos espranos

It. ho capytam b espranos sc. dous moços e tres moças e mays hũa moça quelleua de emcomẽda de francysco gomes espruam de francysco mjz e a p. nome a sprua buysyda e foy asemtada p. o dyto francysco gomes a xxbij dyas do mes de Junho em çabo freo bj eram p. todos bj

It. ho espruam b espruos sc. hũ moço e quatro moças b

It. quatro de llycemças que eu espruam trouve biiij

It. hũ de p.° llopez e outro de lluys alluarẽz e ho outro de Joham frz. ferador e outro de gonçallo alluarẽz e sam p. tódos biiij

It. ho mestre tres espruos hũ omẽ e duas sc. molheres biiij

It. vo pylloto biiij espruos sc. tres omẽs e bj molheres biiij

It. Juramj despenseyro b esprnos sc. hũ moço e quatro moças | b
It. njcollao Royz marynheyro hũa esprua | j
It. ho contramestre hũa esprua | j
It. ho carafate hũ espruo | j
It. Dyogo frz. grumete hũ espruo | j
E[1] sam p todos os espruos xxxbj forom a valiados todos estos xxxbj deseravos nõ ẽtrando a q. ha do hordenado do esprvã jontamẽte ẽ clxxiij reis de q. vẽ a elRey noso Snõr de seu qto.—Riij ut reis os quaes vam caregados ẽ reta. sobr eitor nunes.

(folhas 17 v., 18 e 19 em branco)

L.º dos gatos[2] e papagayos

It. ho capytam trespapagayos e dous toys e hu gato e sam p. todos bj peças | 6
It. ho espruam hu papagayo | 1
It. ho mestre dous gatos e hu çagoym e sam p. todos iij peças | 3
It. ho pylloto dous gatos e b çagoys e tres papagayos e biiij toys e sam p. todos xbiij peças | 18
It. domjngos sera carpemteyro tres macaos (sic) e dous gatos e sam p. todos b peças | 5
It. Juramj despemseyro b gatos e b çagoys e iiij papagayos e biiij toys e sam por todos xxiij peças | 23
It. andre aº hũ gato e hũ çagoym | 2

1 Estas cinco linhas que seguem estão riscadas no original.

2 Maracayás se entende.

It. njcollao Royz marynheyro tres gatos e hũ çagoym iiij peças | 3
It. fernam galleguo marynheyro hũ papagayo | 1
It. allu.º añes marynheyro hũ papagayo | 1
It. allu.º Royz marynheyro hũ prpagayo | 1
It. ho comtramestre hũ toym | 1
It. dyoguo frz. grumete dous çagoys | 2
It. Jom ferador grumete hũ papagayo e hũ toym | 2
It. p.º Jorge grumete hũ çagoym | 1
It. fernamdo page hũ toym forom

forom [1] avaliados estos gatos e papagayos (ita) e çagujns juntamête e xxiiij ij.c xx reis de q. a elRey noso Snór de seu qto. bj.c lb reis os quaes vã caregadas ẽ cta. sobre eitor nunez

L.º DA FERAMÊTA QUE SE FURTOU NA NAÕO BERTOA ESTAMDO NA BAYA DE TODOLLOS SAMTOS

Aos b dyas do mes de mayo em seguuda feyra na baya de todollos samtos se furtou serta merçadarya darmaçam sc. machados e machadynhas e cunhas e llogo pello capytam foy feyta esta dyllygemcya que se sege

It. prmeyramête deu ho capytam asua chave e requereo a mj espruam da dyta naõo e a yoham de braga feytor que buscassem a sua camara e asymesmo mãdou amj espruam que lhe dese a iojnha e asy tomou a do mestre e pylloto e de toda a outra cõpanha as quaes chaues forom entregues a mj espruam e llogo foy feyta a dyllygencia que se sege

It. ao pylloto hũ machado que ho feytor conheceo e dyz ser darmaçam

[1] Estas quatro linhas que seguem estão riscadas.

It. hũ machado a njcollao Royz marynheyro que dyz que lho deu ho capytam ho quall capytam dyz que he verdade que elle lhe deu ho dyto machado por quãto elle trazya x ou doze machados do fereyo que fez os darmacam p. nome chamado ho fereyro chrystouã e asy trazya quatro machados de hũa llycemça do espruam de frameysco mjz que bem se poderyam parecer cõ os outros.

It. mays amdré a.º marynheyro tres canhas e hũ machado que dyz ho feytor que lhe parecem ser darmaçam e dyz ho dyto amdre a.º que lho deu ho pylloto p. outro que lhe emprestara

It. mays hũ machado a Jeronjmo espruam da feytorya elle dyto Jeronjmo dyz que lho dera Jerumj despemseyro da dyta naoo ho qual Jerumj dyxe que era v. dade que lho emprestara

It. mays duas machadynhas a gomçallo pyz. grumete e dyz que lhas deu ho contramestre e dyz ho feytor refem darmaçã

pello quall dyz ho comtra mestre que as ouve dazevedo grumete e dyz ho grumete que quãdo lhe for prgumtado que dara testemunhas domde as ouve

It. mays hũa machadynha a p.º Jorge grumete que dyz que lha deu azevedo ho quall dyz ho feitor ser darmaçã

Itt. feyta esta dyllygemcya que ho capytam mãdou fazer se nõ achou outra cullpa se nõ nos detras anomeados.

Requerymẽto que chrystouam pyz. capytam fez a sua cõpanha em cabo fryo que foy em segunda feyra xxbj dias do mes de mayo e lhes requereo da parte dellrey noso Snõr que nenhũ nõ fosse tam ousado que nõ resgatassem nenhũa cousa p. nenhũa merçadarya que fose

aos xxbiiij dyas do mes de mayo em quymta feyra no
cabo fryo veõ Joham de braga a naôo bertoa a tyrar a fera-
mêta darmaçam pello quall ho capytão deu juramêto ao
pylloto e ao comtra mestre e ao carafate que elles pello ju-
ramêto que tynham resebydo que oulhassem bem aquella
feramêta e machados se lhe parecyam ser de hû ofycyall e
isto por bem da feramêta que achaua menos e a achauam
em maos de outrem pello quall dyxe ho pylloto que lhe pa-
recyam serem os machãdos de tres ofycyaes e pello seme-
lhante ho comtramestre e o carafate.

(Seguem as *folhas* 24, 25, 26 e 27 em branco)

DIARIO DA NAVEGAÇÃO

DE

Pedro Lopes de Souza

pela costa do Brazil até o Rio Uruguay (DE 1530 A 1532)

(4.ª edição)

ACOMPANHADA DE VARIOS DOCUMENTOS E NOTAS:

E

LIVRO DA VIAGEM

DA

NAO «BRETOA» AO CABO FRIO (EM 1511)

POR

Duarte Fernandes

(Nova edição)

Tudo annotado e precedido de
um noticioso prologo escripto pelo seu editor

F. A. de Varnhagen.

RIO DE JANEIRO.

Typ. de D. L. dos Santos, rua Nova do Ouvidor n. 20.

1867.

PROLOGO

A 1.ª edição do Diario de Pero Lopes de Souza foi feita em **1839**, havendo principalmente em vista o codice original (de letra de Pero Goes, com varios pretendidos retoques inadimissiveis do proprio punho de Martim Affonso de Souza) que existia em Lisboa na Livraria real da Ajuda. Esta edição tem sido sufficientemente dada a conhecer pelos biographos, começando por Brunet (na palavra Souza) e por Mr. Rich na sua *Bibliotheca Americana*.

Na actual edição foram supprimidas varias notas julgadas inuteis, e em vez dellas se reprodusem varios documentos, incluindo uma doação a Ruy Pinto e uma reclamação em latim de St Blancard contra Pedro Lopes, dada pela primeira vez a conhecer pelo Editor, em cujo poder existe original autenticado pelo tabellião Jeham Pyrot em 11 de Março de 1538.

E em algumas notas, modifiquei as minhas primeiras idéas na apreciação, principalmente no que diz respeito á parte da viagem pelas aguas do Rio da Prata e Uruguay. Depois que tambem naveguei por este ultimo rio, e que, como Pero Lopez, passei á vista das ilhas de *S Gabriel*, de *Martim Garcia* e *Dos Hermanas*, e que a final vi as bocas do Paraná, penetrando pela do Guazú, e que me convenci

que Pero Lopes, deixando esta á esquerda, subiu pelo Uruguay e penetrou pelo Rio Negro acima, e retrocedendo logo para seguir a subir pelo Uruguay, e graças a novos estudos, que fiz depois da 3ª edição do Diario publicado na Revista do Instituto, não hesito hoje em reconhecer que Pero Lopes passou alem do rio Gualeguay. Só me fica o sentimento de não ter podido (como fiz até a foz do Guazu) acompanhal-o pelo Uurugay acima com o seu roteiro na mão, a ver se ia dar com o tal ***esteiro dos Carandins*** (***Querandins***).

E' tarefa que fica pois reservada a quem tenha para isso outras proporções. Tambem hoje acredito que a ilha das Pedras a oeste de Montividêo, em que veio a naufragar o bergantim de Pero Lopes, é a que actualmente se chama de ***las Gaviotas***.

Eis quanto julgo essencial prevenir ao publico, por occasião da nova reimpressão do roteiro do joven donatario de Santo Amaro e do territorio da actual Parahyba do Norte. Não devo porém dissimular que este escripto, aliás importantissimo para a historia dos descobrimentos maritimos em geral e até para a historia patria a alguns respeitos, perdeu em relação a esta ultima, pelo achamento de outros documentos, uma parte da maxima valia que tinha no momento em que viu pela primeira vez a luz.

O seu simples apparecimento rasgou então de um jacto paginas e paginas de interminaveis conjecturas de Fr. Gaspar e de Jaboatão (cujos escriptos, no estado actual da critica historia mais podem induzir o principiante em erros do que servir a guia-lo) e tirou toda a duvida ácerca da existencia do Caramurú, o que depois se elucidou melhor por novas provas. — Até esse apparecimento,

nenhum outro documento tinha lançado mais luz sobre varias questões intrincadas da primeira época da nossa Historia, porquanto serviu de esclarecer um periodo de mais de vinte annos delle, quando a carta de Pero Vaz de Caminha era apenas revelação do que se passára durante dias!

Quanto ao « Livro (da viagem) da Não Bretoa », que vae de novo publicado nas paginas seguintes, bastenos dizer que tambem foi elle por nos dado a conhecer em 1844, e que pela primeira vez viu a luz integralmente, em 1854, no fim do 1° volume da nossa Historia Geral (1ª Edição, nota 13, de pagina 427 a 432) — o MS. de que foi tirada a copia se guarda em Lisboa na Torre do Tombo (no armario da Casa da Coroa Maç. 9 Num. 2.) Está escripto em papel florete escuro, cuja marca d'agua é uma luva com uma estrella diante do dedo do meio. Consta o dito « Livro » de dois quadernos de papel cosidos, um com seis folhas (24 paginas de folha), e outro com oito (32 paginas). Deste quaderno falta a ultima meia folha. Ao todo existem hoje 50 paginas, algumas dellas em branco, das quaes faltam quatro, ou uma folha. A capa é de pergaminho usado, que parece haver sido d'algum missal. A folha do rosto contem o titulo, e lê-se por cima delle escripto — 483 —, e abaixo — Extras —. Ignoramos se esta não Bretoa era ainda a mesma que, segundo Gaspar Correa, fora em 1502 á India, capitaneada por Francisco Marecos. Dos armadores sabemos que Morelle vinha a ser sobrinho de Marchioni, que ambos negociavam em assucares, e eram mui ricos.

O conhecimento, dado por este documento, da exis-

tencia de uma feitoria em Cabo Frio, erecta anteriormente a 1511, foi o luminoso facho, que nos guiou para chegar aos fortes indicios, que constituiram provas, em virtude das quaes nos convencemos haver essa feitoria sido a colonia fundada em fins de 1503 pela segunda expedição portugueza, que veio explorar a nossa costa, e que houvera erro na designação da latitude, segundo se lia em uma carta de Vespucio, devendo ter-se impresso 23°, em vez de 18° ; — sendo mui frequente, nos manuscriptos antigos confundir-se o 1 com o 2, e o 3 com o 8.

A respeito desta viagem de Vespucio, em que, segundo nossas recentes averiguações, ia a principio por chefe Gonçalo Coelho bem como da anterior, em que foram descobertas a Bahia e a ilha *Georgia* de Cook, consulte-se o livro in folio, que em 1865 démos a luz, em lingua franceza, com o titulo :

AMERIGO VESPUCCI, SON CARACTÈRE, SES ÉCRITS (MEME LES MOINS AUTHENTIQUES) SA VIE ET SES NAVIGATIONS.

Neste livro publicado, como «homenagem á justiça, á moralidade e á verdade historica, em favor do nome *americano*,» procuramos justificar completamente a memoria do navegador florentino, mostrando, em virtude da analyse paleographica dos manuscriptos, como não são autenticas nem genuinas certas cartas que se lhe attribuem, e cuja analyse tanto deu que fazer a Humboldt e a outros, que por lhes darem credito tão mal deixaram apreciado o mesmo Vespucio. E aproveitaremos esta occasião para addicionar que hoje acreditamos que a expedição de 1501, em que Vespucio descobriu a margem septentrional da foz

do Prata (sem ver a margem do sul, nem saber que era rio). e que por julgar seu commandante que ahi se acabava este continente, e que não poderia seguir explorando para oeste, senão ultrapassando o que era da demarcação de Portugal, é que resolvera fazer rumo para sueste. Ora sendo assim, esse commandante ou chefe não podia ter sido senão D. Nuno Manuel; o que tudo nos propomos justificar melhor em outro logar.

E por esta occasião diremos que já em um trabalho anterior (« *La verdadera Guanahani de Colon* ») impresso pela Universidade do Chile nos seus Annaes, vol. XXVI. de Janeiro de 1864) haviamos tido infelizmente occasião de não concordar com o mesmo sabio Humboldt, quando exposemos que a verdadeira *Guanahani* não podia ser a S. Salvador ou *Catt*, admittida por elle, seguindo a M. Irving ; nem a Watling proposta pelo historiador Muñoz, seguido por Capt. Becher ; nem a *Turco* indicada por Navarrete ; mas unicamente a modesta *Mayaguana*, ainda antes por ninguem lembrada.

Rio de Janeiro, 1867.

F. A. de V.

DIARIO DA NAVEGAÇÃO (1)

DE

PERO LOPES DE SOUSA.

(de 1530 a 1532.)

Na era de 1530, sabado 3 dias do mes de dezembro, partí desta cidade de L i x b o a, debaixo da capitania de Martim Affonso de Sousa, meu irmão, que ia por capitam de uma armada e governador (1) da t e r r a d o B r a s i l: com vento leste saí fóra da barra, fazendo caminho do sudoeste.

Domingo 4 do dito mes no quarto d'alva se nos fez o vento norte, e com elle fizemos o mesmo caminho do sudoeste.

Segunda-feira 5 do dito mes ao meo dia tomei o sol em trinta e seis graos e dous terços: demorava-me o c a b o de S a m V i c e n t e a leste e a quarta do nordeste.

Terça-feira 6 de dezembro ao meo dia tomei o sol em trinta e cinco graos e hum quarto: com vento norte mui forçoso fazia o caminho do sudoeste e a quarta do sul. Na nao *Capitaina* sentiamos muito trabalho porque nam governava; e não levamos mais vela que o traquete e mezena.

Quarta-feira 7 do dito mes ao meo dia tomei o sol em trinta e quatro graos: fazia o caminho do sudoeste.

Quinta-feira 8 do dito mes se passou o vento ao nornordeste e ventou com muita força, e trazia grande mar por ló: a nao ia tam má de governo; corriamos muito risco de

(1) Veja adiante as cartas de nomeação e poderes.

Este Diario está transcripto na Revista do Instituto Historico, 24 (1861), pag. 9.

nos quebrar os mastros. Este dia nám tomei o sol: fazia-me em trinta e hum graos e hum terço. Demorava-me o cabo de Sam Vicente ao nornordeste; e a ilha da Madeira me demorava ao noroeste e a quarta d'aloeste: fazia-me della vinte e cinco leguas.

Sesta-feira 9 dias de dezembro ás tres horas despois de meo dia houve vista da terra; e chegando-nos mais a ella, reconhecemos ser a ilha de Tenarife. Como foi noite tiramos as monetas; e pairamos a noite toda até o quarto d'alva, que nos fizemos á vela.

Sabado 10 dias do dito mes ás quatro horas despois do meo dia surgimos no porto da ilha da Gomeira. Em terra tomei o sol em vinte e oito graos e hum quarto: ali corregemos o leme.

Terça-feira 13 de dezembro no quarto d'alva nos fizemos á vela com vento nordeste: faziamos o caminho do sul e a quarta do sudoeste.

Quarta-feira 14 do dito mes ao meo dia tomei o sol em vinte e seis graos e hum quarto: demorava-me o cabo do Bojador a leste e a quarta do nordeste: faziamos o caminho do sul e a quarta do sudoeste.

Quinta-feira 15 de dezembro ao meo dia tomei o sol em vinte e quatro graos e meo: o vento saltou a lesnordeste brando.

Sesta-feira 16 do dito mes no quarto d'alva se passou o vento ao sudoeste; e com elle barlaventeamos até á noite, que ficou o vento em calma.

Sabado 17 do dito mes andamos o dia todo em calma.

Domingo 18 do dito mes, dia de Nossa Senhora ante Natal, andamos em calma sem ventar bafo de vento; senão grande vaga de mar, que vinha do sudoeste; e os ceos corriam muito tesos do mesmo rumo.

Segunda-feira 19 do dito mes ao meo dia tomei o sol em vinte e hum graos e tres quartos: demorava-me o cabo das Barbas a leste, e por fazer grande abatimento com o mar mui grosso, que me rolava para a terra, me fazia do dito cabo vinte legoas. Lancei o prumo ao mar e tomei fundo com concoenta e cinco braças. De noite me ventou hum pouco de vento norte.

Terça-feira 20 dias de dezembro ao meo dia tomei o sol em vinte e hum graos e um quarto; e o vento começou a refrescar do norte, e com elle faziamos o caminho ao sudoeste e a quarta do sul. Demorava-me o cabo Branco a lessueste: fazia-me delle vinte e cinco leguas. Huma hora de sol houvemos vista de duas velas e as fomos demandar: e era hũa caravela e hum navio que vinham de pescaria, e por elles escrevemos a Portugal.

Quarta-feira 21 do dito mes ao meo dia tomei o sol em vinte graos e hum terço: com vento nordeste de todalas velas faziamos o caminho ao sudoeste e a quarta do sul, demorava-me o cabo Branco a leste e a quarta do nordeste.

Quinta-feira 22 do dito mes ao meo dia tomei o sol em desoito graos e tres quartos: demorava-me o cabo Branco ao nordeste e a quarta de leste: fazia-me delle cincoenta e cinco leguas.

Sesta-feira 23 do dito mes tomei o sol em desesete graos e dous terços; e desde o meio dia fizemos o caminho ao sudoeste e quarta de loeste. Como foi noite governamos ao essudoeste.

Sabado 24 do dito mez tomei o sol em quinze graos; e fazia o mesmo caminho d'oessudoeste. e em se pondo o sol vimos terra ao sudoeste e a quarta d'oeste: seriamos della oito leguas. Como foi noite pairamos até o quanto

d'alva, que nos fizemos à vela. E como foi de dia reconhecemos ser a ilha do Sal.

Domingo 25 de dezembro, dia de Natal, pela manhãa fizemos o caminho do sul até á noite, que fomos com a ilha de Boa Vista: por resguardo do baixo, que nos demorava a lessueste, fizemos o caminho do sul. E como foi noite mandou o capitão I. (*) a Baltazar Gonçalves, capitão da caravela Princeza que fosse diante, e levasse o farol; e assim fomos até pela manhãa.

Segunda-feira 26 do dito mez estavamos pegados com a ilha de Maio: a caravela Princeza não apparecia, nem da gavia. Indo demandar o porto da ilha de Santiago, veio hũa cerração que na nao nam nos viamos uns aos outros. Por nam poder fazer caminho pairamos a noite toda.

Terça-feira 27 do dito mes pela manhãa estavamos hum tiro de abombarda de terra da ilha de Santiago, da banda do norte; e o vento começou a ventar norte mui rijo, e alimpou a nevoa. Indo para tomar o porto da Ribeira Grande saltou o vento de sapito ao sueste, que nos era mui contrario; e assim barlaventeamos o dia todo sem poder cobrar nada. A noite passada da cerração se apartou de nós a nao S. Miguel, de que era capitam Heitor de Sousa.

Quarta-feira 28 do mes de dezembro pela manhãa nos acalmou o vento hum tiro de falcam da terra; e o mar andava tam grosso, que se nos nam ventara hum pouco de vento norte foramos de todo perdidos; porque o mar nos rolava para terra, e nam podiamos surgir; porque o fundo era de pedra: este dia ao meo dia fomos a surgir na Praia. Aqui achamos hũa nao de duzentos toneis, e hũa chalupa

(*) O A. escreve muitas vezes *capitam I.* quando se refere a seu irmão o capitão-mór Martim Affonso.

de Castelhanos; e em chegando nos disseram como iam ao **Rio de Maranhão**: e o capitam I. lhe mandou requerer que elles nam fossem ao dito rio; porquanto era de el-rei nosso senhor e dentro da sua demarcação.

Quinta-feira 29 do dito mes pela manhãa demos á vela, e fomos surgir a **Ribeira Grande** onde achamos a caravela Princeza: aqui neste porto tomei o sol em quinze gráos e hum sesmo. Aqui veo dar o navio S. Migael comnosco. Nesta ilha estivemos tomando cousas necessarias para a viagem até terça-feira 3 dias de janeiro de **1531**. Fizemo-nos á vela em se cerrando a noite com muito vento nordeste: o galeam S. Vicente perdeu duas ancoras em se fazendo á vela: e a caravela Princeza hûa; porque o surgidouro deste porto é todo sujo. Como saío a lua se fez o vento lesnordeste, e ventou com tanta força que nem podiamos com a vela. Indo assi correndo com gram mar deu a nao hûa guinada, e em preparando de ló nos arrebentou o mastro do traquete pelos tamboretes, de que sentimos muita fortuna; e amainamos a vela; e fomos correndo ao som do mar até que foi de dia.

Quarta-feira 4 de janeiro ao meo dia fez-se o tempo em mais bonança, e abaxamos o masto hum covado, puzemos-lhes hûas emmes (*) e com arrataduras o corregemos o melhor que podemos.

Quinta-feira 5 do dito mes o vento era muito mais forte do que o dia *d*antes: faziamos o caminho do sul e da quarta do sueste.

Sesta-feira 6 do dito mes o vento e o mar eram mais bonança; e gastamos o dia todo em correger o masto.

Sabado 7 do dito mes ao meo dia tomei o sol em oito graos e meo: demorava-me o **cabo Verde** ao nordeste,

(*) **Emmendas?**

e tomava da quarta do norte: demorava-me o c a b o R o x o a lesnordeste: fazia-me delle cento e quinze leguas: faziamos o caminho do sulsueste.

Domingo 8 do dito mes o vento norte bonança fazia-me o mesmo caminho do sulsueste.

Segunda-feira 9 do dito mes ao meo dia tomei o sol em cinco graos e meo: demorava-me o c a b o R o x o ao nordeste: fazia-me delle cento e cincoenta leguas; demorava-me a S e r r a L e o a a leste e a quarta do nordeste: fazia-me della cento e setenta e seis leguas. Faziamos o caminho ao sulsueste. Neste dia nos morreu um homem, que traziamos da i l h a d e S a n t i a g o.

Terça-feira 10 do dito mes pela manhãa nos deu hũa trovoada com muito vento e agua, que nos fez amainar as velas. O dia todo estivemos sem vento até o quarto da modorra, que se fez o vento nordeste; e com elle nos fizemos á vela.

Quarta-feira 11 do dito mes nos deram muitas trovoadas; e de noite no quarto da prima nos deu hũa trovoada do sueste, e outra do nordeste, com muito vento e agua e relampados.

Quinta-feira 12 do mes de janeiro se fez o vento leste, e com elle fizemos o caminho do sul.

Sesta-feira 13 do dito mes todo dia nos choveu. Com o vento norte faziamos o caminho do sul. Como se nos o sol pôz, acalmou o vento; e estivemos toda a noite em calma.

Sabado 14 do dito mes tomei o sol em tres graos e tres quartos: este dia todo não ventou; senam choveu muita agua, e fazia tam grande calma, que nam se podia suportar.

Domingo 15 do dito mes tomei o sol em dous graos e dous terços.

Segunda-feira 16 do dito mes se fez o vento sudoeste,

e com elle faziamos o caminho do sulsueste: e no quarto da prima nos deu hũa trovoada, com gram força de vento, que nos fez amainar de romania as velas.

Terça-feira 17 do dito mes tornou a ventar o vento de oestesudoeste, e ao meo dia tornei a tomar o sol em hum grao e meo.

Quarta-feira 18 do dito mes tomei o sol em meo grao: e o vento se fez sueste, e com elle faziamos o caminho ao sudoeste e a quarta d'oeste; e demorava-me o cabo de Santo Agostinho ao sudoeste e a quarta d'oeste.

Quinta-feira 19 do dito mes tomei o sol em dous terços de grao, da banda do sul.

Sesta-feira 20 do dito mes, tomei o sol em tres quartos de grao: o vento era sueste, que nos era escasso para dobrarmos o cabo de santo Agostinho. As aguas nesta paragem correm a loeste com muita força.

Sabado 21 do dito mes tomei o sol em hum grao e tres quartos.

A Ilha de Fernão de Loronha me demorava ao sudoeste e a quarta d'oeste; o cabo de santo Agostinho ao sudoeste. O vento nos era mui escasso, de que sentiamos muito trabalho.

Domingo 22 do dito mes, tomei o sol em dous graos: demorava-me a ilha de Fernão de Loronha ao sudoeste, e a quarta d'oeste: fazia-me della quarenta e cinco leguas. No quarto de prima se nos fez o vento lessueste.

Segunda-feira 23 de Janeiro ao meo dia tomei o sol em tres graos e um quarto: demorava-me a ilha de Fernão de Loronha ao sudoeste: fazia-me d'ella desoito leguas. O cabo de santo Agostinho me demorava ao sudoeste: fazia-me delle cem leguas.

Terça-feira ao meo dia tomei o sol em quatro graos e hum quarto. N'esta paragem correm as aguas a loesnoroeste: em certos tempos correm mais; so desde Março até Outubro correm com mais furia. He por estas correntes fazerem os abatimentos incertos que muitas vezes se dam duas quartas de abatimento, e abatem os navios quatro. Assi que n'esta paragem a pilotagem he incerta: por experiencia verdadeira, para saberdes se estais de barlavento ou de julavento da ilha de Fernão de Loronha, quando estais de barlavento vereis muitas aves as mais rabiforcados e alcatrazes pretos; e de julavento vereis mui poucas aves, e as que virdes serão alcatrazes brancos. E o mar é mui chão.

Quarta-feira 25 de janeiro ao meo dia tomei o sol em cinco graos e hum terço. Com o vento lessueste faziamos o caminho de lessudoeste.

Quinta-feira 26 do dito mes tomei o sol em cinco graos e meo. Faziamos o caminho de sulsudoeste.

Sesta-feira 27 do dito mes tomei o sol em sete graos e meo: e desde meio dia arribamos duas quartas: e fazia o caminho do sudoeste.

Sabado tomei o sol em oito graos e meio; faziamos o caminho a loeste e a quarta do sudoeste. E desde o quarto da prima governamos a este.

Domingo 29 do dito mes tomei o sol em nove graos. Faziamos o caminho a loeste, com vento leste.

Segunda-feira 30 dias do mes de janeiro tomei o sol: e estava na altura do cabo de santo Agostinho; e iamol-o a demandar pelo rumo d'aloeste. Este dia não correo pescado nenhum comnosco, que he signal nesta costa d'estar perto de terra; e outro nenhum nam tem senam este.

Terça-feira 31 do dito mes no quarto d'alva vimos terra, que nos demorava a loeste: chegando-nos mais a ella houvemos vista de hûa nao; e demos as velas todas, e a fomos demandar: e mandou o capitam I. dous navios na volta do norte, — na volta em que a náo ia, e outros dous na volta do sul: a nao como se vio cercada arribou a terra, e mea legua della surgio e lançou o batel fóra. Como fomos della hum tiro de bombarda se meteo a gente toda no batel e fugio para a terra. Mandou o capitam I a Diogo Leite, capitam da caravela Princeza, que fosse com seu batel apoz o batel da nao: quando ja chegou a terra, era ja a gente metida pela terra dentro, e o batel quebrado. Fomos á náo, e nella nam achamos mais que hum só homem; tinha muita artelheria e polvora, e estava toda abarrotada de brasil. Ao meo dia nos fizemos á vela para ir demandar o c a b o d e S a n t o A g o s t i n h o: seriamos delle seis leguas. Tomamos esta náo de França defronte do c a b o d e P e r c a a u r i: corre-se com o c a b o d e S a n t o A g o s t i n h o norte e sul, tomada quarta de noroeste e sueste. Da banda do sul do c a b o d e S a n t o A g o s t i n h o achamos outra nao de França, que tomamos carregada de brasil. Esta noite no quarto da prima me mandou o capitam I. com duas caravelas á i l h a de s a n t o A l e i x o; porque tinhamos informaçam que estavam ahi duas náos de França: fui toda a noite com o prumo na mão, sondando por fundo de doze braças: no quarto d'alva surgimos ao mar da ilha mea legua, em fundo de doze braças d'area grossa.

Quarta-feira primeiro dia de febreiro em rompendo a alva vimos mea legua ao mar hûa náo, que cõs traquetes ia no bordo do norte, e como a vimos me fiz á vela no bordo do sul. A nao, como houve vista das caravelas, deu todalas

velas. Neste bordo do sul fui quatro relogios, e virei no bordo do norte; e ao meo dia era na esteira da nao, duas leguas della: a outra caravela era hũa legua de mim a ré. Como descobrimos o cabo de santo Agostinho saio o capitam I. no navio Sam Miguel com o galeam Sam Vicente, e com hũa das naos, que tomara aos Francezes; mas vinha tanto a julavento que quasi nam podiam cobrar a terra. Este dia, hũa hora de sol, cheguei á nao, e primeiro que lhe tirasse, me tirou dous tiros: antes que fosse noite lhe tirei tres tiros de camelo, e tres vezes toda a outra artelheria: e de noite carregou tanto o vento lessueste, que nam pude jogar senam artelheria meuda; e com ella pellejamos toda a noite.

Quinta-feira 2 de febreiro em rompendo a alva mandei hum marinheiro ao masto grande ver se via o capitam I, ou os outros navios, e me disse que via hũa vela, que nam divisava se era latina, se redonda. E desde as sete horas do dia até o sol posto, que rendemos a nao, pellejamos sempre. A nao me deo dentro na caravela trinta e dous tiros, quebrou-me muitos aparelhos, e rompeo-me as velas todas. Estando assi com a nao tomada chegou o capitam I. com os outros navios; logo abalroei com a nao e entrei dentro; e o capitam I. abalroou com o seu navio: e os mais dos francezes se passaram ao navio. A nao vinha carregada de brasil; trazia muita artelheria, e outra muita muniçam de guerra: por lhes faltar polvora se deram. Na nao nam demos mais que hũa bombarda, com hum pedreiro ao lume d'agua: com a artelheria meuda lhe ferimos seis homẽs: na caravela me nam mataram, nem feriram nenhum homem, de que dei muitas graças ao Senhor Deus.

Sesta-feira 3 do dito mes pela menhãa nos achamos hũa luega de terra, a qual se corria nornoroeste sulsueste. Ao

longo do mar eram tudo barreiras vermelhas: a terra he toda chãa, chea d'arvoredo. Como nos achegamos mais a terra se nos fez o vento sueste: e ao meo dia surgimos em fundo de onze braças, hũa legua de terra. Como estive surto, lancei o batel fóra, por nenhum dos outros navios trazer batel, que os haviam deixado no cabo de santo Agostinho. Este dia vieram de terra, a nado, ás naos Indios a perguntar-nos se queriamos brasil.

Sabado pela menhãa 4 de febreiro mandou o capitam I. a Heitor de Sousa, capitam da nao Sam Miguel que fosse a terra com o batel e com mercaderia, ver se poderia trazer algũa agua, de que tinhamos muita necessidade: e se tornou sem trazer agua, por lha nam querer dar a gente da terra. O capitam I. se passou a caravela Rosa, e se fez á vela no bordo do mar, para ir diante ao porto de Pernambuco fazer algũas cousas prestes para a armada. Eu fiquei com os outros navios surto; e ao meo dia tomei o sol em seis graos e hum terço. Em se pondo o sol me fiz á vela; e em levando a amarra me desandou o cabrestante, e me ferio dous homês; e tornei a virar com muita força, e arrebentei o cabre, e me fiz á vela: e mandei a Baltazar Gonçalves que levasse o farol; por quanto eu nam tinha piloto. E fomos no bordo do mar até o quarto da modorra rendido; e tornei a virar no bordo da terra.

Domingo 5 do dito mes barlaventeei o dia todo sem poder cobrar mea legua de costa; e ao sol posto surgi em oito braças, por o navio Sam Miguel ser muito a julavento de mim. A agua corria mui tesa ao nornoroeste.

Segunda-feira 6 de febreiro pela menhãa, nem da gavia parecia o navio Sam Miguel; estive surto, esperando até quinta-feira nove dias do dito mes, que me fiz á vela com o vento lessueste. Abarlaventeei o dia todo sem poder co-

brar nada, por correrem as aguas muito ao dito ramo. A agua nos ia faltando, de que sentiamos muito trabalho.

Sesta-feira 10 do dito mes, até quarta-feira quinze do dito mes de febreiro, com muito trabalho cobramos hũa legua de costa, e surgi á boca de hum rio para tomar agua, e me fazer na volta de Guiné; porque o longo da costa nam podiamos cobrar, e os ventos suestes e lessuestes ventavam ja mui tendentes, que nesta costa ventam desde febreiro até agosto.

Quinta-feira 16 de febreiro no quarto d'alva ventou da terra hum pouco de vento com que me fiz á vela, e duas leguas ao mar me acalmou. Surgi em fundo de quinze braças; e ao meo dia se fez o vento leste, e com elle me fiz á vela no bordo do sul. No quarto da prima se me fez o vento nordeste, que nos era mui largo.

Sesta-feira 17 do dito mes fomos surgir defronte do porto de Pernambuco, em fundo de 15 braças. D'esd' o porto de Pernambuco até o cabo de Percaauri, como passares das quinze braças, he fundo sujo. Aqui achamos a nao Capitaina e o galeam Sam Vicente, e a nao de França que tomamos no arrecife do cabo de santo Agostinho, e me disseram como nam tinham novas do capitam I; senam que o dia d'antes viram hũa vela ao mar, que ia no bordo do sul; e me disseram que foram ao Rio de Pernambuco; e como havia dous meses que ao dito rio chegara hum galeam de França; e que saqueara a feitoria; e que roubara toda a fazenda que nelle estava delRei nosso senhor: e que o feitor do dito rio (1) era ido ao Rio de Janeiro, n'hũa caravela, que ia para Çofala. E achei sete homẽs da nao Capi-

(1) Chamava-se Diogo Dias, segundo se lê mais adiante.

taina mortos, que se affogaram na barra (1) do a r-r e c i f e.

Sabado 18 do mes de febreiro vimos a caravela, em que vinha o capitam I. que barlaventeava com o vento nordeste, quatro leguas ao sul de nós. De noite se fez o vento mais ao mar, e mandei ás naos que fizessem fogos nas gavias, para poder vir o capitam I.

Domingo se fez o vento lessueste, e com elle veo a caravela, em que vinha o capitam I. e lhe demos conta como o navio de Heitor de Sousa se havia apartado de nós, oito dias havia: e o capitam I. foi ao R i o d e P e r n a m b u-c o; e mandou levar todolos doentes a hũa casa de feitoria, que ahi estava. Daqui mandou o capitam I. as duas caravelas, para que fossem descobrir o R i o d o M a r a-n h a m; e mandou João de Sousa a P o r t u g a l em hũa nao, que de França tomaramos; e a outra nao mandou queimar. Despois de termos tomado agua e outras cousas, de que tinhamos necessidade para a viagem, nos fizemos á vela com o vento lesnordeste.

Sesta-feira (2) primeiro dia do mes de março, com tres naos; sc.: a nao Capitaina; e o galeam Sam Vicente, de que era capitam Pero Lobo Pinheiro; e em outra nao de França, que tomamos, ia eu, a que puz nome — *Nossa Senhora das Candeas* —pela tomarmos no mesmo dia de Nossa Senhora: e com o dito vento faziamos o caminho ao sul.

(1) Talvez na paragem, que, desde esta occasião, se ficou denominando *dos Affogados*.

(2) Enganou-se o autor. Se a 18 de fevereiro foi sabado, o ultimo desse mez (28) foi terça-feira. Portanto o 1º de março caiu em quarta-feira, como alias sabemos, que caiu, fazendo o computo ordinario. A conta dos dias da semana seguiu errada, e nem se emendou no dia 12, passando de *terça-feira* 11 a *sabado* 12; e assim andou errada, até que entraram em S. Vicente.

e a quarta do sueste. Mandou o capitam I. ao galeam Sam Vicente que se chegasse bem a terra, atė ver se no a r r e- c i f e d e Sam M i g u e l estavam algũas naos.

Sabado pela menhãa chegou o galeam a nós, e nos disse como no a r r e c i f e nam havia naos. E ao meo dia tomei o sol em nove graos e meo.

Domingo 3 dias de março faziamos o caminho do sul e a quarta do sudoeste; e ao meo dia tomei o sol em des graos e hum quarto. A' tarde nos deram duas trovoadas, hũa do norte e outra de lessueste, com muita agua e vento: e toda a noite andamos amainados, com muitas trovoadas; e com os mores pés de vento, que eu atė entam tinha visto.

Segunda-feira quatro dias de março pela menhãa nos tornou a ventar o vento leste até o meo dia, que nos deu hũa trovoada com muito vento e pedra; e como passou ficou o vento em calma; e de noite tivemos muitas trovoadas de todolos rumos.

Terça-feira 5 do dito mes se nos fez o vento lessueste; faziamos o caminho ao sulsudoeste: e ao meo dia tomei o sol em des graos e tres quartos: demoravam-me as s e r- r a s d e s a n t o A n t o n i o a loeste: fazia-me delias treze leguas.

Quarta-feira seis dias do dito mes andamos em calma até á noite, que toda a passamos com muitas trovoadas de vento e relampados.

Quinta-feira ao meo dia se fez o vento sueste; faziamos o caminho do sulsudoeste. De noite, no quarto da modorra, nos deu hũa trovoada do norte com tanta força de vento, que se me nam quebrara a verga do traquete em tres pedaços, de todo foramos soçobrados.

Sesta-feira oito dias do mes ao meo dia tomei o sol em onze graos e seis mendos. A' tarde nos deu hũa trovoada

de muita agua; e entre as naos se fizeram duas mangas, de que os marinheiros houveram mui gram medo, por no mar ser cousa mui perigosa.

Sabado ao meo dia tomei o sol em onze graos e hum terço: fazia-me de terra quatorze leguas; e este dia nos nam ventou vento.

Domingo 10 do mes de março se fez o vento sueste, e tomava do sul; e com todalas velas faziamos o caminho do sudoeste. De noite, no quarto da prima, nos deu hũa trovoada com tanta força de vento, que amainados, metia a nao o portaló por debaxo do mar: eram tantos os relampados que a todos nos punha temor: e rendido o quarto da prima me deu hum raio no masto do traquete da gavia, que mo fez em dous pedaços: quiz Nossa Senhora que nos nam fez mais nojo: trouxe tam gram fedor de enxofre, que nam havia homem que o suportasse. Choveu-nos tanta agua esta noite, que com duas bombas a nam podiamos esgotar.

Segunda-feira 11 do dito mes ao meo dia tomei o sol em onze graos e meo: fazia-me de terra des leguas. Fazia o caminho do sudoeste com o vento sueste. Em se pondo o sol demos n'hũa aguagem do rio de Sam Francisco, que fazia mui grande escarcéo.

Sabado 12 (1) do mes de março ao meo dia tomei o sol em doze graos e dous terços; e em se pondo o sol houve vista de terra, que me demorava a loeste: fazia-me della seis leguas. E de noite, por nos afastar de terra, fizemos o caminho ao sul e a quarta do sudoeste, até o quarto d'alva, que tornamos a fazer o caminho do sudoeste.

Domingo 13 dias do mes de março pela menhãa eramos de terra quatro leguas: e como nos achegamos mais a ella

(1) Os dias tem ido errados, e a correcção aqui feita saltando-se um só dia da semana é insufficiente.

reconhecemos ser a Bahia de Todolos Santos; e ao meo dia entramos nella. Faz a entrada norte-sul: tem tres ilhas: hũa ao sudoeste, e outra ao norte, e outra ao noroeste: do vento sulsudoeste he desabrigada. Na entrada tem sete, oito braças de fundo, a lugares pedra, a lugares area; e assi tem o mesmo fundo dentro da bahia, onde as naos sorgem. Em terra, na ponta do padram, tomei o sol em treze graos e hum quarto. Ao mar da ponta do padram se faz hũa restinga d'area, e a lugares pedra: entre ella e a ponta podem entrar naos. no mais baxo da dita restinga ha braça e mea. Aqui estivemos tomando agua e lenha, e corregendo as naos, que dos temporaes que nos dias passados nos deram, vinham desaparelhadas. Nesta bahia achamos hum homem portugues, (1) que havia vinte e dous annos que estava nesta terra; e deu rezam larga do que nel'a havia. Os principaes homês da terra vieram fazer obediencia ao capitam I.; e nos trouxeram muito mantimento, e fizeram grandes festas e bailos; amostrando muito prazer por sermos aqui vindos. O capitam I. lhes deu muitas dadivas. A gente desta terra he toda alva; os homês mui bem dispostos, e as mulheres mui fermosas, que nam ham nenhũa inveja ás da Rua Nova de Lixboa. Nam tem os homês outras armas senam arcos e frechas; a cada duas leguas tem guerra hũs com os outros. Estando nesta bahia no meo do rio pellejaram cincoenta almadias de hũa banda, e cincoenta da outra; que cada almadia traz secenta homens, todas apavezadas de pavezes pintados como os nossos: e pellejaram desd'o meo dia até o sol posto: as cincoenta almadias, da banda de que estavamos surtos foram vencedores; e trouxeram muitos

(1) Era Diogo Alvares, o Caramurú. Veja a este respeito a nossa dissertação, premiada pelo Instituto no vol. X da *Revista*, p. 129 v.

dos outros captivos, e os matavam com grandes cerimonias, presos per cordas, e depois de mortos os assavam e comiam: nam tem nenhum modo de fisica: como se acham mal nam comem, e poem-se ao fumo; e assi pelo conseguinte os que são feridos. Aqui deixou o capitam I. dous homês, para fazerem experiencia do que a terra dava, e lhes deixou muitas sementes.

Quinta-feira 17 de março partimos desta bahia com o vento lessueste, e fomos na volta do sul até a tarde, que carregou muito o vento, e tornamos arribar: e surgimos á boca da bahia, em fundo de 13 braças d'area limpa.

Sesta-feira 18 do dito mes nos fizemos á vela com o vento leste e tomava do sueste.

Sabado 19 de março faziamos o caminho do sul com o dito vento: era de terra 4 leguas; a qual terra é toda alta e igual: corre-se norte sul. Ao meo dia tomei o sol em 13 graos e 2 terços.

Domingo, com as aguas que nesta costa correm neste tempo ao sueste, nos pazemos tanto a barlavento que pela menhãa nam viamos terra. Ao meo dia se nos fez o vento sueste; e com as aguagens andava o caminho do sulsudoeste. E ao pôr do sol vi terra mui alta: fazia-me della sete leguas: e de noite se fez o vento mais largo; e faziamos o caminho do sul.

Segunda-feira 21 do dito mes ao meo dia tomei o sol em 14 graos e 3 quartos: fez-se-nos o vento sueste e tomava do sul; de noite tiramos as monetas: e com os papafigos baxos trincamos no bordo do sul.

Terça-feira 22 de março, pelo vento se fazer sulsueste, viramos no bordo do norte; e ao meo dia tomei o sol em 14 graos e meo: e de noite levamos a proa a leste.

Quarta-feira 23 do mes fazia-me de terra 10 leguas; e ao

meo dia carregou muito o vento sueste, com mui gram mar; por nam podermos ir de ló amainamos as velas, e lançamos as naos de mar em travez.

Quinta-feira 24 dias do dito mes nam podemos sofrer o mar, que era mui feo: e arribamos com assaz fortuna: e corremos este dia todo arbore seca, pelo rumo do noroeste; e ao pôr do sol vimos terra, e conhecemos a boca do rio de T y n h a *a* r é *a* da banda do sul: e como foi noite nos deu hũa trovoada de leste tam supita, que ventando o vento sueste, — ventando forçoso, pode mais a trovoada; que se nos achara com vela soçobraramos. Por sermos mui perto de terra surgimos em 21 braças de fundo d'area limpa: era o mar tam grosso, e cada vez nos investia por riba dos castellos. No quarto da modorra saltou hũa trovoada per riba da terra d'oeste, que nos sosteve até pela menhãa de nos darmos á costa.

Sesta-feira pela menhãa nos fizemos á vela; era o mar tam grosso que iamos á popa com todas as velas, e nam no podiamos romper. Fomos com este vento até meo dia, que nos deu o vento sueste, com que fomos correndo a costa esta noite. No quarto da modorra fomos surgir na boca da B a h ia d e t o d o l o s S a n t o s.

Sabado 26 de março pela menhãa vimos dentro na bahia hum navio surto; e por ser longe nam divisavamos se era latino, se redondo: e logo vimos sair um batel da bahia, que vinha ás naos; e como chegou á nao capitaina, a salvou; e vinha nelle o capitam da caravela que arribára a P e r n a m b u c o, que ia para Ç o f a l a; e vinha no batel o feitor da feitoria de P e r n a m b u c o, que se chamava Diogo Dias; e o capitam I. mandou fazer as naos a véla para dentro da bahia; e mandou chamar a gente da caravela; e mandou soltar o piloto, que o capitam trazia preso: e man-

dou despejar a caravela dos escravos, e lançal-os em terra; e determinou de levar a caravela comsigo, por lhe ser necessaria para a viagem.

Domingo 27 do mes de março partimos daquesta bahia, com o vento leste, contra opiniam de todolos pilotos: a qual era que nam podiamos dobrar os baxos d'abrolho; e que a monçam dos ventos suestes começava desd'o meado febreiro até agosto; e que em nenhũa maneira podiamos passar; e que era por de mais andar lavrando o mar.

Segunda-feira 28 de março ao meo dia tomei o sol em 14 graos: era de terra 4 leguas; faziamos o caminho do sul, com o vento leste.

Terça-feira ao meo dia tomei o sol em 14 graos e 1 terço; era de terra 5 leguas; a qual terra era mui alta: corre-se norte sul. Lancei o prumo ao mar, e nam tomei fundo com 200 braças.

Quarta-feira fazia o caminho do sul, com o vento leste; nam me afastando nada de terra. Ao meo dia tomei o sol em 13 graos.

Quinta-feira 31 do mes de março, fazendo o dito caminho do sul e ao meo dia, tomei o sol em 13 graos e dous terços. A costa se ia correndo sempre norte sul. No sartam havia mui grandes montanhas.

Sesta-feira 1º d'abril com hũa trovoada saltou o vento ao sulsueste, e fui na volta da terra; mea legua della tomei fundo com 120 braças de pedra; tudo ao longo do mar eram rochas: e ao meo dia virei no bordo do norte, até o quarto da prima, que me deu hũa trovoada de lessueste; e como passou, ficou o vento em calma.

Sabado 2 d'abril tomei o sol em 13 graos e meo, e andamos todo o dia em calma.

Domingo 3 dias do mes d'abril ao meo dia tomei o sol em 15 graos e meo: estavamos de terra 4 leguas; andamos este dia todo em calma.

Segunda-feira ao pôr do sol se fez o vento leste; e com elle fomos no bordo do sul até o quarto da prima, que se fez sueste; — que tornamos a virar no bordo do norte.

Terça-feira com vento lessueste barlaventeamos todo o dia: havia de mim a terra cinco leguas.

Quarta-feira pela menhãa se fez o vento calma até

Sabado ao meo dia, 9 dias do mes d'abril, que nos deu uma trovoada do sudoeste; e ficou o vento no sul, com que faziamos o caminho de leste.

Domingo 10 dias d'abril se fez o vento sueste, e amainamos as velas, e lançamos as naos de mar em travez: e ao meo dia tomei o sol em 15 graos e 1 terço. Fazia-me de terra 20 leguas.

Segunda-feira começou o vento sueste a ventar com muita força e com mui gram mar: de noite cresceu o temporal tanto e tam forte, que quizeramos arribar e nam nos estrevemos, por ser o mar mui grosso: até pela menhãa estivemos com muita fortuna, que se fez o tempo mais bonança. Assi estivemos pairando até sesta-feira 15 dias d'abril, que se fez o vento leste; e demos todalas velas no bordo do sul; e ao meo dia tomei o sol em 15 graos e 1 terço. Fazia-me de terra 17 leguas.

Sabado se fez o vento lessueste, e faziamos o caminho do sulsudoeste; e ao meo dia tomei o sol em 14 graos e 1 quarto.

Domingo pela menhãa nos deu hũa trovoada do sueste com muito vento e agua: este dia todo nos choveu sem vento, e de noite muitas trovoadas de todolos rumos.

Segunda-feira 18 dias do mes d'abril se fez o vento sues-

te; e viramos no bordo do norte até o quarto da prima, que se fez o vento lessueste, e viramos no bordo do sul. Fazia-me de terra 15 leguas.

Terça-feira ao meo dia tomei o sol em 16 graos e 2 terços. Esta noite nos ventou muito o vento lessueste.

Quarta-feira 20 dias do mes d'abril pela menhãa me cheguei á nao capitaina; e me disse o capitam I. que com o grande vento, que de noite ventara, lhe quebrara o mastro do traquete, abaxo da gavia hûa braça; e que queria arribar á B a h i a d e t o d o l o s S a n t o s; e a todos nos pareceo mui bem, por nam ser ja tempo para dobrar os b a x o s d'A b r o l h o. Estando nisto, nos deu hûa trovoada de lesnordeste; e como passou, ficou o vento em leste e tomava do nordeste; e o capitam I. tornou a mandar que virassemos no bordo do sul; e assi fomos até á noite, que no quarto da prima que se nos fez o vento lesnordeste: e faziamos o caminho do sulsueste.

Quinta-feira 21 d'abril ao meo dia tomei o sol em 19 graos menos 1 terço: fazia-me de terra 20 leguas. O vento se nos fez leste, e com elle faziamos o caminho do sul com todalas velas. De noite se fez o vento lesnordeste, e com as bolinas largas faziamos o dito caminho, levando resguardo, que cada relogio sondavamos; porque todolos pilotos se faziam ir por riba dos b a x o s d'A b r o l h o, que lançam ao mar 30 leguas, e o começo delles está em altura de 19 graos. E assi fomos toda esta noite com mui bom tempo, sem podermos tomar fundo com 60 braças.

Sesta-feira pela menhãa se nos fez o vento nordeste, e com todalas velas faziamos o caminho ao sul. Ao meo dia tomei o sol em 21 graos e 3 quartos; e como foi noite se nos fez o vento noroeste.

Sabado no quarto d'alva se fez o vento sudoeste; e veo

tam supito e furioso, que quasi nam deu lugar a amainar as velas; e ventou com tanta força (o qual ainda nesta viagem o nam tinhamos assi visto ventar) que as naos sem velas metiam no bordo por debaxo do mar: era tamanha a escuridam e relampados, que era meo dia e parecia de noite: á tarde se fez o vento sul. Andava o mar tam grosso e tam feo que nos entrava por todalas partes. No quarto da prima ao saír da lua abonançou mais o vento; ficou o mar tam grande que nos nam podiamos ter na nao. Da banda de bombordo me arrebentaram os apparelhos, com o jogar da nao.

Domingo 24 dias do mes d'abril se fez o vento sueste; e nos fizemos á vela com o mar grande e mui cruzado: faziamos o caminho a lessudoeste; e de noite no quarto da modorra me acalmou o vento.

Segunda-feira pela menhãa houvemos vista de terra a qual era mui alta a maravilha: fazia-me della 10 leguas.

Terça-feira ao meo dia nos deu o vento nordeste, e com elle corriamos a costa, a qual se corre nordeste sudoeste e toma da quarta de norte sul. De noite no quarto da prima mandei lançar o prumo ao mar; e tomei fundo com 9 braças e mandei fazer fogos: e fiz-me no bordo do sueste; sempre sondando, quanto mais íamos ao mar, menos fundo achavamos.

Quarta-feira 27 do mes d'abril pela menhãa houve vista de terra hũa legua della, em fundo de 8 braças. O vento era mui bonança, quanto as naos governavam. A costa se corre nornordeste susudeste escasso, a terra he toda ao longo do mar mui chãa sem arboredo: no sartam serras mui altas e fermosas; haverá dellas ao mar 10 leguas, e a lugares menos. Ao meo dia se fez o vento da terra brando: faziamos o caminho para o mar. Indo assi per fundo de 8

braças, de supito demos em 3, e logo mais ávante em 2 e mea: tornamos a fazer o caminho de sudoeste; e logo demos em fundo de quatro braças; e logo surgimos no dito fundo. E o capitam I. mandou lançar o seu esquife fóra; e mandou nelle o piloto que fosse sondar por o rumo do sul, e do sudoeste, e do sueste. E à noite veo o piloto mor no esquife, e disse que pelo rumo do sueste, que era baxo, que nam achara mais de tres braças: que indo ao sul achara 8 braças.

Quinta-feira 28 dias do mes d'abril ao meo dia tomei o sol em 22 graos e 1 quarto, e à tarde se fez o vento nordeste, e nos fizemos à vela pelo rumo do sul; e logo demos em fundo de seis braças; e no quarto da prima nos acalmou o vento; e surgi em fundo de quatorze braças, duas leguas e mea de terra.

Sesta-feira pela menhãa nos fizemos à vela com o vento nordeste, indo sempre ao longo da costa tres leguas della, per fundo de 50 braças d'area limpa. O c a b o d o p a r c e l, que jaz ao mar, se corre da banda do nordeste ao sueste, e da banda do sudoeste aloeste, e ás partes a loessudoeste. Quando fui fóra do parcel descobriam-se serras mui altas ao sudoeste. Ao meo dia tomei o sol em 22 graos e 3 quartos: ao sol posto fui com o c a b o **F r i o**: como foi noite amainamos as velas, e fomos com os traquetes toda a noite. O c a b o **F r i o** se corre com o R i o d e **J a n e i r o** leste oeste: ha de caminho 17 leguas.

Sabado 30 dias d'abril, no quarto d'alva, (1) eramos com a boca do R i o d e **J a n e i r o**, e por nos acalmar o vento, surgimos a par de hũa ilha, que está na entrada do dito rio,

(1) Vej. adiante (nota...) as observações que este lugar fizemos na 1.ª edição deste roteiro constituiram ellas a nota 22 publicada de p. 85 a 90 v.

em fundo de 15 braças d'area limpa. Ao meo dia se fez o vento do mar, e entramos dentro com as naos. Este rio he mui grande; tem dentro 8 ilhas, e assi muitos abrigos: faz a entrada norte sul toma da quarta do noroeste sueste: tem ao sueste 2 ilhas, e outras 2 ao sul, e 3 ao sudoeste; e entre ellas podem navegar carracas: he limpo, de fundo 22 braças no mais baxo, sem restinga nenhũa e o fundo limpo. Na boca de fóra tem 2 ilhas da banda de leste, e da banda d'aloeste tem 4 ilheos. A boca nam he mais que de hum tiro d'arcabuz; tem no meo hũa ilha de pedra rasa com o mar; pegado com ella ha fundo de 18 braças d'area limpa. Está em altura de 23 graos e 1 quarto.

Como fomos dentro, mandou o capitam I. fazer hũa casa forte, com cerca por derrador; e mandou saír a gente em terra, e pôr em ordem a ferraria para fazermos cousas, de que tinhamos necessidade. Daqui mandou o capitam I. 4 homens pela terra dentro: e foram e vieram em 2 meses; e andaram pela terra 115 leguas; e as 65 dellas foram por montanhas mui grandes, e as 50 foram por hum campo mui grande; e foram até darem com um grande rei, senhor de todos aquelles campos, e lhes fez muita honra, e veo com elles até os entregar ao capitam I.; e lhe trouxe muito christal, e deu novas como no Rio de Peraguay havia muito ouro e prata. O capitam lhe fez muita honra, e lhe deu muitas dadivas, e o mandou tornar para as suas terras. A gente deste rio he como a da Bahia de todolos Santos; senam quanto he mais gentil gente. Toda a terra deste rio he de montanhas e serras mui altas. As melhores aguas ha neste rio que podem ser. Aqui estivemos tres meses tomando mantimentos, para 1 anno, para 400 homẽs que traziamos; e fizemos dous bargantins de 15 bancos.

Terça-feira 1º dia d'agosto de 1531 partimos deste Rio de Janeiro com vento nordeste. Faziamos o caminho aloeste a quarta do sudoeste.

Quarta-feira se fez o vento sudoeste com muita força; tiramos as monetas, e trincamos no bordo do sulsueste até quinta-feira pela menhãa, que se nos fez o vento sulsueste, e com elle viramos no bordo d'aloeste: e de noite no quarto da prima se me fez o vento nordeste; e com elle faziamos o caminho a loessudoeste.

Sesta-feira 4 do dito mes me deu hũa trovoada do oeste-sudoeste, com tanta força de vento, que nos foi necessario arribar com hum bolso de traquete até

Sabado que se nos fez o vento sudoeste, e viramos no bordo da terra com os papafigos baxos, até de noite no quarto da prima, que nos tornamos a fazer no bordo do mar.

Domingo 6 do dito mes tornei no bordo da terra com todalas velas: a cerraçam era tamanha que, des que partimos do Rio de Janeiro, nunca podemos vêr a terra nem o sol: quasi noite fomos tam perto de terra, que viamos arrebentar o mar, e nam na viamos.

Segunda-feira pela menhãa se fez o vento nordeste: faziamos o caminho a loessudoeste, com cerraçam mui grande.

Terça-feira ao meo dia fizemos o caminho ao noroeste; porque pelo dito rumo nos faziamos com o Rio de Sam Vicente.

Quarta-feira 9 dias d'agosto no quarto d'alva faziamos o caminho ao noroeste e a quarta do norte; e ás 9 horas do dia surgimos bem pegados com terra em fundo de 8 braças d'area grossa. Estando surtos mandou o capitam I. hum bargantim a terra, e nelle hũa lingua para ver se achavam gente, e para saber onde eramos; porque a cerraçam era

tamanha, que estavamos hum tiro d'abombarda de terra e nam na viamos. De noite veo o bargantim, e nos disse como nam pudera ver gente.

Quinta-feira pela menhãa nos fizemos á vela. Com o vento nordeste, fizemos o caminho do sulsudoeste, por nos afastar da terra: e ao meo dia fomos dar com hũa ilha (1): quando a vimos eramos tam perto della, que quasi demos com os grupezes nas pedras. Era a cerraçam tamanha que fazia pouca diferença da noite ao dia: e surgimos da banda d'aloeste da ilha, em fundo de 25 braças d'area tesa: e mandei lançar o batel fóra para ir á ilha matar rabiforcados e alcatrazes, que eram tantos que cobriam na ilha. E fui á nao capitaina; e levei o capitam I. á ilha; e matamos tantos rabiforcados e alcatrazes, que carregamos o batel delles. Indo nós para as naos, nos deu por riba da ilha um pé de vento tam quente, que nam parecia senam fogo; ventando nas bandeiras das naos o vento noroeste, que era contraste deste: disto ficamos todos mui espantados, que daquelle vento fomos todos com febre. Como puz o capitam I. na sua nao, tornei a ilha a por lhe fogo. No quarto da modorra nos deu hũa trovoada seca do essudoeste, com mui grande vento que nam havia homem, que lhe tivesse o rosto: a nao capitaina foi de todo perdida, que lhe quebrou o cabre; e ia dar sobe-la ilha, se o vento de supito nam saltara ao sul, que se fez á vela no rolo do mar. Como nos deu o vento mandei logo largar outra anchora, que me teve até pela menhãa com mui gram mar. A nao capitaina nam aparecia, e me fiz á véla; e fiz sinal ao galeam Sam Vicente e á caravéla: e fomos todos surgir, da banda do norte da ilha, em fundo de 18 braças d'area limpa; e de-

(1) I. dos Alcatrazes.

terminamos de estar ali até passar o temporal. A' tarde se fez o vento sueste, e vimos mea legua ao norte de nós a nao capitaina, que vinha no bordo do sudoeste: e nos fizemos á vela, e a fomos demandar.

Sabado 12 dias do mes de agosto, com o vento nordeste, faziamos o caminho do essudoeste; e ao meo dia vimos terra: seriamos della um tiro d'abombarda: até ver se por nos afastar della viramos no bordo do mar, até ver se alimpava a nevoa, para tornarmos a conhecer a terra. Indo assi no bordo do mar mandou o capitam I. arribar, para fazermos nossa viagem para o Rio de Santa Maria (1): e fazendo o caminho do sudoeste demos com hũa ilha. Quiz a nossa senhora e a bemaventurada santa Crara, cujo dia era, que alimpou a nebոa, e reconhecemos ser a ilha da Cananea: e fomos surgir antre ella e a terra, em fundo de sete braças. Esta ilha tem em redondo hũa legua; faz no meo hũa sellada: está de terra firme 1 quarto de legua; he desabrigada do vento sulsudoeste e do nordeste, que quando venta mete mui gram mar. Desta ilha ao norte duas leguas se faz um rio (2) mui grande na terra firme: na barra de preamar tem tres braças, e dentro 8, 9 braças. Por este rio arriba mandou o capitam I. hum bargantim; e a Pedre Annes Piloto, que era lingua da terra, que fosse haver fala dos Indios.

Quinta-feira 17 dias do mes de agosto veo Pedre Annes Piloto no bargantim, e com elle veo Francisco de Chaves e o bacharel, e 5 ou 6 castelhanos. Este bacharel havia 30

(1) Rio da Prata. Cremos que este nome, bem como o de *Cabo de Santa Maria* foram dados pelos mesmos exploradores, entre os quaes estaria João de Lisboa, companheiro de Magalhães, e que reconheceu nessa occasião o cabo, por já ter antes de 1519 por consequencia ahi estado.

(2) R. de Iguape.

annos (1) que estava degradado nesta terra, e o Francisco de Chaves era mui grande lingua desta terra. Pela informaçam que della deu ao capitam I., mandou a Pero Lobo com 80 homês, que fossem descobrir pela terra dentro; porque o dito Francisco de Chaves se obrigava que em 10 meses tornara ao dito porto com 400 escravos carregados de prata e ouro. Partiram desta ilha, ao 1.º dia de setembro de 1531. os 40 besteiros e os 40 espingardeiros (2). Aqui nesta ilha estivemos 44 dias (3): nelles nunca vimos o sol; de dia e de noite nos choveo sempre com muitas trovoadas e relampados: nestes dias nos nam ventaram outros ventos, senam desd'o sudoeste até o sul. Deram-nos tam grandes tromentas destes ventos, e tam rijos, como eu em outra nenhũa parte os vi ventar. Aqui perdemos muitas anchoras, e nos quebraram muitos cabres.

Terça-feira 26 do mes de setembro partimos desta ilha com o vento leste, fazendo caminho do sul, até quarta-feira pela menhãa, que se fez o vento nordeste; faziamos o caminho do sulsudoeste, com muita agua e relampados; de noite se fez tanto vento que nos foi necessario tirarmos ás monetas, e irmos toda a noite com pouca vela.

Quinta-feira 28 do mes de setembro com o dito vento faziamos o caminho do sulsudoeste: e de noite ventou tam forte com relampados e tanta agua, que até no quarto da modorra iamos dar em terra, e me saí della com assaz trabalho. Esta noite se apartaram os bargantins de nós.

(1) Por conseguinte desde a expedição de 1501.

(2) De sua sorte trata Fr. Gaspar p. 85 e 93.

(3) Em nossa opinião nesta occasião foram postos os padrões da Cananéa, os quaes ainda la estão, no pontal fronteiro á I. do Abrigo, e nos quaes se não lê data alguma como pretendeu Cazal. Veja-se a nossa *Carta sobre a Ethnographia indigena* nesta Revista Tom. 12 e 21 pag. 374 e 439. Vej. tambem a *Hist. Ger. do Brasil* I., 51.

Sesta-feira pela menhãa houvemos vista de terra 3 leguas de nós, que se corria nornordeste sulsudoeste. Como nos acheganios mais a terra reconhecemos ser ao sul do **porto dos Patos** 4 leguas, e tornamos de ló, ver se podiamos cobrar o dito Porto: o vento era tanto ao nordeste, que virando no bordo do mar, me levou o traquete d'avante.

Sabado 30 do dito mes no quarto d'alva tornamos no bordo da terra com todalas velas, e depois do meo dia houve vista de terra, que eramos 6 leguas ao sul de donde partiramos. Virando no bordo do mar vieram os bargantins dar comnosco: e logo fizemos o nosso caminho com o vento e mar mui grande; e desd'a mea noite corremos, com hum pé de vento de norte, arbore seca.

Domingo 1.º dia de outubro pela menhãa, hum dos bargatins nam aparecia; ao outro dei hum calabrete por popa, porque nam podia com a vela.

Segunda-feira com o vento e mar mui grande fazia o caminho do sul, com os papafigos mui baxos.

Terça-feira 3 de outubro ao meo dia tomei o sol em 31 graos e 1 quarto: com o dito vento e mar fazia o caminho do sul.

Quarta-feira ao meo dia tomei o sol em 32 graos e 1 terço: fazia-me de terra 20 leguas; do cabo da terra alta me fazia 50: demorava-me ao norte e a quarta do nordeste.

Quinta-feira no quarto d'alva me deu por d'avante o vento sudoeste, levando as velas cheas de vento nordeste que foi a mór afronta que nesta viagem nós tinhamos visto; e com o vento sudoeste lançamos as naos ao pairo. De noite cresceo tanto o vento e o mar que me nam quiz a nao arribar.

Sesta-feira até o meo dia sofremos o pairo com muito tra-

balho e arribei com a nao, e em arribando pela quadra me deu hum tam gram mar, e veo ter ao convez, e metea-me dous quarteis para dentro; entrou tanta agua, que antre ambas as cubertas me nadou o batel; assi arribamos alagados: até o quarto da modorra com duas bombas acabamos d'esgotar a agua.

Sabado 7 de outubro saltou o vento de supito ao nordeste e ventou mui forte; e andava o mar do sudoeste, e com o do nordeste cruzavam que nam havia homem, que se nas naos tivesse.

Domingo faziamos o caminho do sul com muito vento nordeste. E ao meo dia tomei o sol em 31 graos e meo. Fazia-me de terra 23 leguas.

Segunda-feira ao meo dia tomei o sol em 33 graos e 1 terço: fazia-me de terra 18 leguas. Esta noite se passou o vento ao sudoeste, e trincamos com os traquetes baxos no bordo do salsueste.

Terça-feira no quarto d'alva com muito vento sudoeste lançamos as naos ao pairo; e ao meo dia se fez o vento bonança: vimos da gavia ao noroeste um fumo. Mandei lançar a sonda, e tomei fundo com 60 braças: e nos fizemos á vela no bordo do noroeste a demandar o fundo; e ao sol posto vi a terra da gavia, a qual era mui baxa sem conhecença algũa: e no quarto da prima me fiz no bordo do sueste com o vento sulsudoeste.

Quarta-feira 11 dias do dito mes pela menhãa nos acalmou o vento 3 leguas da terra, a qual se corre nordeste sudoeste e toma da quarta de norte sul, em fundo de 16 braças, matamos esta noite muitas pescadas.

Quinta-feira ao meo dia tomei o sol em 34 graos, e com o vento norte ia correndo a costa ao sudoeste. Ao pôr

do sol fomos surgir antre tres ilhas de pedras, donde matamos muitos lobos marinhos.

Sesta-feira 13 do dito mes pela menhãa se fez o vento sudoeste, que nos vinha por riba de hũa ponta, que nos demorava ao sulsudoeste e ventou com tanta força que a nao capitaina perdeu o cabre, e lhe quebrou a amarra. Toda esta noite estivemos com muita tromenta.

Sabado no quarto d'alva acalmou o vento, e fui á terra firme por nos fazerem muitos fumos. A terra he mui fermosa, muitos ribeiros d'agua, e muitas ervas e frores, como as de Portugal. Achamos duas onças mui grandes, e nos tornamos para as naos sem vermos gente. E ao meo dia se fez o vento nordeste, e com elle nos fizemos á vela. Estas ilhas, a que puz nome — das Onças —, tomei o sol nellas em 34 graos e meo; e em dobrando a ponta, que me demorava ao sulsudoeste, se corre a costa a loessudoeste até o cabo de Santa Maria, que está em altura de 34 graos e 3 quartos, e no quarto da prima me acalmou o vento.

Domingo 15 d'outubro pela menhãa se fez o vento nordeste; e com elle fazia o caminho ao longo da costa, sondando sempre. Governando 2 relogios a loessudoeste achava 20 braças: governando outros 2 relogios aloeste e a quarta do sudoeste dava em fundo de 25 braças: de maneira que achava mais fundo da banda da terra que do mar.

Ao sol posto fomos com o cabo de Santa Maria; e surgimos em fundo de 8 braças da banda d'aloeste do dito cabo.

Segunda-feira pela menhãa mandou o capitam I. ao piloto mór que fosse ver hũa ilha, que estava pegada com o dito cabo, se antre ella e a terra havia bom surgidouro: e ao

meo dia tornou Vicente Lourenço (1), e disse que o porto que era bom; senam que com os ventos oessudoeste e sulsudoeste era desabrigado, e que do vento sulsueste tinha baxos ao mar: e á tarde fomos surgir antre a ilha e a terra em fundo de 6 braças e mea de preamar. Aqui nesta ilha tomamos agua e lenha e fomos com os bateis fazer pescaria: e em hum dia matamos desoito mil peixes antre corvinas e pescadas e enxovas: pescavamos em fundo de 8 braças: como lançavamos os anzolos na agua nam havia ahi vagar de recolher os peixes. Nesta ilha estivemos 8 dias esperando por hum bargantim, que de nossa companhia se perdera: como nam vee mandou o capitam I. pôr hũa cruz na ilha e nella atada hũa carta emburilhada em cera, e nella dizia ao capitam do bargantim o que fizesse vindo ali ter.

Domingo 21 de outubro pela menhãa partimos desta ilha. Com o vento nordeste fazia o caminho ao longo da costa, que se corre aloeste: mea legua de terra ia sempre per fundo de 9, 10 braças. 3 leguas da dita ilha se nos fez o vento noroeste; e á tarde nos deu hũa trovoada com muita agua, e sem nenhum vento; e surgimos em 15 braças de fundo de lama molle. E no quarto da prima nos deu hum pé de vento do sulsudoeste, e de supito saltou ao sul com muita tempestade. A nao capitaina se fez á vela e nos fez sinal: por ser o vento e o mar mui grande me nam estrevi fazer á vela, nem cobrar hũa ponta, que me demorava a leste e a quarta do sueste; e mandei fazer hum aûste de 120 braças, e com elle caçava como senam levara anchora pelo fundo ser de lama mui mole. A tromenta era tamanha de vento e mar que cada vez metia a nao todolos castellos. Mandei fazer outro aûste; e com anchora de forma, e a lan-

(1) Era o piloto mór.

çamos ao mar: estando com esta fortuna mandei cortar os castellos todos, e fazer tudo razo, e mandei cortar o cabo ao batel, que tinhamos por popa. Assi estivemos com esta tromenta de mar, que cada vez nos vinha quebrar no convez.

Segunda-feira 22 d'outubro e no quarto d'alva me quebrou o aúste da anchora de forma que tornei outra vez a caçar, como dantes. Como amanheceo me achei de terra hũa legua e tinha caçado tres; e o galeam Sam Vicente estava a terra de mim: pela sua popa arrebentavam huns baxos, que cada vez parecia o mar mais alto que a gavia. Por caçar tanto determinei de me fazer á vela, e contra rezam de marinheiraria levamos a amarra com muito trabalho e me fiz á vela no bordo d'aloeste; e como vi que nam cobrava os baxos, que arrebentavam ao mar, virei no bordo de leste, para irmos varar em hũa praia, que nos demorava nordeste, quarta de leste, por ali nos parecer que ao mar nam havia baxos. Indo assi ponhamo-la proa na ponta, que me demorava a lessueste. Por me parecer que a podia cobrar mandei dar o traquete da gavia, metendo a nao até o meo do convez, por debaxo do mar: em dando o traquete me quebrou em dous pedaços: ia ja tam perto da ponta que a huns parecia que a podiamos cobrar, e outros bradavam que arribassemos: era tam grande revolta na nao que nos nam entendiamos: mandei meter toda a gente debaxo da coberta; e mandei ao piloto tomar o leme, e eu me fui á proa, e determinei de fazer experiencia da fortuna, e me pôr a ver se podia dobrar a ponta; porque se a nam dobrava nam havia onde varar, senam em rocha viva, onde nam havia salvaçam: assi fomos, e prouve a nossa senhora e ao seu bento filho, que a dobramos; e fui tam perto della que o mar, que arrebentava na costa, nos tornava com a ressaca a dar na nao, e nos lançou fóra. Como dobrei a ponta arribamos a nor-

deste e a quarta de leste; e à tarde fui surgir na ilha do cabo. Entrou-nos tanta agua ao dobrar da ponta, que quando a esta ilha achegamos, traziamos seis palmos d'agua debaxo da coberta. Como aqui esteve surto, se fez o vento sudueste. No quarto da prima veo o galeam Sam Vicente dar comigo, e logo lhe perguntei se trazia batel: e me disse que o perdera, e que nam trazia mais que hũa anchora; e que perdera tres; e passara per riba do arrecife, que estava á terra donde estavamos surtos; e ali se sustivera com o temporal até à noite, que ventou o vento sudoeste. E me disse o piloto como vira a nao capitaina sem mastos muito perto de terra, que da gavia nam pudera divisar se estava em seco, se sobre anchora.

Terça-feira 23 de outubro no quarto d'alva veo a caravela dar comigo sem cabres, nem anchoras, e com o batel perdido: e disse-me o piloto que passaram na fortuna, detras de hũa ponta, donde fòra ter milagrosamente; e que a nao capitaina, des que o dia dantes se fizera à vela, a nam viram mais. Nam podia determinar o que fizesse: para me fazer á vela nam tinha cabres, nem batel, nem anchora. Determinei de mandar por terra trinta homês; e para isto mandei dous a nado com um cabo, e que o dessem à caravela, que se virasse por minha popa.

Quarta-feira 24 dias de outubro, por ser ruim o mar, nam pôde a caravela chegar á nao. Este dia puz em obra fazer hum batel de aduelas dentro na nao.

Quinta-feira 25 do dito mes pela menhãa meti na caravela 30 homês, — os que melhor sabiam nadar; e as armas metidas em hũa pipa funda, por se nam molharem; e dous barris de mantimento para 8 dias: e mandei á caravela que se fosse à terra, e que surgisse quanto nam desse em seco: e que dali se fosse a terra nas jangadas, que levavam

dos quarteis da nao franceza. E ao meo dia todos foram em terra com assaz trabalho; e da mesma terra acudiram muita gente, e punham-se de longe, sem quererem chegar; até que dous homês dos nossos foram a elles; e logo chegaram e abraçaram a todos com grandes choros e cantigas mui tristes, e como se despediram delles, fizeram seu caminho pela praia. Tendo andado mea legua, me fizeram hum fumo, e vi hûa soma, que me parecia ser o batel dos que perdido tinhamos.

Sesta-feira 26 de outubro fiz hûa jangada, em que lancei o ferro e a forja na ilha, para fazerem pregos para o batel d'aduelas, que dentro na nao fazia. E desd'o meo dia me ventou muito vento sudoeste. E eram tantos os fumos pela terra dentro que impedia a vista do sol.

Sabado 27 do dito mes mandei o mestre com 5 homês, em hum quartel da nao, para que fossem a terra: ver se era batel onde a gente nos fizera o fumo; e á tarde tornou com o batel da caravela, que vinha mui destroçado; e me disse que na terra havia muita agua e boa: e logo mandei á ilha concertar o batel.

Domingo 28 dias do dito mes, como o batel da caravela foi concertado, mandei passar o outro, que tinha começado á ilha. Este dia veo muita gente da terra á praia: mandei lá o batel, e deram-lhe muito pescado e taçalhos de veado.

Sesta-feira 2 dias de novembro veo a gente, que tinha mandado em busca de Martim Afonso, e me disseram como a nao capitaina dera á costa, por falta d'amarras; e que Martim Afonso, com toda a gente, se salvaram todos a nado: somente morreram 7 pessoas; 6 afogados e 1, que morreo de pasmo: e que o bargantim dera tambem á costa; e porem que lhe nam fizera nojo: e o batel do galeam e da capitaina tinham sãos; e que na praia acharam hum

bargantim de tavoado de cedro mui bem feito, o qual Martim Afonso tinha para levar em companhia do batel grande e do outro bargantim para entrar pelo (1) dentro; e que Martim Afonso me mandava dizer que com a gente, que as naos podessem escusar, me fosse onde elle estava com a caravela.

Segunda-feira 5 dias do dito mes parti na caravela, com vento lesnordeste: e hũa hora de sol. fui surgir onde a nao capitaina estava á costa; e como fui surto se fez o vento sueste. Mandei o batel a terra fazer saber a Martim Afonso como eramos ali vindos. Carregou tanto o vento, que antes que o batel viesse, me fiz á vela no bordo do sulsudoeste; e ao sol posto fomos dar em hum baxo, donde estivemos perdidos. Assi fomos com mui gram mar e vento trincando até á mea noite, que se fez o vento calma.

Terça-feira 6 dias do dito mes pela menhãa se fez o vento sudoeste, e com elle me fiz á vela no bordo de lessueste; e a tarde fui surgir defronte da nao: donde o capitam I., aos bateis, mandou por mim e pela gente, e mandou a caravela que se fosse a hũa ilha, que estava d'ahi 4 leguas aloeste, e ahi esperassem até ver seu recado. Aqui estivemos com muito trabalho tirando a artelheria e ferro da nao. Estando aqui tomou o capitam I. conselho com os pilotos e mestres, e com todos os que eram para isso; e todos acordaram e assentaram, que elle nam devia de ir pelo R i o d e S a n t a M a r i a (2) arriba, por muitas rezões: e que a hũa era nam terem mantimentos, que todos se haviam perdido, quando a nao se perdeo: e a outra que as duas naos, que ficaram estavam tam gastadas, que se nam poderiam

(1) Parece faltar aqui a palavra Rio.
(2) Rio da Prata.

soster 3 mezes: e a terceira era parecer o rio inavegavel pelos grandes temporaes que cada dia faziam, sendo a força do verão: e por estas rezões e outras muitas, que deram, fizeram que o capitam I. desestisse da ida; e me mandou em hum bargantim com 30 homês a pôr huns padrões, e tomar posse do dito rio por elRei nosso senhor; e que dentro em 20 dias trabalhasse por tornar; porque o porto, onde as naos estavam, era mui desabrigado.

Sabado 23 dias do mes de Novembro de 1531 estando o sol em 11 graos e 35 meudos de sagitario, e a lua em 27 graos de tauro, parti do Rio dos Begoais, que jaz aloeste do cabo de Santa Maria 11 leguas, e levava hum bargantim com 30 homês; tudo bem em ordem de guerra: e fiz meu caminho ao longo da costa, que se corre aloeste. 2 leguas do dito rio, donde parti, ha hũa ilha pequena (1) toda de pedras, e della a terra firme ha hũa legua: derrador da ilha tem bom surgidouro, de fundo de 5 braças de vasa molle. Indo assi pegado com a costa, a qual he toda limpa, per fundo de 5, 6 braças, ao meo dia houve vista de hũa ilha ao mar (2), que me demorava ao sulsudoeste; e della a terra ha 3 leguas: da banda de leste tem hũa restinga de area comprida, que lança ao nordeste. Passando àvante da ilha descobri hum alto monte, ao qual puz nome —monte de Sam Pedro (3)— e demoravame aloeste e a quarta do noroeste. Este dia foi dormir ao pé do dito monte de Sam Pedro. Desde a dita ilha atraz até este monte, a costa he toda suja de pedra, e ruins baxos: a terra he toda rasa até este monte muito fermosa. Ao pé deste monte ha 2 portos; hum da banda d'a-

(1) I. de Lobos.
(2) I. das Flores.
(3) Cerro de Montevideo.

loeste, e outro da banda de leste: nam sam senam para navios pequenos.

Domingo 24 do dito mes, ante menhãa, me fiz á vela com o vento nornordeste. Deste m o n t e d e S a m P e d r o se começa a costa a loesnoroeste, indo assi no golfo de hũa enseada, que se faz grande como o dito m o n t e d e S a m P e d r o, demora a leste e a quarta de sueste, fui dar em fundo de 2 braças e mea, hũa legua de terra (1): e me acalmou o vento, que levava: e me deu trovoada do Sul, com muito vento; e fiz-me no bordo do m o n t e d e S a m P e d r o, para me meter no porto donde estivera de noite. O vento rodou logo ao sueste; e tornei-me a fazer na volta d'aloeste, para fazer meu caminho. Aqui comecei a achar agua doce, e muito pescado morto. Da ponta desta enseada da banda d'aloeste lança hũa restinga ao mar hũa legua (2): o mais baxo della he braça e mea, e o mais alto 4 braças. Como passei a dita restinga me acalmou o vento; e afuzilava muito a sudoeste e ao noroeste, que nesta costa sam sinaes certos de grandes temporaes: e com este receo me acheguei a terra, para ver se achava porto onde me metesse. Bem pegado com terra me tornou a ventar o vento nordeste, e fui ao longo da costa, a qual se corre a loesnoroeste, per fundo de 4, 5 braças d'area limpa. Indo sempre hum tiro de bésta de terra tornou-me a acalmar o vento bem tarde, e os sinaes do temporal cresciam; determinei de varar o bargantim em terra até passar a noite; e mandei varar em hũa area, e tirar o fato todo em terra; e fazer hum repairo de terra; e pozemos a artelheria em ordem. E eu fui com 10 homẽs pela terra ver se achava rasto de gente: nam achei nada; senam rasto de

(1) Foz do rio de Santa Luzia.

(2) Espenillo.

muitas alimarias, e muitas perdizes e cordonizes, e outra muita caça. A terra he mais fermosa e aprasivel que eu já mais cuidei de ver: nam havia homem que se fartasse d'olhar os campos e a fermosura delles. Aqui achei hum rio grande; ao longo delle tudo arboredo o mais fermoso que nunca vi: e antes que chegasse ao mar hum tiro de bésta se sumia. E tomamos muita caça e tornamosnos ao bargantim. Ao pôr do sol veo hũa trovoada do noroeste, com tanta força de vento e pedra, que nam havia homem, que se tivesse em pé: e de supito saltou ao sudoeste com muita chuva, relampados, e sempre cuidei de perder o bargantim, segundo o mar era grande. Toda esta noite corremos tanta fortuna, quanta homês nunca passaram. A agua que choveo me molhou o mantimento todo, que mais nam prestou.

Segunda-feira 25 do dito mes pela menhãa alimpou o tempo e veo sol, com que nos enxugamos. Daqui me quizera tornar, por nam termos mantimento; despois pareceo-me que nos podiamos manter com o mantimento, que na terra havia; e com o pescado o mais fermoso e saboroso, que nunca vi. A agua ja aqui era toda doce; mas o mar era tam grande que me nam podia parecer que era rio: na terra havia muitos veados e caça, que tomavamos, e ovos de emas, e emas pequeninas, que eram muito saborosas; na terra ha muito mel, e muito bom: e achavamos tanto que o nam queriamos: e ha cardos, que he mui bom mantimento, e que a gente folgava de comer. E com nos parecer a todos, que nos podiamos soster, determinei de ir ávante, e o vento era sueste, e o tempo estava bom, e de noite havia lua. Parti bem tarde; — duas horas de sol, com tençam de andar a noite toda; indo ao longo da costa, por fundo de 6 braças d'area limpa. Sendo 2 leguas dond'e partira, sairam

da terra a mim 4 almadias, com muita gente: como as vi puz-me á corda com o bargantim para esperar por ellas: remavam-se tanto, que parecia que voavam. Foram logo comigo todos; traziam arcos e frechas e azagaias de pao tostado, e elles com muitos penachos todos pintados de mil cores; e chegaram logo sem mostrarem que haviam medo; senam com muito prazer abraçando-nos a todos: a fala sua não entendiamos; nem era como a do Brasil; falavam do papo como mouros: as suas almadias eram de **10, 12** braças de comprido e mea braça de largo: o pao dellas era cedro, mui bem lavradas: remavam-nas com hũas pás mui compridas; no cabo das pás penachos e borlas de penas; e remavam cada almadia **40** homês todos em pé: e por se vir a noite nam fui ás suas tendas, que pareciam em hũa praia defronte dondo estava; e paraciam outras muitas almadias varadas em terra: e elles acenavam que fosse lá, que me dariam muita caça; e quando viram que nam queria ir, mandaram hũa almadia por pescado: e foi e veo em tamanha brevidade, que todos ficamos espantados: e deramnos muito pescado: e eu mandeilhes dar muitos cascaveis e christallinas e contas: ficaram tão contentes e mostravam tamanho prazer, que parecia que queriam sair fóra do seu siso: e assi me despedi delles. Quasi noite fezseme o vento nornordeste por riba da terra: e com elle fazia o caminho ao longo da costa, por fundo de **5, 6** braças: como passou mea noite comecei a achar baxos de pedras, e alarguecime mais da terra, e tirei a moneta, e fui com pouca vela, com a sonda na mão.

Terça-feira **26** de novembro pela menhãa me achei pegado com hũa ponta, (1) e fui para dobrar; e a costa voltava

(1) A em que se fundou a colonia do Sacramento.

ao noroeste e tomava do norte; e ventava tanto vento noroeste, que nos houvera de soçobrar. Mandei amainar a vela; e fui surgir na ponta da banda de leste, que abrigava do vento: e sai a terra a ver se podiamos tomar algũa caça. E de hũas grandes arbores, em que me fui pôr, para divisar a outra costa da banda do noroeste da ponta, houve vista de muitas ilhas (1) todas cheas d'arboredo, hũa legua da terra; e parecia cá que havia abrigo antre ellas. E assi me tornei para o bargantim com muita caça e mel. E á tarde acalmou o vento; e mandei meter os remos; e fui-me ás ilhas: corri-as todas; nunca achei porto nem abrigo, em que me meter: na mais pequena achei repairo; mas do vento sueste era desabrigada. Aqui estive toda a noite fazendo pescaria.

Quarta-feira 27 de novembro mandei concertar a padesada do bargantim, e pôr a artelharia em ordem, e írmos concertados para pelejar; porque na terra viamos muitos fumos, que he sinal de ajuntamento de gente. E ao meo dia parti destas ilhas, as quaes são sete, todas cheas de arboredo: as tres dellas sam grandes, e as quatro pequenas. Com o vento lesnordeste fazia o caminho ao longo da costa, a qual se corre ao noroeste e toma da quarta do norte. Duas leguas das sete ilhas ha hum rio (2) que traz muita agua: fui para entrar nelle; e a entrada era roim de muitos baxos; e passei por longo da costa per fundo de 7, 8 braças; e a terra he toda chãa: quanto mais ávante ia tanto melhor me parecia: e á pustura do sol fui surgir a hũa ilha grande (3), redonda, toda chea d'arboredo, á qual puz o nome de—S a n t a A n n a.— Aqui estive toda a noite;

(1) Ilhas de S. Gabriel.

(2) Rio de S. Juan.

(3) Ilha de Martim Garcia.

onde matei muito pescado de muitas maneiras: nenhum era de maneira como o de Portugal: tomavamos peixes d'altura de hum homem, amarelos e outros pretos com pintas vermelhas, — os mais saborosos do mundo.

Quinta-feira 28 de novembro saí em terra: nesta ilha achei muitas aves as mais fermosas, que nunca vi. Aqui vi falcões como os de Portugal. O vento saltou ao sul: puz-me da banda do norte da ilha: estive surto com muita tempestade, que se me desabrigàra, achára de todo nos perderamos.

Sesta-feira 29 de novembro pela menhãa abonançou o tempo, e fui á ilha: mandei pôr fogo em tres partes della; para ver se nos acudia gente: e nam vimos senam fumos, que me demoravam a oessudoeste e nam viamos terra: mandei subir dous homês sobre hũas arbores grandes, que estavam na ilha, para ver se viam terra onde nos faziam os fumos, e viram arboredo, cousa que parecia terra alagadiça.

Sabado 30 de novembro á tarde me fiz á vela com o vento lesnordeste, e fui a hũas ilhas, que me demoravam ao nornoroeste. Desta ilha de Santa Anna ás sete ilhas ha 4 leguas; e corre-se com ellas leste-oeste, e á terra ha duas leguas: a estas duas ilhas, a que puz nome de —Sant' André (1) — por ser hoje o seu dia, ha duas leguas da dita ilha de Santa Anna; e estam da terra mea legua: e achei nellas hum bom repairo, onde estive a noite toda.

Domingo 1.° de dezembro me fiz á vela pela menhãa, com o vento nordeste: e mandei governar a loessudoeste: fazia mui gram nevoa, que nam viamos nada, e fui assi

(1) Dos Hermanas.

até o meo dia pelo dito ramo; e indo por 5 braças de fundo fui de supito dar em **2** braças; e mais ávante dei em seco; e mandei saltar a gente á agua; saímos de seco; e tornei-me por onde viera. Como alimpou a nevoa, me achei hûa legua de hûa terra mui baxa, chea d'arboredo e muitos baxos e vi estar hûa boca grande, que me demorava ao noroeste; e fui a demandar por fundo de 2 braças, e ás vezes dando em seco, até que dei em hum canal de sete braças, que ia dar na dita boca: e entrei para dentro: e achei um rio (1) de mea legua de largo, e de hûa banda e d'outra tudo cheo de arboredo. A agua corria mui tesa para baxo: havia de fundo **10, 12** braças de lama molle. O rio faz a entrada leste-oeste: da banda do sul na boca delle ha hum esteiro pequeno de **6** braças de largo; e indo mais por o rio arriba, da banda do sul achei outro braço de outra mea legua de largo (**2**) que ia ao sudoeste, e mais acima achei outro braço (**3**), que vinha do noroeste: trazia muita agua, e era quasi hûa legua de largo. Entam vi que tudo eram braços e ilhas, antre que andavamos. As ilhas todas sam cheas d'arboredo; dellas sam alagadiças.

Segunda-feira **2** dias de dezembro, como foi menhãa, mandei remar pelo rio arriba: eram tantas as bocas dos rios, que nam sabia por onde ia; senam ia pela agua arriba; e fez-se-me noite a par de **2** ilhas pequenas onde surgi. Estive a noite toda com muito vento noroeste.

Terça-feira **3** de dezembro corria a agua aqui tanto, que nam podia ir ávante aos remos. A' tarde nos ventou muito

(1) Boca do Guazú.

(2) Boca brava.

(3) Braço largo.

vento sudoeste: com elle fomos pelo rio (1) arriba: achava 1 braço, que ía ao norte; outro, que ia ao loeste; e nam sabia por onde fosse. Ja aqui começava a achar as ilhas, com muitos arboredos e frechos e outras mui fermosas arbores; muitas ervas e flores como as de Portugal, e outras diferentes; muitas aves e garças e abatardas, e eram tantas as aves, que com páos as matavamos. Ja aqui as ilhas nam sam alagadiças: a terra dellas muito fermosa.

Quarta-feira 4 de dezembro indo á vela pelo rio arriba, por hum braço que corria ao noroeste, dei n'outro, que se corria ao nordeste, mui largo; e na boca tinha duas ilhas pequenas, todas cheas d'arboredo. Aqui achei muitos corvos marinhos, e matei delles á bésta: e fui pelo dito braço: adiante mea legua me anoiteceu; e surgi a par de hũas arbores, onde estive a noite.

Quinta-feira 5 de dezembro, indo pelo dito braço arriba, achei muitos sinaes de gente. Faziam muitos fumos pelas ilhas: a terra da banda do sueste me parecia, onde era firme, a mais fermosa que os homês viram: toda chea de frôles, e o feno d'altura de hum homem.

Sesta-feira 6 de dezembro fui dar n'hum estreito da banda do noroeste do rio, donde estive a noite toda; e de noite nos deu hũa trovoada do sudoeste com gram força de vento; e encheu o rio muito com este vento que retinha a agua.

Sabado 7 de dezembro nos ventou o vento a sudoeste com muita força. Fomos com pouca vela pelo dito braço arriba, que ao nordeste iam hũs fumos que faziam longe

(1) Esta subida pelo rio com vento S. O. e as mais confrontações que seguem, descobrem que Pero Lopes deixou os braços do Paraná, e seguiu pelo Uruguay.

pelo rio arriba. E tendo andado 3 leguas me anoiteceu donde os faziam : e sai em terra ; e nam achei rasto de gente; senam de muitas alimarias. De noite nnos deu rebate hũa onça ; cuidando que era gente, sai em terra com toda a gente armada.

Domingo 8 de dezembro me tornei por onde viera, para ir pelos outros braços arriba, ver se achava gente : e vim pelo rio abaxo dormir ás duas ilhas dos corvos (1).

Segunda-feira 9 de dezembro fui pelo braço arriba, que ía ao noroeste, o qual era muito grande : tinha de largo hũa legua e mea ; trazia muita agua e grande corrente. Este dia nam andei mais que duas leguas ; e surgi antre duas bocas, hũa que ía ao essudoeste, e outra ao noroeste.

Terça-feira 10 de dezembro fui pelo braço arriba que ía ao noroeste : e tendo andado 4 leguas por elle arriba, fui dar n'um rio de 3 leguas de larho, e ía a loeste ; e fui dormir da banda do sul debaxo de hũs frechos. E de noite matamos 4 veados, os maiores que nunca vi.

Quarta-feira 11 de dezembro fui pelo rio arriba com bom vento; e vi um braço pequeno; e metti-me por elle, o qual ía ao noroeste: neste rio ha hũas alimarias como raposas, que sempre andam n'agua, e matavamos muitas: tem sabor como cabritos. Indo pelo braço arriba, vi que se fazia mui estreito : e tornei-me ao braço grande ; e indo no meo delle descobri outro braço que ía a loessudoeste ; e fui por elle hũa legua, e dei n'outro rio mui grande, que ía a noroeste. E a terra da banda do sudoeste era alta, e pare-

(1) **São as ilhas onde estivera no dia 4, á foz do Rio Negro ; portanto o rio, pelo qual seguiu no dia 9 foi evidentemente o Uruguay.**

cia ser firme ; e da mesma banda do sudoeste, achei hum esteiro, que na boca havia duas braças de largo e hũa de fundo ; e segundo a informaçam dos indios era esta terra dos Carandins. (1) Mandei fazer muitos fumos, para ver se me acudia gente, e no sartam me responderam com fumos mui longe.

Quinta-feira 12 de dezembro á boca deste esteiro dos Carandins puz dous padrões das armas d'elrei nosso senhor, e tomei posse da terra para me tornar d'aqui; por que via que nam podia tomar pratica da gente da terra ; e havia muito que era partido donde Martim Afonso estava : e fiquei de ir e vir em 20 dias : e deste esteiro ao rio dos Beguoais, donde parti, me fazia 105 leguas. Aqui tomei altura do sol em 33 graos e 3 quartos.

Esta terra dos Carandins he alta ao longo do rio; e no sartam he toda chãa, coberta de feno, que cobre hum homem: ha muita caça nella de veados e emas, e perdizes e cordonizes : he a mais fermosa terra e mais aprazivel, que pode ser. Eu trazia comigo alemães e italianos, e homês que foram á India e francezes, — todos eram espantados da fermosura desta terra ; e andavamos todos pasmados que nos nam lembrava tornar. Aqui neste esteiro tomámos muito pescado de muitas maneiras : morre tanto neste rio e tam bom, que só com o pescado, sem outra cousa, se podiam manter ; ainda que hum homem coma 10 livras de pexe, em nas acabando de comer , parece que nam comeu nada ; e tornára a comer outras tantas. O

(1) Os Carandins (Querandins) eram em nossa humilde opinião, como os *Chanás e Pampas*, povos vindos dos Andes. —Vej. *Hist. Geral do Brazil* I., p. 447.

ar deste rio he tam bom que nenhũa carne, nem pescado apodrece; e era na força do verão que matavamos veados, e traziamos a carne **10**, **12** dias sem sal, e nam fedia. A agua do rio he mui saborosa; pela menhãa he quente, e ao meo dia he muito fria; quanta o homem mais bebe, quanto melhor se acha. Nam se podem dizer nem escrever as cousas deste rio, e as bondades delle e da terra.

Sesta-feira **13** de dezembro parti deste e s t e i r o d o s C a r a n d i n s para me tornar por donde viera. Como vento noroeste fazia o meu caminho á popa (**1**), que ia tam teso, que cada hora 3, **4** leguas. Sendo a par das ilhas dos corvos (**2**), d'antre hum arboredo ouvimos grandes brados, e fomos demandar onde bradavam: e saío a nós hum homem, á borda do rio, coberto com pelles, com arco e frechas na mão: e fallou-nos **2** ou **3** palavras guaranis, e entenderam-as os linguas, que levava; tornaram-lhe a falar na mesma lingua, nam entendeu; senam disse-nos que era **beguoaa chanaa** (3) e que se chamava **ynhandú.** E chegámos com o bargantim a terra, e logo vieram mais **3** homês e hũa molher, todos cobertos com peles: a molher era mui fermosa; trazia os cabellos compridos e castanhos: tinha hũs ferretes que lhe tomavam as olheiras: elles traziam na cabeça hũs barretes das pelles das cabeças das onças, com os dentes e com tudo. Por acenos lhe entendemos que estava hum homem com outra geraçam, que chamavam **cha-**

(**1**) Note-se bem: Ao descer o rio ia á popa com vento N.O.: seguia pois para S.E., o que não poderia succeder se tivesse subido pelo Paraná.

(2) As do dia 4 e 8 de dezembro.

(3) *Begoás* e *chanás* eram nomes de tribus de indios.

nús, o que sabia falar muitas linguas; e que o queria ir a chamar, e estava la diante pelo rio arriba; e que elles iriam e viriam em 6 dias. Entam lhes dei muitas cristalinas e contas e cascaveis, de que foram mui contentes, e a cada hum delles seu barrete vermelho; e á molher hũa camisa: e como lhes isto dei, foram a hũs juncais, e tiraram duas almadias pequenas, e trouxeram-me ao bargantim pescado e taçalhos de veado, e hũa posperna d'ovelha (1); mas nam ousavam de entrar dentro no bargantim, nem seguravam comnosco. E assi se foram, dizendo que haviam de vir dahi a 5 dias, e os esperassem nas ditas ilhas dos corvos, Aqui estive 6 dias esperando, nos quaes tomei muita caça e muito pescado, e muitos veados, tamanhos como bois, os quaes faziamos em taçalhos, para levar ás naos. Como vi que nam vinham, ao cabo dos 6 dias me parti.

Quarta-feira 18 dias de dezembro com o vento noroeste mui forçoso; e vim jantar á boca do rio, por onde entrára: e ali tirei muita artelharia a ver se me acudia gente. Assi estive até 2 horas depois de meo dia, que parti com o mesmo vento noroeste, e passei pelas i l h a s d e S a n t' A n d r é e pela i l h a d e S a n t a A n n a; e fui em se pondo o sol ás 7 ilhas (2), no porto onde estivera, quando por ali passára, onde deixára enterrado barris e outras cousas, que nos nam eram necessarias. Neste dia me fazia que andára 35 leguas. Aqui estive esta noite surto fóra das ilhas em fundo de 8 braças d'area limpa: e de noite me ventou muito vento norte.

Quinta-feira 19 de dezembro pela menhãa me fiz á vela, e como descobri o c a b o d e S a m M a r t i n h o (3);

(1) **Provavelmente de paca, anta ou de capivára.**
(2) **S. Gabriel.**
(3) **P. de Espinillo?**

que torna a costa lessueste, me deu muito vento lesnordeste: e a remos me acheguei á terra; e me meti em hũa enseada que abrigava do vento, a qual está da banda de leste do cabo de Sam Martinho.

Sesta-feira 20 de dezembro se fez o vento norte, e com elle fiz o meu caminho ao longo da costa, que se corre a lessueste. Corri todo o dia com mui bom vento. Desd'o cabo de Sam Martinho se fazem 3 pontas; afastada hũa legua hũa da outra, todas com arboredo, e lançam ao mar restingas de pedras; e antre ellas ha arrecifes mui perigosos. A' cerrada da noite me acalmou o vento á boca de hum rio, que á entrada era mui baxo. Aqui estive surto até á mea noite, que me deu hũa trovoada do sulsudoeste; e com o vento encheu a agua; e me meti na boca do rio: e como ía enchendo assi me ía metendo para dentro.

Sabado 21 de dezembro como foi menhãa acalmou o vento; e saí do rio, a que puz o nome — de Sam João. — Saltou o vento ao esnoroeste, e dei á vela: e 2 leguas do dito rio de Sam João achei a gente, que á ida topára nas tendas; e saíram-me 6 almadias, e todos sem armas, senam vinham com muito prazer abraçar-nos: e o vento era muito; e fazia gram mar; e elles acenavam-me que entrasse para hum rio, que junto das suas tendas estava. Mandei la hum marinheiro a nado, para ver se tinha boa entrada: e veo e disse-me que era muito estreito, e que nam podiamos estar seguros da gente, que era muita: — que lhe parecia que eram 600 homẽs; e que aquillo, que pareciam tendas que eram 4 esteiras, que faziam hũa casa em quadra, e em riba eram descobertas: e fato lhe nam víra; senam reides da feição das nossas. Como vi isto me despedi delles; e lhes dei muita mercadoria; e elles a nós muito pescado. E vinham apoz de nós, hũs a nado e outros em almadias, que

8

nadam mais que golfinhos; e da mesma maneira nós com vento á popa muito fresco: — nadavam tanto quanto nós andavamos. Estes homês sam todos grandes e nervudos; e parece que tem muita força. As molheres parem todas mui bem. Cortam tambem os dedos como os do c a b o d e S a n t a M a r i a; mas nam sam tam tristes. Como me parti delles, mandei encher as vasilhas de agua doce; porque nos achegavamos á enseada onde se ajunta a agua doce com a salgada. Indo assi houve vista do m o n t e d e S. P e d r o; e anoiteceu-me hũa legua delle; e acalmou-me o vento. Aqui nam ha onde surgir, que o fundo he todo de pedra. Iamos remando ao longo da costa, e deu-nos hũa trovoada do sul com muito vento e relampados; e cuidei de sermos todos perdidos; e íamos dar de todo á costa; mandei lançar a fatexa, bem pegados com a rocha, em fundo de 4 braças de pedra. Estando assi com esta fortuna, se lançaram 2 marinheiros a nado, e se foram a terra, ver se havia algum lugar bom, em que dessemos em seco. E de terra bem bradaram que acharam hum esteiro, onde o bargantim podia entrar. Mandei levar a amarra, que quasi estava quebrada das pedras, e metemos os remos; e pondo muita força cada hum para se salvar. Remando mais ávante hum tiro de bésta vi a boca do esteiro; e me meti nelle; e á entrada tem muitas pedras, onde me houvera de perder. Como fui dentro carregou tanto o tempo, que se me achára fóra todos nos perderamos.

Domingo 22 de dezembro passou-se o vento ao sueste, e acalmou: e vasou a agua e ficámos em seco no esteiro: e o fundo delle era de pedras mui agudas. Nesta costa desd'o sueste até o noroeste, como estes ventos ventam desta parte, encho a agua muito; ainda que vase a maré podem mais os ventos; e desde lessueste até o nornoroeste,

como ventam, vasa logo a agua, ainda que a maré encha obedecem os ventos: assi que nesta costa nam ha marés; senam quando ahi nam ha ventos. Desd'o cabo de Santa Maria até o monte de Sam Pedro se corre a costa leste-oeste: haverá de caminho 24 leguas: e desd'o monte Sam Pedro até o cabo de Sam Martinho se corre a costa a loeste e a quarta do noroeste: ha de caminho 25 leguas: e desd'o cabo de Sam Martinho até ás ilhas de Sant'André se corre a costa ao noroeste e toma do norte: ha de caminho 7 leguas. Tudo mais ávante sam ilhas, que nam tem conto; nem se póde escrever o numero dellas, nem a maneira de que jazem.

Segunda-feira 23 de dezembro saí fóra do esteiro: por ventar muito vento sueste, me meti n'hum porto da banda d'aloeste do monte de Sam Pedro este monte tem hum porto da banda de leste e outro da banda d'aloeste: aqui entrei pela terra; matei muitas emas e veados; e fui com a gente toda ao mais alto do monte de Sam Pedro, donde viamos campos, a estender d'olhos, tam chãos como a palma; e muitos rios: e ao longo delles arboredo. Nam se póde escrever a formosura desta terra: os veados e gazelas sam tantos, e emas, e outras alimarias, tamanhas como potros novos e do parecer delles, que he o campo todo coberto desta caça — que nunca vi em Portugal tantas ovelhas, nem cabras, como ha nesta terra de veados. A tarde me tornei para o bargantim.

Terça-feira 24 de dezembro, dia de natal, parti deste porto com o vento norte mui rijo: e em querendo dobrar hũa ponta dei em hum baxo de pedra, que nos lançou o leme hũa lança d'alto: quiz Deus que nos nam quebrou. Indo assi ao longo da costa, no meo de hũa enseada, carre-

gou tanto vento da terra, que nam podiamos levar vela, e aforçava por nam esgarrar. Entrou-nos tanta agua que nos arresou o bargantim. Mandei lançar anchora: como poz a proa ao mar deu-nos algum lugar a lançar a agua fóra, que estava até á coberta todo arresado. Como foi esgotado tornei a dar á vela, e chegei-me bem á terra; e defronte da i l h a d a r e s t i n g a, indo ao longo da terra, demos n'hum pexe com o bargantim, que parecia que dava em seco, e virou o rabo, e quebrou a metade da postiça: foi tam gram pancada que ficámos todos como pasmados: nam lhe vimos mais que o rabo: mas á soma, que despois fez na agua, parecia mui gram pexe. Duas horas de sol me acalmou o vento, hũa legua da i l h a d a s p e d r a s; e meti os remos, e fui surgir antre ella e a terra, com tençam d'estar ali a noite. Sendo hũa hora da noite me deu hũa trovoada do nornordeste, que vinha por riba da terra com tanto vento, quanto eu nunca tinha visto, que nam havia homem que falasse, nem que pudesse abrir a boca. Em hum momento nos lançou sobre a i l h a d a s p e d r a s; (1) e logo se foi o bargantim ao fundo antre duas pedras, donde foi dar. Saimos todos em riba das pedras, tam agudas que os pés eram todos cheos de cutiladas. Desta ilha á terra havia hũa legua. Ajuntamo-nos todos em hũa pedra; porque o vento saltou ao mar; e crescia muito a agua, que a ilha era quasi toda coberta; senam hum penedo em que todos estavamos, confessando hũs aos outros, por nos parecer que era este o derradeiro trabalho. Assi passámos toda esta noite em se todos encomendarem a Deus: era tamanho o frio, que os mais dos homês estavam todo entanguidos, e meos

(1) Hoje cremos com toda a probabilidade que esta ilha era a chamada hoje d e l a s G a v i o t a s.

mortos. Assi passámos esta noite com tamanha fortuna, quanta homês nunca passaram.

Quarta-feira 25 de dezembro pela menhãa, saltou o vento a nordeste, e vasou a agua muito; e descobriu o bargantim, e de riba estava ainda são; mas debaxo parecia-nos que era todo quebrado. Alguns homês qe tinham forças, e que estavam em si faziam jangadas de remos e de pavezes, para se lançarem a nado á terra firme. Eu me fui com 3 homês ao bargantim e começámos a esgotar a agua, que dentro tinha, para lhe tirar o masto para nelle irmos á terra. Estando assi me pareceu que tirava a artelharia e fato, que surderia arriba; assi chamei alguns homês: — os que nam sabiam nadar, que os que sabiam andavam em se salvar com remos e com páos. Des que tirámos a artelharia e fato fóra, quis nossa senhora que surdiu o bargantim; e demos grandes brados á gente que acudisse, e que se nam lançassem a nado: porque o bargantim estava são, e que eramos todos salvos. O bargantim nam tinha mais que hum buraco na taboa do resbordo, que logo tapámos, e tornámos a meter o fato e recolher a gente nelle, para nos irmos ao r i o d o s B e g u o a i s, que era dahi 2 leguas. Muitos homês estavam ja quasi mortos, que nam tinham forças para andar; e os mandei meter ás costas dentro no bargantim: e saltou o vento ao mar, e dei á vela, e fui quasi noite entrar no r i o d o s B e g u o a i s. E nam tinhamos que comer, que havia 2 dias que a gente nam comia; e muitos homês ficaram tam desfigurados do medo, que os nam podia conhecer. Toda esta noite nos choveu e ventou com relampados e trovões; que parecia que se fundia o mundo.

Quinta-feira 26 de dezembro pela menhãa abonançou o tempo; mas era contrario a partirmos: e mandei hum

homem por terra á ilha das Palmas, donde Martim Afonso estava, a lhe dizer que, se o tempo durasse, nos mandasse mantimento, que estava em grande necessidade delle. Este dia nam comemos senam ervas cozidas. E andando pela terra em busca de lenha para nos aquentarmos fomos dar n'hum campo com muitos páos tanchados e reides, que fazia hum cerco, que me pareceu á primeira que era armadilha para caçar veados; e despois vi muitas covas fuscas, que estavam dentro do dito cerco das reides: então vi que eram sepulturas dos que morriam: e tudo quanto tinham lhe punham sobre a cova; porque as pelles, com que andavam cobertos, tinham ali sobre a cova, e outras maças de páo, e azagaias de páo tostado, e as reides de pescar e as de caçar veados: todos estavam em contorno da sepultura, e quizera mandar abrir as covas; despois houve medo que acudisse gente da terra, que o houvesse por mal. Aqui juntas estariam 30 covas. Por nam podermos achar outra lenha mandei tirar todolos páos das sepulturas: mandei-os trazer para fazermos fogo, para se fazer de comer com 2 veados, que matámos, de que a gente tomou muita consolaçam. A gente desta terra sam homês mui nervudos e grandes; do rosto sam mui feos: trazem o cabelo comprido; alguns delles furam os narizes, e nos buracos trazem metidos pedaços de cobre mui lucente: todos andam cobertos com pelles: dormem no campo onde lhes anoitece: não trazem outra cousa comsigo senam pelles e reides para caçar: trazem por armas hum pilouro de pedra do tamanho d'hum falcão, e delle sae hum cordel de hũa braça e mea de comprido, e no cabo hũa borla de penas d'ema grande; e tiram com elle como com funda: e trazem hũas azagaias feitas de páo, e hũas porras de páo do tamanho de hum covado. Nam comem outra cousa senam carne

o pescado: sam mui tristes; o mais do tempo choram. Quando morre algum delles segundo o parentesco, assi cortam os dedos — por cada parente hũa junta; e vi muitos homẽs velhos, que nam tinham senam o dedo polegar. O falar delles he do papo como mouros. Quando nos vinham ver nam traziam nenhũa molher comsigo; nem vi mais que hũa velha, e como chegou a nós lançou-se no chão de braços; e nunca alevantou o rosto: com nenhũa cousa nossa folgavam, nem amostravam contentamento com nada. Se traziam pescado ou carne davam-no-lo de graça, e se lhe davam algũa mercaderia nam folgavam; mostrámos-lhe quanto traziamos; nam se espantavam, nem haviam medo a artelharia; senam suspiravam sempre; e nunca faziam modo senam de tristeza; nem me parece que folgavam com outra cousa.

Sesta-feira 27 de dezembro parti do rio dos Beguoais, e em se querendo pôr o sol cheguei á ilha das Palmas, onde Martim Afonso estava. Esta ilha das Palmas he muito pequena; della a terra ha hum quarto de legua: faz a entrada da banda do essudoeste: ha de fundo limpo 4, 5, 6 braças. Ao mar della, hũa legua ao sul, ha hũs baxos de pedra mui perigosos. Aqui estivemos nesta ilha 4 dias fazendo-nos prestes para nos irmos ao rio de Sam-Vicente.

Terça-feira 1.º dia de janeiro partimos desta ilha com o vento lesnordeste; fizemos o caminho do sudoeste. A' noite se fez norte, e fizemos o caminho a leste toda a noite, com bom vento.

Quarta-feira 2 de janeiro pela menhãa saltou o vento a sudoeste; fizemos o caminho ao nordeste e a quarta de leste; e á noite acalmou o vento: e ao pôr do sol vimos terra, a qual se corre a nordeste-sudoeste. Esta noite fizemos hũa

agua mui grande, e davamos hum relogio á bomba e outro nam.

Quinta-feira 3 de janeiro pela menhãa nos deu muito vento sudoeste: faziamos o caminho ao nordeste e a quarta de leste. E mandou Martim Afonso a caravela ao porto dos Patos, para ver se achava o bargantim ou a gente delle, que perderamos de companhia, quando iamos para o rio; e mandou-lhe que governasse ao nordeste e a quarta do norte. Este dia tomei a altura em 29 graos e tres quartos: fazia-me de terra 15 leguas. Esta noite corremos á popa com mui bom vento.

Sesta-feira 4 de janeiro houve vista de terra, — hũas barreiras vermelhas, que estam des leguas ao sul do porto dos Patos. E ao sol posto fui com o porto dos Patos. Por me afastar de terra fiz o caminho a lesnordeste, com o vento sul, e com mui gram mar fizemos tanta agua toda esta noite, que não levamos a mão da bomba até pela menhãa, que tomámos parte della.

Sabado 5 dias de janeiro abonançou mais o tempo e o mar; e ao meo dia tomei o sol em 27 graos.

Domingo 6 do dito mes nos ventou o vento sulsueste, e com o traquete baxo corremos a noite toda ao nordeste e a quarta de leste.

Segunda-feira 7 do dito mes ao meo dia tomei o sol em 25 graos escaços; e hũa hora de sol vi a terra, que he mui alta, e seria della 7 leguas; e fomos no bordo da terra até a noite, que se me fez o vento lesnordeste; e virámos no bordo do mar.

Terça-feira 8 de janeiro no quarto d'alva nos fizemos no bordo da terra; e ao meo dia fomos com ella; e conheci ser o rio da banda do nordeste da Cananea, e como nam podiamos cobrar pela corrente e o vento ser grande. E o

porto de Sam Vicente me demorava a nordeste: estava delle 15 leguas. Como vi que nam podiamos cobrar arribamos á ilha de Cananea: e ao pôr do sol surgimos a terra della.

Quarta-feira 9 do dito mes se nos abriu hũa grande agua na nao, que nos dava muito trabalho. Aqui nesta ilha estivemos até quarta-feira 16 de janeiro, que partimos com o vento sudoeste, fazendo sempre muita agua, que nam se levava a mão a duas bombas.

Quinta-feira 17 do dito mes a agua corria ao nordeste, e sem vento andámos este dia 10 leguas.

Sesta-feira 18 do mes de janeiro andámos em calma até sabado no quarto d'alva, que se fez o vento sueste, e fazia o caminho ao longo da costa hũa legua de terra, por fundo de 35 braças d'area, e ao meo dia tomei o sol em 24 graos e 35 meudos.

Domingo 20 do dito mes pela menhãa 4 leguas de mim vi a abra do porto de Sam Vicente: demorava a nornordeste; e com o vento lesnordeste surgimos em fundo de 15 braças d'area, mea legua de terra; e ao meo dia tomei o sol em 24 graos e 17 meudos; e 2 horas antes que o sol se puzesse nos deu hũa trovoada do noroeste: pela corrente ser mui grande ao longo da costa atravessava a nao o vento que era mui grande; e metia a nao todo o portaló por debaxo do mar; se nos nam quebrára a anchora pela unha foramos soçobrados, segundo o vento era desigual. Como se fez o vento oessudoeste demos á vela; e esta noite no quarto da modorra fomos surgir dentro n'abra, em fundo de 6 braças d'area grossa.

Segunda-feira 21 de janeiro demos á vela, e fomos surgir n'hũa praia da ilha do Sol; pelo porto ser abrigado de todolos ventos. Ao meo dia veo o galeam Sam Vicente

surgir junto comnosco, e nos disse como fóra nam se podia amostrar vela, com o vento sudoeste.

Terça-feira pela menhãa fui n'hum batel da banda d'aloeste da bahia e achei hum rio estreito, em que as naos se podiam correger, por ser mui abrigado de todolos ventos: e á tarde metemos as naos dentro com o vento sul. Como fomos dentro mandou o capitam I. fazer hũa casa em terra para meter as velas e emxarcia. Aqui neste porto de Sam Vicente varámos hũa nao em terra. A todos nos pareceu tam bem esta terra, que o capitam I. determinou de a povoar, e deu a todolos homẽs terras (1) para fazerem fazendas: e fez hũa villa na ilha de Sam Vicente e outra 9 leguas dentro pelo sartam, á borda d'hum rio, que se chama Piratinimga: e repartiu a gente nestas 2 villas e fez nellas oficiaes: e pôz tudo em boa obra de justiça, de que a gente toda tomou muita consolaçam, com verem povoar villas e ter leis e sacreficios, e celebrar matrimonios, e viverem em comunicaçam das artes; e ser cada um senhor do seu; e vestir as enjurias particulares; e ter todolos outros bens da vida sigura e conversavel.

Aos 5 dias do mes de febreiro entou neste porto de Sam Vicente a caravela Santa Maria do Cabo, que o capitam I. tinha mandado ao porto dos Patos buscar a gente d'um bargantim, que se ahi perdera; e achou que tinha feito outro bargantim, com ajuda de 15 homẽs castelhanos, que no dito porto havia muitos tempos, que estavam perdidos: e estes castelhanos deram novas ao capitam I. de muito ouro e prata, que dentro no sartam havia; e traziam mostras do que diziam e afirmavam ser mui longe. Estando

(1) De uma destas datas de terra feita a Ruy Pinto possuimos copia (Doc....)

neste porto tomou o capitam I. parecer com todolos mestres e pilotos e com outros homês, que para isso eram, para saber o que havia de fazer; porque as naos se estivessem dous meses dentro no porto nam podiam ir a Portugal, por serem mui gastadas do busano; e a gente do mar vencia todo soldo sem fazerem nenhum serviço a elrei, e comiam os mantimentos da terra. E assentaram que o capitam I. devia de mandar as naos para Portugal, com a gente do mar; e ficasse o capitam I. com a mais gente em suas 2 villas, que tinha fundadas, até ver recado da gente, que tinha mandado a descubrir pela terra dentro, e logo me mandaram fazer prestes para que eu fosse a Portugal nestas (1) 2 naos, a dar conta a elrei do que tinhamos feito. A ilha do Sol está em altura de 24 graos e hum quarto (2).

Quarta-feira xxij dias do mes de maio da era de 1532, da era dadam de oito mil e quinhentos e xbj e *361 dias* (*) da era do diluvio de 4634 annos e 95 dias estando o sol em 10 g. e 32 meudos de geminis e a lua em .19. g. de capricornio, party do Rio de Sam Vicente hûa ora antes que o sol se pasece com o vento noroeste. E como foi noite fiz o caminho a leste e a quarta de nordeste.

Quinta-feira polla manhãa era tanto avante com a ylha de Sam Sebastiam e ao meo dia se fez o vento oeste e começou a ventar e que me foi necessario tirar as monetas e correr com hos papafigos baxos fazendo o caminho

(1) Daqui se vê que este diario se ia escrevendo a bordo,

(2) Aqui concluia a cópia que nos serviu de texto na 1ª edição. Porêm o Codice da Bibliotheca Real que hoje temos pelo original escripto a bordo prosegue logo dando conta do regresso, como ora adoptamos.

(*) Convem notar primeiro que o que está em grifo se acha escipto no codice da Bib. Real, porém á margem e com uma chamada.

a lesnordeste ate a mea noite que mandei tomar as velas por me fazer com ho R i o d e J a n e i r o.

Sesta-feira xxiiij dias do dito mes pola menhãa via terra 3 leguoas de mim e conheçi o R i o d e J a n e i r o que me demoraua a norte e quarta do nordeste e com o vento sudueste dei a vela e entrei nelle ao meo dia.

Sesta-feira xiiij dias do mes de Junho chegou a nao s a n t a m a r i a d a s c a n d e a s, que fiquara em s a m v i c e n t e acabando-se de correger. Neste rio estive tomando mantimento para 3 meses e partime terça-feira 2 dias de Julho: com o vento nordeste say fora, e achei o mar tam feo, que me foi necessario tornar a itibar e surgi na boca ao mar da y l h a d a s p e d r a s em fundo .15. braças darea limpa.

Quinta-feira 4 do dito mes me torney a fazer a vela com ho vento norte. Duas leguoas ao mar me deu mujto vento sudueste e mandei fazer o caminho a leste e em se pondo o sol fui com o C a b o f r i o. No quarto da prima mandei governar a leste ate sesta-feira ao meo dia que fiz o caminho a lesnordeste com ho vento sudueste de todalas velas.

Sabado 6 dias do mes de Julho se me fez o vento sul. Fazia o caminho a nordeste e a quarta de leste.

Domingo bij do mes polla menhãa me fez o galeam sinal e como acheguei a elle me disse que faziam tanta aguoa que duas bombas a não podiam vencer e que queriam virar no outro bordo; ver se a podiam tomar: e em virando 2 relogios no outro bordo a tomaram e tornamos a virar e fazer o caminho a nordeste e a quarta de leste.

Segunda-feira biij dias do mes de Julho ao meo dia tomey o sol em .21. g. e meo: demoravame o *cabo frio* ao essudueste: fazia me delle .lx e 2 leguoas. A i l h a d o s

baxos me demorava ao noroeste: fazia me della .l. leguoas.

3.ª feira se fez o vento leste: com elle fazia o caminho da norte e a quarta do nordeste pollas naos serem grandes de bolina lhe dava pouco abatymento.

Quarta-feira .x. do mes de Julho se fez o vento calma ate sabado ao meo dia que o vento sudueste começou a ventar brando e de noite com ho vento fresquo de todas as velas fazia ho caminho do norte até domingo ao meo dia que tomey o sol em .19. g. e 3 quartos e mandei fazer o caminho a norte e a quarta de noroeste. Os baxos dos parguetes me demorauam ao sudueste e a quarta daloeste: fazia-me delles .lxx. leguoas. A ilha dos baxos me demorava ao noroeste: fazia me della xbiij leguoas.

Segunda-feira .xb. do dito mes ao meo dia tomei o sol em .17. g. Com mujto vento sudueste e mar corria com os papafigos baxos ao nornoroeste. Esta noite com o mar muj groso nam levamos a mão de 2 bombas: fazia a nao por tantas partes a aguoa que toda a noite andaua com ho calafate debaxo da cuberta tomando aguoas. Eram tantas as baleas nesta parajem e tamanhas e chegavam se tanto as naos que lhe auiamos mui grande medo.

3.ª feira xbj do dito mes tomei o sol ao meo dia em 15. g. e 3 quartos. Demorava me a Baia de todolos Santos ao nornoroeste. Mandei fazer o caminho ao noroeste ate o quarto da modorra, que ouve vista da terra que mandei fazer o caminho ao norte e a quarta do nordeste com o mar mui grosso.

Quarta-feira xbij do dito mes polla menhãa reconhecy as serras que jazem ao sul da baia de todollos santos .xxb. leguoas e ao meo dia se fez o vento susudueste muj forçoso. Era o mar tam grosso que a nao me nam queria guovernar

asy fui correndo com hum bolso da vela davante com mui gram temp oral: ao jugar da nao faziam tanta aguoa que não leuauamos mãos a **2** bombas. Este dia tomei o sol em .14. g. e o sol posto houve vista do Padrão: por fazer mujto vento e o mar e a terra estar muj afumada nam entrei na bahia e fiz me no bordo do mar até .5. Relogios do 4.° da modorra que tornei no bordo da terra.

Quinta-feira .**18**. dias de Julho em Rompendo a alua vi o padrão mea leguoa de mjm e o marquey aloeste e a quarta do noroeste metendo as monetas pera entrar na bahia. Saltou o vento ao sudueste com tanta força que nam podiamos metter as naos de loo. Torney a mandar a tirar as monetas e com hos papafigos baxos cobrei a ponsa do padrão, com asaz trablaho. Era tam grande o mar que a entrada da bahia em .9. braças de fundo me deu o mar por Riba do chapiteo e veo quebrar no conves.

Nesta bahia estive calafetando os altos das naos que os traziam esvaidos e tomando mantimentos e outras cousas que me eram necessarias. Aqui fiz alardo da gente que trazia pera poderem tomar armas e achey em ambas as naos. l e iij. homẽs e os .xxx. delles sem armas.

Aqui se lançaram com os indios **3** marinheiros da minha nao, e me detiveram **8** dias busquando os e nam nos pude aver por os indios mos esconderem.

3.ª feira xxx dias do mes de Julho parti desta bahia de todolos santos com o vento sudueste, e como fui ao mar **2** leguoas se me fez leste e virey no bordo da terra ate o quarto da prima que tornei a virar no bordo do mar.

Quarta-feira xxxj do dito mes no quarto da lua tornei a virar no bordo da terra com o vento lessueste. Desda

da ponta do padrão até a pedra da galee se corre a costa les nordeste oessudueste. Ha de caminho quatro leguoas e da pedra da galee ate o a Recyfe de Sam migel se corre a costa nornordeste sasudueste e desdo o aRecyfe ate o cabo de Santagustinho se corre a corre a costa nortesul toma da quarta de nordeste sudueste. Desde esta bahia de todollos santos ate o cabo de sam Roque correm as aguoas ao norte 7 meses .s. março e abril e maio e junho e julho e agosto e setembro ate outubro e estoutros çinquo meses do anno correm ao sul e como achegam a esta bahía correm ao sueste todo o anno e nestes çinquo meses correm com mais força.

Quinta-feira 1.° dia do mes d'agosto andei em calma ate de noite no quarto da prima que se fez o vento sueste e com elle mandei fazer o caminho do nordeste.

Sesta-feira fazendo o dito caminho ao meo dia tomei o sol em 10 .g. e des do meo dia mandei fazei o caminho ao nordeste e a quarta do norte ate 4 Relogios andados do quarto da prima que mandei fazer o caminho ao norte e a quarta do noroeste.

Sabado 3 de agosto polla menhãa ouve vista da terra e em me chegando mais a ella Reconheci as serras de santantonio que me demoravam o loeste e ao meo dia tomei o sol em .9. g. e 30 meudos. E duas oras antes que o sol se pusesse com o vento sudueste mandei tomar as velas, lancei as naos ao pairo 1 leguoa de terra em fundo de .xxx. braças de pedra: na terra me faziam mujtos fumos.

Dominguo iiij dias d agosto 1532 estando o sol em 21. g. e 3 meudos de leo e a lua em .b. graos de libra e em o sol nacendo mandei dar as velas com o vento sudueste. Indo costeando a terra 1 tiro de bombarda per fundo de .xb.

braças indo na gavia as 9 oras do dia vi a i l h a d o s a n t a l e x o: demorava me ao norte e como me acheguei mais a ella vi hũa nao que estava surta antre ella e a terra: parecia ser mui grande: logo me deçi da gavia, e mandei fazer prestes a artelharia e mandei fazer sinal ao galeam que vinha por minha popa e em chegando a mym lhe disse que pusesse a artelharia em ordem, e se fizesse a gente prestes porque se a nao que estava na ilha surta fosse de França avia de pelejar com ella.

N. B. **Aqui acaba no MS. quasi o verso da fol 29. — Seguem-se em branco as folhas numeradas 30, 31, 32, 34 e 35. Passa em claro a 33, cujo numero vem a ter a ultima, que está depois da 41, e tambem é em branco, só no principio da pagina diz:**

Sexta-feira xbij do

Segue uma *raspadella*, depois a fol. 35, e continúa:

Segunda-feira 4 dias do mes de novembro da era de 1532 parti do porto de P e r n a m b u c o com o vento da terra. Sendo ao mar hũa leguoa se fez o vento nordeste e fiz me na volta do sueste ate a terça-feira no quarto da prima que se fez o vento leste e virei no bordo do norte, ate quinta-feira ao meo dia que tomei o sol em .b. graos e .l bj. meudos.

Sesta-feira biij de nouembo fazia o caminho do norte e a quarta do nordeste. Ao meo dia tomei o sol em 5 graos e 3 quartos.

Sabado 9 dias do dito mez fazendo o dito caminho ao meo dia tomei o sol em .4. g. demoravame o cabo de s a n t a g o s t i n h o. Ao sul e a quarta do sudoeste fazia me delle 80 legoas. A i l h a d e F e r n a m d e L o r o n h a

me demorava a leste e a quarta do nordeste: fazia me della l. leguas.

Domingo com o vento leste e o mar mui chão e os dias mui craros que nesta parajem se acham muj poucas vezes fazia o caminho do norte e ao meo dia tomei o sol em .2. g. e meo.

Segunda-feira xj dias de novembro: no quarto dalua se me fez o vento lessueste: fazia o caminho do norte e a quarta do nordeste por dar abatimento as agulhas que me norestcavam hũa quarta. Ao meo dia tomei o sol em .1. g. e um quarto.

3.ª feira xij do dito mes fazia o dito caminho e ao meo dia tomei o sol em 16 meudos. Demoravame a ilha de fernam de loronha ao sul e a quarta do sudueste: fazia me della lxb. legoas: o penedo de sam pedro me demoraua ao nordeste: fazia me delle liij legoas.

Quarta-feira xiij de novembro com o vento lessueste fazia o caminho do norte e a quarta do nordeste por dar a dita quarta dabatimento as agulhas: ao meo dia tomey o sol em .1. .g. da banda do norte.

Quinta-feira xiiij do mes ao meo dia tomei o sol em 2. g. e um terço e a tarde se fez o vento sueste e fazia o caminho ao nordeste e a quarta do norte.

Sesta-feira polla menhãa se fez o vento lessueste e tornei a fazer o caminho do norte e a quarta do nordeste e ao meo dia tomei o sol em 3. g. e xxxbiij meudos.

Sabado fazia o dito caminho. Ao meo dia tomei o sol em 4. g. e xbj. meudos.

Dominguo xbij de nouembro fazendo o dito caminho tomei o sol em .5. g. e demorauame o penedo de sam pedro ao sueste: fazia me lxx e çinquo legouas: demoravame o cabo verde ao nordeste: faziame delle ii. e quarenta legouas.

Esta noite no quarto da modorra me deu hũa muj grande trayoada de lesnordeste com muito vento e aguoa que fiquou em calma ate quarta-feira xx do meš que no quarto dalva me deu mujto vento nordeste e com mui grande mar que esta noite estive em condição de aRibar por mo requerer o piloto da outra nao dizendo que se ia ao fundo com hũa aguoa que se lhes abrira asi fomos com este temporal com os papafiguos mui baxos fazendo o caminho do noroeste ate sesta-feira que ao por do sol abonançou mais o tempo.

Sabado ao meo dia tornou o vento nordeste a ventar com mujta força que o nam pude soportar as velas e as mandei tomar e estive este dia todo de mar em traves com muj grande mar e aguoajem que vinha de leste.

Dominguo

Depois de fol. 35 seguem no codice mais cinco em branco, vem logo a fol. 33 de que falamos, e conclue.

DOCUMENTOS.

Carta de grandes poderes ao capitão mór, e a quem ficasse em seu logar.

Dom Joham & A quantos esta mjnha carta de poder virem faço saber que eu envio ora a martim afonso de sousa do meu conselho por capitam mor darmada que envyo a terra do brasil e asy de todas as terras que elle dito martim afonso na dita terra achar e descobrir e porem mando aos capytães da dita armada e fidalgos caualeiros escudeiros gemte darmas pylotos mestres mariamtes e todas outras pessoas que na dita armada forem e asy a todas as outras pessoas e a quaesquer outras de qualquer calidade que se-

jam que nas ditas terras que elle descobrir ficarem e nela estiverem ou a ella forem ter por qualquer maneira que seja que aja ao dito martim afonso de sousa por capitam mor da dita armada e terras e lhe obedecam em todo e por todo o que lhes mandar e cumpram e guardem seus mandados asy e tam inteyramente como se por mim em pessoa fosse mandado sob as penas que elle poser as quaes com efeyto dara a divida execucam nos corpos e fazendas d'aquelles que ho nom quyserem cumprir asy e allem diso lhe dou todo poder e alcada mero e mysto imperio asi no crime como no civel sobre todas as pessoas asy da dita armada como em todalas outras que nas ditas terras que elle descobrir viverem e nella estiverem ou a ella fforem ter por qualquer maneira que seja e elle determjnara seus casos feytos asy crimes como cives e dara neles aquelas sentenças que lhe parecer Justiça conforme a direito e mynhas ordenações ate morte naturall Inclusyue sem de suas sentenças Dar apelacam nem agravo que pera todo o que dito he e tocar a dita jordicam lhe dou todo poder e alcada na maneira sobredita porem se alguns fidalguos que na dita armada forem e na dita terra estiverem ou vyverem e a ela forem cometerem alguns casos crimes per omde merecam ser presos ou emprazados elle dito martim afonso os podera mandar prender ou emprazar segundo a calidade de suas culpas o merecer e mos enviara com os autos das ditas culpas pera caa se verem e determinarem como for justiça porque nos ditos fidalgos no que tocar nos casos crimes ey por bem que elle nam tenha a dita alcada e bem asy dou poder ao dito martim afonso de sousa pera que em todas terras que forem de minha conquista e demarcacam que elle achar e descobrir posa meter padrões e em meu nome tome delas Reall e autoall e tirar estormentos e fazer todos

os outros autos quando direitamente se Requererem e forem necesaryos porque pera isso lhe dou especial e todo comprido poder como pera todo ser fyrme e valioso Requerem e se pera mais fyrmeza de cada hũa das cousas sobreditas e serem mais fyrmes se comprirem com efeyto e necessarjo de feito ou de direito nesta mjnha carta de poder yrem decraradas alguma clausulla ou clausulas mais especiaes e exvberantes heu as hey asy por expressas e decraradas como se especiallmente o fossem posto que sejam taes e de tall calidade que de cada hũa delas por direito fose necesarjo se fazer expresa memçam e porque asy me de todo praz mandey diso pasar esta mjnha carta ao dito martym afonso asynada por mim e aselada do meu selo pendente dada em a vila de crasto Verde aos xx dias do mes de novembro fernam da costa a fez ãno do nacimento de noso Snõr Jhũ x.° de mil bcxxx ãnos e eu amdre pyz a fiz escrever e sobsstpvy e se o dito martim afonso em pessoa for algumas partes elle leixara nas ditas terras que asy descobrir por capitam mor e governador em seu nome a pessoa que lhe parecer que ho melhor fara ao quall leixara por seu asynado os poderes de que hade usar que seram todos ou aquela parte destes nesta mjnha carta decrarados que elle vyr que he bem e mando que a dita pessoa que asy leixar seja obedecido como ao dito martim afonso sob as penas que nos ditos poderes que lhe asy leixar forem decraradas e no que toca a emprazamento dos fidalgos que em cima he decrarado por alguns justos Respeitos ey por bem que o dito martim afonso os nom empraze e quando fizerem taes cazos por onde merecam pena algũa crime elle os prendera e mos emviara presos com os autos de suas culpas pera se nyso fazer o que for justiça (*Real Arch. Liv. 41 da Chancellaria de elrei D. João 3°, folh.* 105).

Carta de poder para o capitão mor criar tabaliães e mais officiaes de justiça.

Dom Joham &c. A quamtos esta mjnha carta virem faço saber que eu envio ora a martym afonso de sousa do meu conselho por capitam moor darmada que envio a terra do brazill e asy das terras que elle na dita terra achar e descobryr e por que asy pera tomar a posse dellas como pera as cousas da Justiça e gouernamça da terra serem menystradas como deuem sera necesaryo cryar e fazer de novo alguns oficyaes asy tabaliães como quaesquer outros que vyr que pera yso forem necesaryos por esta mjnha carta dou poder ao dito martym afonso pera que elle posa cryar e fazer dous tabaliães que syrvam das notas e Judiciall que logo com elle da qy vam na dito armada os quaes seram taes pessoas que ho bem saybam fazer o que pera ysso sejam autos aos quaes dara suas Cartas com ho trellado desta mjnha pera mays fermeza e estes tabaliaes que hasy fazer leixaram seus synaes publicos que ouverem de fazer na mjnha chancellaria e se despoys que elle dito martym afonso for na dita terra lhe parecer que pera gouernamça della sam necesaryos mays tabaliães que hos sobre ditos que asy da qy hade leuar yso mesmo lhe dou poder pera os cryar e fazer de novo e pera quamdo vagarem asy hõs como outros elle prouer dos ditos oficyos as pessoas que vyr que pera yso sam autas e pertemcentes e bem asy lhe dou poder pera que possa cryar e fazer de nouo e prouer por falecymento dos que cryar os oficyos da Justiça e gouernamça da terra que por mjm nam forem proujdos que vyr que sam necesaryos e os que asy por elles cryados e proujdos forem ey por bem que tenham e posuam e syruam os ditos oficyos como se por mjm por mjnhas proujsões os fosem e por que hasy

me diso praz lhe dey esta mjnha carta de poder ao dito martym afonso por mjm asynada e asellada com ho meu sello pera mays fermeza dada em a Villa de crasto Verde a xx dias de novembro fernam da costa a fez anno do nacymento de noso sôr Jhû x° de myll bc xxx annos E eu amdre piz a fiz escreuer e soescrevy (*R. Arch. Liv. 41 de D. João 3.° fol.* 103).

Carta para o capitão mór dar terras de sesmaria.

Dom Joham &c A quantos esta mjnha carta virem faco saber pera que as terras que martym afonso de souza do meu conselho descobryr na terra do brazyll omde o emvio por meu capitão moor se possam aproveytar eu por esta mjnha carta lhe dou poder pera que elle dito martym afonso posa dar as pessoas que comsygo leuar as que na dita terra quyserem vyuer e pouoar aquella parte das terras que hasy achar e descobryr que lhe ben parecer e segundo o merecerem as ditas pessoas por seus seruyços e calydades pera aas aproueytarem e as terras que hasy der sera somente nas vidas daquelles a que as der e mays nam e as terras que lhe parecer bem podera pera sy tomar porem tamto ate mo fazer saber e aproueytar e gramjear no mylhor modo que elle poder e vyr que he necesaryo pera ben das ditas terras e das que hasy der as ditas pessoas lhes passara suas cartas declarando nellas como lhas da em suas vidas somente e que de demtro em seys annos do dia da dita data cada hum aproueytar a sua e se no dito tenpo asy ho nam fizer as podera tornar a dar com as mesmas condições a outra pessoas que has aproueytem e nas ditas cartas que lhes asy der hyra trelladada esta mjnha carta de poder pera se saber a todo tenpo como o fez por meu mamdado e lhe ser Im-

teyramente guardada a quem a tyuer e o dito martym afonso me fara saber as terras que hachou pera poderem ser aproueytadas e a quem as deu e quamta camtydade a cada hum e as que tomou pera sy e a dysposiçam dellas pera o eu ver e mandar nyso o que me bem parcer e por que asy me praz lhe mandey dar esta mynha carta por mjm asynada e aseilada com ho meu sello pemdemte dada em a Villa de crasto verde a xx dias do mes de novembro fernam da costa a fez anno do nacymento de noso Sõr Jhû xº de mjll bc xxx anos (*R. Arch. Liv. 41. da Chanc. de D. João 3.º fol. 103*).

Pag. 72 Fah. 12.

A respeito da ilha de Fernão de Noronha transcreveremos aqui os seguintes documentos taes como foram pela primeira vez publicados na nota 11 pag. 71 e seguintes da 1.ª edição deste escripto de Pero Lopes.

Dom Joam etc. fazemos saber que por parte de fernam de loronha cavaleiro de nosa casa nos foy apresentada huma carta delRei meu Senhor e padre que Samta groria ajaa de que o teor tall he—Dom Manuell per graça de Deus Rey de purtugall e dos allgarves daquem e dalem mar em africa senhor de guinee e da comquista navegaçam comercio detiopia arabia persya e da Imdia. A quamtos esta nosa carta vyrem fazemos saber que avemdo nos Respeito aos serviços que fernam de noronha cavaleiro de nosa casa nos tem feitos e esperamos ao diamte dele Receber e queremdo lhe por isso fazer graça e merce Temos por bem e nos praz que vimdo se a povoar em allgum tempo a nosa Ilha de sam Joam que ele ora novamente achou e descobrio 50 leguoas alamar da nosa terra de samta Cruz lhe darmos e fazermos merce da Capitania della em vida sua e de hum seu filho baram lidimo mais velho que delo ficar ao tempo de seu falecimento

e quamdo esto asy for lhe mamdaremos fazer sua Carta em forma em a qual lhe daremos os direitos e Jurdição que com a dita Capitania ade ter segundo que nos emtão bem parecer. E por firmeza delo e sua guarda lhe mandamos dar esta Carta por nos asynada e asellada do noso Sello pemdemte a quall prometemos de se lhe comprir e guardar imteiramente como se nella comtem por quamto asy hee nosa merce dada em a nosa cidade de lixboa a 16 dias de Janeiro francisco de matos a fez ano do nacimento de noso Senhor Jesu Christo de 1504—Pedimdonos o dito francisco de loronha por merce que lhe confirmasemos a dita carta e visto per nos seu dizer querendo lhe fazer graça e merce temos por bem e lha comfirmamos e avemos por confirmada asy e na maneira que se nella comtem e queremos e mamdamos que asy lhe seja comprida e guardada dada em a nosa cidade de lixboa a 3 dias de março pero fragoso a fez ano do noso Senhor Jesu Christo de 1522 (*Do Real Archivo Liv. 37 da Chanc. de D. João 3.° fol.* 152).

Neste mesmo livro a fol. 152 v. se acha a carta d'elrei D. Manoel de 24 de Janeiro de 1504, em que lhe faz doação da ilha; confirmada igualmente por elrei D. João 3.° na data ut supra de 3 de Março de 1522. — E' como se segue:

« Dom Joham &.ª fazemos ssaber que por parte de fernam de loronha caualeiro de nossa cassa nos foi apresentada hũa carta del Rey meu senhor e padre que santa groria aja de que ho teor he — dom manuell per graça de deos Rey de purtugall e dos alguarues daquem e dalem mar em afryca senhor de guine e da comquista navegacam comercyo tyopia arabia percia e da India a quantos esta nossa carta virem fazemos saber que havemdo nos Respeitos aos seruiços que fernam de noronha caualeiro de nossa cassa nos tem feitos e esperamos dele ao diamte receber e queremdo-lhe fazer

graça e mercê temos pòr bem e lhe fazemos doaçam e merce daqui em diamte pera em todollos dias de sua vida e de hum seu filho barão lidimo mais velho que dele ficar ao tempo de seu falecymento da nosa jlha de sam joham que ele hora novamente achou e descobryo 50 legoas alla mar da nossa terra de samta cruz que lhe temos aremdada a qual Ilha lhe asy damos pera nella lamcar gado e a romper e aproueitar segumdo lhe mais aprouer com tall entemdimento e decraração que de todo perveeito que na dita Ilha ouuer asy agora como ao diante per quallquer modo e maneira que seja tiramdo espyecaria drogaria e coussas de tintas que pera nos reeseruamos e de todo ho mais nos dara e pagara e asy ho dito seu filho o quarto e dizimo soomente ssem mais outro nenhuum direito. — E porem mandamos aos veadores de nosa fazemda oficiaes de nosa casa de guyne e Imdia que hora sam e Ao diante forem e a quaesquer outros nossos oficiaes e Juizes e Justiças a que esta nosa carta for mostrada e o conhecimento della pertemcer que Imteiramente lha cumpram e guardem e facam comprir e guardar ssem lhe niso em nenhũ tempo que seja a ele fernam de loronha nem ao dito seu filho em suas vydas ser a ello posto duvida nem ouutro embargo algum por que asy he nossa merce e por firmeza delo lhe mandamos dar esta per nos assynada e aselada do noso selo pemdemte dada em a nosa Cydade de lixboa a vinte e quatro dias de Janeiro francisco de matos a fez anno do nacymento de nosso Senhor Jesu Christo de mil quinhentos e quatro — e pedimdo-nos o dito fernam de loronha por merce que lhe confirmasemos a dita carta e visto por nos seu dizer queremdo-lhe fazer graça e merce temos por bem e lha confirmamos e havemos por confirmada queremos e mandamos que asy se lhe cumpra e guarde dada em a cidade de lixboa a tres dias de março pero fargoso a fez anno do naci-

mento de nosso senhor jesu christo de mill quinhentos e vinte e dois.

De outros livros e logares vemos as successivas confirmações desta doação, e rectificamos ser a mesma ilha chamada hoje — de Fernão (ou Fernando) de Noronha. — Aqui os apontamos:

Do Liv. 9 fol. 272 v. da Chancellaria de elrei D. Sebastião se vê que em data de 20 de Maio de 1559 foi confirmada em Fernão de Loronha, filho de Diogo de Loronha, neto de Fernão de Loronha, a doação que fora feita a este ultimo seu avô por elrei D. Manuel (e o Alvará acima de D. João 3.°) da ilha de S. João, que *está* (diz a carta de doação) *sessenta legoas ao mar do cabo de S. Roque da terra do Brasil.*

Do Liv. 3.° f. 100 de D. Pedro 2.° se vê a confirmação de elrei da doação da mesma ilha por successão a João Pereira Pestana, filho de João Pereira Pestana e neto de Fernão Pereira Pestana de Loronha *donatario que foi da ilha de S. João.* Esta carta d confirmação é datada de 8 de Janeiro de 1693. —

Esta ilha ficou pertencendo sempre ao dominio de Portugal, e chegando a ella piratas no seculo passado partiu a expulsa-los, a 7 de Setembro de 1738, D. Manoel Henriques, que ali chegou a 23 de Outubro (Hist. Geneal. Tom. 8.° p. 243).

(Nota 11 da 1.ª Ed. de P. Lopes).

Pag. 31 "Sabado 30 dias d'abril, no quarto d'alva, eramos com a boca do R i o d e J a n e i r o" etc.

Este logar elucida completamente a questão, de que não

foi M. Affonso o culpado na impropriedade do nome, que em nossos dias conserva a capital do Imperio Brasileiro, e lhe proveio de ter sido o seu porto (chamado dos indigenas *Ganabara* segundo Lery, e *Nhiteroy* (1) segundo Brito Freire) julgado rio, sendo deveras uma bahia ou enseada. Quanto ao sobrenome — de Janeiro —, já em 1817 o douto A. da *Corografia Brasilica* (T. 2.º p. 12), e em contradicção ao que antes (T. 1.º p. 51) dissera, produziu razões, bem como o fez o A. da Memoria sobre a capitania de Santa Catharina (p. 11), para se duvidar ter sido dado pelo mesmo M. Affonso em Janeiro de 1531, — fundando-se na data do Alvará de Castro Verde: e apresentando ser quasi impossivel "que uma armada, que nunca vence tanto como um navio só, e mórmente n'um tempo, em que se navegava pouco de noite, por não haver ainda perfeito conhecimento dos mares, fizesse n'um mez a viagem, que em nossos dias não fazia um navio só, veleiro e destemido; tendo-se de mais a mais feito á vela no inverno, combatido e aprisionado inimigos, — circumstancias que deviam prolongar a viagem" — e por conseguinte não era possivel estar no Rio de Janeiro no 1.º dia de 1531, tendo saido de Lisboa em Dezembro.

A nossa publicação decide a controversia: a armada de M. Affonso chegou ali pela 1.ª vez a 30 de Abril de 1531; e até do modo como Pero Lopes escreve se deduz que esta bahia era já antes nomeada *Rio de Janeiro*, o que até se rectifica, por elle contar ter ouvido este nome antes de lá chegar.

(1) Staden tinha escripto na sua aravia *Iterrone*. Ha quem traduza *agua escondida*, mas não sabemos como taes etymologistas separam a palavra. Nós propendemos mais para *Y-tero-y* ou *Rio da agua fria*, em virtude das afamadas aguas da caryoca.

Esta nossa affirmativa toma força, com a leitura das narrações da viagem do celebre portuense Fernam de Magalhães, bastando porêm para desengano a relação publicada no Tom. 4.° N.° 2. das Not. Ultr. da A. R. das S. de Lisboa ou por ventura ainda mais decidido será o testemunho do chronista castelhano Antonio Herrera, (1) que escreveu com grande copia de documentos e relações originaes à vista, e assevera que chegaram os do Magalhães à bahia *que chamavam os Portuguezes* — de Janeiro. —

Devemos pois retroceder, e ir de mais remoto investigar esta origem. A expedição, que a esta precede é a de João Dias de Solis, que havendo partido d'esta vez do porto de Lepe, segundo Herrera a 8 de Outubro de 1515 com 3 navios, caminho do Rio da Prata, nada mais natural do que poder chegar no 1.° de Janeiro á mencionada bahia, e dar-lhe então um nome chronologico. Todavia nem Gomara, nem Herrera fazem menção desta clausula, dizendo, bem pelo contrario, este ultimo com toda a simplicidade que „chegaram ao Rio de Janeiro na costa do Brazil", o que junto ao lugar citado a respeito da viagem de Magalhães faz prova contra; e é ainda maior este argumento se nos lembramos que Herrera não costuma esquecer e passar em claro estas particularidades, tanto que logo abaixo as menciona ácerca das ilhas que chamaram *da Prata, e dos Lobos*, o que por certo não é de mais importancia, que o nome de uma tão notavel enseada.

Por tanto cumpre ainda fazer a investigação de mais longe. Ora se nos lembramos do costume dos antigos des-

(1) *Dec. 2.ª Lib. 4.° Cap. 10.° "Y continuando su viage, entraron a treze de Deziembre, en una bahia muy grande, que llamavam los Portuguezes en la costa del Brasil la bahia de Genero y los castellanos la pusieron de Santa Lucia, porque tal dia entraron en ella" etc., e mais adiante; "Estando neste rio de Genero" etc.*

cobridores portuguezes, de irem com o calendario aberto baptisando, com o nome do santo celebrado pela igreja nesse dia, as terras e agoas que achavam, e lançarmos os olhos a uma carta do Brasil antiga (v. gr. á do Atlas de Fernão Vaz Dourado) e se fizermos algum reparo e comparação dos nomes dos santos festejados nos diversos dias, acharemos, seguindo de norte a sul, a seguinte coincidencia;

16 de Agosto	dia de	***S. Roque*** (Cabo de)
28 dito	,,	***S.to Agostinho*** (Cabo de)
29 de Setembro	,,	***S. Miguel*** (Rio de)
30 dito	,,	***S. Jeronymo*** (Rio de)
4 de Outubro	,,	***S. Francisco*** (Rio de)
21 dito	,,	***As Virgens*** (Rio das)
13 de Dezembro	,,	***Santa Luzia*** (Rio de). Seria o R. Doce?
21 dito	,,	***S. Thomé*** (Cabo de)
25 dito	,,	Nasce o ***Salvador*** (Bahia do)
1 de Janeiro	,,	Rio de Janeiro
6 dito	,,	***Reis*** (Angra dos)
20 dito	,,	***S. Sebastião*** (Ilha de)
22 dito	,,	***S. Vicente*** (Rio ou Porto de)

E' facil deduzir das distancias locaes e desta confrontação ter sido o mesmo explorador, quem, indo de N. a S. successivamente, e passando por diversos pontos, lhe deu os nomes competentes; e se bem que o Rio de Janeiro não teve o nome da festa que a igreja neste dia celebra, com tudo a distancia, a que está do cabo de S. Thomé e ilha de S. Vicente, o assegura de ter saído, se é licita a expressão vulgar, da mesma fornada; e é mais natural attribuir a esta

occasião a tal coincidencia do que a outra qualquer, de que nada se saiba; e demais por não pôrmos acima outros nomes, não se segue que este fosse o unico sem ser de solemnidade. — Além de que, se o nome fosse dado pelos Castelhanos, não era natural que logo passados poucos annos se soubesse em Portugal, e o mais provavel seria Portugal não o adoptar. Nos logares do Rio da Prata temos uma confirmação do que dizemos.

Se estamos convencidos de que foi o mesmo explorador que deu seguidamente os citados nomes, e que não deu uns sem os outros, adiantamos sem escrupulo, que todos elles foram lados antes do anno de 1508, e por conseguinte só o podiam ser por uma das duas armadas, que por lá exploraram a costa depois de Cabral. E dizemos antes de 1508, porque tendo-se publicado neste anno em Roma uma edicção da Geografia de Ptolomeu, que muitas vezes temos occasião de citar, os editores a acompanharam de um mappamundi, feito pelo allemão João Ruysch: neste mappa, vem marcada *Terra de Sancta Cruz*, onde se lêem varios deste nomes, taes como *R. de S. Jeronimo, R. de S. Lucia, e R. S. Vicent. etc.*, e o nome de *cabo de S. Agostinho* ja corria impresso antes, e desde a 1.ª edição das relações de Americo; e como este diz que tal cabo se descobriu na viagem de 1501, segue-se que foi Gonçalo Coelho, chefe da expedicção que succedeu á de Cabral, segundo contam (ainda que não sem alguma anomalia) Goes, Gabriel Soares e Osorio, quem deu todos os nomes citados; porque, de mais a mais, diz Americo que desde o começo de Agosto de 1501, quando abicaram no Brasil a 5 gráos (que vem a ser pouco ao N. do Cabo de S. Roque) até Fevereiro do anno seguinte, quando estavam fóra do tropico de Capricornio, tendo visitado todo o litoral intermedio; e por

tanto já então tinham estado no porto de S. Vicente. Nota (22 da 1.ª edição de Pero Lopes).

Doação de Martim Affonso a Ruy Pinto em Fevereiro de 1533.

Havendo respeito como Ruy Pinto, Cavalleiro da ordem de Christo, servio nestas parte a elRei, e ficou povoador nesta terra do Brazil, lhe dou as terras do porto das Almadias (aonde se embarcam, quando vão para Piratini desta ilha de S. Vicente) que se chama a « Piacaba », que agora novamente se chama o porto de Santa Cruz. E da banda do Sul partirá, pela barra do Cabatão, pelo porto dos Outeiros que estão na boca da dita barra, entrando as ditos Outeiros dentro nas ditas terras do dito Ruy Pinto. E dahi subirá direito para a serra por um lombo que faz para um valle, que está antre este lombo, por uma agua branca que cáe d'alto que chamão « Ututinga ». E para se melhor saber este lombo, antre a dita agua branca por as ditas terras, não se mette mais de um so valle; e assim irá pelo dito lombo acima, como dito é, até o cume da serra alta que vai sobre o mar. E pelo dito cume irá pelos outeiros escalvados, que estão no caminho que vem de Piratenin; e atravessando o dito caminho irá pela mesma serra até chegar sobre o valle da « Davagui », que é da banda do norte das ditas terras, onde as serras fazem uma differença por uma sellada que parece que fenece por ahi; a qual serra é mais alta que outra que ali se ajunta com ella, que vem por riba do valle « Davagui », a qual aberta cáe uma agua branca d'alto ; e d'esta dita aberta da serra directamente ao Rio « Davagui », e pela veia da agua irá abaixo, até se metter no mar e esteiros salgados.

As quaes terras lhe dou por virtude d'uma doação que para isso tenho d'elRei Nosso Senhor de que o traslado de verbo ad verbum é o seguinte : (Segue o Alvará de Castro Verde de 20 de Novembro de **1530**). Em virtude da qual doação, dou as ditas terras ao dito Ruy Pinto, com todas as entradas e saidas, e rios, e veias d'aguas que nas ditas terras, dentro da sobredita demarcação houver, para serem para elle e para todos os seus descendentes forras e izentas, sem pagarem nenhum direito, somente dizimo a Deus. E isto com condição que elle dito Ruy Pinto aproveite as ditas terras nestes 2 annos primeiros seguintes. E não o fazendo as ditas terras ficarão devolutas, e para se n'ellas fazer o que bem parecer. E por esta mando que seja logo mettido de posse das dittas terras, e esta será registada no livro do tombo, que para isso mandei fazer. Dada na Villa de S. Vicente, ao derradeiro dia do mes de fevr.º — Pero Capigr.º escrivão, a fez anno de **1533** as. — « Martim Affonso de Souza ». — (Extr. da not. **31** do **1**.º Tom. da *Hist. geral do Brasil.*).

Reclamação contra Pero Lopes, feita aos Commissarios em Irun e Fuente rabia (em 1538) que esclarece o facto da destruição da colonia franceza em Pernambuco em 1532, e suppre a interrupção do Diario do mesmo P. Lopes, a tal respeito, na pag. 74

Nobilis Bertrandus dornesam, miles Baro et dominus de Sant Blamcard ac preffectus classis Regis cristianissimi in marj mediterraneo Actor adversus Epm. vulgo dom martim nuncupatum, Antonium Correa et petrum loppes reos. Coram vobis prestantissimis viris Dominis commis-

sariis Reguúm cristianissimi, et serenissimi pro petitione sua et ad fines de quibus infra dicit ut sequitur.

In primis q. in anno domini millessimo quingentessimo trigessimo (1), et in mense Decembris Dictus Actor, cum consensu et express licentia Regjs cristianissimi, Armavit quandam suam navim vocatam la pellegrina de decem et octo peciis machinarum ex ere Eneo compositarum ponderis quadingentorum quinqu. quintalorum et de pluribus aliis petris earundem machinarum ex ere ferreo comffectarum in tan magno globo q. sufficissent pro tuitione dicte navis et ultra unius castri.

It. Et armavit eandem navim qs. plurimis generibus aamorum videlicet balistis ququiis lamceis et pluribus aliis invasibilibts et pro deffensione dictarum navis et castri, stipavit que eandem navim centum viginti hominibus belicosis nobilibus et plebeiis magno numo conductis.

It. Et in missit in dicta navi qs. plurimas merces Requesitas et in maximo pretio habitas in insulis Brisiliaribus in quibus subnehende erant pro eis communtandis cum aliis mercibus dictarum insularum summe in gallia Requesitis, in missit que instrumenta necessaria pro constructione unius castri et Redatioe terre inculte ad culturam et suppellectilia etiam necessaria ad garniendum dictum castrum.

It. Dicte navi prefecit Joanem Duperet qui solvit amassilia et sulcavot maria per tres menses post quos aplicuit dictis insulis in loco fernãbourg nuncupato.

It. Et ibi compertis sex Lusitanis adorsi sunt ipsi galli ab eis cum maximo furore et magno commeatu silvestrorum sed Deo juvante incolmes evastunt galli et victoriam Reportarunt, Etandem pace inter eos inita galli unum fortali-

(1) Aliás 1531.

tium construxerunt juvantibus silvestribus et etiam distis sex Lusitanis sumptibus gallorum tamen et ab eisdem stipendiatis quod edeffitium fuit constructum ul in eo ne dum merces sed et eorum personas se tutarent adversus dictos silvestres.

Qt. Et pro constructione preffacta fuerunt per dictum duperet quatuor mille ducati expositi Interea tamen qu. perfactum fortalitium construebatur dictus Duperetf merces quas ex massilia aduxerat libere cum incolis dictarum insularum traficando cum mercibus dictarum insularum commutavit de quibus tam maximum globum congessit qu. vix totum illum castrum poterat eas capere.

It. Et postquam hec viã. fuèrunt facta et castrum munitum et de cunctis hiis que supetebant pro tuicione et detentione ipsius tan *inarmis* quam suppellectilibus quandam portionem *dictarum* mercium *in navi inmissit* ut eas in gallia subueheret in qua in magno pretio habebantur.

It. Et inter alias merces de quibus navem oneravit fuerunt quinqu. mille quintallia ligni brasilii quod tunc in gallia vendebatur pretio octo ducatorum pro quintallo quare valloris erant quadraginta mille ducatorum.

It. Et tricenta quintalla bonbicis valloris trium mille ducatorum ad rationem decem ducatorum pro quintallo et tantundem de graniş illius patrie valloris nonigentorum ducatorum ad rationem trium ducatorum pro quintallo et sex centos pssitacos, jam linguam nostram conatos, valloris trium mille et sexcentorum ducatorum, ad rationem sex ducatorum pro quolibet, et ter mille pelles leopardorum et aliorum animalium diversorum collorum, valloris novem mille ducatorum ad rationem trium ducatorum pro pelle et trescentas simias sen melius agnenones, valloris mille et octocentorum ducatorum ad rationem sex ducatorum pro

agnenone,et de mina auri q. purificata ut decebat ter mille ducatos reddidisset et de oleiis medicabilibus valloris mille ducatorum et tanti ut preffactum est vendi potuissent in gallia ad quam destinata erant preffacte merces.

It. Et omnes sume preffacte simul junte sumam sexaginta duorum mille ducatorum cum trescentis ascendebant.

It. Et merces que in dicto castro remanserunt pro eis in gallia sub vehendit in futurum triplum et in globo et in vallore mercium in precedentibus articulis designatarum ascendebat quo circa omnes merces tam navis quan castri valloris ducentorum quadraginta mille ducatorum erant.

It. Et dicte navi fuit datus preffectus dominus debarram cum quadraginta hominibus belicosis ipso computato pro eo adversus piratas tuenda.

It. Solverunt a dito fernamburg et committante sorte satis prospera in mensse auguste anni millessimi quingentessimi trigessimi primi (1) in portu de mallega in hispania apulerunt in quo anchoras jecerunt ob penuriam alimentorum.

It. Et compertis ibi dictis dom martim et correa cum decem navibus et caravelis ab ipsis dictus barram preffectus accitus est inquisitus de biis que subuehebat unde et ad quem locum.

It. Et de omnibus cerciorati ac de penuria esculentorum, dicti lusitani pietate fita mutuo dederunt triginta quintalia panis viscoti dicto barram, et quia Romam petebant ad quam tunc ipse dom martim ut aiebat legatione pro dicto Rege serenissimo portugallie fungebatur promisserum dicti lusitani dicto barram conservantiam usque in dictam massiliam.

It. Et fide sic data aceptata omnes una a dicto portu de

(1) Aliás 1532.

malegā solverunt tutum tamem et nondum quinqu. milliaribus de mari tranatis coati sunt gradum sistere ob cesationem venti.

It. Et die sequinti q. erat dies assumptionis virginis marie dictus dom martim fingens velle omnes nautas preffectos que navium consulere circa navigationem fiendam accivit ad se dictum barram et navelerum patronum sue navis quos adventatos ipso correa presente et favente dom martim cepit et deinde alios sodales dicte peregrine et omnes vinculis dedit vinculatos que per vim et navi cum mercibus depredata merces navem et homnines Regi iam dito serenissimo mandavit qui cuncta ratifficans homines carceri mancipavit, navem merces qs. sibi apropriavit.

It. Et certifficatus dictus serenissimus de castri construtione in dictis insulis et de mercibus et machinis armis suppellectilibus et bominibus in dicto castro existentibus ad tutum tres naves armavit quibus dictum petrum loppes preffecit eis que in mandatis dedit ut cellerrime ad dictum castrum subvertendum merces et cetera que in eo erant capienda et homines proffligandos accederet.

It. Et antea in anno millessimo quingentessimo vigessimo sexto ydem serenissimus per totum ejus Regnum Edictum ab eo emanatum publication dederat quo continebatur preceptum expressum omnibus ejus subditis sub pena capitis de omnibus galis ad dictas inculas accedentibus seu ab eis redeuntibus submergendis et expressam commissionem ap hoc finis dicto correa signatam dradiderat.

It. Et illud decreverat licet tunc nullum extaret belum inter prefactos Reges seu eorum subditos imo tunc confederati erant et licet etiam merces de quibus supra facta est mencio non sint de hiis que de jure prohibentur ad inimicus deffens, et licet etiam dictus Rex serenissimus nullum

habeat dominium nec jurisditionem in dictis insulis imo gentes eas incollentes plurimos habeant regulos quibus more tamen et ritu silvestri reguntur et ita ponitur in facto.

It. Etiam ponitur in facto probabilli qu. dictus serenissimos Rex portugalie nullam maiorem habet potestate in dictis insulis quan habeat Rex cristianissimus, imo enim mare sit comune et insuli prefacte omibus ad eas accedentibus aperte permissum est ne dum gallis sed omnibus aliis nationibus eas frequentare et cum accolis comertium habere.

It. Et maxime quia tunc lusitani gallie libere frequentabant et cum galliis in dies comercium habebant quare indem erat aut debebat esse premissum galis in lusitania et in dictis insulis etiam dato qu. dicto Regi serenissimo spectasetattenta dictorum Regnum confederatione.

It. Et circa mensem decembris dicti anni millessimi quigentessimi primi (1) dictus loppes cum suis navibus dicto portu de fernamburg applicuit castrum dicti actoris obsedit et per decem et octo dies machinis impetui et tandem conquassavit.

It. Et ob qu. dominus della mothe qui in dicto castro capitaneus erat videns etiam de longo tempore non posse sucurri colloquium de deditione cum dicto loppes habuit et post maximas oltercationes inita fuit inter eos transactio qua tantum fuit qu. castrum dicto loppes prodicto Rege serenissimo traderetur et ydem loppes salvaret homines ac

(1) Aliás 1532; tambem no mez deve haver erro. Não pode ter sido em dezembro porquanto a 4 de novembro se partiu Pero Lopes para a Europa. Provavelmente devia ler-se Setembro, e talvez a rendição teve lugar a 27 deste mez, em que a igreja celebra os santos medicos Cosme e Damião, que ficaram sendo patronos de Igaraçú. A 4 d'Agosto estava ja Pero Lopes perto de Pernambuco.

merces in dicto castro existentes quos homines et merces promissit in loco libero subuehere et dimittere francos et liberos cum mercibus et hiis qui in dicto castro habebant.

It. Et dicta transactio fuit juramento dicti ioppes velato solepnim et supra sanctum corpus christi presbiterum ibi tunc consecratum.

It. Et illo non obstante tradito castro dicto loppes ydem loppes suspendio dedit dictum dominum delia mote capitanem et viginti alios ex suis sodalibus duosque vivos silvestribus delaniandos et mandendos tradidit aliosque cum mercibus et aliis rebus in dicto castro existentibus Regi serenissimo aduxit qui homines carcere dedit in villa de farom cum ceteris captis predictum correa et merces cetera quas sibi propria fecit.

It. Et in quo carcere multum fuerunt per lusitanos vexati per viginti quatuor menses in magna inedia fame et longa oppressione quatuor ex hiis animas effaverunt e post xx iiij menses alii liberati sunt demptis undecim proprius tamen lusitani coegerant dictos gallos captivatos falso deponere in inquesta per eos fata prope è factis depredationiinter emptibus cooperiendis.

It. Et quare ad huc detinentur dicti undecim et xx fuerunt suspensi duo vivi delaniati et comesti et quatuor in carcere qui omnes triginta septem ascendunt.

It. Quod a dicto anno captionis usque ad huc dictus actor soivit vel onoxius est uxoribus seu heredibus eorum stipendia promíssa videlycet tres ducatos pro mense cuilibet ascendentia in cumulo summa mille tricentorum ducatorum cum tringita et uno pro quolibet anno quare per septem annis summa novem mille ducatorum cum trecentis et decem.

jt. Et ceteris qui manserunt in dicto carcere per dictos viginti quatuor menses solvit etiam prefacto modo stipendia

aut pro eis manet onoxius ascendentia pro dicto tempore summa sex mille nonnigentorum septuaginta quatuor ducatorum, cum octuaginta tres homines essent non computatis dictis triginta septem hominibus.

It. Et dicta navis cum suis armamentis valloris erat duorum mille ducatorum machinevero, arma et allia mobilia mercibus non computatis tan in navi quam in castro existencia valloris erant sex mille ducatorum.

It. Preffacte omnes summe Rerum depredatarum ascendunt in universo summã ducentorum sexaginta octo millium ducatorum cum ducentis octuaginta quatuor cujus summa quadruplum cum pro rebus raptis detur summa in decem centum septuaginta trium mille ducatorum cum centum triginta sex ducatis ascendit.

It. Et quia dictis mercibus seu vallore earum si depredate non essent dictus actor traficam ceptum continuasset et cum eis in decuplum lucratus esset petit idem actor illud interesse lucri cessantis.

It. Et saltem illud consideratur et ratio illius habetur in solito lucrari et mercari in gallia ad rationem de viginti pro centenario pro quolibet ãno quod interesse in quinque annis principalle ascenderet ideo enim principale dictarum mercium summa ducentorum quadraginta millia ducatorum ascendat totidem ascendit et interesse.

It. Quia omnia et singula predicta sunt vera et notoria offerens actor ea probare ad sufficientiam tamen et non alias imo rejecto superfluo onere probationis de quo espresse protestatur.

Concludit dictus actor quatenus ipsi reij in dictis summis condenentur erga actorem aut in alia summa de qua aparebit pretestis aut per juramentum eiusdem actoris ad

quod petit admititi attento q. est questio de rebus depredatis et ita concludit et alias pertinent. s. juxta materiam subjectam cum expensis dannis et interesse petens in omnibus jus dici et justiciam ministrarj.

Protestando tamen qu. in casuum dicti reii non invenirent solvendo pro summa condenata et per vos declarata executio remaneat dicto actori salva adversus mandantem et ratifficantem.

Petens litteras vestras citatorias adversus dictos dom martim correa et loppes sibi decerni visuros dictam petitionem coram vobis fieri et aliter procedi ut juris et rationis juxta formam dictarum commissionum nostrarum.—

LLYURO DA NÃOO BERTOA

QUE VAY PARA A TERA DO BRAZYLL

DE QUE SOM ARMADORES

bertolameu marchone e benadyto morelle e fernã de lloronha e francysco mz

que partio deste porto de lix.ª a xxij de feureiro de 511.

L.º Do dya que partimos da cydade de de (ita) llysboa para ho brazyll ate que tornamos a purtugall.

Em sabado **xxij** dyas ffeujreyro era de **1511** ãnos: partyo (sic) nãoo bertoa de dyante de samta cateryna para ho brasyll e no dyto dya fomos de fora seguyndo ho camjnho das canaryas em tençom de tomarmos as pescaryas como no Regymẽto dellRei noso Sñor mãda.

It. aos **xx**biij dyas de feujreyro em sesta feyra chegamos as canaryas e a dous dyas de março em domyngo a tarde começamos nosa pescarya e no dyto domjngo fomos seguyndo nosa ujagem para ho brasill.

It. aos bj dyas dyas (ita) do mez da bryll em domjnguo de llazaro chegamos a aujsta do rjo de sam francysco tera do brasyll.

It. aos xbij dias dabryll em quymta feyra de trevas chegamos a baya de todollos samtos.

It. a xij dyas do mes de mayo em segũda feyra partymos para cabo fryo.

It. aos xxbj dyas do mes de mayo em segũda feira achegamos ao porto de cabo fryo.

It. aos xxbiiij dyas do mes de julho partymos de cabo fryo para purtugall.

It. aos biiij dyas do mes de setembro em dya de nosa Sñora vymos tera de guyne jnmto cõ sanaga.

aos bij dyas do mes de oytubro vymos ho pyco Ilha dos acores e fyzemos nossa Rota para purtugal

aos xx dyas do mes de oytubro em domynguo pella manhãa vymos ho cabo de espychell

aos xxij dyas do mes de oytubro e quarta feyra emtramos polla carreyra de sam gyam.

(Seguem as folhas 3, 4, e 5 em branco.)

REGYMÊNTO DO CAPYTAM.

L.º Do Regymẽto do capytam que eu Duarte ffrz espruam (sic) trelladey em este llyuro dellRei noso Sñor.

A maneyra que vos muyto homrado (sic) crystouã pyz. que hys por capitam da nãoo bretoa a Resgate do brazyll aves de ter ẽ toda a vyagem e asy no dito Resgate he a segujnte.

It. como partyrdes davamte Restello fares voso camjnho dereytamẽte as pescaryas omde estares os dyas que abastarem atee fazerdes (ita) o que vos for necessaryo e acabada sygyres vosa vyagem ate a tra. do dyto brazyll sem tocar des ẽ nenhũa ylha nẽ em parte allguma da costa de guyne e semdo chegado a tera do dyto brazill asentares sovo Resgate cõ toda segurançá de uos nõ acõntecer pẽgano nẽ por outra allgũa maneyra nenhũa cayam de que uos posa vyr

dano a vos nem allgũa pesoa da dyta não, nem prda. ao que compre armacam della

aos xij dyas de março prvycou crystouam Pyz. capitam da naoo bertoa ha a sua companha o seu Regymêto para saberem a maneyra que aujam de ter na dyta ujagem.

REGYMÊTO.

It. asemtamdo o dyto Resgate como dyto e fares todo o que bem poderdes pello fazer cô todo prouyto darmaçã e no menos tempo que ser poder precuramdo (ita) todo o que em vos ffor para averdes toda caregua de bõo brasyll e cõ menos desp.ª que se poder fazer.

It. todos os paos do dyto brasyll que se caRegarem na dyta nãoo emtraram nella e se aRumaram p. comto que se fara p. amte vos e p. amte o espruam della que os assemtara cõ boa decraraçom em seu lyuro em tall maneyra que nõ posa njso ab. nenhũ ero e aRumaçam delles mãdares fazer em tall modo que posa trazer adita nãoo a mays Soma que ser poder sem vyr cousa allgũa della de vazyo.

It. defemderes ao mestre e a toda a companha da dyta naoo que nõ faça nen nhũ mall nem dano aagente da tera e se allgem fezer o comtrayro o fares asy espreuer ao dito espryuam e se vos p. allgũ Respeyto lhe nam mãdares que o faça elle de seu ofycyo sera obrigado de o asy cõpryr sopena de perder ametade de seu ordenado p. a o esprytall de todollos samtos desta cydade e quall quer pesoa da dyta naoo que este nam guardar p. dera yso mesmo ametade se seu solldo e allem du que lhe for dada qualquer outra pena que p. justiça mereçer segumdo a callydade do que fezer como seoferese cõtra cada hũa das pesoas da dyta nãoo ou de caa do reyno por ser muy necesayro a S. ujço

Dell Rey noso Snõr e ben do dyto Resgate ser tractado p. todos melhores meyos que se poder e sem nem nhũ escamdallo pello muyto dano que dello se pode seguyr.

It. notefycares yso mesmo a toda a dyta cõpanha que nõ Resgate nem vemda nem troquem cõ ayemte da dyta tera nem nhũas armas de nem nenhũa sorte que seya punhas nem outras nem nhũas cousas que sam defesas pello samto padre e por ell Rey noso Snõr e poderom lleuar façs e tysoyras como sempre lleuarom.

It. Requereres ao dyto espruam que esprua em seu llyuro todollos papagaos e gatos e esprauos e quallquer outras cousas qua cõpanha da dyta naoo dellaa trouver decramdo o de cada hũa para para (ita) se qua areçadarem (sic) os dyreytos do dyto Snõr os quaes espruos nõ poderom trazer salluo lleuamdo os ordenados pellos armadores e por que pella acupaçam que os mareamtes e pesoas outras que lla uam tem na compra dos dytos espruos e papagayos por omde o avyamẽto que cada hũ podeRya dar a carrega da dyta naõo e asy mesmo que es preua p. seus nomes no dyto llyuro todollos mareamtes que forem na naoo e nõ comsemtyrdes que nenhũa pesoa que nella va posa comprar ferramẽta que para ysso llevem somẽte o posam fazer depoys da dyta naõo e se algums fallecerem na vyagem asemte lloguo o dya e mes em que for para a comta do solldo do que se ouver de dar a seus erdeyros e uos teres cujdado quando acontecer que allgem for doemte lhe fares lembrança se a nõ tyuer feita cedulla ou testamẽto que faca lloguo e o dyto espruam que seya aysodyllygemte e lhe fares toda llembrança que vos bem parecer para todo descareguo de sua cõ cyamcya em tall maueyra que seos Ds. quizer lleuar o ache em camjnho para sua salluaçam.

E se allgũa fazemda e vystydos ou quaes qr. ôoutras cousas fiycarem p. sua morte lloguo as mãdares espruer p.amte nos ao dyto espruam em hũ termo que fara em seu llyuro e tudo pores a tall reçado que se nõ posa p.der nem danjfyçar cousa allgũa e se allgũas pesoas da dyta nãoo quyzerem cõprar as dytas cousas ou allgũas dellas lhas fares vemder empregam peramte vos e quem p. ellas mays der e asemtar ao dyto espruam no dyto llyuro cõ boa de craraçam o que cada hũ comprar e preço que deredo que lloguo pagar fares emtregar o dro. ao mestre de dyta nãoo e caregar sobre elle para se caa emtregar os seus erdeyros com todo o mays que allgũs tambem cõprarem e caa o averem de pagar p. seus solldos ou as mesmas cousas se se nõ venderem.

It. mãda o dyto Snõr que se allgũa pesoa da dyta nãoo Renegar de Ds. ou de nosa Sõra. e dos samtos ou jurar por cada vez que o fezer perça tres mjll Rs de seu solldo para o dyto esprtall e que tamto que a dyta nãoo aquy chegar da tornavyajem vaa preso della acadea domde pagara a dyta pena cõ quallqr. outra que nos taes casos he dada p. suas ordenações.

It. tamto que tomardes uosa carega de todo vos vjres dereytamente a esta cydade e nõ yredes demãndar nem nhũa Ilha nem tera sem e estrema necyçedade de mjngoa de bytalhas ou aparelhos sem os quaes nõ podes res en maneyra allgũa navegar e se o cõntrayro fezerdes p.deres todo uoso ordenado e asy o perderam o espryuam e mestre e pylloto da dyta nãoo vemdo que o queres fazer sem a dyta njcyccdade nõ uos requeremdo que o escuses ho que lloguo ho dyto espruam asemtara em quall qr. modo que pasar e semdo caso que pella tall necesydade vades demãdar allgũa Ilha ou tera o dyto espruam dara dyso fe em seu llyuro allem do quall uos trares certydom dos ofycyaes do dyto

Snor. da tall Ilha ou tera em que dem fe e sertafyquem a causa de vosa yda que vos lhe manjfestares e mostrares para que mjlhor e mays serto o posam asy fazer semdo caso que foseys com a dyta necysjdade tomar augoa ou llenha a quall qr parte da costa de gnjue nam fares y mays detemça que quamta para yso compryr nem lleyxares sayr em tera mays que as pesoas necesaryas aa obra que se ouver de fazer e estes nem outros allguns nem vos yso mesmo nõ resgatares nem nhũa cousa de nenhũa callydade que seya somẽte bytalha e llenha e augoa e mays nõ e se ho cõtrayro fyzerdes nos e quall qr. que ho fyzer e for perderẽ todo o ordenado da dyta ujayem e as cousas que se resgatarem tudo para o dyto Snõr allem de encoerdes em todollas outras penas cyues e crimes das ordenações de guyne pello cõsemtyrdes e elles pello fazerem e o dyto espruam emcorrera nas mesmas penas se todo o que se pasar em tall caso o nom espreuer em seu llyuro como he obrygado.

It. nam trares na dyta nãoo em nem hũa maneyra nem hũa p.ª das naturaes da tera do dyto brasyll que queyra qua vyr ujuer ao reyno por que se allgũs qua falleçem cujdam eses de lla que os matam p.ª os comerem segũdo amtre elles se custuma.

It. semdo chegados avamte desta cydade nõ seyres em tera nem outra nem nhũa pesoa da dyta nãoo nem comsemtyres tyrar em tera cousa allgũa nem outrem de fora hyr a naõo atee jrmos a vos a vos despachar segundo a ordenamça do dyto Snor.

It. os testamẽtos e emaventayros ujram em voso poder p.ª qua os emtregardes a quem qua p. nos vos for mãdado p. se emtregarem a seus yrdeyros ou testameyteyros a que pertemcerem

It. p. quãto o espruam nõ lleua outro nenhũ Regymẽto

p. que se aya de reger e fazer ho que cõpryr a seu careguo somẽte este vos tamto que o tyuerdes ujsto lho mostrares e dares p. ho trelladar em seu llyuro e aver e o dyto trellado ter e ter llembramça de ho cõpryr ynteyramẽte asy no que elle p. sy ouver de fazer como em vos allembrar e espertar e requerer ao que for obrygado p. bem do seu carego segundo se nelle mays llargamente comtem o quall espruam o tralladara em seu llyuro e dara o propyo ao capytam tamto que da quj partyr e nõ no fazemdo asy o dyto espruam pr. dera seu ordenado e solldo.

It. vos lembrara de terdes gramde vegya na gemte que mãdardes fora p.ª que va sempre a bom reçado e cõ pesoa tall que olhe p. elles de maneyra que nõ se posa lla na tera llamçar nem fyçar nenhũ delles como algũas vezes ya fyzerom que he cousa muyto odyosa ao trauto e servjco do dyto Snor.

It. tamto que emboora chegardes ao çabo fryo omde estyuer ho feytor lhe emtregares todas as merçadaryas que lleuardes p. voso despacho reçeberes delle conhecymẽto p.ª p. elle dardes qua vosa comta.

It. nom comsemtyres que nenhũ homẽ de vosa naão que saya fora na tera fyrme somẽte na Ilha homde esteuer a feytorya.

It. nom comsemtyres que nenhũ homẽ resgate cousa allgũa sem llycemca do feytor e queremdo allguem allgem (sic) e rezgatar allgua cousa que ho faça saber

E tamto que fordes caregado lloguo uos byres sem nem nenhũa mays detemça dereytamente a esta cydade sem demãdardes nenhũa tera salluo se por mjngoa de mãtymẽtos ou causo fortoyto for necesaryo de que trares certydam feyta p. ofycyaes dell Rei da tera omde fordes ter e se for em llugar que nõ ouver hy ofycyaes dell Rey fareis fazer

hû auto dyso ao espryuam asynado p. o dyto espryuam e mestre e pylloto e seres aujstado de nõ tyrar em tera nem deyxar tyrar brasyll nem nem (sic) outra cousa allgũa que da dyta tera do brasyll trouverdes sopena de perderdes uosa capytanja e ordenado e auerdes aquella pena corporall que uos ellRey noso Snõr quyser dar e os marynheyros e pesoas outras que ho comtrayro fycerem p.deram seu solldo e seram obrygados a dyta pena

—p. meyramête ao feytor sopena de perder seu ordenado e todo o que o feytor nos requerer que facaes p. seruyço dellRey noso Snõr e bem darmaçam o fares cõ boa dellygemcya.

Foy trelladado este regymêto do capytam em este llyuro p. mj espruam da dyta nao bertoa a xij de março era de **1511** anos.

L.º da companha da naoo bertoa.

It. crystouam pyz. capytam morador em a rua nova dos merçadores

It. Duarte frz. espruam casado e morador em allfama.

It. fernã vaz. mestre casado em allfama

It. Joham llopez carualho casado e morador em as famgas da farynha

marynheyros

It. amtonjo a. comtra mestre casado e morador em catequefaras

It. allu.º añes casado e morador e sam gyom

It. bastyam gllz. casado e morador em quatequefaras

It. Joham Gllz. casado e morador catequefaras

It. fernam mjz. gallego sollteyro e naturall da cydade da crunha

It. Joham Dyz. sollteyro e ujue na ferarya

It. domjngos Gera casado e morador em as marte

It. p.º anes carafate sollteyro naturall da cydade do porto

It. allu.º royz. sollteyro e ujue em alluerça

It. martym Vaz sollteyro e ujue em samtarem

It. amdre a.º casado e morador a nosa Snora da cõseyçam

It. njcollao royz casado e morador em as famgas da farynha

It. Juramj despenseyro e cryado de bertolameu marcgone

L.º dos grumetes

It. Joham dazevedo casado e morador em sam njcollao

It. Joham gera sollteyro e ujue na ollcazarya

It. amdre mjz. sollteyro e ujue na rapozeyra

It. Dyogo frz. sollteyro e ujue em llouredo

It. Joham ferador e sollteyro e naturall de m.ª allua

It. aº e sollteyro naturall de canas de senhorym termo de ujseu

It. p.º yorge e sollteyro e ujue na coujlham

It. amdre frz. sollteyro e vyve em samtarem

It. gomçallo pyz. sollteyro naturall de braga

It. njcollao sollteyro e ujve na cydade do pto.

It. amtonjo frz. negro cryado de Roy Gomez

It. amtonjo negro esprauo de aretur amryquez

It. bastyam esprauo de bertollameu marchone

It. bertollameu sollteyro e naturall da cydade de Rodrygo

pages da naoo

It. pedrynho cryado da çabytam (ita)
It. peryço cryado do mestre
It. gomçallo cryado do pylloto
It. Fernamdo cryado do comtramestre.

carega do brazyll que a nãoo bertoa tomou em cabo-fryo e foy a prmeyra batellada a doze dyas do mes de junho era de 1511 anos

aos xij dyas do mes de junho en quymta feyra tomou nãoo bertoa pao de brazyll iij.c xbij	317
aos xiij dyas do mes de Junho sesta feyra tomou nãoo bertoa paos de brasyll iij.cxxbiij	328
aos xiiij dyas do mes de Junho em esabado tomou nãoo bertoa paos de brasyll ij.c lxxxxbiij	298
aos xbj dyas do mes de Junho em segumda feyra tomou nãoo bertoa paos de brasyll iij.clxiij	363
	1306
aos xbij dyas do mes de Junho tomou não bertoa pãos do brasyll iijc. bj	306
aos xbiij dyas do mes de Junho tomou naoo bertoa pãos de brasyll iij. cxxxix	339
aos xbiiij dyas do mes de Junho tomou não bertoa de brasyll ijc. lxxxxiij	293
aos xx dyas do mes de Junho tomou nãoo bertoa pãos de brasyll iiijc. l iij	458
aos xxj dyas do mes de Junho tomou não bertoa pãos de brasyll iiijc. lxxxx	490
aos xxiij dyas do mes de Junho tomou não bertoa pãos de brasyll iiij.c xxxxj	340

aos xxbj dyas do mes de Junho tomou não bertoa pãos de brasyll bc iiij	504
	2731
aos xxbj dyas do mes de Junho tomou nãoo bertoa pãos de brasyll iiij.c xxxxbij	347
aos xxbij dias do mes de Junho tomou nãoo bertoa pãos de brasyll iij.c biiij	309
aos x dias do mes de Julho tomou nãos (sic) bertoa pãos de brasyll i.c xxxx	140
aos xxiiij dyas do mes de Julho tomou nãoo bertoa pãos de brasyll i.clxxbj	176
	972

Soma de todo ho brasyll onde nõ comto alligumas rachas e paos que se femderom para facerem arumaçom da dita nãoo b.m paos (sic)

Soma 5009

L.° dos espranos

It. ho capytam b espranos sc. dous moços e tres moças e mays hũa moça quelleua de emcomẽda de francysco gomes espruam de francysco mjz e a p. nome a sprua buysyda e foy asemtada p. o dyto francysco gomes a xxbij dyas do mes de Junho em çabo fryo bj eram p. todos bj

It. ho espruam b espruos sc. hũ moço e quatro moças b

It. quatro de llycemças que eu espruam trouve biiij

It. hũ de p.° llopez e outro de lluys alluarẽz e ho outro de Joham frz. ferador e outro de gonçallo alluarẽz e sam p. todos biiij

It. ho mestre tres espruos hũ omẽ e duas sc. molheres biiij

It. vo pylloto biiij espruos sc. tres omẽs e bj molheres biiij

It. Juramj despenseyro b espruos sc. hû moço e quatro moças b

It. njçollao Royz marynheyro hûa esprua j

It, ho contramestre hûa esprua j

It. ho carafate hû espruo j

It. Dyogo frz. grumete hû espruo j

E[1] sam p todos os espruos xxxbj forom a valiados todos estos xxxbj descravos nõ ētrando a q. ha do hordenado do esprvã juntamēte ē cbxxiij reis de q. vē a elRey noso Snõr de seu qto.—Riijut reis os quaes vam caregados ē reta. sobr eitor nunes.

(folhas 17 v., 18 e 19 em branco)

L.° dos gatos[2] e papagayos

It. ho capytam trespapagayos e dous toys e hu gato e sam p. todos bj peças 6

It. ho espruam hu papagayo 1

It. ho mestre dous gatos e hu çagoym e sam p. todos iij peças 3

It. ho pylloto dous gatos e b çagoys e tres papagayos e biiij toys e sam p. todos xbiij peças 18

It. domjngos sera carpemteyro tres macaos (sic) e dous gatos e sam p. todos b peças 5

It. Juramj despemseyro b gatos e b çagoys e iiij papagayos e biiij toys e sam por todos xxiij peças 23

It. amdre a° hû gato e hû çagoym 2

1 Estas cinco linhas que seguem estão riscadas no original.

2 Maracayás se entende.

It. njçollao Royz marynheyro tres gatos e hũ çagoym iij pecas 3
It. fernam galleguo marynheyro hũ papagayo 1
It. allu.º añes marynheyro hũ papagayo 1
It. allu.º Royz marynheyro hũ prpagayo 1
It. ho comtramestre hũ toym 1
It. dyoguo frz. grumete dous çagoys 2
It. Jom ferador grumete hũ papagayo e hũ toym 2
It. p.º Jorge grumete hũ çagoym 1
It. fernamdo page hũ toym forom

forom [1] avaliados estos gatos e papagayos (ita) e çagujns juntamẽte e xxiiij ij.c xx reis de q. a elRey noso Snõr de seu qto. bj.c lb reis os quaes vã caregadas ẽ cta. sobre eitor nunez

L.º DA FERAMÊTA QUE SE FURTOU NA NAÔO BERTOA ESTAMDO NA BAYA DE TODOLLOS SAMTOS

Aos b dyas do mes de mayo em segomda feyra na baya de todollos samtos se furtou serta merçadarya darmaçam sc. machados e machadynhas e cunhas e llogo pello capytam foy feyta esta dyllygemcya que se sege

It. prmeyramẽte deu ho capytam asua chave e requereo a mj espruam da dyta naõo e a yoham de braga feytor que buscassem a sua camara e asymesmo mãdou amj espruam que lhe dese a mjnha e asy tomou a do mestre e pylloto e de toda a outra cõpanha as quaes chaues forom emtregues a mj espruam e llogo foy feyta a dyllygencia que se sege

It. ao pylloto hũ machado que ho feytor conheceo e dyz ser darmaçam

[1] Estas quatro linhas que seguem estão riscadas.

It. hũ machado a njçollao Royz marynheyro que dyz que lho deu ho capytam ho quall capytam dyz que he verdade que elle lhe deu ho dyto machado por quãto elle trazya x ou doze machados do fereyo que fez os darmacam p. nome chamado ho fereyro chrystouã e asy trazya quatro machados de hũa llycemça do espruam de framcysco mjz que bem se poderyam parecer cõ os outros.

It. mays amdre a.º marynheyro tres cunhas e hũ machado que dyz ho feytor que lhe parecem ser darmaçam e dyz ho dyto amdre a.º que lho deu ho pylloto p. outro que lhe emprestara

It. mays hũ machadó a Jeronjmo espruam da feytorya elle dyto Jeronjmo dyz que lho dera Jerumj despemseyro da dyta naoo ho qual Jerumj dyxe que era v. dade que lho emprestara

It. mays duas machadynhas a gomçallo pyz. grumete e dyz que lhas deu ho contramestre e dyz ho feytor refem darmaçã

pello quall dyz ho comtra mestre que as ouve dazevedo grumete e dyz ho grumete que quãdo lhe for prgumtado que dara testemunhas domde as ouve

It. mays hũa machadynha a p.º Jorge grumete que dyz que lha deu azevedo ho quall dyz ho feitor ser darmaçã

Itt. feyta esta dyllygemcya que ho capytam mãdou fazer se nõ achou outra cullpa se nõ nos detras anomeados.

Requerymẽto que chrystouam pyz, capytam fez a sua cõpanha em cabo fryo que foy em segunda feyra xxbj dias do mes de mayo e lhes requereo da parte dellrey noso Snõr que nenhũ nõ fosse tam ousado que nõ resgatassem nenhũa cousa p. nenhũa mercadarya que fose

aos xxbiiij dyas do mes de mayo em quymta feyra no cabo fryo veo Joham de braga a naõo bertoa a tyrar a ferameta darmaçam pello quall ho capytão deu jurameto ao pylloto e ao comtra mestre e ao carafate que elles pello jurameto que tynham resebydo que oulhassem bem aquella ferameta e machados se lhe parecyam ser de hũ ofycyall e isto por bem da feramêta que achaua menos e a achauam em maos de outrem pello quall dyxe ho pylloto que lhe parecyam serem os machãdos de tres ofycyaes e pello semelhante ho comtramestre e o carafate.

(Seguem as folhas 24, 25, 26 e 27 em branco)

INDICE.

PAGINAS

Typographia de Domingos Luiz dos Santos, rua Nova do Ouvidor N. 20.

DIARIO

DA

NAVEGAÇÃO DA ARMADA

QUE FOI A' TERRA DO BRASIL

EM 1530

SOB A CAPITANIA-MOR

DE

MARTIM AFFONSO DE SOUSA

ESCRIPTO POR SEU IRMÃO

PERO LOPES DE SOUSA

PUBLICADO POR

Francisco Adolfo de Varnhagen

SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA, A. DAS REFLEXÕES CRITICAS Á PRECIOSA OBRA DE GABRIEL SOARES, &c. &c. &c.

« Estou persuadido que ainda existem alguns
« diarios originaes dos nossos antigos navegantes.
« Oxalá que sáião á luz para honra da Nação. »

QUINTELLA, *Annaes da Mar. Port.*

RIO DE JANEIRO

TYP. DE AGOSTINHO DE FREITAS GUIMARÃES & C.ª

RUA DO SABÃO N.º 135.

1847

DIARIO

DA

NAVEGAÇÃO DA ARMADA

QUE FOI A' TERRA DO BRASIL

EM 1530

SOB A CAPITANIA-MOR

DE

MARTIM AFFONSO DE SOUSA

ESCRIPTO POR SEU IRMÃO

PERO LOPES DE SOUSA

PUBLICADO POR

Francisco Adolfo de Varnhagen

SOCIO DA ACADEMIA REAL DAS SCIENCIAS DE LISBOA, A. DAS REFLEXÕES CRITICAS Á PRECIOSA OBRA DE GABRIEL SOARES, &c, &c, &c.

« Estou persuadido que ainda existem alguns
« diarios originaes dos nossos antigos navegantes.
« Oxalá que sáião á luz para honra da Nação. »

QUINTELLA, *Annaes da Mar. Port.*

RIO DE JANEIRO

TYP. DE AGOSTINHO DE FREITAS GUIMARÃES & C.ª

RUA DO SABÃO N.º 135.

1847

PROLOGO

A historia dos descobrimentos maritimos, offerecendo o maravilhoso das viagens e por vezes os encantos do romance, excita a curiosidade, e he de todo o auxilio e interesse para o estudo das revoluções occasionadas em varias épocas, na civilisação das differentes partes do globo. Se as explorações e estabelecimentos d'Africa influírão nas suas guerras intestinas — se o achamento da America trouxe, com o germen de huma mais adiantada e progressiva illustração, bens á humanidade, ou se males pelos milhões de mortes que originou — se as guerras dos Portuguezes na Asia, fazendo diversões aos que combatião pelo crescente, livrárão a Europa de huma invasão de turcos — se o indomito oceanico teria melhor sorte livre dos seus modernos civilisadores — se finalmente isto tudo influiu e até que ponto nos diversos estados e nações da Europa — são questões todas importantes do mister do historiador filosofo, e ás quaes serve de primeira base a collecção descriptiva das expedições de mar. He para enriquecer esta collecção que pu-

blicamos o presente inedito, que vai preencher huma grande lacuna até hoje existente na historia do Brasil.

He este livro, que o Publico vê pela primeira vez, hum dos que, por mau fado encerrados e quasi desconhecidos, atravessando seculos, apparecem como enviados para esclarecer pontos controversos e aliviar a critica; e que, rasgando assim de hum golpe folhas de enfadonhas polemicas e certames literarios, fornecem documentos irrefragaveis sobre que por huma vez se descance firme.

Aos leitores versados nos annaes dos descobrimentos — especialmente nos Americanos, recorremos para darem o seu juizo ácerca da importancia d'esta publicação; — a esses que sós reconhecerão nosso trabalho e saberão relevar-lhe as imperfeições, he que dedicamos a presente edição, e oxalá receba ella o acolhimento de que o escripto he digno!

BIOGRAPHIA

DE

MARTIM AFFONSO DE SOUSA.

> " Tanto em armas illustre em toda a parte,
> Quanto em conselho sabio, e bem cuidado. "
> CAMÕES ; *Lus. X.*, 67.

Martim Affonso de Sousa, primeiro Donatario da Capitania de S. Vicente no Brasil, foi o primogenito do alcaide mór de Bragança Lopo de Sousa, de mui nobre e alta linhagem (1), e de sua mulher D. Brites de Albuquerque. Era ainda moço quando deu huma prova de desinteresse e propenção ás armas. Tendo seu pai feito hospedagem ao Castelhano Gonçalo Fernandes de Cordova ordenou, á saida d'este grande Capitão, que seu filho, para lhe fazer honra e cortejo, o fosse acompanhar por algumas jornadas : á despedida, querendo este Fidalgo deixar-lhe hum penhor do seu reconhecimento, o joven Martim Affonso preferiu a hum precioso colar, de muito mais valia que lhe offerecêra (2), huma espada, que toda a vida estimou e usou.

(1) Vej. Antonio de Sousa de Macedo, *Flores de Espana, excellencias de Portugal*, na Exc. V. c. 7.º e a *Hist. Geneal.* T. 12. P. 2.ª
(2) *Diogo de Couto* Dec. 5 Liv. 10 Cap. 11 e 8.º

Passou a mocidade na Côrte do Duque de Bragança D. Theodosio, e querendo este dar-lhe a alcaidaria de Bragança, por morte de seu pai, engeitou-a, indo para pagem do Principe D. João, e d'aqui « por certo motivo de pondonor » se ausentou e se foi a Salamanca, d'onde, enamorado de huma nobre Castelhana (com quem veio a casar) por nome D. Anna Pimentel, que como Dama acompanhou a Rainha D. Catharina em 1525, voltou a Lisboa quando já reinava o seu antigo Amo. Talvez esta alliança, junta á estima que tinha do seu primo D. Antonio de Ataide, Conde da Castanheira, e valido de El-Rei (1), e mais que tudo as suas boas e eminentes qualidades (2), motivárão o ser tratado com grande estimação na Côrte d'El-Rei D. João III., que o fez do seu Conselho.

Bem sabido he como até estes tempos as cousas do Oriente tinhão atrahido todo o cuidado; e a *Terra* por Cabral chamada *de Vera-Cruz* (3), depois de reconhecida e demarcada, apenas servia de ser frequentada pelos contractadores de pau brasil (4), o que já a fizera conhecida por *Terra do Brasil*. Os Castelhanos aportavão alli indevidamente, e, para o mesmo fim, os Francezes fazião temiveis piratarias e hostilidades. — Foi então que, havida a noticia das explorações de Gaboto e Diogo Garcia no Rio da Prata, El-Rei D. João III., resolvido a tomar inteira posse d'este, a colonisar a terra, e a fazer respeitar o seu pendão por aquelles

---

(1) El-Rei he o proprio que diz que o Conde tinha cuidado de requerer a favor de M. Affonso.

(2) " Além do valor de Martim Affonso nas armas e conselho na guerra, e aprasivel conversação e outras boas qualidades, &c. " BARROS D. 4. Liv. 6. C. 16.

(3) Veja a mui curiosa carta de Pero Vaz de Caminha, escripta do Brasil a El-Rei D. Manuel no 1.º de Maio de 1500, impressa na *Cor. Bras.* T. 1.º, e na *Col. Ultr.* T. 4.º n. III., e corre traduzida em Francez. O original, escripto em 7 folhas de papel ordinario, conserva-se no R. Arch. *Gav.* 8.ª M. 2.º n. 8.

(4) " *Avehuntur hinc a Lusitanis ligna Brasi alias Verzini et Cassiæ* " diz o mappa de Ruysch de 1508.

Ainda Camões no seu tempo dizia (X, 140) ser — " co'o páo vermelho nota. " —

mares, aprestou huma Armada de cinco velas (1), levando 400 homens, e nomeou Martim Affonso com grandes poderes para commandar no mar e depois em terra.

Partiu na Armada de Lisboa a 3 de Dezembro de 1530, e com prospera navegação foi aportar ás Canarias e Ilhas de Cabo Verde; e chegado á altura do Cabo de Santo Agostinho, onde forão aprisionadas tres náos Francezas, entrou em Pernambuco com a sua Esquadra, já de oito navios. D'aqui enviou João de Sousa a Portugal em huma das náos aprezadas dar parte do acontecido; fez queimar outra, e mandou Diogo Leite com duas caravelas a explorar o rio de Maranhão e tomar d'elle inteira posse.

Proseguindo ao Sul com as náos restantes chegou á Bahia de todos os Santos, e encontrando a caravela Santa Maria do Cabo, persuadido que lhe era necessaria a tomou e levou na Armada, que já constava outra vez de cinco velas.—Entrou no Rio de Janeiro, fez sair a gente em terra e construir huma casa forte, com cerca em roda, visto que ainda então não havia huma feitoria, onde hoje existem duas Cidades florescentes (2). E mandou quatro homens pelo interior, os quaes voltárão d'ahi a dous mezes acompanhados do Senhor da Terra, a quem Martim Affonso encheu de presentes. Tres mezes completos se demorou aqui a gente, durante os quaes houve tempo de construirem dous bergantins; e refeito de provisões por hum anno, para os 400 homens que levava, fez-se de vela no caminho do Sul. Entrando no porto de Cananéa encontrou dentro hum Bacharel Portuguez, que alli estava degradado desde os principios de 1502, e tambem hum tal Francisco de Chaves e meia duzia de Castelhanos. D'aqui enviou a Pero Lobo com 80 homens d'Armas a descobrir pela terra dentro. Tal foi

---

(1) *Capitaina* que se perdeu no Cabo de Santa Maria— Náo *S. Miguel*, que voltou e fez varias viagens—Galeão *S. Vicente*—Caravelas *Rosa* e *Princeza*: estas duas ultimas forão para o Maranhão com Diogo Leite.

(2) *Rio de Janeiro* e *Nitherohy*.

a primeira *bandeira* (1), que se entranhou pelo Sertão do Brasil.

Depois de 44 dias de demora continuou ao Sul, e quando era tanto avante como o Cabo de Santa Maria soffreu a Armada tal tormenta que desarvorando e desgarrando-se as embarcações, foi naufragar hum bergantim perto da Ilha de Santa Catharina, e o Capitão-mór deu á costa com a sua Capitaina na entrada do Rio da Prata, perdendo-se a melhor porção dos mantimentos, porêm salvando-se com a maior parte da tripulação. A sua Armada ficou de novo reduzida a cinco velas.

Aqui o veio soccorrer seu irmão Pero Lopes, e juntando-se hum Conselho, foi decidido que o Capitão-mór não fosse, mas mandasse pelo Rio da Prata acima, a fim de o examinar e pôr padrões, do que elle incumbiu a seu irmão; e depois de reparado se embarcou, sendo talvez n'esta occasião que examinou o Rio Mampituba, ainda em muitas cartas designado com o seu nome (2), e foi esperar na pequena Ilha das Palmas, ao Norte do Cabo de Santa Maria, pelo dito seu irmão, que só chegou passados trinta e tantos dias.

D'aqui partiu com a Armada para o porto de S. Vicente, onde surgiu a 20 de Janeiro de 1532; e na conformidade das instrucções que levava (3) deu terras, creou Officiaes de Justiça em duas Villas que fez, huma em S. Vicente, e outra pelo Sertão, em Piratininga, pouco arredado d'onde hoje está assentada a Cidade de S. Paulo. Estas forão as primeiras Colonias regulares de Portuguezes no Novo Mundo. (4).

(1) Dá-se no Brasil o nome de *bandeira* a hum indeterminado numero de homens, que providos d'armas, munições e mantimentos necessarios para sua defeza e subsistencia, entrão nas terras possuidas pelos Indios com algum intuito, p. ex. de descobrir minas, reconhecer o paiz, ou castigar hostilidades. Veja-se a *Corogr. Brasilica* e o Dicc. de Moraes.

(2) Vascone. *Noticias antecedentes das cousas do Brasil, etc.* "Chama-se assim porque n'elle sahiu em terra o Capitão Martim Affonso."

(3) Vej. p. 58 do presente Diario.

(4) Fr. Gaspar p. 61 e 63.

Conhecendo o prejuizo que causava a demora das náos e sua tripulação, assentou em conselho de a enviar a Portugal, e a seu irmão encarregou do commando. Emprehendeu então huma jornada a Piratininga onde se achava a 10 de Outubro de 1532 (1). Pouco depois de voltar a S. Vicente, aportou alli com duas caravelas o João de Sousa, trazendo resposta d'El-Rei datada de 28 de Setembro do dito anno (2). N'esta carta lhe fazia saber entre outras cousas que lhe doava cem leguas de costa nos melhores sitios d'aquelle territorio, e lhe declarava que se podia tornar, se lhe parecesse não ser preciso ter lá mais demora. Por esta recommendação se resolveu M. Affonso de voltar á Europa, e se dispoz a fazer de vela na primeira monção de 1533, quando pouco antes da partida, recebeu noticia de haver sido sacrificada aos barbaros Carijós a expedição que da Cananéa mandára pela terra dentro (3).

Chegado a Lisboa foi nomeado Capitão-mór do mar da India, — prova de quanto El-Rei se dera por bem servido delle n'esta incumbencia (4). Emquanto não partiu para o novo destino occupou-se da sua Capitania enviando-lhe casaes, plantas e sementes — incluindo a canna de assucar; e celebrando contractos (5) para a factura d'este.

Aos 12 de Março de 1534 sahiu do Tejo com cinco velas, e no fim do anno já estava em Goa. O Governador D. Nuno da Cunha lhe fez entrega da Capitania mór do mar (6), e lhe deu huma Armada de 40 navios para ir sobre Damão. Esta Fortaleza foi entrada e toda destruida.

Achava-se em Chaul (7) quando o celebre e infeliz Sultão

---

(1) *Fr. Gaspar* Liv. 1.º n. 112, 113, 114, e 115.

(2) Vej. esta carta a pag. 70. Recebeu foral em Outubro de 1534, — a 6 segundo se vê a pag. 110, ou a 7 segundo Fr. Gaspar p. 206.

(3) *Fr. Gaspar* p. 82.

(4) *Gabriel Soares Rot. Ger.* C. 60 he de parecer contrario, com tudo Couto diz que "o mandou por Capitão-mór de huma Armada para o Brasil *em que o serviu bem*. D. 5, L. X. C. 11.

(5) Fr. Gaspar p. 66.

(6) *Barros* 4, 4, 27.

(7) *Andrada* Chronica de D. João III. Parte 3.ª Capitulo 3.º

Badur, arreceando-se dos mogores, lhe mandou dizer, que cedia logar em Diu para levantar huma Fortaleza, obra desejada pelos Portuguezes e muito recommendada d'El-Rei. A fim de prevenir as inconstancias do Badur, este grande Capitão (1) se vai logo a Diu d'onde só dá parte ao Governador. Foi o dar esta nova que serviu de pretexto á temeraria viagem do distincto Diogo Botelho Pereira, que se arrostou com o Adamastor em huma pequena fusta, e chegou a Lisboa a salvamento (2).

O Badur ficou por tal modo affeiçoado a Martim Affonso, que o pediu em soccorro, com gente Portugueza: e propondo o Governador este pedido em conselho foi o Capitão-mór o primeiro a sustentar a concessão; e o Badur deveu ao valor e ardil de guerra d'este grande Chefe o não ser destruido e prezo pelos mogores (3).

Passou d'aqui a desbaratar os Principes Malabares na Ilha de Repelim, que foi saqueada (4); e havendo destruido e assolado todos os logares maritimos do Samorim, recebeu em Cochim noticia de que o Rei de Cota, vassallo do de Portugal, se achava em aperto. Partiu logo para Ceilão, e sendo a sua presença bastante soccorro, aproveitou as intenções contra a frota auxiliar (5) do Samorim, que foi destroçada depois de hum duro combate.

Guardava de novo a costa do Malabar, quando, saindo de Panane, o seu inimigo Pachi-Marcá (6) o perseguiu até Beadalá onde alcançou tão grande victoria e tantos despojos (7), que armou por esta occasião muitos cavaleiros. Indo-se a Ceilão chega a tempo de soccorrer o Rei de Colum-

---

(1) " *Hum dos maiores do mundo* " diz *Antonio de Sousa de Macedo.* —

(2) *Couto* 5, 1, 2. *Barros* 4, 6, 14; *Castanheda* Liv. 8.º cap. 52; *Andrada* P. 3. cap. 13 e 14.

(3) *Couto* 4, 9, 10; *Andrada* P. 3. C. 11; *Barros*, 4, 6, 16.

(4) *Couto* 5, 1, 4.

(5) *Couto* 5, 1, 6.

(6) Assim escreve *Couto* 5, 5, 8.

(7) *Andrada* P. 3, C. 47 e 48. *Barros* 4, 8. 13. *Couto*, 5, 2, 4 e 5. Cam. C. X. est. 65.

ho, que soube recompensar este auxilio com generosidade (1). Cativou e puniu muitos piratas ; e tinha ido de Cananor para Cochim, quando, recebendo aviso de Nuno da Cunha da aproximação dos Turcos, se apressou de ir a Goa. Na occasião que chegou já lá estava o velho D. Garcia de Noronha, nomeado Vice-Rei (2), com grande sentimento do valente e infeliz D. Nuno. Martim Affonso vendo que o novo Vice-Rei não atacava, nem lhe deferia o seu pedido de ir em seguimento dos Turcos, pediu para voltar ao Reino o que lhe foi concedido (3).

Largou de Cochim na companhia de D. Nuno, e tendo aportado aos Açores, chegou a Lisboa, onde foi tão bem recebido d'El-Rei, que antes de saber da morte de D. Garcia, logo o destinou para lhe succeder no Governo, que de mais lhe pertencia pela primeira via de successão ; e só depois foi informado da morte do Vice-Rei.

Martim Affonso, nomeado Governador, não se esquecendo da sua Capitania, deu varias providencias, e se fez de vela a 7 de Abril de 1541 em huma Armada de cinco náos, levando comsigo os primeiros Jesuitas, que vierão a Portugal e forão á India, incluindo o Mestre Francisco Xavier.

Depois de alguma demora em Moçambique largou d'este porto a 15 de Março de 1542 (4) ; e, tendo recebido visita do Rei de Melinde e feito aguada em Socotorá, ferrou na barra de Goa a 6 de Maio.

Tomando posse do Governo, que tinha D. Estevam da Gama, por lhe ter tocado a segunda successão, se embarcou em Outubro para Batecalá, e expugnando esta Fortaleza por mar e terra a fez arrazar (5), depois de soffrer grande resistencia ; e exposta ao saque, foi incendiada. Tendo aprestado huma grande Armada para ir ao pagode de Tre-

(1) *Barros* 4, 8, 14 ; *Couto* 5, 2, 5.
(2) *Couto*, 5, 3, 9.
(3) *Couto* 5, 5, 5.
(4) *Lucena* Liv. 1.º, cap. 11.
(5) *Couto* 5, 9, 1.º e 3.º

mel, encaminhou-se por más informações ao de Tebilicaré, cuja jornada bem cara lhe custou (1).

Havendo governado tres annos e quatro mezes, entregou o Governo em prospero estado (2) ao seu grande successor D. João de Castro, chegado no primeiro de Setembro de 1545; — deixando a armada preparada; pagos 45 contos de réis de dividas velhas, afóra 50 mil cruzados em cofre.

Recolheu-se á Europa, e surgiu em Lisboa a 13 de Junho de 1546, aonde, passados tempos, deu novas provas da sua resolução. Correndo boato de que vinhão Turcos saquear as costas do Algarve, Martim Affonso, estando em conselho quando isto se tratou, offereceu-se (3) de ir contra elles no caso que tal se verificasse, o que não teve effeito. A 8 de Março de 1552 se achava em Alcoentre, d'onde n'esta data expediu huma provisão a fim de concorrer para a fabrica da Fortaleza da Bertioga (4).

Subindo D. Sebastião ao Throno, e antevendo este prudente Conselheiro que a tão joven e incauto Rei não devião de convir conselheiros experimentados, como se verificou, lançou-se de fóra antes que o mandassem (5); e segundo deduzimos do *Soldado Pratico* (cap. 13) El-Rei veio a estar «pouco contente d'elle no obrar dos seus negocios.»

Retirado da Côrte não se esqueceu das terras de S. Vicente, as quaes, pelo contrario, «favoreceu de navios e gente, que a ella mandava, e deu ordem com que mercadores poderosos fossem e mandassem a ella fazer engenhos de assucar e grandes fazendas» (6). E de todo affastado dos negocios se occupou de escrever a sua vida, que deixou MS.; e que foi vista pelo incansavel Conde da Ericeira, na Bib. do

(1) *Couto* 5, 9, 7.°
(2) *Couto* Sold. Prat. C. 5 e 11 pag. 25 e 49, e Dec. 5. Liv. 1.° C. 11.
(3) *Orient. Conq.* do Taparicano Sousa 1.°, 1.°, n. 30.
(4) Fr. Gaspar p. 207 e 208.
(5) *Couto* 5, 10, 11.
(6) *Gab. Soares Rot.* Ger. C. 60.

Conde de Vimieiro;—o qual o declara tambem insigne em letras como nos feitos illustres—. Tratou com a melhor gente do seu tempo, incluindo o grande Pedro Nunes, a quem propoz questões astronomicas, de que este distincto mathematico Portuguez faz menção no seu Tratado em 1537 (1).

Falleceu a 21 de Julho de 1564, e foi sepultado (2) no Convento de S. Francisco da Cidade, na Capella de Jesus, que edificára.

Foi Commendador de Mascarenhas na Ordem de Christo, Alcaide-mór de Rio Maior, e Senhor do Prado e tambem de Alcoentre, onde instituiu hum morgado.

Foi nos conselhos docil e prudente, firme na resolução, intrepido na execução, e forte nos revezes: e, para nos expressarmos com Diogo de Couto, foi de grandes pensamentos, e muito determinado. Era bem apessoado, lhano nos gestos, de aspeito agradavel e de aprazivel conversação. Só lhe tem faltado na posteridade, para ser eterno o seu nome e a sua memoria hum Jacintho Freire ou hum Corte-Real—já que o seu manuscripto não viu a luz.—E quão interessante não seria se apparecesse!

O retrato que apresentamos he feito pelo da Asia de Faria e Sousa, de combinação com a descripção que do de Goa faz Diogo de Couto; do que fomos obrigados a lançar mão por nos não ter chegado ainda huma copia que esperamos d'aquella Capital dos Estados Portuguezes na India. As armas são as competentes da Casa do Prado; e na pequena *vinheta* desenhada inferiormente foi nossa tenção symbolisar as muitas vezes que Martim Affonso capitaneou Armadas de cinco velas.

---

(1) Veja o *Ensaio historico sobre a origem e progressos das mathematicas em Portugal*, por F. B. G. Stockler, Paris 1819; p. 30 e 130.

(2) Veja Fr. Manoel da Esperança *Hist. Seraf.* T. 1.º Liv. 2.º C. 22 p. 243, e hum Nobiliario MS. da *Bib. Pub. de Lisboa.*

NOTICIA DO AUCTOR.

"Franceza gente, que o Brasil tentava
Pedro Lopes de Sousa em furiosa
Naval batalha o mar lhe contestava."
CARAMURU': *Cant.* 8.º *Est.* 27.

Pero Lopes de Sousa, hum dos doze primeiros Donatarios do Brasil, foi o segundogenito de Lopo de Sousa, e irmão do 15.º Governador da India Martim Affonso de Sousa. — He mui provavel que na sua mocidade frequentasse na universidade, que então estava em Lisboa, os estudos da navegação. He sem duvida que dedicando-se á vida maritima reunia o ser n'ella perito a muito desembaraço e afoiteza — qualidades indispensaveis em tal profissão. Começou a servir nas Armadas de guarda costa contra os Corsarios; adquirira a pratica de algumas navegações, quando, joven ainda, e já muito honrado e Fidalgo da Casa d'El-Rei D. João 3.º, acompanhou seu irmão na Armada ao Brasil. Tendo saido de Lisboa na Capitaina, passou depois a commandar duas caravelas, com as quaes sós afrontou em renhida peleja huma náo Franceza, que abalroou e fez prisioneira.

Proseguiu, já feito Capitão da sua nova presa, na direcção do Sul, e depois de ter rendido outra náo Franceza, e aportado á Bahia e Rio de Janeiro, soffreu grande tormenta na altura do Cabo de Santa Maria ; e havendo por esta occasião dado á costa o Capitão-mór, foi decidido em conselho que não devia elle de ir pelo Rio da Prata ; e que fosse lá algum bergantim a fim de o examinar e pôr padrões. Reconhecendo Martim Affonso as eminentes qualidades de seu irmão, o encarregou d'esta commissão, recommendando-lhe que estivesse de volta em vinte dias.

De junto do dito cabo partiu a 23 de Novembro de 1531, navegou o rio acima pelo canal do Norte, cento e tantas leguas contadas do cabo de Santa Maria, e voltou a 12 de Dezembro. Tendo passado n'esta diligencia, inclemencias e trabalhos, pelos quaes mostra o seu valor em soffrer e seu genio em descrever, e visto alguns Gentios, notado seus usos e costumes, veio a naufragar sobre huma Ilha ao pé do cabo de Santa Maria. N'este naufragio se houve Pero Lopes de fórma tal, que o seu procedimento mostra bem qual era a sua constancia e animo. Não convêm antecipar as descripções que se lêm no seu Diario, por vezes poetico ; ao qual remetemos o Leitor, limitando-nos a dizer que tendo conseguido pôr o bergantim a nado se reuniu á Armada, a 27 de Dezembro, na Ilha das Palmas: e todos partirão para o porto de S. Vicente, que Martim Affonso ferrou pela primeira vez a 20 de Janeiro seguinte.

Então decidiu este Capitão por parecer dos pilotos e mestres e todos, « que para isso erão », de mandar duas náos para Portugal com toda a gente do mar. Incumbindo do commando a Pero Lopes, largou este a 22 de Maio de 1532, e fazendo-se ao Norte foi ao Rio de Janeiro esperar pela outra náo (a tomada aos Francezes) ; e d'aqui sairão juntos no principio de Julho. Passados quinze dias era Pero Lopes na Bahia de Todos os Santos, da qual se fez á vela no fim do mez. E tendo andado tanto ávante como a Ilha de Santo Aleixo houve vista de huma náo, e ordenou de fazer tudo

prestes para a combater: o resultado de taes combates com Francezes nunca lhe foi desfavoravel (1). Entrou por fim em Pernambuco, e largando a 4 de Novembro só chegou a Lisboa no começo do anno seguinte.

Entretanto tinha El-Rei escripto a 28 de Setembro do anno antecedente, que lhe fizera doação de juro e herdade de huma Capitania de cincoenta leguas de costa, e em attenção aos seus serviços então narrados talvez pelo presente Diario, o agraciou commutando-lh'as, por doação feita em Evora no primeiro de Setembro de 1534, em oitenta leguas destribuidas em tres differentes logares da costa por elle escolhidos (2).

Ha quem diga (3) que depois de voltar fôra em 1535 a Tunes, por Capitão de huma náo na expedição que commandava Antonio de Saldanha com o Infante D. Luiz; porêm o que temos por certo he que antes ou depois entendeu povoar a sua Capitania de Itamaracá (4).

Havendo sido nomeado Capitão-mór de 6 náos (5) para

---

(1) Gabriel Soares diz no Rot. Ger. Cap. 14 que "se viu assim no mar pelejando com algumas náos Francezas, de que os Francezes nunca se saírão bem."

(2) Veja-se esta doação que transcrevemos a pag. 99, bem como o foral a pag. 107.

(3) Sousa *Hist. Gen.* T. 12 P. 1.ª Seria este serviço que mal entendido fez dizer a certo genealogico cujo Nobiliario Ms. existe na Bib. Pub. de Lisboa, que afirmavão ter sido Governador da Mina.

(4) A maior parte dos escriptores dizem que Pero Lopes foi em pessoa á Colonisação da sua Capitania depois que lhe foi doada. Outros não fazem menção de tal. Quanto á parte de Santo Amaro não encontramos documento anterior a 1542, em que D. Isabel Gamboa nomea seu Loco-tenente e Ouvidor. Com tudo Gabriel Soares, que foi ao Brasil vinte e tantos annos depois e por isso se póde dizer coetaneo, ainda que confunde os acontecimentos que passou na Armada de que tratamos e que menciona no cap. 1.º todavia diz no cap. 14 do Rot. Ger., que, conduzindo Armada á sua custa e em pessoa foi povoar esta Capitania (Itamaracá) com moradores que levou do porto de Lisboa, d'onde partiu; no que gastou alguns annos e muitos mil cruzados"—e no cap. 61 acrescenta que fizera hum engenho em Santo Amaro, que tambem foi povoar em pessoa; porém para esta ultima ha menos fundamentos. O certo he que a mesma ampliação que El-Rei fez a 21 de Janeiro de 1535 he prova de que elle cuidava na Capitania.

(5) V. o — *Livro: das Armadas: e Capitães: que forão: a India do: descobrimento: delta: ate: oje* — Ms., e tambem a obra, que citamos na nota da p. 72, escripta talvez originalmente por Pedro B. de Rezende.

a India partira em Março de 1539; chegou a Goa em Setembro, e voltando para a Europa se perdeu na paragem da Ilha de S. Lourenço (hoje Madagascar), vindo por fóra d'ella, e não houve mais noticia do seu corpo.

Fôra casado com D. Isabel de Gamboa, que ficou Tutora de seus filhos. Era de genio altivo (em vão o nega D. Luiz da Silveira), caprichoso no mando e independente, e por isso algumas vezes foi desatencioso e menos estimado. Tinha bastante amor proprio — talvez proveniente da sua juventude, e afez-se de tal modo aos perigos que o seu valor passou á temeridade, que pagou com a vida.

Deixou-nos escripto o Diario ou Roteiro que damos á luz tão completo quanto podemos, e do qual nem Barboza, nem bibliographo algum que conheçamos, teve noticia. Do merito do seu estylo ajuizarão os nossos Litteratos, e decidirão se algumas paginas descriptivas não fazem recordar a saudosa melancolia do saudoso livro de Bernardim Ribeiro seu contemporaneo.

ADVERTENCIA PRELIMINAR.

Para a presente edição tivemos á vista tres copias — as unicas de cuja existencia temos conhecimento. Por hum feliz acaso nos veio á mão a primeira em occasião que, envolvidos em trabalhos e leituras analogas, nos achavamos em circumstancias de avaliar a sua muita importancia, se não tanto pelo estylo, ao menos pelas curiosas noticias historicas que contém, tendentes a esclarecer controversias não resolvidas pelos diversos Escriptores, e nos decidimos a dal-a ao prélo sem mais detenção. Sobre a sua genuinidade não hesitamos hum momento pois que além do legitimo, se bem que não explicito, testemunho dos Escriptores antigos (1), e até quasi coevos, e a harmonia da narração com o conteúdo de hum capitulo do celebre chronista Antonio Herrera (2), basta ler a descripção para se conhecer que o estylo he Portuguez quinhentista.

(1) Veja a obra de Gabriel Soares de Sousa escripta em 1597, e publicada anonyma pela A. R. das S. de Lisboa em 1825, no cap. primeiro da qual diz este A. que El-Rei D. João 3.º ordenou de distribuir a costa do Brasil a Donatarios por informações entre "outras, que lhe tinha dado Pero Lopes de Sousa, que por esta costa tambem tinha andado com outra armada". Veja outro sim como isto confirma em 1497 Mariz no capitulo 2.º do seu 5.º *Dial. de Varia Historia*, e tambem o Sant. Mar.

(2) Este celebre Historiador, que escreveu com mui bons documentos á vista, não deixou de ter tambem informações exactas ácerca da maior parte

Este exemplar, sem titulo de qualidade alguma, he escripto em letra do principio do Seculo passado, papel sem marca d'agua, formato de folio pequeno, numerado com 72 paginas, contendo exactamente tudo quanto publicamos desde pag. 1 até pag. 53. Nada mais tem de particular digno de reparo e menção.

Sabendo que hum nosso tão grande como generoso literato possuia outra copia, se bem que bastantemente mutilada, a pedimos para consultar. Com a sua costumada franqueza e generosidade propria do seu caracter, o Exm.° Sr. Bispo Conde D. Francisco de S. Luiz se dignou de confiar-nos o seu exemplar de formato de quarto e letra moderna, tendo por titulo—Diario de Pero Lopes de Sousa.—Esta copia, que pouco nos utilisou, deve de ter pertencido a hum P.e Ayres, por quanto em sobrescripto de huma carta appensa, em que algum cotejador remettia algumas adições ao seu possuidor, lemos este nome. Para melhor nos informarmos fizemos indagações em bibliografias, e nas Bibliothecas tanto Publicas de Lisboa, Porto, Coimbra, Evora, e até de Paris e Madrid, como ainda nas principaes particulares d'este Reino; e só na Bibliotheca Real he que,

---

das circumstancias especiaes da navegação de que tractamos. O seguinte trecho transcripto da sua Dec. 4 Lib. X Cap. 6 he huma prova do que dizemos. He para admirar que até hoje se não lhe tivesse dado pezo. Talvez procedeu isto de não haver quem se lembrasse de associar a narrativa aos contos vagos e infundados quasi correntes ácerca do que passou esta Armada. Estes contos occupão algumas linhas pouco dignas de figurar nas dignamente conceituadas obras de Fr. Gaspar, Cazal e Costa Quintella. Diz pois Herrera:

...... "que en aquella Armada iban quatro cientos hombres, sin otros muchos, que voluntariamente se embarcaron, para poblar, que segun se decia, havia de ser en el Rio de la Plata: aunque tambien se trataba, que llevaban fin de echar los Franceses, que se havian entrado en la Costa del Brasil, i edificar algumas fortalecas en los puertos, para lo qual llevaban mucha artilharia: i que desde el Puerto de San Vicente, que era de su distrito, pensaban entrar por tierra al Rio de la Plata: i que dos galeones de los que iban en esta Armada, havian de bolver al Rio de Marano, que decian, que caia em su demarcacion: i que iban en la Armada una nave capitana, dos galeones, i dos caravelas, mui bien artilladas: i que iba en ella Enrique Montes, que havia muchos años que estaba em aquellas partes, &c."

tendo procurado com licença competente, no meio do desarranjo em que ainda estava, tivemos a inexplicavel satisfação de encontrar hum codice de letra quasi contemporanea, sendo como o de romano-restaurada de J. P. Ribeiro, e por tanto certo que anterior ao tempo do dominio Castelhano. Este codice nos subministrou, se era possivel, ainda mais fé, e passamos a dar d'elle noticia especial, visto ser de conveniencia para autenticar a sua antiguidade.

He de folha do tamanho regular do papel *florete* ordinario, e encadernado em huma pasta forrada de coiro a modo de moscovia, com florões e bustos na guarnição de redor e nas tarjas, que as atravessão diametralmente; porém estas tão roçadas que mal se conhecem. O papel he coetaneo — escuro e encorpado, naturalmente fabricado em Genova; damos hum aproximado *fac-simile* da sua marca d'agua, pois a não encontramos nos bibliografos que consultamos, incluindo o Italiano Orlando.

FAC-SIMILE DA MARCA D'AGUA DO MS.

As guardas interiores são do mesmo papel, e na do principio está pregada huma pequena tira com o distico da antiga numeração do codice na Bibliotheca competente.

T. N.º 50.

Volumes — 1.

Seguem-se duas folhas em branco, pertencendo á segunda d'ellas a primeira pagina, e como tal numerada—1—. A numeração das folhas segue só no recto até fol. 44, com a advertencia que da folha 52 passa a 54, e a fol. 53 vem no fim de tudo — sem que possamos dar outra razão d'esta notabilidade. Começa o escripto na fol. 2, como o nosso texto a pag. 1, só com a differença de ter primeiro em cima, com outra letra mais moderna, o titulo que mencionamos a pag. 55. Segue-se a narração com a mesma lição do exemplar que damos ao prélo, salvo nos logares que em notas advirtimos. Tem com tudo algumas palavras riscadas, e com emendas, ou antes substituições de letra mais moderna—quanto a nós de algum curioso, que premeditou ser Editor, porém arranjando tudo a seu modo; estas substituições damos em competentes notas, e as palavras e expressões riscadas imprimimos no texto, em grifo, não só para, por huma facil convenção, darmos noticia d'estes diversos logares, como pelo escrupulo com que ficariamos se o não fizessemos,—podendo imaginar-se que taes riscos erão procedentes de cotejação com algum exemplar de mais credito; o certo he que a copia do Exm.º Sr. Bispo Conde tem os mesmos reparos, ainda que talvez procedentes d'esta mesma copia: em objecto de tão pouca monta não quizemos faltar a esta fidelidade de Editor. Tem mais em alguns logares palavras e letras apagadas, sujas ou raspadas, das quaes algumas indicão pouco a favor de quem manuseára tão rico MS.: de outros em que se vêem cotas e *sublinhações*, vê-se que o livro pertenceu algum dia a Cos-

mografo ou Piloto, que só curava de portos, braças de sonda, signaes das costas maritimas, e das mais particularidades de pilotagem mencionadas em *Roteiros e Artes de Navegar*. Isto nos podia bem trazer á idéa que a casa dos Pimenteis o possuira; porém que tal não passe de mera e momentanea conjectura. D'estas cotas não fazemos menção porque erão evidentemente escriptas só para uso do possuidor, e nenhuma se achava no nosso exemplar.

A orthografia d'este codice da Bib. R. he muito irregular, e tem bastantes breves: os numeros estão escriptos ora em *Romano-Lusitano* (de J. P. Ribeiro), ora em Arabico, e tambem outras vezes por extenso. A particula negativa *não*, aparece escripta por algumas sete maneiras; a saber: *nã*, *nan*, *nam*, *não*, *nõ*, *non*, *nom*: poucas vezes se usa das letras dobradas para as syllabas longas: vem quasi sempre empregado o *R* maiusculo para designar o som forte de *rr*: lê-se humas vezes *bahia*, outras *baia*; usa-se de *ç* antes de *e* e *i*; e finalmente emprega-se muitas vezes o *pera* e *pollo*, e o *per* e *por*; mas estes ultimos tão incoherentemente como vem igualmente na nossa copia, e se vê do impresso.

De tudo porém que n'este codice ha de mais notavel vem a ser, o ter logo seguido ao que se acaba na nossa pagina 53, como em continuação, a descripção da vinda de Pero Lopes para o Reino, tambem escripta por elle, como melhor se verá de todo o seu fragmento, que publicamos separadamente de pag. 93 a 99.

Se bem que a principio tinhamos projectado imprimir só o nosso MS., ávista d'este exemplar fomos tentados a seguil-o, por nos parecer mais antigo e mais completo: obtivemos licença de o examinar, e tomamos d'elle huma copia fidelissima que tencionavamos publicar, quando, ouvindo o parecer (1) de Litteratos que nos honrão com a sua

(1) O Exm.º Sr. Bispo Resignatario de Coimbra, para nós hoje a maior

amisade, e nos merecem todo o credito, decidimos a não sermos escrupulosos em demasia quanto á pontuação, e ortografia—só essenciaes nos Documentos, Diplomas, &c., e resolvemos de arranjar, por esta, huma nova copia, na qual regularisavamos a ortografia, conservando porém todas as feições caracteristicas da antiga do MS., maiormente o que influia na pronuncia, como *relampados*, *menhãa*, *freres*, *froles*, *&c.*; tinhamos prompto este trabalho, e até já a primeira folha composta, quando reconhecemos que pelas modificações feitas eramos caidos quasi no nosso exemplar, e que havia sempre vantagem de nos encostarmos mais a hum dos codices. Então tomamos de novo a resolução de seguir o nosso MS. (apezar de algumas irregularidades ortograficas) anotando-o convenientemente quando fosse preciso, e a de só auxiliar o Leitor acommodando-lhe mais a pontuação, quando o sentido não offerecesse ambiguidade, e por fim acrescentar em nota o fragmento da descripção da vinda de Pero Lopes, que alli se acha: e por mais commodidade dos Leitores, assentamos tambem de destacar no texto os nomes de alguns paizes, terras e rios, o que fizemos pelo simples meio de espacejar mais as letras dos nomes: desfizemos os poucos breves ainda existentes; e reduzimos a extenso os poucos numeros que ainda n'esta copia estavão em caracter *romano-lusitano*, talvez por duvida do copista, como $\overline{\text{iiij}}$ a quatro centos, &c.

Conservamos como estava no nosso MS. unidos os nomes

Authoridade n'este ponto, diz na Prefação ao Roteiro de Magalhães, de que foi Editor:

" Em quanto á orthographia, julgamos dever conservar a do manuscripto, que nos servio de texto, mas não com tanto escrupulo que copiassemos quantos hh, quantos yy, quantos ll, &c. n'elle se achão, ás vezes bem fóra de proposito, como em ryho, fryho, havyha, &c. em logar de rio, frio, havia, &c. A minuciosa exacção n'esta materia apenas póde ter logar nas copias de escriptos scientificos, de Authores mui conhecidos, ou de papeis a que se quer dar hum certo caracter de authenticidade e authoridade."

N'este ultimo caso consideramos os documentos que publicamos, copiados do R. Archivo, e por isso vão tão irregulares. Mais declarada he a opinião do Sr. Alexandre Herculano, hoje tão dignamente encarregado da *Bibliotheca Real*, e a dos Editores do *Roteiro de Vasco da Gama*.

dos dias da semana; v. g. segundafeira, terçafeira, &c.; por que satisfazendo á fidelidade do MS. d'isso nenhum inconveniente resulta. E parece-nos que basta d'estas explicações.

Cumpre-nos tambem dizer que a edição podia ser mais perfeita, porém que tal qual he nos deve gratular; porquanto he de hum escripto até ignorado, que vai derramar luzes para a Historia Geografica e Civil, juntar novos troféos á gloria dos descobrimentos dos Portuguezes, e offerecer considerações ácerca dos Indigenas e da colonisação de huma extensa parte do novo mundo, sobre que he necessario recolher os elementos dispersos para se escrever a historia da sua progressiva população e civilisação, tanto no sentido politico e moral, como no intelectual e industrial.

Hum só pedido muito particular.—He possivel—he até natural que o presente inedito obtenha nova edição, quer por via de reimpressão quer por tradução. Se tal acontecer encarecidamente rogamos ao futuro Editor ou Traductor que se sirva de nos communicar a sua resolução; pois teremos por ventura alguma rectificação, juizo ou observação a fazer, que, se lhe não trouxer bem, certo nunca poderá fazer mal. E para prova do que dizemos aqui lhe damos huma amostra. Acabava-se de imprimir a nota 88, que vem na pag. 98, quando repentinamente nos occorreu melhor modo de explicar a conta do numero de dias que alli averiguamos. O A. refere-se a era de Adão e não á do Mundo, usando da extravagante opinião de começar a contar esta era do dia 2 de Maio. Deverá pois pela authoridade do Genesis começar a de Adão a 7, e por tanto até 22 do dito mez contão-se 16 dias. Ora o signal que vem no manuscripto, e que remetemos quanto á fórma para o Elucidario semelha-se a hum 3; o que agora nos faz acreditar que realmente o he, e que o numero se deve ler 3b1 ou $3.5 + 1 = 16$. Presamos a occasião de fazer esta rectificação para que se veja a ingenuidade conscienciosa de verdade com que desejamos escrever.

DIARIO

DA

NAVEGAÇÃO DA ARMADA

QUE FOI A' TERRA DO BRASIL

Em 1530

Na era de mil e quinhentos e trinta, sabado tres dias do mes de dezembro, parti desta cidade de Lixboa, debaxo da capitania de Martim Afonso de Sousa meu irmão, que ia por capitam de hua armada e governador da terra do brasil: com vento leste sai fóra da barra, fazendo caminho do sudoeste.

Domingo quatro *do dito mes* no quarto d'alva se nos fez o vento norte, *e com elle* fizemos o *mesmo* caminho do sudoeste.

Segundafeira cinco do dito mes ao meo dia tomei o sol em trinta e seis graos e dous terços: demorava-me o cabo de Sam Vicente a leste e a quarta do nordeste.

Terçafeira seis de dezembro ao meo dia tomei o sol em trinta e cinco graos e hum quarto: com vento norte *mui forçoso* fazia o caminho de sudoeste e a quarta do sul. Na nao capitaina sentiamos muito trabalho por que nam governava; e nam levamos mais vela que o traquete e mezena.

Quartafeira sete do dito mes ao meo dia tomei o sol em trinta e quatro graos: fazia o caminho do sudoeste.

Quintafeira oito do dito mes se passou o vento ao nornordeste e ventou com muita força, e *trazia* grande mar *por ló: a nao ia tam má de governo; corriamos muito risco de nos quebrar os mastos.* Este dia nam tomei o sol Demo-fazia-me em trinta e hum graos e hum terço. Demorava-me o cabo de Sam Vicente ao nor*nor*deste; e a ilha da Madeira *me demorava* ao noroeste e a quarta d'aloeste: fazia-me della vinte e cinco leguas.

Sestafeira nove dias de dezembro ás tres horas despois do meo dia houve vista da terra; e chegando-nos mais a ella, reconhecemos ser a ilha de Tenarife. Como foi noite tiramos as monetas; e pairamos a noite toda até o quarto d'alva, que nos fizemos á vela.

Sabado des dias do dito mes ás quatro horas despois do meo dia surgimos no porto da ilha da Gomeira. Em terra tomei o sol em vinte e oito graos e hum quarto: *ali corregemos o leme.*

Terçafeira treze de dezembro no quarto d'alva nos fizemos á vela com vento nordeste: fazia*mos* o caminho do sul e a quarta do sudoeste.

Quartafeira quatorze do dito mes ao meo dia tomei o sol em vinte e seis graos e hum quarto: demorava-me o cabo do Bojador a leste e a quarta de nordeste: fazia*mos* o caminho do sul e a quarta do sudoeste.

Quintafeira quinze de dezembro ao meo dia tomei o sol em vinte e quatro graos e meo: o vento *saltou* a lesnordeste *brando.*

Sestafeira desaseis do dito mes no quarto d'alva se passou o vento ao sudoeste; e com elle barlaventeamos até á noite, que ficou o vento em calma.

Sabado desasete do dito mes andamos o dia todo em calma.

Domingo desoito do dito mes, *dia de nossa senhora ante natal,* andamos em calma *sem ventar bafo de vento senam* grande vaga de mar que vinha do sudoeste; e os ceos corriam mui tesos do mesmo rumo.

Segundafeira desanove do dito mes ao meo dia tomei o sol em vinte e hum graos e tres quartos: demorava-me o cabo das Barbas a leste, e por fazer grande abatimento com o mar mui grosso, que me rolava para a terra, me fazia do dito cabo vinte leguas. *Lancei o prumo ao mar e tomei fundo com cincoenta e cinco braças. De noite me ventou hum pouco de vento norte.*

Terçafeira vinte dias de dezembro ao meo dia tomei o sol em vinte e hum graos e hum quarto; e o vento *começou a refrescar do norte, e com elle* faziamos o caminho ao sudoeste e a quarta do sul. Demorava-me o cabo Branco a lessueste: fazia-me d'elle vinte e cinco leguas. *Hua hora de sol houvemos vista de duas velas e as fomos demandar: e era hua caravela e hum navio que vinham de pescaria, e por elles escrevemos a Portugal.*

Quartafeira vinte e hum *do dito mes* ao meo dia tomei o sol em vinte graos e hum terço: com vento nordeste *de todalas velas* faziamos o caminho ao sudoeste e a quarta do sul: demorava-me o cabo Branco a leste e a quarta do nordeste.

Quintafeira vinte e dois do dito mes ao meo dia tomei o sol em desoito graos e tres quartos: demorava-me o cabo Branco ao nordeste e a quarta de leste: fazia-me delle cincoenta e cinco leguas.

Sestafeira vinte e tres do dito mes tomei o sol em desasete graos e dous terços; e desd' o meo dia fizemos o caminho ao sudoeste e quarta de loeste. Como foi noite *governamos* ao essudoeste.

Sabado vinte e quatro do dito mes tomei o sol em quinze graos; *e* fazia *o mesmo* caminho *do* essudoeste. E em se pondo o sol vi*mos* terra ao sudoeste e a quarta d'oeste: seria*mos* della oito leguas. Como foi noite pairamos até o quarto d'alva, que nos fizemos á vela. E como foi de dia reconhecemos ser a ilha do Sal.

Domingo vinte e cinco de dezembro, dia de natal, pela menhãa fizemos o caminho do sul até á noite, que fomos

com a ilha de Boa Vista: por resguardo do baxo, que nos demorava a lessueste, fizemos o caminho do sul. E *como foi noite mandou o capitam J. a Baltazar Gonçalves capitam da caravela Princeza que fosse diante, e levasse o farol; e assi fomos até pela menhãa.*

Segundafeira vinte e seis *do dito mes estavamos* pegados com a ilha de Maio: *a caravela* Princesa nam aparecia, nem da gavia. Indo demandar o porto da ilha de Santiago, veo hua cerraçam que na nao nam nos viamos huns aos outros. Por nam poder fazer caminho pairamos a noite toda.

Terçafeira vinte e sete do tido mes pela menhãa estavamos hum tiro de *a*bombarda de terra da ilha de Santiago, da banda do norte; e o vento começou a ventar norte mui rijo, e alimpou a nevoa. Indo para tomar o porto da Ribeira Grande saltou o vento de supito ao sueste, que nos era mui contrario; e assi barlaventeamos o dia todo sem poder cobrar nada. A noite passada da cerraçam se apartou de nós a nao Sam Miguel, de que era capitam Heitor de Sousa.

Quartafeira vinte e oito do mes de dezembro pela menhãa nos acalmou o vento hum tiro de falcam da terra; e o mar andava tam grosso, que se nos nam ventara hum pouco de vento norte foramos de todo perdidos; porque o mar nos rolava para terra, e nam podiamos surgir; porque o fundo era de pedra: este dia ao meo dia fomos a surgir na Praia. Aqui achamos hua nao de duzentos toneis, e hua chalupa de castelhanos; e em chegando nos disseram como iam ao Rio de Maranham: e o capitam J. lhe mandou requerer que elles nam fossem ao dito rio; por quanto era delRei nosso senhor e dentro da sua demarcaçam.

Quintafeira vinte e nove do dito mes pela menhãa demos á vela, e fomos surgir a Ribeira Grande onde achamos a caravela Princesa: aqui neste porto tomei o sol em quinze graos e hum sesmo. Aqui veo dar o navio

Sam Miguel comnosco. Nesta ilha estivemos tomando cousas necessarias para a viagem até terçafeira tres dias de janeiro de mil e quinhentos e trinta e hum. Fizemonos á vela em se cerrando a noite com muito vento nordeste: o galeam Sam Vicente perdeo duas anchoras em se fazendo á vela: e a caravela Princesa hua; porque o surgidouro deste porto he todo sujo. Como saío a lua se fez o vento lesnordeste, e ventou com tanta força que nam podiamos com a vela. Inde assi correndo com gram mar deu a nao hua guinada, e em preparando de ló nos arrebentou o masto do traquete pelos tamboretes, de que sentimos muita fortuna; e amainamos a vela; e fomos correndo ao som do mar até que foi de dia.

Quartafeira quatro de janeiro ao meo dia fez-se o tempo em mais bonança, e abaxamos o masto hum covado, puzemos-lhe huas emmendas, e com arrataduras o corregemos o melhor que pudemos.

Quintafeira cinco do dito mes o vento era muito mais forte que o dia *d*antes: faziamos o caminho do sul e da quarta do sueste.

Sestafeira seis do dito mes o vento e o mar eram mais bonança; e gastamos o dia todo em correger o masto.

Sabado sete do dito mes ao meo dia tomei o sol em oito graos e meo: demorava-me o cabo Verde ao nordeste, e tomava da quarta do norte: demorava-me o cabo Roxo a lesnordeste: fazia-me delle cento e quinze leguas: faziamos o caminho do sulsueste.

Domingo oito do dito mes o vento norte bonança fazia-*me* o mesmo caminho do sulsueste.

Segundafeira nove do dito mes ao meo dia tomei o sol em cinco graos e meo: demorava-me o cabo Roxo ao nordeste: fazia-me delle cento e cincoenta leguas: demorava-me a Serra Lioa a leste e a quarta do nordeste: fazia-me della cento e setenta e seis leguas. Faziamos o caminho ao sulsueste. Neste dia nos morreo hum homem, que traziamos da ilha de Santiago.

Terçafeira, des do dito mes pela menhãa nos deu hua trovoada com muito vento e agua, que nos fez amainar as velas. O dia todo estivemos sem vento até o quarto da modorra, que se fez o vento nordeste; e com elle nos fizemos á vela.

Quartafeira onze do dito mes nos deram muitas trovoadas; e de noite no quarto da prima nos deu hua trovoada do sueste, e outra do nordeste, com muito vento e agua e relampados.

Quintafeira doze do mes de janeiro se fez o vento leste, e com elle fizemos o caminho do sul.

Sestafeira treze do dito mes todo dia nos choveo. Com o vento norte faziamos o caminho do sul. Como se nos o sol poz, acalmou o vento; e estivemos toda a noite em calma.

Sabado quatorze do dito mes tomei o sol em tres graos e tres quartos: este dia todo nam ventou; senam choveu muita agua, e fazia tam grande calma, que nam se podia soportar.

Domingo quinze do dito mes tomei o sol em dous graos e dous terços.

Segundafeira desaseis do dito mes se fez o vento sudoeste, e com elle faziamos o caminho do sulsueste; e no quarto da prima nos deu hua trovoada, com gram força de vento, que nos fez amainar de romania as velas.

Terçafeira desasete do dito mes tornou a ventar o vento *de* oestesudoeste, e ao meo dia tornei *a tomar* o sol em hum grao e meio.

Quartafeira desoito do dito mes tomei o sol em meo grao: e o vento se fez sueste, e com elle faziamos o caminho ao sudoeste *e a quarta d'oeste;* e demorava-me o cabo de santo Agostinho ao sudoeste e a quarta doeste.

Quintafeira desanove do dito mes tomei o sol em dous terços de grao, da banda do sul.

Sestafeira vinte do dito mes, tomei o sol em tres quar-

tos de grao: o vento era sueste, que nos era escasso para dobrarmos o cabo de santo Agostinho. As aguas nesta paragem correm a loeste com muita força.

Sabado vinte e hum do dito mes tomei o sol em hum grao e tres quartos.

A ilha de Fernão de Loronha me demorava ao sudoeste e a quarta d'oeste; o cabo de santo Agostinho ao sudoeste. O vento nos era mui escasso, de que sentiamos muito trabalho.

Domingo vinte e dous do dito mes, tomei o sol em dous graos: demorava-me a ilha de Fernão de Loronha ao sudoeste, e a quarta d'oeste: fazia-me della quarenta e cinco leguas. No quarto de prima se nos fez o vento lessueste.

Segundafeira vinte e tres de janeiro ao meo dia tomei o sol em tres graos e hum quarto: demorava-me a ilha de Fernão de Loronha ao sudoeste: fazia-me della desoito leguas. O cabo de santo Agostinho me de morava ao sudoeste: fazia-me delle cem leguas.

Terçafeira ao meo dia tomei o sol em quatro graos e hum quarto. Nesta paragem correm as aguas a loesnoroeste: em certos tempos correm mais; sc. desde março até outubro correm com mais furia. He por estas correntes fazerem os abatimentos incertos que muitas vezes se dam duas quartas de abatimento, e abatem os navios quatro. Assi que nesta paragem a pilotagem he incerta, per experiencia verdadeira, para saberdes se estais de barlavento ou de julavento da ilha de Fernão de Loronha, quando estais de barlavento vereis muitas aves as mais rabiforcados e alcatrazes pretos; e de julavento vereis mui poucas aves, e as que virdes serão alcatrazes brancos. E o mar he mui chão.

Quartafeira vinte e cinco de janeiro ao meo dia tomei o sol em cinco graos e hum terço. Com o vento lessueste faziamos o caminho de lessudoeste.

Quintafeira vinte e seis do dito mes tomei o sol

em cinco graos e meo. Faziamos o caminho do sulsudoeste.

Sestafeira vinte e sete do dito mes tomei o sol em sete graos e meo: e desde meo dia arribamos duas quartas: e fazia o caminho do sudoeste.

Sabado tomei o sol em oito graos e meo: afaziamos o caminho a loeste e a quarta do sudoeste. E desd' o quarto da prima governamos a este.

Domingo vinte e nove do dito mes tomei o sol em nove graos. Faziamos o caminho a loeste, com vento leste.

Segundafeira trinta dias do mes de janeiro tomei o sol: e estava na altura do cabo de santo Agostinho: e iamo-lo a demandar pelo rumo d'aloeste. Este dia nam correo pescado nenhum comnosco, que he sinal nesta costa d'estar perto de terra; e outro nenhum nam tem senam este.

Terçafeira trinta e hum do dito mes no quarto d'alva vimos terra, que nos demorava a loeste: achegando-nos mais a ella houvemos vista de hua nao; e demos as velas todas, e afomos demandar: e mandou o capitam J. dous navios na volta do norte, — na volta em que a nao ía, e outros dous na volta do sul: a nao como se vio cercada arribou a terra, e mea legua della surgio e lançou o batel fóra. Como fomos della hum tiro de bombarda se meteo a gente toda no batel e fugio para a terra. Mandou o capitam J. a Diogo Leite, capitam da caravela Princesa, que fosse com o seu batel apoz o batel da nao: quando já chegou a terra, era ja a gente metida pela terra dentro, e o batel quebrado. Fomos á nao, e nella nam achamos mais que hum só homem; tinha muita artelheria e polvora, e estava toda abarrotada de brasil. Ao meo dia nos fizemos á vela para ir demandar o cabo de santo Agostinho: seriamos delle seis leguas. Tomamos esta nao de França defronte do cabo de Percaauri: corre-se com o cabo de santo Agostinho norte e sul, tomada quarta de noroeste e sueste. Da banda do sul do

cabo de santo Agostinho achamos outra nao de França, que tomamos carregada de brasil. Esta noite no quarto da prima me mandou o capitam J. com duas caravelas á ilha de santo Aleixo; porque tinhamos informaçam que estavam ahi duas naos de França: fui toda a noite com o prumo na mão, sondando por fundo de doze braças: no quarto d'alva surgimos ao mar da ilha mea legua, em fundo de doze braças d'area grossa.

Quartafeira primeiro dia de febreiro em rompendo a alva vimos mea legua ao mar hua nao, que cõs traquetes ia no bordo do norte, e como a vimos me fiz á vela no bordo do sul. A nao, como houve vista das caravelas, deu todalas velas. Neste bordo do sul fui quatro relogios e virei no bordo do norte; e ao meo dia era na esteira da nao, duas leguas della: a outra caravela era hua legua de mim a ré. Como descobrimos o cabo de santo Agostinho saío o capitam J. no navio Sam Miguel com o galeam Sam Vicente, e com hua das naos que tomara aos francezes; mas vinha tanto a julavento que quasi nam podiam cobrar a terra. Este dia, hua hora de sol, cheguei á nao, e primeiro que lhe tirasse, me tirou dous tiros: antes que fosse noite lhe tirei tres tiros de camelo, e tres vezes toda a outra artelheria: e de noite carregou tanto o vento lessueste, que nam pude jogar senam artelheria meuda; e com ella pellejamos toda a noite.

Quintafeira dous de febreiro em rompendo a alva mandei hum marinheiro ao masto grande ver se via o capitam J., ou os outros navios, e me disse que via hua vela, que nam divisava se era latina, se redonda. E desd'as sete horas do dia até o sol posto, que rendemos a nao, pellejamos sempre. A nao me deo dentro na caravela trinta e dous tiros, quebrou-me muitos aparelhos, e rompeo-me as velas todas. Estando assi com a nao tomada chegou o capitam J. com os outros navios; logo abalroei com a nao e entrei dentro; e o capitam J. abalroou com o seu navio: e os mais dos francezes se passa-

5

ram ao navio. A nao vinha carregada de brasil; trazia muita artelheria, e outra muita muniçam de guerra: por lhes faltar polvora se deram. Na nao nam demos mais que hua bombarda, com hum pedreiro ao lume d'agua: com a artelheria meuda lhe ferimos seis homens: na caravela me nam mataram, nem feriram nenhum homem, de que dei muitas graças ao senhor Deus.

Sestafeira tres do dito mes pela menhãa nos achamos hua legua de terra, a qual se corria nornoroeste sulsueste. Ao longo do mar eram tudo barreiras vermelhas: a terra he toda chãa, chea d'arvoredo. Como nos achegamos mais a terra se nos fez o vento sueste: e ao meo dia surgimos em fundo de onze braças, hua legua de terra. Como estive surto, lancei o batel fóra, por nenhum dos outros navios trazer batel, que os haviam deixado no cabo de santo Agostinho. Este dia vieram de terra, a nado, ás naos indios a perguntar-nos se queriamos brasil.

Sabado pela menhãa quatro de febreiro mandou o capitam J. a Heitor de Sousa, capitam da nao Sam Miguel que fosse a terra com o batel e com mercaderia, ver se poderia trazer algua agua, de que tinhamos muita necessidade: e se tornou sem trazer agua, por lha nam querer dar a gente da terra. O capitam J. se passou á caravela Rosa, e se fez á vela no bordo do mar, para ir diante ao porto de Pernambuco fazer alguas cousas prestes para a armada. Eu fiquei com os outros navios surto; e ao meo dia tomei o sol em seis graos e hum terço. Em se pondo o sol me fiz á vela; e em levando a amarra me desandou o cabrestante, e me ferio dous homens; e tornei a virar com muita força, e arrebentei o cabre, e me fiz á vela: e mandei a Baltazar Gonçalves que levasse o farol; por quanto eu nam tinha piloto. E fomos no bordo do mar até o quarto da modorra rendido; e tornei a virar no bordo da terra.

Domingo cinco do dito mes barlaventeci o dia todo

sem poder cobrar mea legua de costa; e ao sol posto surgi em oito braças, por o navio Sam Miguel ser muito a julavento de mim. A agua corria mui tesa ao nornoroeste.

Segundafeira seis de febreiro pela menhãa, nem da gavia parecia o navio Sam Miguel; estive surto, esperando até quintafeira nove dias do dito mes, que me fiz á vela com o vento lessueste. Abarlaventeci o dia todo sem poder cobrar nada, por correrem as aguas muito ao dito rumo. A agua nos ia faltando, de que sentiamos muito trabalho.

Sestafeira des do dito mes, até quartafeira quinze do dito mes de febreiro, com muito trabalho cobramos hua legua de costa, e surgi á boca de hum rio para tomar agua, e me fazer na volta de Guiné; porque o longo da costa nam podiamos cobrar, e os ventos sueste e lessuestes ventavam ja mui tendentes, que nesta costa ventam desde febreiro até agosto.

Quintafeira desaseis de febreiro no quarto d'alva ventou da terra hum pouco de vento com que me fiz á vela, e duas leguas ao mar me acalmou. Surgi em fundo de quinze braças; e ao meo dia se fez o vento leste, e com elle me fiz á vela no bordo do sul. No quarto da prima se me fez o vento nordeste, que nos era mui largo.

Sestafeira desasete do dito mes fomos surgir defronte do porto de Pernambuco, em fundo de quinze braças. Des' o porto de Pernambuco até o cabo de Percaauri, como passares das quinze braças, he fundo sujo. Aqui achamos a nao capitaina e o galeam Sam Vicente, e a nao de França que tomamos no arrecife do cabo de santo Agostinho, e me disseram como nam tinham novas do capitam J.; senam que o dia d'antes viram hua vela ao mar, que ia no bordo do sul; e me disseram que foram ao Rio de Pernambuco; e como havia dous meses que ao dito rio chegara hum galeam de França; e que saqueara a feitoria; e que roubara toda a fazenda, que nelle estava, delRei nosso senhor: e que

o feitor do dito rio era ido ao Rio de Janeiro, n'hua caravela, que ia para Çofala. E achei sete homens da nao capitaina mortos, que se affogaram na barra do arrecife.

Sabado desoito do mes de febreiro vimos a caravela, em que vinha o capitam J., que barlaventeava com o vento nordeste, quatro leguas ao sul de nós. De noite se fez o vento mais ao mar, e mandei ás naos que fizessem fogos nas gavias, para poder vir o capitam J.

Domingo se fez o vento lessueste, e com elle veo a caravela, em que vinha o capitam J., e lhe demos conta como o navio de Heitor de Sousa se havia apartado de nós, oito dias havia: e o capitam J. foi ao Rio de Pernambuco; e mandou levar todolos doentes a hua casa de feitoria, que ahi estava. Daqui mandou o capitam J. as duas caravelas, para que fossem descobrir o Rio do Maranham; e mandou João de Sousa a Portugal em hua nao, que de França tomaramos; e a outra nao mandou queimar. Despois de termos tomado agua e outras cousas, de que tinhamos necessidade para a viagem, nos fizemos á vela com o vento lesnordeste.

Sestafeira primeiro dia do mes de março, com tres naos; sc.: a nao capitaina; e o galeam Sam Vicente, de que era capitam Pero Lobo Pinheiro; e em outra nao de França, que tomamos, ia eu, a que puz nome — Nossa Senhora das Candeas — pela tomarmos no mesmo dia de nossa Senhora: e com o dito vento faziamos o caminho ao sul, e a quarta do sueste. Mandou o Capitam J. ao galeam Sam Vicente que se chegasse bem a terra, até ver se no arrecife de Sam Miguel estavam alguas naos.

Sabado pela menhãa chegou o galeam a nós, e nos disse como no arrecife nam havia naos. E ao meo dia tomei o sol em nove graos e meo.

Domingo tres dias de março faziamos o caminho do sul e a quarta do sudoeste; e ao meo dia tomei o sol em

des graos e hum quarto. A' tarde nos deram duas trovoadas, hua do norte e outra de lessueste, com muita agua e vento: e toda a noite andamos amainados, com muitas trovoadas; e com os mores pés de vento, que eu até entam tinha visto.

Segundafeira quatro dias de março pela menhãa nos tornou a ventar o vento leste até o meo dia, que nos deu hua trovoada com muito vento e pedra; e como passou ficou o vento em calma; e de noite tivemos muitas trovoadas de todolos rumos.

Terçafeira cinco do dito mes se nos fez o vento lessueste; faziamos o caminho ao sulsudoeste: e ao meo dia tomei o sol em des graos e tres quartos: demoravam-me as serras de santo Antonio a loeste: fazia-me dellas treze leguas.

Quartafeira seis dias do dito mes andamos em calma até á noite, que toda a passamos com muitas trovoadas de vento e relampados.

Quintafeira ao meo dia se fez o vento sueste; faziamos o caminho do sulsudoeste. De noite, no quarto da madorra, nos deu hua trovoada do norte com tanta força de vento, que se me nam quebrara a verga do traquete em tres pedaços, de todo foramos soçobrados.

Sestafeira oito dias do dito mes ao meo dia tomei o sol em onze graos e seis meudos. A' tarde nos deu hua trovoada de muita agua; e entre as naos se fizeram duas mangas, de que os marinheiros houveram mui gram medo, por no mar ser cousa mui perigosa.

Sabado ao meo dia tomei o sol em onze graos e hum terço: fazia-me de terra quatorze leguas; e este dia nos nam ventou vento.

Domingo des do mes de março se fez o vento sueste, e tomava do sul; e com todalas velas faziamos o caminho do sudoeste. De noite, no quarto da prima, nos deu hua trovoada com tanta força de vento, que amainados, metia a nao o portaló por debaxo do mar: eram tantos

os relampados que a todos nos punha temor: e rendido o quarto da prima me deu hum raio no masto do traquete da gavia, que mo fez em dous pedaços: quiz Nossa Senhora que nos nam fez mais nojo: trouxe tam gram fedor de enxofre, que nam havia homem que o soportasse. Choveu-nos tanta agua esta noite, que com duas bombas a nam podiamos esgotar.

Segundafeira onze do dito mes ao meo dia tomei o sol em onze graos e meo: fazia-me de terra des leguas. Fazia o caminho do sudoeste com o vento sueste. Em se pondo o sol demos n'hua aguagem do rio de Sam Francisco, que fazia mui grande escarcéo.

Sabado doze do mes de março ao meo dia tomei o sol em doze graos e dous terços; e em se pondo o sol houve vista de terra, que me demorava a loeste: fazia-me della seis leguas. E de noite, por nos afastar de terra, fizemos o caminho ao sul e a quarta do sudoeste, até o quanto d'alva, que tornamos a fazer o caminho do sudoeste.

Domingo treze dias de março pela menhãa eramos de terra quatro leguas: e como nos achegamos mais a ella reconhecemos ser a Bahia de todolos Santos; e ao meo dia entramos nella. Faz a entrada norte sul: tem tres ilhas: hua ao sudoeste, e outra ao norte, e outra ao noroeste: do vento sulsudoeste he desabrigada. Na entrada tem sete, oito braças de fundo, a lugares pedra, a lugares area; e assi tem o mesmo fundo dentro da bahia, onde as naos sorgem. Em terra, na ponta do padram, tomei o sol em treze graos e hum quarto. Ao mar da ponta do padram se faz hua restinga d'area, e a lugares pedra: entre ella e a ponta podem entrar naos: no mais baxo da dita restinga ha braça e mea. Aqui estivemos tomando agua e lenha, e corregendo as naos, que dos temporaes que nos dias passados nos deram, vinham desaparelhadas. Nesta bahia achamos hum homem portuguez, que havia vinte e dous annos que es-

tava nesta terra; e deu rezam larga do que nella havia. Os principaes homens da terra vieram fazer obediencia ao capitam J.; e nos trouxeram muito mantimento, e fizeram grandes festas e bailos; amostrando muito prazer por sermos aqui vindos. O capitam J. lhes deu muitas dadivas. A gente desta terra he toda alva; os homens mui bem dispostos, e as molheres mui fermosas, que nam ham nenhua inveja ás da Rua Nova de Lixboa. Nam tem os homens outras armas senam arcos e frechas; a cada duas leguas tem guerra hus com os outros. Estando nesta bahia no meo do rio pellejaram cincoenta almadias de hua banda, e cincoenta da outra; que cada almadia traz secenta homens, todas apavezadas de pavezes pintados como os nossos: e pellejaram desd'o meo dia até o sol posto: as cincoenta almadias, da banda de que estavamos surtos foram vencedores; e trouxeram muitos dos outros captivos, e os matavam com grandes cerimonias, presos per cordas, e depois de mortos os assavam e comiam: nam tem nenhum modo de fisica: como se acham mal nam comem, e poem-se ao fumo; e assi pelo conseguinte os que são feridos. Aqui deixou o capitam J. dous homens, para fazerem experiencia do que a terra dava, e lhes deixou muitas sementes.

Quintafeira desasete de março partimos desta bahia com o vento lessueste, e fomos na volta do sul até a tarde, que carregou muito o vento, e tornamos arribar: e surgimos á boca da bahia, em fundo de treze braças d'area limpa.

Sestafeira desoito do dito mes nos fizemos á vela com o vento leste e tomava do sueste.

Sabado desanove de março faziamos o caminho do sul com o dito vento: era de terra quatro leguas; a qual terra he toda alta e igual: corre-se norte sul. Ao meu dia tomei o sol em treze graos e dous terços.

Domingo, com as aguas que nesta costa correm neste tempo ao sueste, nos puzemos tanto a barlavento que

pela menhãa nam vimos terra. Ao meo dia se nos fez o vento sueste; e com as aguagens andava o caminho do sulsudoeste. E ao pôr do sol vi terra mui alta: fazia-me della sete leguas: de noite se fez o vento mais largo; e faziamos o caminho do sul.

Segundafeira vinte e hum do dito mes ao meo dia tomei o sol em quatorze graos e tres quartos: fez-se-nos o vento sueste e tomava do sul; e de noite tiramos as monetas: e com os papafigos baxos trincamos no bordo do sul.

Terçafeira vinte e dous de março, pelo vento se fazer sulsueste, viramos no bordo do norte; e ao meo dia tomei o sol em quatorze graos e meo: e de noite levamos a proa a leste.

Quartafeira vinte e tres do mes fazia-me de terra des leguas: e ao meo dia carregou muito o vento sueste, com mui gram mar: por nam podermos ir de ló amainamos as vellas, e lançamos as naos de mar em travez.

Quintafeira vinte e quatro dias do dito mes nam podemos sofrer o mar, que era mui feo; e arribamos com assaz fortuna; e corremos este dia todo arbore seca, pelo rumo do noroeste; e ao por do sol vimos terra, e conhecemos a boca do rio de T y n h a *a* r é *a* da banda do sul: e como foi noite nos deu hua trovoada de leste tam supita, que ventando o vento sueste,—ventando forçoso, pode mais a trovoada; que se nos achara com vela soçobraramos. Por sermos mui perto de terra surgimos em vinte e hua braça de fundo d'area limpa: era o mar tam grosso, e cada vez nos investia por riba dos castellos. No quarto da modorra saltou hua trovoada per riba da terra d'oeste, que nos susteve até pela menhãa de nos darmos á costa.

Sestafeira pela menhãa nos fizemos á vela; era o mar tam grosso que iamos á popa com todas as velas, e nam no podiamos romper. Fomos com este vento até meo

dia, que nos deu o vento sueste, com que fomos correndo a costa esta noite. No quarto da modorra fomos surgir na boca da Bahia de todolos Santos.

Sabado vinte e seis de março pela menhãa vimos dentro na bahia hum navio surto; e por ser longe nam devisavamos se era latino, se redondo: e logo vimos saír hum batel da bahia, que vinha ás naos; e como chegou á nao capitaina, a salvou; e vinha nelle o capitam da caravela que arribara a Pernambuco, que ia para Çofala; e vinha no batel o feitor da feitoria de Pernambuco, que se chamava Diogo Dias; e o capitam J. mandou fazer as naos á vela para dentro da bahia; e mandou chamar a gente da caravela; e mandou soltar o piloto, que o capitam trazia preso; e mandou despejar a caravela dos escravos, e lança-los em terra: e determinou de levar a caravela comsigo, por lhe ser necessaria para a viagem.

Domingo vinte e sete do mes de março partimos daquesta bahia, com o vento leste, contra a opiniam de todolos pilotos: a qual era que nam podiamos dobrar os baxos d'abrolho; e que a monçam dos ventos suestes começava desd'o meado febreiro até agosto; e que em nenhua maneira podiamos passar; e que era por demais andar lavrando o mar.

Segundafeira vinte e oito de março ao meo dia tomei o sol em quatorze graos: era de terra quatro leguas: faziamos o caminho do sul, com vento leste.

Terçafeira ao meo dia tomei o sol em quatorze graos e hum terço: era de terra cinco leguas; a qual terra era mui alta: corre-se norte sul. Lancei o prumo ao mar, e nam tomei fundo com duzentas braças.

Quartafeira fazia o caminho do sul, com o vento leste; nam me afastando nada de terra. Ao meo dia tomei o sol em treze graos.

Quintafeira trinta e hum do mes de março, fazendo o dito caminho do sul e ao meo dia, tomei o sol em tre-

ze graos e dous terços. A costa se ia correndo sempre norte sul. No sartam havia mui grandes montanhas.

Sestafeira primeiro d'abril com hua trovoada saltou o vento ao sulsueste, e fui na volta da terra; mea legua della tomei fundo com cento e vinte braças de pedra; tudo ao longo do mar eram rochas: e ao meo dia virei no bordo do norte, até o quarto da prima, que me deu hua trovoada de lessueste; e como passou, ficou o vento em calma.

Sabado dous d'abril tomei o sol em treze graos e meo, e andamos todo o dia em calma.

Domingo tres dias do mes d'abril ao meo dia tomei o sol em quinze graos e meo: estavamos de terra quatro leguas; andamos este dia todo em calma.

Segundafeira ao pôr do sol se fez o vento leste; e com elle fomos no bordo do sul até o quarto da prima, que se fez sueste; — que tornamas a virar no bordo do norte.

Terçafeira com vento lessueste barlaventeamos todo o dia: havia de mim a terra cinco leguas.

Quartafeira pela menhãa se fez o vento calma até

Sabado ao meo dia, nove dias do mes d'abril, que nos deu uma trovoada do sudoeste; e ficou o vento no sul, com que faziamos a caminho de leste.

Domingo des dias d'abril se fez o vento sueste, e amainamos as velas, e lançamos as naos de mar em travez; e ao meo dia tomei o sol em quinze graos e hum terço. Fazia-me de terra vinte leguas.

Segundafeira começou o vento sueste a ventar com muita força e com mui gram mar: de noite cresceu o temporal tanto e tam forte, que quizeramos arribar e nam nos estrevemos, por ser o mar mui grosso: até pela menhãa estivemos com muita fortuna, que se fez o tempo mais bonança. Assi estivemos pairando até sestafeira quinze dias d'abril, que se fez o vento leste; e demos todalas velas no bordo do sul; e ao meo dia

tomei o sol em quinze graos e hum terço. Fazia-me de terra desasete leguas.

Sabado se fez o vento lessueste, faziamos o caminho do sulsudoeste; e ao meo dia tomei o sol em quatorze graos e hum quarto.

Domingo pela menhãa nos deu hua trovoada do sueste com muito vento e agua: este dia todo nos choveu sem vento, e de noite muitas trovoadas de todolos rumos.

Segundafeira desoito dias do mes d'abril se fez o vento sueste; e viramos no bordo do norte até o quarto da prima, que se fez o vento lessueste, e viramos no bordo do sul. Fazia-me de terra quinze leguas.

Terçafeira ao meo dia tomei o sol em desaseis graos e dous terços. Esta noite nos ventou muito o vento lessueste.

Quartafeira vinte dias do mes d'abril pela menhãa me cheguei á nao capitaina; e me disse o capitam J. que com o grande vento, que de noite ventara, lhe quebrara o masto do traquete, abaxo da gavia hua braça; e que queria arribar á Bahia de todolos Santos; e a todos nos pareceo mui bem, por nam ser ja tempo para dobrar os baxos d'Abrolho. Estando nisto, nos deu hua trovoada de lesnordeste; e como passou, ficou o vento em leste e tomava do nordeste; e o capitam J. tornou a mandar que virassemos no bordo do sul; e assi fomos até á noite, que no quarto da prima que se nos fez o vento lesnordeste: e faziamos o caminho do sulsueste.

Quintafeira vinte e hum d'abril ao meo dia tomei o sol em desanove graos menos hum terço: fazia-me de terra vinte leguas, O vento se nos fez leste, e com elle faziamos o caminho do sul com todalas velas. De noite se fez o vento lesnordeste, e com as bolinas largas faziamos o dito caminho, levando resguardo, que cada relogio sondava-mos; por que todolos pilotos se faziam ir por riba dos baxos d'Abrolho, que lançam ao mar

trinta leguas, e o começo delles está em altura de desanove graos. E assi fomos toda esta noite com mui bom tempo, sem podermos tomar fundo com secenta braças.

Sestafeira pela menhãa se nos fez o vento nordeste, e com todalas velas faziamos o caminho ao sul. Ao meo dia tomei o sol em vinte e hum graos e tres quartos e como foi noite se nos fez o vento noroeste.

Sabado no quarto d'alva se fez o vento sudoeste; e veo tam supito e furioso, que quasi nam deu lugar a amainar as velas; e ventou com tanta força (o qual ainda nesta viagem o nam tinhamos assi visto ventar) que as naos sem velas metiam no bordo por debaxo do mar: era tamanha a escuridam e relampados que era meo dia e pareeia de noite: á tarde se fez o vento sul. Andava o mar tam grosso e tam feo que nos entrava por todalas partes. No quarto da prima ao saír da lua abonançou mais o vento; ficou o mar tam grande que nos nam podiamos ter na nao. Da banda de bombordo me arrebataram os apparelhos, com o jogar da nao.

Domingo vinte e quatro dias do mes d'abril se fez o vento sueste; e nos fizemos á vela com o mar grande e mui cruzado: faziamos o caminho a lessudoeste; e de noite no quarto da modorra me acalmou o vento.

Segundafeira pela menhãa houvemos vista de terra, a qual era mui alta a maravilha: fazia-me della des leguas.

Terçafeira ao meo dia nos deo o vento nordeste, e com elle corriamos a costa, a qual se corre nordeste sudoeste e toma da quarta do norte sul. De noite no quarto da prima mandei lançar o prumo ao mar; e tomei fundo com nove braças e mandei fazer fogos: e fiz-me no bordo do sueste; sempre sondando, quanto mais íamos ao mar, menos fundo achavamos.

Quartafeira vinte e sete do mes d'abril pela menhãa houve vista de terra hua legua della, em fundo de oito braças. O vento era mui bonança, quanto as naos gover-

navam. A costa se corre nornordeste susudeste escasso: a terra he toda ao longo do mar mui chãa sem arboredo: no sartam serras mui altas e fermosas; haverá dellas ao mar des leguas, e a lugares menos. Ao meo dia se fez o vento da terra brando: faziamos o caminho para o mar. Indo assi per fundo de oito braças, de supito demos em tres, e logo mais ávante em duas e mea: tornamos a fazer o caminho de sudoeste; e logo demos em fundo de quatro braças; e logo surgimos no dito fundo. E o capitam J. mandou lançar o seu esquife fóra; e mandou nelle o piloto que fosse sondar por o rumo do sul, e do sudoeste, e do sueste. E á noite veo o piloto mor no esquife, e disse que pelo rumo do sueste, que era baxo, que nam achara mais de tres braças; que indo ao sul achara oito braças.

Quintafeira vinte e oito dias do mes d'abril ao meo dia tomei o sol em vinte e dous graos e hum quarto, e á tarde se fez o vento nordeste, e nos fizemos á vela pelo rumo do sul; e logo demos em fundo de seis braças; e no quarto da prima nos acalmou o vento; e surgi em fondo de quatorze braças, duas leguas e mea de terra.

Sestafeira pela menhãa nos fizemos á vela com o vento nordeste, indo sempre ao longo da costa tres leguas della, per fundo de cincoenta braças d'area limpa. O cabo do parcel, que jaz ao mar, se corre da banda do nordeste ao sueste, e da banda do sudoeste aloeste, e ás partes a loessudoeste. Quando fui fóra do parcel descobriam-se serras mui altas ao sudoeste. Ao meo dia tomei o sol em vinte e dous graos e tres quartos: ao sol posto fui com o cabo Frio; como foi noite amainamos as velas, e fomos com os traquetes toda a noite. O cabo Frio se corre com o Rio de Janeiro leste oeste: ha de caminho desasete leguas.

Sabado trinta dias d'abril, no quarto d'alva, eramos com a boca do Rio de Janeiro, e por nos acalmar o vento, surgimos a par de hua ilha, que está na entrada

do dito rio, em fundo de quinze braças d'area limpa. Ao meo dia se fez o vento do mar, e entramos dentro com as naos. Este rio he mui grande; tem dentro oito ilhas, e assi muitos abrigos: faz a entrada norte sul toma da quarta do noroeste sueste: tem ao sueste duas ilhas, e outras duas ao sul, e tres ao sudoeste; e entre ellas podem navegar carracas: he limpo, de fundo vinte e duas braças no mais baxo, sem restinga nenhua e o fundo limpo. Na boca de fóra tem duas ilhas da banda de leste, e da banda d'aloeste tem quatro ilheos. A boca nam he mais que de hum tiro d'arcabuz; tem no meo hua ilha de pedra rasa com o mar; pegado com ella ha fundo de desoito braças d'area limpa. Está em altura de vinte e tres graos e hum quarto.

Como fomos dentro, mandou o capitam J. fazer hua casa forte, com cerca por derrador; e mandou saír a gente em terra, e pôr em ordem a ferraria para fazermos cousas, de que tinhamos necessidade. Daqui mandou o capitam J. quatro homens pela terra dentro: e foram e vieram em dous meses; e andaram pela terra cento e quinze leguas; e as secenta e cinco dellas foram por montanhas mui grandes, e as cincoenta foram por hum campo mui grande; e foram até darem com um grande rei, senhor de todos aquelles campos, e lhes fez muita honra, e veo com elles até os entregar ao capitam J.; e lhe trouxe muito christal, e deu novas como no Rio de Peraguay havia muito ouro e prata. O capitam lhe fez muita honra, e lhe deu muitas dadivas, e o mandou tornar para as suas terras. A gente deste rio he como a da Bahia de todolos Santos; senam quanto he mais gentil gente. Toda a terra deste rio he de montanhas e serras mui altas. As melhores aguas ha neste rio que podem ser. Aqui estivemos tres meses tomando mantimentos, para hum anno, para quatrocentos homens que traziamos; e fizemos dous bargantins de quinze bancos.

Terçafeira primeiro dia d'agosto de mil e quinhentos e trinta e hum partimos deste Rio de Janeiro com vento nordeste. Faziamos o caminho a loeste a quarta do sudoeste.

Quartafeira se fez o vento sudoeste com muita força; tiramos as monetas, e trincamos no bordo de sulsueste até quintafeira pela menhãa, que se nos fez o vento sulsueste, e com elle viramos no bordo d'aloeste: e de noite no quarto da prima se me fez o vento nordeste; e com elle faziamos o caminho a loessudoeste.

Sestafeira quatro do dito mes me deu hua trovoada do oestesudoeste, com tanta força de vento, que nos foi necessario arribar com hum bolso de traquete até

Sabado que se nos fez o vento sudoeste, e viramos no bordo da terra com os papafigos baxos, até de noite no quarto da prima, que nos tornamos a fazer no bordo do mar.

Domingo seis do dito mes tornei no bordo da terra com todalas velas: a cerraçam era tamanha que, des que partimos do Rio de Janeiro, nunca pudemos ver a terra nem o sol: quasi noite fomos tam perto de terra, que viamos arrebentar o mar, e nam na viamos.

Segundafeira pela menhãa se fez o vento nordeste: faziamos o caminho a loessudoeste, com cerraçam mui grande.

Terçafeira ao meo dia fizemos o caminho ao noroeste; porque pelo dito rumo nos faziamos com o Rio de Sam Vicente.

Quartafeira nove dias d'agosto no quarto d'alva faziamos o caminho ao noroeste e a quarta do norte; e ás nove horas do dia surgimos bem pegados com terra em fundo de oito braças d'area grossa. Estando surtos mandou o capitam J. hum bargantim a terra, e nelle hua lingua para ver se achavam gente, e para saber onde eramos; porque a cerraçam era tamanha, que estavamos hum tiro d'abombarda de terra e nam na viamos.

De noite veo o bargantim, e nos disse como nam pudera ver gente.

Quintafeira pela menhãa nos fizemos á vela. Com o vento nordeste, fizemos o caminho do sulsudoeste, por nos afastar da terra: e ao meo dia fomos dar com hua ilha: quando a vimos eramos tam perto della, que quasi demos com os grupezes nas pedras. Era a cerraçam tamanha que fazia pouca diferença da noite ao dia: e surgimos da banda d'aloeste da ilha, em fundo de vinte e cinco braças d'area tesa: e mandei lançar o batel fóra para ír á ilha matar rabiforcados e alcatrazes, que eram tantos que cobriam na ilha. E fui á nao capitaina; e levei o capitam J. á ilha; e matamos tantos rabiforcados e alcatrazes, que carregamos o batel delles. Indo nós para as naos, nos deu por riba da ilha hum pé de vento tam quente, que nam parecia senam fogo; ventando nas bandeiras das naos o vento noroeste, que era contraste deste: disto ficamos todos mui espantados, que daquelle vento fomos todos com febre. Como puz o capitam J. na sua nao, tornei á ilha a por lhe fogo. No quarto da modorra nos deu hua trovoada seca do essudoeste, com mui grande vento que nam havia homem, que lhe tivesse o rosto: a nao capitaina foi de todo perdida, que lhe quebrou o cabre; e ía dar sobe-la ilha, se o vento de supito nam saltara ao sul, que se fez á vela no rolo do mar. Como nos deu o vento mandei logo largar outra anchora, que me teve até pela menhãa com mui gram mar. A nao capitaina nam aparecia, e me fiz á vela; e fiz sinal ao galeam Sam Vicente e á caravela; e fomos todos surgir, da banda do norte da ilha, em fundo de desoito braças d'area limpa: e determinamos de estar ali até passar o temporal. A' tarde se fez o vento sueste, e vimos mea legua ao norte de nós a nao capitaina, que vinha no bordo do sudoeste; e nos fizemos á vela, e a fomos demandar.

Sabado doze dias do mes d'agosto, com o vento nor-

deste, faziamos o caminho do essudoeste; e ao meo dia vimos terra: seriamos della hum tiro d'abombarda: até ver se por nos afastar della viramos no bordo do mar, até ver se alimpava a nevoa, para tornarmos a conhecer a terra. Indo assi no bordo do mar mandou o capitam J. arribar, para fazermos nossa viagem para o Rio de Santa Maria; e fazendo o caminho do sudoeste demos com hua ilha. Quiz *a* nossa senhora e a bemaventurada santa Crara, cujo dia era, que alimpou a neboa, e reconhecemos ser a ilha da Cananea: e fomos surgir antre ella e a terra, em fundo de sete braças. Esta ilha tem em redondo hua legua; faz no meo hua sellada: está de terra firme hum quarto de legua; he desabrigada do vento sulsudoeste e do nordeste, que quando venta mete mui gram mar. Desta ilha ao norte duas leguas se faz um rio mui grande na terra firme: na barra de preamar tem tres braças, e dentro oito, nove braças. Por este rio arriba mandou o capitam J. hum bargantim; e a Pedre Annes Piloto, que era lingua da terra, que fosse haver fala dos Indios.

Quintafeira desasete dias do mes d'agosto veo Pedre Annes Piloto no bargantim, e com elle veo Francisco de Chaves e o bacharel, e cinco ou seis castelhanos. Este bacharel havia trinta annos que estava degradado nesta terra, e o Francisco de Chaves era mui grande lingua desta terra. Pela informaçam que della deu ao capitam J., mandou a Pero Lobo com oitenta homens, que fossem descobrir pela terra dentro; porque o dito Francisco de Chaves se obrigava que em des meses tornara ao dito porto, com quatrocentos escravos carregados de prata e ouro. Partiram desta ilha, ao primeiro dia de setembro de mil e quinhentos e trinta e hum, os quarenta besteiros e os quarenta espingardeiros. Aqui nesta ilha estivemos quarenta e quatro dias: nelles nunca vimos o sol; de dia e de noite nos choveo sempre com muitas trovoadas e relampados: nestes dias nos nam ventaram

outros ventos, senam desd'o sudoeste até o sul. Deramnos tam grandes tromentas destes ventos, e tam rijos, como eu em outra nenhua parte os vi ventar. Aqui perdemos muitas anchoras, e nos quebraram muitos cabres.

Terçafeira vinte e seis do mes de setembro partimos desta ilha com o vento leste, fazendo caminho do sul, até quartafeira pela menhãa, que se fez o vento nordeste; faziamos o caminho do sulsudoeste, com muita agua e relampados; de noite se fez tanto vento que nos foi necessario tirarmos as monetas, e írmos toda a noite com pouca vela.

Quintafeira vinte e oito do mes de setembro com o dito vento faziamos o caminho do sulsudoeste: e de noite ventou tam forte com relampados e tanta agua, *que até* no quarto da modorra iamos dar em terra, e me saí della com assaz trabalho. Esta noite se apartaram os bargantins de nós.

Sestafeira pela menhãa houvemos vista de terra tres leguas de nós, que se corria nornordeste sulsudoeste. Como nos achegamos mais a terra reconhecemos ser ao sul do porto dos Patos quatro leguas, e tornamos de ló, ver se podiamos cobrar o dito porto: o vento era tanto *ao* nordeste, que virando no bordo do mar, me levou o traquete d'ávante.

Sabado trinta do dito mes no quarto d'alva tornamos no bordo da terra com todalas velas, e despois do meo dia houve vista de terra, que eramos seis leguas ao sul de donde partiramos. Virando no bordo do mar vieram os bargantins dar comnosco: e logo fizemos o nosso caminho com o vento e mar mui grande; e desd'a mea noite corremos, com hum pé de vento do norte, arbore seca.

Domingo primeiro dia de outubro pela menhãa, hum dos bargantins nam aparecia; ao outro dei hum calabrete por popa, porque nam podia com a vela.

Segundafeira com o vento e mar mui grande fazia o caminho do sul, com os papafigos mui baxos.

Terçafeira tres de outubro ao meo dia tomei o sol em trinta e hum graos e hum quarto: com o dito vento e mar fazia o caminho do sul.

Quartafeira ao meo dia tomei o sol em trinta e dous graos e hum terço: fazia-me de terra vinte leguas; do cabo da terra alta me fazia cincoenta: demorava-me ao norte e a quarta do nordeste.

Quintafeira no quarto d'alva me deu por d'avante o vento sudoeste, levando as velas cheas de vento nordeste, que foi a mór afronta que nesta viagem nós tinhamos visto; e com o vento sudoeste lançamos as naos ao pairo. De noite cresceo tanto o vento e o mar que me nam quiz a nao arribar.

Sestafeira até o meo dia sofremos o pairo com muito trabalho e arribei com a nao, e em arribando pela quadra me deu hum tam gram mar, e veo ter ao convez, e meteu-me dous quarteis para dentro: entrou tanta agua, que antre ambas as cubertas me nadou o batel; assi arribamos alagados: até o quarto da modorra com duas bombas acabamos d'esgotar a agua.

Sabado sete de outubro saltou o vento de supito ao nordeste e ventou mui forte; e andava o mar do sudoeste, e com o do nordeste cruzavam que nam havia homem que se nas naos tivesse.

Domingo faziamos o caminho do sul com muito vento nordeste. E a meo dia tomei o sol em trinta e hum graos e meo. Fazia-me de terra vinte e tres leguas.

Segundafeira ao meo dia tomei o sol em trinta e tres graos e hum terço: fazia-me de terra desoito leguas. Esta noite se passou o vento ao sudoeste, e trincamos com os traquetes baxos no bordo do sulsueste.

Terçafeira no quarto d'alva com muito vento sudoeste lançamos as naos ao pairo; e ao meo dia se fez o vento bonança: vimos da gavia ao noroeste hum fumo. Man-

dei lançar a sonda, e tomei fundo com seceuta braças: e nos fizemos á vela no bordo do noroeste a demandar o fundo; e ao sol posto vi a terra da gavia, a qual era mui baxa sem conhecença algua: e no quarto da prima me fiz no bordo do sueste com o vento sulsudoeste.

Quartafeira onze dias do dito mes pela menhãa nos acalmou o vento tres leguas da terra, a qual se corre nordestesudoeste e toma da quarta de norte sul, em fundo de desaseis braças, matamos esta noite muitas pescadas.

Quintafeira ao meo dia tomei o sol em trinta e quatro graos, e com o vento norte ia correndo a costa ao sudoeste. Ao pòr do sol fomos surgir antre tres ilhas de pedras, donde matamos muitos lobos marinhos.

Sestafeira treze do dito mes pela menhãa se fez o vento sudoeste, que nos vinha por riba de hua ponta, que nos demorava ao sulsudoeste e ventou com tanta força que a nao capitaina perdeo o cabre, e lhe quebrou a amarra. Toda esta noite estivemos com muita tromenta.

Sabado no quarto d'alva acalmou o vento, e fui á terra firme por nos fazerem muitos fumos. A terra he mui fermosa, muitos ribeiros d'agua, e muitas ervas e frores, como as de Portugal. Achamos duas onças mui grandes, e nos tornamos para as naos sem vermos gente. E ao meo dia se fez o vento nordeste, e com elle nos fizemos á vela. Estas ilhas, a que puz nome — das Onças —, tomei o sol nellas em trinta e quatro graos e meo; e em dobrando a ponta, que me demorava ao sulsudoeste, se corre a costa a loessudoeste até o cabo de Santa Maria, que está em altura de trinta e quatro graos e tres quartos: e no quarto da prima me acalmou o vento.

Domingo quinze d'outubro pela menhãa se fez o vento nordeste; e com elle fazia o caminho ao longo da costa, sondando sempre. Governando dous relogios a loessudoeste achava vinte braças: governando outros dous relogios aloeste e a quarta do sudoeste dava em fundo de

vinte e cinco braças; de maneira que achava mais fundo da banda de terra que do mar.

Ao sol posto fomos com o cabo de Santa Maria; e surgimos em fundo de oito braças da banda d'aloeste do dito cabo.

Segundafeira pela menhãa mandou o capitam J. ao piloto mór que fosse ver hua ilha, que estava pegada com o dito cabo, se antre ella e a terra havia bom surgidouro: e ao meo dia tornou Vicente Lourenço, e disse que o porto que era bom; senam que com os ventos oessudoeste e sulsudoeste era desabrigado, e que do vento sulsueste tinha baxos ao mar: e á tarde fomos surgir antre a ilha e a terra em fundo de seis braças e mea do preamar. Aqui nesta ilha tomamos agua e lenha e fomos com os bateis fazer pescaria: e em hum dia matamos desoito mil pexes antre corvinas e pescadas e enxovas: pescavamos em fundo de oito braças: como lançavamos os anzolos na agua nam havia abi vagar de recolher os pexes. Nesta ilha estivemos oito dias esperando por hum bargantim, que de nossa companhia se perdera: como nam veo mandou o capitam J. pôr hua cruz na ilha e nella atada hua carta emburilhada em cera e nella dizia ao capitam do bargantim o que fizesse vindo ali ter.

Domingo vinte e hum de outubro pela menhãa partimos desta ilha. Com o vento nordeste fazia o caminho ao longo da costa, que se corre aloeste: mea legua de terra ia sempre per fundo de nove, dez braças Tres leguas da dita ilha se nos fez o vento noroeste; e á tarde nos deũ hua trovoada com muita agua, e sem nenhum vento; e surgimos em quinze braças de fundo de lama molle. E no quarto da prima nos deu hum pé de vento do sulsudoeste, e de supito saltou ao sul com muita tempestade. A nao capitaina se fez á vela e nos fez signal: por ser o vento e o mar mui grande me nam estrevi fazer á vela, nem cobrar hua ponta, que me demorava a leste e a quarta do sueste; e mandei fazer hum aúste de

cento e vinte braças, e com elle caçava como se nam levara anchora pelo fundo ser de lama mui molle. A tromenta era tamanha de vento e mar que cada vez metia a nao todolos castellos. Mandei fazer outro aúste; e com anchora de forma, e a lançamos ao mar: estando com esta fortuna mandei cortar os castellos todos, e fazer tudo razo, e mandei cortar o cabo ao batel, que tinhamos por popa. Assi estivemos com esta tromenta de mar, que cada vez nos vinha quebrar no convez.

Segundafeira vinte e dois d'outubro *e* no quarto d'alva me quebrou o aúste da anchora, de forma que tornei outra vez a caçar, como dantes. Como amanheceo me achei de terra hua legua e tinha caçado tres; e o galeam Sam Vicente estava a terra de mim: pela sua popa arrebentavam huns baxos, que cada vez parecia o mar mais alto que a gavia. Por caçar tanto determinei de me fazer á vela, e contra rezam de marinheiraria levamos a amarra com muito trabalho e me fiz á vela no bordo d'aloeste; e como vi que nam cobrava os baxos, que arrebentavam ao mar, virei no bordo de leste, para irmos varar em hua praia, que nos demorava nordeste, quarta de leste, por ali nos parecer que ao mar nam havia baxos. Indo assi punhamo-la proa na ponta, que me demorava a lessueste. Por me parecer que a podia cobrar mandei dar o traquete da gavia, metendo a nao até o meo do convez, por debaxo do mar: em dando o traquete me quebrou em dous pedaços: ia ja tam perto da ponta que a huns parecia que a podiamos cobrar, e outros bradavam que arribassemos: era tam grande revolta na nao que nos nam entendiamos: mandei meter toda a gente debaxo da coberta; e mandei ao piloto tomar o leme, e eu me fui á proa, e determinei de fazer experiencia da fortuna, e me pôr a ver se podia dobrar a ponta; porque se a nam dobrava nam havia onde varar, senam em rocha viva, onde nam havia salvaçam: assi fomos, e prouve a nossa senhora e ao seu bento filho, que a dobramos; e fui tam

perto della que o mar, que arrebentava na costa, nos tornava com a ressaca a dar na nao, e nos lançou fóra. Como dobrei a ponta arribamos a nordeste e a quarta de leste; e á tarde fui surgir na ilha do cabo. Entrou-nos tanta agua ao dobrar da ponta, que quando a esta ilha achegamos, traziamos seis palmos d'agua debaxo da coberta. Como aqui estive surto, se fez o vento sudoeste. No quarto da prima veo o galeam Sam Vicente dar comigo, e logo lhe perguntei se trazia batel: e me disse que o perdera, e que nam trazia mais que hua anchora; e que perdera tres; e passara per riba do arrecife, que estava á terra donde estavamos surtos; e ali se sustivera com o temporal até á noite, que ventou o vento sudoeste. E me disse o piloto como vira a nao capitaina sem mastos muito perto de terra, que da gavia nam pudera divisar se estava em seco, se sobre anchora.

Terçafeira vinte e tres de outubro no quarto d'alva veo a caravela dar comigo sem cabres, nem anchoras, e com o batel perdido: e disse-me o piloto que passaram na fortuna, detras de hua ponta, donde fôra ter milagrosamente; e que a nao capitaina, des que o dia dantes se fizera á vela, a nam viram mais. Nam podia determinar o que fizesse: para me fazer á vela nam tinha cabres, nem batel, nem anchora. Determinei de mandar por terra trinta homens; e para isto mandei dous a nado com um cabo, e que o dessem á caravela, que se virasse por minha popa.

Quartafeira vinte e quatro dias de outubro, por ser ruim o mar, nam pôde a caravela chegar á nao. Este dia puz em obra fazer hum batel de aduelas dentro da nao.

Quintafeira vinte e cinco do dito mes pela menhãa meti na caravela trinta homens,—os que melhor sabiam nadar; e as armas metidas em hua pipa funda, por se nam molharem; e dous barris de mantimento para oito dias: e mandei á caravela que se fosse á terra, e que surgisse quanto nam desse em seco: e que dali se fos-

sem a terra nas jangadas, que levavam dos quarteis da nao franceza. E ao meo dia todos foram em terra com assaz trabalho; e da mesma terra acudiram muita gente, e punham-se de longe, sem quererem chegar; até que dous homens dos nossos foram a elles; e logo chegaram e abraçaram a todos com grandes choros e cantigas mui triste, e como se despediram delles, fizeram seu caminho pela praia. Tendo andado mea legua, me fizeram hum fumo, e vi hua soma, que me parecia ser o batel dos que perdido tinhamos.

Sestafeira vinte e seis de outubro fiz hua jangada, em que lancei o ferro e a forja na ilha, para fazerem pregos para o batel d'aduelas, que dentro na nao fazia. E desd'o meo dia me ventou muito vento sudoeste. E eram tantos os fumos pela terra dentro, que impedia a vista do sol.

Sabado vinte e sete do dito mes mandei o mestre com cinco homens, em hum quartel da nao, para que fossem a terra: ver se era batel onde a gente nos fizera o fumo; e á tarde tornou com o batel da caravela, que vinha mui destroçado; e me disse que na terra havia muita agua e boa: e logo mandei á ilha concertar o batel.

Domingo vinte e oito dias do dito mes, como o batel da caravela foi concertado, mandei passar o outro, que tinha começado á ilha. Este dia veo muita gente da terra á praia: mandei la o batel, e deram-lhe muito pescado e taçalhos de veado.

Sestafeira dous dias de novembro veo a gente, que tinha mandado em busca de Martim Afonso, e me disseram como a nao capitaina dera á costa, por falta d'amarras; e que Martim Afonso, com toda a gente, se salvaram todos a nado; somemte morreram sete pessoas; seis afogados e hum, que morreo de pasmo: e que o bargantim dera tambem á costa; e porém que lhe nam fizera nojo: e o batel do galeam e da capitaina tinham sãos; e que na praia acharam hum bargantim de tavoa-

do de cedro mui bem feito, o qual Martim Afonso tinha para levar em companhia do batel grande e do outro bargantim para entrar pelo *rio* dentro; e que Martim Afonso me mandava dizer que com a gente, que as naos pudessem escusar, me fosse onde elle estava com a caravela.

Segundafeira cinco dias do dito mes parti na caravela, com vento lesnordeste: e hua hora de sol, fui surgir onde a nao capitaina estava á costa; e como fui surto se fez o vento sueste. Mandei o batel a terra fazer saber a Martim Afonso como eramos ali vindos. Carregou tanto o vento, que antes que o batel viesse, me fiz á vela no bordo do sulsudoeste; e ao sol posto fomos dar em hum baxo, donde estivemos perdidos. Assi fomos com mui gram mar e vento trincando até á mea noite, que se fez o vento calma.

Terçafeira seis dias do dito mes pela menhãa se fez o vento sudoeste, e com elle me fiz á vela no bordo de lessueste; e a tarde fui surgir defronte da nao: donde o capitam J., aos bateis, mandou por mim e pela gente, e mandou a caravela que se fosse a hua ilha, que estava d'ahi quatro leguas aloeste, e ahi esperassem até ver seu recado. Aqui estivemos com muito trabalho tirando a artelheria e ferro da nao. Estando aqui tomou o capitam J. conselho com os pilotos e mestres, e com todos os que eram para isso; e todos acordaram e assentaram, que elle nam devia ir pelo Rio de santa Maria arriba, per muitas rezões: e que a hua era nam terem mantimentos, que todos se haviam perdido, quando a nao se perdeo: e a outra que as duas naos, que ficaram estavam tam gastadas, que se nam poderiam soster tres mezes: e a terceira era parecer o rio inavegavel pelos grandes temporaes que cada dia faziam, sendo a força do verão; e por estas rezões e outras muitas, que deram, fizeram que o capitam J. desestisse da ida; e me mandou em hum bargantim com trinta homens a pôr

huns padrões, e tomar posse do dito rio por elRei nosso senhor; e que dentro em vinte dias trabalhasse por tornar; porque o porto, onde as naos estavam, era mui desabrigado.

Sabado vinte e tres dias do mes de novembro de mil e quinhentos e trinta e hum estando o sol em onze graos e trinta e cinco meudos de sagitario, e a lua em vinte e sete graos de tauro, parti do Rio dos Begoais, que jaz aloeste do cabo de santa Maria onze leguas, e levava hum bargantim com trinta homens; tudo bem em ordem de guerra: e fiz meu caminho ao longo da costa, que se corre aloeste. Duas leguas do dito rio, donde parti, ha hua ilha pequena toda de pedras, e della a terra firme ha hua legua: derrador da ilha tem bom surgidouro, de fundo de cinco braças de vasa molle. Indo assi pegado com a costa, a qual he toda limpa, per fundo de cinco, seis braças, ao meo dia houve vista de hua ilha ao mar, que me demorava ao sulsudoeste; e della a terra ha tres leguas: da banda de leste tem hua restinga de area comprida, que lança ao nordeste. Passando ávante da ilha descobri hum alto monte, ao qual puz nome — monte de Sam Pedro — e demorava-me aloeste e a quarta do noroeste. Este dia fui dormir ao pé do dito monte de Sam Pedro. Desde a dita ilha atraz até este monte, a costa he toda suja de pedra, e ruins baxos: a terra he toda rasa até este monte muito fermosa. Ao pé deste monte ha dous portos: hum da banda d'aloeste, e outro da banda de leste: nam sam senam para navios pequenos.

Domingo vinte e quatro do dito mes, ante menhãa, me fiz á vela com o vento nornordeste. Deste monte de Sam Pedro se começa a costa a loesnoroeste, indo assi no golfo de hua enseada, que se faz grande como o dito monte de Sam Pedro, demora a leste e a quarta de sueste, fui dar em fundo de duas braças e mea, hua legua de terra: e me acalmou o vento, que le-

vava: e me deu trovoada do sul, com muito vento; e fizme no bordo do monte de Sam Pedro, para me meter no porto donde estivera de noite. O vento rodou logo ao sueste; e tornei-me a fazer na volta d'aloeste, para fazer meu caminho. Aqui comecei a achar agua doce, e muito pescado morto. Da ponta desta enseada da banda d'aloeste lança hua restinga ao mar hua legua: o mais baxo della he braça e mea, e o mais alto quatro braças. Como passei a dita restinga me acalmou o vento; e afuzialava muito a sudoeste e ao noroeste, que nesta costa sam sinaes certos de grandes temporaes: e com este receo me acheguei a terra, para ver se achava porto onde me metesse. Bem pegado com terra me tornou a ventar o vento nordeste, e fui ao longo da costa, a qual se corre a loesnoroeste, per fundo de quatro, cinco braças d'area limpa. Indo sempre hum tiro de bésta de terra tornou-me a acalmar o vento bem tarde, e os sinaes do temporal cresciam; determinei de varar o bargantim em terra até passar a noite; e mandei varar em hua area, e tirar o fato todo em terra; e fazer hum repairo de terra; e puzemos a artelheria em ordem. E eu fui com des homens pela terra ver se achava rasto de gente: nam achei nada; senam rasto de muitas alimarias, e muitas perdizes e codornizes, e outra muita caça. A terra he mais fermosa e aprasivel que eu já mais cuidei de ver: nam havia homem que se fartasse d'olhar os campos e a fermosura delles. Aqui achei hum rio grande; ao longo delle tudo arboredo o mais fermoso que nunca vi: e antes que chegasse ao mar hum tiro de bésta se sumia. E tomamos muita caça e tornamos nos ao bargantim. Ao pôr do sol veo hua trovoada do noroeste, com tanta força de vento e pedra, que nam havia homem que se tivesse em pé: e de supito saltou ao sudoeste com muita chuva, relampados, e sempre cuidei de perder o bargantim, segundo o mar era grande. Toda esta noite corremos tanta fortuna, quanta homens nun-

ca passaram. A agua que choveo me molhou o mantimento todo, que mais nam prestou.

Segundafeira vinte e cinco do dito mes pela menhãa alimpou o tempo e veo sol, com que nos enxugamos. Daqui me quizera tornar, por nam termos mantimento; despois pareceo-me que nos podiamos manter com o mantimento, que na terra havia; e com o pescado o mais fermoso e saboroso, que nunca vi. A agua já aqui era toda doce; mas o mar era tam grande que me nam podia parecer que era rio: na terra havia muitos veados e caça, que tomavamos, e ovos de emas, e emas pequeninas, que eram muito saborosas; na terra ha muito mel, e muito bom: e achavamos tanto que o nam queriamos: e ha cardos, que he mui bom mantimento, e que a gente folgava de comer. E com nos parecer a todos, que nos podiamos soster, determinei de ir ávante, e o vento era sueste, e o tempo estava bom, e de noite havia lua. Parti bem tarde;—duas horas de sol, com tençam de andar a noite toda; indo ao longo da costa, por fundo de seis braças d'area limpa. Sendo duas leguas dond'e partira, saíram da terra a mim quatro almadias, com muita gente: como as vi puz-me á corda com o bargantim para esperar por ellas: remavam-se tanto, que parecia que voavam. Foram logo comigo todos; traziam arcos e frechas e azagaias de pao tostado, e elles com muitos penachos todos pintados de mil cores; e chegaram logo sem mostrarem que haviam medo; senam com muito prazer abraçando-nos a todos: a fala sua não entendiamos; nem era como a do Brasil; falavam do papo como mouros: as suas almadias eram de des, doze braças de comprido e mea braça de largo: o pao dellas era cedro, mui bem lavradas: remavam-nas com huas pás mui compridas; no cabo das pás penachos e borlas de penas; e remavam cada almadia quarenta homens todos em pé: e por se vir a noite nam fui ás suas tendas, que pareciam em hua praia defronte donde

estava; e pareciam outras muitas almadias varadas em terra: e elles acenavam que fosse lá, que me dariam muita caça; e quando viram que nam queria ir, mandaram hua almadia por pescado: e foi e veo em tamanha brevidade, que todos ficamos espantados: e deram nos muito pescado: e eu mandei lhes dar muitos cascaveis e cristallinas e contas: ficaram tão contentes e mostravam tamanho prazer, que parecia que queriam saír fóra do seu siso: e assi me despedi delles. Quasi noite fez se me o vento nornordeste por riba da terra: e com elle fazia o caminho ao longo da costa, por fundo de cinco, seis braças: como passou mea noite comecei a achar baxos de pedras, e alarguei me mais da terra, e tirei a moneta, e fui com pouca vela, com a sonda na mão.

Terçafeira vinte e seis de novembro pela menhãa me achei pegado com hua ponta, e fui para dobrar; e a costa voltava ao noroeste oeste e tomava do norte; e ventava tanto vento noroeste, que nos houvera de soçobrar. Mandei amainar a vela; e fui surgir na ponta da banda de leste, que abrigava do vento: e saí a terra a ver se podiamos tomar algua caça. E de huas grandes arbores, em que me fui pôr, para divisar a outra costa da banda do noroeste da ponta, houve vista de muitas ilhas, todas cheas d'arboredo, hua legua da terra; e parecia cá que havia abrigo antre ellas. E assi me tornei para o bargantim com muita caça e mel. E á tarde acalmou o vento; e mandei meter os remos; e fui-me ás ilhas: corri-as todas; nunca achei porto nem abrigo, em que me meter: na mais pequena achei repairo; mas do vento sueste era desabrigada. Aqui estive toda a noite fazendo pescaria.

Quartafeira vinte e sete de novembro mandei concertar a padesada do bargantim, e pôr a artelharia em ordem, e írmos concertados para pelejar; porque na terra viamos muitos fumos, que he sinal de ajuntamento de gente. E ao meo dia parti destas ilhas, as quaes são sete, todas cheas de arboredo: as tres dellas sam grandes, e

as quatro pequenas. Com o vento lesnordeste fazia o caminho ao longo da costa, a qual se corre ao noroeste e toma da quarta do norte. Duas leguas das sete ilhas ha hum rio, que traz muita agua: fui para entrar nelle; e a entrada era roim de muitos baxos; e passei por longo da costa, per fundo de sete, oito braças; e a terra he toda chãa: quanto mais ávante ía tanto melhor me parecia: e á pustura do sol fui surgir a hua ilha grande, redonda, toda chea d'arboredo, á qual puz o nome de — Santa Anna. — Aqui estive toda a noite; onde matei muito pescado de muitas maneiras: nenhum era de maneira como o de Portugal; tomavamos pexes d'altura de hum homem, amarelos e outros pretos com pintas vermelhas, — os mais saborosos do mundo.

Quintafeira vinte e oito de novembro saí em terra: nesta ilha achei muitas aves as mais fermosas, que nunca vi. Aqui vi falcões como os de Portugal. O vento saltou ao sul: puz-me da banda do norte da ilha: estive surto com muita tempestade, que se me desabrigára, achára de todo nos perderamos.

Sestafeira vinte e nove de novembro pela menhãa abonançou o tempo, e fui á ilha: mandei pôr fogo em tres partes della; para ver se nos acudia gente: e nam vimos senam fumos, que me demoravam ao essudoeste: e nam viamos terra: mandei subir dous homens sobre huas arbores grandes, que estavam na ilha, para ver se viam terra onde nos faziam os fumos, e viram arboredo, cousa que parecia terra alagadiça.

Sabado trinta de novembro á tarde me fiz á vela com o vento lesnordeste, e fui a huas ilhas, que me demoravam ao nornoroeste. Desta ilha de Santa Anna ás sete ilhas ha quatro leguas; e corre-se com ellas leste-oeste, e a terra ha duas leguas: a estas duas ilhas, a que puz nome de — Sant'André — por ser hoje o seu dia, ha duas leguas da dita ilha de Santa Anna; e estam

da terra mea legua: e achei nellas hum bom repairo, onde estive a noite toda.

Domingo primeiro de dezembro me fiz á vela pela menhãa, com o vento nordeste: e mandei governar a loessudoeste: fazia mui gram nevoa, que nam viamos nada, e fui assi até o meo dia pelo dito rumo; e índo por cinco braças de fundo fui de supito dar em duas braças; e mais ávante dei em seco: e mandei saltar a gente á agua; e saímos de seco; e tornei-me por onde viera. Como alimpou a nevoa, me achei hua legua de hua terra mui baxa, chea d'arboredo e muitos baxos; e vi estar hua boca grande. que me demorava ao noroeste; e fui a demandar por fundo de duas braças, e ás vezes dando em seco, até que dei em hum canal de sete braças, que ía dar na dita boca: e entrei para dentro: e achei hum rio de mea legua de largo, e de hua banda e d'outra tudo hacheo de arboredo. A agua corria mui tesa para baxo: havia de fundo des, doze braças de lama molle. O rio faz a entrada leste-oeste: da banda do sul na boca delle ha hum esteiro pequeno de seis braças de largo; e índo mais por o rio arriba, da banda do sul achei outro braço de outra mea legua de largo, que ía ao sudoeste, e mais acima achei outro braço, que vinha do noroeste: trazia muita agua, e era quasi hua legua de largo. Entam vi que tudo eram braços e ilhas, antre que andavamos. As ilhas todas sam cheas d'arboredo; dellas sam alagadiças.

Segundafeira dous dias de dezembro, como foi menhãa, mandei remar pelo rio arriba: eram tantas as bocas dos rios, que nam sabia por onde ía; senam ía pela agua arriba; e fez-se-me noite a par de duas ilhas pequenas onde surgi. Estive a noite toda com muito vento noroeste.

Terçafeira tres de dezembro corria a agua aqui tanto, que nam podia ír ávante aos remos. A' tarde nos ventou muito vento sudoeste: com elle fomos pelo rio arriba: achava hum braço, que ía ao norte; outro, que ía ao

loeste; e nam sabia por onde fosse. Ja aqui começava a achar as ilhas, com muitos arboredos e frechos e outras mui fermosas arbores; muitas ervas e flores como as de Portugal, e outras diferentes; muitas aves e garças e abatardas, e eram tantas as aves, que com páos as matavamos. Ja aqui as ilhas nam sam alagadiças: a terra dellas muito fermosa.

Quartafeira quatro de dezembro índo á vela pelo rio arriba, por hum braço, que se corria ao noroeste, dei n'outro, que se corria ao nordeste, mui largo; e na boca tinha duas ilhas pequenas, todas cheas d'arboredo. Aqui achei muitos corvos marinhos, e matei delles á bésta: e fui pelo dito braço: adiante mea legua me anoiteceu; e surgi a par de huas arbores, onde estive a noite.

Quintafeira cinco de dezembro, índo pelo dito braço arriba, achei muitos sinaes de gente. Faziam muitos fumos pelas ilhas: a terra da banda do sueste me parecia, onde era firme, a mais fermosa, que os homens viram: toda chea de froles, e o feno d'altura de hum homem.

Sestafeira seis de dezembro fui dar n'hum estreito da banda do noroeste do rio, donde estive a noite toda; e de noite nos deu hua trovoada do sudoeste com gram força de vento; e encheu o rio muito com este vento, que retinha a agua.

Sabado sete de dezembro nos ventou o vento a sudoeste com muita força. Fomos com pouca vela pelo dito braço arriba, que ao nordeste íam hus fumos, que faziam longe pelo rio arriba. E tendo andado tres leguas me anoiteceu donde os faziam: e saí em terra; e nam achei rasto de gente; senam de muitas alimarias. De noite nos deu rebate hua onça: cuidando que era gente, saí em terra, com toda a gente armada.

Domingo oito de dezembro me tornei por onde viera, para ír pelos outros braços arriba, ver se achava gente; e vim pelo rio abaxo dormir ás duas ilhas dos corvos.

Segundafeira nove de dezembro fui pelo braço arriba,

que ía ao noroeste, o qual era mui grande : tinha de largo hua legua e mea ; trazia muita agua e grande corrente. Este dia nam andei mais que duas leguas ; e surgi antre duas bocas, hua que ía ao essudoeste, e outra ao noroeste.

Terçafeira des de dezembro fui pelo braço *arriba* que ía ao noroeste : e tendo andado quatro leguas por elle arriba, fui dar d'hum rio de tres leguas de largo, e ía a loeste ; e fui dormir da banda do sul debaxo de hus frechos. E de noite matámos quatro veados, os maiores que nunca vi.

Quartafeira onze de dezembro fui pelo rio arriba com bom vento ; e vi hum braço pequeno ; e meti-me por elle, o qual ía ao noroeste : neste rio ha huas alimarias como raposas, que sempre andam n'agua, e matavamos muitas : tem sabor como cabritos. Indo pelo braço arriba, vi que se fazia mui estreito : e tornei-me ao braço grande ; e indo no meo delle descobri outro braço, que ía a loessudoeste ; e fui por elle hua legua, e dei n'outro rio mui grande, que ía a noroeste. E a terra da banda do sudoeste era alta, e parecia ser firme ; e da mesma banda do sudoeste, achei hum esteiro, que na boca havia duas braças de largo e hua de fundo ; e segundo a informaçam dos indios era esta terra dos Carandins. Mandei fazer muitos fumos, para ver se me acudia gente, e no sartam me responderam com fumos mui longe.

Quintafeira doze de dezembro á boca deste esteiro dos Carandins puz dous padrões das armas d'elrei nosso senhor, e tomei posse da terra para me tornar daqui ; porque via que nam podia tomar pratica da gente da terra ; e havia muito que era partido donde Martim Afonso estava : e fiquei de ír e vir em vinte dias : e deste esteiro ao rio dos Beguoais, donde parti, me fazia cento e cinco leguas. Aqui tomei altura do sol em trinta e tres graos e tres quartos.

Esta terra dos Carandins he alta ao longo do

rio; e no sartam he toda chãa, coberta de feno, que cobre hum homem; ha muita caça nella de veados e emas, e perdizes e codornizes; he a mais fermosa terra e mais aprazivel, que pode ser. Eu trazia comigo alemães e italianos, e homens que foram á India e francezes, — todos eram espantados da fermosura desta terra; e andavamos todos pasmados que nos nam lembrava tornar. Aqui neste esteiro tomámos muito pescado de muitas maneiras: morre tanto neste rio e tam bom, que só com o pescado, sem outra cousa, se podiam manter; ainda que hum homem coma des livras de pexe, em nas acabando de comer, parece que nam comeu nada; e tornára a comer outras tantas. O ar deste rio he tam bom que nenhua carne, nem pescado apodrece; e era na força do verão que matavamos veados, e traziamos a carne des, doze dias sem sal, e nam fedia. A agua do rio he mui saborosa; pela menhãa he quente, e ao meo dia he muito fria; quanta o homem mais bebe, quanto melhor se acha. Nam se podem dizer nem escrever as cousas deste rio, e as bondades delle e da terra.

Sestafeira treze de dezembro parti deste esteiro dos Carandins para me tornar por donde viera. Com o vento noroeste fazia o meu caminho á popa, que ía tam teso, que cada hora tres, quatro leguas. Sendo a par das ilhas dos corvos, d'antre hum arboredo ouvimos grandes brados, e fomos demandar onde bradavam: e saío a nós hum homem, á borda do rio, coberto com pelles, com arco e frechas na mão; e falou-nos duas ou tres palavras guaranís, e entenderam-as os linguas, que levava; tornaram-lhe a falar na mesma lingua, nam entendeu; se nam disse-nos que era **BEGUOAA CHANAA**; e que se chamava **YNHANDU**'. E chegámos com o bargantim a terra, e logo vieram mais tres homes e hua molher, todos cobertos com pelles: a molher era mui fermosa; trazia os cabellos compridos e castanhos: tinha huns fe**r**etes que lhe tomavam as olheiras: elles traziam

na cabeça huns barretes das pelles das cabeças das onças, com os dentes e com tudo. Por acenos lhe entendemos que estava hum homem com outra geraçam, que chamavam **CHANA'S**, e que sabia falar muitas linguas, e que o queria ír a chamar, e estava la diante pelo rio arriba; e que elles íriam e viriam em seis dias. Entam lhes dei muitas cristalinas e contas e cascaveis, de que foram mui contentes, e a cada hum delles seu barrete vermelho; e á molher hua camisa: e como lhes isto dei, foram a huns juncais, e tiraram duas almadias pequenas, e trouxeram-me ao bargantim pescado e taçalhos de veado, e hua prosperna d'ovelha; mas nam ousavam de entrar dentro no bargantim, nem seguravam comnosco. E assi se foram, dizendo que haviam de vir dahi a cinco dias, e os esperassem nas ditas ilhas dos corvos. Aqui estive seis dias esperando, nos quaes tomei muita caça e muito pescado, e muitos veados, tamanhos como bois, os quaes faziamos em taçalhos, para levar ás naos. Como vi que nam vinham, ao cabo dos seis dias me parti

Quartafeira desoito dias de dezembro com o vento noroeste mui forçoso; e vim jantar á boca do rio, por onde entrára: e ali tirei muita artelharia a ver se me acudia gente. Assi estive até duas horas depois de meo dia, que parti com o mesmo vento noroeste, e passei pelas ilhas de Sant'André e pela ilha de Santa Anna: e fui em se pondo o sol ás sete ilhas, no porto onde estivera, quando por ali passára, onde deixára enterrado barris e outras cousas, que nos nam eram necessarias. Neste dia me fazia que andára trinta e cinco leguas. Aqui estive esta noite surto fóra das ilhas em fundo de oito braças, d'area limpa: e de noite me ventou muito vento norte.

Quintafeira desanove de dezembro pela menhãa me fiz á vela, e como descobri o cabo de Sam Martinho, que torna a costa lessueste, me deu muito vento lesnordeste; e a remos me acheguei á terra; e me meti

em hua enseada, que abrigava do vento, a qual está da banda de leste do cabo de Sam Martinho.

Sestafeira vinte de dezembro se fez o vento norte, e com elle fiz o meu caminho ao longo da costa, que se corre a lessueste. Corri todo o dia com mui bom vento. Desd'o cabo de Sam Martinho se fazem tres pontas; afastada hua legua hua da outra; todas com arboredo, e lançam ao mar restingas de pedras; e antre ellas ha arrecifes mui perigosos. A' cerrada da noite me acalmou o vento á boca de hum rio, que á entrada era mui baxo. Aqui estive surto até á mea noite, que me deu hua trovoada do sulsudoeste; e com o vento encheu a agua; e me meti na boca do rio: e como ía enchendo assi me ía metendo para dentro.

Sabado vinte e hum de dezembro como foi menhãa acalmou o vento; e saí do rio, a que puz o nome—de Sam João.—Saltou o vento ao esnoroeste, e dei á vela: e duas leguas do dito rio de Sam João achei a gente, que á ída topára nas tendas; e saíram-me seis almadias, e todos sem armas, senam vinham com muito prazer abraçar-nos: e o vento era muito; e fazia gram mar; e elles acenavam-me que entrasse para hum rio, que junto das suas tendas estava. Mandei la hum marinheiro a nado, para ver se tinha boa entrada: e veo e disse-me que era muito estreito, e que nam podiamos estar seguros da gente, que era muita:—que lhe parecia que eram seis centos homens; e que aquillo, que pareciam tendas que eram quatro esteiras, que faziam hua casa em quadra, e em riba eram descobertas; e fato lhe nam víra; senam reides da feição das nossas. Como vi isto me despedi delles; e lhes dei muita mercaderia; e elles a nós muito pescado. E vinham apoz de nós, huns a nado e outros em almadias, que nadam mais que golfinhos; e da mesma maneira nós com vento á popa muito fresco:—nadavam tanto quanto nós andavamos. Estes homens sam todos grandes e nervudos; e parece que

tem muita força. As molheres parem todas mui bem. Cortam tambem os dedos como os do cabo de Santa Maria; mas nam sam tam tristes. Como me parti delles, mandei encher as vasilhas de agua doce; porque nos achegavamos á enseada onde se ajunta a agua doce com a salgada. Indo assi houve vista do monte de Sam Pedro; e anoiteceu-me hua legua delle; e acalmou-me o vento. Aqui nam ha onde surgir, que o fundo he todo de pedra. Iamos remando ao longo da costa, e deu-nos hua trovoada do sul com muito vento e relampados; e cuidei de sermos todos perdidos; e íamos dar de todo á costa; mandei lançar a fatexa, bem pegados com a rocha, em fundo de quatro braças de pedra. Estando assi com esta fortuna, se lançaram dous marinheiros a nado, e se foram a terra, ver se havia algum lugar bom, em que dessemos em seco. E de terra bem bradaram que acharam hum esteiro, onde o bargantim podia entrar. Mandei levar a amarra, que quasi estava quebrada das pedras, e metemos os remos; e pondo muita força cada hum para se salvar. Remando mais ávante hum tiro de bésta vi a boca do esteiro; e me meti nelle; e á entrada tem muitas pedras, onde me houvera de perder. Como fui dentro carregou tanto o tempo, que se me achára fóra todos nos perderamos.

Domingo vinte e dous de dezembro passou-se o vento ao sueste, e acalmou: e vasou a agua e ficámos em seco no esteiro: e o fundo delle era de pedras mui agudas. Nesta costa desd'o sueste até o noroeste, como estes ventos ventam desta parte, enche a agua muito; ainda que vase a maré podem mais os ventos; e desde lessueste até o nornoroeste, como ventam, vasa logo a agua, ainda que a maré encha obedecem os ventos: assi que nesta costa nam ha marés; senam quando ahi nam ha ventos. Desd'o cabo de Santa Maria até o monte de Sam Pedro se corre a costa leste-oeste: haverá de caminho vinte e quatro leguas: e desd'o monte de

Sam Pedro até o cabo de Sam Martinho se corre a costa a loeste e a quarta do noroeste: ha de caminho vinte e cinco leguas: e desd'o cabo de Sam Martinho até ás ilhas de Sant'André se corre a costa ao noroeste e toma do norte: ha de caminho sete leguas. Tudo mais ávante sam ilhas, que nam tem conto; nem se póde escrever o numero dellas, nem a maneira de que jazem.

Segundafeira vinte e tres de dezembro saí fóra do esteiro; por ventar muito vento sueste, me meti n'hum porto da banda d'aloeste do monte de Sam Pedro este monte tem hum porto da banda de leste e outro da banda d'aloeste: aqui entrei pela terra; matei muitas emas e veados; e fui com a gente toda ao mais alto do monte de Sam Pedro, donde viamos campos, a estender d'olhos, tam chãos como a palma; e muitos rios: e ao longo delles arboredo. Nam se póde escrever a fermosura desta terra: os veados e gazellas sam tantos, e emas, e outras alimarias, tamanhas como potros novos e do parecer delles, que he o campo todo coberto desta caça—que nunca vi em Portugal tantas ovelhas, nem cabras, como ha nesta terra de veados. A' tarde me tornei para o bargantim.

Terçafeira vinte e quatro de dezembro, dia de natal, parti deste porto com o vento norte mui rijo: e em querendo dobrar hua ponta dei em hum baxo de pedra, que nos lançou o leme hua lança d'alto: quiz Deus que nos nam quebrou. Indo assi ao longo da costa, no meo de hua enseada, carregou tanto vento da terra, que nam podiamos levar vela, e aforçava por nam esgarrar. Entrou-nos tanta agua que nos arresou o bargantim. Mandei lançar anchora: como poz a proa ao mar deu-nos algum lugar a lançar a agua fóra, que estava até á coberta todo arresado. Como fui esgotado tornei a dar á vela, e cheguei-me bem á terra; e defronte da ilha da restinga, indo ao longo da terra, demos n'hum pexe com

o bargantim, que parecia que dava em seco, e virou o rabo, e quebrou a metade da postiça: foi tam grampancada, que ficámos todos como pasmados: nam lhe vimos mais que o rabo; mas á soma, que despois fez na agua, parecia mui gram pexe. Duas horas de sol me acalmou o vento, hua legua da ilha das pedras; e meti os remos, e fui surgir antre ella e a terra, com tençam d'estar ali a noite. Sendo hua hora de noite me deu hua trovoada do nornordeste, que vinha por riba da terra com tanto vento, quanto eu nunca tinha visto, que nam havia homem que fallasse, nem que pudesse abrir a boca. Em hum momento nos lançou sobre a ilha das pedras; e logo se foi o bargantim ao fundo antre duas pedras, donde foi dar. Saímos todos em riba das pedras, tam agudas que os pés eram todos cheos de cutiladas. Desta ilha á terra havia hua legua. Ajuntamonos todos em hua pedra: porque o vento saltou ao mar; e crescia muito a agua, que a ilha era quasi toda coberta; senam hum penedo em que todos estavamos, confessando hus aos outros, por nos parecer que era este o derradeiro trabalho. Assi passámos toda esta noite em se todos encomendarem a Deus: era tamanho o frio, que os mais dos homens estavam todo entanguidos, e meos mortos. Assi passamos esta noite com tamanha fortuna, quanta homens nunca passaram.

Quartafeira vinte e cinco de dezembro pela menhãa, saltou o vento a nordeste, e vasou a agua muito; e descobriu o bargantim, e de riba estava ainda são; mas debaxo parecia-nos que era todo quebrado. Alguns homens que tinham forças, e que estavam em si faziam jangadas de remos e de pavezes, para se lançarem a nado á terra firme. Eu me fui com tres homens ao bargantim e começámos a esgotar a agua, que dentro tinha, para lhe tirar o masto para nelle írmos á terra. Estando assi me pareceu que tirava a artelharia e fato, que surderia arriba; assi chamei alguns homens: — os

que nam sabiam nadar, que os que sabiam andavam em se salvar com remos e com páos. Des que tirámos a artelharia e fato fóra, quis nossa senhora que surdiu o bargantim; e demos grandes brados á gente que acudisse, e que se nam lançassem a nado; porque o bargantim estava são, e que eramos todos salvos. O bargantim nam tinha mais que hum buraco na taboa do resbordo, que logo tapámos, e tornámos a meter o fato e recolher a gente nelle, para nos irmos ao rio dos Beguoais, que era dahi duas leguas. Muitos homens estavam ja quasi mortos, que nam tinham forças para andar; e os mandei meter ás costas dentro no bargantim: e saltou o vento ao mar, e dei á vela, e fui quasi noite entrar no rio dos Beguoais. E nam tinhamos que comer, que havia dous dias que a gente nam comia; e muitos homens ficaram tam desfigurados de medo, que os nam podia conhecer. Toda esta noite nos choveu e ventou com relampados e trovões, que parecia que se fundia o mundo.

Quintafeira vinte e seis de dezembro pela menhãa abonançou o tempo; mas era contrario a partirmos: e mandei hum homem por terra á ilha das Palmas, donde Martim Afonso estava, a lhe dizer que, se o tempo durasse, nos mandasse mantimento, que estava em grande necessidade delle. Este dia nam comemos senam ervas cozidas. E andando pela terra em busca de lenha para nos aquentarmos fomos dar n'hum campo com muitos páos tanchados e reides, que fazia hum cerco, que me pareceu á primeira que era armadilha para caçar veados; e despois vi muitas covas fuscas, que estavam dentro do dito cerco das reides: então vi que eram sepulturas dos que morriam: e tudo quanto tinham lhe punham sobre a cova; porque as pelles, com que andavam cobertos, tinham ali sobre a cova, e outras maças de páo, e azagaias de páo tostado, e as reides de pescar e as de caçar veados: todos estavam em contorno da se-

pultura, e quizera mandar abrir as covas; despois houve medo que acudisse gente da terra, que o houvesse por mal. Aqui juntas estariam trinta covas. Por nam podermos achar outra lenha mandei tirar todolos páos das sepulturas: mandei-os trazer para fazer-mos fogo, para se fazer de comer com dous veados, que matámos, de que a gente tomou muita consolaçam. A gente desta terra sam homens mui nervudos e grandes; de rosto sam mui feos: trazem o cabelo comprido; alguns delles furam os narises, e nos buracos trazem metidos pedaços de cobre mui lucente: todos andam cobertos com pelles: dormem no campo onde lhes anoitece: não trazem outra cousa comsigo senam pelles e reides para caçar: trazem por armas hum pilouro de pedra do tamanho d'hum falcão, e delle sae hum cordel de hua braça e mea de comprido, e no cabo hua borla de penas d'ema grande; e tiram com elle como com funda: e trazem huas azagaias feitas de páo, e huas porras de páo do tamanho de hum covado. Nam comem outra cousa senam carne e pescado: sam mui tristes; o mais do tempo choram. Quando morre algum delles segundo o parentesco, assi cortam os dedos — por cada parente hua junta; e vi muitos homens velhos, que nam tinham senam o dedo polegar. O falar delles he do papo como mouros. Quando nos vinham ver nam traziam nenhua molher comsigo; nem vi mais que hua velha, e como chegou a nós lançou-se no chão de bruços; e nunca alevantou o rosto: com nenhua cousa nossa folgavam, nem amostravam contentamento com nada. Se traziam pescado ou carne davam-no-lo de graça, e se lhe davam algua mercaderia nam folgavam; mostrámos-lhe quanto traziamos; nam se espantavam, nem haviam medo a artelharia; senam suspiravam sempre; e nunca faziam modo senam de tristeza; nem me parece que folgavam com outra cousa.

Sestafeira vinte e sete de dezembro parti do rio dos

Beguoais, e em se querendo pôr o sol cheguei á ilha das Palmas, onde Martim Afonso estava. Esta ilha das Palmas he muito pequena; della a terra ha hum quarto de legua: faz a entrada da banda do essudoeste: ha de fundo limpo quatro, cinco, seis braças. Ao mar della, hua legua ao sul, ha huns baxos de pedra mui perigosos. Aqui estivemos nesta ilha quatro dias fazendo-nos prestes para nos irmos ao rio de Sam Vicente.

Terçafeira primeiro dia de janeiro partimos desta ilha com o vento lesnordeste; fizemos o caminho do sudoeste. A' noite se fez norte, e fizemos o caminho a leste toda a noite, com bom vento.

Quartafeira dous de janeiro pela menhãa saltou o vento a sudoeste; fizemos o caminho ao nordeste e a quarta de leste: e á noite acalmou o vento: e ao pôr do sol vimos terra, a qual se corre a nordeste-sudoeste. Esta noite fizemos hua agua mui grande, e davamos hum relogio á bomba e outro nam.

Quintafeira tres de janeiro pela menhãa nos deu muito vento sudoeste: faziamos o caminho ao nordeste e a quarta de leste. E mandou Martim Afonso a caravela ao porto dos Patos, para ver se achava o bargantim ou a gente delle, que perderamos de companhia, quando íamos para o rio; e mandou-lhe que governassem ao nordeste e a quarta do norte. Este dia tomei a altura em vinte e nove graos e tres quartos: fazia-me de terra quinze leguas. Esta noite corremos á popa com mui bom vento.

Sestafeira quatro de janeiro houve vista de terra, — huas barreiras vermelhas, que estam des leguas ao sul do porto dos Patos. E ao sol posto fui com o porto dos Patos. Por me afastar de terra fiz o caminho a lesnordeste, com o vento sul, e com mui gram mar fizemos tanta agua toda esta noite, que não levamos a mão da bomba até pela menhãa, que tomámos parte della.

Sabado cinco dias de janeiro abonançou mais o tempo e o mar; e ao meo dia tomei o sol em vinte e sete graos.

Domingo seis do dito mes nos ventou o vento sulsueste, e com o traquete baxo corremos a noite toda ao nordeste e a quarta de leste.

Segundafeira sete do dito mes ao meo dia tomei o sol em vinte e cinco graos escaços; e hua hora de sol vi a terra, que he mui alta, e seria della sete leguas; e fomos no bordo da terra até á noite, que se me fez o vento lesnordeste; e virámos no bordo do mar.

Terçafeira oito de janeiro no quarto d'alva nos fizemos no bordo da terra; e ao meo dia fomos com ella; e conheci ser o rio da banda do nordeste da Cananea, e como nam podiamos cobrar pela corrente e o vento ser grande. E o porto de Sam Vicente me demorava a nordeste: estava delle quinze leguas. Como vi que nam podiamos cobrar, arribámos á ilha da Cananea: e ao pôr do sol surgimos a terra della.

Quartafeira nove do dito mes se nos abriu hua grande agua na nao, que nos dava muito trabalho. Aqui nesta ilha estivemos até quartafeira desaseis de janeiro, que partimos com o vento sudoeste, fazendo sempre muita agua, que nam se levava a mão a duas bombas.

Quintafeira desasete do dito mes a agua corria ao nordeste, e sem vento andámos este dia des leguas.

Sestafeira desoito do mes de janeiro andámos em calma até sabado no quarto d'alva, que se fez o vento sueste, e fazia o caminho ao longo da costa hua legua de terra, por fundo de trinta e cinco braças d'area, e ao meo dia tomei o sol em vinte e quatro graos e trinta e cinco meudos.

Domingo vinte do dito mes pela menhãa quatro leguas de mim vi a abra do porto de Sam Vicente; demorava a nordeste; e com o vento lesnordeste surgimos em fundo de quinze braças d'area, mea legua de terra; e ao meo dia tomei o sol em vinte e quatro graos e desa-

sete meudos; e duas horas antes que o sol se puzesse nos deu hua trovoada do norocste: pela corrente ser mui grande ao longo da costa atravessava a nao o vento que era mui grande; e metia a nao todo o portaló por debaxo do mar; se nos nam quebrára a anchora pela unha foramos soçobrados, segundo o vento era desigual. Como se fez o vento oessudoeste demos á vela; e esta noite no quarto da modorra fomos surgir dentro n'abra, em fundo de seis braças d'area grossa.

Segundafeira vinte e hum de janeiro demos á vela, e fomos surgir n'hua praia da ilha do Sol; pelo porto ser abrigado de todolos ventos. Ao meo dia veo o galeam Sam Vicente surgir junto comnosco, e nos disse como fóra nam se podia amostrar vela, com o vento sudoeste.

Terçafeira pela menhãa fui n'hum batel da banda d'aloeste da bahia e achei hum rio estreito, em que as naos se podiam correger por ser mui abrigado de todolos ventos: e á tarde metemos as naos dentro com o vento sul. Como fomos dentro mandou o capitam I. fazer hua casa em terra para meter as velas e emxarcia. Aqui neste porto de Sam Vicente varámos hua nao em terra. A todos nos pareceu tam bem esta terra, que o capitam I. determinou de a povoar, e deu a todolos homens terras para fazerem fazendas; e fez hua villa na ilha de Sam Vicente; e outra nove leguas dentro pelo sartam, á borda d'hum rio, que se chama Piratinimga: e repartiu a gente nestas duas villas e fez nellas oficiaes: e poz tudo em boa obra de justiça, de que a gente toda tomou muita consolaçam, com verem povoar villas e ter leis e sacrificios, e celebrar matrimonios, e viverem em communicaçam das artes; e ser cada hum senhor do seu; e vestir as enjurias particulares; e ter todolos outros bens da vida sigura e conversavel.

Aos cinco dias do mes de febreiro entrou neste porto de Sam Vicente a caravela Santa Maria do Cabo, que

o capitam J. tinha mandado ao porto dos Patos buscar a gente d'hum bargantim, que se ahi perdera; e achou que tinha feito outro bargantim, com ajuda de quinze homens castelhanos, que no dito porto havia muitos tempos, que estavam perdidos: e estes castelhanos deram novas ao capitam J. de muito ouro e prata, que dentro no sartam havia; e traziam mostras do que diziam e afirmavam ser mui longe. Estando neste porto tomou o capitam J. parecer com todolos mestres e pilotos e com outros homens, que para isso eram, para saber o que havia de fazer; porque as naos se estivessem dous meses dentro no porto nam podiam ir a Portugal, por serem mui gastadas do busano; e a gente do mar vencia toda soldo sem fazerem nenhum serviço a elrei, e comiam os mantimentos da terra. E assentaram que o capitam J. devia de mandar as naos para Portugal, com a gente do mar; e ficasse o capitam J. com a mais gente em suas duas villas, que tinha fundadas, até ver recado da gente, que tinha mandado a descubrir pela terra dentro, e logo me mandaram fazer prestes para que eu fosse a Portugal nestas duas naos, a dar conta a elrei do que tinhamos feito. A ilha do Sol está em altura de vinte e quatro graos e hum quarto.

NOTAS.

1

Pag. 1.ª « Diario da Navegação da Armada que foi » &c.

Apresentamos este titulo em pagina separada de caso pensado, para o não introduzir no texto: porque lhe nao pertence, e em nossa opinião nem o original o teria. O codice da *Bib. Real*, que é uma copia em letra quasi contemporanea, não o continha nesta letra; e só depois uma barbara penna, que nelle fez varias *correcções*, de que fazemos menção, compoz o seguinte, e o introduzio no cimo da primeira pagina.

Naveguaçam que fez P.º Lopes de Sousa no descobrimento da costa do brasil militando na capitania de Martim A.º de Sousa seu irmão: na era da encarnaçam de 1530.

Adoptariamos est'outro se o exemplar que o contêm fosse aquelle, que nos guiasse; porêm tendo mais dois era dever do editor consulta-los, e dar-lhes attenção. De um nos desembaraçamos logo, que o não tinha; todavia com a copia mutilada, que possue o Ex.^mo Sr. Bispo Conde, não aconteceu o mesmo. Tinha o nome de *Diario*, e o achamos tão apropriado, attenta a fórma da narração, que não hesitámos em o adoptar; accrescentando mais alguma explicação, para em resumo designar o assumpto. O nosso exemplar não continha a narração da vinda de Pero Lopes; e no da *Bib. R.* ha della só um fragmento. Portanto sendo nossa primeira tenção trazer a lume só o que diz respeito a armada, *que foi* á terra do brasil (como se expressa o autor), no que está completa a narração, e dar em nota o fragmento mutilado, que resta do mesmo á cerca da sua volta a Portugal, parece-nos que adoptámos um titulo se não verdadeiro, pelo menos demonstrativo, e neste ponto não devemos ser taxados de infieis fazendo esta declaração.

A razão porque achamos tanta propriedade no nome *Diario* é porque estamos persuadidos que elle era escripto á medida que succediam os factos.

2

Pag. 3, lin. 4 e 5. « Capitam de uma armada e governador da terra do brasil »

Publicamos os documentos, que ainda existem nos Livros da Chancellaria de elrei D. João 3.º, no R. Archivo da Torre do Tombo, os quaes melhor mostram o que afirma Fr. Gaspar da Madre de Deus nas *Memorias da Capitania de S. Vicente* (pag. 42), a respeito do titulo e poderes discricionarios, de que ía munido Martim Affonso. São todos datados de Castro Verde em 20 de Novembro de 1530. Como os tirámos dos originaes, e são pela primeira vez impressos, assentámos de lhe conservar em tudo a mesma orthografia, com que se acham no livro competente, sem em nada descrepar.

DOCUMENTO I.

Carta de grandes poderes ao capitão mór, e a quem ficasse em seu logar.

Dom Joham & A quamtos esta mjnha carta de poder virem faco saber que eu envio ora a martim afonso de sousa do meu conselho por capitam mor darmada que envyo a terra do brasill e asy de todas as terras que elle dito martim afonso na dita terra achar e descobrir e porem mando aos capytães da dita armada e fidalgos caualeiros escudeiros gemte darmas pylotos mestres mariamtes e todas outras pessoas que na dita armada forem e asy a todas as outras pessoas e a quaesquer outras de qualquer calidade que sejam que nas ditas terras que elle descobrir ficarem e nela estiverem ou a ella forem ter por qualquer maneira que seja que aja ao dito martim afonso de sousa por capitam mor da dita armada e terras e lhe obedecam em todo e por todo o que lhes mandar e cumpram e guardem seus mandados asy e tam jmteyramente como se por mim em pessoa fose mandado sob as penas que elle poser as quaes com efeyto dara a divida execucam nos corpos e fazendas daquelles que ho nom quyserem comprir asy e allem diso lhe dou todo poder alcada mero mysto Inperyo asy no crime como no civel sobre todas as pessoas asy da dita armada como em todalas outras que nas ditas terras que elle descobrir viverem e nella estiverem ou a ella fforem ter por qualquer maneira que seja e elle determjnara seus casos feytos asy crimes como cives e dara neles aquelas sentenças que lhe parecer Justiça conforme a direito e mynhas ordenações ate morte naturall Inclusyue sem de suas sentenças Dar apelacam nem agravo que pera todo o que dito he e tocar a dita jordicam lhe dou todo poder e alcada na maneira sobredita porem se alguns fidalguos que na dita armada forem e na dita terra estiverem ou vyverem e a ela forem cometerem alguns casos crimes per omde merecam ser presos ou emprazados elle dito martim afonso os podera mandar prender ou emprazar segundo a calidade de suas culpas o merecer e mos enviara com os autos

das ditas culpas pera caa se verem e determinarem como for justiça porque nos ditos fidalgos no que tocar nos casos crimes ey por bem que elle nam tenha a dita alcada e bem asy dou poder ao dito martim afonso de sousa pera que em todas terras que forem de mjnha conquista e demarcacam que elle achar e descobrir posa meter padrões e em meu nome tome delas Reall e autoall e tirar estormentos e fazer todos os outros autos quando direitamente se Requererem e forem necesaryos porque pera isso lhe dou especial e todo comprido poder como pera todo ser fyrme e valioso Requerem e se pera mais fyrmeza de cada hua das cousas sobreditas e serem mais fyrmes se cumprirem com efeyto e necesarjo de feito ou de direito nesta mjnha carta de poder yrem decraradas alguma clausulla ou clausulas mais expeciaes e exvberantes heu as hey asy por expresas e decraradas como se especiallmente o fosem posto que sejam taes e de tal calidade que de cada hua delas por direito fose necesarjo se fazer expresa memçam e porque asy me de todo praz mandey diso pasar esta mjnha carta ao dito martym afonso asynada por mim e aselada do meu selo pendente dada em a vila de crasto Verde aos xx dias do mes de novembro fernam da costa a fes ãno do nacimento de noso Snõr Jhu x.º de mill bexxx ãnos e eu amdre pyz a fiz escrever e sobsstpvy e se o dito martim afonso em pessoa for, algumas partes elle leixara nas ditas terras que asy descobrir por capitam mor e governador em seu nome a pessoa que lhe parecer que ho melhor fara ao quall leixara por seu asynado os poderes de que hade usar que seram todos ou aquela parte destes nesta mjnha carta decrarados que elle vyr que he bem e mando que a dita pessoa que asy leixar seja obedecido como ao dito martim afonso sob as penas que nos ditos poderes que lhe asy leixar forem decraradas e no que toca a emprazamento dos fidalgos que em cima he decrarado por alguns justos Respeitos ey por bem que o dito martim afonso os nom empraze e quando fizerem taes casos por onde merecam pena algua crime elle os prendera e mos enviara presos com os autos de suas culpas pera se nyso fazer o que for justica (*Real Arch. Liv.* 41 *da Chancellaria de elrei D. João* 3.º, *folh.* 105.

DOCUMENTO II.

Carta de poder para o capitão mor criar tabaliães e mais officiaes de justiça.

Dom Joham &c. A quantos esta mjnha carta virem faco saber que eu envio ora a martym afonso de sousa do meu conselho por capitam moor darmada que envio a terra do brazill e asy das terras que elle na dita terra achar e descobryr e por que asy pera tomar a posse dellas como pera as cousas da Justica e gouernamca da terra serem menystradas como deuem sera necesaryo cryar e fazer de novo alguns oficyaes asy tabaliaens como quaesquer outros que vyr que pera yso forem necesaryos por esta mynha carta dou poder ao dito martym afonso pera que elle posa cryar e fazer dous tabaliaens que syrvam das notas e Judiciall que logo com elle da qy vam na dita armada os quaes seram taes pessoas que ho bem

saybam fazer o que pera ysso sejam autos aos quaes dara suas Cartas com ho trellado desta mjnha pera mays fermeza e estes tabaliaens que hasy fazer leixaram seus synaes publicos que ouverem de fazer na mjnha chancellaria e se despoys que elle dito martym afonso for na dita terra lhe parecer que pera gouernamca della sam necesaryos mays tabaliaens que hos sobre ditos que asy da qy hade leuar yso mesmo lhe dou poder pera os cryar e fazer de novo e pera quando vagarem asy huns como outros elle prouer dos ditos oficyos as pessoas que vyr que pera yso sam autas e pertemcentes e bem asy lhe dou poder pera que possa cryar e fazer de nouo e prouer por faleçymento dos que cryar os oficyos da Justiça e gouernamca da terra que por mjm nam forem proujdos que vyr que sam necesaryos e os que asy por elles cryados e proujdos forem ey por bem que tenham e possuam e syruam os ditos oficyos como se por mjm por mjnhas proujsões os fosem e por que hasy me diso praz lhe dey esta mjnha carta de poder ao dito martym afonso por mjm asynada e asellada com ho meo sello pera mays fermeza dada em a Villa de crasto Verde a xx dias de novembro fernam da costa a fez anno do nacymento de noso sôr Jhu xº de myl bc xxx annos E eu amdre piz a fiz escruer e soescrevy *(R. Arch. Liv. 41 de D. João 3.º fol. 103)*.

DOCUMENTO III.

Carta para o capitão mór dar terras de sesmaria.

Dom Joham &c A quantos esta mynha carta virem faco saber pera que as terras que martym afonso de sousa do meu conselho descobryr na terra do brazyll omde o emvio por meu capitão moor se possam aproveytar eu por esta mynha carta lhe dou poder pera que elle dito martym afonso posa dar as pessoas que comsygo leuar as que na dita terra quyserem vyuer e pouar aquella parte das terras que hasy achar e descobryr que lhe bem parecer e segundo o merecerem as ditas pessoas por seus seruyços e calydades pera aas aproueytarem e as terras que hasy der sera somente nas vidas daquelles a que as der e mays nam e as terras que lhe parecer bem podera pera sy tomar porem tanto ate mo fazer saber e aprueytar e gramjear no mylhor modo que elle poder e vyr que he necesaryo pera bem das ditas terras e das que hasy der as ditas pessoas lhes passara suas cartas declarando nellas como lhas da em suas vidas somente e que de dentro em seys annos do dia da dita data cada hum apruoytar a sua e se no dito tempo asy ho nam fizer as podera tornar a dar com as mesmas condicoes a outra pessoas que has aproueytem e nas ditas cartas que lhes asy der hyra trelladada esta mjnha carta de poder pera se saber a todo tenpo como o fez por meu mamdado e lhe ser Imteyramente guardada a quem a tyuer e o dito martym afonso me fara saber as terras que hachou pera poderem ser aproueytadas e a quem as deu e a quamta camtydade a cada hum e as que tomou pera sy e a dysposiçam dellas pera o eu ver e mandar nyso o que me bem parecer e por que asy me praz lhe mandey dar esta mynha carta por mjm asynada e asellada com ho meu sello pemdemte dada em a Villa de crasto verde a xx dias do mes de noven-

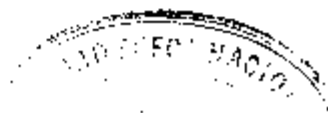
bro fernam da costa a fez anno do nacymento de noso Sõr Jhu x° de mjll be xxx annos *(R. Archi. Liv. 41 da Chanc. de D. João 3.° fol. 103.)*

Não passaremos á nota seguinte sem deixar impressa huma observação acerca d'este ultimo documento, que é incontestavelmente o autografo da cópia adulterada, que Fr. Gaspar deu ao prélo *(Mem. pag 12)*, tirada, diz elle «de tres copias *authenticas*, ingeridas nas sesmarias de Pedro de Goes, Francisco Pinto e Ruy Pinto, registradas (antes) no Cartorio da Provedoria da Fazenda R. da villa de Santos,» e no seu tempo (1797) existente na Provedoria de S. Paulo (Liv. *de Regim. de Sesm.* rubricado por *Cubas*, que tinha por titulo N. 1. *liv.* 1 1555—*fol.* 42 e 103).— A simples leitura dos dous traslados fará conhecer quanto tal copia está viciada, mutilada e arredada do seu original;—hum periodo ha que até invertido todo em sentido, e visivelmente com má fé; aqui o apresentâmos para os leitores cotejarem, e fazerem melhor o seu juizo.

Diz o Authografo.	*Diz o Transumpto impresso por Fr. Gaspar.*
	(Pag. 13, lin. 6 e seg.)
E as terras que, assim der, *será sómente nas vidas d'aquelles, a que as der, e mais não* . . . . e das que assim der ás ditas pessoas lhes passará suas cartas, declarando n'ellas como *lhas dá em suas vidas sómente*; e que de dentro em *seis* annos do dia da dita data cada hum aproveitará a sua, &c.	E as terras, que assim der, *serão para elles e seus descendentes*, e das que assim der ás ditas pessoas, lhes passará suas cartas; e que dentro em *dois* annos da dita data cada hum aproveite a sua, &c.

Quantas vezes, em objectos de mais momento, se terão assim corrompido venalmente documentos d'esta natureza, com detrimento do estado e da historia!

5

Quanto ao nome terra do brasil, nota-se a razão porque se escreve com letra pequena esta ultima palavra. He bem sabido que já antes do descobrimento do novo-mundo havia no antigo continente, e se fazia uso para a tinturaria do páu-brasil, e que hoje ainda existe em alguns logares da Asia e até na Africa; e das arvores d'esta especie, que havia em hum cerro, ao pé de Angra, na Ilha Terceira, lhe proveio por ventura o nome de *Monte-Brasil*, que ainda conserva.

Tambem se não ignora que o nome dado, por Cabral ás plagas occidentaes, que descubriu, foi, segundo Pero Vaz Caminha, o de Terra da *Vera Cruz*, e ao depois disseram de *Santa-Cruz;* e que sendo a principio a utilidade d'esta terra exclusivamente a de lhe extrahir o brasil, por isso lhe chamárão *Terra do brasil*. (1)

Durão não se esqueceu de commemorar, em verso, esta particularidade no Cant. 6.º Est. 61.

> " Terra porêm depois chamou a gente
> Do Brasil, não da Cruz; porque atrahida
> D'outro lenho nas tintas excellente "
> . . . . &c.

4

Pag. 1, 2 *e* 4.

Já advertimos que usavamos, no texto, das palavras em grifo quando as encontrámos riscadas no codice da *Bib. Real*. Agora acrescentaremos as substituições feitas por quem as riscou; as quaes devem considerar-se menos como *variantes* propriamente taes, que como caprichos de algum leitor ignorante, que se ensaiava de ser editor; com a condição, ao que parece, de publicar a obra *em seu estilo*.

Pag. 2, *lin.* 17. — Escreveu em vez do que riscou, e está em grifo: — «nesta ilha estivemos dous dias corregendo ho leme da nao capitaina.» —

Id., *lin.* 26. — «Se fez» em vez de «*saltou*.»

Id., *lin.* 19. — «Fazia o caminho a ho sul e a quarta do sudoeste.»

Id., *lin.* 55. — Escreve «com» em vez de «*senam*.»

Pag. 3, *lin.* 5, 6 *e* 7. — « E tomei somda em 55 braças darea limpa : « esta costa lamça gramde parçel o mar, sem haver baixo nem restingua « que empida a naueguaçam : de noite no segundo quarto se fez ho vento « norte e fizemos ho caminho susudueste. »

Id., *lin.* 10. — Em vez de — « e o vento *começou a refrescar do norte, e com elle* » — deixou só quem emendou — « e com vento norte. » —

Id., *lin.* 30. — Diz a emenda — « fazia ho caminho ao » =

5

Pag. 4, *lin.* 3. « *Mandou o capitam J. a Baltazar Gonçalves.* »

---

(1) "Es tierra de infinito brasil" dizia della Gomara em 1552 (Ist. de las Indias, ed. de Sarag. deste anno). Os italianos chamaram-lhe *verzino*, e Cazal errou traduzindo (T. 1.º pag. 43) *verniz*.

Muitas vezes se encontrará no texto o breve *Capitam J.*, para designar o *capitão*, *irmão* do A. Conservamos J. por assim estar no nosso exemplar, com tudo no codice da *Bib.. Real* lê-se I; lição que julgamos se deve adoptar, porque I. he a inicial de irmão, palavra que o A. a nosso ver quer designar.

Quanto a Baltazar Gonçalves não póde este ter sido o mesmo que no anno de 1530 tinha partido n'huma caravela, que foi á India na armada de João Camelo.

6

Pag. 4, lin. 6 *e* 7. «Eramos pegados com a ilha de Maio, e como o meo dia veo tam cerraçam nos foi necessario pairar hatee que ha nevoa descobrise.»

7

Pag. 4, lin. 29. « *Rio de Maranham.* »

Veja-se o que dizemos na nota 18, a pag. 69.

8

Pag. 5, lin. 16.—No codice da *Bib. Real* lê-se *emmes*, e não *emmendas*, cuja lição adoptamos, por ser a da nossa copia.

9

Pag. 6, *lin.* 17. = O da *Bib. Real* escreve *ventou* duas vezes, o que he manifesto engano de copia.

10

Pag. 6, *lin.* 27 *e seg.* — Tambem diz = tomei = emendando « tornei a tomar » que tinha antes e escreve sempre *santagustinho*, por *Santo Agostinho*, como vem no nosso MS.

11

Pag. 7 « Ilha de Fernão de Loronha. »

He a bem conhecida ilha de Fernão de Noronha achada, como todos repetem, pelo Portuguez de seu nome, sem dizerem porém até agora em que anno. Tinhamos emprehendido hum trabalho, para mostrar ter sido esta a ilha, descoberta pela armada de 6 velas que foi ao Brasil em 1503, fundados sobre considerações nauticas e geograficas (1), quando encontrámos no Real Archivo da Torre do Tombo documentos que nos tirárão, a este respeito, de toda a duvida. Consistem estes documentos em doações d'esta ilha (chamada então de S. João) ao descobridor e seus successores, sendo a primeira a 16 de Janeiro de 1504, em que El-Rei diz que fazia doação a Fernão de Noronha da Capitania da ilha que elle *novamente achára e descobrira*. Eis aqui os documentos em que nos estribamos:

DOCUMENTO IV.

Dom Joam etc. fazemos saber que por parte de fernam de loronha cavaleiro de nosa casa nos foy apresentada huma carta del-Rey meu Senhor e padre que Samta groria ajaa de que o teor tall he—Dom Manuel per graça de Deus Rei de purtugall, e dos allgarves daquem e dalem mar em afriqua senhor de guinee e da comquista navegaçam comercio detiopia arabia persya e da Imdia. A quamtos esta nosa carta vyrem fazemos saber que avemdo nos Respeito aos serviços que fernam de loronha cavaleiro de nosa casa nos tem feitos e esperamos ao diamte dele Receber e queremdo lhe por isso fazer graça e merce Temos por bem e nos praz que vindo se a povoar em allgum tempo a nosa Ilha de sam Joam que ele ora novamente achou e descobrio cimcoenta leguas alamar da nosa terra de Santa Cruz lhe darmos e fazermos merce da Capitania della em vida sua e de hum seu filho baram lidimo mais velho que dele ficar ao tempo de seu falecimento e quando esto asy for lhe mandaremos fazer sua Carta em forma em a qual lhe daremos os direitos e Jurdição que com a dita Capitania ade ter segundo que nos emtão bem parecer.

---

(1) Estas considerações, que, pela sua extensão, seria fóra do proposito aqui enumerar com todo o desenvolvimento, reduzem-se a comparar: 1.º o rumo d'esta navegação, segundo a relação de Americo, e a posição que dá á ilha que descobrirão, com a differença de longitude (proximamente 18°) que vai da ilha de Fernão de Noronha á Serra Leôa; e o computo da sua latitude com a de Cook, do *Connaissance des Temps*, das *Requisite Tables* de Hewet (1817), de Brisbone (1821), e ainda melhor dos acreditados Foster e Tiarks, e com aquella que Owen e Purchas dão á Serra Leôa, —ponto de partida da derrota. 2.º As descripções dadas por Americo a par das de Don Jorge Juan y Don Antonio de Ulloa (en Madrid, 1748, T. 4.º P. 2.ª pag. 420); da *Corografia Brasilica* (Tom. 2.º pag. 217), e ainda melhor de Melchior Estaço do Amaral (*Tratado do successo do Galeão Santiago*. cap. 10.)

Folgámos depois ao ver que o Almirante Quintella já seguia por conjectura esta opinião.

E por firmeza delo e sua guarda lhe mandamos dar esta Carta per nos asynada e asellada do noso Sello pendente a quall promettemos de se lhe comprir e guardar imteiramente como se nella contem por quanto asy hee nosa merce dada em a nosa cidade de lixboa a deseseis dias de Janeiro francisco de matos a fez ano do nacimento de noso Senhor Jesu Christo de mil quinhentos quatro — E pedindo-nos o dito fernam de loronha por merce que lhe confirmasemos a dita carta e visto per nos seu dizer querendo lhe fazer graça e merce temos por bem e lha comfirmamos e avemos por confirmada asy e na maneira que se nela comtem e queremos e mamdamos que asy lhe seja comprida e guardada dada em a nosa cidade de lixboa a tres dias de março pero fragoso a fez ano de noso Senhor Jesu Christo de mil quinhentos vinte e dous.—*(Do Real Archivo Liv. 37 da Chanc. de D. João 3.º fol. 152).*

N'este mesmo livro a fol. 152 v. se acha a carta d'El-Rei D. Manuel de 24 de Janeiro de 1504, em que lhe faz doação da ilha; confirmada igualmente por El-Rei D. João III na data ut supra de 3 de Março de 1522. — He como se segue:

DOCUMENTO V.

«Dom Joham &.ª fazemos ssaber que por parte de fernam de loronha caualeiro de nossa cassa nos foi apresemtada hua carta del-Rey meu senhor e padre que santa groria aja de que ho teor he—dom manuell per graça de deos Rey de portugall e dos alguarues daquem e dalem mar em afryca senhor de guine e da comquista navegaçam comercyo tyopia arabia percia e da Imdia a quamtos esta nossa carta virem fazemos saber que havemdo nos Respeitos aos seruiços que fernam de noronha caualeiro de nossa cassa nos tem feitos e esperamos dele ao diamte receber e queremdo-lhe fazer graça e mercê temos por bem e lhe fazemos doaçam e merce daqui em diamte pera em todollos dias de sua vida e de hum seu filho barão lidimo mais velho que dele ficar ao tempo de seu falecymento da nosa jlha de sam joham que ele hora novamente achou e descubryo cinquoenta legoas alla mar da nossa terra de samta cruz que lhe temos aremdada a qual Ilha lhe asy damos pera nella lamcar gado e a romper e aproueitar segundo lhe mais aprouer com tall entemdimento e decraração que de todo perveeito que na dita Ilha ouer asy agora como ao diamte per quallquer modo e maneira que seja tiramdo espyccaria drogaria e coussas de timtas que pera nos reseruamos e de todo ho mais nos dara e pagara e asy ho dito seu filho o quarto e dizimo soomente ssem mais outro nenhum direito. — E porem mandamos aos veadores de nosa fazemda oficiaes de nosa casa de guyne e India que hora sam e Ao diamte forem e a quaesquer outros nossos oficiaes e Juizes e Justiças a que esta nosa carta for mostrada e o conhecimento delia pertemcer que Imteiramente lha cumpram e guardem e facam comprir e guardar ssem lhe niso em nenhu tempo que seja a elle fernam de loronha nem ao dito seu filho em suas vydas ser a ello posto duvida nem ouutro embargo algum por que asy he nosa merce e por firmeza delo lhe manda-

mos dar esta per nos assynada e aselada do noso selo peindemte dada em a nosa Cydade de lixboa a vinte equatro dias de Janeiro francisco de matos a fez anno do nacymento de nosso Senhor Jesu Christo de mil quinhentos e quatro—e pedindo-nos o dito fernam de loronha por merce que lhe confirmasemos a dita carta e visto por nos seu dizer querendo-lhe fazer graça e merce temos por bem e lha confirmamos e havemos por confirmada queremos e mandamos que asy se lhe cumpra e guarde dada em na çidade de lixboa a tres dias de março pero fargoso a fez anno do nacimento de nosso senhor jesu christo de mil quinhentos e vinte e dois.

De outros livros e logares vemos as successivas confirmações d'esta doação, e rectificamos ser a mesma ilha chamada hoje — de Fernão (ou Fernando) de Noronha.— Aqui os apontamos:

Do Liv. 9 fol. 272 v. da Chancellaria de El-Rei D. Sebastião se vê que em data de 20 de Maio de 1559 foi confirmada em Fernão de Loronha, filho de Diogo de Loronha, neto de Fernão de Loronha, a doação que fôra feita a este ultimo seu avô por El-Rei D. Manuel (e o Alvará acima de D. João III) da ilha de S. João, *que está* (diz a carta de doação) *sessenta legoas ao mar do Cabo de S. Roque da Terra do brasil.*

Do Liv. 5.º fl. 100 de D. Pedro II se vê a confirmação d'El-Rei da doação da mesma ilha por successão a João Pereira Pestana, filho de João Pereira Pestana e neto de Fernão Pereira Pestana de Loronha *donatario que foi da ilha de S. João.* Esta carta de confirmação he datada de 8 de Janeiro de 1695.—

Esta ilha ficou pertencendo sempre ao dominio de Portugal, e chegando a ella piratas no seculo passado partiu a expulsal-os, a 7 de Setembro de 1738, D. Manoel Henriques, que alli chegou a 25 de Outubro (Hist. Geneal. Tom. 8.º p. 243).

Fica portanto sabido que o descobrimento da ilha de Fernão de Noronha foi em 1503.

Agora avançaremos mais. Sendo, pelas combinações referidas na nota precedente, inquestionavelmente esta ilha a descoberta em Agosto de 1503, pela armada de seis velas que então foi ao Brasil, das quaes, naufragando duas, se apartou o Capitão-mór com outras duas da companhia de Americo, temos que o Capitão-mór retrocedeu a Lisboa a dar parte d'este achado, e que não póde deixar de ter sido Fernão de Noronha, porquanto ao commandante he que sempre tocava a honra do descobrimento, e o tempo que medea antes de 16 de Janeiro de 1504, não era mais que o sufficiente para fazer, n'aquelles tempos, a volta, contractar o arrendamento da ilha descoberta, e por fim andar como pertendente a supplicar a doação e capitania pelos Paços Reaes.

Bem se vê que para fazermos esta combinação de factos, he necessario que acreditemos a veracidade das relações de Americo nas duas via-

gens de 1501 e principalmente de 1503 — unica autoridade, em que, taes como Munster (1), se estribão os que logo depois o contão.

Ora pela nossa parte confessamos que de tantos argumentos, que temos lido contra, nenhum tem em nós mais valimento do que autoridades de todo o credito. Pedro Martyr, escriptor contemporaneo e de verdade, se refere ás expedições que Americo fizera no Brasil, em serviço e á custa do Rei de Portugal (2). — João de Empoli, feitor de huma não portugueza, que partiu de Lisboa para a India a 6 de Abril de 1503, fazendo parte da Armada do grande Albuquerque, e voltou no anno seguinte, tambem he da mesma opinião (3); e o celebre historiador Gomara (4) ao menos acreditou-o, não obstante ser hum rival de Colombo.

E sem recorrer a estas autoridades temos noticia, por todos os escriptores do Brasil, que logo nos primeiros annos do seculo XVI forão exploradas as «virgens plagas do Cabral famoso» (5) por duas armadas (6), e que d'ellas naufragárão algumas embarcações, e de taes escriptores não he o menor numero, que acredita em Americo.

Além d'isso temos toda a certeza que Cabral, quando voltava da India, encontrou em Besenegue (7) a primeira d'estas expedições, o que nos consta pelo cap. 21 da relação da viagem d'este feliz nauta, escripta por hum testemunha ocular, e que foi impressa em Ramusio, e anda na

(1) Seb. Munster *Corog. Univers.* pag. 1111, Edic. de Basilea de 1550. — "*Paulo ulterius, progressus, uidit insulam in medio mari altam et admirabilem, sed ubi præfectus nauium nauem suam perdidit.*" &c.

(2) Na sua obra impressa, pela primeira vez, em Sevilha em 1511, *De novo orbe* Dec. 2.ª cap. X. diz claramente:

—"*Americus Vespucius Florentinus vir in hac arte peritus, qui ad Antarcticus & ipse auspiciis & stipendio Portugalesium ultra lineam Aequinotiatem plures gradus adnavigavit.*" —

(3) A narração da sua *Viagem ás Indias Occidentaes*, que fôra então escripta, appareceu publica na Collecção de Ramusio.— Empoli, que chegou por esta occasião ás costas do Brasil, diz expressamente — "*La terra della Vera Croce ou er del Bresil cosi nominata, altreuollte di scoperta p. Amerigo Vespucci, nella qual si fa buona sóma di cassia e di Verzino*" — e não *vernizo*, conforme copiou Cazal.

(4) *La istoria de las Indias*, Saragoça, 1552 fol. ij. v. "*Y pues auia llegado cerca de alli* (terra dos Patagões) *Americo Vespucio.*"

(5) Na *Uniuersalior cogniti Orbis Tabula* feita por João Ruysch, e que acompanha a edição de Ptolomeu de Roma em 1508, lê-se sobre a *terra de Santa Cruz* "Naute Lusitani partem hanc terre hujus observarunt et usque ad elevationem "Poli Antartici 50. graduum pervenerunt nondu tamen ad ejus finem austri-"num."

(6) Vej. *Ant. Galv.*, *Descob, ant. e mod.*, 1501 e 1503.—Goes, cap. 65 da 1.ª Parte da Chron. de D. Manuel.—Hier. Osor. *De reb. Em.*—Maffeo Lib. 2 (Ed. de Florença de 1588 p. 31). — Vasconcellos *Noticias* n. 58.— Balthazar Telles *Chron. da Comp. de* Jesu, Lisboa 1647 Liv. 3 cap. 1.º pag. 430. — Possino, *De vit.* Ign. Azev. Lib. 2 n. 15 e n. 16.—Thomaz Tamaio de Vargas, Madrid 1628 fol. 22.—Francisco de Brito Freire *Nova Lusitania* Liv. 2.º n. 134 p. 71. — Santa Theresa. T. 1.º p. 7.—Rocha Pitta Liv. 1.º n. 90. p. 54. — Jaboatão Preamb. Dig. 1.ª Est. 3. n. 7 p. 4 e 28, e Liv. Antep cap. 3.º—Baerl (Ed. de 1647) pag. 15. —Fr. Gaspar da Madre de Deus.— Fernandes Pinheiro, *Annaes do Rio Grande, Introd.* — Gueudeville *Atlas Historique* T. 6. p. 150 (Amsterd. 1719). *Penny Cyclopedia* vol. 5. p. 360.—Monsenhor José de Sousa Azevedo Pizarro e Araujo (1820). — Ayres de Cazal *Corografia Brasilica* T. 1.º — Robert. Southey, *History of Brasil* vol. 1.º p. 14 e 18, e os seus compiladores Beauchamp e Sr. Constancio. — Paulo José Miguel de Brito. — Ferdinand Denis, *Resumé* e *Brésil*; e o seu compilador H. L. de Niemeyer Bellegarde pag. 45.

(7) Porto da ilha de *Goré*, hoje occupada pelos francezes. Está em 14° 39′ 50″ N., e 9° 15′ 45″ O. de Lisboa.

Collecção Ultramarina da A. R. das S. de Lisboa.—Ora se Americo tambem conta a demora de alguns dias n'este porto, temos para nós que esta combinação de factos narrados por escriptores de duas nações differentes he mais huma prova de grande fé, embora elle passe em claro o que alli fez e viu.

De mais, quem ler as duas narrações de Americo, e souber que se imprimirão, pela primeira vez, em 1504, quando não havia ainda mappas d'aquellas paragens, consentirá que não podia Americo, para as suas descripções, advinhar as direcções e voltas da costa, e que quando hoje se lessem as suas descripções com huma carta á vista era força topar monstruosas anomalias, se fossem parto de imaginação como já alguem tem querido avançar (1), até sem se lembrarem que o *forte* dos mathematicos não he imaginar. Não falta quem se queixe de que este escriptor cinca em « *coisas particulares que os outros navegantes jámais omitem*,» e isto sem advertirem que Americo não escreveu a *relação das suas viagens*, senão só huma (ou duas ?) carta particular a hum (ou a mais de hum ?) seu patricio e protector, na qual até lhe fala em negocios domesticos, e declara que o portador d'ella filho de Domingos Benevenuto, lhe contaria *algumas coisas que elle deixára de referir*, por este as ter visto e ouvido; e é por esta razão que nós julgamos que as ampliações das relações que vem no Summario, se devem reputar obra das narrações d'este mancebo, que não de Americo.

Vejamos agora as *incoherencias e contradições*, e os *erros intoleraveis de Geographia*, que se pretendem notar nos escriptos de Americo; e pois que ainda não deparamos as contradições passando aos *erros* tambem os não achamos *intoleraveis*, comparando as descripções com as observações e mappas modernos. E de mais pertender em resultado de

---

(1) Ayres de Cazal avança estas palavras—"Americo Vespucio, ao que parece pela mesma razão de não ter feito estas viagens e só d'ouvido escrever o que, e como bem lhe pareceu"—e n'outro logar ainda mais claramente usa de hum improperio, dizendo que a sua relação — "era huma corrente *(sic)* de mentiras e falsidades"—e quando quer tratar do descobrimento da Bahia de todos os Santos diz que (Tom. I.º pag. 45) ella foi visitada em 1503 por portuguezes, que lhe pozerão o nome, cuja noticia nos transmitte esse Americo que elle taxa de "*testemunha suspeita e infiel !*"

Com igual azedume, porém maior copia de argumentos, saiu ha pouco em campo o Sr. Visconde de Santarem em huma carta escripta ao eruditissimo Sr. D. Martin Fernandez de Navarrete que foi impressa no *Bulletin de la Societé Geographique de Paris* em Outubro de 1835, e depois as Notas nos numeros de Setembro de 1836 e Fevereiro de 1837.—Os seus argumentos só negativos, permita-nos dizel-o, fundados quasi que só na falta da menção de Americo entre os nossos antigos escriptores não colhem, ao menos nada nos abalão, pois não vemos hum em que possamos fazer firmeza,—lembrando-nos que Damião de Goes, escriptor contemporaneo, que tinha viajado, e conhecia os impressos do seu tempo, e faz menção de Cadamosto, não deixaria de refutar o que corria de Americo se fosse descarada falsidade.

Os Portuguezes não derão a Americo grande importancia, porque apenas o considerarão como hum experimentado piloto; e errão os que dizem que elle era chefe d'estas duas expedições, idéa que elle proprio contradiz.

A gloria da Nação Portugueza nos descobrimentos não se offusca em consentir generosamente e em pró da verdade declarar que hum nauta estrangeiro, (cuja memoria no seu seculo foi tão honrada e nos subsequentes tão vilipendiada) foi em duas expedições *portuguezas*, e commandadas por *Portuguezes*, explorar huma costa descoberta por *hum Portuguez !*

huma só observação encontrar latitudes exactas com os instrumentos de então, he ser despropositado; ainda assim he para maravilhar a exactidão da do cabo de Santo Agostinho. Pertender distancias especialmente de mar bem determinadas, por huma viagem feita no seculo 16, he não fazer idéa dos erros que ainda hoje no seculo 19,—no seculo das sciencias, se cometem a este respeito, em mares já tão sulcados. E porque razão se não hade dar aos impressores algum quinhão n'esses erros, taes como os das datas, que varião conforme as edições?—Só huma anomalia achamos, que vem a ser a que diz respeito á Cidade de *Melcha*, a qual se era Malaca não he de admirar que elle não soubesse a sua posição, pois que em 1503 era só conhecida pela sua fama, que os europeos ainda lá não tinhão ido E porque razão lhe não diria o Capitão-mór, que era seu inimigo, só para o enganar, que ião para Malaca, quando tencionava ir á Terra da Vera Cruz? . . .

Tambem não falta quem lhe argua o não fazer menção de hum só Portuguez, nem dos proprios Capitães-móres. A isto responderemos perguntando — se escrevendo Americo huma carta particular para o seu bemfeitor em Italia, — carta que elle talvez não tinha esperanças de ver impressa, servia de utilidade o nomear huns poucos de nomes estranhos e desconhecidos? Era para os dois correspondentes isso de algum interesse? E se o fosse não estava lá o filho de Domingos Benevenuto encarregado por elle de contar essas particularidades?—Para nós isto mesmo serve de prova a favor; porque se elle tudo quanto escreveu foi só de ouvir tambem não tinha difficuldade de saber o nome dos Capitães, e então he que os precisava nomear para receber mais credito na mentira.

E de mais não achamos que fosse necessario, para contar o que lhe era passado, escrever os nomes dos Capitães de outra nação, quando o piloto portuguez que escreveu a *Navegação* de Cabral não conta tambem o nome do Chefe da expedição que encontrou em Besenegue.

Os primeiros inimigos de Americo forão os Castelhanos, ciosos do nome *America*, em que aquelle nauta retirado aos Açores, não teve culpa,—tanto que no mappa de João Ruysch, feito em 1508, no qual se diz que influira Americo, não o traz (1). Modernamente Robertson, que quasi leu só por autores Castelhanos, deixou-se levar d'elles, e a opinião do grande Robertson arrastou comsigo outras muitas, que não se lembrárão da sentença de Boitard— « Parce qu'un homme a du génie, parcequ'il a déchiré le voile qui couvrait une ou deux vérités, est-ce a dire qu'il est exempt d'erreur, devin, sorcier! »

Esta conjuntura do conhecimento exacto do anno em que se descubriu a ilha de Fernão de Noronha, juntamente com as observações que fazemos na nota 22 (pag. 74 e 75) nos veio servir de lhe darmos todo o credito, e por em quanto podemos concluir que Fernão de Noronha era o chefe da expedição que foi ao Brasil em 1503, e que Gonçalo Coelho foi o commandante da immediata á de Cabral; o que se acomoda em boa parte com Goes, Gabriel Soares e Osorio; e finalmente que Americo os acompanhou a ambos.

A extensão já desmesurada d'esta nota não nos permite ser mais ex-

---

(1) Diz só *Terra Sancte* (sic) *Crucis* sive *Mundus Novus*.

tensos, e talvez por consisão faltassemos a expor nossas idéas com a mesma clareza que as possuimos, e conservamos mais largamente escriptas, conforme tinhamos dito a pag. 80 das *Reflexões Criticas*.

12

Pag. 8, lin, 27. — « *Com o seu batel.* »

O codice da *Bib. Real* diz « cõ seu batel. »

13

Pag. 8, lin. 34. — « *Cabo de Percauri.* »

He o que Luiz Serrão Pimentel e Manuel de Figueiredo chamão de *Pero Cabarigo*, conforme dissemos nas nossas *Reflexões Criticas* pag. 17 n. 18.

14

Pag. 10, lin. 32. — « *Bal[illegible]zar.* »

No cod. da *Bib. Real* lê-se *beltezar*.

15

Pag. 10. — « *Pernambuco.* »

O exemplar da *Bib. Real* escreve n'este logar « Pernabuco; » porém adiante a fol. 36 (do codice) vem escripto « Pernambuco. »

16

Pag. 11, lin. 34. e seg. — « *Havia dous meses que ao dito rio chegara hum galeam de França, e que saqueara a feitoria; e que roubara toda a fazenda &c.* »

Este galeão, que alli devera ter estado em Dezembro de 1530, não póde ser a mesma não da qual conta El-Rei, na carta de 28 de Setembro de 1532, ter lá ido pouco antes, porquanto, se o fosse, não precisava elle dar parte, tendo-o sabido por João de Sousa. Esta passagem serve com tudo para se decidir que Pernambuco era então a unica feitoria, pois nos outros portos para o Sul não as havia.

17

Pag. 11, *lin.* 36 *e seg.*—«*Que o feitor do dito rio era ido ao Rio de Janeiro, n'hua caravela, que ia para Çofala.*»

A caravela chamava-se *Santa Maria do Cábo*, como se vê no Diario a pag 52; e Martim Affonso a levou comsigo quando a encontrou; e o feitor chamava-se Diogo Dias, como se lê no Diario a pag. 47.

18

Pag. 12, *lin.* 15, 16 *e* 17.—« *Daqui mandou o capitão J. as duas caravelas, para que fossem descobrir o Rio do Maranham.*» *&c.*

Quanto ao nome d'este ultimo rio melhor fôra dizer—*de Maranham*—conforme vem na pagina 4, e se lê no codice da Bib. R.; todavia assim se continha na copia que seguimos, e achámos mais prudende não lhe tocar, e emendar em nota. Pela preposição que precede o nome, e pelo que abaixo diremos, se vê que não se refere ao Amasonas, chamado tambem Rio Maranhão: mas sim ao que resulta do Meary e dos outros affluentes. Veja-se a este respeito a observação (G) das nossas *Reflexões Criticas*, pag. 101.

Ora quanto ao serem enviados a este rio dous navios, ainda que á primeira vista parece que Martim Affonso se resolvêra a esta determinação por encontrar no Porto da Praia, em Santiago, a caravela de que Pero Lopes faz menção (pag. 4); comtudo, do que conta Herrera (Dec. 4 Lib. X. cap. 6.º) se vê que isto era já instrução que o Capitão-mór levava, differindo só na qualidade das embarcações. Da leitura do *Diario* já sabemos que as duas caravelas armadas erão a Princeza e a Rosa. Concluimos que o Diogo Leite (de que se fala a pag. 8) as foi commandando, e que passou além do dito Rio do Maranhão, por ter dado o seu nome a huma abra a loeste do mesmo cujo nome vem demarcado na fl. 5.ª [1] do famoso Atlas de Fernão Vaz Dourado, feito em 1571; e ainda

(1) Esta folha contém toda a costa do Brasil, conforme dizemos na nossa descripção d'este Atlas, publicada no Tom. 3.º da Geografia do Sr. D. José de Urcullu, a pag. 496.

melhor pelo seguinte trecho da doação de 18 de junho de 1535, que mencionamos nas *Reflexões Criticas* (nota *(k)* pag. 85), qual se acha no *Real Arch.*, no Liv. 21 fol. 73 da Chancellaria d'El-Rei D. João III., e diz do modo seguinte, com a orthografia do tempo:

. . . . « a Fernão Alvares 65 leguas, que começam do Cabo de todos os « Santos da banda de leste e vão 40 para loeste até o rio, que está junto « com o rio da Cruz, e aos ditos Ayres da Cunha e João de Barros 150 « leguas; a saber: 100 leguas que começam onde se acaba a capitania de « Pero Lopes de Sousa, da banda do norte e correm para a dita banda « do norte ao longo da costa tanto quanto couber nas ditas 100 leguas; « e as 50 leguas, que começam da *Abra de Diogo Leite* da banda de « loeste, e se acabam no Cabo de todos os Santos da banda de leste do « rio do Maranhão. »

19

Pag. 12, lin. 17 e 18. — « *E mandou João de Sousa a Portugal em hua nao que de França tomaramos.* »

João de Sousa chegaria com esta não a Lisboa nos fins de Abril; El-Rei diz que mandou aprestar hum navio para o fazer voltar com a resposta; porém acrescenta que quando se acabou de aprompiar era tão tarde que por isso nao foi, e só no anno seguinte de 1532 o enviou com duas caravelas armadas, escrevendo-lhe, com data de 28 de Setembro a seguinte *Carta Regia*, a qual se acha no Tom. 1.º do Nobiliario de D. Luiz Lobo da Silveira; porém com orthografia que bem se vê não ser a original; e como, de mais a mais, já assim foi impressa por D. Antonio Caetano de Sousa (no Tom. 6.º das *Prov. da Hist. Genealogica* pag. 318) assentámos de a transcrever para aqui, sem os escrupulos ortograficos, que temos guardado para com os outros documentos, dos quaes encontrámos os originaes.

DOCUMENTO VI.

« Martim Affonso, amigo. Eu ElRei vos envio muito saudar. Vi as cartas que me escrevestes por Joao de Souza, e por elle soube da vossa chegada a essa terra do brasil, e como ieis correndo a costa, caminho do Rio da Prata, e assim do que passastes com as nãos francezas, dos cossarios que tomastes, e tudo o que nisso fizestes vos agradeço muito; e foi tão bem feito como se de vós esperava; e sou (1) certo que a vontade

---

(1) Nas differentes copias lê-se *sam*, o que se usava muito no seculo 16 em vez de *sou*; e d'isto encontramos muitas provas nos documentos coevos na Torre do Tombo. Em vez de "*que a vontade*" talvez se devesse ler "*qual a vontade*".

que tendes para me servir. A náo, que cá mandastes, quizera que ficára antes lá com todos os que nella vinham. Daqui em diante, quando outras taes náos de cossairos achardes, tereis com ellas e com a gente dellas, a maneira que por outra Provisão vos escrevo. Porque folgaria de saber as mais vezes novas de vós, e do que lá tendes feito, tinha mandado o anno passado fazer prestes um navio, para se tornar João de Souza para vos, e quando foi de todo prestes para poder partir, era tão tarde para lá poder correr a costa, e por isso se tornou a desarmar e não foi; vai agora com duas caravelas armadas para andarem comvosco o tempo que vos parecer necessario, e fazerem o que lhe mandardes. E por até agora não ter algum recado vosso,—do que no assento da terra, nem no Rio da Prata tendes feito, vos não posso escrever a determinação do que deveis fazer em vossa vinda ou estada, nem cousa que a isso toque, e sómente encomendar-vos muito, que vos lembre a gente e armada que lá tendes, e o custo que se com ella fez e faz: e segundo vos o tempo tem succedido, e o que tendes feito ou esperardes de fazer, assim vos determineis em vossa vinda ou estada; fazendo o que vos melhor, e mais meu serviço parecer; porque eu confio de vós, que no que assentardes será o melhor. Havendo d'estar lá mais tempo, enviareis logo uma caravela com recado vosso, e me escrevereis muito largamente todo o que até então tiverdes passado, e o que na terra achastes, e assim o que no Rio da Prata,—tudo mui declaradamente, para eu por vossas cartas e informação saber o que se ao diante deverá (1) fazer. E se vos parecer que não é necessario estardes lá mais, poder-vos-heis vir; porque pela confiança que em vós tenho, o deixo a vós, que sou certo que nisso fareis o que mais meu serviço for. Depois de vossa partida se praticou, se sería meu serviço povoar-se toda essa costa do Brasil, e algumas pessoas me requeriam capitanias em terra della. Eu quizera, antes de nisso fazer cousa alguma, esperar por vossa vinda para com vossa informação fazer o que me bem parecer, e que na repartição que disso se houver de fazer, escolhaes a melhor parte. E porém, porque depois fui informado que d'algumas partes faziam fundamento de povoar a terra do dito Brasil, considerando eu com quanto trabalho se lançaria fóra a gente que a povoasse, depois de estar assentada na terra, e ter nella feitas algumas forças, (como já em Pernambuco começava a fazer, segundo o Conde da Castanheira vos escreverá), determinei de mandar demarcar de Pernambuco até o Rio da Prata cincoenta leguas de costa a cada capitania, e antes de se dar a nenhuma pessoa, mandei apartar para vós cem leguas, e para Pero Lopes vosso irmão cincoenta, nos melhores limites dessa costa por parecer de pilotos e de outras pessoas, de quem se o Conde por meu mandado informou, como vereis pelas doações que logo mandei fazer, que vos enviará; e depois de escolhidas estas cento e cincoenta leguas de costa para vós e para vosso irmão, mandei dar a algumas pessoas, que requeriam capitanias de cincoenta leguas a cada uma, e segundo se requerem, parece que se dará a maior parte da costa; e todos fazem obrigações de levarem gente e navios á sua custa, em tem-

(1) Sousa leu *devia;* Fr. Gaspar copiou *deve;* nós lemos *devrá,* e por isso escrevemos *deverá.*

po certo, como vos o Conde mais largamente escreverá; porque elle tem cuidado de me requerer vossas cousas, e eu lhe mandei que vos escrevesse. Na costa de Andalusia foi tomada agora pelas minhas caravelas, que andavam na armada do Estreito, uma não franceza carregada de brasil, e trazida a esta cidade, a qual foi de Marselha a Pernambuco, e desembarcou gente em terra, a qual desfez uma feitoria minha que ahi estava, e deixou lá setenta homens com tenção de povoarem a terra e de se defenderem. E o que eu tenho mandado que se nisso faça, mandei ao Conde que vo-lo escrevesse, para serdes informado de tudo o que passa, e se hade fazer; e pareceu necessario fazervo-lo saber para serdes avizado disso, e terdes tal vigia nessas partes por onde andais, que vos não possa acontecer nenhum máu recado; e que qualquer força ou fortalleza que tiverdes feita, quando nella não estiverdes, deixeis pessoa de que confieis, que a tenha a bom recado; ainda que eu creio que elles não tornarão la mais a fazer outra tal; pois lhe esta não succedeu como cuidavam. E mui declaradamente me avizai de tudo o que fizerdes, e me mandai novas de vosso irmão, e de toda a gente que levastes; porque com toda a boa que me enviardes, receberei muito prazer. Pero Anriques a fez em Lisboa aos 28 de Setembro de 1532 annos. »

REI.

João de Sousa chegou nas duas caravelas a S. Vicente com esta carta, (naturalmente no fim d'este anno, ou no principio do seguinte), a qual fez partir Martim Affonso para Portugal depois do dia 4 de Março, segundo prova Fr. Gaspar (p. 19 e 129) e devia ter chegado antes de 3 de Outubro, porquanto n'este dia partiu João de Sousa para a India commandando a caravela *Rosa*, na armada de 12 velas, de que era Capitão-mór D. Pedro de Castello Branco, segundo vemos no citado *Livro das Armadas* MS., que reputamos copia de outro do mesmo titulo, existente na *Bib. Pub. Eborense* (1), que alcança até 1636.

20

Pag. 14, lin. 8. — Diz o texto que segunda feira foi 11 de Março, e segue logo que sabbado foi 12, domingo 13, e assim successivamente todos os outros dias errados. He a anomalia tão clara que nos dispensa de muitos commentos, com os quaes nada adiantáramos. O que está da nossa parte é só lembrar conjecturas ácerca do modo como podia nascer o erro. Temos que sem duvida procedeu de se ter escripto depois de Do-

(1) N'esta mesma Bibliotheca existe tambem huma *Noticia dos capitães e armadas, que forão do Reino para a India desde* 1497 *até* 1635, que poderá ser talvez mais acrescentada a mesma do codice 10:023 da *Bib. R. de Paris*, que alcança até 1632, segundo se vê da pag. 68 da *Noticia*, publicada em 1827, pelo Sr. Visconde de Santarem.

mingo 10 o dia—Segunda feira—em breve—S.ª fr.ª—, como se lê no exemplar da *Bib. Real*; e que depois fosse lido—Sexta feira—, e então o dia seguinte era forçosamente—Sabbado 12—. Porém de quem seria o engano,—de copista ou do A.? Nós duvidamos que fosse do primeiro, não tanto porque deixemos de acreditar que podesse haver copista tão despejado, que se atrevesse (por seu motu proprio e sciencia certa) a fazer, a seu bel prazer, todas as ulteriores modificações, senão porque isto se encontra nas differentes copias: e não vemos razão para que o mesmo não acontecesse ao nosso A., quando o do *Roteiro de Vasco da Gama*, publicado no Porto pelos Sr.s Köpke e Costa Paiva, cinca tantas vezes n'este ponto. Nem seja isto muito para admirar em tempos em que não erão tão triviaes as efemèrides e folhinhas, e em que muito era o levar hum Zacuto, ou hum João de Monte Regio, que não raras vezes se perdião com o mar;—se bem que por outro lado causão admiração estas cousas em épocas tão devotas, e em que devia de haver todo o escrupulo nos jejuns, celebração de festas, missas, &c.: tanto que ao diante, pag. 38, não se esqueceu Pero Lopes de dizer que a 30 de Novembro era dia de Santo André, o que talvez soubesse de cór. Terminaremos declarando não poder explicar tal anomalia.

21

Pag. 14, lin. 35 e seg.—«*Nesta bahia achamos hum Portuguez, que havia vinte e dous annos que estava nesta terra; e deu rezam larga do que n'ella havia.*»

Este Portuguez estava alli desde 1509 ou 1510; e he sem duvida o mesmo que encontrou Juan de Mori em 1535; segundo narra Herrera, Dec. V, Lib. VIII, cap. 8.

«. . . llegaron à la Baia de Todos los Santos, hermoso Puerto, i que tiene siete Islas dentro, i que muchos Rios entran en el. En la Baia de los Santos hallaron un Portugués, que dixo, que avia veinte i cinco anos, que estaba antre los indios, i otros ocho que alli quedaron de un naufragio de armada Portugueza, i estes les dieron alguna yuca, batatas i raices, &c.»

Este homem seria por ventura o celebre Diogo Alvares, de alcunha o *Caramurú*, cuja existencia he inquestionavel, se abstrahiemos da historia os predicados poeticos, que a acompanhão no poema; Diogo Alvares tendo-se sustentado com os Indios, por morte de Francisco Pereira Coutinho, ainda alli estava á chegada de Thomé de Sousa em 29 de Março de 1549; segundo diz Soares *Rot. Geral* cap. 28, e *Memorial* cap. 2.º

22

Pag. **21**, *lin. 34 e 35.—«Sabado trinta dias d'abril, no quarto d'alva, eramos com a boca do Rio de Janeiro» &c.*

Este logar elucida completamente a questão, de que não foi Martim Affonso o culpado na impropriedade do nome, que em nossos dias conserva a Capital do Imperio Brasileiro, e lhe proveio de ter sido o seu porto, (chamado dos indigenas *Ganabará* segundo Lery, e *Nitherohy* segundo Brito Freire) julgado rio, sendo deveras huma bahia ou enseada. Quanto ao sobrenome — de Janeiro —, já em 1817 o douto A. da *Corographia Brasilica* (T. 2.º p. 42), e em contradicção ao que antes (T. 1.º p. 51) dissera, produziu razões, bem como o fez o A. da Memoria sobre a Capitania de Santa Catharina (p. 44), para se duvidar ter sido dado pelo mesmo Martim Affonso em Janeiro de 1531.—fundando-se na data do Alvará, que transcrevemos pela primeira vez correcto a pag. 58; e apresentando ser quasi impossivel «que huma armada, que nunca vence tanto como hum navio só, e mórmente n'hum tempo, em que se navegava pouco de noite, por não haver ainda perfeito conhecimento dos mares, fizesse n'um mez a viagem, que em nossos dias não faz hum navio só, veleiro e destemido; tendo-se de mais a mais feito á vela no inverno, combatido e aprisionado inimigos,—circumstancias que devião prolongar a viagem »—e por conseguinte não era possivel estar no Rio de Janeiro no primeiro dia de 1531, tendo saído de Lisboa em Dezembro. Pouco depois de Cazal (em 1820) não entrou na questão o Monsenhor Pizarro (1), e descançou dizendo (Tom. 1.º pag. 105) que este exame ficava reservado ao historiador.

A nossa publicação decide a controversia: a armada de Martim Affonso chegou alli pela primeira vez a 30 de Abril de 1531; e até do modo como Pero Lopes escreve se deduz que esta bahia era já antes nomeada *Rio de Janeiro*, o que até se rectifica, por elle contar ter ouvido este nome antes de lá chegar. (Vej. *Diario* pag. 12.)

Esta nossa affirmativa toma força, como já em outro logar expuzemos (2), com a leitura das narrações da viagem do celebre Portuense Fernão de Magalhães, da qual explicitamente trata o mui douto e sabio D. Martim Fernandez de Navarrete (3), bastando porém para desengano a relação publicada pelo eruditissimo Bispo Resignatario de Coimbra no Tom. 4.º N.º 2. das Not. Ultr. da A. R. das S. de Lisboa, ou por ventura ainda mais decidido será o testemunho do chronista Castelhano An-

(1) Vej. *Memorias Historicas do Rio de Janeiro &c.*, por José de Sousa Azevedo Pizarro e Araujo, Rio de Janeiro 1820; 2 vol. 4.º

(2) *Reflexões Criticas* á obra de *Gabriel Soares de Sousa*, escripta em 1587, impressa pela A. R. das S. de Lisboa no Tom 5. n. 2. das Not. do Ultramar p. 27.

(3) *Colleccion de los viages y descubrimientos &c.* Madrid 1837.—Foi de hum documento (Num. XXII) que vem no Tom. 4.º d'esta collecção, que vimos ser o Magalhães natural do Porto, o que até agora se desconhecia. He mais hum grande, para augmentar o cathalogo dos illustres portuenses.

tonio Herrera (1), que escreveu como dissemos na *Advertencia Preliminar*, com grande copia de documentos e relações originaes ávista, e assevera que chegárão os do Magalhães á bahia *que chamávão os Portuguezes*—de Janeiro.—

Devemos pois retroceder, e ir de mais remoto investigar esta origem. A expedição, que a esta precede, he a de João Dias de Solis, que havendo partido d'esta vez (2) do porto de Lepe, segundo Herrera a 8 de Outubro de 1515 com tres navios, caminho do Rio da Prata, nada mais natural do que poder chegar no primeiro de Janeiro á mencionada bahia, e dar-lhe então hum nome chronologico. Todavia nem Gomara, nem Herrera fazem menção d'esta clausula, dizendo, bem pelo contrario, este ultimo com toda a simplicidade que « chegárão ao Rio de Janeiro na costa do Brasil », o que junto ao logar citado a respeito da viagem de Magalhães faz prova contra; e he ainda maior este argumento

---

(1) Dec. 2.ª Lib. 4.º Cap. 10.º "*Y continuando su viage, entraron a treze de Deziembre, en una bahia muy grande, que llamavan los Portuguezes en la costa del Brasil la bahia de Genero, y los Castellanos la pusieron de Santa Lucia, porque tal dia entraron en ella*" &c., e mais adiante: "*Estando n'este rio de Genero*" &c.

(2) Tinha lá ido em 1512 á sua custa, diz Gomara (fol. xljx da edição de 1552), e voltado carregado de brasil; tambem declara que era natural de Libsixa, e por conseguinte não Portuguez, como alguem tem querido. — Tambem alguns escriptores dizem, e talvez não sem fundamento, que o Rio da Prata tinha ja sido visitado antes d'este anno. Vemo-nos forçados a seguir esta opinião sem com tudo ousarmos interpor juizo por alguma das mais particularidades. Primeiro que tudo se Gomara acredita, e nós hoje tambem acreditamos, que a expedição portugueza em que ia Americo foi á terra dos Patagões, custa-nos a conceber, como, senão na ida, ao menos na vinda, deixassem de ver a grande boca do Rio da Prata, ou bahia de Sanburundon, quando esta não escapou a Solis, a Magalhães, a Diogo Garcia, a Caboto e finalmente a Martim Affonso. Silvestre Ferreira da Silva (na *Rel. do sitio da Nova Colonia*, Lisboa; 1748) é d'esta opinião, a qual é seguida pelo erudito A. dos Annaes do Rio Grande. O celebre Brasileiro, Ministro de D. João V, Alexandre de Gusmão em hum *Resumo Historico, Chronologico e Politico do descobrimento da America*, Ms. feito em Maio de 1751, diz que em 1506 forão mandados a este rio os pilotos João de Lisboa e Vasco Gallego de Carvalho, o que parece achar confirmação no que diz Herrera (Dec. 2.ª Lib. 9. Cap. 10.) Finalmente José Maria Dantas Pereira leu (segundo colhemos do Discurso do Sr. Manoel José Maria da Costa e Sá, recitado no 1.º de Dezembro de 1829,) na A. R. das S. de Lisboa huma memoria, em que á vista de hum rico mappa, confiado á Academia por Thomaz Antonio de Villa-Nova Portugal, deu o seu juizo *sobre a posse pacifica do Rio da Prata pelos Portuguezes des que o* DESCOBRIRAM EM 1514 *até á invasão Hespanhola em* 1580. Porém nada podemos obter ácerca de seus argumentos.

Huma só persuasão nossa queremos ainda escrever, e é que o nome com que Pero Lopes designa este rio, isto é, *Rio de Santa Maria*, foi dado pelos Portuguezes, e pelo mesmo navegador que assim chamou ao cabo de igual nome situado na sua foz;—e não fique esquecido que já na viagem do Magalhães houve quem lembrasse os signaes, que dava o piloto portuguez João de Lisboa para a conhecença do Cabo de Santa Maria.

A este respeito nada nos adiantam o Dr. Gregorio Funes (*Ensayo de la Historia civil del Paraguay &c.*, Buenos Ayres, 1816), nem os ricos volumes de D. Pedro de Angelis (*Coleccion de obras y documentos relativos a la historia antiga y moderna de las Provincias del Rio de la Plata*; Buenos Ayres, 1836).

O certo he que a opinião de ter Americo descoberto o *Rio da Prata* he seguida tambem em 1643 por *Morisot* (pag. 601). Segundo o illustre Navarrete T. 1.º pag. 139) Americo em 1508 foi nomeado piloto mor de Hespanha, e morreu em Sevilha a 25 de Fevereiro de 1512, e não na Ilha Terceira conforme outros, segundo dizemos a pag. 57.

*

se nos lembramos que Herrera não costuma esquecer e passar em claro estas particularidades, tanto que logo abaixo as menciona ácerca das ilhas que chamaram *da Prata, e dos Lobos*, o que por certo não he de mais importancia que o nome de huma tão notavel enseada.

Por tanto cumpre ainda fazer a investigação de mais longe. Ora se nos lembramos do costume dos antigos descobridores Portuguezes, de irem com o calendario aberto baptisando, com o nome do Santo celebrado pela Igreja n'esse dia, as terras e agoas que achavão, e lançarmos os olhos a huma carta do Brasil antiga, v. g. á do Atlas de Fernão Vaz Dourado, e se fizermos algum reparo e comparação dos nomes dos Santos festejados nos diversos dias, acharemos, seguindo de norte a sul, a seguinte coincidencia:

16	de Agosto	dia de	*S. Roque* (Cabo de)
28	»	»	*Santo Agostinho* (Cabo de)
29	de Setembro	»	*S. Miguel* (Rio de)
30	»	»	*S. Jeronymo* (Rio de)
4	de Outubro	»	*S. Francisco* (Rio de)
21	»	»	*As Virgens* (Rio das)
13	de Dezembro	»	*Santa Luzia* (Rio de). Seria o Rio Doce?
21	»	»	*S. Thomé* (Cabo de)
25	»	»	Nasce o *Salvador* (Bahia do)
1	de Janeiro		Rio de Janeiro
6	»	»	*Reis* (Angra dos)
20	»	»	de *S. Sebastião* (Ilha de)
22	»	»	*S. Vicente* (Rio ou Porto de)

He facil deduzir das distancias locaes e d'esta confrontação ter sido o mesmo explorador, quem, indo de N a S. successivamente, e passando por diversos pontos, lhe deu os nomes competentes; e se bem que o Rio de Janeiro não teve o nome da festa que a Igreja n'este dia celebra, com tudo a distancia, a que está do cabo de S. Thomé e ilha de S. Vicente, o assegura de ter saído, se he licita a expressão vulgar, da mesma fornada; e he mais natural attribuir a esta occasião a tal coincidencia do que a outra qualquer, de que nada se saiba; e de mais por não pórmos acima outros nomes, não se segue que este fosse o unico sem ser de solemnidade. — Além de que, se o nome fosse dado pelos Castelhanos, não era natural que logo passados poucos annos se soubesse em Portugal, e o mais provavel seria Portugal não o adoptar. Nos logares do Rio da Prata temos huma confirmação do que dizemos.

Se estamos agora convencidos de que foi o mesmo explorador que deu seguidamente os citados nomes, e que não deu huns sem os outros, adiantamos sem escrupulo, que todos elles forão dados antes do anno de 1508, e por conseguinte só o podião ser por huma das duas armadas, que por lá exploraram a costa depois de Cabral. E dizemos antes de 1508, porque tendo-se publicado n'este anno em Roma huma edição da Geographia de Ptolomeu, que muitas vezes temos occasião de citar, os editores a acompanharam de hum mappa-mundi, feito pelo Allemão João Ruysch: n'este mappa, gravado em madeira, vem, como era possivel, marcada a *Terra de Santa Cruz*, onde se lêem varios d'estes nomes,

taes como: *R. de S. Jeronymo*, *R. de S. Lucia*, e *R. de S. Vicent. &c.*, e o nome de *Cabo de S. Agostinho* já corria impresso antes, e desde a 1.ª edição das relações de Americo; e como este diz que tal cabo se descobriu na viagem de 1501, segue-se que foi Gonçalo Coelho, chefe da expedição que succedeu á de Cabral, segundo contam (ainda que não sem alguma anomalia) Goes, Gabriel Soares e Osorio, quem deu todos os nomes citados; porque, de mais a mais, diz Americo que desde o começo de Agosto de 1501, quando abicaram no Brasil a 5 gráos (que vem a ser pouco ao N. do Cabo de S. Roque) até Fevereiro do anno seguinte, quando estavam fóra do tropico de Capricornio (1) tendo visitado todo o litoral intermedio; e portanto já então tinham estado no porto de S. Vicente. Estas considerações são novos argumentos a favor das narrações de Americo, não mencionados na nota 41 pag. 65 e seg.

23

Pag. 22, linha 5 e seg.

O A. refere-se ás ilhas de *Columduba*, *Rasa*, *Redonda*, *Comprida*, *Palmas*, *Toucinhos*, *Paio*, e *Lage*; parece porém que nomea algumas por duas vezes.—Os curiosos farão bem de preferir para a confrontação a carta do Rio de Janeiro feita em 1810 por Manoel Vieira Leão, e publicada na *Viagem á roda do Mundo* pelas curvetas *Uranie* e *Physicienne*, impressa em Pariz em 1825, a qual vale por certo muito mais do que as de Capassi e Rosa Pinheiro.

A latitude do Rio de Janeiro *(Pão de Assucar)* he segundo o Astronomo Russiano Simonow de 22° 54′ 5″

24

Pag. 22. lin. 15 . . . « Como fomos dentro, mandou o capitam J. fazer hua casa forte » &c.

Naturalmente foi na praia que se ficou chamando Porto de Martim

---

(1) O Bacharel do que fala Pero Lopes pag. 25, e diz que estava degradado havia 30 annos, isto he, desde 1502, serve de confirmação á narração de Americo. Seria o porto da Cananéa aquelle fóra do Tropico de Capricornio, onde fizeram aguada e provisão de lenha para seis mezes, deixaram ali o Bacharel, e assentaram logo ao Sul o padrão, de que dá noticia Soares P. 1.ª Cap. 65: e este será por ventura o mesmo mencionado por Fr. Gaspar, e do qual Cazal (Tom. 1.º pag. 227) nos informou: . . . «*sobre humas pedras está hum padrão de marmore europeu, com quatro palmos de comprimento, dous de largo, e hum de grossura, e as armas reaes de Portugal sem castellos* » &c. Fóra bom verificar se he de 1502 ou 1503 . . .
No mappa citado de 1508 lê-se n'este logar: *R. de Cananor*. talvez por *Cananéa*.

Affonso, o qual era dentro da enseada, no seio que faz defronte de São Christovão (segundo vemos do que diz Gab. Soares *Rot. Ger.* Cap. 52), e não na *Praia Vermelha*, como pertende o Monsenhor Pizarro pag. 7.

25

Pag. 22. lin. 34, . . . «quatrocentos homes que traziamos.»

Esta conta dos 400 homens he a mesma que dá Herrera (Dec. 4, Lib. X, cap. 6.º), e póde servir de nova confirmação de que este chronista teve bons documentos, e de quão bem se sabiam em Sevilha, em 1530, as particularidades da armada.

26

Pag. 23, lin. 23 e seg.

D'este logar, e do que dissemos na nota 22, se póde bem verificar quanto se enganou Fr. Gaspar pag. 19.

27

Pag. 24, lin. 5 . . . «fomos dar com hua ilha»

He a ilha, que se ficou chamando dos *Alcatrazes*.

28

Pag. 25. lin. 6 e seg . . . «para fazermos nossa viagem para o Rio de Santa Maria; e fazendo o caminho do sudoeste demos com hua ilha»

Já dissemos (e adiante repetimos), que o *Rio de Santa Maria* he o bem conhecido *Rio da Prata*, para onde Martim Affonso se destinava. A ilha de que se trata he sem duvida a chamada *do Abrigo* no mappa de João da Costa Ferreira, e que no tempo de Soares (Rot. Ger. C. 64) se nomeava *Branca*.

29

Pag. 25, lin. 15 e 16 . . . «Desta ilha ao norte duas leguas se faz um rio mui grande na terra firme.»

He o *Rio de Yguape*.

30

Pag. 25, lin. 23 . . . « cinco ou seis castelhanos ».

N'este numero se pode talvez comprehender o Moschera, companheiro de Gaboto, de quem F. X. de Charlevoix (*Histoire du Paraguay*, Pariz, 1757) tão celebremente fabulisou; e quem sabe se os dous assassinos, de que faz menção Simão de Vasconcellos na *Chronica* n. 154 e 176.

31

Pag. 25, lin. 24 e 25. « Este bacharel havia trinta annos que estava degradado nesta terra. »

Portanto estava lá desde 1501; e foi alli deixado por Gonçalo Coelho: —possibilidade que vai em harmonia com a narrativa de Americo (como dissemos na nota 22, pag. 77), que diz haver-se a armada refeito de provisões n'estas alturas. Quem seria o tal Bacharel (que seguramente foi o mesmo, que por aquella altura (*R. dos Innocentes*) encontrara cinco annos antes o Portuguez Diogo Garcia, segundo a narração de Herrera), e qual era o seu nome, não sabemos; mas deve de ter sido ou João Ramalho, ou Antonio Rodrigues, ou em ultimo caso, o Duarte Peres, de Charlevoix (Fr. Gaspar pag. 82).

32

Pag. 25, lin. 25 . . . « Francisco de Chaves era mui grande lingua. »

Seria talvez este o mesmo genro do Bacharel, que acompanhou Diogo Garcia. Isto nos faz suppôr que o chamado *Rio dos Innocentes* vem a ser o da *Cananéa*, e não o de *S. Vicente*.

33

Pag. 25, lin. 27 . . . « mandou a Pero Lobo com oitenta homens. »

D'esta expedição, para descobrir minas, tinham dado noticia pouco individuada Fr. Gaspar pag. 81 e 89, e Ayres de Casal Tom. 1.º pag. 52

in fine. Deve notar-se que partiu da ilha da Cananéa, e não da de S. Vicente, como por inadvertencia foi dito algures. A sorte d'estes 80 Portuguezes póde ver-se no logar citado da obra de Fr. Gaspar *(Mem. para a Hist. da Cap. de S. Vicente)*, onde cita hum documento que encontrou no Archivo da Camara de S. Paulo, hoje verificado pela nossa navegação, com todas as mais particularidades.

34

Pag. 23, *lin.* 33 *e* 34 . . . « *Aqui nesta ilha estivemos quarenta e quatro dias : nelles nunca vimos o sol.* »

Ainda que o A. isto diga, com tudo ou conhecia já a latitude da ilha da Cananéa, ou quem escreveu o antigo exemplar da *Bib. Real* a addicionou com a mesma letra ; e no fim da pagina que corresponde á fol. 12 do dito exemplar se lê :

A ilha da Cananea esta em altura de 25. *g.*

35

Pag. 26, *lin.* 22 . . . « *ao sul do porto dos Patos.* »

Isto he ao Sul do canal ou *manga* formada pela ilha de Santa Catharina com a terra firme (Vej. Vasconcellos *Noticias* n. 63), a que Solis, segundo conta Herrera (D. 2. L. 1, C. 7.), chamou *Bahia dos Perdidos*.

Ha quem pertenda pôr em questão a etymologia do nome *Porto dos Patos*, querendo dirival-o de huma extincta nação de indigenas, chamada *Patos*, e o erudito Ferdinand Deniz *(Brésil* pag. 167) parece resolvido a encostar-se a esta opinião. Nós sabendo a significação de *patos*, nunca iriamos buscar outras etymologias mysteriosas, tendo de mais tão perto para servir de exemplo a *Ilha dos Alcatrazes*, nome que lhes proveio das aves d'este nome *(Diomedea)*; porém no caso de duvida pediriamos a opinião dos mais antigos, e então Francisco Lopez de Gomara nos responderia :

— « Puerto de patos esta en 28 grados, y tiene frontero una isla, que llamã santa Catalina. *Nombraron lo assi por auer infinitos patos* negros sin pluma, y con el pico de cuerno, y gordissimos de comer peces. » &c.

(La istoria de las indias, ed. de Saragoça de 1552 *fol. l.)*

Os indios que alli habitavam erão Carijós, segundo a autoridade de Herrera.

56

Pag. 28, lin. 12 . . . «tres ilhas de pedras.»

Estas ilhas a que chamaram *das Onças* são os *Castilhos grandes*, que seriam quanto a nós os *tres cerros que parecian islas, los quales, dixo el piloto Caravallo, que eran el cabo de Santa Maria, que lo sabia por relacion de Juan de Lisboa, piloto portugues, que auia estado en el.»* (Herrera Dec. 2.ª Lib. 9. Cap. 10.)—D'esta passagem de Herrera se vê que João de Lisboa estivera no Rio da Prata antes de Magalhães, o que he a favor da opinião de Alex. de Gusmão.

57

Pag. 29, lin. 9 . . . «ao meo dia tornou Vicente Lourenço.»

Vicente Lourenço era o piloto-mór. que em quanto a armada estava na concha do cabo de Santa Maria, foi examinar a ilha pegada com o mesmo cabo, talvez a que Diogo Garcia em Herrera (Dec. 4. Lib. 1. Cap. 1.º) diz *dos Pargos*. Quanto a este Vicente Lourenço, em 1540 foi elle por Capitão da não *Grifo*, na armada de quatro navios, que então navegou para a India com Francisco de Sousa Tavares.

58

Pag. 30, lin. 11 . . . «me quebrou o aúste da anchora, de forma que tornei outra vez a caçar . . .» &c.

Esta he a lição do nosso Ms.; póde com tudo lêr-se de outro modo, lembrando-nos que o A. tem falado em *anchora de fórma;* e que a virgula póde estar mal collocada, e dever lêr-se—« o aúste da anchora de fôrma, que » &c.

59

Pag. 31, lin. 4 . . . «fui surgir na ilha do cabo.»

Vem a ser a ilha de que falamos na nota 57.

40

Pag. 33, *lin.* 3.

No Codice da Bib. Real não vem a palavra — rio, — como se acha no nosso MS.; e diz so — «para entrar pelo dentro» —: o que nao faz sentido.

41

Pag. 34, *lin.* 8 e 9 . . . «*R i o d o s B e g o a i s, que jaz aloeste do c a b o d e S a n t a M a r i a onze leguas*». . .

O rio de que se trata, tambem designado com este nome, e assim mesmo escripto no mappa de Fernão Vaz Dourado, he o chamado em algumas cartas *R. Ignacio*, e n'outras *R. de S. Pedro*; ou *Arroyo de S. Pedro*, como diz Carlos José Barreto n'huma Carta MS. do Rio da Prata feita no Rio de Janeiro em 1762.

42

Pag. 34, *lin.* 13 e 14. . . «*hua ilha pequena toda de pedras, e della á terra firme ha hua legua.*»

Esta ilha, em que na vinda naufragou o bergantim, he a *I. dos Lobos*, que jaz a S. E. ½ E. da bahia de Maldonado; porém mais de huma legua. Duvidamos muito que seja a *Gorriti*, pois esta fica muito mais perto de terra.

43

Pag. 34. *lin.* 17. — «*houve vista de hua ilha ao mar.*»

Era a *ilha das Flores*, hoje notavel pelo seu farol em 34° 56′ 30″ S.

44

Pag. 34, *lin.* 21 e 22 . . . «*Passando ávante da ilha descobri hum alto monte, ao qual puz nome—monte de Sam Pedro.*»—

Êste monte vem a ser o bem conhecido cerro, que deu o nome a *Montevidio*, chamado antigamente *Monte de Santo Ovidio* (Gab. Soares Rot. Ger. C. 73),—que segundo a relação de Francisco Albo (1) (que acompanhou na não *Victoria* a expedição de Fernam de Magalhães) he adulterino de «Monte vidi». Já corruptamente lhe chamavam no seu tempo — *Santo Vidio.*—

O nome de *Monte de S. Pedro* não grassou, ao que parece.

45

Pag. 34, *lin.* 23.... «*a costa he toda suja de pedra, e ruins baxos.*»

São os cachopos *das Caretas* e *Miqueletes.*

46

Pag. 34, *linh.* 33, *e seg*.... «*indo assi no golfo de hua enseada, que se faz grande como o dito monte de Sam Pedro, demora a leste e a quarta de sueste, fui &c.*»

Isto não faz muito bom sentido: talvez fizesse mais algum; lendo:

. . . indo assi no golpho de hua enseada, que se faz grande; — com o dito monte de Sam Pedro demora a leste a quarta do sueste, fui &c.

A enseada de que abaixo fala, dizendo que ali começou a achar agua doce, he o *R. de Santa Luzia*, de que torna a tratar a pag. 44, e que na carta de Fernão Vaz Dourado he até marcado — «*R. dagoa doce*» e na de Lazaro Luiz diz só «*agoa dose.*» E a *ponta* d'aloeste será a *del Espinillo.*

47

Pag. 35, *lin.* 10.... «*afuzialara.*»

E' melhor ler *afuzilava,* como no codice da Bib. R.

---

(1) Vej. *Coleccion de los viages y descubrimientos &c.* de Don Martin Fernandez de Navarrete, Madrid, 1837, T 4.º pag. 30 e 211. e tambem a Relação das navegações ao estreito de Magalhães, impressa em Madrid em 1788, 1 vol. 4.º pag. 188; obras trabalhadas com erudição e curiosidade.

*

48

Pag. 35, lin. 15 e 16

A sonda achada he exactamente a marcada nas cartas maritimas e roteiros, ao longo dos *Barrancos de Santa Luzia.*

49

Pag. 36 lin. 24 e seg.

As considerações fytologicas do A. são confirmadas por Aug. de St. Hilaire; Vej. *Histoire des plantes les plus remarquables du Brésil et du Paraguai* na Introd. pag. lvj.

50

Pag. 37, lin. 16.... «me achei pegado com hua ponta» &c.

Era a da peninsula, onde ao depois em 1680 se fundou a Nova Colonia do Sacramento, bem celebre pelos variados acontecimentos tão contestados, que depois por ella houve.

51

Pag. 37, lin. 17.... «ao noroeste oeste» &c.

Foi escrupulo demasiado conservar esta ultima palavra, que se achava na nossa copia, e que estamos quasi certos que foram syllabas repetidas por engano pela pena do copista; — a palavra = oeste = ultima não se lê no Codice da Bib. R., nem faz sentido.

52

Pag. 38, lin. 15 e seg. — «Duas leguas dás sete ilhas ha hum rio, que traz muita agoa.»

Estas sete ilhas vem a ser as que Centenera memóra na *Argentina* fol. 9 v., designadas em algumas cartas com os nomes *de S. Gabriel,*

(nome posto por Gaboto, Herrera 4, 9, 3) de *Antonio Lopez*, *Muleques Ilha dos Inglezes &c.*

No mappa de Vaz Dourado lê-se o nome «*Sete ilhas*» neste logar, o que parece indicar ser nome que ficou subsistindo, ainda que o A. não mostra usar delle senão para se explicar. — O rio de que fala o A. he inquestionavelmente o *R. de S. João.*

53

Pag. 38, *lin.* 8 *e seg.* .... «*ilha grande, redonda, toda chea d'arboredo*» *&c.*

He a hoje tão requestada ilha *de Martim Garcia.*

54

Pag. 38, *lin.* 31 *e* 32.... «*e fui a huas ilhas, que me demoravam ao nornoroeste*» *&c.*

Seriam as *dos Hermanos*, e a *I. Sola.*

55

Pag. 39, *lin.* 15 *e* 16.... «*e achei hum rio de meia legua de largo.... A agua corria mui tesa para baxo:... o rio faz a entrada leste-oeste*» *&c.*

Este rio era sem duvida huma das bocas do *Paraná.*

56

Pag. 39, *lin.* 21.... «*e indo mais por o rio arriba; da banda do sul achei*» *&c.*

He necessario reparar que o A. agora não se refere ao rio, que hia subindo, mas ao que encontrou; e por tanto deixou de subir pelo *Uraguay*, e tomou a boca do *Paraná*; e isto melhor se confirma pela multiplicidade de braços e ilhas que menciona, e pelos signaes que dá da terra ser chãa e do fundo ser de lama molle. A falta de boas cartas e descripções topograficas destas immediações, e dos nomes das ilhas e es-

teiros, não nos permitte acompanhar o A. em todas as voltas que nesta paragem deu, e até ajuntar hum mappa da derrota, como era nossa tenção. No momento em que estas notas escrevemos apenas a conhecida obra de Don Félix de Azara, que copiou a carta de José Custodio de Sá e Faria, nos he possivel consultar, e a grande Carta de Spix e Martius não nos parece muito exacta na maneira de appresentar a confluencia dos dois rios. Entretanto com a descripção lida á vista dos mappas III. e IV. do Atlas de Azara, publicado em 1809, se póde proximamente avaliar a direcção que seguiu o Autor.

57

Pag. 40, lin. 33.... «as duas ilhas dos corvos» &c.

São as duas de que falou na mesma pagina lin. 12 onde encontrou as aves, que chama corvos marinhos.

58

Pag. 41, lin 10 e 16.

Os veados que menciona o A. são sem duvida os chamados no paiz *Guacu-pucu*, que vem a ser os *Cervus paludosus* de Desmarest e Lichtenstein, ou *Mazama paludosa* de *Smith*; a sua grandeza attribue Azara á natureza dos logares que habitam; e Cuvier julga serem os mesmos *Quantlamazame* de Hernandez.— As «alimarias como rapozas, que sempre andam n'agua» sao sem duvida as bem conhecidas *Irá-ras* do Brasil, chamadas tambem ali *cães do mato.*

59

Pag. 41. lin. 24 e 27 . . . «terra dos Carandins» . . . esteiro dos Carandins» &c.

Carandins he huma bem conhecida nação de indios: Gomara escreve *Quirandies* (Ed. de 1552 fol. xlix col. 2.ª); Herera (Dec. 4.ª L. 8. cap. 11) *Quirondis*, e o erudito Ferdinand Denis (*Résumé de l'histoire de Buenos-Ayres, du Paraguay et des provinces de la Plata &c. Paris*, 1827) escreve *Querendis*.

60

Pag. 41, lin. 33. . . . «deste esteiro ao r i o d o s B e g u o a i s, donde parti, me fazia cento e cinco leguas» &c.

O rio de que se trata he o mesmo, que na pag, 34 se escreve dos *Begoais*, e do qual adiante (pag. 48 e 49) se torna a falar. Pela conta do A. vem o esteiro, onde chegaram, a ser proximamente na altura, em que fôra edeficada a torre de Gaboto, entre os Timbuês. A falta de huma boa planta deste rio a nosso alcance, nos impece o determinar axactamente esta posição, o que seria facil.

61

Pag. 42, lin. 25.

As ilhas dos corvos são as de que falamos na nota 37.

62

Pag. 42. lin. 31..., «disse-nos que era **BEGUOAA CHANAA**» &c.

Quanto ao nome *Beguoaa ou Begoá* só o conhecemos de ler a palavra *Bemgoas* em huma das cartas do Atlas Ms. de Lazaro Luiz, (feito em 1563, e pertencente á Acad. R. das S. de Lisboa), (1) e nestas alturas, como designando o nome de povos ou nações habitantes na margem esquerda do Paraná: e ali se lê tambem mais acima *Chanofiz*, — talvez corrupção de *Chanaas* ou *Chanás* (como vem na lin. 4 da pagina 43,) e que Herrera (Dec. 4.ª L. 8. Cap. 11) escreve *Chanas*, contando a narração, que fizera Gaboto, das varias nações de indigenas.

63

Pag. 42, lin. 32.... «se chamara **YNHANDU'**» *&c.*

Os americanos tomam muito para si os nomes das feras, aves, &c. (2)

---

(1) Na descripção deste Atlas dissemos pag. 501, que n'algumas folhas havia notas feitas posteriormente: logo do principio se deduz que são de 1600.

(2) Na interessante *Relação ácerca dos direitos sociaes entre os Aborigenes do Brasil*, impressa em Munich em 1832, diz seu autor o celebre viajante-naturalista — Dr. Martius, a pag. 11:

. . . «von gewissen Thieren oder Pflanzen willkuhrlich gewahlt haben. Von solcher Art sind die zwei auch in der Sprache abweichender Horden der *Miranhas*, am obern Yupurá, die Grossvogel-und die Schnacken-Indianer, und in solcher weise zerfallt der, jetzt schon an Individuen arme, Stamm der *Uainumás* in meherere nach vershiedenen Palmenarten, nach der Onze u. s. w. benannte Familien.»

Em nota cita a Part. 3.ª pag. 1208 das suas Viagens, e prosegue: «Os Hurones se devidem em tres tribus, — a do Lobo, do Urso e da Tartaruga, e a maior parte das tribus do Alto-Canadá usam geralmente de nomes de animaes.»

e este costume não he so dos americanos, que até na antiga Europa acontece o mesmo. O nome *Inhandu* parece designar o *Nhandú* ou Ema americana *(Struthio Rhea)*, ou segundo Saint Hilaire *(Hist. des Plantes les plus remarquables &c.* pag. lxi) as suas pennas; e não ha difficuldade de acreditar que aquelle fosse o nome do homem.

64

Pag. 42, lin. 36... «hus feretes que lhe tomavam as olheiras» &c.

Deve ler-se *ferretes;* quer dizer isto que a tal mulher era ferreteada na parte superior das faces e inferiormente aos olhos. Veja-se *Martius* pag. 41 e 42.

65

Pag. 43, lin. 12. . . «prosperna d'ovelha» &c.

He mais correcto ler posperna, com o codice da Bibl. R. Note-se, que não he provavel que ali houvesse já ovelhas, para os indios caçarem, e que he mais natural que a posperna fosse de Páca *(Cavia Paca)*, que lhe he similhante, até no gosto, e muito mais no feitio, unha, &c.

66

Pag. 43, lin. 15.

Estas ilhas dos corvos são as de que falamos na nota 57.

67

Pag. 43, lin. 17. . . «muitos veados tamanhos como bois» &c.

São os *Guaçu-pucu* (vej. not. 58), que Herrera diz (D. 4. L. 8. Cap. 11.) *«grandes como bacas pequenas» &c.*

68

Pag. 43, lin. 26. . . «sete ilhas» &c.

Veja-se o que dissemos na nota 52, pag. 84.

69

Pag. 43 *e* 44. . . «*c a b o d e S a m M a r t i n h o*» *&c.*

Este cabo vem a ser talvez a *ponta del Espinillo.*

70

Pag. 44, *lin.* 6 *e* 7... «*tres pontas, afastada hua legua hua da outra*» *&c.*

Assim se lê, e não *afastadas.*

71

Pag. 45, *lin.* 2... «*cortam tambem os dedos como os do c a b o d e S a n t a M a r i a*» *&c.*

Veja-se o que o A. conta adiante, pag. 49.

72

Pag 45.

Tudo quanto o A. refere se pode hoje confirmar á vista do que noticiam os roteiros inglezes modernos.

73

Pag. 46, *lin.* 19. . . «*outras alimarias, tamanhas como potros novos e do parecer delles*» *&c.*

São evidentemente as bem conhecidas Antas *(Tapir Americanus)* chamadas no Brasil *Tapir-ussú* e *Tapir-eté.*

«Ay unos animales que llamá Antas, son como borricos» &c., diz o Padre Antonio Rodrigues.

74

Pag. 46, lin. 24... «vinte e quatro de dezembro, dia de natal» &c.

Todos nós sabemos mui bem, que o dia de natal cae a 25 de Dezembro, e tambem o A. o não ignorava, pois declara na linha 55 da pag. 5 que no anno antecedente de 1530 foi «domingo 25 de Dezembro, dia de natal», e esta declaração nos difficulta a explicação, por quanto sendo o natal huma festa immovel, não podemos dizer que o A. considerava o dia pela festividade da vespera n'hum anno, e n'outro não. Huma saida temos para nos desembaraçarmos desta duvida; que se não se firmar em principio demonstrado de falso, deverá ser satisfactoria; he fundada no modo de começar a contar o dia civil, e por conseguinte o da festividade, que sendo com os astronomos dataria do meio dia de 24 até ao de 25, e desfaria a supposta irregularidade, nos dous annos successivos; visto que o A. fala aqui da tarde, e na pag. 5, da manhã do dia seguinte: — e sirva esta explicação em quanto a não houver melhor, para os que, como nós, guardarem só para o ultimo caso o increpar o A. e os copistas, que fôra a elucidação menos custosa.

75

Pag. 46, lin. 55 e 56... «i l h a d a r e s t i n g a» &c.

He a ilha das Flores, de que tratamos na nota 43, pag. 82.

76

Pag. 47, lin. 6 e 12 «i l h a d a s p e d r a s» &c.

He sem duvida a mesma da nota 42, pag. 82.

77

Pag. 47, lin. 55 e pag. 48 lin. 1.ª ... «tirava ... andavam» &c.

Hoje fizera mais sentido ler ... «*tirada ... cuidavam*»; porem assim como imprimimos está nos Mss.

78

Pag. 48. . . . «*rio dos Beguoais*» *&c.*

Veja-se a nossa nota 41, pag. 82

79

Pag. 48.

A respeito da descripção de taes cemiterios, e do enterramento dos mortos compare-se o que diz o Padre José de Acosta na *Historia Natural y Moral de las Indias*, Madrid, 1608, pag. 318 e seg.; e tambem o Padre Antonio Rodrigues, na *Conquista Espiritual hecha por los religiosos de la compania de Jesus, en las Provincias do Paraguay Parana, Uraguay y Tape*, Madrid, 1639 fol. 44. Estas noticias sepulchraes recordam os *Guacas* da archeologia peruviana.

80

Pag. 52, *lin.* 8

Parece que vindo do sul a entrada foi pela *barra grande*, e por tanto enganou-se Fr. Gaspar em suppor (pag. 24) que deveria ter sido pela *Bertioga*.

81

Pag. 52, *lin.* 17 e 18 . . . «*achei hum rio estreito, em que as naos se podiam correger*» *&c.*

Seria o *Tamiarú*. Esta noticia deixa mal Fr. Gaspar na sua conjectura, pag. 28.

82

Pag. 52, *lin.* 22 *e seg.*

Deste lugar se vê claramente que ainda ali não havia antes feitoria. A não que se varou em terra fôra talvez a Senhora das Candeas, que ao

depois (vej. pag. 93) o foi encontrar no Rio de Janeiro, por ter ficado a correger-se.

Vê-se tambem que Martim Affonso usou da autoridade das cartas de poderes (Doc. I, II e III), criando villas &c.

83

Pag. 52, lin. 31 . . . «celebrar matrimonios» &c.

Estas duas unicas palavras nos são de grande auxilio para rebater de todo huma conjectura de Fr. Gaspar, acreditada por Cazal (I. 221) — que a primeira mulher portugueza que passara ao Brasil fôra a de João Gonçalves em 1536. Para *celebrar matrimonios* devia de haver mulheres, e por conseguinte tinham ido familias e casaes; por quanto «a mui nobre e honrada gente» fundadora da villa de S. Vicente não se havia de querer aparentar tão depressa com huma raça gentia, quando havia tantas difficuldades para o fazer com a judia.

84

Pag. 52, lin. 33 . . . «e vestir as enjurias» &c.

Temos por melhor lição *evestir* ou *investir*, pois nos custa a crer, que o A. achasse mais conveniente o *encubrir* as injurias, do que o *investi-las*. — Com tudo assim se lê nos Mss.

85

Pag. 53, lin. 3 e 4. . . . «quinze homes castelhanos, que no dito porto havia muitos tempos, que estavam perdidos» &c.

Talvez desde a expedição de Solis, da qual fala Herrera (D. 2.ª L. 1.º C. 7.º): ou desde Gaboto mencionado por Antonio Galvão e Herrera (D. 3.ª L. 9. C. 3.) — Esta ultima conjectura reforça-se ao ler Gomara *(La Istoria de las Indias* fol. 4.), quando diz que em 1538 entrou no porto dos Patos.

> . . . «una nao de Alonso Cabrera, que yua por veedor al rio de la «Plata, el qual hallo tres españoles que hablavan muy bien aquella «lengua e como ombres que auian estado alli perdidos desde Sebas-«tião Gaboto.»

Ora se Cabrera foi em 538, e Gaboto em 526, segue-se que em 532 ainda ali estavam, e que além dos que vieram, ficaram ainda pelo menos tres.

86

Pag. 53, lin. 20 . . . « para que eu fosse a Portugal nestas duas naos » &c.

Daqui se vê claramente que o A. escrevia a bordo, e por isso diz *nestas duas náos.*

87

Pag. 53, in fine.

Neste logar acabava, como ja dissemos, o nosso Ms. tal como o demos ao prelo; agora para satisfação dos leitores publicaremos o fragmento, que se encontra no codice da Bib. R., que vem a ser a parte da derrota da volta, o qual neste codice he huma verdadeira continuação.

Começa no fim da folha 27 do modo seguinte.

Quarta feira xxij dias do mes de maio da era de mil e quinhentos e trinta e dous da era dadam de oito mil e quinhentos e xbj e 3b1 dias (1) da era do diluvio de quatro mil e seiscentos e trinta e quatro annos e noventa e çinquo dias estando o sol em dez g. e trinta e dous meudos de geminis e a lua em 19. g. de capricornio, party do Rio de sam Vicente hua ora antes que o sol se pusese com o vento noroeste. E como foi noite fiz o caminho a leste e a quarta de nordeste.

Quinta feira polla menhãa era tanto avante com a ylha de sam Sebastiam e ao meo dia se fez o vento oeste e comecou a ventar *e* que me foi necessario tirar as monetas e correr com hos papafigos baxos fazendo o caminho a lesnordeste ate a mea noite que mandei tomar as *vellas* (2) por me fazer com ho Rio de Janeiro.

Sesta feira xxiiij dias do dito mes pola manhãa via terra tres leguoas de mjm e conheçi o Rio de Janeiro que me demoraua a norte e quarta do nordeste e com o vento sudueste dei a vela e entrei nelle ao meo dia.

Sesta feira xiiij dias do mes de Junho chegou a nao santa maria das candeas, que fiquara em sam Vicente acabando-se de correger. Neste rio estive tomando mantimento pera tres meses e partime terçafeira dous dias de Julho: com o vento nordeste say fora e achei o mar tam feo, que me foi necessario tornar a Ribar e surgi na boca ao mar da ylha das pedras em fundo .15. braças darea limpa.

---

(1) Convem notar primeiro que o que está em grifo se acha escripto no codice da Bib. Real, porém á margem e com huma chamada. A respeito do modo de ler este numero e do mais que diz respeito a esta data, veja-se o que dizemos na nota 88 que segue.

(2) No codice coevo da Bib. Real está aqui *leguoas* riscado e por cima *vellas* na mesma letra; aquella palavra fóra por engano.

Quinta feira quatro do dito mes me torney a fazer a vela com ho vento norte. Duas leguoas ao mar me deu muito vento sudueste e mandei fazer o caminho a leste e em se pondo a sol fui com o cabo frio. No quarto da prima mandei governar a leste e ate sesta feira ao meo dia que fiz o caminho a lesnordeste com ho vento sudueste de todalas velas.

Sabado seis dias do mes de Julho se me fez o vento sul. Fazia o caminho a nordeste e a quarta de leste.

Dominguo bij do mes polla menhãa me fez o galeam sinal e como acheguei a elle me disse que fazia tanta aguoa que duas bombas a não podiam vençer e que queriam virar no outro bordo; ver se a podiam tomar: e em virando dous Relogios no outro bordo a tomaram e tornamos a virar e fazer o caminho a nordeste e a quarta de leste.

Segunda feira biij dias do mes de julho ao meo dia tomey o sol em .21. g. e meo: demoravame o cabo frio no essudueste: fazia me delle .lx e duas leguoas. A ilha dos baxos me demorava ao noroeste: fazia me delia .l. leguoas.

3.ª feira se fez o vento leste: com elle fazia o caminho da norte e a quarta do nordeste pollas naos serem grandes de bolina lhe dava pouco abatymento.

Quarta feira .x. do mes de Julho se fez o vento calma ate sabado ao meo dia que o vento sudueste começou a ventar brando e de noite com ho vento fresquo de todas as velas fazia ho caminho do norte ate domingo ao meo dia que tomey o sol em .19. g. e tres quartos e mandei fazer o caminho a norte e a quarta de noroeste. Os baxos dos parguetes me demoranam ao sudueste e a quarta daloeste: fazia-me delles .lxx. leguoas. A ilha dos baxos me demorava ao noroeste: fazia me della xbiij leguoas.

Segunda feira .xb. do dito mes ao meo dia tomei o sol em .17. g. Com mujto vento sudueste e mar corria com os papafigos baxos ao nornoroeste. Esta noite com o mar mui grosso não levamos a mão de duas bombas: fazia a nao por tantas partes a aguoa que toda a noite andaua com ho calafate debaxo da cuberta temando aguoas. Eram tantas as baleas nesta parajem e tamanhas e chegavam se tanto as naos que lhe auiamos mui grande medo.

3.ª feira xbj do dito mes tomei o sol ao meo dia em 15. g. e tres quartos. Demorava me a baia de todolios Santos ao nornoroeste. Mandei fazer o caminho ao noroeste ate o quarto da modorra, que houve vista da terra que mandei fazer o caminho ao norte e a quarta do nordeste com o mar mui grosso.

Quarta feira xbij do dito mes polla menhãa Reconhecey as serras que jazem ao sul da baia de todolos Santos .xxb. leguoas e ao meo dia se fez o vento susudueste muj forçoso. Era o mar tam grosso que a nao me nam queria guovernar asy fui correndo com hum bolso da vela davante com mui gram temporal: ao jugar da nao faziam tanta aguoa que não leuauamos maõs a duas bombas. Este dia tomei o sol em .14. g. e o sol posto houve vista do padrão; por fazer mujto vento e o mar e a terra estar muj afumada nam entrei na bahia e fiz me no bordo do mar ate .5. Relogios do 4.º da modorra que tornei no bordo da terra.

3.ª feira .18. dias de Julho em Rompendo a lua vi o padrão mea leguoa de mjm e o marquey aloeste e a quarta do noroeste metendo as

monelas pera entrar na bahia. Saltou o vento ao sudueste con tanta força que nam podiamos metter as naos de loo. Torney a mandar a tirar as monetas e com hos papafigos baxos cobrei a ponta do padrão, com asaz trabalho. Era tam grande o mar que a entrada da bahia em .9. braças de fundo me deu o mar por Riba do chapiteo e veo quebrar no conves.

Nesta bahia estive calafetando os altos das naos que os traziam esvaidos e tomando mantimentos e outras cousas que me eram necessarias. Aqui fiz alardo da gente que trazia pera poderem tomar armas e achey em ambas as naos. I c iij. homes e os .xxx. delles sem armas.

Aqui se lançaram com os indios tres marinheiros da minha nao, e me detiveram oito dias busquando os e nam nos pude aver por os indios mos esconderem (1)

5.ª feira xxx dias do mes de Julho parti desta bahia de todollos santos com o vento sudueste, e como fui ao mar duas leguoas se me fez leste e virey no bordo da terra ate o quarto da prima que tornei a virar no bordo do mar.

Quarta feira xxxj do dito mes no quarto dalva tornei a virar no bordo da terra com o vento lessueste. Desta ponta do padrão ate a pedra da galee se corre a costa les nordeste oessudueste. Ha de caminho quatro leguoas e da pedra da galee ate o a Recyfe de sam migel se corre a costa nor nordeste susudueste e desdo o a Recyfe ate o cabo de santagustinho se corre a costa nortesul toma da quarta de nordeste sudueste. Desde esta bahia de todollos santos ate o cabo de sam Roque correm as aguoas ao norte sete meses .s. março e abril e maio e junho e julho e agosto e setembro ate outubro e estoutros çinquo meses do anno correm ao sul e como achegam a esta bahia correm ao sueste todo o anno e nestes çinquo meses correm com mais força.

Quinta feira primeiro dia do mes de agosto andei em calma ate de noite no quarto da prima que se fez o vento sueste e com elle mandei fazer o caminho do nordeste.

Sesta feira fazendo o dito caminho ao meo dia tomei o sol em 10 g. e des do meo dia mandei fazer o caminho ao nordeste e a quarta do norte ate quatro Relogios andados do quarto da prima que mandei fazer o caminho ao norte e a quarta do noroeste.

Sabado tres dagosto polla menhãa ouve vista da terra e em me chegando mais a ella Reconheci as serras de santantonio que me demoravam o loeste e ao meo dia tomei o sol em .9. g. e trinta meudos. E duas oras antes que o sol se pusesse com o vento sudueste mandei tomar as velas, lancei as naos ao pairo hua leguoa de terra em fundo de .xxx. braças de pedra: na terra me faziam muitos fumos.

Dominguo iiij dias d agosto 1532 estando o sol em 21. g. e tres meudos de leo e a lua em .b. graos de libra e em o sol nascendo mandei dar as vellas com o vento sudueste. Indo costeando a terra hum tiro de bombarda per fundo de .xb. braças indo na gavia as nove horas do dia vi a ilha de santalexo: demorava me ao norte e como me acheguei mais a

(1) Talvez que 3 marinheiros entrassem no numero dos que mais tarde ali encontrou Cabrera.

ella vi hua nao que estava surta antre ella e a terra; parecia ser mui grande: logo me deçi da gavia, e mandei fazer prestes a artilharia e mandei fazer signal ao galeam que vinha por minha popa e em chegando a myın lhe disse que pusesse a artilharia em ordem, e se fizesse a gente prestes por que se a nao que estava na ilha surta fose de França avia de pelejar com ella.

N. B. Aqui acaba no MS. quasi o verso da foi. 29. —Seguem-se em branco as folhas numeradas 30, 31, 32, 34 e 35. Passa em claro a 33, cujo numero vem a ter a ultima, que está depois da 41, e tambem he em branco; só no principio da pagina diz:

Sexta feira xbij do

E segue huma *raspadela*.

Ainda que este MS. está falho neste logar, e nos deixa suspensos em hum combate que estava prestes; com tudo, a nosso ver, a noticia destes acontecimentos poderá ser de algum modo suprida, se nos aproveitarmos de hum trecho destituido de preliminares e explicacão dos escriptores, não conhecedores das verdades, que só este *Diario* podia manifestar, e o procurarmos casar com a nossa narração; tanto mais que póde ser que as cinco folhas em branco aqui deixadas pelo copista, (e as quaes não estariam no original) fossem achadas por outrem que as possuisse separadamente, e dellas aproveitasse quem só as viu. Os dois autores que trazem este trecho são Fr. Agostinho de S. Maria no *Sant. Mar.* e Fr. Antonio Jaboatão na chronica da sua provincia no Brasil (Digr. 4.ª Est. X. pag. 91), copiado por Fr. Gaspar e por elle citado.

Transcreveremos do primeiro, como mais antigo, do Tom, 9.º pag. 226 a seguinte narração.

. . . « havia saído huma não francesa carregada para França, a qual cuidou « seguir-lhe: mas mandou atraz della huma caravela muito ligeira, e por « capitão hum João Gonçalves, homem da sua casa, de cujo esforço tinha « muita confiança e experiencia de outras armadas, em que o acompanhou « contra os cossairos na costa de Portugal e de Castella. E como a caravela « era hum pensamento e a não francesa sobrecarregada (ainda que alijou « ao mar parte da carga do páo brasil) finalmente foi alcançada, e querendo pôr-se em defesa lhe atirarão da nossa com hum pelouro de cadêa, « que a colheu da pôpa a proa e a desenxarceou de huma banda e lhe ma« tou alguns homens, com que se renderão os mais, que eram trinta e cin« co, entre grandes e pequenos, e a não com oito peças de artelharia.

« Com esta presa se voltou o capitão João Gonçalves, havendo vinte e « sete dias, que o capitão mór estava na ilha; onde teve informação de outra « não, que vinha de França com munições e resgates aos francezes, e a « mandou por outras duas caravelas (1), de que hião por capitão Alvaro « Nunes de Andrade, homem Fidalgo Gallego e da familia dos Andrades, e « Gamboas, e Sebastião Gonçalves de Alvellos, os quaes a tomaram e entra« ram com ella na mesma maré, em que João Gonçalves entron com a outra.

(1) Seriam as duas que tinham ido ao Maranhão?

« Com o que os francezes da fortaleza começaram a enfraquecer, e desmaiar
« e muito mais, porque se lhes levantou hum levantisco, e alguns portu-
« guezes, que elles tinham tomado, e andavam entre os gentios; os quaes,
« como já lhes sabiam a lingoa, os amotinaram contra os francezes de tal
« modo, que se Pedro Lopes de Souza lho não impedira, quiseram logo
« mata-los e come-los: que tão variavel he este gentio, e amigo de novida-
« des; e assim vieram logo os principaes a offerecer-se a Pedro Lopes de
« Souza para isso, e para tudo o mais, que lhes mandasse, o qual os rece-
« beu benignamente, e lhes disse que não fizessem mal aos francezes, por-
« que todos eram irmãos, — nem elle lho devia fazer, se lhe não resistissem,
« antes muitos beneficios e favores.

« Sabido isto pelos francezes, que logo lho foram dizer, lhe mandou o
« seu capitão offerecer que fosse tomar entrega da fortaleza, e delles, que
« todos queriam ser seus prisioneiros e cativos e só pediam a mercê das
« vidas. E assim se fez não esperando o capitão da fortaleza que Pedro
« Lopes de Souza chegasse a ella; mas ao caminho lhe trouxe as chaves,
« e lhas entregou com todos os seus soldados desarmados e Pedro Lopes
« lhe mandou entregar a sua roupa. E despejada a fortaleza da artilharia
« e do mais que tinha, a mandou arrasar fazendo outra muito forte na po-
« voação e outra nos Marcos por resguardo da feitoria d'ElRei » &c.

Cada qual dará a esta narração o gráo de credito, de que a julgar merece-
dora. E feita esta interrupção continuemos a publicar o resto do escripto de
Pero Lopes, que se encontra na Bibliotheca Real.

No MS. vem adiante a fol. 36, que prosegue do modo seguinte.

Segunda feira quatro dias do mes de novembro da era de 1532 parti
do porto de Pernambuco com o vento da terra. Sendo ao mar hua le-
guoa se fez o vento nordeste e fiz me na volta do sueste ate a terça feira
no quarto da prima que se fez o vento leste e virei no bordo do norte,
ate quinta feira ao meo dia que tomei o sol em .b. graos e .1 bj. meudos.

Sesta feira biij de nouembro fazia o caminho do norte e a quarta do
nordeste. Ao meo dia tomei o sol em 5 graos e tres quartos.

Sabando (1) nove dias do dito mez fazendo o dito caminho ao meo dia
tomei o sol em .4. g. demoravame o cabo de santagustinho Ao sul e a
quarta do sudueste fazia me delle oitenta leguoas. A ilha de Fernam de
Loronha me demorava a leste e a quarta do nordeste: fazia me della
4. leguoas.

Domingo com o vento leste e o mar mui chão e os dias mui craros que
nesta parajem se acham muj poucas vezes fazia o caminho do norte e
ao meo dia tomei o sol em .2. g. e meo.

Segunda feira xj dias de novembro: no quarto dalua se me fez o vento
lessueste: fazia o caminho do norte e a quarta do nordeste por dar aba-
timento as agulhas que me noresteavam hua quarta. Ao meo dia tomei
o sol em .1. g. e huun quarto.

3.ª feira xij do dito mes fazia o dito caminho e ao meo dia tomei o
sol em 46 meudos. Demoravame a ilha de fernam de loronha ao sul e a

(1) *Sic.*

quarta do sudueste: fazia me della lxb. leguoas: o penedo de sam pedro me demoraua ao nordeste: fazia me delle liij leguoas.

Quarta feira xiij de novembro com o vento lessueste fazia o caminho do norte e a quarta do nordeste por dar a dita quarta dabatimento as agulhas: ao meo dia tomey o sol em .1. .g. da banda do norte.

Quinta feira xiiij do mes ao meo dia tomei o sol em 2. g. e um terço e a tarde se fez o vento sueste e fazia o caminho ao nordeste e a quarta do norte.

Sesta feira pollá menhaã se fez o vento lessueste e tornei a fazer o caminho do norte e a quarta do nordeste e ao meo dia tomei o sol em 3. g. e xxxbiij meudos.

Sabado fazia o dito caminho. Ao meo dia tomei o sol em 4. g. e xbj. meudos.

Domingue xbij de nouembro fazendo o dito caminho tomei o sol em .5. g. e demorauame o penedo de sam pedro ao sueste: fazia me lxx e çinquo leguoas: demoravame o cabo verde ao nordeste: faziame delle ꝑ. e quarenta leguoas. Esta noite no quarto da moderra me deu hua muj grande travoada de lesnordeste com muito vento e aguoa que fiquou em calma ate quarta feira xx do mes que no quarto dalua me deu mujto vento nordeste e com mui grande mar que esta noite estive em condição de aRibar por mo requerer o piloto da outra nao dizendo que se ia ao fundo com hua aguoa que se lhes abrira asi fomos com este temporal com os papafiguos mui baxos fazendo o caminho do noroeste ate sesta feira que ao por do sol abonançou mais o tempo.

Sabado ao meo dia tornou o vento nordeste a ventar com mujta força que o nam pude soportar as velas e as mandei tomar e estive este dia todo de mar em traves com muj grande mar e aguoajem que vinha de leste.

Domingue

Deixa depois desta fol. 37 outras 5 adiante em branco, e segue a fol. 33 de que falamos, a pag. 96, e acaba.

88

Pag. 93, *lin.* 13.

Quarta feira xxij dias do mes de maio da era da mil e quinhentos e trinta e dous da era dadam de oito mil e quinhentos e xbj e xbi dias &c.»

Comecemos do fim deste periodo. Cumpre saber que como refere Moreri *(V. Chronol.)* os antigos, seguindo a opinião de alguns chronologistas, acreditavam ter sido creado o mundo em um certo dia, que correspondia ao 1.º de Maio no computo juliano; deste modo até 22 de Maio contam-se 21 dias.—Ora isto he quanto a nós o mesmo numero

escripto zbi; por quanto no *Elucidario Tab. II. lin. ult.* vemos que z (ou signal que se lhe simelha,) valia 4; e sabemos que b=5, e r=1, e tambem vimos pag. 58 e 59 que bcxxx designava 530 ou 5.100+30 e por analogia tiramos aqui zbi=4.5+1=21.

Para explicar a coincidencia dos annos 1532 da nossa era com a de 8546 de Adão convem notar que o A. não se serve para este fim da vulgata; porém do computo das *Taboas Affonsinas*, que põem a vinda de Christo no *A. M.* 6984, maximo limite nas opiniões dos 70.

A accumulação das datas empregada pelo A. não será de novidade aos que souberem quanto ella foi usada pelos escriptores e notarios da idade media, que por ventura pertendiam fazer ostentação do seu saber em chronologia, então parte essencial da instrucção — especialmente da ecclesiastica; e sobre isto innumeras obras de vasta e descommunal erudição foram escriptas, até á ultima edição da *Arte de verificar as datas*, e o leitor curioso as poderá consultar. Da accummulação das datas se acham muitos exemplos nas chronicas publicadas por Florez; e sem irmos tão longe citaremos as datas accumuladas por Gomes Eannes no fim da 3.ª Parte da Chron. de D. João 1.º — e ainda outros exemplos citariamos se o julgassemos necessario em objecto tão trivial.

NOTA FINAL.

Depois de voltado Pero Lopes elrei se deu por bem servido delle, e, tendo-lhe já antes feito uma doação em 1532, a reformou e ampliou no 1.º de Septembro de 1534, e a traz D. Antonio Caetano de Souza, donde julgamos transcreve-la para acompanhar o Foral que publicamos, copiado do autografo da Torre do Tombo. Publicamos estes dois documentos, por quanto se podem considerar como *specimens* dos passados aos outros doze donatarios, de que fala Barros (Dec. 1.ª, Liv. 6.º C. 1.º), e nós tratamos miudamente nas *Reflexões Criticas* pag. 85 e seguintes. Esta doação e foral analysados servirão de primeira base á historia de todas as capitanias.

O Foral impresso pela primeira vez e copiado do original irá com a mesma orthografia: outro tanto não faremos á seguinte doação, por quanto além de não encontrarmos o seu original, já foi impressa com orthografia antiga (se bem que modificada da coetanea), e temos por demais utilidade que melhor se possa ler, não havendo contras. Achámos conveniente porêm coteja-la com as outras arranjadas pela mesma redacção, que se acham na Torre do Tombo, e acertar por estas algumas palavras e expressões adulteradas, não só talvez pelo andar dos tempos, como pelos copistas inexpertos, de que seguramente se valeu o A. da H. Genealogica, — que raro será o documento que na sua preciosa obra se encontre impresso fielmente.

DOCUMENTO VII.

D. João &c. A quantos esta minha Carta virem faço saber, que considerando eu em quanto serviço de deus e meu, proveito e bem de meus

reinos e senhorios, dos naturaes e subditos delles he ser a minha costa e terra do Brasil mais povoada doque até agora foi; assim para se nella haver de celebrar o culto e officios divinos, e se exalçar a nossa santa fé catholica, com trazer e provocar a ella os naturaes da dita terra infieis e idolatras; como pelo muito proveito que se seguirá a meus reinos e senhorios, e aos naturaes e subditos delles de se a dita terra povoar e aproveitar: houve por bem de mandar repartir e ordenar em capitanias de certas em certas leguas, para dellas prover áquellas pessoas que bem me parecesse; e pelo qual havendo eu respeito á criação que fez Pero (1) Lopes de Souza, fidalgo de minha casa, e aos serviços que me tem feito, e ao diante espero que me faça, e por folgar de lhe fazer mercê, de meu propriomotu, certa sciencia, poder real e absoluto, sem m'o elle pedir, nem outrem por elle: hei por bem e me praz de lhe fazer mercê, como de feito por esta presente carta faço mercê e irrevogavel doação, entre vivos valedora deste dia para todo sempre, de juro e herdade, para elle e todos seus filhos, netos, herdeiros e successores, que apoz delle vierem, assim descendentes como transversaes e collateraes, segundo adiante irá declarado, de 80 leguas de terra na dita costa do Brasil, repartidas nesta maneira: 40 leguas que começarão de 12 leguas ao sul da ilha da Cananéa, e acabarão na terra de Santa Anna, que está em altura de 28 gráos e hum terço; e na dita altura se porá o padrão, e se lançará huma linha, que se corra a loeste: e 10 leguas que começarão do rio de Curparê, e acabarão no rio de S. Vicente; e no dito rio de Curparê da banda do norte se porá padrão, e se lançará huma linha pelo rumo de noroeste ate a altura de 25 graos, e desta dita altura cortará a linha direitamente a loeste; e no rio de S. Vicente da banda do norte será outro padrão, se lançará uma linha que corte direitamente a loeste; e as 30 leguas que fallecem, começarão no rio que cerca em redondo a ilha de Itamaracá, ao qual rio eu ora puz nome — Rio da Santa Cruz, — e acabarão na bahia da Traição, que está em altura de 6 gráos: e isto com tal declaração que a 50 passos da caza da feitoria, que de principio fez Christovão Jaques pelo rio dentro ao longo da praia, se porá um padrão de minhas armas; e do dito padrão se lançará uma linha, que cortará a loeste pela terra firme a dentro, e a dita terra da dita linha para o norte será do dito Pero Lopes; e do dito padrão pelo rio abaixo, para a barra e mar, ficará assim mesmo com elle dito Pero Lopes ametade do braço do dito rio da Santa Cruz da banda do norte, e será sua a dita ilha de Itamaracá, e toda a mais parte do dito rio da Santa Cruz que vai ao norte; e bem assim serão suas quaesquer outras ilhas, que houver até 10 leguas ao mar na frontaria, e demarcação das ditas 80 leguas. As quaes 80 leguas se entenderão, e serão de largo ao longo da costa, e entrarão pelo sertão e terra firme adentro tanto, quanto poderem entrar, e for de minha conquista; da qual terra e ilhas pelas sobreditas demarcaçoens lhe assim faço doação e mercê de juro e herdade para todo sempre, como dito he. E quero e me praz; que o dito Pero Lopes, e todos seus herdeiros e successores que a dita terra herdarem e succederem, se possam chamar e chamem capitães e governadores della.

(1) Escrevemos Pero, porque assim se lê no foral, e se dizia naquelle tempo.

Item outro sim lhe faço doação, e mercê de juro e herdade para todo sempre, para elle e seus descendentes e successores no modo sobredito da jurisdicção civel e crime da dita terra, da qual elle Pedro Lopes, e seus herdeiros e successores usarão na forma e maneira seguinte:

A saber: poderá por si e por seu ouvidor estar á eleição dos juizes e officiaes, e alimpar e apurar as pautas, passar carta de confirmação aos ditos juizes e officiaes, os quaes se chamarão pelo dito capitão e governador, e elle porá ouvidor, que poderá conhecer de auçoens novas a 10 leguas donde estiver; e de appellações e aggravos conhecerá em toda a dita capitania, e governança; e os ditos juizes darão appellação para o dito seu ouvidor nas quantias que mandam minhas ordenações, e de que o dito seu ouvidor julgar, assim por aução nova, como por appellação e aggravo: sendo em causas civeis, não haverá appellaçao nem aggravo até a quantia de cem mil réis; e dahi para cima dará appellação á parte que quizer appellar. E nos casos crimes hei por bem, que o dito capitão e governador, e seu ouvidor tenhão jurisdicção e alçada de morte natural inclusivé em escravos e gentios; e assim mesmo em piaens christãos, homens livres e em todo-los casos; assim para absolver como para condemnar, sem haver appellação nem aggravo. E porem nos quatro casos seguintes: heresia (quando o heretico lhe for entregue pelo ecclesiastico) e traição, e sodomia, e moeda falsa, terá alçada em toda a pessoa de qualquer qualidade que seja, para condemnar os culpados á morte, e dar suas sentenças á execução sem appellação nem aggravo; e porem nos ditos quatro casos, para absolver de morte, posto que outra pena lhe queirão dar, menos de morte, darão appellação e aggravo, e appellação por parte da justiça. E nas pessoas de mór qualidade terão alçada de dez annos de degredo, e até 100 crusados de pena sem appellação nem aggravo. (1)

Item outro sim me praz que o dito seu ouvidor possa conhecer das appellações e aggravos, que a elle houverem de ir em qualquer villa ou logar da dita capitania, em que estiver; posto que seja muito apartado deste lugar donde estiver, — com tanto que seja na propria capitania.

E o dito capitão e governador poderá pôr meirinho d'ante o seu ouvidor, e escrivães, e outros quaesquer officiaes necessarios, e costumados n'estes reinos, assim na correição da ouvidoria, como em todas as villas e logares da dita capitania e governança.

E serão o dito capitão e governador, e seus successores obrigados, quando a dita terra for povoada em tanto crescimento que seja necessario outro ouvidor, de o pôr onde por mim ou por meus successores for ordemnado.

Item outro sim me praz que o dito capitão e governador, e todos os seus successores possam por si fazer villas todas e quaesquer povoações, que se na dita terra fizerem, e lhes a elles parecer que o devem ser, as quaes se chamarão villas, e terão termo, jurisdicção, liberdades, e insignias de villas; segundo o foro e costume de meus reinos. E isto porem se en-

(1) Nas doações que conferimos na Torre do Tombo está este periodo antes do antecedente, em que se exceptuam os quatro casos.

tenderá, que poderão fazer todas as villas que quizerem, das povoações que estiverem ao longo da costa da dita terra, e dos rios que se navegarem porque por dentro da terra firme pelo sertão não as poderão fazer por menos espaço de 6 leguas de huma a outra, para que possam ficar ao menos 5 leguas de terra de termo a cada uma das ditas villas. E, ao tempo que assim fizerem as ditas villas a cada uma dellas, lhe limitarão e assignarão logo termo para ellas; depois não poderão da terra, que assim tiverem dado por termo, fazer outra villa sem minha licença.

Outro sim me praz, que o dito capitão e governador, e todos seus successores, a que esta capitania vier, possam novamente crear e prover por suas cartas os tabelliaes do publico e judicial, que lhe parecer necessarios, nas villas e povoações das ditas terras, assim agora, como pelo tempo em diante; e lhe darão suas cartas assignadas por elles, e selladas com o seu selo: e lhe tomarão juramento, que sirvam seus officios bem e verdadeiramente: e os ditos tabelliães servirão pelas ditas suas cartas, sem mais tirarem outra de minha chancellaria: quando os ditos officios vagarem por morte, ou renunciação, ou por erros de = se assim he, = (1) poderão isso mesmo dar, e lhe darão os regimentos por onde hão de servir, conforme aos da minha chancellaria.

Hei por bem, que os ditos tabelliães se chamem e possam chamar pelo dito capitão e governador, e lhe paguem suas pensões, segundo a fórma do foral que ora para a dita terra mandei fazer, (2) das quaes penções lhe assim mesmo faço doação e mercê de juro e herdade para sempre.

Item outro sim lhe faço doação e mercê de juro e herdade para sempre das alcaidarias mores de todas as ditas villas e povoações da dita terra, com todas as rendas, direitos, foros e tributos, que a ellas pertencerem, segundo he declarado no foral, as quaes o dito capitão e governador, e seus successores haverão e arrecadarão para si no modo e maneira no dito foral conteudo e segundo a forma delle, e as pessoas a que as ditas alcaidarias mores forem entregues da mão do dito capitão e governador, elle lhes tomará homenagem dellas, segundo a forma de minhas ordens.

Outro sim me praz, por fazer mercê ao dito Pero Lopes e a todos seus successores, a que esta capitania vier de juro e herdade para sempre, que elles tenham e hajam todas as moendas de agua, marinhas de sal, e quaesquer outros engenhos de qualquer qualidade que sejam, que na dita capitania e governança se poderem fazer.

E hei por bem que pessoa alguma não possa fazer as ditas moendas, marinhas, nem engenhos, senão o dito capitão e governador, ou aquelles a quem elle para isso der licença, de que lhe pagarão aquelle foro ou tributo, que com elle se concertar.

Item outro sim lhe faço doação e mercê de 10 leguas de terra ao longo da costa da dita capitania, e entrarão pelo sertão tanto quanto poderem entrar e forem de minha conquista, a qual terra será sua livre e izenta, sem della pagar direito, foro nem tributo algum, sómente o dizimo de Deus á ordem do Mestrado de N. Senhor Jesus Christo, e dentro

(1) Erro de — *se assim he* — expressão juridica usada antigamente: e não — desse, assim — como traz Souza.

(2) Veja-se este *foral*, que he o nosso Documento VIII, a pag. 126 e seg.

de 20 annos do dia que o dito capitão e governador tomar posse da dita terra, poderá escolher e tomar as ditas 10 leguas de terra em qualquer parte que mais quizer; não as tomando porem juntas, mas repartidas em quatro ou cinco partes, — não sendo de uma a outra menos de duas leguas; as quaes terras o dito capitão e governador, e seus successores poderão arrendar, e aforar emfatiota, ou em pessoas ou como quizer e lhes bem vier, e pelos foros e tributos, que quizerem. E as ditas terras não sendo aforadas, ou as rendas dellas, quando o forem, virão sempre a quem pertencer á dita capitania e governança pelo modo nesta doação conteudo, e das novidades que deus nas ditas terras der não serão o dito capitão e governador, nem as pessoas, que de sua mão as tiverem ou trouxerem, obrigados a me pagar foro nem direito algum; somente o dizimo de Deus, á ordem que geralmente se ha de pagar em todas as outras terras do dita capitania, como abaixo he declarado.

Item o dito capitão e governador, nem os que apoz elle vierem, não poderão tomar terra alguma de sesmaria á dita capitania para si, nem para sua mulher, nem para filho herdeiro della, antes darão e poderão dar e repartir as ditas terras de sesmaria a quaesquer pessoas de qualquer qualidade e condição que sejão, e lhe bem parecer livremente, sem foro nem direito algum, sómente o dizimo de deus, que serão obrigados a pagar á ordem de todo quanto nestas ditas terras houver, segundo he declarado no foral, pela mesma maneira as poderão dar, e repartir por seus filhos fóra do morgado, assim por seus parentes; e porém aos ditos seus filhos e parentes não poderão dar mais de terra, da que derem ou tiverem dado a qualquer outra pessoa estranha; e todas as ditas terras, que assim der de sesmaria a umas e outras, serão conforme a ordenação da sesmaria, e com obrigação dellas, as quaes terras o dito capitão e governador, nem seus successores não poderão em tempo algum tomar para si, nem para suas mulheres, nem filhos, como dito he, nem pô-las em outrem; para depois virem a elles por modo algum que seja, sómente as poderão haver por titulo de compra verdadeira das pessoas que lhas quizerem vender, passados oito annos depois das taes terras serem aproveitadas, e em outra maneira não.

Item outro sim lhe faço doação e mercê de juro e herdade para sempre da meia dizima do pescado da dita capitania, que he de vinte peixes um, que tenho ordenado se pague além da dizima inteira que pertence á ordem, segundo no foral he declarado, a qual meia dizima se entenderá de pescado, que se matar em toda a dita capitania, fóra das 10 laguas do dito capitão e governador; por quanto as ditas 10 leguas he terra sua livre e izenta, segundo atraz he declarado.

Item outro sim lhe faço doação e mercê de juro e herdade para sempre da redizima de todas as rendas e direitos que á dita ordem, e a mim de direito na dita capitania pertencerem, convem a saber que todos os rendimentos que á dita ordem, e a mim couber, assim dos dizimos, como de quaesquer outras rendas, ou direito de qualquer qualidade que seja, haja o dito capitão e governador, e seus successores, uma dizima, que he de 10 partes uma.

Item outro sim me praz, que por respeito do cuidado que o dito capitão e governador, e seus successores hão de ter de guardar e conservar o

brasil, que na dita terra houver, de lhe fazer doação e mercê de juro e herdade para sempre da vintena parte do que liquidamente render para mim fóra de todos os custos, e o brasil que se da dita capitania trouxer a estes reinos, e a conta do tal rendimento se fará na Casa da Mina da cidade de Lisboa, onde o dito brasil hade vir, e na dita Casa, tanto que o dito brasil for vendido, e arrecadado o dinheiro delle, lhe será logo pago e entregue em dinheiro de contadopelo feitor e officiaes della aquillo, que por boa conta na dita vintena montar, e isto por quanto todo o brasil, que na dita terra houver hade ser sempre meu e de meus successores, sem o dito capitão, nem outra alguma pessoa poder tratar nelle, nem vende-lo para fora, sómente poderá o dito capitão, e assim os moradores da dita capitania aproveitar-se do dito brasil na terra, no que lhe ahi for necessario, segundo he declarado no foral, e tratando nelle, ou vendendo-o para fóra, incorrerão nas penas conteudas no dito foral.

Item outro sim me praz, por fazer mercê ao dito capitão e a seus successores de juro e herdade para sempre, que todos os escravos que elles resgatarem, e houverem na dita Terra do brasil possam mandar a este reino 24 peças cada anno para fazer dellas o que lhe bem vier, os quaes escravos virão ao porto da cidade de Lisboa, e não a outro algum porto e mandará com elles certidão dos officiaes da dita terra, de como são seus pela qual certidão lhe serão despachados os ditos escravos forros, sem delles pagar direito algum, nem 5 por cento. E além das ditas 24 peças que assim cada anno poderá mandar forros, hei por bem que possa trazer por marinheiros e grumetes em seus navios todos os escravos, que quizer e lhe for necessarios.

Item outro sim me praz, por fazer mercê ao dito capitão e a seus successores, e assim aos visinhos e moradores da dita capitania, que nella não possa em tempo algum haver direitos de cizas, nem imposiçoens saboarias, tributos de sal, nem outros alguns direitos ou tributos de qualquer qualidade que sejam, salvo aquelles, que por bem desta doação e do foral ao presente, são ordenados que hajam.

Item esta capitania e governança, e rendas e bens della, hei por bem e me praz, que se herdem e succedam de juro e herdade para todo o sempre pelo dito capitão e governador, e seus descendentes, filhos e filhas legitimos com tal declaração, que em quanto houver filho legitimo varão no mesmo grão, não succeda filha, posto que seja de maior idade que o filho, e não havendo macho, ou havendo-o, e não sendo em tão propinquo grão ao ultimo possuidor como a femea, que então succeda a femea; em quanto houver descendentes legitimos, machos, ou femeas, que não succeda na dita capitania bastardo algum, e que não havendo descendentes machos nem femeas legitimos, então succederão os bastardos machos e femeas, não sendo porem de damnado coito: e succederão pela mesma ordem os legitimos, primeiro os machos e depois as femeas em igual grão com tal condição, que se o possuidor da dita capitania a quizer antes deixar a um seu parente transversal que aos descendentes bastardos, quando não tiver legitimos o possa fazer, e não havendo descendentes machos. nem femeas legitimos, nem bastardos da maneira que dito he, em tal caso succederão os ascendentes machos e femeas, primeiro os machos, e em defeito delles as femeas; e não havendo descendentes

nem ascendentes, succederão os transversaes pelo modo sobredito,—sempre primeiro os machos que forem em igual grão, e depois as femeas, e no caso dos bastardos o possuidor poderá, se quizer deixar a dita capitania a um transversal legitimo, e tiral-a aos bastardos, posto que sejam descendentes em mais propinquo grão, e isto hei assim por bem sem embargo dalei mental, que diz que não succedam femeas, nem bastardos, nem transversaes, nem ascendentes, sem embargo de todo me praz, que nesta capitania succedam femeas, e bastardos, não sendo de coito damnado, e transversaes e ascendentes do modo que já he declarado.

E outro sim quero e me praz, que em tempo algum se não possam a dita capitania e governança, e todas as cousas que por esta doação dou ao dito Pero Lopes, partir nem escambar, espedaçar nem em outro modo alhear, nem em casamento a filho ou filha, nem a outra pessoa dar, nem para tirar o pai ou filho, ou outra alguma pessoa de captivo, nem para outra cousa, ainda que seja mais piedosa; porque a minha tenção e vontade he, que a dita capitania e governança, e cousas ao dito capitão e governador nesta doação dadas, andem sempre juntas, e se não partam, nem alienem em tempo algum, e aquelle que a partir ou alienar, ou espedaçar ou der em casamento, ou para outra cousa, por onde haja de ser partida, ainda que seja mais piedosa, por esse mesmo feito perca a dita capitania e governança, e passe direitamente áquelle a que houvera de ir pela ordem sobredita, se o tal que isto assim não cumprir fosse morto.

Item outro sim me praz, que por caso algum de qualquer qualidade que seja, que o dito capitão e governador commetta; por que segundo o direito e leis destes reinos mereçam perder a dita capitania e governança, jurisdicção, rendas e bens della, a não percam seus successores, salvo se for traidor á coroa destes reinos, e em todos os outros casos que commetter será punido quanto o crime o obrigar; e porêm o seu successor não perderá por isso a dita capitania e governança, jurisdicção, rendas e bens della, como dito he.

Item me praz e hei por bem, que o dito Pero Lopes, e todos seus successores a que esta capitania e governança vier, usem inteiramente de toda a jurisdicção, poder, e alçada nesta doação conteudo, assim e da maneira que nella he declarado, e pela confiança que delles tenho, que guardarão nisto tudo o que cumprir ao serviço de Deos e meu, e bem do povo e direito das partes.

Hei outro sim por bem e me praz, que nas ditas terras da dita capitania não entrem, nem possam entrar em tempo algum corregedor, nem alçada, nem outras algumas justiças, para nellas usarem de jurisdicção alguma por nenhuma via, nem modo que seja, nem menos será o dito capitão suspenso da dita capitania e governança, e jurisdicção della; e porêm, quando o dito capitão caír em algum erro, ou fizer cousa por que mereça ser castigado, eu ou os meus successores o mandaremos vir a nós para ser ouvido com sua justiça, e lhe ser dada aquella pena e castigo que de direito por tal caso merecer.

Item quero e mando, que todos os herdeiros e successores do dito Pero Lopes que esta capitania herdarem, e succederem por qualquer via que seja, se chamem Souza, e tragam as armas dos Souzas, e se alguns delles

isto assim não cumprirem, hei por bem que por este mesmo feito perca a dita capitania e successão della, e passe logo direitamente a quem de direito devia ir, se este tal que isto assim não cumprir fosse morto.

Item esta mercê lhe faço como rei, senhor destes reinos, e assim como governador e perpetuo administrador que sou da ordem e cavallaria do Mestrado de N. Senhor Jesus Christo, e por esta presente carta dou poder e autoridade ao dito Pero Lopes, que elle por si e por quem lhe aprouver, possa tomar e tome posse real e corporal, e autual das terras da dita capitania e governança, e das rendas e bens della, e de todas as mais cousas conteudas nesta doação, e use de tudo inteiramente, como se nella contem: a qual doação hei por bem, quero e mando que se cumpra e guarde em todo e por todo, com todas as clausulas, condições e declarações nellas conteudas e declaradas sem mingoa, nem desfalecimento algum, e para tudo que dito he derrogo a lei mental e quaesquer outras leis, ordenações, direitos, glosas e costumes que em contrario desta haja, ou possa haver, por qualquer via e modo que seja, posto que sejam taes que fossem necessarias serem aqui expressas e declaradas de verbo ad verbum, sem embargo da ordenação do segundo livro tit. 49, que diz que quando as taes leis e direitos se derrogarem, se faça expressa menção dellas e da substancia dellas, e por esta prometto ao dito Pero Lopes e a todos os seus successores que nunca em tempo algum vá, nem consinta ir contra esta minha doação em parte, nem em todo; e rogo e encommendo a todos os meus successores que lha cumpram e mandem cumprir e guardar (1) esta minha carta de doação, e todas as cousas nella conteudas, sem nisso ser-lhe posto duvida, embargo, nem contradicção alguma; porque assim he minha mercê, e por firmeza de todo lhe mandei dar esta carta por mim assignada, e sellada com o meu sello de chumbo, a qual vai escrita em tres folhas afora esta em que está o meu signal, e são todas assignadas ao pé de cada lauda por D. Miguel da Silva, Bispo de Vizeu, do meu conselho, e meu escrivão da puridade. Manoel da Costa a fez em Evora ao primeiro dia do mez de Septembro, anno do nascimento de N. Senhor Jesus Christo de 1534. E posto que nesta diga que faço doação e mercê ao dito Pero Lopes de juro e herdade para sempre de 10 leguas de terra, que sejam suas livres e izentas, hei por bem que sejam 16 leguas de terra, das quaes lhe faço doação e mercê de juro e herdade para sempre no modo e maneira que se contém no capitulo desta doação, que fala nas ditas 10 legoas; e assim me praz, que os escravos que elle e seus successores poderão mandar trazer forros de direitos sejam 39 peças em cada um anno para sempre, posto que nesta carta fossem 24 peças sómente, e mando que isto se entenda e cumpra assim inteiramente para sempre, sem lhe nisso ser posta duvida nem embargo algum; porque

(1) Parece-nos que neste logar houve hum salto de copista. Nas differentes doações aos outros donatarios que são iguaes a esta, *mutatis mutandis*, e se acham na Torre do Tombo, como fazemos menção nas *Refl. Crit.* (pag. 85 e 86) segue-se:

«E assi mando a todos meus corregedores, desembargadores, ouvidores, juizes e justiças, officiaes e pessoas de meus reinos e senhorios, que cumpram e guardem, e façam cumprir e guardar» esta minha carta de doação e todas as cousas nella &c.

O erro procedeu da repetição de —«cumprir e guardar»—.

assim he minha mercê, e hei por bem que esta carta passe pela chancelaria, posto que seja passado o tempo em que houvera de passar, e pagará sómente chancelaria singela. Manoel da Costa a fez em Evora a 24 dias do mez de Janeiro de 1535.

DOCUMENTO VIII.

Dom Joham &c. A quantos esta minha carta Virem faço saber que fiz ora doaçam e merce a pero lopes de Souza fidalguo de minha caza pera elle e todos seus filhos e netos erdeiros e sobcesores de Juro e derdade pera sempre da capitania de oitenta legoas de terra na minha costa do Brazil segundo mays Inteiramente he comtheudo e declarado na carta de doação que da dita terraa lhe tenho passado e por ser muyto necesario aver hy forall dos direitos foros e trebutos e cousas que se na dita terraa am de pagar asy do que a mim e a coroa de meus Regnos pertence como do que pertence ao dito capitam por bem da dita sua doaçam eu avendo Respeito a calydade da dita terraa e a se ora novamente hyr morar e poovorar e aproveitar porque se ysto melhor e mays cedo faça sentindo o asy por serviço de deus e meu e bem do capitam e moradores da dita terraa por folgar de lhes fazer merce ouve por bem de mandar ordenar e fazer o dito forall na forma e maneira seguinte:

Item primeiramente o capitam da dita capitania e seus sobcesores daram e Repartiram todas as terras della de sesmarya a quaes quer pessoas de qualquer calydade e condição que seijam com tanto que seijam crystaos livremente sem foro nem direito algum somente o dizimo que serão obrygados a pagar a ordem do mestrado de nosso senhor Jezus christo de todo o que nas ditas terraas ouver as quaes sesmaryas darão da forma e maneira que se conthem em minhas ordenações, e não poderão tomar terraa alguma de sesmaria pera sy nem pera sua molher nem pera o filho erdeiro da dita capitanya e porem podellaam dar aos outros filhos se os tiver que não forem erdeyros da dita capitanya e asy aos seus parentes como se em sua doação conthem e se algum dos filhos que não forem erdeiros da dita capitanya ou qualquer outra pessoa tyver alguma sesmaria por qualquer maneira que ha tenha e vyer a erdar a dita capitanya sera obrigado do dia que nelle sobceder a hum anno primeiro seguinte de alugar e trespassar a tall sesmarya em outra pessoa e nam na trespassando no dito tempo perdera pera mim a dita sesmarya com mais outro tanto preço quanto ella valler e por esta mando ao meu feitor ou almoxarife que na dita capitania por mim estyver que em tall caso lamce loguo maaõ pera dita terraa pera mim e a faça asentar no livro dos meus proprios e faça enxuecução pela valya della e não o fazendo asy ey por bem que perca seu oficio e me pague de sua fazenda outro tanto quanto montar na valya da dita terraa.

Item avendo nas terraas da dita capitanya costa mares Rios e bayas della qualquer sorte de pedraria, perllas alyofre ouro prata corall cobre estanho chumbo ou outra qualquer sorte de metal pagarsea a mim ho quynto do qual quynto avera o capitão sua dizima como se conthem em sua doação e serlhe a entregue a parte que lhe na dita dizima mon-

*

tar ao tempo que se o dito quynto per meus officiaes pera mim arrecadar.

Item o pao do brazyll da dita capitania e asy qualquer especyarya ou drogarya de qualquer calydade que seija que nella ouver pertencera a mim e sera tudo sempre meu e de meus sobcesores sem o dito capitão nem outra alguma pessoa poder tratar nas ditas cousas nem em algumas dellas lla na terra nem nas poderam vender nem tirar pera meus Regnos e Senhoryos nem pera fora delles so pena de quem o contrario fizer perder por isso toda sua fazenda pera a coroa do Reyno, e ser degradado pera a Ilha de Sam tome pera sempre e porem quanto ao brazill ey por bem que o dito capitam e asy os moradores da dita capitanya se posam aproveitar delle no que lhes ay na terraa for necessario não sendo em o queymar por que queymando incorrerão nas sobre ditas penas.

Item todo o pesquado que se na dita capytania pescar nam sendo a cana se pagara a dizima a ordem que he de dez peyxes hum e alem da dita dizima ey por bem que se pague mais mea dizima que he de vinte peixes hum a qual mea dizima o dito capitão da dita capitanya avera e arrecadará pera si por quanto lhe tenho della feito merce.

Item querendo o dito capitão moradores e povoadores da dita capitanya trazer ou mandar trazer per si ou per outrem a meus regnos ou senhoryos quaes quer sortes de mercadoria que na dita terraa e partes della ouver tyrando escravos e as outras couzas que atras são defesas podeloam fazer e seram recolhidos e agasalhados em quaes quer portos cydades Villas ou lugares dos ditos meus Regnos e senhorios em que vierem aportar e nam seram constrangidos a descarregar suas mercadorias nem as vender em algum dos ditos portos cydades e Villas contra suas vontades se pera outras partes antes quyzerem hyr fazer seus proveitos e quando os vender nos ditos lugares de meus Regnos ou Senhoryos não pagarão dellas direitos alguns somente a sysa do que venderem posto que pollos foraes Regimento ou costume dos taes logares fossem obrygados a pagar outros direitos ou trebutos e poderam os sobreditos vender suas mercadorias a quem quyserem e levalas pera fora do Reyno se lhes bem vier sem enbargo dos ditos foraes Regimentos ou costumes que em contrario aija.

Item todolos navios de meus Regnos e Senhoryos que a dita terraa forem com mercadoryas de que ja qua tenham pagos os direitos em mynhas allfandegas e mostrarem dyso certydam de meus oficiaes dellas não pagaram na dita terraa do Brazill direito algum e se la carregarem mercadorias da terraa pera fora do Reyno pagaram da sayda dizima a mim da qual dizima o capitão avera sua Redizima como se conthem em sua doação e porem trazendo as taes mercadorias pera meus Regnos e senhorios nam pagaram da saída couza alguma e estes que trouxerem as ditas mercadoryas pera meus Regnos ou senhorios serão obrigados de dentro de hum anno levar ou enviar a dita capitania certidão dos oficiaes de minhas allfandegas do lugar onde descarregaram de como asy descarregaram em meus Regnos e as calydades das mercadoryas que descarregaram e quantas eram e não mostrando a dita certidam dentro no dito tempo pagarão a dizima das ditas mercadoryas ou daquella parte dellas

que nos ditos meus Regnos ou Senhorios não descarregaram asy e da maneyra que ande pagar a dita dizima na dita capitania se carregarem pera fora do Reyno e se for pessoa que não aja de tornar a dita capitania dara lia fiança ao que montar na dita dizima para dentro no dito tempo de hum anno mandar certidão de como vêo descarregar em meus Regnos ou Senhorios e nam mostrando a dita certidão no dito tempo se arrecadará e avera pera mim a dita dizima pela dita fiança.

Item quaes quer pessoas estrangeyras que não forem naturaes de meus Regnos ou Senhorios que a dita terraa levarem ou mandarem levar quaesquer mercadorias postoque as levem de meus Regnos ou senhorios e que qaa tenham pago dizima pagaram la da entrada dizima a mim das mercadorias que assim levarem carregando na dita capitania mercadorias da terraa pera fora pagaram asy mesmo dizima da sayda das taes mercadoryas das quaes dizimas o capitam avera sua Redizima segundo se comthem em sua doaçam e serlhea a dita Redizima entregue por meus officiaes ao tempo que se as ditas dizimas pera mim arrecadarem.

Item de mantymentos armas artelharyas polvora salytre enxofre chumbo e quaes quer outras couzas de munyçam de guerra que a dita capitanya levarem ou mandarem levar o capitam e moradores della ou quaes quer outras pessoas asy naturaes como estramgeyras ey por bem que se nam paguem dyreitos alguns e que os sobre ditos posam lyvremente vender todas as ditas couzas e cada huma dellas na dita capitanya ao capitam e moradores e povoadores della que forem chrystãos e meus suditus.

Item todas as pessoas asy de meus Regnos e senhoryos como de fora delles que a dita capitanya forem não poderam tratar nem comprar nem vender cousa alguma com gentyos da terraa e trataram somente com o capitão e povoadores della comprando e vendendo Resgatando com elles todo o que poderem aver e quem o contrario fizer ey por bem que perca em dobro todas as mercadorias cousas que com os dytos jentyos contratarem de que sera a terça parte pera a minha camara e a outra terça parte pera quem os acusar e a outra terça parte pera o esprital que na dita terra ouver e nam no avendo hy sera pera a fabryca da Igreja della.

Item quaes quer pessoas que na dita capitanya carregarem seus navios serão obrigados antes que comecem a carregar e antes que sayam fora da dita capitanya de o fazer saber ao capitam della pera prover e ver que se nam tirem mercadoryas defesas nem partyram asy mesmo da dita capitania sem licença do dito Capitam e não no fazendo asy ou partyndo sem a dita licença perderseam em dobro pera mim todas as mercadoryas que carregarem postoque nam sejam defesas e esto porem se entendera em quanto na dita capitanya nam ouver feytor ou oficiall meu deputado pera yso por que avendo y a elle se fara saber o que dito he e a elle pertencera fazer a dita deligencia e dar âs ditas licenças.

Item o capitam da dita capitanya e os moradores e povoadores della poderam lyvremente tratar comprar vender suas mercadoryas com os capitães das outras capitanyas que tenho providos na dita costa do brazill e com os moradores e povoadores dellas a saber de humas Capitanyas pera outra das quaes mercadoryas e compras e vendas dellas nam pagaram huns nem outros direitos alguns.

Item todo o vezinho e morador que viver na dita capitanya e for feitor

ou tiver companhya com alguma pessoa que viver fora de meus Reynos ou senhorios não poderam tratar com os brazys da terra posto que seyam crystãos e tratando com elles ey por bem que perca toda a fazenda com que tractar da qual sera hum terço pera quem o accusar e os dous terços pera as obras dos muros da dita capitanya.

Item os alcaydes mores da dita capitanya e das Villas e povoações della averam e arrecadaram pera sy todos os foros direitos e trebutos que em meus Regnos e senhorios por bem de minhas ordenações pertencerem e sam consedidos aos alcaydes moradores.

Item nos Ryos da dita capitanya em que ouver necessydade de por barquas pera a pasaijem delles o capitam as pora e levara dellas aquelle Direito ou trebuto que la em camara for taxado que levè sendo confirmado per mim.

Item cada hum dos Tabelliães do publico e Judicial que nas villas e povoações da dita capitanya ouver sera obrygado de pagar o dito capitaõ quynhentos reis de pensam em cada hum anno.

Item os moradores e povoadores e povo da dita capitanya seraõ obrigados em tempo de guerra de servir nella com o capitam se lhe necesario for notefico asy ao capitam da dita capitanya que ora he e ao diante for e ao meo feitor almoxarife e oficiaes della e aos Juyzes e Justiças da dita capitanya e a todas as outras Justiças e oficiaes de meus Reynos e senhorios asy da Justiça com a da fazenda e mando a todos em Jerall e a cada hum em espicial que cumpraõ e guardem e façam Inteiramente cumprir e guardar esta mynha carta de forall asy e da maneira que se nella contem sem lhe nyso ser posto duvyda nem embargo algum por que asy he mynha merce e por firmeza dello mamdey pasar esta carta per mim asynada e asellada do meu sello pendente a qual mando que se Registe no lyvro dos Registos da minha allfandega de lisboa e asy nos lyvros da mynha feytorya da dita capitanya e pela mesma maneira se Registara nos livros das camaras das villas e povoações da dita capitanya pera que a todos seja notorio o contheudo neste forall e se cumpra Inteyramente dada em a cydade devora aos 6 dias do mes doutubro diogo lopes a fez anno do nacymento de nosso Senhor Jesus christo de mill quinhentos trinta e quatro annos. *(R. Arch. Liv. 40 da Chanc. de D. João 3.º fol. 18).*

Não deixaremos de imprimir por pequena a seguinte declaração, pela qual se faz valioso para Martim Affonso o mesmo foral, que deixamos transcripto de Pero Lopes.

DOCUMENTO IX.

Dom Joham &.ª A quamtos esta minha carta virem faço saber que eu fiz ora doaçam e merce a martim affonso de sousa do meu conselho pera elle e todos seus filhos netos erdeiros sobcesores de Juro e derdade pera sempre da capytanya de cem legoas de terra na myuha costa do brazill

segundo mais Inteiramente he contheudo o declarado na carta de doaçam: que da dita terra lhe tenho passado por ser muyto necesario aver hy forall dos direitos foros e trebutos e couzas que se na dita terraa ha de pagar asy do que a mim e a coroa de meus Reynos pertence como do que pertence ao dito capitão por bem da dita sua doaçam eu avendo respeito a calydade da dita terraa e a se ora novamente hyr morar povoar e aproveytar e por que se ysto mylhor e mais cedo faça sentyndo asy por serviço de deus e meu e bem do dito capitaõ e moradores da dita terraa e por folgar de lhes fazer merce ouve por bem de mandar ordenar e fazer o dito forall na forma e maneira seguynte &c.ª em forma por ser como o forall atraz escryto de pero lopes de sousa nem mays nem menos e por yso se nam tresladou mays della feito na dita cydade no dito dia mez e era sobre dita e feita pelo dito diogo lopes. (*R. Arch. Liv.* 10 *da Chanc. de D. João* 3.º *fol.* 49. v.)

FIM.

INDICE.

Rio de Janeiro 18[illegible]. Typ. de **AGOSTINHO DE FREITAS GUIMARÃES E C.ª**
Rua do Sabão N. 135.

Diario da Navegação de Pero Lopes de Sousa

1530 – 1532

Documentos e Mappas

Vol. II

Série "Eduardo Prado"
Editor — Paulo Prado

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA LEUZINGER
1927

DIARIO DA NAVEGAÇÃO

DE

PERO LOPES DE SOUSA

(De 1530 a 1532)

DIARIO DA NAVEGAÇÃO

DE

PERO LOPES DE SOUSA

(De 1530 a 1532)

commentado por EUGENIO DE CASTRO

Capitão de Corveta graduado da Armada Brasileira

Vol. II

Série "EDUARDO PRADO"
Editor—PAULO PRADO

RIO DE JANEIRO
TYPOGRAPHIA LEUZINGER
1927

5546-26

PUBLICAÇÕES

DA

Série "EDUARDO PRADO". Editor - PAULO PRADO

(Para melhor se conhecer o Brasil)

Reproducção fac-simile da Historia da Missão dos Padres Capuchinhos na Ilha do Maranhão, pelo Padre Claude d'Abbeville, prefaciada por Capistrano de Abreu. — Notas sobre Eduardo Prado, pelo mesmo autor. — Paris. — Librairie Ancienne Édouard Champion. — 5, quai Malaquais. 5. — 1922.

Primeira visitação do Santo Officio ás partes do Brasil, pelo licenceado Heitor Furtado de Mendoça, Capellão fidalgo del Rey Nosso Senhor e do seu desembargo Deputado do Santo Officio.— Confissões da Bahia, 1591 - 1592. — S. Paulo. — Homenagem de Paulo Prado. — 1922.

Primeira visitação do Santo Officio ás partes do Brasil, pelo licenceado Heitor Furtado de Mendoça, Capellão fidalgo del Rey Nosso Senhor e do seu desembargo - Deputado do Santo Officio.— Denunciações da Bahia, 1591 - 1593. — S. Paulo. — Homenagem de Paulo Prado. — 1925.

Diario da Navegação de Pero Lopes de Sousa (de 1530 a 1532) — commentado por Eugenio de Castro (Capitão de corveta graduado da Armada Brasileira). — Prefacio de Capistrano de Abreu. — 2 volumes. — Rio de Janeiro. — Typographia Lenzinger. — 1927.

(Edição — 500 exemplares)

NOTA. — No 1.º volume deixou de ser citada a publicação da Primeira Visitação, etc. — Confissões da Bahia. — 1591 - 1592, tendo sido em logar da referida obra, citada só a de Um Visitador do Santo Officio — tirada em separata.

DOCUMENTOS

Nesta pagina devemos assignalar o nosso reconhecimente a tres escriptores consagrados: - a João Lucio de Azevedo que, por intermedio de Capistrano de Abreu e de Paulo Prado, nos habilitou ao estudo do Regimento e conesemsa da costa do brasil... (1540) e á reproducção da contrariedade ou provarás apresentados como replica ao 2.º libello do barão de Saint Blancard; - a Fidelino de Figueiredo, pela fidalguia com que acudiu ao nosso appello, enviando-nos copia do manuscripto existente na "Biblioteca Nacional de Lisbôa" e só não reproduzida no Volume I, por mais completa ser a do Codice da "Bibliotheca da Ajuda"; - a Pandiá Calogeras, que estudou e traduziu a pedido do mestre, os textos latinos dos libellos de Saint Blancard; o 1.º, publicado por F. A. de Varnhagen; o 2.º, reproduzindo em copia photographica o documento existente no "Arquivo da Torre do Tombo".

E. C.

INDICE DOS DOCUMENTOS

DOCUMENTOS

CARTA DE EL REI A ANTONIO DE AZEVEDO

(8 - FEVEREIRO - 1528 - ARQUIVO DA TORRE DO TOMBO, GAVETA 18, MAÇO 7, N.º 19)

Lecemceado Amtonio de Azevedo amiguo. Eu El Rey vos emvio muito saudar. Por outra carta vos esprevo o que aveis de dizer ao emperador meu muito amado e preçado irmãao em reposta do que vos foi respomdido a meus apomtamemtos do concerto de Maluquo; e porque podera seer que elle ou aquelles com que elle teem ordenado que faleis e neguocees sobre este comcerto vos diram, que diguaees quam são os capitolos de suas repostas, de que me eu nom contento, e porque lhe mandey assi responder, ouve por bem de vos avisar se asy vollo diserem do que nisso respondaees e he o seguinte:

Quanto á reposta que derão ao terceiro capitollo, que suas armadas ham de teer liberdade pera yrem pera onde quer que quiserem, repricares, que minha tenção nunqua foi comprarlhe o dereito que posso teer a Maluco que por Maluquo não darei nada se não, porque não se encontrassem lá suas armadas com as minhas de que se poderiam seguir muy grandes imconvenientes, como estaa por muitas vezes dito: e que pera isso nom somente nom devem suas armadas de emtrar pello estreito, per que entrou o Magalhães, mas neem ainda passar por antre os mares de Cabo Verde e de Santo Agostinho porque daly pera dentro as suas armadas nam teem que fazer neem podem fazer cousa nenhũua de seu proveito e podem fazer gramde impedimento e prejuizo a meus tratos, que pode causar desconcerto antre minhas armadas e as suas.

E que yndo pellos meus mares e portos da India que ho seu fim fosse passar alem de Maluquo 400 ou 500 leguoas, que he o que eu acho que he meu por verdadeira partiçam, nom se podia leixar de seguir muytos inconvenientes...........

E que quanto a entrarem pello estreito de Magualhãees, e nom irem pello caminho da India, se fosse caso, que esta demarcaçam se podesse fazer logo agora precisa por aquellas 400 ou 500 leguoas alem de Maluquo, ficando des daquelle termo toda a outra cantidade do maar do sul atee ho estreito de Magualhães pera elle poderia parecer, que nam se poderião recrecer os outros inconvenientes atrás ditos, mas porque esta demarquação se nam pode asy fazer precisamente aguora, porque nesta paragem destas leguoas allem de Maluquo nom seendo descobertas ilhas, nem terra firme por omde se podesse demarquar como ouvesse de ficar em ystimativa de pilotos das singraduras, com a qual se nom pode dar regra certa, sempre ficaria em aberto a contenda pera de novo se tornar a levamtar e ficar este comcerto e tresauçam nenhũa e seer necesario fazer outro.

E quamdo vos fosse dito, que como leixaria elle de proseguir seus descobrimentos de homde se lhe pode recrecer proveito, a ysto

respomderes que os descobrimentos sam incertos, ou mais verdadeiramente he certo nom se descobrir nada por elle, porque claro estaa, que nem a armada de Magualhães achou nada, nem a outra sua naao, que la se perdeo vindo 1500 leguoas na rota da costa do sull nom achou tambem nenhuũa cousa e o proveito que lhe eu agora dou, he loguo aguora certo e confirmydade amtre nós pera nunqua poder aver descontentamento que he muito pera ystimar por nós ambos.

Item. Dires que hua das cousas, de que me mais escandalizei e com muita rezam foy se dizer em suas repostas tão descubertamente que vay sua armada a Maluquo, dizeendo se por muitas vezes, que sua armada nom hia a Maluquo e que soomente hia a descobrimento, que mandava fazer da outra banda das Amtilhas e que estando eu comtanto desejo de por via de concerto e muito amigavelmente nos concertarmos, se devera com muita rezão escusar mandar armada áquellas partes e muito mais dizer se aguora em seus apontamentos que hia a Maluquo. Bertolameu Fernandez a fez em Almeyrim a oito dias de fevereiro de 1528. — Rey. Pera Antonio de Azevedo, das repricas que fará.

NOTA. — Por só ter sido dada publicidade a este documento, quando terminado o nosso trabalho, não mereceu o devido estudo.

E. C.

CARTA DE GRANDES PODERES AO CAPITÃO MÓR E A QUEM FICASSE EM SEU LOGAR

(COPIA. — 3.ª ED. — DIARIO. — TOMO XXIV, REV. INST. HIST. GEOG. ETHN. BRAS.

"Dom Joham & A quantos esta mynha carta de poder virem faço saber que eu envio ora a martim afonso de Sousa do meu conselho por Capitam mór darmada que envyo a terra do brasil e asy de todas as terras que elle dito martim afonso na dita terra achar e descobrir e porem mando aos capytães da dita armada e fidalgos cavaleiros escudeiros gemte darmas pylotos mestres mariantes e todas outras pessoas que na dita armada forem e asy a todas as outras pessoas e a quaesquer outras de qualquer calidade que sejam que nas ditas terras que elle descobrir ficarem e nela estiverem ou a ella forem ter por qualquer maneira que seja que aja ao dito martim afonso de sousa por capitam mor da dita armada e terras e lhe obedecam em todo e por todo o que lhes mandar e cumpram e guardem seus mandados asy e tam inteyramente como se por mim em pessoa fosse mandado sob as penas que elle poser as quaes com efeyto dara a divida execucam nos corpos e fazendas d'aquelles que ho nom quyserem cumprir asy e allem diso lhe dou todo poder e alcada mero e mysto imperio asi no crime como no civel sobre todas as pessoas asy da dita armada como em todalas outras que nas ditas terras que elle descobrir viverem e nella estiverem ou a ella fforem ter por qualquer maneira que seja e elle determinara seus casos feytos asy crimes como cives e dara neles aquelas sentenças que lhe parecer Justiça conforme a direito e mynhas ordenações ate morte naturall Inclusyue sem de suas sen-

tenças Dar apelacam nem agravo que pera todo o que dito he e tocar a dita jordicam lhe dou todo poder e alcada na maneira sobredita porem se alguns fidalguos que na dita armada forem e na dita terra estiverem ou vyverem e a ela forem cometerem alguns casos crimes per omde merecam ser presos ou emprazados elle dito martim afonso os podera mandar prender ou emprazar segundo a calidade de suas culpas pera caa se verem e determinarem como for justiça porque nos ditos fidalgos no que tocar nos casos crimes ey por bem que elle nam tenha a dita alcada e bem asy dou poder ao dito martim afonso de sousa pera que em todas terras que forem de minha conquista e demarcacam que elle achar e descobrir posa meter padrões e em meu nome tome delas Reall e autoall e tirar estormentos e fazer todos os outros autos quando direitamente se Requererem e forem necesaryos porque pera isso lhe dou especial e todo comprido poder como pera todo ser fyrme e valioso Requerem e se pera mais fyrmeza de cada hũa das cousas sobreditas e serem mais fyrmes se comprirem com efeyto e necessarjo de feito ou de direito nesta mjnha carta de poder yrem decraradas alguma clausulla ou clausulas mais especiaes e exvberantes heu as hey asy por expressas e decraradas como se especiallmente o fossem posto que sejam taes e de tall calidade que de cada hũa delas por direito fose necesarjo se fazer expresa memçam e porque asy me de todo praz mandey diso pasar esta mjnha carta ao dito martym afonso asynada por mim e aselada do meu selo pendente dada em a vila de crasto Verde aos xx dias do mes de novembro fernam da costa a fez ãno do nacimento de noso Snõr Jhũ x.º de mil bcxxx ãnos e eu amdre pyz a fiz escrever e sobsstpvy e se o dito martim afonso em pessoa for algumas partes elle leixara nas ditas terras que asy descobrir por capitam mor e governador em seu nome a pessoa que lhe parecer que ho melhor fara ao quall leixara por seu asynado os poderes de que hade usar que seram todos ou aquela parte destes nesta mjnha carta decrarados que elle vyr que he bem e mando que a dita pessoa que asy leixar seja obedecido como ao dito martim afonso sob as penas que nos ditos poderes que lhe asy leyxar forem decraradas e no que toca a emprazamento dos fidalgos que em cima he decrarado por alguns justos Respeitos ey por bem que o dito martim afonso os nom empraze e quando fizerem taes cazos por onde merecam pena algũa crime elle os prendera e mos emviara presos com os autos de suas culpas pera se nyso fazer o que for justiça *(Real Arch. Liv.* 41 *da Chancellaria de elrei D. João 3.º folh.* 105).

CARTA DE PODER PARA O CAPITÃO MÓR CRIAR TABALIÃES E MAIS OFFICIAES DE JUSTIÇA

(IDEM)

Dom Joham &c. A quamtos esta mjnha carta virem faco saber que eu emvio ora a martym afonso de sousa do meu conselho por capitam moor darmada que envio a terra do brazill e asy das terras que elle na dita terra achar e descobryr e por que asy pera tomar

a posse dellas como pera as cousas da justiça e gouernamca da terra serem menystradas como deuem sera necesaryo cryar e fazer de novo alguns oficyaes asy tabaliães como quaesquer outros que vyr que pera yso forem necesaryos por esta mjnha carta dou poder ao dito martym afonso pera que elle posa cryar e fazer dous tabaliães que syrvam das notas e Judiciall que logo com elle da qy vam na dita armada os quaes seram taes pessoas que ho bem saybam fazer o que pera ysso sejam autos aos quaes dara suas Cartas com ho trellado desta mjnha pera mays fermeza e estes tabaliães que hasy fazer leixaram seus synaes publicos que ouverem de fazer na mjnha chancellaria e se despoys que elle dito martym afonso for na dita terra lhe parecer que pera gouernamca della sam necesaryos mays tabaliães que hos sobre ditos que asy da qy hade leuar yso mesmo lhe dou poder pera os cryar e fazer de novo e pera quamdo vagarem asy hũs como outros elle prouer dos ditos oficyos as pessoas que vyr que pera yso sam autas e pertemcentes e bem asy lhe dou poder pera que possa cryar e fazer de nouo e prouer por falecymento dos que cryar os oficyos da Justiça e gouernamca da terra que por mjm nam forem proujdos qe vyr que sam necesaryos e os que asy por elles cryados e proujdos forem ey por bem que tenham e posuam e syruam os ditos oficyos como se por mjm por mjnhas proujsões os fosem e porque hasy me diso praz lhe dey esta mjnha carta de poder ao dito martym afonso por mjm asynada e asellada com ho meu sello pera mays fermeza dada em a Villa de crasto Verde a xx dias de novembro fernam da costa a fez anno do nacymento de noso sôr Jhũ x° de myll bc xxx annos E eu amdre piz a fiz esercuer e soescrevy (*R. Arch. Liv.* 41 *de D. João* 3.° *fol.* 103).

CARTA PARA O CAPITÃO MÓR DAR TERRAS DE SESMARIA

(IDEM)

Dom Joham &c A quantos esta mjnha carta virem faco saber pera que as terras que martym afonso de souza do meu conselho descobryr na terra do brazyll omde o emvio por meu capitão moor se possam aproveytar eu por esta mjnha carta lhe dou poder pera que elle dito martym afonso posa dar as pessoas que comsygo leuar as que na dita terra quyserem vyuer e pouoar aquella parte das terras que hasy achar e descobryr que lhe bem parecer o segundo o merecerem as ditas pessoas por seus seruycos e calydades pera aas aproueytarem e as terras que hasy der sera somente nas vidas daquelles a que as der e mays nam e as terras que lhe parecer bem podera pera sy tomar porem tamto ate mo fazer saber e aproueytar e gramjear no mylhor modo que elle poder e vyr que he necesaryo pera ben das ditas terras e das que hasy der as ditas pessoas lhes passara suas cartas declarando nellas como lhas da em suas vidas somente e que de demtro em seys annos do dia da dita data cada hum aproueytar a sua e se no dito tenpo asy ho nam fizer as podera tornar a dar com mesmas condiçoes a outra pessoa que

has aproueytem e nas ditas cartas que lhes asy der hyra trelladada esta mjnha carta de poder pera se saber a todo tenpo como o fez per meu mamdado e lhe ser Imteyramente guardada a quem a tyuer e o dito martym afonso me fara saber as terras que hachou pera poderem ser aproueytadas e a quem as deu e quamta camtydade a cada hum e as que tomou pera sy e a dysposiçam dellas pera o eu ver e mandar nyso o que me bem parcer e per que asy me praz lhe mandey dar esta mynha carta per mym asynada e asellada com ho meu sello pemdemte dada em a Villa de crasto verde a XX dias do mes de novembro fernam da costa a fez anno do nacymento de noso Sôr Jhũ X.º de mil bc xxx años. *(R. Arch. Liv.* 41 *da Chanc. de D. João 3.º fol.* 103).

DOCUMENTO SOBRE A NAU TOMADA AOS FRANCEZES, NA COSTA DE PERNAMBUCO E QUE M. AFFONSO MANDOU CAPITANEADA POR JOÃO DE SOUSA PARA PORTUGAL

Copia da carta do escrivão da Armada de Martim Affonso, Manoel Alpoim, datada de 24 de Fevereiro de 1531 e dirigida a Diogo VAZ. Doc. da Hist. da Col. Portugueza — (Dr. Jordão de Freitas) Torre do Tombo — Corpo Chron. P. II, 161. 132.

NOTA. — (Este Diogo Vaz não será o futuro condestavel rebaixado a bombardeiro da fortaleza de Pernambuco, mas o fidalgo da casa del Rey e Almoxarife dos armazens da Guiné e India em Lisbôa).

E. C.

"Senhor. Lla vay esse navio francez que ho capitam moor tomou nesta costa do Brasill" (a nau de João de Sousa) "e vai carregado de brasill com as ditas cousas s. o dito navio aparelhado com toda sua enxarcia e asy vellas s. hum papafiquo novo e hum traquete novo e hũa vella da gavea nova e outro papafiguo velho. e outro traquete de hũa vella de gavea velha e hũa mesena velha e tres anquoras grandes com tres quabres hum novo e outro já husado e hum meio qualabrete e asy hum fogaréo do batel e dez polez dos aparelhos do dito navio tres bombardas roqueiras e dous berços todos de ferro com vinte e duas camaras e duas chaves / he 147 pelouros grandes e pequenos de chumbo e de ferro dos ditos tiros e hum barril cheo de polvora he bromze / bombas de foguo e mais duas calldeiras de cobre: hũa de cozer breu e outra de cozer pescado e hum caldeirão de ferro de cozinha / e vinte duas pipas / hũa (sic): onze cheas de vinho de cidre arquadas com quatro arquas de ferro em cada pipa / e as outras dagoa / e sam arcadas com arquas de ferro sómente as onze / e asy senhor mays quatro alabardas e tres piques e todas estas cousas vam entregues ao mestre do dito navio e á nome Lourenço Fernandez / e asy leva mais hum pé de cabra dos ditos tiros: mande vosa mercée arrecadar estas

cousas. Beijo as mãos ha vosa mercee. Desta Pernambuco, donde nos partimos para a bahia de Todollos Santos / a 24 de Fevereiro de 1531".

NOTA. — A partida de M. Affonso para o sul, deu-se a 1.º de Março de 1531. A nau de João de Souza, levou o seguinte carregamento de "brasil" -, segundo doc.º transcripto pelo Dr. Jordão de Freitas: - "entre paus grandes e meãos 2768, com o peso de 927 quintaes e arroba e meia, obtendo-se por venda, por valor do quintal, 800 a 900 reaes".

CARTAS DE D. JOÃO III A D. ANTONIO DE ATTAYDE (CONDE DE CASTANHEIRA), DATADAS DE EVORA (20 E 21 DE JANEIRO DE 1535)

DA COLL. DO CONDE DA CASTANHEIRA. VOL. II, FL. 163, 166 E 166 V.
TRANSC. DA HIST. COL. PORT. VOL. III, PGS. 156 A 157

«Comde amigo eu elleRey vos emuio muito saudar pero lopes de souza vay llaa e vos dara conta do que pasou na sua viajem e como lleyxou no porto de farão duas nàoos francesas com trinta e tantos franceses e por que eu queria que as ditas naoos com a gente que nellas estaa e os ditos franceses se trouxesem llogno a esa cidade vos emcomendo muito que ouçaees o dito pero lopes e vos emformes delle de todo o que pera trazer as ditas naoos for necesario e mandeis lloguo por ellas com dilligencia e pera se traserem e os ditos franceses vyrem a bom recado mandareis todo o que comprir e eu esereuo a nuno rodrigues que lhe mande dar mantimentos e teer os franceses a boom recado ate yr voso recado pera os traserem ha esta cidade, e pera vosa emformaçam crereis todo o que vos o dito pero lopes diser, e por que elle vos emformara de todo o que pasa, e do que compre e por que vem nas ditas naoos quatro reys da terra do brasil tanto que as naoos chegarem fallareis a affonso de torres que hos mande agasalher e lhe mandareis dar de vestir de seda, como vos dira pero lopes e nisto mandareis dar muyta dilligencia por ser cousa que tanto compre a meu seruiço. fernam dalluares a fez em euora a vinte dia de janeiro de mil e quinhentos trinta e tres, e tanto que os franceses forem nesa cidàde direis ao governador que hos mande meteer no lymoeiro e teer a bom recado, e escreuermeis o que se nisto fas. = Rey = Pera o conde da Castanheira. No sobrescripto = Por ellRey A dom antonio datayde comde da castanheira vedor de sua fazenda».

«Comde Amiguo eu ellRey vos emuio muito saudar bem creo que teereis sabido da vinda de pero lopes de sousa que veyo do brasill o qual antre outras boas nouas que trouxe foy que vyndo elle do Rio da prata correndo a costa do brasil veyo teer a pernambuco

onde achou os franceses que tinham feyto fortaleza e lha tomou e os tomou a elles e ficou pacificamente em poder de portugueses sem nenhuma contradiçam e porque parece que por esta obra ser feyta nom sera necesario ir duarte coelho com a sua armada ha dita costa do brasyll e que seria muyto mais meu seruiço ir esperar as naos que antonio vaaz de lacerda diz que aviam de partyr de frança pera a India ao porto ou llugar omde elle diz que se aviam de ir ajuntar para segirem dy sua viagem em conserua ate a India, que deue de ser na costa de gine ou perto da costa da mallagueta omde o dito duarte coelho estaa, encommendouos muyto que vos emformes lloguo do dito antonio vaaz quall he o llugar onde se as ditas naos de frança aviam dajuntar e asy em que tempo aviam de partyr e poderam ser no dito llugar, e tomada delle a dita emformaçam, pratiqueis com pessoas que bem entendam e guardem o segredo que neste caso compre se podera o dito duarte coelho ir esperar as ditas naoos ao dito llugar e se sera meu seruiço fazer se a asy se avera tempo pera se lhe mandar este avyso daquy ate os dez ou quinze dias dabryll que leuou por seu regimento que andase na costa da mallageta por que sam emformado que pelas carauelas que forem ha mina e nauios que vam ha Ilha de sam tome se pode mandar este aviso e achando vos que se pode fazer com muyta dilligencia mandareis fazer prestes carauelas pera a mina ou quallquer outro nauio que vos parecer que milhor posa lleuar o dito avyso e me escreuereis o que nisso achais e o que se deue fazer pera mandar lloguo faser as prouisões necessarias, porque podendo o dito duarte coelho ir esperar as ditas naos o averey por muyto meu seruiço, fernam daluares a fes em euora aos vinte e um dias de janeiro de mil e quinhentos trinta e tres, e enformarvos eys do dito antonio vaaz dos synaes que as ditas naoos aviam de fazer humas has outras e de todo o mais que vos parecer que compre pera o regimento que se ouuer denviar a duarte coelho.

E quando parecese que non poderia aproueytar por ir esperar as ditas naoos de frança praticareis se sera meu seruiço mandallo tornar da dita costa da mallageta pera non andar mais tempo despendendo os solldos e mantymento se podera vyr has Ilhas esperar as naoos da India que este ano com ajuda de noso senhor vy serem e de tudo me enviaes vosa reposta = Rey = Pera o conde da castanheira. No sobrescripto = Por elRey A dom amtonio dataide comde da castanheira veedor de sua fazenda».

CARTA DE D. JOÃO III AO DR. JOÃO RABELLO, JUIZ DOS FEITOS DA GUINÉ E INDIAS (5 DE JUNHO DE 1533)

AUTO DOS PREGÕES, ETC. (CORPO CHRON. PARTE II. 51. 56)
TRANSC. HIST. COL. PORT. VOL. III, PG. 157

«Doutor Joham Rabello. Eu El Rey vos emvyo muito saudar Eu espreuy ora a Pero Afonso d Aguyar prouedor dos meu allmazens que as duas naos francesas que Pero Lopes de Sousa trouxe

do Brasyll que estam no porto dessa cidade de Lixboa se vendam e andem em pregam os dias da ordenação e se arrematem a quem por ellas mais der por quanto nam servem e se fazem com ellas muita despeza e com ha jemte e mantymetos della e ey por bem que vos vades ao dito allmazem estar a arremataçam das ditas naos e façais fazer diço auto pelo spriuam damte vos e o dinheiro per que se vender se deposytará em mam de huã pesoa abonada encomendouos e vos mando que hasy ho cumpraes. Pero Amriques a fez em Euora aos cinquo dias de Junho de 1533 e notefiquereis a Charles Correa de como heu asy mando vemder as ditas naoos por senam danefícarem e poeer em deposyto o dinheiro dellas pera se emtregar a quem for justiça e que elle poderá estar à venda e arremataçam das ditas naos etc — Soscriçam: Pera o doutor Joham Rabello juiz dos feitos da Guiné sobre a venda e arremataçam das duas naos francesas que trouxe Pero Lopes de Sousa».

DOC.º DA HIST. COL. VOL. III. FASC. VII

(DR. J. DE FREITAS)

«Sõrs provedor e ofycyaes dos almazẽs do Reyno faço saber a vosas merces q. D.º Vaz bombardejRo moRador ẽ lysboa veho cõ marty a.º de sousa narmada q. foy ao Ryo da pRata de q. marty a.º hya quapitã mor e servjo nela do djto seo hoficyo de bombardejRo e ho sor marty a.º ho despedyo cõ p.º lopes de sousa seo Irmão q. se fose cõ elle pera ho Reyno ho quoal D.º Vaz se ia em a dyta armada cõ o sor p.º lopez de sousa e chegãdo a pernãbuq.º do Ryo da prata domde vynha foy necessariho ho dyto D.º Vaz fyquar ẽ ho dyto fernãbuq.º pera servyço delRey noso sõr ho quoall p.º lopez mãdou e fez fiquar por cõdestabre da forteleza q. se fez de q. V.te míz ferRejra hera quapitã e quomesou a servyr no dyto fernãbuq.º aos trinta dyas do mes doutub · da era de mjll e quinetos e trinta e dos años q. chegou palus n..iz (Nunes) na qaRavela espeRa pera ser quapitã do dyto fernãbuq.º quomo ho foy e fez cõdestabre da fortaleza a p.º (ou xp.º? — Pero ou Cristóvam?) franq. (Franco) e ho dito Dj.º Vaz servya de bombardejRo do primejRo de majo da era de trinta e tres años ate a esta de myll e qujnetos e trinta e cinq.º e q. estamos q. aquy chegou Duarte quoelho a esta forteleza a nove djas do mes de março da dyta hera e q. lhe foy entrege a dita forteleza e lhe deu licença pera q. se quyzese ir pera ho Rejno e servir e diãte nã ganhase solldo del Rey noso sõr e de todo ho tempo q. ho dito Diogo Vaz servyu nõ lhe foy pago so huã peça de seu ordenado q. ho dito palus nuniz lhe deu pedyu esta pera lhe la ser pago seo solldo e ordenado e ja qua da peça lhe foy posta verba no lyuro da feytoRya e d quomo lhe esta he pasada per my Eitor de barros esprivam da dyta feytoRya oje xb dias do mes de junho da dyta era. Eytor de barros. pagou lx reaes».

EVORA, 15 DE JULIO 1536

CARTA DE LUIS SARMIENTO A S. M.: SE REFIERE A OTRA ESCRITA EL AÑO ANTERIOR, ETC.

(ARCHIVO GENERAL DE LAS INDIAS. MAÇO 11, CAIXA 3, ESTANTE 143, SECÇÃO V)

"Sacra Catolica Cesarea Magestad".

"El año pasado escrevi a vuestra magestad de una armada que el serenisimo Rey invyo de lisboa la qual dizian publicamente que hera para yr a lo del Peru yo hable a sua alteza me certefico de lo contrario diziendo que con quatrocientas leguas no allegarian a cosa que fuese de la marcacion de esos reynos y asi yo lo escribi a su magestad y a vuestra magestad, agora es venido a lisboa un piloto con cartas del Capitan de ella que es uno que se llama de acuña y yo he visto una carta particular que escrive uno de los que fueron en la armada que queda alla muy secretamente y aca está muy escondido esto es el que escrive como ellos fueron a dar en la costa del brasil y yendo por ella adelante toparon con un capitan del serenisimo rey que alla avita en cierta parte de la costa el qual se llama duarte coelho y dice que savido a lo que estos yban les dixo como el tenia ciertas lenguas de la tierra que le certificaban que en una sierra y provincia que estaba cabo del rio marañon avia mucha cantidade de oro y por otro que estaba mas cerca dezian estas lenguas que podian yr a dar en aquella sierra adonde dezian que avia el oro".

"Aquel capitan de aquella armada tomo aquellas lenguas y fuese por la costa adelante del brasil a dar en aquel rio y llegado alli aunque llebaba mucha gente quiso tomar tierra junto aquel rio y la gente de la tierra dizen que acudio tanta gente y que son tan brabos que el capitan portugues (es) no fué poderoso de estar alli dizen que se llama esta gente que esta cabo este rio los pitiguales que es gente muy braba y que alli supieron que un nabio qua alli avia apor-tado en aquella costa de los castellanos que yban al Rio de la plata se avia perdido y que alguna gente de ella avia salido en tierra y que los de la tierra avian comido y, de algunos que los portugueses alli tomaron con las lenguas que llebaban todos les certificaron que en aquella sierra y probincia que esta por donde pasa el rio marañon que ay mucho y asi aquella armada fue a dar al dicho rio marañon que ay mucho oro (y asi aquella armada fue a dar al dicho rio marañon) (sic) y saltaron en una ysla junto al rrio y dizen que fueron vien rescividos de la gente que ali avitava y pusieronle nombre a la dicha ysla de la trenidad y enpeçaron a hedeficar un lugar y castillo y pusieron nombre aquel lugar nazaren escrive que los mismos de aquella certefican que ochenta leguas de alli por el rio del marañon arriba ay infinito oro llegaron alli los portugueses con su armada en este mes de

marҫo pasado llegaron nuebe nabios en que eran quatro naos y cinco carabelas las que alli arribaron aca tiene esto en mucho y estan muy alegres con esta nueba y piensan que nadie lo save y tiene los mas endubierto" (encubierto?) "que pueden si esto es cosa que toca o no perjuizio de la marcacion de esos reynos yo no lo se.

"En esta primera nao que a venido agora de la yndia an venido dos castellanos el uno de ellos a venido aqui a hablarme que se llame andres de hardundeta que es vizcayno que fueron con el comendador de Loaysa los quales an estado siempre en maluco hasta agora este traya cartas y un libro de las cosas de alla de un fernando de la torre Castellano que era el capitan de los castellanos que avian alli quedado y estas cartas que este traya de este heron para su magestad y en lisboa le tomaron las cartas y el libro un oficial del serenisimo rey y no se las an querido dar y porque este me ha dicho que todo lo que veniam en las cartas y libro sabe el como hombre que se a hallado en todo yo quisiera luego que este hombre se fuera a dar razon de todo a vuestra magestad porque si anda por aca podria ser que no pareciesce y no lo he podido acabar con el sin que primero dize que buelba a lisboa a tomar aquel piloto su compañero que alli avia dexado maló y prometiome que luego desde alli se partiria para vuestra magestad en lo de las cartas yo no he querido hazer ninguna deligencia aunque el me lo pedia porque me parece que por agora no conviene de las otras naos que se tiene por cierto que llegaron presto yo trabajare por saber si bienen mas castellanos y de lo que yo supiere yo dare a vuestra magestad aviso suplico a vuestra magestad me haga merced de mandar mostrar esta carta al consejo de las yndias porque asi me parece que conviene al servicio de vuestra magestad nuestro señor acresciente la vida y muy real estado de vuestra magestad por muchos años com acrecentamiento de muchos mas reynos e señorios de hebora a XV de julio de MDXXXVI años".

De vuestra magestad muy humilde vasallo

Luis Sarmiento.

(Rubricado).

— DUPLUM L^i - LIBELLI —

Nobilis Bertrandus Dornesam, Miles Baro et dñs de Sant
Blancard preffecttus classis Regis cristianissimi In mari mediterra-
neo, actor, adversus Epumn vulgo dō martim nuncupatum antonium
corree bartholemu ferratz. gonsaldum lete, gaspardum paille Et
petrum Loppes, Reos, coram vobis prestantissimis viris dñis comis-
sarijs Reguum cristianissimi et serenissimi pro petitione sua et ad
fines 'de quibus Infra dicit ut sequitur.
In primis q. In anno domini millesimo Quingentesimo tri-
gessimo et In mense decembris dictus Actor cum 'consensu et
expressa licentia Regis cristianissimi armavit quandam suam navim
vocatam La pelegrine et decem et acto petiis machinarum ex Ere
Eneo compositarum ponderis Quadrygentorum quinque Quintallorum
et de pluribus aliis petiis Earundem machinarum ex ere ferreo
confectarum In tam magno globo q. sufficissent pro tuitione dicte
navis et ultra unius castri.
Item et armavit eandem navim Quamplurimis generibus armo-
rum videlicet balistis, puiquis, Lanceis et pluribus aliis invasibilibus
et pro defensione Dictarum navis et castri, stipavitq. eandem navim
centum viginti hominibus belicosis nobilibus et plebeis maximo numo
conductis.
Item et Imissit In dicta navi q. plurimas merces, Requissitas
et In maximo pretio habitas In Insulis Brisiliaribus, In quibus
subvehende erant pro eis comutandis cum aliis mercibus dictarum
Insularum summe In gallia Requesitis. Immissitq. Instrumenta ne-
cessaria pro constructione unius castri et Redactione terre Inculte
ad culturam et Suppeletillia etiam necessaria ad garniendum di-
ctum castrum.
Item et dicte navi prefecit Johanem duperet qui solvit amassilia
et sulvavit maria per tres menses post quos aplicuit dictis Insulis In
loco fernambourg nuncupato.
Item et ibi compertis sex Lusitanis adorsi sunt ipsi galli ab eis
cum maximo furore et magno comeatu silvestrum sed deo Juvante
Incolumes evaserunt galli et victoriam Reportarunt et tãdem pace
Inter eos Inuita galli unum fortalitium Construxerunt Juvantibus
Silvestribus et etiam dictis sex Lusitanis sumptibus gallorum tamen
et ab eisdem Stipendiatis quod ediffitium fuit constructum ut In eo
ne dum merces sed et eorum personas se tuarent adversus dictos sil-
vestres.
Item et pro constructione preffacta fuerunt per dictum duperet
quatuor mille ducatos expositi Interea tandem q. preffactum forta-
litium construebatur dictus duperet merces quas ex massilia addu-
xerat libere cum Incolis dictarum Insularum traficando cum mer-
cibus dictarum Insularum cõmutavit de quibus tam maximum glo-
bum congessit q. vix totum illud castrum poterat illas capere.

Item et postquam hec omnia fuerunt facta et castrum munitum et de cunctis hiis que suppetebant pro tuitione et detentionem ipsius tam in armis q. In suppellectilibus quandam portione dictarum mercium In navi Imissit ut In gallia subveheret et In qua In magno pretio habebantur.

Item et Inter alias merces de quibus navim oneravit fuerunt quinque mille quintalla ligni brisilis qd tunc In gallia vendebatur pretio octo ducatorum pro quintallo quare valoris erāt quadraginta mille ducatorum.

Item et tricenta quintalia Bombicis valoris trium mille ducatorum pro quintallo et tantundem de granis illius patrie valloris noningentorum ducatorum ad rationem trium ducatorum pro quintallo et sexcentos psitacos Jam lingam nostram conatos valloris trium mille et sexcentorum ducatorum ad rationem sex ducatorum pro quolibet et ter mille pelles leopardorum et aliorum animalium diversicollorum valoris novem mille ducatorum ad rationem trium ducatorum pro pelle et tricentas simias seu melius aguenones valoris mille et octocentum ducatorum ad rationem sex ducatorum pro aguenone et de mina auri que puriffîcata ut et decebat ter mille ducatos Reddidisset et de oleis medicabilibus valoris mille ducatorum et tāti ut preffactum est vendi potuissent In gallia ad quam destinate erant preifacte merces.

Item et omnes sume preffacte simul juncte sumā sexaginta duorum mille ducatorum cum tricentis ascendebāt.

Item et merces que In dicto castro Remanserunt pro eis In galia subvehendis In futurum triplum In globo et In vallore mercium In precedentibus articulis designatas ascendebant quo circa omnes merces tam navis quam castri valoris ducentorum quadraginta mille ducatorum erant.

Item et dicte navi fuit datus preffectus dñs de barrān cum quadraginta hominibus belicosis ipso computato pro ea adversus piratas tuenda.

Item solverunt a dicto fernambourg et cōmittante sorte satis prospera In mense augusti anni millessimi quingentessimi primi In portu de malega in hispania apulerunt Inque anchoras jecerunt ob penuriam alimentorum.

Item et compertis ibi dictis dom martim et corree cum decem navibus et caravelis ad ipsis dictus barran preffectus accitus est et Inquisitus de hiis que subvehebat unde et ad quem locum.

Item et de omnibus cerciorati et de penuria sculentorum dicti lusitani pietate ficta mutuo dederunt triginta quintalia panis biscocti dicto barran et quia Romā petebant ad, quam tunc ipse dom martim ut aiebat legationem pro dicto Regi Serenissimo portugalie fingebatur promisserunt dicti Lusitani dicto barran conservātiā usq. ad dictam massiliam.

Item et fide sic data et aceptata omnes una a dicto portu de malegue solverunt ac tutum tamen et nondum quinque milliaribus de mari travatis coati sunt gradum sistere ob cessationem venti.

Item et die sequenti que erat dies asumptionis Virginis marie dictus dom martim fingens velle omnes nautas preffactosq. navium consulere circa navigationem fiendam accivit ad se dictum barran et navelerum patronum sue navis quos adventatos ipse corre ferratz lete et paille presente et favente dō martim ceperunt et de Inde allios sodales dicte pelegrine et omnes vinculis dederunt. Vinculatosq. per vim et navi cum mercibus depredata, merces navim et homines

Regi Jam dicto Serenissimo mādaverunt qui cuncta ratifficans homines carceri mancipavit navim mercesq. sibi appropriavit.

Item et certifficatus dictus Serenissimus de castri constructione In dictis Insulis et de mercibus machinis armis suppellectillibus et hominibus In dicto castro existentibus ac tutum tres naves armavit quibus dictum petrum loppes prefficit eiq. In mandatis dedit ut celerrime ad idem castrum subvertendum merces et cetera que In eo erant capienda et homines profligandos accederet.

Item et illud fuit factum per dictos Lusitanos licet tunc nullum extaret bellum inter preifactos Reges seu eorum subditos. Imo tunc conferedati erant et licet etiā merces de quibus supra facta est mentio nō sint de hiis que de jure prohibentur.

Item et maxime quia tunc Lusitani galliam libere frequentabant et cum gallis cōmercium In dies habebant quare Ittidem eran aut debebat esse permissum gallis In lusitania et In dictis Insulis attenta dictorum Regum confederatione.

Item et circa menssem decembris dicti anni millessimi quingentessimi primi dictus loppes cum suis navibus dicto portu de fernamburg applicuit castrum dicti actoris obsedit et per decem et octo dies machinis suis Inpetivit et tandem concassavit.

Item et obq. dommus della mothe qui in dicto castro capitaneus erat videns et de longuo tempore non posse succurri coloquium de deditione cum dicto loppes habuit et post maximas altercationes Innita fuit Inter eos transactio qua cautum fuit q. castrum dicto loppes prodicto Rege Serenissimo traderetur et idem loppes salvaret homines ac merces In dicto castro existentes, quos homines et merces promissit In loco libero subvehere et dimitterre francos et liberos cum mercibus et hiis q. In dicto castro habebant.

Item et dicta transactio fuit Juramento dicti loppes vallata solenniter et supra Sanctum corpus xri per presbiterum ibi tunc consecratum.

Item et illo non obstante tradicto castro dicto loppes idem loppes suspendio dedit dictum dominum della mothe capitaneum et viginti alios ex suis sodalibus. duosq. vivos silvestribus dillaniandos et mandendos tradidit aliosq. cum mercibus et aliis rebus In dicto castro existentibus Regi Serenissimo adduxit, qui homines carceri dedit In villa faro cum ceteris captis per dictum Corree e merces ceteraq. sibi proprifecit.

Item et In quo carcere multum fuerunt pro lusitanos vexati per viginti quatuor menses In tantum q. Inedia fame et longa opressione quatuor ex hiis animas eflaverunt et post viginti quatuor mensses alii liberati sunt demptis undecim per prius tamen lusitani coegerant dictos gallos captivatos falso deponere In Inquesta per eos facta pro preffactis depredationibus cooperiendis.

Item et quare ad huc detinentur dicti undecim et viginti fuerunt suspensi duo vivi dillaniati et comesti et quatuor In carcere Interempti qui omnes triginta septem ascendunt.

Item q. a dicto anno captionis usq. ad huc dictus Actor solvit vel obnoxius est uxoribus seu heredibus eorum stipendia promissa videlicet tres ducatos pro mense cuilibet ascendentia In cumulo sumāt mille tricentorum ducatorum cum triginta et uno pro quolibet anno quare pro septem annis sumā novem mille ducatorum cum tricentis et decem.

Item et ceteros qui manserunt In dicto carcere per dictos vi-
ginti quatuor mensses solvit etiam prefacto modo stipendia aut pro
eis manet obnoxius ascendentia pro dicto tempore sumã sex mille
noningentorum septuaginta quatuor ducatorum cum octuaginta tres
homines essent non computatis dictis triginta septem hominibus.

Item et dicta navis cum suis armamentis valloris erat duorum
mille ducatorum machine vero arma et allia mobillia mercibus non
computatis tam In navi quã In castro existentia valloris erãt sex
mille ducatorum.

Item et preffacte omnes summe Rerum depredatarum ascendunt
In sumam ducentorum sexaginta octo milium ducatorum cum du-
centis octoaginta quatuor cujus summe quadruplum cum pro Rebus
captis detur summã decem centum septuaginta trium millium duca-
torum cum centum triginta sex ducatos ascendit.

Item et quia cum dictis mercibus seu valiore earum si depredate
non essent dictus actor traficum inceptum continuasset et cum eis
In decuplum lucratus esset petit Idem actor illud Interesse lucri
sessantis.

Item et saltem illud comsideratur et Ratio illius habetur in so-
lito lucrari et mercari In gallia ad rationem de viginti procentuanario
pro quolibet anno qd Interesse In quinq. annis principale ascenderet
ideo cum principalle dictarum mercium sumã ducentorum quadra-
ginta millium ducatorum ascendat totidem ascendit et Interesse.

Item et quia omnia et singula predicta sunt vera et notoria
offerens actor illa probare ad sufficientiã tantum et non alia Imo
rejecto superfluo onere probationis de quo expresse protestatur.

Concludit dictus Acor Quatenus ipsi Rei In dictis summis con-
dennentur erga actorem aut In alia summa de qua apparebit per tes-
tes aut per Juramentum ipsius actoris ad quod petit admitti attento
q. est questio de rebus depredatis et ita concludit et alia pertinentius
juxta materiam subietam cum expenssis damnis et Interesse petens
In omnibus Jus dici et Justitiam ministrari.

protestando tamen q. In casum dicti Rei non invenirentur sol-
vendo pro summa condemnata et per vos declarata executio Rema-
neat dicto actori salva adversus mandantem et Rathifficantem.

Petens lras (litteras?) nostras citatorias adversus dictos dom
martim, Corree ferratz leti paile et loppes sibi decerni visuros dictam
petitionem coram nobis fieri et aliter procedi ut Juris et Rationis
juxta formã dictarum Comissionarum vestrarum.

DELANA.

Iste est secundum libellum bertrandi dormesam baronis Sancti
Blancardi, refutatis nonnullis rationibus per dominos comissarios
Regis portugalie signatum baionne per me Johannem pyrot uns ex
scribis seu graffariis dominorum comissariorum Regis christianis-
simi die undecimo mensi martii anni domini millessimi quingentessimi
trigessimi octavi.

Est recitatus apud me altis huius tenoris.

J. PYROT.

Collationatum fuit Istud libellum cum proprio originali et graffariis lusitanis per me scribam juridicte.

J. PYROT.

NOTA DA TORRE DO TOMBO

Latim

Documento de Bertrando Dornezão, General d'Armada Franceza p.ª que se lhe restitua hua Nau que se lhe tomou, embargou com peleja Naval por fazendas de. Contrabando, em 1538, a 11 de Março.

Parte 1.ª — Maço 60 Doc. 148 N.º Secç. 7794 A 11 de Março de 1538.

Confrontada a copia photographica do segundo libello do barão de Saint Blancard — (Arquivo da Torre do Tombo, Corpo Chron., parte 1.ª, Maço 6, doc. 148) — com a do primeiro libello publicada por Varnhagen (1.ª ed. Hist. G. Brasil, T.º 1, pg. 441), os quaes trazem a mesma data de 11 de março de 1538, notou Calogeras desaccordo entre ambos: assim o demonstram a traducção e as annotações do consagrado escriptor, gentilmente cedidas para enriquecer os nossos "Documentos".

E. C.

TRADUCÇÃO DA COPIA PHOTOGRAPHICA DO 2.º LIBELLO DO BARÃO DE SAINT BLANCARD

"O nobre Bertrand d'Ornesam, cavalheiro, barão e senhor de Saint Blancard, chefe da esquadra do Rei Christianissimo no mar Meriterraneo, auctor, contra o Bispo vulgarmente chamado dom Martim, Antonio Correa, Bartholomeu Ferraz, Gonçalo Leite, Gaspar Palha e Pero Lopes, réos, ante vós, prestantissimos homens, senhores Commissarios do Rei Christianissimo e Serenissimo por sua petição e para os fins que, a seguir elucida.

NOTA — Varnhagen, na copia - (1.o libello) omitiu os nomes de B. Ferraz, G. Leite e G. Palha.

S. Blancard grapha Paille, em vez de Palha.

"Em primeiro logar, que no anno do Senhor mil quinhentos e trinta, no mez de Dezembro, o dito auctor, com o consentimento e licença expressa do Rei Christianissimo, armou uma sua nave chamada - La pellegrine - com dezoito peças de metal bronzeo (de bronze) pesando quatrocentos e cinco quintaes e muitas outras peças de metal ferreo (de ferro), em quantidade tal que bastassem para a defesa da sua citada nave e, além disso, de uma fortificação.

Item — E armou essa nave com o maior numero possivel de armas de todo genero, taes como ballistas, chuços, lanças e muitos outros petrechos destinados a defender tanto a nave como o fórte. Tripolou a mesma nave com cento e vinte homens de guerra, nobres e plebeus, com altas soldadas.

Item — E abasteceu a dita nave com a maior quantidade possivel de mercadorias, procuradas e tidas em alto preço nas ilhas brasilicas, para as quaes seriam conduzidas afim de se permutarem com outras mercadorias dessas mesmas ilhas, muito procuradas em França. Abasteceu-a tambem de instrumentos precisos para construir um fórte e para aproveitar a terra inculta em culturas, e dos moveis necessarios para guarnecer o dito fórte.

Item — E nomeou para capitão da dita nave a João Dupéret, que partiu de Marselhas (qui solvit amassilia) e atravessou os mares por tres mezes, findos os quaes aportou nas ditas ilhas no logar chamado Pernambuco.

Item — Achados ahi seis Lusitanos, foram os francezes atacados por elles com o maior furor e grande auxilio dos indios (magno comeatu silvestrum) mas, com ajuda de Deus, sahiram incolumes os francezes e lograram vencer. Feitas as pazes, entretanto, construiram os francezes uma fortaleza com a collaboração dos indios e dos proprios seis Lusitanos, a expensas dos francezes, comtudo, e dos mesmos operarios constructores do edificio, para que nelle se pudessem proteger não só as mercadorias como as proprias pessoas, contra os ditos indios.

Item — E para perfazer a dita construcção, gastou o citado Dupéret quatro mil ducados. Emquanto proseguia a construcção, entretanto, o mesmo Dupéret livremente negociou com os habitantes das ditas ilhas, e permutou suas mercadorias trazidas de Marselhas com as das ilhas, de modo a que tal copia das ultimas congregou, que mal cabiam no fórte.

Item — E depois de tudo isso ter sido feito e do forte estar provido de tudo quanto precisava para se defender e se manter tanto em armas quanto em mobiliario e utensilios, mandou carregar a nave com certa porção de mercadorias, afim de as levar para França onde acharia bom preço por ellas.

NOTA — Varnhagen publicou erradamente *viam*, em vez de *omnia*.

Item — Entre outras mercadorias de que carregou a nave, se achavam cinco mil quintaes de pau brasil que, nesse tempo, se vendia em França ao preço de oito ducados o quintal, razão pela qual o valor total da madeira era de quarenta mil ducados.

Item — E trezentos quintaes de algodão (? bombicis, ou talvez, paina?) valendo tres mil ducados por

quintal, e outro tanto de sementes da mesma terra valendo novecentos ducados, a razão de tres ducados por quintal, e seiscentos papagaios, já acostumados á nossa lingua, valendo tres mil e seiscentos ducados, a razão de seis ducados por unidade, e tres mil pelles de leopardos e de outros animaes e diversas côres, valendo nove mil ducados a razão de tres ducados por pelle, e trezentos macacos ou melhor macacas, valendo mil e oitocentos ducados a razão de seis ducados por macaca, e mina de ouro que, purificada, daria tres mil ducados, e oleos medicinaes valendo mil ducados, e tantos que se previa poderem ser vendidos em França para onde se destinavam taes mercadorias.

NOTA — Varnhagen na copia, inverteu o trecho, e deu 10 ducados para valor do quintal de «bombyx», quando o original diz 3,000. Mas feitas as operações, se vê que é impossivel ser o preço do quintal 3.000 ducados: só ahi estariam 900.000 ducados e toda a carga (vide item seguinte) valia 62.300 ducados.

Item — E feitas as sommas todas, ascendiam juntas ao valor de sessenta e dous mil e trezentos ducados.

Item — E as mercadorias que ficaram no dito forte, para ulterior transporte em França, ascendiam ao triplo desse valor e quantidade dos artigos designados, pelo que todas as mercadorias, tanto na nave como no fórte, teriam o valor approximado de duzentos e quarenta mil ducados.

Item — E á dita nave foi dado como capitão o senhor de Barran, com quarenta homens de guerra, por elle proprio calculados para defender o barco contra piratas.

Item — Partiram do dito Pernambuco, e sendo-lhes favoravel a sorte, no mez de Agosto do anno mil quinhentos e trinta e um entrarem no porto de Malaga, em Hespanha, no qual lançaram anchora acossados por falta de alimentação.

Item — Achados ahi os ditos dom Martim e Correa com dez naves e caravelas, o dito Barran delles recebeu ordem e por elles foi interrogado donde vinha e para onde se dirigia.

NOTA — Varnhagen, na copia, poz *rebudebat*, em vez de *suborhebat*.

Item — E de tudo sabedores e da penuria de alimentos, os ditos portuguezes, movidos de dó, deram ao mesmo Barran trinta quintaes de pão e biscoito, e como se dirigiam para Roma, como então declarou o proprio dom Martim, enviado em embaixada ao Papa pelo dito

Rei Serenissimo de Portugal, fingidamente prometteram os mesmos lusitanos ao dito Barran navegar de conserva (conservātiam) até a citada Marselhas.

NOTA — Varnbagen, na copia, poz *fingebatur*, em vez de *fingebatur*.

Item — E assim, dada e acceita a fé, todas juntos partiram do porto de Malaga, e, embora a seguro, não chegaram a caminhar cinco milhas pois se viram forçados a parar pela cessação do vento.

Item — E no dia seguinte, que era o da Assumpção da Virgem Maria, o dito dom Martim, fingindo querer consultar todos os navegantes e commandantes de naus sobre a navegação a seguir, chamou o dito Barran e os mestres de equipagem a bordo da sua nave. Ahi chegados, o proprio Correa, Ferraz, Leite e Palha, na presença e com a annuencia de dom Martim, começaram a prendel-os e, em seguida, a outros tripolantes da dita - Pelegrine. Aos presos por violencia, á nave com suas mercadorias depredadas, mercadorias, barco e gente, mandaram ao dito Rei Serenissimo, que ratificou tudo, encarcerou os homens e se appropriou de navio e bens.

NOTA — Varnhagen, na copia, só menciona Correa e, em consequencia, altera a syntaxe, para pôr no singular os verbos que estão no plural.

Item — E certificado o dito Serenissimo da construcção do fórte nas ditas ilhas, e da existencia no dito fórte de mercadorias, machinas, armas, utensilios e guarnição, armou, no seguro, tres navios a quem fez o dito Pedro Lopes de commandante e lhes deu mandato de seguir com a maior pressa para destruir a fortaleza, apoderar-se das mercadorias e demais cousas que ahi se achavam e desbaratar os homens da guarnição.

NOTA — Entra aqui, em Varnhagen, um novo *item* que *não* figura na copia photographica, e diz: «Antes no anno 1526 o mesmo serenissimo publicou um edito em todo o seu Reino; seu conteúdo determinava expressamente a seus subditos, sob pena capital, de afundar todas as naus francezas que iam ou voltavam das ditas ilhas, e para esse fim, dava commissão expressa assignada ao dito Correa.

Item — E isto foi feito pelos ditos Lusitanos embora então nenhuma guerra existisse entre os ditos Reis ou seus subditos. Ao contrario, eram alliados, e não eram as mercadorias mencionadas supra daquellas que por direito se prohibem.

NOTA — Aqui ha, em Varnhagen, um trecho inteiro que não figura na copia photographica e tem importancia como reconhecimento de direitos. Diz elle: «e embora, tambem, o Rei serenissimo nenhum dominio nem jurisdicção possua nas ditas ilhas; de facto, as gentes que ahi habitam teem numerosos regulos pelos quaes se governam pelos modos e ritos selvagens, e assim é de facto».

«Tambem é de facto provavel que o dito serenissimo Rei de Portugal não tem nas ditas ilhas poder maior do que o Rei Christianissimo, pois o mar é commum e nas perdidas ilhas é francamente permittido a todos que nellas aportam, não só francezes como de todas as demais nações, frequental-as e commerciar como os nativos.

Item — E principalmente porque então os Lusitanos livremente frequentavam a França e commerciavam com os Francezes. razão pela qual o mesmo era ou devera ser permittido aos Francezes em Lusitania ou nas ditas ilhas, attenta a alliança dos ditos Reis.

Item — E pelo mez de Dezembro do dito anno de mil quinhentos e trinta e um, o dito Lopes com seus navios chegou ao dito porto de Pernambuco, assediou o dito forte do mesmo auctor e por dezoito dias com suas armas o opprimiu e finalmente o demoliu.

Item — E como o senhor de la Motte, que no dito fórte servia de capitão, visse que, por longo tempo, não poderia receber soccorro, tratou de parlamentar com o mesmo Lopes sobre a sua capitulação. Depois de grandes altercações celebrou-se entre elles um accordou que constou em ser entregue ao dito Lopes para o referido Rei Serenissimo a citada fortaleza, e em poupar o mesmo Lopes mercadorias e homens, e prometteu transporte para logar livre, dos bens e do pessoal existente no fórte sendo solta a guarnição livre, e francamente com seus haveres existentes no fórte.

Item — E a dita transacção foi pelo dito Lopes solemnemente jurado sobre o corpo sagrado do Christo então consagrado por um presbytero.

Item — E apesar de entregue o fórte ao dito Lopes, este mandou enforcar o dito senhor de la Motte. capitão e outros vinte de seus commandados; deu aos indios dous outros, vivos, para serem torturados e comidos; aos demais, com suas fazendas e outros bens existentes no fórte, enviou ao Rei Serenissimo. o qual encarcerou os prisioneiros na villa de Faro junto com os outros captivos feitos pelo citado Corrêa; quanto ás mercadorias, dellas se appropriou o Rei.

NOTA — Em Varnhagen, achámos *declamandos*, em vez de *dilaniandos*.

Item — E nesse carcere muito foram perseguidos pelos Lusitanos durante vinte e quatro mezes, tanto que por privações, fome e longa oppressão, quatro delles exhalaram o ultimo suspiro; e depois de vinte e quatro mezes, os outros onze foram libertados, despidos de qualquer recurso. Mas os Lusitanos obriga-

ram os ditos Francezes presos a depôr falsamente no inquerito por elles proprios aberto acerca dos roubos e das cooperações nelles.

Item — E como até hoje estão detidos os ditos onze, vinte foram enforcados, dous vivos foram torturados e comidos, e quatro morreram no carcere, sóbe o total a trinta e sete.

Item — Do citado anno da captura até hoje, o dito auctor pagou ou é legalmente responsavel para com as suas mulheres ou os seus herdeiros das soldadas promettidas, a saber: tres ducados por mez a cada um, subindo a somma cumulativa a mil e trezentos e trinta e um ducados por anno, donde em sete annos se elevar a somma a nove mil trezentos e dez ducados.

Item — E quanto aos demais que ficaram encarcerados por vinte e quatro mezes pagou do mesmo modo suas soldadas ou por ellas permanece responsavel, elevando-se pelo dito tempo á somma de seis mil e novecentos e setenta e quatro ducados, pois eram oitenta e tres homens, sem contar os trinta e sete citados.

Item — E a mencionada nave com seus armamentos valia dois mil ducados, emquanto machinas, armas e outros moveis, sem contar as mercadorias existentes, tanto no barco como na fortaleza valiam seis mil ducados.

Item — E feitas todas as sommas das cousas depredadas, sóbem ao total geral de duzentos e sessenta e oito mil, duzentos e oitenta e quatro ducados, somma essa que deve ser quadruplicada por causa dos roubos feitos, o que dá um milhão (decem centum) setenta e tres mil, cento e trinta e seis ducados.

Item — E como taes mercadorias, ou seu valor, se não houvessem sido roubadas, o dito auctor continuaria a negocial-as e teria lucrado o decuplo, pede o dito auctor a compensação desse lucro cessante.

Item — E pelo menos, se considere e se tome por base que em França o lucro e o commercio costumam regular vinte por cento por anno, interesse este que em cinco annos somma precisamente o capital principal das mercadorias, no valor de duzentos e quarenta mil ducados, capital e juros.

Item — Como tudo, de per si e em conjuncto, que assim se disse seja notorio e verdadeiro, offerece-

se o auctor para provar á saciedade, como se contém e não outras cousas, rejeitando o superfluo onus da prova pelo qual protesta expressamente.

NOTA — Varnhagen escreveu *tamen*, em vez de *tantum*.

Conclue o dito auctor pedindo que nessas cousas sejam condemnados a lhe pagarem as ditas sommas ou outra de que appareça prova por testimunhas (per testes) ou juramento do auctor, ao qual pede seja admittido, visto que esta questão versa sobre cousas roubadas, e assim conclue pedindo junto á materia da lide se lhe reconheça o direito e se lhe faça justiça com as despesas, damnos e juros.

Protestando, entretanto, para que, no caso de se não acharem bens no valor da somma fixada pela condemnação, e sendo por vós declarada a execução, fique salvo ao dicto auctor agir contra mandante e ratificante.

Pedindo-vos cartas citatorias contra os mencionados dom Martim, Corrêa, Ferraz, Leite, Palha e Lopes para que se vejam intimados da dita petição perante vós, e proceder-se e proseguir o processo segundo direito e razão e na fórma seguida por vossas mencionadas commissões (instrucções).

Este é o segundo libello de Bertrand d'Ornesam, barão de Saint-Blancard, refutadas algumas razões pelos senhores Commissarios do Rei de Portugal, assignado em Bayonne por mim Johan Pyrot, um dos escribas ou escrivães dos Senhores Commissarios do Rei Christianissimo no dia decimo primeiro do mez de Março do anno millesimo quingentesimo trigesimo oitavo. Foi lido seu teor em voz alta perante mim J. Pyrot. Foi confrontado este libello com o proprio original perante os escrivães portuguezes e perante mim, escrivão do feito. J. Pyrot.

— * —

CALOGERAS.

Rio, 2-I-27.

«CONTRARIEDADE AO LIBELLO DE SAM BLANCHARD

(COPIA DE DOCUMENTOS DO ARQUIVO NACIONAL DA TORRE DO TOMBO)

Dom Joham per graça de Deus Rey de Purtugall e dos Algarues daquem e dallem mar em Afryca Senhor da Guinee e da comquista navegação e comercio de Tiopia Arabia Persia da Imdia etc. A quamtos esta minha carta testemunhavell de dia daparecer vyrem faço saber que por parte de Bertrando do Mesam barão de Sam Blancardy dos Reynos de França fforom nesta minha corte apresemtadas hũas cartas cytatoreas pasadas pello bispo Dom Gomçallo Pinheyro do meu comselho e pelo licemciado Afonso Fernamdez ambos do meu desembarguo e desembargadores dos agrauos em mynha corte e casa da sopryeação que ora pera meu mamdado estão na cidade de Bayona de Framça como juizes deputados per minha comisão pera determinarem e definyrem as duvidas que haa emtre os subditos de meus Reynos e os dos ditos Reynos de Framça sobre os rroubos e rrapynas feitos no mar jumtamente com os deputados del Rey de Framça meu muito amado e prezado irmãao que outrosy na dita cidade de Bayona estão pera por bem das ditas cartas averem neste Reyno de ser cytados a saber o arcebispo Dom Martynho e Pero Lopez de Sousa e Amtonio Correa fidalgos de minha casa e Bertolameu Ferraz e Gomçallo Leyte e Gaspar Palha os quaes ho dito Baraom de Sam Blancardy dizia lhe rroubarem hũa sua naao per nome La Pellegryne e per bem dello os queria demandar peramte os ditos deputados E semdo apresemtadas as ditas cartas como dito he fforom per bem delles citados em suas pesoas ho arcebispo Dom Martynho e os ditos Gomçallo Leyte e Gaspar Palha e por os ditos Pero Lopez de Souza e Amtonio Correa e Bertolameu Ferraz serem ausemtes sendo feito sumaryo conhecimento de testemunhas de suas ausemcias foram cytados em pesoas de suas molheres e do lecemçeado Amtonio Caldeyra procurador em mynha corte que lhes foy dado por curador da dita causa segumdo forma das ditas cartas cytatoreas e das comisões dos ditos deputados que a ellas vynhão jumtas. E ora por parte do dito arcebispo Dom Martynho e dos ditos Gomçalo Leyte e Gaspar Palha que asy forom cytados em suas pesoas e bem asy por parte do curador dos ditos ausemtes me foy pedido que lhes mamdase dar hũm dia daparecer da dita citação e termo que lhes foy asynado per aparecerem na dita cidade de Bayona ou em a villa de Samta Maria de Hyrum outrosy dos ditos Reynos de Framça perante os ditos deputados por quamto sobre as ditas cytações queryam hyr ou mamdar rrequerer se a justiça peramte os ditos deputados e visto per mym mamdey que lhes fose dado em hũa carta testemunhavell o trellado de hũm termo

das ditas cytações e dia daparecer que aos sobreditos cytados foy asynado o trellado do qual termo e dia daparecer de verbo ad verbum he ho seguymte.

Aos dezaseis dias do mes de Junho de mill e quynhemtos e trymta e nove anos em Lisboa na audyemçia da correição do cyveli da corte que ha fazia o licemçiado Mendes Saa do desembarguo del Rey noso Senhor e corregedor de sua corte dos feytos cyvees com alçada peramte elle pareçeo Guylhermo de Serra Frameçes rrequeremte e procurador de Bertrando de Mesam sobprycamte e dise ao dito corregedor que per uertude desta carta cytatorea que elle trouxera de Bayona foram cytados pera parecerem na dita audiemcia peramte elle corregedor Gaspar Palha morador em Samtarem que prymeyramente ffora cytado e asy era citado (o) arcebispo Dom Martynho e Gemçallo Leyte em suas pessoas pera na dita audiemcia lhes ser asynado termo a que ffosem per sy ou seus procuradores parecer em Bayona peramte os deputados del Rey noso Senhor del Rey de França que na dita cidade estão per todo o comteudo na dita carta citatorea e asy fora citada Dona Ysabell de Gamboa em nome de Pero Lopez de Sousa seu marydo ausemte e Dona Ysabell molher d'Antonio Correa e Dona Joana de de Souto Mayor molher de Bertolameu Ferraz outrosy ausemte as quaes forom cytadas em nome (dos) dos ditos seus marydos ausemtes pera todo o comteudo na dita carta pera parecerem peramte os ditos deputados per sy ou seus procuradores e pera parecerem peramte elle Corregedor na dita audiemcia pera lhes asynar o termo pera parecerem peramte os ditos deputados que pedia a elle Corregedor os ouuese por citados e lhes asynase termo comvenyemte pera parecerem per sy ou seus procuradores peramte os ditos deputados na dita cidade de Bayona e visto pello Corregedor por eu esprivam lhe dar fe que os sobreditos vam çytados como parece e se mostra pellos termos das cytações que lhe fforom feitas pera lhe ser asynado na dita audiemcia a que vam per sy ou seus procuradores parecer em Bayona peramte os ditos deputados como dito he mandou apregoar o dito arcebispo Dom Martynho e Gomçallo Leyte e Gaspar Palha e Pero Lopez de Souza e Antonio Correa e Bertolameu Ferraz os quaes forom apregoados per Johão Martinz, porteyro que serve na dita audiemcia que os apregoou e deu fe nom pareciam nem outrem por elles o Corregedor haa sua rrevelia ou ouve todos por cytados pera todo o comteudo na dita carta e pera os termos e autos judyciaes como se nella comtem e lhes asynou termo aa sua rrevellia que oje a dous meses prymeyros seguymtes pareçam per sy ou seus procuradores soficiemtes peramte os ditos deputados como na dita carta se contem e porquamto os ditos Pero Lopez de Souza e Antonio Correa e Bertolameu Ferraz sam ausemtes como se mostra pelo sumaryo de suas ausemçias e segumdo forma da dita carta lhes avya de ser dado curador ha suas ffazemdas mamdou dar juramemto dos samtos avamgelhos ao licenciado Antonio Caldeyra procurador nesta corte que presemte estava no qual juramemto o dito licemciado pos sua mão dyreita e o dito Corregedor o deu e ouve por curador dos ditos ausemtes a saber ... do dito Pero Lopez de Souza e Antonio Correa e Bertolameu Ferraz e ouve ho dito licemciado por citado e rrequerydo pera todo o comteudo na dita carta como curador dos ditos ausemtes e de suas fazemdas e lhe mamdou que sobcarguo do dito juramemto

tevese carguo e fose curador dos ditos ausemtes e de suas fazemdas na dita causa e cytação que lhe era feita e lhe asy no termo em sua pessoa como acurador dos ditos ausemtes que do dito dia a dous meses prymeyros seguymtes pareça por sy ou sua sobficiente procurador na dita cidade de Bayona ou em Samta Maria de Yrum a rrequerer e allegar de sua justiça peramte os ditos deputados sobre as cousas da dita citação como na dita carta cytatorea se comtem e o Corregedor mamdou de todo fazer este termo de citação e dia dapareçer que asynou aos sobreditos e asynou de seu synall Diogo Amrriques ho esprevy e e trelladado asy aquy o dito auto e termo de dia daperecer como dito he mamdey dar delle o trellado aos sobreditos que o pedyram pera com elle yrem ou mamdarem rrequerer sua justiça peramte os ditos deputados na dita cydade de Bayona ou na villa de Samta Maria de Yrum pera fazerem certo o dia e termo que lhes foy asynado na dita citação e alegarem sobrello seu direito aa qual carta testemunhavell e dia daparecer se dara tamta fe e em direito como de direito se deve dar por quamto vay comcertado com o propryo de que foy trelladado e ficar em poder do esprivam que esta fez dada em a mynha cidade de Lixboa aos vymte e seis dias do mes de Janeyro El Rey ho mamdou pelo licemciado Memde Saa do seu desembargo e Corregedor de sua corte dos feitos cyvees com alçada Diogo Amrriquez que per special mamdado do dito Senhor fez as ditas cytações a fez anno do Nacimemto de Noso Senhor Jhesuu Christo xxx (30) de 1540 annos.
Comcertada com ho propyo per mim esprivam

Diogo Amrriques; Francisco Serrão; Mende Saa.
Arquivo Nacional da Torre do Tombo.
Corpo Chronologico. Parte 1.ª Maço 66 — Doc. 107.

O QUE SE DEVE FAZER NO JUIZO DE FRANÇA NO LIBELO QUE DEU SAM BLANCHARD CONTRA O ARCEBISPO E PERO LOPEZ E OS OUTROS

Primeiramente ao tempo que os juizes ouveram de pronunciar sobre o recebimento do libelo ora per desembargo ora in voce deuem de insistir os juizes que se tire do libelo aquilo que nelle se contem que faz em perjuizo do direito del Rey noso Senhor comforme a protestação que elles escreveram que fizeram quando pasaram a citatorea e quando discordarem nom curem sobre iso de ir a quinto mas façam sua protestação nos autos e procedam auante.

Depois de o libello recebido se offerecera juntamente o rezoado de direito contra o libello e a excepção com as contraridades todas juntas asi como aquy uam treladadas de verbo ad verbum.

Senhor.

O libello do autor nom he de receber porque elle mesmo se exclude pelo que nelle diz e alega por que diz no libello que Pero Lopez reo fez neste caso foi per mamdado del rey seu senhor e

sendo asi como elle diz ipse se excludit agendo et ideo non est opus quod excludatur excipiendo. V. Mercalem c. de conditione ob turpem causam cum si mil. Quod aurem libellus quo mandato superioris damnum factum fuisse dicitur veniat reiiciendos et non debeat admitti, est textus notabilis quem ad hoc ibi expresse notat Bal. et Flori.... us in L. liber homo aii inputatur ff ad L aquil. ubi dicit illum textum esse notandum quia per eum de facto fuit obtentum quod libellus qui dabatur contra quendam offitialem potestatis qui mandato ipsius potestatis quendam illicite torsserat, reiiceretur et non veniret admittendus, quasi excusatus esset ratione iussus superioris et idem etiam notat Aug. per illum textum in L liberorum § fi ff dehis qui non inf. Refert et se quitur ius 4. 3 § si procurator col. II ff quod quis que iur, et est textus apertus pro hoc in L. iniuriarem § si quis quiod decreto ff Iniurüs et in L quamque in presens ff de aqua. plu. ar. et L. non videtur § qui iussu ff de regulis iuris et L. ait pretor § quitamen ff de mno et L. si quis id quod § doli ff de iuris omnium indicum. L. 3. § plane ff quod vi aut clan Quinimo etiam si preceptum sive mandatum principis sit instum uel iniustum, et ideo in dubio presumere debet instum esse mandatum. Quapropter tenetur obedire et obediendo excusatur a damnis et spoliis per eum illatis, ut est textus claros in c. qui culpatur XXIII, q. I, et in c. miles XXIII, q. V, et in c. primo hic finitur lex, et tradut. glos. et doct. in c. ad aures de temporibus ordinis, et in c. sicut v. III, de iure iuris, et in c. primo de homine in VI, et per archi. c. denique XIIII, q. V, per cynum, et doct. in L. fi, c. si contra iu. uel utilitatem publicam, per Paul de Castro in L. ex hoc iure col. II, in prima lectione ff de iustitia et iure per fel., c. que ecclesiarum XVIII, col. de constitutione.

E para mais abastança se necessario for.

Provaram os reos que o autor por rezam do caso comtendo em seu libello per sua propria autoridade e sem mandado algũ de justiça per que per direito e podese fazer per força (et manu armata) a tantos dias de tal mes de tal anno e em tal lugar fez represalia individamente na fazenda e bens *de foam e f* portugueses vasalis del Rey Noso Senhor e lhes tomou e apropriou pera si taes cousas e taes a qual fazenda e bens valiam tantos cruzados e por asi indevidamente per sua propria autoridade per força (et manu armata) fazer a dicta represaria e tomar a dita fazenda e bens per rezam do caso que em seu libello diz perdeo a aução que no caso conteudo em seu libello podia ter e por tanto nom pode ser ouvido contra os ditos reos e devem ser absolutos com as custas.

Et quod actor perdidum ius (et actionem (si quam habuit) probaut iura in auc. sed omnino. c. neuxor pro marito et in corp. in auc. ut non frant pigno col. 5. facit tex bj eum cõcor. ibi ni glosis quinimo non jalum ca dit abactione sed. etiam quadruplo pumtur ut decent inca predicta.

Et peto shis an. viã pronunciari et quod hec non placuriut (quod absit)

PER MANEIRA DE CONTRARIEDADE DE PERO LOPEZ DE SOUSA — R. —

Entende provar que no año de 1531 ao tempo que o autor diz que a sua não e gente achegaram a costa do Brasill ao porto de Fernam Buquo e já dantes avia mais de 30 anos estava no dito Porto edificada e feita por portugueses vasalos del Rey noso Senhor hũa fortaleza com casa de feitoria e nelia estavam feitores e escrivães e outros officiaes do dito Senhor e de muitos mercadores portugueses e tinham nella muita artelharia e polvora e munição e muito pao do brasil e muito algodam e muitas peles dalimarias de diversas cores e bogios e gatos e papagaios e muitos oleos da terra e muitas outras mercadorias e fazenda e mamtimentos asi do dito Senhor como de seus vasalos e asi na dita fortaleza como de rredor della avia muitas casas e povoação de muytos portugueses e estava junto da dita fortaleza edificada hũa igreia em que se celebravam os oficios divinos a qual fortaleza custou a fazer mais de X (10.000) cruzados e ella e a dita artelharia polvora e munição mercadorias e mantimentos que nella estavam valiam muita soma de dinheyro.

Entendem provar que tanto que a gente da dita nao chegou ao porto de Fernam Buquo sabendo que a dita fortaleza era feita e possuida por portuguezes que estavam nella e tinham ay muito ouro e prata e muitas mercadorias e fazenda com que tratavam com os naturaes da terra logo em chegando ao dito porto poseram cerco a dita fortaleza e aos portugueses que nella estavam e os combateram com muitos tiros de bombardas espingardas e alcabuzes e outras armas e lhe poseram o fogo e a derribaram e queimaram e asi a todallas casas da dita fortaleza estavam e asi roubaram e queimaram a dita igreia e lhe tomaram e levaram os calizes e cruzes e toda outra prata e ornamentos da dita igreia a qual riqueza ouro e prata e merquadorias e mantimentos que na dita fortaleza igreia e povoação roubaram valia muita quantidade de dinheiro.

Entende provar que no dito combate, roubo, e destroição da dita fortaleza e povoação a gente e homẽs do autor mataram muita gente dos ditos portugueses homẽs molheres e muitos escravos metendo tudo a saquo mano e algũs outros portugueses que ficaram vivos os prenderam em ferros e presos os faziam moer de dia e de noyte e trabalhar como cativos e os tratavam muy cruelmente como se foram infieis.

Entende provar que tanto que asi tiveram roubada e queimada a dita fortaleza e casas e mortos os ditos portugueses mandaram em a dita nao pera onde lhes aprouve algũas das ditas mercadorias e brasil e algodam e pelles de lobos cervaes e doutras alimarias e bogios gatos e papagaios e outras mercadorias que asy aos ditos portugueses na dita fortaleza e povoação tomaram e roubaram e toda a outra mais mercadoria e fazenda que lhes ficou do dito roubo e asi a dita artelharia e munição recolheram em hũa constancia que ay reedificaram e fizeram.

5 — Entende provar que tendo a gente do autor feitos os ditos males e danos roubos e homicidios sobreditos o dito reo que hia

deste Reino por capitam de certas naos em que levava muitas mercadorias e fazenda pera entregar aos feitores do dito Senhor e doutros portugueses que la tratavam e asi pera lhes fazer justiça e os defender de seus imigos e nom consentir que lhes fosem feitos danos algûs nem roubos nem males nem forças achegou ao dito porto de Fernam Buquo e achou a dita fortaleza queimada, roubada e tomada toda artelharia e mercadorias e fazenda que nella estavam e achou presos todos portugueses que fiquaram do dito desbarato os quaes se lhe queixaram pedindolhes que os socorrese e os desforcase e ainda se desforcar e livrase das ditas prisões e lhes fizese restituir suas fazendas.

6 — Entende provar que vendo elle reo os clamores e queixumes dos ditos portugueses e sendo certo da destroição e roubos que lhes eram feitos mandou requerer os ditos homês do autor que soltasem aos ditos portugueses e lhes restituissem toda a dita artelharia e mercadorias e fazenda que lhe tinham tomada e elles o nom quiseram fazer antes se pozeram em armas contra elle reo e contra os de sua companhia tirando-lhe muytas bombardadas espinguardadas e outros muytos tiros de fogos cometendoos e offendendoos e impedindoos que nom saisem em terra com os quaes tiros e armas os ditos homês do autor fizeram muito dano nas pesoas delle reo e de sua companhia e nas ditas naos.

7 — Entende provar que vendose elle reo e os de sua companhia asi acometidos e salteados pela gente e homês do autor e como lhe asy tinham feitos os ditos roubos, danos e forças pera sua defensam e pera se desforçarem da dita força que lhes asi era feita e se restituirem do que lhes era tomado e roubado desembarcou em terra e vendo a gente do autor a detreminação delle reo e reconhecendo os males que tinham feito aos portugueses cometeram a elle reo que lhes segurase as vidas e que lhe entregariam a elle reo aprouve de lhes segurar as vidas e de os trazer a Portugal e de os entregar as justiças do dito Senhor pera se no dito caso fazer o que fose direito e justiça.

8 — Entende provar que tendo elle reo feito o dito assento com a gente do autor elle reo os recolheo em sua companhia deixandoos andar soltos em sua liberdade e tratandoos muito bem e amigavelmente asi como fazia aos proprios portugueses de sua companhia prometendo lhe a dita gente e homês do autor e jurando lhe de obedecer a elle reo como a seu capitão e superior e lhe guardarem toda fieldade ate ser entregues em Portugal como dito he.

9 — Entende provar que comprindo elle reo de sua parte o que asi tinha prometido a gente do dito autor ordenou per vezes de matar a elle reo a treiçam e defeito cometeram matalo induzindo pera iso algûa gente da terra pera que os amdasem a matar a elle reo e querendo poer em obra a dita treição que asi tinham ordenadas estando elle reo hûa noite assentado em hûa pousada en terra e tendo hûa candea acesa e se tiraram per hûu buraquo com hua frecha e com hua seta de farpas e lhe deram hua setada per hûa ilhargua que lhe pasou os vestidos e hûa almofada em que estava encostada e foi preguar em hûa tavoa que detras delle reo estava. Entende provar que vendo elle reo como a gente do autor se lhe levantara e o queriam matar a treiçam e constando lhe do

dito caso mandou fazer justiça dalgũs que achou mais culpados e hũu os dous dos ditos culpados se lançaram com os silvestres e os outros trouxe elle reo a Portugal e os entregou as justiças da cidade de Lixboa pera delles se fazer o que fose direito e justiça pello que elle reo nom tem no dito caso culpa nem he obrigação algũa ao autor e he por ele injustamente demandado e deve ser absoluto com victoria das custas.

Do que he publica voz e fama e provará o necesario somente.

POR MANEIRA DE CONTRARIEDADE DIZ ANTONIO CORREA, GONÇALLO LEITE, E BERTOLAMEU FERRAZ E GASPAR PALHA REOS

Entendem provar que no anno de Noso Senhor Jhesũu Christo de 1531 e asi antes e despois pelos tempos specialmente no dito año de 31 tempo conteudo no libelo do autor andavam pelo mar muitos cossairos asi mouros de Africa e berberia como cristãos de diversas nações os quaes tomavam e roubavam todalas naos e navios e caravelas que hiam e vinham pera Portugal, asy del Rey noso Senhor como de seus vasalos e mercadores de seus reinos o que era tam comtinuado e frequentado que quasi nom ousavam ja nenhũs mercadores nem outros portugueses mandar nenhũa não, navio nem caravela pelo mar porque ate as barcas de pescar tanto que saiam dos portos do reino eram logo tomadas e roubadas pelos ditos cossairos.

Entendem provar que no dito año de 1531 elle Antonio Correa foi enviado por capitam mor de hũa frota em que outrosy hyam por capitam de certos navios Gonçallo Leite, Gaspar Palha e o Ferraz e debaxo de sua capitania e pera guarda do estreito do mar do Algarve e dos lugares dalem contra mouros como em quada hũu ano se costuma fazer e bem asi por no tal tempo se fazerem os ditos roubos, forças e tomadias aos mercadores e outros mareantes subditos e vasalos do dito Senhor vinham a elle grandes clamores e queixumes dos ditos mercadores mareantes e viuvas e orfãos e outras muitas gentes de seu reino e pelo qual o dito Senhor mandou a elles reos que tivesem tambem carego de defender as ditas naos e caravelas portuguesas e lhe nom consentisem ser feito mal algũ antes as guardasem e lhes fizesem restituir e recobrar todo o que achasem que lhe fose tomado e os emparasem e defendesem dos cossairos forças e roubo que lhe asi faziam.

Entendem provar que no año de 1531 en tal mes a não e gente que se diz serem do autor foram ter a Feram Buquo porto do Brasil onde estava hũu castello e fortaleza feita por el Rey noso Senhor e seus vasalos portugueses a qual avia triinta anos e mais que no dito porto era feita e era o dito castello e porto habitado pelos portugueses que tinham ay suas casas de morada avya quarenta años e mais, e ao tempo que se diz a nao do autor ay chegar estava no dito castello feitoria do dito Senhor e de muitos mercadores portugueses que tinham ay muitas mercadorias asi de Portugal pera tratar como da terra que tinham ainda a saber — pao

de brasil e algodões e pelles danimaes de diversas cores e papagaios e buzios e oleos e escravos e outras muitas mercadorias de muita valia e asi tinham muita artelharia de cobre e ferro e polvora, lanças e bestas espinguardas e outras armas offensivas e defensivas pera sua guarda e contra seus imigos.

Entendem provar que chegando a nao que se diz ser do autor com suas gentes ao dito porto e castelo vendo que a gente portuguesa que nelle estava era pouqua e que nom podiam atamasinha ser socorridos e que elles francezes eram muitos movidos de cobiça de lhe tomar as ditas mercadorias e cousas que asy tinham, combateram logo e assaltaram o dito castelo e gente que nelle estava e o derribaram e queimaram e asi as casas e moradas que estavam ao rredor e hũa igreia em que se dizia missa matando e ferindo e prendendo os portugueses e feitores que ay estavam asy do dito Senhor como de mercadores portugueses que ay tynham seus tratos e mercadorias forçando e roubando elles franceses esbulhando os ditos portugueses de toda a dita fazenda mercadorias e cousas sobreditas que ay tinham e carregaram logo a dita não dalgũas das ditas mercadorias e cousas que asi tomaram aos ditos portugueses e a mandaram logo com ellas pera onde quiseram a qual veo ter a Malega onde elles reos ao tal tempo estavam.

Entendem provar que saindo elle capitão com sua frota do porto de Malega saio tambem a nao que se diz ser do autor e outras muitas que ao tal tempo no dito porto estavam e indo pelo mar sobre veo calmaria pelo que estiveram quedos e estando asy foi elle capitam certificado como a dita nao em que vinha a gente do autor era portugueza cujo senhorio era hũu André Afonso da cidade do porto vasalo del Rey noso Senhor e que lhe fora tomada e roubada com muitas mercadorias e bem asi que a dita nao vinha leixava la destroidos e roubados o castelo do dito Senhor e seus vasalos e que trazia alyas mercadorias do trato e feitoria do dito Senhor e seus vasalos e mercadores e feitores portugueses que lá estavam e que levava toda a dita fazenda roubada contra vontade dos portugueses e leixava lá presa outros em poder doutros franceses seus companheiros que lá fiquavam e que hiam com a dita presa e esbulho fogindo por esse mar pelo qual mandou logo chamar todos os mestres e patrões das naos de Castela e Portugal e asi doutras partes que no dito mar estavam e bem asi o mestre e capitam da nao do autor os quaes sendo chamados em presença de todos confesaram logo que vinham do Brasil e porto de Fernam Buquo e que leixavam la feito o dito mal e dano e bem asi lhe foi logo ay vista e conhecida a dita nao ser portuguesa e do dito André Afonso e per hũu filho seu e per outras pesoas que hiam na dita frota e asi as ditas mercadorias serem do dito Senhor e de seus vasalos e que as levavam asi roubadas per força e contra vontade de seus feitores e dos mercadores portugueses cujas eram e pelo filho do dito André Afonso dono da dita nao foi logo requerido a elles reos que lhe tomasem a dita nao e mercadorias e pelo qual os ditos reos trouxeram a dita nao e gente e mercadorias que nella vinham a cidade de Lisboa onde foi tudo entregue as justiças da dita cidade.

Entendem provar que sendo elles chegados ao porto de Lixboa as justiças da dita cidade mandaram logo requerer Honorato

Cais embaxador do Rey de França que ao tal tempo na dita Cidade estava e bem asi e Charles Correa e Jaques Valois mercadores franceses que na dita cidade estam e com elles juntamente fizeram autos publicos e inventario de toda a fazenda e mercadorya que na dita nao vi vinha e entregaram tudo em deposito e guarda ao dito Charles Correa pera da sua mão se dar a quem fose justiça e asi lhe entregaram a guarda da dita nao sendo a tudo presente o dito Honorato Cais e embaxador que iso mesmo requereo por parte dos franceses de maneira que de toda a fazenda da dita nao nom veo cousa algũa a poder dos reos por asi ser toda entregue ao dito depositario como dito he e o escrivam da dita nao per nome Estiene Auphaut natural de Marselha asi o afirmou que da fazenda da dita nao nom faltava cousa algũa e que tudo era entregue ao dito depositario.

Entendem provar que ao tempo que as justiças da dita cidade asi fizeram aos autos publicos e inventario e perguntas aos ditos franceses lhe foram achadas muytas cartas em as quais os outros franceses seus companheiros que fiquavam no porto de Fernam Buquo escreviam a França a seus pais e mais parentes e amigos e como elles na dita terra onde fiquavam tomaram o dito castelo del Rey de Portugal e como roubaram tudo quanto nelle avia as quaes cartas foram logo ay lidas e reconhecidas pelos ditos franceses e embaxador del Rey de França e mercadores franceses que eram presentes que entendiam e lyam as cartas e lingoajem francesa.

Entendem provar que a dita nao que elle autor diz que se chama a Pelegrina que elles reos tomaram era do dito Andre Afonso portugueses e por sua era avida e conhecida e se chamava Sam Tome e a estirada e foi tomada e roubada ao dito André Afonso com mercadorias que valiam tres mil cruzados per franceses e estando a dita nao asi depositada em Lixboa em mão do dito Charles Correa os filhos e herdeiros do dito Andre Afonso a vieram demandar na Relaçam e lhe foi julgada e per sentença por provarem ser sua.

Entendem provar que sendo el rey noso Senhor enformado dos danos e perdas que a gente do autor tinha feitos no porto de Fernam Buquo mandou fazer queixume das cousas sobreditas a el Rey christianissimo e per embaxador que na corte de França a ese tempo estava e o dito rey mandou a Portugal a François Lonbard doctor conselheiro pera que com o dito Honorato Cais seu embaxador falasem com os ditos franceses e se enformasem e soubesem compridade do negocio como pasava o qual doctor tanto que a Portugal veo se ajuntou com o dito embaxador de França e foram a Lixboa onde a gente do autor estava e falaram com elles largamente e elles lhe confesaram ser verdade todo o que dito he e o caso pasar como acima faz menção e da pena crime que pelo sobredito caso mereçiam os relevou el rey noso Senhor e lhes perdoou a requerimento do dito embaxador e do comissario pelo que os ditos reos sam sem culpa e devem ser absolutos com victoria das custas.

POR PARTE DE DOM MARTINHO DE PORTUGAL, ARCEBISPO DO FUNCHAL

Entendem provar que indo elle Dom Martinho de Portugal arcebispo do Funchal para Roma por embaxador del Rey noso Senhor no dito tempo foi ter em Malega porto d'Andaluzia onde veo ter a nao que se diz ser do autor e outras muytas naos de diversas partes e sairam todas do dito porto pera averem de ir sua rota batida caminho de Levante a Marselha e elle reo emprestou ao mestre e capitam da dita nao de.a certos quintaes de bizcouto e indo pelo mar o dito Antonio Correa capitam da frota del Rey noso Senhor tomou a dita nao aos franceses por achar que a dita nao e mercadorias eram de portugueses e lhe foram tomadas e roubadas ao que elle Dom Martinho acudio da sua nao rrogando ao dito Antonio Correa que pois o negocio asi pasava que tratase muito bem os ditos françeses e sua companhia e lhe nom fizese mal nem outro algũu desaguisado e elle Antonio Corea lhe prometeo asi sem elle Dom Martinho fazer em ello outra cousa algũa nem ser presente a tomadia da dita nao e se for seu caminho de Roma pera omdia hia e por ello nom he em culpa e deve ser absoluto o que pede com as custas.

E depois de offereçido o sobredito razoado excepção e contrariedade tudo jumtamente como acima dito he indo o feito sobre tudo concluso devem os juizes de insistir e trabalhar que se pronuncie sobre o que se pede no rezoado primeiramente e sendo em desuairo fizeram quada hũu suas tenções por escrito e estando em termos de poder sobre isto a ir a quinto os procuradores nosos requereram que ham por bem por brevidade que o processo nom va a quinto sobre este passo e que pronunçiem sobre a excepção e que protestam que se o negocio per qualquer outro incidente ou final fora quinto perante elle requerer sobre este ponto sua justiça e os juizes diram que pois as partes sam contentes que vam avante e sendo caso que os franceses nom queiram proceder avante sem se detreminar o desvairo pelo quynto entam os mesmos nosos juizes se deceram de seus votos pera que o processo sobre aquelle desvairo nom va a quinto e pronunciem logo sobre a excepção ouver tambem desvairo guardaram os procuradores e juizes o mesmo modo que se acima dise que ham de ter quando forem em desvairo sobre o rezoado e sendo caso que nom queiram recebar a excepção de per sy trabalhera por ver se podem acabar com eiles que a recebam jumtamente com os arazoados da contrariedade e entam pronunciaram sobre as comtrariedades e avendo na contrariedade desvairo rrequereram que vam a quinto e antes de nomearem quinto o faram per correo saber a sua alteza.

E sendo recebidas as contrariedades vindo o autor com replica mandem qua o trelado e detenham quanto poderem antes que a rrecebam ate que lhe va de qua a rresposta e nom podendo tanto delatarse caso for que toque posse ou propriedade ou outra cousa que seia prejudicial ao direito de sua Alteza nom na receberam antes desvairaram pera yr a quinto e se nom for prejudicial e nom poderem deter entonçes a rreceberam.

E sendo a replica recebida nom triplicaram mas pediram tempo largo per aver enformação por serem curadores dabsentes causa reipublica.

E pera corroboração das cousas sobreditas e outras quaesquer que no juizo se ouverem de deduzir poderam alegar quaesquer direitos textos e doutrinas de doctores que lhes bem pareçer nom alegando porem ordenação algũa do reino nem fazendo dellas fundamento algũu pera este juizo.

Quanto a excepções declinatorias fari pareceo que nom se use ao presente dellas nem se aleguem. — Christovão doctor. — Luis — a xij (12) de Julho de 1539.

No verso: Contrariedade ao libello de Sam Blanchard.

Corpo Chronologico .

Parte 1.ª — *Maço* 65 — *Doc.* 13

« EDIÇÕES » DA

« Naveguaçam q. fez p.º lopez de sousa
« no descobrimento da costa do brasil militamdo
« na capitania de marti a.º de sousa seu irmão:
« na era da encarnaçam de 1530.

(TITULO APPOSTO À 1.ª PAGINA DO *Codice* DA BIBLIOTECA DA AJUDA. — LISBÔA).

1.ª EDIÇÃO: "Diario da navegação da armada que foi á Terra do Brasil em 1530 sob a capitania mór de Martim Affonso de Sousa, escripto por seu irmão Pero Lopes de Sousa, publicado por Francisco Adolfo de Varnhagen — em 1839..

(Typ. da Sociedade Propagadora dos Conhecimentos Uteis — Lisbôa.

Copia de um manuscripto de propriedade do Bispo Conde D. Francisco de São Luiz, completada com a do Codice da Bibliotheca Real do Paço da Ajuda: traz annotações de Varnhagen.

2.ª EDIÇÃO: Idem — publicada nesta cidade do Rio de Janeiro em 1847 — por ordem e a expensas da Assembléa Provincial de S. Paulo. Typ. Freitas Guimarães & Cia. — rua do Sabão, 135.

Esta edição foi desapprovada por Varnhagen.

3.ª EDIÇÃO: Diario da Navegação de Pero Lopes de Sousa (de 1530 a 1532) — publicada na Revista do Instituto Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil. Tomo XXIV, 1.º trimestre, 1861. Prefacio e revisão de F. A. de Varnhagen.

Esta edição reproduz o codice da Bibliotheca Real do Paço da Ajuda, e mais: Cartas de poderes e doação; Annotações de Varnhagen; Reclamação contra Pero Lopes; Roteiro da não "Bretôa".

4.ª EDIÇÃO: "Diario da Navegação de Pero Lopes de Sousa pela costa do Brasil até o rio Uruguay" (1530 - 1532) acompanhado de varios documentos e notas — Livro da viagem da não "Bretôa" ao Cabo-Frio (1511) — por D. Fernandes. Nova Edição. Tudo editado por F. A. de Varnhagen. Rio de Janeiro 1867. Typ. de D. L. dos Santos. Rua Nova do Ouvidor, 20".

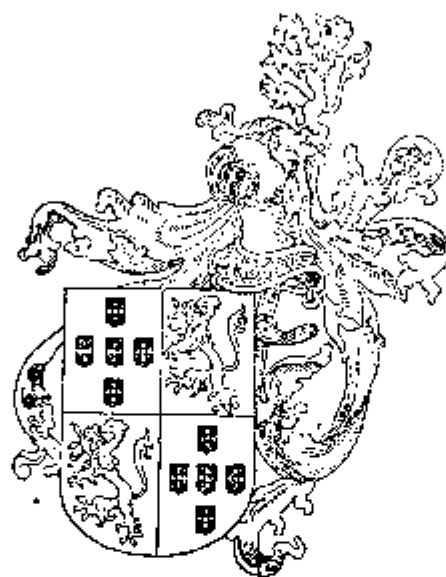
Esta edição do Codice é copia fiel da 3.ª, menos quanto ao titulo.

5.ª EDIÇÃO: — Diario da Navegação de Pero Lopes de Sousa (de 1530 a 1532).

Reproducção do Codice da "Bibliotecca da Ajuda": copia da 3.ª edição dada por Varnhagen na Rev. do Inst. Historico, Geographico e Ethnographico do Brazil. (Tomo XXIV, 1.º trimestre de 1861). 2 Volumes.

Serie Eduardo Prado — Prefacio de Capistrano de Abreu — Commentario ao texto do Diario por Eugenio de Castro (da Marinha Brasileira).

EDITOR: PAULO PRADO
TYPOGRAPHIA LEUZINGER — 1927
RIO DE JANEIRO

MAPPAS

Nesta pagina devem ser relembrados todos quantos citámos no Volume I, pags. 69 e 70, enaltecendo o auxilio que fidalgamente prestaram á confecção dos nossos esboços cartographicos. Merecem entretanto nella, especial menção: o General Tasso Fragoso, o Capitão de Fragata Renato Bayardino e o Director Antonio Luiz de Freitas Pereira.

E. C.

INDICE

DOS

ESBOÇOS CARTOGRAPHICOS

Em correspondencia com os 2 textos (Vol. I)

CARTAS DE MAREAR DO SECULO XVI

OBRAS DO MESMO AUCTOR

Cruzeiros. — 1913. — Off. da Liga Maritima Brazileira. — Rio de Janeiro. — (Viagem do N. E. «Benjamin Constant» ao redor do mundo).

"Terra á Vista". — 1920. — Typographia do Jornal do Commercio. — Rio de Janeiro.

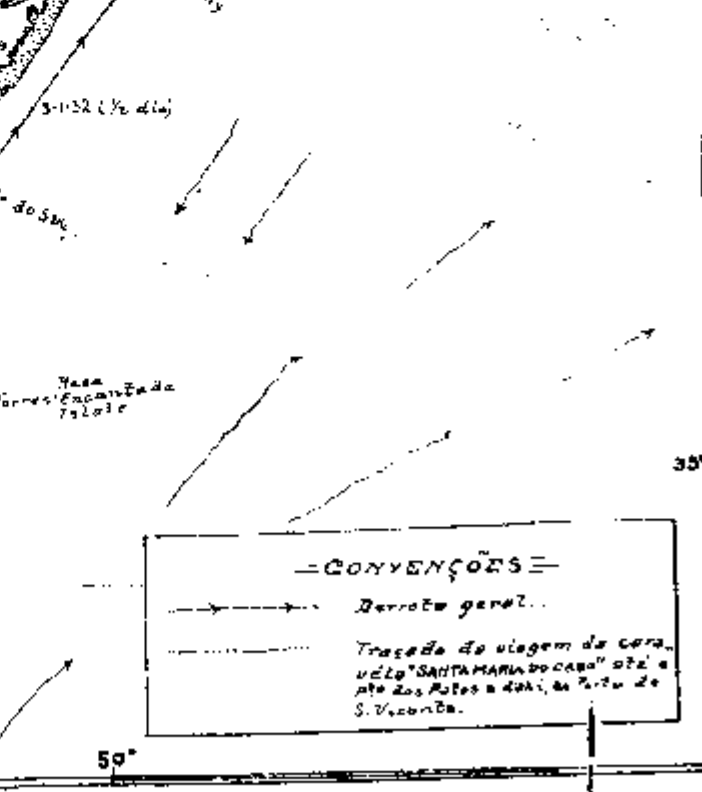
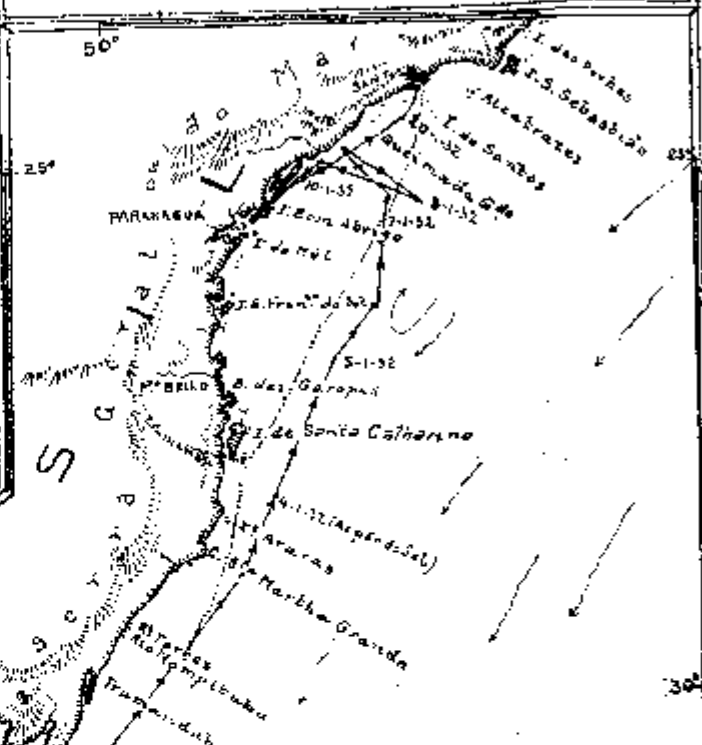
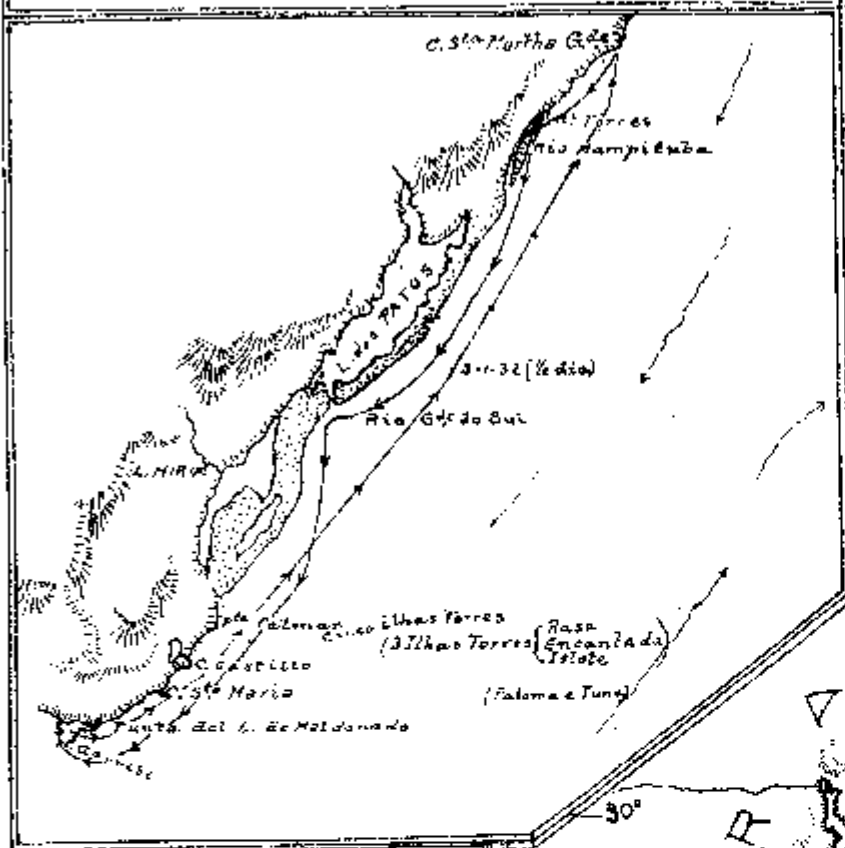
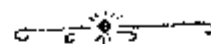
Diario da Navegação de Pero Lopes de Sousa (De 1530 a 1532) commentado em 2 vols. — Serie Eduardo Prado. — Editor Paulo Prado. — Typographia Leuzinger. — 1927.

MAPPA Nº 2a.
capitulo II.
TRAÇADO APPROXIMATIVO DA DERROTA DOS NAVIOS
AO MANDO DE M. AFFONSO.
(A tinta vermelha serve de assignalar os pontos então
conhecidos da costa quinhentista.
NOTA
Derrota da armada, e depois da navegação de M. AFFONSO com a náu "S. MIGUEL", a náu A apresada, o galeão "S. VICENTE" e a náu desligando da armada, a caravela "ROSA".
A B e C – Tres náus corsarias francezas apresadas.
O porto de Pernambuco foi ponto de reunião da armada
C. Bacopary
R. Cunhaú
R. Guajú
R. Camaratuba
B. da Traição
Barra Velha
M. Affonso
R. Mamanguape
R. Miriripe
Pta Lucena
RIO PARAHIBA DO NORTE
Tambahu
C. Branco
R. Gramame
Jacuman
R. Carapebús
Barreiras vermelhas
R. Abiahy
Recifes Dos Tacis
Taquara
R. Goyanna
Tabatinga
R. Catuama
Barra Catuama
I. Itamaracá
Rio Igarassú
Pau Amarello
R. Doce
OLINDA
R. Beberibe
RECIFE
Barra das Jangadas
R. Jaboatão
Cabo Sto Agostinho
Maracahype
Caravella "ROSA"
Galeão S. VICENTE
Nelson de Faria
Des.
1500
2257
1720
1250
2050
1119
444
350
35°
34°
33°
7°
8°

35°
34°
7°
8°
R. Camaratuba
Barreiras vermelhas
L. Acemtibiro
Bahia da Traição
Barra Velha
R. Mamanguape
Barreiras Meriri
R. Miriripe
Pta Lucena
RIO PARAHIBA DO NORTE
Tambahu
C. Branco
Barreiras Vermelhas
R. Carapebus
Barreiras vermelhas
Recifes das Tacis
R. Goyanna
Tabatinga
R. Catuama
Barra Catuama
I. Itamaracá
Rio Igarassú
Pau Amarello
R. Doce
RECIFE
R. Beberibe
Barra das Jangadas
R. Jaboatão
C. Sto Agostinho
Porto das Gallinhas
Ponta Maracahype
I. Sto Aleixo
2380
2251
1250
2200
2050
1119
246
444
500
1000
Nelson de Faria Des.
MAPPA Nº 2b
Capitulo II.
TRAÇADO APPROXIMATIVO DA DERROTA DOS NAVIOS AO MANDO DE PERO LOPES.
NOTA
A tinta vermelha serve de assignalar os pontos então conhecidos da costa quinhentista.
Derrota das caravellas "ROSA" e "PRINCEZA" e depois dos navios sob o mando de P. Lopes.
Derrota da náu franceza.
Desgarro da nau "S. MIGUEL".
Nau franceza.
(O Porto de Pernambuco foi o ponto de reunião da armada)

MAPPA Nº 3
capitulo III.
Derrota Pernambuco - Bahia
(traçado approximativo.)
A tinta vermelha serve de assignalar os pontos então conhecidos da costa quinhentista.
Derrota dos navios de M. Affonso.
Reconhecimento feito pelo galeão "S. Vicente" até Recifes de S. Miguel.
ALAGÔAS
SERGIPE
BAHIA
MACEIÓ
ARACAJU
Cabo de Stº Agostinho
Pôr do Sol (11)
Pôr do Sol (12)
Quarto d'alva
R. Vaza Barris
R. Sergipe
R. Real
R. Inhambupe
Porto Camamú
BAHIA DE TODOS OS SANTOS
Nelson de Faria

MAPPA N.º 2 c
Capitulo II.
TRAÇADO APPROXIMATIVO DA DERROTA DOS NAVIOS DEIXADOS POR M. AFFONSO AO SUL DE STO AGOSTINHO.
NOTA
A tinta vermelha serve de assignalar os pontos então conhecidos da costa quinhentista.
Derrota da capitanea e da náu B apresada pela armada, ao Sul de Sto Agostinho.
(O Porto de Pernambuco foi o ponto de reunião da armada.
Rio Gajanna
Tabatinga
R. Catuama
Barra Catuama
I. Itamaracá
Rio Igarassú
Páu Amarello
Rio Doce
Olinda
R. Beberibe
RECIFE
Barra das Jangadas
Rio Jaboatão
C. Sto Agostinho
Sta Sellada
Porto das Gallinhas
Pta Maracahype
I. Sto Aleixo
Nelson de Faria Des.
35°
34°
8°
104
400
1119
30
444
300

MAPPA Nº 8.
Capitulo VI.
Traçado approximativo da derrota Cabo Sta Maria antigo-Cananéa-abra do Porto de S. Vicente.
Traçado do provavel reconhecimento feito por Martim Affonso, entre o antigo Cabo de Santa Maria e o Cabo da terra alta (Cabo de Santa Martha Grande). Vide Cap. V
CONVENÇÕES
Derrota geral.
Traçado da viagem da caravela "SANTA MARIA DO CABO" até a pta dos Patos e dahi ao Porto de S. Vicente.
URUGUAY
ARGENTINA
BRASIL
RIO DA PRATA
Nelson de Faria Desta
NOTA: A linha Vermelha serve de marcar a toponymia da Costa brasileira, então conhecida.

MAPPA
Nº 12
Derrota geral approximativa
60°
50°
40°
30°
O
E

CLIMA
PRIM
CIRCVLVS
CAN
CLIMA
SECV
N
DVM
TERCI
CLIMA
QVAR
TVM

REINEL 1516

OCCIDENTALIS

CASTILLA DEL ORO

PERV

TIERA DEL BRASIL

MVNDVS NOVVS

TIERA DE PATAGONES

TIERA DE FERNÃ DE MAGALLAES

POLVS MVNDI ANTARCTICVS

CARTA DE DIEGO RIBERO (1529)

MEC DAC Biblioteca